Bom chute, só com um bom SAPATO



e Bons SAPATOS só os da

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA.

insinuante

CARIOCA, 46-48 – 7 de SETEMBRO, 199-201

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.

Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

....

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» n.º ....

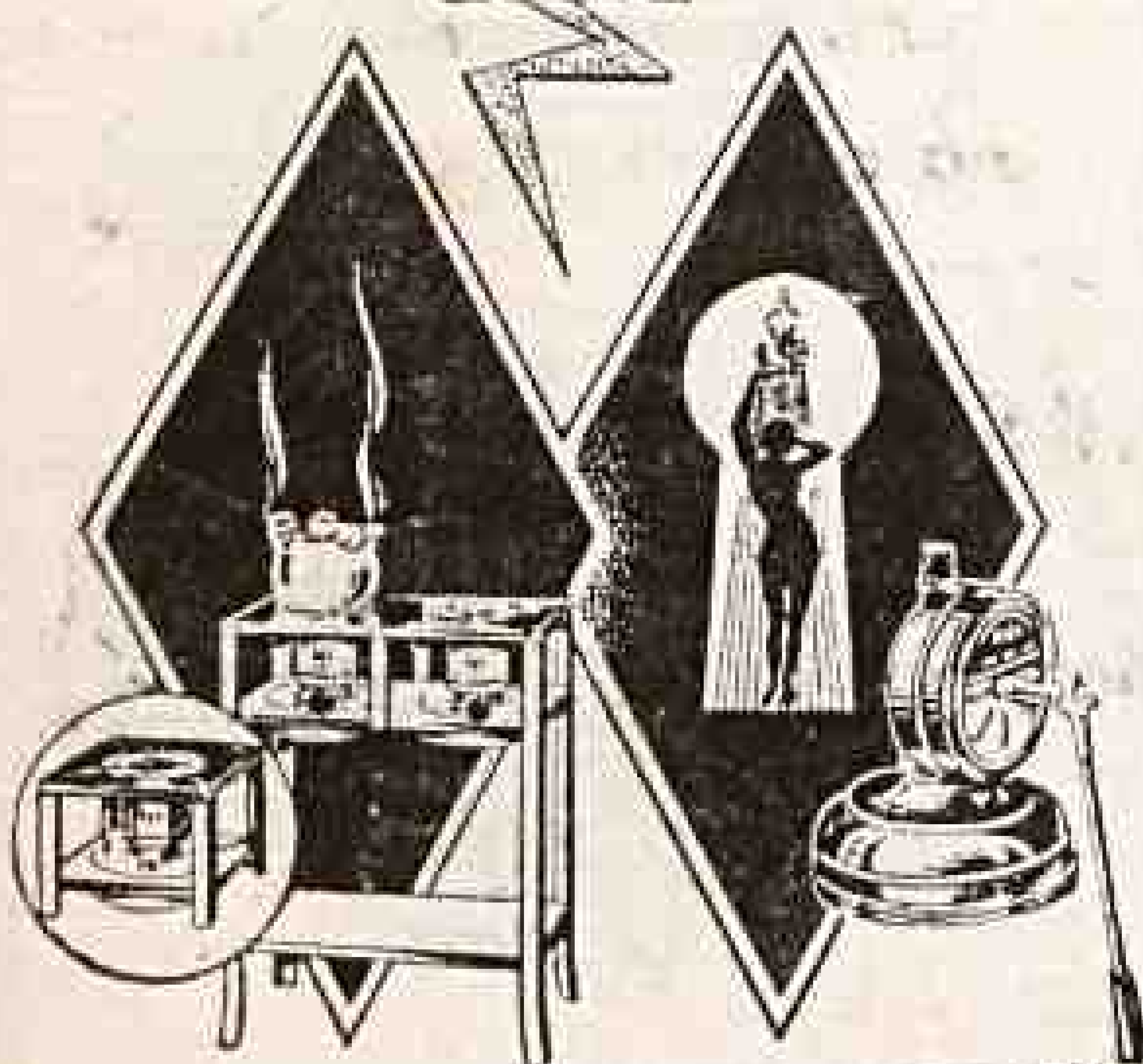
NOME ....

RUA .... N.º ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00

REI



CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"
FOGÃO e FOGAREIRO "REI"
os afamados produtos das

INDÚSTRIAS "REI"

RIO — Rua das Marrecas, 5
S. PAULO — R. 7 de Abril, 172
Niterói — R. José Clemente, 70
A venda nas boas casas do ramo

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 — 1951

SEDE — RIO DE JANEIRO

TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPÓSITOS

DEPÓSITOS SEM LIMITE ...... 2% a.a.
Depósito inicial mínimo, Cr$ 1.000,00. Retiradas livres.
Não rendem juros os saldos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.

DEPÓSITOS POPULARES (Limite de Cr$ 10.000,00) .... 4½% a.a.
Depósitos mínimos, Cr$ 50,00.
Retiradas mínimas, Cr$ 20,00.
Não rendem juros os saldos:
a) inferiores a Cr$ 50,00;
b) excedentes ao limite;
c) das contas encerradas antes de decorridos 60 dias da data da abertura.

DEPÓSITOS LIMITADOS — Limite de Cr$ 50.000,00 .... 4% a.a.
Limite de Cr$ 100.000,00 .... 3%-a.a.
Depósitos mínimos, Cr$ 200,00.
Retiradas mínimas, Cr$ 50,00.
Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 200,00.
Demais condições idênticas às de Depósitos Populares.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO
Por 12 meses .... 5% a.a.
Com retirada mensal da renda, por meio de cheques:
Por 12 meses .... 4½% a.a.

Depósito mínimo — Cr$ 1.000,00.

DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO
Para retiradas mediante prévio aviso:
De 30 dias .... 3½% a.a.
De 60 dias .... 4% a.a.
De 90 dias .... 4½% a.a.
Depósito inicial mínimo — Cr$ 1.000,00.

LETRAS A PRÊMIO
Por 12 meses (sêlo proporcional) 5% a.a.

O BANCO DO BRASIL S.A. FAZ TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS — DESCONTOS, EMPRÉSTIMOS EM CONTA CORRENTE GARANTIDA, COBRANÇAS, TRANSFERÊNCIAS DE FUNDOS, ETC.

NA CAPITAL FEDERAL, além da AGENCIA CENTRAL, à RUA 1º DE MARÇO Nº 66, estão em pleno funcionamento as seguintes AGÊNCIAS METROPOLITANAS, que fazem, também, tôdas as operações acima enumeradas:

BOTAFOGO — Rua Voluntários da Pátria, nº 449.
CAMPO GRANDE — Rua Campo Grande, nº 162.
COPACABANA — Av. Nossa Senhora de Copacabana, nº 1292-loja.
GLÓRIA — Rua do Catete, nº 238-A.
MADUREIRA — Rua Carvalho de Souza, nº 299.
MEIER — Av. Amaro Cavalcanti, nº 95.
BANDEIRA — Rua Mariz e Barros, nº 44.
RAMOS — Rua Leopoldina Rêgo, nº 78.
SÃO CRISTÓVÃO — Rua Figueira de Melo, nº 360.
SAÚDE — Rua do Livramento, nº 63.
TIJUCA — Rua General Roca, nº 661 — Praça Saens Peña, nº 86.
TIRADENTES — Av. Gomes Freire, nº 196.

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

SUCESSORA DE L.B. DE ALMEIDA & CIA.

Distribuidores da Cia. Siderúrgica Nacional — Cia. Siderúrgica Belgo Mineira e outras USINAS nacionais.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficinas mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca "Progresso" — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins

IMPORTADORES DE

Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, prêtos, vermelhos, e de aço para caldeira.

Rua dos Arcos, 28-42

Comunicam a sua nova rêde de telefones a saber:

Mesa tronco	52-2104
Secção de Vendas ...	52-2102
Secção de Vendas ...	22-0409
Expedição	22-1584
Secção Técnica	52-2103
Contabilidade	22-1342
Gerência	22-2549

RIO DE JANEIRO

BANCO DO POVO S. A.

Instalado em 27 de abril de 1920

Carta-Patente n.º 410, de 24 de outubro de 1946.

Matriz:

RECIFE — PERNAMBUCO

Capital	Cr$	50.000.000,00
Capital realizado	Cr$	42.273.600,00
Fundo de reserva legal	Cr$	10.733.275,30
Fundo de reserva especial	Cr$	1.000.000,00
Fundo de depreciação de imóveis	Cr$	2.000.000,00
Fundo de depreciação de móveis e utensílios	Cr$	3.057.333,70
Fundo de Assistência Social dos Funcionários	Cr$	600.000,00
Lucros suspensos	Cr$	1.251.366,60

DIRETORIA

Affonso de Albuquerque — Presidente
Antônio Alvares de Carvalho Lages — Vice-Presidente
Antônio Martins do Eirado — 1º Secretário
Dr. Luiz Ignacio Pessoa de Melo — 2º Secretário

SUPLENTES DE DIRETORES

Guilherme da Cunha Rego — Arnaldo Almeida Alves de Brito — Dr. João Cleophas de Oliveira — Manoel Caetano de Brito

CONSELHO FISCAL

Gustavo Veloso Pereira Borba — José Tavares de Moura — José Augusto Alves de Paula Filho.

SUPERINTENDENTE

Miguel Gastão de Oliveira

GERENTES DA MATRIZ

Dr. Renato Pires Ferreira e José Adelmar Soares de Avelar.

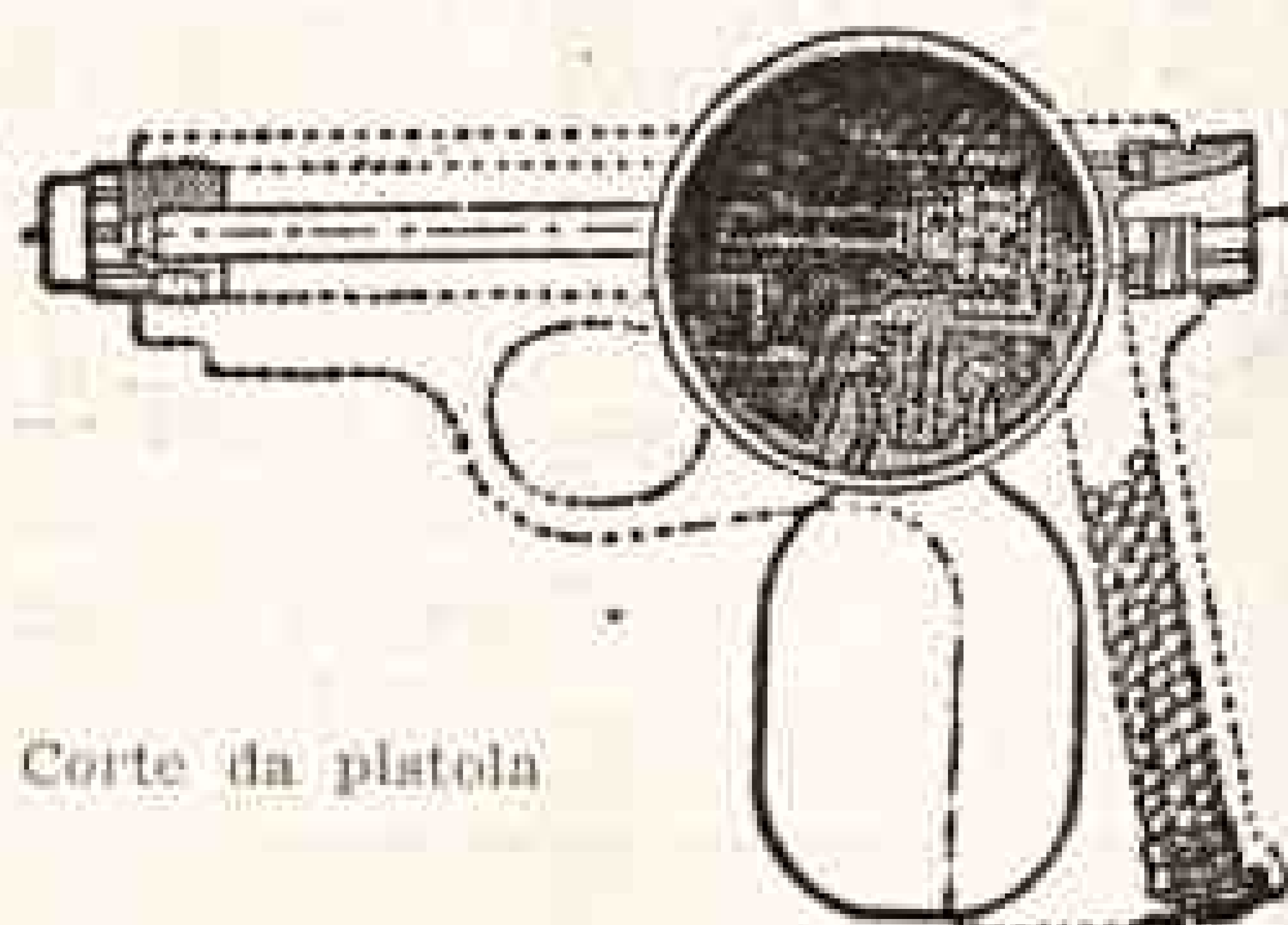
FILIAIS: — JOÃO PESSOA e CAMPINA GRANDE (Estado da Paraíba)
NATAL (Estado do Rio Grande do Norte)
MACEIÓ (Estado de Alagoas) e
CIDADE DO SALVADOR (Est. da Bahia)
AGÊNCIAS EM: GARANHUNS, CARUARU e NAZARÉ DA MATA (Pernambuco).
ESCRITÓRIOS EM: BEZERROS, PESQUEIRA E SERTÂNIA (Pernambuco).

O Banco se encarrega da cobrança de títulos em tôdas as praças do país e oferece as melhores taxas para depósitos.

Pistola "Pneuma-tir"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo.



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.

FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

Rua URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes.

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL.

Caixa de munição com 2.000 balins, com 2 membranas sobressalentes Cr$ 15,00.

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA TIR», conforme indicação abaixo:

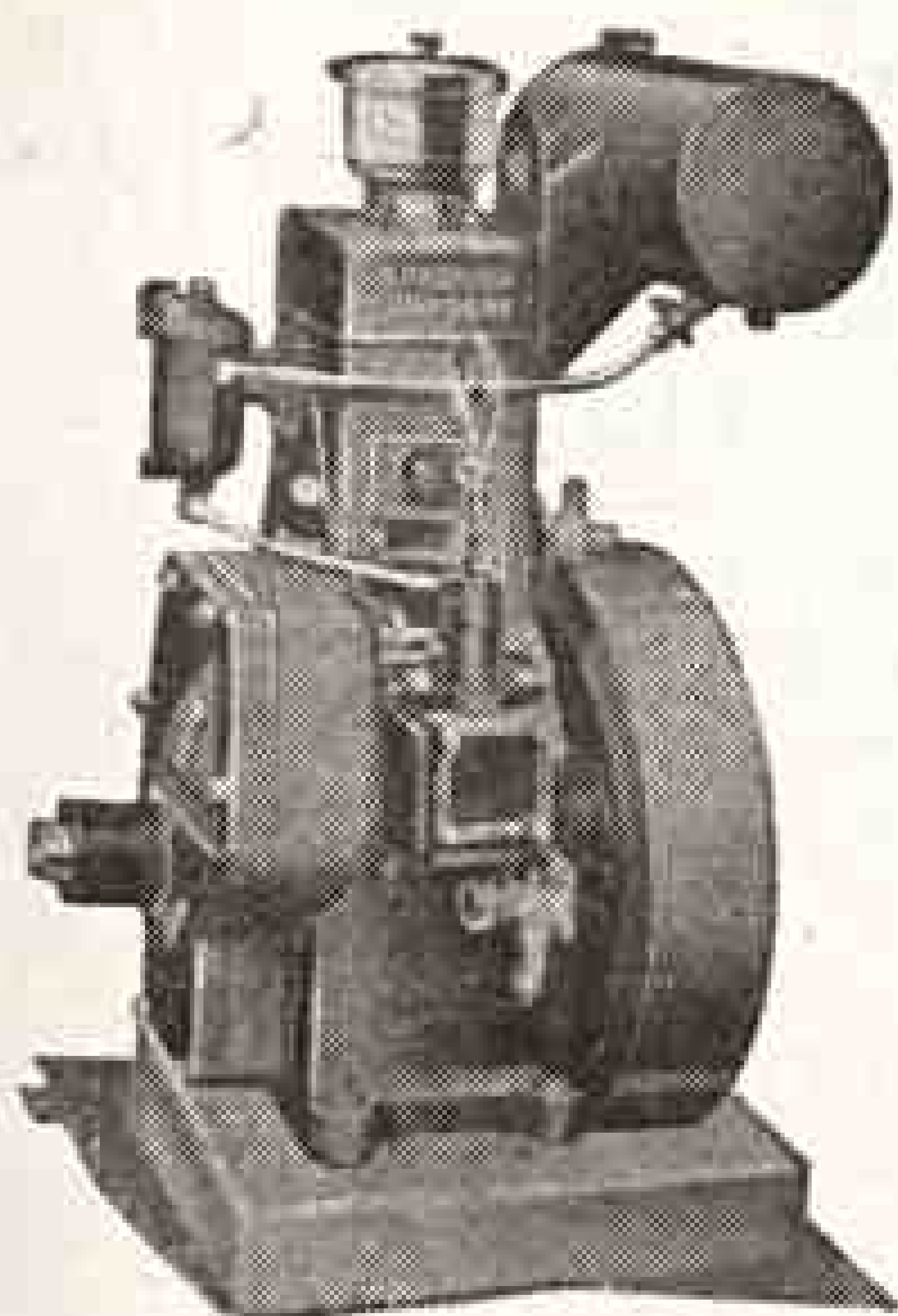
Nome ....

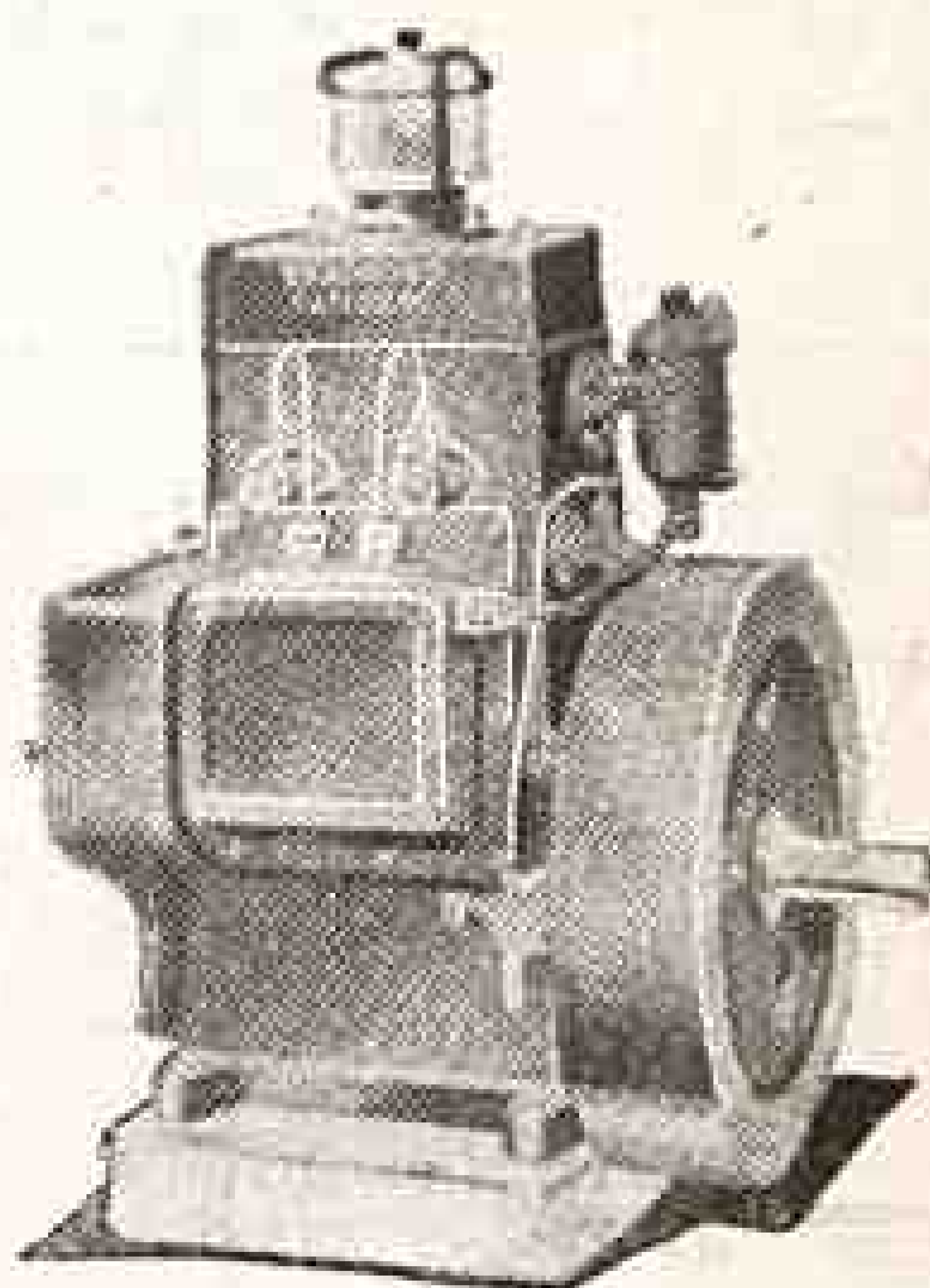
Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

MOTORES DIESEL BRADFORD-SANDERS





PARTIDA A FRIO

COMPLETAMENTE FECHADO, ROBUSTO E EFICIENTE

6/8 HP a 1000/1200 RPM

12/16 HP a 1000/1200 RPM

ESPECIFICAÇÕES:

CARTER — Fundido em uma peça de ferro de alta qualidade, com secções reforçadas. Tôdas as partes móveis são totalmente fechadas e fàcilmente acessíveis.

CAMISAS DE CILINDROS — Fundidas centrìfugamente em ferro de alta qualidade, endurecidas ao Azoto, dando longa vida e ausência de escoriações.

CABEÇOTE — Fundido em «CROMIDIUM» de alta qualidade, incorporando o último sistema patenteado, de câmaras de combustão «SANDER'S», especialmente desenhada para motores pesados.

VIRABREQUIM — Forjado em aço carbono, tratado tèrmicamente para ter o máximo de resistência, precisamente balanceado, com todos os casquilhos bem ajustados.

COMANDO DE VALVULAS — Fundição especial «Manikron», retificados com precisão.

BIELA — Forjada em aço carbono com bucha de pino do pistão em bronze fosforoso e casquilhos de metal branco. Completamente substituíveis, sem necessidade de posteriores ajustamentos.

CONSUMO DE COMBUSTIVEL — Por B.H.P. 191 gms.

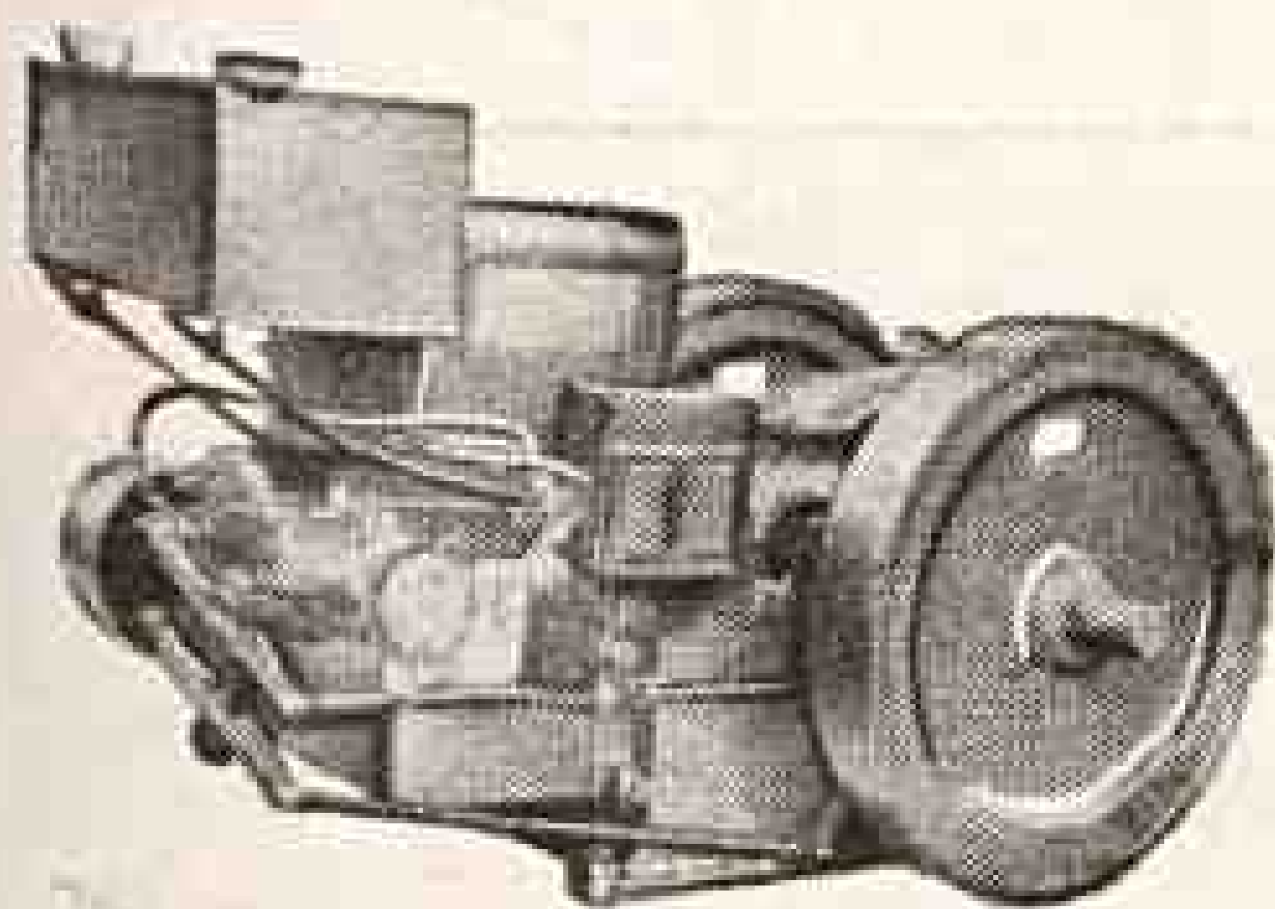
BOMBA DE COMBUSTIVEL — De fabricação C. A. V.

ACESSÓRIOS E EQUIPAMENTOS — Inclui polia silenciosa, filtro de ar, Manicula, Ferramentas.

PÊSO/VOLUME — 6/8 HP — 255 Kgms. 21 Cub. Ft. 12/16 HP. 382 Kgms. 31 Cub. Ft.

MOTOR BRADFORD (A QUEROSENE E GASOLINA)

3,5 a 4 HP (600 RPM)



3,5 a 4 HP a 600 RPM

VIRABREQUIM — Aço forjado com acabamento fino, montado em rolamentos duplos, extra dimensionados.

CÁRTER RECHADO — A prova de poeira, permitindo fácil acesso aos casquilhos e engrenagens.

LUBRIFICAÇÃO — Depósito de óleo do cárter assegura suprimento automático e contínuo, desde que mantido o nível adequado.

CABEÇOTE — Fundido, resfriado a água, com válvulas horizontais fàcilmente acessíveis.

COMANDO DE VÁLVULAS — Operado mecânicamente, da ponta do virabrequim.

CARBURADOR SOLEX — Inteiramente automático.

REGULADOR CENTRIFUGO — Acionado por meio de engrenagens silenciosas, a válvula de contrôle do Carburador.

MAGNETO DE ALTA TENSÃO «WICO».

COMBUSTIVEL — Trabalha com gasolina ou querosene. Parte em gasolina e muda-se para querosene, por meio de torneiras de duas passagens.

RESFRIAMENTO — Depósito de água no motor para serviço intermitente. Para uso estacionário, contínuo, necessita tanque de água.

EQUIPAMENTO — Tanque de combustível e acessórios, chaves e manicula.

PÊSO/VOLUME — 128 Kgms. 16 Cut. Ft.

REPRESENTANTES:

SOCIEDADE EXPANSÃO INDUSTRIAL SUL AMERICANA LTDA.

Rua do Lavradio, 47

Tel.: 22-4059 ou 22-8951

— RIO —



R. Florêncio de Abreu, 364

Tel.: 33-3744 ou 32-7731

— SÃO PAULO —

CALENDÁRIO PERMANENTE 1801-1980

Tabela "A" — Anos							Tabela "B" — Meses											
1801 — 1900				1901 — 1980			J.	F.	M.	A.	M.	J.	J.	A.	S.	O.	N.	D.
01	29	57	85		25	53	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
02	30	58	86		26	54	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
03	31	59	87		27	55	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
04	32	60	88		28	56	0	3	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
05	33	61	89	01	29	57	2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
06	34	62	90	02	30	58	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
07	35	63	91	03	31	59	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
08	36	64	92	04	32	60	5	1	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
09	37	65	93	05	33	61	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
10	38	66	94	06	34	62	1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
11	39	67	95	07	35	63	2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
12	40	68	96	08	36	64	3	6	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
13	41	69	97	09	37	65	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
14	42	70	98	10	38	66	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
15	43	71	99	11	39	67	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
16	44	72		12	40	68	1	4	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
17	45	73		13	41	69	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
18	46	74		14	42	70	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
19	47	75		15	43	71	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
20	48	[illegible]		16	44	72	6	2	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
21	49	77	00	17	45	73	1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
22	50	78		18	46	74	2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
23	51	79		19	47	75	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
24	52	80		20	48	76	4	0	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
25	53	81		21	49	77	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
26	54	82		22	50	78	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
27	55	83		23	51	79	1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
28	56	84		24	52	80	2	5	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1

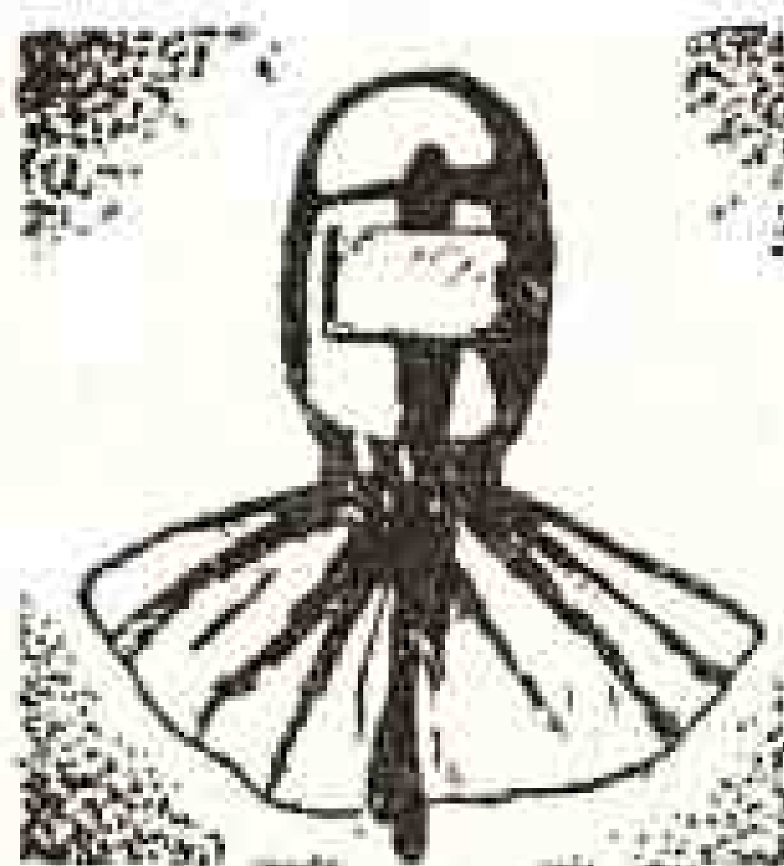
Tabela "C" — Dias da semana						
D	1	8	15	22	29	36
S	2	9	16	23	30	37
T	3	10	17	24	31	
Q	4	11	18	25	32	
Q	5	12	19	26	33	
S	6	13	20	27	34	
S	7	14	21	28	35	

Como se procuram os dias, no calendário permanente — Digamos que se quer saber em que dia da semana foi pôsto fim, pelo Armistício, à Primeira Guerra Mundial dêste século, que durou de 1914 a 1918. Sabemos que o Armistício foi estabelecido em 11 de novembro de 1918. Que dia da semana terá sido essa data? Procure-se na Tabela "A", e no quadro 1901-1980, o nº 18, que compõe o ano (1918). Siga-se em linha horizontal até a Tabela "B", na coluna de novembro, onde encontraremos o nº 5. Somemos êsse número ao do dia que procuramos, 11, e teremos 16. Agora, recorramos à Tabela "C" e vejamos onde está o número 16; na linha horizontal a que êle pertence, o dia da semana é **segunda**. Assim, foi numa segunda-feira que se findou a Primeira Guerra Mundial.

FESTAS MÓVEIS ATÉ 1958

ANOS	CINZAS	PASCOA	ASCENÇÃO	PENTECOSTES	CORPO DE DEUS	ADVENTO 1.º DOM.
1951	7 fever.	25 março	3 maio	13 maio	24 maio	2 dez.
1952	27 fever.	13 abril	22 maio	1 junho	12 junho	30 nov.
1953	18 fever.	5 abril	14 maio	24 maio	4 junho	29 nov.
1954	3 março	18 abril	27 maio	6 junho	17 junho	28 nov.
1955	23 fever.	10 abril	19 maio	23 maio	9 junho	27 nov.
1956	15 fever.	1 abril	10 maio	20 maio	31 maio	2 dez.
1957	6 março	21 abril	30 maio	9 junho	20 junho	30 nov.
1958	19 fever.	6 abril	15 maio	25 maio	5 junho	1 dez.

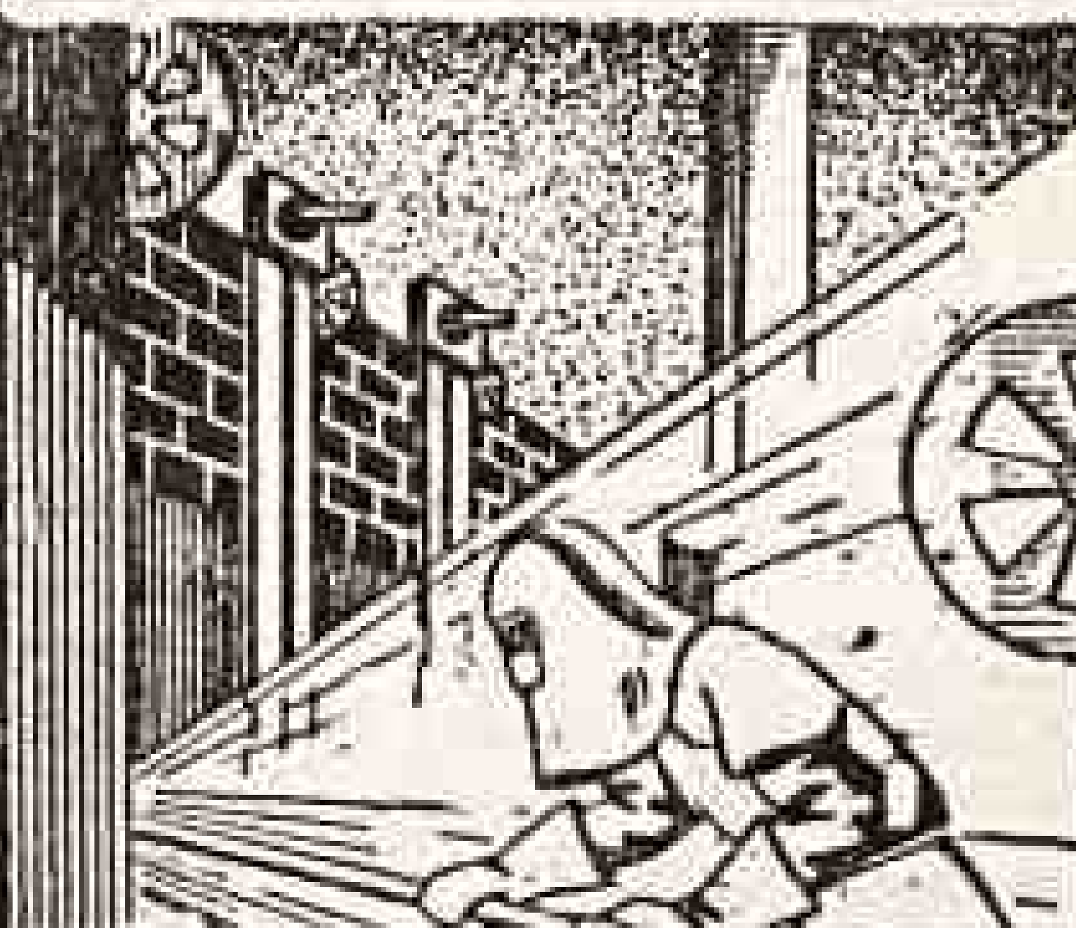






APARECHAMENTOS DE PROTEÇÃO
CONTRA TODOS OS PERIGOS:
NA TERRA - NO MAR - NO AR
INDUSTRIA BRASILEIRA
®
DIAS GARCIA
Importadora S/A
RUA VISCONDE DE INHAÚMA 23/25
TEL: 23-2017
END. TELEG. GARCIA
RIO DE JANEIRO











CALENDÁRIO DAS FESTAS MÓVEIS

Por PAULO KRUGER CORRÊA MOURÃO

Letras	Domingo da Septuagésima	Domingo da Sexagésima	Domingo de Carnaval	Quarta-feira de Cinzas	Domingo de Ramos	Endoenças	Sexta-feira da Paixão	Domingo de Páscoa	Quinta-feira da Ascensão	Domingo do Espírito Santo	Domingo da SS. Trindade	Corpus Christi
A	18 Janeiro	25 Janeiro	1 Fevereiro	4 Fevereiro	15 Março	19 Março	20 Março	22 Março	30 Abril	10 Maio	17 Maio	21 Maio
B	19	26	2	5	16	20	21	23	1 Maio	11	18	22
C	20	27	3	6	17	21	22	24	2	12	19	23
D	21	28	4	7	18	22	23	25	3	13	20	24
E	22	29	5	8	19	23	24	26	4	14	21	25
F	23	30	6	9	20	24	25	27	5	15	22	26
G	24	31	7	10	21	25	26	28	6	16	23	27
H	25	1 Fevereiro	8	11	22	26	27	29	7	17	24	28
I	26	2	9	12	23	27	28	30	8	18	25	29
J	27	3	10	13	24	28	29	31	9	19	26	30
K	28	4	11	14	25	29	30	1 Abril	10	20	27	31
L	29	5	12	15	26	30	31	2	11	21	28	1 Junho
M	30	6	13	16	27	31	1 Abril	3	12	22	29	2
N	31	7	14	17	28	1 Abril	2	4	13	23	30	3
O	1 Fevereiro	8	15	18	29	2	3	5	14	24	31	4
P	2	9	16	19	30	3	4	6	15	25	1 Junho	5
Q	3	10	17	20	31	4	5	7	16	26	2	6
R	4	11	18	21	1 Abril	5	6	8	17	27	3	7
S	5	12	19	22	2	6	7	9	18	28	4	8
T	6	13	20	23	3	7	8	10	19	29	5	9
U	7	14	21	24	4	8	9	11	20	30	6	10
V	8	15	22	25	5	9	10	12	21	31	7	11
X	9	16	23	26	6	10	11	13	22	1 Junho	8	12
Y	10	17	24	27	7	11	12	14	23	2	9	13
Z	11	18	25	28	8	12	13	15	24	3	10	14
a	12	19	26	1 Março	9	13	14	16	25	4	11	15
b	13	20	27	2	10	14	15	17	26	5	12	16
c	14	21	28	3	11	15	16	18	27	6	13	17
d	15	22	1 Março	4	12	16	17	19	28	7	14	18
e	16	23	2	5	13	17	18	20	29	8	15	19
f	17	24	3	6	14	18	19	21	30	9	16	20
g	18	25	4	7	15	19	20	22	31	10	17	21
h	19	26	5	8	16	20	21	23	1 Junho	11	18	22
i	20	27	6	9	17	21	22	24	2	12	19	23
j	21	28	7	10	18	22	23	25	3	13	20	24

QUADRO B

Três primeiros algarismos do ano	Último algarismo do ano									
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
190	Z	Q	I	V	M	h	Z	J	d	U
191	F	a	Q	B	V	N	h	R	J	e
192	N	F	a	K	e	V	N	b	R	J
193	e	O	F	a	K	f	V	G	b	S
194	C	X	O	j	S	K	f	P	G	b
195	S	D	X	O	c	T	K	f	P	H
196	b	L	g	Y	H	c	T	E	Y	P
197	H	U	L	g	y	I	c	T	E	Z
198	P	d	U	M	g	Q	I	d	M	E
199	Z	J	d	U	M	a	Q	I	V	N
200	h	z	J	e	U	F	a	R	B	V

QUADRO A

REGRA PARA ACHAR AS DATAS DAS FESTAS MÓVEIS DO ANO 1900 ATÉ 2009

Utilização do quadro A — Tomem-se os três primeiros algarismos do ano na coluna à esquerda e o último na linha horizontal superior. No cruzamento da horizontal tirada dos primeiros com a coluna correspondente ao segundo está a letra do ano dado.

Utilização do quadro B — Achada a letra do ano, esta deve ser encontrada na coluna à esquerda do quadro B, isto é, na coluna **Letras.** Feito isto, basta tirar por ela uma horizontal para que esta, prolongada, encontre cada uma das datas nas colunas das festas respectivas.

Quando o ano fôr bissexto, as festas de **antes de 29 de fevereiro,** realmente, vão cair no dia seguinte ao achado no quadro. As demais ficam nas mesmas datas encontradas.

Exemplo — Ano 1915. O quadro **A** dá a letra **N.** O quadro **B** dá as datas, como Domingo de Carnaval 14 de fevereiro, Domingo de Ramos 28 de março, Corpus Christi 3 de junho.



ESCRITORIO e LOJA
RUA CAROLINA MEYER, 24 (Meyer)
Fones: 29-3734 — 49-3582
Escrit. — 49-1221

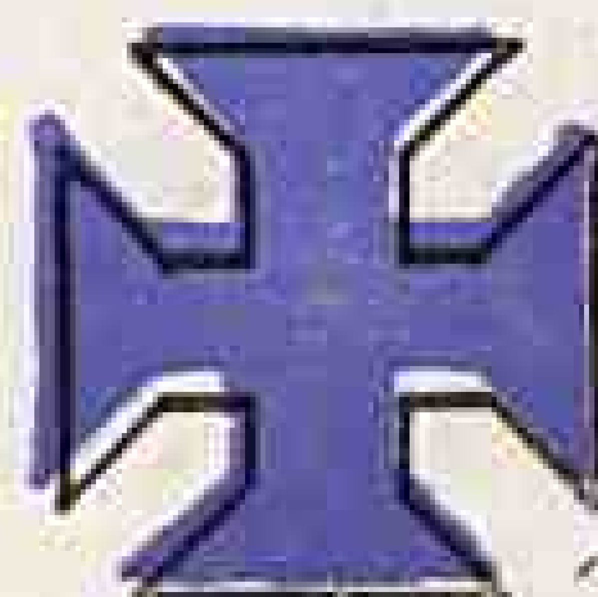
*

FILIAL (Edifício próprio)
AV. SUBURBANA, 5.743-A
END. TELEGRAFICO «ROSAYRES»



AZULEJOS — LADRILHOS — LOUÇAS SANITÁRIAS — METAIS — FOGÕES — BANHEIROS BRANCOS E EM CÔRES — MOSAICOS — CERÂMICA — CANOS DE CHUMBO E GALVANIZADOS — MATERIAIS E FERRAGENS PARA CONSTRUÇÃO EM GERAL.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO



NO DIREITO



No Direito, RUY BARBOSA foi uma figura impar, merecendo, pelo muito que legou à sua pátria, a eterna gratidão dos brasileiros.

A atuação dêsse insigne compatriota no velho mundo, onde foi cognominado **"A ÁGUIA DE HAYA"**, é daquelas que engrandecem e dignificam uma ração e, portanto...

...não admite confrontos!



O GUARANÁ CHAMPAGNE, pela sua pureza e inigualável sabor, goza da preferência do público. Êsse incomparável refrigerante — 100% brasileiro — é um produto que, engrandecendo e orgulhando a industria nacional,

TAMBÉM
NÃO ADMITE CONFRONTOS!



Guaraná Champagne
ANTARCTICA

Almanaque

EU SEI TUDO

32°. ANO

Redator-Chefe MARIO RENATO DE CASTRO

Fundado em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. Endereço telegráfico "Revista". Telefones — Redação: 22-4447; Administração e Publicidade: 22-2550. Representante em S. Paulo para Publicidade e Venda: A. Lombardino, Rua Capitão Salomão, 67, telefone 4-1569. No exterior — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19, West 44th Street, New York City, N. Y., África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Portugal: Helena A. Lima, av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° dt., Lisboa. Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Argentina: "Inter-Prensa", Florida, 299, fone 33, Avenida, 91-9, Buenos Aires.

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 35.000 EXEMPLARES.

1952

PRÓSPERO ANO NOVO!

ISSO é o que diz a criança aos seus pais, nessa sacrossanta manhã do 1.º de Janeiro. **Feliz Ano Novo!"** — dizem em tôdas as partes, no mundo inteiro — pais, amigos, vizinhos... **"Feliz Ano Novo!"**, diz o ALMANAQUE EU SEI TUDO, aos seus leitores. **Feliz Ano Novo... para todos!**

★

Entretanto, o leitor já terá pensado de quando data essa fórmula feliz, que é muito mais que um voto banal? Que é um grito vindo do coração? Que é o desejo ardente de ver abrir-se, para aquêles que amamos, um ano inteiro de alegrias e de felicidades?



Realmente, desde quando existe o costume de celebrar o primeiro dia do ano?

E' normal — e fàcilmente explicável psicològicamente — festejar o primeiro dia do ano. Por isso mesmo, o costume se perde na noite dos tempos. Na realidade, o primeiro mês do ano não correspondia ao nosso janeiro atual: os Romanos, de fato utilizavam o calendário chamado "juliano", imaginado por Júlio César o qual ainda hoje é empregado pelos ortodoxos. Sendo a duração do ano juliano de 365 dias e seis horas, e o valor real (ou valor médio das duas sendo de 365 dias, 5 horas e 48 minutos apenas, disso resulta que o ano juliano sofre um atraso de 12 minutos sôbre o ano solar. Êsse inconveniente levou o papa Gregório XIII, em 1582, a substituir o calendário juliano pelo "gregoriano" (ou calendário de Gregório), que é o de que nos servimos atualmente.

Entre os Romanos, o primeiro mês do ano não era janeiro, porém março. A seu exemplo, continuamos a chamar setembro, outubro, novembro, dezembro (isto é: **sétimo, oitavo, nono** e **decimo**) meses que, para nós, na realidade, passaram a ser: **nono, décimo, décimo primeiro** e **décimo segundo** do ano.

Apesar disso, era durante o mês consagrado ao deus Jano, isto é: **janeiro,** que se trocavam presentes. Êstes, aliás, não eram oferecidos pelos cidadãos romanos aos seus parentes e amigos mas sòmente ao seu soberano.

Nos primeiros tempos de Roma, êsses presentes consistiam, simplesmente, em **bouquets** de verbena, colhidos nos bosques sagrados, e que eram enviados ao soberano em sinal de bom augúrio para o novo ano. Porém o tempo passou e os costumes se alteraram. Sob todos os imperadores, no dia das **calendas de janeiro,** o povo se comprimia diante do palácio para levar ao soberano os seus presentes, consistindo em moedas, medalhas e jóias. Conta-se que Calígula, para estar seguro de que os seus servidores não o roubariam, ficava, êle próprio, à porta do palácio e recebia as oferendas com as suas próprias mãos. O cristianismo, em seu início, tentou interditar as festas de janeiro: declarou-as "diabólicas" e lançou contra as mesmas o anátema. Porém em vão... O costume prosseguiu. A Igreja decidiu, então, substituir a festa pagã por uma festa cristã. Até meados do século XVI, foi a Páscoa (festa da Ressurreição) a designada para a troca de presentes.

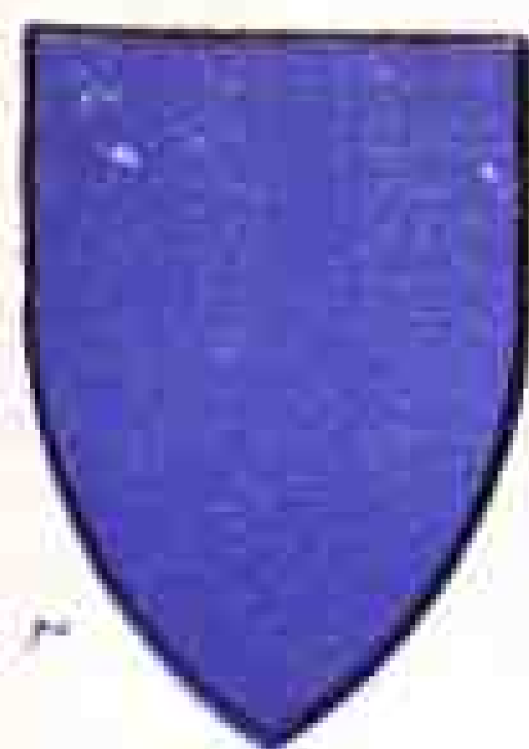
Quanto aos votos, é provável que não tenham mudado, nos últimos trinta séculos. A humanidade pode evoluir livremente, porém no íntimo, pede sempre as mesmas coisas: saúde, fortuna felicidade...

Entre êsses votos, devemos salientar, a saúde ocupa o primeiro plano. Isto porque é ela o maior de todos os bens e aquêle sem o qual os demais se tornam inúteis!

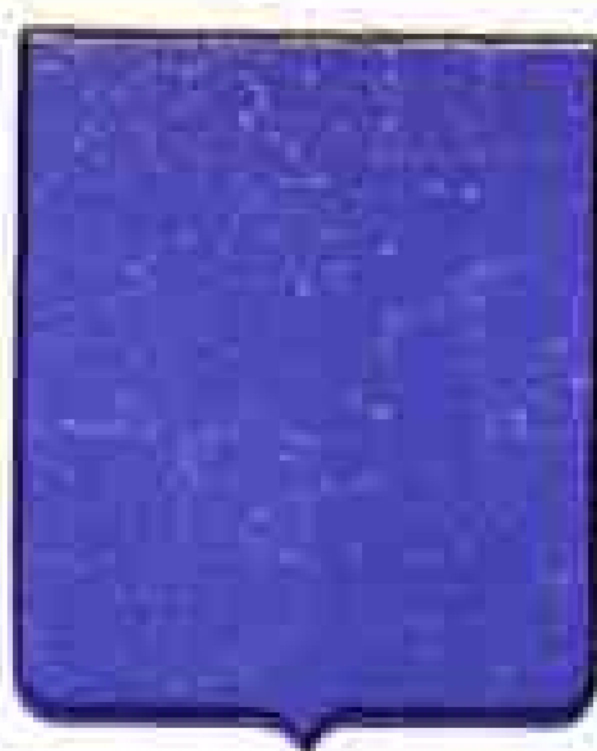
Felizes os que vivem no nosso século e que, graças aos abnegados pesquisadores, nos laboratórios aos arrojados cirurgiões, nas salas de operações aos meios rápidos, de comunicação e de socorro, à propaganda em prol da higiene e da defesa do corpo, têm à sua disposição, para preservar ou restaurar a saúde, todos os aperfeiçoamentos da ciência, que se tornou verdadeiramente miraculosa!

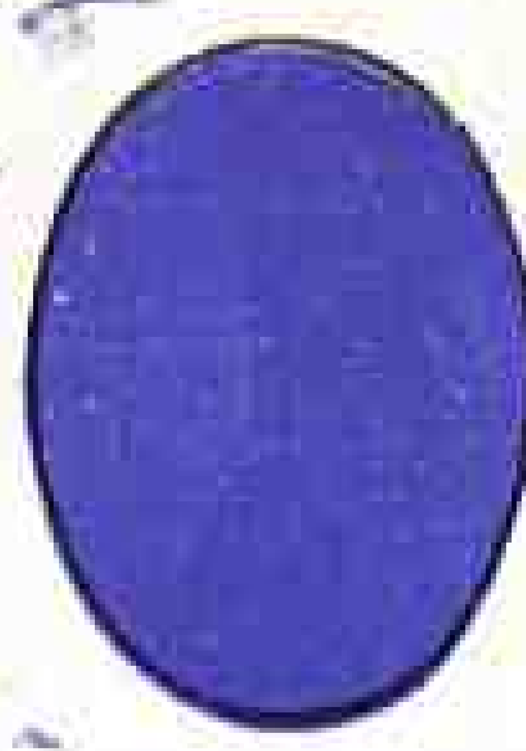
E', pois, pela saúde dos nossos leitores que hoje formulamos votos muito sinceros. Como fizemos no passado, faremos sempre todos os esforços no sentido de divulgar êsses recursos da ciência no intuito de que seja mantida a saúde de todos. E não duvidamos que **o resto também** seja alcançado.




PRIMITIVO


PORTUGUÊS


FRANCÊS


ECLESIÁSTICO


LISONJA

FORMAS DE ESCUDOS

HERÁLDICA

CIÊNCIA E ARTE DOS HERALDOS, QUE COMPUNHAM E INTERPRETAVAM AS ARMAS E DISTINTIVOS DA NOBREZA

Textos e Desenhos de ALBERTO LIMA

ORIGEM DOS BRASÕES DE ARMAS


OM a conversão dos Bárbaros ao Cristianismo, o guerreiro tornou-se um paladino da Igreja, pondo-se, desde logo, ao serviço das Cruzadas. Desde que êsse fato aconteceu, passou a existir a Cavalaria, organizada numa grande confraria militar, com suas cerimônias próprias e suas ordens de monges guerreiros, não constituindo pròpriamente forma corporativa — à exceção das Ordens Militares — que em sua organização internacional eram, principalmente, um ardoroso ideal.

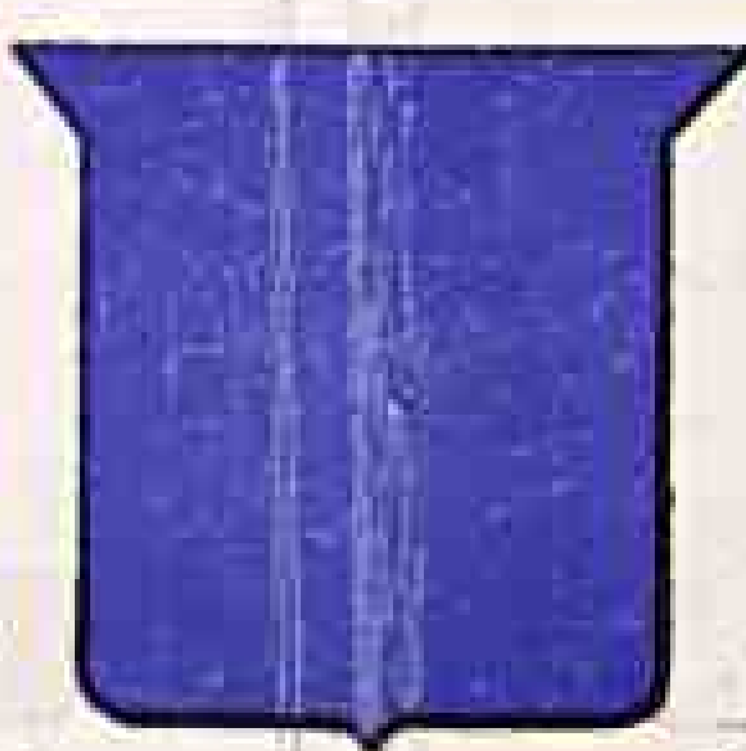
Com o advento da Idade Média os brasões de armas começaram, também, a aparecer com as históricas Cruzadas. Nessa época guerreira, em diversos territórios da Europa, a começar pela França, foram surgindo os célebres castelos medievais, verdadeiras obras de arte construídas de pedra, com seus característicos recortes ameiados, seteiras, baluartes, vigias, etc.. Geralmente eram construídos sôbre elevações e compreendiam, essencialmente, uma forte muralha, onde, de espaço em espaço, se erguiam vistosas tôrres, rodeada de fossos profundos, cheios de água. Penetrava-se no castelo por uma ponte levadiça, que, erguendo-se, fechava completamente a passagem principal. Nesses suntuosos baluartes habitavam os senhores absolutos da gleba. E, em tôrno dessas gigantescas fortificações foram surgindo os povoados, que, pouco a pouco se desenvolviam, formando grandes núcleos.

Transformados os senhores feudais em pequenos monarcas, levavam consigo à longínqua Palestina, bem organizados exércitos, cujos soldados se destacavam, à primeira vista, pela expressiva pintura com que ornavam seus defensíveis broquéis. E, quando voltavam de tão árduas caminhadas à Terra Santa, o cavaleiro vencedor nos torneios

FORMAS DE ESCUDOS


TORNEIO

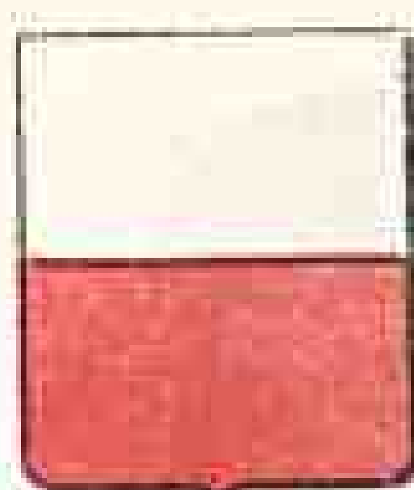

ALEMÃO


INGLÊS


ITALIANO

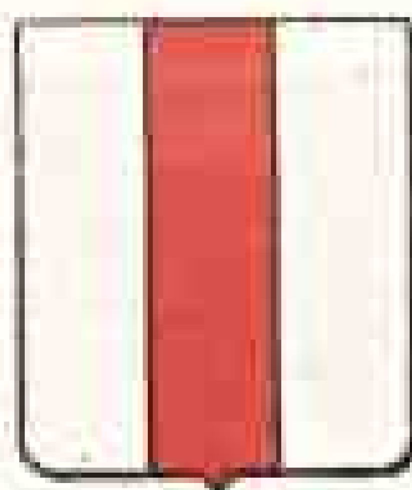

SUIÇO

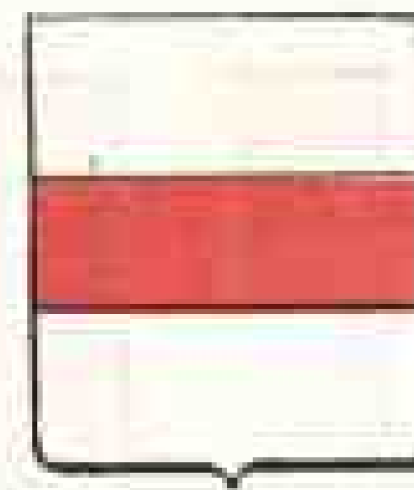

Partido

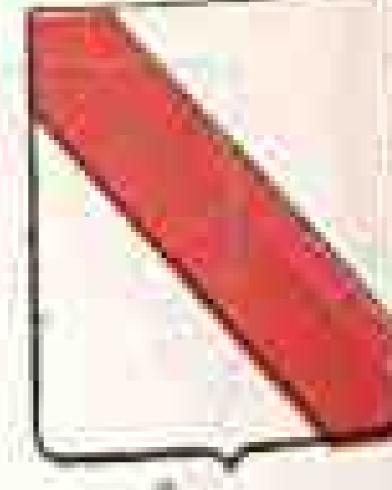

Cortado


Fendido


Talhado


Pala


Faixa


Banda

travados com o inimigo, colocava sôbre o seu invicto escudo, os troféus que conquistara com bravura, oferecendo-os aos olhares de seu soberano e ao coração de sua dama. Depois dessa expressiva solenidade, eram êstes símbolos marciais guardados religiosamente, recordando para todo o sempre seu passado de glórias.

Esta é a heróica origem dos Brasões de Armas.



A Heráldica, a Genealogia e a História estão estreitamente ligadas.

A princípio, a Heráldica foi considerada como uma arte que ensinava as normas próprias e certas de compor um brasão. Mais tarde chamou-se de ciência, designada, por vêzes, como ciência heróica.

A nosso ver, a Heráldica é, realmente, ciência e arte.

Os Brasões de Armas são insígnias cujo uso está, principalmente, reservado à heráldica familiar, nas diversas categorias da nobreza.



A nobreza é um classe social composta de pessoas que, por nascimento ou por concessão de um soberano, gozam de certos privilégios honoríficos que os distinguem dos demais cidadãos.

As armas mais antigas que se conhecem na Europa são as de Rui de Beaumont, que datam de 1087-1110.

DESTRA	ANGULO DIREITO DO CHEFE	CHEFE	ANGULO ESQUERDO DO CHEFE	SINISTRA
	FLANCO DIREITO	CENTRO DO ESCUDO	FLANCO ESQUERDO	
	ANGULO DIREITO DO CONTRA-CHEFE	CONTRA CHEFE	ANGULO ESQUERDO DO CONTRA-CHEFE	

NOMENCLATURA DO ESCUDO

Sòmente no Século XVIII os brasões tomaram forma regular, quando se organizaram as cartas e registros, convertendo-se cada brasão de família em propriedade hereditária.

DEFINIÇÕES

BRASÃO, ESCUDO DE ARMAS, OU ARMAS

Insígnia de pessoas, famílias ou cidades.

Conjunto de ornamentos interiores ou exteriores das insígnias.

Os escudos apresentam-se de diferentes formas. Cada país tem a sua forma característica. No Brasil, desde longa data, é comumente empregado o escudo francês, por ser o de formato que mais se adapta às peças honoríficas, permitindo ao desenhista melhor harmonia de conjunto, bem como maior amplitude na execução dos mesmos.

CÔRES

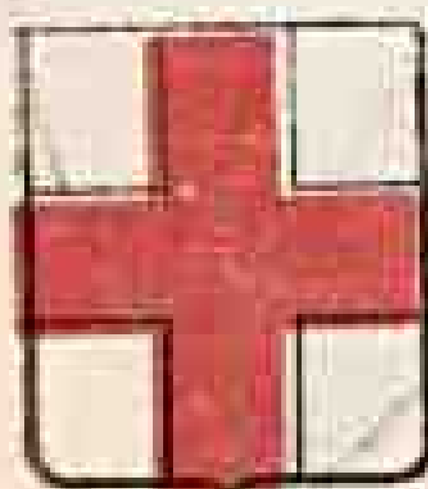
Para colorir os brasões, empregam-se os metais (ouro e prata), e os esmaltes (vermelho, azul, verde, prêto e púrpura).

Nos tempos primitivos da Heráldica, as côres tinham designações diferentes e estavam relacionadas a certos elementos da natureza, conforme podemos verificar na tabela abaixo que transcrevemos do "Manual de Heráldica Portuguêsa", da autoria de Armando de Matos:

OURO		TOPÁZIO	SOL
PRATA		PÉROLA	LUA
VERMELHO	GOLES	RUBI	MARTE
AZUL	BLAU	SAFIRA	JÚPITER
VERDE	SINOPLE	ESMERALDA	VÊNUS
PRÊTO	SABLE	DIAMANTE	SATURNO
PÚRPURA		AMETISTA	MERCÚRIO

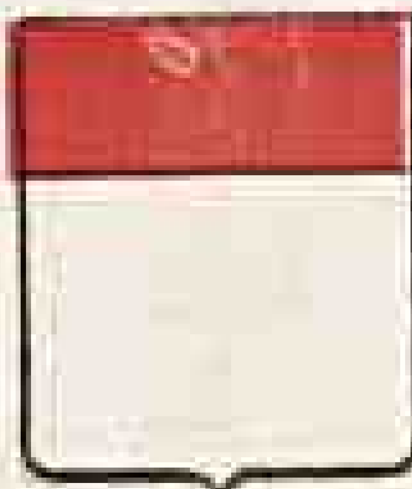
Na Inglaterra, por exceção, empregam-se, ainda, o alaranjado, o sanguíneo e o leonado.

Os primeiros heraldos, apesar dos grandes esforços, não conseguiram interpretar as côres, para que fôssem representadas, convencionadamente, numa só tinta. Sòmente em 1638, na Itália, o sábio jesuíta italiano Padre Silvestre Petra Santa, em sua obra **"Tesseræ Gentilitiæ ex legibus Fecilla**


Cruz


Aspa


Asna

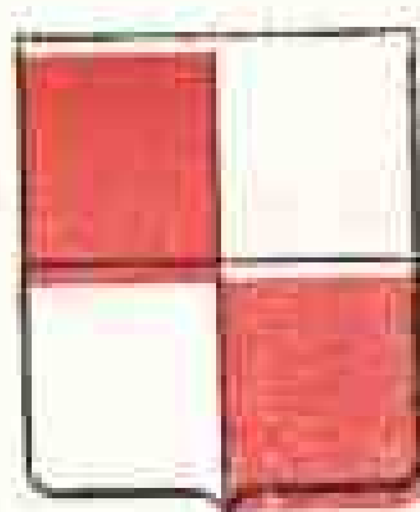

Chefe


Campanha

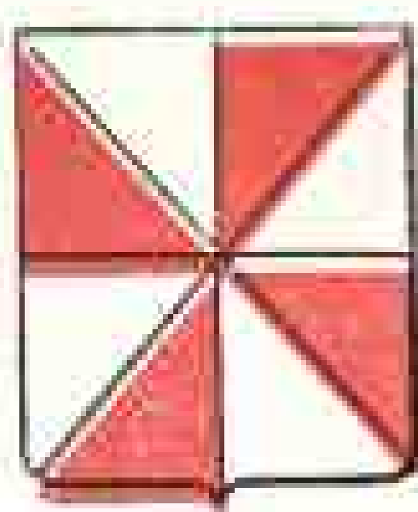

Bordadura


Mantel


Barra

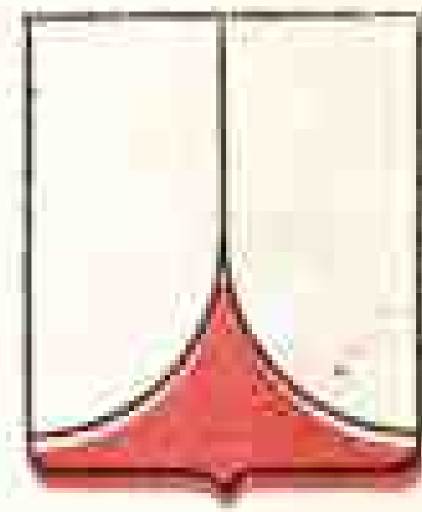

Esquartelado


Franchado


Gironado


Fendido em linha ondulada


Cortado em arco


Terciado em mantel

lium descriptæ" (Roma, 1638), ideou uma engenhosa interpretação, que tanto na Heráldica como nas artes gráficas, marcou grande progresso, sistematizando a representação, da seguinte forma: vermelho ou goles, representando por traços postos em pala, ou seja, por traços verticais; azul ou blau, traçado em faixa, ou seja, em traços horizontais; verde ou sinople, por meio de traços ou banda; prêto ou sable, traços verticais e horizontais (cruzados); púrpura, tracejado em barra. Essa curiosa representação gráfica, foi imediatamente adotada e seguida por todos os heraldistas do mundo, facilitando, sobremodo, o registro de tôda e qualquer composição heráldica.

PELES

(ARMINHOS E VEIROS)

As peles são representadas por arminhos e veiros, a primeira figura-se por um fundo pontilhado de prêto denominado por mosquetas em campo de prata. Chama-se contra-arminhos às mosquetas de prata em campo prêto. A segunda pele, denomina-se de veiros. E' representada por tiras horizontais de peças do formato de uma pala, ponteagudas nos extremos. São de azul em campo de prata. Dá-se o nome de contra-veiros quando as peças são de prata e o campo azul. Veirado e contra-veirado, quando são empregadas outras côres, em substituição à prata e ao azul.

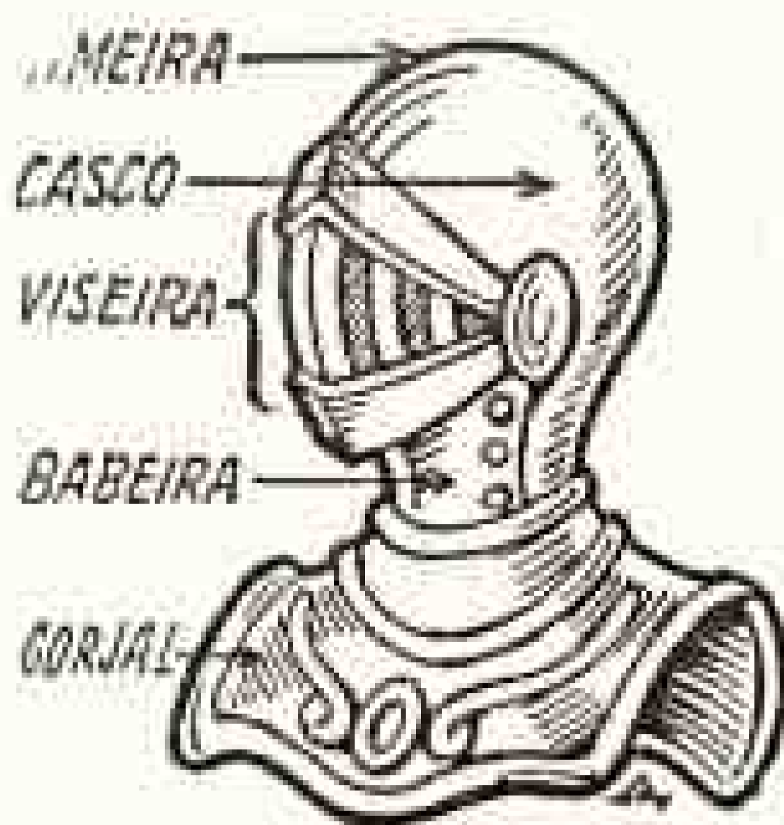
BRASÃO DE ARMAS

O brasão de armas é constuído pelas seguintes peças: **timbre, coronel, virol, elmo, paquife e escudo.**

TIMBRE — Ornamento que se coloca em cima do **elmo**, sôbre o **virol**, constituindo a parte mais característica do brasão de armas.

CORONEL — Aro de ouro carregado de pedrarias e que, conforme os ornatos que o decoram, na parte superior, indica o título de nobreza de seu possuidor, que são, por ordem crescente: **barão, visconde, conde, marquês e duque.**

Barão — um fio de pérolas enrolado num aro, ficando visíveis três voltas, em banda e equidistantes; **visconde** — encimado por quatro hastes que sustentam quatro pérolas grandes, sendo três à vista, separadas por quatro pérolas menores, intercaladas; **conde** — composto superiormente por dezesseis hastes, sustentando cada uma sua pérola, aparecendo apenas nove; **marquês** — arrematado por quatro florões de fôlhas de acanto, aparentes; três, que são separadas por quatro hastes de ouro, aparentes; duas, encimadas por três pérolas em roquete; **duque** — encimado por oito florões de fôlhas de acanto com uma pérola cravada no centro.

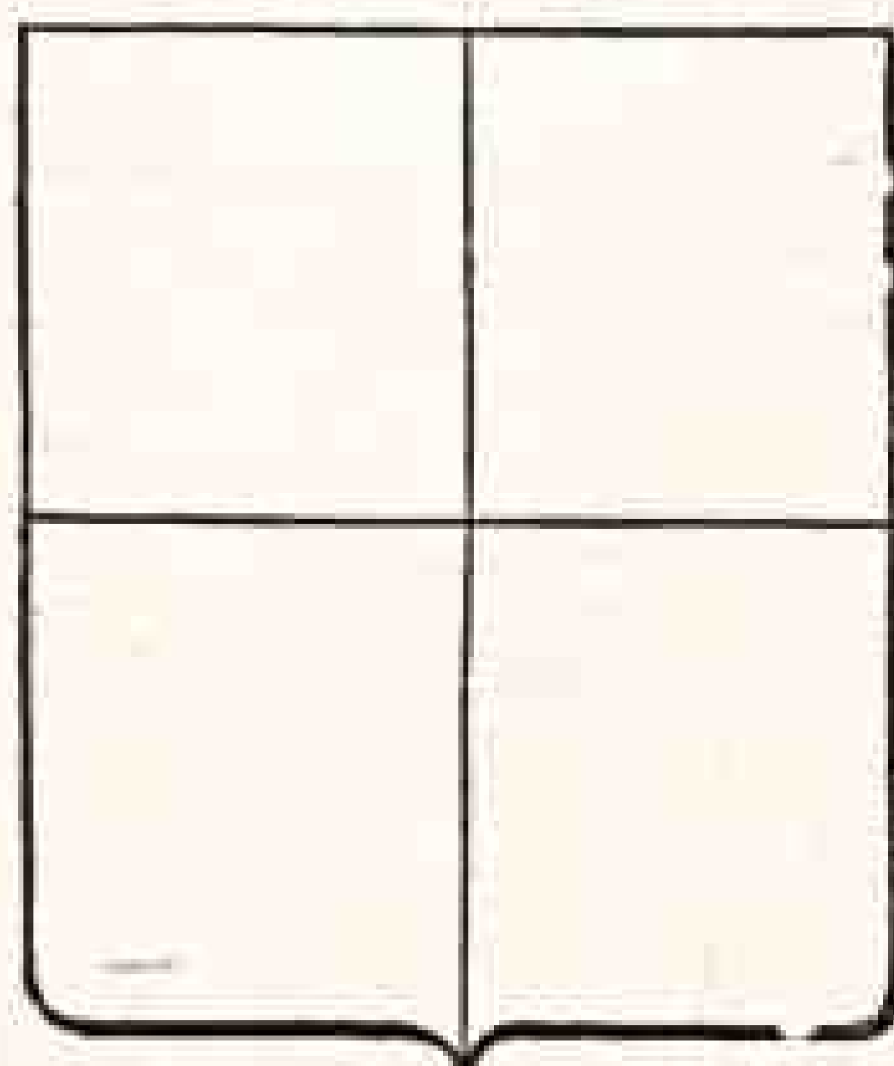


ELMO

A coroa real consiste num **coronel** de duque fechado por seis diademas carregados de pérolas, encimados, no ponto de convergência, pelo globo terráqueo, rematado pela cruz.

VIROL ou ROLETE — Rôlo de tecido entrançado, colocado sôbre o elmo, dando origem ao paquife.

ELMO — E' a peça mais nobre da armadura de um cavaleiro. Símbolo representativo da Cavalaria. Pertence defensivo de cabeça. Os reis usavam **elmo** de ouro; os duques e condes, de prata; os guerreiros de antiga linhagem, de aço polido; os demais, de ferro.

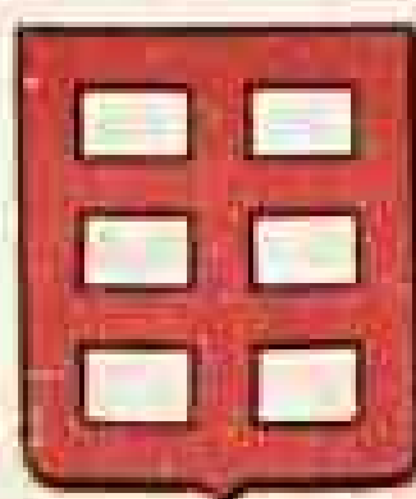

ESUDO ESQUARTELADO

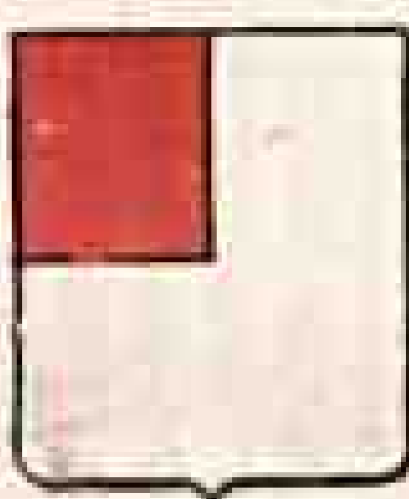
Emprega-se, também, como peça móvel na arte de brasonar, indicando-se sempre as suas significações: aberto, fechado, de perfil, para a direita, para a esquerda.

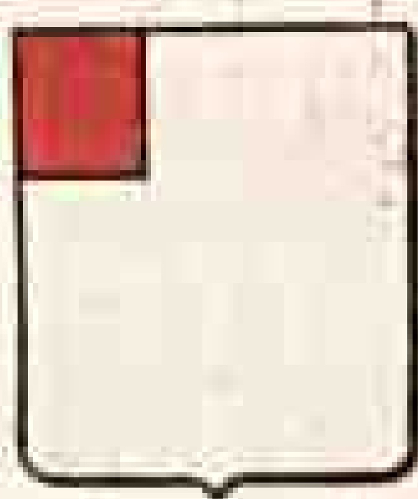
Se o possuidor das armas é fidalgo, pelo menos com quatro gerações, o **elmo** deve ser colocado de três quartos, olhando à direita e com a viseira levantada, elmo aberto. Para os nobres até três gerações, a viseira está fechada e colocada de perfil, olhando a direita do escudo. O **elmo** nas armas dos bastardos é fechado e colocado de perfil, voltado para a esquerda.

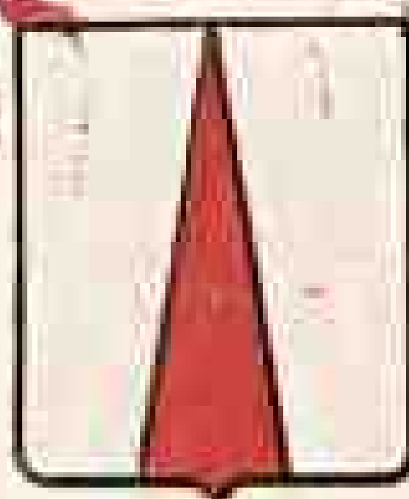
Os cavaleiros só envergavam o **elmo** quando se dava o sinal para a peleja; nos intervalos ed urante a marcha, traziam-no pendurado no arção da sela.

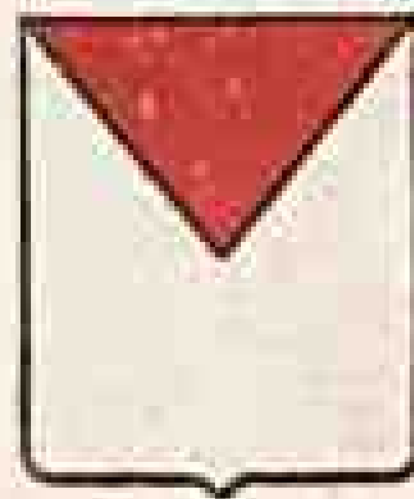
Escupete

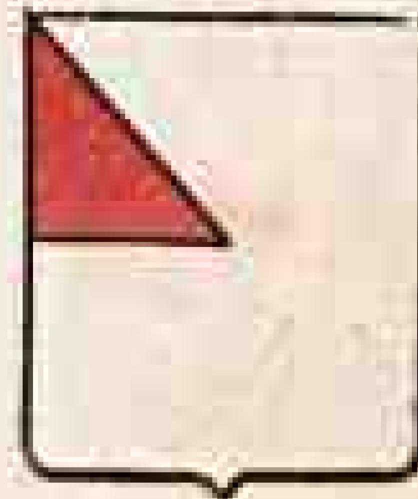

Dobre-cruz


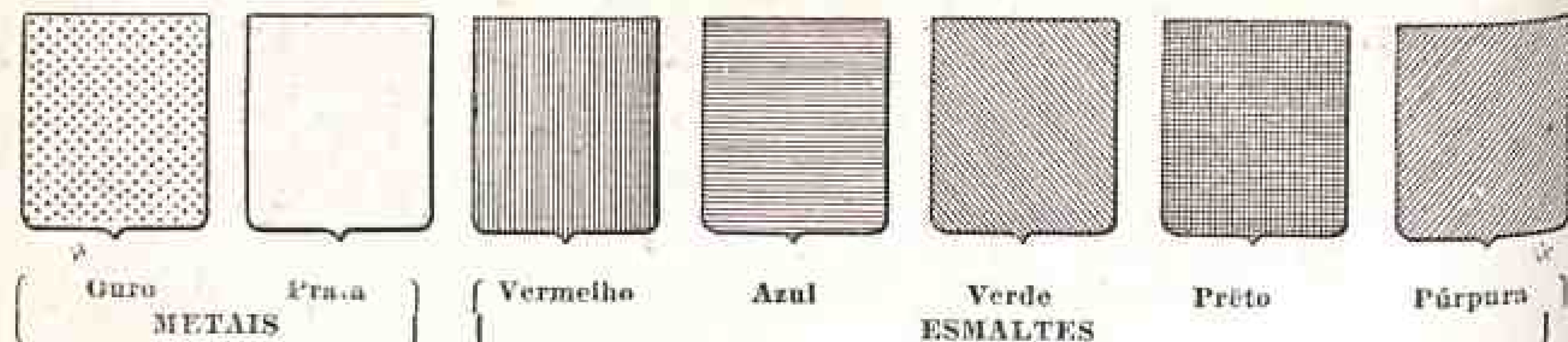
Franco-quartel


Franco-cantão


Ponta


Pila


Girão




Em Portugal, o **elmo** é sempre de prata, com guarnições de ouro, forrado de estofo da mesma côr do campo do escudo.

Segundo o heraldista Armando de Matos, o **elmo** quando sôbre um escudo, deve ter na base cinco sétimos da largura do escudo, ficando a parte inferior do gorjal sôbre o campo do mesmo.

Essa honrosa peça está dividade em cinco partes, a saber: **cimeira, casc., viseira,** e **Gorjal.**

Sôbre o **elmo** dos cavaleiros das Ordens, doutores e capelães, coloca-se um penacho de três plumas, em substituição ao virol e ao paquife.

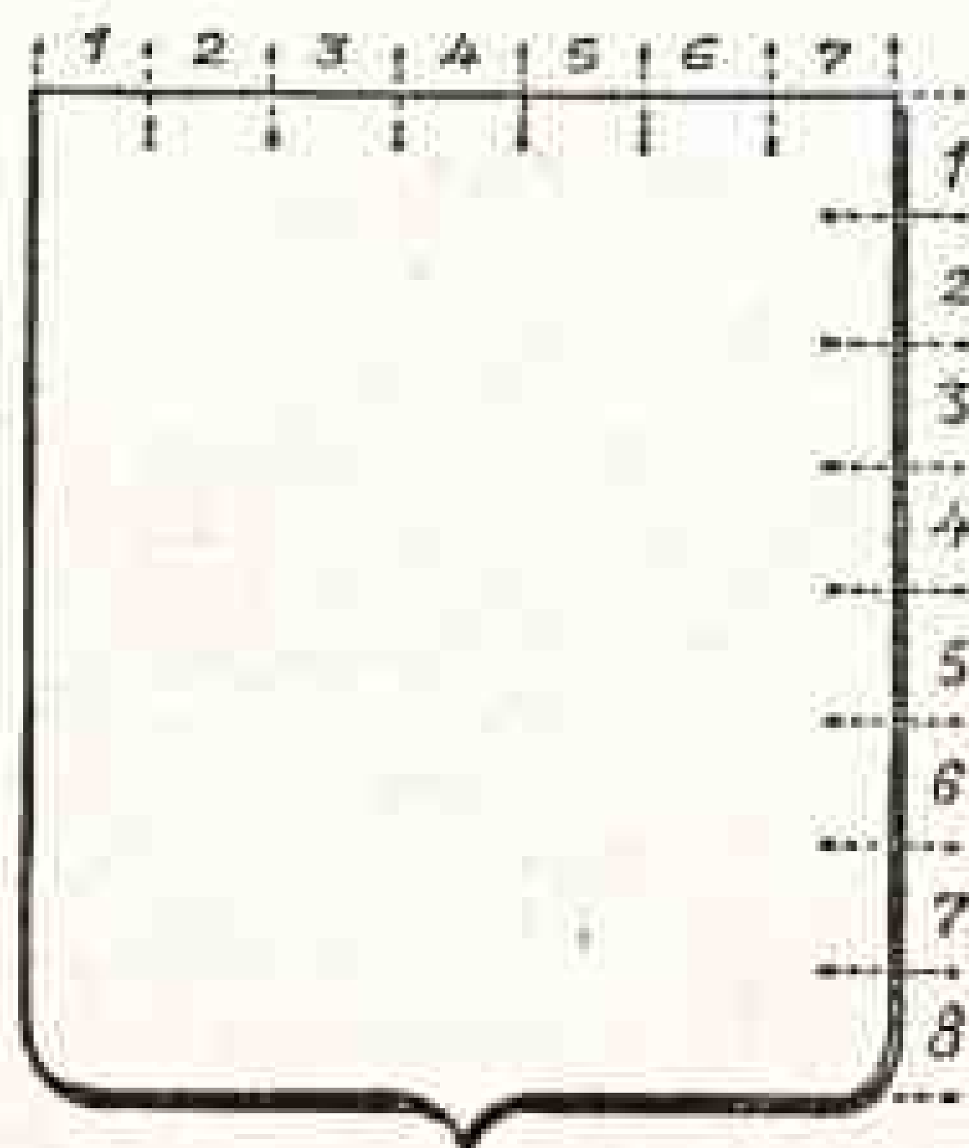
PAQUIFE — E' constituído por oito tiras de pano (lambrequins), quatro de cada lado do escudo, desenvolvendo-se irregularmente em recorte sinuoso e arbitrário, levando as côres constantes do escudo, aos pares (uma de cada lado).

Não entram no paquife os metais (ouro e prata), que são substituídos pelos esmaltes (amarelo e branco).

Essa regra, há muito, foi desprezada em benefício da parte decorativa do brasão de armas, que teve por parte de renomados mestres heraldistas a aplicação dos metais paralelamente à estilização dos paquifes, dando-lhes acentuada beleza ao conjunto. Para têrmos uma idéia mais nítida sôbre o que ficou dito acima, basta consultar-se o "Armorial Brasileiro" do nosso erudito heraldista e genealogista Egon Prates Pinto, iluminado pelo ilustre artista Luís Gomes Loureiro, Cavaleiro Grã-Cruz da Ordem Hereditária de São Bernardo.

●

O **paquife** tem sua origem nos panos que os cavaleiros colocavam sôbre a armadura, para se abrigarem do sol causticante, quando tomavam parte em duelos e torneios. Resultava que os panos terminavam esfarrapados em virtude dos cortes recebidos pelas lanças dos adversários, nas lutas travadas.



PROPORÇÕES DO ESCUDO

ESCUDO — Seu campo tem topografia própria constando sua divisão de nove partes, conforme clichê anexo.

Há, ainda, o escudo esquartelado, formado por um traço vertical (partido), e por um traço horizontal (cortado), dando-lhe a forma de cruz.

Os escudos têm proporções determinadas e previstas. As proporções corretas são, assim, elucidadas: aaltura deve ter, a mais do que a largura, uma oitava parte daquela.

●

A nosso ver, o escudo francês é o mais cômodo à colocação de tôda e qualquer figura, facilitando sobremodo, a tarefa do desenhista. Por isso, adotamo-lo neste despretensioso trabalho.

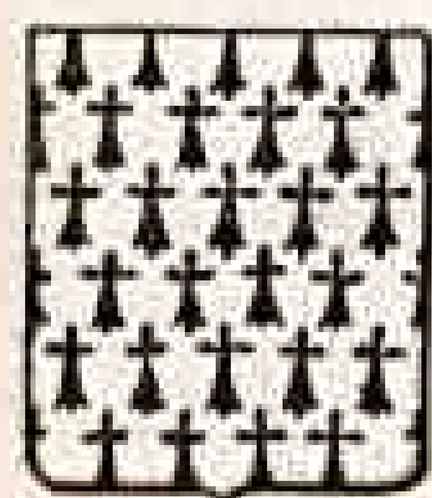
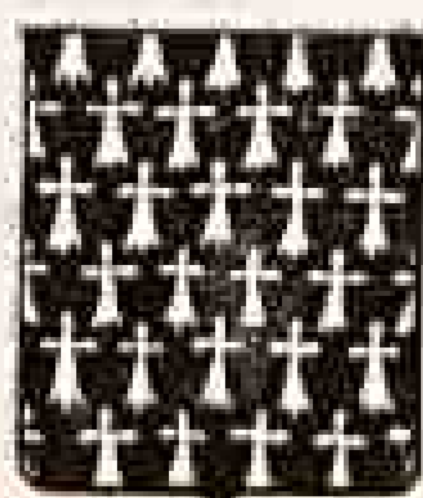
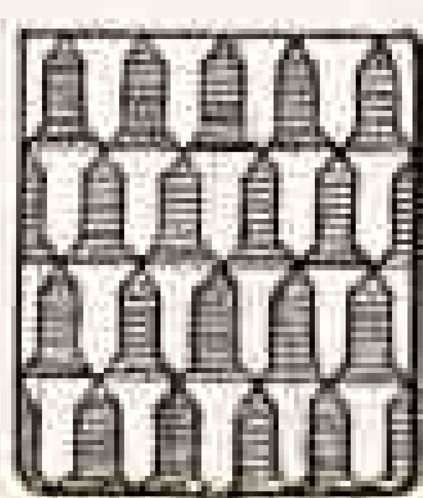
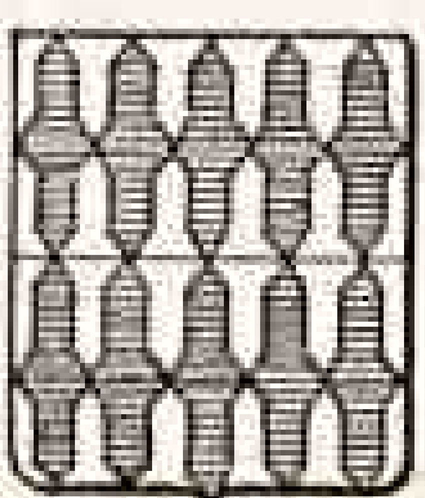
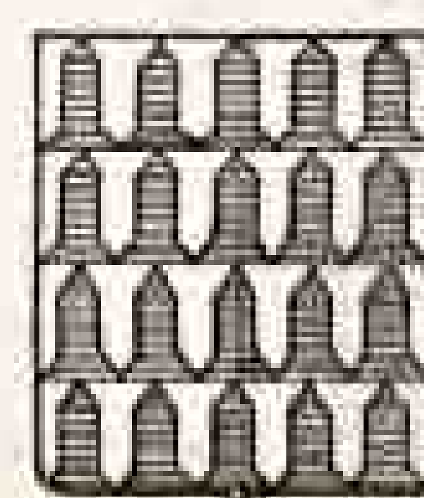
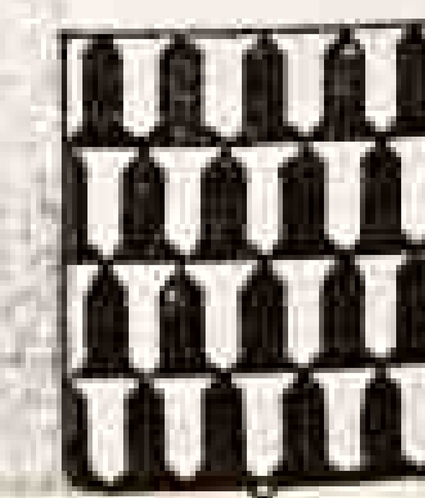
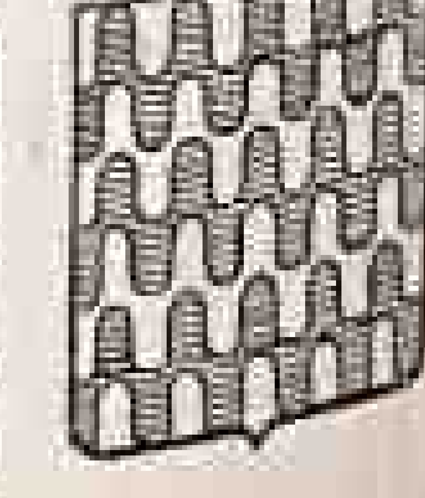
O escudo sempre foi a peça mais importante da armadura, porque continha, em si, a divisa e as insígnias comemorativas dos feitos do cavaleiro que o embraçava numa linhagem que constituiu mais tarde o brasão de armas.

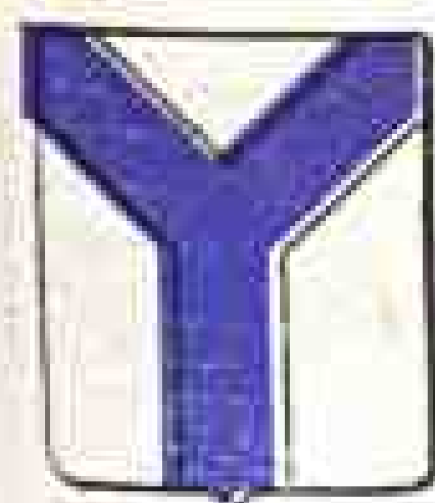
O exterior do escudo (paquife), foi tomando forma mais definida com os torneios, onde cada cavaleiro se vestia a capricho e ornava, ainda melhor, o seu escudo com as côres que recebia de sua dama, ou com a que melhor correspondia, no momento, ao que desejavam exprimir. O branco, significava a fé; o prêto, desespêro, tristeza ou constância; o verde, alegria, esperança ou mocidade; o prata, paixão, receio, sofrimento, ciúme; o ouro, riqueza, amor, honra; o amarelo, orgulho e dominação; o encarnado, prazer de amor; côres variadas, extravagância e inconstância; o pardo, firmeza no amor; o vermelho vingança, crueldade, cólera, altivez; o azul, magnanimidade e amor perfeito; o esverdeado, débil esperança.

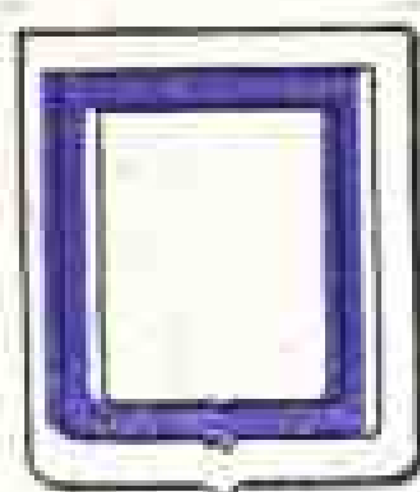
Quando Cláudio Luís Heitor, duque de Vilares partiu para a guerra da Itália, em 1733, a rainha de França deu-lhe um laço de fita; a de Espanha mandou-lhe outro, e a da Sardenha, entregou-lhe mais outro, em Turim.

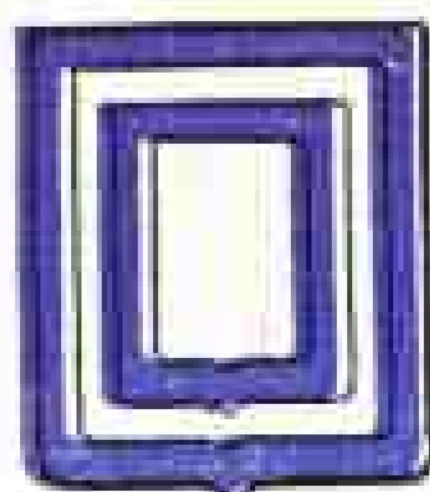
PELES

Arminho **Contra-arminho** **Veiro** **Contra-veiro** **Veiros em ponta** **veirado** **Veiros em ondas**

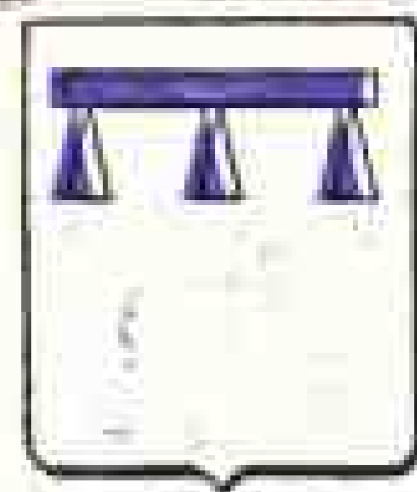








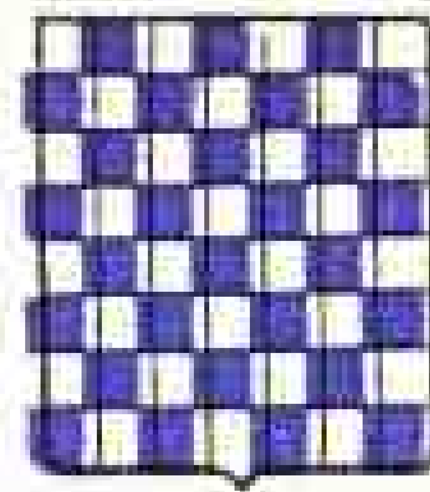

Perle

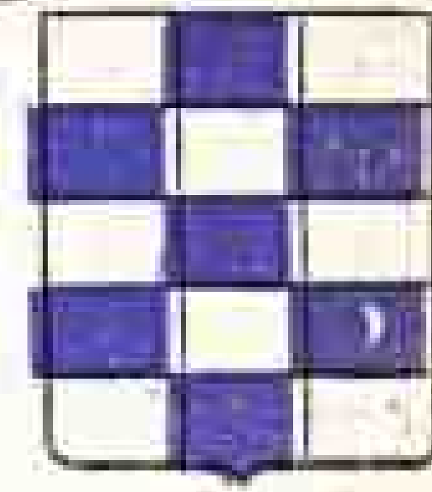

Orla


Orleta


Debrum


Lambel


Enxaquetado


Bilhetado

A rainha da Prússia enviava fitas de côres aos jovens que se armavam contra Napoleão.



Os escudos de armas estavam sujeitos à rigorosa inspeção dos arautos, oficiais ligados à pessoa de um senhor ou chefe de uma ordem de cavalaria. Eram os mensageiros invioláveis que reuniam o povo em praça pública nos momentos precisos, anunciando pùblicamente as assembléias; negociavam tratados de paz, casamentos de príncipes, etc. Os arautos passavam por três graus hierárquicos: cavalgantes, aspirantes e arautos de armas; os principais eram Reis de Armas.

Os arautos apresentavam-se com grande pompa nas côrtes para entregar mensagens ou desempenhar missões diplomáticas; corrigiam os abusos que eram introduzidos nos escudos de armas; reconheciam os graus de nobreza.

Os arautos foram os primeiros autores de obras sôbre a ciência e arte da Heráldica.

Quando um cavaleiro se apresentava para combater num torneio, o arauto examinava-lhe o escudo de armas. Se o encontrava imaculado, proclamava-o ao som da trompa, instrumento chamado **blasen**, em alemão, derivando-se dêste nome a palavra **brasão.**

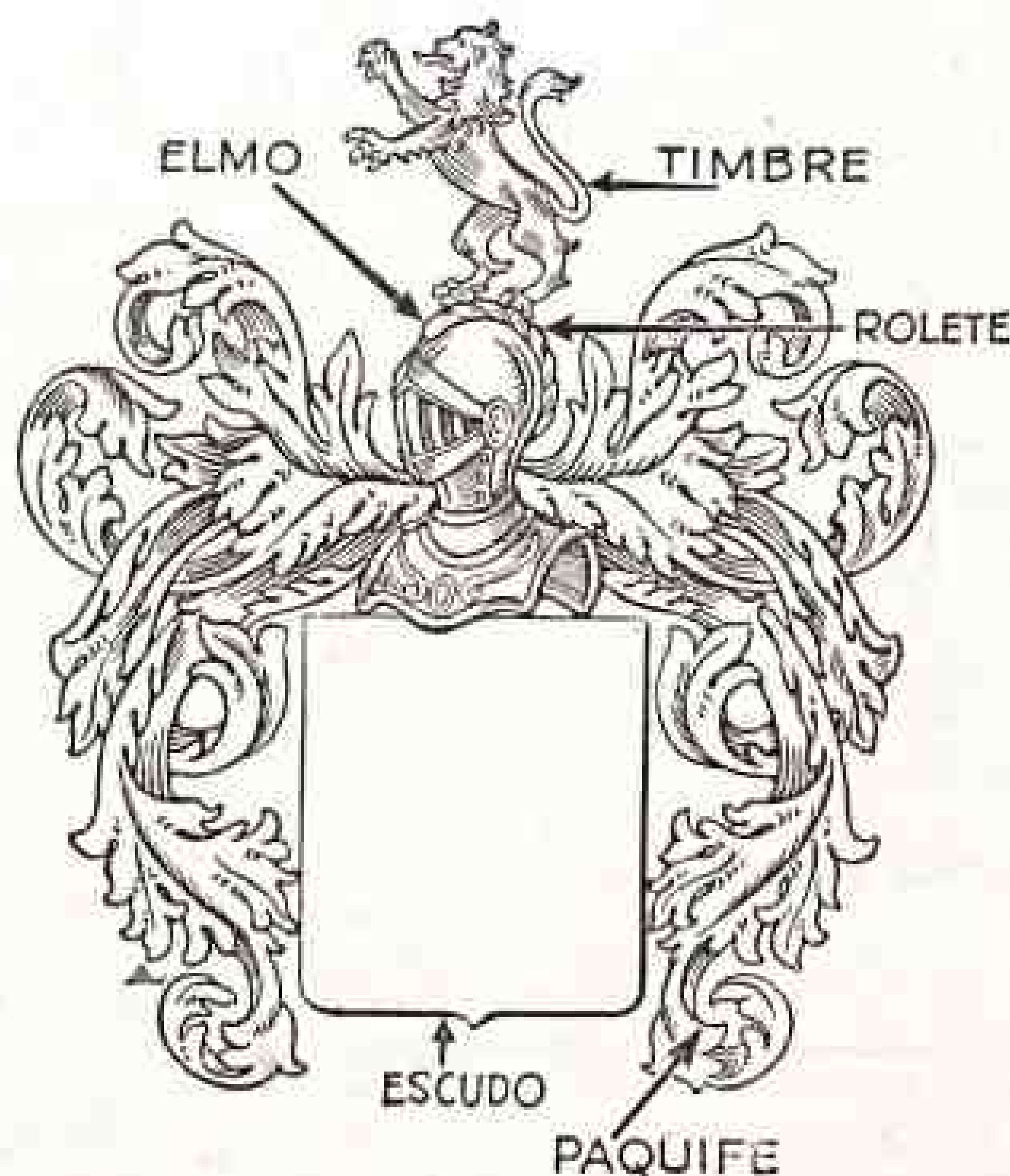
O escudo e o broquel (do alemão antigo **bückel**), a targa, ou tarja, a adarga, o pavês e a rodela, são os escudos dos séculos XIV, XV e XVI.

A **targa** ou **tarja**, era o escudo das lições, justas e torneios; tinha forma retangular curva nos cantos, regular ou irregular; era, como quase tôdas as variantes do escudo, de madeira ou de sola ornamentada de metal.

O **broquel** é o escudo das eras remotas.

A **adarga** é um escudo redondo, característico da Península Ibérica, imitado dos muçulmanos hispânicos.

A **rodela** era um escudo de mão, também redondo, pequeno e muito convexo, todo coberto de lâminas de metal. Os cavaleiros traziam pendurado à cinta



NOMENCLATURA DO BRASÃO DE ARMAS



As cimeiras com dois chifres, que aparecem em certos escudos, principalmente nos alemães, indicam que os mesmos foram duas vêzes examinados pelos arautos.



O escudo de armas de Manuel Fereira Botelho é talvez, a mais antiga peça que se conhece no Brasil, datada de 1683.



O escudo em Ballon é uma corruptela de Walton ou Wallona, moda introduzida na Península Ibérica por Argote de Molina, em seu livro "Nobleza del Andaluzia", obra existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Inclinação de três quartos para a direita.

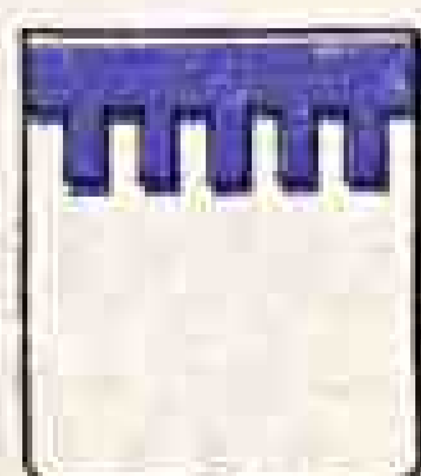


Lisonja, escudo para receber as armas femininas. Sempre partida, ou com as armas do marido. De prata lisa, quando se trate de senhora solteira.

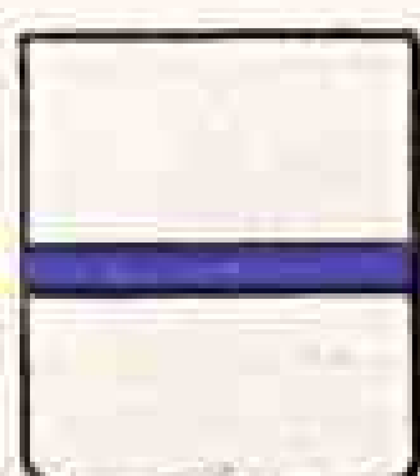


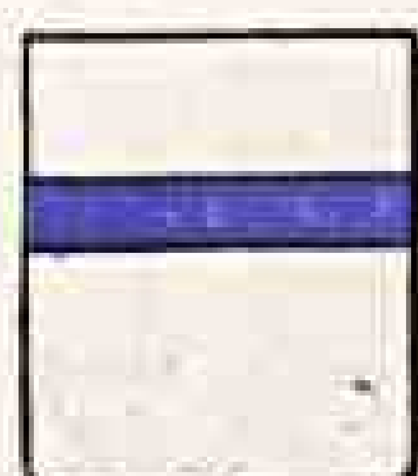
Os cavaleiros, na Alemanha, usavam escudos de formas variadas, mas todos êles tinham à di

Linha endentada


Linha crenelada


Chefe diminuto


Faxeta


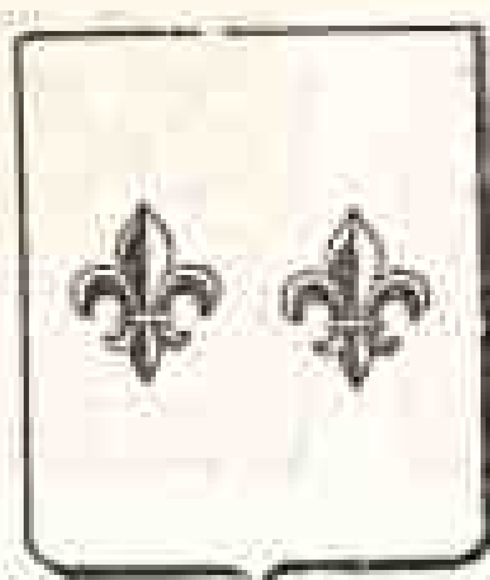
Divisa


Dentada

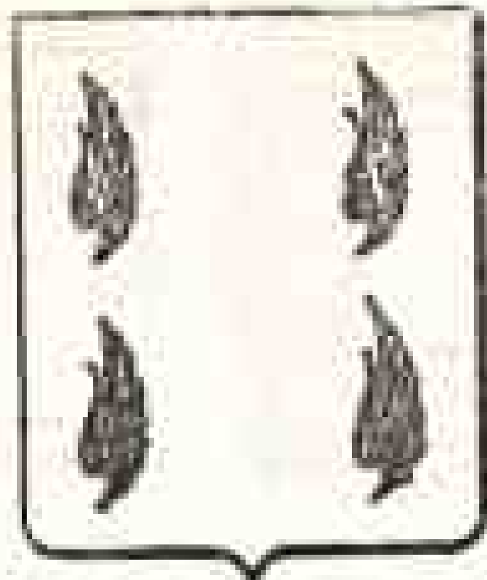

Denticulada



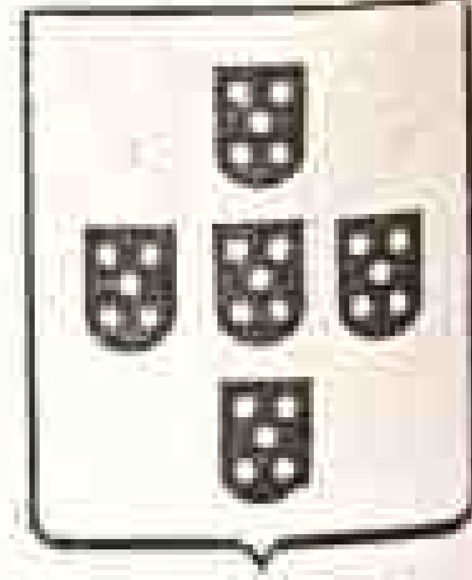
1 — Plena


2 — Faixa


3 — Roquete


4 — Acantonadas


5 — Santor


6 — Cruz

POSIÇÃO NORMAL DAS PEÇAS MÓVEIS

reita, uma abertura arredondada onde enfiavam suas lanças quando tomavam parte nas lutas e e nos torneios.

As peças de primeira categoria, no escudo, são as que se seguem, por ordem de importância: chefe, pala, faixa, banda, barra, cruz, aspa e asna.

As peças de primeira ordem, isentando-se o chefe, a cruz e a aspa, dão origem a indeterminado número de peças iguais, mas de menor largura. Na segunda categoria, destacamos a bordadura, campanha, mantel, orla, lambel e girão.

As peças de primeira ordem, têm de largura uma têrça parte do escudo, salvo quando acompanhadas de outras peças ou figuras, podendo reduzir-se a um quarto da largura do escudo, conseguindo-se, assim, conjunto mais equilibrado.

O chapéu eclesiástico, usado desde o século XVII, serve para identificar a categoria do prelado. De sêda, de copa redonda e aba direita, tendo dos núcleos laterais de cordões com borlas, dispostas em ordem decrescente de baixo para cima (ver clichê anexo).

Os ornatos exteriores do escudo são assim enumerados: **tenentes** — constituído por duas figuras humanas ou celestes, que se apoiam no escudo, uma de cada lado; **suportes** — ornatos em forma de animais, que suportam as armas; **cartela** ou **tarja** — ornato caracteristico do século XVII, reservado ao uso da heráldica eclesiástica, sendo também, atributo adequado aos magistrados; **pavilhão** — compõe-se de duas partes: o chapéu e as cortinas, formando o manto. Podem fazer uso do pavilhão: o rei, o príncipe real, os infantes, os duques, os marqueses, os condes, conselheiros do Estado, pares do reino e grã-cruzes, variando sòmente nas côres e bordados. As ordens de cavalaria, militares e honoríficas, empregam, comumente, suas insígnias, como ornamento na parte exterior de seus escudos.

A **brica**, é uma **diferenca** usada para distinguir famílias nobilitadas, de outras que já o eram anteriormente, mas possuiam o mesmo apelido. Coloca-se no primeiro quartel do escudo, tomando a quarta parte dêste. Pode ser **partida, cortada, fendida** ou **talhada.** (ver o brasão de armas do Duque de Caxias).

A **quebra** é também considerada como uma **diferença** que serve para marcar as armas dos filhos ilegítimos, tanto em linhagens reais com populares.

COROA MURAL

Ornato exterior do escudo, em forma de murado ameiado, que se coloca encimando as armas das cidades, vilas e aldeias, diferindo apenas nos número de tôrres. (Vide clichê)

ALGUNS SÍMBOLOS HERÁLDICOS

Damos abaixo, algumas peças heráldicas, cujo significado, na sua maioria, representam realisticamente suas imagens.

Águia — Representa a realeza. Sempre serviu como emblema representativo de vários povos.

Arminho — Símbolo de castidade.

Arruela — Representa dinheiro. Relacionado com moeda.

Azul — Símbolo da nobreza. Majestade, serenidade e formosura.

Banda — Representação do **boldrié** (faixa) onde os cavaleiros das **cruzadas** suspendiam a espada nos torneios.

Bastão — Símbolo da Justiça e do direito.

Besante — O mesmo que arruela.

Bordadura — Inicialmente representava a cota de-armas dos cavaleiros.

Cadeia — Símbolo da escravidão.

Caduceu — Figura representativa de atividade comercial. Sem o capacete é símbolo dos médicos.

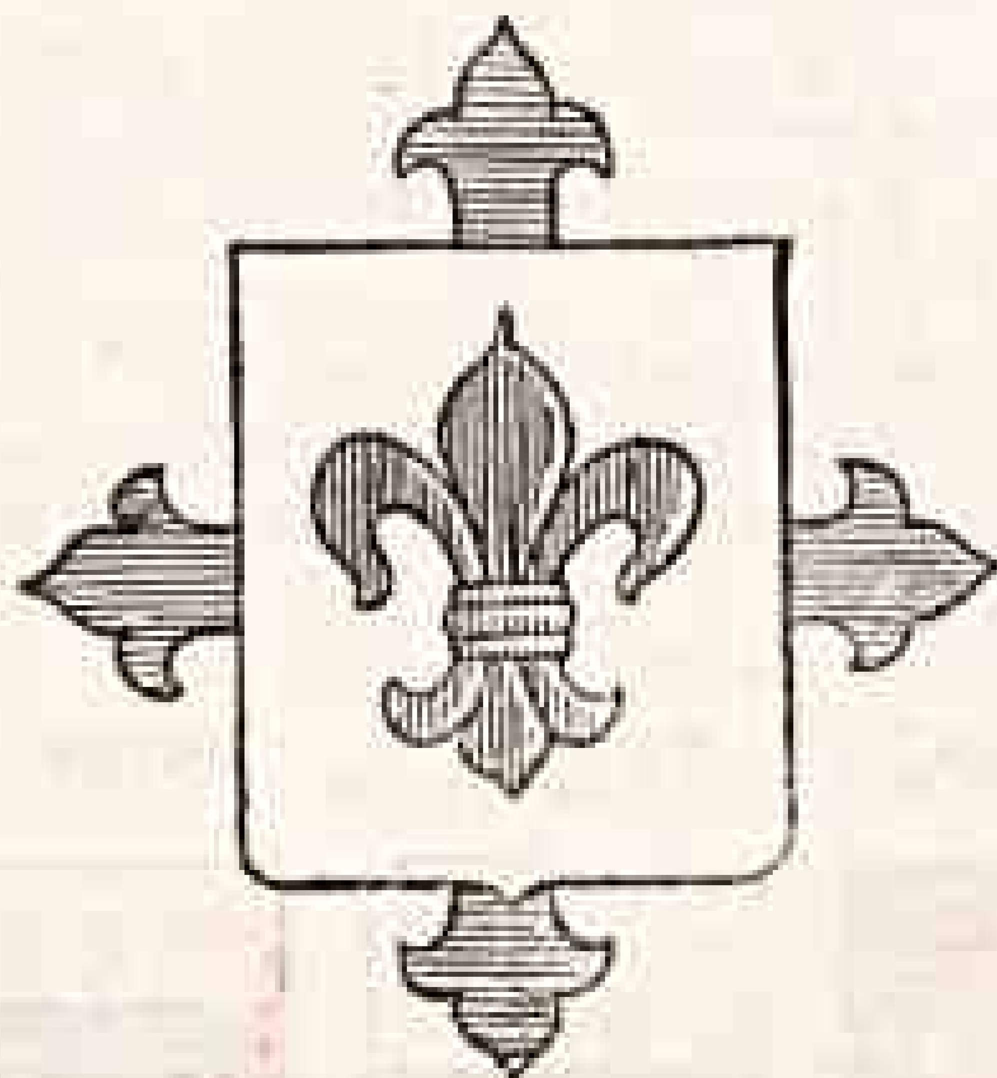
Caldeira — Refere-se aos **Ricos homens** (de pendão e caldeira).

Castelo — Símbolo de feitos heróicos. No Exército, é insígnia de Engenharia.

Chave — Símbolo da fidelidade, poder e confiança. Também alude a sucessos passados com alcaides de casteldos.

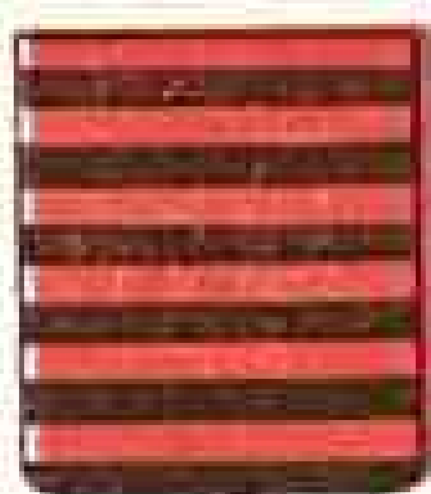
Chefe — Símbolo que representa o fato de ter sido o cavaleiro ferido na cabeça. Peça de primeira ordem, constituída pela parte superior do escudo.

Cornucópia — Representa a riqueza, oriunda do trabalho honesto e construtivo.



As condecorações ficam pendentes do escudo; sendo grã-cruz, pode usar o escudo sôbre a cruz da Ordem.

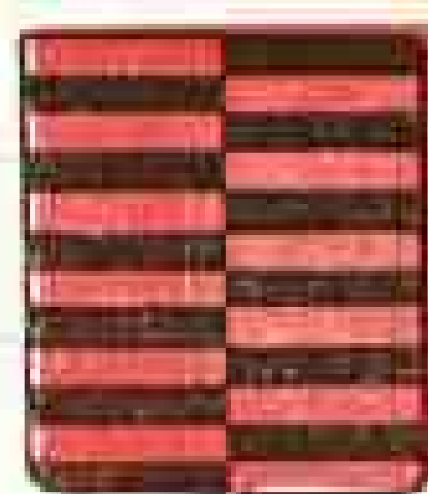

Verguetado

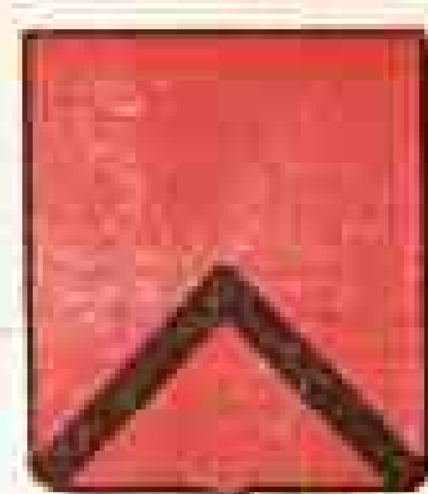

Burelado


Cotticado em banda


Barrado


Chevronado


Faixas partidas


Roquete

Cruz — Recordação das cruzadas.

Dragão — Símbolo da felicidade.

Estrêla — Na heráldica portuguêsa representa vitória sôbre os mouros.

Faixa — Representa a couraça do cavaleiro medieval. Peça de primeira ordem, colocada ao centro do escudo, em sentido horizontal.

Flor-de-lis — Figura que recorda, em muitos casos, a casa real de França. Aparece abundantemente em centenas de brasões e armas.

Leão — Símbolo da vigilância, soberania e autoridade. Também é peça falante.

Lobo — Símbolo representativo de cercos.

Ouro — Riqueza, fôrça, fé, pureza e constância.

Pala — Simboliza a lança dos cavaleiros.

Prêto — Ciência, modéstia, sofrimento, abundância e fertilidade.

Pelicano — Símbolo de dedicação.

Prata — Inocência, candura e lisura. Aplicada aos brasões, representa a côr branca.

Púrpura — Dignidade, poder e soberania. Côr aplicada, geralmente, aos eclesiásticos e religiosos.

Santor — Guião de cavaleiro.

Verde — Esperança, abundância e liberdade.

Vermelho — Valor, intrepidez, ânimo valoroso e espírito decidido; guerra.



BRASÃO DE ARMAS DOS BARRETOS
Escudo ao Ballen

Escudo partido:
No 1.º quartel — as armas dos BARRETOS, que são de arminho pleno.
No 2.º — as armas dos MELOS, que são de vermelho, com uma dobre cruz de ouro, acompanhada de seis besantes e um debrum de ouro.
Timbre — dos BARRETOS — uma meia donzela vestida de arminho em cabelo e sem braços.
Elmo — de prata, com bordadura de ouro.
Paquife — tipo antigo, em ouro e vermelho.
Legenda — «Velle est posse», em memória.

SIGNIFICADO DE ALGUNS BRASÕES

CÔRES E DIVISAS

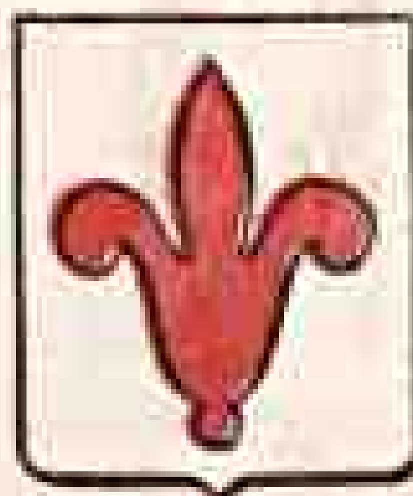
Certas famílias adotaram côres especiais, que ficaram sendo distintivos hereditários. Os condes da Flandres, o verde-escuro; os condes de Anjou, o verde-claro; os duques de Borgonha, o vermelho; os de Lorena, o amarelo; os da Bretanha, branco e prêto; os reis de França, azul. Os vassalos começaram a usar as côres dos senhores feudais, e assim foram aparecendo as côres nacionais, mais tarde usadas nas bandeiras. As pedras preciosas também tiveram significação: a turquesa, indicava revés de fortuna sem desânimo; o rubi, ardor; o diamante, lealdade; a ametista, recato.

As árvores seculares dos parques senhoriais provavam a antiguidade da posse. Quando se queria aviltar algum nobre, cortavam-se essas velhas árvores, ou demoliam-se a tôrre e as ameias de seu castelo.

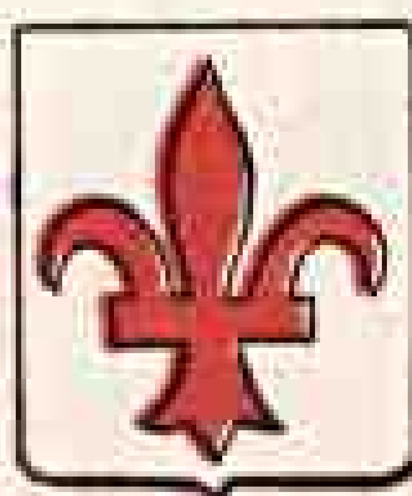
Dezesseis pássaros no brasão dos Montmorency indicavam outras tantas bandeiras por êles tomadas ao inimigo. No marquês de Comanes, nobre espanhol, um rei mouro acorrentado, significava os magníficos triunfos dêste fidalgo em Córdova. Os Michiel de Veneza usavam vinte e um besantes de ouro em banda de prata, porque o doge Domingos Michiel, como chefe de uma cruzada e encontrando-se sem dinheiro, pagou aos seus soldados com

F L O R - D E - L I S


Natural


Antiga


Gótica


Século XIV


Renascença


Século XVII


Século XVIII


Duque


Marquês


Conde


Visconde


Barão

CORONÉIS

moeda de couro, as quais foram, mais, tarde, trocadas por metal sonante.

O cardeal Giovanni trouxe da Terra Santa, quando da sua missão de legado, uma coluna que dizia ser da flagelação; dêste fato nasceu o nome da família Colona, cujas armas representavam uma coluna de prata em campo azul; posteriormente, os seus descendentes encimaram o escudo com uma coroa.

Os descendentes de Pedro, o Eremita, usavam um rosário de ouro e três rosas de prata em campo verde.

Os filhos de cruzados adotaram a cruz, e mais tarde, o crescente muçulmano.

Cristóvão Colombo, para designar a sua gloriosa descoberta, escolheu para cimeira, um globo sobrepujado pela cruz.

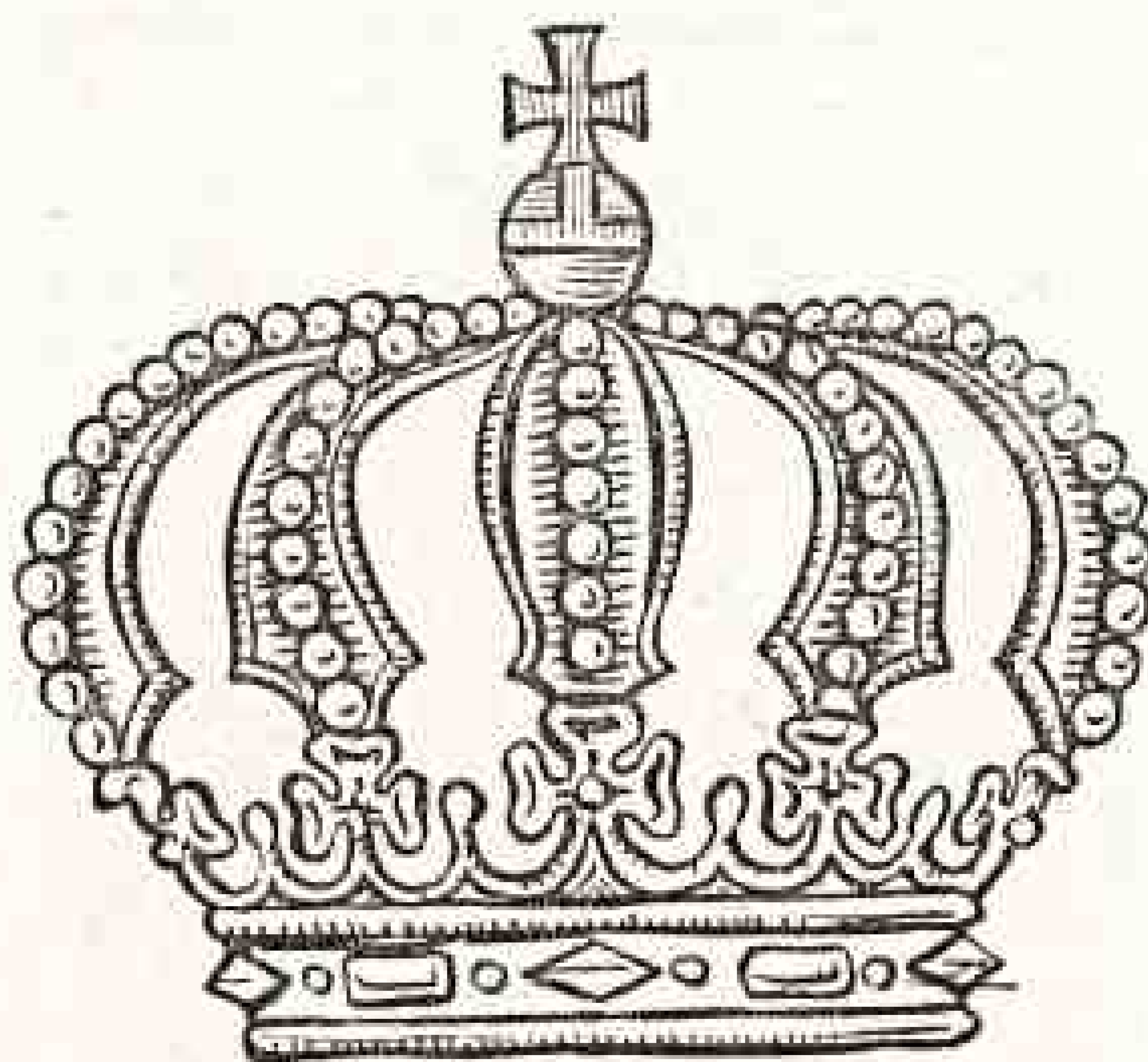
●

Os brasões complicaram-se quando se tornaram insígnias de família; ampliaram-se com a história dos casamentos, das heranças, das genealogias verdadeiras ou supostas. Completou-se, portanto, essa linguagem enigmática, composta de dois metais, cinco côres e duas peles, formada por nove campos, para receberem os emblemas, combinados por êsses metais e esmaltes.

Os brasões revelavam os altos feitos ou crimes do cavaleiro.

Os povoados também adotaram armas, e algumas vêzes tiveram que sustentar ações judiciais para conservá-las.

Por fim, até a classe popular quis ter os seus símbolos: foram êles o emblema que o negociante ou o tecelão aplicava à porta de seu estabelecimento e que passava de pais para filhos, conservando-o honrado e honroso. As confrarias religiosas também criaram os seus brasões, tais como: os círios acesos dos dominicanos; os braços em cruz, dos franciscanos; a divisa dos mínimos de S. Francisco de Paula, **Charitas;** o monograma dos Jesuitas e muitos outros.


COROA REAL

Organizadas as nações, tôdas elas adotaram o seu brasão de armas, que em muitos dos casos foi o dos príncipes chamados a governá-los. Quando o reino se tornava grande, o escudo dos países anexados era esquartelado com o do soberano, significando esplendorosamente a história de um povo nas suas armas.

Nas armas da Inglaterra, estão combinados o leão de ouro e o unicórnio de prata da Escócia; o leopardo de ouro; o dragão de São Jorge, padroeiro da ordem da Jarreteira; o **cavalo sem mê**do hanovriano.

As antigas armas de Moscou, representando um cavaleiro pisando aos pés um dragão, foi adotado pelo grã-duque Ivã III, cognominado o **o Bom,** com a águia de duas cabeças, como escudo imperial da Rússia, em tôrno do qual novas conquistas gruparam mais tarde outros emblemas.

Os romanos adotaram a águia como símbolo de sua soberania.

O escudo primitivo de Portugal, segundo a tradição, alude às cinco chagas de Cristo e aos trinta dinheiros de Judas.

Antigamente, os condes de Sabóia usavam a águia preta em campo de ouro.

Vitor Amadeu II, duque de Sabóia, em 1675 adotou as armas dos reis da Sardenha, colocando-as no centro das suas, esquarteladas com as de Chipre e de Jerusalém, do ducado de Gênova e do principado de Piemonte. Carlos Alberto conservou sòmente a cruz branca em campo **vermelho.**

●

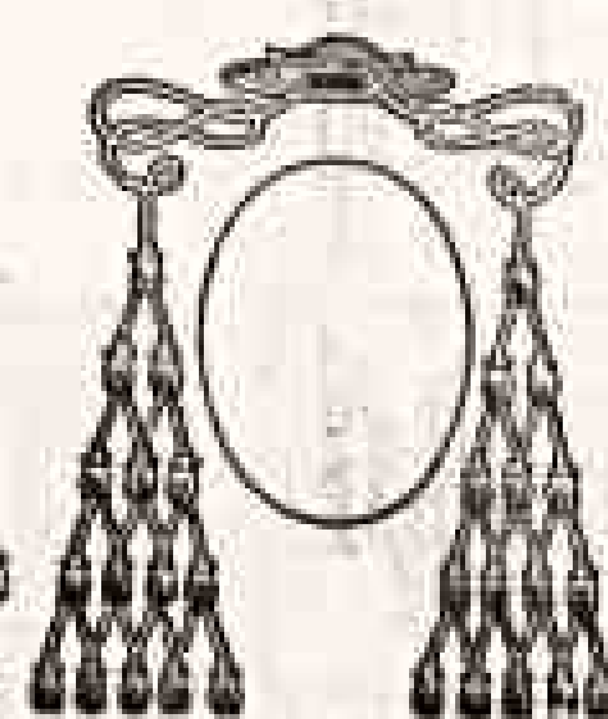
Não se sabe ao certo em que época foi adotado pela França a flor-de-lis. Houve quem julgasse encontrá-la em monumentos antigos e até sôbre túmulos de reis; outros investigadores vêem nelas a lança da infantaria francesa. O mais certo, porém, é que não foram assumidas antes de Luís VII, e só se fala da bandeira das lises a propósito da batalha de Bouvines, em 1214, onde Felipe venceu Oton IV.

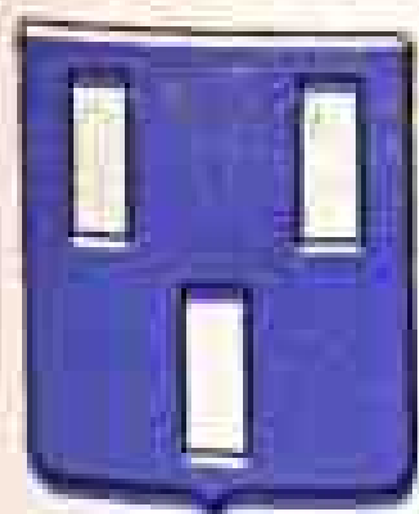
CHAPÉU ECLESIASTICO

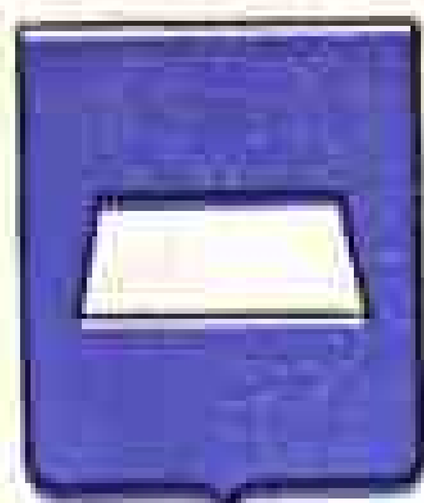

Cônego

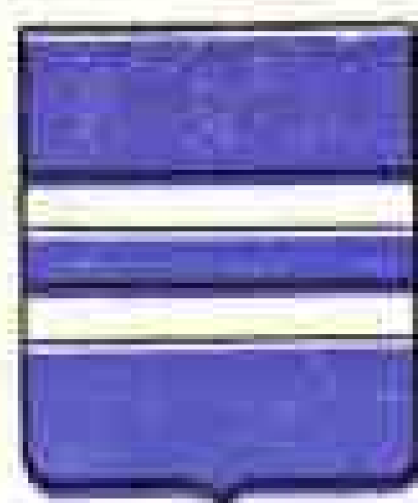

Bispo

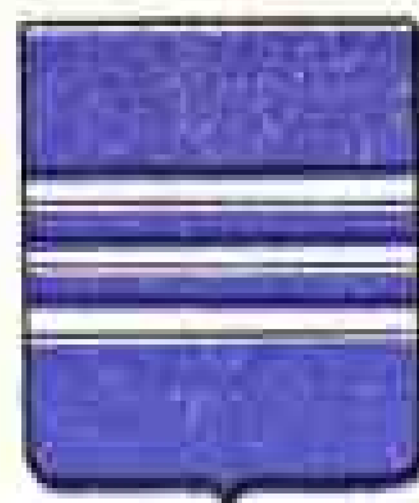

Arcebispo

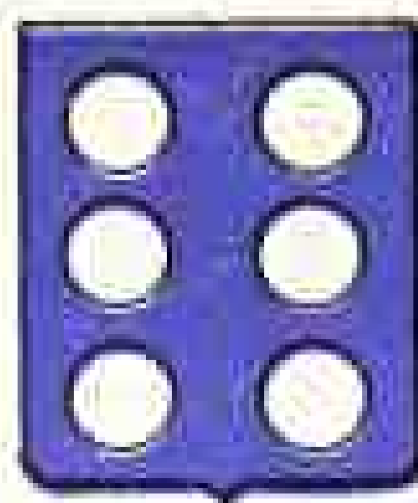

Cardeal

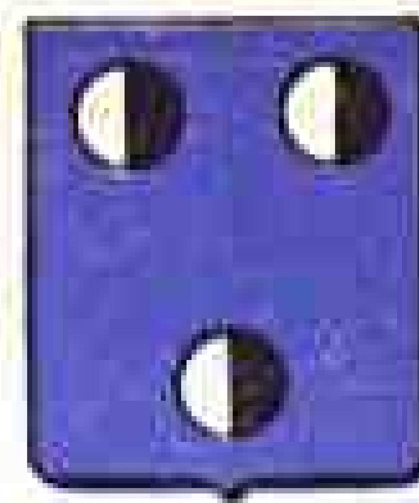

Bilhetas

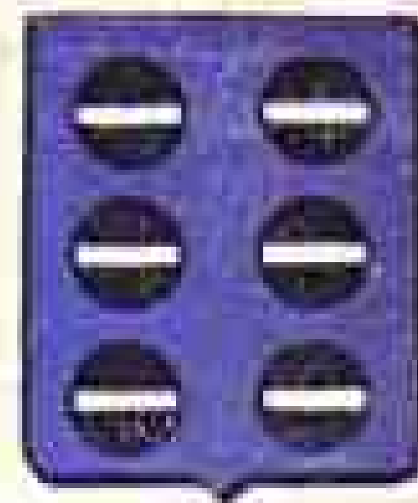

Hamaide


Geminas


Têrça


Besantes


Arruelas


Arruelas filetadas

AS DIVISAS

Para maior requinte de ostentação apareceram as divisas, completando o brasão de armas com pensamentos característicos, marcadas em poucas palavras ou representadas por um símbolo, que recordam a linguagem muda dos tempos heróicos das cruzadas. As divisas eram individuais, raramente hereditárias; apareciam inscritas na armadura, no escudo, nos arreiamentos dos cavalos, indicando uma qualidade ou um sentimento especial. O boi era grafado para simbolisar o cansaço; as abelhas, a indústria; a lâmpada, a vigilância.

A liberdade reconquistada com o ferro, por Brutus e Cassius, rereceu a cunhagem de medalhas com dois punhais e o barrete frígio.

Entre os primeiros normandos que invadiram a Irlanda havia um que levava no seu escudo a seguinte divisa: **Amo o meu Deus, o meu rei, a minha pátria;** o de outro: **Um Deus, um rei;** o de um terceiro: **Ductus, non coactus** (conduzindo e não violentando).

O Senhor de Coucy manifestava o seu orgulho independente nestas palavras: **Roi ne suis, prince ne comte aussi; je sui le sire de Coucy** (Não sou rei, nem tampouco príncipe ou conde; sou o Senhor de Coucy). O seu grito de guerra era **Coucy, à merveille!** (Coucy, às mil maravilhas!).


BRASÃO DE ARMAS DO DUQUE DE CAXIAS

Escudo partido de dois traços e cortado de um. No primeiro quartel, de prata, com um leão de púrpura armado de azul; no segundo, de ouro com cinco estrêlas de vermelho, postas em santor; no terceiro, de ouro com quatro palas de vermelho; no quarto, de azul com cinco brandões de ouro, acesos de vermelho, postos em santor; no quinto, de vermelho, com uma árvore de verde ladeada, à dextra de um crescente de ouro à sinistra de uma flor-de-liz do mesmo; no sexto, de prata com três faixas de vermelho. E, por diferença, uma brica de prata, com um farpão de negro.
Coroa de duque.

A família francesa de Broglie tinha por divisa: **A mil autre** (A nenhum outro), que se referia a Deus ao príncipe ou à pátria.

Os Beaumanoir gravaram em seu escudo esta expressiva divisa: **J'aime qui ni aime** (Amo a quem me ama); os Saint-Martin de Aglié: **Jus in m'mis** (O direito nas armas); os Balbi de Chiero: **Fais devoir** (Faze o teu dever); as trotti Bentivoglio de Milão: **Qux me sustinent porto** (Levo o que me sustenta), com uma âncora.

O grito de guerra da Casa de Tournon era: **Au plus dru** (Ao mais denodado); o dos príncipes de Lorena: **Place à la bannière!** (Lugar à bandeira!) para mostrar que queriam lugar na côrte como no campo de batalha.

Afonso senhor de Gaulaine, tendo sido bem sucedido nas missões que lhe designara o duque da Bretanha, junto ao rei da Inglaterra e ao rei de França, para negociar um convênio entre êles, mereceu de cada um, metade de seus escudos. Gaulaine combinou estas duas metades com dois **AA** coroados e ligados por um outro menor, e escreveu: **Tenho de acôrdo uma e outra coroa.**

Godofredo de Bouillon, quando do cêrco de Jerusalém, atravessou com uma de suas flexas três pássaros que tinham pousado na tôrre de David; êstes pássaros figuram sôbre uma faixa preta, no escudo da casa de Lorena, com a divisa: **Casusne, Deusne?** (Foi o acaso? Foi Deus?)

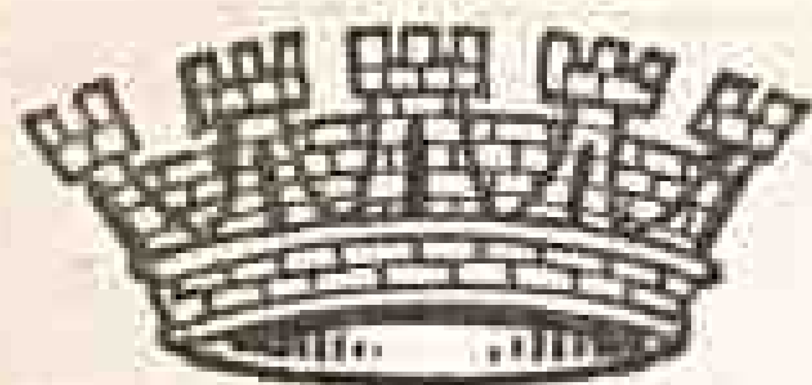
Quando São Luís casou com Margarida de Provença, deu-lhe um anel de margaridas e flores de lis, alternadas, com um crucifixo no meio desta inscrição: **Hors cet anel, pourrions- nour trouver amour?** (Fora dêste anel, poderíamos nós encontrar amor?) A divisa desta rainha era uma margarida dos campos, com as seguintes palavras: **Reine de la terre, servante du ciel** (Rainha da terra, serva do céu).

Virgilio Orsini tomou por divisa um camelo turvando uma fonte, e por legenda: **Il me plait la troubler** (Apraz-me turvá-la), alusão a êsses capitães aventureiros que viviam das desordens.

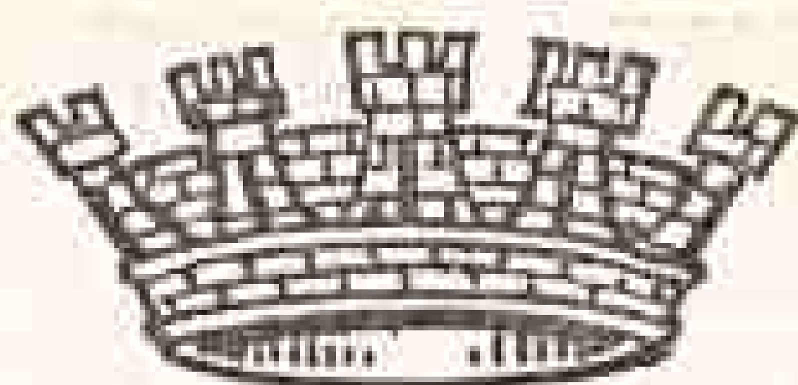
Quando Pedro de Bourbon casou com Ana de França, filha de Luís XI, os cortezãos tomaram por brasão um **P** e um **A**, iniciais dos nomes dos cônjuges, prêsas a um cardo (**chardou**); representando **cher don** (querida dádiva).

O rei da Boêmia, que combatia ao lado dos franceses na batalha de Grécy, tinha no capacete três penas de avestruz, e por legenda: **Ich diene** (Sirvo).

Ns séculos XVI e XVII as divisas chegaram a ser uma mania luxuosa, e os mais notáveis homens de letras da época tudo fizeram para satisfazer a vaidade caprichosa de seus protetores. Um adotou o Etna coberto de neve, como esta divisa: **Um coeur**



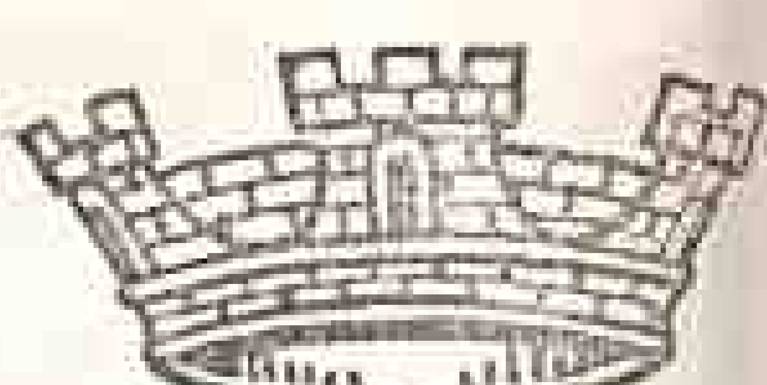
CAPITAL
(Ouro)



CIDADE
(Prata)



VILA
(Prata)



ALDEIA
(Prata)

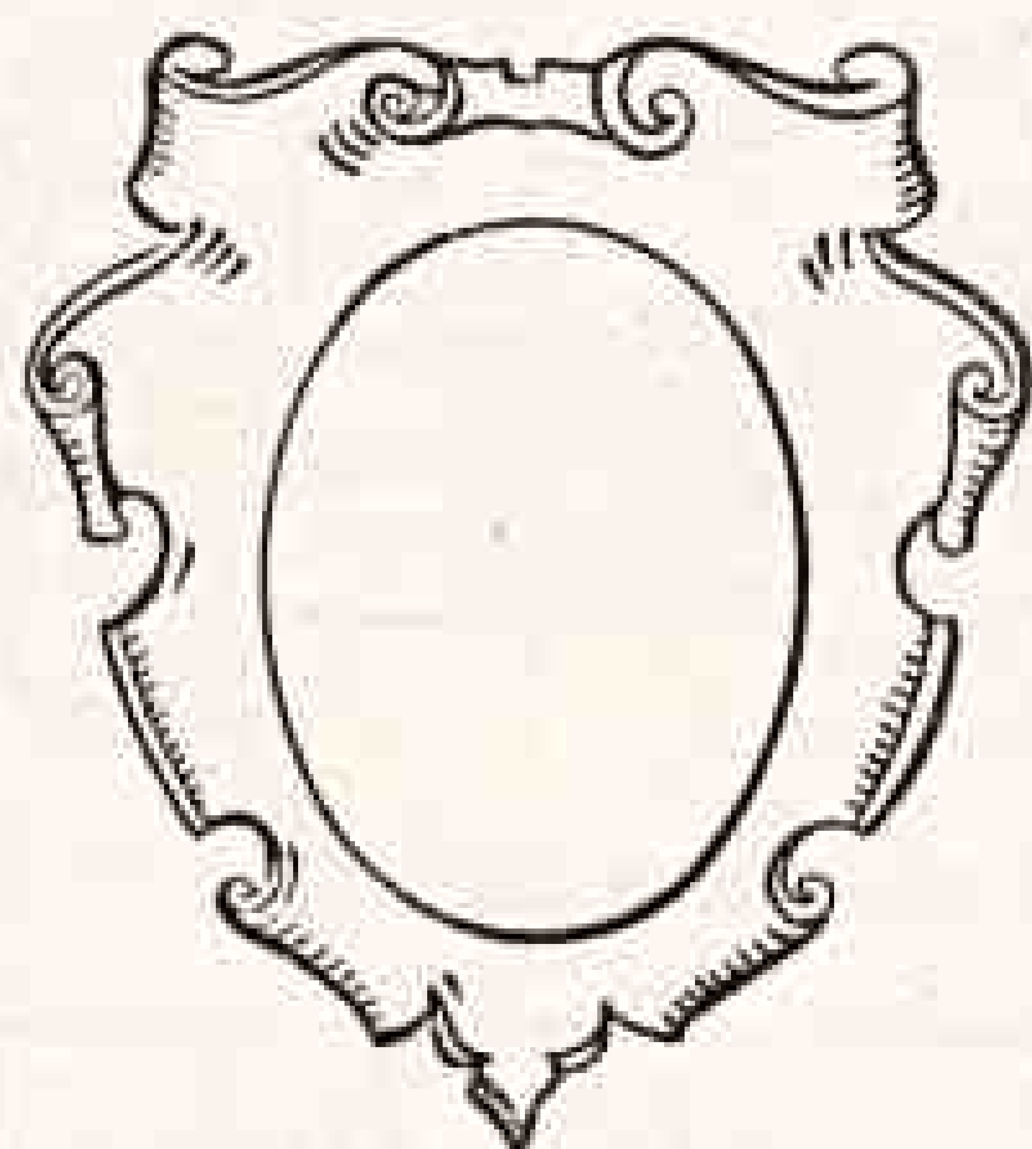
COROAS MURAIS

de feu sous des formes glacées (Um coração de fogo sob aparências geladas); outro, um botão de rosa com a inscrição: **Moins elle se montre, plus ele est belle** (Quanto menos se mostra, mais formosa é): êste, um nó, com a inscrição: **Jamais il ne se denouera** (Nunca se desatará); aquêle, um sol coberto de núvens, e o mote: **Tandi que je me cache aux autres je brille pour moi même** (Se estou encoberto para os outros, brilho para mim próprio). A divisa de Madame de Sévigné era uma andorinha acompanhada com estas palavras: **Le froid me chasse** (O frio repele-me). Carlos V aludindo ao descobrimento da América, adotou para divisa as colunas de Hércules com a legenda: **Plus ultra** (Mais além). Luís XII, adotou um ouriço com a legenda: **Cominus eminus** (De perto e de longe). Manuel de Sabóia, um elefante, **Infestus infestis** (Inimigo dos inimigos). O conde de Vert assim chamado devido a côr de suas armas, tinha por insígnia os laços de amor, que passaram para as armas da casa de Sabóia. Lourenço de Medicis criou o emblema para a ordem do Diamante, com a representação de uma agulha magnética, e o dístico: **Semper rectus** (Sempre reto); Alexandre, duque de Florença usava como emblema, um rinoceronte com a legenda: **No vuelvo sin vencer** (Não volto sem vencer).

Quando a Áustria ambicionou o mundo, adotou as vogais AEIOU, que significava: **Austria Est Imperare Orbi Universo.** (A Áustria deve dominar em todo o Universo).

A divisa consta de **alma** e **corpo**, isto é, de palavra (alma) acompanhada de figuras (corpo) alusivas, que significam um sentido ou intenção. As divisas não são hereditárias como as armas de família. Um mesmo cavaleiro pode ter, simultâneamente, várias legendas, trocando-as consecutivamente. Isto não quer dizer que as famílias, muitas vêzes, não tenham interêsse em perpetuá-las.

PAVILHÃO



TARJA

As divisas são colocadas, geralmente, dentro de uma fita, à semelhança de tiras de pergaminho, que, quando colocada na parte inferior do escudo, recebe o nome de **tensão**, isto é, desempenha a mesma função, em relação às armas. Se a divisa aparece rodeando o **timbre**, toma o nome de **grito de guerra**. Só é usado pelo chefe da Família. Os **gritos de guerra** se davam nos combates.

VOCABULÁRIO HERÁLDICO

Registro de alguns têrmos mais usados na arte de blasonar:

Abarca — Antigo calçado usado na península ibérica.

Abelha — Representa-se em pala, espalmada, de asas abatidas.

Aberto — De tal **côr** (castelo ou tôrre).

Abocado — **A banda** cujos extremos são abocados por duas cabeças de serpente. E' sinônimo de engulido.

Abotoada — Botão da **rosa heráldica** quando é diferente da côr das suas pétalas.

Abismo — Figura que se coloca no meio do escudo.

Acantonada — Peça móvel ou figura que se coloca no canto do escudo. **Acantonada:** um em cada canto.

Acostada — Ou **ladeada**, é a peça ou figura que se coloca entre duas figuras de valor secundário representadas em **faixa**.

Acompanhada — Diz-se da peça ou figura principal do escudo, que está no campo juntamente com outras peças ou figuras secundárias, que **acompanham** em **chefe**, em **ponta** ou em **orla**, conforme o lugar que ocupam.

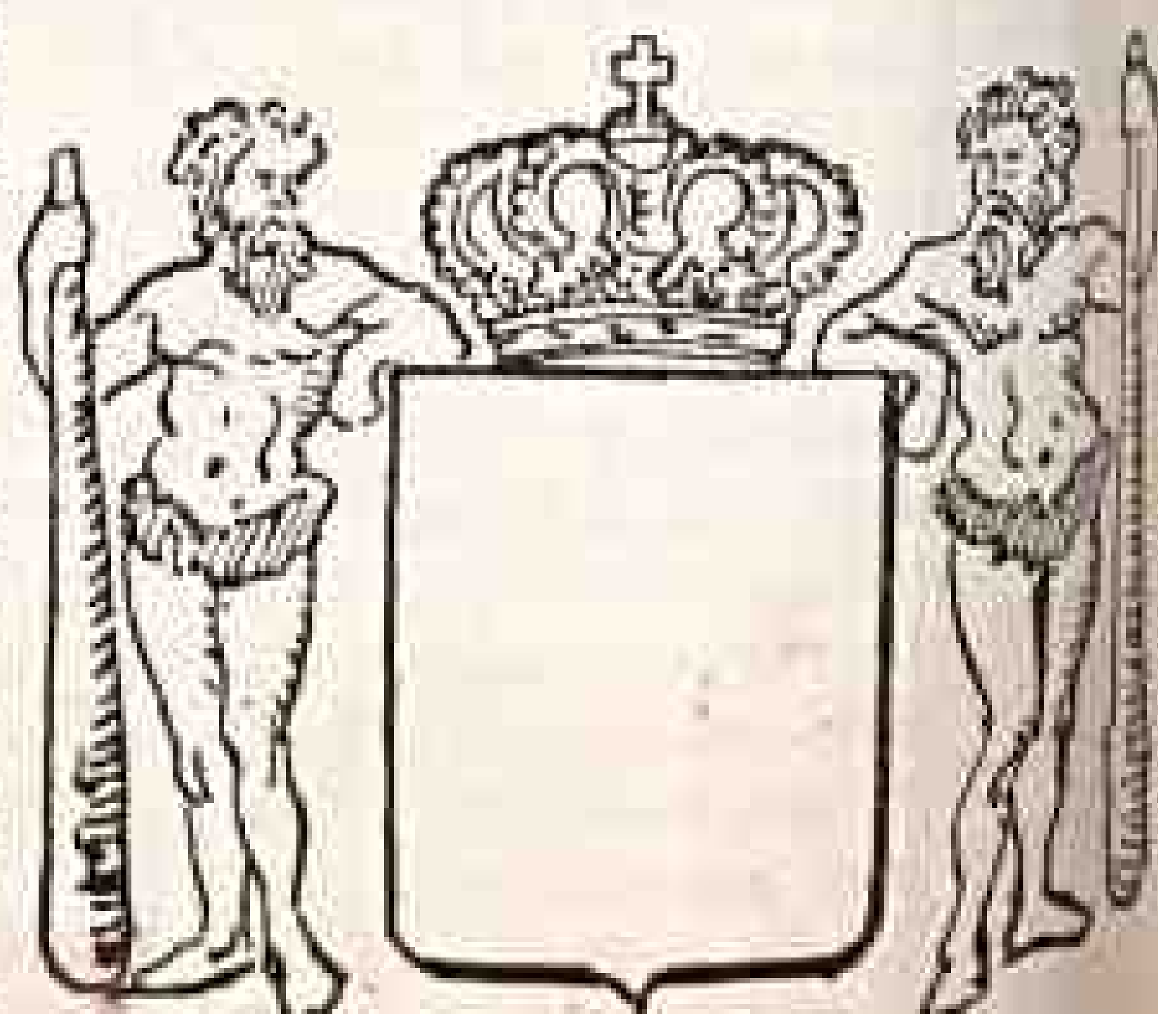
Adarga — Pequeno escudo ovalado ou em forma de **tarja**, geralmente guarnecido por uma bordadura.

Adestrado — O mesmo que ladeado à direita, ou **tendo à direita**.

Adossadas — Figuras de con-



SUPORTES



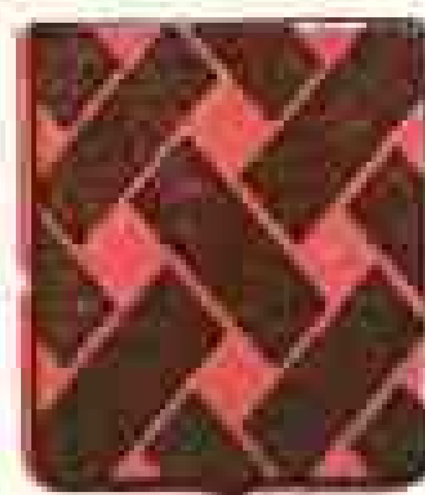
TENENTES


Faixas fendidas


Faixas talhadas


Contra-bandado


Contra-palado


Fretado


Lisonjado


Fuselado

tôrno irregular, alinhadas em chefe, estando a do lado esquerdo ...

Afrontadas — O inverso de **adossadas.**

... — Representação da água. Refere-se ao rio e ao Mar.

Aguieta — Nome que tomam as águias, quando aparecem mais de uma no escudo.

...**abarda** — Espécie de lança, rematada horizontalmente por um cutelo e uma **choupa.**

...**rada** — Jarra com duas asas.

...**moiada** — Representa-se com borlas nos seus quatro cantos. Também se chama **coxim.** Figura nas armas como diferença.

Amedrontada — Serpente prêsa nas garras de uma águia.

Ameias — Reentrâncias retangulares que se alternam com saliências do mesmo formato, rematando as **tôrres** e **castelos.** A sua largura é pouco menor do que seus espaços entre si.

Am iada ou crene'ada — Peça rematada com ameias.

Ancora — Insígnia naval. Tôda ela pode ser de côr diferente.

Anjo — Figura celestial.

Anel — Aro circular. Mais de um, tomam o nome de anelete.

Apontadas — Denominação das figuras que se tocam pelas extremidades.

Arcadas — Caldeiras que têm os arcos de outra côr.

A...o — Arma ofensiva.

Armado — Diz-se de qualquer animal, quando apresenta as unhas ou garras de outra côr.

Arminhada — Peça ou figura formada, ou carregada de **pontos** de arminho (p le).

Arrancada — E' a árvore que tem as raizes visíveis, podendo ser de côr diferente.

Arruela — Peça honrosa.

A'ada — Peças enfaixadas.

Atravessante — Designação da peça que corta o escudo de lado a lado ou de canto a canto, passando sôbre tôdas as peças.

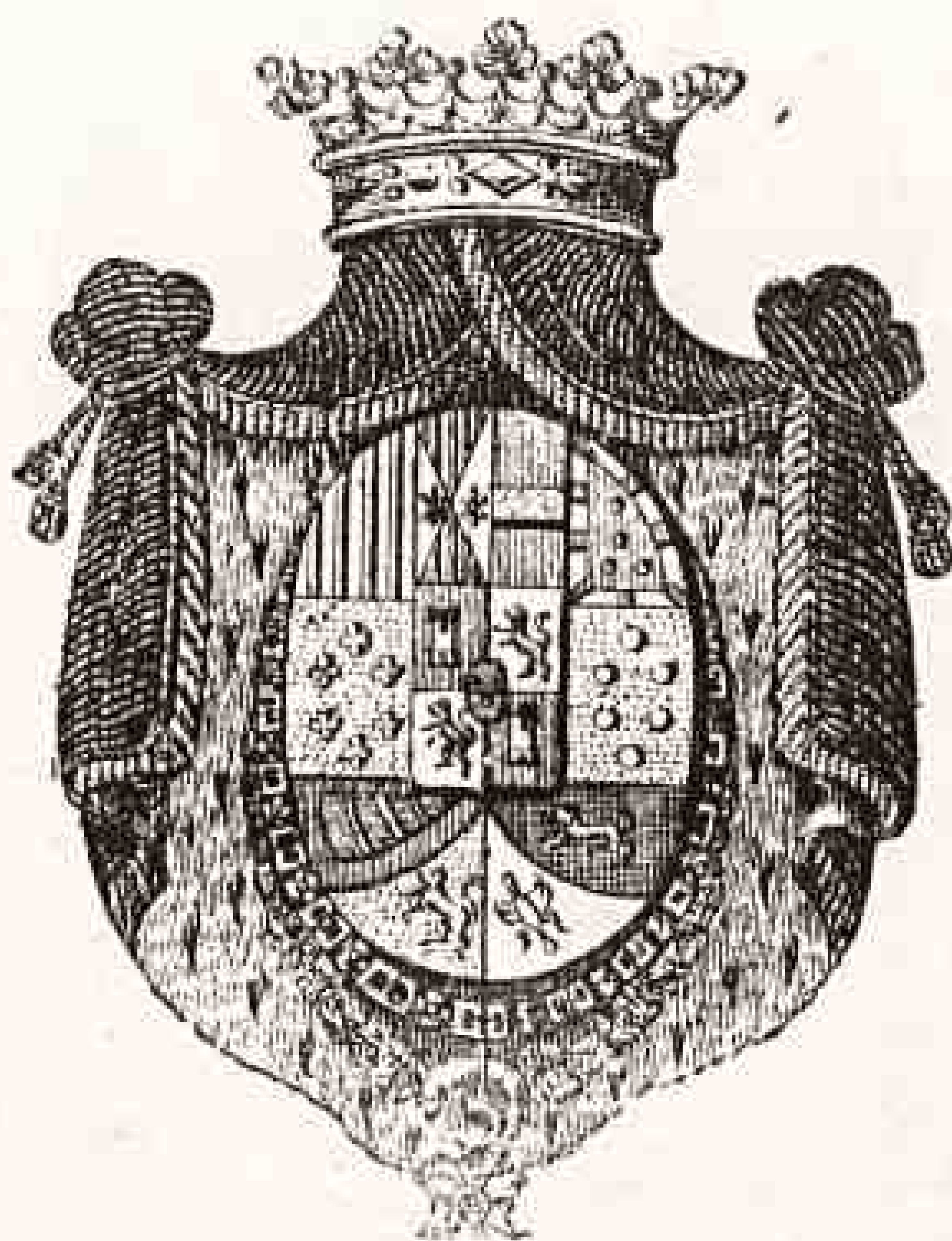
Asa — Membro superior das aves. Coloca-se sempre em pala.

Ballon (Ao) — Maneira de colocar o escudo. (Ver o brasão dos Barretos).

Baluarte — Dois lanços de muralha encimados por uma tôrre.

Banco de pinchar — O mesmo que lambel.

Banco de pinchar — O mesmo que lambel.


ARMAS REAIS

Banda — Peça de primeira grandeza.

Batalhantes — Dois animais, voltados um para o outro em posição de combate.

Besante — Peças circulares, sempre de metal.

Besantado — Campo semeado de besantes.

Bicada — Ave que tem o bico de côr diferente do corpo.

Bilheta — Peças de formato retangular, postas em faixa ou deitadas; cheias, vazias ou furadas.

Bilhetado — Campo semeado de bilhetas.

Bordadura — Peça principal do escudo. Também usada com diferença.

Botão — Centro da rosa heráldica.

Braço — Membro superior do corpo humano.

Brasão — Escudo de armas. Ensígnia de pessoas, famílias ou cidades.

Brasonar — Arte e ciência de redigir e descrever o escudo de armas — **brasões** — dentro da terminologia própria e adequada.

Brica — Pequeno espaço no canto do escudo, para distinguir a linhagem dos filhos segundos.

Brocante — Peça ou figura que se sobrepõe a diferentes côres do escudo. O mesmo que **atravessante.**

Busto — Parte superior do corpo humano. Representa-se sempre de frente.

Camisa-de-armas — Peça defensiva do tronco, formada de tiras de couro.

Campanha — Peça que ocupa a parte inferior do escudo.

Campo — Área total do escudo.

Cantão — Espaços resultantes do esquartelamento do campo do escudo por uma cruz chã, formada por uma pala e por uma faixa.

Cantonada — Diz-se das peças dispostas nos **cantões** do escudo.

Canto — O mesmo que ângulo.

Capela — O mesmo que grinalda.

Carnação — Denominação dada à côr do corpo humano.

Carregada — E' a peça sôbre a qual estão colocadas outras figuras.

Casco — Peça defensiva da cabeça.

Castelo — Peça rematada por três tôrres. Tanto a muralha como as tôrres são lavradas. No Exército, é símbolo de Engenharia.

CRUZ

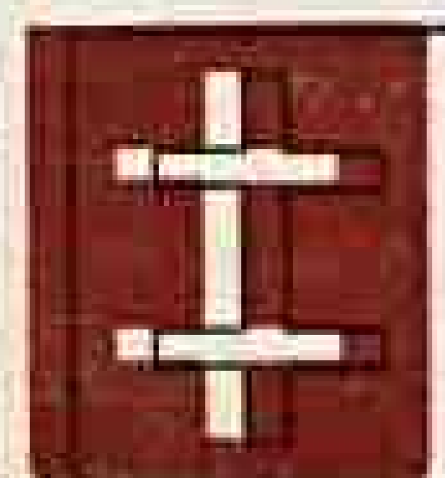

Latina


Florenciada


Pátea


Potentcia


Recruzetada


Lorena


Flordelizada

Catavento — Remate de cúpula.

Centro do escudo — Ponto de honra.

Chefe — Peça de primeira ordem. O **chefe** é constituido pela parte superior do escudo.

Coleirado — Diz-se do animal que tem coroa ou coleira enfiada no pescoço.

Contra-passante — Dois animais passantes, um sôbre outro, o de baixo em direção ao flanco esquerdo.

Coroa de louros — Diadema feito com dois ramos de loureiro, curvados, cruzando-se em **ponta** e em **chefe.**

Coroado — Tudo que é encimado por uma coroa

Coronel — Aro de ouro carregado de pedrarias.

Cótica — Peça estreita que atravesa o escudo.

Crescente — Figura de terceira ordem.

Cruz — Peça heráldica de primeira ordem.

Cruzeiro — Cruz alta, pousando nuns degraus.

Dragão — Figura fantástica. Representada de perfil.

Elmo — Espécie de capacete, defensivo da cabeça.

Embocada — Trompa ou busina, com **bocal** de outra côr.

Empunhada — Espada que tem o punho de outra côr.

Entrelaçadas — Peças ou figuras que passam umas pelas outras.

Escudo — Peça em que se representam as figuras das armas nobiliárquicas.

Esmaltes — Denominação das côres empregadas na heráldica.

Esquartelado — Diz-se do escudo dividido em quatro partes iguais.

Estendida — Qualquer ave que tem as asas totalmente abertas, de pontas voltadas para o **chefe.**

Estrêla — Figura natural. Compreende-se de cinco pontas quando não faz referência ao número de raios.

Faixa — Peça de primeira grandeza.

Firmadas — São as peças que tocam os bordos do escudo.

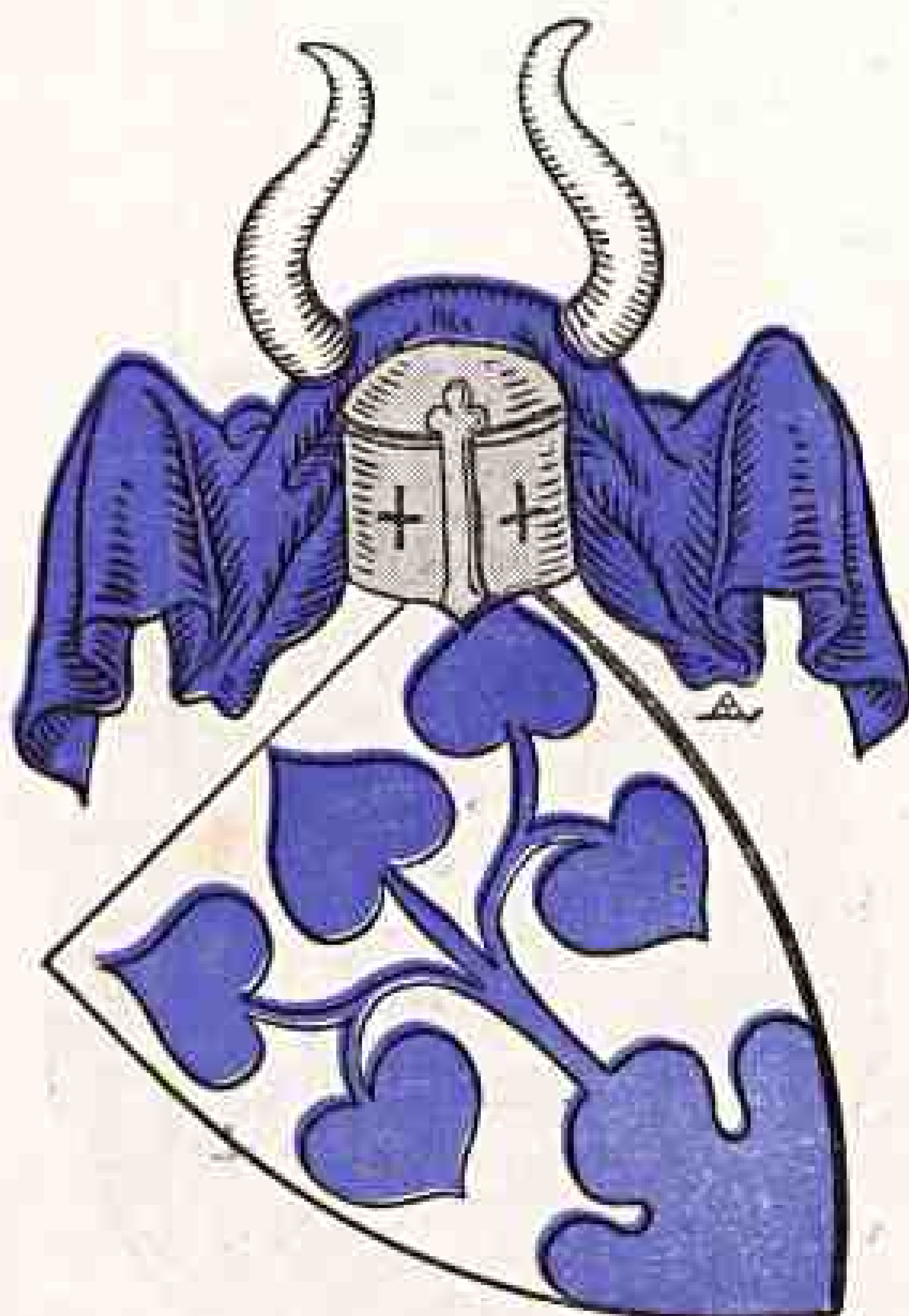
Flexa — Arma ofensiva.

Flor-de-lis — A mais nobre das flores heráldicas.

Florão — Fôlha de acanto trilobada.

Forrado — Diz-se do **paquife.**

Frutada — E' a árvore que tem frutos de côr diferente.



Escudo de armas alemão, do século XIII. Os dois chifres indicam que o escudo foi inspecionado, duas vêzes, pelos arautos.

Gotado — Ornado de gotas.

Grifo — Figura fantástica.

Grimpada — Tôrre coberta, rematada por um catavento ou por outra peça que se mencione.

Guarnecido — Diz-se do elmo que tem ornatos de ouro no **gorjal** e na **viseira.**

Lambel — Banda, com três pingentes, atravessada horizontalmente na parte superior de um escudo.

Leão — Representa-se normalmente, **rampante,** isto é, firmado nas patas trazeiras.

Leopardo — Representa-se geralmente **passante** e sempre com a cabeça de frente e a mão direita levantada.

Linguado — De qualquer animal que tem a lingua de outra côr.

Luzeiro — Estrêla de dez raios.

Manopla — Luva que fazia parte da armadura.

Mantel — Peça heráldica de primeira grandeza.

Merleta — Ave heráldica, sem pés nem bico. Representa-se de perfil.

Nascente — O animal de que só é aparente a parte anterior do corpo.

Navio — Na heráldica é representado pela galé grega.

Nimbo — Arco luminoso que contorna a cabeça das divindades.

Nodoso — Tronco provido de nós.

Paquife — Folhagem ornamental, que se estende pelo escudo, saindo do virol do elmo.

Passante — Atitude normal de certos quadrúpedes.

Pátea — Forma de cruz.

Peles — Arminhos e veiros.

Pendão — Estandarte em forma triangular.

Patentéia — Forma de cruz.

Quaderna — Grupo de quatro peças.

Quadrifólio — Flor imaginária de quatro pétalas

Quina (De) — Pôsto de ângulo para o observador

Roquete — Colocação de peças em triângulo.

Rosa-heráldica — E' constituida de cinco pétalas Ao centro tem um botão.

Sinistrado — Tendo à esquerda.

Sustida — Peça que assenta sôbre outra.

Terno — Conjunto de três peças iguais.

Trepante — Atitude de um animal subindo.

Trifólio — Flor de três pétalas. Não tem pé. E usada como diferença.

Unidas — Peças justa-postas.

FONTES CONSULTADAS

EGON PRATES PINTO e LUÍS GOMES LOUREIRO — "Armorial Brasileiro" — Edição da "Revista da Semana".
GUSTAVO BARROSO — "A Heráldica dos Vice-Reis" — Anais do Museu Histórico Nacional, Vol. III-1942.
CLÓVIS RIBEIRO — "Bandeiras e Brasões do Brasil" — São Paulo — 1933.
BIADELLI (Comte.) — "Petit Traité de Blason".
SMITH DE VASCONCELOS (Barão) — "Arquivo Nobiliárquico Brasileiro" — 1918.
SANTOS FERREIRA — "Armorial Português".
ARMANDO DE MATOS — "Manual de Heráldica Portuguêsa".
ALEJANDRO ARMENGOL Y DE PEREIRA — "Heráldica".
A. V. KELLER — "Leitfaden der Heraldik".

O CENTENÁRIO DA AGÊNCIA REUTER

Atingiu em 11 de julho de 1951, à respeitável idade de 100 anos, a Agência Reuter, inglêsa, porém filha do barão alemão Paul Julius Reuter, nascido na cidade de Cassel em 1816.

A eficiente agência de hoje começou aligera, alada, arrulhante: começou com pombos-correio. Seu primeiro triunfo foi obtido quando, em 1858, o «Times» publicou um discurso de Napoleão III enviado pelo agente da Reuter em Paris.

Julius Reuter era um dêsses homens que, antes de vencer, todos chamam de «esquisitos». Tinha a mania de novidades como o telégrafo e sonhava adaptar o novo meio de comunicação entre os homens para a rápida circulação de notícias. A tendência de quem o ouvia era dar de ombros: para que é que os alemães haviam de saber com urgência o que se passava na França?... Foi, aliás, na França, que Reuter quis começar a sua agência. Como o govêrno opusesse muitas exigências à sua estranha idéia, Reuter passou-se com armas e bagagens para a Inglaterra, iniciou sua agência e naturalizou-se cidadão britânico. Aquêle tempo fôra lançado o primeiro cabo submarino de que há notícia, entre Calais e Dover.

Reuter teve de começar timidamente, mandando seus despachos por pombos ou ferrovia, mas o êxito de 1858 pôs sangue novo na emprêsa. Ela cresceu tanto pelo mundo inteiro que, em 1866 lançava um cabo seu entre Cork e Crookhaven, o que lhe deu a possibilidade de fazer circular as notícias sôbre a Guerra de Secessão, americana várias horas antes de chegar a Liverpool o vapor que as trazia. Ligando-se à Anglo-American Telegraph Company, a agência Reuter estendeu-se à França e aos Estados Unidos. Paul Julius Reuter morreu barão, título que lhe foi concedido pelo Duque de Saxe-Coburgo e Gotha e que a Rainha Vitória lhe permitiu que usasse e transmitisse aos herdeiros. Isto em 1899. O homem das idéias estranhas morria conceituado, famoso, enobrecido.

E deixava atrás de si, como fruto de uma vida intensa, a Agência Reuter, que fêz um século mas continua a vibrar pelos quatro cantos do mundo cheia de juventude.

A data foi dia de festa não sòmente em Fleet Street mas pelas redações desta terra em fora.

★

Os Norte-americanos comeram, em 1950, 560 milhões de quilos de queijo.

COMO SÃO ESCOLHIDOS EM ROMA OS NOMES DO SANTORAL PARA A IGREJA DE SÃO PEDRO

As canonizações promulgadas por Sua Santidade, no correr do Ano Santo e particularmente a última delas, a da mártir Maria Goretti, atraíram a atenção do público para a suprema recompensa espiritual que se pode conceder no mundo dos crentes em Cristo. Antes de relatar, de maneira sucinta, como o Chefe da Igreja Católica incorpora os cristãos eleitos por Deus, infalivelmente, à gloriosa Lista (do grego: **canon**), devemos assinalar que, evidentemente, na intenção da Igreja, êsses santos não são os únicos que povoam o céu. A Providência quis deixar sôbre a terra a marca de uma preferência divina. Êsses eleitos e apontados aos olhares e à veneração do mundo são canonizados, isto é, **incorporados à "Lista"**. Há, por conseguinte, duas classes de eleitos: os que Deus assinalou sem que nada revele exteriormente a sua eleição, e os outros, que a todos nós é dado conhecer, graças à decisão da Igreja. Compreende-se que a canonização é, de tôdas as discriminações, a mais difícil; a que se conduz com o maior escrúpulo, a que exige os conhecimentos espirituais mais extensos e os exames mais completos do comportamento **moral** dos homens, e também de sua existência material. Isso explica o grande volume constituído por alguns processos de canonização. Joana d'Arc pereceu queimada, em 1413 e só foi beatificada em 1909 e canonizada em 1920. Joana de Valois, fundadora da ordem das "Adoradoras", nos começos do século XVI, só foi canonizada em 1950.

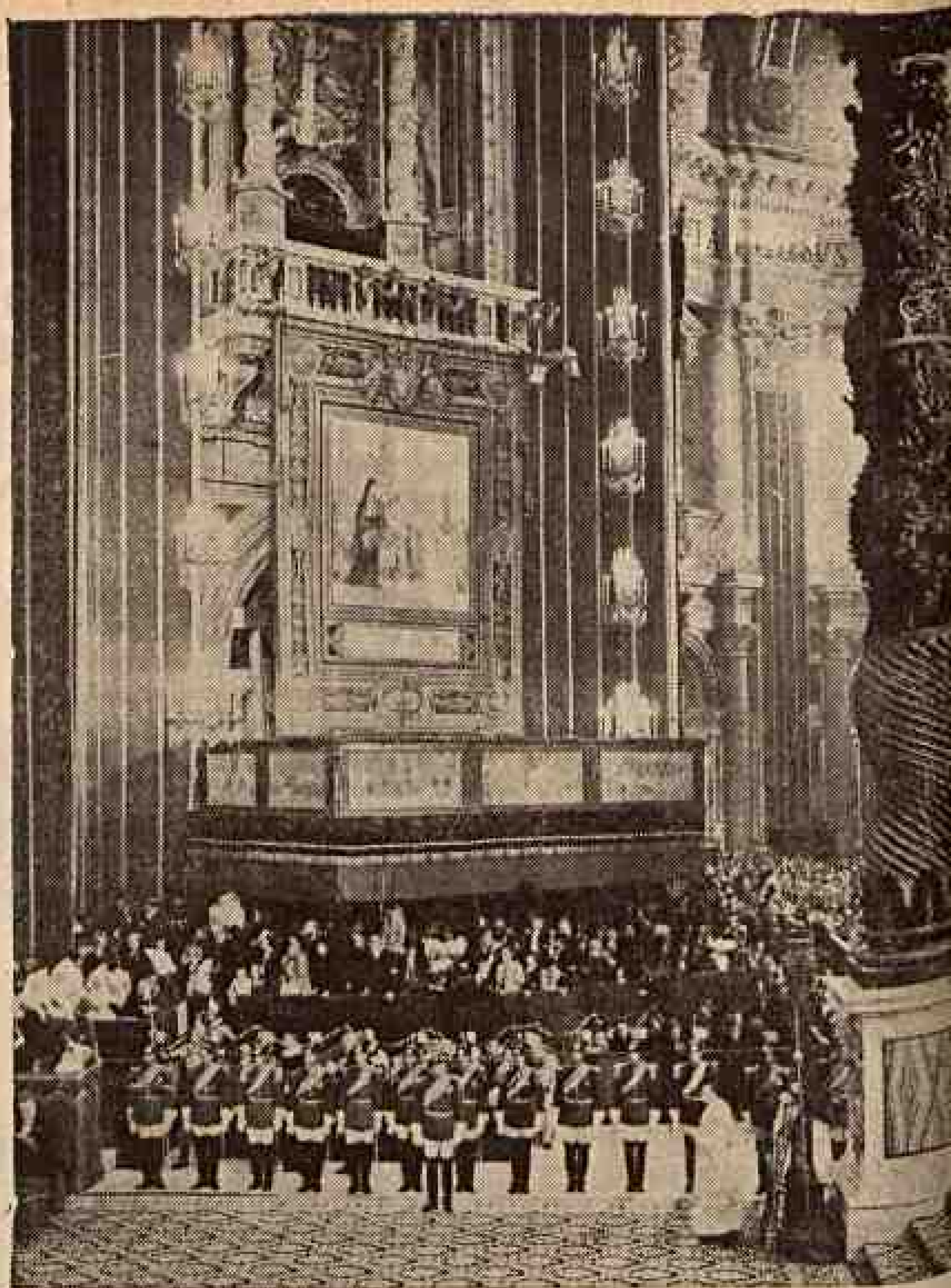


S. S. o Papa pede ao Céu que o ilumine com as suas luzes, a fim de pronunciar um veredito que seja o prêmio da Verdade.

BENEDITO XIX, O LEGISLADOR CANÔNICO

A palavra canonização data do século XII; porém desde os primeiros tempos a Igreja rendeu culto pùblicamente aos que confessaram a Cristo (em grego: **mártires**), aos apóstolos, às pessoas virtuosas — que são citadas no Novo Testamento — e, finalmente aos cristãos extraordinários. O bispo de Roma, Clemente, já prescrevera indagações a fim de redigir a **lista** de mártires assim reconhecidos; isto é: dos que haviam sido atormentados por seu testamento de fidelidade a Jesus e não por outras razões.

Mais tarde, houve erros e mesmo, abusos, inevitáveis, embora a partir do século V a autoridade eclesiástica já procedesse a verdadeiras investigações oficiais. No século X, o Papa João XV examinou pessoalmente as causas e pronunciou a primeira canonização conhecida: a do bispo de Augsburgo, Ulrico de San Gail, que havia lutado contra as invasões dos pagãos húngaros. Porém, a partir de Alexandre III (1170) e e de Inocêncio III (1200), os papas se reservaram o privilégio de decidir das canonizações sem recurso possível. Os papas Urbano VIII e, principalmente, Benedito XIV, em 1745, completaram esta legislação sagrada. Hoje estão em vigor as regras publicadas por Benedito XIV.



Uma das cerimônias da canonização de Maria de Jesus Paredes, santa sul-americana.

O PRIMEIRO PROCESSO QUE CRIOU A QUALIFICAÇÃO DE "VENERÁVEL"

Para que o Tribunal de Roma possa pronunciar uma canonização, têm que haver transcorrido (em princípio), cinqüenta anos, pelo menos, depois da morte da pessoa que a devoção pública tem por santa. Também é preciso que a família ou o bispo dá diocese ou, — em se tratando de um religioso — **o geral da ordem,** haja apresentado às autoridades romanas uma solicitação.

Quando a Congregação de Ritos recebe a solicitação, ordena uma profunda investigação, que é feita **sôbre o terreno,** e sob a autoridade do bispo da diocese, onde o defunto realizou milagres ou naquela onde faleceu.

O bispo está rodeado de quatro acólitos ou "juizes", cuja missão consiste em reunir os testemunhos e documentos (que em geral têm que ser traduzidos para o latim e que são copiados, selados e enviados a Roma. Se, por infelicidade, os selos se partirem durante a viagem, é necessário começar novamente a investigação.

Os investigadores agem seguindo ritos meticulosamente observados; entre outros, a exumação do corpo.

Para levar a bom têrmo as indagações concernentes a Teresa de Lisieux e a Jacinta, de Fátima lo-

---

.. O CENTENARIO DE PINHEIRO MACHADO ..

O govêrno, a família e os admiradores de José Gomes Pinheiro Machado celebraram, em 8 de maio último, o centenário do seu nascimento, ocorrido em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, no dia 8 de maio de 1851. Aluno, aos 15 anos de idade, da Escola Preparatória, anexa à Escola Militar da Côrte, abandona os estudos, sem consultar os superiores ou a família, para integrar o Corpo dos Voluntários da Pátria, na luta contra os paraguaios.

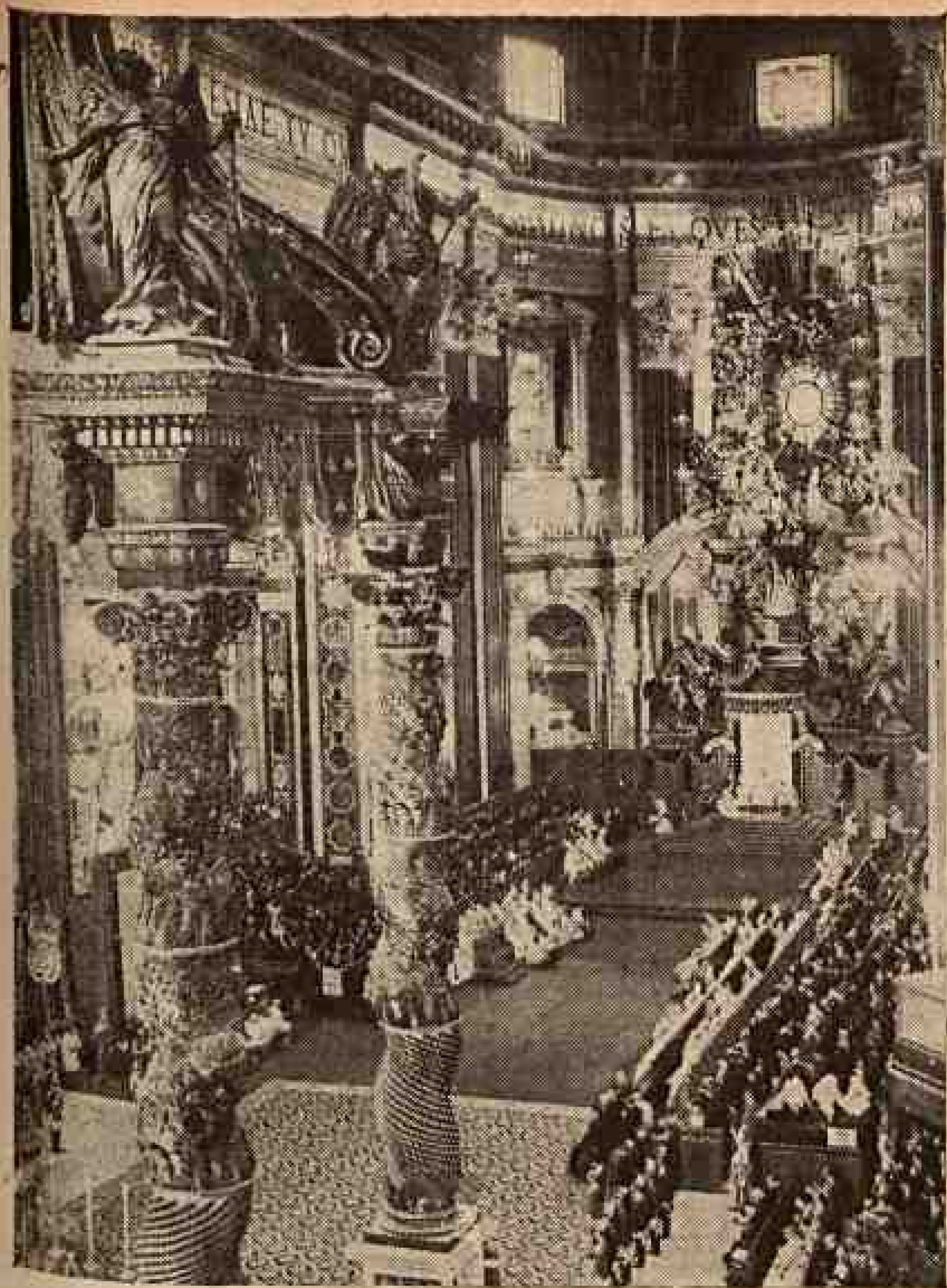
Afastado do serviço do Exército, matriculou-se, em 1874, na Academia de Direito de São Paulo, entrando desde logo na propaganda republicana.

Em fevereiro de 1882 fundou, com outros contemporâneos, o Partido Republicano Rio-Grandense. Proclamada a República e convocada a Constituinte, foi eleito senador federal pelo seu partido: senador seria até à morte.

No govêrno de Floriano Peixoto, Pinheiro Machado, defendendo a legalidade, foi combater no seu Estado natal, sempre à frente da Divisão do Norte, por êle próprio organizada. Em maio de 1894, Floriano Peixoto elevou-o ao pôsto de general de brigada.

No dia 8 de setembro de 1915, quando ocupava a vice-presidência do Senado, foi assassinado pelo punhal fanático de Manso de Paiva, no vestíbulo do Hotel dos Estrangeiros.

Participando das cerimônias em que foi evocada a personalidade de Pinheiro Machado, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro dedicou-lhe uma sessão, tendo falado o ministro Augusto Tavares de Lira.



Sua Santidade Pio XII, no trono de S. Pedro, pouco depois da canonização de Maria de Jesus Paredes.

ram exumados os corpos trinta anos depois do falecimento. No ataúde de Teresinha só se encontrou um pó finíssimo. No de Jacinta, o corpo da menina, intacto. Se houvesse ocorrido o contrário — suposição absurda, pois é evidente que o contrário não poderia jamais ocorrer — os doutores teólogos que dirigiam a investigação teriam declarado inadmissíveis essas causas. Teresa não era uma vidente. E' lógico que, consumida de amor divino, se convertesse em cinza impalpável. Porém a teologia milagrosa teria admitido dificilmente que um ser, dotado do privilégio de **ver o invisível** se decompusera depois de morto. O corpo de Santa Bernardette, de Lourdes, que morreu em 1879, se conserva intacto e todos podem vê-lo e adorá-lo, em Nevers.

Ao fim de quinze anos, a Comissão romana aceita, se considerar necessário, a introdução da Causa e então propõe ao Papa que dite um decreto neste sentido. Em tal caso, a pessoa em questão é declarada "venerável".

O SEGUNDO PROCESSO, O DE BEATIFICAÇÃO

Então a Congregação de Ritos inicia uma segunda investigação, muito mais profunda que a primeira. A "Congregação de Ritos" é um organismo que existe desde 1588 e está encarregada de preparar a decisão do Papa. Funciona no Vaticano como uma espécie de Ministério de Justiça Espiritual. Um cardeal preside a esta Congregação de cardeais, que inclui numerosos especialistas. A êstes se somam os peritos ou "consultores", que, a maior parte das vêzes, são doutores da Igreja. No entanto, em outras ocasiões, agem como **consultores seglares** eminentes, em particular, **historiadores.**

A causa do futuro santo é defendida por um doutor teólogo chamado **postulador.** Sua missão consiste em não descuidar nada para que o processo de beatificação termine favoràvelmente. Compreende-se que o postulador tem que vencer numerosas dificuldades que nada são em comparação com as que procura criar o seu adversário direto, o "promotor da fé", também chamado **o advogado do diabo.** Esta expressão se emprega com freqüência indevidamente, principalmente na linguagem popular.

O promotor da fé reconstitui a vida material e espiritual do postulante, desde os seus primeiros anos. Registra suas palavras e tudo o que escreveu. Não pode escapar nem a sombra de uma falta. O caso de monsenhor Molinari, bispo de Nápoles, mostra com que inexorável rigor age o promotor da fé". Os méritos daquele digno prelado são na verdade extraordinários; porém o promotor descobriu um testamento entre os pa-

VOCABULÁRIO MÉDICO

HEMATEMESE — Nome científico que se dá às hemorragias do estômago, vulgarmente chamadas de vômitos de sangue. O que deve ser feito, em primeiro lugar, é averiguar se o sangue procede do estômago ou do pulmão. Em alguns casos pode tratar-se de sangue engolido, sendo necessário mandar examinar as fossas nasais, as gengivas, a mucosa bucal e o faringe. Pode também tratar-se da ruptura de uma veia dilatada do esôfago. Na arteriosclerose e nas úlceras do estômago sobrevêm, às vêzes, hemorragias embora hajam hematemeses de origem nervosa. Quando o vômito adquire grandes proporções pode correr perigo a vida do enfêrmo.

PERCORRENDO O MUNDO

O reino do Egito, situado no nordeste da África, limita ao norte com o mar Mediterrâneo, a leste com o mar Vermelho, ao sul com o Sudão Anglo-Egípcio e ao oeste com a **Líbia**. Tem 35.168 quilômetros quadrados de superfície e **16 milhões de habitantes**. E', portanto, um dos países mais densamente povoados do mundo. **Capital**: o Cairo, com um milhão e trezentos mil habitantes. Monarquia constitucional desde 1922.

★

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

péis de monsenhor Molinari, que, sendo capuchinho, fizera voto de pobreza! Ora, não podendo possuir nada de próprio, nada podia... legar! Em conseqüência, a solicitação foi recusada.

Recordemos que Benedito XIV, riscou pessoalmente do calendário romano vários nomes de personagens dos primeiros tempos da Igreja, e cujos méritos não lhe pareciam suficientes; entre outros, o do famoso moralista Clemente de Alexandria, morto no ano 220.

Quando o postulador e o promotor da fé examinam os documentos e testemunhos que hão de esclarecer o julgamento da Igreja, sempre se colocam sob a autoridade de um cardeal, o "ponente", designado pelo Soberano Pontífice. Êste cardeal mantém o Papa ao corrente da investigação, que, dêste modo, é desenvolvida com a maior imparcialidade.

Se a congregação comprova, de maneira indiscutível, que a pessoa em questão praticou as virtudes cristãs de maneira heróica e que ocorreram milagres dessas mesmas virtudes, o Papa conclui a beatificação e o postulante é declarado beato.

A CANONIZAÇÃO

O processo de beatificação se simplifica se o bispo, encarregado da investigação local, pode fazer chegar a Roma as provas mais formais de que a pessoa em questão foi sempre objeto de um culto "imemorial".

O culto do beato — ou beata — é essencialmente local. O que é honrado dêsse modo não pode ser eleito padroeiro de um lugar nem de uma igreja. Suas relíquias não podem ser levadas em procissão nem sua imagem se colocará nos altares. Para receber estas supremas honras religiosas é preciso que esteja **canonizado.**

Transcorridos vários anos, só então começa um terceiro processo, que termina (ou não) com a canonização. Entre o momento em que o postulante é declarado **beatro** e aquêle em que se inaugura o último processo é preciso que se comprovem, pelo menos, outros dois milagres.



UM DOS MILAGRES ATRIBUIDOS A PIO X é representado no quadro acima que mostra o Papa curando uma freira de um tumor maligno.



Diante do Altar da Confissão (ou Altar de Bernini), o Papa Pio X, recentemente beatificado é apresentado em sua urna de cristal, sob a guarda de seis guardas suiços, do Vaticano.

Todo o processo apostólico requer dois processos diferentes: primeiro, **o das virtudes,** de onde deve resultar, sem discussão, que o defunto praticou absolutamente as sete virtudes. O segundo processo, **o dos milagres,** não admite os prodígios referentes a enfermidades nervosas e a paralisias. E' preciso que as curas tenham sido instantâneas, duradouras e não explicáveis por remédios modernos ou antigos. Deve ser provado que o postulante realizou estas curas sòmente graças a suas virtudes, sem nenhuma ajuda estranha.

Os debates têm lugar ante três consistórios sucessivos. A última sessão de cada um dêsses consistórios é sempre presidida pelo Papa, que não toma parte nas discussões e pede a Deus que lhe ilumine o espírito com as suas luzes, para que possa adotar a decisão final. Quando se trata de um mártir, o processo se acelera. E' preciso comprovar formalmente **que êle padeceu morte em serviço de Deus.**

E' fácil compreender que êsses sucessivos processos impliquem gastos consideráveis. A canonização é promulgada em uma cerimônia majestosa na Basílica de São Pedro, de Roma. A seguir, uma **bula** pontifical dá a conhecer aos fiéis do mundo inteiro a existência do novo santo. A bula termina com estas palavras:

"...Estabelecemos, além do mais, que cada ano se honre a sua memória com piedosa devoção pela Igreja universal, no dia... de... Em nome do Padre... Tudo está consumado."

OS DOIS MIL ANOS DE PARIS

M. St. PAULIEN

PARIS celebrou o bimilenário de sua fundação com certo atraso, pois que, no ano 51, antes de Cristo, os **parisii**, clã céltico, já habitavam a ilha do Sena — chamada Lutécia — Montmartre e o que, depois, foi chamada a **Montanha de Santa Genoveva.**

OS DOIS PRIMEIROS HERÓIS PARISIENSES — Sôbre Paris, antes de nós, jornais e revistas em tôdas as línguas relataram os fatos básicos da sua história, numa sucessão de datas marcando gloriosas vitórias e não menos gloriosas derrotas, êxitos e revezes que serviram para revelar o heroísmo do povo da Cidade Luz, e, acima de tudo, a sua sólida confiança no próprio destino, e o profundo amor pela sua capital. Eis por que diremos alguma coisa um pouco diferente e, esperamos, não menos interessante.

A Tôrre Eiffel iluminada

Paris teve muitos heróis famosos. Mas, é preciso que se diga os nomes dos dois primeiros!

Foi no ano 52, antes de Cristo. O chefe militar dos **parisii**, o valente hábil Camulogeno, manteve à distância, durante muito tempo um dos melhores tenentes do César, Labienus, enquanto o próprio César era vencido pelo chefe dos gauleses, Vercingetorix, em Gergovia.

Paris, ou melhor, Lutécia, foi arrasada repetidas vêzes pelos invasores; porém no século V de nossa era, já havia recuperado grande prosperidade, quando os bárbaros de Átila ameaçaram destruí-la mais uma vez. Uma pastorinha, chamada Genoveva, e cuja piedade e inteligência haviam chamado a atenção de São Germano, d'Auxerre, reanimou a coragem e a confiança dos defensores da vila, que, segundo ela afirmava, **"estava sob a proteção de Deus".** Cumpriu-se a profecia de Genoveva. Os restos da valente parisiense foram depositados, primeiramente, no centro da cripta da igreja de São Pedro e São Paulo, no lugar que hoje é chama do, por êsse motivo: **a Montanha de Santa Genoveva"** — e que é o cérebro de Paris, pois que ali se encontram a **Sorbonne**, o **Colégio da França**, a **Universidade de Direito**, a **Politécnica** e grande número de colégios célebres. Dez séculos depois, outra pastôra — que também foi elevada aos altares — se convertia em chefe guerreiro e político para salvar a França da invasão — esta, dos inglêses. Se Joana d'Arc fêz consagrar Carlos VII em Reims, Genoveva obteve a conversão de Clóvis ao catolicismo; e não foi pouca a sua influência sôbre Chilpérico e a rainha Clotilde.

Assim como a França sempre procura honrar a Vercingetorix e a Joana d'Arc, Paris deveria honrar a êsses dois primeiros heróis parisienses.

Porque Camulogeno e Vercingetorix — tão esquecidos hoje — são os irmãos mais velhos de Genoveva e de Joana e é até estranho que êsse paralelismo não haja suscitado, até agora, o interêsse de algum historiador do porte de um Camilo Julião ou um Frank Bretano.

Contudo, por motivo do bimilenário, a biblioteca da cidade de Paris expôs mais de quatrocentos mil volumes, e mais de cem mil manus-

OS MORTOS DO ANO
(Continuação)

MAIO

9 — O ministro Filadelfo Azevedo, uma das mais brilhantes figuras da jurisprudência e que representava o Brasil na Côrte Internacional de Haia, onde ocorreu o óbito.

23 — O arcebispo do Maranhão, D. Adalberto Sobral.

25 — Em San José de Costa Rica, o Sr. Osvaldo Furst, ministro do Brasil em Costa Rica. Antes de ingressar na diplomacia foi jornalista, tendo fundado em Belo Horizonte, «O Momento». No Rio de Janeiro, dirigiu a secção política internacional de «O País».

26 — Nesta capital, o Dr. Caetano E. da Fontoura Costa, jurista e advogado.

16 — Nesta capital, o Prof. Taciano Acioli, um dos mais antigos propagandistas da Abolição e da República. Era natural de Alagoas e pertencia a várias associações cívicas e de beneficência. Publicou vários livros, entre os quais, «Luzamérica», «Hipótese Científica do Pecado Original» e «Os Três Reis Magos».

JUNHO

5 — Nesta capital, o contra-almirante Álvaro Augusto de Azambuja.

11 — Em Lisboa, a Princesa Elizabeth de Orleans e Bragança, viúva do Príncipe do Grão-



A Princesa Elizabeth de Orleans e Bragança

Pará (ex-herdeiro do trono do Brasil) e mãe dos atuais herdeiros presuntivos da coroa brasileira.

17 — Nesta capital, em avançada idade, o pintor Manuel Madruga. Tendo vivido quase meio século na Europa, veio para o Brasil, do qual era filho, ao deflagrar-se a Segunda Guerra Mundial. Na Europa deixou a maior parte da sua obra. Aqui foi premiado em mais de uma exposição.

17 — Em Nova York, C. V. R. Thompson, principal correspondente do «Dailly Express», de Londres, nos Estados Unidos.

JULHO

2 — Nesta capital, o Prof. Verdier, catedrático aposentado da Escola Nacional de Belas Artes.

Francês de origem, veio para o Brasil em 1912, ligando-se aos irmãos Bernardelli, Rodolpho de Amoedo e Batista da Costa. Foi



Louis Jouvet

notável entalhador em madeira. Já no ocaso da existência consagrou-se à pintura, com tendências modernistas.

8 — Francis Truslow, em viagem para êste país, a fim de assumir a chefia da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. Era considerado, pelo muito que já havia feito, um dos grandes amigos do Brasil.

17 — Louis Jouvet, uma das maiores figuras da arte dramática francesa, tanto no cinema como no palco. Foi fulminado por um ataque cardíaco, em pleno palco. Tendo estreado aos 18 anos, conseguiu renome universal, tendo estado por longos meses no Brasil.

7 — O Prof. Emile Brumpt,



Almirante Forrest Sherman

critos, dedicados à história da capital, sem contar os milhares de artigos publicados nas revistas a êsse propósito.

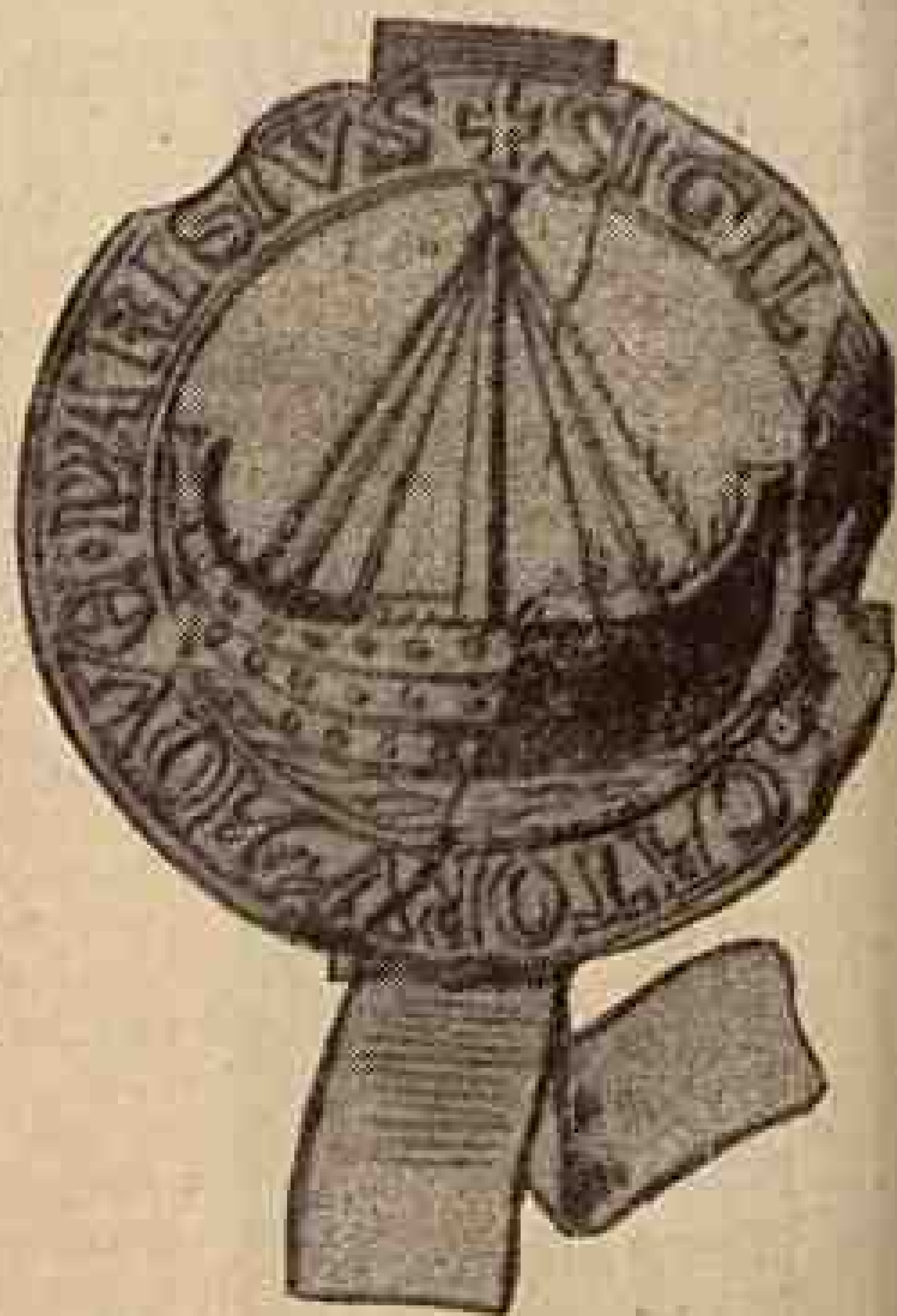
Na "ilha-da-cidade", na antiga Lutécia, a História localiza o berço de Paris; ali e nos arredores mais imediatos se encontram alguns dos monumentos mais simbólicos da história da França e mesmo da história da Europa: **Nôtre-Dame**, onde Napoleão foi consagrado; a **Municipalidade**, que tão importante papel desempenhou na história das revoluções; o **Palácio da Justiça**, a **Capela Santa** e o **Louvre**.

PARIS, CIDADE SEMPRE CAMBIANTE — Paris, que em 1789 tinha apenas seiscentos mil habitantes, é, hoje, um imenso mar humano de mais de seis milhões de almas!

A capital da França não cessa de transformar-se e de crescer, mudando todos os dias de fisionomia, sem perder, porém, as suas características. O grande arquiteto moderno da capital da França foi Napoleão, que com seus empreendimentos engrandeceu as já amplas e harmoniosas linhas traçadas pela vontade dos reis e também o gênio dos seus arquitetos. Grande renome tem o barão Haussmann. Porém o maior mérito do prefeito de Napoleão III, foi o de haver seguido os planos pessoais de Napoleão I, que hoje ainda, não estão realizados em sua totalidade nem mesmo em boa parte.

Por muito que conheçamos essa coroa de palácios e castelos de igrejas e bosques, sempre nos surpreende a riqueza e variedade naturais da Ilha-de-França.

Nem tôdas as ruas de Paris têm êsse aspecto brilhante ou as vêzes sórdido, com que as apresentaram e celebrizaram a fotografia, o cinema e as novelas especiais. Paris é algo mais que o **Pantheon** e a **rue de La Paix** as "boites" de Montmartre ou Montparnasse e a **Cúpula** dos Inválidos; é também uma deliciosa **vila provinciana**, com as ruas encantadoras do distrito IV ou da Ilha de São Luís; é o campo no próprio coração do XX distrito, com o cemitério do **Père Lachaise**, o lago das **Buttes** Chaumont ou com o parque **Montsouris**, no XIV Distrito. Antes de que os existencialistas e seus costumes extravagantes invadissem Saint-Germain des Près era êste bairro um dos mais agradáveis da capital.



Sêlo da Vila de Paris no século XI.

O CINTURÃO VERDE — Muitos escritores, de Villon a Hugo, Balzac a Proust, devem boa parte de suas glórias ao fato de haver sido verdadeiros cronistas de Paris. Assim, Paul de Kock, e, principalmente, Gérard de Nerval, puderam compreender não apenas uma época, mas certa arte de viver na orla de Paris e seus arredores.

Talvez a maior beleza dessa cidade não esteja nos seus monumentos mais célebres, nem em seus teatros e avenidas, com o ambiente que dêles se desprende, mas nesse imenso cinturão verde, que a rodeia de árvores centenárias, que as guerras e as revoluções souberam respeitar. Paris e sua região não são apenas uma imensa floresta de homens, mas também um bosque de árvores velhíssimas, e que se estende desde os bosques de Senlis, Crecy en Valois, Compiègne e Rambouillet, até aos bosques de Fontainebleau, Chantilly, Marly, Saint-Germain, Montmorency, a ilha Adam, Senart e ainda os de Meudon, Boulogne ou Vincennes.

O bimilenário de Paris deveria ser celebrado, por seus bosques soberbos, sempre vivos e misteriosos, como nos tempos do encantador Merlin de Lancelot e das belas histórias da cavalaria céltica.

O TELEFONE COMPLETA 75 ANOS

EM 1876 ERA TRANSMITIDO O PRIMEIRO RECADO TELEFÔNICO

Num dia 3 de março, nascia, em Edimburgo, o segundo dos filhos de Alexander Melville Bell, um ignorado e obscuro professor que se esforçava para provar que os surdos-mudos podiam ouvir e falar por meio do seu "método de fisiologia vocal e elocução". Era no ano de 1847, e aquêle menino seguiria,



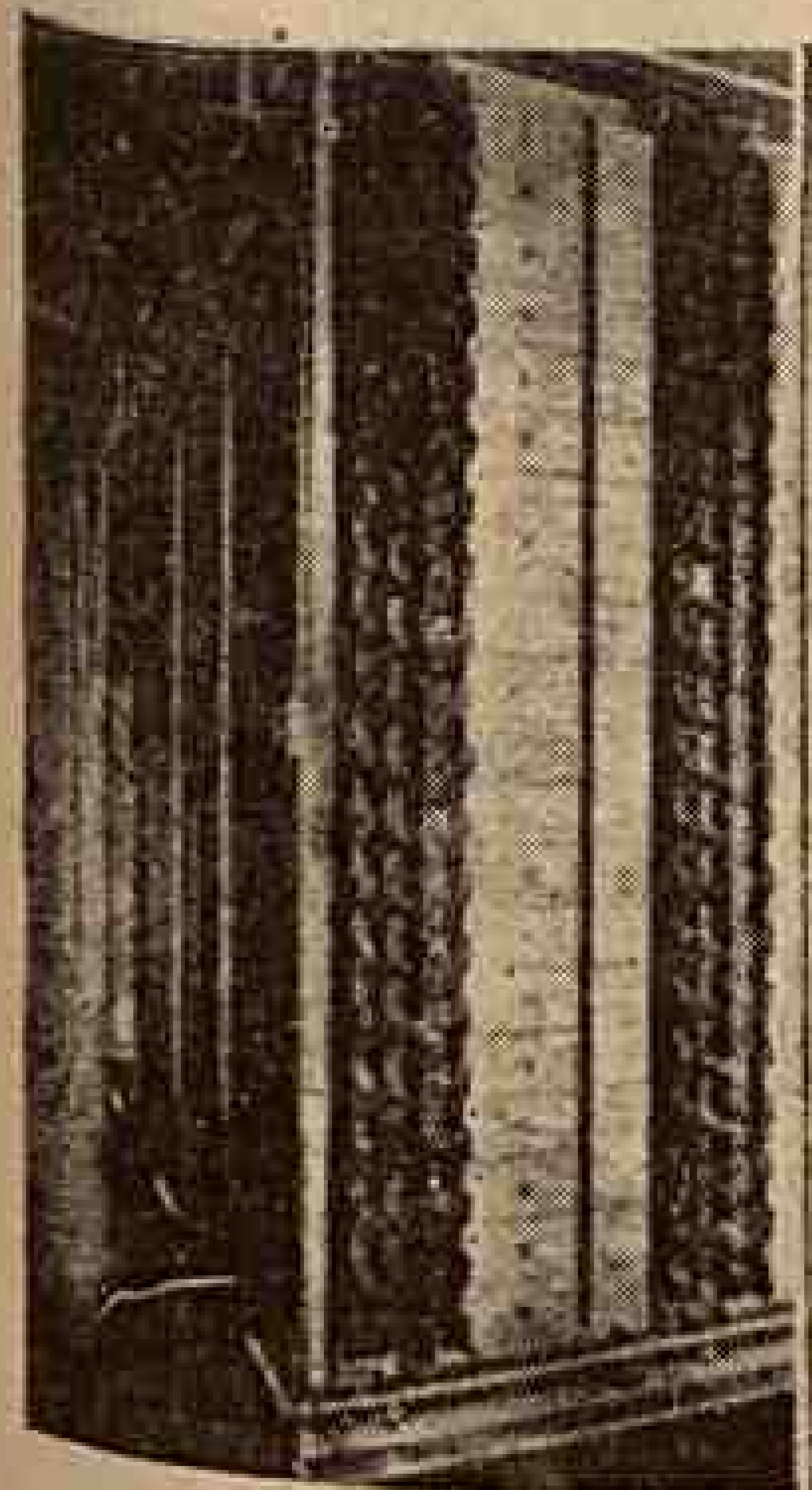
Alexandre Graham Bell

com o tempo, a mesma profissão do pai, para tornar-se célebre por um descobrimento realizado vinte e nove anos depois, justamente a 10 de março de 1876 — há setenta e cinco anos, portanto.

Sua mãe, filha de um cirurgião da Marinha Real Britânica, possuía grandes dotes para a música e a pintura. Encarregou-se da educação de seu penúltimo filho, até aos dez anos, quando êste ingressou na Academia de Edimburgo. Aos 13 terminou seus estudos na Escola Real Superior e aos 16 já era professor na Academia de Elgin. Seu nome era Alexandre Graham Bell.

O jovem professor estudava as ressonâncias da cavidade bucal. Fêz inúmeras experiências e iniciou investigações sôbre a eletricidade aplicada à telegrafia. Dinheiro e tempo era o que lhe faltavam para aperfeiçoar seu aparelho. 24 anos tinha êle, quando decidiu emigrar para o Canadá. Três meses depois, em 1872, o jovem Bell inaugurava, em Boston, uma Academia "para o ensino aos surdos-mudos", segundo o "método" de seu pai. Enquanto isso, continuava investigando a natureza dos sons e a relação entre a eletricidade e a telegrafia. Talvez os alunos, carentes do sentido do ouvido e o dom da palavra, não fizessem grandes progressos; mas com um aparelho de sua invenção, chamado "telégrafo harmônico", mediante o qual tentava transmitir mensagens em Morse, simultâneamente e por um só fio, concebeu transmissão de sons, com a ajuda da eletricidade. Assim inventou o telefone!

Em 10 de março de 1876 Alexandre Graham Bell dava o primeiro recado telefônico do mundo. Do seu laboratório e através de um fio com bocal e auricular rudimentares, dizia para o seu ajudante, em outra sala: *"Watson, venha cá; preciso de você!"* Conta-se que o ajudante ficou mudo de espanto. Apesar dis-



Um quadro da central automática, dos muitos que funcionam no Rio de Janeiro...



...e as telefonistas de 1951, quando o telefone completa setenta e cinco anos.

professor honorário da Faculdade de Medicina de Paris e que também lecionou na Faculdade de Medicina de São Paulo. As pesquisas que efetuou contribuíram para o progresso da etiologia e profilaxia das afecções parasitárias do homem.

22 — Inesperadamente falece o Almirante Forrest Sherman, apologista da cooperação hispano-americana e que acabava de entabolar com o govêrno espanhol a cessação de bases aeronavais aos Estados Unidos em todos os territórios sob bandeira espanhola. Em 1949 comandou a 6.ª Frota Americana do Mediterrâneo e pouco depois foi o chefe de tôdas as esquadras norte-americanas.

23 — Na Ilha de Yey, onde se encontrava prisioneiro, o Marechal Henri Phillipe Pétain, herói de Verdun na 1.ª Guerra



Marechal Henri Pétain

Mundial e considerado traidor da França, na 2.ª Guerra Mundial. Nascera em Cauchy La Tour, no Pas de Calais, em 1856, falecendo aos 95 anos de idade. Finda a 1.ª Grande Guerra recebeu do Marechal Foch o bastão de Marechal. Em 1925-26 foi à África restabelecer a situação das fôrças francesas no Marrocos, comprometidas pela rebelião de Ab-El Krim. Em 1929, substituiu Foch na Academia Francesa. Pouco depois era envolvido pelas intrigas políticas. Tôdas as conspirações anti-republicanas que se multiplicaram nas décadas de 30, se fizeram em redor do seu nome. Veio a 2.ª Grande Guerra e o herói da resistência de Verdun se transformou no símbolo da não-resistência, em Vichy. Afirmou-se que na última ofensiva alemã da primeira guerra, que ameaçou uma segunda vez Paris, teria êle proposto um recuo ou a paz em separado. Joffre falou no seu «eterno pessimismo». Os depoimentos de Foch e Clemenceau não lhe são favoráveis. De Gaulle, ferido em Verdun, sob seu comando, nas antípodas dêles, levanta-se das cinzas da derrota para negá-la, em nome da imortalidade da França. Pétain, ao contrário, elevava-se sôbre os franceses para afirmá-la. Condenado mais tarde à morte, como traidor, teve a sua pena comutada em prisão perpétua.

28 — Em Montevidéu, Ernesto Figil, uma «relíquia» do futebol uruguaio, como massagista dos selecionados que levantaram os campeonatos mundiais de 1924, 28, 30 e 50.

29 — Em Paris, o Coronel Vassily de Basil, diretor do Original Ballet Russe e que foi criador de numerosos ballets, tais como Coq d'Or, Simphonie Fantastique, Paganini, Bal des Cadets, Cotillon, Francesa de Rimini, apresentados no Rio de Janeiro.

29 — Em Lisieux, Madre Agnes de Jesus, irmã de Santa Teresinha do Menino Jesus. Faleceu aos 90 anos, no Carmelo de Lisieux, de onde era abadessa. Com a morte de Madre Agnes só resta viva uma irmã daquela santa, a Irmã Geneviève de la Saint Face, do mesmo Carmelo.

21 — Em Jerusalém, ao penetrar numa mesquita para orar diante da tumba de seu pai, é assassinado o rei Abdullah, o «Leão Barbado» da Jordânia Hashemita.

16 — Nesta capital, durante um exercício com o seu bólido de corridas, o volante francês Jean Archard.

AGOSTO

5 — Nesta capital, o senador Epitácio Pessoa Cavalcânti de Albuquerque, filho do saudoso político João Pessoa, antigo governador da Paraíba. O extinto, figura muito querida nos meios políticos e sociais era também diretor do «Diário Popular», do Rio de Janeiro.



Senador Epitácio Pessoa Cavalcânti de Albuquerque

5 — Em Ann Arbor, Michigan, EE. UU., pratica o suicídio o cientista Malcolm Soule, famoso especialista em enfermidades tropicais. Ao ser encontrado agonizante, por sua espôsa, disse-lhe: «E' inútil pedires ajuda. Não há antídoto algum para esta fórmula». Soule se injetara com uma mistura de veneno de cobra e morfina, nas veias.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ORVILLE DERBY

Dentre as homenagens do Govêrno Brasileiro para comemorar a passagem do centenário de nascimento do geólogo brasileiro-norte-americano Orville Adalbert Derby, destacou-se a publicação, pelo «Instituto Nacional do Livro», da obra completa do notável cientista.



Orville Adalbert Derby

A obra do grande sábio sôbre o Brasil, além de grandiosa no seu conteúdo científico é extensa. Nada menos de 174 trabalhos foram escritos por êle, divididos do seguinte modo: 48 sôbre mineralogia e geologia econômica; 48 sôbre história, geografia física e cartografia; 10 sôbre petrografia; 32 sôbre geologia pròpriamente dita; 18 sôbre paleontologia e arqueologia; 19 sôbre meteorologia e assuntos diversos e 4 sôbre polêmicas científicas. Dos estudos do mestre sôbre a terra que mais tarde seria sua por naturalização, destaca-se como dos mais decisivos para o conhecimento da geologia do nosso País, os relativos ao Estado do Amazonas — «Braquiopodes do Terreno Carbonífero», «O Rio Tapajós», «Os Montes Artificiais da Ilha de Marajó» e «Paleontologia do Baixo Amazonas», os quais seriam suficientes para tornar célebre qualquer cientista, não sòmente como geólogo, como também como paleontólogo. O primeiro dêsses estudos, apresentado como tese de concurso, proporcionou a Derby o título de professor da Universidade de Cornell. Sua atuação na Comissão Geológica do Império, como assistente do famoso professor Hartt, foi igualmente notável. Extinta a Comissão e com a morte de Hartt, Derby foi algum tempo d e p o i s, nomeado diretor da Seção de Geologia do Museu Imperial, onde, por um período de 12 anos, dedicou-se ao prosseguimento da obra do seu mestre e amigo, utilizando-se, principalmente, dos fósseis coletados pela extinta Comissão.

Até 1891, permaneceu Derby no Museu Nacional, embora houvesse sido apontado, em 1886, para dirigir a recém-organizada Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo.

A última função pública desempenhada pelo sábio foi a de chefe do «Serviço Geológico e Mineralógicos, organização imaginada por êle e que, criada sob sua inspiração, teve-o como primeiro diretor. Os estudos de Derby sôbre algumas das principais fontes de riqueza do Brasil, como o manganês, o carvão de pedra e até mesmo o petróleo, ainda hoje são considerados básicos para a nossa indústria de minerais. O seu estudo «O Aproveitamento do Carvão Brasileiro» é digno de admiração, como de resto, tudo que saía do admirável labor dêsse homem fabuloso.

O amor de Orville Derby ao Brasil levou-o a naturalizar-se brasileiro.

OS NOMES DO ANO

O NOVO PRESIDENTE DE PORTUGAL



O novo presidente de Portugal, General Francisco Higino Craveiro Lopes, designado Presidente da República portuguêsa em eleição para substituir o Gal. Carmona. Tem cinqüenta e sete anos de idade e foi antigo colaborador do General Carmona.

so n i n g u é m confiou no tal aparelho, até que o Imperador Pedro II, do Brasil, por êle se mostrou vivamente interessado, quando o experimentou no modesto pavilhão de Bell, na feira-exposição do Centenário de Filadélfia. A partir de então Bell encontrou apoio decisivo dos capitalistas e do próprio govêrno; dois anos depois instalava-se em New Haven a primeira estação telefônica com um quadro de comutações para vinte e um assinantes. O progresso do telefone em todo o mundo foi e continua a ser vertiginoso, chegando dizer, para se compreender o seu avanço, que só nos Estados Unidos há uma extensa rêde de mais de trinta e cinco milhões de aparelhos, com mais de cinqüenta mil milhões de chamadas por ano.

O MÊS HOROSCÓPICO

Janeiro vem do latim, *Januarius*. No calendário romano antigo era o 11.º mês do ano e chamava-se Januarius, em homenagem a Jânus, deusa do lar e da pátria.

Na antiguidade êsse dia era dedicado pelos romanos a Esculápio, deus da medicina, filho de Apolo e Corovis.

Astrologia do mês AQUÁRIO (de 20 de janeiro a 19 de fevereiro). Ganimedes, filho de Tros, raptado por Júpiter, para servir o néctar aos deuses, tomou lugar entre as constelações. E' o princípio da alegria e da satisfação de viver. — Símbolo do altruísmo e da proteção, êste signo zodiacal confere, ao homem ou à mulher, que o tiverem no ascendente de seu horóscopo, com alternativas de fortuna na segunda metade da sua existência, terríveis hostilidades a vencer na mocidade, tanto de coisas como de pessoas, até ao complemento da idade de 28 anos. Favorece principalmente o ofício das armas e proporciona, em geral, mesmo na vida civil, postos e empregos difíceis ou perigosos. Aquêles ou aquelas cujo nascimento é influenciado por êste signo, serão vítimas inocentes de terríveis maquinações urdidas contra sua reputação, podendo mesmo sofrer prisão arbitrária ou serem injustamente exilados; em todos os casos estão ameaçados de sofrer atos injustos, pressões arbitrárias e perseguições iníquas, podendo chegar até ao internamento e à clausura. Antes da idade adulta, não serão senhores de si mesmo, e sofrerão, fatalmente, a vontade imperativa e autoritária de outrem. Todavia, serão providencialmente protegidos contra os golpes da sorte e poderão ser felizes, se reagirem a tempo e se recusarem ceder ao despotismo dos que os rodeiam.

Hão de casar, no maior número dos casos, com gente do Norte; serão felizes nos filhos. Sua fortuna será aumentada por legado ou por herança de pessoa amiga.

★

O CINQÜENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE VERDI



O povo italiano comemorou o cinqüentenário do falecimento de Giuseppe Verdi. Nascido em 10



Janeiro

MÊS DO MENINO JESUS (31 dias)

1 Têrça — ANO NOVO — Circuncisão de Nosso Senhor — FRATERNIDADE UNIVERSAL — Descobrimento do Rio de Janeiro — Eufrosina, Fulgêncio, Odilon.
2 Quarta — Isidoro, Macário, Estefânia.
3 Quinta — Antero, Genoveva.
4 Sexta — Aquilino, Tito, Eugênio. Q. Crescente à 1 hora e 42 minutos.
5 Sábado — Emília, Simeão.
6 Domingo — *Epifânia* (Os Reis Magos) — Gaspar, Melchior, Baltasar.
7 Segunda — Luciano, Teodoro.
8 Têrça — Apolinário, Teófilo.
9 Quarta — Adriano, Basilissa.
10 Quinta — G o n ç a l o, Guilherme.
11 Sexta — Hortênsia, Higino.
12 Sábado — Alfredo, Ernesto. Lua Cheia à 1 h. 55 m.
13 Botafogo — Hilário, Remígio.
14 Segunda — Eufrásia, Félix.
15 Têrça — Amaro, Mauro.
16 Quarta — Bernardo, Marcelo.
17 Quinta — Antão, Rosalina.
18 Sexta — Agripio, Prisca.
19 Sábado — Canuto, Marta.
20 Domingo — Fabiano, Sebastião — Fundação da Cidade do Rio de Janeiro. (O Sol entra em Aquário às 23 h. 38 m. — Grau 300) — Q. Minguante às 3 h. 9 m.
21 Segunda — Epifânio, Inês.
22 Têrça — Roberto Vicente.
23 Quarta — Ildefonso, Raimundo.
24 Quinta — *Nossa Senhora da Paz* — Timóteo, Urbano.
25 Sexta — Conversão de São Paulo — Fundação da Cidade de São Paulo — Ananias, Marina.
26 Sábado — Policarpo, Vitorina. Lua Nova às 19 h. 26 m.
27 Domingo — Angela, João Crisóstomo.
28 Segunda — Tirso, Leônidas.
29 Têrça — Constâncio, Francisco de Sales.
30 Quarta — Hipólito, Jacinta.
31 Quinta — Ciro, Pedro Nolasco, Luísa.

FASES DA LUA
Hora legal do Rio de Janeiro

Q. Crescente	dia 4	à	1h 42m
Lua cheia	dia 12	à	1h 55m
Q. Minguante	dia 20	às	3h 9m
Lua Nova	dia 26	às	19h 26m

★

CALENDÁRIO CRISTÃO

6 — Domingo da Epifânia.
13 — 1.º Domingo depois da Epifânia.
20 — 2.º Domingo depois da Epifânia.
27 — 3.º Domingo depois da Epifânia.

★

ELEMENTOS DO CÔMPUTO ECLESIÁSTICO

Áureo número	15
Ciclo solar	1
Epacta	3
Letra dominical	FE
Indicação romana	5

LIÇÕES BÍBLICAS PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS

(Programa do Conselho de Educação Religiosa da Confederação Evangélica do Brasil — Lições para jovens e adultos)

Lição 1 — 6 de janeiro
Jesus inicia o seu ministério
Marcos 1:9-20

Lição 2 — 13 de janeiro
Aspectos do ministério de Jesus
Marcos 1:21,22,29-35

Lição 3 — 20 de janeiro
Jesus enfrenta crescente hostilidade
Marcos 2:1-12

Lição 4 — 27 de janeiro
Jesus, o Grande Mestre
Marcos 4:26-34

★

Se os seus móveis são novos, aplique óleo de peroba para conservá-los; se são velhos aplique óleo de peroba para renová-los.

Amacia, dá brilho, perfuma suavemente, fixa sem colar, torna os cabelos sadios e juvenis, dá-lhes elegância e nova vida
BRYLCREEM
O fixador mais que perfeito!

de outubro de 1813, em Roncole, uma aldeia do [illegible] Busseto, na região do Parma, de família muito pobre, Verdi era filho de um pequeno revendedor de vinhos e de uma jovem operária das fiações. A evolução artística de Giuseppe Verdi, na atmosfera heróica em que ela se desenvolvia, não pôde subtrair-se às exigências dos seus tempos; assim, talvez sem que hou[illegible] manifestações de vontade ou de pensamento, Verdi encontrou-se assimilado na atmosfera das paixões e das esperanças do «Risorgimento».

Com a primeira ópera juvenil, «Oberto, Conte di S. Bonifacio», representada pela primeira vez no Scala de Milão em novembro de 1839, foi marcado o caminho do jovem compositor. Desde 1842, o ano triunfal do «Nabuco», até 1851, o ano em que foi representado o «Rigoletto», o amadurecimento artístico de Verdi realiza-se no ritmo acelerado dos acontecimentos, entre barricadas e guerras, entre insurreições e tumultos do povo empenhado na luta da independência e da libertação do jugo estrangeiro. Pátria e Liberdade são, pois, os motivos que recorrem nas suas óperas mais famosas, nas quais, ao mesmo tempo, podem ser notadas a moralidade e a humanidade que constituíram as características fundamentais de Verdi. O Maestro faleceu em Milão, a 27 de janeiro de 1901.

★

PARA O SEU JARDIM



Esse patinho de madeira, graciosamente pintado será um belo ornamento para o seu jardim ou telhado. A posição das asas facilitará a ação do vento que as fará girar velozmente, dado que serão do mesmo pêso, não exigindo portanto vento forte para rodar sôbre o eixo que deve estar bem untado com graxa.

★

ALFREDO é nome de origem germânica. Significa ducado ou chefe de conselho.

COMO FAZER UM CALENDÁRIO

CALCULOS DO TEMPO

É claro que, logo que o homem se viu na posse de um sistema para medir o tempo, se não limitou a fazer como Robinson. Êste fazia a conta do tempo decorrido (ocupação a que o homem se entrega, as mais



MESA DOS DOZE DEUSES
(Alto-relêvo romano, hoje no Museu do Louvre)

das vêzes, com o único objetivo de se sentir envelhecer; mas não tinha que precipitar-se grande coisa com a divisão antecipada do tempo a decorrer.

Na vida civil é necessário prever os acontecimentos, no que tenham de permanente, e assim se faz com o tempo. De modo que o **calendário** é, além do sistema de se fazer a contabilidade do tempo, o quadro de distribuição antecipada do mesmo tempo, isto é, o seu cálculo. Portanto, um calendário põe-nos ao corrente dos distintos períodos em que se distribui o ano, das épocas em que terão de realizar-se certos fenômenos naturais, e também daquelas em que hão de realizar-se os atos civis, as festas religiosas, etc.; um calendário é, por conseguinte a vida resumida a sistema; é a distribuição prevista de um capital que se põe tem; é como se fôsse uma paisagem para a qual nos sentimos levados, sem outras conseqüências imediatas que a de envelhecermos.

A RELIGIÃO E O CALENDÁRIO

Em todos os povos e em tôdas as idades a religião influiu de um modo transcendente na maneira de dispor o calendário. O próprio calendário da República Francesa (1792-1803) estabelecido com o propósito de romper com tôda a tradição religiosa, não pôde subtrair-se a tal influência, com a diferença, apenas, de que nêle foi o homem mesmo a deidade em redor da qual girava o sistema todo.

O principal objetivo do calendário é, por conseguinte, determinar prèviamente as festas religiosas de cada povo, e foi portanto, a Igreja católica a que assentou os princípios que sustentam o nosso calendário, aquêle que hoje regula seguramente para a maioria dos povos civilizados



Representação gráfica do primeiro mês do ano mexica, e de cada um dos seus vinte dias

(Cópia de uma estampa da época da conquista)

Os índios mexicas, como é sabido, foram os povoadores do vale a que deram nome; gozavam de certa cultura e constituíam um Estado regular, a que prestavam vassalagem grande número de outras tribos. O ano civil tinha 360 dias, divididos em 18 meses e 20 dias; êstes combinavam-se de cinco em cinco, dedicando o quinto para mercado.

Fevereiro

MÊS DA SAGRADA FAMÍLIA (29 dias)

1 Sexta — Inácio, Brígida.
2 Sábado — PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA — Cândido, Cornélio. Q. Crescente às 17 h. 1 m.
3 Domingo — Braz, Odorico.
4 Segunda — André, Gilberto.
5 Têrça — Águeda, Diogo.
6 Quarta — Dorotéia, Tito.
7 Quinta — Leandro, Ricardo.
8 Sexta — João da Mata, Corinta.
9 Sábado — Aldo, Apolônia.
10 Domingo — Arnaldo, Escolástica. Septuagésima. Lua Cheia às 21 h. 28 m.
11 Segunda — Adolfo, Maria de Lourdes. (Eclipse parcial da Lua)
12 Têrça — Eulália, Modesto.
13 Quarta — Catarina, Estêvão.
14 Quinta — Crispim, Vidal.
15 Sexta — Elias, Jovita.
16 Sábado — Armando, Porfírio.
17 Domingo — Aleixo, Donato.
18 Segunda — Cláudio, Teutônio. Q. Minguante às 15 horas e 1 minuto.
19 Têrça — Álvaro, Valério. (O Sol entra em Peixes às 13 horas e 55 min. Grau 330).
20 Quarta — Eleutério, Nilo.
21 Quinta — Eleonor, Germano.
22 Sexta — Roberto, Margarida.
23 Sábado — Abílio, Damião.
24 Domingo — Carnaval — Matias, Sérgio. — Quinquagésima.
25 Segunda — Cesário, Vitória. (Eclipse total do Sol) — Lua Nova às 6 h. 16 m.
26 Têrça — Justo, Nestor.
27 Quarta — Cinzas — Gabino, Leandro.
28 Quinta — Macário, Júlia, Serapião.
29 Sexta — Ramão, Ramão.

O MÊS HOROSCÓPICO

Fevereiro vem do latim Februarius ou Febrarius. E' o segundo mês do ano no calendário gregoriano, que é o nosso. Tem geralmente 28 dias e mais um nos anos bissextos, que são aquêles em que o número é divisível por quatro, como êste de 1952.

Astrologia do mês. — PEIXES (de 19 de fevereiro a 21 de março). Os golfinhos, que conduziram Anfitrite a Netuno, foram admitidos no número das constelações. Dão paciência e doçura de caráter. — Este signo dá àquêles e àquelas sôbre quem exerce influência, mais saber do que senso prático; mais confiança nos outros do que em si mesmos; caráter tímido, assustadiço, reservado, dócil e respeitoso. — Tanto o homem como a mulher nada poderão conseguir sem proteções, não porque sejam falhos de inteligência e de capacidade, mas por duvidarem de si e isto durar-lhes-á até que se tenha formado, com o decorrer do tempo, uma certa notoriedade em volta do seu nome. Poderão, contudo, ascender no domínio das artes ou das ciências, sendo, então, os primeiros a admirarem-se do seu êxito, aliás legítimo. — A família não lhes é de todo favorável. — Os filhos causar-lhes-ão cuidados especiais. — Não serão felizes com a sua criadagem, nem com os seus animais domésticos. — Mais filósofos do que ambiciosos, saberão, como o grilo da fábula, encontrar a felicidade vivendo escondidos, sem invejarem as borboletas que vão, a maior parte das vêzes, queimar as asas no fogo das gloríolas terrenas. — Encontrarão proteções eficazes e fervorosas, sem se humilharem para obtê-las.

★

CENTENÁRIO DE ARAÚJO PINHO

Transcorreu em 20 de junho, o centenário de nascimento de destacado vulto político do Império e da República, o Dr. João Ferreira de Araújo Pinho, nascido na Bahia, de que foi governador, sendo sucedido pelo Sr. J. J. Seabra em 1912. A exemplo do que foi feito na terra natal, Salvador, uma comissão de figuras representativas da colônia baiana residente no Rio fêz realizar uma sessão comemorativa no auditório da ABI, fazendo-se ouvir alguns oradores. Essa comissão foi composta dos ministros Simões Filho e Pacheco de Oliveira; professôres Pedro Calmon, Lemos Brito, Clementino Fraga e Homero Pires; senador Aloísio de Carvalho Filho; deputado João Dantas Júnior e Luís Viana Filho; Sr. João Mangabeira e Paulo Filho.

★

AS MANCHAS de pintura sôbre os vidros das janelas são retiradas esfregando enèrgicamente, com um pano no qual se tenha pingado um pouco de terebentina. Em seguida limpa-se o vidro com uma flanela ou outro qualquer pano.

FASES DA LUA

Hora legal do Rio de Janeiro

Q. Crescente	dia 2	às 17h 1m
Lua Cheia	dia 10	às 21h 28m
Q. Minguante	dia 18	às 15h 1m
Lua Nova	dia 25	às 6h 16m

★

CALENDÁRIO CRISTÃO

3 — 4.º Domingo depois da Epifânia.
10 — Domingo da Septuagésima.
17 — Domingo da Sexagésima.
24 — Domingo da Quinquagésima.

★

EXATIDÃO DE MAIS E' SINAL DE ÊRRO

As estatísticas oficiais publicadas nos Estados Unidos fixaram a população do grande país norte-americano em 150.520.198 habitantes, uma cifra magnífica e cuja exatidão até as últimas unidades, é de impressionar.

Acontece, porém, que os matemáticos impugnaram justamente essa exatidão. Com efeito, foi anunciado que naquele total há uma parte fixa, realmente recenseada, e mais uma parcela estimativa de 700 mil almas, para cobrir indivíduos sem residência fixa, os viajantes, os hóspedes eventuais de hotéis, o pessoal da marinha mercante, etc.. Protestam, pois, os professôres de matemática, em nome do princípio de que «um número aproximado, calculado por estimativa, não pode ser somado a outro, fixo, de modo a considerar-se a soma como exata até as unidades».

Alguns estatísticos britânicos dizem que isso equivale a afirmar-se que o Grande Canyon, nos Estados Unidos, tem 1.000.003 de anos de existência, porque há três anos se calculou que êle existia provàvelmente há um milhão de anos.

★

LIÇÕES BÍBLICAS PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS

Lição 5 — 3 de fevereiro
O grande poder de Jesus
Marcos 5:21-24, 38-43

Lição 6 — 10 de fevereiro
Jesus supre as necessidades humanas
Marcos 6:34-44

Lição 7 — 17 de fevereiro
Jesus, o Cristo
Marcos 8:27-38

Lição 8 — 24 de fevereiro
A Transfiguração de Jesus
Marcos 9:2-4, 14-18, 25-29

★

O PÊSO normal de uma mulher de 45 anos e que tenha 1,55 de altura é de 62 quilos.


O apuro de um rapaz se completa no penteado.
Penteie-se bem, fixando os seus cabelos sem colar, com
BRYLCREEM
O fixador mais que perfeito!

OS MORTOS DO ANO

(De Outubro de 1950 a Setembro de 1951)

OUTUBRO — 1950

1 — Nesta capital, o Professor Inácio de Azevedo Amaral. Natural do Rio de Janeiro, onde



Pro. Inácio de Azevedo Amaral

nasceu a 14 de abril de 1883. Ingressando na Armada, que abandonou em 1914, no pôsto de cap. tenente. Em 1926 formou-se em Ciências Físicas e Matemáticas, após lecionar na Escola Naval e na Escola Normal do Distrito Federal. Em junho de 1942 passou a ocupar o pôsto de diretor da Escola Nacional de Engenharia. Membro de diversas entidades intelectuais foi, ainda, presidente da Academia Brasileira de Ciências. Também foi Reitor da Universidade do Brasil.

2 — Nesta capital, José Carlos de Brito e Cunha, ou melhor: o grande artista J. Carlos. Tendo nascido no Distrito Federal, em 1884, J. Carlos en-



J. Carlos

carnou bem o espírito carioca neste quase meio século em que manejou o lápis com a seguran-

ENTRADA DO SOL NOS SIGNOS DO ZODÍACO EM 1952
Comêço das estações no hemisfério austral

Estação	Signo	Graus	Mês	Dia	Hora legal do Rio de Janeiro
	Aquário	300	Janeiro	20	23h 38m
	Peixes	330	Fevereiro	19	15h 55m
Outono	Carneiro	0	Março*	20	13h 1m
	Touro	30	Abril	20	0h 36m
	Gêmeos	60	Maio	21	0h 3m
Inverno	Caranguejo	90	Junho	21	8h 13m
	Leão	120	Julho	22	19h 8m
	Virgem	150	Agôsto	23	2h 4m
Primavera	Balança	180	Setembro	22	23h 24m
	Escorpião	210	Outubro	23	8h 22m
	Sagitário	240	Novembro	22	5h 36m
Verão	Capricórnio	270	Dezembro	21	18h 43m

O CALENDÁRIO CRISTÃO

Calendário cristão é aquêle que, usado em todos os países cristãos, comemora nas suas distintas festividades os vários episódios da vinda de Jesus Cristo; além disso, a numeração que se sucedem, tendo o ponto de partida no do nascimento de Jesus Cristo, pelo que se lhe chama **Era Cristã** ou **vulgar.** Com respeito a êste calendário, cuja origem encontramos no de Júlio César, e que a reforma gregoriana levou a uma perfeição já pouco aumentável no porvir, o ano de 365 dias (ou 366 nos bissextos) divide-se, como é sabido, nos doze meses de 30 e de 31 dias, com fevereiro de 28 (29 nos anos bissextos), coisas tôdas sobejamente conhecidas, para que delas tenhamos de falar agora. Durante êsses 365 dias desenvolve-se por 52 vêzes o período septenal chamado semana, cujo sétimo dia, domingo, é o destinado ao repouso, e aquêle em que a igreja celebra os seus cultos ao Senhor. Vejamos os elementos que intervêm na formação dêste calendário:

CÔMPUTO ECLESIÁSTICO

Assim se chama o conjunto de regras mediante as quais é possível estabelecer o calendário de qualquer ano futuro, e que já serviram para a formação dos que passaram, de acôrdo com o método gregoriano, ou seja desde 1582. Objeto especial dessas regras é, além disso, a determinação das datas para as chamadas **festas móveis.** Os elementos ou argumentos principais em que assentam, são os dois ciclos **lunar** e **solar.**

CICLO LUNAR

Ao falarmos do calendário dos gregos, tratamos do período de 19 anos calculado por Meton; êste é o **ciclo lunar,** assim chamado porque, uma vez decorrido o período, voltam as fases da lua a corresponder-se com as mesmas datas do ano. Efetivamente, doze meses lunares formam uns 354 dias, faltando assim 11 dias para terminar o ano civil. Assim, ao começar um novo ano, a lua con-



Relógio da Catedral de Strasburgo

ta já 11 dias de uma nova lunação; ao dar princípio outro ano, são já 22 dias os que leva adiantados, e ao começar um terceiro ano, tem-se completado uma lunação de 30 dias e já se contam três dias de outra lunação; ... pois de 19 anos torna a coincidir o princípio do ano com a mesma idade da lua. Já sabemos que se chama **áureo número**

O MÊS HOROSCÓPICO

Astrologia do mês — CARNEIRO (de 21 de março a 20 de abril). E' o Carneiro do Tosão de Ouro. Gera o orgulho, a estima por si mesmo e os arrebatamentos, os temperamentos fogosos. — Os homens nascidos sob a influência dessa constelação são irascíveis, prontos na palavra e na ação, eloquentes, estudiosos, apaixonados. Raramente cumprem suas promessas, com especialidade em questões de amor ou de política. As mulheres são bonitas, animadas, curiosas, sedutoras, têm grande tendência para o exagêro e mentem inconscientemente. Não são tardias em casar e têm numerosos filhos. Do ponto de vista dos males físicos, são muito afeitas a constipações nasais e a enxaquecas. Difícil, por conseguinte, de contar com elas para combinações de vida social e partidas de recreio."

Este signo dá ambição, ansiedade de subir,; assegura riquezas e altas situações sociais. Promete casamentos auspiciosos e realmente cumpre algumas das promessas com certo número dêles, verdadeiramente afortunados. Tanto o homem como a mulher (esta por meio do casamento) pode subir até regiões governamentais do Estado e aquêle atingir a glória merecida de elevadas graduações militares e de honras inerentes a elas; mas tudo depois de inícios obscuros e trabalhosos. Como influência más, expõe a ferimentos mortais, a morte violenta e torna desastrosas as viagens, sobretudo as executadas por terra, em transportes de qualquer ordem, a grande velocidade. Cuidado, principalmente, com os automóveis.

★

O AMBAR natural se diferencia do artificial porque não é atacável pelo álcool e produz, esfregando-se, um cheiro característico. Além disso, o âmbar natural não fica arranhado com a unha e não pode soldar-se pela simples ação do calor como ocorre com as imitações.

★

PERCORRENDO O MUNDO

O «domínio» da Nova Zelândia está situado no Oceano Pacífico, ao sudeste do continente australiano, do qual o separa o mar de Tasmânia. E' constituído por duas ilhas importantes, além de outras de menor valor. Tem 2.269.000 quilômetros quadrados e 1.822.000 habitantes. Capital: Wellington, com 154 mil habitantes. Forma parte do Império Britânico.



MÊS DE SÃO JOSÉ (31 dias)

1 Sábado — Albino, Herculano.
2 Domingo — Carlos, Jovino. — Quadragésima.
3 Segunda — Hemetério, Marino. — Q. Crescente às 10 horas e 43 minutos.
4 Têrça — Camila, Casimiro.
5 Quarta — Frederico, Eusébio.
6 Quinta — Olegário, Perpétua.
7 Sexta — Tomás de Aquino.
8 Sábado — Emília, João de Deus.
9 Domingo — Francisca Catarina.
10 Segunda — Crescêncio, Militão.
11 Têrça — Firmino, Rosina. — Lua Cheia às 15 h. 14 m.
12 Quarta — Fina, Gregório.
13 Quinta — Ramiro, Rodrigo.
14 Sexta — Florentino, Matilde.
15 Sábado — Longuinho, Henrique.
16 Domingo — Abraão, Ciríaco.
17 Segunda — Gertrudes, Pancrácio.
18 Têrça — Gabriel, Narciso. Q. Minguante às 23 h. 40 m.
19 Quarta — José Leôncio.
20 Quinta — Ambrósio, Aniceto. (O Sol entra em Carneiro às 13 h. 1m. — Grau 0) Outono.
21 Sexta — Bento, Nicolau.
22 Sábado — Basílio, Emídio.
23 Domingo — Liberato, Turíbio.
24 Segunda — Agápito, Berta.
25 Têrça — *Anunciação de Nossa Senhora* — Quirino. — Lua Nova às 17 h. 12 m.
26 Quarta — Bráulio, Ludgero.
27 Quinta — Fileto, Lídia.
28 Sexta — Castor, Xisto.
29 Sábado — Jonas, Quirino.
30 Domingo — Amadeu, Plínio. — Domingo da Paixão.
31 Segunda — Balbina, Benjamin.

FASES DA LUA

Hora legal do Rio de Janeiro

Q. Crescente	dia 3	às	10h 43m
Lua Cheia	dia 11	às	15h 14m
Q. Minguante	dia 18	às	23h 40m
Lua Nova	dia 25	às	17h 12m

★

CALENDÁRIO CRISTÃO

2 — 1.º Domingo da Quaresma
9 — 2.º » » »
16 — 3.º » » »
23 — 4.º » » »
30 — 5.º » » »
ou Domingo da Paixão.

★

Deitar num pequeno recipiente, cinco gôtas de azeite e uma colher, das de café, de tinta da China. Calçar a luva, esticá-la bem na mão e com um pincelzinho fino molhar as partes brancas, esfoladas ou gretadas. Em seguida, deixar secar completamente.

★

Se os seus móveis são novos, aplique óleo de peroba para conservá-los, se são velhos aplique óleo de peroba para renová-los.

ECLIPSES

No ano de 1952 haverá quatro eclipses, sendo dois do Sol e dois da Lua.

I — Eclipse parcial da Lua em 11 de fevereiro.
II — Eclipse total do Sol em 25 de fevereiro.
III — Eclipse parcial da Lua em 5 de agôsto.
IV — Eclipse anular do Sol em 20 de agôsto.

★

LIÇÕES BÍBLICAS PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS

Lição 9 — 2 de março
O Serviço Cristão
Marcos 10:35-45

Lição 10 — 9 de março
A autoridade de Jesus
Marcos 11:1-10, 15-18

Lição 11 — 16 de março
Jesus, a Pedra Angular
Marcos 12:1-12

Lição 12 — 23 de março
Os Dois Grandes Mandamentos
Marcos 12:28-34

Lição 13 — 30 de março
A segunda vinda do Senhor
Marcos 13:24-37

★

O PAIS ONDE SE BEBE maior quantidade de chá é a Austrália. Cada australiano consome, em média, 4 quilos de chá por ano.

Para fixar meus cabelos? Já tenho o eleito: BRYLCREEM O fixador mais que perfeito!

ça de um mestre e a sensibilidade de um grande artista. Na imprensa, trabalhou 48 anos. Colaborou em muitos jornais e ilustrou muitos livros, sendo a «Careta» a publicação que estampou a maioria dos seus trabalhos. Ali mesmo faleceu, em plena atividade.

4 — Nesta capital, o Sr. Mateus Martins Noronha, presidente do Banco Brasileiro do Comércio e figura destacada do jornalismo. Natural da Bahia,



Sr. Mateus Martins Noronha

veio para esta capital onde fundou a «República», que dirigiu com a colaboração de Francisco Glicério. Em Minas Gerais, para onde se transferiu, dedicou-se à construção de estradas de ferro e rodagem, tendo sido um dos contratantes da ponte internacional Brasil-Argentina, ligando Uruguaiana a Paso de Los Libres. Foi diretor do Banco dos Funcionários Públicos de onde se transferiu para o Banco Brasileiro do Comércio.

★

AUDÁCIA

A sorte ajuda aos audazes e afugenta os tímidos. — **Virgílio**

★

A audácia e a sorte com freqüência andam juntas. — **Metastásio.**

★

Nada pode sobrepor-se à audácia unida à prudência. — **Stobeo.**

★

Com a audácia tudo se pode empreender, mas nem tudo se pode fazer. — **Napoleão.**

★

O bicarbonato é o condimento «das indigestões»! — **Ramón Gomez de la Serna.**

o que indica a ordem que um ano ocupa dentro do ciclo lunar, e acrescentaremos que a idade da lua, ou seja, o número de dias decorridos, ao começar o ano, desde a última lua nova do ano anterior, chama-se **epacta.**

REGRAS DO ÁUREO NÚMERO E DA EPACTA

Para achar o **áureo número** correspondente a um ano qualquer da era cristã, acrescenta-se uma unidade ao ano dado, divide-se por 19 e o resto é o **áureo número** que se procura. O resto 0 indica o áureo número 19. Por exemplo, sejo o ano 1905: acrescentando 1, fica 1906; e dividindo êste por 19, obtém-se um resto 6, que é o áureo número de 1905.

No calendário juliano cada número áureo corresponde a uma epacta invariável formando a seguinte série:

Números áureos — I II III IV V VI VII VIII IX X XI XII XIII XIV XV XVI XVII XVIII XIX. **Epactas** — 0 11 22 3 14 25 6 17 28 9 20 1 12 23 4 15 26 7 18.

Porem, em conseqüência da reforma gregoriana, os valores das epactas ficam alterados ao terminar o século por corresponder à supressão dos anos bisextos.

Durante o século XIX os valores das epactas foram os mesmos da



As três Parcas

(Quadro de Miguel Angelo)

série citada; porém, a partir de 1900, inclusive, êsses valores hão de ser diminuídos de uma unidade, e nessa forma serão utilizáveis até o ano de 2199; para os anos 2200 a 2299, os valores das séries diminuirão duas unidades; para 2300 a 2399, três unidades, e para 2400 a 2499, ùnicamente de duas unidades (A terá de ser a diminuição, a epacta 0, diminuída, a 29) Seguindo esta prescrição, o ano de 1905, cujo áureo número é 6, terá de epacta 24.





Calendário bretão

Gravado em madeira. Obra do século XV, descoberta em 1872, no castelo de Conedio, Bretanha.

(O mais curioso neste calendário é a maneira gráfica de representar as festividades do ano por meio de símbolos adequados, que, sem dúvida, eram do domínio vulgar, naquela época e naquele país)

CICLO SOLAR

Falamos de um período artificial de sete dias: a **semana.** Também no ano civil de 365 ou 366 dias, não cabe um número exato dêstes períodos: decorridas 52 semanas, faltam para terminar o ano um ou dois dias, conforme aquêle fôr comum ou bisexto. Daí resulta que, se num ano dado, o dia 1.° de janeiro é uma segunda-feira, no ano seguinte êsse dia é uma têrça-feira; adiantando um dia em cada ano, e dois no que se segue a um bisexto. Para que as mesmas datas do ano tornem a corresponder-se com iguais dias da semana, e isso durante todo o ano, hão de decorrer vinte e oito anos. Tal é o **ciclo solar.**

Se se marcam com as letras A, B, C, D, E, F e G do alfabeto os sete primeiros dias do ano e se se repete esta série durante todo êle, resultará que, se

O MÊS HOROSCÓPICO

Astrologia do mês — TOURO (de 20 de abril a 21 de maio). O Touro, em que Júpiter se metamorfoseou para raptar Europa, foi colocado no número das constelações. Pressagia audácia e fôrça de caráter, mas também violência e astúcia. — O homem que nasce sob a influência dêsse signo é audaz, brusco, violento, por vêzes brutal, e, por qualquer modo, triunfa ruidosamente de seus inimigos. E' desprezador dos perigos, fìsicamente belo, enérgico de caráter, excessivo na paixão do amor, ciumento em elevado grau, desconfiado, suspeitoso e fàcilmente dominado pelos sentidos, por conseguinte, fraco e governável por intermédio da mulher. Sorri-lhe a fortuna, e os acasos felizes vêm do encontro de seus desejos em ocasiões repetidas. Em suas viagens por terras (estrangeiras) será, pouco feliz. Alma pouco elevada, nada poética, nada idealista, será afortunado na segunda metade da sua vida, mas tornar-se-á taciturno, melancólico, pouco sociável. — A mulher é dotada de fôrça de vontade, de energia, de bom senso e de juizo. Naturalmente violenta (aquilo que se chama vulgarmente mau gênio), será contudo espôsa submissa e fiel, salvo no caso de absoluta incompatibilidade de gênio ou de temperamento com seu marido. Antes do casamento, a excessiva liberdade de seus modos, a estranheza de algumas de suas ações, e sua notória inconstância farão com que algumas pessoas falem dela, nunca se sabendo se certo ou não.

★

CENTENÁRIO DE DE SÍLVIO ROMERO



Sílvio Romero

O transcurso do primeiro centenário de Sílvio Romero representou, sem dúvida, uma das expressivas efemérides de nossa vida literária.

Como crítico, que foi a atividade fundamental de seu espírito, como estudioso de nossos problemas sociais, como pole-



Abril

MÊS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO (30 dias)

1 Têrça — Hugo, Irene.
2 Quarta — Urbano. Q. Crescente às 5 h. 48m.
3 Quinta — Benedito, Reinaldo.
4 Sexta — Júlio, Zózimo.
5 Sábado — Juliana, Vicente Férrer.
6 Domingo — *Ramos* — Diógenes, Marcelino.
7 Segunda — Adelino, Valtrude.
8 Têrça — Alberto, Válter.
9 Quarta — Trevas — Acácio, Cristino.
10 Quinta — Endoenças — Esequiel, Pompeu. (Lua Cheia às 5 h. 53 m.
11 Sexta — *Paixão* — Léo, Leônia, Isaac.
12 Sábado — *Aleluia* — Júlio, Vitor.
13 Domingo — *Páscoa* — Ida, Justino.
14 Segunda — DIA PAN-AMERICANO — Tibúrcio.
15 Têrça — Lúcio, Anastácia.
16 Quarta — Frutuoso.
17 Quinta — Aniceta, Rodolfo. Q. Minguante às 6 h. 7 m.
18 Sexta — André, Galdino.
19 Sábado — Hermógenes, Sílvio.
20 Domingo — Teodoro. (O Sol entra em Touro às 0 h. 36 m. — Grau 30).
21 Segunda — EXECUÇÃO DE TIRADENTES, 1792 — Anselmo, Lotário.
22 Têrça — Caio, Sotério.
23 Quarta — Adalberto, Jorge.
24 Quinta — Fidélis, Honório. Lua Nova às 4 h. 27 m.
25 Sexta — Marcos.
26 Sábado — Cleto, Olívia.
27 Domingo — Tertuliano, Zita.
28 Segundo — Valério, Vital.
29 Têrça — Antônio, Libério.
30 Quarta — Sofia, Severo.

FASES DA LUA
Hora legal do Rio de Janeiro

Q. Crescente	dia 2	às	5h 48m
Lua Cheia	dia 10	às	5h 53m
Q. Minguante	dia 17	às	6h 7m
Lua Nova	dia 24	às	4h 27m

★

CALENDÁRIO CRISTÃO

6 — Domingo de Ramos ou anterior à Páscoa.
13 — Domingo da Páscoa ou da Ressurreição.
20 — 1.º Domingo depois da Páscoa.
27 — 2.º Domingo depois da Páscoa.

★

PARA VOCÊ, QUE E' SABIDO...

Uma só destas orações está errada. Pode o leitor apontá-la?

1 — Praticar o suicídio com revóver.

2 — Tentar o suicídio com faca.

3 — Suicidar-se com veneno.

(Resposta na página ?)

LIÇÕES BÍBLICAS PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS

2.º trimestre de 1952
Lição 1 — 6 de abril
Jesus em face da Morte
Marcos 14:22-26, 32-36

Lição 2 — 13 de abril
Da Morte para a Vida
Marcos 15:33-37; 16:1-7

Lição 3 — 20 de abril
O período dos Patriarcas
Gênesis 17:1-8

Lição 4 — 27 de abril
O período de Moisés
Deut. 6:20-25

★

A SORTE

A sorte é privilégio apenas daqueles que trabalham com decisão e vontade. — **Aristóteles**

★

A sorte nem sempre se encontra nos bons nem torna bons aquêles em quem se encontra. — **Boécio.**

★

O segrêdo da conservação dos móveis reside na aplicação do óleo de peroba.

Amacia, dá brilho, perfuma suavemente, fixa sem colar, torna os cabelos sadios e juvenis, dá-lhes elegância e nova vida
BRYLCREEM
O fixador mais que perfeito!

OS MORTOS DO ANO

(Continuação)

5 — Nesta capital, o Sr. Jones Rocha, presidente da U.D.N. do Distrito Federal. Militou na política desde 1930. Em 1934 foi



Sr. Jones Rocha

eleito deputado e posteriormente senador pelo Distrito até 1937. Revolucionário em 1930, foi prêso duas vêzes. Em 1945 aliou-se à U.D.N., onde chegou aos mais altos postos.

5 — Em Paris, o aviador Emile Dubonnet, um dos pioneiros da aviação francesa.

7 — Em Culver City, Califórnia, o jurista internacional Dudley Field Malone, que foi assistente do secretário de Estado no período da Primeira Guerra Mundial, sendo um dos homens da confiança do Presidente Wilson.

7 — Em Mennsburg, Pennsylvania, o eminente neurologista Frederic Lewey, que recentemente, completando a descoberta do professor espanhol Del Rio Hortega, apresentara o aperfeiçoamento do diagnóstico dos tumores cerebrais.

---

mista e em vários outros setores de ação e de idéias, êle se impôs como uma figura imprescindível à compreensão de nossa história, principalmente da história de nossa inteligência.

Sílvio Romero nasceu em Sergipe em 1851. Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife. Foi professor de filosofia do Colégio Pedro II, entrando mais tarde para o corpo docente da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Representou ainda o seu Estado na Câmara dos Deputados. Sílvio Romero faleceu em 1914 e além da «História da Literatura Brasileira» — a sua maior obra, incontestàvelmente — deixou, entre outros, os seguintes trabalhos: **Tipologia Selvagem**, **Interpretação Filosófica da História**, **Estudos de Literatura Contemporânea** e **O Brasil na Primeira Década do Século XX** e **Machado de Assis**.

ano começa em domingo, a letra A achar-se-á repetida em todos os domingos do ano; será essa a **letra dominical** do ano em questão. Se o ano começa em sábado, a letra dominical será B, e essa corresponderá a todos os domingos; se o ano começa em sexta-feira, a letra dominical será C, e assim sucessivamente. Por exceção, só o ano bissexto, graças à intervenção do dia 29 de fevereiro, tem duas dominicais; uma para janeiro e fevereiro, e outra para o resto do ano. A sucessão das letras dominicais verifica-se retrogradando um lugar cada ano comum (e dois cada bissexto, por esta forma: G, F, E, D, C, B., A, G, F, E, etc., pela circunstância já exposta anteriormente, de exceder cada ano um dia (ou dois) das 52 semanas e começar cada ano sucessivo em um dia (ou dois) da semana, avançado com respeito ao ano anterior.

REGRA PARA A DOMINICAL

Chamando **x** à parte não secular do ano, ou sejam os dois algarismos de unidades e dezenas, e **x'** aos algarismos seculares, teremos que:

1.° Dividindo $x + \frac{x}{4}$ por 7, o resto



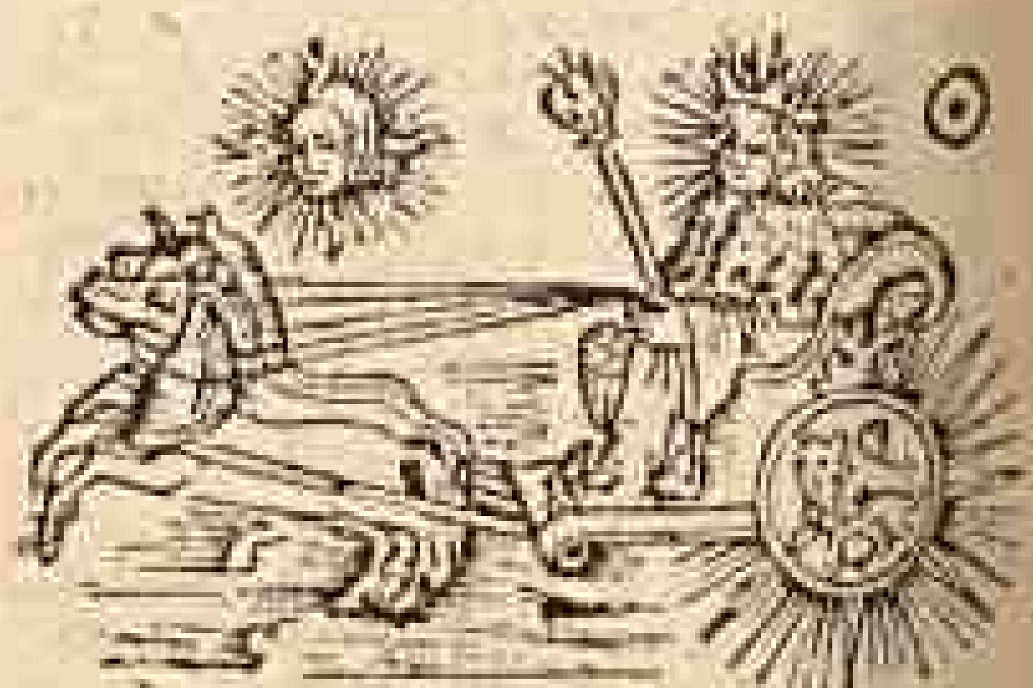
Reprodução do frontispício de um calendário bávaro, de algibeira; tamanho do original, impresso à imitação do estilo gótico.

(Publicado pela casa G. J. Maus, de Munich).

subtraído de 7 dará uma diferença **a**.

2.° Dividindo **x'** por 4, ficará um resto que multiplicado por 2 e aumentando-se 1 dará uma quantidade **b**.

3.° A soma de **a+b**, ou o seu



O Sol

Os desenhos representativos do Sol, da *Lua* e dos demais planêtas com que ilustramos êste artigo, são fac-símiles autênticos, e reprodução fiel de ilustrações, que se encontram em tratados de Astronomia e de Astrologia dos séculos XV e XVI. Estes foram extraídos do Tratado de Guido Benatus de Forlivio (Veneza, 1506), e existem igualmente nos tratados análogos dos primeiros anos da imprensa, Hyginus de 1477, 148[illegible] etc.; mas estas figuras são as mais completas como reunião de símbolos astrológicos.

excesso de 7, será a letra dominical segundo a ordem: A = 1, B = 2, ... F = 6, e G = 7 ou [illegible]

A dominical achada segundo esta regra para os anos bissextos é a que serve para os meses de março a dezembro. Com respeito às leis já conhecidas, corresponderá a janeiro e a fevereiro a letra seguinte na ordem alfabética.

Assim, por exemplo, tratando-se do ano de 1904 (bissexto) em que escrevemos, estabeleceremos os cálculos seguintes:

1.° (4 + 1) : 7 = resto 5; de 5 para 7 = 2.

2.° 19 : 4 = resto 3; 3 × 2 + 1 = 7.

3.° 7 + 2 = 9, soma que excede 2 de 7; 2 indica a dominical B, que tratando-se de um ano bissexto se completa com o C para os dois primeiros meses. C B são as dominicais de 1904.

COMO SE FAZ UM CALENDÁRIO

Conhecido já o referente aos ciclos solar e lunar, com os elementos que de ambos se derivam (**dominical** do primeiro, **áureo número** e **epacta** do segundo) estamos já em condições de formular um calendário para qualquer ano determinado, já decorrido ou por decorrer, dentro das regras que constituem o sistema gregoriano, chamado também **novo estilo** por oposição ao juliano, ou **estilo velho**.

O MÊS HOROSCÓPICO

Maio vem do latim *Maius*, que era a sua denominação no calendário romano, em homenagem a Apolo. Na época pagã o mês de maio era dedicado a Flora, deusa das flores. A igreja cristã dedicou-o à Virgem Maria.

Astrologia do mês — GÊMEOS (de 21 de maio a 22 de junho). Tendo Castor e Polux tomado lugar entre as constelações, sua influência astrológica é a de inspirar amizade, uma vez que se dê, simultâneamente, o feliz prognóstico de outras conjunções. — Os homens nascidos sob êste signo são geralmente dotados de excelente coração. Providos de espírito, de sagacidade, de prudência, de gravidade; são, no entanto — ou por isso mesmo — um pouco inclinados à presunção e, bem examinados, achar-se-á que são hábeis na vida prática, astuciosos e dissimulados, a fim de conseguir, ocultando os seus fins. Seu coração é feito, todavia, para o amor e para a amizade; felizes dêles se se ligarem a mulher ou a amigo que tenha nascido sob o mesmo signo. — As mulheres, formosas, apaixonadas, simples e meigas, serão estimadas, compreendidas, felizes em suma. No entanto, desconfiam elas o mais possível de todos os homens, enquanto êles forem moços. Só poderão encontrar felicidade verdadeira quando se lhes depare marido mais idoso e de caráter que harmonize com o seu. Como não há bela sem senão, terão certa tendência para o desleixo no govêrno e no arranjo da sua casa. Tanto os homens como as mulheres governados por êste signo têm aptidões múltiplas. Têm mais tato que saber verdadeiro.

★



AS CAMPEÃS DO ANO — Considerada a campeã da plástica perfeita das praias francesas, aí temos a jovem Claire Ronyl, representante de Cannes.

★

A MANTEIGA, os legumes e as verduras se conservam melhor em lugares escuros do que em lugares expostos à luz.



Maio

MÊS DE MARIA (31 dias)

1 Quinta — DIA DO TRABALHO Felipe, Tiago.
2 Sexta — Mafalda, Anastácio. Q. Crescente às 0 h. 58 m.
3 Sábado — DESCOBRIMENTO DO BRASIL — Alexandre.
4 Domingo — Floriano, Mônica.
5 Segunda — Irene, Pio.
6 Têrça — Evódio, Judite.
7 Quarta — Augusto, Estanislau.
8 Quinta — Dionísio.
9 Sexta — Beatriz, Hermes. Lua Cheia às 17 h. 16 m.
10 Sábado — Isidoro, Aureliano.
11 Domingo — Mamede, Mamerto.
12 Segunda — Emília, Joana.
13 Têrça — FRATERNIDADE BRASILEIRA — Gervásio.
14 Quarta — Bonifácio, Justo.
15 Quinta — Isidoro, Maurício.
16 Sexta — João Nepomuceno, Ubaldo. Q. Minguante às 11 horas e 39 minutos. ●
17 Sábado — Bruno, Pascoal.
18 Domingo — Érico, Julieta.
19 Segunda — Iva, Pedro Celestino.
20 Têrça — Bernardino, Deodato.
21 Quarta — Secundino. (O Sol entra em Gêmeos às 0 h. 3m. — Grau 60).
22 Quinta — Ascenção de Nosso Senhor — Helena, Rita.
23 Sexta — Basileu, Desidério. Lua Nova às 16 h. 28 m.
24 Sábado — Afra, Cláudia.
25 Domingo — Gregório, Urbano.
26 Segunda — Agostinho, Mariana.
27 Têrça — Elisa, Ranulfo.
28 Quarta — Guilherme, Germano.
29 Quinta — Máximo, Procópio.
30 Sexta — Fernando, Lúcia.
31 Sábado — Amélia, Petronilha. Q. Crescente às 18 h. 46 m.

FASES DA LUA
Hora legal do Rio de Janeiro

Q. Crescente	dia 2	às	0h 58m
Lua Cheia	dia 9	às	17h 16m
Q. Minguante	dia 16	às	11h 39m
Lua Nova	dia 23	às	16h 28m
Q. Crescente	dia 31	às	18h 46m

★

CALENDARIO CRISTÃO

4 — 3.º Domingo depois da Páscoa.
11 — 4.º Domingo depois da Páscoa.
18 — 5.º Domingo depois da Páscoa, do de Rogações.
25 — Domingo depois da Ascenção.

★

PARA VOCÊ QUE E' SABIDO — (Resposta da pág. anterior) — A oração errada é a do n. 3, pois **suicídio**, do latim **sui**, «de si mesmos» e **caedere**, «matar», já indica que uma pessoa matou a si própria. Significa um ato que acarreta a própria destruição. Dispensa, assim, o reflexivo, que, quando empregado, o que se ouve e se lê geralmente) é o mesmo que dizer «se matou-se».

LIÇÕES BIBLICAS PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS

Lição 5 — 4 de maio
A Posse de Canaan
Josué 1:1-9

Lição 6 — 11 de maio
(Dia das Mães)
As Bases do Lar Cristão
I Cor. 13:4-7; II Tim. 3:14-17

Lição 7 — 18 de maio
O Reino Unido
II Sam. 5:1-5

Lição 8 — 25 de maio
O Reino do Norte
I Reis 12:16-24

★

A SEGUNDA DENTIÇÃO — inicia na criança de cinco anos de idade. Começa pelos quatro grandes molares. E' precaução excelente levar a criança ao dentista para que examine se sua bôca está em ordem e não haja aparecido alguma cárie dental.

★

Dê novo brilho e nova vida aos seus móveis aplicando óleo de peroba.

Fortifique-se com



EMULSÃO DE SCOTT
TÔNICO DAS GERAÇÕES

OS MORTOS DO ANO
(Continuação)

8 — Nesta capital, o Sr. Pimentel Duarte, industrial de renome em todo o país e figura do maior relêvo no esporte nacional, como pioneiro do iatismo no Brasil, tendo sido, várias vêzes, campeão pelo seu clube, o Guanabara, do qual foi o presidente doze anos, ininterruptamente. Com seu famoso barco «Vendaval», alcançou grandes vitórias, entre elas a Regata Buenos Aires-Rio.



Sr. Pimentel Duarte

10 — Em Cachoeira do Sul, R. Grande do Sul, o deputado estadual Floriano Neves da Fontoura, membro do P.T.B. riograndense e irmão do chanceler João Neves da Fontoura.

★

A EMBRIAGUEZ DOS PERFUMES

Quase todos os perfumes são, na realidade, excitantes que, quando passa o seu primeiro efeito, provocam no organismo uma debilidade igual à quantidade de fôrça gasta no momento da excitação.

A ação de um perfume poderia comparar-se com a do álcool; sabe-se que, sôbre certos temperamentos, o cheiro das flores produz uma espécie de embriaguez. Porém, à parte isto, os perfumes têm grande utilidade, tendo sido demonstrado por um sábio bacteriólogo, que os vapores emitidos pela maior parte das essências são poderosos antisépticos. O micróbio da febre tifóide fica morto em doze minutos pela essência de canela, em trinta e cinco pela de tomilho, em quarenta e cinco pela de verbena da Índia, em cinqüenta pela de gerânio, em oitenta pela de patchuli. A alfazema e o eucalipto são, também, muito antisépticos.

Há que reconhecer, por conseguinte, que os perfumes são úteis, mas que é uma imprudência abusar dêles.

Para isso, procedamos metòdicamente, começando pela primeira matéria:

OS DIAS

Se se trata de fazer um vestuário, a primeira coisa de que é preciso lançar mão é da fazenda com que êle tem de ser feito. Assim nós, também, para a formação do calendário, contamos com a **fazenda tempo** (tecido tenuíssimo, uma espécie de teia de aranha, cuja urdidura é a própria vida do homem), e dela cortamos uma quantidade de dias: 365 ou 366.

REGRA DOS ANOS BISSEXTOS

Serão 366 dias os necessários para formar o calendário de um ano se ao dividirmos as dezenas e unidades, número do ano de que se trata, por 4, acharmos um resto igual a 0. Tal ano será bissexto. No caso contrário, isto é, se ficar um resto, é que se trata de um ano comum de 365 dias. Porém, se os dois algarismos das dezenas e unidades forem zeros no ano dado, então far-se-á a operação de dividir centenas; se o resto é zero, o ano será bissexto, e começam no caso contrário.

Exemplos: o ano de 1900, prescindindo dos dois zeros, fica em 19, que divididos por 4, deixam um resto igual a 3. E' um ano comum.

O ano 2000 será bissexto, por 20 : 4 = 5, e resto 0.

O ano 1904 foi bissexto, porque 04 : 4 = 1, e resto 0.

O ano 2911 será comum, porque 11 : 2 = 5, e resto 1.

DELIMITAÇÃO E ESTABELECIMENTO

Para dar mais caráter tangível às nossas operações empregamos, como os nossos leitores podem ver, têrmos de agrimensor; os meios de que nos valeremos terão de ser adequados.



A Lua

Sôbre um papel de conveniente grandeza, figuremos tantos traços verticais como dias deva ter o ano, segundo o nosso cálculo prévio, e separemos por linhas mais visíveis a distribuição dos doze meses, tendo em conta que, se ao tratar de um ano bissexto, havemos de deixar 29 dias a fevereiro.

Assim obteremos uma figura que fará lembrar aos que a conheçam, a graduação ou escala das chamadas **réguas de cálculo** que os engenheiros e arquitetos utilizam para abreviarem os seus

FESTAS FIXAS

E sem necessidade de cálculo algum, procederemos a marcar as festas fixas, assinando-as às datas correspondentes, conforme o seguinte lista das principais:

Circuncisão do Senhor	1	de janeiro
Epifânia ou Adoração dos Reis	6	" "
S. Vicente	22	" "
Purificação de Nossa Senhora	2	" fevereiro
S. José	19	" março
Anunciação de Nossa Senhora	25	" "
Santo Antônio	13	" junho
Nascimento de S. João Batista	24	" "
S. Pedro e S. Paulo	29	" "
Visitação de Nossa Senhora	2	" julho
S. Tiago Maior	25	" "
Transfiguração do Senhor	6	" agôsto
Natividade de Nossa Senhora	8	" setembro
Todos os Santos	1	" novembro
Apresentação de Nossa Senhora	21	" "
Imaculada Conceição	8	" dezembro
Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo	25	" "
Santos Inocentes	28	" "
S. Silvestre	31	" "

Desta maneira, poderemos marcar as festas de caráter cívico ou comemorativo, estabelecidas, conforme o uso de cada país, em datas determinadas e não sujeitas a variação de um ano para outro. Todo o santoral poderá, também, ser repartido de uma vez para sempre, pelos dias do ano conforme a ordem estabelecida no martirológio romano.

Junho

MÊS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (30 dias)

O MÊS HOROSCÓPICO

O nome Junho vem do latim Junius, porque êste mês, no calendário romano, era dedicado à deusa Juno.

Astrologia do mês — CARANGUEIJO (de 22 de junho a 23 de julho). Foi o caranguejo que mordeu Hércules no momento em que êle matava a hidra do pântano de Lerma. O caranguejo ocasiona desapontamentos, decepções, atrasos na vida, retrocessos, quando menos se esperam. — Êste signo é prejudicial à saúde do homem ou da mulher a cujo nascimento preside. Torna o homem tomado por ingenuidade de caráter ou por excesso de fraqueza; predispõe a dar "cabeçadas" na vida ou para tomar determinações irrefletidas. Os nascidos sob sua influência são questionadores, amigos de demandas, seguindo em tôdas as ocasiões seus caprichos, de preferência, aos conselhos da razão. Serão freqüentemente atraiçoados e ser-lhes-á difícil juntar fortuna. Falando em demasia, por hábito irresistível, não saberão guardar segrêdo, que é a alma dos negócios, e por isso hão de ter muitas vêzes seus projetos atravessados por terceiros. Serão abandonados pelos que se disserem seus amigos, quando a necessidade os atormentar na velhice. — Influenciadas pela Lua, as mulheres que nascem sob êste signo são, em geral, de gênio pacífico, e preferem o sossêgo da vida doméstica aos turbilhões da vida mundana. Na maioria, formosas, serão de natureza ardente, ativas, curiosas, caprichosas e enganadoras.

★

PARA VOCÊ QUE É SABIDO...

O petróleo **não pode** ser encontrado em profundidades superiores a duas milhas (3.218 metros)! Certo? Errado?

(Resposta na página seguinte).

★

BREITSCHWANZ é palavra de origem alemã com a qual se denomina uma formosa pele de grande brilho e parecida com o astrakan. Geralmente é negra, mas pode ter outros tons.

1 Domingo — *Espírito Santo* — Pentecostes — Firmino, Secundo.
2 Segunda — Brandino, Marcelino.
3 Têrça — Clotilde, Ovídio.
4 Quarta — Quirino, Saturnino.
5 Quinta — Heloísa, Sancho.
6 Sexta — Amância, Norberto.
7 Sábado — Gilberto, Roberto.
8 Domingo — *Santíssima Trindade* — Salustiano, Severino. Lua Cheia às 2 h. 7 m.
9 Segunda — Julião, Melânia.
10 Têrça — Margarida
11 Quarta — Barnabé, Rosália.
12 Quinta — *Corpo de Cristo* — Rodolfo, Cirino.
13 Sexta — SANTO ANTÔNIO, Francisco.
14 Sábado — Basílio, Eliseu. Q. Minguante às 17 h. 28 m.
15 Domingo — Lídio, Vito.
16 Segunda — João Francisco.
17 Têrça — Manuel, Teresa.
18 Quarta — Amâncio, Marina.
19 Quinta — Gervásio, Protásio.
20 Sexta — Mário Silvério.
21 Sábado — Luís Gonzaga. (O Sol entra em Caranguejo às 8 h. 13 m. — Grau 90). — Inverno.
22 Domingo — Everardo. Lua Nova às 5 h. 45 m.
23 Segunda — Edeltrudes, Gaspar.
24 Têrça — SÃO JOÃO BATISTA.
25 Quarta — Guilherme, Febrônia.
26 Quinta — Virgílio.
27 Sexta — Fernando, Ladislau.
28 Sábado — Argemiro, Irineu.
29 Domingo — SÃO PEDRO E SÃO PAULO.
30 Segunda — Lúcia, Marçal. Q. Crescente às 10 h. 11 m.

FASES DA LUA
Hora legal do Rio de Janeiro

Lua Cheia	dia 8	às	2h 7m
Q. Minguante	dia 14	às	17h 28m
Lua Nova	dia 22	às	5h 45m
Q. Crescente	dia 30	às	10h 11m

★

CALENDÁRIO CRISTÃO

1 — Domingo de Pentecostes.
8 — Domingo da Trindade.
15 — 1.º Domingo depois da Trindade.
22 — 2.º Domingo depois da Trindade.
29 — 3.º Domingo depois da Trindade.

★

A ÁGUA BATISMAL é benta e consagrada em duas ocasiões solenes: o sábado santo e a Cigília de Pentecostes. E' usada misturada com os santos óleos e exclusivamente no sacramento do batismo.

★

NATÁLIA e Natálio são nomes de origem latina. Significam dia de nascimento.

★

Tudo limpo, tudo brilhante. Assim se apresentam os seus móveis com óleo de peroba.

LIÇÕES BIBLICAS PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS

Lição 9 — 1 de junho
O Reino do Sul
II Reis — 18: 1-8

Lição 10 — 8 de junho
O Cativeiro Babilônico
Jeremias 29: 4-14

Lição 11 — 15 de junho
A Restauração de Jerusalém
Esdras 1: 1-4

Lição 12 — 22 de junho
A Expansão do Evangelho
Rom. 1: 1-16

Lição 13 — 29 de junho
A Perseguição da Igreja
I Pedro 5: 6-11

★

EM CASO DE HAVER escapamento de gás tomam-se as seguintes precauções: não entrar com luz de chama no lugar do escapamento; cerrar a chave do contador e finalmente ventilar a casa.

★

SE DEPOIS de retirar com benzina, a mancha de um tecido, notamos que ficou uma **auréola**, convém expor a parte afetada durante alguns segundos ao vapor saído do bico de uma chaleira com água em ebulição e a mancha logo desaparecerá.

Rica em vitaminas, cálcio e fósforo
EMULSÃO DE SCOTT
TÔNICO DAS GERAÇÕES

OS MORTOS DO ANO

(Continuação)

19 — Nesta capital, o Sr. Mário Rodrigues de Vasconcelos, que militou no «O País», com outros vultos da nossa imprensa e, mais tarde, no «O Imparcial», com Renato de Castro, Humberto de Campos e Oscar Lopes.

23 — Em Los Angeles, Al Jolson, um dos mais antigos e queridos astros do teatro e do cinema norte-americanos, tendo feito, entre outros filmes famosos «O Cantor do Jazz», «Última Canção» e «Wonder-Bar».



Al Jolson

24 — Na Síria, assassinado, o general Hinnaji, ex-comandante das Fôrças Armadas da Síria e que chefiara o último «golpe militar» nesse país.

30 — No castelo de Drottinpholm, Estocolmo, o venerando Rei Gustavo, da Suécia. Tinha 92 anos, 4 meses e 13 dias, sendo o mais velho soberano do



Rei Gustavo, da Suécia

Para terminar, vejamos como poderemos levar à prática os nossos conhecimentos na arte de calcular calendários, utilizando as escalas graduadas de que nos fomos provendo no decurso dos nossos estudos.

Uma primeira escala apresenta-nos uma graduação dos 365 dias do ano, distribuídos pelos seus doze meses, indicando nos seus lugares invariáveis tôdas as festividades fixas. Para quando se trate de um ano bisexto, utilizaremos outra graduação, na qual fevereiro terá marcado 29 dias e o total da escala 366 do ano. Ambas as escalas graduadas podem traçar-se em correspondência, cuidando em que o dia de excesso da segunda sobressaia pelo princípio do ano, isto é, fazendo corresponder o 28 de fevereiro da primeira com o 29 de fevereiro da segunda. Uma segunda escala que possuímos oferece-nos uma sucessão de traços, distinguidos em grupos de sete, que decompõem o ano em períodos semanais. Sôbre esta mesma graduação, e na porção conveniente dela figuram as festas móveis, que formam o período pascoal; de maneira que, fazendo correr esta segunda régua junto às dos dias do ano, será possível sucessivamente fazer corresponder a Páscoa com cada uma das 35 datas compreendidas entre 22 de março e 25 de abril.



Saturno

Tal é a distribuição, que teremos feito da primeira matéria ou **teia de dias**, que tomamos de comêço para **cortar** o nosso calendário. Além disso, esta imagem da teia não é nova; os antigos imaginaram as Parcas, encarregadas de ir cortando as porções de **fio de tempo**, que formam a vida de cada mortal.

O SISTEMA DE COPÉRNICO

Diz o padre Feijó, nas suas *Cartas Eruditas* (tomo quarto, carta XXI):

O cardeal Nicolau de Cusa precedeu Copérnico (a anterioridade foi de mais de um século) na opinião da terra se mover e do sol ser imóvel. Porém, se a circunstância da antiguidade fizesse mais ilustres as opiniões como faz as famílias, muito maior qualificação da nobreza do sistema copernicìano encontrargria na sua antiquíssima origem de Aristarco, filósofo e matemático da ilha de Samos, que floresceu dois ou três séculos antes da era cristã e a quem fazem primeiro inventor dêle muitos autores. Mas, sem embargo desta maior antiguidade do Sistema, justamente é reputado seu inventor Copérnico, porque na sua existência anterior não era mais do que um corpo informe: *Rudis indigestaque moles*, ao qual êle, digamo-lo assim, organizou, acomodando-o a tôdas as aparências celestes, e fundando a sua maior prova na conformidade que tem com elas.

O sistema de Copérnico — escreve D. Felipe Picatoste, em uma *Memória* premiada pela Real Academia de Ciências Exatas, Físicas e Naturais, de Lisboa — foi admitido pela ciência como uma hipótese vantajosa em certos casos, e a Teologia não o repudiou. A Itália se orgulha de ter possuído o padre Foscarini, que escreveu em 1615 uma carta defendendo o sistema copernicano; porém dezenove anos antes, ensinava-se tranquilamente em Salamanca, e fazia trinta que o tinha explicado e defendido, com mais judicioso, Diogo de Zuniga; sendo, portanto, a Espanha, segundo o demonstrou muito bem Merignet, a única nação da Europa, que em vida de Tycho-Brahe adotou a doutrina de Copérnico.

★

Pedir a liberdade para si e recusá-la aos outros é a definição do despotismo. — **Eduardo de La Boulaye.**

★

O pessimismo é um êrro filho da ignorância: a vida é boa; há muito poucos entes para quem fôsse melhor não existir. — **E. Renan.**

★

AS FLORES expostas aos vapores do amoníaco, mudam de côr: as violetas azuis ou avermelhadas tornam-se verdes; as vermelhas, negras e as brancas, amarelas.

★

PARA VOCÊ QUE É SABIDO...
(Resposta da página anterior)

Na Califórnia, onde foi tirada a fotografia que acompanha o texto, estão os poços de petróleo mais profundos, com aproximadamente 3 milhas. (Mais de 4.800 metros!) A afirmativa é, portanto, **falsa!**



Julho

MÊS DO PRECIOSO SANGUE DE JESUS (31 dias)

1 Têrça — Júlio, Teodorico.
2 Quarta — *Visitação de Nossa Senhora* — Isabel, Oto.
3 Quinta — Jacinto, Heliodoro.
4 Sexta — Berta, Ulrico.
5 Sábado — Fábio, Filomena.
6 Domingo — Isaías.
7 Segunda — Cirilo, Metódio, Pulquéria. Lua Cheia às 9 horas e 33 minutos.
8 Têrça — Elisabeth, Procópio.
9 Quarta — Nicolau, Verônica.
10 Quinta — Januário, Rufina.
11 Sexta — Pio, Sabino.
12 Sábado — Marciana, Nabor.
13 Domingo — Anacleto, Joel.
14 Segunda — Boaventura, Focas. Q. Minguante às 0 h. 42 minutos.
15 Quarta — *Nossa Senhora do Carmo* — Sizenando.
17 Quinta — Aleixo, Generosa.
18 Sexta — Frederico.
19 Sábado — Arsênio, Vicente de Paula.
20 Domingo — Elias, Jerônimo.
21 Segunda — Daniel, Praxedes. Lua Nova às 20 h. 30 m.
22 Têrça — Maria Madalena (O Sol entra em Leão às 19 horas e 8 minutos — Grau 120).
23 Quarta — Apolinário.
24 Quinta — Cristina, Diogo.
25 Sexta — Cristóvão, Tiago.
26 Sábado — Ana, Olímpio.
27 Domingo — Bertoldo, Natália.
28 Segunda — Celso, Inocêncio.
29 Têrça — Olavo, Marta. Q. Crescente às 22 h. 51 m.
30 Quarta — Abel, Donatilia.
31 Quinta — Inácio, Fábio.

O MÊS HOROSCÓPICO

O nome do mês de Julho vem do latim *Julius*, porque assim se chamava êsse mês no calendário romano, em homenagem ao imperador Júlio César, nascido no dia 12. Quem lhe deu essa denominação foi o imperador Marco Aurélio. Antes, Julho, que era o quinto mês do calendário latino, chamava-se Quirinalis.

Astrologia do mês — LEÃO (de 23 de julho a 24 de agôsto). O Leão da floresta de Neméa, que Hércules conseguiu estrangular, foi colocado entre as constelações e sua influência é inspiradora de coragem, espírito de domínio e autoritarismo. — Êste signo zodiacal proporciona saúde e vida longa. Suas influências gerais têm grande analogia com as do Caranguejo, apenas com a diferença de que os presságios proporcionados pelo Leão convêm mais aos homens e os do Caranguejo às mulheres. O homem nascido sob êste signo é franco, valente, corajoso, liberal, magnânimo e freqüentemente orgulhoso. Sua alma pode ser acessível, em certos casos, às doces comoções da compaixão; mas, por outro lado, compraz-se em mofar do próximo, em incomodar os outros, e inflama-se fàcilmente nas chamas do entusiasmo e das paixões. De bela presença, agrada geralmente ao belo sexo — e sabe-o! Depois de ter, por muito tempo, aspirado às honras do mundo e de ter trabalhado e até mesmo intrigado, para alcançá-las, por fim, vindo elas ao seu encontro, quando já não as aceita. — A mulher é animosa, altiva, fácil em encolerizar-se, audaciosa, guardadora de rancores e vingativa; mas formosa, amorosa e amada. Casará prematuramente e terá poucos filhos, a não ser que a Lua, na hora do seu nascimento, esteja em aspecto trígono com o Sol. Aos homens, êste signo faz casar com uma prima, uma amiga de infância ou uma cunhada, muitas vêzes rival da espôsa.

★

OS NOMES DO ANO



Abdulah Rastegar, fanático iraniano que matou a tiros Ali Razmara, general do Exército do Irã e primeiro ministro da nação, em 7 de março de 1951. Embora a foto tenha sido toma-

FASES DA LUA
Hora legal do Rio de Janeiro

Lua Cheia	dia 7	às	9h 33m
Q. Minguante	dia 14	às	0h 42m
Lua Nova	dia 21	às	20h 30m
Q. Crescente	dia 29	às	22h 51m

★

CALENDÁRIO CRISTÃO

6 — 4.º Domingo depois da Trindade.
13 — 5.º Domingo depois da Trindade.
20 — 6.º Domingo depois da Trindade.
27 — 7.º Domingo depois da Trindade.

★

FESTAS NACIONAIS DO BRASIL

1 de janeiro — **Confraternização Universal.**
21 de abril — **Martírio de Tiradentes.**
1 de maio — **Festa do Trabalho.**
7 de setembro — **Independência do Brasil.** (1822)
15 de novembro — **Proclamação da República.** (1889)
25 de dezembro — **Natal.**

★

COMEÇO DAS ESTAÇÕES

O **Verão** começa no dia 22 de dezembro de 1951.
O **Outono** começa no dia 21 de março.
O **Inverno** começa a 22 de junho.
A **Primavera** começa em 23 de setembro.
O **Verão** começa, novamente, em 2 de dezembro.

★

A CARNE MAGRA, as ostras e os espinafres são os alimentos que contêm maior quantidade de ferro.

PARA VOCÊ QUE É SABIDO...

Nos últimos anos os seguintes personagens foram identificados por determinado objeto de uso pessoal. Nos casos seguintes os objetos não se relacionam com os indivíduos, **salvo num só caso.** Pode apontá-lo?

a) Primeiro **Ministro Chamberlain** — Bengala;
b) Imperador Hirohito — Bicicleta;
c) Josef Stalin — Piteira;
d) General MacArthur — Pince-nez;
e) Winston Churchill — Pincel de pintor.

(Resposta da página seguinte)

★

HOMEM versus MULHER

Em Joplin, Montana, Estados Unidos, uma mulher foi fazer queixa à polícia, afirmando que o marido escondera a sua dentadura para que ela deixasse de estar sempre visitando os vizinhos.

★

Os seus móveis velhos adquirem nova vida com óleo de peroba.

RAPAZES!
Tenham personalidade, mantendo seus cabelos bem penteados e suavemente perfumados, usando
BRYLCREEM
O fixador mais que perfeito!

OS MORTOS DO ANO
(Continuação)

mundo e tendo reinado 42 anos, 10 meses e 12 dias. Esportista de renome mundial destacava-se como exímio jogador de tênis. Descendente da dinastia instalada na Suécia por Bernardotte, um dos marechais de Napoleão, Gustavo V nasceu em 16-6-1858. Recebeu educação democrática, estudou na escola comunal de Beskow, cursando mais tarde a Universidade de Upsala. Em setembro de 1881 casou-se em Karlshuhe com a princesa Vitória de Baden, que lhe deu 3 filhos, dos quais 2 ainda vivos: o príncipe herdeiro Gustavo Adolfo e o príncipe Guilherme, duque de Sudermanie. Em 1907 sucedeu a seu pai, Oscar II, do qual seguiu a política de neutralidade. Pela segurança dos seus julgamentos foi chamado «conselheiro dos seus conselheiros».

31 — O poeta francês Leo Larquier, da Academia Goncourt.

NOVEMBRO:

1 — Em S. Paulo, o Sr. Gustavo Pinto, figura de destaque nos meios musicais brasileiros, arquiteto de nomeada, além de pianista exímio e compositor, cujas obras eram, não raro, incluídas nos recitais de sua espôsa, a grande pianista patrícia Guiomar Novais.

6 — Nesta capital o jurista Pedro Batista Martins, natural de Minas Gerais, autor de várias obras jurídicas, sendo de sua autoria o ante-projeto do Código de Processo Civil, vigente no país. Era também livre-docente da Faculdade de Direito de Minas Gerais.

1 — Na Inglaterra, o escritor, romancista, teatrólogo George



O genial George Bernard Shaw

Bernard Shaw, que também foi considerado o maior humorista dos últimos tempos.

P... da minutos após o homicídio, o assassino sorri para o fotógrafo não revelando arrependimento — e muito menos temor pelo castigo que o aguardava.

O HOMEM QUE TUDO PREVIU: JÚLIO VERNE

NUMA época de grandes realizações científicas, quando a bomba atômica apenas nascida é logo desclassificada pela bomba de hidrogênio, quando o Professor Piccard prepara nova expedição submarina a bordo da sua segunda **batysphera**, quando já se fala na próxima viagem do primeiro foguete para a Lua, como não havemos de pensar em Júlio Verne, que, no meio do século XIX, já esboçava o quadro, **quase exato**, da vida no ano 2000, antecipando-se cem anos ao progresso geral?

★

Se existia, antes da guerra, em Paris, uma **Sociedade Júlio Verne** — desaparecida depois da ocupação alemã — alguns especialistas ainda se curvam sôbre a obra imensa dêsse adivinho da vida futura. Ainda recentemente, surgiu na França uma obra intitulada **Viagem Através do Mundo Verniano**, em que seu autor, René Escaich, estuda muito a sério a obra imensa do escritor, cuja exuberante imaginação encantou e encanta ainda gerações sucessivas.

Chegado a Paris aos vinte anos de idade — e sem dinheiro — Júlio Verne (parente de Chateaubriand), nascido em Nantes em 1828, estuda direito, faz-se agente de câmbio, mas não enriquece. Passa as horas de folga, reunindo os materiais indispensáveis à sua obra gigantesca — e a ler Edgard Põe. Depois começa a escrever, mas os editores recusam seus manuscritos, até o dia em que Hetzel lhe oferece 20.000 francos por ano, exigindo, porém, dois romances! E' o início da carreira de Júlio Verne, que procurará sempre brindar seus leitores com a variedade dos seus conhecimentos, quer se trate de física, de química, de mecânica, de mineralogia, de geologia, de oceanografia, de meteorologia, de astronomia ou de balística.



Júlio Verne tal como foi representado em uma de suas obras.

Os especialistas afirmam que Verne compulsou as melhores obras de história, de viagens, de mecânica e de astronomia.

PARA VOCÊ QUE É SABIDO...
(Resposta da página anterior)

A resposta certa se refere ao último caso (e): Winston Churchill, que é apaixonado pintor, sendo que uma de suas telas se encontra hoje no «Museu de Arte Moderna», de São Paulo.

O MÊS HOROSCÓPICO

Agôsto vem do latim *Augustus*, denominação que tinha êste mês em Roma por ordem do imperador Marco Aurélio, em homenagem ao imperador Augusto. Agôsto antigamente chamava-se Sextilis, porque era o 6.º mês do calendário romano.

Astrologia do mês — VIRGEM (de 24 de de agôsto a 23 de setembro). Astréia, admitida entre as constelações — Diana para uns, Ceres para outros, — preside o pudor. — Êste signo zodiacal revela tendências para a castidade, para o celibato. Faz tardios os casamentos. O homem nascido sob a sua influência é bem conformado, sincero, generoso espiritual, discreto e benfazejo. Procurará àvidamente alcançar honras, sobretudo na vida eclesiástica. Será muitas vêzes ludibriado e roubado por causa de sua ignorância nas várias espécies de ardis. Relativamente abastado, sua fortuna será imobiliária. — As mulheres, egoístas, estéreis, enganadoras, pérfidas, dissimuladas, garridas, cobiçosas e inconseqüentes, pensam mal e riem do pesar alheio; no entanto, um bom aspecto de Vênus atenua êstes maus presságios. Corações frios, secos, nada inclinados à bondade, apesar de suas maneiras adocicadas, que nunca abandonam. A idade torná-las-á melancólicas e más, folgando intimamente com os males do próximo. Grande confiança na prosperidade imutável do próprio destino, temores incessantes de doenças e da morte.

★

TAQUIGRAFIA e ESTENOGRAFIA têm o mesmo significado.

★

PARA VOCÊ QUE É SABIDO...



A espuma do sabão mata muitos germes. — Verdadeiro? Falso?... (Resposta na página seguinte).

★

Em Hamburgo, Alemanha, uma espôsa solicitou divórcio... mas não pôde, como fazem as outras, «ir para casa de mamãe», pois o marido prontamente casou com... a sogra!



Agosto

MÊS DO CORAÇÃO DE MARIA (31 dias)

1 Sexta — Ivo, Leôncio.
2 Sábado — Afonso, Estêvão.
3 Domingo — Hermelo, Lídia.
4 Segunda — Justino, Perpétua.
5 Têrça — *Nossa Senhora das Neves* — Cassiano, Osvaldo. (Eclipse parcial da Lua). — Lua Cheia às 16 h. 40 m.
6 Quarta — *Transfiguração de Nosso Senhor* — Felicíssimo.
7 Quinta — Alberto, Caetano.
8 Sexta — Ciríaco.
9 Sábado — Clara, Veriano.
10 Domingo — Donata, Filomena, Rubem.
11 Segunda — Susana, Tibúrcio.
12 Têrça — Clara, Claro, Graciliano. Q. Minguante às 10 horas e 27 minutos.
13 Quarta — Aurora, Hipólito.
14 Quinta — Atanásio, Calixto.
15 Sexta — *Assunção de Nossa Senhora* — Alípio, Arnolfo.
16 Sábado — Joaquim Roque.
17 Domingo — Emília, Mamede.
18 Segunda — Agápito, Helena, Laura.
19 Têrça — Luís Mariano.
20 Quarta — Bernardo, Samuel. (Eclipse anular do Sol) — Lua Nova às 12 h. 20 m.
21 Quinta — Anastácio, Umbelina.
22 Sexta — Felisberto, Timóteo.
23 Sábado — Benício. O Sol entra em Virgem às 2 h. 4 m. — Grau 150.
24 Domingo — Aurea, Bartolomeu.
25 Segunda — *Nossa Senhora da Penha* — Genésio, Ludovico.
26 Têrça — Rosa Zeferino.
27 Quarta — José Calasans, Jorge.
28 Quinta — Agostinho, Hermes. Q. Crescente às 9 h. 3 m.
29 Sexta — Cândido, Sabina.
30 Sábado — Gaudêncio.
31 Domingo — Aristides, Raimundo.

FASES DA LUA
Hora legal do Rio de Janeiro

Lua Cheia	dia 5	às 16h 40m
Q. Minguante	dia 12	às 10h 27m
Lua Nova	dia 20	às 12h 20m
Q. Crescente	dia 28	às 9h 3m

★

CALENDARIO CRISTAO

3 — 8.º Domingo depois da Trindade.
10 — 9.º Domingo depois da Trindade.
17 — 10.º Domingo depois da Trindade.
24 — 11.º Domingo depois da Trindade.
31 — 12.º Domingo depois da Trindade.

★

CORRESPONDÊNCIA DOS DIFERENTES CALENDARIOS

O ano 1952 do calendário gregoriano corresponde a:

6666 anos do Período Juliano;
1952 do calendário juliano; começa 13 dias mais tarde, no dia 14 de janeiro, calendário gregoriano;
5712 da era dos judeus; começou a 30 de setembro de 1951 e o ano de 5713 começará a 19 de setembro de 1952, calendário gregorian.;
2705 da fundação de Roma, segundo Varron;
2730 das Olimpíadas gregas;
2699 da era de Nabonnasar;
2612 da era Japonêsa;
1997 depois da introdução do Calendário Juliano;
1371 da Hégira, calendário muçulmano, que começou a 1 de outubro de 1951 e o ano 1372 começará a 20 de setembro de 1952, calendário gregoriano;
1285 depois da chegada dos Toltecas ao México;
834 depois da fundação do Império dos Incas no Peru;
736 depois do estabelecimento dos Aztecas no México;
512 depois da invenção da imprensa;
460 depois do Descobrimento da América;
452 depois do Descobrimento do Brasil;
370 depois da introdução do Calendário Gregoriano;
176 da Independência dos Estados Unidos da América do Norte;
163 anos depois da invenção da máquina a vapor;
130 da Independência do Brasil;
63 da República Brasileira.

★

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

Anemia? Debilidade?



EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

OS MORTOS DO ANO

(Continuação)

10 — Em Milão, Itália, o maestro Giuseppe del Campo. Estudou com Leandro Corini, que também foi o mestre de Toscanini. Paralítico do braço esquerdo há cinco anos, vinha, mesmo assim, dirigindo as orquestras da rádio-emissora de de Roma e de Parma.

12 — Em Bogotá, assassinado, o presidente da Junta Governativa da Venezuela, Coronel Chalband.

14 — Em Mildo, Itália, Herbert E. Dunhill, diretor da fábrica de cachimbos Dunhill e conhecido como o Homem dos Cachimbos, embora não os fumasse mas apenas os fabricasse.

23 — Nesta capital o desportista Armando Barcelos, que foi vice-presidente do «Botafogo de Futebol e Regatas» e promotor das viagens do «Southampton» e do «Arsenal» ao Brasil.

23 — Nos arredores de Seul, Coréia do Sul, o general Walton H. Walker, que se tornou conhecido na 2.ª Guerra Mundial



General Walton H. Walker

como comandante do 23.º Exército norte-americano, sob o comando do general George S. Patton. Walton comandava agora o famoso 8.º Exército norte-americano.

★

PARA VOCÊ QUE É SABIDO...
(Resposta da página anterior)

O bacilo do tifo e o staphylococcus (causa de muitos distúrbios e infecções da pele) podem resistir à espuma do sabão comum. Muitos outros germes, entretanto, morrem. Por isso o banho da criança não apenas serve para lavar, porém ajuda também a defender a saúde. — A afirmativa, é verdadeira.

Os que conheceram Júlio Verne em Amiens, afirmam que êle se dirigia diàriamente à biblioteca da **Sociedade Industrial**, onde lia atentamente tôdas as revistas científicas. Encontra-se uma prova da "atualidade" de sua erudição, no "Maître du Monde". Um concurso de automóveis foi organizado em um dos Estados da União Norte-Americana: a obra foi publicada em 1924, tendo sido composta vários anos antes, numa época em que o automóvel ensaiava os seus primeiros passos. Júlio Verne não se mostrou embaraçado para citar os nomes dos principais construtores de automóveis dos diferentes países.

Ao lado dessa ciência incontestável, encontramos, em todos os seus romances, a adivinhação da vida futura. O engenheiro Cirus Smith, nas páginas deliciosas da "Ilha Misteriosa", prevê para o futuro, a utilização da água decomposta em seus elementos, empregados separadamente — ou simultâneamente — como fonte calor e de luz... Na "Espantosa Aventura da Missão Barsac", o engenheiro Marcel Camaret tem a sua usina guardada por vespas, que voam em círculo imutável e que, depois de lançar sua metralha mortífera sôbre os audaciosos que se aventuram em seu campo magnético, voltam automàticamente, para recarregar o seu alvéolo de partida.

Pensamos, então, nas rampas da "V-1" e da "V-2", nascidas na última guerra, com a única diferença que, quando, por acaso, os foguetes voltavam, era contra a vontade do atirador.

Na mesma obra, Júlio Verne imagina que foi possível construir uma cidade no centro do deserto, graças a um engenheiro que, **bombardeando o céu**, pôde fazer chover tantas vêzes quantas necessárias.

Os Norte-Americanos seguiram êsse processo durante muitos anos, antes de adotar o método do gêlo sêco, lançado de avião.



ISTO ESTÁ QUASE REALIZADO — Já existem veículos anfíbios e mesmo submarinos. Só não voam!

Quanto ao **fulgurador** "Roch", de "Face au Drapeau", explodindo não por meio de choque contra o alvo visado, mas à distância de algumas centenas de metros, agia sôbre as camadas atmosféricas de forma tão violenta, que tôda construção, fortim ou mesmo navio de guerra, devia ser aniquilado numa dezena de milhares de metros quadrados. Não era, já, uma antecipação de Hiroshima e do bombardeio atômico?

Júlio Verne também imagina (em "Fora dos Eixos") que uma importante mina de carvão foi descoberta no Polo Norte. Para poder explorá-la, os sábios decidem criar uma formidável explosão... a fim de mudar o eixo da terra!

Na hora atual, os Norte-americanos, inquietos com o aumento ar

São verdadeiros esplendores em todo o Brasil

Os

TECIDOS

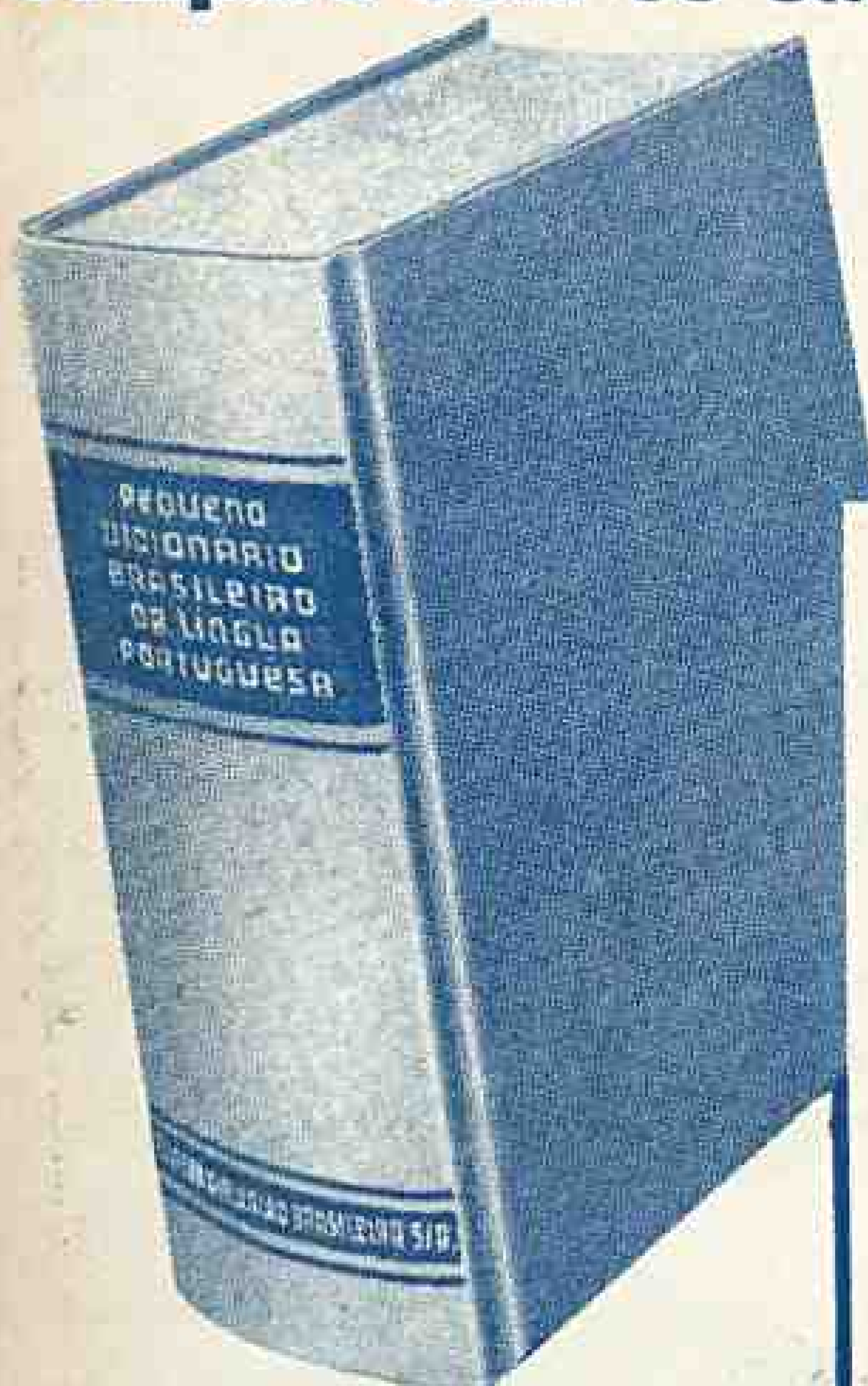
das

Casas

PERNAMBUCANAS



compare com os outros...



Há dicionários com qualidades próprias, mas <u>nenhum dicionário</u> apresenta <u>tôdas</u> as qualidades dêste:

1 - Flexões regulares e irregulares de gênero, número e grau;

2 - Flexões irregulares dos verbos;

3 - Feminino dos substantivos e adjetivos terminados em "ão";

4 - Superlativo absoluto sintético;

5 - Maior número de brasileirismos perfeitamente definidos;

6 - Amplo registro de sinônimos;

7 - Registro da grafia etimológica e indicação da pronúncia, de palavras não acentuadas, *a fim de evitar silabada;*

8 - Disposição em ordem alfabética dos adjetivos específicos, definidos no substantivo correspondente;

9 - Seriação dos verbetes, no caso de homônimos com étimos diferentes;

10 - Apêndice desenvolvido das palavras estrangeiras de uso corrente na língua portuguêsa;

11 - Registro de certas variantes que, apesar de consignadas por alguns lexicógrafos e aceitas pelo vocabulário oficial português, foram refugadas pelo nosso;

12 - Indicação a respeito dos nomes próprios que aparecem na definição de certas palavras, com referência à nacionalidade e à epoca em que viveu a pessoa mencionada.

•

Volume com 1.344 páginas em papel importado, de primeira qualidade.
CARTONADO .... Cr$ 100,00
ENCADERNADO .... Cr$ 120,00

em tôdas as livrarias

PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

ATENDEMOS PELO REEMBÔLSO POSTAL

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua do Ouvidor, 102 — Rio de Janeiro
Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo
Rua Chile, 23 — Salvador — Bahia

O MÊS HOROSCÓPICO

Setembro vem do latim *September*, que queria dizer 7.º mês do ano de Roma que começava em março. E' o nono mês do ano no nosso calendário.

Astrologia do mês — BALANÇA (de 23 de setembro a 24 de outubro). Esta constelação que representa a balança de Themis, dá margem a processos judiciais. — Os homens que nascem sob êste signo são questionadores, chicaneiros e de grande audácia em todos os prazeres da vida. Têm vocação para o comércio, são poupados até à avareza, para com os outros, e sumamente inclinados à agiotagem ativa. Como regra geral, são dotados de beleza física; na boa sociedade, sabem manter distinção de maneiras, possuem talento oratório, e conseguem, apesar de obscuras incorreções, que o mundo os circunde de boa reputação. Faltam a suas promessas, quando o interêsse próprio exige. Têm, muitas vêzes, parentes ricos, donde lhes provêm oportunas heranças. Excessivamente prudentes, todavia ganharão com isso, salvando-se de grandes perigos, quer na conservação da vida quer no bom êxito, das operações em que se lancem. — As mulheres serão muito amadas e afáveis; alegres, dotadas de maneiras encantadoras, geralmente felizes, quando se não unam, pelo casamento, a homens nascidos sob a influência do mesmo signo. São apaixonadas por flores. Não lhes faltam adoradores; mas como são excessivamente exigentes, vêem freqüentemente reservado o círculo daqueles que as adoram. Têm grandes probabilidades de casamento entre os 17 e os 24 anos.

★



JOHN TARBOX, de Frenchtown, Rhode-Island, EE. UU., embora com 75 anos de idade, levanta, tôdas as manhãs, halteres de 60 quilos. Diz êle que sua profissão de lapidador de diamantes é muito sedentária, o que lhe causava reumatismo. Porém a partir dos 45 anos decidiu dedicar-se aos esportes e desde então, não mais sofreu daquele mal ou de outro.



Setembro

MÊS DE NOSSA SENHORA DAS DORES (30 dias)

1 Segunda — Egidio, Gil, Josué
2 Têrça — Elpídio.
3 Quarta — Eufêmia, Aristeu.
4 Quinta — Libânia, Irma, Rosália. Lua Cheia às 0 h. 19 minutos.
5 Sexta — Rosa, Laurentino.
6 Sábado — Fausto, Petrônio.
7 Domingo — INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, 1822 — Regina.
8 Segunda — *Natividade de Nossa Senhora* — Corbiniano.
9 Têrça — Graciano, Jacinto, Sérgio.
10 Quarta — Nicolau, Hilário. Q. Minguante às 23 h. 36 m.
11 Quinta — Emiliano, Prudência.
12 Sexta — Auta, Guido.
13 Sábado — Amado, Eugênia.
14 Domingo — Cornélia, Elza.
15 Segunda — Albino, Nicomedes.
16 Têrça — Cipriano, Edite.
17 Quarta — Lamberto, Marcina.
18 Quinta — José Cupertino.
19 Sexta — Januário, Rodrigo. Lua Nova às 4 h. 22 m.
20 Sábado — No Rio Grande do Sul: *Comemoração da Revolução de 1835* — **Eustáquio.**
21 Domingo — Efigênia, Mateus.
22 Segunda — Maurício, Santino. (O Sol entra em Balança às 23 h. 24 m. Grau 180) — Primavera.
23 Têrça — Lino, Tecla.
24 Quarta — Ludmila, Ruperto.
25 Quinta — Aurélia, Firmino.
26 Sexta — Cipriano, Justina. Q. Crescente às 17 h. 31 m.
27 Sábado — Cosme e Damião.
28 Domingo — Celina, Salomão, Vencesiau.
29 Segunda — Miguel, Quitéria.
30 Têrça — Honório, Leopoldo.

FASES DA LUA
Hora legal do Rio de Janeiro

Lua Cheia	dia 4	às	0h 19m
Q. Minguante	dia 10	às	23h 36m
Lua Nova	dia 19	às	4h 22m
Q. Crescente	dia 26	às	17h 31m

★

CALENDARIO CRISTÃO

7 — 13.º Domingo depois da Trindade.
14 — 14.º Domingo depois da Trindade.
21 — 15.º Domingo depois da Trindade.
28 — 16.º Domingo depois da Trindade.

★

EM KNOXVILLE, Tennessee, uma mulher solicitou divórcio afirmando que o marido não apenas vinha para casa com a roupa manchada de "baton das suas numerosas conquistas como ainda a forçava a lavá-las.

★

OS OVOS cozidos se descascam com mais facilidade quando fervidos em água salgada.

★

Mantenha os seus móveis bem lustrosos aplicando, com uma flanela, óleo de peroba.

HORA LEGAL

Pelo tempo local contam-se as horas segundo o movimento aparente do Sol; assim, quando o Sol atinge, em sua aparente marcha, numa localidade, o ponto mais alto ou culminante, são 12 horas, pelo tempo local. Oficialmente, porém, usa-se no Brasil, desde o ano de 1914, o tempo **legal**, o qual é diferente segundo as 4 zonas em que, neste sentido, o nosso país se divide, a saber:

1) A primeira zona abrange as ilhas Fernando Noronha e Trindade; o tempo legal ali é 2 horas menos do que em Greenwich (Londres).

2) A segunda zona abrange os Estados de Goiás e Minas Gerais, e todos os Estados marítimos, menos a parte ocidental do Pará. Nesta segunda zona, o tempo legal é o mesmo do Rio de Janeiro, isto é, 3 horas menos do que o de Greenwich.

3) A terceira zona abrange a parte ocidental do Pará, todo o Estado de Mato Grosso e a parte oriental do Estado do Amazonas. O tempo ali é de 4 horas menos do que o de Greenwich.

4) A quarta zona abrange a parte ocidental do Estado do Amazonas e o Território do Acre. O tempo ali é 5 horas menos do que o de Greenwich.

Depois da gripe...



EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

OS MORTOS DO ANO
(Continuação)

DEZEMBRO

5 — Em Washington, **Charles Ross**, secretário do Presidente Truman.

11 — Em Londres, **Oliver Stanley**, destacado membro conservador no Parlamento Britânico, no qual era considerado o «Número Três», logo depois de Churchill e de Anthony Eden.

13 — Nesta capital, o general de divisão **José Fernandes Leite de Castro**, figura de grande relêvo no Exército Brasileiro. Nascido a 5 de outubro de 1871, no Rio Grande do Sul, assentou praça a 27 de fevereiro de 1887, sendo alferes em 1890, 1.º tenente, em 1894, capitão em 1901, Major em 1911, tenente-coronel em 1916, coronel em 1919, general de brigada em 1922 e de divisão em 1931. Transferido para a reserva em 1937, reformou-se em 19 de janeiro de 1940. Tomou parte na repressão da insurreição naval da baía de Guanabara em 1893. Participou da expedição à ilha da Trindade, no mesmo ano. Na revolução de 1930 divergiu do ministro da Guerra, Nestor Passos, sendo elemento destacado na organização da Junta Governativa que substituiu o Presidente Washington Luís. Foi então nomeado ministro da Guerra, cargo que deixou em 1933. Foi o idealizador do famoso Correio Aéreo Militar.

14 — Nesta capital o engenheiro **Marques Pôrto**, secretário de



Engenheiro Marques Pôrto

Viação e Obras da Prefeitura do Distrito Federal.

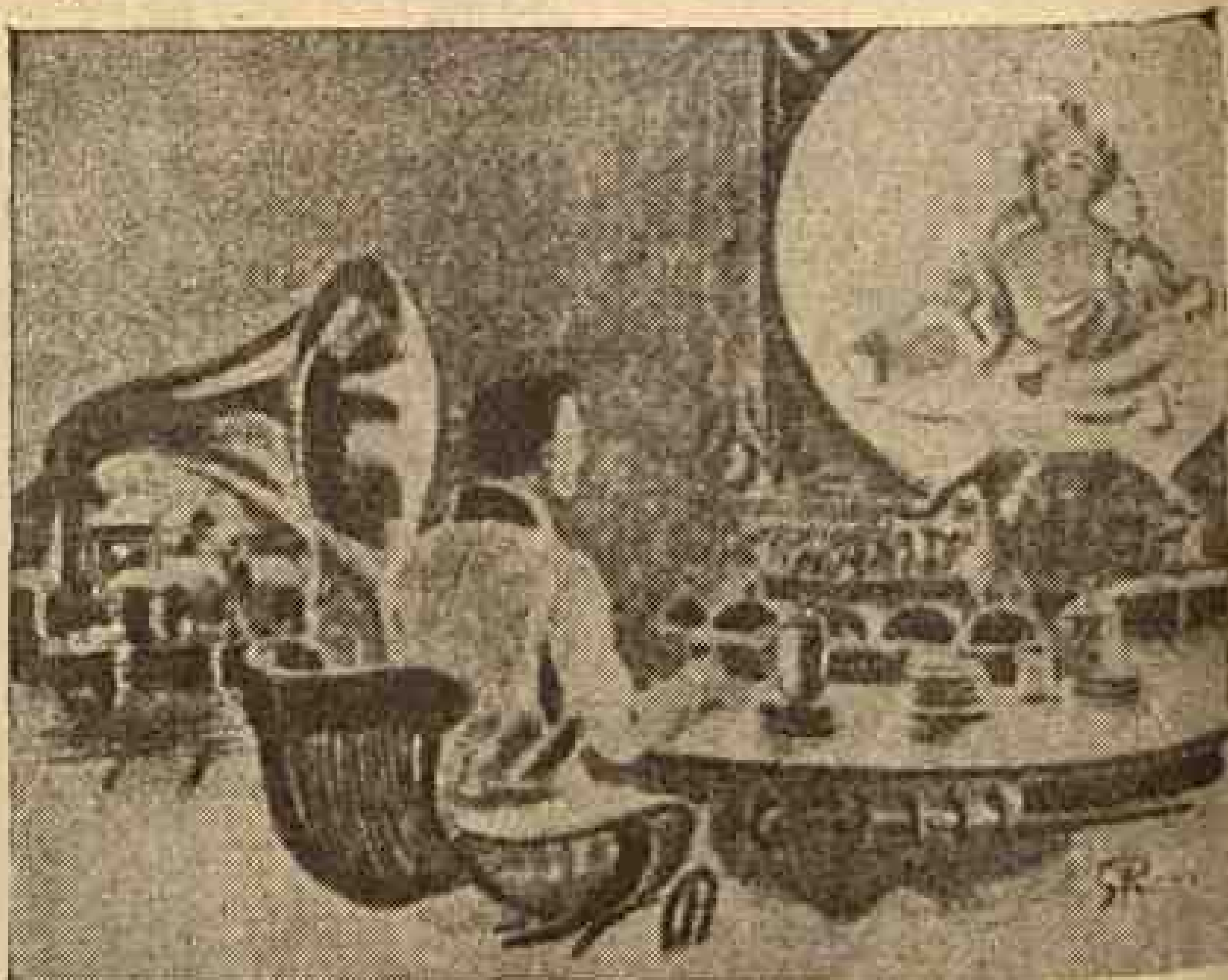
21 — Em Roma, o grande e popular poeta **Trilussa**, autor de imortais sonetos e fábulas no dialeto romano. Trilussa fôra feito senador vitalício em reconhecimento de seus méritos literários.

JANEIRO — 1951

3 — Em Chestertown, no Estado de Maryland, EE. UU., **Richard Krabs (Jan Waltin)**, autor do famoso livro «Dentro da Noite», sôbre as atividades nazistas e soviéticas. Tendo sido agente nazista e depois agente comunista, revelou ao mundo o que eram os métodos dos dois

gantesco das geleiras polares, que, segundo parece, ameaçam o equilíbrio do eixo terrestre, fazem pesquisas urgentes e chegam a pensar em realizar, ali, um intenso bombardeio atômico, para eliminar os excessos de gêlo...

Júlio Verne foi influenciado pela ciência do século XIX. Suas má-



sôbre disco e, a seguir, sôbre fio.

Júlio Verne previu o que já temos. A imagem dotada de palavras,

quinas são sempre complicadas (embora o seu conhecimento científico permitisse a sua simplificação). Cada engenho tem uma quantidade espantosa de rodas, ou um número incalculável de hélices.

Tôdas as **antecipações** de Júlio Verne foram realizadas, de fato. Os inventores passaram fàcilmente do **Albatrós** e do **Go Ahead**, de **"Robur, o Conquistador"**, aos zeppelins e aos auto-giros atuais; da **"Cidade Flutuante"** ao **"Normandia"**; do **"Nautilus"** aos submersíveis atuais; do grande canhão e dos obuses a gás liquidificado, de **"Os Milhões da Begum"**, aos grandes canhões de longo alcance e aos gases asfixiantes; das defesas elétricas ao **"Nautilus"** e do **"Castelo dos Karpathos"**, às cêrcas de arame farpado, de alta tensão, empregadas nos campos de prisioneiros, do **capitão Nemo**, ao engenheiro Georges Claude, que utilizou a energia térmica dos mares; do **"Dia de um Jornalista Americano, no ano 2889"**, à moderna televisão; de **"França-Cidade"**, às cidades-jardins atuais.

Entretanto, certos **sonhos** de Júlio Verne não puderam ainda tornar-se realidades. Se existe veículo anfíbio, podendo até mesmo viajar pelo fundo do mar, ainda não foi construído aparelho semelhante ao **"Epouvante"** do **"Senhor do Mundo"**, que permitia ao seu proprietário voar, locomover-se



OS NOMES DO ANO — Eis o chefe da fracassada conspiração do Paquistão, general Akhbar-khan. Chefiou um movimento militar em seu país, com a intenção de implantar uma ditadura militar, cujo primeiro ato seria matar o primeiro ministro Lisquat Ali Kahn.

O MÊS HOROSCÓPICO

Astrologia do mês — ESCORPIÃO (de 24 de outubro a 23 de novembro). Esta constelação, nascida de Orion, metamorfoseado em Escorpião, por Diana, dá malícia, e bem assim inconseqüência nos atos. — Os homens que vêm ao mundo sob êste signo são intemeratos, não raro cínicos; mas encobrem seus defeitos, sob exterioridades agradáveis. As moças, solteiras ou não, desconfiem sèriamente dêsses sedutores. Suas funções são diametralmente opostas às suas palavras, quase sempre melífluas. Habitualmente alegres, de alegria ruidosa, na solidão atacá-os a melancolia. Escusado é dizer que a despeito dos aspectos planetários a educação e a vontade podem sempre reprimir êsses defeitos naturais. — As mulheres são temerárias, o que também as expõe a terríveis enganos e a freqüentes perigos. Só a idade lhes resfriará a veemência e as exigências da sua atividade, da sua necessidade de locomoção e da sua tendência para a infidelidade. Hão de ter muito que se queixar tanto do marido como dos filhos. O casamento será, para elas, causa de ruína ou de grandes ansiedades de espírito. Na grande maioria, casarão bruscamente, por capricho ou vingança, e sem ter prèviamente buscado sentir o caráter e os gostos da pessoa a quem vão unir o seu destino.

★

A árvore considerada a maior do mundo encontra-se na América do Norte e denomina-se sequóia. Mede freqüentemente mais de cem metros de altura e oito de diâmetro.

★

O PÊSO normal para a mulher de 15 anos, que tenha 1.70 de altura é de 61 quilos.

★

A MASTIGAÇÃO perfeita não só embeleza a cútis, como também é a condição indispensável para a digestão normal e uma boa saúde.

★

UMA criança de 12 anos deve pesar 33.500 gramas aproximadamente.

★

A ÁGUA OXIGENADA é excelente para limpar superfícies de mármore despolidas e muito manchadas.

★

AS MARCAS que deixam os vasos úmidos sôbre a superfície das mesas envernizadas são retiradas esfregando-se com um pouco de vaselina.



Outubro

MÊS DO SANTÍSSIMO ROSÁRIO (31 dias)

1 Quarta — Gastão, Veríssimo.
2 Quinta — Santo Anjo da Guarda — Gerino.
3 Sexta — Evaldo, Teresinha. Lua Cheia às 9 h. 15 m.
4 Sábado — Francisco de Assis.
5 Domingo — Atilano, Flávio, Plácido
6 Segunda — Bruno, Erotildes.
7 Têrça — Adalberto, Augusto.
8 Quarta — Evócio, Pelágia.
9 Quinta — Atanásia, Dionísio.
10 Sexta — Beltrão, Paulino. Q. Minguante às 16 h. 33 m.
11 Sábado — Firmiano, Nicácio.
12 Domingo — DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA — Serafim.
13 Segunda — Daniel, Eduardo.
14 Têrça — Evaristo, Fortunata.
15 Quarta — Severo, Teresa.
16 Quinta — Geraldo, Martiniano.
17 Sexta — André, Eduviges.
18 Sábado — Lucas, Margarida. Lua Nova às 19 h. 42 m.
19 Domingo — Pedro de Alcântara.
20 Segunda — Artur, João Câncio.
21 Têrça — Bertoldo, Celino, Úrsula.
22 Quarta — Maria Salomé.
23 Quinta — João Capistrano. (O Sol entra em Escorpião às 8 h. 22 m. Grau 210).
24 Sexta — Fortunato, Rafael.
25 Sábado — Crispim.
26 Domingo — Amando, Boaventura, Evaristo. Q. Crescente à 1 h. 4 m.
27 Segunda — Elesbão, Fidélia.
28 Têrça — Simão, Tadeu.
29 Quarta — Ermelina, Feliciano.
30 Quinta — Marcelo, Zenóbia.
31 Sexta — Lucila, Quintino.

FASES DA LUA
Hora legal do Rio de Janeiro

Lua Cheia	dia 3	às	9h 15m
Q. Minguante	dia 10	às	16h 33m
Lua Nova	dia 18	às	19h 42m
Q. Crescente	dia 26	à	1h 4m

★

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

★

CALENDARIO CRISTÃO

5 — 17.º Domingo depois da Trindade.
12 — 18.º Domingo depois da Trindade.
19 — 19.º Domingo depois da Trindade.
26 — 20.º Domingo depois da Trindade.

A MAÇÃ não serve para todos os estômagos, apesar das suas qualidades, porque é sumamente difícil encontrar uma pessoa que a digira perfeitamente, **a não ser cozida.**

★

OS VIDROS que contiverem óleo de fígado de bacalhau devem ser lavados com água e sabão, e, em seguida, com amoníaco; por último, devem ser enxaguados com várias águas.

★

OS CARAMELOS feitos em recipientes de cobre não correm o risco de açucarar.

★

EM TÔDA a Europa, a batata (que é originária da América), constitui um dos principais alimentos.

★

O PÊSO NORMAL de uma jovem de 20 anos que tenha 1.67 de altura é de 62 quilos.

FESTAS MÓVEIS

Septuagésima	10 de Fevereiro
Quinquagésima	24 de Fevereiro
Cinzas	27 de Fevereiro
Quadragésima	2 de Março
Domingo da Paixão	30 de Março
Domingo de Ramos	6 de Abril
Páscoa	13 de Abril
Ascensão	22 de Maio
Espírito Santo	1 de Junho
Santíssima Trindade	8 de Junho
Corpo de Deus	12 de Junho
1.º Domingo do Advento	30 de Novembro

Para fixar meus cabelos? Já tenho o eleito: BRYLCREEM O fixador mais que perfeito!

OS MORTOS DO ANO
(Continuação)

extremistas. Entrando nos Estados Unidos, pouco antes dêsse país ter ingressado na Grande Guerra, ali escreveu o seu livro.

1 — Em Viena, Austria, falece o Presidente dessa República, Karl Renner, destacado lider so-



Presidente Karl Renner

cialista. Renner ocupava a Presidência há mais de 5 anos, sendo fundador da Primeira e da Segunda República Austríaca.

6 — Em Nova York, Francis Carter Wood, um dos pioneiros da utilização dos raios-X contra o câncer e que foi presidente de uma Comissão, organizada em 1920 nos Estados Unidos, e que obteve 1 milhão e meio de dólares, em coletas, para dar uma grama de radium à Sra. Curie.

8 — Nesta capital, o professor Sebastião Sodré da Gama, diretor do Observatório Nacional e



Prof. Sebastião Sodré da Gama

lente de Mecânica da Escola Nacional Politécnica. O extinto era natural do Pará e desde 1929

sôbre a terra, sôbre... e sob a água. Outros, ainda, estão em vias de realização, como a viagem da Terra à Lua...

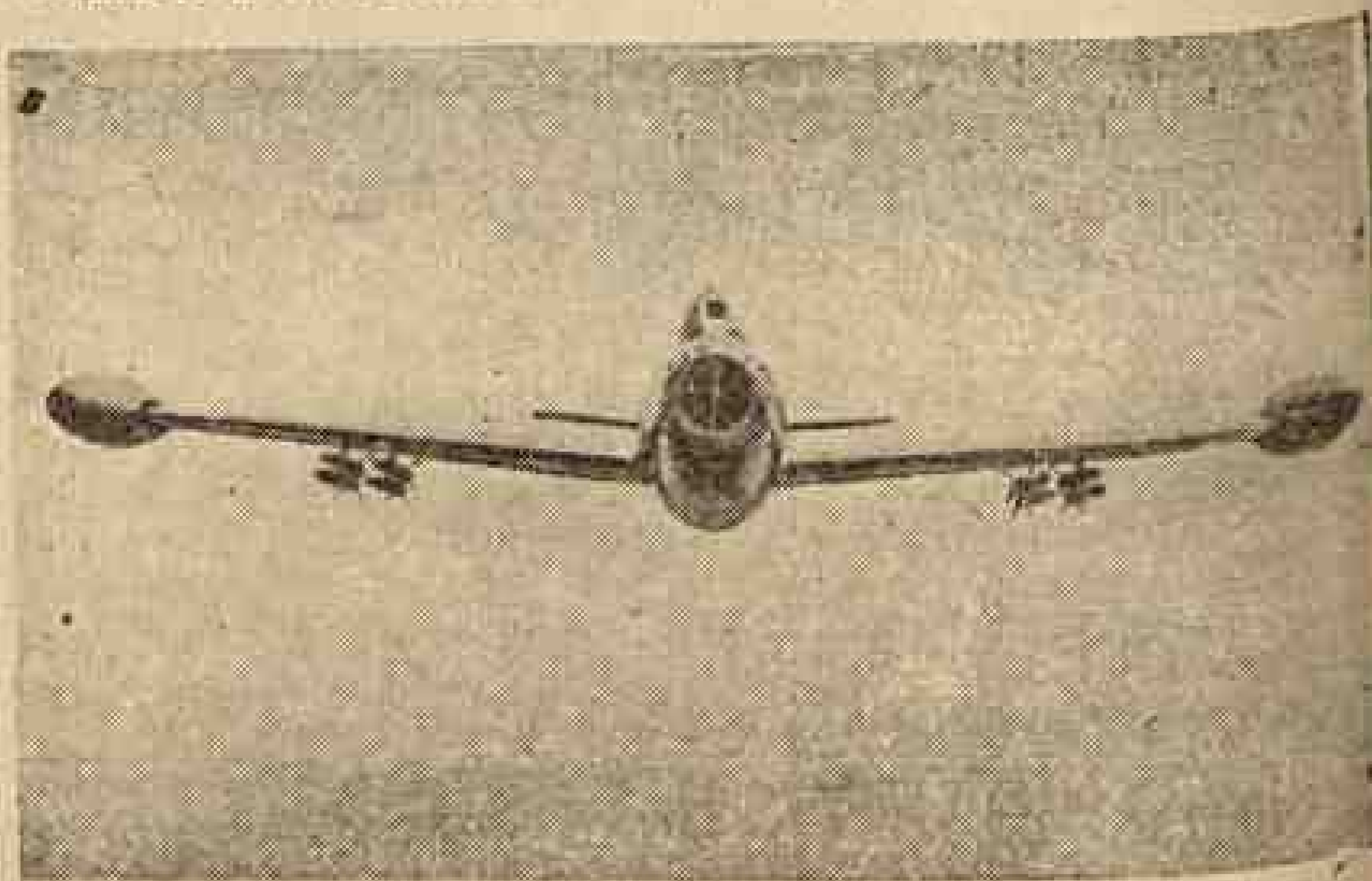
Quando Júlio Verne escrevia um novo livro, não hesitava em submeter certas passagens às críticas dos especialistas. Em **"Fora dos Eixos"** os cálculos têm grande importância e, por isso mesmo, foram revisados pelo sábio Badoureau, engenheiro-chefe das minas de Amiens.

Era ao seu irmão, Paulo, que Júlio Verne se dirigia para as questões de navegação, que êle próprio conhecia muito bem. Isto porque, contràriamente ao que muita gente julga, Júlio Verne realizou grandes viagens e teve o seu próprio iate.

Mas jamais estêve na Ásia, nem na Oceania. Não conheceu a África, além de alguns portos do Marrocos, da Algéria e da Tunísia. Entreviu o Novo Mundo numa rápida viagem de ida e volta no **Great Western.** Da Europa, jamais visitou a Rússia, nem a Áustria, nem a Hungria, onde se desenrola a ação de muitas de suas obras.

Uma dezena de romances foram realmente inspirados por suas viagens. E' pouco, entretanto, para um total de sessenta e três!

Por suas obras, Júlio Verne deu a muitas gerações de moços o entusiasmo pela aventura e seu próprio sobrinho, o Dr. de la Fôye, que sempre viveu junto do escritor, ficou a dever ao tio o seu gôsto pelas viagens e mesmo a sua descoberta, no Japão, da acupunctura.



O que Júlio Verne não previu: (e as invenções tomaram formas mais simples do que êle sonhou) os prodigiosos aviões modernos, capazes de voar 1.700 quilômetros.

Tôdas as precauções que tomou, não livraram, entretanto, Júlio Verne de erros. Assim, no correr de uma conferência, feita em 1938, na Sorbonne, o Sr. Ananoff demonstrou que, **na partida do obus da "Viagem da Terra à Lua", os passageiros que continha teriam sido fatalmente esmagados pelo aumento brutal e repentino de seu pêso, engendrado pela velocidade inicial do projétil.**

Segundo o seu hábito, Júlio Verne, apelara para o seu primo Henri Garcet, professor de matemática no **Liceu Henrique IV,** a fim de o mesmo verificar todos os dados do pêso, da velocidade e da trajetória do obus.

Dessa forma, a erudição, baseada sôbre os dados científicos, em sua maioria controlados, constitui a base robsta do mundo **verneano.** Partindo dessa base, o cérebro do autor, com uma presciência que sempre causa a maior admiração, criou essas prodigiosas invenções e tôdas essas máquinas extraordinárias.

Júlio Verne tentou realizar algumas de suas profecias. Assim fêz, com as próprias mãos, as **maquettes** do seu submarino. Uma delas, que representa o primeiro de todos os submarinos, dorme o último sono, no fundo lamacento do cais de Crotoy, onde foi parar no curso de uma experiência.

E' o "Nautilus".

DIABETE BRONZEADA — Forma muito grave da diabete, ataca geralmente as pessoas viciadas no álcool e aos diabéticos que costumam abusar do seu uso. Caracteriza-se por uma cirrose hipertrófica do fígado e por uma pigmentação escura da pele. As mucosas bucais permanecem livres dessa coloração.

O MÊS HOROSCÓPICO

Novembro vem do latim *November*, que assim se chamava por ser o nono mês do ano do calendário romano. Em Roma, Novembro era consagrado a Diana.

Astrologia do mês — SAGITÁRIO (de 23 de novembro a 22 de dezembro). E' Chiron, o Centauro, que ensinou Aquiles a disparar o arco. Proporciona o amor da caça, das viagens e das explorações, tanto no domínio material como no das ciências. — Os homens nascidos sob a influência dessa constelação podem enriquecer por meio de viagens marítimas. Dotados de temperamento vigoroso, de grande agilidade, de espírito ativo, granjeam fàcilmente amigos ricos e perdulários a quem ajudam a dissipar a fortuna. As probabilidades de riqueza prometidas pelo Sagitário são magníficas, e anunciam independentemente muitos ganhos pessoais certos, heranças consideráveis, legados importantes, ou mesmo prêmios em loterias. Sôbre estas vantagens ainda têm as de serem justos, constantes, sociáveis, laboriosos, apenas com o senão de seu amor próprio igualar suas boas qualidades. São intrépidos amadores de tôda espécie de esportes, caça, pesca, navegação, automobilismo, equitação, ginástica, armas, luta, etc., — As mulheres têm o espírito inquieto e agitado, são pouco caseiras, gostam de sair, de andar na rua, de aparecer, de se mostrar; têm pronunciada inclinação pelas viagens, naturalmente religiosas, esmoleres, obsequiadoras, primam pelo bom coração. Seu grande defeito é a vaidade. Entre os 18 e 25 anos são numerosas suas probabilidades de contrair casamento. Tornam-se excelentes mães de família.

★

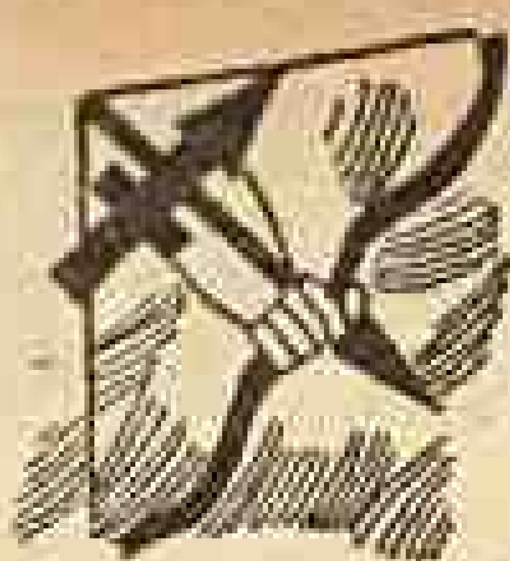
O CENTENARIO DA JUNTA DOS CORRETORES DE MERCADORIAS DO DISTRITO FEDERAL

Transcorreu a 29 de julho último, o primeiro centenário da fundação da Junta dos Corretores de Mercadorias do Distrito Federal. Por êsse motivo realizou-se uma sessão comemorativa que contou com a presença do representante do ministro do Trabalho, além de grande número de corretores. Falaram os Srs. Júlio Avelar e Teófilo de Almeida, tratando, ambos, da importância da Junta dos Corretores na atividade comercial do País. Antes de ter início o pregão da Bôlsa do Comércio de Café foi inaugurada uma placa comemorativa do Centenário da Junta de Corretores de Mercadoria do Distrito Federal.

★

ADIVINHAÇÃO

Um automóvel tem só quatro lugares. Entretanto, estão nêles sentados: um pai, uma mãe, uma tia, um tio, uma irmã, um irmão, dois sobrinhos e dois primos. Como pode ser?. (Resposta à página seguinte).



Novembro

MÊS DAS ALMAS (30 dias)

1 Sábado — TODOS OS SANTOS — Vigor. Lua Cheia às 20 h. 10 m.
2 Domingo — Finados — Tobias, Vitorino.
3 Segunda — Huberto, Malaquias.
4 Têrça — Carlos Borromeu, Modesta.
5 Quarta — Silvano, Zacarias.
6 Quinta — Leonardo, Severo.
7 Sexta — Amarante, Aquiles, Florêncio.
8 Sábado — Godofredo, Severiano.
9 Domingo — Teodomiro Q. Minguante às 12 h. 43 m.
10 Segunda — André Avelino.
11 Têrça — Clemência, Martinho.
12 Quarta — Diogo, Renato.
13 Quinta — Bento, Eugênio.
14 Sexta — Clementino, Veneranda.
15 Sábado — PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, 1889 — Gertrudes, Leopoldo.
16 Domingo — Gonçalo, Valéria.
17 Segunda — Hilda, Gregório. Lua Nova às 9 h. 56 m.
18 Têrça — Astrogildo, Máximo.
19 Quarta — DIA DA BANDEIRA — Isabel, Ponciano.
20 Quinta — Francisca, Otávio.
21 Sexta — Demétrio, Rufina.
22 Sábado — Cecília. (O Sol entra em Sagitário às 5 h. 36 m. Grau 240).
23 Domingo — Felicidade, Lucrécia.
24 Segunda — Flora, João da Cruz Q. Crescente às 8 horas e 34 minutos.
25 Têrça — Delfina, Gonçalina.
26 Quarta — Conrado, Belmiro.
27 Quinta — Acácio, Fagundes.
28 Sexta — Herculano, Papiniano.
29 Sábado — Salvador, Saturnino.
30 Domingo — André, Constança. 1.º Domingo do Advento.

FASES DA LUA

Hora legal do Rio de Janeiro

Lua Cheia	dia 1 às	20h 10m
Q. Minguante	dia 9 às	12h 43m
Lua Nova	dia 17 às	9h 56m
Q. Crescente	dia 24 às	8h 34m

★

CALENDARIO CRISTAO

2 — 21.º Domingo depois da Trindade.
9 — 22.º Domingo depois da Trindade.
16 — 16.º Domingo depois da Trindade.
23 — Domingo anterior ao Advento.
30 — 1.º Domingo no Advento.

PROPRIEDADES NUMÉRICAS

J. Cordilha

Os cubos de 8829, 58829, 658829, etc., terminam, respectivamente, por 6789, 56789, 456789, etc..

Os quadrados de 4714, 21081, 29814, etc., começam, respectivamente, por: 2222, 4444, 8888, etc.. Há outros que começam por 11111, 33333, 55555, etc..

Os cubos de 703999, 7409999, 6506477, etc., terminam, respectivamente, por 111999, 22229999, 5553333, etc.. Há muitos outros.

★

Os seus móveis velhos poderão ficar novos se aplicar em sua limpesa óleo de peroba.

FESTAS RELIGIOSAS FIXAS

Ano Novo (Circuncisão de Nosso Senhor)	1 de Janeiro
Os Reis Magos (Epifânia)	8 de Janeiro
Purificação de Nossa Senhora	2 de Fevereiro
Anunciação de Nossa Senhora	25 de Março
São João Batista	24 de Junho
São Pedro e São Paulo	29 de Junho
Assunção de Nossa Senhora	15 de Agôsto
Natividade de Nossa Senhora	8 de Setembro
Todos os Santos	1 de Novembro
Finados	2 de Novembro
Conceição de Nossa Senhora	8 de Dezembro
Natal	25 de Dezembro

Depois da gripe...



EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

OS MORTOS DO ANO
(Continuação)

cinha dirigindo o Observatório Nacional.

8 — Nesta capital, o general Arnaldo Damasceno Vieira, que foi conhecido como Poeta-Soldado.



Gen. Arnaldo Damasceno Vieira

do. Engenheiro militar, bacharel em matemáticas e ciências físicas, galgou todos os postos de sua carreira por merecimento até atingir o generalato, quando passou para a reserva. Publicou vários livros de poesia e vários trabalhos de história e geografia. Foi um dos que achavam que o Brasil não fôra descoberto por Pedro Álvares Cabral, baseando-se em citações dignas de respeito e em documentação muito séria. Era presidente da «Sociedade de Homens de Letras», fundada por Olavo Bilac.

★

E' NECESSARIO dar à criança, durante os primeiros anos, alimentos duros que façam trabalhar os seus dentes e ativem a irrigação sanguínea das gengivas.

★

UMA MULHER de 45 anos que tenha 1,65 de altura deve pesar normalmente 68 quilos.

★

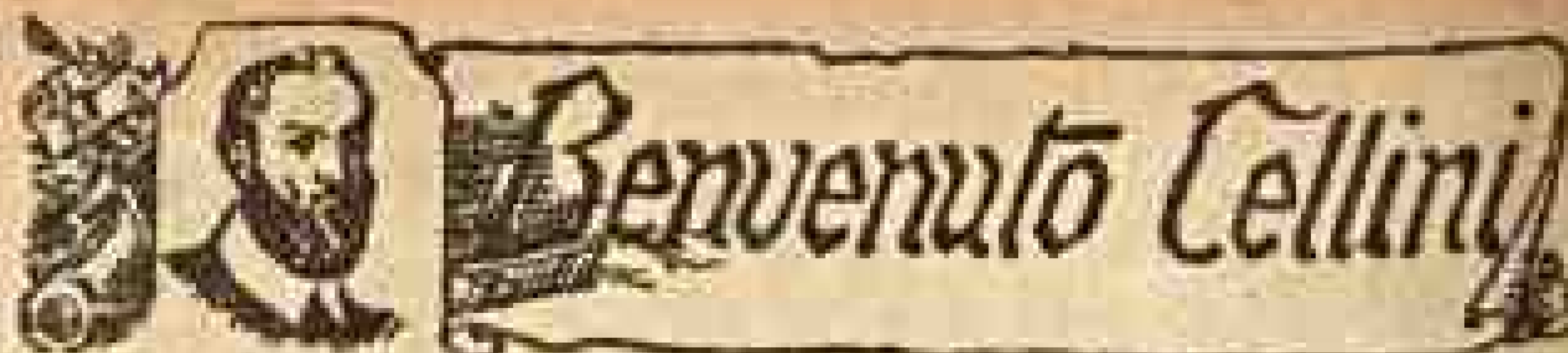
CONRADO é nome de origem germânica. Significa conselheiro audaz.

★

O PESO NORMAL de uma jovem de 30 anos que tenha 1,55 de altura deve ser 57 quilos, aproximadamente.

★

RESPOSTA À ADIVINHAÇÃO da página anterior: — Porque são: um irmão e uma irmã com um filho e uma filha, respectivamente.



Cellini contava cinco anos quando, numa noite de inverno, seu pai, que tocava viola à porta de casa, viu um animal parecido com um lagarto que, vivo, dançava entre as chamas. Chamou o filho e quando êste se aproximou deu-lhe uma bofetada que fez saltar lágrimas dos olhos da criança. O pai logo as enxugou, acariciando o filho:

— Não te bati por castigo, mas para que te lembres de que êsse lagarto que vês no fogo é uma salamandra, animal que ninguém até hoje pode ver.

«E êsse fenômeno da infância — disse Saint Victor — foi o pressságio e o símbolo de sua vida; também êle foi um animal que viveu na chama; um homem de fogo, e de bílis».

★

Enfurecia-se e irritava-se contra seus discípulos, como um leão ante aquêles que invadem seu antro.

Com vinte anos entrou resolutamente na loja de uns ourives, seus rivais, gritando:

— Traidores!... Chegará o dia em que vos matarei a todos!

E pouco tempo depois apunhalava Pompeu, o joalheiro do Papa, numa rua de Roma, «porque não gostava dêle!»

Referindo-se a êste crime, disse tranqüilamente:

— Minha intenção era sangrá-lo; mas não é fácil medir a fôrça do braço.

★

Um dia, em Paris, entrou armado até os dentes no atelier de Primaticc, que lhe disputava a confecção de uma estátua; obrigou-o a renunciar ao concurso e, colocando a espada na garganta do adversário ameaçou:

— Ouve bem: se alguma vez chegar aos meus ouvidos que pretendes fazer-oposição, morrerás como um cão.

★

Quando matou o assassino de seu irmão, Clemente VII se mostrou furioso no princípio: mandou-o chamar ao Quirinal e fitou-o com olhos ameaçadores. Cellini tirou da bôlsa um botão da capa contra a chuva no qual tinha gravado um maravilhoso Deus Padre, sentado sôbre um grande diamante, sustentado por anjos diminutos. Ao ver tal maravilha, a cólera do Pontífice se dissipou e seu rosto se iluminou como ferido pelo reflexo da divina jóia. Já não era um juiz irritado nem um soberano disposto a castigar.

— Benvenuto mío...

— disse êle vencido pela arte — mesmo que estivesse dentro do meu pensamento não terias adivinhado melhor...

E Cellini foi perdoado!

★

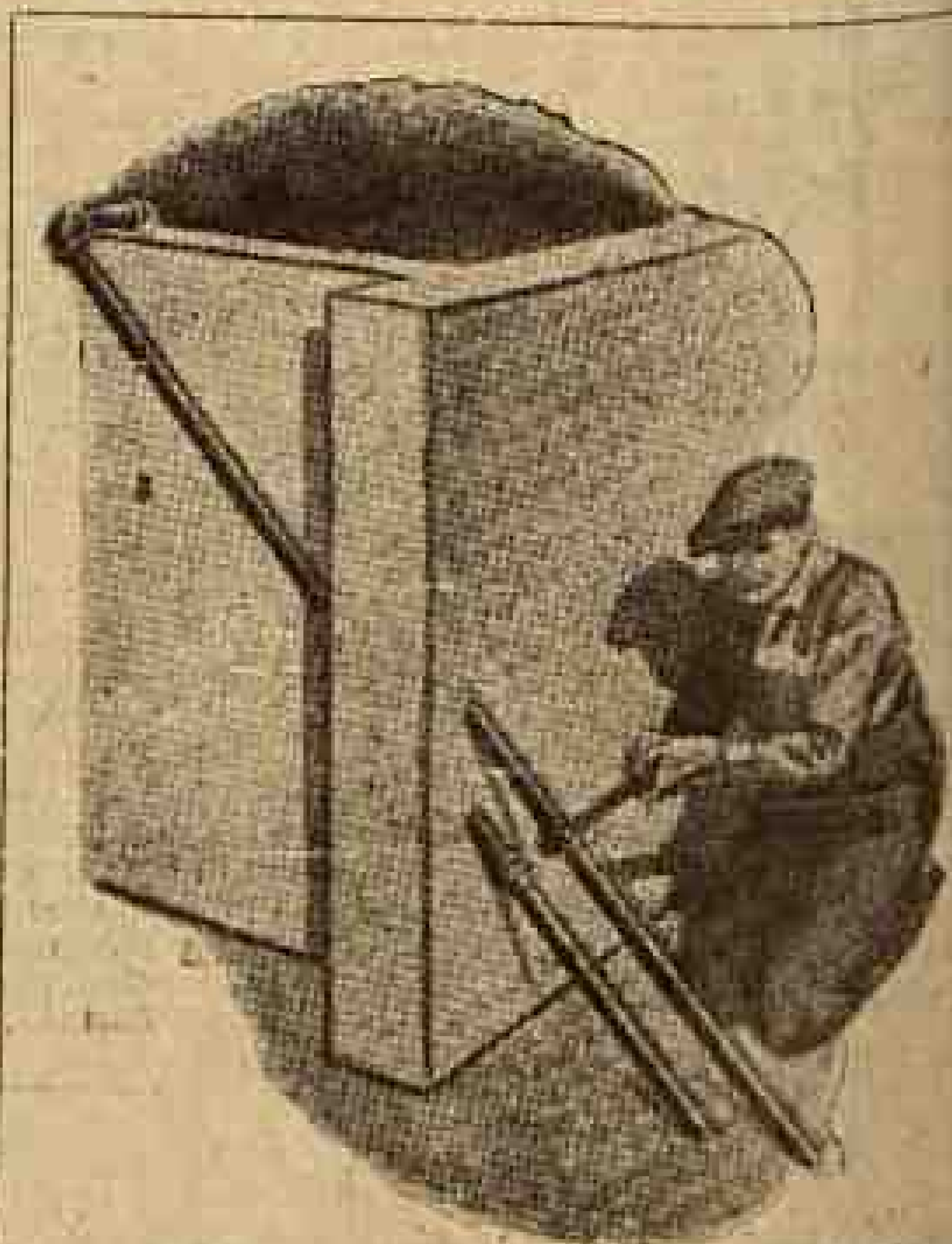
Um hoteleiro de Ferrara, em cuja casa entrou, quis ser pago adiantadamente antes de permitir que Cellini sentasse para comer; isto excitou o furor e o ódio de Cellini, que passou a noite forjando projetos de vingança.

Pensou primeiro em incendiar a casa e degolar quatro cavalos que o estalajadeiro tinha na cocheira. Porém faltou-lhe tempo; mas antes de partir descarregou a sua cólera sôbre as camas da estalagem, cortando todos os lençóis a facão.

— Estracalhei tudo de tal modo — disse êle — que lhe causei mais de cinqüenta escudos de prejuizo!

★

Uma vez um bispo espanhol tardou em pagar-lhe o valor de um cálice; Benvenuto pôde apanhar o cálice a pretexto de terminar a obra; e quando os criados do bispo foram reclamar, êle mostrou «dentes de dragão» guardando o seu tesouro. Então o prelado enviou um bando de vagabundos para assaltar a oficina do artista, mas Cellini os recebeu ameaçadoramente com uma esconeta. Depois vestiu uma velha cota de malha e, com o cálice numa das mãos e o punhal na outra, entrou ga-



NÃO ACREDITE MUITO NO QUE DIZEM OS OLHOS... — Um bombeiro conserta um encanamento que passa através de uma parede onde já existe cano. Estará trabalhando corretamente ou terá sido vítima da ilusão chamada de Poggenderfs? Ou será o leitor o errado?

O MÊS HOROSCÓPICO

Astrologia do mês — CAPRICÓRNIO (de 22 de dezembro a 21 de janeiro). Amaltéia, a cabra que amamentou Júpiter, veio a ser uma constelação. E' ela quem gera o aslouvamento. — Êste signo, governado por Saturno, inspira idéias instáveis, tristes, desânimo, spleen. Os homens nascidos sob a sua influência são visionários, extremamente ambiciosos e, todavia, raros são os que conseguem chegar ao objeto das suas ambições. E' sob o Capricórnio que nasce a grande maioria dos utopistas que sonham com um estado social venturoso e perfeito e que se lançam com certa facilidade, na propaganda dos seus ideais avançados. Raramente casam, o que explicam dizendo preferir a sua independência ao jugo pesado e inquietador da mulher. Quando chegam a casar, há grande probabilidade de se tornarem maus maridos. As mulheres, tímidas em excesso, em sua mocidade são inconsistentes em suas idéias e fáceis de impressionar por sugestões alheias. Depois de casadas, são curiosas, mas dissimulam embora com visível esfôrço o sentimento que as fazem sofrer. Gostam de locomoção, viagens, espetáculos, sociabilidade, luxo e tudo quanto fôr novidade e variedade. Sensíveis às homenagens masculinas, acabam por lhes reconhecer o fingimento, e não lhes dão maior valor.

★

CENTENARIO DO CONS. NUNO DE ANDRADE



Conselheiro Nuno de Andrade

Em sessão que se realizou no dia 27 de julho de 1951, no Palácio da Reitoria, a Universidade do Brasil comemorou o centenário de nascimento do Conselheiro Nuno de Andrade, uma das maiores figuras da Monarquia e da Primeira República, atuando em altos cargos do Govêrno e no jornalismo. Deve-se à sua iniciativa a fundação do Lazareto da Ilha Grande, o que lhe valeu o título de Conselheiro de S. M. Imperial.



Dezembro

MÊS DO ADVENTO DO SENHOR (31 dias)

1 Segunda — Elói, Natália. Lua Cheia às 9 h. 41 m.
2 Têrça — Bibiano, Elias.
3 Quarta — Francisco Xavier.
4 Quinta — Bárbara.
5 Sexta — Geraldo, Crispina.
6 Sábado — Leôncio, Nicolau.
7 Domingo — 1.º *Domingo do Advento* — Ambrósio, Sérvulo.
8 Segunda — *Conceição de Nossa Senhora* — Romário.
9 Têrça — Leandro, Leocádia. Q. Minguante às 19 h. 22 m.
10 Quarta — Eulália, Melquíades.
11 Quinta — Dâmaso, Júlia, Julieta.
12 Sexta — Amélia, Maxêncio.
13 Sábado — Lúcia, Luzia, Otília.
14 Domingo — Espiridião.
15 Segunda — Eusébio, Irineu.
16 Têrça — Adelaide. Lua Nova às 23 h. 2 m.
17 Quarta — Olímpia, Venina, Viviano.
18 Quinta — *Nossa Senhora do Amparo* — Basiliano.
19 Sexta — Faustino, Urbano.
20 Sábado — Alfredo, Domingos.
21 Domingo — Glicério, Tomé. (O Sol entra em Capricórnio às 18 h. 43 m. Grau 270) — Verão.
22 Segunda — Flaviano, Zeno.
23 Têrça — Dagoberto, Vitória. Q. Crescente às 16 h. 51 m.
24 Quarta — Adão e Eva.
25 Quinta — NATAL DE JESUS.
26 Sexta — Estêvão, Marinho.
27 Sábado — João Evangelista.
28 Domingo — Santos Inocentes, Teófila.
29 Segunda — Davi, Tomás.
30 Têrça — Anísia, Sabino.
31 Quarta — Silvestre. Lua Cheia às 2 h. 5 m.

FASES DA LUA
Hora legal do Rio de Janeiro

Lua Cheia	dia 1	às	9h 41m
Q. Minguante	dia 9	às	10h 22m
Lua Nova	dia 16	às	23h 2m
Q. Crescente	dia 23	às	16h 51m
Lua Cheia	dia 31	às	2h 5m

★

CALENDARIO CRISTÃO

7 — 2.º Domingo no Advento.
14 — 3.º » » »
21 — 4.º » » »
28 — 7.º Domingo depois do Natal e dos Santos Inocentes.

★

CABELOS E CABELEIRAS

Agora, que os cabeleireiros inglêses andam dizendo que estão ficando em moda entre seus fregueses masculinos, os cabelos compridos e «caprichados», convém lembrar que, em muitos períodos da história da Inglaterra, havia modas de cabelos para homens como para mulheres.

Os Saxões sempre se orgulharam de seus cabelos compridos, soltos, repartidos ao meio, ao contrário dos Normandos que os preferiam curtos, como se deu nos reinados dos dois primeiros Henriques. Já com Henrique III voltaram a triunfar os cabelos caídos até aos ombros e sempre ondeados e encacheados, moda essa que perdurou até ao reinado de Eduardo IV e Henrique VII. Com Henrique VIII voltaram os cabelos curtos que continuaram até a era de Elizabeth, mas não há dúvida, que os cabelos compridos, ondulados, com cachos na fronte fazem parte da tradição dos tempos da Cavalaria.

Depois, por algum tempo, dominaram as perucas e os chinós até que já no século XVIII, voltou a moda dos cabelos compridos empoados e penteados em tranças. A seguir, a fantasia dos homens inglêses voltou-se mais para as barbas do que para o alto da cabeça, mas durante o século XIX o cabelo sempre foi usado mais comprido do que em anos mais recentes.

Os cabelos compridos, os cachos e as tranças na cabeça masculina acabaram afinal por influência do serviço militar em terra e no mar, de modo que já muito antes da Primeira Guerra Mundial predominava o sentimento de que o cabelo curto, ou mesmo a cabeça quase raspada, são sinais de virilidade em contraste com as longas cabeleiras que passaram a ser olhadas como características dos poetas e dos efeminados.

★

Quanto mais velhos forem os seus móveis mais bonitos se tornarão com óleo de peroba.

Fortifique-se com



EMULSÃO DE SCOTT
TÔNICO DAS GERAÇÕES

OS MORTOS DO ANO

(Continuação)

10 — Em Roma, o famoso escritor norte-americano Harry Sinclair Lewis, primeiro norte-americano a receber o prêmio Nobel de Literatura, em 1930,



O escritor Sinclair Lewis

pela novela «Rabbit». Nascido em Sauk Center, Minnesota, em 7 de fevereiro de 1885. Aborrecido com os estudos partiu para Liverpool como trabalhador num cargueiro de gado (como faria mais tarde o seu «Mr. Wren»). A seguir, foi repórter em S Francisco, Califórnia, jornalista independente em Nova York. Depois de publicar «Mr. Wren», em 1914, apareceu «The Trail of the Hawk», «The Job», «The Innocents» e «Free Air». Em 1918 apresentou «Main Street», ao seu público, que o **devorou.** Foi a primeira das quatro grandes novelas de Lewis. As demais foram «Arrowsmith», «Elmer» e «Rabbits».

12 — Em Miami, Charles W. Goddard, autor das obras em que se baseou a «série» de filmes cinematográficos denominada «Os Perigos de Paulina».

16 — Em São Luís do Maranhão, o Sr. Saturnino Belo, candidato a governador do Estado pelas Oposições Coligadas. Figura de grande influência nos meios populistas, era o candidato mais votado, tendo porém perdido as eleições em razão de anulações, feitas pelo Tribunal Regional Eleitoral, de várias secções em que o mesmo tivera a maioria esmagadora.

15 — Nesta capital, o General Francisco Ramos de Andrade Neves, ministro aposentado do Superior Tribunal Militar. Foi, no Exército figura saliente, exercendo comissões da maior importância entre elas a chefia do Estado Maior. Foi também diretor do Material Bélico e chefe da Casa Militar do govêrno do Sr. Getúlio Vargas. Natural do Rio Grande do Sul, tinha os cursos de Estado Maior e de Engenharia Militar, sendo ainda bacharel em matemática e ciências físicas.

(Continua na página número 54)

lhardamente no palácio do prelado, atravessando a ante-câmara cheia de esbirros sentados sôbre suas armas.

— Pensei passar pelo meio do Zodíaco — contava depois Benvenuto, — um tinha o rosto de leão, outro de escorpião, aquêle de câncer, êste de touro...

Ao vê-lo, o bispo prorompeu em imprecações e reclamou o seu cálice; Cellini, por sua vez, pediu o seu dinheiro. O assunto terminou por uma troca amigável, entre sorrisos e injúrias.

★

Aconteceu em outra ocasião que o tesoureiro de Francisco I quis obrigar Cellini a viajar em «diligência».

— Assim viajam os filhos dos duques — disse êle para que o artista se decidisse a aceitar essa condução.

E aquêle homem terrível e excelentíssimo ourives respondeu:

— Como nunca fui filho de duque, ignoro como êstes viajam; mas sei que os filhos de minha arte viajam fazendo pequenas jornadas e com mais confôrto.

★

A um mordomo do duque de Florença, que se assombrou de seu senhor achar Cellini digno de conversar com êle, respondeu Cellini com a sua maneira cortante:

— Os homens como eu são dignos de conversar com os papas, com os imperadores e até com os grandes reis. Não se encontram dois do meu valor em todo o mundo; em troca, pessoas como você são encontradas, às dezenas, por tôdas as partes.

★

O duque Cosme de Médicis havia declarado que não era possível fundir em bronze um modêlo de cêra que lhe tinham presenteado. Aquilo era falar demais, na opinião de Cellini, que desde aquêle momento decidiu realizar a façanha.

Apenas encheu o forno de pedaços de cobre e bronze, começou a chover furiosamente. Durante horas e horas permaneceu o escultor enchendo o fogão de lenha e avivando o fogo que ameaçava extinguir-se, removendo aquela massa metálica com barras de ferro e varais de madeira.

O metal estava no ponto de fusão, quando estalou a parte superior do forno; a fundição se processava, porém com demasiada lentidão. Então resoluto Cellini correu para a cozinha e apanhando todos os utensílios de cobre ali existentes sacrificou em favor da arte uma importantíssima coleção de caldeirões e vasilhames. Porém o metal começou a correr... e a estátua pôde ser terminada.

★

Cellini era homem de infatigável atividade, o que o impedia de levar em suas excursões muita equipagem. Assim é que onde chegasse começava a fazer antes de tudo até suas próprias ferramentas.

Não só desenhava suas obras, como as fundia e polia êle mesmo. Suas obras têm, é certo, o sêlo do gênio admirável, tão claramente estampado, que jamais puderam ser desenhadas por uma pessoa e executadas por outra. Os artigos mais humildes — uma fivela para cinto de uma dama, um sinete, um broche, uma pedra de diamante, um anel ou um botão — se transformavam, em suas mãos, em maravilhosa obra de arte.

★

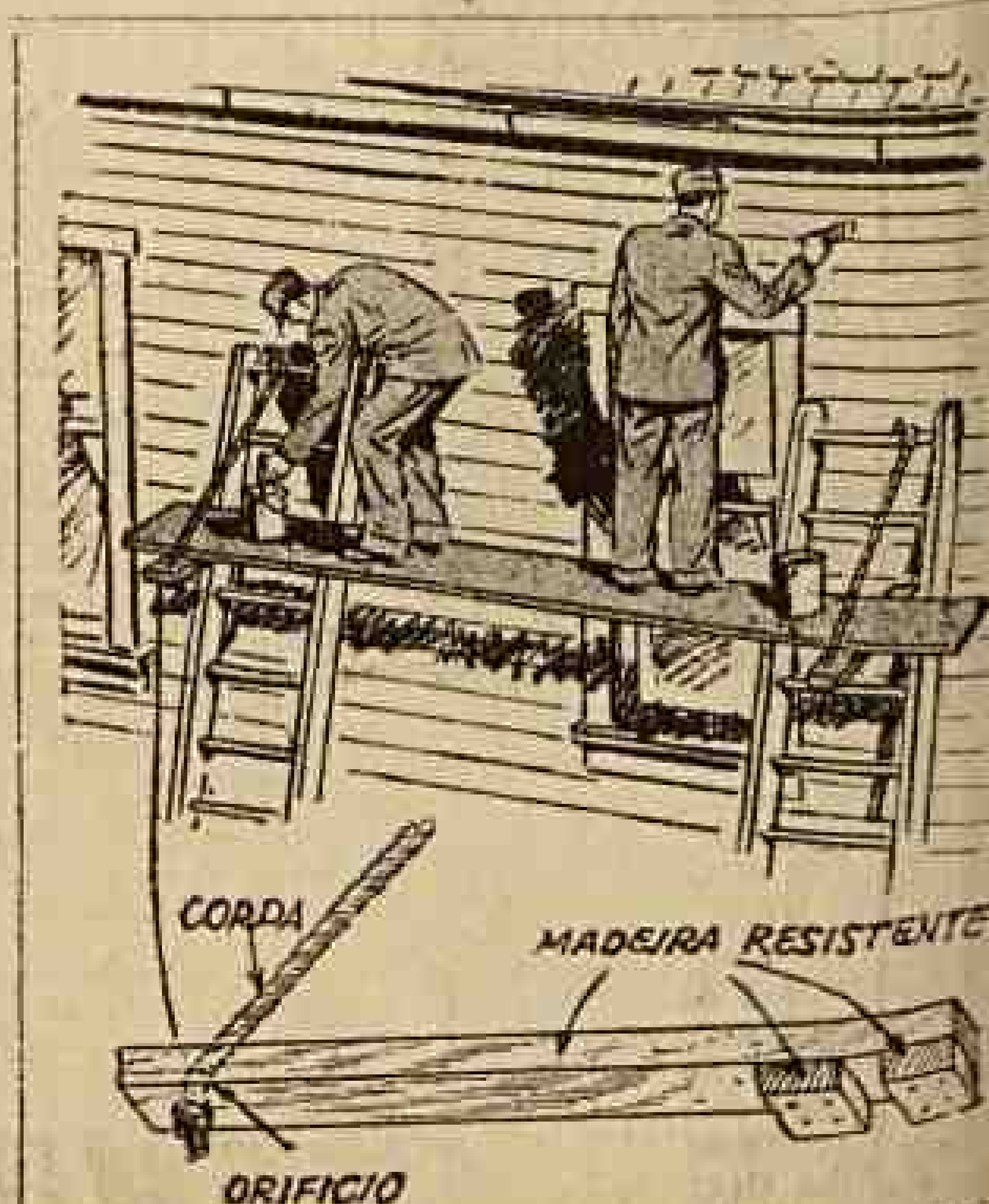
ADMINISTRANDO aos canários, na sua alimentação, algumas sementes de pimenta de Cayena de vez em quando, suas penas adquirem uma coloração avermelhada.

★

AS LENTES inadequadas são muito prejudiciais. E' preferível não usá-las.

★

NÃO E' OBRIGATÓRIO presentear, quando se recebe um convite para assistir a bodas de ouro ou de prata, ficando isso ao critério pessoal. Geralmente basta enviar um ramo de flores.



COMO CONSEGUIR UM ANDAIME FACIL — Dois travessões (desenho inferior) duas escadas, dois pedaços de corda, uma tábua e obtém-se o que a gravura mostra melhor que uma legenda explicativa.

O CENTENARIO DO «MÊS DE MARIA» NO BRASIL

Há cem anos começava no Brasil, num histórico recanto de Minas Gerais, em Mariana, a prática de devoção do Mês de Maria, tal qual o conhecemos hoje. Da sede do histórico bispado, espalhou-se por todo o Brasil, sendo entretanto, o Rio de Janeiro, a segunda cidade a adotar a devoção das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo. Desde o dia 1 de maio, em tôdas as igrejas e capelas desta capital, desde os majestosos templos do centro da cidade até às mais humildes ermidas dos longínquos subúrbios, acendendo círios e, no cimo do altar, entre flores, recebe a Virgem Maria as homenagens de seus fiéis. A coroação da imagem, cerimônia tão edificante, faz-se por crianças que, com seus trajes, característicos de virgens e de anjos, representam as almas puras, que são, afinal, o ideal cristão.

Primitivamente a devoção se limitava à recitação da ladainha diante dos nichos nas esquinas das ruas e, muitas vêzes, em casas particulares, que reuniam amigos e parentes para o Têrço e para o Ofício Parvo. Foi em 1851, em seu Asilo de órfãos de Mariana, que as Filhas de São Vicente de Paulo começaram a devoção pública do Mês de Maria, com a coroação e participação de crianças no culto. Chegadas em 1749, dois anos depois, estavam instaladas na sua mesma casa atual, hoje muito acrescida e melhorada. Foi dali que partiram para a Santa Casa do Rio de Janeiro e para o Colégio da Imaculada, na praia de Botafogo. Pois, em 1851, começaram as Irmãs o Mês de Maria com coroação, sendo a primeira menina brasileira honrada com êsse mister uma pobre negrinha órfã que, vestidinha de branco e com seu véu de Virgem, subiu as escadas do altar para depor sôbre a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, a pequena coroa de flores. O cântico que depois se generalizou, o «Queremos O' Maria», é tradução de um canto francês, vertido para nossa língua pelo grande bispo Dom Viçoso.

Em todo o vasto território de nossa pátria é generalizado e muito fervoroso o culto de Nossa Senhora. Oitenta por cento das paróquias brasileiras estão sob a invocação da Virgem Maria.

★

A ARTE DE TECER já era conhecida pelos chineses mil anos antes de começar a difundir-se pela Europa.

★

Os móveis representam a vida do seu lar, e óleo de peroba a vida dos seus móveis.

INICIADOR DA CARTOGRAFIA MARÍTIMA CIENTÍFICA

CAPITÃO JAMES COOK

JAMES Cook sintetiza um notável exemplo de como uma constituição sã, um coração firme e nervos controlados podem compensar a desvantagem de ter nascido em berço humilde.

Na época em que James Cook veio ao mundo — 27 de outubro de 1728, em Marton — próximo de Middlesbrough, seu pai desempenhava os modestos trabalhos de lavrador. Ali James aprendeu as primeiras letras e quando seu pai transferiu residência, como alcaide, para uma granja não distante de Great Ayton, o menino freqüentou a escola local, onde recebeu o ensino elementar. Em 1745 empregou-se como entregador numa mercearia da aldeia costeira de Staithes, pertencente a Mr. Saunderson, e, sentindo-se atraído para o mar, fêz-se grumete de Mr. Walker, barqueiro de carvão de Whitby. A experiência adquirida nos oito anos seguintes, através do estudo da geometria e dos princípios elementares da navegação, James recebeu de seu superior, nos dias em que o barco não estava ao mar, e isso foi de grande utilidade para a sua vida ativa. Em 1755, Mr. Walker ofereceu a Cook o comando do mais moderno de seus navios mas êle declinou da oferta e ingressou, como marinheiro voluntário, na Marinha Real Britânica, visando, como êle próprio afirmou mais tarde, **"tentar fortuna por aquêle caminho".** Seu primeiro barco foi o "Eagle", cujo comando foi entregue, mais tarde, ao capitão Hugh Palliser (depois elevado a Cavalheiro), homem destinado a exercer poderosa influência na carreira de Cook e a ser o seu melhor amigo. As atividades de Cook, no "Eagle", coincidiram com o início da guerra dos Sete Anos. Depois de dois anos de pequenos feitos, nomeado Comandante do "Pembroke", James Cook zarpou para Louisburgo, visando atacar o Canadá francês. Essa ocorrência proporcionou-lhe material e ensejo para realizar o seu primeiro estudo hidrográfico: a cartografia do St. Lawrence, investigação que levou a cabo tão brilhantemente, que lhe valeu uma gratificação especial de 50 libras. Regressando à Inglaterra, Cook deliberou empreender outros trabalhos de natureza semelhante.



Gravura de James Cook, por Sherwin (de uma pintura de N. Dame). David Sambwell, em sua "Narrative of the Death of Captain James Cook", diz que êste excelente retrato é o único realmente parecido com o grande navegador.

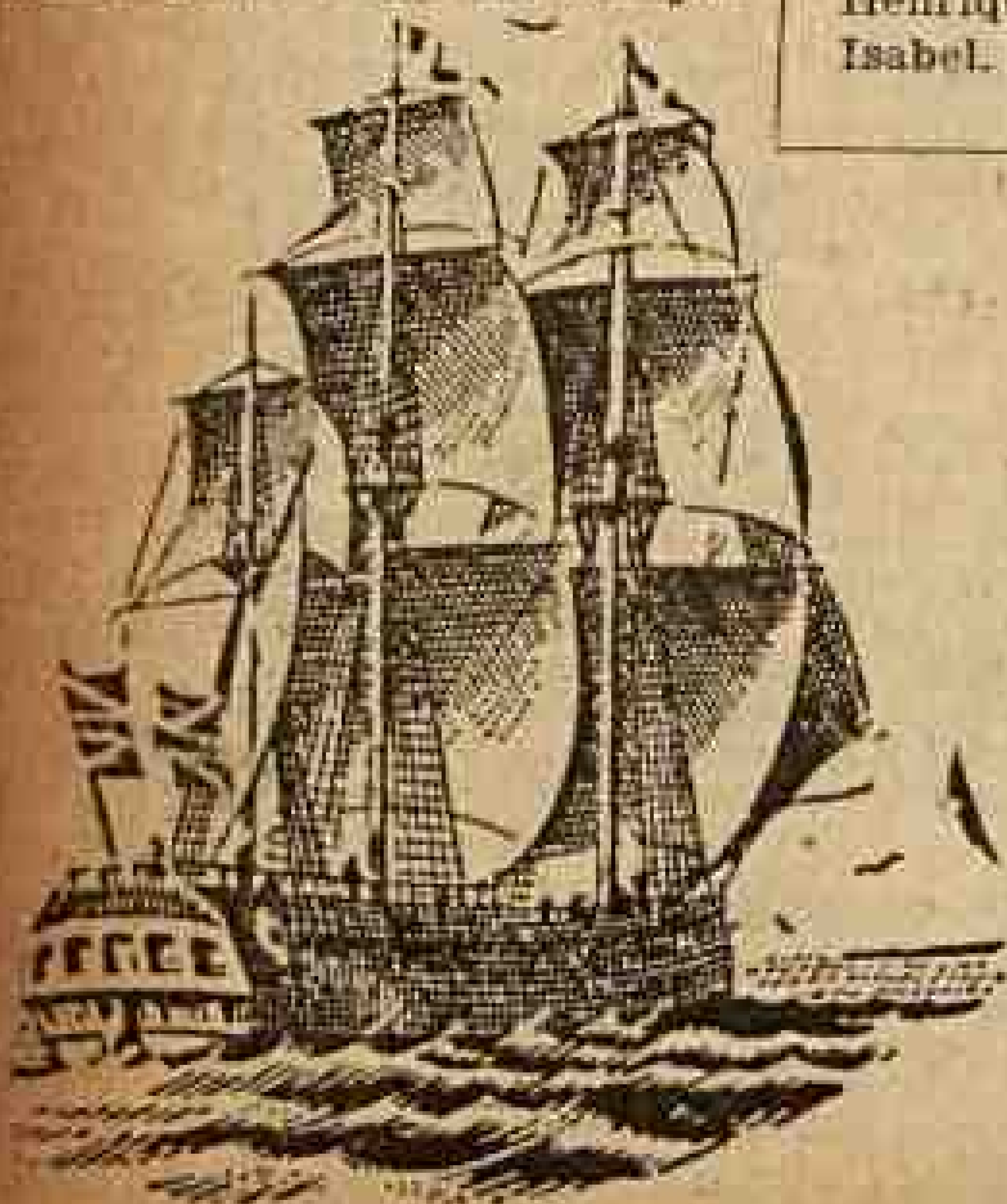
O Capitão James Cook, cujo famoso barco «Endeavour» inspirou o nome de uma revista editada na Inglaterra, executou o traçado do mapa hidrográfico de uma grande parte do Oceano Pacífico, Austrália e Nova Zelândia e foi o pioneiro da cartografia marítima científica.

Em 1763, estava empenhado no traçado topográfico do litoral de Terranova. No ano seguinte ali encontrou Palliser, nomeado governador da ilha. Durante os quatro anos seguintes sua vida seguiu um ritmo regular, passando o inverno na Inglaterra e o resto do ano em Terranova. Mas, durante êsse período, ocorreu um incidente que exerceu influência decisiva na futura carreira de Cook. Como observador de um eclipse do Sol, em 1766, nas proximidades do

cabo Ray, Cook comunicou o resultado de suas investigações à Real Sociedade, que o publicou no "Phylosophical Transactions". Dois anos mais tarde, os frutos dêsses estudos conduziram Cook definitivamente, à carreira de cartógrafo marítimo. Em 1768 empreendeu sua primeira viagem ao redor do mundo.

PRIMEIRA VIAGEM - 1768-1771

Os motivos que levaram Cook a empreender a primeira viagem ao redor do mundo, foram em parte científicos, em parte geográficos e, ainda, de fundo imperialista. Sabia-se já então, que em 1769 teria lugar um trânsito de Vênus. A observação exata e precisa dêsse fenômeno poderia determinar a distância existente entre a terra e o sol e, além disso, idêntica oportunidade se repetiria sòmente após um século. Em vista disso, a "Real Sociedade" solicitou ao Rei uma concessão especial de 4.000 libras, a fim de custear as despesas de uma expedição, que seria enviada ao local mais apropriado para proceder às investigações científicas. Tal propósito coincidia com as aspirações do Govêrno, que, por sua vez, desejava esclarecer, definitivamente, a hipótese (acalentada por muitos geógrafos teóricos) segundo a qual devia existir um Continente Meridional inexplorado, para contrabalançar a massa de terra conhecida, ao norte do Equador. No caso de ocorrer a descoberta de teras ignoradas, era firme propósito do Govêrno que estas ficassem sob posse da Grã-Bretanha e não da França.



O pedido da "Real Sociedade" foi, portanto, bem acolhido, sendo concedida a subvenção solicitada. Restava escolher o comandante da expedição. Para preencher as condições essenciais dêsse cargo, o comandante devia ser um oficial pertencente à Marinha, especializado em cartografia e com conhecimentos de astronomia. Sòmente Cook reunia tais condições numa só pessoa; assim, no dia 25 de maio de 1768, munido de uma recomendação de Palliser, foi-lhe entregue o cargo de comandante da expedição, com o pôsto de Primeiro Tenente. A escolha de um navio apropriado foi deixada ao seu critério e, compreendendo que mais convinha um barco que ancorasse fàcilmente, no caso de necessitar reparos, Cook escolheu um tipo de barco com o qual estava muito familiarizado: um carvoeiro de Whitby, que passaria à imortalidade com o nome de "Endeavour" (Esfôrço). As instruções recebidas por Cook foram, em essência, observar o trânsito de Vênus, em Taiti; depois, navegar até o sul, em busca do hipotético Continente Meridional e, a seguir, desembarcar em Nova Zelândia, cuja Ilha do Sul

22 DE ABRIL DE 1451...

NASCIMENTO, VIDA E



A casa em que nasceu a princesa Isabel, na vila de Madrigal de Altas Tôrres, alberga, atualmente, uma comunidade religiosa. O govêrno espanhol a declarou, nos últimos anos, monumento nacional, em consideração ao significado histórico da hora que soou entre os seus muros.

NO dia 22 de abril de 1451, há quinhentos anos, nasceu uma flor em Castela, cuja fragrância se expandiu pelo mundo. Seu nome foi Isabel, a Católica, Rainha Mãe da América. Era filha de João II e de Isabel de Portugal.

A coroa espanhola nas mãos firmíssimas de Fernando de Aragão e Isabel de Castela reformou a administração da justiça. Mostrou-se implacável com os juízes prevaricadores. Atalhou os desmandos dos malfeitores, que infestavam os caminhos, criando a Santa Irmandade, que se empregou também para cortar os abusos e demasias dos nobres.

Morto João II, subiu ao trono Henrique IV, irmão paterno de Isabel. Esta, na ocasião, tinha onze anos e estava sendo educada no retiro e na solidão.

Alguns nobres, descontentes com a côrte, haviam consagrado rei em Ávila ao infante don Afonso, irmão de Isabel e, com a morte dêste infante, no qual haviam resumido tôdas as suas esperanças, voltaram-se para a infanta Isabel a fim de formar o seu partido de oposição. Avisado, o monarca chamou sua irmã à côrte, em 1463. Henrique IV pensou que, tendo ali sua irmã, poderia prevenir e mesmo atalhar melhor as possíveis conspirações. Não obstante, os partidários da infanta Isabel, sempre em número maior, conseguiram levá-la para Ávila com o propósito de ali fundar a sua côrte. Estando assim as coisas, um grupo de nobres, à frente

GLÓRIA DE ISABEL A CATÓLICA

dos quais figurava o arcebispo de Toledo, Carrillo, obrigou o rei a proclamar Isabel herdeira do trono, contra os direitos da sua própria «filha», conhecida por **La Beltraneja.** O pacto foi celebrado no lugar onde se erguem os touros de Guisando.



Retrato de Isabel, a Católica, segundo uma "tábua" antiga existente no palácio Nacional, de Madrid. Em tôdas as imagens que conhecemos daquela rainha há essa expressão de serenidade.

OS TOUROS DE GUISANDO

Pedro de Medina, em seu «Livro das Grandezas e Coisas Memoráveis de Espanha», editado em 1566, no capítulo 80, diz: «Dos touros de Guisando e da batalha, que se travou, restou esta memória: Passando Júlio César pela Espanha, veio por mar a Murviedro, dali passando para Toledo, lançando-se contra os filhos de Pompeu, Cneo e Sexto, que tinham Córdoba e tôda a Andaluzia e Portugal. Segundo Crozio, houve terrível choque dos exércitos, sendo os pompeianos derrotados nos subúrbios de Toledo, entre Cadahalso e Guisando, onde foram colocados, depois, cinco touros de pedra, **com letras escritas desta maneira...»**

O PACTO DOS TOUROS DE GUISANDO

Alguns séculos mais, desde a batalha de César contra Pompeu, os Touros de Guisando voltam a surgir em cena. Desta vez para servir de testemunhas num pacto histórico e de extraordinária conseqüência.

Na «Crónica de los Reyes Católicos Don Fernando e Doña Isabel», escrita por Hernando del Pulgar, em 1567, podemos ler, em seu capítulo II: «De como la princesa fué jurada por subcessora del Reyno en los Toros de Guisando y la concordia que hizo con el Rei Don Enrique: Venidos a aquellos lugares acordaran un dia que se juntasen en los Toros de Guisando, que era comedio de un lugar e de otro... hizose esta concordia en los Toros de Guisando, lunes, 19 de septiembre de 1468».

Há muitos anos, o «doutor em

perança, ou pelo cabo Finisterra, mas, valendo-se das faculdades discricionárias que lhe foram outorgadas, decidiu dirigir-se a oeste, a fim de encontrar a costa oriental da Austrália, ainda inexplorada. Se Cook tivesse previsto os tremendos perigos que se apresentariam naquela viagem, algumas vêzes dentro e outras fora da grande barreira de arrecifes, bem como sua providencial escapada de um naufrágio, ao encalhar o "Endeavour", teria escolhido, provàvelmente, outra rota. Mas seguiu o rumo preestabelecido, deteve-se na baía Botany, contornando-a ao norte, e tomou posse da costa oriental da Austrália, esclarecendo o ponto duvidoso sôbre a separação existente entre a Austrália e a Nova Guiné, após o que ancorou na Batávia. Ali a malária e a desinteria dizimaram os seus homens e o "Endeavour" regressou à Inglaterra com uma tripulação muito reduzida.

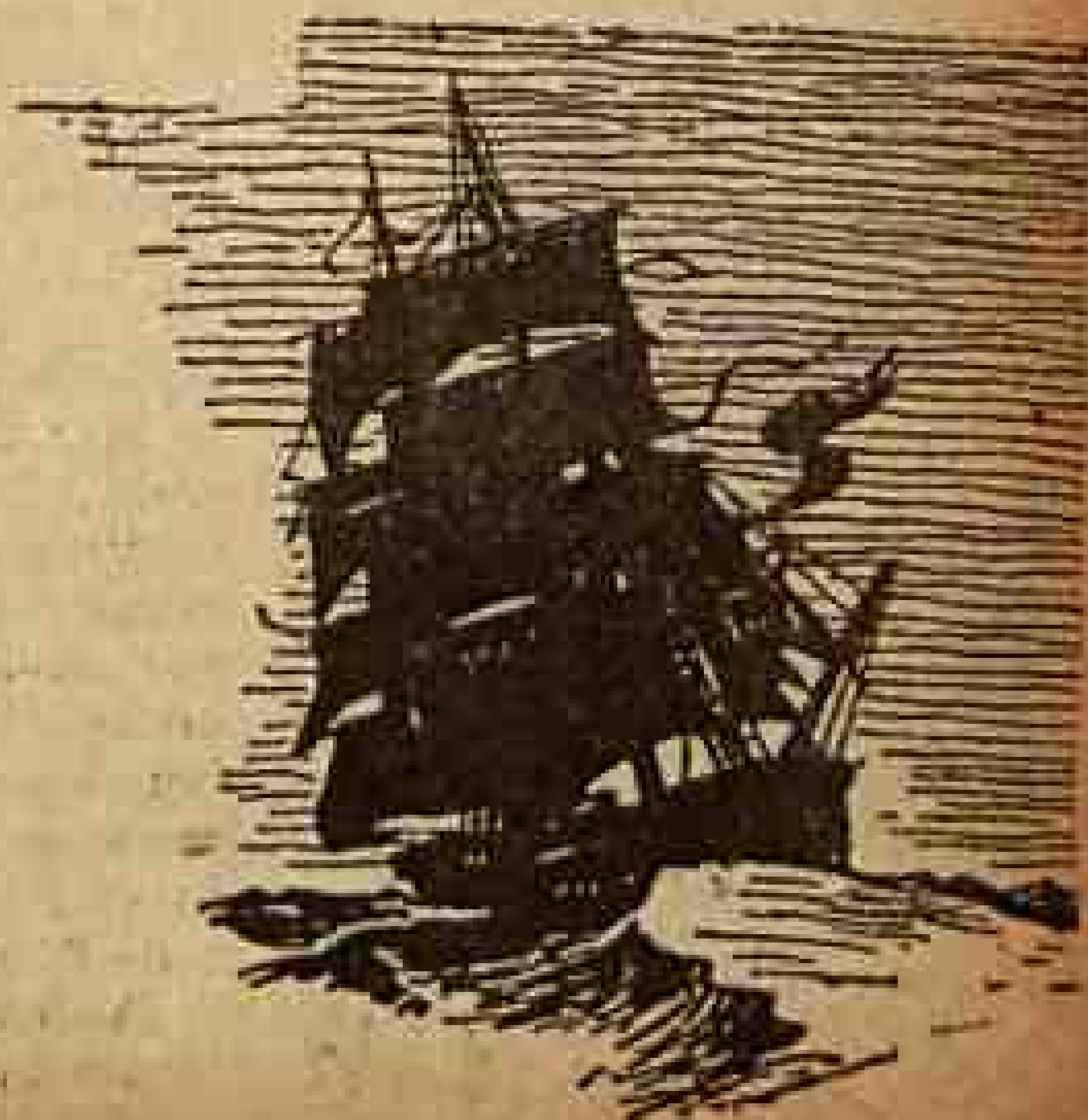
SEGUNDA VIAGEM - 1772-1775

Embora, como já vimos, Cook tivesse desferido um severo golpe nos sonhadores de um novo continente, a tese sustentada pelos utopistas não ficou inteiramente dissipada. Afirmavam, categòricamente, que as terras ao sul do Atlântico, divisadas por Bouvet de Lozier, através da neblina, em 1739, podiam ser parte integrante do continente inexplorado. Tais terras tinham sido localizadas por Bouvet na latitude 54° 00' S. e longitude 11° 20' L., recebendo o nome de cabo Circuncisão. Cook, recebendo novas ordens, dirigiu-se pela rota do cabo de Boa Esperança até o cabo Circuncisão, a fim de averiguar se êste último, real

havia sido topografada, em parte, por Tasman. Se Cook não encontrasse o novo continente, devia explorar a costa da Nova Zelândia e regressar à Inglaterra pela rota do cabo da Boa Esperança, ou pelo cabo Finisterra. Com o consentimento dos indígenas, tomaria posse das terras inexploradas, em nome do Rei.

Em 25 de agôsto de 1768, James Cook levantou âncoras, em companhia de Green, astrônomo e do jovem Joseph Banks, que mais tarde desempenharia o cargo de presidente da "Real Sociedade". O trânsito de Vênus foi devidamente observado por Cook e por Green, independentemente, e depois de descobrir e topografar as ilhas da Sociedade, a oeste, Cook se encaminhou para o sul. Não encontrando indícios que revelassem a existência de um novo continente, dirigiu-se à Nova Zelândia, que, na opinião de alguns utopistas, constituía a ponta de um continente. Essa teoria foi destruída através de uma completa circunavegação das duas ilhas.

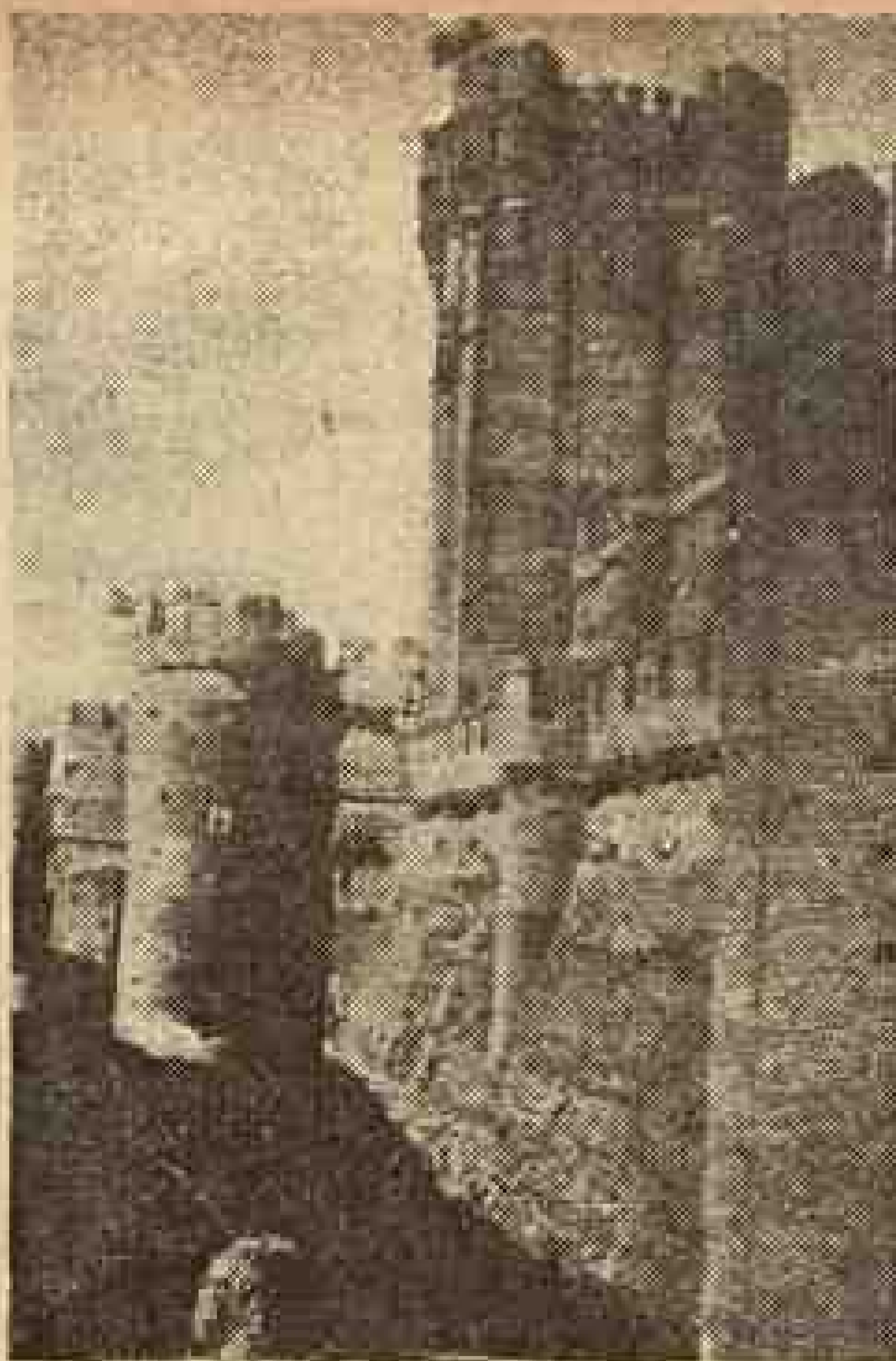
Cook devia regressar à Inglaterra pelo cabo da Boa Es-



mente, fazia parte de um continente e, nesse caso, explorá-lo e tomar posse do mesmo, em nome do Rei. Se a referida terra fôsse apenas uma ilha, ou, ainda, na hipótese de não ser encontrada, Cook devia prosseguir ousadamente para o sul, voltando para leste, a fim de completar a circunavegação do globo, na latitude mais meridional que lhe fôsse possível.

Recordando os incidentes de sua primeira viagem, Cook não se sentiu seguro com um só navio e escolheu dois barcos de Whitby: "Resolution" e "Adventure" (êste sob o comando do Capitão Furneaux). Dois naturalistas, pai e filho, de nome Forster, e dois astrônomos, Wales e Bayly, tomaram parte na expedição. Os navios zarparam a 13 de julho de 1772 e, depois de dobrar o cabo de Boa Esperança, a 22 de novembro, Cook iniciou com afinco a sua busca, para encontrar o cabo Circuncisão. Chegando à conclusão de que, existisse ou não, tal cabo não podia ser parte de um continente, dirigiu-se para leste, a fim de iniciar a circunavegação. Em 17 de janeiro de 1773, êsse heróico homem do mar, realizou a primeira travessia histórica do Círculo Antártico, percorrendo mais de um têrço da circunferência terrestre. Os perigos do gêlo e da neblina foram quase perpétuos e não é de estranhar que os barcos se separassem, à princípio temporàriamente, e, depois, de um modo definitivo. Cook se desviou para o norte, até o estuário da Rainha Carlota, devido aos rigores da estação e à necessidade de abastecer o navio, reiniciando a navegar através da rota preestabelecida; e, então, como prova a sua carta de viagem, logrou realizar o que havia sido proposto, navegando ao redor do mundo na latitude mais meridional possível. E' certo que não descobriu o cabo Circuncisão, mas, exclusivamente, devido a Bouvet, que localizou o referido cabo de uma forma errônea em sua carta. O pseudo cabo, conhecido atualmente pelo nome de Ilha de Bouvet, está localizado na latitude 54° 26' S., longitude 3° 24' L.. Tampouco descobriu o Continente Meridional, pois tais terras, onde se supunha que existissem 50 milhões de habitantes e **inumeráveis riquezas**, não passavam de fantasias. Se Cook tivesse podido navegar cêrca de 150 quilômetros mais para o sul, teria encontrado apenas o deserto de gêlo, inteiramente despovoado, do Antártico. A tentativa para descobrir o Continente Meridional, na opinião de Cook, foi altamente compensada, com a sua completa vitória sôbre o escorbuto, um fator que, segundo suas palavras: "ta-





O castelo de la Mota, em Medina del Campo, onde foi morrer a melhor rainha de Espanha. O fôsso, as muralhas e torreões da fortaleza de Castela se mantém incólumes como um símbolo grandioso.

ciências» e correspondente da História, Don Miguel de Asúa y Campos, solicitou do Ministério da Instrução Pública de Espanha a declaração de monumento nacional dêsses touros, mais conhecidos de «ouvir dizer» que de vista e estudados.

PRINCESA E MULHER

Depois de ser declarada herdeira, a princesa Isabel, que era loura e muito branca, teve alguns pretendentes à sua mão; entre êles, o Rei Afonso, de Portugal. Certo dia, o arcebispo de Lisboa, à frente de luzida embaixada, apresentou-se em Ocaña, a solicitar a mão da princesa para o seu senhor. O arcebispo contava de antemão com o beneplácito do rei Henrique IV, porém não com o assentimento da interessada, que repeliu a proposta. Algum tempo depois e de acôrdo com o rei Henrique IV, o cardeal de Arras presidiu outra embaixada, com o objeto de solicitar a mão da princesa para o duque de Berry, irmão do rei de França, Luís XI. A princesa Isabel recebeu o cardeal de Arras e lhe deu o mesmo gracioso e sorridente «fora» que já enviara ao rei Afonso, de Portugal. Antes havia enviado emissários seus à França e Aragão, para que se informassem dos costumes e demais circunstâncias de seus pretendentes. Isso é o que podemos chamar de «saber fazer bem as coisas». Mesmo excelente lição para as jovens de hoje, que vivem cercadas de pretendentes.

A princesa Isabel celebrou sua união com o infante Don Fernando, contra a vontade do rei no dia 18 de outubro de 1469. Segundo o pacto dos Touros de Guisando, a princesa só se havia de casar com quem o rei quisesse por vontade da ditas senhora princesa e o acôrdo e conselho do arcebispo de Sevilha, Fonseca; do mestre marquês de Villena ou do conde de Plasencia «e non con otra persona alguna».

A contrariedade de Enrique IV pela decisão de sua irmã não teve limites. Diego Enríquez del Castillo, capelão e cronista de Henrique IV, conta que nesse mesmo mês de 1469, recebeu o rei em Valdelozoya certos enviados franceses, manifestando-lhes que sua irmã havia perdido, por desobediência, quantos direitos pudessem caber-lhe em virtude do tratado de los Toros de Guisando, e proclamou La Beltraneja única herdeira do trono. Interferiu como mediador Andrés Cabrera, que conseguiu a paz entre os dois irmãos pouco antes da morte do rei, ocorrida em 11 de dezembro de 1474. Quando ocorreu a morte de Enrique IV, Isabel se achava em Se-



Eis os Toros de Guisando, de remota tradição ibérica e que se viu ligada, ao fim dos séculos, com o memorável acontecimento da jura, como herdeira do trono de Castela e Leão, da princesa Isabel, depois Rainha Católica.

góvia, onde foi proclamada rainha, no dia imediato, pelos indivíduos que formavam sua pequena côrte.



Para as suas horas de meditação e oração, os reis também usavam êste altar sem adornos, ante o qual se ajoelhavam para pedir ao céu a luz que guiasse seus passos pela vida e pela história.

A êste movimento se somaram os habitantes da cidade, e o exemplo de Segóvia foi seguido logo por outras muitas cidades. Afortunadamente, a nova rainha recebeu tantas adesões de quatro dos seis magnatas aos quais se encontrava confiada la Beltraneja; porém o partido desta, por sua vez, recebeu também novos alentos ao juntar-se a êle o marquês de Villena, o duque de Arévalo, o marquês de Cádiz, o grão-mestre de Calatrava e seu irmão, o arcebispo de Toledo, que logo buscaram a aliança do rei Afonso de Portugal, que enviou um exército de vinte mil homens, comandados por Garcia de Menezes. Houve, assim, guerra civil, e a facção de Beltraneja com o exército português, foi derrotada em Albuera, em 24 de fevereiro de 1475.

Chegou, então, a vez da infanta Beatriz, de Portugal, intervir, como tia da rainha Isabel I, de Castela, sendo feita a paz com o vizinho reino lusitano.

«TANTO MONTA»...

Fernando e Isabel foram sempre de acôrdo em quantas

nará esta viagem memorável, a juízo de tôdas as pessoas benévolas, quando a discussão a respeito do Continente Meridional tiver cessado de atrair a atenção e se dividir as opiniões dos filósofos". Em suas memórias sôbre o tema que lhe valeu a medalha "Copley", da Real Sociedade, Cook explanou claramente os seus métodos. Consistiam, essencialmente, no uso regular de anti-escorbúticos, na limpeza dos corpos e das vestes dos marinheiros, na ventilação dos barcos, na aquisição de água fresca, onde quer que fôsse possível e em conservar os seus homens constantemente ocupados.

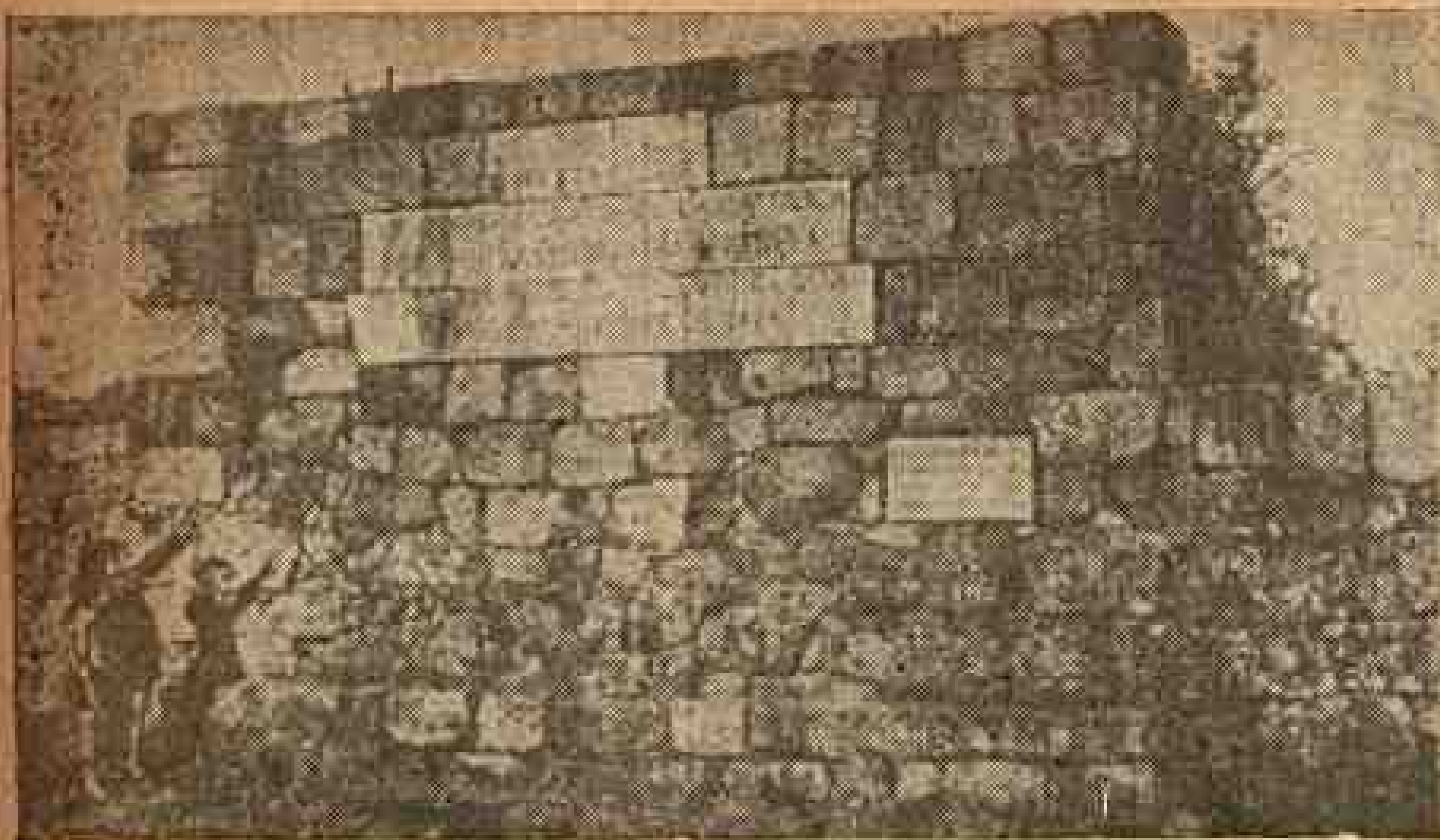
Logo após o seu regresso, Cook foi promovido ao pôsto de Capitão de Navio, outorgando-se-lhe uma sinecura, ao ser designado como um dos capitães do Hospital de Greenwoch, com residência oficial e um sôldo anual de 200 libras. Cook, porém, não era homem que se contentasse com um retiro digno e ocioso.

TERCEIRA VIAGEM
1776-1780

Derrotada a velha teoria da existência do grande Continente Meridional, o Almirantado desejava ardentemente esclarecer a hipótese, largamente mantida pelos geógrafos e exploradores, segundo a qual existia uma passagem marítima ao norte, que ligava as águas do Pacífico com as do Atlântico. Se tal rota existisse, realmente, seria mais curta do que a do cabo Finisterra, ou que a do estreito de Magalhães. O Almirantado achava pouco delicado convidar Cook mais uma vez, para assumir o comando da expedição, mas assim que tal projeto chegou ao conhecimento do Capitão, êle se ofereceu como voluntário. Outros dois barcos de Whitby foram preparados: "Resolution", que Cook havia comandado em sua viagem anterior e o "Discovery", sob o comando do Capitão Clarke.

As instruções recebidas por Cook eram, em resumo, navegar pela rota do cabo de Boa Esperança até Taiti e, depois de deixar ali, ou nas ilhas da Sociedade, um indígena de nome Omai, que Furneaux trouxera consigo em sua segunda viagem, dirigir-se à costa ocidental da América, até 45° N., seguindo depois para os 65°. Deveria, assim, iniciar a busca cuidadosa da referida passagem, rumo à baía de Hudson, ou à baía de Baffin. Se os resultados fôssem negativos Cook devia invernar em Kamchka, dirigindo-se, no ano seguinte, mais para o nor-





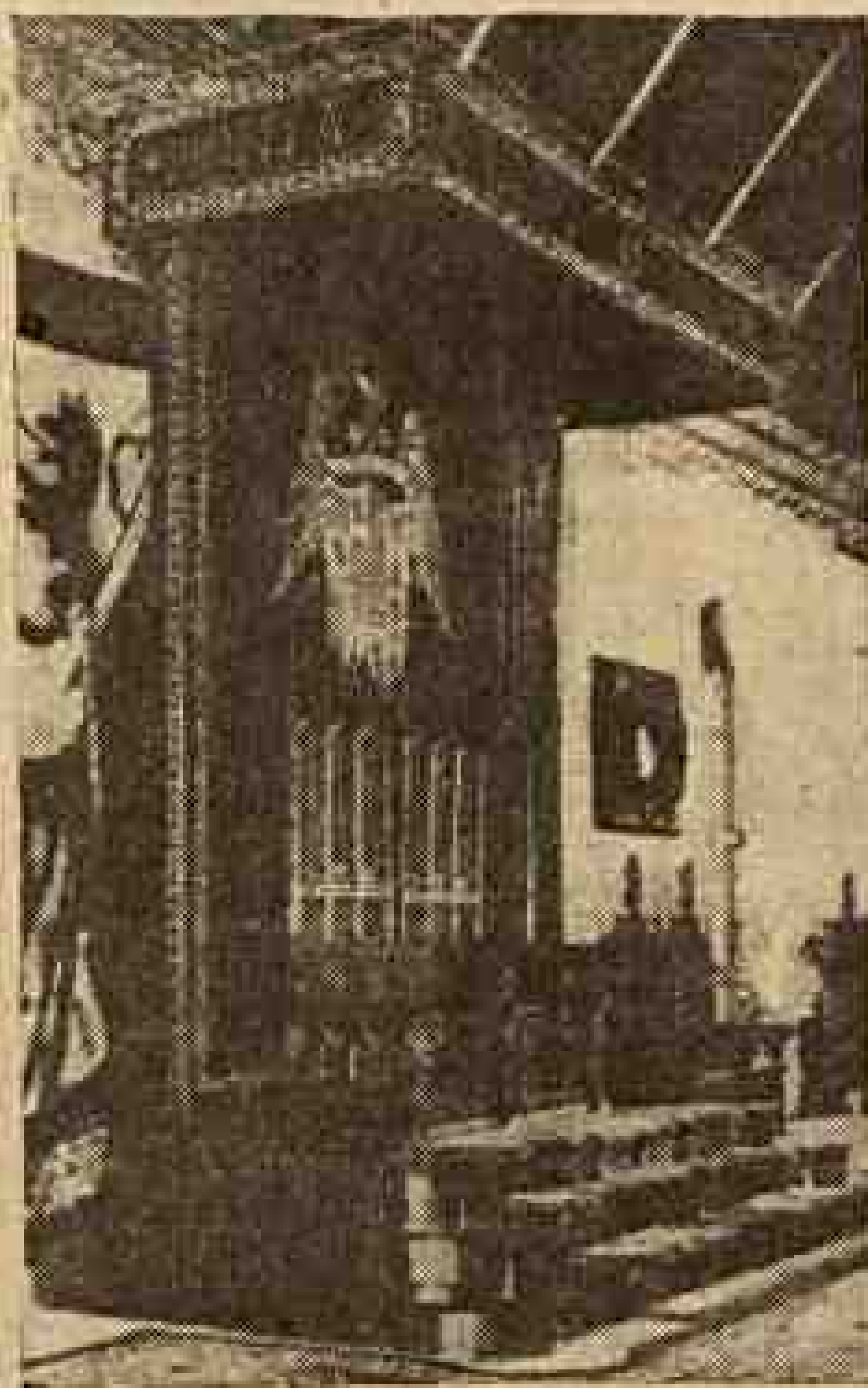
O lugar exato onde se celebrou a histórica cerimônia é recordado mediante uma inscrição mandada fazer na muralha por iniciativa da proprietária dos terrenos, marquesa de Castaniza, em 1921.

emprêsas importantes acometeram. Colombo assim conta a ajuda que recebeu dos Reis Católicos:

«La Santísima Trinidad me puso en memoria y después llegó a perfecta inteligencia que podría navegar e ir a las Indias desde España, pasando el mar oceano al Poniente, y ansi lo notifiqué al Rey Don Fernando y a la Reina Doña Isabel, nuestros Señores, y les plugo de me dar aviamento y aparejo de gentes y navios, e de me hacer su Almirante en el dicho mar oceano»...

«E plugo a Nuestro Señor Todopoderoso que en el año noventa y dos descubriese la tierra firme de las Indias y muchas islas, entre las quales es la Española, que los indios della llama Ayte (Haiti) y los monicongos de Chipangos».

Não seria justo omitir que o êxito de Colombo só foi possível com a contribuição eficacíssima dos irmãos Martín Alonso Pinzón e Vicente Yáñez Pinzón, prestigiosos navegadores andaluzes, que puseram na emprêsa seus recursos, seus esforços e sua perícia.



Na parte superior do trono dos Reis Católicos, conservado no alcazar de Segóvia, lê-se o "Tanto Monta...", que evidencia a compenetração de Fernando e Isabel durante a sua gloriosa obra de govêrno.

te, em busca de uma passagem, em direção a leste, até o Atlântico, ou, se não fôsse possível, seguir em direção oeste, contornando a Sibéria e o norte da Rússia.

O "Resolution" zarpou em 12 de julho de 1776 e o "Discovery" no dia 1 de agôsto. Ao chegar a Taiti, Cook julgou que Omaí seria mais feliz numa das Ilhas da Sociedade e deixou-o em Huahine. Seguiu, depois, para o norte e, em 18 de janeiro de 1778, divisou a primeira de um grupo de ilhas, a qual denominou Ilhas Sandwich. Em março fundeou no estuário Nootka, sem se aperceber da insalubridade de Vancouver. Procurando, ao longo da costa, rumo ao norte, qualquer entrada de água que pudesse ser o ponto de partida de um provável canal, penetrou na única que encontrou: a enseada de Cook, sem resultado satisfatório. Os barcos se dirigiram, então, para o estreito de Bering, onde ancoraram em agôsto.

Devido à estação que já ia avançada, Cook resolveu adiar a procura da mencionada passagem, encaminhando-se para as Ilhas Sandwich. Em 30 de novembro descobriu uma nova ilha, Hawaii, o maior do grupo. Depois de topografá-la, ancorou na baía de Kealakekua. Ali os indígenas o receberam com satisfação e, julgando-o uma reincarnação de um de seus deuses, renderam-lhe adoração e ofereceram-lhe tôda classe de provisões. Em fevereiro de 1779, Cook deixou a ilha para reiniciar a sua busca. Poucos dias depois, quebrou-se o mastaréu do barco "Resolution" e Cook decidiu regressar à baía de Kealakekua. Os indígenas, antes acolhedores, receberam-no, desta vez, com visível contrariedade e na noite de 13 de fevereiro foi roubado o cúter do "Discovery". Cook recorreu a um estratagema que se adotava com freqüência em casos de roubo: induziu o rei a passar para bordo, permanecendo ali como refém até que o cúter fôsse restituído. O rei não objetou. Seu povo, porém, se esforçou para dissuadi-lo. Enquanto o rei permanecia na indecisão em aceder à solicitação de Cook chegaram notícias de que um chefe tinha sido morto quando tentava escapar da baía numa canoa, o que provocou um grande tumulto, lançando-se os indígenas contra a escolta dos marinheiros. Os indígenas não se atreviam a atacar Cook quando êsse olhava de frente, mas, num momento em que se voltou para dar ordem aos botes de que cessassem o fogo, foi mortalmente apunhalado pelas costas.

A sua última viagem não alcançou o objetivo a que se propusera — que desde o início era impossível — mas como compensação, o norte do Pacífico e as Ilhas Sandwich passaram a ocupar o seu pôsto, claramente delineado, no mapa.

As contribuição de Cook para a soma dos conhecimentos humanos foram tão notáveis, assim como a amplitude do campo de suas investigações, que não é possível descrevê-las aqui de um modo adequado. Na esfera geográfica descerrou a cortina que encobria o Pacífico, dissipou a lenda do grande Continente Meridional e

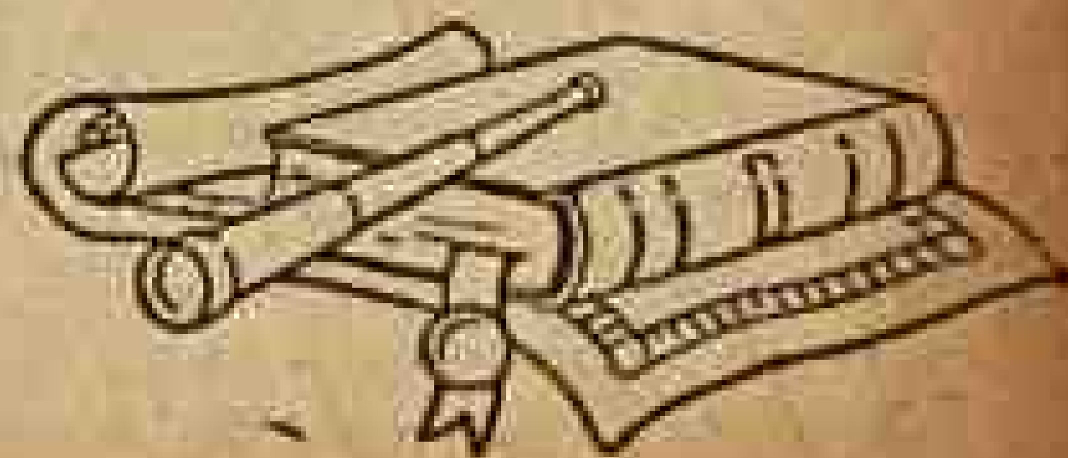
nos proporcionou a cartografia da costa oriental da Austrália, o mapa de Nova Zelândia e as linhas essenciais que hoje conhecemos, na primeira visão do Círculo Antártico e das ilhas Sandwich.

Apesar do seu escasso aprendizado escolar, o Capitão James Cook adquiriu, através de estudos pessoais, nas suas horas de folga, consideráveis conhecimentos de matemática, astronomia e outros ramos da ciência. Possuía, além disso, uma habilidade inata para o desenho e uma percepção realmente científica das coisas. Trabalhou sempre a serviço da geografia, da navegação e de outras ciências. Embora alguns astrônomos acompanhassem Cook em suas expedições, êle orientava pessoalmente as observações do tipo astronômico, realizadas em suas viagens. Seus primeiros registros e anotações sôbre o eclipse do sol, em 1766, foram utilizados para o propósito prático de fixar a longitude do local de observação.

As latitudes e longitudes dos lugares que visitou foram cuidadosamente determinadas através de observações astronômicas. Suas posições anotadas eram muito mais exatas que as obtidas por outros navegantes. Descobriu inúmeros erros e dissipou dúvidas em relação à posição atribuída aos lugares que visitou e, graças às suas indicações, grande melhoria foi feita nos mapas das regiões exploradas.

Cook foi, segundo o testemunho de diversos hidrógrafos da Marinha Real, o iniciador da cartografia marítima científica. Delineou exatamente as costas, fêz inúmeras sondagens e, através de investigações, determinou, com precisão, as correntes e os canais. Suas cartas foram consideradas no seu tempo como documentos insuperáveis pela exatidão e excelência com que expunha o assunto em questão. Graças a êle inúmeros elementos sôbre variações da bússola foram indicados com precisão, assim como a natureza das marés nas diversas regiões por onde passava. Em suas viagens para o longínquo sul observou e registrou o fenômeno da aurora austral. Um de seus maiores feitos foi a extinção do fantasma do escorbuto, que provou que a referida praga, tão terrivelmente mortal, não era companheira inseparável nas grandes viagens marítimas. Em 1776, Cook foi eleito "Companheiro da Real Sociedade".

O segrêdo do êxito de Cook está firmemente impresso na sua resolução inabalável e ilimitada resistência aos sofrimentos. Assim rezam as palavras do lema de seu escudo d'armas: "nil intentatum reliquit". Tais atributos nada possuem de extraordinário mas representam, precisamente, a sua índole estudiosa e correspondem ao seu espírito resoluto e esforçado, como podemos observar, através dos nomes que elegeu para os seus barcos: "Endeavour", "Resolution", "Adventure" e "Discovery".





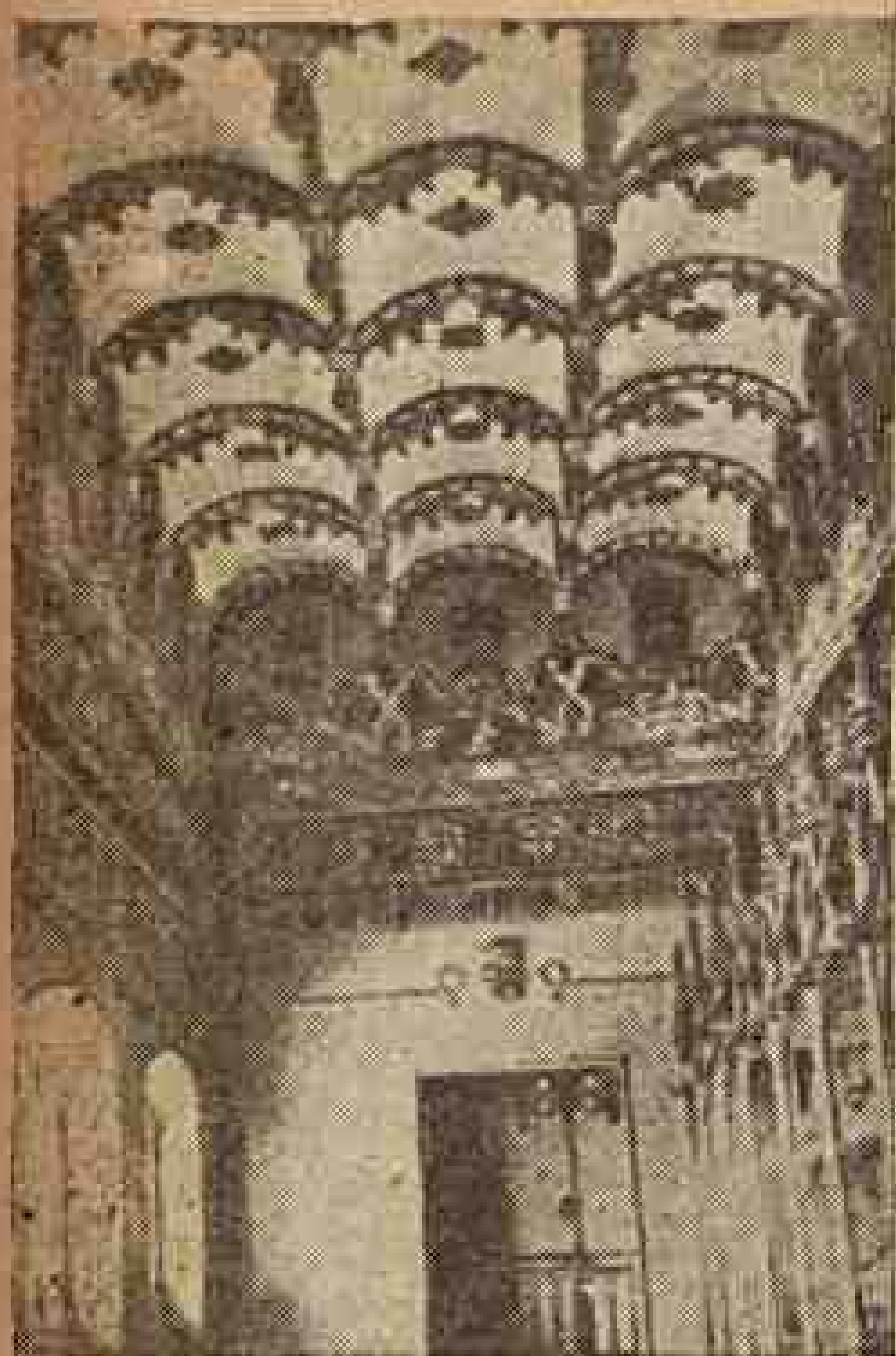
A infanta Dona Isabel faz sua entrada em Segóvia, para festejar sua reconciliação com seu irmão, o rei de Castela Enrique IV, que lhe conduz o cavalo pela brida.

A vida da rainha Isabel não está isenta de infortúnios e desgraças, para as quais encontrou sempre a necessária resignação cristã. No ano de 1496 perdeu sua mãe e em 1497 o seu único filho varão, o príncipe João. **«Dios me lo dió y El se lo ha llevado — dizia — Bendito y alabado sea el Señor».**

Em 23 de agôsto de 1498 morreu sua filha Isabel, rainha de Portugal e herdeira da coroa de Castela. E como se tôdas essas desgraças não fôssem suficientes, os freqüentes desgostos conjugais de sua filha, Dona Joana, acabaram por amargar os seus dias e minar-lhe a saúde.

TESTAMENTO E MORTE DE ISABEL

Um mês antes de morrer, redigiu seu testamento, documento em que resplandece o mais elevado talento político, juntamente com a piedade mais acendrada e um espírito justiceiro, o que nos dá a medida exata do que foi aquela mulher excepcional. Êsse documento tem a data de



O teto da sala que a rainha usava como toucador em seu "alcazar" de Segovia é uma autêntica maravilha de arte, cuja riqueza contrasta com a simplicidade de costumes de Isabel de Castela, segundo todos os seus biógrafos.

12 de outubro de 1504. Três dias antes de morrer acrescentou um codicilio de três cláusulas, que se referem à codificação das leis e ao govêrno dos índios recomendando que fôssem tratados com a **mayor dulzura e benevolencia.**

No testamento assinala o lugar onde devem ser enterrados os seus restos, no mosteiro de São Francisco, de Granada, e pede para si — copiamos do testamento — **...una sepultura baxa, que no tenga bulto alguno, salvo una losa baxa en el suelo; pero quiero e mando, que si el Rey, mi señor, eligiere en otro lugar destos mis reynos, que mi curepo sea alli trasladado e sepultado junto con el cuerpo de Su Señoria. E quiero e mando que ninguno vista xerga por mi, e que las exequias que se hicieren por mí, donde mi cuerpo estoviese, se hagan llanamente, sin demasias...»** A rainha Isabel morreu em novembro de 1504, no castelo de la Mota, de Medina del Campo. «A pena cai das minhas mãos — escreveu Pedro Mártir de Angleria, ao arcebispo de Granada, no mesmo dia do falecimento da rainha — e minhas fôrças desfalecem por imperativo do sentimento; o mundo perdeu seu ornamento mais precioso e sua perda não apenas deve ser chorada pelos espanhóis, mas também por tôdas as nações da cristandade, porque era o espêlho de tôdas as virtudes, o escudo dos inocentes e o freio dos malvados».

A comitiva que conduzia os restos da rainha chegou a 18 de dezembro ao convento de São Francisco da Alhambra. Depois da morte de Fernando, ocorrida em 23 de janeiro de 1516, os seus despojos e os de Isabel foram transportados para o mausoléu que se erigiu na capela dos Reis Católicos, ao lado da catedral de Granada.

★

PARA EMBELEZAR o cabelo nada melhor que esfregá-lo com gemas de ôvo batidas, e em seguida lavá-lo com água fria e friccionar logo o couro cabeludo com álcool ao qual senha agregado água de rosas.

★

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo peroba.

A ARTE DE PRESENTEAR

Problema muito comum é o que surge na ocasião de um aniversário ou festa semelhante: os embrulhos devem ser abertos diante das pessoas que ofereceram os presentes? A etiqueta, em algumas outras partes do mundo, é completamente diferente do costume usado entre nós. Por exemplo: em vários países orientais seria considerada uma falta de etiqueta abrir o embrulho do presente diante da pessoa que o oferece.

Considera-se, com efeito, entre êles, que quem recebe um obséquio, deve manifestar seu agradecimento **pelo fato de ter sido objeto de uma atenção; e por isso não deve preocupar-se com o valor ou o aspecto do presente.**

Porém, entre nós, é costume abrir o presente diante de quem nô-lo ofereceu, para elogiá-lo e demonstrar que, realmente, foi uma escolha acertada.

Não devem ser usadas as frases como: **«Não devias te incomodar»**, etc.. Diga-se, entretanto: **«Estou realmente encantada»**, **«E' exatamente o que necessitava»** ou outra frase semelhante.

Em um aniversário convém levar pessoalmente o presente; nos demais casos pode ser enviado diretamente da casa onde foi adquirido, ou por um mensageiro.

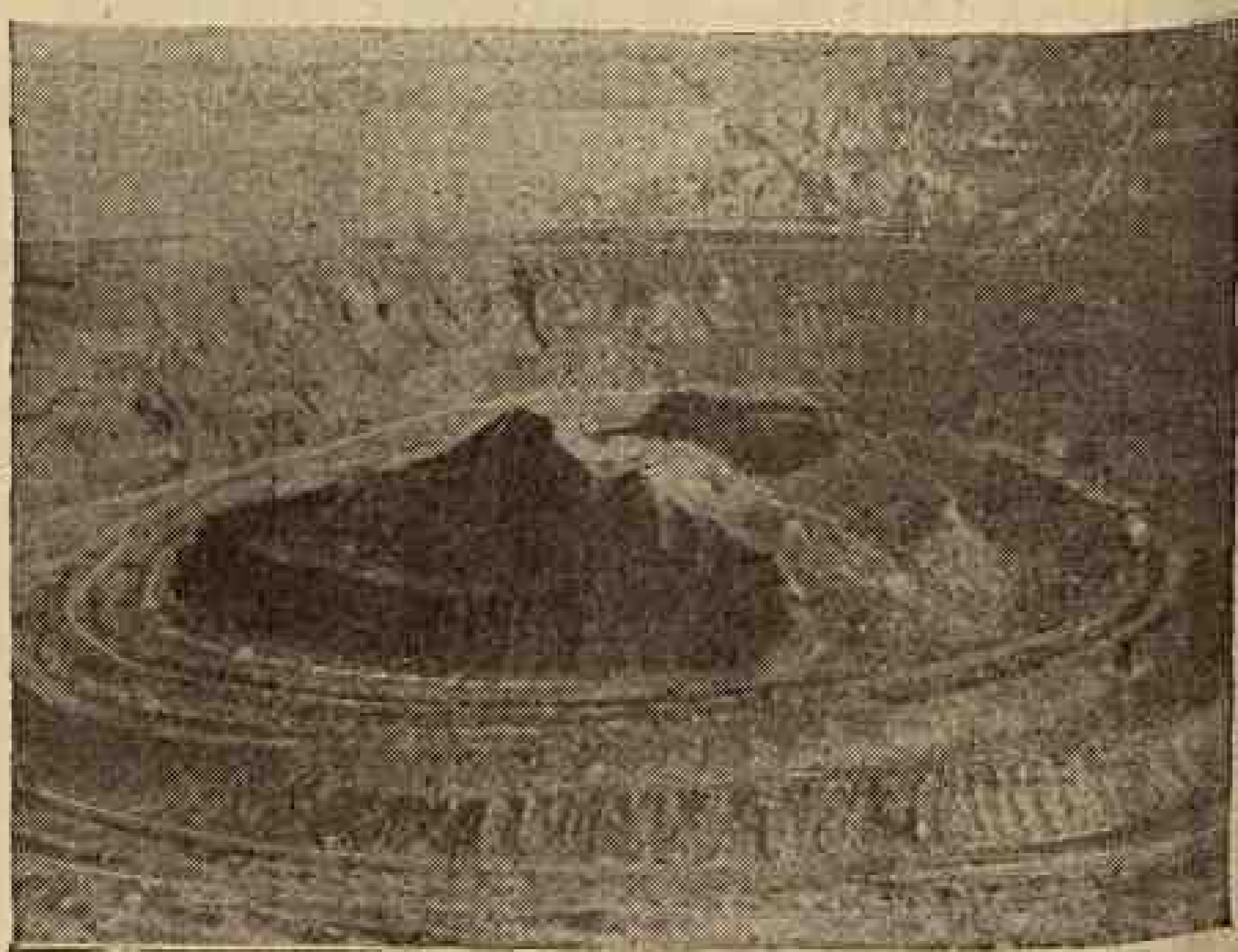
As flores devem sempre ser enviadas pela própria casa de flores ou por um mensageiro. Não coloquem cartões nos presentes que são entregues pessoalmente.

★

VESTIR A ROUPA pelo avesso indica, segundo a superstição popular, presente próximo.

★

OS MOUROS consideram um pecado partir o pão com a faca.



NÃO DEVEMOS ACREDITAR MUITO NOS OLHOS... Virem a fotografia acima de cabeça para baixo e hão de ver a colina se transformar em colossal cavidade e as cavidades em elevações. Isso é devido ao fato de sempre julgarmos os objetos pelas sombras.



Um conto infantil

por

RENÉ BOYLESVE

«Grande é o poder da sugestão! Por isso, qualquer de nós, quando os que nos cercam se esforçam, com insistência e método, por nos fazer ver as coisas diferentes do que realmente são, sempre acaba por ceder á ilusão...»

O PRÍNCIPE FUTUROSO E O CÃO FALADOR



ERA uma vez um Rei e uma Rainha, bastante idosos e pais de muitos filhos, todos muito bonitos, vigorosos, de coração bem formado e, ao mesmo tempo, hábeis na arte da guerra sendo que alguns também eram férteis de espírito. Pois bem! Apesar de dons tão brilhantes em todos êles, que formavam a esperança do reino, apesar da bondade e sabedoria do Rei, o povo se queixava de não ser feliz. O bom Rei e a boa Rainha, desanimados de encontrar melhor solução, dirigiram-se às Fadas, que ainda eram de boa ajuda naqueles tempos, e uma delas, Astuciosa, anunciou que êles teriam ainda outro filho, o qual faria a felicidade de todos.

Na verdade, pouco tempo depois um outro filho, que foi chamado Príncipe Futuroso, pois que estava destinado a proporcionar uma melhor sorte a todos, sem distinção de classes.

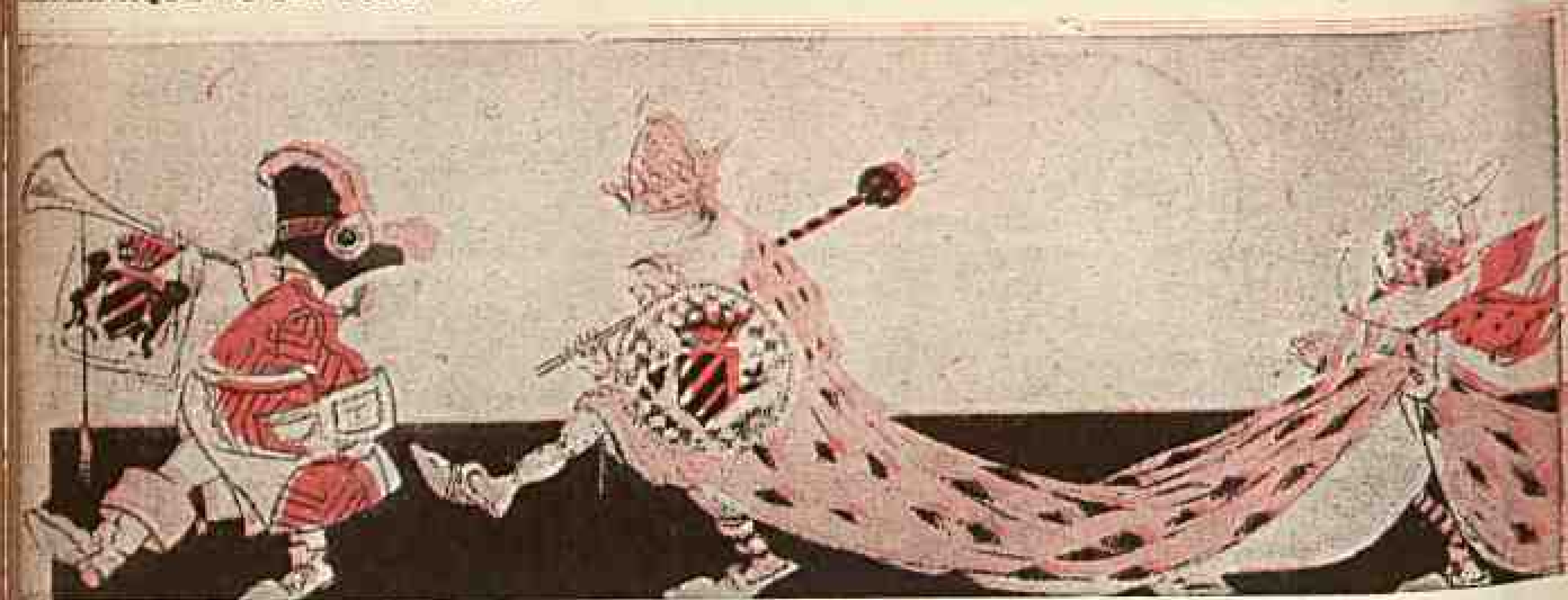
O Príncipe era, evidentemente, um presente do Céu; entretanto, examinado mais de perto, parecia, ao contrário, ter sido vomitado das profundezas do Inferno, tão feio de rosto era e mal formado de corpo. Havia uma corcova entre as suas espáduas, e nem ao menos ao centro; o ventre era inchado como o de um sapo, sendo de se jurar que jamais caminharia senão de rastros e aos arrancos, tanto as suas pernas eram finas, tortas e desiguais de tamanho. Quanto ao rosto, melhor seria não falar, caso não fôssemos obrigados a descrever o personagem dizendo que um dos seus olhos parecia não poder fugir à sedução do Oriente, enquanto que o outro era atraído, ao caír do dia, pelo disco do sol refletido num lago.

Nem o Rei nem a Rainha mostraram boa cara à Fada Astuciosa, que havia anunciado o seu nascimento, quando a mesma apareceu, como de praxe, ao batisado do jovem Príncipe Futuroso, solicitando o favor de ser a sua madrinha. Apesar disso, Astuciosa não se mostrou zangada, e, pousando um dedo sôbre a fronte do afilhado, declarou que lhe fazia nesse instante o mais belo dos dons que algum homem já havia recebido!



— "Já vem a tempo! — resmungou o Rei sob as barbas brancas — E aí está um dom que ninguém dirá que é supérfluo!" — acrescentou amuado.

Entretanto, como êsse dom não consistia nem em ouro nem em pedras preciosas, e como ninguém o podia ver ou apalpar, não tardou que por todo o reino houvesse um só



pensamento: que a Fada Astuciosa zombara uma segunda vez do velho Rei e da velha Rainha; e não fôsse pelo temor, ninguém se ter a privado de rir e de escrever quadrinhas zombeteiras sôbre os monumentos públicos. Porém em cochichos, eram ditas coisas bastante lamentáveis.

★

O Príncipe Futuroso cresceu, se assim podemos dizer, em idade pelo menos, pois que para o resto mal ganhara algumas polegadas de estatura. Porém, logo que aprendeu a usar a palavra, eis que começou a divertir a sua ama e o pessoal palaciano, assim como as crianças que lhe eram dadas para companhia nos folguedos, pela habilidade que demonstrava ter para tirar partido das menores coisas, fôsse um nada. Não que reunisse gravetos para construir carrinhos ou edificasse moinhos e navios com recortes de velhas latas de sardinhas ou de doces secos. Não: êsses recursos pueris já eram conhecidos antes dêle. Mas, se lhe dessem um fósforo, por exemplo, logo êle via um obelisco de vinte mil pés cúbicos e coberto de inscrições, que decifrava com facilidade e prazer; um simples chinelo êle transformava no antro onde Hércules residiu, e uma centena de alfinetes, espetados numa pelota era suficiente para que êle a todos fizesse acreditar que se tratava de uma bela cidade com suas tôrres, pontes e inúmeras chaminés, onde cozinhavam gigantescas refeições. Desdenhava os magníficos brinquedos que lhe dava a Rainha e, de ventre contra o solo, soprava na frincha do soalho, levantando poeira: então, ouvindo o comentário que fazia, era de se jurar assistir à explosão de um depósito de petróleo, nas docas do país inimigo! De tal forma que era, o Príncipe Futuroso ainda muito pequenino e já gozava grande fama de contador de histórias que prendiam a atenção e mesmo fascinavam todo o mundo, fôssem grandes ou pequenos, os seus ouvintes.

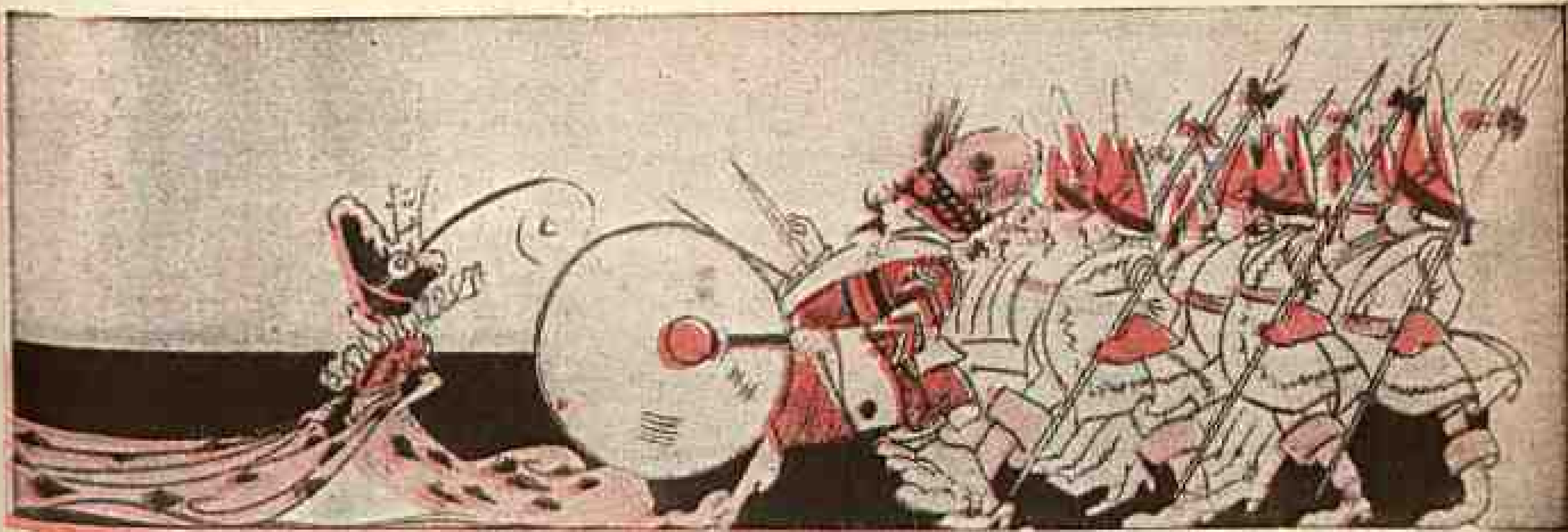


Tais histórias voavam de bôca em bôca e eram conhecidas de cor. O êxito das mesmas estava em que faziam os ouvintes fugir dos espetáculos que são vistos todos os dias. Exaltavam os altos feitos de heróis passados ou futuros, inspirando-se em guerras cruentas; de outras feitas — o que era ainda mais surpreendente — narravam apenas as aventuras tolas e ôcas de um pastor e de uma pastôra, guardando lado a lado os seus carneiros e que, um dia, tendo trocado um sorriso, casavam e tinham muitos filhos...

De fato, era extraordinário que histórias assim tão desprovidas de incidentes, pudessem ser tão apreciadas como as maquinações sensacionais.

O Rei começou a notar que havia agora menos reclamações e motins no país, e que os "Relatórios", enviados anualmente pelos prefeitos eram menos carregados de queixas populares e oficiais. E' claro que o soberano não deixava de atribuir êsses excelentes resultados à sua boa administração, que algum dia tinha que apresentar frutos. Êle próprio se encontrava remoçado em sua velhice; comia agora mais copiosamente, e dormia esplêndidamente como um homem moço. Como o último dos seus súditos, deleitava-se com as narrativas que corriam o reino e que já começavam a musicar, aqui e ali; principalmente quando a gente moça e encantadora vinha cantá-las sob a sua janela, durante as refeições.

Mas, como não era o costume de conceder a honra dessas distrações inteiramente novas àquêle que as havia criado o jovem Príncipe não tirava disso qualquer vantagem. O Rei via nessas imaginações **puras tolices**.



achando que nada devia agradecer ao seu filho caçula, e êste mesmo, quando voltava aos seus ouvidos ou leitura tôda essa literatura popular, não se recordava sequer de que fôra seu autor.



Como todos sabem, é preciso que os príncipes se casem. Assim, quando chegou a idade mais própria para o Príncipe Futuroso escolher espôsa, ganhou luzida escolta, a fim de realçar quanto possível sua triste figura por todos os países por onde viajaria em busca de uma jovem princesa, digna de sua posição. Encontrou muitas, que teria desposado de boa vontade, pois que jamais deixava de, à primeira vista, — emprestar às mesmas cem qualidades que de fato não possuíam, mas que êle criava com a maior facilidade. Desgraçadamente, com elas não ocorria o mesmo entusiasmo, e fôssem quais fôssem suas gentilezas e gestos brilhantes, assim como a elegância da sua palavra, mal lançavam um primeiro olhar à concunda de Futuroso não podiam, algumas, deixar de rir, enquanto outras faziam mil contorsões e caretas nada agradáveis nem respeitosas para o pretendente; finalmente, tôdas rodavam sôbre um calcanhar e iam trocar olhares apaixonados com qualquer elegante imbecil. O pobre Príncipe sofria muito com tudo isso e de tal forma que nem sempre viu as coisas tais como realmente eram, mesmo as más, vendo-as muitas vêzes piores.



Entretanto, uma dessas nobres criaturas, a Princesa Alice, que não pudera consentir em ser sua espôsa, presenteara-o, em recordação das coisas belas e elevadas, que êle soubera dizer, e para suavisar a sua recusa, um cãozinho, branco como a neve e chamado Falador, em razão da faculdade que tinha de falar como gente.

Em caminho de volta, o Príncipe, que trazia sòmente grandes desgostos e o pequeno totó da Princesa Alice, distraía-se, ao menos, conversando com o cãozinho. E Falador, que tinha mais liberdade que um cortezão, disse-lhe um dia:

— Príncipe... Não é realmente espantoso que, possuindo o nosso gênio, capaz de transformar o mundo, não tenha sequer pensado se tornar um **dandy** capaz de **virar** tôdas as cabecinhas? Além do mais, haveis proporcionado felicidade a todo o reino, inventando ficções que o fazem esquecer a si mesmo; não é justo, pois, que cuideis da vossa própria felicidade, agora, por meio de algum hábil disfarce?

— Meu bom Falador — disse o Príncipe — E' bem verdade que não tenha eu jamais pensado em fazer de mim um homem diferente do que sou. Mas, mesmo que tivesse o poder de realizar essa metamorfose, de que me serviria? A mulher que me amasse pela minha aparência, seria com certeza uma tola... e não me agradaria nada!

— Bem... — disse Falador — Em todo caso, nada custa tentar...

— Não... Seria inútil — disse o Príncipe. — Como você deve ter observado, sem dúvida, não possuo nenhum poder maravilhoso sôbre as coisas; só posso agir sôbre o espírito! E se fiquei sem ação diante da Princesa, é isso sinal de que elas não o têm, meu amigo!

— Que Deus perdoe a Vossa Alteza uma tal blasfêmia! — disse Falador — A Princesa Alice tem tanto espírito quanto é possível haver numa mulher; mas... é mulher e submissa — como suas iguais — ao preconceito! Que vosso corpo — cuja sinuosidade não é assim tão desagradável, mas realmente fo-

ge à monótona estatura dos demais mancebos — que vosso corpo, repito, se endireite, repentinamente, e o coração da Princesa Alice baterá por Vossa Graça... Isto, posso jurar!

— Ah! Você não me entende, meu pobre Falador — disse o Príncipe que, apesar de tudo, estava pouco satisfeito com a alusão feita a seu físico enfêrmo — Não deve esquecer que consegui, espalhando belas mentiras entre os homens, fazer que os que viam apenas a triste realidade sòmente acreditem e jurem, hoje, pelas fantasias por mim criadas, que são mais fortes sôbre o seu estado e os seus costumes que os fatos mais bem controlados... Como posso, apos um tal prodígio, recorrer ao processo grosseiro que consiste em modificar a linha de uma coluna vertebral? Não, meu bom amigo... Você tem o dom da palavra, como o homem... — não se zangue com a franqueza — continua tendo uma alma de cão!



— Está bem! — disse Falador, que era menos suscetível que um homem — Não insisto... O tempo dirá quem tem razão. Enquanto esperamos, príncipe, desejo muito explicar a Vossa Alteza que o uso da palavra do homem me altera muito; tenho a língua sêca como a sola de um sapato e rogo-vos permissão para ir até àquela fonte que se avista além.

★

O local era bem servido de sombra e, junto de um rochedo, havia uma clara fonte, cantando alegremente. O Príncipe e sua comitiva, como o totó, muito contente ficaram por repousar, beber água pura e fresca na concha da mão e preparar, mais além, um bebedouro para os animais que cavalgavam.

— Não é verdade, Alteza, que esta fonte nos renovou as fôrças e a vontade de caminhar para vencer uma nova etapa? Já não nos sentimos tão cansados!

— Que tem isso de extraordinário? — Perguntou o Príncipe, que continuava amuado — As fontes não são raras nesta região, e cada uma delas nos teria oferecido o mesmo reconfôrto ..

— Sim, sim... — disse Falador — Mas tenho cá uma idéia de cão: Que custaria a Vossa Alteza, compor um poema sôbre esta fonte igual às outras, em que fôsse ela louvada, por exemplo, por haver transformado viajantes perdidos e extenuados, em uma tropa valente e capaz de reencontrar o seu caminho?

— Isto não dá trabalho nem compromete, realmente — disse o Príncipe.

E, imediatamente, começou a compor várias estrofes — como outras muitas fêz, mais tarde, a tôdas as fontes. Falador logo as repetiu e tôda a comitiva as cantou no correr da viagem. As palavras harmoniosas ficaram em tôdas as cabanas e nas aldeias...

Mas Falador, cuja audácia era a de um cãozinho favorito, não teve eescrúpulo em transformar à sua vontade o sentido das palavras rimadas por seu senhor; e não tinham feito três léguas através da floresta e já era cantado por todos os da comitiva como pelos lenhadores e habitantes das aldeias e cidades **que a fonte onde o Príncipe Futuroso estivera, tinha a virtude de restituir a mocidade aos velhos, dar beleza aos feios e corpo gracioso aos aleijados e corcundas.**

O paradoxo era cruel e teria sido taxado, sem dúvida, de mau gôsto se não partisse de um cão cujas fantasias eram toleradas pelos que o viam sempre ao lado de Sua Alteza. O Príncipe, por sua vez, era de uma indulgência sem limites por tudo o que vinha de Falador, como, em geral, por tudo o que lhe recordasse a Princesa Alice...

O endiabrado Falador — desnecessário é dizer — causou grande sensação entre as mais





graciosas cadelinhas das altas damas da Côrte... e prontamente encontrou espôsa, constituindo família. E a sua prole nasceu falante como o pai, que se sentia felicíssimo por não ter espôsa faladora, com o que causava inveja a muitos homens. Logo que o filho mais velho de Falador chegou à idade de entender as coisas mais sutis, foi mandado pelo pai, com instruções especiais, à côrte da Princesa Alice. Não quis esta se privar da presença do filho de Falador que, por sua vez, constituiu família e esperou que seu primeiro filho atingisse idade adulta para o mandar ao vovô com instruções também secretas. Tudo isso, porém, pedira tempo, não muito longo, mas suficiente para aumentar a tristeza de Futuroso, acabrunhado por não encontrar espôsa e, principalmente, por ter sido recusado por uma graciosa princesa que lhe dera Falador e tôda a família de Falador.

— E' uma tola! — repetia êle, quando o cão se referia à Princesa Alice.

— Hmmm... Quem sabe? — Respondia prudentemente Falador, movendo a cauda.

— Uma tola! — Tenho a certeza... — repetia Futuroso.

— Quem sabe? — replicava o misterioso Falador, com a cauda inquieta.

Para não ficar vadiando, o Príncipe improvizava narrativas e cânticos de tons sombrios e cheios de lamentos. E — fato curioso — essas ficções, embora desoladas, provocavam no povo contentamento não menor que o que haviam semeado os vigorosos cânticos épicos de outrora. E — fato ainda mais estranho — o Príncipe encontrava algum lenitivo para sua tristeza ouvindo o povo repetir essas ficções. E ouvia tudo como se as houvesse ignorado totalmente, comentando-as **como se não fôssem da sua autoria.**

Falador, que havia notado desde o princípio êsse fenômeno — e que era um cão muito esperto — dizia:

— "A macieira não reconhece seus frutos; êstes caem ao pé do tronco, ali apodrecem e servem de alimento à raiz para a floração da seguinte Primavera..."

Porém o Príncipe começava a tratá-lo de "cão velho e caduco"...

Um dia, Falador disse a Futuroso:

— Príncipe. Corre por todo o reino a notícia de que há aqui uma fonte que restitui a mocidade aos velhos, dá beleza aos feios e corpo perfeito aos corcundas!

— Ora, ora... — disse o Príncipe, erguendo os ombros com indiferença — Tolices!

—Príncipe... Não há um só dos súditos do vosso pai que duvide dêsse fato.

— Quer dizer, então, que não existe nenhum súdito de meu pai... que seja velho, feio e aleijado?

— Príncipe... Nem todos têm recursos suficientes para chegar até à fonte!

— E como explica você que nenhum dêles me haja informado das virtudes dessa água?

— Príncipe!— Os pequenos são tímidos, às vêzes, diante dos grandes; junte a isto que êles adoram Vossa Alteza e por isso mesmo acham que sois perfeitamente formado ao seu gôsto, não acreditando assim que a aventura tenha qualquer interêsse para um príncipe tão perfeito.

— E você? Quer dizer, então que não gosta de mim? Não me considera bem formado e agradável?

— Eu, sim! Mas...

— Mas... Mas... Não me preocupa o pensamento dos outros. Aprende isto de uma vez por tô-

(Cont. na pág. 222)



A QUANTAS DESTAS TRINTA PERGUNTAS PODE O LEITOR RESPONDER?

TESTE PARA DETECTIVES

Por EDGAR HOOVER
(Diretor do Federal Bureau of Investigation, de Washington)

1 — Alguma vez já foram encontradas duas pessoas com impressões digitais idênticas?

2 — Que sistema de classificação de impressões digitais é mais geralmente usado no mundo?

3 — Onde se encontra a maior coleção de impressões digitais em todo o mundo.

4 — Que percentagem de criminosos com impressões digitais já catalogadas é encontrada em comparação com os criminosos primários?

5 — As impressões digitais sofrem alguma alteração?

6 — E' possível identificar um indivíduo pela impressão digital de um só dedo?

7 — Podem as impressões digitais ser modificadas por meios físicos?

8 — As diferentes autoridades dos diversos países cooperam entre si com a troca de dados gerais e impressões digitais dos criminosos?

9 — E' possível estabelecer, definitivamente, que tal bala foi disparada por um determinado revólver?

10 — Qual é o custo anual do crime, no Brasil, segundo os cálculos oficiais?

11 — E' possível determinar se uma pessoa encontrada morta em um incêndio estava viva durante o incêndio ou foi ali colocada depois de morta?

12 — Onde se encontra o maior laboratório de crime-detecção, no mundo?

13 — Em que proporção as pessoas acusadas de assassinato são realmente culpadas?

14 — Ocorrem mais assaltos (penetrar o ladrão em casa da vítima) durante a noite que durante o dia?

15 — São as casas residenciais assaltadas mais vêzes que as outras?

16 — De cada 100 automóveis roubados, quantos são recuperados?

17 — Que idade predomina entre os grupos de indivíduos detidos com mais freqüência.

18 — Qual a percentagem de mulheres entre as pessoas presas e fichadas, no Brasil?

19 — São os crimes praticados pelas mulheres, em geral, mais graves que os praticados pelos homens?

20 — Que percentagem dos crimes praticados cabe aos elementos juvenis?

21 — Em média geral, que percentagem de policiais protege a vida de cada 1.000 pessoas residentes em grandes cidades, no mundo?

22 — Quais são os nomes verdadeiros de dois criminosos conhecidos pelas alcunhas de «Carne-Sêca» e de «Paulista»?

23 — Que constitui «crime de espionagem», no Brasil?

24 — Que Estado foi o primeiro a ter polícia-estadual organizada, no Brasil?

25 — Qual a primeira impressão que um «vigarista» procura dar, ao preparar o golpe do «conto-do-vigário»?

26 — Durante a Idade Média, na Europa, qual foi, mais freqüentemente, o «último pedido» feito pelos condenados à fôrca?

27 — De cada 100 homicídios quantos são seguidos de prisão do culpado ou culpados?

28 — O roubo ou assalto aos bancos cresceu ou diminuiu nos últimos cinco anos?

29 — Que vem a ser 32-4242?

30 — Onde a impressão digital foi usada pela primeira vez como identificação civil ou criminal?

(Respostas à página 228)

Eis a classificação que o leitor merecerá:

30 Respostas	certas	— Excelente
25 »	»	— Bom
20 »	»	— Normal
10 »	»	— Sofrível
Menos de 10	....	— Fraco



SUPERIORIDADE FEMININA — As mulheres têm mais recursos mentais que os homens, e nisso está baseado o matrimônio. O que para o homem constitui um jugo, é finalidade própria do sexo feminino na sociedade humana. Embora os homens resistam ao casamento, todos acabam por submeter-se ao laço matrimonial. Nem deveríamos procurar outra prova em favor da superioridade da mulher!

O segrêdo do domínio feminino, na vida doméstica, está na faculdade que as mulheres possuem de raciocinar friamente, e sempre com empenho

A MULHER NUNCA E' VELHA

Se há entendidos na matéria que assegurem qu a melhor idade da mulher é a dos trinta e cinco ou quarenta anos, outros dizem que a mulher é muito velha ...com trinta.

Entretanto, as mulheres formosas da história conservaram seus encantos até muito depois dos trinta.

Ninon de Lenclos teve numerosos adoradores aos sessenta anos, e aos noventa recebeu uma declaração de amor!

A imperatriz Josefina, que cativou Napoleão I, era tão mais velha que o seu adorador, que, ao casar — teve que mentir a fim d figurar na ata com menos idade do que tinha realmente.

Jorge Sand, a célebre novelista, era muito feia e tinha bem completados os seus trinta anos quando despertou em Chopin um grande amor.

Elena de Tróia teve adoradores às dezenas... aos quarenta anos.

★

CONHEÇA A SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Melhor e **Pior** são adjetivos comparativos de bom e mau, respectivamente. Mas há quem considere necessário antepor um advérbio comparativo na oração em que são empregados, e, assim dizem «mais pior» e «mais melhor», expressões tão erradas e tolas que nos dispensamos de comentar.

Essa construção não será ouvida de pessoas cultas.

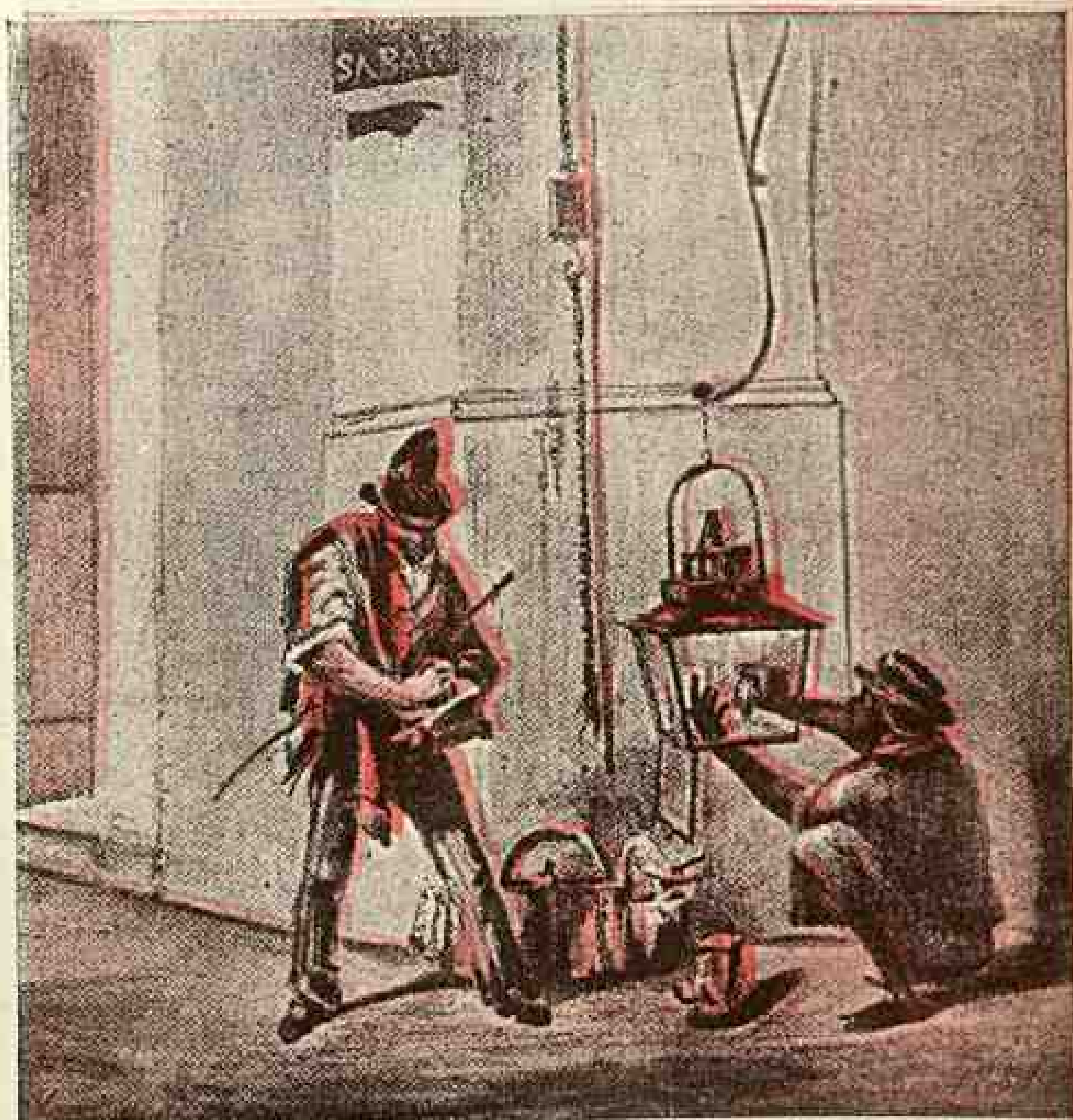
No caso de se querer reforçar a idéia do **mau** e do **bom**, sem deixar de empregar os adjetivos pior e melhor, porque são os que se preferem para a exposição ou forma que se tem dado, muito usado como advérbio dará perfeitamente a sensação de abundância, em alto grau, em grande número ou quantidade, dizendo-se então: «muito piora e «muito melhor». Convém não esquecer para suprimir os tão dissonantes «mais pior» «mais melhor» que revelam ignorância e mau gôsto.

★

A PREOCUPAÇÃO pela silhueta, ou seja, a diminuição de pêso sem prescrição médica é caminho que conduz seguramente à tuberculose.

HISTÓRIA DA ILLUMINAÇÃO PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO

Por **MOACYR DE ALMEIDA**



A estampa representa a esquina das ruas da Quitanda e do Sabão, onde depois existiu uma farmácia (casa em que foi assassinado Duclerc) e que hoje está inteiramente remodelada. Dá perfeita idéia dos antigos e monstruosos lampiões. Vê-se agachado um dêsses pobres párias, procedendo à limpesa e servindo-se de panos tão enxebados como a sua pobre e rôta vestimenta. Lá está a corda clássica, o cadeado e demais apetrechos.

ATÉ o govêrno do Conde de Resende (1790 a 1801), a cidade do Rio de Janeiro era iluminada apenas pelos candeeiros ou velas de cêra que os devotos dêste ou daquele santo acendiam nos nichos colocados nas esquinas das ruas. Ao tempo do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, havia oitenta e três dêsses lampadários distribuídos pelas quatro únicas freguesias em que a cidade se dividia: vinte e dois na Sé, vinte e sete na Candelária, doze em São José e doze em Santa Rita. Não era preciso mais para uma cidade sem diversões noturnas e que quase não sabia

Para o leitor que gosta de estatística, aqui apresentamos dados relativos ao número de combustores de gás, e despesa respectiva, em algarismos redondos:

Anos	Número de combustores	Despesa em Cr$
1854	1.487	85.000.00
1864	5.024	540.000.00
1374	5.342	545.000.00
1884	6.298	554.000.00
1889	10.276	767.000.00
1894	10.681	1.498.000.00
1899	11.138	2.009.000.00
1904	12.467	1.352.000.00
1309	18.677	1.663.000.00
1914	22.105	2.457.000.00
1919	10.678	1.121.000.00
1920	10.785	1.293.000.00
1921	10.875	1.848.000.00

ler. As ruas não eram calçadas, nem niveladas, e os abastados, quando as tinham que percorrer, à noite, serviam-se de archotes alcatroados ou de pequenos lampeões, carregados por escravos. E' o que nos ensinam Moreira de Azevedo e Vieira Fazenda. A iluminação pública pròpriamente, começa no govêrno do Conde de Resende, que mandou colocar quatro candeeiros nas ruas de maior trânsito e dois nas outras, candeeiros êsses de azeite de peixe e custeados pelos cofres públicos.

De 1801 a 1808, a iluminação estendeu-se a outras ruas.

De 1808 a 1821, o intendente geral de polícia, Paulo Fernandes Viana procurou melhorar a iluminação da cidade, aumentando sensìvelmente o número de lampiões. Por essa época foram criadas contribuições especialmente destinadas ao custeamento do serviço, e, entre elas, o impôsto de mil réis (1 cruzeiro) por pipa de aguardente fabricada, e oitocentos réis (80 centavos) por escravo chegado da África, etc.

A iluminação pública estêve a cargo da polícia até 1928, data em que passou para a Câmara Municipal. O serviço era feito por **arrematação**, e custava, nesse tempo, quatro mil e oitenta e quatro réis **cada lampião**.

Em 1831, havia, na cidade, 825 lampiões, que não eram acêsos em noites de luar.

Nove anos mais tarde, em 1840, já podiam ser contados 1.619 lampiões. Da mesma forma, nessa época, já se acentuava a tendência de fazer do Rio de Janeiro a cidade mais bem iluminada de todo o mundo.

Até 1854, era empregado o azeite. Nesse ano, a 23 de março, foi inaugurada a iluminação a gás; mas até 1877, em alguns pontos afastados, conservou-se o azeite como combustível.

Os combustores de gás, inaugurados em 1854 na cidade, corriam lado a lado com os de "gás-globo", ou óleo de nafta, nos subúrbios, onde êstes se mantiveram até 1888.

Dentro da evolução da nossa iluminação há coisas interessantes, dentre as quais devemos ressaltar o parecer de um desembargador, que, tendo de informar sôbre uma provisão de combustores de gás, afirmou que "o pretendente era um impostor por dizer que, no caso, tratava-se de luz **"sem torcida"!**

A Irineu Evangelista de Sousa, depois Visconde de Mauá, — o Passos daquela época — deve o Rio de Janeiro o progresso da iluminação a gás, pois aquêle administrador construiu o primeiro gasômetro nos terrenos embargados do Aterrado (Mangue). Lia-se no frontispício da usina uma inscrição impiedosamente retirada em 1920: **Ex fumo dare lucem.**

A inauguração das lâmpadas a gás, na Capital, deu-se, como já dissemos, na noite de 25 de março de 1854, comemorando a data do juramento da Constituição do Império.


Em 1861, o serviço passava para o novo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Em 1865, constituiu-se a emprêsa "The Rio de Janeiro Company, Limited".

Ainda em 1885, "essa companhia explorou o serviço de iluminação pública e particular, a qual, no ano seguinte, passava à "Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro", que adquiriu do Estado o material por 6.641 contos de réis.

Como se verifica, naquela época, findos os contratos, o material reverteria para o Estado.

Em 1905, foi iniciada a iluminação por eletricidade, que começou a ser empregada em larga escala, desde 1911.



O obelisco da Avenida Rio Branco (Rio de Janeiro) iluminado

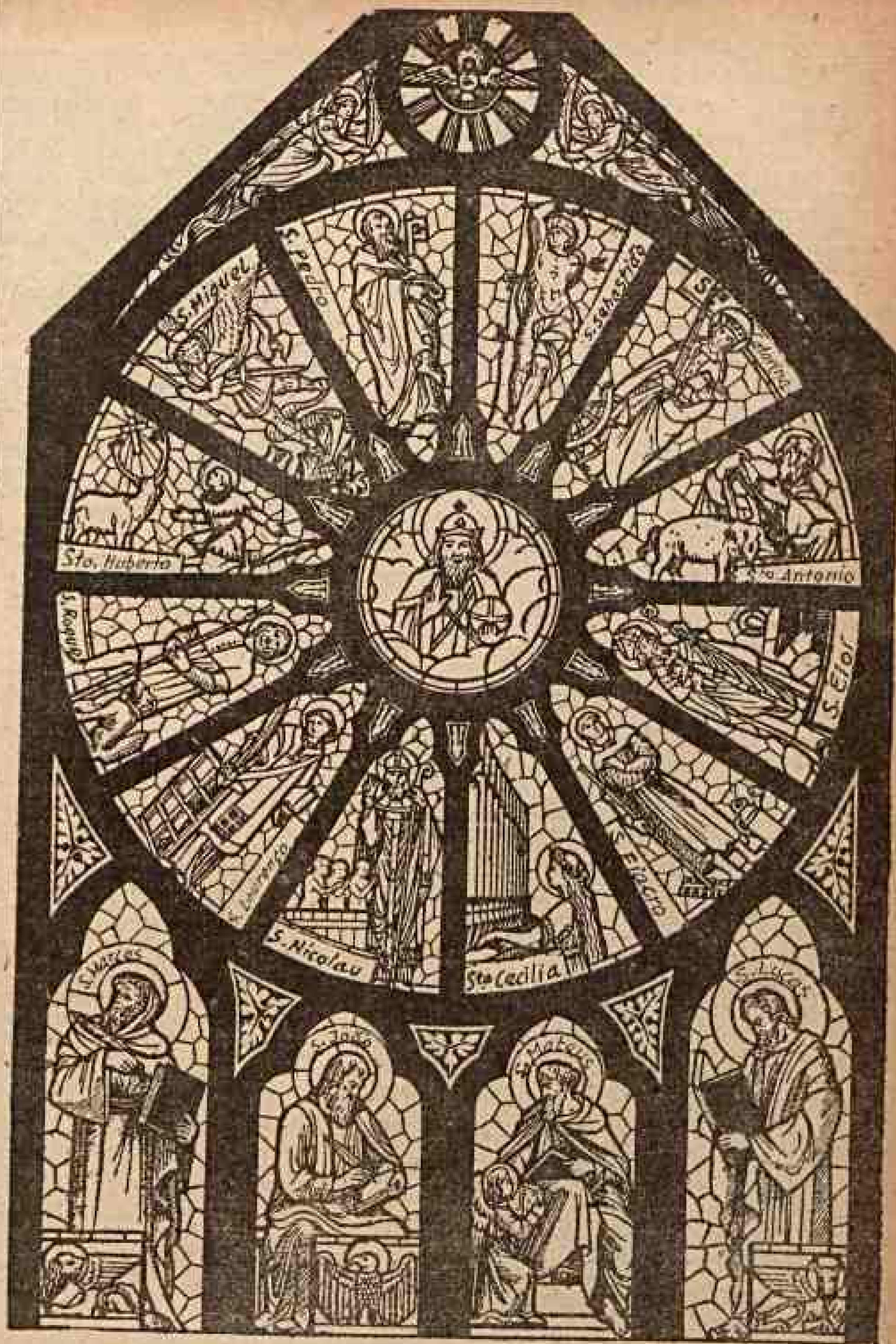
CENTENARIO DE MANUEL QUIRINO

Celebrou-se a 28 de julho último, o centenário do nascimento de Manuel Raimundo Quirino, historiador e folclorista baiano, cuja obra relativa às artes e às culturas negras da Bahia constitui um repositório valioso de erudição e uma notável contribuição aos estudos brasileiros.

Filho de africanos, natural de Santo Amaro da Purificação, Manuel Quirino revelou sempre grande pendor pelas letras e pelas artes, mas, na juventude, foi atraído pelos ideais da abolição e da República, tendo por êles batalhado com ardor, sobretudo na imprensa, onde sua ação teve particular relêvo, tendo deixado uma obra vasta de grande valor na etnografia brasileira e qual **A Bahia de Outrora** é um dos livros clássicos para o conhecimento dos problemas de origem e formação da vida social e familiar no Brasil. Também **As Artes na Bahia** e **Artistas Baianos**, são trabalhos de mérito para a história da nossa arte. Foi desenhista emérito e deixou livros sôbre o ensino dessa disciplina. Nenhum levantamento da vida social na Bahia, portanto no Brasil, se pode fazer sem o conhecimento profundo da obra de Manuel Quirino. No estudo folclórico no Brasil, o nome do autor de **A Bahia de Outrora**, surge como um dos seus pioneiros, pela observação precisa e numerosa de imenso patrimônio da arte e da cultura populares na Bahia, revelando alguns de seus aspectos essenciais. Por isso, foi considerado um dos patronos do I Congresso Brasileiro de Folclore.

★

OS ATRIBUTOS DE ALGUNS SANTOS



Na rosa — A chave é de S. Pedro; as flechas, de S. Sebastião; a roca, de Santa Catarina; o porco, de Santo Antônio; a bigorna, de Santo Elói; o regador, de S. Fiacro; o órgão, de Santa Cecília; os meninos na tina, de S. Nicolau; o gradil, de S. Lourenço; o cão, de S. Roque; o cervo, de Santo Huberto; o dragão, de S. Miguel. Sob a rosa — O leão, de S. Marcos; a águia, de S. João; o anjo, de S. Mateus; o touro, de S. Lucas. Os atributos dos santos que figuram na rosa são tirados do seu gênero de vida ou de morte; os atributos dos quatro evangelistas, sob a rosa, o são de uma visão do profeta Ezequiel.

AS FRUTAS melhor toleradas pelas crianças são: maçã, banana e laranja. O caldo de laranja, coado, é muito rico em vitamina C: pode e deve ser usado no regime normal das crianças de um mês.

★

EXISTEM livros infantis que são realmente prejudiciais, pois o enrêdo se baseia em crimes horrendos, crueldades e perversidades, que perturbam e danificam a impressionável mente infantil.

★

CERTAS inflamações do ouvido têm origem no péssimo costume de assoar com muita fôrça o nariz.

UM BOM SISTEMA para economizar carvão consiste em deitar sôbre o fogo certa quantidade de carbonato de soda. Com êste agregado, 10 quilos de carvão terão a duração de 15.

★

A MAIONESE costuma desandar quando se deita o azeite de um só golpe ao começar a batê-la.

A GUILHOTINA É MAIS ANTIGA DO QUE GERALMENTE SE ACREDITA

AS três gravuras que ilustram esta nota não foram escolhidas para causar arrepios nos leitores. Aliás, de qualquer modo, não seriam tão horríveis como as que ilustram as atuais histórias de detectives. Nem servem elas para mostrar a habilidade dos verdugos que cumprem suas funções de acôrdo com os costumes do Estado que têm a honra de servir. Aí estão ùnicamente porque os nossos leitores estão sempre fazendo perguntas interessantes «para acabar com uma velha discussão com um amigo» — segundo explicam — ou apenas «para satisfazer a própria curiosidade». Uma delas foi: **«Quem inventou a Guilhotina?»**, o que nos fêz pensar, desde logo, no Dr. Guilhotin, que deu nome ao sinistro aparelho arrasado na Revolução francesa, de acelerar a degola dos infelizes. Porém, imediatamente, veio à lembrança do redator o nome de George Pencz, morto em 1550, famoso gravador. Não foi êle o inventor da máquina de matar, porém a êle devemos o conhecimento de uma velha guilhotina (chamemo-la assim mesmo). Pode ser vista na Fig. 1, como um bom exemplo do estilo Renascença alemão. Pencz foi, realmente, um dos «pequenos mestres» de Nuremberg, da escola do grande Albrecht Dürer. **Com a memória assim alertada**, não lhe foi difícil encontrar a gravura da Fig. 2, que dizem ter sido feita de um desenho de Wenceslau Hollar, feito presumìvelmente em 1830, existente no «British Museum».



Uma prova de que o "princípio da guilhotina" já era conhecido no século XVI: Titus Manlius guilhotinando o próprio filho, numa estampa de Pencz, célebre mestre de Nuremberg em 1550.

OS FANTASMAS DE



ESTAMOS em vésperas dos dias históricos em que o Almirante Nelson preparava a sua esquadra para travar a memorável batalha de Trafalgar. As casas de Woodaway Manor se achavam quase abandonadas por seus moradores, que tinham viajado para a cidade, a fim de presenciar a passagem do ídolo. Só a casa principal que dera nome ao povoado e que se diferençava das demais por oferecer as características das construções que os nobres da época faziam levantar para seus recreios campestres, contrastava, por sua animação, com o aspecto vazio e desolado das casas que a rodeavam.

Sir Alton Clerking, conde de Manor, residia desde muito tempo nesse local pouco distante de Portsmouth, porém estava agora decidido a abandoná-lo porque era impossível gozar de paz no mesmo. Era certo que Sir Alton, homem de sessenta anos, não transigia de modo algum com os fantasmas; mas não era menos certo que, em sua casa solarenta, vinham ocorrendo fatos que teriam feito pensar de igual maneira outra qualquer pessoa, mesmo que não contasse sessenta anos e não se chamasse Sir Alton Clerking.

Sôbre o teto baixo do salão principal, nas paredes e mesmo nos móveis de outros aposentos, haviam aparecido, certa manhã, as marcas de misteriosas mãos; dias depois, em uma das paredes do vestíbulo apareceu um grande rombo que nunca se soube se fôra feito durante a noite ou durante o dia.

Sir Alton havia já fixado a partida para a madrugada do dia seguinte, abandonando sua morada aos sêres misteriosos que já não se conformavam com rondar pelo exterior, tendo passado para o seu interior, ali realizando atos de verdadeiros vândalos e que um nobre da sua estirpe não podia contemplar sem sentir o sangue subir-lhe à cabeça.

Essa noite acabavam de soar as onze no velho relógio de cuco do vestíbulo, quando sob um dos régios gobelins que cobriam as paredes do vestíbulo a muralha fendeu-se até embaixo e, graças à luz lunar que filtrava pelas entreabertas persianas, viu-se emergir uma sombra misteriosa e de escassa altura, que pouco a pouco, foi aumentando até quase tocar com a cabeça no teto do aposento; atrás dela surgiu a silhueta bem definida de um homem de estatura normal e aparentando elasticidade de movimentos.

— Esta noite o velho vai partir — disse a silhueta do cavalheiro.

— Não importa; é necessário que saibamos quem vai ficar na casa — respondeu a sombra gigantesca com voz que tinha muito de sobrenatural.

Nesse instante — e como movida por mola oculta — abriu-se uma das portas laterais, que comunicavam com o vestíbulo e apareceu no humbral um homem vestindo camisolão de dormir e tendo na mão direita uma palmatória e sôbre esta uma vela acesa.

A sombra enorme se inclinou, então, e, batendo com a cabeça contra a mão que sustentava a palmatória, deixou a sala em completa escuridão. O homem da camisola fugiu lançando gritos espantosos.

WOODAWAY MANOR



Quando o vestíbulo voltou a iluminar-se e nêle entrou uma caravana de servidores de Sir Alton Clerking, com os rostos pálidos e as mãos trêmulas, não restava outro rastro da invasão de fantasmas além da vela e da palmatória, caídas sôbre o tapête.

E assim, tôdas as noites, coisas semelhantes ocorriam, sendo às vêzes, fragorosos, os ruídos que causavam, como se arrastassem toneladas de ferro, tudo acompanhado com surdas e repetidas pancadas nos telhados; em outras noites, a casa era varrida por intermináveis hálitos gelados, que sopravam sôbre a cabeça dos moradores apavorados.

Os fantasmas se entretinham, também, promovendo brincadeiras... de mau gôsto contra os moradores: roubavam os perus já prontos para ser levados à mesa do jantar ou lançando vidros inteiros de sal na sopa dos convidados. Apagavam a lenha dos fogões, quebravam as custosas porcelanas e faziam, enfim, quanto fôsse capaz de enlouquecer os comensais.

No dia da partida do conde, os fantasmas tinham deixado a casa em completa tranquilidade; essa paz incomum fêz o velho conde apressar os preparativos da viagem, pois era bem sabido que após uma grande calmaria os desmandos dos fantasmas triplicavam de intensidade. Como se estivessem, recolhidos, confabulando novos ataques contra os moradores.

Mas, embora o riquíssimo conde tivesse a intenção plena de abandonar a casa em que tantas temporadas alegres havia passado, um parente que vivera confortàvelmente até êsse dia, acompanhando o conde, ao ver a sua tranquilidade ameaçada, decidiu ficar, pois dizia que tôda essa guerra terrível realizada pelos hóspedes invisíveis só tinham uma finalidade: forçar a fuga dos moradores; acrescentava, mesmo, que possìvelmente, por trás dos fantasmas, haviam seis irmãos, de carne e osso, e que eram pessoas temíveis, pois não era possível conhecer as suas intenções.

Em vão, Sir Alton rogou ao seu parente que abandonasse essa idéia, pois se era verdade que os fantasmas desejavam ter a casa vazia, por certo iriam **praticar mil atrocidades com aquêles que se opusessem** aos seus desejos, e talvez até mesmo a morte aguardasse a quem não ligasse importância a suas advertências. Porém o parente do Sir Alton tinha o firme propósito de não ceder a essas ameaças. Nessa mesma **noite, porém, teve que reconhecer a** temeridade do

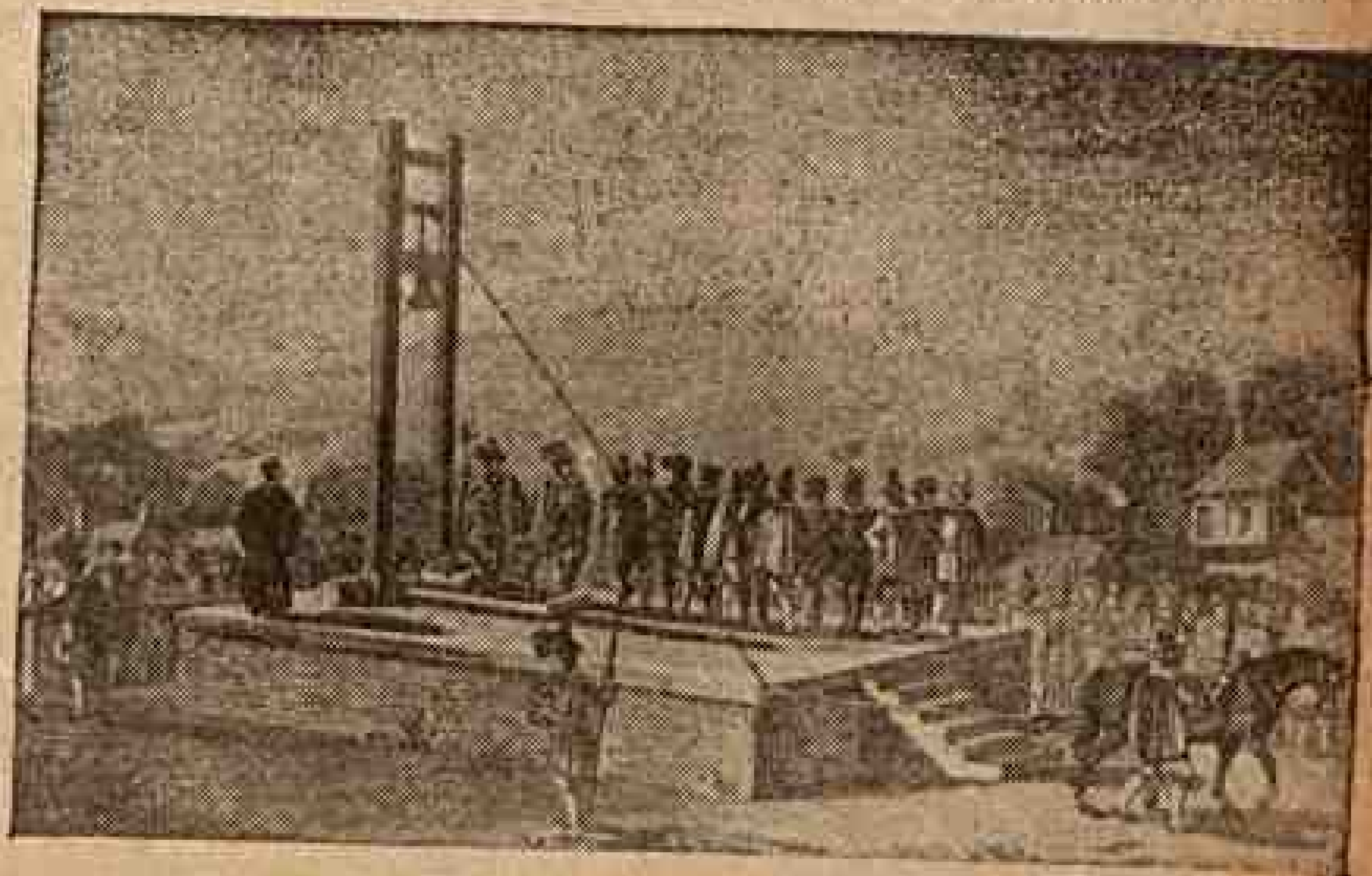
Quanto à antiga forma da guilhotina, parece ela ter sido familiar **no século XVI, pois pelo menos** três **outras** representações dessa máquina, usadas na mesma época, são conhecidas. Uma gravura em madeira, alemã, feita em **1539 e intitulada A Morte de São Mateus**, na qual o Apóstolo é visto sendo decapitado pela máquina; outra **gravura**, esta de Heinrich Aldegrever, datada de 1553 **(Fig. 2)** e **que**, como a de George Pencz, mostra **o filho de Titus Manlius, no instante de ter a cabeça cortada pelo mesmo processo**; e finalmente, uma pequena ilustração, chamada **«A morte de Spartanos»**, num livro editado em 1555, por Achilles Bocchi, sob o título: **«Symbolicae Quaestiones de universo generes**. Como essas, gravuras de outros artistas Europeus podem ser citados.

Mais difícil é conhecer detalhes em tôrno do «Halifax Gibbett», sôbre o qual encontramos referências e gravuras no **The Quarterly Revue**, de dezembro de 1842, num artigo sôbre cadafalsos, de autoria de **J. M. Crocker. Depois de** condenar êsse «horroroso processo de cortar a cabeça dos condenados», cita os nomes dos infelizes decapitados em público em Newgate, nessa data e tempos depois; cita o aparelho do Dr. Guilhotin, e faz ainda referência às gravuras de John Hoyle datadas de 1650, que — segundo acrescenta — podiam ser encontradas no **Cadafalso Legal** de Halifax, em 1708 e na edição da «Britânia» de 1772.

Segundo parece, muito antes de 1650, era costume



Mais luz na velha história de cortar cabeças e dos ***instrumentos próprios*** *para êsse suplício e conhecidos por guilhotina: "A morte de Titus Manlius", (no mesmo aparelho em que supliciara seu próprio filho).*
Gravura de Heinrich Aldegrever, datada de 1553.



O Cadafalso Halifax em ação: gravura do século ***XIX, de um desenho*** *de Hollar, mostrando a pouco conhecida guilhotina* ***inglêsa em operação.***

prio plano, quando em seu próprio quarto, à hora de dormir, viu desprender-se da muralha uma sombra que avançou até aos pés da cama e ali desapareceu inexplicàvelmente.

Conklin — tal era o nome do parente de Sir Alton — recorreu a tôda a sua coragem para não desmaiar. Fingiu que dormia. Uma tênue luz permitia distinguir quanto se desenrolasse no quarto; com as pálpebras semi-cerradas, mas fingindo que dormia, permaneceu por espaço de duas horas pelo menos, esperando que acontecesse alguma coisa, que não podia prever o que seria, mas que estava certo de que se produziria. Três horas, assim permaneceu Conklin, lutando heròicamente contra o sono, pois aquela posição era a mais propícia para cair em profunda inconsciência. Ao fim dêsse tempo, julgou perceber ligeiro ruído no exterior do seu dormitório; tratou de sacudir imediatamente a sonolência que entorpecia os seus sentidos e não tardou então a perceber, agora distintamente, o cochichar de duas pessoas. Fechou os olhos o mais que pôde e adotou a posição mais conveniente para que o julgassem adormecido.

Instantes depois a porta foi aberta e pôde distinguir apenas duas sombras que deslizavam dentro do quarto, aproximando-se da sua cama.

Não havia dúvida de que eram dois... homens. Observaram-no atentamente e a seguir saíram do quarto pelo mesmo caminho.

Então Conklin se levantou e com grande cautela abriu a porta, decidido a saber o que faziam os fantasmas. O ruído de uma conversação o advertiu da presença do inimigo e, então, calculando o lugar em que se achavam, aproximou-se cautelosamente e pôde comprovar que os dois homens discutiam. Deslizou, por sua vez, para trás de um reposteiro e ouviu:

— Só resta explorar a parede da sala de jantar, justamente a que dá para o jardim — dizia um.

— Esperemos, então, que desocupem a casa, e então teremos caminho livre — respondeu o outro.

— Não acredito, replicou o primeiro, porque de qualquer modo Conklin vai ficar e assim teremos que trabalhar à noite.

— Neste caso, principiemos.

Os dois homens entraram no salão de jantar.

Passados alguns minutos mais, os dois fantasmas passaram, de volta, junto dêle; um carregava um cofre e, então, sem esperar mais tempo, Conklin se atirou sôbre êles, agarrando o primeiro pelo pescoço, com ambas as mãos, enquanto ao mesmo tempo gritava pelos criados.

A luta foi encarniçada: o homem soltou o cofre que produziu, ao cair, um ruído surdo, seguido do tilintar de moedas de ouro.

Por três vêzes, Conklin estêve prestes a desfalecer, sob os

NAVEGAÇÃO ASTRONÔMICA POR

Por EDWARD F. FLINT
da Bausch Optical

A medida que os aviões modernos aumentam o alcance e as altitudes de vôo, a determinação da posição, durante o vôo, é cada vez mais importante. Bombardeiros, voando na substratosfera, tanto durante o dia quanto à noite, não podem confiar, a respeito da sua posição, na observação do solo. A navegação aérea, orientada pelo rádio, é impraticável, porque nem sempre se dispõe de estações emissoras e, além disso, podem ser descobertas pelos determinadores de posição (radiogoniômetros) do inimigo. Em virtude disso, o aviador recorreu aos corpos celestes, a fim de encontrar meios para localizar a sua posição com referência à superfície da terra.

"A observação do sol" (visar o sol) é sinônimo de achar a posição no alto mar; e a habilidade de usar o sextante, tem sido, desde muito, um requisito para o diploma de um pilôto marítimo. Voando em grandes altitudes, o aviador tem que enfrentar não sòmente os mesmos problemas da geometria esférica, mas também outros fatores embaraçantes. Para satisfazer a estas condições especiais, o sextante convencional da marinha foi alterado para uso da navegação aérea. Nesta sua nova forma, chama-se octante.

O sextante moderno da aviação é uma singular construção ótica e mecânica, usada para visar e medir o ângulo entre um corpo celeste e o horizonte. E' chamado **sextante** porque o seu espêlho refletor abrange, em seu movimento, aproximadamente, 1/6 de um círculo. deslo-

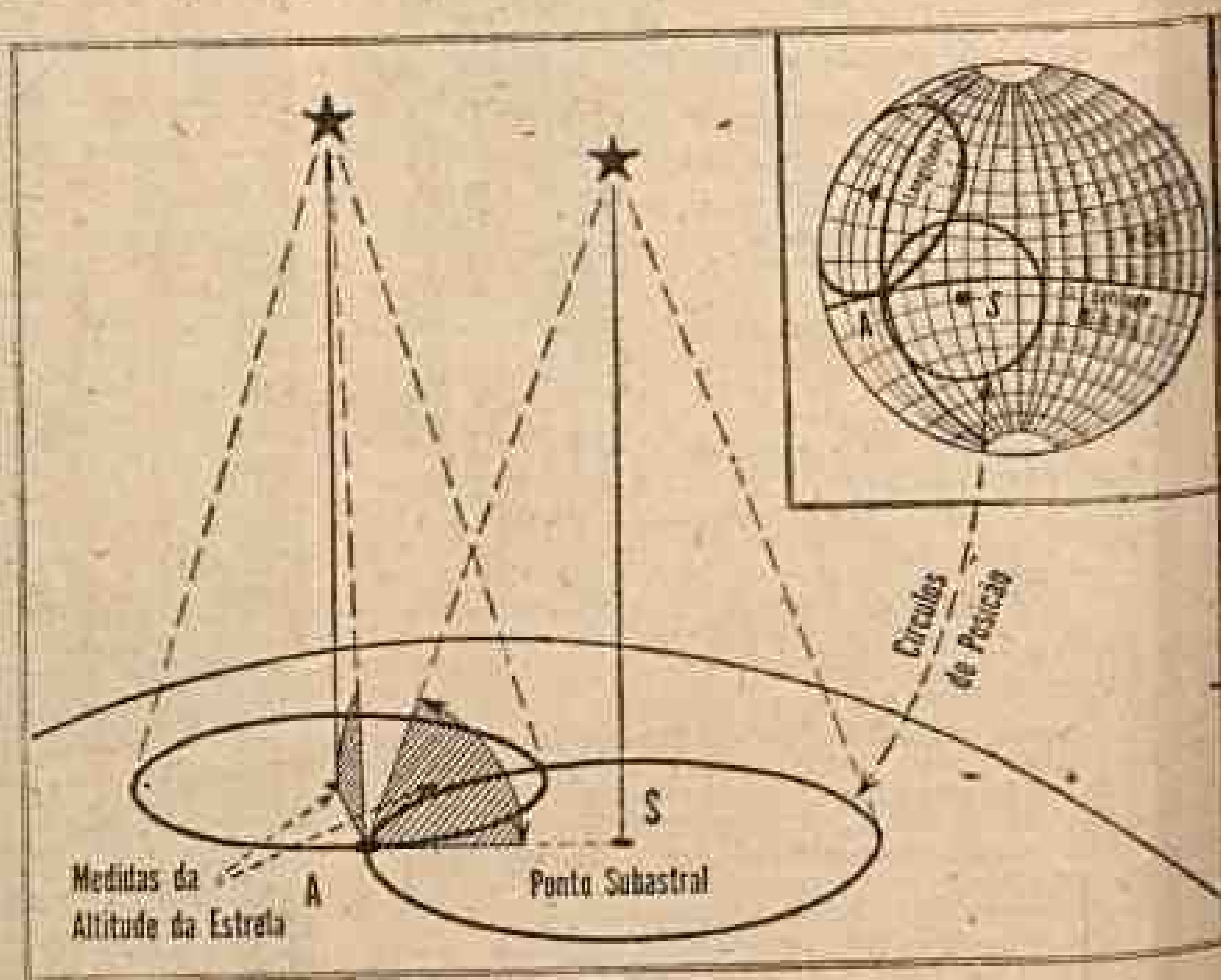


Fig. 1: Geometria de círculos celestes de posição

---

em Halifax e suas vizinhanças, condenar os criminosos a morrer por êsse processo. Também parece provado que a famosa «Maiden» (Donzela), máquina semelhante a uma guilhotina, era já usada em Edinburgh em 1581, tendo sido ali mesmo o Regente Morton executado naquela data, o marquês de Argyll em 1661 e o seu filho, do mesmo título, em 1685.

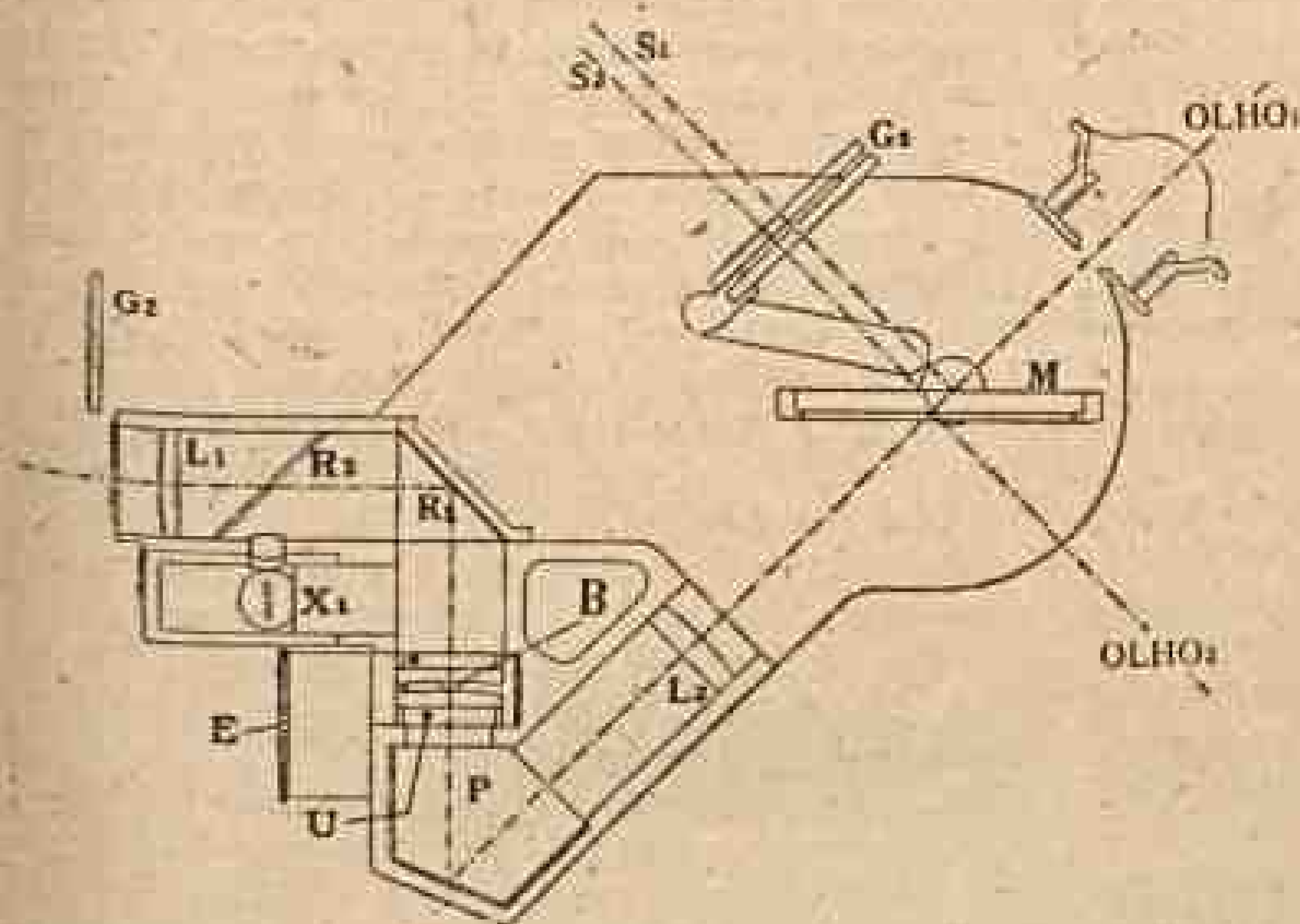
O mesmo aparelho foi conhecido na Itália, antes dessa época, com o nome de «mannaja». Por que, então, o Dr. Guillotin entra nessa história? Ùnicamente por um motivo: sob o antigo regime os nobres tinham o direito de ser decapitados e não enforcados como qualquer plebeu — costume êste pouco de acôrdo com os princípios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Êsse médico, na ocasião, propôs que todo criminoso devia ser executado decapitado, e, para atender aos princípios de humanidade, de uma maneira que lhe proporcionasse o mínimo de sofrimento... E que melhor maneira podia ser senão a da máquina de cortar cabeças, com a sua lâmina triangular? Por isso, porque sugeriu o emprêgo dessa máquina, o seu nome ficou para sempre ligado à máquina macabra. Daí a se afirmar que foi êle o inventor da máquina vai uma grande distância, e maior disparate é a firmativa de que êle próprio morreu sob o cutelo da guilhotina. Ao contrário, viveu pacificamente até 1814.

MEIO DO SEXTANTE DE AVIAÇÃO

cando, assim, a imagem celestial o dôbro disso. A construção do sextante foi largamente influenciada pelo vôo de longo alcance e de grande altitude e pelo desenvolvimento do avião, tal como o bombardeiro B-25 do **raid** a Tóquio, o poderoso bombardeiro B-24, de quatro motores, que tem voado de Montreal à Inglaterra em pouco mais de 12 horas, o bombardeiro de patrulha, Vought-Sikorsky, com um raio de ação de 6.000 milhas, e muitos outros. A fim de se avaliar do uso do sextante de aviação, é importante compreender algumas das regras fundamentais de pilotagem. Uma visada de altitude celeste com um sextante de aviação consiste em medir a altitude angular de um corpo celeste acima do horizonte. Esta verificação do ângulo proporciona o círculo da posição, centrado no ponto subastral do corpo celeste. A Figura 1 ilustra a geometria de uma medição de altitude do corpo celeste. Ao escolher dois corpos celestes, os dois círculos de posição entrecortar-se-ão, e um dos pontos de interseção marcará a posição do pilôto. (Vide A, Figura 1.) Na prática, não haverá dúvida séria a respeito de qual dos pontos de interseção represente a posição do pilôto, porque, normalmente, os dois pontos se acham a uma distância de vários milhares de milhas. A interseção correta sempre se poderá conferir, se necessário fôr, observando-se uma terceira estrêla e determinando um terceiro círculo de posição do pilôto. A interseção comum dos três círculos será a posição do pilôto.



Visando uma estrêla



Caminho da luz no sextante da aviação

Naturalmente, os corpos celestes se deslocam continuamente em relação à terra, e a sua altitude angular se altera com a hora solar. A hora da uma observação é, geralmente, lida em hora civil de Greenwich, Inglaterra. E' necessária a maior precisão, visto que 4 segundos de tempo equivalem a uma milha náutica de longitude no equador.

Para simplificar o método de computação da posição de um pilôto, têm-se criado tábuas, tais como o Almanaque do Ar e as Tábuas do Bureau Hidrográfico 214. Quando se usam estas tábuas, adota-se uma posição de latitude e longitude que forneça bastantes dados para computar quais devem ser os ângulos de altitude e Azimuth do corpo celeste, a qualquer tempo determinado

celeste. Se o pilôto achar que uma estrêla se encontra a 46°23' acima do horizonte, ela estará 46°23' em qualquer parte da circunferência de um círculo de posição, em redor do ponto subastral, com um raio de 90° menos de altitude angular da estrêla.

O ponto subastral (S na Figura 1) é um ponto na superfície da terra, que se acha numa linha entre o corpo celeste e o centro da terra ou um ponto na superfície da terra, diretamente abaixo da posição celeste. O ângulo de Azimuth (Figura 2) é o ângulo, na superfície da terra, entre a longitude meridiana do observador e a linha de referência ou o grande círculo na superfície da terra, passando pelo ponto subastral e a posição do observador. A altitude computada do corpo celeste pode ser, então, comparada com a altitude real medida, para determinar a que distância da posição computada o observador se encontra. A diferença projetada na linha de referência, Figura 2,

---

golpes de seu contrincante, principalmente quando recebeu violento sôco no pescoço; porém surgiram logo depois os criados com velas acesas e o próprio conde apareceu à porta, com uma palmatória em mão, a melhor "arma" que encontrou na ocasião para ir em socorro do sobrinho.

★

O mistério fôra descoberto; os fantasmas eram apenas dois intrusos. A luta terminou com o triunfo dos moradores da casa. E foi assim que Sir Alton Clerking juntou à sua fortuna pessoal a linda quantia de 100 mil libras em jóias e moedas de ouro com a efígie do rei Eduardo III.

AS PALAVRAS E OS SEUS SIGNIFICADOS

TULE — Tecido de sêda, algodão ou linho, em forma de malha, geralmente em octógonos.

TUMEFICAÇAO — Inchação.

TOLHIDO — Pessoa ou animal que tenha perdido o movimento do corpo ou de algum dos membros.

★

PARA FAZER um bom caldo coloca-se a carne em água fria e cozinha-se lentamente. Se se põe em água fervendo, esta coagula a albumina da carne e não lhe extrai o suco.

★

UMA FLOR cortada pela manhã durará o dôbro que aquela que tenha sido cortada à tarde, quando os raios do sol tenham caído sôbre ela.

★

AS UNHAS crescem mais ou menos cinco centímetros por ano. Uma pessoa de 70 anos, calcula-se tenha renovado 210 vêzes, totalmente, suas unhas.

★

ESTEVÃO é nome de origem grega. Significa coroa.

traçando a linha da verdadeira posição. Em vez de desenhar o círculo de posição, o traçar de uma pequena seção, sòmente do círculo chamado a linha da posição, poupa tempo considerável e evita o trabalho de manuseio de grandes e incômodas cartas. A posição do pilôto ou seu "ponto" geográfico deriva da interseção de duas linhas de posição, resultantes de dois diferentes corpos celestes. Outro método bom para computar um pouco

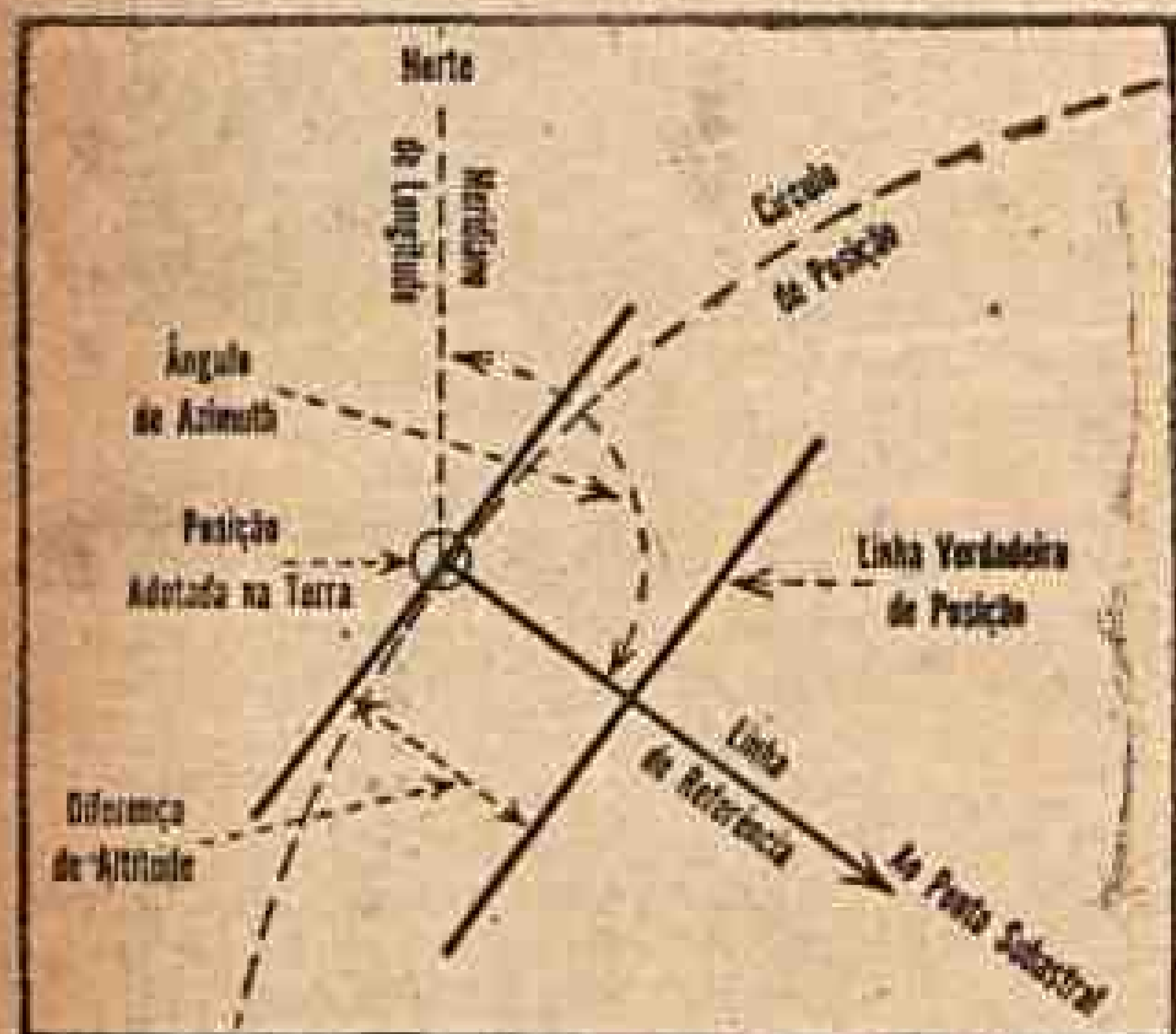


Figura 2: Angulo de Azimuth e linha de referência

na superfície da terra consiste no aproveitamento das "curvas de altitude de estrêlas", que são curvas precomputadas, mostrando a altitude angular de estrêlas em relação a qualquer ponto dado da terra, em qualquer tempo. Há duas ou mais curvas de estrêlas sobrepostas, numa tábua, e a posição real pode ser lida diretamente da interseção de quaisquer dos dois círculos de posição.

O requisito mais importante para localizar um "ponto" é a exatidão em medir altitudes do corpo celeste acima do horizonte. A experiência mostrou que se obtêm os melhores resultados, fazendo-se dez ou mais leituras tão ràpidamente quão possível e tirando-lhes a média. Estando o tempo bom para voar, contam-se com "pontos" **exatos**, a menos de 5 milhas; com o ar agitado, porém êste limite fica aumentado.

O vôo em grandes altitudes exige a construção de um horizonte artificial no sextante, porque então, raramente se pode contar com o horizonte real. E' por esta razão que o sistema ótico de um sextante de aviação tem um horizonte de bolha, e a coincidência se faz entre o corpo celestial e a bôlha, em vez do horizonte real. Só por curtos períodos de tempo o sextante se encontra numa posição verdadeiramente horizontal, durante o vôo devido às oscilações e ao ligeiro jôgo do avião. O horizonte artificial é, ótica e mecânicamente, colocado de tal maneira que, ficando inclinado o sextante, a bôlha se desloca no campo do telescópio na mesma direção, e com a mesma amplitude que a imagem de qualquer objeto, numa distância infinita. Êste fato torna o sextante mais útil para a aviação, porque a coincidência pode ser feita em qualquer parte do plano vertical de medida do campo do telescópio.

Tornou-se possível o ajuste do tamanho da bôlha e a variação de sua iluminação para assegurar a obtenção de leituras mais exatas de estrêlas, planetas, do sol e da lua.

O sextante moderno é provido de meios para visar o horizonte real de modo que se possa estabelecer coincidência entre os corpos celestes e o horizonte real. Usa-se, principalmente, o horizonte real para conferir o ajustamento do sistema ótico.

A utilidade de estabelecer coincidência entre um corpo celeste e o horizonte real depende, em grande parte, do fato de estarem as medidas sendo feitas na superfície do mar ou em vôo. Se o observador se encontrar na superfície do mar, as medidas baseadas no horizonte real serão muito úteis; a experiência, todavia, demonstra que não se pode confiar nelas, quando feitas no ar. A aviação moderna é realizada em grande parte "por instrumentos", sem nenhuma referência ao solo ou ao mar. Além disso, a névoa no horizonte, vista do ar, quase sempre produz um horizonte falso a vários milhares de pés acima do horizonte real. Quanto mais alto o pilôto estiver voando, mais se afunda o horizonte, e um ângulo de inclinação tem que ser introduzido como função da altitude, o que vai complicando os cálculos.

Além das fontes de erros já mencionadas, muitas outras têm que ser consideradas como fatores importantes na navegação. Os erros devido à refração da atmosfera terrestre variam de cêrca de 9 minutos de arco, perto do horizonte, a zero minutos de arco no zenite. Êstes erros de refração também variam com a altitude, tornando-se menores em altitudes maiores.

A paralaxe é um êrro relativamente mais importante quando se observa a lua do que outros corpos celestes. E' um êrro de altitude de um corpo celeste, devido ao fato do observador não se encontrar no centro da terra.

Erros de aceleração da bôlha, causados pelas guinadas, o jôgo e a inclinação do avião, corrigem-se, parcialmente, tirando-se a média das leituras. Sob certas condições, a posição da bôlha fica influenciada pela aceleração devida à rotação da terra. Nos tempos passados, quando os aviões ainda voavam a pequena velocidade, isto não apresentava problema sério. Hoje, porém — e especialmente em latitudes, ao norte e ao sul de 75° e com

NÃO DEVEMOS ACREDITAR MUITO NOS OLHOS...



Eis um truque «visual» que intitulamos de «O lápis fantasma». Segurar dois lápis, um em cada mão e afastados uns cinqüenta centímetros de seus olhos. Fixar e olhar durante alguns instantes no espaço entre os dois... para ver surgir o «lápis fantasma» no espaço central

HISTÓRIA DA MÁQUINA DE ESCREVER

IGNEZ MARIZ

NENHUMA invenção contribuiu tanto para a emancipação econômica da mulher como a máquina de escrever. No entanto os milhões de dactilógrafas que no mundo inteiro ganham a vida batendo as teclas maravilhosas poucas vêzes se detêm para pensar naqueles que, não através dos anos, mas dos séculos, vieram a pouco e pouco palmilhando o longo caminho que levaria a êsse portento de técnica que é a máquina moderna. Isto porque o objeto se tornou de tal maneira banal que à primeira vista parece não merecer consideração.

Conforme verificamos em ligeira "enquête", mesmo as mulheres que trabalham fazendo funcionar simultâneamente a máquina e a cabeça, mesmo estas não conhecem a fundo o roteiro de amarguras que os inventores tiveram de percorrer para nos legar a maneira confortável de escrever que hoje desfrutamos.

A cronista, por exemplo, ignorava quase tudo. Mas as fotos que ilustram êste trabalho, caindo-lhe debaixo dos olhos, foram como um desafio, e isto a levou a estudar o assunto mais detidamente, daí o título pomposo desta reportagem. Escrever a história da máquina de escrever em seis páginas dactilografadas, quando outros não o conseguiram em volumes inteiros, é ter muito topete. Trata-se, porém, de uma história "à vol d' oiseau"...

O primeiro homem que imaginou ser melhor "escrever com máquina" em vez de pena foi o engenheiro inglês Henry Mill, que registrou sua invenção a 7 de janeiro de 1714, na Secreta-



Nenhuma invenção contribuiu tanto para a emancipação econômica da mulher... Na gravura, uma dactilógrafa escreve numa moderna máquina. Ao lado, o modêlo 1941, em que foi «batida» a ordem-do-dia da primeira batalha do Marne, na Primeira Guerra Mundial.



Inventada por um pianista, Sir Charles Wheatstone, esta é a terceira de uma série de quatro tipos de máquina, por êle criados. Caracteriza-a, o teclado de piano.

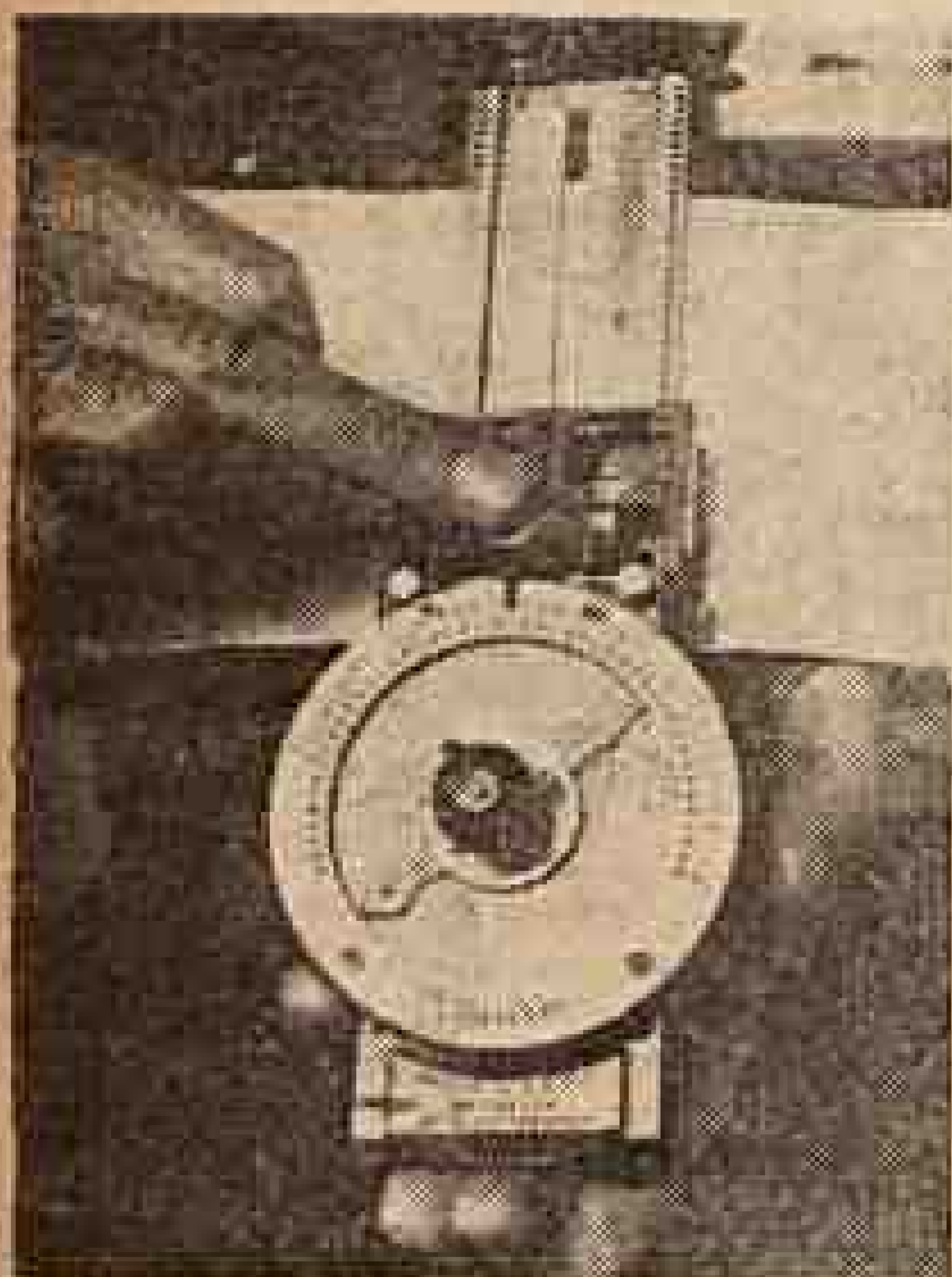
---

a velocidade do avião atingindo 350 milhas náuticas por hora, a aceleração pode tornar-se bastante grande para desviar a bôlha de 8.9 minutos de arco, que é um desvio digno de correção. Em latitudes setentrionais esta aceleração se mantém perpendicular e para a esquerda do rumo do avião, enquanto nas latitudes meridionais a sua direção é perpendicular e para a direita da rota da aeronave. E' imprescindível fazer correções do deslocamento da bôlha, devido a esta causa.

Os erros humanos quanto a medições feitas por meio do sextante de aviação, sòmente podem ser evitados por treinamento e prática com o sextante de bôlha. A fim de evitar a instrução de navegação aérea com auxílio dos astros, foi desenvolvido um novo projetor de astros. Êste aparelho projeta 145 astros, apropriados a orientar a navegação em uma abóbada, e provê meios de identificá-los por sua posição e seu grau de luminosidade. Os astros aparecem ali, por um período correspondente a um ciclo de vinte e quatro horas, tornando-se possível, assim, em terra e sob condições que simulam o vôo verdadeiro, a instrução do uso do sextante de aviação.

São êstes, por conseguinte, os requisitos da navegação aérea astronômica por meio do sextante de aviação: o aviador tem que saber, em primeiro lugar, como se computa a altitude de um corpo celestial para uma posição e uma hora solar presumidas; tem que conhecer a verdadeira hora em que está fazendo as observações; e, finalmente tem que usar um sextante de aviação de alta precisão para medir de um modo exato as altitudes angulares dos corpos celestes acima do horizonte.

tia Britânica de Patentes. Isto é, Mill foi o primeiro nome que a história guardou, não se podendo garantir que antes dêle outros não tivessem imaginado a mesma coisa. Como os registros da-



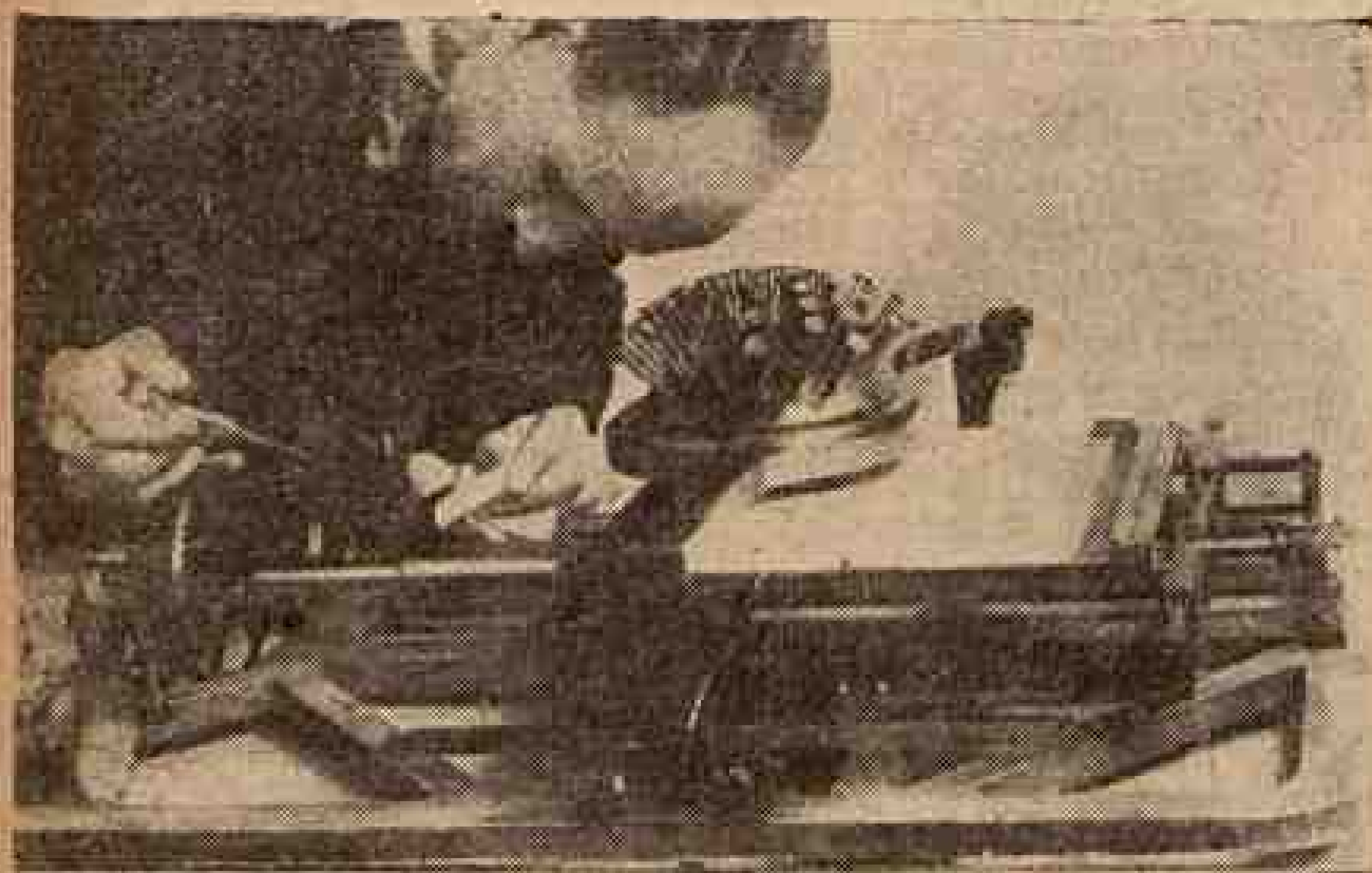
Nas operações militares da Grande Guerra foi empregada essa «Virotyp», máquina minúscula fabricada em Paris, segundo projeto de M. H. Viry. Pode ser fàcilmente prêsa ao antebraço esquerdo, para uso nas trincheiras. A escrita é visível e podem-se obter duas cópias a carbono.

quele tempo não eram acompanhados de desenhos, o invento do engenheiro perdeu-se na noite dos tempos. Há notícias, apenas, de que se destinava tanto às pessoas n o r m a i s quanto às privadas de visão, imprimindo, portanto, letras em alto relêvo para uso dos cegos, pormenor que seria utilizado mais tarde por muitos outros inventores.

Também destinada às pessoas sem vista foi patenteada outra máquina, esta em França, no ano de 1784. Dizia o inventor, cujo nome se perdeu, que a idealizara "para que elas pudessem escrever sem auxílio de ninguém". Como se vê, a compaixão pelos cegos foi o germe dessa prodigiosa invenção.

Em 1780 apareceu em Viena "a milagrosa máquina escrevente" de Frederico Knaus, diretor do Imperial, Régio e Apostólico Gabinete de Física e Matemática de Hofburg. Knaus chamava seu invento "o secretário mudo", mas parece que não foi levado a sério nem pelos contemporâneos.

Nos Estados Unidos da América do Norte o primeiro a tirar patente da invenção de uma máquina de escrever foi Wi-



A «PÊSO-PESADO» entre essas máquinas é a «Esfera de Escrever», do Pastor R. J. Malling Hansen, superintendente do Instituto Real de Surdos Mudos, de Copenhague, em 1870. E', provàvelmente, a maior máquina de escrever de todos os tempos.

OS MORTOS DO ANO

(Continuação)

15 — Nesta capital, o professor José Carneiro Felipe, destacada figura da ciência nacional. Nascido em São João Del Rey, em 6 de outubro de 1886, bacharelou-se em Ciências e Letras no Ginásio Mineiro de Barbacena, e como engenheiro de minas e civil na Escola de Minas de Ouro Prêto, merecendo o prêmio de viagem como melhor aluno. Foi membro efetivo da Academia Brasileira de Ciências, da Academia de Ciências do Brasil, da Associação dos Amigos de Portugal, Associação Brasileira de Educação, da Associação de Química do Brasil, do Clube de Engenharia, do Instituto Brasileiro de Cultura Internacional, do Statistical Institute Washington, (DC) da Sociedade Brasileira de Estatística, da Sociedade Brasileira de Química, da Fundação Getúlio Vargas e membro correspondente da Academia de Ciências Exatas, Físicas e Naturais, da Associação Química Argentina, do The Institute of Mathematical Statistics (Pittsburg).

16 — Em Le Touquet, França, o novelista francês Maxence Van Der Meersch.

18 — Em Los Angeles, aos 62 anos, Jack Holt, veterano ator de cinema, desde os tempos silenciosos, tendo sido o astro rutilante do filme em série «A Herança Fatal» exibido no Brasil em 1919, em que o famoso Roulleaux, fazia um segundo papel. Formou ao lado de Tom Mix e Buck Jones nos filmes de Far-West.

28 — Em Lausanne, Suíça, o Marechal Carl Gustav Mannerheim, herói e antigo presidente da República da Finlândia.

FEVEREIRO

5 — Nesta capital, o tabelião Fusto Werneck.

8 — Em Buenos Aires, Fritz Thyssen, financista e industrial alemão, ali chegado pela última vez em setembro de 1950 para juntar-se à filha e à espôsa. Fritz ajudou os nazistas. Deu a Hitler mais de 30 bilhões de cruzeiros e foi por isso o ditador da indústria alemã, membro do Reichtag e do Conselho de Estado e presidente de 12 companhias. Thyssen foi contra a guerra. Fugiu para a Suíça, e os nazistas confiscaram seus bens. Morre agora, vendo cumprida sua profecia de que a guerra era um êrro e seria a ruina da Alemanha.

Thyssen foi o primeiro marido de Hedy Lamar, que descobriu na Hungria. A artista deve-lhe grande parte de sua fama. Depois do filme «Êxtase», separaram-se.

8 — Nesta capital, o Sr. José do Patrocínio Lisboa, aposentado do Banco do Brasil, e que durante alguns anos foi diretor-gerente do «Correio da Manhã».

8 — Nesta capital, uma das



Marechal Mannerheim

mais expressivas figuras da engenharia nacional, o Dr. Benjamin do Monte. Nascido no Distrito Federal, a 10 de junho de 1883, formou-se em engenharia civil em 1907. Iniciou sua vida

profissional como funcionário da Central do Brasil, em 1908, na condição de operário limador das oficinas de locomoção, subindo até os mais altos postos. Era,



Sr. José do Patrocínio Lisboa

últimamente presidente da Comisão de Estudos de Encampação da Leopoldina Railway e diretor presidente da fábrica Nacional de Motores, desde dezembro de 1947, pôsto em que veio a falecer.

12 — Em Paris, o cônsul brasileiro Luis Augusto Biske de Alencastro.

19 — Em Paris, André Gide. Nascido em Paris a 2 de novembro de 1869. Dotado de vivíssimo espírito crítico, nenhuma doutrina conseguiu satisfazê-lo. Conservando-se cristão, apesar de tudo, e de formação burguesa, sua vocação de intelectual refinado sempre lhe inspirou profundo respeito pela verdade e igual horror pela miséria humana. Com 18 anos de idade publicou sua primeira obra, «Les Cahiers d'André Walter», seguida, em 1892, das «Poésies d'André Walter». Em 1893, partiu para a África do Norte, onde conheceu Oscar Wilde e escreveu «Les Nourritures Terrestres». Em 1895 regressou à França. Publicou «L'Immoraliste», em 1902, livro de tendência anticristã e nietzschicana. Dessa época datam «Pretextes», «Le Roi Candaule» e «Le Retour de l'Engant Prodigue». Em 1908 publicou «La Porte Etroite», de inspiração espiritualista, onde reaparece sua formação cristã. Sua obra sôbre «Dostoyevski d'aprés sa correspondence» (1911) contribuiu em grande parte para dar a conhecer



André Gide

na França o famoso escritor russo. Gide foi um dos fundadores da «Nouvelle Revue Française», em cuja editôra também publicou «Les Caves du Vatican». Depois da guerra 1914-1918 publi-

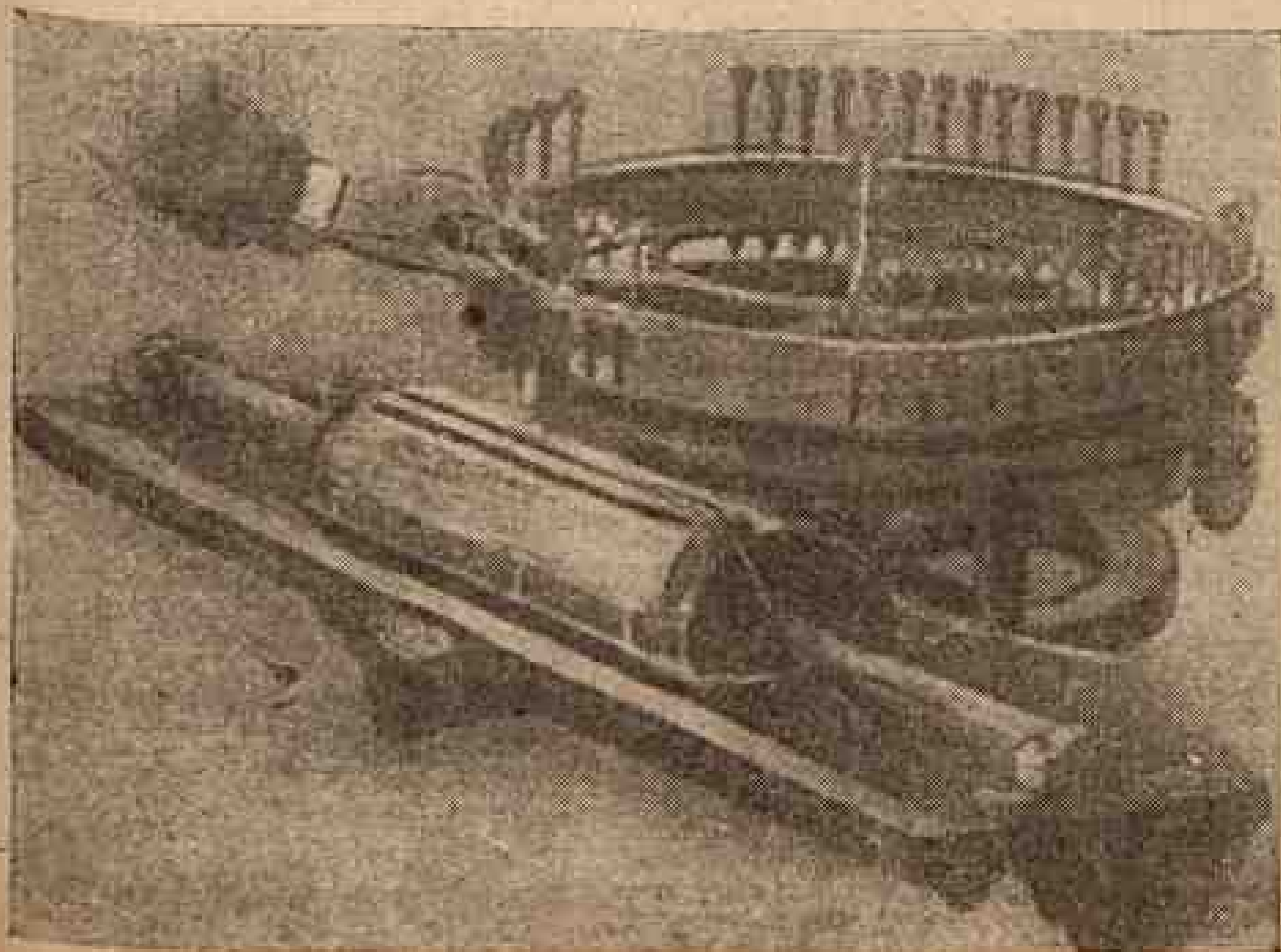
liam Austin Burt, de Michigan no ano de 1829. Os desenhos dêsse invento desapareceram no incêndio da Secretaria de Patentes de Washington, em 1836, porém um descendente do inventor, pon-



MAQUINA QUE CABE NA PALMA DA MÃO, a «Taurus», que, como se vê, se faz funcionar com uma só mão. Há um mostrador, contendo o alfabeto e algarismos, que se deve girar até a letra que se deseja. Calca-se então o pino para imprimi-la na fita de papel.

do mais tarde ordem em seus papéis, encontrou novos desenhos que lhe permitiram a reconstituição da máquina, a qual se encontra hoje num museu de Londres. Dizem alguns historiadores que a invenção de Burt nada representava de prático. Desmentindo estas afirmações, a Keystone agora nos envia foto-cópia de uma carta de Burt à sua espôsa, escrita não na primeira, porém na segunda máquina de sua invenção. Infelizmente a legenda não informa onde se encontra esta preciosa mensagem, datada de Nova York, 1? de março de 1830. Pedimos à agência informativa dizer onde está guardada esta relíquia destinada a trazer inestimável esclarecimento à história da máquina de escrever.

Quase que eliminando William Burt da longa série dos precursores (os franceses dizem que a primeira máquina a dar resultados satisfatórios foi a do marselhês Xavier Progin, descrita no "Recueil des brevets d'inventions" (vol. 3.º). Compunha-se de alavancas dispostas em círculo e trazendo um tipo n-



O extraordinário teclado da «Thurber» de 1843

extremidade. Estas alavancas estavam ligadas a uma série de ganchos que facilitavam o seu manejo para cima ou para baixo, e o abastecimento de tinta fazia-se



RELÓGIO, NÃO, máquina de escrever. Inventada por William Austin Burt, foi esta a primeira a ser patenteada nos Estados Unidos (N. 259, 23 julho 1829) na categoria de «máquinas de escrever». Denominava-se «Typographer», e foi a primeira a dar resultados práticos.

com o auxílio de uma bucha sôbre que pousavam os tipos. Obtinham-se os espaços pondo em movimento uma espécie de cremalheira minúscula. Muitos dêsses dispositivos foram aproveitados pelos inventores que vieram depois.

A segunda máquina inventada na América, de que se tem notícia, é a de Charles Turber, de Worcester, Massachusetts, que tirou patente a 26 de agôsto de 1843. Esta se compunha de êmbolos de aço trazendo numa extremidade um tipo e na outra um botão de madrepérola. Calcando o botão o êmbolo se punha em movimento e alcançava o papel, deixando a letra impressa, pois um depósito de tinta ia molhando os tipos a pouco e pouco. Engenhosa, essa máquina não teve sucesso porque o seu manejo era muito lento e assim não se prestava a substituir a escrita manual.

Em 1845 o diretor de um jornal de Louisville usava a máquina idealizada pelo Dr. Leavitte, do Kentucky, na correspondência a seus amigos. Eis o trecho de uma de suas cartas: "Homem muito habilidoso, acaba de inventar esta máquina de escrever e eu me apresso a lhe contar a novidade. Como verá, ainda é muito imperfeita. Trata-se apenas de um ensaio, entretanto já me habituei a escrever nela, ràpidamente."

Em 1848 J. B. Fairbanks patenteou máquina de imprimir a côres sôbre tecidos. Foi o invento incluído entre as máquinas de escrever porque suas hastes verticais convergiam para o mesmo ponto e possuía também o dispositivo que dava o espaço automàticamente.

Em 1849 o cego Pierre Foucault da "Institution des Aveugles de Paris" tirou patente de uma má-

cou «Les Faux Monnayeurs», o mais famoso dos seus romances, e «Corydon», obra que suscitou indignação quase geral, por motivo da tendência de refutar o que êle chama «os preconceitos sexuais da nossa época». No mesmo sentido escreveu a obra autobiográfica «Se le grain ne meurt» (1926), enquanto em «Voyage au Congo», «Retour de Tchad» já aparecem preocupações de ordem social. Em 1928, André Gide aderiu ao comunismo. Consagrou grande parte das suas atividades ao Partido, fêz uma viagem à URSS. À margem da hospitalidade dos russos Gide observou os efeitos da evolução do regime comunista, descobrindo resultados que não coincidiam com os seus próprios conceitos quanto à organização da vida social e ao destino preparado para o indivíduo. De regresso à França, publicou «Retour d'URSS»; abandonou o Partido. Gide recebeu o Prêmio Nobel, sendo reconhecido como um dos líderes da civilização contemporânea.

MARÇO

8 — Em Washington, o senador democrata, pelo Estado de Kentucky, Virgil Chapman.

10 — Nesta capital, o Dr. Jaime Tigre de Oliveira, que foi um dos mais brilhantes escolares de nossas Faculdades de Medicina, e depois um dos mais acatados e perfeitos médicos de que se orgulha sua classe.

15 — Nesta capital, o desembargador Saul de Gusmão, Corregedor da Justiça do Distrito Federal. Nasceu em 30 de novembro de 1893, nesta capital. Entrou para a magistratura em 1926, como Juiz da 8.ª Pretoria Criminal. Em 1937 foi promovido a Juiz de Direito da 5.ª Vara Criminal passando em 1939 para o Juízo de Menores, onde foi titular até o ano de 1945, quando foi promovido a desembargador e ùltimamente, antes de haver sido eleito para a Corregedoria da Justiça, fazia parte de uma de nossas Câmaras Criminais. Além de suas atividades como magistrado, foi o desembargador Gusmão, por muitos anos, jornalista militante, tendo feito parte do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa.

15 — Nesta capital, vitimado num acidente de tráfego, o Professor e advogado José Matos de Vasconcelos. O extinto era lente de Direito Administrativo e Economia Política da Escola de Intendência do Exército e do DASP. Nascido na localidade cearense de Baturité, veio moço para esta capital, bacharelando-se pela Faculdade de Direito do Rio de Ja-



Dr. Jaime Tigre de Oliveira

neiro. Era alto funcionário aposentado do Tribunal de Contas, sendo também autor de várias obras jurídicas, entre as quais dois volumes sôbre Direito Administrativo.

29 — Em Reading, Inglaterra, Sir Harold Butler, que foi de 1932 a 1938, diretor da Repartição Internacional do Trabalho de Genebra, e um dos fundadores da Organização Internacional do Trabalho. O extinto, durante a guerra, teve a seu cargo o Serviço Britânico de Informações nos Estados Unidos. Foi um dos mais ativos membros do movimento em prol da criação do Conselho da Europa.

28 — Nesta capital, o ministro Oliveira Viana. Nascido em Rio Sêco de Saquarema, no Estado do Rio, a 20 de junho de 1882, fêz seus estudos preparatórios em Niterói, matriculando-se, em 1908 na então Faculdade Livre do Rio de Janeiro. Bacharelou-se em 1913. Foi professor de Direito Criminal da Faculdade de Direito de

seu Estado natal. Em 1918 foi feito diretor do Instituto de Fomento do Estado do Rio de Janeiro e com a revolução de 1930, nomeado para o Conselho Consultivo daquele mesmo Estado. Em 1939 fêz parte da Comissão Revi-



Prof. José Matos de Vasconcelos

sora de Leis do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Afinal, o govêrno nomeou-o para o cargo de ministro do Tribunal de Contas da República. O ministro Oliveira Viana colaborou em vários jornais do país, escrevendo artigos sôbre o Direito Social e as Leis Trabalhistas, e pertencia à Academia Brasileira de Letras. O seu ingresso na Casa de Machado de Assis, deveu-o êle a obras como «Populações Meridionais do Brasil», «Raça e Assimilação» e «A Evolução do Povo Brasileiro» e outras. Ali, ocupava a cadeira que anteriormente pertencera a Alberto de Oliveira. Era, ainda, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dos Institutos Históricos do Pará, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, da Societé des Americanistes de Paris, do Instituto Internacional de Antropologia e Etnografia da Cidade do Pôrto, da Academia Dominicana de História, da Academia Fluminense de Letras.

ABRIL

4 — Em Buenos Aires, o Sr. Alberto Caprillo, presidente do jornal argentino «La Nacion».

1 — Em Juiz de Fora, com avançada idade, o Dr. José Procópio Teixeira, que foi, durante três quatriênios seguidos, eleito prefeito daquele importante município..

14 — O ministro do Exterior da Grã-Bretanha, Ernest Bevin, considerado um dos maiores cérebros do Partido Trabalhista inglês.

17 — Nesta cidade, o filantropo Carlos Ferreira de Almeida, que há 47 anos dirigia a Casa São Luís para a Velhice Desamparada. Essa Benemérita Instituição fôra fundada em 1890, por seu tio, o visconde Ferreira de Almeida e pouco depois entregue à direção do extinto. Formado em engenharia, diretor da Fábrica de Tecidos Tijuca e de outras emprêsas, há cêrca de vinte anos deixou essas atividades, voltando-se inteiramente para a Casa São Luís, para os velhinhos que ela abrigava carinhosamente, sem quaisquer distinções de raça, religião ou nacionalidade.

19 — Em Lisboa, o Presidente



Ernest Bevin

da República Portuguêsa.

O marechal Antônio Oscar de Fragoso Carmona, nasceu em Lisboa no ano de 1869, descendendo de uma antiga família de milita-

quina que imprimia letras também em alto relêvo. Figurou a mesma na Exposição Universal de Londres, no ano de 1851, sendo alvo da curiosidade geral. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro existe um catálogo daquela Exposição, onde se encontra a descrição da máquina de Foucault. Esta escrevia simultâneamente letras pequenas, à tinta, para os dotados de visão e letras grandes, salientes, para uso do inventor e seus irmãos de infortúnio. Obteve grande sucesso e foram construídos diversos exemplares para as instituições de cegos da Europa.

Em 1850 o americano M. Olivier T. Elly, de Baltimore, também tirou patente. Assim descrevia o seu invento: "Máquina prática, que pode imprimir por si mesma, e que permite substituir a escrita manual nas transações do comércio."

Êste foi o primeiro inventor a assinalar o alcance que teria a máquina de escrever na vida comercial. No invento de Eddy apareceu pela primeira vez, o teclado, constituído de uma série de teclas redondas. Mas, apesar do inventor chamá-la de prática, esta máquina foi considerada complicadíssima, pelos demais entendidos. E não se falou mais nela.

Em 1856 apareceu a de Alfred



Primeiros elementos: a máquina Burt de 1829

Ely Beach, de Nova York, na qual só se podia escrever numa fita estreita como a do telégrafo.

Em 1857, o Dr. William Francis construiu outra, com o aspecto de piano e teclado idêntico. Nesta já aparecia a fita como "abastecedor de tinta" para os tipos.

Interminável seria a lista dos nomes de todos aquêles que no correr dos tempos se preocuparam com a "escrita mecânica", se êsse tempo aos estudiosos para pes-



O «VELOGRAPH» COM MOSTRADOR, a primeira máquina de escrever a ser fabricada na Suíça, foi inventada em 1887.

quisas integrais. As fotos que ilustram estas páginas, mostram dois funcionários de um museu britânico exibindo algumas dessas má-



A «ORIGINAL» DE PRATT parece aos leigos um piano de criança. Foi inventada por John Pratt, de Alabama, EE. UU., em colaboração com um fabricante de pianos de Glasgow, Escócia.

quinas, ferro velho que hoje representa verdadeira relíquia, como testemunho do quanto a humanidade sofreu nas experiências em busca da perfeição que hoje placidamente desfrutamos.

Nós, brasileiros, temos motivos especiais de orgulho, neste importantíssimo setor da vida científica universal. E já veremos por que motivo.

Em 1814 nascia, na Paraíba, Francisco João de Azevedo, que ingressaria mais tarde no Seminário de Olinda, Pernambuco, de onde saiu padre em 1838.

Inteligentíssimo e adorando a mecânica, em 1861 apresentava no Rio, na Exposição Nacional, a sua "Máquina Taquigráfica", que outra coisa não era senão uma máquina de escrever.

"Trabalha-se na máquina (dizia o inventor) como se toca em um piano, com ambas as mãos, comprimindo levemente com os dedos as diferentes teclas de que ela se compõe, e aquêles que conhecem a ligeireza com que os mestres executam nesse instrumento as mais complicadas peças, compreenderão prontamente que nenhuma impossibilidade há de que com o tempo e exercícios se adquira nesta máquina uma destreza e agilidade tais que permitam tomar as palavras à medida que forem sendo proferidas."

Diz a tradição da Paraíba que o padre Azevedo, voltando a Pernambuco entusiasmado com o sucesso que o seu invento obtivera na Côrte, pleiteou do govêrno de Pernambuco, província onde sempre vivera, ajuda financeira para construir em aço o modêlo primitivo, que era de madeira. A Assembléia Legislativa, porém, exigiu tremendas garantias para um empréstimo. Sorrindo melancòlicamente, o padre dizia depois aos amigos: "Se eu tivesse as tais garantias, já não precisaria mais do dinheiro de ninguém..."

Triste e amargurado, não desejando ver perdido o invento que tantas vigílias lhe custara, deu-o ou vendeu-o o padre Azevedo por pouco mais ou nada, a um estrangeiro que as crônicas ora diziam ter sido americano ora inglês.

Que êle fôsse americano é o mais certo, pois a Guerra de Secessão dos Estados Unidos lançara muitos "Sulistas" nas plagas nordestinas do Brasil, muitos dos quais voltaram aos penates quando as coisas melhoraram por lá.

A opinião geral mais corrente, porém, é a de que a máquina tinha sido roubada.

Corroborando a tradição do roubo, existe uma carta do Dr. José Félix da Cunha Meneses, antigo presidente da Câmara da Côrte, amigo e contemporâneo do Padre Azevedo, publicada no "Jornal de Notícias" da Bahia, em 31-7-1906. Era dirigida ao Dr. Aluísio de Carvalho, e a certa altura dizia o

res. Fêz seus estudos preliminares no Colégio Militar, de onde se transferiu para a Academia Politécnica do Pôrto. Ingressando mais tarde na Escola Militar, terminou o seu curso, tendo obtido o primeiro lugar na classificação geral. Em 26 de agôsto de 1894, foi promovido a 2.º tenente, sendo classificado no 6.º Regimento de Cavalaria, onde desde logo chamou a atenção geral pelo seu zêlo e competência. Fêz-se professor de matemática quando se achava aquartelado em Chaves. Primeiro tenente em 9 de março de 1899, capitão a 10 de maio de 1907, o chefe de Estado português fêz parte, depois de proclamada a República — de uma importante comissão encarregada de estabelecer as bases para a reorganização do Exército. Fôra-lhe confiada essa honrosa incumbência, por ser um dos mais brilhantes oficiais de Cavalaria. Promovido a major em 28 de julho de 1913, exerceu, além de outras



Presidente Carmona

comissões, a de instrutor da Escola Central de Oficiais, onde foram preparados os quadros que tomaram parte na guerra de 1914-1918. Tenente-coronel em 5 de fevereiro de 1916. Coronel em 19 de [illegible] 1919. Ascendeu ao generalato em 4 de março de 1922 [illegible] designado para comandar



Senador Ivanoe Bonomi

dar a Quarta Região Militar com sede em Évora. Em 1293, foi nomeado ministro da Guerra, tendo sido o seu nome indicado pelo Exército. O movimento militar de 28 de maio de 1926, chefiado pelo marechal Gomes da Costa, encontrou nêle um dos seus melhores colaboradores. Êsse movimento veio encontrá-lo no comando da 4.ª Região Militar, que havia reassumido, depois de abandonar o Ministério. Vitoriosa a revolução, assumiu a pasta de Estrangeiros. Designado para exercer a presidência da República, em conseqüência da queda do govêrno e do exílio do marechal Gomes da Costa, o general Carmona foi eleito em 25 de março de 1927.

assumindo a presidência no dia 15 de abril do mesmo ano. Em 1935, foi reeleito para um novo período de sete anos. Neste ano, o general Carmona foi reeleito por unanimidade de votos.

20 — Em Roma, o Sr. Ivanoe Bonomi, presidente do Senado italiano.

24 — Em Chicago, o ex-vice-presidente dos Estados Unidos,



Itália Fausta

general Charles G. Dawes, autor do Processo de Reparações da Primeira Grande Guerra.

29 — Nesta capital, a grande atriz teatral Itália Fausta, cujo verdadeiro nome era Fausta Polônio. Nasceu em S. Paulo e sua estréia no palco foi devido a um improviso assistindo a um espetáculo de amadores, foi convidada a substituir uma menina que faltara. Foi um grande sucesso. Anos mais tarde, na Companhia Lucinda Simões-Cristiano de Sousa representou com sucesso «A Lagartixa» e «Tosca». Em 1913 voltou à atividade na cena lusitana. No palco do Teatro República, em Lisboa, estreou em «A Desonra». Mais tarde teve a consagração do público lisboeta interpretando «A Labareda». No Brasil surge como atriz de primeira grandeza, no Teatro da Natureza. Itália Fausta marca uma época em nosso teatro apresentando-se de maneira magistral na sua grande interpretação — «A Ré Misteriosa». Vieram a seguir os sucessos que foram «Magda», «Marcha Nupcial», «Castela», «A Cartomante». Foi a animadora e primeira diretora do Teatro do Estudante. O primeiro «Romeu e Julieta» que vimos, em 1938, foi apresentado à platéia carioca por ela. Ensaiou durante muito tempo o grupo de estudantes de Pascoal Carlos Magno. A todos os estudantes do teatro ministrava conhecimentos. Voltou à cena para viver um importante papel em «O Anjo Negro». Entrou para a Companhia de seu sobrinho, Sandro Polônio, encarregada da direção do elenco. Montou-se «Estrada do Tabaco» e novos êxitos artísticos da veterana atriz se reproduziram. Dirigiu e interpretou magistralmente «Thérèse Raquim». E. São Paulo, Itália Fausta representou seu último papel — «O Fundo do Poço», e enquanto aguardava-se a construção do novo teatro que seria ocupado por Sandro e Maria Della Costa, Itália Fausta preparava, ao morrer, a representação da sua última peça na Capital Federal.

MAIO

2 — Nesta capital o líder sindical Calisto Duarte Ribeiro, presidente da Federação dos Empregados do Comércio e da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Comércio.

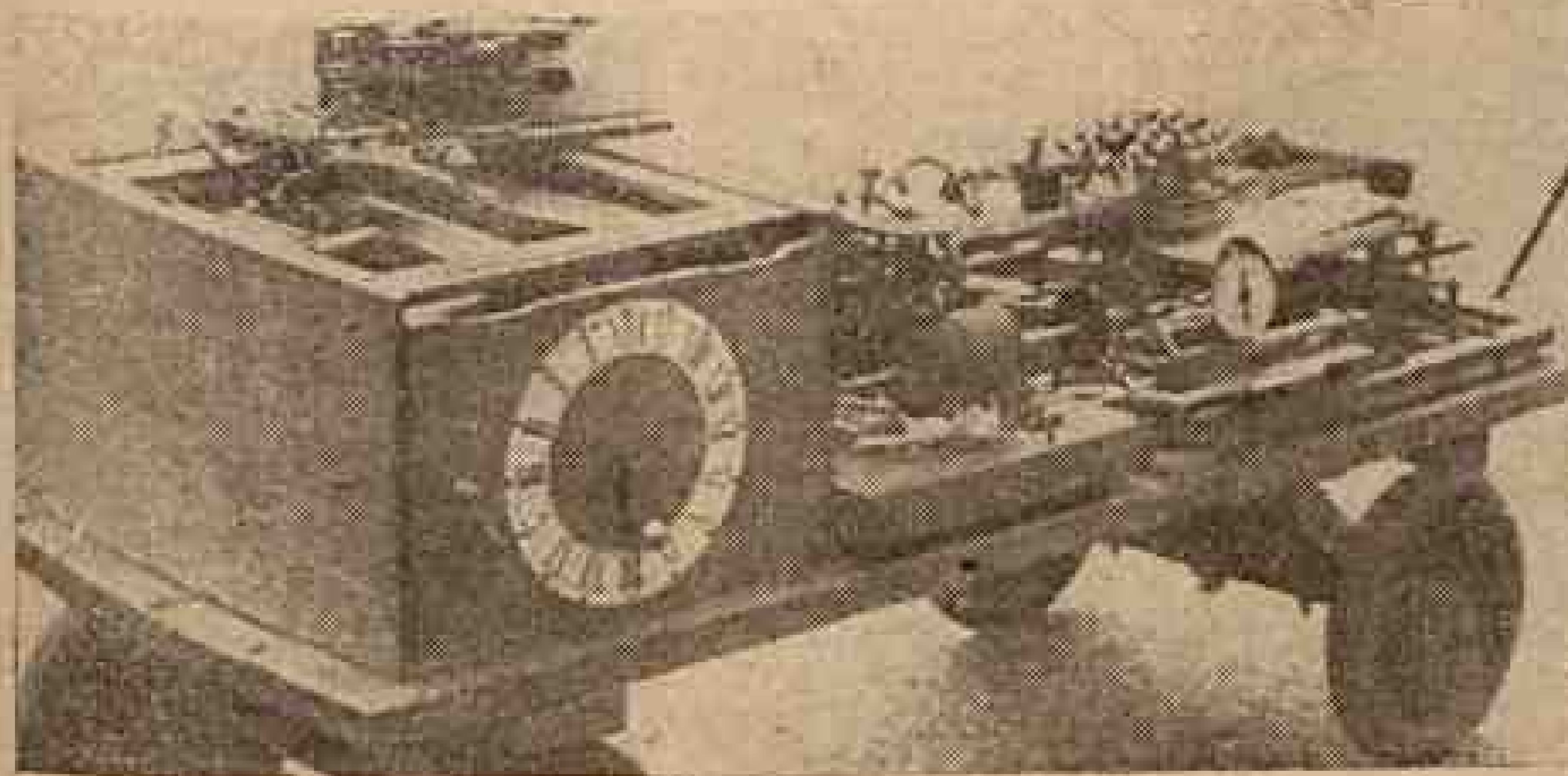
3 — Em São Paulo, o prof. Geraldo H. de Paula Sousa, diretor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo e delegado permanente do govêrno brasileiro na Organização Mundial de Saúde, sediada em Genebra. Nasceu a 5 de julho de 1889, na cidade de Itu, Estado de São Paulo. Em 1910 e 1911, seguiu cursos nas Universidades de Berna, na Suíça, e de Munchen, na Alemanha. Em 1918, seguiu para a América do Norte, onde, na Escola de Higiene de «John Hopkins University» em Baltimore, Md., após dois anos de estudos (1918-1920), recebeu o diploma de Doutor em Higiene e Saúde Pública. Trabalhou em Boston, no «Nutrition Laboratory» da «Carnegie Foundation».

Iniciou sua carreira em 1914, como assistente de Química Médica da Faculdade de Medicina de São Paulo, sendo designado em 1918 para professor substituto

seguinte: "...Eis, meu caro Aluísio, o que me levou a relacionar-me com tão distinto cientista, sendo testemunha ocular do seu trabalho na confecção do seu grande invento — escrever por máquina

"...Quantas vêzes passava horas e horas, esquecido de tudo, a ouvir aquêle sábio, alquebrado pelos desgostos e moléstias, com os seus óculos de aros de ferro, amarrados com um cordão sebento, sentado em sua tripeça de madeira tosca, de canivete e lixa, a regularizar pauzinhos, recortar letras de jornais para indicar teclas e limar tipos e embutir em martelos de madeira, a enrolar arames finos e arranjar molas? Mostrava-me tôdas as peças, explicava-me sua engrenagem, sua maneira de aplicar e produzir a escrita, enfim, de tudo me fazia conhecedor, e dizia: 'Resolvido êste problema, não é uma grande revolução que faço no mundo, escrever por máquina?' Mas, que quer, meu amigo, não terei êste gôsto! Não tenho dinheiro, nem quem me queira emprestar para levar meu invento à Europa, e fundi-lo em aço. Além de que, pelo meu estado de velhice, e aba-





UMA CARRADA DE «FÓSSEIS» — Máquinas de escrever, antigas, a caminho da oficina. A enorme geringonça, que se vê na frente, é uma das mais antigas que existem: a «Typographer de Burt, de 1829.

tido pela moléstia, não poderei resistir a uma viagem tão longa. Enfim, ainda trabalho por ser esta a minha **cachaça**".

Ausentando-se de Recife durante algum tempo, o Dr. José Félix da Cunha Meneses perdeu de vista o padre Azevedo. Ao regressar foi informado de que um estrangeiro contara muitas lamúrias ao inventor e (continua a carta) "arrastando aquela boa alma





Em cima: a máquina do padre Azevedo, que figurou na Exposição do Rio de Janeiro em 1861. Em baixo: a Remington n. 1, aparecida alguns anos depois. Como vêem, até o pedalzinho foi adotado também...

a uma convicção falsa e traiçoeira, se apoderara da máquina, seu penhor sagrado, resultado de tantos anos de trabalho, tantas vigílias, tantos sacrifícios, deixando um documento sem valor, roubando-a de nossa glória, para apresentá-la como invenção estrangeira".

Por uma "coincidência" realmente muito esquisita, alguns anos depois, em 1873, aparecia no mercado americano a "Remington . 1", que os entendidos dizem ser, nada mais nada menos, que uma cópia da máquina do padre Azevedo. Até o pedal para separar as linhas, lá estava, como verão os leitores pelas fotos que aqui publicamos. Naturalmente que tudo havia melhorado, ao passar da madeira para o aço, e ao cair nas mãos de Thomas Alva



O padre paraibano Francisco João de Azevedo que, segundo se diz, foi o inventor da máquina de escrever industrializável.

de Higiene e auxiliar do professor Samuel Darling. Em 1922 foi nomeado professor catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo. De 1922 a 1927, foi encarregado da direção geral do Serviço de Saúde Pública do Estado, quando instituiu a Carta Sanitária do Estado. Em 1925 introduziu na Capital o serviço de Centros de Saúde, organizou um Centro de Saúde Modêlo, que serve atualmente um distrito de 75 mil habitantes. Foi o idealizador e criador da Faculdade de Higiene e Saúde Pública, de todos os cursos de educadores sanitários, de nutricionistas, de higiene e saúde pública para médicos e para engenheiros. Havia sido designado pelo govêrno federal para chefiar a delegação brasileira à IV Assembléia Geral da Organização Mundial de Saúde, a se reunir em Genebra.

7 — Em Haya, onde representava o Brasil na Côrte Internacional de Justiça, o ministro Filadelfo Azevedo, um dos maiores juristas brasileiros e vulto internacional. Nascido na Capital Federal em 13 de março de 1894, o Dr. Filadelfo Azevedo faleceu quando acabava de completar 57 anos. Estudante do Colégio Pedro II, ali conquistou, em 1910 o «Prêmio Panteon». Foi aluno brilhante da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, e, ainda acadêmico, dirigiu a revista «A Época», assim firmando seu nome de jornalista. Professor do Colégio Pedro II, membro do Conselho Nacional do Ensino, doutorado depois em Direito, e professor de Direito Civil na Faculdade Nacional de Direito, sua vida foi uma ascensão devida ao trabalho. Presidiu a Ordem e o Instituto dos Advogados, foi procurador geral do Distrito Federal. Em vários congressos internacionais representou o Brasil, e a despeito de sua atividade intensa pôde ainda produzir algumas obras, **Direito Moral do Escritor.** E não haverá escritório de advogado onde não seja folheado constantemente **Um Triênio de Judicatura** — compilação de votos proferidos no Supremo Tribunal Federal pelo **Dr. Filadelfo Azevedo** — que dêle era ministro aposentado. Nunca tendo sido político, foi elevado ao cargo de prefeito do Distrito Federal quando o govêrno Linhares, pela necessidade de confiar o cargo a uma figura de grande projeção nacional. Há cinco anos ocupava em Haya altos cargos da jurisdição mundial.

11 — Nesta capital, Manuel Tapajós Gomes alto funcionário da **Inspetoria de Portos, Rios e Canais.** Antigo jornalista, militou durante muitos anos na imprensa desta capital, colaborando também, durante largo espaço de tempo, no **Correio da Manhã.**

23 — Em São Luís, Maranhão, o arcebispo de São Luís, Dom Adalberto Sobral.

27 — Nos Estados Unidos, Lincoln Ellsworth, explorador polar norte-americano, que pertencia à estirpe dos que nascem com a ânsia de alargar o mundo e dar um sentido sempre heróico à vida de cada dia. Foi quem primeiro teve a idéia de sobrevoar o Continente Antártico. E o fêz em companhia de Hollick-Kenyon. Foi a 21 de novembro de 1935, que partiram da ilha Dundee, tripulando o pequeno avião «Polar Star». Passaram-se dias e semanas sem que o mundo tivesse qualquer notícia dêles. Quase tôda gente já os considerava mortos, quando dois meses depois, em 17 de janeiro de 1936, o «Discovery II» da British Royal Research Society os encontrou vivos no antigo acampamento do almirante Byrd, na Pequena América. A odisséia vivida por Lincoln Ellsworth e seu companheiro nas solidões geladas da Antártica, constitui uma das páginas mais soberbas dos feitos da coragem humana.

31 — Nesta capital, o Dr. Napoleão Laureano, médico paraibano, atacado de câncer e que por seu heroísmo desfraldou a bandeira de uma colossal campanha contra êsse mal, que culminou com o ato do govêrno que instituiu a Fundação Laureano, destinada a construir hospitais e organizar laboratórios de pesquisas contra o mal.

★

NÃO DEVEM ser usadas toalhas muito grossas para enxugar o rosto.

★

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

CENTENÁRIO DO ENGENHEIRO ERNESTO LASSANCE CUNHA

Ernesto Lassance Cunha foi um dos mais brilhantes engenheiros com que já contou o Brasil. Começou sua carreira pública no ano de 1877, quando contava 26 anos e quando lhe coube a tarefa de chefiar a Comissão de Serviços e Socorros da grande sêca do Ceará. Durante três anos votou sua energia infatigável a minorar os sofrimentos das populações flageladas. Foi, em 1880, nomeado diretor da Estrada de Ferro Baturité, cargo que ocupou até 1889, quando o imperador o convidou a dirigir a Casa da Moeda. Em dezembro do mesmo ano, já proclamada a República, foi nomeado diretor da E. F. Recife a S. Francisco e depois da E. F. Central de Pernambuco. Em 1895, o Presidente Prudente de Morais nomeou-o chefe dos Serviços de Prolongamento da Central do Brasil. Daí, uma vez mais voltou ao Ceará, agora como superintendente geral dos Socorros Públicos, indo servir depois na Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Uruguaiana. No govêrno Rodrigues Alves dirigiu a Oeste de Minas e depois, em 1907, foi nomeado engenheiro-chefe da Comissão Central de Estudos e Construções das Estradas de Ferro. Finalmente, por ato do Presidente Nilo Peçanha, substituiu o engenheiro Paulo de Frontin na direção da Repartição Federal de Fiscalização das Estradas de Ferro — o atual D. N. E. F.. Cultivando também intelectualmente a sua profissão o ilustre engenheiro deixou obras como «Estudos sôbre a Sêca do Ceará», «O Rio Grande do Sul», «Viação Férrea do Brasil», etc.. Era sócio efetivo do Clube de Engenharia, do Instituto dos Engenheiros Civis de Londres e da Sociedade dos Engenheiros Civis da França.



Engenheiro Lassance Cunha



Máquina para cegos, construída em 1850, inventada por G. A. Hughes, diretor do Asilo de Manchester para Cegos. Obteve medalhas nas exibições de 1851 e 1862. Projetada, a princípio, para imprimir caracteres em relêvo, foi depois alterada para impressão com papel carbono.

Edson, o seu grande aperfeiçoador. Até aí os inventores tinham lutado em vão para conseguir a máquina que, em espaço reduzido e pêso mínimo, contivesse as engrenagens necessárias para um funcionamento fácil e rápido. Tôdas construídas antes eram pesadas demais e de andamento moroso. O que se pleiteia, pois, para o padre Azevedo, é ter sido o inventor da máquina industrializável, isto é, daquela que, sendo rápida e fácil de manejar, pudesse ser fabricada aos milhares, para o comércio do mundo inteiro.

O historiador Ataliba Nogueira, biógrafo do Padre Azevedo, tendo estudado a fundo o assunto, assevera: "A anatomia e fisiologia comparadas da máquina brasileira e da Remington n. 1 salientam que se trata do mesmo invento".

O uso da máquina de escrever foi recebido com muitas reservas, a princípio. Em 1890 parece que só existia uma, no Brasil, pertencente à Comissão Diretora dos trabalhos da fundação de Belo Horizonte. Esta máquina fêz a fôlha de pagamento do pessoal daquele serviço e seria exibida muitos anos mais tarde numa Exposição daquela cidade.

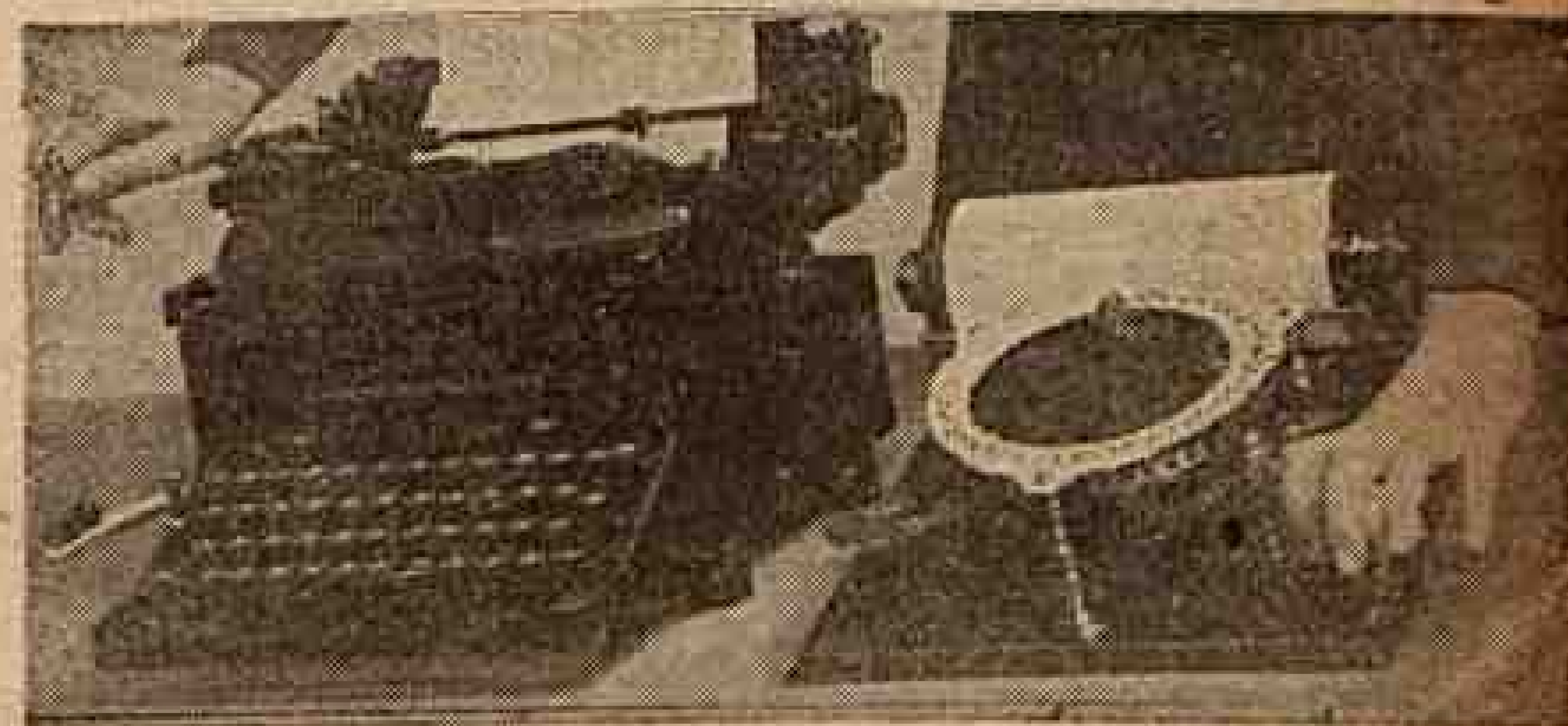
A Casa Pratt foi uma das primeiras a iniciar a venda de máquinas de escrever no Brasil, em 1904. Também neste ano era introduzido o uso da máquina-duplicador Estensil, por um particular.

A máquina Underwood teve seu lançamento no mercado em 1905 pelo Sr. Frederico Figner, através da Casa Edison.



Tornou-se popular, em 1904, a máquina «Mignon», fabricada pela AEG, de Berlim. Atribuíam-lhe rapidez, podendo um operador com experiência atingir de 250 a 300 batidas por minuto.

Havia grande dificuldade no negócio. Ninguém queria saber de tal "escrita-mecânica", e os calígrafos que viviam às custas de arabescos certamente faziam onda



ONTEM E HOJE representam êsses dois tipos: uma Underwood moderna, silenciosa, e uma circular de índice, cujo inventor se desconhece.

O CENTENARIO DO CONS. CARLOS DE CARVALHO



Conselheiro Carlos de Carvalho

O Conselheiro Carlos Augusto de Carvalho, cujo centenário transcorreu em 20 de março de 1951, nasceu nesta cidade e aqui faleceu a 5 de setembro de 1905, no exercício das funções de Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores. Era filho do tte.-cel. de engenharia José Carlos de Carvalho, falecido durante a guerra do Paraguai, quando chefiava a Comissão de Engenheiros, ao comando do Duque de Caxias, e de D. Antônia Francisca Ferraz de Carvalho. Falecido aos 54 anos, a vida do Conselheiro Carlos de Carvalho foi tôda dedicada aos estudos e trabalhos jurídicos, tanto nacionais como internacionais, no Império e na República, valendo-lhe naquele o título de Conselheiro aos 37 anos, e nesta a pasta das Relações Exteriores nos governos Floriano Peixoto e Prudente de Morais. Durante o Império, exerceu os cargos de Chefe de Polícia e Presidente da Província do Paraná e de Presidente do Pará, firmando seu conceito de jurista consumado, exercendo a advocacia como um dos melhores profissionais da sua geração. Na República redigiu o Código de Justiça Militar para o Exército, foi ministro das Relações Exteriores em 93 e 94-96, quando se processou o reatamento das relações com Portugal e foi reconhecida pela Inglaterra a soberania do Brasil sôbre a ilha da Trindade; diretor do Banco da República (autual Banco do Brasil); representante do Brasil na solução das questões do Amapá e do Acre; finalmente efetivado como Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores no ano de sua morte. A maior predileção do seu espírito, como bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, era o estudo das questões de direito comercial e civil, sobressaindo, neste ramo do Direito a «Nova Consolidação das Leis Civis», que perpetuou seu nome ilustre.

★

TESTAMENTOS CURIOSOS

O testamento dos milionários costumam deixar boquiaberto todo o mundo. Recentemente, Miss Wilson, uma anciã de Chicago legou a um canário pelo qual sentia adoração a quantia de 250.000 dólares «para que vivesse regiamente, na sua gaiola».

O milionário Mc Pherson, de Pittsburgh, deixou tôda a sua fortuna para um primo longínquo, sòmente porque êste, que se acreditava estar morto, em virtude de uma forte descarga elétrica que o fulminara, voltou a si quando já se praticavam as honras fúnebres, na igreja. Esta circunstância impressionou tão vivamente a Mc Pherson que se converteu em obsessão. Ordenou, no testamento, que se colocassem no seu ataúde aparelhos geradores de oxigênio «que lhe permitissem respirar por vários dias», além de um sistema completo de sinais. Os guardas deviam permanecer perto da sepultura durante um ano, e aquêle que notasse qualquer coisa teria que ordenar a imediata abertura do túmulo.

★

OS BANHOS DE MAR

Em geral, ao chegar a temporada, verdadeiras multidões tomam banhos de mar... ùnicamente por prazer ou como um meio agradável de abrandar um pouco a temperatura elevada do verão. Poucas são as pessoas que pensam em recorrer à opinião do médico, embora isso signifique, algumas vêzes, muito para a saúde — e talvez para o prolongamento da vida! As vêzes aparecem infecções, conhecidas ou não, ante as quais é indispensável saber **de onde provém.** Em todo e qualquer esporte existe certa consideração pelas regras; estas porem não são observadas, tratando-se dos banhos de mar. A nossa opinião não é grito de alarma, porém uma advertência, cheia, aliás, de boas intenções.

Antes de entrar na água, é útil entreter-se com alguns movimentos ginásticos ou simples saltos sôbre a areia, os quais aumentam a circulação do sangue, e, como conseqüência, comunicam certo calor aos membros, sem provocar transpiração. Os passeios tranquilos, em roupa de banho, costumam produzir resfriados que, às vêzes, devido às condições do lugar, podem ser difíceis de **cortar.** Neste ponto diremos que o «maillot» de lã é o traje mais são e conveniente, tanto pela elasticidade que permite fácil movimento aos nadadores, quanto pela facilidade com que secam; estas vantagens não são encontradas nas roupas de algodão, ou de **lastex,** tão usadas últimamente.

Já dentro d'água, é interessante manter-se submergido, sem deixar partes do corpo expostas a outra temperatura. Os banhistas que não sabem nadar, as crianças, podem, perfeitamente, permanecer submergidos, sentando-se na areia, a fim de ficar totalmente cobertos pela água. Nos primeiros banhos, é necessário um pouco de fôrça de vontade e coragem para arrojar-se na água, choque muito favorável ao esporte e também para a boa circulação. A cabeça deve permanecer fora d'água, principalmente os ouvidos, pois a água que nêles penetra pode causar fortes dores.

E' necessário muita atividade ao sair do banho; o sol ajuda a secar o corpo, mas, podendo secá-lo com uma toalha, serão evitados muitos inconvenientes.

Os «maillots» não devem ser usados úmidos, sendo por isso conveniente possuir dois trajes de banho. Em vez de um banho prolongado, que poderia tornar-se prejudicial, tomam-se vários banhos, porém curtos, alternados com o banho de sol, sendo que êste último merece também a consulta a um profissional para maior tranquilidade de cada um. Antes do banho não se deve comer nem tomar bebidas geladas; idêntica prescrição deveria observar-se para o momento logo após o banho.


...chiro a novidade. Os negociantes conservadores, recebiam uma carta dactilografada como ofensa pessoal. Muitos as devolviam, revidando na altura o acinte recebido de colegas mais progressistas... No mundo inteiro, ainda hoje é considerado prova de mau gôsto enviar cartas de amor dactilografadas. Prova do mau gôsto, só, não. Prova, principalmente, de mau caráter, pois dizem as moças que os rapazes que assim procedem é porque desejam negar na primeira oportunidade a autoria de juras comprometedoras...

Salvo no setor amoroso, a idéia revolucionária venceu em tôda a altura. Hoje a máquina de escrever não se limita aos escritórios. Alcança os extremos da terra, com as expedições polares, descem ao fundo do mar, dentro dos submarinos, e alcança as portas do céu, no bojo dos aviões.

Fechemos, pois, os olhos, e guardemos um minuto de silêncio em homenagem ao penoso trabalho de todos aquêles que percorreram o longo caminho das experiências e da perfeição, desde Mill, em 1714, até o fabricante da levíssima portátil onde foi escrita esta reportagem.

★

FONTES DE INFORMAÇÕES: — "Revista do Instituto Histórico da Paraíba"; "Les Machines à écrire", de Henri e L. F. Canet; "Um Inventor Brasileiro", de Ataliba Nogueira; Catálogo da Exposição Internacional de Londres, ano de 1851.



HONI SOIT QUI MAL Y PENSE (Amaldiçoado seja quem disto pensar mal!) — Origem da "Ordem da Jareteira" (Rei Eduardo, 1349) — A. Chevalier Taylor

não esqueça o bêbê ...





atenda-o com

Polvilho Antisséptico



G R A N A D O

UM PRODUTO CREDENCIADO
PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

CERVANTES E O D. QUIXOTE

REIS CARVALHO



Cervantes

HÁ trezentos e quarenta e seis anos que Miguel de Cervantes de Saavedra, nascido em Alcalá de Henares, em 9 de outubro de 1547, publicava, com licença do rei de Espanha, Felipe III, o livro que havia composto, intitulado **"El Ingenioso Hidalgo D. Quixote de la Mancha — el qual os avia costado mucho trabajo y era muy util y provechoso"** — segundo a frase textual do alvará régio de 26 de setembro de 1604.

Quem era então êsse Miguel de Cervantes de Saavedra?

Um fidalgo pobre, aleijado, desconhecido, perseguido por dívidas e próximo da velhice, pois era quase sexagenário.

No entanto, êsse homem a quem a sorte adversa lançara num injusto olvido depois de mil provações, e a quem de ora em diante ia dar a felicidade e a glória, revelando-lhe o gênio na obra extraordinária que acabava de criar, fôra na mocidade um poeta e um herói.

Aos vinte e dois anos estréia nas letras.

E' dessa época a elegia consagrada à memória de Isabel de Valois, a infeliz rainha de Espanha; composição que mereceu ser distinguida entre muitas outras sôbre o mesmo tema pelo seu mestre, Jean Lopez de Hoyos, humanista de nomeada no tempo, o qual a elogia referindo-se ao seu **caro e bem amado discípulo miguel de Cervantes.**

Aos vinte e quatro anos o poeta se faz guerreiro; é um dos heróis de Lepanto.

Nessa jornada famosa que, sociològicamente considerada, decidiu da vitória final da civilização industrial e pacífica, demonstrando a impotência radical das crenças teológicas a realizarem a fraternidade universal, porque não permitiu que dois monoteísmos rivais, o Catolicismo e o Islamismo, triunfassem um do outro mas se concentrassem nos seus domínios respectivos, aquêle no Ocidente e o último no Oriente: nessa célebre jornada de 7 de outubro de 1571, última glória do instinto guerreiro, como ensina o Legislador da História, o maior gênio poético da Espanha foi um dos mais bravos defensores da Pátria.

Como o extraordinário Esquilo, o mestre da tragédia antiga, combatendo em Salamina a teocracia persa, salvou a Grécia, Cervantes em Lepanto, batendo-se contra a teocracia islâmica salvou a Espanha.

Ambos poetas, ambos patriotas, concorreram com o seu heróico valor para a vitória necessária da civilização ocidental, mantendo, segundo o momento histórico correspondente, a evolução normal da Humanidade.

Se Lepanto é o digno complemento de Salamina, **Cervantes** é um digno sucessor de Esquilo.

Se na tragédia dos **Persas**, o gênio grego imortalizou diretamente a glória da Grécia, em várias páginas de suas **obras** o épico espanhol lembra com entusiasmo o glorioso dia da célebre luta, que êle chama — **a mais alta ocasião que viram os séculos passados, os presentes e não esperam ver os vindouros.**



EL INGENIOSO
HIDALGO DON QVI-
XOTE DE LA MANCHA,
Compuesto por Miguel de Ceruantes Saauedra.
DIRIGIDO AL DVQVE DE BEIAR,
Marques de Gibraleon, Conde de Benalcaçar, y Bañares, Vizconde de la Puebla de Alcozer, Señor de las villas de Capilla, Curiel, y Burguillos.

Año, 1605.

CON PRIVILEGIO,
EN MADRID, Por Iuan de la Cuesta.

Vendese en casa de Francisco de Robles, librero del Rey nro señor.

Fac-símile da Primeira Edição DO D. QUIXOTE

E' certo que as armas do Islam ainda venceram depois do grande triunfo de Dom João d'Áustria, mas foram antes sucessos aparentes do que reais. Moralmente aniquilado, em breve tempo o poder otomano desapareceu da Europa.

Como o Oriente, apesar das Cruzadas, ficara em poder do Islam, o Ocidente, apesar dos ataques muçulmanos, permanecia sob o domínio católico.

A vitória da Cruz sôbre o Crescente foi decisiva em Lepanto.

E' digno da admiração das almas nobres, cultas ou incultas, o heroísmo do soldado-poeta na legendária pugna.

"Quando o clarim — escreve Cervantes — deu o sinal de triunfo e anunciou a vitória das armas cristãs, nesse momento tão doce, eu triste tinha uma mão

O RITMO DO SOL É O NOSSO RITMO

Por MATIAS RIOS

Modestos habitantes de um mundo que não passa de um dos menores satélites do Sol, dêste dependemos de maneira absoluta, sendo o astro o generoso propulsor da nossa energia vital. Quanto mais se estuda a sua influência e quanto mais se a compara com o passado, maiores são as razões e mais firmes as bases que nos convencem de que do calor e da luz solares, absorvidos e em parte conservados pela natureza, depende tanto o nosso bem-estar físico como outros processos que, infelizmente, não são tão gratos.

O professor Tschijewsky é um dos que com mais atenção e pertinácia se ocupou, nestes últimos anos, dos efeitos cósmicos sôbre os órgãos neuro-psíquicos do homem e dos animais. Partindo do princípio de que nossas ações sofrem a influência dos processos físico-químicos, das células nervosas, e de que tais processos dependem, por sua vez, das circunstâncias físico-químicas de nosso planêta, pôde chegar a sensacionais comprovações sôbre a história da humanidade e dos grandes homens. E não menos sôbre fatos e calamidades de nosso tempo. O fator mais poderoso para estas mudanças é a atividade periódica solar. O sol lança através do universo uma ininterrupta corrente de partículas positivas e negativas que transmite potentes ondas eletro-magnéticas. Tais emanações subordinadas a oscilações rítmicas. Quando alcançam o máximo de intensidade as manchas solares, as protuberâncias e outros fenômenos magnéticos aumentam consideràvelmente. O contrário ocorre quando a atividade solar entra em um relativo período de trégua. Essa atividade solar se distingue em períodos que se sucedem com intervalos que vão de 6 a 16 anos com uma duração média de onze anos.

No período de máxima atividade aumenta a irradiação de eletrons, ondas eletro-magnéticas e raios ultra-violetas. Sôbre nosso débil planêta e sôbre a pobre indefesa hu-

---

Querendo ver os seus móveis sempre novos conserve-os com óleo de peroba.



D. Quixote e os livros de Cavalaria

na espada enquanto da outra jorravam ondas de sângue; sentia o peito atingido por um ferimento profundo e a mão esquerda esmagada; mas tal foi a alegria soberana que me encheu a alma quando vi os cristãos derrotarem o povo feroz dos infiéis, que me não importava com os ferimentos... E contudo o meu sofrimento mortal muitas vêzes me tirava os sentidos." (1)

Dessas feridas que recebeu no combate lutando pela salvação da pátria e da religião, não se queixou nunca. Ao contrário, fazia delas um nobre título de glória. "Se minhas feridas — diz êle — não resplandecem aos olhos de quem as vê, ao menos são avaliadas por aquêles que sabem onde as recebi. O soldado é mais digno morrendo no combate do que escapando vivo pela fuga, e disto estou tão convencido que, se me propusessem agora e facilitassem um impossível, quisera antes ter-me achado naquela façanha prodigiosa, do que são agora de minhas feridas, sem me haver achado nela. As cicatrizes que o solda- de mostra no rosto e no peito são estrêlas que guiam os outros ao céu da honra..." (2)

Depois dos ferimentos de Lepanto Cervantes teve de suportar o cativeiro de argélia que durou cêrca de cinco anos. Resgatado enfim graças à intervenção da família e à do irmão Gil, da ordem dos Padres Prodetores, o heróico soldado voltou à pátria onde, após o seu casamento em 1581 aos 34 anos de idade se entregou de novo à literatura.

Dramas e pequenas novelas preocupavam-lhe então a atividade literária, mas uma nova adversidade veio ainda perturbar-lhe o árduo mas encantador ofício das letras. A bancarrota de um amigo levou-lhe o pouco que possuía e, por dívidas, foi recolhido à cadeia de Argamasilla, na Mancha, durante os anos de 1601 e 1602.

Foi ali que nasceu a obra imortal.

O condenado da Mancha, entre as grades de uma prisão vergonhosa, triste recompensa do seu devotamento patriótico e do seu talento poético, concebe o primeiro romance moderno.



D. Quixote e Sancho Pança

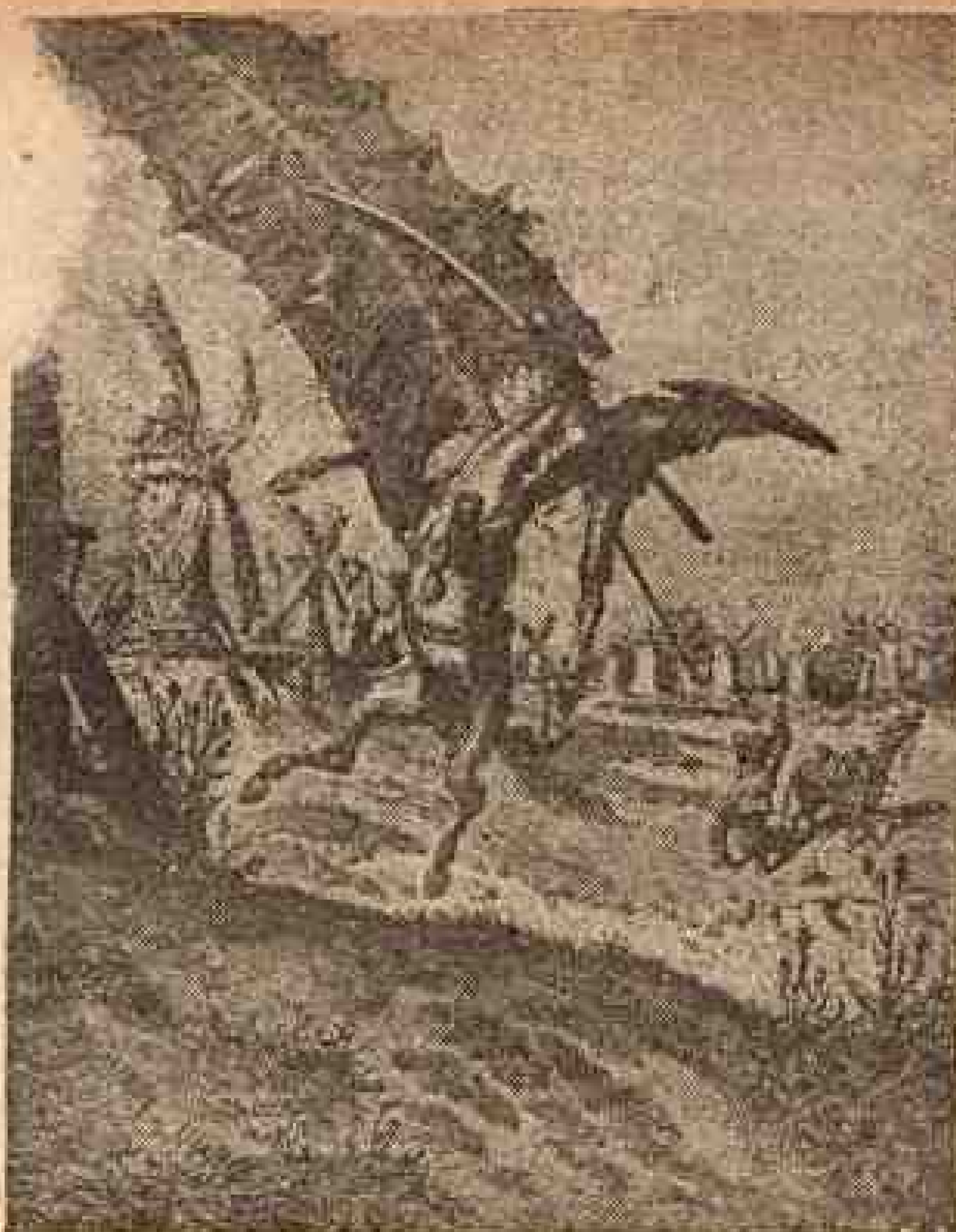
o maior poema da Espanha e um dos maiores da Humanidade.

Três anos depois, em 1605, publica-se o extraordinário livro, que dez anos mais tarde é terminado com o mesmo vigoroso engenho que a primeira parte anima.

[illegible] antes tinha então cinquenta e oito anos.

Embora tenha escrito páginas admiráveis como as **Novelas Exemplares**, compostas em Sevilha, antes de **D. Quixote**, mas publicadas depois que o fôra a primeira parte dêste, é o seu grande romance, o seu magnífico poema, ao mesmo tempo épico e satírico, adquiriu a merecida fama universal e eterna.

Todos os povos ocidentais o lêem, todos os tempos modernos o conhecem. E' talvez a mais popular das novelas.



D. Quixote e os moinhos

O próprio Cervantes pressentiu a popularidade da célebre história quando, pela bôca de imaginário amigo, dizia a si mesmo:

"Procurai fazer de modo que lendo vossa história, o melancólico seja levado ao riso, o risonho o aumente, o simples não se aborreça, o discreto se admire da invenção, o grande não o despreze, nem o prudente deixe de apreciá-la." (3)

Realizou-se o pressentimento do engenhoso autor. Aos temperamentos mais diversos, às idades mais extremas, às naturezas mais contrárias, agrada e diverte, encanta e entusiasma, ensina e aperfeiçoa o livro imortal, **El ingenioso Hidalgo D. Quixote de la Mancha.** A uns comove a loucura sublime do Cavaleiro manchego, outros riem das tolices do Escudeiro, êstes se divertem com a história dos moinhos convertidos em gigantes e aprendem com a narração do cativo argelino, àquêles encanta o bom senso e a simplicidade da carinhosa Sobrinha, o convívio duma gente simples de aldeia, a intimidade dos amigos da casa, o Cônego, o Bacharel e o Cura. Todos enfim, admiram a grandeza moral do herói, apóstolo sublime pregando a veneração dos fra[illegible] — dedicação dos fortes, a derrota do egoismo e a vitória do Amor.



Entrada de D. Quixote em Barcelona

E' essa a impressão geral que o livro admirável produz em qualquer leitor pobre ou rico de espírito. Para as almas cultas, porém, as que

manidade sucedem-se então os fenômenos físicos: auroras boreais, intensas fulgurações, migrações de insetos e roedores e até modificações na vida dos vegetais.

Desta maneira, em vinte e quatro séculos de história universal foi possível comprovar em cada século nove períodos que denotam mudanças políticas, guerras e transtornos sociais, os quais coincidem exatamente com os períodos de grande atividade solar. A carência de espaço nos força a prescindir de interessantes detalhes; cabe porém mencionar alguns dos mais notáveis. Baseados nessas investigações por exemplo, temos os anos das cruzadas: 1094, 1096, 1147, 1187, 1202, 1204, 1212, 1224, 1270, 1458, que corresponderam aos períodos de maior atividade solar. Se, ao contrário, procurarmos os de atividade mínima (felizes para a humanidade) veremos que a belicosidade humana diminuiu, como aconteceu no século IX, era de calma e mesmo de um pouco de depressão; encontramos a confirmação nos anos astronômicos de 1088, 1823, 1833, 1843, 1856, 1867, 1878 e 1898.

E, com a humanidade, o homem! Porque as mesmas estatísticas demonstram que 72% de tôdas as psicoses humanas coincidem exatamente, segundo vimos, com a perigosa atividade do sol.

Por sua vez, os professôres Bauer, da diretoria do Instituto Carnegie, e Pettit, do Observatório de Monte Wilson, comprovaram que a carga e a quantidade de irradiações ultra-violetas da atmosfera aumentam particularmente nos anos de mais intensa atividade solar, e, por conseguinte, tais perturbações elétricas e magnéticas redundam quase sempre em prejuizo do nosso sistema nervoso.

Encadeados e escalonados os transtornos solares se transferem à terra e dela e de sua atmosfera passam ao nosso organismo, atualmente indefeso, porém para o qual é possível que, no futuro, a ciência encontre a salvação e a imunização.

★

UMA MULHER de 45 anos que tenha 1,65 de altura deve pesar normalmente 68 quilos.

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

AS FORMIGAS

COELHO NETTO

À sombra de uma faia, no parque, enquanto o príncipe, que era um menino, corria perseguindo as borboletas, abriu o velho preceptor o seu Virgílio e esqueceu-se de tudo, enlevado na harmonia dos versos admiráveis.

Os melros cantavam nos ramos, as libélulas esvoaçavam nos ares e êle não ouvia as vozes das aves nem dava pelos insetos e, se levantava os olhos do livro era para repetir, com entusiasmo, um hexâmetro sonoro.

Saiu, porém, o príncipe a interrompê-lo com um comentário pueril sôbre as pequeninas formigas que tanto se afadigavam conduzindo uma folhinha sêca, e disse:

— Deus devia tê-las feito maiores. São tão pequeninas que cem delas não bastam para arrastar aquela fôlha que eu levanto da terra e atiro longe com um sôpro.

O preceptor, que não perdia ensejo de educar o seu imperial discípulo, aproveitando as lições e os exemplos da natureza, disse-lhe:

— Lamenta V. A. que sejam tão pequeninas as formigas... Ah! meu príncipe, tudo é pequeno na vida: a união é que faz a grandeza. Que é eternidade? Um conjunto de minutos. Os minutos são as formigas do Tempo. São rápidos e a rapidez com que passam fá-los parecer pequeninos, mas são êles que, reunidos, formam as horas, as horas fazem os dias, os dias compõem as semanas, as semanas completam os meses, os meses prefazem os anos e os anos, Alteza, são os elos dos séculos.

Que é um grão de areia? Terra. Uma gota d'água? Oceano. Uma centelha? Chama. Um grão de trigo? Seara. Uma formiga? Fôrça.

Quem dá atenção à passagem de um minuto? E' uma respiração, um olhar, um sorriso, uma lágrima, um g e m i d o! Juntai, porém, muitos minutos e tereis a vida!

Ali vai um rio a correr — as águas passam aceleradas, ninguém as olha. Que fazem elas, na corrida? Regam, refrescam, dessalteram, brilham, cantam e lá vão, mais ligeiras que os minutos.

Quereis saber o valor

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

vêem, em cada esfôrço individual, artístico, científico, filosófico, industrial, político ou religioso, um elemento concorrente do progresso humano, fim último de todos os trabalhos de verdadeiro valor, a obra de Cervantes deve ser apreciada sob vários aspectos, cada um dos quais, só por si, daria assunto para demorada dissertação.

Contudo, em rápida síntese, estudaremos o célebre poema, não esquecendo que a determinação do valor de uma produção do espírito humano assemelha-se lògicamente a uma operação de geometria algébrica segundo a qual se determina a posição de um ponto de qualquer curva por um sistema de coordenadas. No caso que nos ocupa, as coordenadas indispensáveis são o **espaço** e o **tempo**, o lugar e a época em que viveu a individualidade histórica, de modo a explicar o valor da sua obra na trajetória indefinida do movimento humano.



Sancho Pança armado contra os inimigos de sua ilha

Assim convém recordar qual o meio social em que surgiu **D. Quixote.**

A situação do Ocidente era já francamente revolucionária: destruíam-se os elementos da ordem antiga e elaboravam-se os materiais do regime novo.

A independência da autoridade espiritual da idade média havia cessado com a formação das igrejas nacionais, e o poder local dos senhores feudais estava concentrado nas ditaduras monárquicas ou aristocráticas que se instituíram, então, destruindo a organização própria ao Feudalismo.

O Protestantismo, surgido na Alemanha, ameaçava espalhar-se por todo o Ocidente privando-o das instituições mais puras e mais humanas que a religião medieva havia criado e mantido: o culto dos santos e a adoração da Virgem; pregava medidas retrógradas como o divórcio; tudo em nome de uma emancipação incompleta, que rejeitava a autoridade pontifícia, a sabedoria do sacerdócio, mas aceitava sem livre exame as doutrinas da Bíblia.

O Islamismo, por sua vez, continuava a ser o terror do Ocidente.

Era a época das lutas pela Fé, das Guerras de Religião.

A Espanha constitui nesse momento o mais forte baluarte do Catolicismo, quer repelindo os ataques muçulmanos, quer lutando moral e materialmente contra a invasão protestante.

Da pátria de Cervantes surge a gloriosa falange dos **inacianos**, arregimentados pelo gênio de Loyola, como defensores do catolicismo e adoradores de Maria. E' a mesma época da assombrosa Teresa de Jesus, **a virgem fecunda**, como a chama Cervantes numa ode à memória da imaculada santa. E' ainda da gloriosa Ibéria que partem valorosos soldados a combater o poder otomano expulsando-o do Ocidente.

A ciência, porém, solapava o dogma católico proclamando com Copérnico, um sacerdote da religião, a doutrina do movimento da terra, incompatível com qualquer teologismo, e, com Vêsale, que infligia a disciplina dissecando cadáveres às ocultas, sondava os mistérios do corpo humano e lançava as bases da Anatomia moderna.

A indústria, desenvolvendo o sistema colonial que as descobertas de Colombo e de Vasco da Gama tinham extraordinàriamente aumentado, e, realizando com F. Magalhães a primeira viagem de circunavegação, tornava cada vez mais patente o valor da Humanidade e da Terra, isolando-os de Deus e do Céu.

A emancipação do sobrenatural indiretamente se acentuava, quase sem ser percebida por aquêles mesmos que para êsse resultado melhor concorriam.

A Poesia com a epopéia de Dante provara dois séculos antes que a dissolução das doutrinas teológicas havia começado, apesar de ser o Divino Poema uma idealização do Catolicismo.

Os romances de cavalaria, na sua maior parte mantêm as desordens do espírito e do coração.

O belo regime da ternura unida à pureza, que distinguia as primitivas **Côrtes de Amor**, onde a mulher era adorada e não cobiçada pelo seu cavalheiro; os sublimes tempos da Cavalaria Feudal, se transformaram degenerando-se. A vida da época, em contraste com as descrições romanescas e exageradas do passado, atirava ao ridículo as instituições antigas e ao mesmo tempo degradava-se em sentido oposto.

As almas superiores com a leitura dos melhores dêsses livros aperfeiçoavam-se e gozavam subjetivamente o que nêles lhes falava da verdadeira ternura cavalheiresca.

Santa Teresa, a mística sublime, teve-os por muito tempo como companheiros, e Carlos Quinto, um dos grandes ditadores do tempo, não cessava de lê-los, apesar de haver expedido um decreto lhes proibindo o curso em todo o império. No público, porém, na grande massa social, as engenhosas novelas foram um fator poderoso da instabilidade das almas, que a verdadeira e completa fé católica não mais podia alimentar. A unidade religiosa, que o Ocidente manteve mais ou menos durante o apogeu do Catolicismo, estava destruída, e os cérebros ocidentais ressentiam o extraordinário abalo. Para a alma humana do Ocidente começava a era das dúvidas e vacilações entre a ordem retrógrada que não podia persistir e a agitação revolucionária onde o progresso se anunciava anárquico.



Sancho Pança toma posse da Ilha da Barataria

Nada mais natural do que se multiplicarem os casos de alienação em cérebros cuja unidade havia desaparecido ou se mantinha numa instabilidade mórbida. Daí as epidemias de loucura que explodiram nessa época agitada.

Assim o **D. Quixote**, dado o gênio poético de Cervantes, é o produto exato da pátria espanhola, convulsionada pelas lutas religiosas, iniciada, sem querer, no movimento de emancipação da época e assolada como outros países, pelo flagelo da loucura.

Como tipo estético da emancipação teológica, o famoso livro se distingue pela sátira contra a cavalaria, que fôra uma admirável instituição feudal, criadora dos delicados e nobres costumes cavalheirescos, e degenerara com a dissolução da civilização medieva.

Cervantes, ridicularizando a Cavalaria, embora degenerada, criticava a Idade Média, os costumes feudais, mas ao mesmo tempo pressentia o advento final de uma sociabilidade análoga e melhor, sem os absurdos e os vícios que destruíram a primitiva.

Na página em que D. Quixote discorre sôbre a idade de ouro da Cavalaria e no episódio da destruição da biblioteca, vê-se que o poeta poupa os livros de verdadeiro merecimento e admira o ideal cavalheiresco.

Opondo às alucinações altruístas do cavalheiro a imbecilidade egoísta do escudeiro; às utopias exaltadas de D. Quixote as materialidades grosseiras de Sancho Pança, traça o quadro da vida puramente terrestre e humana, que é uma perpétua luta entre as sublimidades do amor e as baixezas do egoísmo.

O poeta se faz historiador narrando episódios da guerra Otomana e páginas da sua vida que tanto participou das vicissitudes da pátria.

O desastre de Goleta e o cativeiro de Argel são narrados e apreciados na história do cativo argeliano, artisticamente rendilhado pelo episódio amoroso da bela Zoraida.

O caráter espanhol audacioso e fantasista, cavalheiresco e nobre; os costumes da vida privada e da existência pública; os hábitos de aldeia e os usos da cidade; os tipos domésticos — a Sobrinha e a Ama; os homens públicos — o Bacharel e o Cura, o Barbeiro e o Cônego; tôda a vida espanhola, enfim, combinou-a numa epopéia única o gênio famoso de Alcalá.

de um minuto, disso que não sentis como não avaliais a fôrça da formiga? Entrai de mergulho na água e tende-vos no fundo — todo o vosso organismo, antes que passe um minuto, estará protestando, a pedir o ar que lhe falta! Ora! O ar de um minuto, que é isso? — direis; é a vida, Alteza.

Vede a formiguinha que vai e vem procurando migalhas na terra — se a encontra e pode carreá-la, leva-a; se é superior à sua própria fôrça, recorre à companheira que passa; outras chegam, juntam-se em chusma e ei-las fazendo com facilidade o trabalho que, para uma só, seria impossível.

Se a formiga desanimasse nunca iria provisão ao formigueiro. Assim vós, meu Príncipe, pretendeis um conhecimento, ide ao livro que o contém e inclinai-vos sôbre êle. No primeiro instante tudo vos parece obscuro; desanimais, aborrecei-vos. Se lançardes de vós o livro ficareis sempre em ignorância, mas se persistirdes, apelando para tôdas as fôrças do vosso engenho, pouco a pouco ireis removendo as dificuldades e chegareis ao caminho franco da certeza.

Assim é em tudo na vida. O que pretende governar deve ver o trabalho da formiga porque é um ensinamento. Não pode o príncipe albanar um embaraço só com o seu juízo; chama a conselho os homens de mais experiência e tino, ouve-os, delibera com êles e juntos fàcilmente arredam o que, no princípio, parecia inamovível. Tudo é proporcional na vida. Deus não fêz o insuperável. O «impossível» é uma expressão inventada pelos fracos. O que é para a formiga um carreto, voa com o sôpro débil de uma criança; o que é para o homem um empecilho, as águas levam de roldão; onde não pode a fôrça de um braço supera-o o instrumento e, se ainda o embargo se obstina, então o homem apela para o homem como a formiga reclama a companheira e, conjuntamente, afastam o pesado entrave.

Se eu vos pudesse levar ao labirinto, que é o reino subterrâneo das formigas, verieis a perfeita ordem que nêle há, a disciplina que o compõe, a harmonia que o

Os seus móveis velhos, poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza óleo de peroba.

rege e se cá fora pudesse ser aplicada a lei que regula a sociedade dos insetos exemplares fácil vos seria governar o povo porque todos os homens se dariam por felizes nos seus postos, não haveria inveja nem ambição, males que tanto malsinam as sociedades.

Qual é a fôrça da formiguinha? E' pouca para um grão de açúcar; entretanto, a formiga pode mudar montanhas se o formigueiro se junta em esfôrço solidario.

Que é uma gota de orvalho? Um nada para o calor de um raio de sol; lançai-o ao mar, entrará na vaga concorrendo para o sossobro das maiores naus de guerra.

Quereis ver a fôrça da formiga? Procurai-a no formigueiro, que é a união!

Assim falou o preceptor. E, como passasse uma borboleta azul e o principe saisse a persegui-la, êle abriu de novo o seu Virgilio e continuou, deliciadamente, a leitura interrompida.

★

O AMBAR natural se diferença do artificial porque não é atacável pelo álcool e produz, esfregando-se, um cheiro característico. Além disso, o âmbar natural não fica arranhado com a unha e não pode soldar-se pela simples ação do calor como ocorre com as imitações.

★

CONRADO é nome de origem germânica. Significa conselheiro audaz.

★

AS NOZES são sumamente benéficas para o organismo porque além dos elementos nutritivos que contêm eliminam muitas toxinas.

★

A TURALEMIA é uma enfermidade que, quase invariàvelmente, aparece entre pessoas que se infectam durante a preparação da carne de coelho. Por isso se a dona de casa sofre um arranhão ou ferida enquanto maneja a carne de qualquer animal silvestre, deverá lavar, sem perda de tempo a parte ferida e aplicar uma boa solução antiséptica. A carne de lebre ou de coelho fica esterilizada depois de cozida.

Os móveis representam a vida do seu lar, e óleo de peroba a vida dos seus móveis.

"O romance de Cervantes — diz um judicioso historiador da literatura — merece sua celebridade e a admiração de tôdas as nações da Europa, de que, há dois séculos, já é o objeto, não sòmente pela nobreza do estilo e pela perfeição da exposição; não somente porque de tôdas as obras de espírito é a mais rica de invenção e de gênio; mas ainda porque é um quadro vivo e inteiramente épico da vida e do caráter dos espanhóis." (5)

Mas o que distingue soberanamente a epopéia espanhola e dá-lhe um valor científico e filosófico jamais igualado, é o ser um admirável quadro da patologia cerebral.

"Cervantes — diz Augusto Comte — ligou sem esfôrço todos os afetos da família à individualidade mais excêntrica, esboçando, sem querer, a verdadeira teoria da loucura." (6)

De fato, D. Quixote realiza o tipo do louco altruista monomaníaco.

Louco, porque a sua imaginação exaltada, dominando a observação, não tem mais no mundo exterior o estimulante, o alimento e o regulador das meditações. Daí o mundo imaginário que lhe povoa a mente desvairada: as alucinações e ilusões de que é vítima.



D. Quixote vencido

Louco altruista, louco sublime, como o instinto popular proclama o cavalheiro manchego, porque o sentimento exaltado, o móvel morbidamente excitado, é altruismo, o amor sob tôdas as suas formas: o apêgo por Dulcinéia, a veneração para com a passada Cavalaria e a bondade para com todos. Se aspira lutas e combates é para proteger as donzelas, as viúvas e os órfãos, libertar os cativos, fazer justiça, praticar o bem; a sua personalidade é sempre consagrada ao serviço da dedicação.

Monomaníaco enfim, porque só o ideal cavalheiresco é o que o desvaira. Em todo o poema, D. Quixote conversa, discorre, aconselha com perfeita lucidez, desde que a idéia principal não seja a Cavalaria. Há mesmo no último capítulo uma observação capital a tal respeito, realizada pelo Cura, quando D. Quixote se acha no seu leito de morte. O fidalgo conversa com a família e os amigos de modo que todos acreditam ter êle recobrado o juizo, mas bastou falar-se que de novo havia luta contra os infiéis e que a idéia de combates e façanhas cavalheirescas lhe viesse ao espírito para que logo a loucura manifestasse os seus desastrosos efeitos.

O tipo de Sancho Pança, embora não bastante decisivo, não deixa de ser um modêlo de alienado, mas de forma oposta à alienação do fidalgo; o louco escudeiro é um verdadeiro imbecil. Nêle, não é o cérebro que domina exageradamente o mundo, mas o mundo que lhe pesa enormemente sôbre a alma. Enquanto no cavalheiro há excesso de imagens, no escudeiro há carência de idéias; se um é louco, o outro é idiota.

São as duas formas extremas da alienação que o genial poeta descreveu com perícia consumada, deixando estabelecido, sem querer, que a verdadeira teoria da loucura consiste na simples explicação das relações entre o homem e o mundo, segundo as quais o estado de razão se caracteriza pela harmonia entre a observação e a imaginação e a loucura ou o idiotismo pelo excesso ou carência de um dêsses elementos. Combinando a loucura de D. Quixote e a imbecilidade de Sancho Pança, Cervantes construiu o tipo da individualidade normal.

"Enquanto os metafísicos e os médicos — diz o eminente sábio Audiffrent — especulavam ou discorriam sôbre a natureza e a sede da loucura, Cer-

vantes por uma destas vistas ousadas, próprias dos homens da sua espécie, elevava-se antes da ciência a uma teoria racional da moléstia. Faz sobressair na sua principal obra, a natureza moral da doença, mostrando que as leis do entendimento não experimentam modificação alguma que possa alterar sua integridade."

Com o **Rei Lear** e **Hamlet**, **D. Quixote** representa uma admirável trilogia que, além do seu alto valor poético, demonstra como a ciência e a poesia se aliam nos cérebros dos verdadeiros gênios e ainda quanto a verdadeira inteligência difere da simples instrução.

Estas três obras primas recordam duas majestades excepcionais da arte, que floresceram juntas e morreram quase no mesmo dia — Shakespeare e Cervantes. Ainda há um novo aspecto da epopéia cervantina, que merece estudo; é o da sua influência como obra de edificação moral.

Certo não se trata de um livro que propaga diretamente os princípios da virtude, a prática do dever, evitando descrições menos honestas e nunca usando de uma linguagem licenciosa, mas a meditação das suas páginas leva às mais profundas conclusões morais.

Explicitamente figuram em muitas delas as mais notáveis máximas da ciência do dever, os mais sábios preceitos da conduta humana. Todos conhecem e admiram os célebres e judiciosos conselhos que deu D. Quixote a Sancho Pança antes que o escudeiro se tornasse governador da ilha da Baratária.

Recordemos alguns:

"Conhece-te a ti mesmo — diz D. Quixote — que é êste o mais difícil conhecimento que se pode imaginar. ★ Deves praticar a virtude sem invejares os príncipes e senhores, porque o sangue se herda e a virtude se adquire, e a virtude vale por si só o que o sangue não vale. ★ Achem em ti mais compaixão as lágrimas do pobre, porém não mais justiça que as pretensões do rico. ★ Procura descobrir a verdade por entre as promessas e dádivas do rico como por entre os soluços e importunações do pobre. ★ Quando puder e dever ter lugar a equidade, não apliques todo o rigor da lei no delinquente, que não é melhor a fama do juiz rigoroso que a do compassivo. ★ Se acaso dobrares a vara da justiça não seja com o pêso da dádiva mas com o da misericórdia. ★ Sê asseado, não andes mal vestido que o vestuário desleixado é indício de ânimo desmazelado. ★ Come pouco e sê sóbrio no beber que o vinho em demasia não guarda o segrêdo nem cumpre a palavra."

Morte de D. Quixote

São êstes e outros sábios conselhos, condensados em dois extensos capítulos da última parte do romance, que o torna sobretudo um livro profundamente moral. Como se vê, cada uma das máximas é um meio para ser puro e bom, é um preceito justo para comprimir o egoismo e exaltar o altruismo, para realizar, enfim, o tipo da virtude.

Livro típico da emancipação intelectual da época, quadro admirável da vida espanhola e síntese geral da existência humana, sublime ou ridícula, épica ou cômica, esbôço sistemático da teoria racional da loucura, condensação dos mais puros preceitos da moral, modêlo de estilo, exemplo raro de uma imaginação altamente inventiva, o poema de Cervantes figura entre as treze obras-primas que o verdadeiro gênio poético da Humanidade tem produzido desde Homero a Walter Scott.

A glorificação de Cervantes é o culto real da Humanidade de que êle é um dos mais gloriosos filhos. Depois de consagrar, na Terra, o seu gênio ao serviço dos melhores ideais cívicos, o artista volveu à imortalidade subjetiva, onde eternamente revive entre os louvores da posteridade reconhecida.

PERCORRENDO O MUNDO

O «domínio» da Nova Zelândia está situado no Oceano Pacífico, no sudeste do continente australiano, do qual o separa o mar de Tasmânia. E' constituído por duas ilhas importantes, além de outras de menor valor. Tem 2.269.000 quilômetros quadrados e .... 1.622.000 habitantes. Capital: Wellington, com 154 mil habitantes. Forma parte do Império Britânico.

★

A SEGUNDA dentição se inicia na criança de cinco anos de idade. Começa pelos quatro primeiros grandes molares. E' precaução excelente levar a criança ao dentista para que examine se sua bôca está em ordem e não haja aparecido alguma cárie dental.

★

AUDÁCIA

A sorte ajuda aos audazes e afugenta os tímidos. — **Vergílio.**

A audácia e a sorte com freqüência andam juntas. — **Metastásio**

Nada pode sobrepor-se à audácia unida à prudência. — **Stobeo**

Com a audácia tudo se pode empreender, mas nem tudo se pode fazer. — **Napoleão.**

★

O bicarbonato é o condimento das indigestões! — **Ramón Gomez de la Serna.**

★

O PAÍS onde se bebe maior quantidade de chá é a Austrália. Cada australiano consome em média quatro quilos de chá por ano.

★

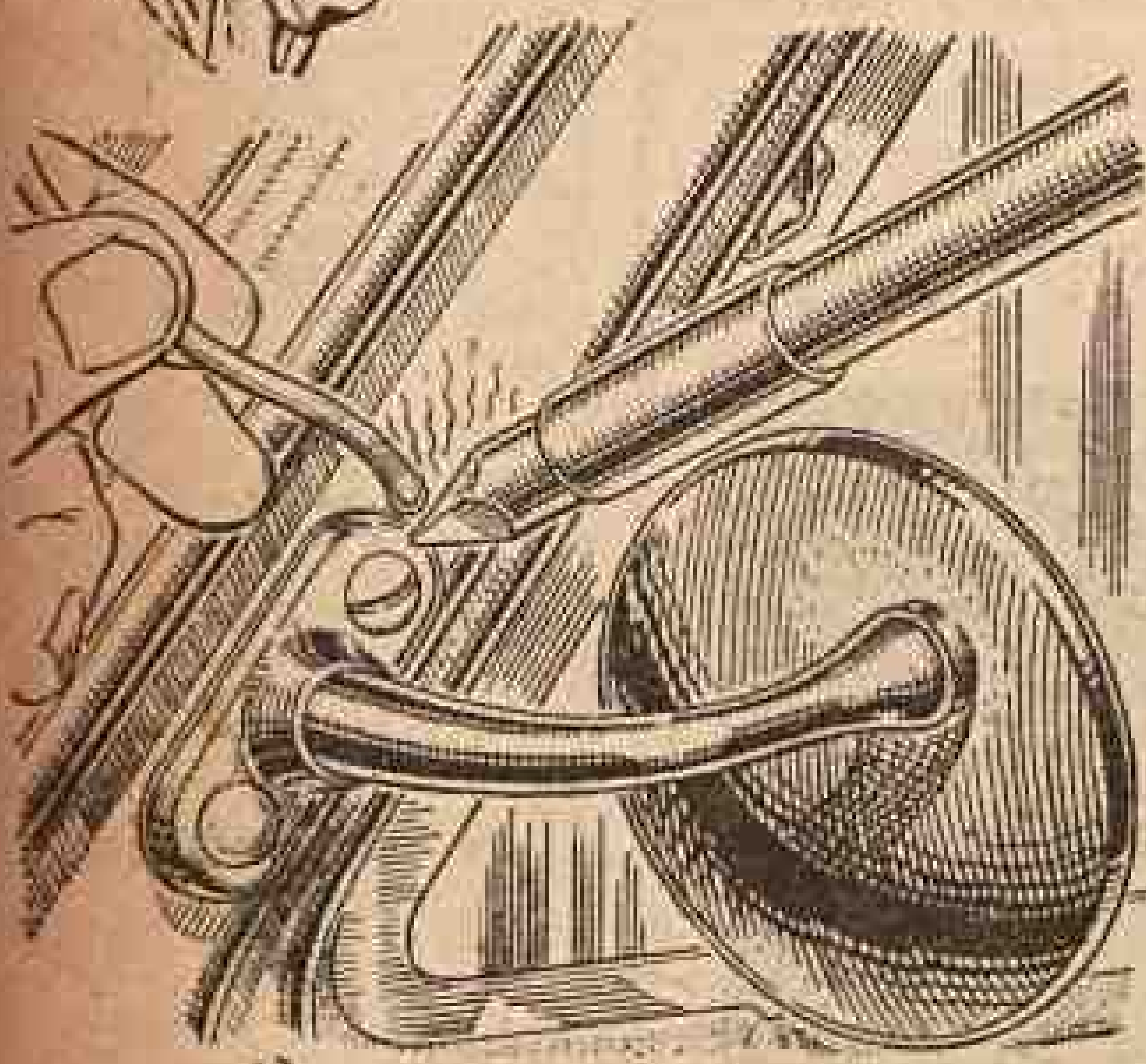
OS OVOS cozidos se descascam com mais facilidade quando fervidos em água salgada.

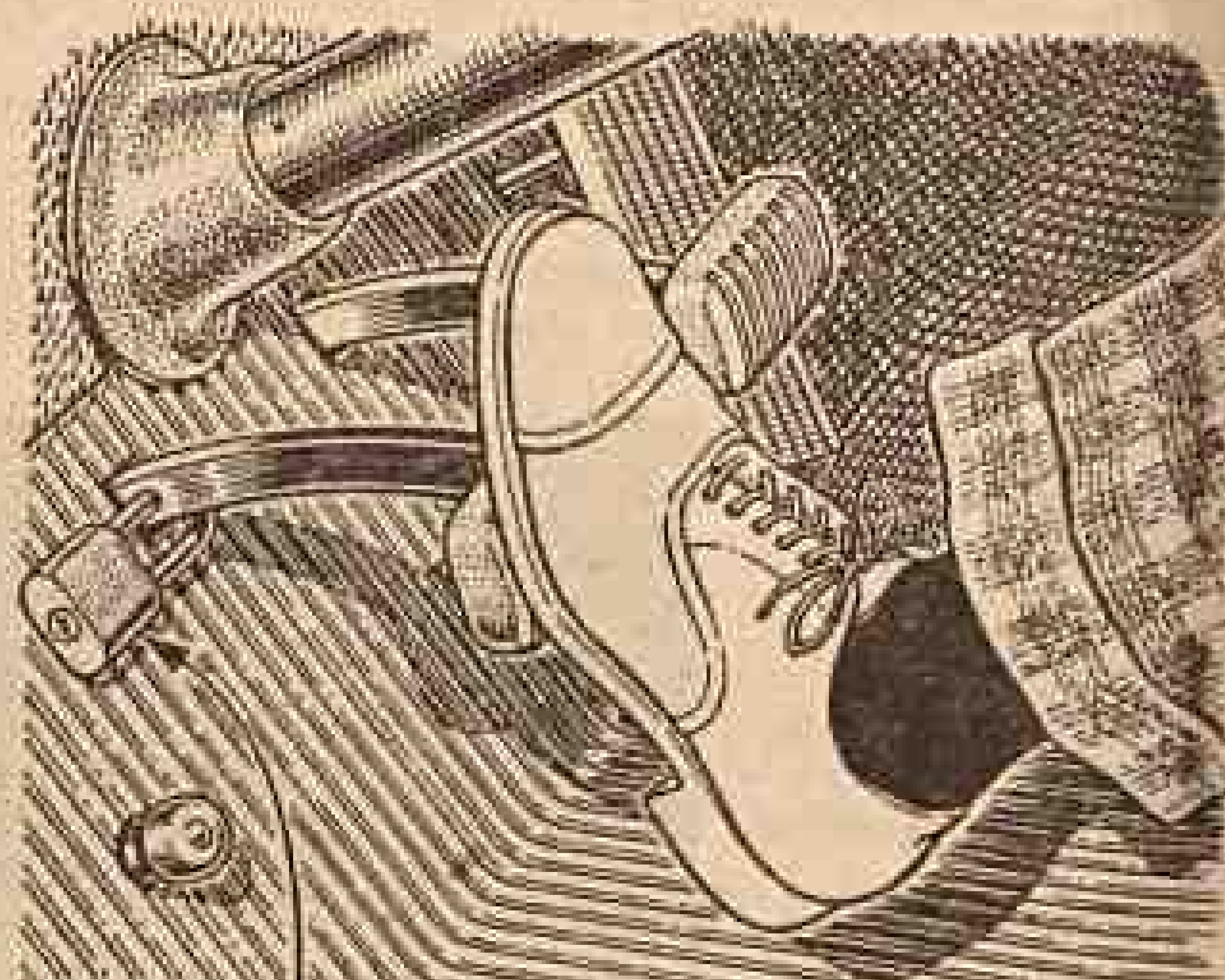
★

OS PRIMEIROS espelhos de vidro começaram a fabricar-se no século XIII, pois os primitivos eram de metal pálido. A adivinhação por meio de espelhos é chamada catoptromancia.

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.

TRUQUES DE UM BOM MECANICO

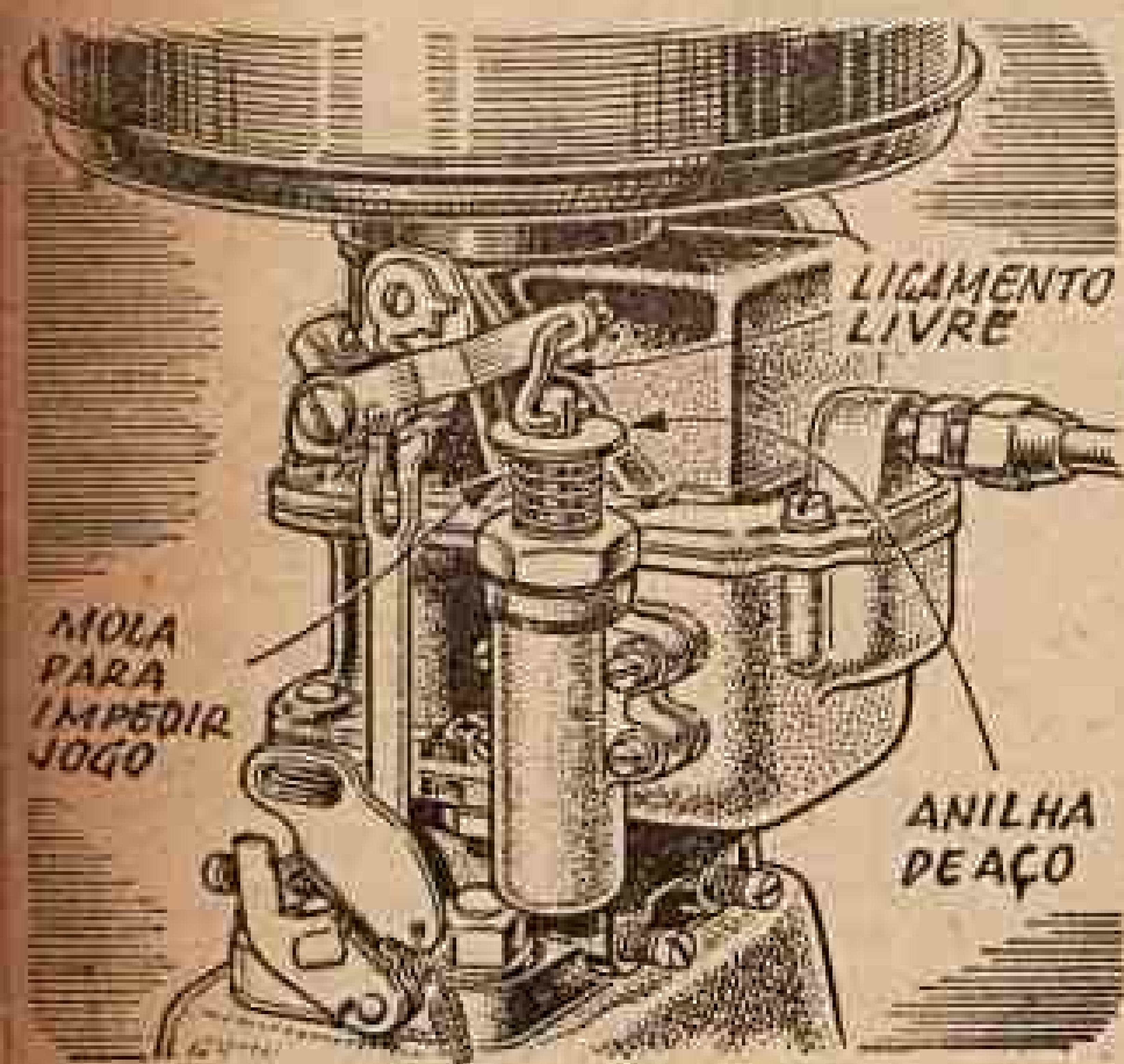




CADEADO PASSADO POR UM ORIFICIO NO PEDAL DE DEBREAGE IMPEDE O USO DESTE

DOIS PROCESSOS PARA DESANIMAR OS LADRÕES — Os acessórios aplicados na parte exterior de um automóvel podem ser eficientemente protegidos contra os ladrões com a aplicação de solda sôbre a cabeça dos parafusos. Se o leitor tiver dificuldade de trabalhar com a solda comum, sólida e necessitando de maçarico, poderá aplicar a solda do tipo liquido. E' claro, isso não impedirá que o acessório seja retirado, mas de fato, então será um trabalho capaz de desanimar qualquer ladrão.

Passar um cadeado pela trave do pedal de debrear é o meio mais simples e mais seguro de impedir o roubo de um automóvel, pois que, só essa precaução impedirá qualquer manobra de transmissão. Sem poder acionar o debreador, o automóvel não poderá ser dirigido, sendo conveniente que o cadeado seja passado por um furo feito bem junto da tábua, o que mais dificultará a manobra como também tornará difícil qualquer tentativa de retirada do cadeado.

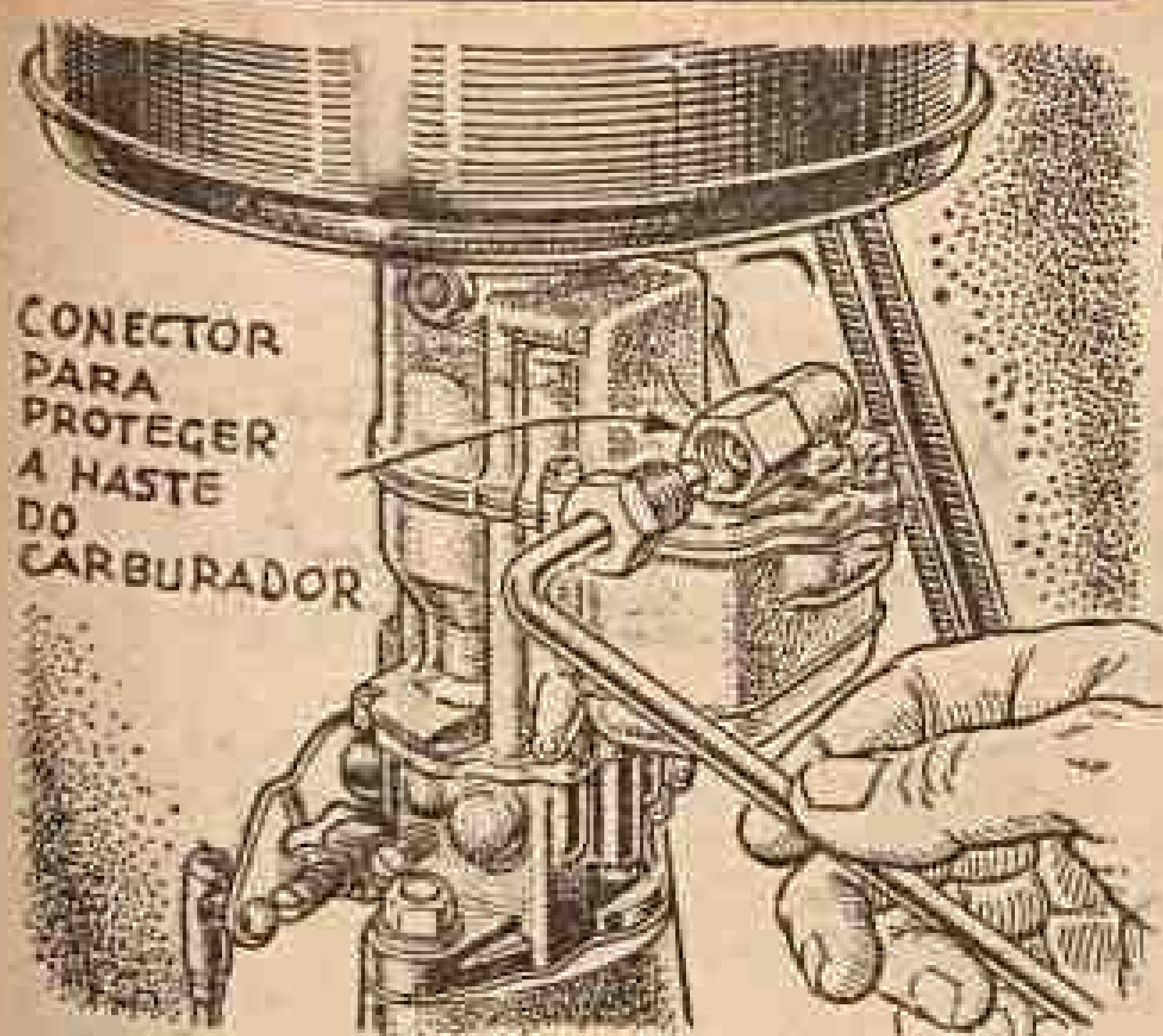


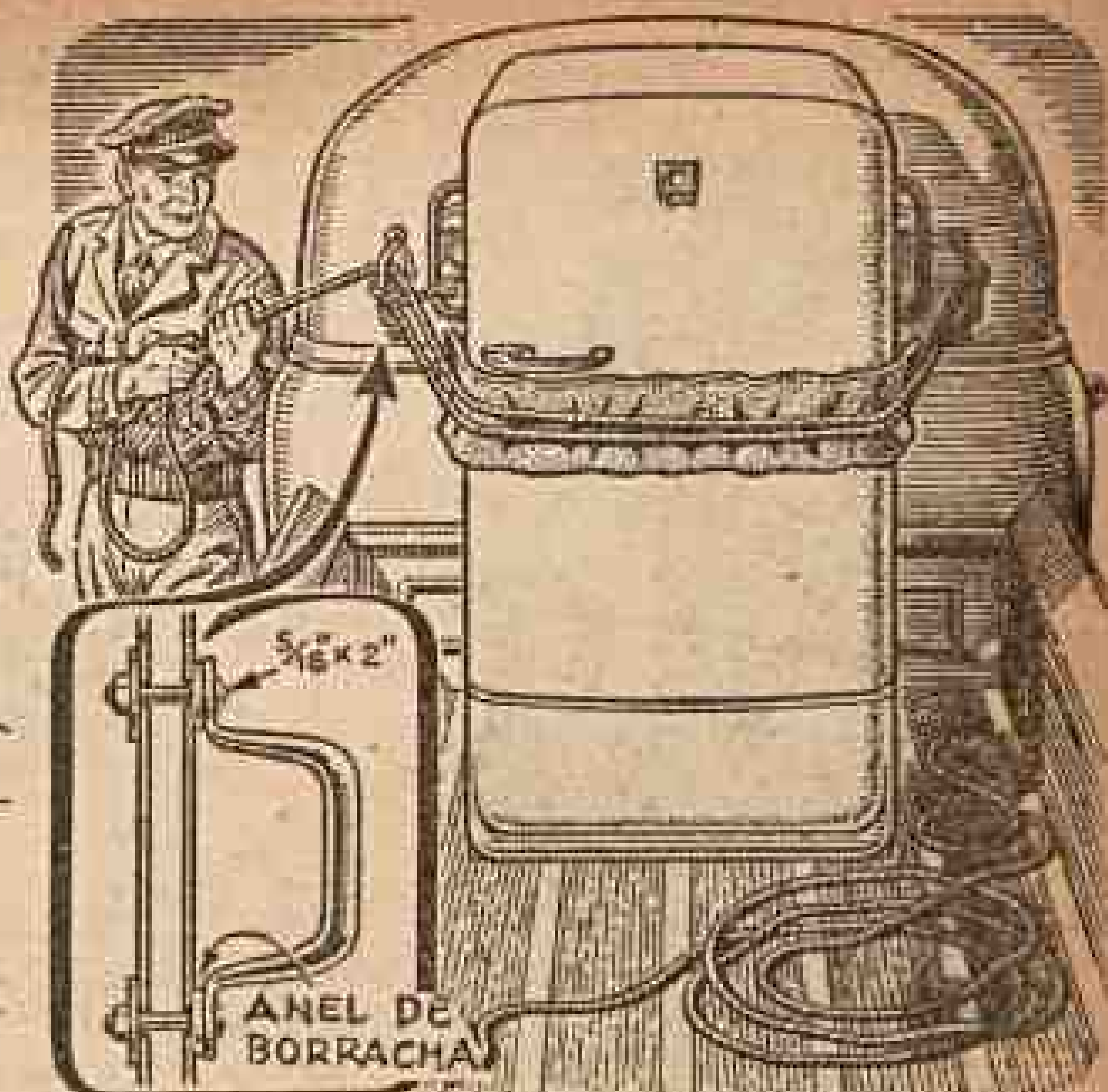


MOLA PARA PROTEGER O PICKUP — Nos automóveis «idosos» ocorre, às vêzes, o motor exigir algum tempo antes de responder convenientemente à pressão do acelerador. Isso devido a um desgaste no ligamento entre o elevador da bomba de acelerar e o compressor que o impele para o alto. Colocar uma mola de espiral, protegida por anilha, como indica o clichê, remediaria êsse mal, fazendo funcionar o compressor de aceleração com movimento perfeito e eficiente.

PINO DE PROTEÇAO PARA O «MACACO» — Fazer pequenos e sucessivos orifícios através da barra do «macaco». Depois, quando o veículo estiver suspenso à altura desejada, introduzir um pino de aço através do orifício, imediatamente abaixo do «grampo» do mecanismo. Isto para que, no caso de êsse «grampo» escorregar, o pino garantir a estabilidade, mantendo o automóvel levantado. Para não haver perigo de se perder o pino, deverá ser mantido, com uma corrente, prêso ao «macaco».

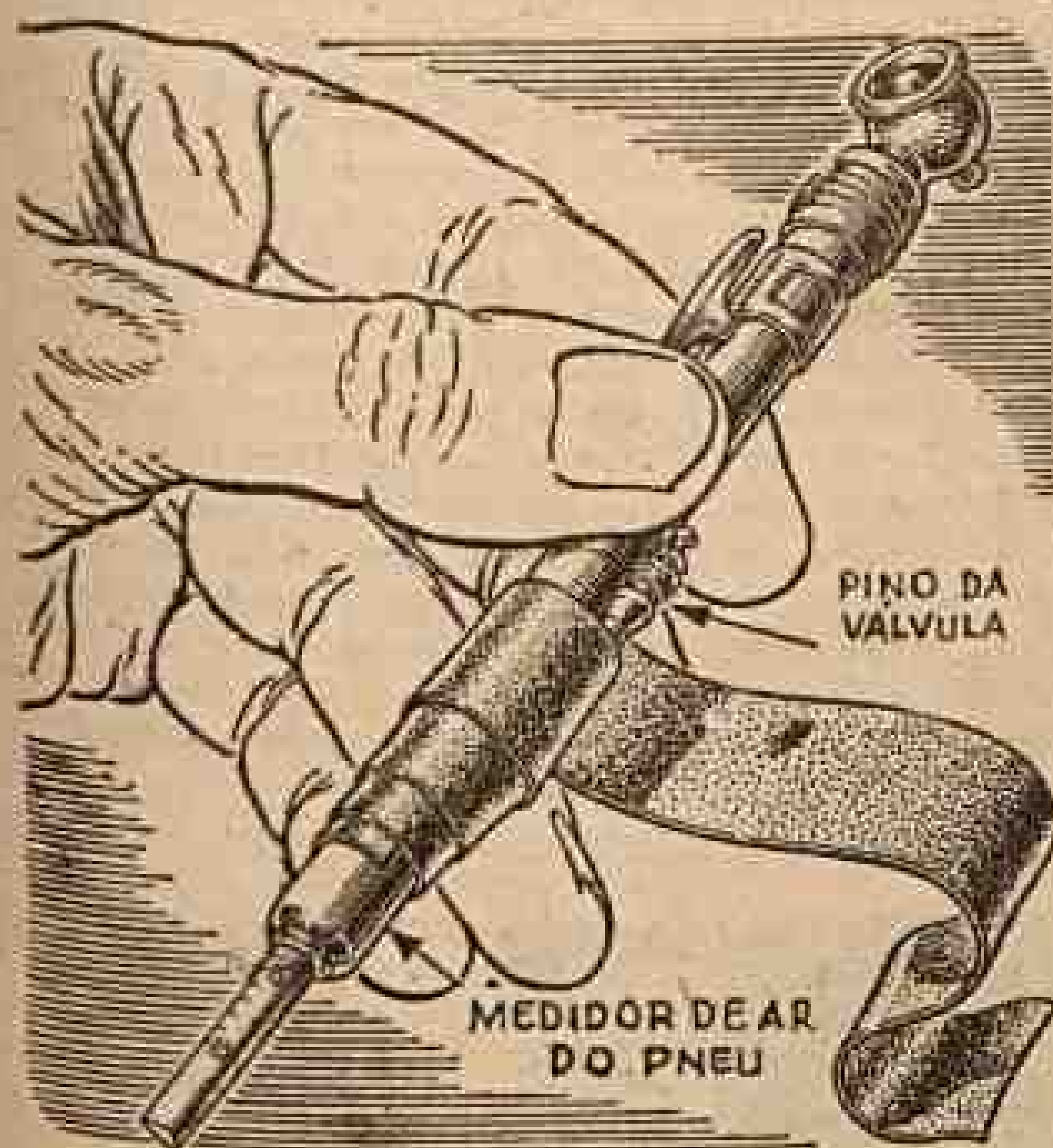
TRUQUES DE UM BOM MECANICO





CONECTOR PARA CARBURADOR — Em muitos automóveis, um conector de metal ordinário une o corpo do carburador e o cano do gás. Êsse conector, porém, não atende perfeitamente à sua finalidade e ainda é constantemente perdido. Neste último caso, tratem de substituí-lo por um conector fixado ao carburador, conforme indica o clichê e que une perfeitamente o cano do gás ao carburador, não havendo o risco de perda do conector e muito menos qualquer falha na ligação das duas peças.

MELHORE O SEU CAMINHÃO — Depois de [illegible] dissabor de ser muitos refrigeradores e rádio-vitrolas sofrerem quedas lamentáveis e que lhe causaram elevados prejuízos, um mecânico de Pocahontas, Virgínia, achou que já era tempo de acabar com êsses acidentes. Comprou duas alças cromadas, que colocou conforme mostra a gravura. Desde então, usando cordas e protetores de lona, pôde fazer o transporte de refrigeradores e outras peças análogas com tôda a segurança.





TENHA UMA VÁLVULA DE PNEU AO ALCANCE DA MÃO — Colocar uma válvula nova prêsa ao próprio corpo do medidor de pressão de ar do pneu é muito útil. Isso pode ser feito com uma tira de fita gomada. Assim a válvula nova estará sempre ao alcance da mão, sempre que, examinando a pressão do pneu, o mecânico verificar qualquer escapamento, por culpa da válvula antiga e haja necessidade de substituí-la por outra, nova.

TELA CONTRA INSETOS — Os insetos que fatalmente se introduzem nos orifícios do radiador acabam prejudicando a eficiência do seu papel de resfriador do motor. Para sanar êsse mal, um mecânico de Tulsa, Oklahoma, nos Estados Unidos, sugere aos nossos leitores introduzir uma tela metálica, como a que é colocada num guarda-comida, conforme indica o clichê. Essa tela deverá ser retirada para limpeza uma vez por semana

MAMÃE E SEU BEBÊ



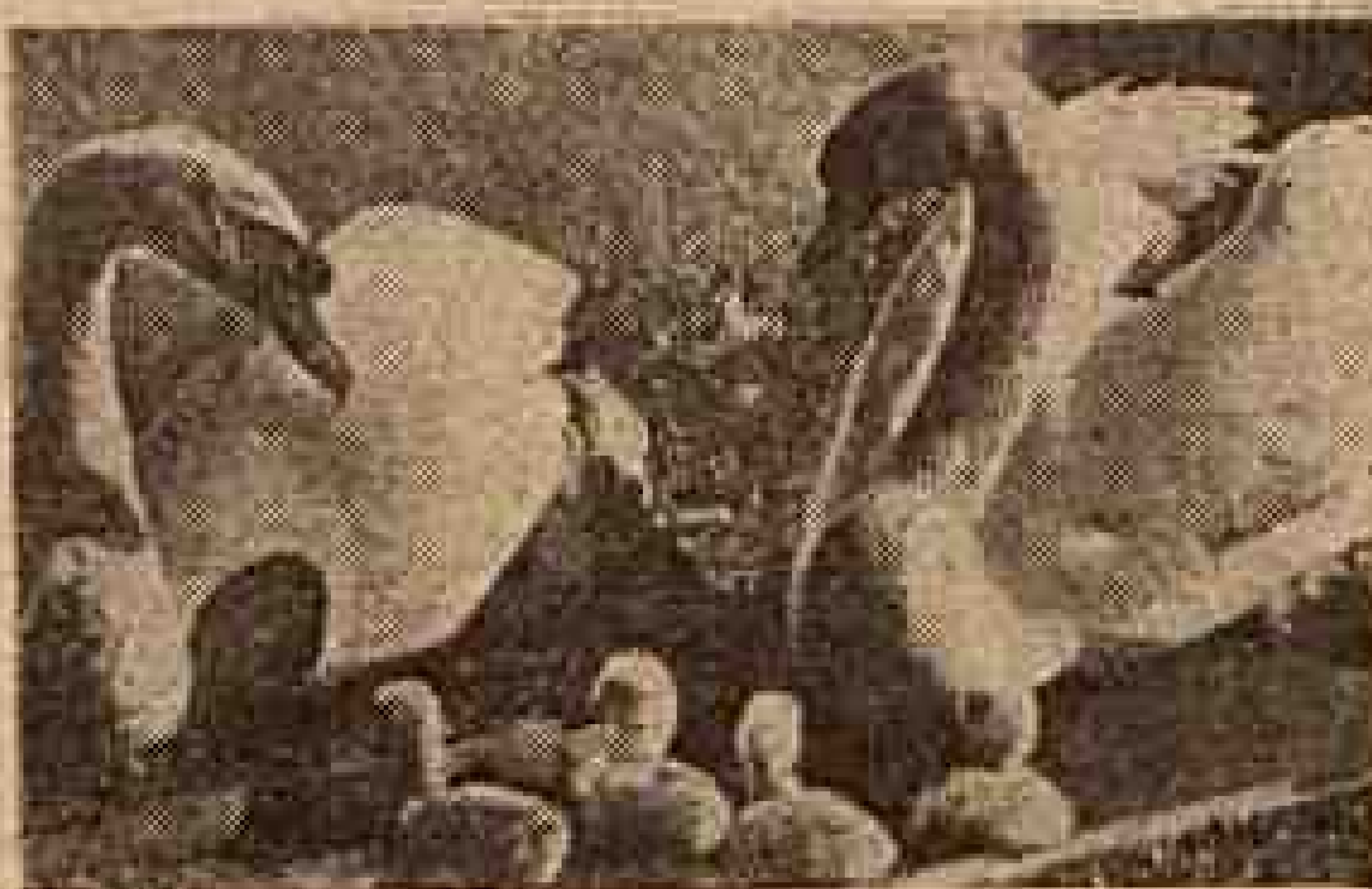
— Teu pai nos deixou, meu filho. Ficou na Africa. Era um lindo camelo! Que saudades!...



A mamãe tartaruga abre os braços carinhosos para o filhote.

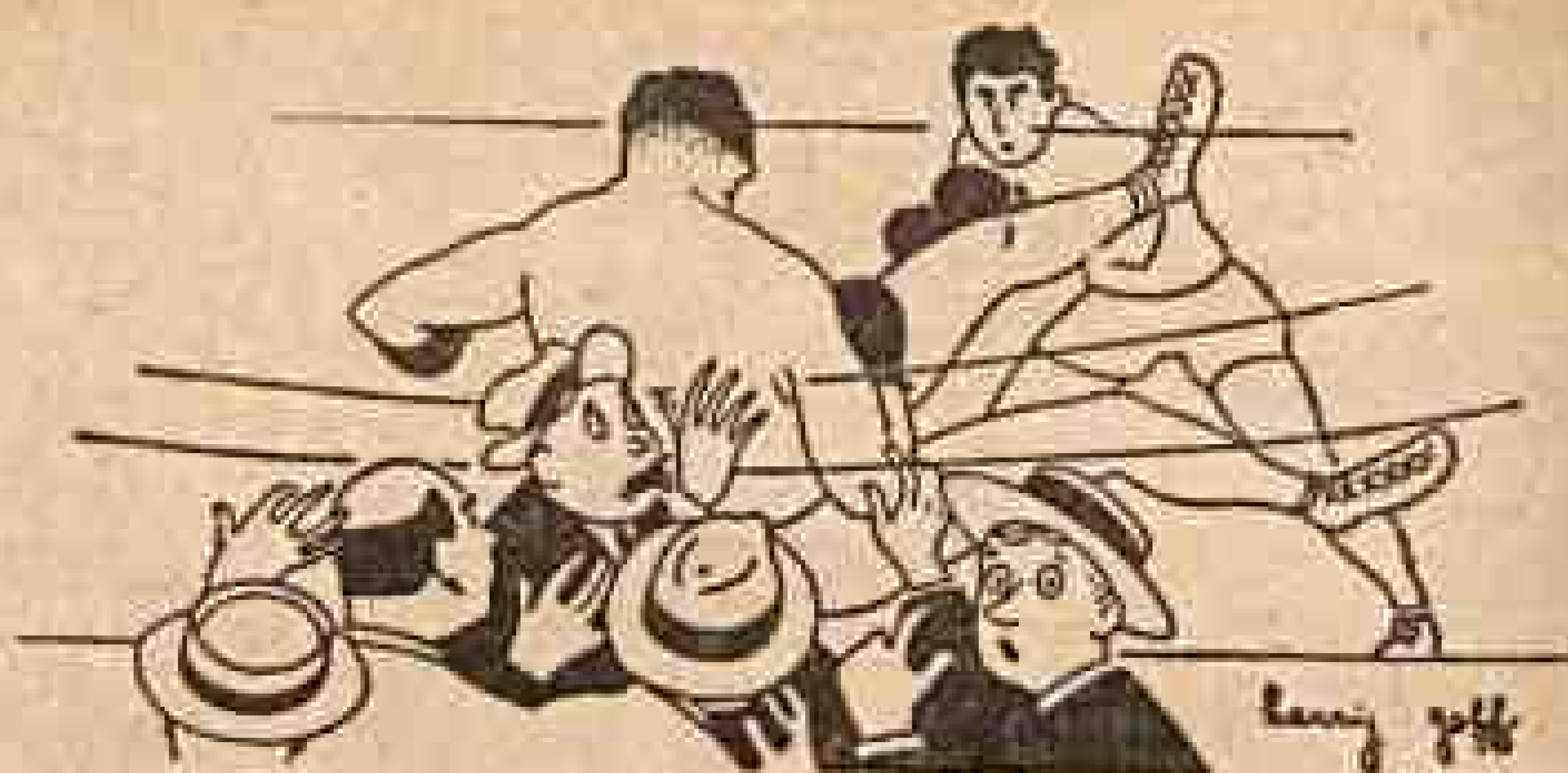


— São visitantes, mamãe? Tomara que eu não descenda dêles!



Cada mamãe cisne tem cisnezinhos particulares. E como estão orgulhosas...

QUEM SALVOU DEMPSEY DA DERROTA?



O gigantesco Luis Angel Firpo, **da Argentina**, boxeador conhecido como "Touro Selvagem dos Pampas" conseguiu **ressuscitar** de cinco grandes **knock-downs**, só no primeiro **round**, para atacar Jack Dempsey com quatro terríveis murros seguidamente desferidos ao rosto do campeão do mundo, lançar o "Leão de Utah", (como era conhecido o lutador norte-americano) por entre as cordas, fora do **ring**. Nesse instante o precioso título de campeão de todos os pesos estêve oscilando na balança, enquanto o temível Dempsey era novamente jogado para dentro do **ring**, antes de que tivessem decorrido os dez segundos fatais.

Mas que mãos foram essas que salvaram o título de Dempsey? ..Naquela dramática confusão não foi possível descobrir os salvadores, embora quatro ou cinco pessoas, com maior ou menor crédito, confessassem, mais tarde, ter tomado parte nessa manobra que salvou Dempsey. Parece entretanto provado que o salvador verdadeiro foi Perry Grogan que trabalhava como telegrafista no próprio estádio de Polo Grounds, onde se travou a luta. Perry Grogan, já então veterano narrador de "matches" de boxe, é atualmente gerente da agência da Western Union, em Nova York, seção da **Grande Central Station.**

Foi o próprio Perry Grogan quem fêz, sôbre o fato, a narrativa seguinte:

"Eu auxiliava o trabalho de Jack Lawrence, para as colunas do "The New York Tribune", quando o feroz Firpo atirou Jack Dempsey fora do ring, fazendo-o passar, bastante maltratado, entre as cordas... e cair justamente sôbre a cadeira em que eu me achava sentado. Instintivamente, sem largar o botão das transmissões telegráficas levantei o braço esquerdo para me proteger e proteger meu aparelho. Dempsey desviando a queda, foi bater em cheio contra a máquina de escrever de Lawrence, danificando-a. Então, parei de transmitir minhas notas telegráficas e, juntamente com Lawrence, empurei Dempsey pelos ombros, num só e vigoroso impulso, que o atirou de volta ao ring. A êsse tempo, cêrca de meia dúzia de pessoas se preparavam para ajudar, porém o campeão do mundo já estava de novo sôbre a lona, pronto para recomeçar o combate e ganhá-lo! Por mim tive que voltar apressadamente ao meu trabalho, porque, do outro lado do circuito alguém perguntava nervosamente: **"Que aconteceu?"**

CHOCOLATE preparado com leite é digerido mais dificilmente do que o preparado com água.

★

ALGUNS grãos de arroz, colocados dentro do saleiro, evitam que o sal se torne granuloso.

★

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

CARGA DA BRIGADA DE VACAS LIGEIRAS



OS cavalos figuraram em inúmeros feitos militares, mas foram as vacas que concederam a Aníbal, o grande general cartaginês, uma de suas mais notáveis vitórias.

Aníbal estava em campo, contra o inimigo poderoso. Ao cair da noite, os seus postos avançados vieram trazer-lhe a notícia de que o adversário estava acampado, abertamente, em profundo vale. Não temiam um ataque de Aníbal porquê previam que êste jamais se atreveria a atacar um terreno desconhecido, durante a noite.

Do alto da montanha Aníbal estudou os fogos do acampamento a seus pés. Um ataque de surprêsa poderia ter bom resultado. Entretanto, havia o perigo de uma emboscada. Aníbal compreendeu que necessitava de conhecer perfeitamente o terreno onde o inimigo se encontrava. Para conseguir isso lançou mão de um truque realmente hábil e que ficou famoso nas páginas da história.

Ordenou a seus homens que reunissem às pressas, 200 cabeças de gado num desfiladeiro que conduzia do alto da montanha ao fundo vale. Longas tochas de madeira resinosa foram presas aos chifres das vacas. A um sinal dado, tôdas as tochas foram acesas e o gado semi-enlouquecido desceu a montanha em avalanche irresistível. Quatrocentas tochas, correndo, saltando, atirando-se em tôdas as direções, em chifradas, pisadas, embates violentos, entre mugidos prolongados e gritos de agonia, espalhando o terror e a destruição no campo adversário.

Depois de amedrontar e desmoralizar os soldados inimigos o gado se espalhou pelo acampamento provocando muitos incêndios, assim iluminando o terreno para os Cartagineses, que já desciam em formação cerrada do alto da colina.

Tendo estudado o cenário bem iluminado a seus pés, Aníbal distribuiu e instruiu seus homens e auxiliados por essas duzentas "aliadas", obtendo uma das suas mais completas e rápidas vitórias contra uma tropa temível.

MAMÃE E SEU BEBÊ



— Se você foi obediente, tra comigo até Copacabana...



— Mamãe... Não estará na hora de trazerem o capim?



— Mamãe disse que não me iluda, pois terei vida de cachorros!



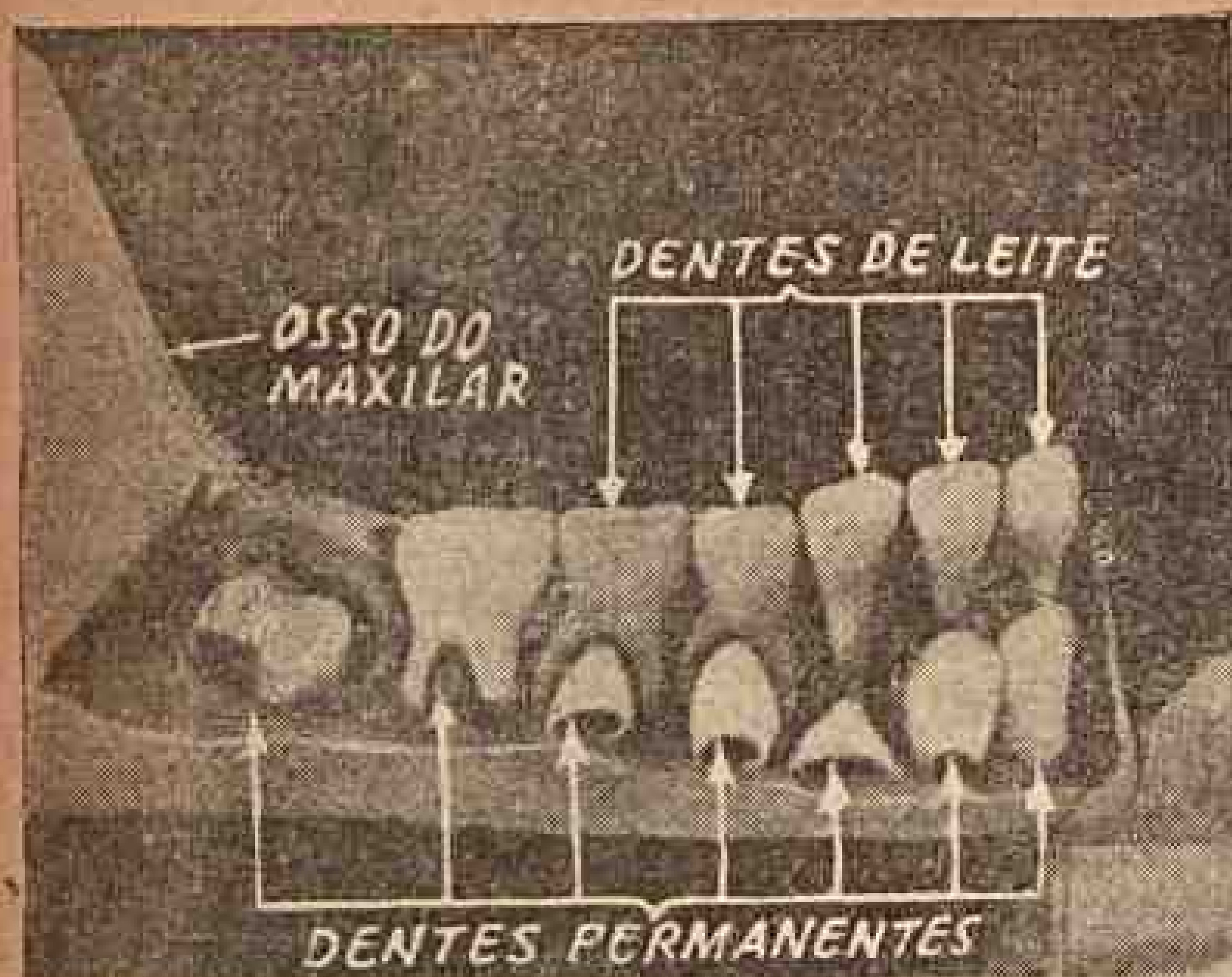
Mamãe canguru é muito prática! Nada nas mãos... tudo no bôlso!

OS PENTES de osso ficam perfeitamente limpos quando submergidos durante algumas horas numa solução de amoníaco a 10%. Em seguida, devem ser enxaguados com água e sabão, secando de preferência ao ar livre.

★

PARA DEVOLVER ao couro velho sua flexibilidade e maciez aplica-se com um pincel a seguinte mistura: sebo, 40 partes; óleo de linhaça, 2; alúmen, 1 e água, 10.

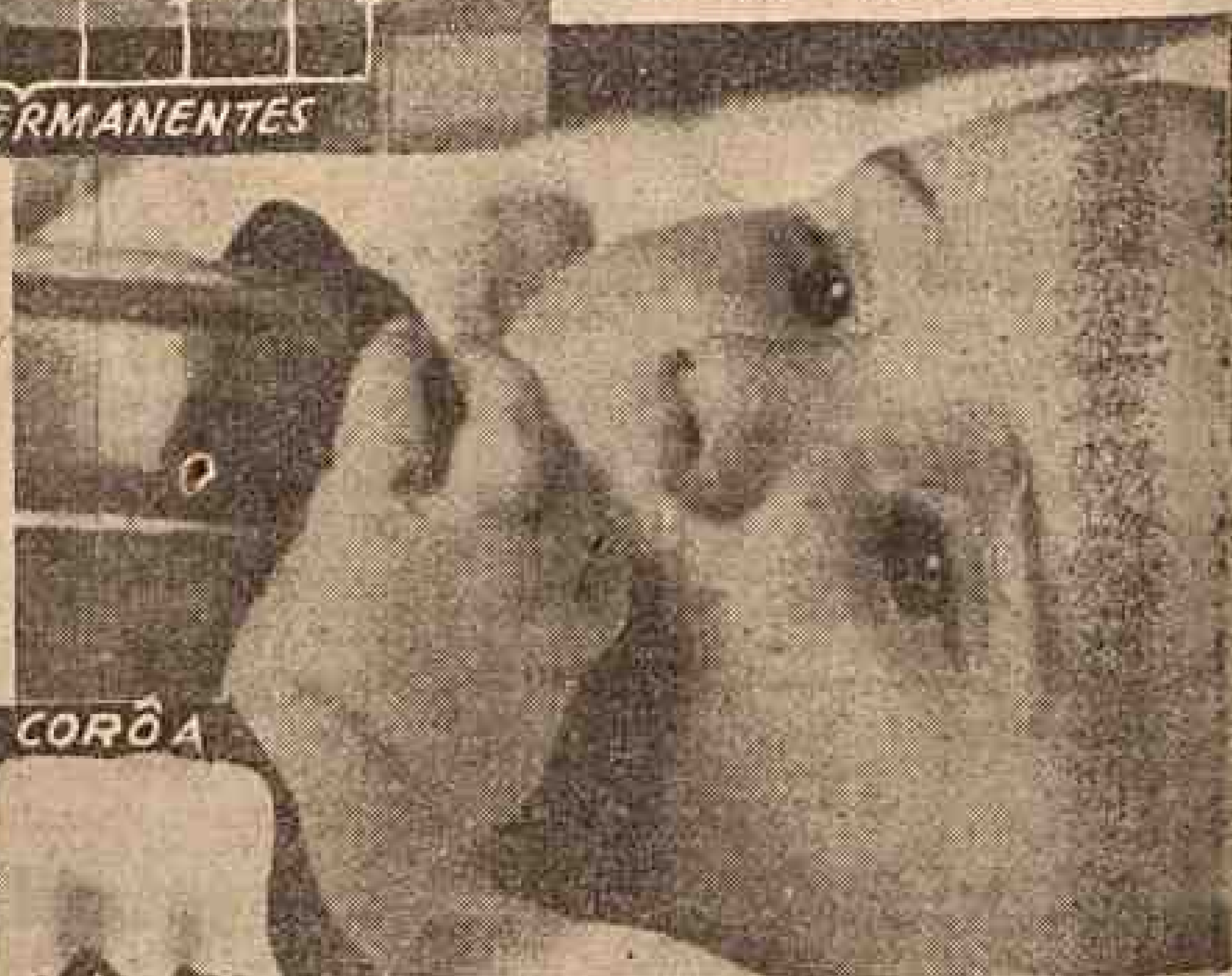
COMO OS DENTES SE FORMAM 6 MESES ANTES DA CRIANÇA NASCER



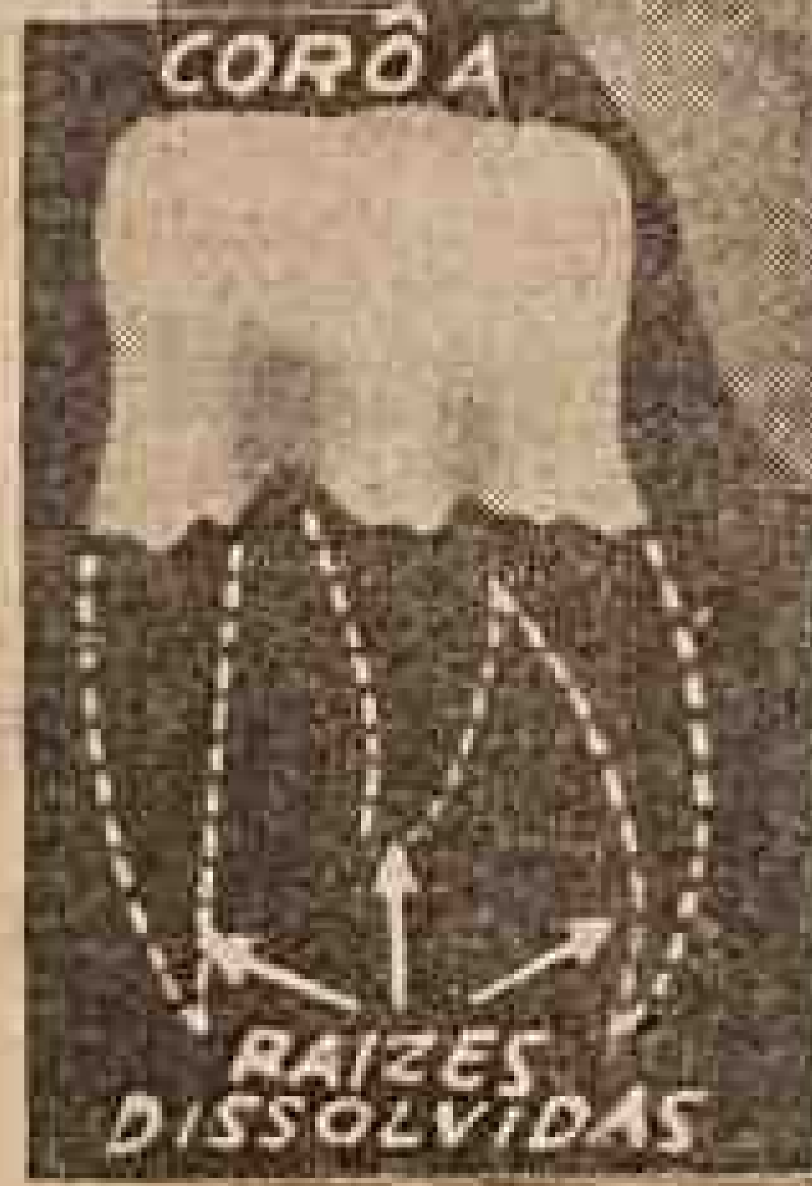
Desenho do maxilar de uma criança, mostrando como os dentes permanentes se formam por trás dos dentes "de leite" ou "infantis" e gradualmente empurram os últimos para fora das gengivas, até que, com tempo, êles se desprendem e caem.

★

O leite é um dos melhores alimentos conhecidos para ajudar a construir dentes sadios, fortes e resistentes, porque é rico de cálcio. ⟶







As raízes dos dentes infantis são gradualmente dissolvidas e absorvidas pelo corpo, provàvelmente para ser usadas novamente na construção dos dentes permanentes. As raízes dos segundos dentes não são absorvidas.

O festejado **primeiro dente**, que tanta emoção causa à mãe e faz o pai orgulhoso já é, realmente, velho de alguns meses quando surge através das gengivas. A ciência moderna afirma que os dentes começam a formar-se seis meses, aproximadamente, antes do nascimento da criança e continua a evoluir até muitos meses depois.

Na realidade, todos os dentes, — exceto, possìvelmente, o esmalte que o envolve e protege — é parte viva e que se desenvolve, embora muita gente julgue que o nervo é a única parte que continua a viver depois que o dente atingiu o seu maior tamanho. Tais fatos eram desconhecidos, há cêrca de cem anos. Hoje, entretanto, a moderna ciência começa a conhecer os melhores métodos de "construir" dentes sadios, robustos e resistentes, na criança, assim como os mais eficientes meios de proteção para o dente dos adultos.

O intuito de "construir" dentes com mais espessa e forte camada de esmalte é devido a que com isso êle resistirá melhor à cárie. A ciência dentária já explicou que a cárie é causada pelas partículas de alimentos que se alojam nos interstícios dos dentes e sob as gengivas deslocadas. Êsse alimento é atacado ou putreficado por certas bactérias. Estabelecida a cárie, ácidos são formados que destroem ràpidamente a superfície do dente. Depois de roer tôda

---

Percorrendo a Síria, um viajante perdeu o rumo e perguntou a um dos habitantes do país que distância o separava da povoação mais próxima.

— Estais — respondeu o sírio — à distância de três cachimbadas.

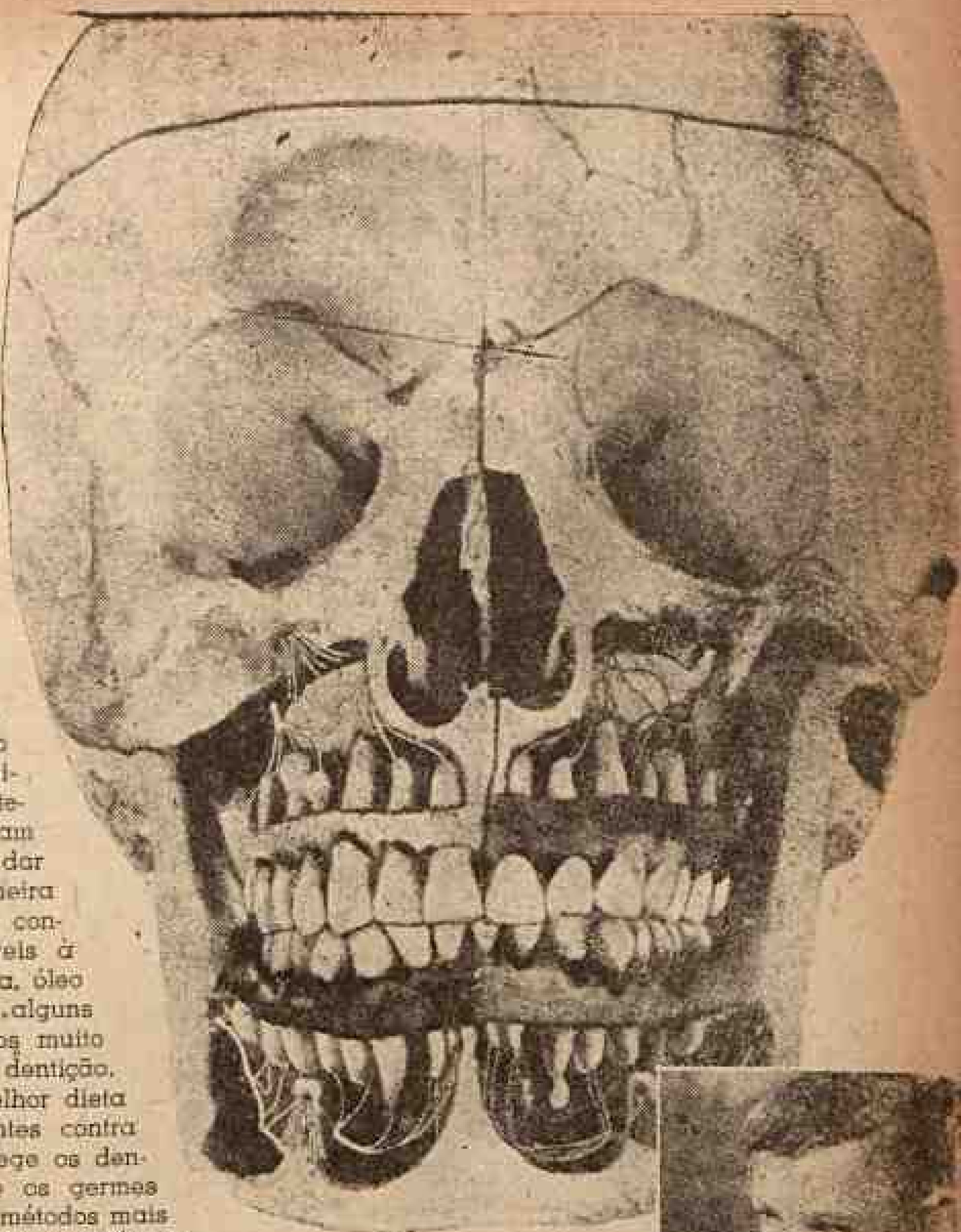
Esta maneira singular de calcular o tempo é muito comum entre os habitantes dos campos, que, muito pobres para ter relógio, calculam as distâncias segundo o número de vêzes que fumam cachimbos durante o trajeto de um lugar para o outro. Regularmente, uma «cachimbada», equivale a dois quilômetros, pouco mais ou menos.

★

PERCORRENDO O MUNDO — A África Oriental Portuguêsa ou Colónia de Moçambique está situada no sudeste do continente africano e limita ao norte com o mandato britânico do Território de Tanganica; a leste com o canal de Moçambique (Oceano Índico), que a separa da ilha de Madagascar; ao

POR QUE TEMOS DUAS SÉRIES DE DENTES ★ O QUE FAZER PARA QUE SEJAM FORTES E SADIOS ★ POR QUE ALGUMAS CRIANÇAS COMEM GIZ OU BARRO ★ COMO PROTEGER OS DENTES

a resistente camada de esmalte que cobre o dente, êsse ácido entra a atacar a parte interna do dente, a sua polpa, e finalmente o nervo é atingido, afetando irremediàvelmente todo o dente. Quanto mais robusta e mais espessa fôr a camada de esmalte do dente, mais resistente será aos ácidos da cárie. Nessas condições os nutricionistas aconselham às gestantes comer abundantemente alimentos contendo cálcio e fósforo, além de certas vitaminas, para que os filhos tenham bons dentes. Aconselham igualmente no sentido de dar às crianças, desde a primeira idade, farta alimentação que contenha os elementos favoráveis à melhor dentição. Leite, laranja, óleo de fígado de bacalhau, são alguns dêsses alimentos considerados muito bons auxiliares da melhor dentição. Entretanto, nem mesmo a melhor dieta por si só, protegerá os dentes contra a cárie. Hoje, a ciência protege os dentes combatendo os ácidos e os germes que causam a cárie. Um dos métodos mais recomendados é o do combate à **película** que cobre o dente e é designada como "placa bacterial". A película é essa finíssima substância que se forma sôbre o esmalte e que podemos sentir com a ponta da língua. Essa película é boa aliada dos germes que causam os ácidos destruidores. Por assim dizer, **une** os germes ao dente, dá-lhes uma couraça e bom leito para rápido desenvolvimento, servindo-lhes ainda de alimento. Portanto, remover essa película escovando os dentes duas vêzes por dia, será remover as causas da sua ruína.



Caveira com gengivas, nervos e vasos sanguíneos, reconstruídos em cera e mostrando inúmeras enfermidades dos dentes.

★



Algumas crianças comem giz e objetos de barro, porque o seu organismo sente falta de certos minerais indispensáveis — afirmam muitos especialistas de alimentação infantil. ⟶

Relativamente às balas e bombons, que constituem o ideal para o paladar infantil, não são — como muitos pensam — terríveis inimigos dos dentes infantis. Longe disso. A criança que não tiver balas para distrair a sua eterna vontade de deglutir e morder, por certo roerá unhas, morderá a ponta do lápis, mastigará papel e outras coisas piores.

Mas, é claro, não se deve dar balas às crianças tôdas as horas, nem mesmo todos os dias. Outrossim, é preciso ensinar as crianças a **chupar** e não a **quebrar** as balas com os dentes, o que — isso sim — representa perigo para a saúde e integridade dos dentes. Da mesma forma deve-se habituar a criança, desde cedo, à boa higiene dentária.

---

sul com o referido oceano e ao oeste com a União Sul-Africana. Tem 771.125 quilômetros quadrados de superfície e 4 milhões de habitantes. Capital: Lourenço Marques, com 48 mil habitantes. E' uma colônia da República Portuguêsa.

★

Conta-se que estando Molière prostrado na cama atacado por grande enfermidade, um conhecido médico pretendeu visitá-lo. Nesses tempos a ignorância era também patrimônio dos galenos. Por isso, Molière havia travado guerra franca contra os mesmos.

— Senhor — disse-lhe o criado — aí está o médico.

— Informe que não posso receber... porque estou doente! — respondeu Molière.

★

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando, com uma flanela, óleo de peroba.

OS CAMPEÕES DO ANO



«Talismã», gato lituano de 18 meses e considerado muito desenvolvido para a sua idade. Vencedor geral do Concurso Internacional de Paris.

★

Para tornar o veludo como novo, recomenda-se o seguinte processo: misturar duas colheres de sopa de amoníaco líquido e duas de água quente e estender esta mistura com uma escova dura sôbre o veludo, esfregando bem para fazer penetrar nos pêlos, de forma a atingir tôdas as manchas e as mais leves rugas. Cubra-se, então, um ferro de engomar, quente, com um pano molhado e aplique-se sôbre o avesso do veludo, até que o vapor que dêle se solte faça eriçar o pêlo do veludo e tudo fique perfeitamente sêco.

★

TODOS os alimentos preparados no forno conservam maior valor nutritivo.

★

PARA O SEU JARDIM



Para que os pássaros escolham um jardim para nêle viver periòdicamente, é aconselhável que se construa pequenas casas, segundo os modelos acima, todos muito fáceis e baratos. Espalhadas pelos troncos das árvores ou rebordos dos telhados são encantadoras.

ÚLTIMA CORRIDA DE TOUROS

em SALVATERRA

Por L. A. REBELO DA SILVA

O Senhor D. José, primeiro do nome, era, em Salvaterra, um rei em férias. A verdade é que os maldizentes notavam, em segrêdo, que sua majestade em Lisboa estava sempre ao tôrno e o marquês de Pombal ao trono. O prolóquio fundava-se na habilidade mecânica do monarca, como toreiro, e no caráter dominador do marquês como ministro.

Vicejavam os campos em plena primavera. A amendoeira cobria-se de flores, os bosques enfolhavam-se, as veigas vestiam-se e matizavam-se e a brisa doudejava indiscreta e arregaçando o lenço à donzela que passava ou roubando um beijo à rosa perfumada. Tudo eram alegrias e cânticos... os rouxinóis nas moitas, o coração nos amores, e a natureza nos sorrisos ao sol esplêndido que a dourava. Uma tourada real chamava a côrte a Salvaterra. Os fidalgos respiravam nestas ocasiões menos oprimidos. Não os assombrava tão de perto a privança do ministro. Os touros eram bravos, os cavaleiros destros, o anfiteatro pomposo e o cortejo das damas adorável. O prazer ria na bôca de todos. Por cúmulo de venturas o marquês de Pombal ficara em Lisboa, retido pelo conflito com o embaixador de Espanha.

Contava-se em segrêdo nos recantos do palácio o diálogo travado entre o enviado castelhano e o secretário de Estado português, louvando uns, em alta voz, para os ecos daquelas paredes repeticom o elogio crucificando-o outros, sem piedade, para saciarem os ódios. As devotas e os fidalgos puritanos eram pelo espanhol, e pediram a Deus que os rebates da guerra próxima despenhassem o plebeu nobilitado. Os magistrados e os homens de capa e volta defendiam o marquês, e respondiam com meios sorrisos às fogosas jaculatórias dos zelosos do trono e do altar. O marquês de Pombal tinha-se negado com firmeza às concessões exigidas imperiosamente pelo govêrno castelhano.

— Muito bem — atalhou o embaixador — um exército de sessenta mil homens entrará em Portugal e fará...

— O que? — Perguntara o marquês sorrindo-se com a tremenda luneta assestada e no tom mais indiferente.

— Fará entender a razão e a justiça de el-rei, meu amo, a Sua Majestade, a Vossa Excelência! — redarguiu meia oitava acima o espanhol supondo o ministro fulminado.

Sebastião José de Carvalho franziu as sobrancelhas, carregou a viseira, e cravando a vista e a luneta no diplomata, retorquiu-lhe friamente:

— Sessenta mil homens muita gente é para casa tão pequena! mas, querendo Deus, el-rei meu amo e meu senhor, sempre há de achar aonde possa hospedá-la. Muito menor era Aljubarrota e lá coube para os que D. João de Castela trouxe. Vossa Excelência pode responder isto ao seu govêrno.

E, levantando-se para despedir o embaixador, acrescentou:

— Bem sabe Vossa Excelência que pode tanto cada um em sua casa, que mesmo depois de [illegible] quatro homens para o tirarem!

O embaixado[illegible] do por «Dios y la Virgen Santíssima» e o marquês preparou-se para a guerra. O caso é, como dizia o nosso Zeferino na «Sobrinha do Marquês», que Sebastião José de Carvalho foi um grande ministro e que fêz muito pela nação. Hoje há menos quem responda assim à letra as ameaças dos estrangeiros. Berra-se muito, dorme-se a sono sôlto ao som dos hinos patrióticos, e depois salva o castelo de madrugada e está salva a pátria!

O Marquês de Pombal prezava as artes e protegia e animava as classes médias. Êsse pouco, que o reino progrediu, deveu-se a êle. Se a indústria nunca acabou de sair da infância, a culpa quase tôda foi dos maus governos que sucederam ao seu e também do povo, que não quis trabalhar deveras... Mas vamos aos touros reais. Dêsses é que o ministro não gostava nada. Queria-os ao arado e não à farpa e parecia-lhe melhor que os toureadores, sendo fidalgos, servissem o Estado com a pena ou com a espada, e, sendo mecânicos, que lavrassem tecessem e ganhassem honradamente a vida, enriquecendo a si e à nação.

Mas el-rei D. José, cedendo em tudo ao marquês, quanto aos touros não admitia reflexões. Nisto era rei a valer e Bragança legítimo. Os fidalgos sabiam-no, e por isso desfrutavam doces prazeres — a satisfação do gôsto nacional e a contradição da vontade do ministro. Desatendê-la sem perigo e pela mão do soberano era para ra motivo de júbilo. Quem queria lada das últimas pragmáticas. Outras funções não vigorava a severidade um deleite e um triunfo. Nespodia arruinar-se em luxuosos vestidos, enfeites e toucados. As bordaduras e os recamos de ouro, os veludos e sêdas de fora, talhados à francesa, resplandeciam constelados de pérolas e diamantes. Por cima dos mais ricos trajos e das mais vistosas côres desenrolavam-se os anéis ondeados das empoadas cabeleiras. As damas ostentavam as graças de seus donaires e tufados, e, emoldurando o belo oval dos rostos nos penteados caprichosos, sorriam-se para os gentis campeadores e seus olhos cheios de luz e de promessas estimulavam até os tímidos.

Correram-se as cortinas da tribuna real. Rompem as músicas. Chegou el-rei, e logo depois entra pelos camarotes o vistoso cortejo e vê-se ondear um oceano de cabeças e de plumas. Na praça ressoam brava alegria as trombetas, as charamelas e os timbales. Aparecem os cavaleiros, fidalgos distintos todos, com o conto das lanças nos estribos e os brazões bordados no veludo das guardrapas dos cavalos. As plumas dos chapéus debruçam-se em matizados cocares, e as espadas em bainhas lavradas pendem de soberbos talins. Os capinhas forcados vest-

com garbo à castelhana antiga. No semblante de todos brilha o ardor e o entusiasmo.

O Conde dos Arcos, entre os cavaleiros era quem dava mais na vista. O seu trajo, cortado à moda da côrte de Luís XV, de veludo prêto, fazia realçar a elegância do corpo. Na gola da capa e no corpete sobressaíam as finas rendas da gravata e dos punhos, nos joelhos as ligas bordadas deixavam escapar com artifício os tufos de cambraia alvíssima. O conde não excedia a estatura ordinária, mas, esbelto e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos. As faces eram talvez pálidas demais, porém animadas de grande expressão, e o fulgor das pupilas negras fuzilava tão vivo e por vêzes tão recobrado, que se tornava irresistível. Filho do marquês de Marialva, e discípulo querido de seu pai, do melhor cavaleiro de Portugal, e talvez da Europa, a cavalo, a nobreza e a naturalidade do seu porte enlevavam os olhos. Êle e o corcel, como que ajustados em uma só peça, realizavam a imagem do centauro antigo.

A bizarria com que percorreu a praça, domando sem esfôrço o fogoso corcel, arrancou prolongados e repetidos aplausos. Na terceira volta, obrigando o cavalo quase a ajoelhar-se diante de um camarote, fêz que uma dama escondesse torvada no lenço as rosas vivíssimas do rosto, que de certo descobririam o melindroso segrêdo da sua alma, se em momentos rápidos como o faiscar do relâmpago se pudesse alguém adivinhar o que só dois sabiam.

El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se, e disse voltando-se:

— Por que virá o conde quase de luto à festa?

Principiou o combate.

II

Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm assistido a elas, e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável. Diremos só que a raça dos bois era apurada, e que os touros se corriam desembolados, à espanhola. Nada diminuía, portanto, as probabilidades do perigo e a poesia da luta.

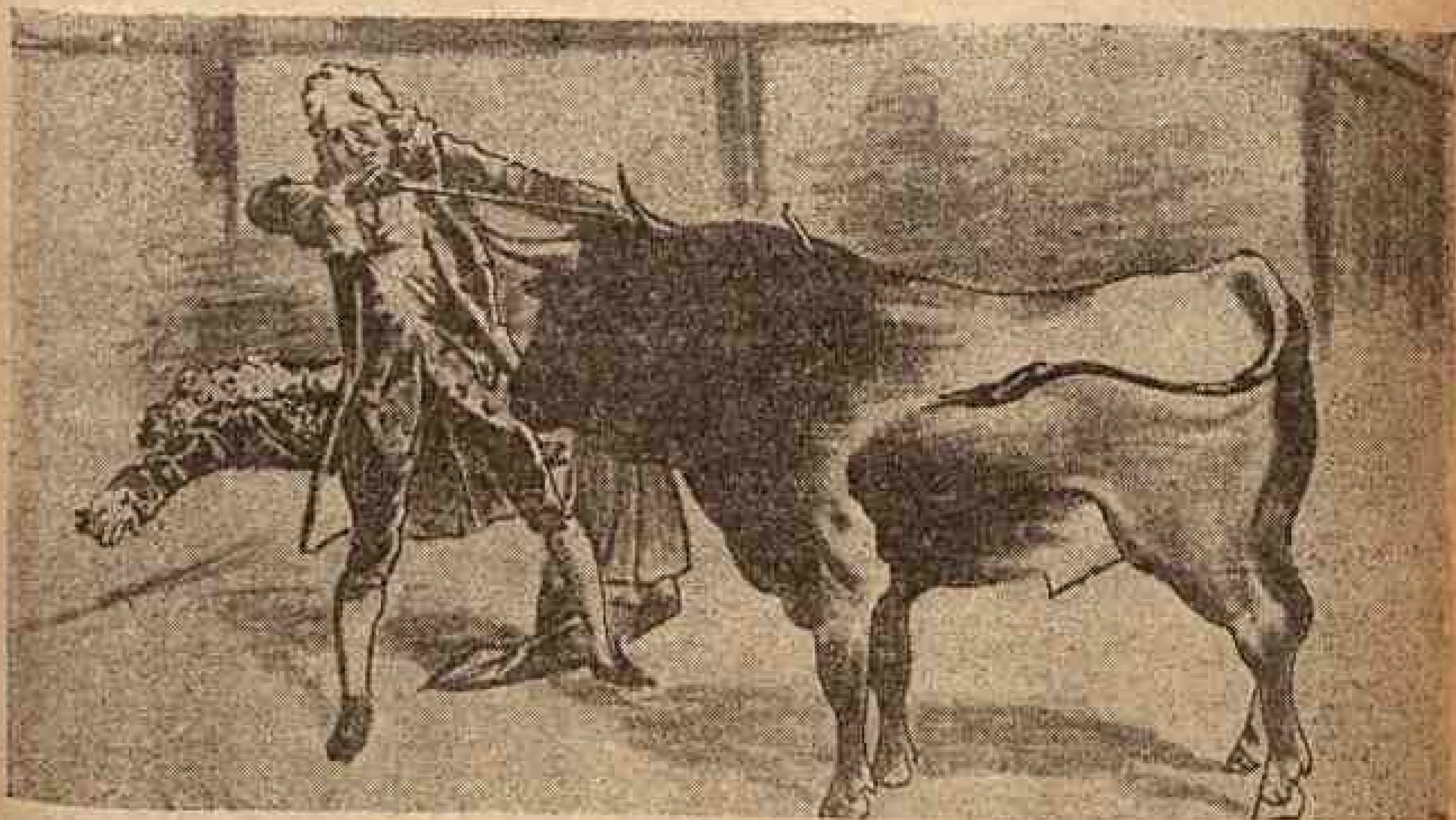
Tinham-se picado alguns bois. Abriu-se de novo a porta do curro, e um touro prêto investiu com a praça. Era um verdadeiro boi de circo. Armas compridas e reviradas nas pontas, pernas delgadas e nervosas, indício de grande ligeireza, e movimentos rápidos e bruscos, sinal de fôrça prodigiosa. Apenas tocara o centro da praça, estacou como deslumbrado, sacudiu a fronte, e, escavando a terra impaciente, soltou um mugido feroz no meio do silêncio, que sucedera às palmas e gritos dos espectadores. Dentro em pouco, os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, fugiam à velocidade espantosa do animal, e dois ou três cavalos expirantes denunciavam a sua fúria.

Nenhum dos cavaleiros se atreveu a sair contra êle. Fêz-se uma pausa. O touro pisava a arena ameaçador e parecia desafiar em vão um contendor. De repente, viu-se o conde dos Arcos firme na sela, provocar o ímpeto da fera, e a haste flexível do rojão ranger e estalar, embebendo o ferro no pescoço musculoso do boi. Um rugido tremendo, uma aclamação imensa do anfiteatro inteiro, e as vozes triunfais das trombetas e charamelas encerraram esta sorte brilhante. Quando o nobre mancebo passou a galope por baixo do camarote, diante do qual pouco antes fizera ajoelhar o cavalo, a mão alva e breve de uma dama deixou cair uma rosa e o conde, curvando-se com donaire sôbre os arções, apanhou a flor do chão sem afrouxar a carreira, levou-a aos lábios, e meteu-a no peito. Investindo depois com o touro, tornado imóvel com a raiva concentrada, rodeou-o, estreitando em volta dêle os círculos até chegar quase a pôr-lhe a mão na anca.

O mancebo desprezava o perigo, e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrôjo a arripiar a testa do touro com a ponta da lança. Precipitou-se então o animal com fúria cega e irresistível. O cavalo baqueou trespassado, e o cavaleiro, ferido na queda, não pôde levantar-se. Voltando sôbre êle o boi enraivecido, arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas armas, e não se afastou senão quando, encontrando-lhe as patas sôbre o peito, conheceu que o seu inimigo era um cadáver.

Êste doloroso lance ocorreu com a velocidade do raio. Estava já consumada a tragédia, e não havia expirado ainda o eco dos últimos aplausos.

De repente um silêncio, em que se conglomeravam milhares de agonias, emudeceu o circo. Rei, vassalos e damas, meio corpo fora dos camarotes fitavam a praça sem respirar, e erguiam logo depois a vista no céu, como para seguir a alma, que para lá voava ... sangue.



Quando o mancebo, dobado no ar, exalava a vida antes de tocar o chão, um gemido agudo, composto de soluços e chôro caía sôbre o cadáver com uma lágrima de fogo. Uma dama desmaiada nos braços de outras senhoras soltara aquêle grito estridente, derradeiro ai do coração ao rebentar no peito.

El-rei D. José, com as mãos no rosto, parecia petrificado.

A côrte desta vez acompanhava-o sinceramente na sua dor.

Mas o drama ainda não tinha concluído. Quem sabe?! O terror e a piedade iam cortar de novas mágoas o peito a todos.

O marquês de Marialva assistira a tudo do seu lugar. Revendo-se na gentileza do filho, seus olhos seguiam-lhe os movimentos, brilhando radiosos a cada sorte feliz. Logo que entrou o touro prêto carregou-se de uma nuvem o semblante do ancião. Quando o conde dos Arcos saiu a farpeá-lo, as feições do pai contraíram-se, e a sua vista não se despregou mais da arriscada luta.

De repente o velho soltou um grito sufocado e cobriu os olhos.

apertando depois as mãos na cabeça. Os seus receios haviam-se realizado. Cavalo e cavaleiro rolavam na arena, e a esperança pendia de um fio tênue! Cortou-lh'o rápidamente a morte, e o marquês, perdido o filho, luz da sua alma, ufania de suas cãs, não proferiu um palavra, não derramou uma lágrima; mas os joelhos fugiam-lhe trêmulos, e a elevada estatura inclinou-se, vergando ao pêso da mágua excruciante.

Volveu porém, em si, decorridos momentos. A lívida palidez do rosto tingiu-se de vermelhidão febril sùbitamente. Os cabelos, desgrenhados e hirtos, revolveram-se-lhe na fronte inundada de suor frio como as sêdas da juba de um leão irritado. Nos olhos amortecidos faiscou instantâneo, mas terrível, o sombrio clarão de uma cólera, em que tôdas as ânsias insofridas da vingança se acumulavam.

Em um ímpeto a presença reassumiu as proporções majestosas e erectas como se lhe coresse nas veias o sangue do mancebo que perdera. Levando por ato instintivo a mão ao lado para arrancar da espada, meneou tristemente a cabeça. A sua boa espada, cingira-a êle próprio ao filho neste dia de eterno luto.

Sem querer ouvir nada, desceu os degraus do anfiteatro, seguro e resoluto como se as neves de setenta anos lhe não branqueassem a cabeça.

Sua Majestade ordena ao Marquês de Marialva que aguarde as suas ordens! — disse um camarista detendo-o pelo braço.

O velho fidalgo estremeceu como se acordasse sobressaltado, e cravou no interlocutor os olhos desvairados, em que reluzia o fulgor concentrado de um pensamento imutável. Desviando depois a mão, que o suspendia, baixou mais dois degraus.

Sua Majestade entende que êste dia foi já bastante desgraçado e não quer perder nêle dois vassalos... O marquês desobedece as ordens de El-Rei?!...

— El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! — atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida. Aquêle é o corpo de meu filho! — e apontava para o cadáver. «Está ali! Sua Majestade pode tudo menos desarmar o braço do pai, menos desonrar os cabelos brancos do criado que o serve há tantos anos. Deixe-me passar e diga isto.

D. José vira o marquês levantar-se e percebera a sua resolução. Amava no estribeiro-mór as virtudes e a lealdade nunca desmentidas. Sabia que da sua bôca não ouvira senão a verdade, e a idéia de o perder assim era-lhe insuportável. Apenas lhe constou que êle não acedia à sua vontade, fêz-se branco, cerrou os dentes convulso, e, debruçado para fora da tribuna, aguardou em ansioso silêncio o desfecho da catástrofe.

A êsse tempo, já o marquês pisava a praça, firme e intrépido como os antigos romanos diante da morte. Dentro do peito seu coração chorava, mas os olhos áridos queimavam as lágrimas quando subiam a rebentar por êles. Primeiro do que tudo queria a vingança.

Por impulso instantâneo, todo o ajuntamento se pôs de pé. Os semblantes consternados e os olhos arrasados de água exprimiam aquela dolorosa contensão do espírito em que um sentido parece concentrar todos.

Deixai-o ir ao velho fidalgo! A mágua, que o traspassa, não tem igual. O fogo, que lhe presta vida e fôrças, é a desesperação. Deixai-o ir, e de joelhos! Saudai a majestade do infortúnio!

O pai angustiado ajoelhou junto do corpo do filho, e pousou-lhe um ósculo na fronte. Desabrochou-lhe depois o talim e cingiu-o, levantou-lhe do chão a espada, e correu-lhe a vista pelo fio e pela ponta de dois gumes. Passou depois a capa no braço e cobriu-se. Decorridos instantes estava no meio da praça e devorava o touro com a vista chamejante, provocando-o para o combate. Cortado de comoções tão cruéis, não lhe tremia o braço, e os pés arraigavam-se na arena como se um poder oculto e superior lh'os tivesse ligado repentinamente à terra.

Fêz-se no circo um silêncio gélido, tremendo e tão profundo, que poderiam ouvir-se até as pulsações do coração do marquês, se naquela alma de bronze o coração valesse mais do que a vontade.

O touro arremete contra êle... Uma e muitas vêzes o investe cego e irado, mas a destreza do marquês esquiva sempre a pancada.

Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a bôca, as pernas vergam e resvalam, e os olhos amortecem de cansaço. O ancião zomba da sua fúria. Calculando a distância, frusta-lhe todos os golpes sem recuar um passo.

O combate demora-se.

A vida dos espectadores resume-se nos olhos.

Nenhum ousa desviar a vista de cima da praça.

A imensidade da catástrofe imobiliza todos.

De súbito solta el-rei um grito, e recolhe-se para dentro da tribuna. O velho aparava a peito descoberto a marrada do touro, e quase todos ajoelharam para rezarem por alma do último marquês de Marialva.

A afiitiva pausa apenas durou momentos. Por entre as névoas, de que a pupila trêmula se embaciava, viu-se o homem crescer para a fera, a espada fuzilar nos ares, e logo após sumir-se até aos copos entre a nuca do animal. Um bramido, que atroou o circo, e o baque do corpo agigantado na arena, encerraram o extremo ato do funesto drama.

Clamores unissonos saudaram a vitória.

O marquês, que tinha dobrado o joelho com a fôrça do golpe, levanta-se mais branco do que um cadáver. Sem fazer caso dos que o rodeavam, tornou a abraçar-se com o corpo do filho, banhando-o de lágrimas e cobrindo-o de beijos.

O touro ergueu-se, e, cambaleando com a sezão da morte, veio apalpar o sitio aonde queria expirar.

Ajuntou ali os membros e deixou-se cair sem vida ao lado do cavalo do conde dos Arcos.

Nesse momento os espectadores, olhando para a tribuna real, estremeceram. El-rei, de pé e muito pálido, tinha junto de si o marquês de Pombal, coberto de pó e com sinais de ter viajado depressa.

Sebastião José de Carvalho, voltava de propósito as costas à praça, falando com o monarca. Punia assim a barbaridade do circo.

— Temos guerra com a Espanha, senhor. E' inevitável. Vossa Majestade não pode consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos. Se continuássemos neste caminho... cedo iria Portugal à vela.

— Foi a última corrida, marquês. A morte do Conde dos Arcos acabou os touros reais enquanto eu reinar.

— Assim o espero da sabedoria de Vossa Majestade. Não há tanta gente nos seus reinos, que possa dar-se um homem por um touro. El-rei consente que vá em seu nome consolar o Marquês de Marialva?

— Vá! E' pai. Sabe o que há de dizer-lhe...

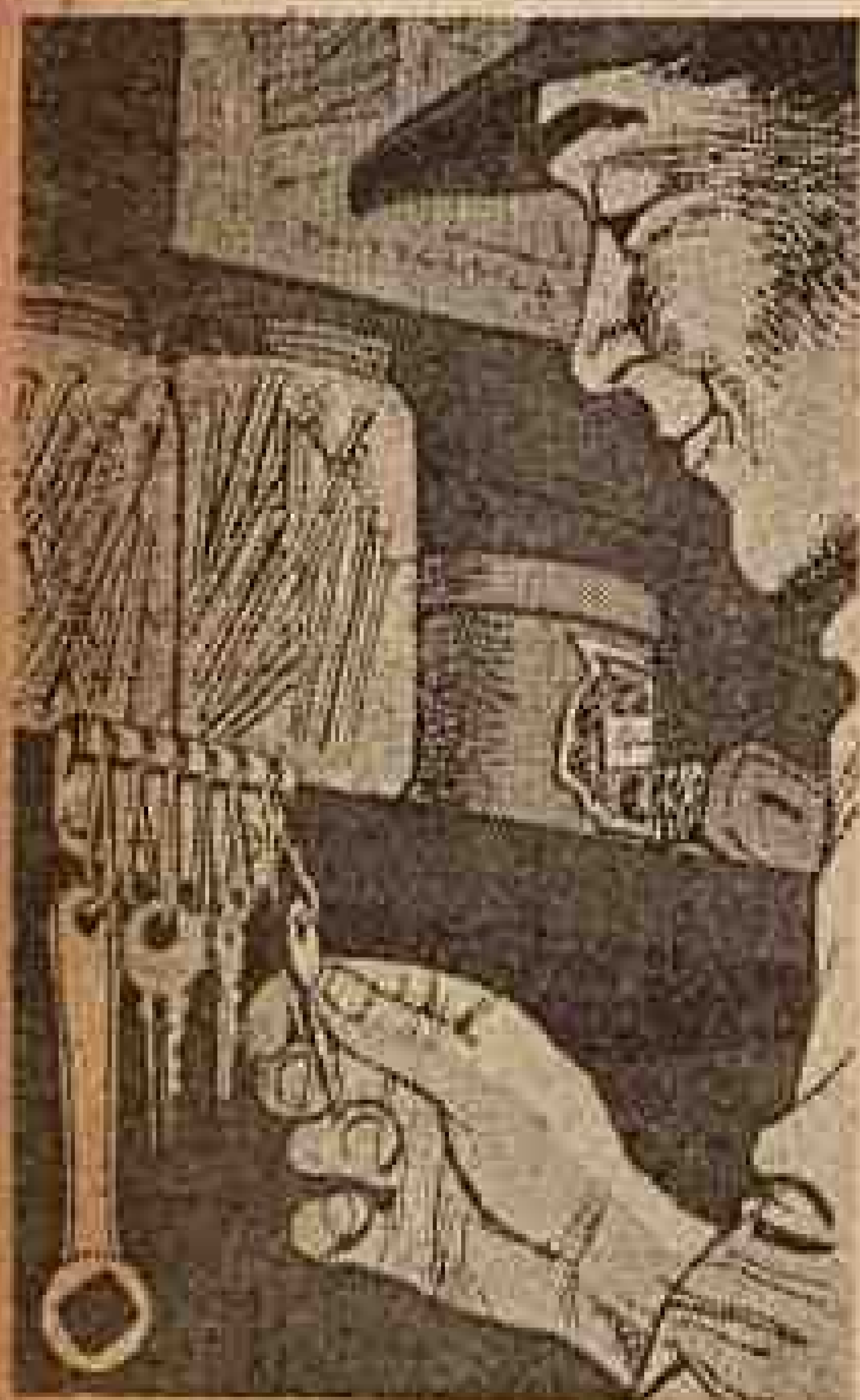
— O mesmo que êle me diria a mim, se Henrique estivesse como está o conde.

El-rei saiu da tribuna, e o marquês de Pombal, entrando na praça em tôda a majestade de sua elevada estatura, levantou nos braços o velho fidalgo, dizendo-lhe com voz meiga e triste:

— Senhor marquês! Os portuguêses como Vossa Excelência são para darem exemplos de grandeza d'alma e não para os receberem. Tinha um filho e Deus levou-lh'o. Altos juizos seus! A Espanha declara-nos a guera, e El-rei, meu amo e meu senhor, precisa do conselho e da espada de Vossa Excelência.

E travando-lhe da mão, levou-o quase nos braços até o meterem na carruagem.

D. José I cumpriu a palavra dada ao seu ministro. No seu reinado nunca mais se picaram touros reais em Salvaterra.

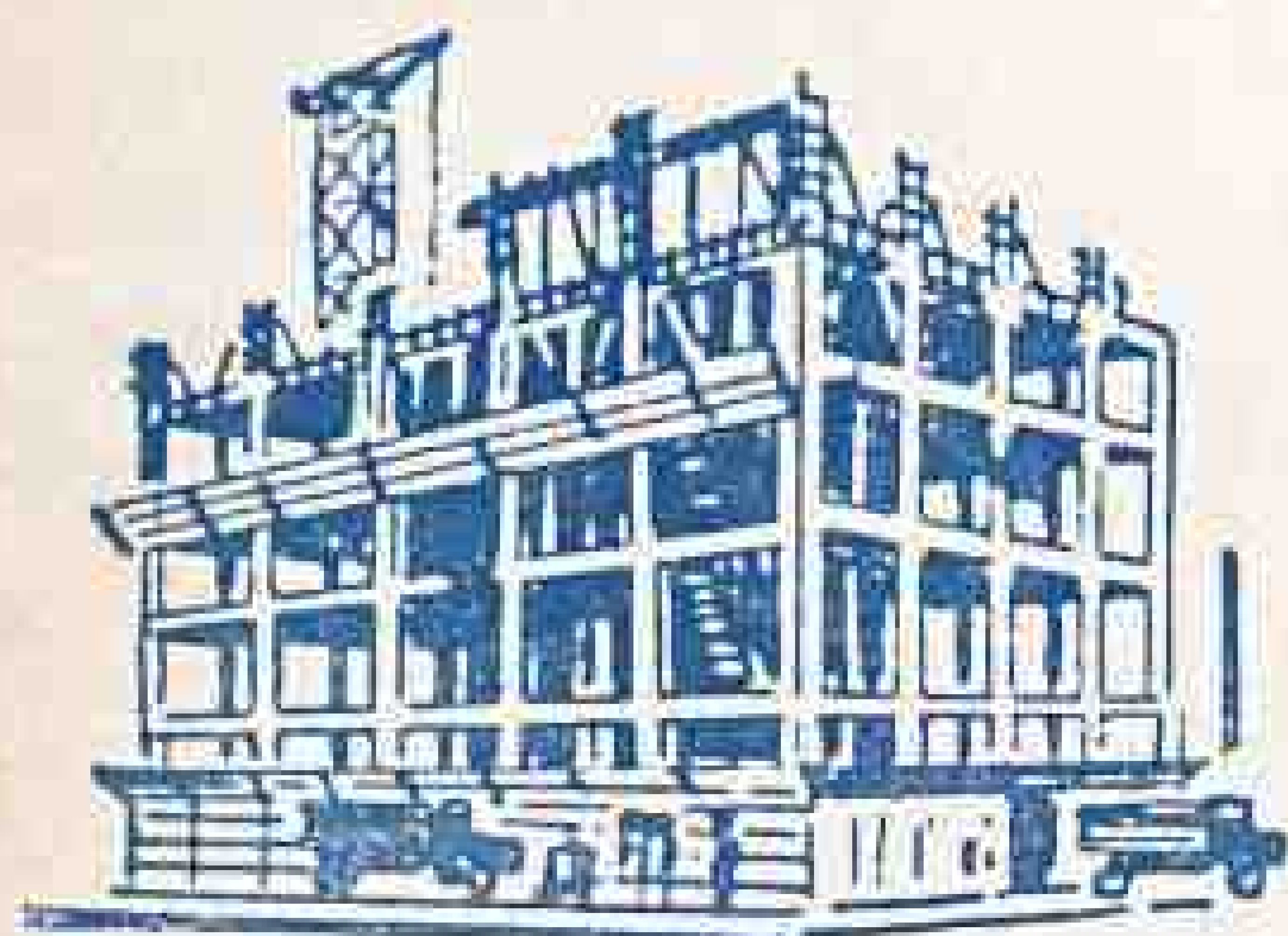


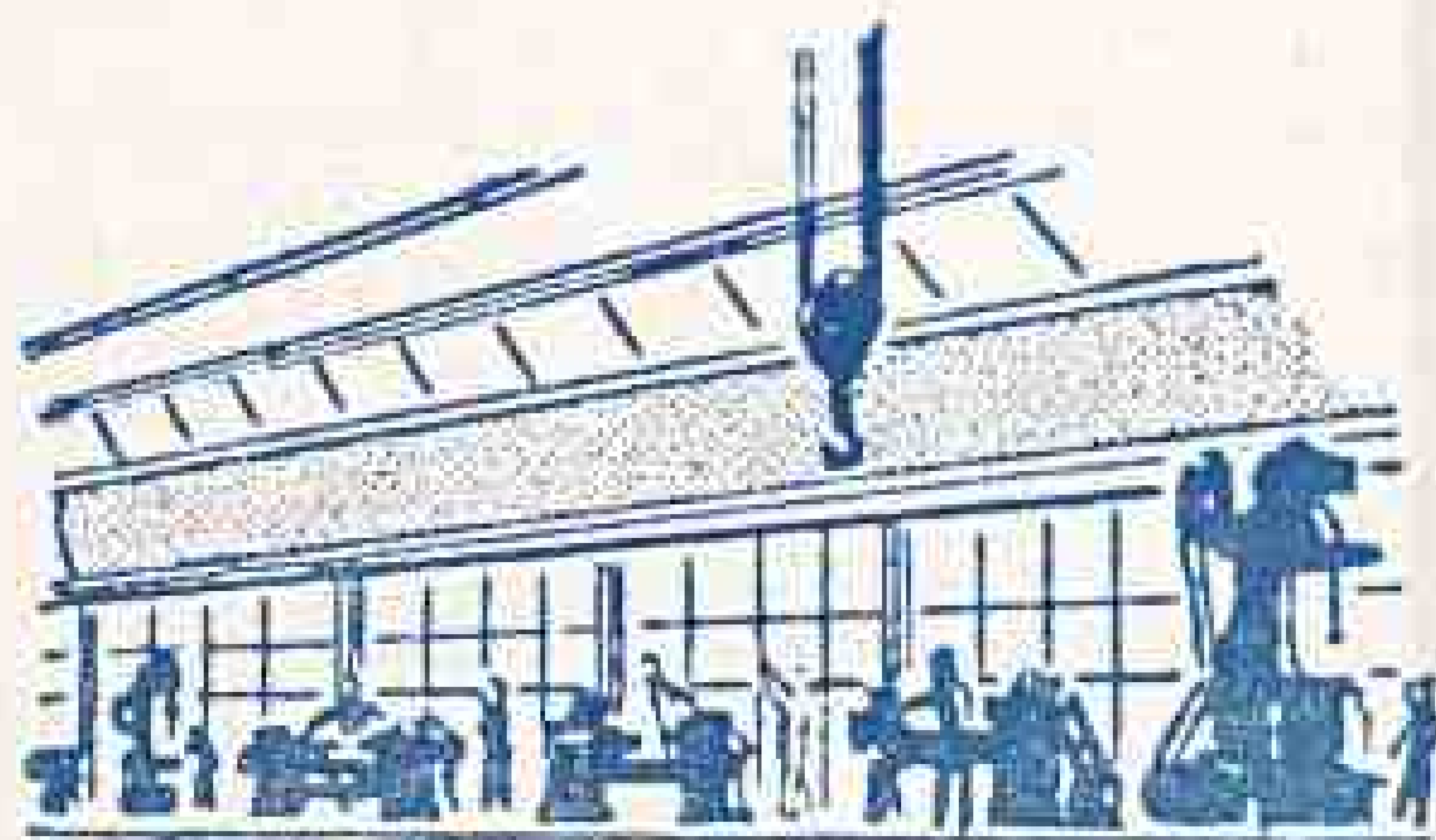
QUANDO O COURO de um porta-chaves se estraga, não jogue fora a parte metálica com os ganchos próprios para sustentar as chaves. Segundo indica a gravura, serve para prender chaves e outros objetos pequenos... depois de pregar-se ao bordo de uma prateleira.



CONSELHOS PATERNOS (detalhe de um quadro de Terborch) Gérard Terborch, grande observador da indumentária e dos interiores históricos no faustoso mundo dos mercadores holandeses, não dispensava a elegância dos menores detalhes.

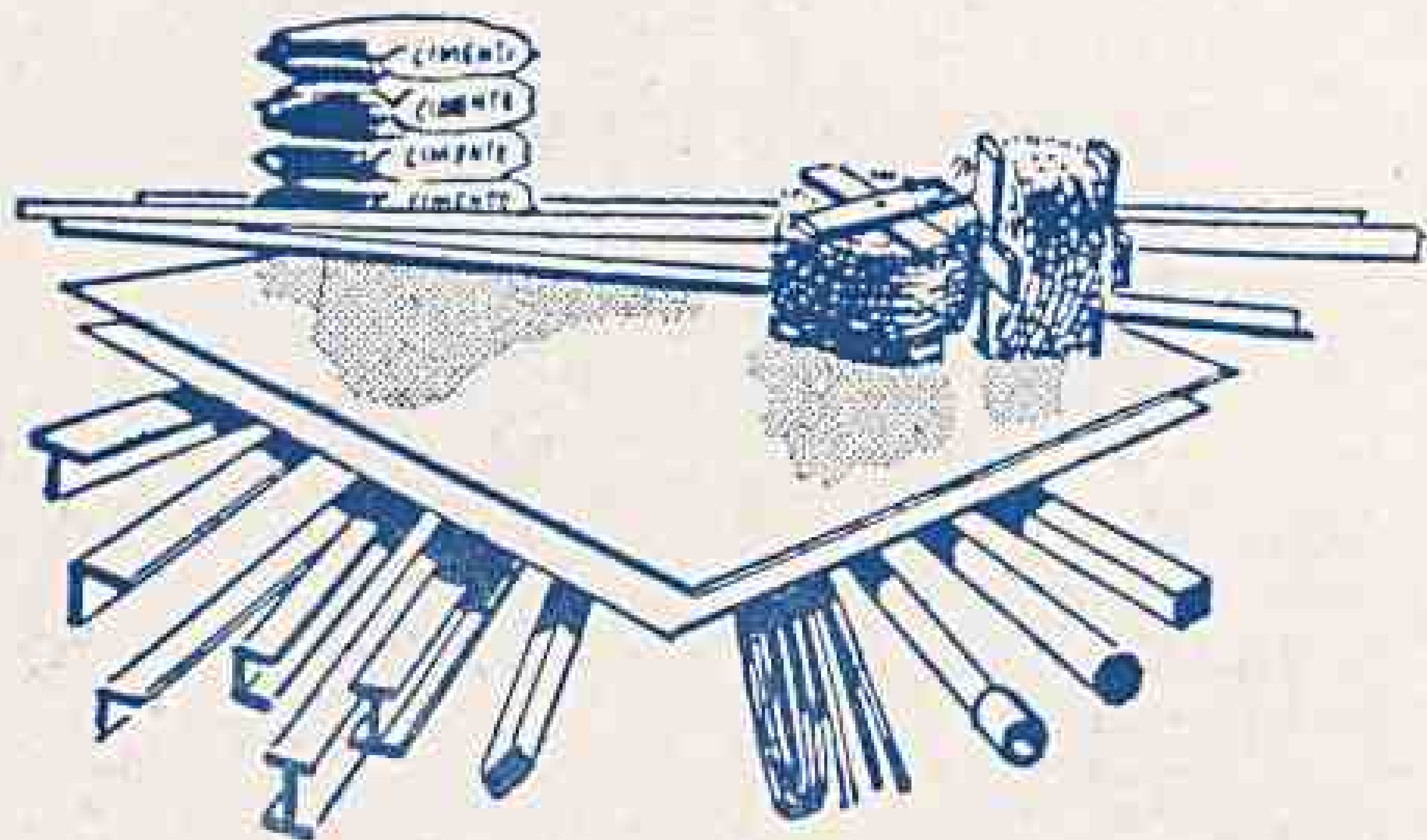
PARA CONSTRUÇÕES - PARA A INDÚSTRIA





Estóque permanente de Cimentos estrangeiros, Portland e branco, Cimento Mauá (distribuição) — Ferro redondo para construção — Tubos pretos e galvanizados para água e gás — Tubos electrodutos — Conexões galvanizadas — Pregos, canos de chumbo, cobre em bobinas — Pás, picaretas, enxadas, baldes, carrinhos etc. — Aço chato para molas, aço oitavado para brocas — Eixos polidos — Chapas pretas e galvanizadas — Folha de flandres — Ferros chato, quadrado, redondo, cantoneira e T — Vigas U e I — Arame farpado, grampos para cêrca — Perfís especiais para venezianas, portas pantográficas e para vasilhame de leite — Tubos para caldeira, tubos leves para móveis.

O MAIOR ESTÓQUE DE VIGAS DO PAÍS



MACIFE S/A, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

SEDE: A. Presidente Vargas, 509, 2.º pav. Fone: 23-2151 (rêde int.) — **Rio de Janeiro** FILIAL: — Niterói — Rua Benjamin Constant, 231 — Fone: 6648

End. Tel.: MACIFE - Caixa Postal, 1201 DEPÓSITOS: Praça Marechal Hermes, 10 Fone: 43-4661 — Avenida Brasil, 1852 — Fone: 48-7387.

REPRESENTANTES EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

A PESCA do HERÓI

COMÉDIA EM 1 ATO
Arranjo de
GABRIEL TIMMORY
da peça norte-americana de
PERCIVAL WILDE



Personagens:

ÊLE
ELA
PEDRO

A ação se desenrola nos Estados Unidos, mais exatamente, no Estado do Maine. Um canto tranquilo num bosque, na proximidade de um hotel de veraneio. Dia esplêndido, de sol magnífico. Uma trilha cruza o palco; no centro do seu percurso, um tronco de árvore, caído e coberto de musgo. Distingue-se, graças a uma abertura na folhagem, que há um lago não muito distante.

De início ouve-se apenas o canto de um pássaro, a seguir, de muitos pássaros, além do ruído característico do vento sôbre a folhagem. Depois, repentinamente — e a curta distância — e ruído de queda de um corpo à água e, imediatamente após, o grito desesperado de uma mulher que se afoga:

— Socorro! Socorro! Socorro!

A seguir, pela vereda, vem o ruído de galhos pisados e quebrados, enquanto outra voz, esta de homem, pergunta em voz forte:

— Quem grita? Onde se encontra?

A voz da mulher, responde, angustiada:

— Aqui! Socorro! Socorro!

Novos ruídos de pés pisando sôbre galhos que se partem com estalidos característicos.

— Lá vou! Lá vou! Coragem! — volta a gritar a voz do homem. Novo ruído de queda de outro corpo à água. Silêncio e, depois de um tempo:

ÊLE **(entrando, roupa e cabelos molhados, tendo nos braços uma mulher muito moça e, como êle próprio, com a roupa encharcada)** — Ah! Pobre moça! Vamos deitá-la aqui mesmo **(deita-a sôbre o solo)**. Assim... Oh! Estou com as mãos molhadas... Onde estará o meu lenço? Ah! No meu bôlso, é claro... Mas está ainda mais molhado que as minhas mãos. Irra! **(Lança-o longe. Curvando-se, depois, para examinar a desconhecida).** Ela não se move... **(Inquieto)** Essa agora! **(ajoelha-se perto dela e cola a orelha contra o peito da moça desfalecida; depois parece mais tranquilo)** Ela respira... Ainda bem... E se eu retirasse êste paletó molhado? Como está não é possível ficar com êle. **(Levanta-se e vai pousá-lo sôbre o tronco de árvore).** Assim secará depressa... Olá! E a pequena que não volta a si? Vamos tentar alguns movimentos respiratórios, com os braços. **(Ajoelha-se outra vez, agora à cabeceira da desconhecida, e entra a mover-lhe os braços, ritimadamente, contando em voz alta. Ao chegar a dez, cessa os movimentos).** Seria melhor friccionar-lhe também os pés... Vamos descalçá-la. **(Retira os sapatos da desconhecida)** Agora, a fricção... Muito bem... Auscultemos mais uma vez... **(volta a ouvir o coração).** Está funcionando. **(Ela levanta um braço e passa-o em redor do pescoço do seu salvador)** Oh! Que faz ela? Passa o braço em redor do meu pescoço! Não é desagradável, mas não... não fica bem... **(Fica curvado sôbre ela).**

ELA **(com voz fraca)** — Mamãe!

ÊLE — Hein?

ELA — Mamãe querida!

ÊLE — Se, ao menos, eu pudesse levantar-me...

ELA — Estou tão contente por você ter vindo... Beija-me, mamãe!

ÊLE **(tentando levantar-se)** — Que tem ela?... Agarrou-me com fôrça!

ELA **(Sem afrouxar o braço)** — Beija-me.

ÊLE — Mas não sou sua mãe...

ELA **(queixosa)** — Não me beija, mamãe? **(Depois**

FALSOS SINÔNIMOS

DECÔRO — DIGNIDADE

Estas palavras indicam idéias de superioridade, manifestadas e mantidas com atitudes, ações e palavras.

O decôro consiste em proceder com a maior reflexão e cuidado em tudo o que se faz ou se diz, de maneira que aumente a autoridade e a consideração pessoais.

Decôro significa, pois, circunspecção, gravidade, medida, respeito, honra, e estimação.

Conduta decorosa é aquela que manifesta decôro e pudor.

A dignidade é qualidade que dá realce a uma pessoa devido ao emprêgo, à condecoração ou ao cargo que desempenha.

A dignidade recai sôbre quem tem proceder digno. Então é apreciada e respeitada por quantos conhecem o mérito.

Estas expressões se diferenciam do seguinte modo: o decôro é manifestar respeito pela opinião pública; a dignidade se refere ao respeito que devemos ter com o cargo que desempenhamos.

★

NÃO ACREDITE MUITO NO QUE DIZEM OS SEUS OLHOS



..Qual das duas latas a senhora compraria, em igualdade de preço? Ambas têm o mesmo volume. Entretanto, em 90% dos casos uma «esperta» dona de casa comprará a mais baixa e mais larga, convencida de que compra mais pelo mesmo dinheiro!

★

Uma coisa que muitas vêzes sucede quando se está a coser, é a linha dar nós a miúdo, o que faz perder o tempo e a paciência. A razão disto é que a linha tem um sentido que se não deve contrariar. E' conveniente, pois, fazer o nó na extremidade da linha e enfiar em seguida a agulha do lado oposto, isto é, do lado em que foi cortada. Assim tudo irá bem.

★

PARA TIRAR MANCHAS DA PELE OU UNHAS

Deita-se uma colher de sumo de limão numa chávena de água morna e com esta mistura lava-se a parte manchada.

Contra as manchas brancas das unhas, também dá bom resultado esfregá-las com uma esponja embebida numa solução de 10 por cento de persulfato de amônio em água distilada.

★

PARA CONSERVAR OS IMPERMEÁVEIS

Para que os impermeáveis retomem a primitiva flexibilidade, metem-se num banho de água muito quente, ou submetem-se à ação do vapor de água. Se, mesmo assim, não se conseguir o que se deseja, embebe-se uma esponja em benzina, passa-se com ela rápidamente o impermeável pelo avêsso e logo a seguir passa-se outra esponja embebida em glicerina. Minutos depois enxuga-se com um pano.

de se certificar de que ninguém o vê, êle a beija com boa vontade e satisfação).

ELA — Ahhh! Que bom! **(estremece).** Abraça-me bem, mamãe... Bem apertado... Acabo de ter um sonho terrível!

ÊLE — Mas, santo Deus, a senhorita... você não sonhou...

ELA — Sim; sonhei, sim!... Foi... **(êle a levanta a meio; agora sentada, ela se interrompe bruscamente, abre os olhos, olhando em redor de si)** Onde estou? Onde estou?

ÊLE **(surpreendido)** — Então... não sabe?

ELA — Não.

ÊLE — Eu lhe darei as informações completas **(No tom de um guia conduzindo turistas):** estamos a aproximadamente meia milha do Hotel de Poland Springs, em Poland Springs, Estado do Maine, Estados Unidos da América do Norte.

ELA **(em tom vago)** Ah! **(Um tempo)** Mas, o senhor... Como veio até aqui?

ÊLE **(ar indiferente)** — Simplesmente passeando.

ELA — O senhor... O senhor mora neste bosque?

ÊLE — Não... justamente. Pertinho! No hotel... Ali cheguei esta manhã. Fazia calor, um calor pavoroso... Vim procurar ar fresco sob estas árvores.

ELA — Foi boa idéia... Mas... E então?

ÊLE — Então que?

ELA — Que aconteceu? Como nos encontramos?

ÊLE — Não sabe, realmente?

ELA — Não me lembro de nada. Tudo está confuso em minha mente. **(Levanta-se, repentinamente, estupefacta)** Oh! Meus sapatos! Onde estão os meus sapatos? **(Senta-se no tronco de árvore).**

ÊLE **(apanhando-os)** — Não se assuste... Estão aqui.

ELA — Obrigada. **(Examina-os)** — Mas... Não são os meus sapatos!

ÊLE **(com delicadeza fleumática)** — E' boa... Por que não são os seus sapatos?

ELA — Êstes estão molhados!

ÊLE — Mas... Justamente! Êles só podiam estar molhados!

ELA — Portanto... **(risonha)** não são os meus...

ÊLE — No entanto... eu os tirei dos seus pés, senhorita!

ELA — Tem certeza?

ÊLE — Sou capaz de jurar **(depois de refletir)** — E mesmo, senão estou enganado, tirei um de cada pé.

ELA — E' curioso! **(Experimenta calçar um pé)** Está vendo? Não entra no pé...

ÊLE — Pois claro... Encolheram.

ELA — Por que?

ÊLE — Por causa da água, é claro.

ELA — De que água?

ÊLE — Da água do lago.

ELA — Há algum lago? Onde?

ÊLE — No bosque.

ELA — Acha que isso é lugar?

ÊLE — Perdão, senhorita. Não me consultaram antes, sôbre isso.

ELA — A mim também não... E mesmo nem sei por que me falo dêle.

ÊLE — Muito simples. Vai compreender num instante... Há poucos minutos...

ELA **(interrompendo-o)** — Em vez de falar tanto, por que não pensa um pouco em me ajudar?

ÊLE **(resignado)** — Como quiser.

ELA **(enquanto êle a ampara, apalpa-se seguidamente)** — Oh!

ÊLE — Magoei-a?

ELA **(Estupefacta)** — Minhas roupas... Também estão molhadas!

ÊLE — Naturalmente.

ELA — Que engraçado! **(observando-o também)** Mas o senhor também, está molhado!

ÊLE — Isso a surpreende?

ELA — Pois claro... Que coincidência! Estamos molhados, os dois! Há cada acaso... Não sei como me explicar... **(Um tempo)** Se eu pudesse, ao menos, reunir um pouco as minhas idéias... Mas como encontrá-las? **(Êle se levanta e espera, polidamente)** Por que o senhor se levanta?

ÊLE — Para ir procurá-las...

ELA — Acha que esta é uma ocasião para brincadeiras? O senhor deve muito bem saber o que me aconteceu.

ÊLE — E' justamente o que lhe quero contar, mas não me deixou falar até ao momento.

ELA — Eu? Que idéia! Pois se quase nem tenho falado... Estou só ouvindo!

ÊLE — Pois bem; foi assim: eu passeava pelo bosque. Repentinamente ouvi o ruído de uma queda dentro d'água...

ELA **(interrompendo o que êle dizia)** — Uma queda! Compreendo... Não diga mais nada! Recordo-me de tudo! **(com voz angustiada)** Sim... Foi horrível... Fazia calor no hotel. Saí para ir sentar um pouco à beira do lago, sobre um rochedo... Eu lia um livro... Devo ter adormecido e caído...



ÊLE — Sim... Gritou!

ELA — Naturalmente... Gritei, sim, pois que me afogava!

ÊLE — Ouvi os seus gritos.

ELA — Sim, mas primeiro merguIhei até muito fundo. Senti que mergulhava, mergulhava sempre, milhares e milhares de metros... Parecia não acabar mais... Sentia como se muitas mãos me agarrassem e arrastassem para o fundo... Gritei mais uma vez. Então... Então senti um braço vigoroso em rodor da minha cintura. Uma vertigem me invadiu... Um zumbido forte encheu os meus ouvidos... O resto ignoro!

ÊLE — Evidentemente, não estava bem...

ELA **(erguendo-se)** — E foi o senhor? O senhor! **(com admiração)** Foi o senhor quem se lançou à água!

ÊLE **(modesto e como se desculpando)** — Como disse, foi por acaso. Eu passava...

ELA **(Com entusiasmo crescente)** — Ah! Como poderei agradecer pelo que me fêz? Salvou a minha vida! Um ato heróico! E nem parece compreender o ato de bravura que praticou... Oh! O senhor é um herói! E' até mais que isso: E' o **meu** herói! **(Lança os dois braços em redor do pescoço dêle).**

ÊLE **(falando para o público)** — Ora essa! Será um hábito?

ELA — Que diz?

ÊLE — Passar os braços assim em redor do meu pescoço.

ELA — E isso o aborrece?

ÊLE — Agrada-me.

ELA — Quero olhar bem para os seus olhos. Praticou uma proeza magnífica! Jamais poderei pagar-lhe pelo que me fêz... Nem que viva centenas de anos! Sinto-me na obrigação de lhe dar um beijo **(Beija-o ardentemente).**

ÊLE **(calmo)** — E' o segundo!

ELA — Segundo o que?

ÊLE — Sim. O primeiro beijo... fui eu quem lhe deu.

ELA — O senhor?

ÊLE — Sim, eu mesmo.

ELA **(retirando vivamente seus braços)** — Quando foi?

ÊLE — Há poucos instantes.

ELA — Enquanto eu estava sem sentidos?

ÊLE — Justamente.

ELA — Como se atreveu?

ÊLE **(apanhando o paletó)** — Porque assim me pediu. **(apanha no bôlso a cigarreira).**

ELA **(incrédula)** — Eu?

ÊLE — Isso mesmo.

ELA — E' espantoso.

ÊLE — A senhorita murmurava: **"Mamãe, mamãe... Beija-me!" (Apanha um um cigarro, verifica com prazer que está sêco e leva-o à bôca).** Não se incomoda com a fumaça?

ELA — Quer dizer que eu chamei "mamãe"?

ÊLE — Foi a primeira coisa que disse. **(Retira, com calma, uma caixa de fósforos do bôlso da calça).**

ELA **(com fôrça)** — Isso não o autorizava a me beijar!

A PÁTRIA DE ABRAÃO

Ur, dos dumerianos, e que mais tarde, na sua longa história, passou a ser uma cidade da Caldéia, era considerada pelos babilônicos como uma das primeiras mansões da humanidade, opinião que não deixa de ter fundamento.

Em tempos remotíssimos, na Idade da Pedra, existiu um povoado que alcançou maior desenvolvimento na Idade do Bronze, edificando choças e casas de barro, decaindo depois, até acabar num montão de escombros, no vale de Eufrates.

Ur passou a ser uma cidade abandonada, uma cidade em uma colina, com o **barro sagrado** nos pés...

Três mil anos antes de Cristo, Ur, passou a ser um feudo do reino de Lagash.

Conserva-se um documento daqueles tempos: uma estátua de Eutemena (2.900 anos A. C.), o último dos reis de Lagash, que eram também



A estátua sem cabeça de Eutemena

senhores de Ur; a estátua foi encontrada numa das portas da «temenos» e não tem cabeça, que desapareceu, talvez, quando Ur se rebelou contra os seus senhores estrangeiros; aparece coberta com uma túnica de pele de carneiro com as dobras muito trabalhadas, assim como a cauda, que pende da cintura. Nos ombros há uma grande inscrição em sumeriano com o nome do monarca e sua genealogia.

Esta mutilada e venerável relíquia parece ter estado no «zigurat» ou tôrre, onde a mandou colocar Nabonido, último rei da Babilônia e o primeiro arqueólogo da história.

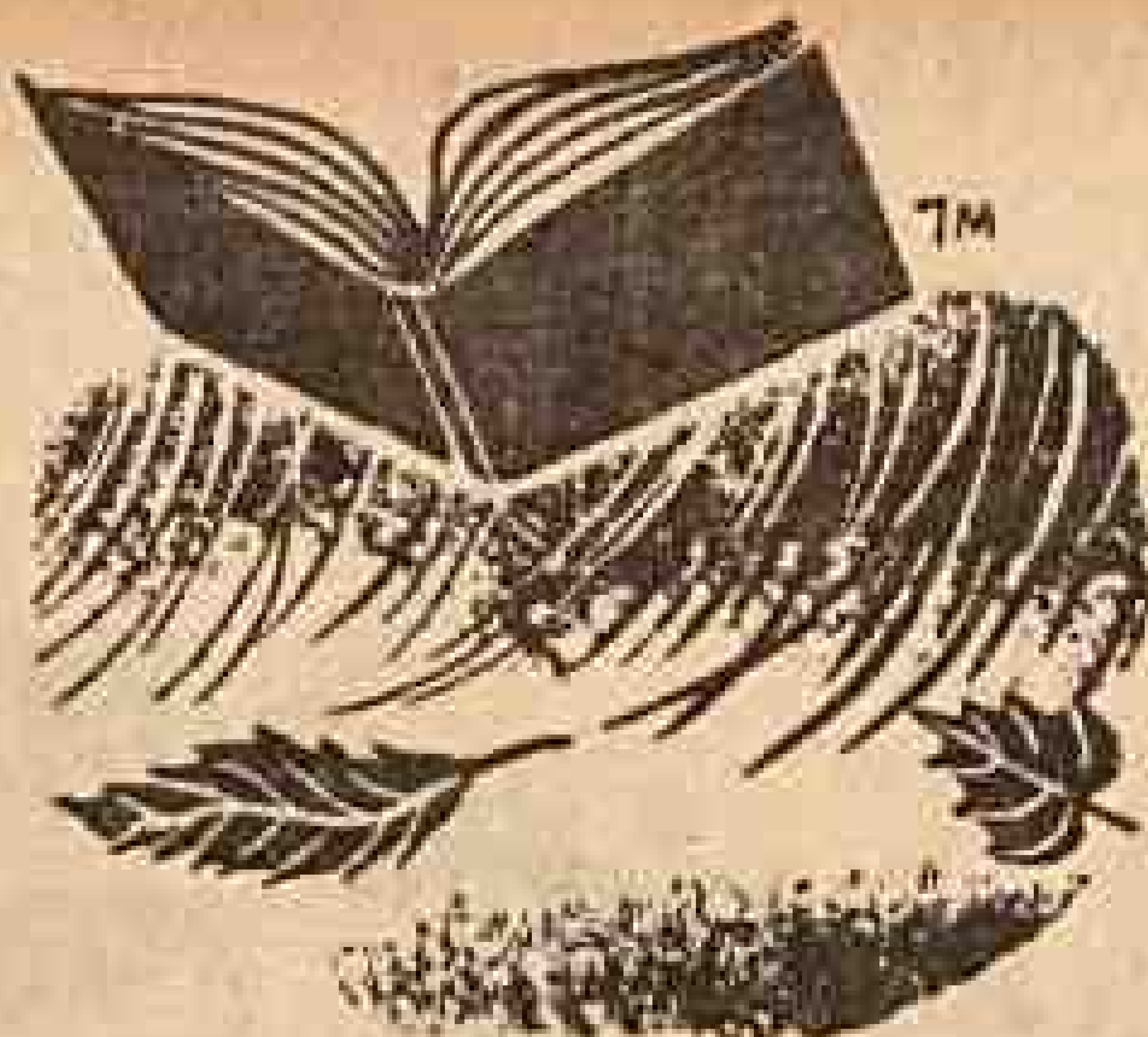
No decorrer do ano 2.000 A. C., estabeleceu-se a primeira dinastia na cidade de Ur, sendo seu fundador, Ur-Eugur, que se ocupou de engrandecer a capital. Construiu uma grande muralha ao redor da cidade e, dentro desta outra, que defendia o antigo bairro do templo e o palácio real, formando um retângulo de uns cento e trinta metros de comprimento por setenta de largura. Neste «temenos» têm feito os sábios importantes excavações e descobrimentos.

As muralhas, de ladrilhos, têm muitos nichos verticais, de uns três metros de espessura compreendendo uma série de câmaras de mais de quatro metros de largura, sendo assim a sua largura total de aproximadamente dez metros. Em alguns lugares está ainda hoje em muito bom estado.

Nas portas e portões foram encontradas numerosas inscrições com os nomes dos monarcas que as construiram e que contribuiram para as suas reparações. O neto de Ur-Eugur, Bur Sir, é o primeiro; no último nicho está o nome de Ciro, o Grande; assim a muralha desempenhou sua missão, pelo menos durante dois mil anos.

No ângulo ocidental do «temenos» erguia-se o «zigurat», sólida e alta tôrre de quatro andares que dominava a cidade. Por meio de uma escada chegava-se à plataforma do primeiro corpo e dali partia uma rampa que chegava até em cima, onde se encontrava um pequeno altar. Todo êle era feito de ladrilhos muito resistentes, e na sua confecção intervieram Ur-Eugur e seu filho Dungri.

Dois mil anos depois, Nabonido adornou parte da fachada da muralha com ladrilhos esmaltados e estátuas, uma das quais é a de que falamos.



ÊLE — Sim... **(Tenta riscar um fósforo)** Dá licença?

ELA **(indignada)** — Não, senhor!

ÊLE — Não permite que eu acenda o cigarro?

ELA — Não me refiro a isso.

ÊLE **(depois de várias tentativas infrutíferas)** — Aliás os fósforos estão molhados.

ELA — Não desvie a conversa, por favor! O senhor agiu muito mal!

ÊLE — Eu tentei explicar que não era a sua mamãezinha; mas a senhorita não me quis ouvir... Parecia saber mais do que eu. **(Joga fora o cigarro)** Chegou mesmo a insistir. Compreende... Eu não podia fazer outra coisa.

ELA **(faceira)** — E por que, se me faz o favor?

ÊLE **(para iniciar um "flirt")** —Ora... Isso é fácil de compreender... **(hesita)**

ELA — Pois não compreendo...

ÊLE **(Sempre hesitante)** — E' que...

ELA **(convidativa aproximando-se dêle)** — Então...?

ÊLE — A senhorita é bonita; muito bonita mesmo!

ELA — O senhor exagera.

ÊLE — Não. Palavra!

ELA — O senhor não passa de um lisonjeador.

ÊLE — Um lisonjeador sincero... Além do mais estávamos sós. As boas ocasiões não aparecem assim, todos os dias; são até muito raras. E é isso que torna a vida monótona... E como a senhorita não fazia qualquer objeção...

ELA **(pudicamente)** — Eu não podia... Pois se estava sem sentidos!

ÊLE — Tem razão. Mas deve compreender... Sou homem. O sexo fraco é sempre tentador... E a senhorita tanto pedia que a beijasse! E' claro, a coisa não era assim tão penosa... Por isso eu a beijei!

ELA — Repugnante!

ÊLE — Não achei...

ELA — Quantas vêzes?

ÊLE — Hein?

ELA — Quantas vêzes me beijou?

ÊLE — Uma vez... Uma vezinha só.

ELA — Só uma?

ÊLE **(Sorridente)** — Sim... Quase nem vale a pena falar!

ELA **(tomando-lhe as mãos)** — Tem razão. Não é preciso se preocupar por uma coisa tão ligeira! **(Magnânima)** Está perdoado!

ÊLE — Obrigado.

ELA **(animadora)** — Em suma, um só beijo por me haver salvado a vida, até não foi muito...

ÊLE — Não é mesmo? Preçozinho camarada...

ELA **(entusiasmando-se pouco a pouco)** — Devo-lhe muito mais que isso!

ÊLE **(sem um gesto)** — Acha, hein?

ELA **(aproximando o rosto um pouquinho mais)** — Acho. **(Um tempo)** Acho sim **(Êle não a beija. Despeitada)** O senhor...

O senhor deve estar cansado. (**Puxando-o pela mão**) Venha sentar-se ao meu lado nesta árvore.

ÊLE — Com prazer...

★

ELA — Agora é preciso que me diga quem é o senhor. Imagine só! Sem o senhor, onde estaria eu? No lago. No fundo do lago! Ou entre duas águas! Horrível, hein? Morrer, assim, em plena tragédia! Eu! Eu, principalmente porque uma outra qualquer não me aborreceria tanto! E' muito natural que eu queira saber quem é o meu salvador...

ÊLE (**ar embaraçado**) — Não gosto muito de revelar quem sou...

ELA (**para o encorajar**) — O senhor é **muito** moço, não é verdade?

ÊLE — Creio que isso é coisa que se vê.

ELA — Sim, sim, mas gostaria de saber exatamente a sua idade.

ÊLE — Trinta e um.

ELA — Feitos?

ÊLE — Sim. Em novembro.

ELA (**com desenvoltura**) — Pois eu tenho só vinte!

ÊLE — Pois não parece.

ELA (**lisonjeada**) — Não?

ÊLE — Eu lhe daria uns vinte e cinco.

ELA — Hein?

ÊLE (**vivamente**) — Incompletos!

ELA (**irritada**) — Mas tenho só vinte anos. E isso chega para mim!

ÊLE — Para mim também.

ELA — Em suma, nossas idades estão em boa proporção...

ÊLE — Onze anos. É a idade ideal.

ELA (**retificando**) — Dez anos e meio.

ÊLE — Como assim?

ELA — Nasci em junho.

ÊLE (**doutoral**) — Oh! E' muito melhor.

ELA — O senhor acha... Lord Brookfield?

ÊLE (**surpreendido ou fingindo estar**) — Como disse?

ELA — Lord Brookfield.

ÊLE — Como sabe o meu nome?

ELA — Não sou tão bôba assim...

ÊLE — Reconheceu-me?

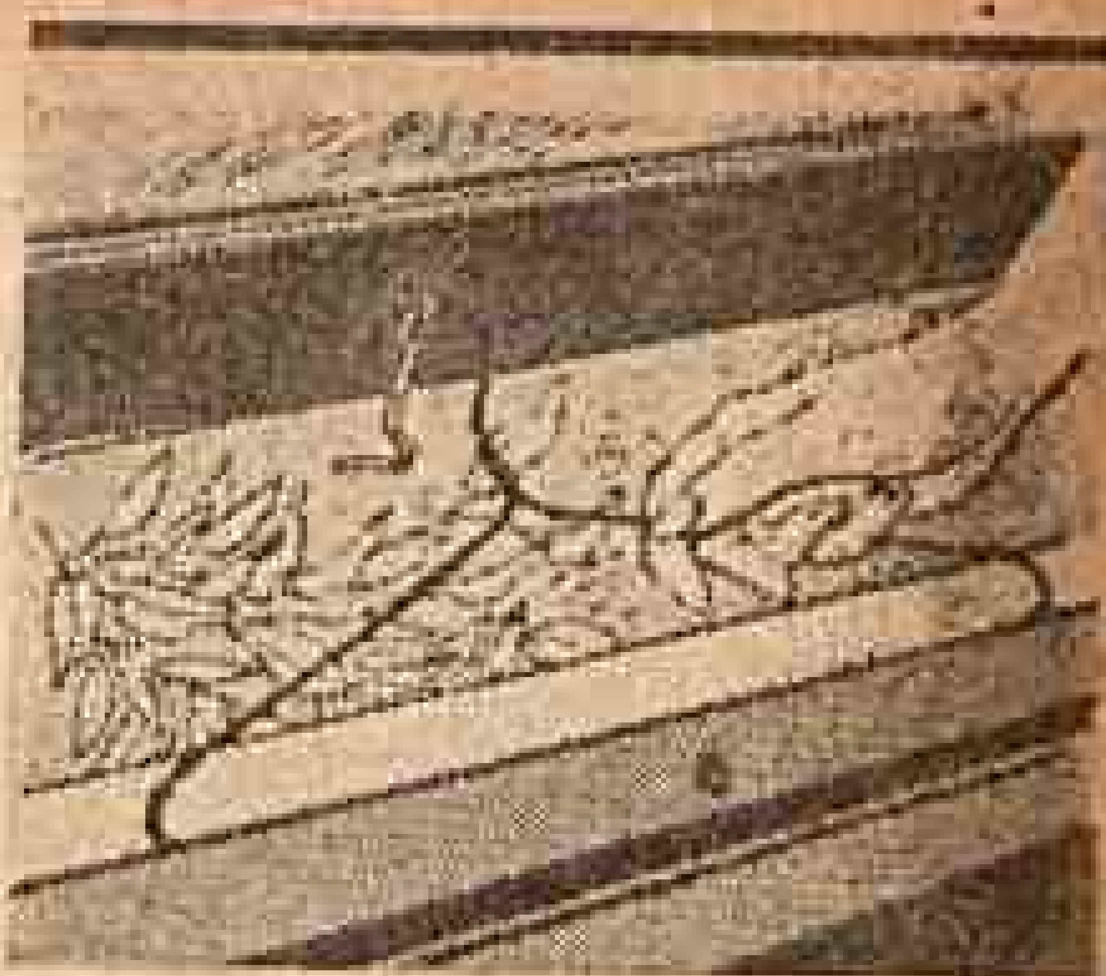
ELA — Nunca o tinha visto, antes.

ÊLE — Nem mesmo em fotografia?

ELA — Nem mesmo assim.

ÊLE — Então, como foi?





UM CABIDE COMUM DE ARAME, é de grande utilidade para sustentar a «meia-altura» uma janela de «guilhotina», desde que se dê ao gancho a forma necessária para encaixar no aro da própria janela.

✶

VOCABULARIO MEDICO

ALBINISMO — Denomina-se albinismo a ausência total ou parcial do pigmento no organismo, ficando por isso a pele, bem como os cabelos e o íris sem a coloração normal. Aparece sem causas conhecidas, sobretudo nas pessoas idosas, de preferência no dorso da mão. No princípio aparecem manchas brancas, pequenas, mas não tardam a aumentar de tamanho, tornando brancos os cabelos e pêlos das partes interessadas. Algumas vêzes o fenômeno coincide com transtornos intestinais ou com um tumor abdominal. Em certos casos aparece logo após um susto, uma comoção, etc..

outras devem estar enterradas sob os ladrilhos e escombros da tôrre em ruinas.

Aos pés do «zigurat» há restos de vários templos, sendo um dos principais o do deus-da-Lua, Nannar, onde se encontrou uma estátua de Ur-Eugur, tendo sido descoberto ainda ao lado do santuário, os aposentos do grande sacerdote.

O templo da Lua ou **E-nun-makh** era dedicado ao deus e a sua espôsa, e compunha-se de um altar com cinco divisões rodeado de outras câmaras, para o serviço religioso, as quais eram circundadas por uma muralha de três metros de espessura. Todo êle, sumamente antigo, era construído com ladrilhos «verdes»; quer dizer, com cubos de argila, unidos com **terra**, e formando massa homogênea, na qual mal podemos distinguir os ladrilhos uns dos outros. Sôbre as ruinas dêsse templo um rei posterior edificou outro templo, também com ladrilhos, e outro, mais tarde, também seguiu seu exemplo.

Fragmentos de vasilhas de esteatite e alabastro, com inscrições, encontrados entre as ruinas, demoustram que reis estrangeiros (os soberanos de Agada) visitaram aquele templo 2.600 anos A. C.; e naquela época o edifício já era considerado muito antigo.

Desde o tempo em que podemos identificar a obra de Ur-Eugur, o templo foi completamente reedificado várias vêzes, e o edifício que foi familiar a Abraão, que percorreu as ruas de Ur, era o quinto templo que se elevava naquele lugar.

Desde a sua primeira fundação até 1.400 anos depois de Abraão, o E-nun-makh foi constantemente reconstruido e reparado, embora conservando a mesma forma e característica. De cada vez colocavam os seus ladrilhos exatamente nas mesmas linhas que as das construções anteriores; sòmente no ano 600 A. C. Nabucodonosor, rei de Babilônia, transformou o venerável edifício; respeitou porém o santuário primitivo, tão bem pavimentado e tendo no solo das cinco câmaras ladrilhos com o seu nome; apenas acrescentou mais duas «asas» à fachada principal.

Condenou tôdas as câmaras de serviço da parte dianteira, enchendo-as de escombros e cobrindo-as posteriormente com um chão de ladrilhos.

O antigo santuário tinha sido um lugar desconhecido do público, no qual sòmente entravam sacerdotes, de cujas habitações alcançavam o referido santuário por meio de estreito e tortuoso corredor secreto.

No século VI construiram um grande pátio aberto, diante do santuário; uma escada coberta com chapas de bronze dava acesso às novas asas construidas ao lado do altar. Defronte da porta dêste último elevava-se outro altar retangular de ladrilhos e betume. A multidão se agrupava no pátio inferior a fim de presenciar os sacrifícios realizados no altar, e pela porta aberta, por trás do sacerdote, ver a brilhante estátua de ouro do deus no seu escuro nicho.

ELA — Lord Brookfield é nome muito conhecido. Os jornais anunciaram a sua chegada ao hotel. Também conheço todos os demais viajantes recém-chegados...

ÊLE — Mas chegaram três mais, esta manhã...

ELA — Todos Norte-americanos. O senhor é inglês. Não pode haver engano.

ÊLE — A senhorita é muito inteligente.

ELA — O senhor me lisonjeia, Lord Brookfield.

★

ÊLE — E' engraçado que tenhamos sido apresentados, assim, por intermédio de uma informação de jornal!

ELA **(rindo)** — Afinal essas informações têm que servir para alguma coisa. **(levanta-se)** Ah! Minhas roupas estão coladas ao corpo.

ÊLE — Seria preferível que fôsse trocá-las.

ELA — E o senhor?

ÊLE — Bem... Também estou um tanto... úmido.

ELA — Poderia acompanhar-me ao hotel?

ÊLE — Para que? O sol, aqui, está bem quentinho...

ELA **(interessada)** — O senhor prefere ficar?

ÊLE — Sim... **(Um tempo. Depois, à queima-roupa)** Diga-me... Sabe nadar?

ELA — **(apanhada de surprêsa)** — Como?

ÊLE — Sabe nadar?

ELA — Naturalmente que não.

ÊLE — E' estranho.

ELA — Por que... estranho?

ÊLE — Porque, também eu não sei nadar.

ELA **(surpreendida, mas logo voltando à ofensiva, com maior entusiasmo)** Como! Pois nadou esplêndidamente! E apesar de vestido como estava! Chegou mesmo a atravessar o lago em tôda a sua largura!

ÊLE — Eu... fiz isso?

ELA — Claro que fêz. Um mergulho e algumas soberbas braçadas... **(Parece notar a sua expressão e hesita).**

ÊLE **(pensativo)** — Um mergulho?

ELA — Sim, um mergulho.

ÊLE — Eu seria capaz de jurar que o lago dava pé...

ELA — O senhor, Lord Brookfield, é realmente muito modesto!

ÊLE — Sou modesto? **(apanha o paletó e o examina).**

ELA — Que está examinando?

ÊLE — Isto. A linha da água não chega sequer à cintura.

ELA — Isto não quer dizer nada.

ÊLE — Não quer? **(Passando uma das mãos pela cabeça)** Se eu tivesse mergulhado, os meus cabelos estariam molhados.

ELA — Ora! Com êste sol já secaram.

ÊLE — E meus cigarros? (Tira um da cigarreira)

ELA — Como queria que entrasse água na cigarreira?

ÊLE — Em todo caso os fósforos estão molhados. **(Apanha a caixa no bôlso do paletó e tenta riscar um)** Está vendo?.

ELA **com um risinho de constrangimento)** — Lord Brookfield, vai negar que me salvou a vida?

ÊLE — Sim... talvez...

ELA **(friamente)** — Tem coragem?

ÊLE — Saltei para a água instintivamente, quando a ouvi gritar por socorro. Mas, quando a água me chegou à cintura, fui forçado a reconhecer que se avançasse mais, teria, por minha vez, que gritar por socorro.

ELA — E então?

ÊLE — Essa humilhação me foi poupada. O lago, em nenhuma parte, tem mais de três pés de profundidade. Tive só que caminhar uns dez metros que separam uma margem da outra.

ELA — De qualquer maneira eu estava prestes a me afogar...

★

ÊLE **(com grande polidez)** — Permite que lhe faça uma pequenina pergunta, senhorita? Será que tem o hábito de... de se afogar constantemente?

ELA **(com indignação)** — Lord Brookfield!

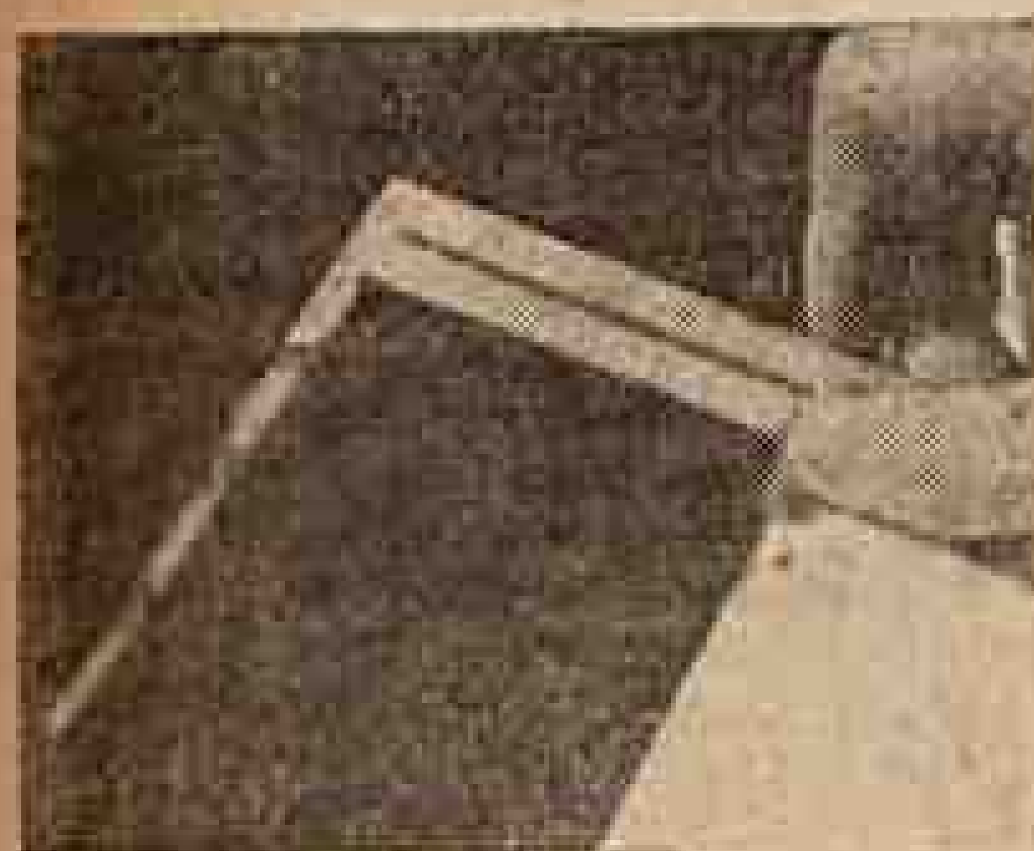
ÊLE **(muito calmo)** — Não se zangue. Há uma coisa que eu esquecia de lhe dizer...

ELA — Que deseja dizer mais?

ÊLE — Eu vi quando a senhorita pulou para a água.

ELA **(recuando um passo)** — Ah!

ÊLE — Muito divertido, não acha? E tão... tão romântico! Não posso evocar o episódio sem emoção... **(Imitando-a)** "Mamãe, beija-me!" E o que há de melhor é que a senhorita estava inconsciente, desamparada... Não se recordava mais de nada, nem mesmo dos próprios sapatos. Formidável, êsse detalhe da encenação! E quantos outros, pitores-



NOVA RÉGUA PARA ALFAIATE .. também marca — Elimina o uso da rodilha pontilhada, que tanto estraga a fazenda. Toma-da a medida certa pelo bordo da fazenda, depressa marca, a giz, onde deve ser cortada ou costurada.

CANTIGAS

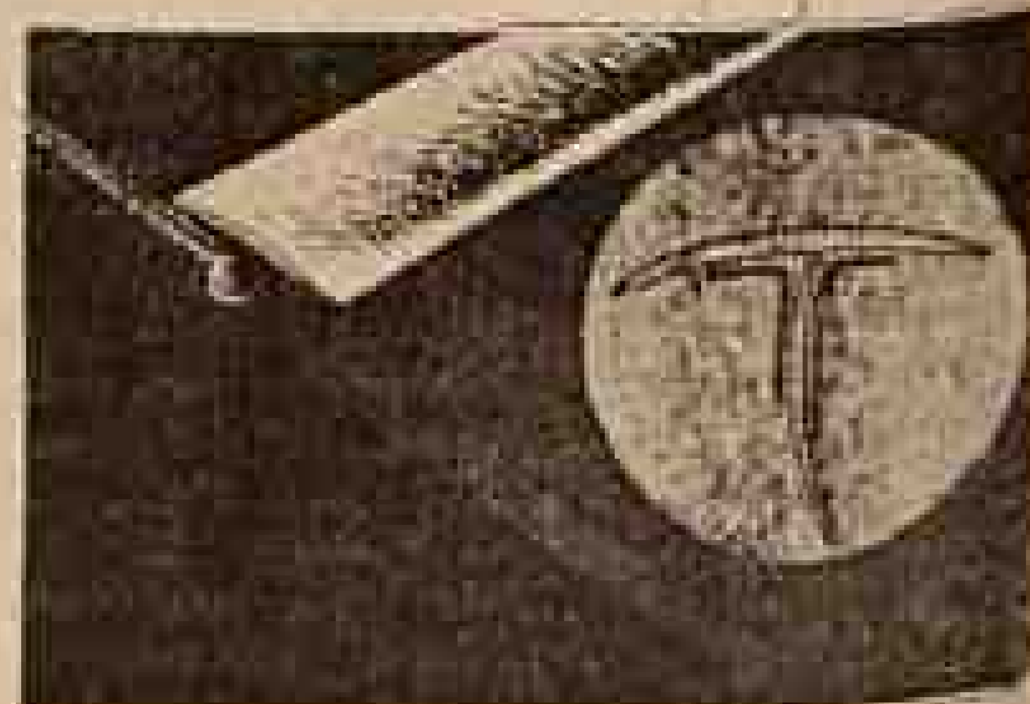
Cantigas... flores singelas
que o Amor desfolha ao vento;
— Bem desejava ir com elas...
Onde vai meu pensamento!

Que o amor atrai amor...
Há muita gente que o diga
e anda a viver embalado
nesta famosa cantiga!...

Quer à sombra, quer ao sol,
eu vivo sempre abrasada...
dessa luz do teu olhar
que me traz apaixonada!

Existe em ti doce fluido
que não sei compreender,
que me afaga e que me foge
perturbando o meu viver!...

Vitória Régia



UMA SIMPLES PALHETA (de metal) das modernas venezianas nunca deve ser jogada fora, no caso de ter qualquer defeito e não se prestar mais para o seu uso apropriado. Como indica a gravura, servirá para aunir dois móveis da mesma altura (armários ou mesas de cozinha, por exemplo) aumentando assim a superfície útil.

ça! Aquelas mãos fortes que a agarravam e a arrancavam do fundo! Oh! Quase genial! **(Um tempo. Êle sorri)** Essa comédiazinha me divertiu muito. E' tão raro poder rir... **(uma voz de homem trauteia uma canção popular).**

ELA **(despeitadíssima)** — O senhor se divertiu à minha custa! Sim, foi isso! E' simplesmente revoltante! Isso é lá maneira de se conduzir? Eu pensava... **(detém-se).**

ÊLE **(animando-a a continuar)** — Pensava...

ELA — Nada **(Depois, deliberadamente)** Eu pensava que Lord Brookfield fôsse um **gentleman!**

ÊLE — E', sim... Mas eu não sou!

ELA — O senhor não é um **gentleman?**

ÊLE — Não... Não sou Lord Brookfield!

ELA — Como?

ÊLE — Não.

ELA — Então... Quem é o senhor?

ÊLE **(Modestamente)** — Eu sou...

ELA — Um dos seus parentes?

ÊLE — Não.

ELA — Um dos seus amigos?

ÊLE — Bem... Posso ser considerado isso...

ELA — Um amigo íntimo?

ÊLE — De certo modo. Êle me conta tudo o que faz. Êle e eu somos inseparáveis.

ELA **(com impaciência)** — Afinal, quem é o senhor?

ÊLE **(com simplicidade)** — Seu criado.

ELA **(horrorizada)** — Oh! E o senhor me beijou!

ÊLE — Porque a senhorita insistiu.

ELA **(quase sufocando de raiva)** — Um criado!

ÊLE — Um criado pode beijar tão bem como qualquer outro. Tanto mais que sou um bom criado.

ELA — O senhor é um insolente! **Apanha o lenço que êle lançou fora pouco antes e limpa os lábios furiosamente).**

ÊLE **(risonho)** — E' o meu lenço.

ELA **(jogando longe o lenço)** — Que horror! O senhor não passa de um... de um... de um...

ÊLE **(docemente)** — Criado.

ELA Oh! **(Senta-se sôbre o tronco de árvore; a raiva a impede de articular qualquer palavra. Ouve-se novamente alguém assobiar a mesma canção).**

ÊLE — Ouça.

ELA — Não.

ÊLE **(com insistência)** — Ouça!

ELA — Proíbo-lhe que me fale!

ÊLE — E' para lhe prestar um serviço.

ELA **(levantando-se)** — Não quero.

ÊLE **(sem cerimônia)** — Então é uma tola!

ELA **(colérica)** — Que disse?

ÊLE **(interrompendo-a)** — E' um negócio que lhe quero propor.

ELA **(desdenhosa)** — Nada temos a tratar em comum...

ÊLE — Ouviu assobiar, há pouco?

ELA — Não é da sua conta se ouvi ou não.

ÊLE **(com intenção)** — E' êle!

ELA — Êle?

ÊLE — Sim... Vem para cá... Vem pela mesma trilha.

ELA — Que quer dizer?

ÊLE — A senhorita e eu... bem poderíamos nos entender...

ELA **(o ar de quem reflete)** — Que quer dizer?

ÊLE — Bem... Um criado não ganha muito...

ELA — E d'aí?

ÊLE — Mas às vêzes pode ser útil... e lucrar!

ELA **(lentamente)** — De que maneira?

ÊLE — A senhorita já me compreendeu... **(sorri; depois, mefistofélico)** As suas roupas ainda estão molhadas, não é mesmo?





PARA POLIR OS TALHERES DE PRATA, usar de preferência um trapo macio impregnado com um «preparado» de boa qualidade e próprio para limpeza da prata. Entretanto, êsse pano deve ser constantemente lavado durante o seu emprêgo.

CANTIGAS

Foi no dia em que os teus olhos
pousados nos meus eu vi,
que esquecendo a minha vida
passei a viver em ti!

Teus olhos belos, profundos,
teus olhos, que importa a côr!
— Encerram êles um mundo
do sonho, encanto e amor...

Dissimulo o meu cuidar...
ando a rir da minha dor,
só para não confessar
que, por ti, morro de amor!

Noite escura... que tormento!...
E por que há de alvorecer
o sol que brilha um momento
para logo se esconder?!

Vitória Régia

CONTRA O CANSAÇO

Quando se está muito cansado, nada há melhor para se readquirir fôrças do que tomar um banho morno, na água do qual se tenha dissolvido uma boa porção de sal comum.

★

Pode-se limpar um vestido de veludo esfregando-se com um pano embebido em carbonato de magnésia. Muda-se o pano que vai tirando a sujeira, sacudindo-se bem o vestido para tirar a magnésia. Depois escova-se com escova perfeitamente limpa.

★

Nunca as ilusões nos são mais queridas do que quando estamos em risco de as perder — **Victor Cherbuliez.**

ELA **(Que compreendeu)** — Sim.
ÊLE — Não vale a pena deixá-las secar. **(Ouve-se assobiar mais próximo que da vez anterior).**
ELA **(baixo)** — Compreendi.
ÊLE — Depressa...
ELA — Você será discreto? **(Êle faz "sim" com a cabeça)** Não esquecerei o que faz por mim... **(insistente)** Até breve! **(corre para o bosque).**
ÊLE **(sentando-se sôbre o tronco da àrvore e desatando a rir de boa vontade)** — Como correu! Bem ganhei um cigarro **(Depois de tentar em vão riscar um fósforo)** Sempre esqueço que os fósforos estão molhados. **(Nesse instante, entra um homem corretamente vestido, mas de pôse vulgar, e que assobia alegremente).**
ÊLE — Pedro!
PEDRO **(entonação vulgar)** — Milord?
ÊLE — Dê-me um fósforo.
PEDRO — Aqui tem, Milord. **(entrega-lhe uma caixa de fósforos).**
ÊLE — Obrigado, Pedro. **(Fuma, lançando a fumaça para o alto)** Felizmente êsses fósforos não estão molhados.
PEDRO — Por que acha que deviam estar molhados, Milord?
ÊLE — Tem razão, Pedro. Foi tolice minha... Mas, então, Pedro? Que diz disto aqui? **(faz um gesto largo indicando o ambiente).**
PEDRO — Agradável.
ÊLE — Você não me parece muito entusiasmado
PEDRO — Perdão, Milord... Primeiro que tudo não tenho muito trabalho, já que estamos num hotel. Isso me repousa. Mas acontece que não gosto muito da natureza. Prefiro a cidade...
ÊLE — Compreendo... Você se aborrece um pouco?
PEDRO **(sem convicção)** — Não é bem isso, Milord.
ÊLE — Tem razão, porque o lugar é mais movimentado do que eu pensava. Há esportes próprios, um principalmente... a pesca ao herói.
PEDRO — Não conheço essa modalidade de esporte, Milord.
ÊLE — Mas vai conhecer... E' até muito agradável, principalmente se a companheira é agradável e bonita.
PEDRO — Ah! Então não é esporte só para homens?
ÊLE — Oh, não! Sem o que não haveria interêsse. Mas, para praticá-lo, é preciso ter certas habilidades... Você é corajoso, não é mesmo, Pedro?
PEDRO **(modesto)** — Sei me defender, Milord.
ÊLE — Não se trata de trocar pancada... Vamos ver... Fique aí, direito. **(Pedro assume a posição de "sentido")** Sim, a pôse não está de todo má... Creio que você poderá ser um bom herói, e qualquer coisa me diz que chegou a ocasião de você se transformar num dêsses tipos de romance. **(Ouve-se, na mesma direção da vez anterior, o ruído de um corpo, caindo à água, depois os gritos "Socorro! Socorro!")**

★

PEDRO **(emocionado)** — Milord!
ÊLE **(calmo)** — Que há, Pedro?
PEDRO — Gritam por socorro, Milord.
ÊLE — Sim, Pedro.
PEDRO — Devo ir, Milord?
ÊLE — Pois claro... E correndo!
PEDRO — Muito bem, Milord. Lá vou... **(corre na direção dos gritos).**
ÊLE **(chamando-o)** — Pedro!
PEDRO **(detendo-se)** — Milord?
ÊLE — Você verá. E' muito divertida a pessoa do herói. Mas nem sempre se apanha o que se deseja. Pode ir...
PEDRO — Vou já, Milord.
ELA **(nos bastidores)** — Socorro! Socorro!
PEDRO **correndo)** — Já vou! Já vou!

(Cai o pano)

VOCABULARIO MEDICO

INSÔNIA — Pode ser fenômeno proveniente de alguma enfermidade, porém há uma infinidade de casos de insônia devido a causas de natureza nervosa. Os excessos de trabalho intelectual, as excitações fortes, o abuso do chá, café, etc., são causas comuns dêsse mal.

★

INSOLAÇÃO — Efeito produzido por demorada exposição ao sol, que afeta principalmente as meninges, dando lugar a vertigens, convulsões, forte dor de cabeça, etc.. Também existe outra classe de insolação derivada do excesso de calor, sem intervir, em nada, nesse caso, a presença de raios solares.

OS NOMES DO ANO



REI AOS TRÊS ANOS DE IDADE — Rei Gyanendra, do Nepal, saúda os seus ministros. Substituiu a seu avô, rei Tributana, deposto.

AS TRADIÇÕES DA PÁSCOA

DO ÔVO DOS CALDEUS AO ÔVO DE CHOCOLATE



O culto dos ovos remonta às primeiras idades da humanidade. Êles eram considerados como fonte de vida e símbolo de ressurreição.

«São Pedro indo a caminho do túmulo do Senhor, encontrou Santa Madalena que lhe deu a boa notícia: o Cristo ressuscitara.

«— Oh! Acreditarei sòmente quando os ovos de galinha forem vermelhos — disse S. Pedro que era quase tão desconfiado como São Tomé.

«Então, a santa mulher abriu um avental, no qual transportava ovos, e S. Pedro, que dissera aquilo ao acaso, não escondeu seu assombro e sua alegria.

«No avental, muitos ovos se entrechocavam — e todos do mais belo vermelho!»

Foi para recordar êsse milagre — pretendem alguns autores — que os cristãos passaram a trocar ovos, entre si, na manhã da Páscoa!

★

A história é bonita e por certo já teria inspirado a muitos poetas, se fôsse mais conhecida. Infelizmente é uma história falsa e sua invenção está baseada na total ignorância das antigas teomitias...

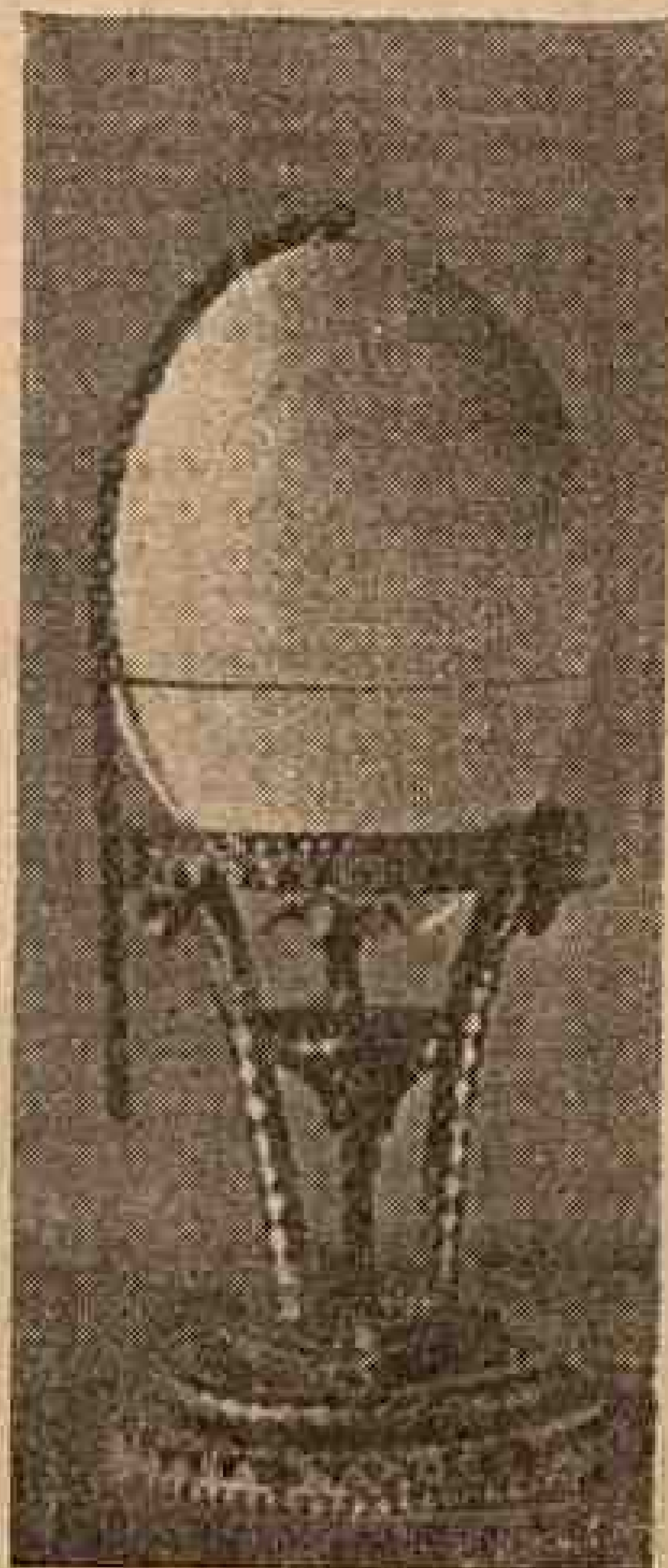
A festa dos ovos, que coincide com o equinóxio da primavera, pertence, na realidade, aos ritos solares e sua origem remonta às primeiras idades da Humanidade. Nas cosmogonias primitivas, entre os Fenícios, os Persas, os Caldeus, os Hindus, etc., o ôvo era considerado como o emblema do princípio de tôdas as coisas. Para os Egípcios, o ôvo representava o sol: «êsse ôvo luminoso que o Ganso Celeste deita e choca no Oriente». E, para os iniciados na doutrina órfica, «o mundo cabia num ôvo imenso, contendo o cáos, de onde saiu o princípio da divindade, **que contém em si mesma o germe de tudo o que existe».**

Êsse culto do ôvo, que é um dos mais antigos que se conhece, dava ensejo a cerimônias e a danças, cujos vestígios encontraremos, muito mais tarde, entre os povos de tôdas as regiões. Em Roma, nas festas da primavera, celebradas em honra de Ceres, quando as matronas, vestidas de branco, carregavam solenemente um ôvo; entre os Hebreus, quando, no repasto ritual da Páscoa, todos comiam um ôvo cozido. Essa festa era comemorativa da «passagem» — **pashah,** em hebreu — do Mar Vermelho por Moisés. Já entre os Celtas, no culto a Belém, no qual se oferecia mùtuamente um ôvo pintado de vermelho, como entre os Chineses, os Latinos, os Indianos, etc..

★

O ôvo, em razão do fenômeno da eclosão, simbolizava a **fecundidade** e a **renascença.** Render-lhe um culto nos primeiros dias do ano solar, era colocar êste último sob favoráveis auspícios. Notemos ainda que a troca de ovos, como então se fazia, é a verdadeira troca dos presentes de festas e que se transferiu para o 1 de janeiro, quando a Páscoa, em 1564, deixou de marcar o comêço do ano.

Oferecer ovos, nas liturgias primitivas, era, não apenas, desejar que seus parentes e amigos participassem **da renovação da natureza,** mas ainda recordar ao homem as leis do seu desenvolvimento. Da mesma forma que o ôvo deverá cessar de existir para dar nascimento a um ser vivo, o homem não pode completar-se sem o preço de uma verdadeira «morte». É o sentido que daria



Ovo oferecido por Luís XVI a Mme. Vitória, filha de Luís XV.

mais tarde o Cristo em sua parábola: **«Se a semente não morre»...**

Quando a Igreja cristianizou na Europa as grandes festas e mitos pagãos, o ôvo, portador do germe da vida, tornou-se muito, naturalmente, o símbolo da Ressurreição do Cristo. A solenidade da Páscoa, tendo sido hàbilmente colocada no equinóxio da primavera, época em que sempre foi celebrado o renascimento do sol e o retôrno à vida, essa substituição se fêz sem dificuldade. Os ovos, ritualmente bentos, foram em breve chamados «de Páscoa», e sua côr vermelha, que tinha um valor mágico, tornou-se uma alusão ao sangue derramado pelo Salvador.

Depois o tempo passou e perdeu-se pouco a pouco a significação dos símbolos, o que deu ensejo a que nascessem em certos países ritos estranhos e incompreensíveis, até mesmo para os que os executavam. Assim, na Inglaterra, no fim da Idade Média, os bispos e os deãos transportavam para as igrejas, no dia de Páscoa, um ôvo cozido. No momento em que a solista começava a cantar, o bispo lançava o ôvo sôbre os coristas que deviam apanhá-lo e transferi-lo de mão em mão, sem interromper os cantos. Em certas igrejas, o ôvo era substituído por uma simples bola, o que prova a que grau de incompreensão se havia chegado...

Em certas regiões da França, nas igrejas cantava-se o **«Resurrexit,** tendo cada cantor um ôvo de avestruz na palma da mão. Êsses ovos eram, a seguir apresentados ao abade, ao qual era dito em voz baixa, e em tom confidencial: **«Surrexit Dominus alleluia!»** O abade, com o mesmo ar de conspirador, respondia: **«Deo gratias, alleluia!»**

Após que, os ovos de avestruz eram depositados com grande cuidado num cofre especial existente na sacristia.

★

Tendo a Igreja mostrado brilhantemente o caminho, a Côrte e o povo perderam, em breve, não apenas o senso dos símbolos, mas até mesmo a idéia de que o ôvo pudera ter tido, alguma vez, uma significação simbólica. Continuaram os homens a trocar entre si «presentes e cartões de Páscoa» por divertimento, pois que o rito se carregara de mil futilidades, canções galantes, farças, e «cortes», mas não encontrando mais qualquer explicação racional para tal costume fazia-se ingênuamente recuar a origem aos primeiros cristãos que assim teriam traduzido tôda a sua alegria **ao tornar a provar um alimento proibido durante os 40 dias da Quaresma!**

Finalmente não se fêz mais sequer, qualquer pergunta a êsse respeito. Tudo se tornou um hábito, como as fogueiras de São João, a árvore de Natal, etc.

Na côrte de Luís XIV, de França, no dia da Páscoa e depois da grande missa, era costume levar ao rei ovos pintados e dourados que o soberano em seguida distribuía pessoalmente entre os seus cortesãos, seus guardas e lacaios.

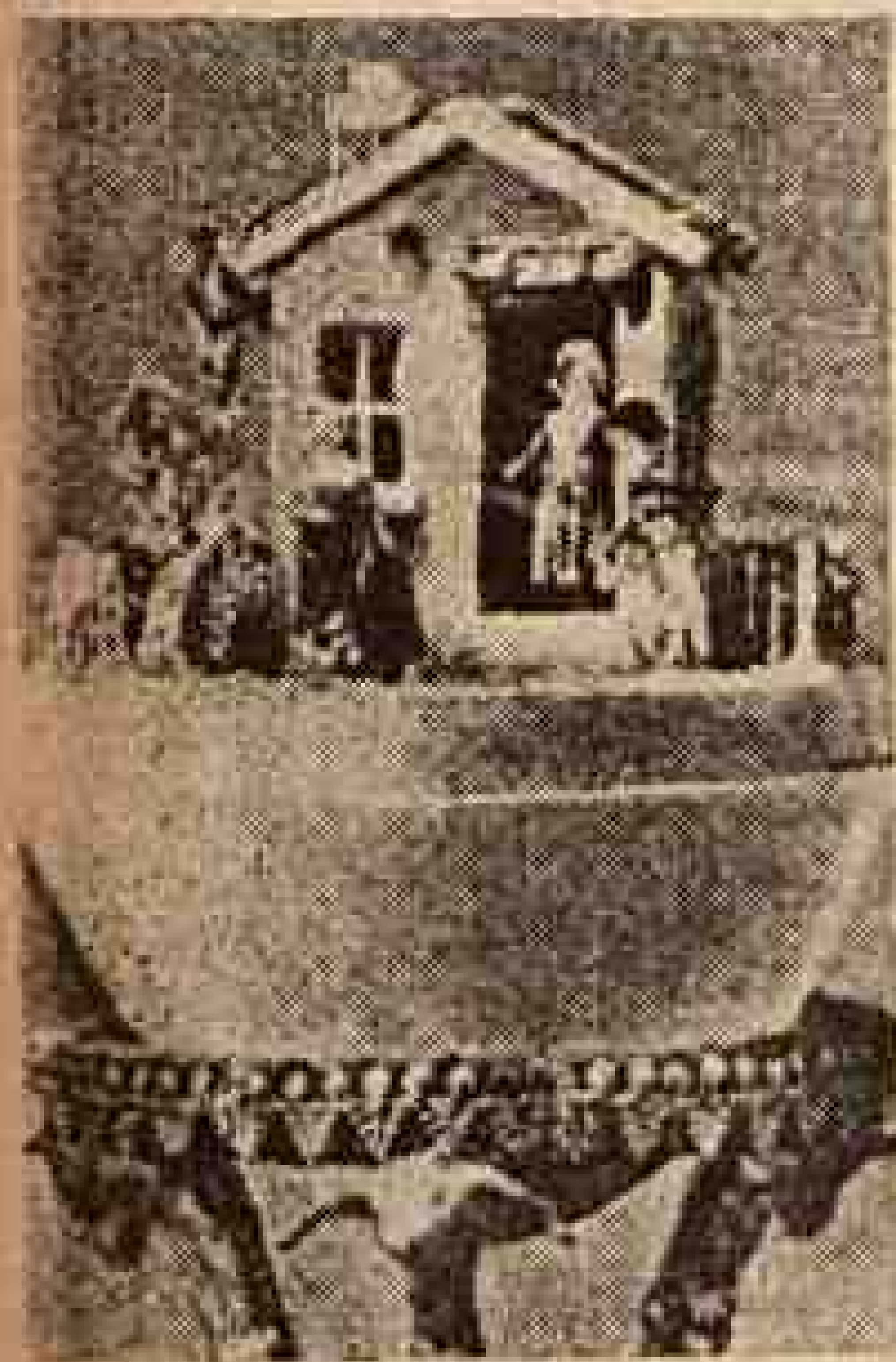
Sob Luís XV, os ovos de Páscoa foram decorados e mesmo ilustrados com poemas brejeiros. Um certo ano, tendo o rei recebido um ôvo enorme, ofereceu-o a Mme. du Larry, depois de o mandar emplacar de ouro pelo joalheiro da Corôa.

O presente deu ensejo a comentários e graçolas e o cavalheiro de Boufflers pediu:

— Se o comerem «à la coque» (isto é, quente e dentro da casca), fico com a casca.

Essa moda de ovos enfeitados incitou artistas como Lancret, Watteau, Boucher, a decorarem outros ovos de Páscoa. Êste último, entretanto, escolheu invariàvelmente composições libertinas... Um dêles foi vendido em 1914, na «Salle Drouot» por 25 mil francos-ouro!

Luís XVI lançou a moda dos «ovos-surprêsas». Ofereceu, certa vez, a Mme. Vitória, de França filha de Luís XV, dois ovos de pata nos quais era possível ver, modelados em cêra colorida, os dois episódios de um drama autêntico e que causara



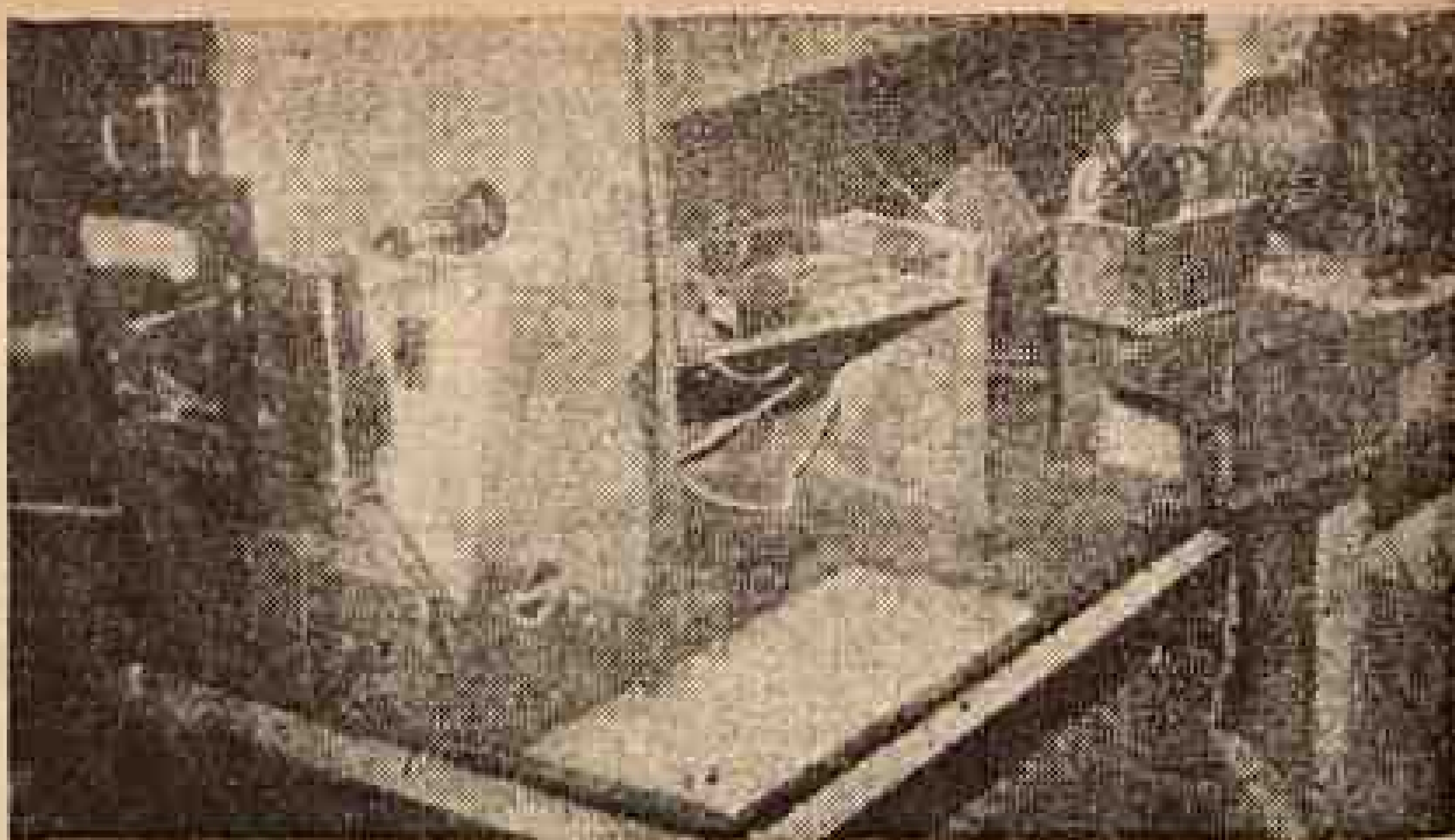
Na interior, um verdadeiro cenário, feito de estatuetas de cera.

grande emoção em todo o reino.

Durante a Revolução, depois de ser decorado com uma fita tricolor e um desenho representando a Bastilha, o ôvo, símbolo da vida, ostentou num dos seus flancos uma guilhotina...

No século XIX, nas províncias da França, da Itália e de outros países, os meninos do côro da igreja iam, durante a semana santa, de granja em granja e de casa em casa, diante das quais paravam para cantar «O Filii et Filiae». A seguir entoavam canções inesperadas em que solicitavam ao dono da casa que abrisse o seu **buffet** e fornecesse não apenas ovos mas ainda o que desejasse dar. Caso não possuíssem presentes, podiam ao menos mandar a própria filha beijar os cantores...

Os proprietários, quando preferiam esconder a filha, ofereciam belos ovos aos meninos do côro, que chegavam a colhêr 150 dúzias no fim da sua caminhada! Antes de abandonar o



CAMARA PARA REGISTRAR OS MOVIMENTOS DO ÔLHO
No extremo da direita está a lâmpada de ... e o motor para interromper a luz e poder registrar os movimentos.

QUANDO LEMOS, OS OLHOS

EM 1879, o professor Javal, de Paris, descobriu que os olhos ao acompanhar uma linha de imprensa não tem um movimento continuado. Para isto não necessitou de nenhum aparelho; serviu-se da observação direta com a ajuda de um espelho.

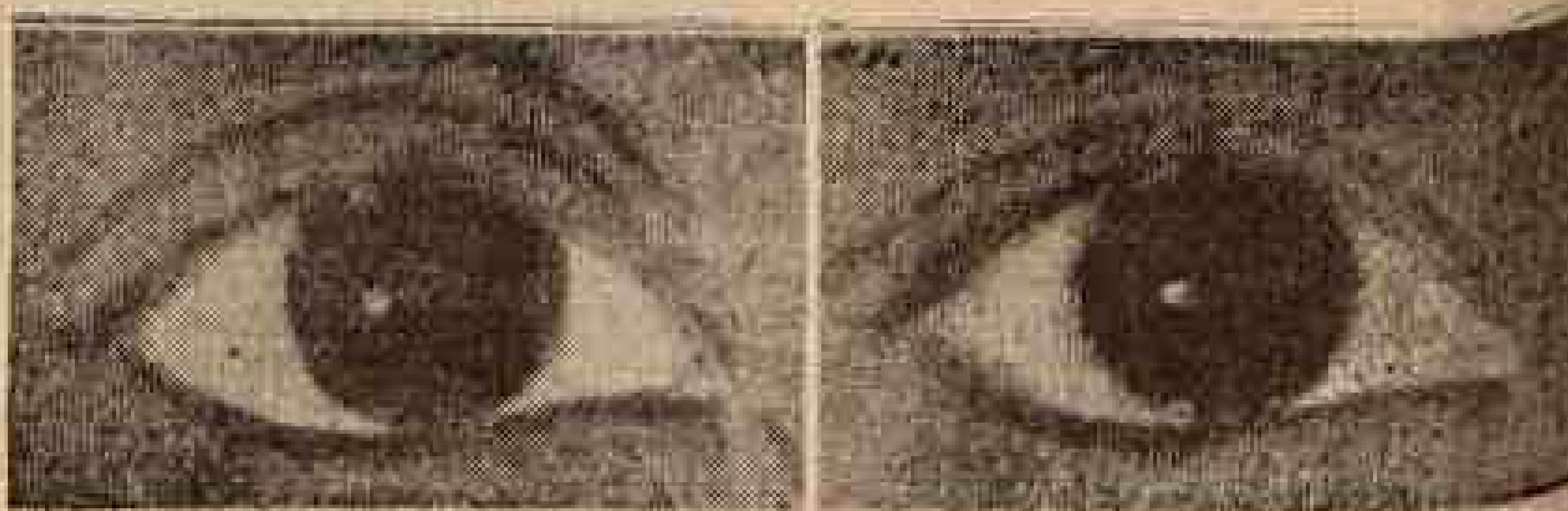
E' fácil dar conta dêste movimento descontínuo, observando atentamente uma pessoa que leia. Mais atenção é requerida para observar o fenômeno em si mesmo, mas isto também pôde ser conseguido.

Êste movimento é a conduta típica dos olhos do indivíduo, que, andando com um amigo, olha em redor. O ôlho se move e faz uma pausa; move-se de novo, para permanecer outra vez quieto. Durante a fase de movimento observa-se o pestanejar que serve para umedecer o globo ocular. A miúdo o movimento se complica com o movimento da cabeça.

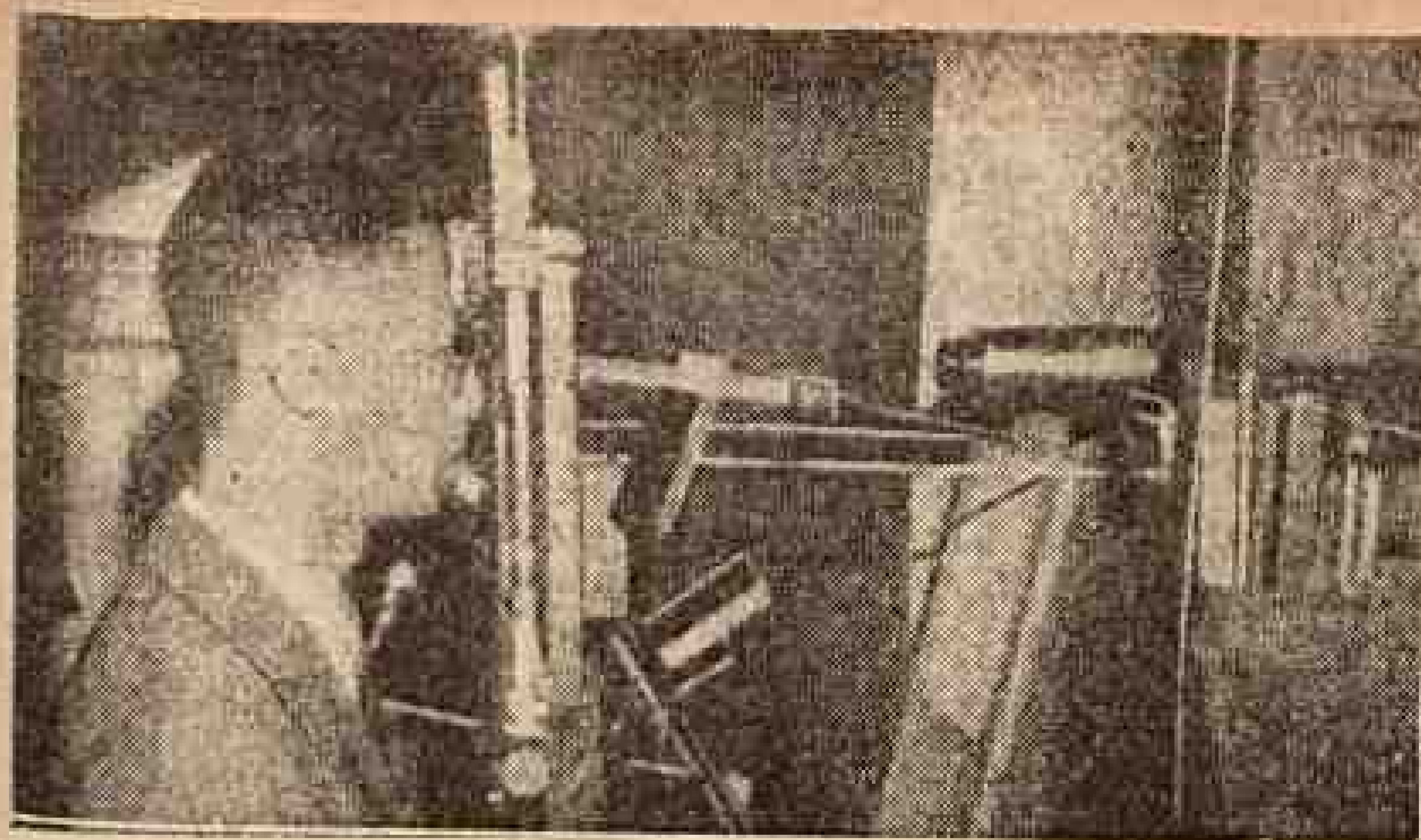
Se compararmos o ôlho a uma câmara fotográfica, para que haja imagens claras na retina, esta deve ter momentos de posição estacionária. Um frango ou um pombo, quando movem a cabeça, sacudindo-a, é para conseguir momentos de posição estacionária para os olhos, com o fim de obter imagens nítidas, sem estar tremidas ao mover-se continuamente o corpo do animal. As pausas dos olhos humanos são muito leves, porém, ainda que sejam simples "olhadelas", constituem os tempos **reais** do "ver", e têm mais duração que as fases do movimento.

★

O CHINÊS E' UM IDIOMA DAS DIMENSÕES... — O trabalho de Javal foi de grande importância porque revelou as características da percepção mental. Observou que o número de "pausas", ao ler uma linha, não era muito grande. Por isso, as letras não são vistas como tais; as palavras, e um certo grupo de palavras são percebidas como um todo. Em seguida foram feitas investigações em todos os paí-



A TRANSPIRAÇÃO é absolutamente necessária para a saúde. O organismo se livra de muitas toxinas pelos sete milhões de poros que a pele possui. O banho turco pode ser substituído por um banho quente a 40 graus que logo a seguir vá esfriando pouco a pouco.



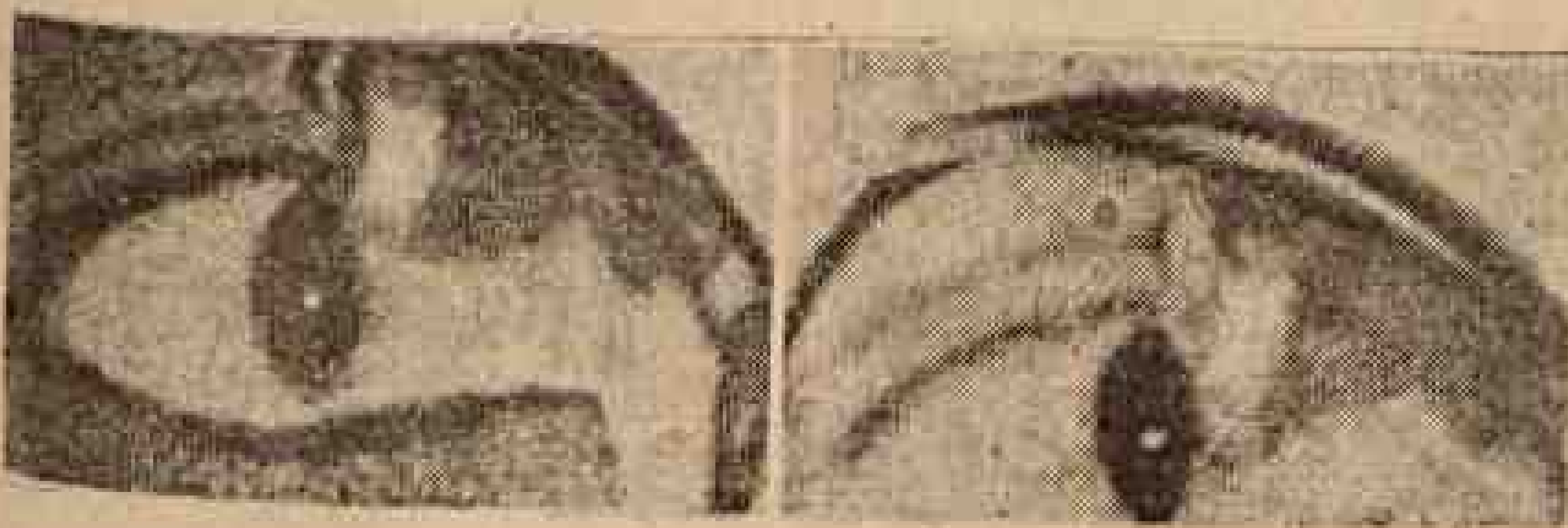
UM DOS INDIVIDUOS SUBMETIDOS À PROVA
Observem-se os pequenos espelhos que refletem a luz ao ôlho do examinado e tornou necessário para êle olhar diretamente o objeto.

ses. Foram idealizados aparelhos que registravam os movimentos sôbre papel carbono, porém tinham suas desvantagens, e ainda sérios perigos. A fotografia oferecia meios mais práticos. Foi experimentado nos laboratórios Yale, com ótimos resultados, o filme cinematográfico. Mas a medida das fotografias, nas sucessivas posições da figura cinematográfica, para os resultados finais, era coisa difícil.

O professor Dodge inventou uma técnica especial para fotografar uma película que se mova continuamente. Iluminou o ôlho com uma lâmpada de arco voltaico, colocada a alguma distância, e aproveitou a imagem brilhante da lâmpada, refletida na posição desviada do ôlho, com cada movimento do mesmo. A córnea tem diferente curvatura que o globo ocular e sobressai ligeiramente. Esta é a técnica que costuma ser empregada atualmente e com a qual foi estudada a leitura do inglês e outros idiomas. A escrita chinesa, que difere das demais, também foi estudada dêsse modo. E' escrita na forma vertical; não se baseia no deletreo fonético; seus caracteres são quadrados perfeitos, pelo qual pode ser denominada "idioma das dimensões". E', pois, muito natural o leitor perguntar se a leitura do chinês produz o mesmo movimento dos olhos. Quer dizer: se o ôlho se detém em cada letra ou se sòmente nas letras mais complicadas.

As fotografias do ôlho que acompanham o presente artigo, são para ilustrar como a imagem brilhante da lâmpada, refletida na córnea, se desvia com os movimentos do ôlho e pode ser fotografada para regular os mesmos. E outra das gravuras, o homem, um chinês, procurou olhar fixamente para a cabeça de um alfinete de cabeça branca durante quatro segundos, durante os quais foi filmado. Pôde fazê-lo na figura 1, mas na figura 2, a mancha brilhante sôbre a área negra da córnea é dupla, o que [illegible] que o ôlho se moveu.

SE MOVEM AOS SALTOS



O SERVIÇO DOS FINADOS é dos mais antigos e belos da liturgia romana. A comemoração do dia 2 de novembro, dedicada aos mortos, foi estabelecida por Santo Odilon, abade de Cluny, nos mosteiros dependentes de sua congregação, de onde passou para a igreja universal.

local cantavam então uns versinhos de agradecimento e lançavam água benta sôbre a casa. Porém se nada recebiam, cantavam uma quadrinha vingativa e desrespeitosa.

Na Normândia os meninos do côro pediam as mesmas coisas, mas os proprietários, mesmo oferecendo ovos, afirmavam que êles não tinham sido deitados por suas galinhas, mas sim pelo gato da casa. Todas as quadrinhas terminavam com uma alegre **Allelulа!** Fôssem de agradecimento ou ofensivas para o proprietário sovina.

Ainda existem os «caçadores de ovos» em muitas regiões do mundo. Mas a maioria das crianças têm ânsia de milagres e esperam que uma cegonha ou um coelho venha depositar ovos em sua casa. Êsses animais misteriosos mudam segundo os países. Na Turíngia é a cegonha; no Tirol, a galinha de Páscoa; no Gotha, o galo de Páscoa; na Suíça, o cuco; na Westphalia, a raposa; na Alsácia, na Inglaterra, nos Estados Unidos e todos



Em certos países, especialmente na Alemanha, a tradição quer que os ovos sejam de coelhos...

os demais países do hemisfério ocidental, assim como em numerosas províncias alemãs, é o coelho que oferece o ôvo simbólico. No sul da França, principalmente, domina a lenda dos sinos **que regressam de Roma e trazem os ovos da Páscoa.** Assim, depois do primeiro toque de sino, do sábado santo, as crianças correm para os jardins onde procuram febrilmente entre as primeiras violetas do ano. Os belos ovos de açúcar, ali escondidos — segundo dizem — **«para comemorar as visitas das santas mulheres ao túmulo, sua agitação quando o encontraram vazio e a sua alegria, enfim, quando descobriram que o Cristo havia ressuscitado!»**

Foi no século VIII que surgiu a proibição de soar os sinos da quinta-feira santa ao sábado santo. Esse mutismo foi imediatamente explicado pelo povo como **uma ausência** e logo começaram a dizer: **«Os sinos se foram...»**

E em que local melhor podiam imaginar que estavam os sinos... senão junto do Papa?

Tinham ido, pois, para Roma!

E essa história estranha se transmite através dos séculos.



BUSHIDO

A ALMA DO JAPÃO

Um país, um povo, uma raça, não são principalmente — ou exclusivamente — pitorescos e curiosos pelo que nêles possa haver de material, por maior e extraordinário que seja. Os monumentos, as passagens, seu grau de civilização e de cultura valem pelo que valem. Porém o verdadeiramente original e inconfundível, o realmente importante e profundamente curioso é a sua psicologia, o seu pensamento, o seu ideal, o seu moral, a sua religião, o seu espírito. Uma pena autorizada revela para os nossos leitores o segrêdo da alma japonêsa.

★

E' costume chamar Kioto de "a Cidade dos Templos" e com muita razão porque possui um número tão grande, que é difícil conservar de qualquer dêles uma recordação especial. Um só dos templos possui 30.000 ídolos, que são, em sua maioria, imagens toscas, grosseiramente talhadas em madeira, e douradas. Sua altura é geralmente de um metro, havendo muitos bastante curiosos, vendo-se alguns com o número de mãos e braços multiplicado, como símbolo de fôrça ou de poder. Nas horas de oração, os sacerdotes tocam sinos que têm, em geral, encantadora pureza de som. Os repiques se fazem compassadamente, com efeitos sonoros e melódicos e têm por fim chamar a atenção, não apenas dos devotos que hão de elevar suas preces, mas também dos deuses que os ouvirão com agrado. Kioto tem, hoje, uma população de cêrca de um milhão de almas; porém a sua importância e a sua posição política diminuíram desde que deixou de ser a capital do Japão e a residência única dos Micados. A soberania do Império reside hoje em Tóquio, onde se encontra o magnífico palácio do imperador.

★

HA bem uns trinta anos — conta-nos Inácio Nitobé em seu famoso livro "A Alma Japonêsa" — passando alguns dias sob o hospitaleiro teto do mui distinto e pranteado jurisconsulto belga, Mr. de Laveleye, a conversação recaiu, no correr de um de nossos passeios, no tema da religião.

— "Quer dizer — perguntou o venerável professor — que os senhores não têm instrução religiosa em suas escolas?"

Ante a minha resposta negativa, parou repentinamente, cheio de assombro, e numa voz que não esquecerei fàcilmente replicou:

— "Não têm religião! E como ensinam a educação moral?"

Não podia dar uma resposta imediata, porque os preceitos morais que eu havia recebido nos dias de minha meninice não procediam das escolas; e até que começasse a analisar os diferentes elementos que formavam as minhas noções do Bem e do Mal, não compreendi que era o Bushido que certamente, os havia inspirado em meus pulmões."

ORIGENS DO BUSHIDO — Bushido significa literalmente "militar-cavalheiro-caminhos": os caminhos, as **atitudes** que os nobres guerreiros devem observar, tanto em sua vida diária, como em sua profissão; em resumo: os "preceitos do cavalheirismo", o **noblesse oblige** da classe guerreira. Bushido, pois, é o código de princípios morais que os cavalheiros d e v i a m ou aprendiam a observar. Não é um código escrito; consta, simplesmente de umas poucas máximas que correram de bôca em bôca ou saíram da pena de algum guerreiro ou sábio muito conhecido. Com mais freqüência é um código não enunciado nem escrito, mas que possui, em compensação, a poderosa sanção de fatos verdadeiros e de uma lei escrita nas fibras do coração. Foi



estabelecido, não por obra de um cérebro criador; foi o produto orgânico de décadas e séculos de experiências militares.

Ocupa, talvez, na história da ética, a mesma posição que a Constituição inglêsa na história política.

OS SAMURAI — No Japão, como na Europa, quando se inaugurou oficialmente o feudalismo, a

POR QUE HIROHITO NÃO PRATICOU O HARA-KIRI?

UM ESTUDO ASTROLÓGICO SÔBRE O MIKADO

Por J. C. HIRIART

A DINASTIA JAPONÊSA — Yimmu foi o primeiro imperador do Japão, constituindo a data da sua coroação (o 11 de fevereiro) e a da sua morte (o 3 de abril), as datas principais do Império. Êsses acontecimentos ocorreram há 25 séculos e, dizem os japonêses, a família ou dinastia dêsse soberano reinou desde então em linha não interrompida, porém as datas dêsse período são naturalmente incertas. Houve incessante vai-e-vem de emigrações da Coréia e da China ao Japão e vice-versa. Desde o início tributaram profunda veneração por seus antepassados, o que foi originando, com o correr do tempo, que a figura do Mikado se convertesse em uma figura sagrada e inacessível para a grande massa do povo japonês.



O Imperador Hirohito com suas vestes imperiais.

O Japão foi várias vêzes invadido pelo Norte e pelo Sul, acreditando-se que os habitantes atuais procedem dos primitivos invasores, principalmente dos de raça malaia que vieram do sul, como os mongóis, chineses e coreanos.

OS SAMURAI — Existiram muitas rivalidades entre os nobres do país e cada um dêsses vivia rodeado de escudeiros, chamados «samurais», que constituíam realmente a classe militar.

O território japonês passou por muitos perigos, sendo o maior, indiscutivelmente, o que sobreveio em fins do século XIII, quando Kubilai Kan, o imperador da China, à frente de poderoso exército invadiu o Japão, sendo a sua esquadra aniquilada por uma tempestade. Desde então o país do Sol Nascente se orgulhava de que nenhum invasor jamais pisara o seu território ou sequer desembarcara em classe profissional dos guerreiros adquiriu, naturalmente, uma posição destacada. Eram os Samurai cavalheiros guerreiros.

Formaram uma classe privilegiada e devem ter sido, em sua origem, uma raça rude, que fêz da guerra sua profissão: "uma raça rude, tôda masculina, de fôrça bruta", na frase de Emerson.

Chamados a receber grandes honras e privilégios, porém conscientes de suas responsabilidades, em breve sentiram a necessidade de uma regra de conduta comum.

Se a guerra em si, tanto ofensiva como defensiva, é brutal e má, podemos, não obstante, dizer com Lessing: **"Já sabemos de que fatos brotam as vossas virtudes".**

O CÓDIGO DE BUSHIDO — Examinemos sumàriamente alguns dos caracteres dominantes dessa religião.

O mais poderoso preceito no código do Samurai é a retidão a justiça. Um **bushi** muito conhecido, o define como uma faculdade de resolução:

"Retidão é a faculdade de decidir certa linha de conduta, de acôrdo com a razão, sem titubear; morrer, quando é justo morrer; matar, quando se deve matar".

A retidão é irmã gêmea da coragem, esta faculdade da audácia e do sofrimento. Confúcio em seus "Analectas", disse:

— "Conhecer o que é justo e não executá-lo, significa falta de coragem!" Assim, pois, "a coragem consiste em fazer o que é justo".

A morte por causa indigna — ou sem causa — se chamava



PARA CALÇAR OS PÉS DOS MÓVEIS e evitar que os mesmos encostem a parte superior à parede, arruinando a pintura e esgaravatando o rebôco. Uma simples tábua, cortada segundo indica a gravura e com a extremidade capaz de bem encaixar no pé de cada móvel, resolverá êsse problema das donas de casa.

CANTIGAS

Lutamos p'ra conservar
Vida, por nós adorada;
Mas afinal esta vida
— ai dela!... Não vale nada!

Cantigas... são fôlhas sôltas
Do livro do pensamento.
Cantigas... são fôlhas sôltas
e fôlhas, leva-as o vento!

Vitória Régia

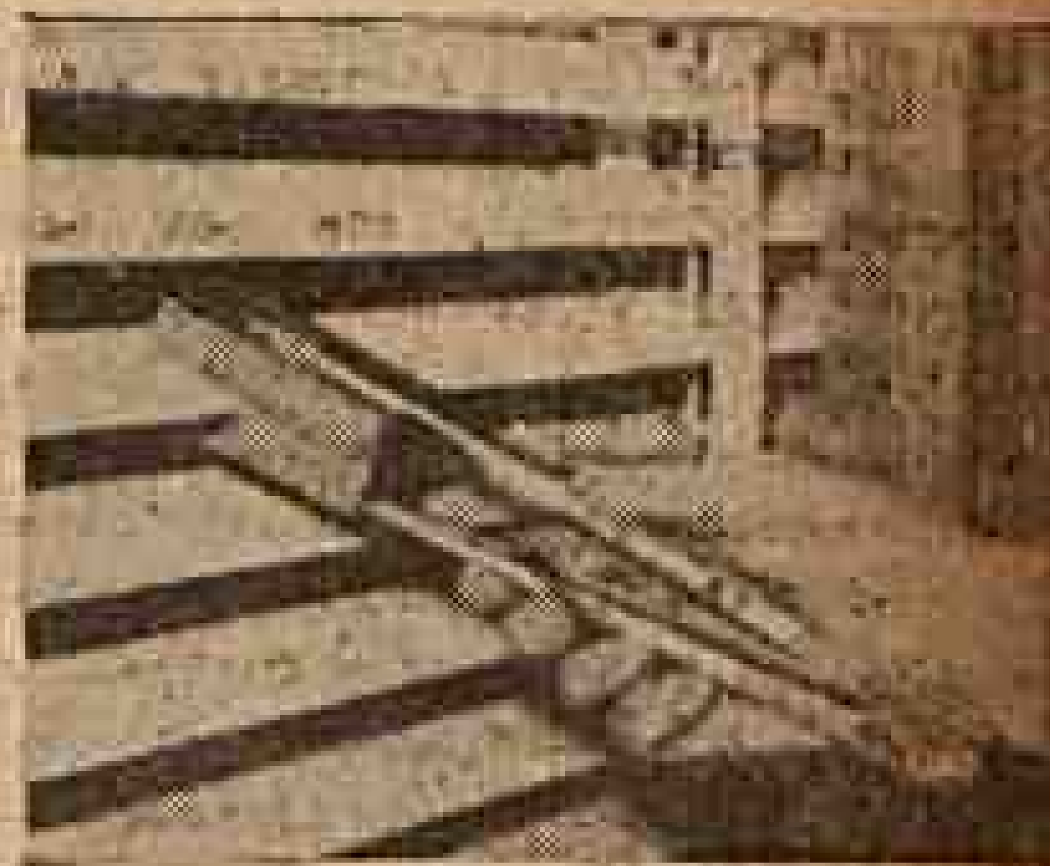
★

Goza-se mais na esperança do que se gozará na realidade. A imaginação, que veste sempre de atrativos o que se deseja, falece na posse. Nada existe tão belo, como aquilo que não é.

J. J. Rousseau

★

ADÉLIA é nome de origem germânica. Quer dizer: nobre.



PARA LIMPAR VENEZIANAS — Hoje, quando o emprêgo de venezianas de luxo está tão espalhado torna-se indispensável êsse aparelho que limpa perfeitamente e depressa as tiras metálicas ou de madeira. As duas pás são forradas com esponja, que facilita a boa limpeza.

"morte de cão". "A verdadeira coragem está em viver quando é justo viver, e morrer quando é justo morrer".

Se uma criança chora, por alguma dor, a mãe a repreende nestes têrmos:

— "Que menino tão cobarde, que chora por uma dor insignificante! Que farás quando te cortares um braço numa batalha? Que farás quando te vejas obrigado a cometer o **hara-kiri?"**

Quando a coragem atinge a sua maior altura se torna equivalente à benevolência: sentimento de compaixão, amor, magnanimidade, afeto pelo próximo; sentimentos sempre considerados como as virtudes supremas, as mais altas em todos os atributos da alma humana.

O que no Ocidente fêz o cristianismo para despertar a compaixão em meio dos horrores da guerra, fêz no Japão o amor à música e à literatura.

Tais sentimentos forçosamente criam a cortesia.

Que é a cortesia? Mera aparência, formulismo, urbanidade?

"A correção, levada a cabo mais além dos limites devidos — disse Masamune — converte-se em mentira".

Tsu-Tsu, em sua "Doutrina da Baixeza", disse:

— "A sinceridade é o fim e o princípio de tôdas as coisas; sem ela nada existiria."

Detenhamo-nos, alguns instantes, no conceito da honra, tão rigoroso no Bushido. O sentido da honra, que implica uma consciência clara na dignidade e o merecimento pessoal, não podia faltar entre os caracteres do Samurai, nascido e educado no respeito e no amor dos deveres e privilégios de sua profissão.

O apêlo à honra tocava o ponto mais sensível não apenas dos maiores, mas também da própria infância. O sentimento da vergonha é o indício primeiro da consciência moral da raça nipônica, como disse Carlyle, "a vergonha é o solar de tôdas as virtudes, das boas maneiras e da boa moral." Entre as causas a cujo lado não era caro o sacrifício da vida, figurava o dever da lealdade.

Em sua história, Sanyo relata, em linguagem que comove, a luta interna de Shigemori, ante a conduta rebelde de seu pai. "Se sou leal, devo matar meu pai; se obedeço a êle, falto com o dever devido ao meu soberano".

As mulheres ensinavam aos seus filhos a tudo sacrificar pelo imperador.



O HARA-KIRI — Falemos finalmente, do hara-kiri, o voluntário que se mata abrindo o próprio ventre. A escolha dessa parte especial do corpo para a execução do hara-kiri está baseada numa velha crença anatômica quanto ao local da alma e dos sentimentos.

"Abrirei a morada da minha alma e mostrarei a todos o seu estado; há de ver, com os próprios olhos, se está manchada ou limpa".

A elevada estima tributada à honra era aceita pelo Bushido como uma chave para a solução de muitos problemas complexos, de modo que para um samurai ambicioso, a morte natural parecia coisa sem interêsse, da mesma forma que para um mártir cristão.

O hara-kiri, no entanto, não era um mero processo suicida. Era uma instituição legal e solene. Inventado na Idade Média, era um processo pelo qual os guerreiros podiam expiar os seus crimes, desculpar-se dos seus erros, evitar a infâmia, redimir seus amigos ou provar a sua sinceridade. Quando se impunha como castigo legal, era praticado com a devida cerimônia. Era um refinamento do suicídio, e ninguém devia executá-lo sem a mais absoluta frieza de espírito, sem a maior compostura na ação.

No entanto, para um verdadeiro samurai, apressar a morte ou buscá-la por motivos que não fôssem bastante elevados, era ato considerado equivalente a uma cobardia.

---

suas costas. Os guerreiros japonêses sempre lutaram fanàticamente, principalmente por seu imperador, a quem consideram Filho do Sol (pelo menos até a ocupação do país pelas tropas norte-americanas e a renúncia oficial feita pelo imperador Hirohito de sua origem divina), e pelo qual se deixam matar ou suicidam antes de cair prisioneiros dos seus inimigos.

OS HOMENS E A HUMANIDADE, EM CONJUNTO, SEGUEM O RUMO DO SEU DESTINO — Nem o fanatismo dos japonêses, nem o fanatismo de nenhum outro povo do mundo poderão jamais contra a marcha ascendente da evolução.

A mente humana está sendo desenvolvida em graus que há menos de um século teriam parecido impossíveis. E' a mente uma das últimas conquistas do gênero humano e ainda hoje não possui o grau assombroso de poder que será na futura «Idade do Aquário», quando a precessão do Sol ocorrer dentro da Constelação do Aquário.

A órbita de influência do Sol é de 12 graus, astrològicamente falando, e, embora a precessão não possa ocorrer na constelação mencionada, nestes próximos 700 anos, já o Sol, no cruzamento equinoxial atinge atualmente os primeiros graus de Aquário.

Os assombrosos descobrimentos efetuados recentemente não são mais que os princípios de algos que as massas humanas não podem hoje conceber.

Muitos temiam a guerra contra o Japão; uma auréola sugestiva e de temor dissimulado dominava no mundo em favor de um povo fanatizado e afastado muitos séculos da impetuosa marcha das conquistas do saber humano, impulsionado pela marcha incessante dos astros no espaço, cumpridores silenciosos de uma missão que só agora, no nosso século, a ciência moderna está

lentamente vislumbrando, mas efetivamente realizando.

ASTROLOGIA: CIÊNCIA DO FUTURO — A astrologia foi estudada por todos os povos da Terra, desde as suas formas mais rudimentares até à moderna forma científica, que necessitou para manifestar-se da evolução da mente humana.

Ela não é a ciência única e absoluta, mas será, sem dúvida alguma a orientadora, como orientou aos Magos, em Belém, e como despertou na mente humana, certamente, os primeiros sinais de sua grandeza futura.

OS ASTROS E SUAS INFLUÊNCIAS NA MENTE DO MICADO — No mapa natal do monarca japonês, que aqui apresentamos, vemos Mercúrio, que domina a mente e o sistema nervoso voluntário do homem (o que, no caso do Micado, nem o fato de se dizer «filho do Sol» pôde evitar), muito bem revelado por dois trinos, um de Marte e outro de Urano e por um sextil, de Netuno, o que dá uma mente progressista, enérgica e inspirada. Marte, na casa 8.ª produz idéias renovadoras de tradições, o que foi demonstrado pelo Micado, ao romper a tradião e visitar o General Mac Arthur em seu Guartel General, coisa que assombrou o mundo e que indiscutivelmente assombrou mais ainda, alguns dos seus mais fanáticos súditos, no extremo de recorrerem ao Hara-Kiri.

O próprio Micado, em tempos passados, teria efetuado o Hara-Kiri, caso o seu império, então, tivesse chegado à situação em que o colocou a desastrosa guerra empreendida contra os Estados Unidos. Porém, devido à influência estelar mencionada e aos bons aspectos de Júpiter e Saturno com o Sol e Vênus, a mente do imperador se amoldou notàvelmente às novas idéias e viu o desastre japonês como um homem que trata de reagir e salvar-se em meio da marcha descendente dos seus negócios.

E' mais fácil que o Micado abdique e se ausente do Japão que se suicide, de acôrdo com as indicações astrais do seu nascimento, pois já vimos o que fêz no principal acontecimento da sua vida ou o que assim podemos considerar para um soberano.

MARTE NA CASA DA MORTE — A 8.ª região do céu natal,

A ILUSÃO é a janela aberta no muro n gro da vida; é por ela que penetra um raio de azul do infinito até aos nossos corações. — **Vargas Vila.**

★

SUCEDE com a Felicidade, o mesmo que sucede como horizonte: acha-se sempre à nossa vista e nunca ao nosso alcance. — **Fabre.**

NÃO DEVEMOS ACREDITAR MUITO NOS OLHOS...



Os Gregos bem o sabiam. E por isso os seus arquitetos davam às colunatas, como a do Parthenon, um bojo ou «entasis», porque sem êle as colunas não apareceriam retas, quando vistas à distância, mas sim estreitas.

AS PALAVRAS E SEU SIGNIFICADO

NE QUID NIMIS — Expressão latina que significa **nada em demasia**, e que se usa quando se aconselha sobriedade e moderação em tudo.

NICTAPOLE — E' assim chamada a pessoa que vê melhor de noite do que durante o dia.

Nìmiamente — Prolixamente, ou seja, com demasiado cuidado ou esmero.

NIMIO — Demasiadamente cuidadoso ou esmerado — Impertinente, pesado.

★

NOS TEMPOS de Péricles era comum ouvir, nos templos de Atenas, esta formosa oração: «Oxalá não digamos nem façamos coisa alguma que desagrade aos próximos».

★

ENRIQUE HEINE, o poeta, foi quem escreveu: «Estou convencido de que os macacos sabem falar; porém calam quando vêem o homem, para que êste não os faça trabalhar».

★

A ORIGEM da comemoração de «Todos os Santos» remonta à dedicação do Panteon de Roma ao culto cristão, quando o papa Bonifácio IV, trasladou para êle as relíquias dos mártires das catacumbas.



"Vinde... Chegai sem descanso,
Dores e dores cruéis!
Amontoai mais e mais sôbre os meus
[ombros
Que não falte uma só provação
As fôrças que ainda me restam!"

Êste, portanto, foi o ensino do Bushido. Saber viver, mas saber também morrer.

INFLUÊNCIA DO BUSHIDO — SEU FUTURO — O que o Japão foi deveu inteiramente aos Samurai. Não foram apenas a flor da nação, mas também seu alicerce. Embora se mantivessem socialmente afastados do povo, estabeleceram um padrão moral e guiaram o povo com o exemplo.

As principais fontes de deleite ou instrução popular, os teatros, as barracas dos narradores de histórias, as tribunas dos pregadores, as récitas musicais, as novelas, adotaram como temas principais as histórias de Samurai.

O Samurai chegou a ser o belo ideal da raça inteira. "Como entre as flores é rainha a da cerejeira, entre os homens é senhor o samurai..." canta o povo.

Vive ainda hoje o Bushido?

Embora não confessado, o Bushido foi e é ainda o espírito vivificador, a fôrça motriz do Japão.

Hoje existem, juntos, três Japões distintos: o velho, que ainda não morreu completamente; o novo, nascido apenas do espírito e o da transição, que atravessa seus momentos mais críticos.

segundo o constatou tradicionalmente a astrologia, indica a forma de morte do nativo. Netuno na casa 8.ª de Hitler foi o que determinou prognosticar a sua morte rodeada de mistério, na Chancelaria de Berlim.

No mapa natal de Hirohito, encontramos Marte, o que astrològicamente não é fator de muitas promessas nesse lugar do céu. Porém aqui o encontramos bem espelhado por Mercúrio, o que além de dar uma mente ativa produz faculdades de raciocínio bem equilibradas, as quais, por se encontrar Marte na casa 8.ª levaram Hirohito a pensar repousadamente, em lugar de se deixar arrastar pelos sentimentos mais vivos no transe doloroso de sua nova situação.

Essa influência de Marte, de acôrdo com a sua colocação natal, é o que deixa ver com segurança que o monarca japonês não cometerá o Hara-Kiri.

MÁ INFLUÊNCIA DE NETUNO E A LUA — Netuno se encontra no setor que rege os contratos e as sociedades, mal aspectado, porém, pela Lua, indicando inimigos perigosos, ocultos e dissimulados, embora o bom aspecto de Mercúrio e Netuno prometa habilidade da parte do Micado para iludir todos os seus adversários.

A Lua na casa que indica a nossa posição legal, isto é, a 9.ª, mostra (por estar mal aspectada por Netuno) a desagradável contingência de estar prêso aos rígidos e inflexíveis princípios da lei. Esta é a situação real do atual Micado japonês, também indicada pela posição dos planêtas em seu mapa natal.

INFLUÊNCIA DOS ASTROS NA SAÚDE DO MICADO — Os planêtas mais mal aspectados, ou melhor: os únicos mal aspectados, no mapa de que tratamos, sua a Lua e Netuno, entre si. A Lua abrange as zonas de influência de Virgo, que rege os intestinos, e de Libra, que rege os rins. Por isso provocará afecções nessas partes do corpo ao mesmo tempo que Netuno, em Gêminis, que rege e domina os pulmões, enfraquece a constituição geral.

INFLUÊNCIA DOS ASTROS NO DESTINO — Como o leitor notará, os astros e planêtas determinam um destino, o qual está sempre (e sempre estará) destacado sôbre as limitações e formulismos humanos, por mais elevados que possam parecer, como no caso do imperador do Japão.

Além do mais, devemos destacar o fato de que o destino humano está ligado ao espírito humano, o qual herda os resultados dos fatos pretéritos originados no e pelo mesmo; destino contra o qual nada pode nem mesmo o astrólogo, em seu caso, pelo fato de conhecer astrologia, pôsto que o destino é independente apesar do conhecimento que se possa ter do mesmo. Isto, porém, não implica, como julgam os profanos, na existência de um fatalismo irreparável e abstrutor, pois o espírito é inteiramente livre e em qualquer momento pode mudar a sua linha de conduta.

Não existe, portanto, o cego fatalismo que o profano atribui ao destino!


Imperador Hirohito em seu cavalo branco como supremo comandante do Exército.



O Bushido, no entanto — com relação às noções éticas fundamentais, fator e produto do antigo Japão é ainda o princípio diretor da transição e constituirá a fôrça criadora da nova Era. Foram as sombras de nossos pais que ganharam as batalhas no Yalu, na Coréia e na Mandchúria, que guiaram as nossas mãos e fizeram bater nosso coração. Não morreram essas sombras, êsses espíritos de nossos antepassados. "Se rasparmos ligeiramente a pele de um japonês de idéias mais avançadas, encontraremos um samurai." E mais adiante: "O Bushido, como código independente de moral, pode desaparecer; porém o seu poder não perecerá jamais sôbre a terra."

★

Quantos mais velhos forem seus móveis mais bonitos se tornarão com óleo de peroba.



CONQUISTA DE CEUTA — A CHAVE DO MEDITERRÂNEO — PELOS PORTUGUESES (1415) — Quadro de Rocha Vieira

SALÃO DE CABELEIREIROS DAS LOJAS DA PERFUMARIA MEYER

Um aspecto parcial do salão de cabeleireiros, no qual podemos observar o grande número de clientes aguardando a vez de ser atendida.

A grandeza da chamada "Capital da Zona Norte" — o Meyer — se manifesta através de estabelecimentos de luxo e confôrto, como êste que estampamos nesta página.

Aqui vemos, em dia comum, a grande afluência de clientes da mais alta e distinta classe social à seção de Manicures e Cabeleireiros das LOJAS DA PERFUMARIA MEYER.

Todos os profissionais são competentes na arte de embelezar e a disciplina e o respeito imperam nesta grande organização, como base fundamental da projeção que hoje desfruta.

CABELEIREIROS E MANICURES
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 291-293
Telefone: 29-0968

LOUÇAS E CRISTAIS
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 285-289
Telefone: 29-0968

CHAPELARIA e artigos de ESPORTE
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 277
Telefone: 29-1479

PERFUMARIA
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 291-293
Telefone: 29-0968

SAPATARIA
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 279
Telefone: 29-1860

CAMISARIA
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 285
Telefone: 29-1479

Fábrica de Bibelots MITAC — Perfumes MIMO — Tintas TIC-TAC

RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756

VIEIRAS DE CASTRO & COMP. LTDA — Rio de Janeiro



A ESTRELA DA MANHÃ

famosa novela de ROBERT NATHAN

FOI na manhã do dia 2 de maio que Roberto Whittle, professor de História no Colégio de Caraway, decretou que estava muito próximo o fim do mundo. Acabavam de apontar os primeiros brotos primaveris. Na rua Ormes as primeiras flores começavam a abrir as suas pétalas, enquanto nas grandes árvores surgiam os primeiros pássaros-cantores. A atmosfera suave da manhã, a luz delicada, a ligeira bruma, amarela como o **botão-de-ouro** sob o sol, azulada como a flor do linho na sombra, banhavam as ruas tranquilas de Rivertown e os jardins do Colégio Caraway, onde moças e rapazes, carregando os livros como se fôssem pilhas de tijolos, passavam, indo e vindo de uma classe para outra, como num sonho matinal.

Não se tratava de um acontecimento próximo — pensava Mr. Whittle — **mas iminente e, por assim dizer, quase ao alcance da mão.**

Sentou-se para a primeira refeição e contemplou Amanda, sua mulher, e Lucinda, sua filha, que não fôra ao colégio devido a uma epidemia de varicela que provocava **a baixa** de várias alunas de sua classe. Ao pensar que não estariam os três, assim juntos, por muito tempo mais, sentiu um pânico repentino e foi assaltado por uma impressão de intensa mágua. **Entretanto** — pensou — **para que tentar enganar a si mesmo?**

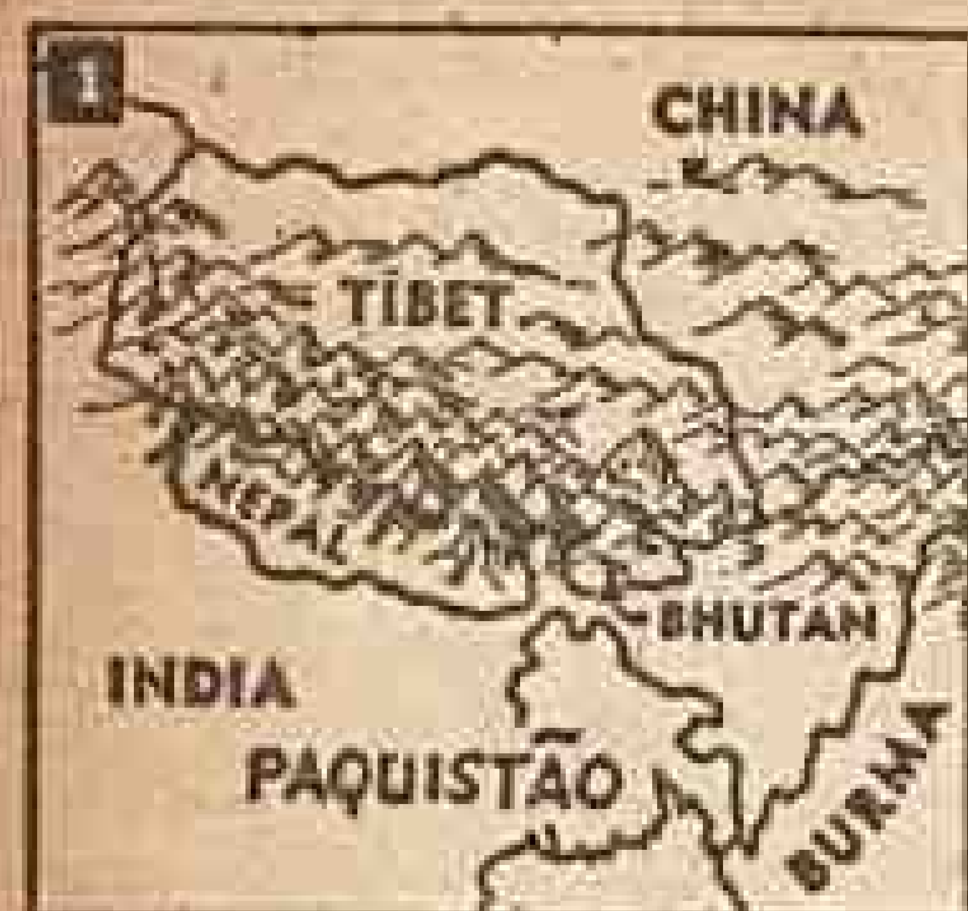
— Adeus — disse, erguendo-se.

Sua espôsa levantou a cabeça, surpreendida.

— Tem que saír tão depressa? — perguntou.

Whittle não respondeu imediatamente. Os maiores físicos do país, os chefes do Exército e da Marinha, todos, todos, estavam de acôrdo em que o fim do mundo estava próximo, e que era apenas questão de tempo. Porém discrepavam quanto à data; eram muitos os que consideravam que o fenômeno se produziria sòmente depois de sua morte; a êsses Whittle replicava que assim afirmavam porque tomavam os próprios desejos por realidades. Os inglêses eram os únicos a acreditar que nada poderia acontecer ao Império Britânico.

Levantando os olhos do jornal, cujas "manchettes" só continham











GRANDES DIVISAS - Estas cordilheiras estão atualmente em evidência, por sua posição de grande importância estratégica. Pode o leitor dizer quais são?
(Resposta à página 136)

más notícias, Whittle adotou um tom grave e enternecido para declarar:

— Nosso destino está cumprido como o estiveram, um dia, o dos diplodócus e o dos homens de Neanderthal, cujo último representante foi, provàvelmente, Gilmamesh, herói da lenda sumeriana escrita no ano 4.000 antes de Cristo.

— O nosso destino está cumprido? Que negócio é êsse? — perguntou Lucinda, enquanto se inclinava para a frente a fim de ler as últimas atribulações de Dick Tracy, a história ilustrada do famoso detetive e que aparecia na última página do jornal de seu pai.

— E' evidente! — disse êste — Nós nos enganamos inteiramente de caminho. Logramos desintegrar o átomo, ou seja aquilo de que estamos formados, mas descuidamos de aprender como nos entender entre nós mesmos. Agora... vamos estourar todos juntos!

— Roberto — disse Amanda — quero falar a sério, um instante, e saber se prefere costeletas de carneiro ou de vitela, para o jantar?

— Teremos compota de maçã? — perguntou o professor.

— Não.

— Neste caso, prefiro o carneiro!

Um instante depois acrescentou:

— Jamais falei tão sèriamente!

— E vamos morrer afogados como nos tempos de Noé e do Dilúvio? — perguntou a filha sem desviar o olhar da historieta detectivesca do jornal.

— Não; desta vez não! — disse Whittle — Desta vez vamos saltar, como petardos.

— Isso seria estupendo! — disse Lucinda, que não prestava muita atenção ao que seu pai se dispunha a explicar.

E acrescentou cheia de satisfação:

— Dick Tracy todavia tem muitas dificuldades para vencer.

Amanda, depois de respirar profundamente falou:

— Tenho que comprar vestidos novos, de verão, para Lucinda. Tem crescido tanto que nada mais lhe serve!

— Que bom! — sussurrou Lucinda.

— Não lhe serviria mesmo um vestido velho... para desintegrar-se? — perguntou Whittle num tom ligeiramente irritado.

— Sim, é claro — replicou sua espôsa — Mas, se temos realmente que estourar, todos juntos, é inútil que nos preocupemos com economias, não acha?

Amanda tinha um grande senso prático, e seu lema consistia em tirar o melhor partido possível daquilo que possuía: entre os sete quartos — hipotecada — o Chevrolet modêlo 1937 e o minguado ordenado de Whittle. Era verdade que êste, depois de vinte anos de esforços e muito trabalho, teria direito a uma aposentadoria; porém ela não tinha a certeza de viver até lá. Não que contasse com o fim do mundo; pelo contrário, pensava que o mundo duraria muito mais tempo do que ela. Mas várias vêzes, à noite, acostumada com a escuridão ao lado de Whittle que roncava suavemente, imaginava que sofria de alguma enfermidade incurável, como o câncer — por exemplo — ou alguma infecção desconhecida. **Essa é a morte** — pensava — **Aquela de que não poderei escapar haja o que houver! Desde o instante em que nasci, estava escrito que êsse seria o meu fim; não posso escapar a êle de nenhuma forma. Como o camondongo prêso na armadilha.**

Assim pensando, sentia-se assaltada por imensa piedade por si mesma, por seu marido e sua filha; e tinha que cantar, cantar qualquer coisa para fortalecer seu moral. Muito baixinho, é claro, para não despertar o marido.

O AMOR E O CASAMENTO

E' necessário mais filosofia para viver feliz no casamento do que para estar contente no celibato. — **Madame d'Arconville.**

★

Quando um homem e uma mulher se casam termina o seu romance e começa a sua história. — **Madame Hubant.**

★

Quando somos jovens, o desejo de ser amadas nos leva a fazer o bem. — **Madame Lannier.**

A VAIDADE

Os olhos da vaidade são lentes que aumentam os objetos mais mesquinhos. Não há indivíduo totalmente isento de vaidade, e aquêle que não se contagiou, está pelo menos «salpicado». — **Segur.**

★

A vaidade é o que há de mais natural nos homens e o que com mais freqüência os faz perder a naturalidade. — **Vauvernargues.**

★

Mais coisas nos obriga a fazer contra a nossa vontade a vaidade que a razão. — **Rochefoucauld.**

e ao chegar à nota mais **alta**, contentava-se com imaginá-la.

No dia seguinte, pela manhã, sentia-se disposta a começar de novo a viver.

Outras vêzes, durante as longas tardes de primavera, quando a circundava um doce aroma de terra úmida e os pardais se afanavam sôbre as árvores grandes do jardim, punha-se a pensar em que desde muitos, muitíssimos anos, os enamorados haviam contemplado em êxtase a primavera, vendo desabrochar a opulência, mais tarde, a velhice e a morte... sem que por isso os pássaros tivessem deixado de cantar e as rosas de desabrochar. Aquêle pensamento a enchia de tristeza e a reconfortava ao mesmo tempo. E quando se animou um dia a falar sôbre isto ao marido, êle se mostrara imediatamente senhor do assunto.

— "O sentido da continuidade da existência estava muito desenvolvido nos tempos antigos, particularmente entre os chineses — dissera êle — Os gregos, pelo contrário, eram egocentristas e não praticavam, como os romanos, a adoração dos antepassados.

Aquela explicação causou profunda impressão em Amanda, embora a achasse um pouco sêca, com relação aos sentimentos que desejaria expressar.

Quanto a Lucinda, a morte, para ela, estava desprovida de tôda significação, julgando que sòmente poderia interessar **aos outros.** Não obstante, quando deu conta de que o mundo inteiro poderia estourar, sentiu que o seu coração se oprimia.

— Diabo!

A idéia de que tal acontecimento atrapalharia suas **grandes férias**, passou pelo seu cérebro.

Lucinda vivia do presente, vivia para os seus pequeninos prazeres, àvidamente saboreados e imediatamente esquecidos pelo seguinte instante de alegria... pelas longas horas de espera. Ante a idéia de experimentar vestidos, sentiu uma sensação de enjôo muito próxima da náusea.

— Tem muita graça — exclamou — Estar de pé, vários minutos e depois de uma pausa tornar a ficar de pé.

— E que outra coisa mais importante você tem a fazer? — perguntou-lhe Mrs. Whittle.

Tudo e nada. Tinha suas amigas, Mariana e Elena, que moravam na mesma rua, não muito distante; as três poderiam muito bem divertir-se juntas com seus brinquedos ou lendo historietas ilustradas, ou simplesmente dando voltas para sentir tudo o que havia de importante — e de fascinante — em crescer. Além disso tinha o seu novo namorado Ralph Wender, que morava na casa da esquina; contava quatorze anos e não tinha, sequer, um pêlo de barba; entretanto constituía uma **coisa nova**, ou seja algo inexplorado... e não anotado no seu fichário; ainda era tão tolinho, e estava tão **sem tosquiar** como um cordeirinho. Tinha, enfim, a primavera, fresca, leve, suave e tão cheia de sonhos, como uma bandeija de balas de aniversário. E sem contar que o sonho já era, para ela, uma ocupação. Uma ocupação importante, sem dúvida nenhuma!...

Amanda conhecia a filha que tinha; conhecia e compreendia. Recordava os seus doze anos e o que a vida tinha sido para ela, nessa época. Agora, com seus trinta e dois, conhecia as obrigações de uma dona de casa, e com isso se preocupava o bastante.

— Acho — disse Amanda, reatando o diálogo — que seriam mais próprios uns vestidinhos de algodão; alguma coisa leve e lavável.

Provérbios ilustrados

NUNCA FALTA UM ROTO PARA UM ESFARRAPADO



Este provérbio significa que por piores que sejam as condições físicas de uma pessoa, sempre encontrará outra em piores circunstâncias que ela própria, já que a escala das imperfeições humanas é ilimitada.

★

PERCORRENDO O MUNDO

A República de Andorra está situada nos Pirineus Orientais, nos limites da França com a Espanha. Tem 452 quilômetros quadrados de superfície e uns 6 mil habitantes. Capital: Andorra, a Velha, com 800 habitantes. Compartilham da soberania de Andorra o chefe de Estado francês e o bispo de Urgel (Espanha).

★

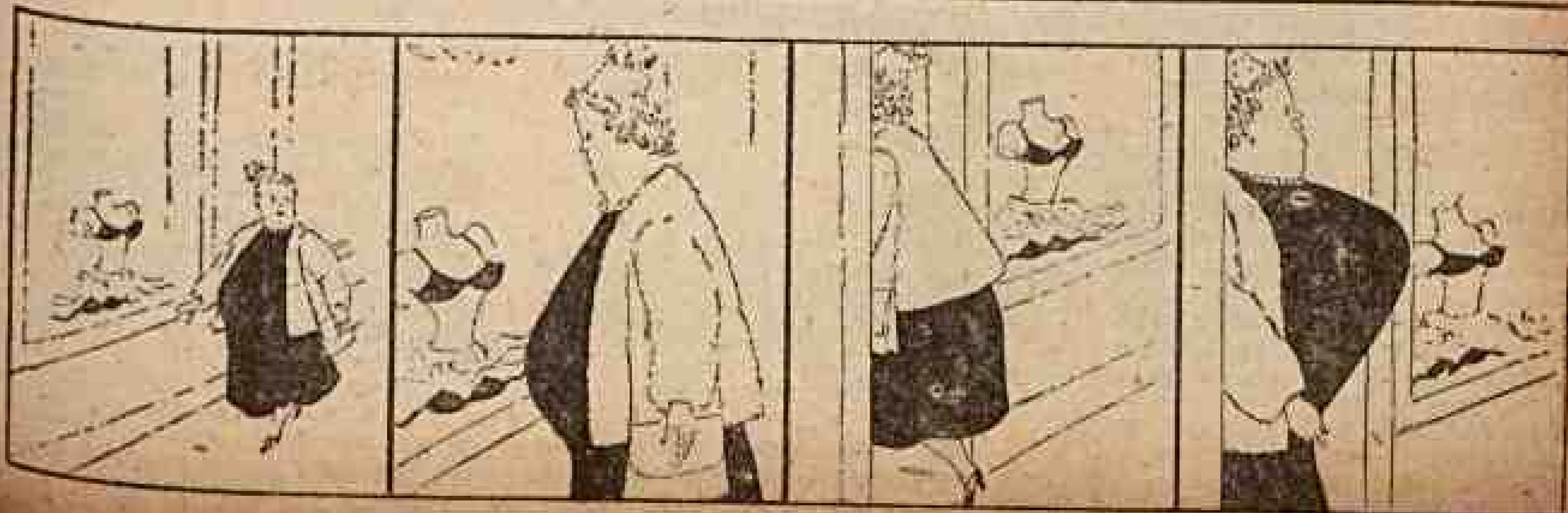
A ilha de Terranova está situada no Oceano Atlântico ao Este do Canadá, do qual a separam os estreitos de Cabot e Belle Isle, e o golfo de São Lourenço. Sua superfície é de 110.677 quilômetros quadrados e tem 285 mil habitantes. Capital: São João, com 40.000 habitantes. E' um «domínio» do império britânico.

★

COSME é nome de origem grega. Significa ornamento, adôrno.

★

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela, óleo de peroba.

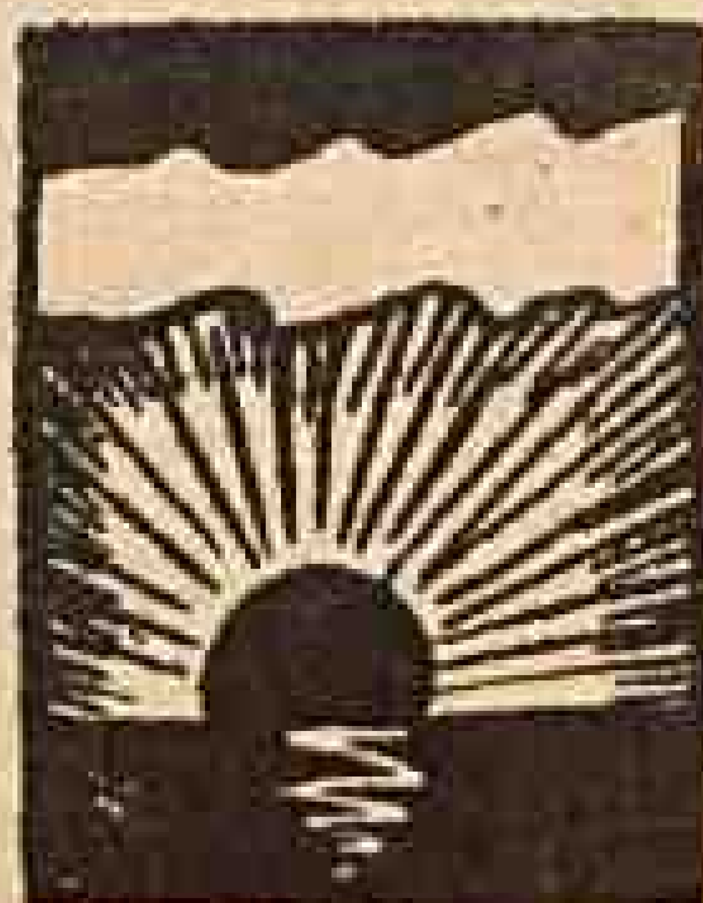


— Não poderia fazer uma saia plissada como a de Elena, mamãe? — perguntou Lucinda.

— Claro que não. — respondeu Mrs. Whittle — O pai de Elena é o vice-presidente de um banco; não deve esquecer isso!

★

Whittle, muito pensativo, contemplava a família por cima das torradas. Verdadeiramente, era forçado a reconhecer que não fôra grande coisa o que tinha conseguido para elas, embora para consegui-lo tivesse feito tudo o possível. E naquele momento perguntava a si mesmo se, de fato, tinha feito **todo o possível.** Que mais poderia ter feito? Tinha esperado algo muito melhor que o Colégio Caraway, mas suas esperanças haviam fracassado. Apesar de tudo, ganhava a sua vida e, até certo ponto, chegara a conseguir a consideração dos amigos e conhecidos — não tanta quanto conseguira o pai de Elena, que era vice-presidente do Crédito Agrícola, e que ia tôdas as manhãs para o seu trabalho no seu possante automóvel. Afinal, nada se poderia objetar à carreira de professor, pois sem dúvida os professôres eram necessários. Porém agora tudo estava terminado, ou quase terminado. Tinha que ir **arrumando as malas.** Muito breve não haveria mais colégios nem bancos nem qualquer espécie de vice-presidentes; então Whittle pensou no Dr. Amadeus Thirkel, diretor do Colégio Caraway; seria um golpe para o doutor Thirkel, o ter que deixar de ser diretor, não ser mais que um leve vapor em qualquer lugar do espaço!



A imaginação de Whittle perdeu-se então em confusas especulações. Era-lhe sumamente difícil conceber o nada, imaginar, por exemplo, que já não existiria a recordação do passado. Pensou: a música, o alfabeto e a sôpa de talharim desvanecendo-se, pura e simplesmente, sem que em nenhuma outra parte se voltasse a fazer qualquer alusão — e isto depois de haver vivido uma vida tão curta, geològicamente falando. Todos os conhecimentos humanos, desde a roda à penicilina, e também o amor, o murmúrio, o sonho, o beijo, o suspiro, o contato das mãos, o sábio movimento dos membros e das articulações, os olhos para olhar, o nariz para olfatear, a língua para saborear, a milagrosa organização dos nervos — tudo isso ia, muito breve, com o tempo, desaparecer no infinito...

Esquecidas seriam as primaveras, com os seus lilazes e seus jasmins! Esquecidos seriam Winston Churchill e todos os discursos de Cícero!

Tudo havia de passar para o esquecimento!

— Estou desolada por ter acabado a compota de maçãs — disse Amanda — Se você quer, comprarei mais, embora acredite que não haja na cidade nenhuma casa que a esteja vendendo.

— Ninguém se lembrará tampouco do que foi essa compota de maçãs... — disse Whittle, friamente.

Amanda olhou para êle um tanto "azêda"; o marido, quando queria, sabia ser muito irritante.

— Esta mania vai durar muito tempo? — indagou — Apenas perguntei: **Devo comprar mais compota de maçãs?**

— Perdoa-me — disse Whittle humildemente — Tinha o pensamento muito longe. Sim, sim; se puder, compre!

Amanda se voltou para a filha:

— Vai para o teu quarto, Lucinda — disse com repentina vivacidade — Vai fazer a tua cama. Tenho que falar com teu pai.

Começou a tirar os pratos, porém antes de sair da sala disse ao marido:

— Acha interessante estar metendo tais idéias na cabeça dessa menina?

Whittle olhou para a mulher com ar surpreendido.

— Que idéias? — perguntou.

— Tôdas essas histórias do fim do mundo!

— Mas afirmo que não são histórias! — disse Whittle.

— Muito bem; mas quer dizer, ao menos, de que serve estar a atacar-lhe assim os nervos?

— Atacar-lhe os nervos? — exclamou Whittle no cúmulo da estupefação — Mas se Lucinda nem sequer prestava atenção ao que eu dizia!

— Pode ser, porém você vai ver como à noite terá pesadelos. Na idade dela as meninas são muito emotivas.

Com as mãos cheias de pratos, Amanda se dirigiu à cozinha; porém, ao chegar à porta, voltou-se e lançando ao marido um olhar interrogativo, perguntou:

QUE GRACINHA!



— Oh! Êsses meus amigos são muito engraçados! Veja carteiro! Mandaram-me três tijolos!

VOCABULÁRIO MÉDICO

FEBRE DO FENO — Espécie de coriza muito incômoda, que, em muitas pessoas, se apresenta anualmente na primavera ou no verão, com inflamação da mucosa nasal, abundante secreção aquosa e espirros muito freqüentes. Costuma ocorrer simultâneamente com um enrouquecimento e inflamação da conjuntiva, com prurido. Não é infecciosa nem contagiosa e pode durar semanas inteiras sem outras conseqüências além das que citamos.

PERCORRENDO O MUNDO

O arquipélago das Baleares está situado no Mar Mediterrâneo, a leste da península Ibérica e diante do golfo de Valência. E' formado por três ilhas principais: Majorca, Minorca e Ibiza, além de outras de menor extensão. Superfície: 5.014 quilômetros. Habitantes: 370 mil. Capital: Palma de Majorca com 97 mil habitantes. As Baleares fazem parte integrante do território espanhol e são uma das províncias em que se divide o país.

— Sinceramente, você acredita que o mundo vai acabar?

Whittle assentiu gravemente, enquanto pensava: **Amanda parece tão jovem como quando nos casamos.** Aquilo lhe parecia assombroso. Naturalmente tinha engordado um pouco, porém êle se acostumara a isso e quase não o notava. Não deixou de observar, também, que se lhe formavam as mesmas antigas covinhas nas faces quando sorria.

— Trata-se apenas de uma questão de tempo — disse — Aí já estão os meios materiais...



— Neste caso — disse Amanda — acho que devemos fazer o que mais apreciamos, divertindo-nos até não poder mais!

E depois desta extravagante observação, desapareceu na cozinha, fechando a porta atrás de si, enquanto o marido ficava a olhar pela janela a brilhante manhã de primavera.

CAPÍTULO II

A aula de história parecia adormecer.

O programa era: **estudo geral do período histórico desde a decadência de Roma à Revolução Francesa.** A hora primaveril transcorria no meio de morna sonolência. Fora, sôbre a grama recentemente cortada, ressoavam as vozes de alguns estudantes, e a areia gemia sob os seus pés. O tempo, como maré atmosférica, ia submergindo lentamente a terra; e o céu, de um azul muito pálido, derramava suave luz sôbre Rivertown.

Whittle, sentado na sua cátedra, contemplava os alunos, do alto do estrado. Via cabeças inclinadas sôbre laudas; via lápis imobilizados ou afanosos; via joelhos cruzados sob lã ou algodão. Via ainda as camisas de coloridos diversos, dos rapazes, com as golas abertas, e **slacks** flutuantes; os **sweaters** e as saias das alunas, de côres menos vivas. Cabeleiras escuras ou claras, fivelas de cintos, sapatos com os saltos cambados, dedos manchados de tinta, cadernos; e de quando em quando, um rosto voltado para êle, obtuso ou compreensivo. Via os olhos e os narizes, porém não podia ler nem o coração nem o pensamento dos seus alunos.

E não obstante pensou: **Por que esta idéia me deprime? Por acaso lêem êles o meu pensamento? Certamente que não, e tanto melhor que assim seja, porque só encontrariam matérias alarmantes.**

— "Na França — disse, — as obras de Voltaire e de Rousseau haviam despertado um vivo interêsse pelas novas idéias."

Os lápis iam e vinham, as linhas se sucediam às linhas.

"Que pensariam êles naquela idade de dezoito e dezenove anos? A vida ... A energia exuberante, como a do salmão em plena correnteza... Os desejos lançados ao vento, como a semente do cardo... O coração, vibrando entre pulos de alegria... e, em que pensava êle agora?"

Na morte!

"Como podia ter mudado tanto em tão poucos anos? Sim. Como? Num dia o mundo transbordava de luz e de esperanças; no outro, as esperanças e a luz se apagavam. De uma maneira a um tempo súbita e furtiva, ao preço de múltiplos esforços, todos voltados para a preservação da própria existência, os homens tinham aprendido a afundar os inimigos em nuvens radioativas, em gases deletérios e em torvelinhos destruidores. Paradoxo seguido de desespêro já que, procurando destruir os demais tinham trabalhado para a própria perda!

"Somente um coração firme poderia dispor de tais conhecimentos; somente um espírito completo e satisfeito. Mas o espírito dos homens, com o correr dos tempos, ficou tão carregado de areia como a moela de uma galinha!"

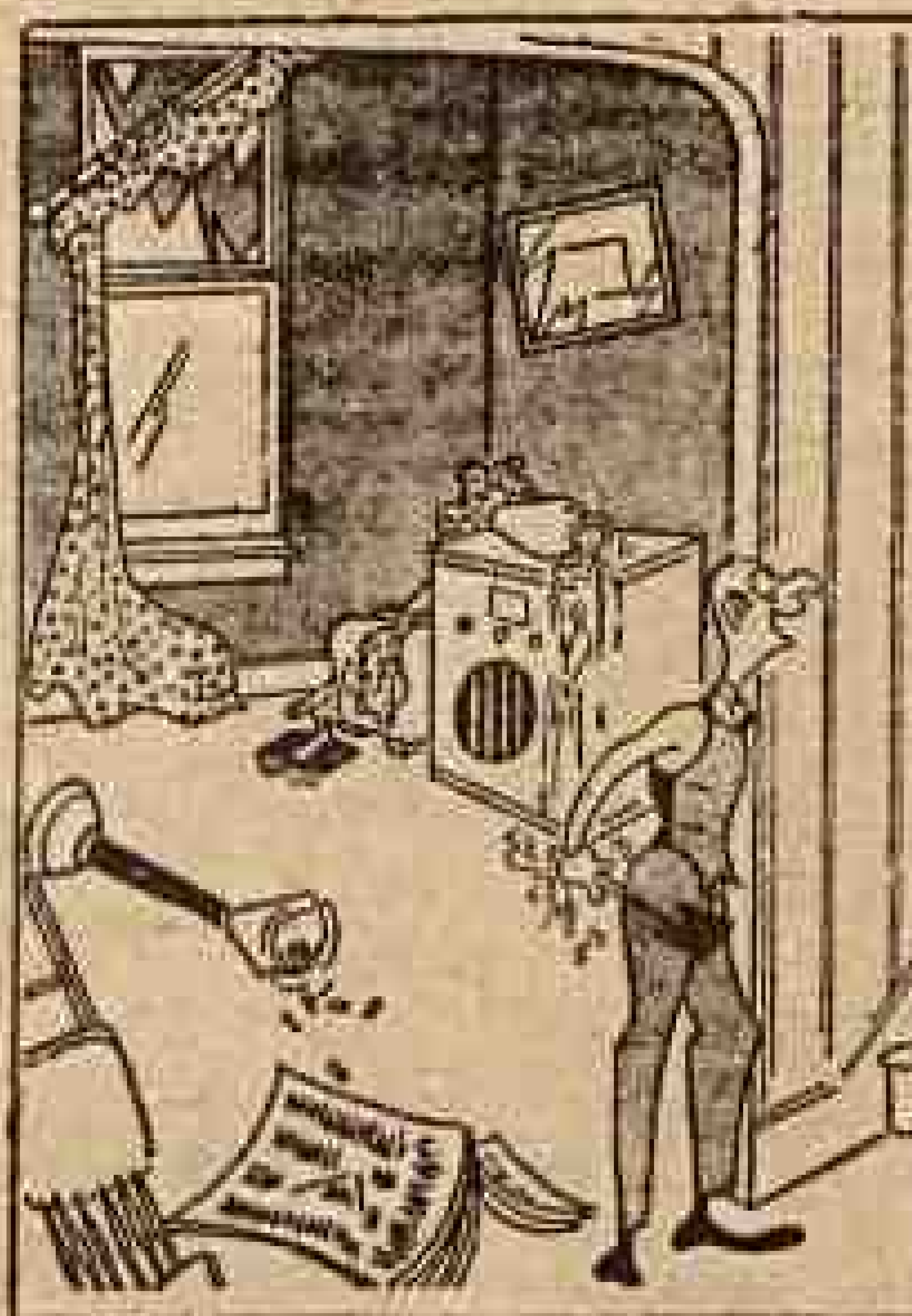
O olhar de Whittle pousou sôbre a cabeça de Penélope Andrews, que se achava sentada na primeira fila; percebeu com precisão, a curva graciosa do colo juvenil, o busto firme sob o tecido verde e plástico do **jersey**, a redondez dos joelhos que apareciam no bordo da curta saia escocesa. **"Penelope Andrews** — pensou — **de que é formado teu coração senão de sêde e de tumulto? Por acaso teu espírito sabe ver mais além do dia presente e do amanhã imediato? Sabe fugir de si mesmo, ou de qualquer rapazola que usa camisa flutuando fora das calças?"** Penelope Andrews não levantava a cabeça. Seu lápis percorria o papel apressadamente, cuidando de que nada lhe escapasse. Acabava de ouvir o professor Whittle dizer:

— "As guerras que se efetuaram entre os franceses e os índios nas selvas da América do Norte, não foram mais do que um microcosmo dos combates do

FALSOS SINONIMOS

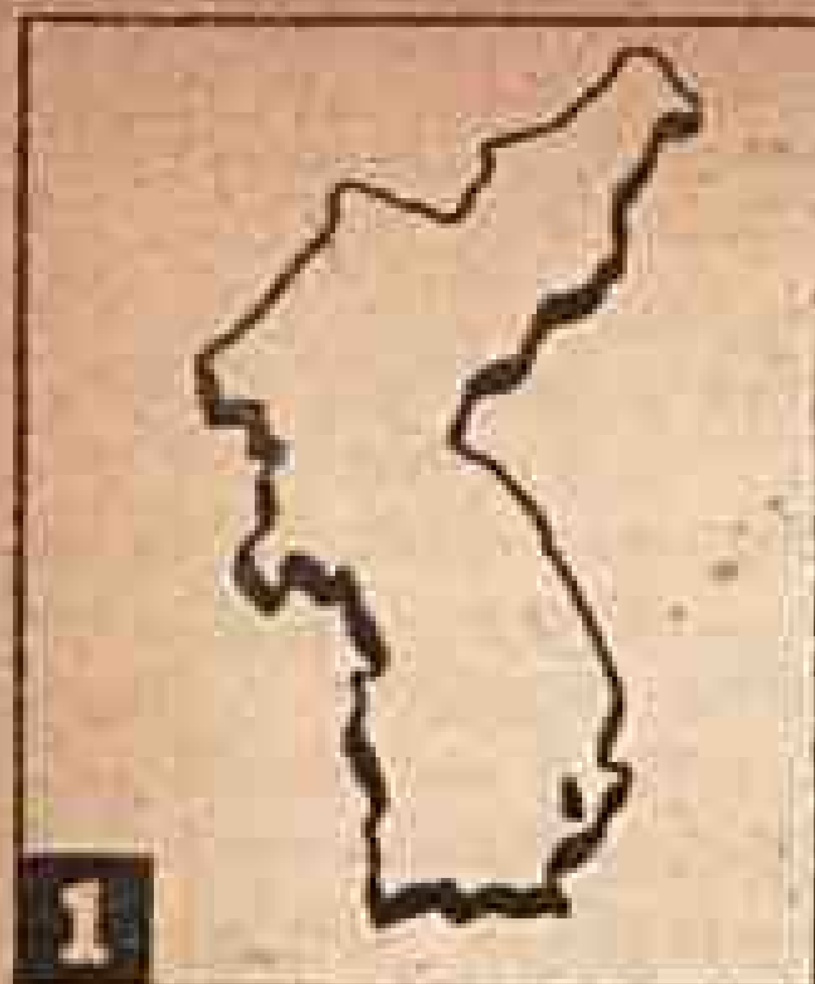
FADIGA e CANSAÇO — Não são iguais. O trabalho uniforme cansa. Estar cansado é **não querer fazer nada**; é sentir a necessidade de suspender tôda ação para... **descançar. Estar fatigado significa ter trabalhado muito. A fadiga é sempre conseqüência da demasiada ação do trabalho rude e prolongado.** O cansaço vem, às vêzes, sem que se tenha feito nada. Uma pessoa **se cança** de esperar. **Fatiga-se** de correr.

HERÓI!

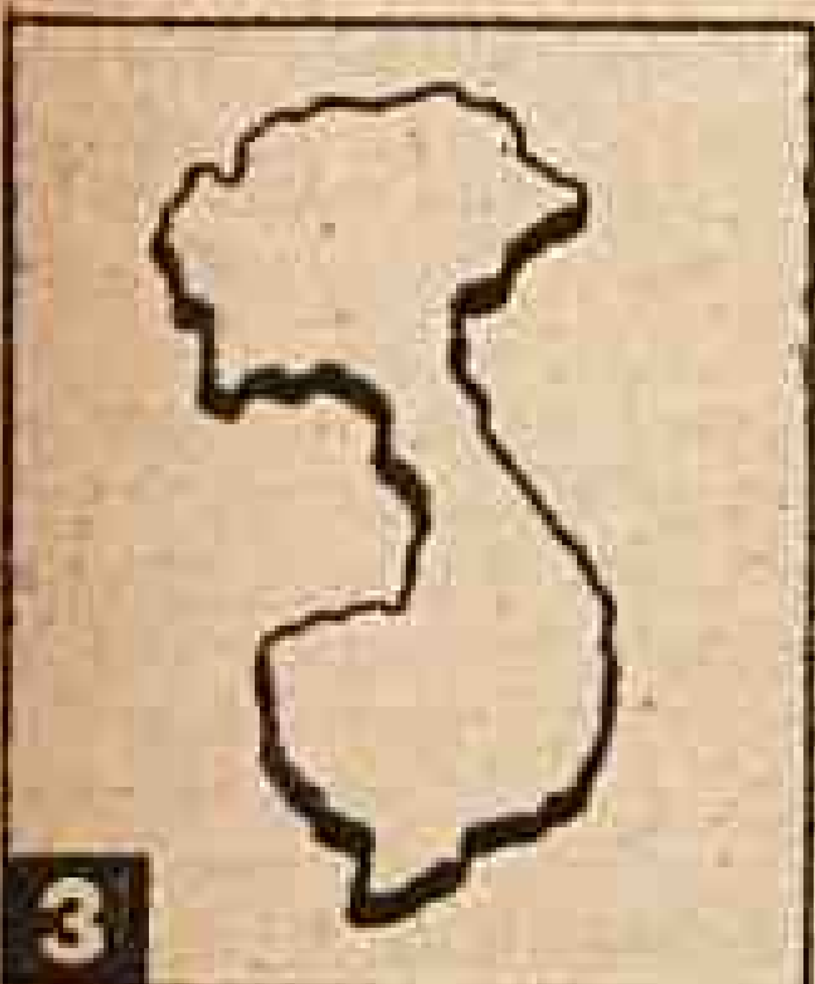


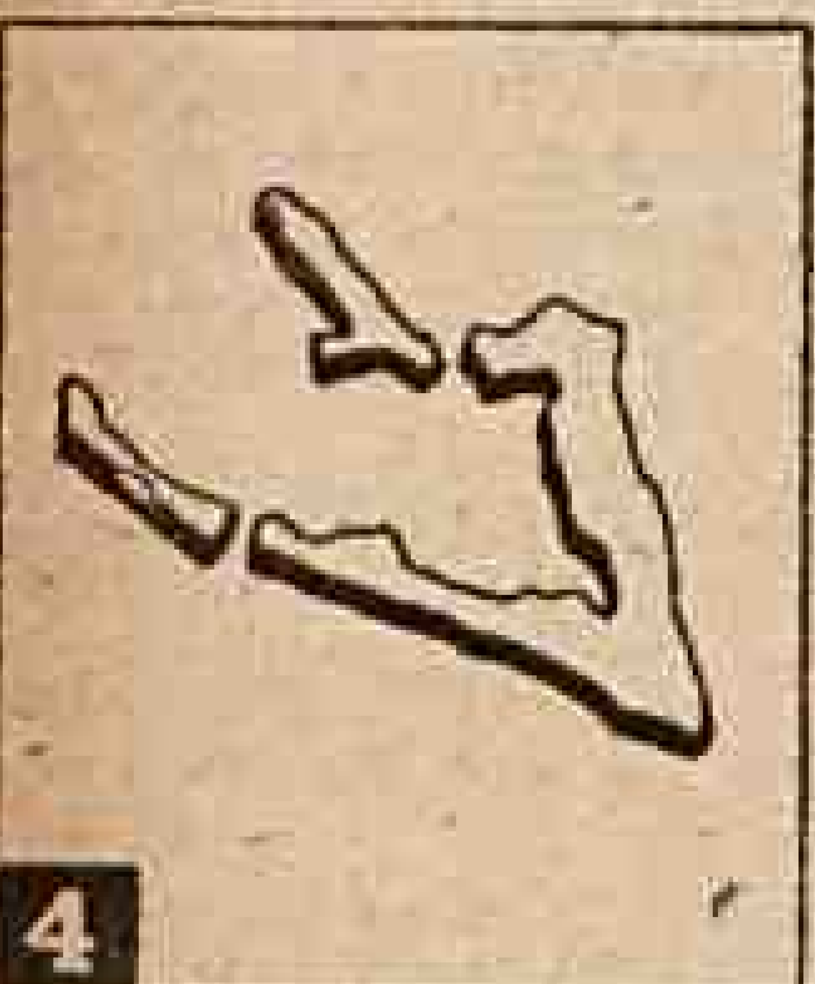
— **Pode vir, Marieta! Já matei o bezouro!**

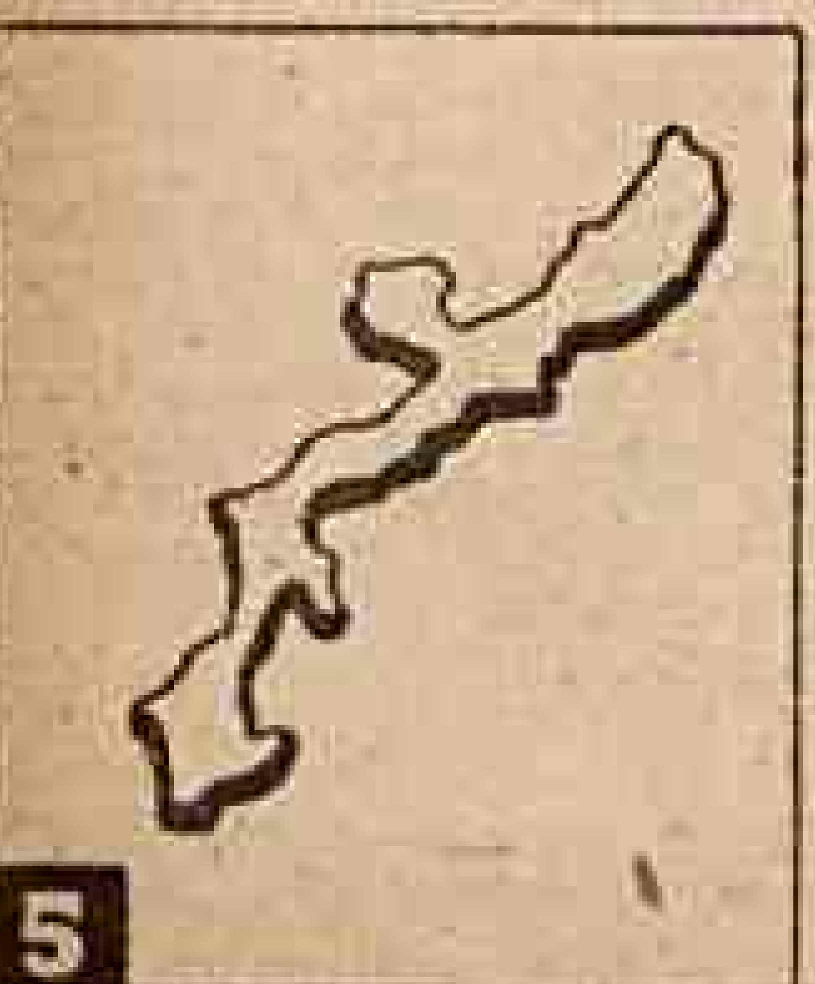
Na antiga Roma, a urina era muito usada para lavar a roupa. Fermentada, esta secreção se torna muito rica em amoníaco. As romanas deixavam vasilhas cheias de urina ao ar livre, o que induziu um imperador a cobrar um imposto contra essa prática, e também contra os «water-closets» públicos. Conta a tradição que o filho do imperador manifestou certa repugnância pelo dinheiro de tal procedência, ao que o pai respondeu: «O dinheiro não tem cheiro, meu filho».











LUGARES QUE ESTÃO EM EVIDENCIA... Você os conhece? São todos situados no Oceano Pacífico. (Resposta na página 150).

delírio através do continente europeu".

Por um instante, Penelope Andrews deixou aparecer entre seus lábios uma pequena língua vermelha e quente como um morango ao sol. Teria que pedir informações sôbre o significado da palavra **microcosmo.**

Mr. Whittle pensou em sua espôsa, Amanda, e em como também era mocinha na época em que a conheceu. Recordava o delicioso tormento do primeiro ano, o mistério da menina dissimulado sob o acúmulo de roupas e de sonhos. Recordava a intensa alegria e o sofrimento do seu idílio...

Como pudera Amanda dizer: **Acho que devemos fazer o que mais apreciamos e nos divertirmos até não poder mais!...**

"Por que suspira teu coração, Penelope Andrews? Pela sombra da tarde, embalsamada de ervas cheirosas e cheia dos derradeiros cantos com que os pássaros se despedem do dia? Pela colina castigada pelo vento e cheia de sol... ou pelo lençol de água do lago? Ou, talvez pela mocidade que desapareceria veloz como asa de mariposa à deriva pela luz... para vogar caprichosamente pelas correntes cálidas da atmosfera... para ignorar tudo, esquecer-se de tudo, menos da alegria, de sentir, de desejar, do abraçar?

Um abismo maior e mais profundo que a noite e tôdas as estrêlas, parecia abrir-se entre ela e êle, como para separá-los. **"Não temos em comum nem ao menos o gôsto pela História!** — pensava — **E quanto ao que eu possa ensinar, ela não viverá o tempo suficiente para conhecer o seu preço".**

Penelope Andrews tornou a guardar a ponta da língua. Não havia nada de mais aborrecido do que a História — aquelas histórias dos tempos passados! Quem se preocupava com o passado... sobretudo, o passado **dos outros?** Só importava o dia de hoje; tão só era vital o instante presente, que fazia cantar em sua cabecinha o estribilho das canções em moda, que comunicava a seus joelhos o movimento e o ritmo dos últimos passos de dança, que gravava no seu espírito e no seu coração, a imagem de um rapaz de cabelos castanhos: Marvin Greene, o irmão de Mariana Greene; Marvin, o indiferente, o audaz, o divino..."

Se ao menos aquela aula de História **quisesse** acabar de uma vez, poderia assistir à de matemática em companhia de Marvin, e com êle dar, em seguida, uma grande volta pelo ginásio e **Dakin Hall**...

Levantou a cabeça, os olhos cheios de sonhos, e pôde comprovar que o professor **Whittle** tinha o olhar fixado sôbre ela. **Sentiu-se** desconsertada; corando, **baixou** o olhar até aos joelhos. **Teria, por** acaso, uma atitude incorreta? **Não;** não era isso... De repente, **levantou** a cabeça e olhou para Mr. Whittle sob as grandes e escuras pestanas.

Conservava os olhos voltados para ela, **com um olhar estranho... insondável... "Que homenzinho engraçado!** — pensou depois — **Muito menor que Marvin e, no entanto, infinitamente mais velho: tanto que poderia ser meu pai, sem dúvida alguma! Que quererá êle? Por que tem êsse ar tão pensativo? Chega a causar pena!**

Levantou a cabeça e dois grandes olhos dourados fitaram de frente a "Mr. Whittle".

Êste falava aparentemente da reunião dos **Estados Gerais de 1789;** mas, na realidade, dizia adeus à humanidade. Acobertando-se na Revolução Francesa, apostrofava a sua própria geração!

"Tinham tudo em mão! — exclamava para si mesmo — o que faltava era apenas um coração que batesse em uníssono com a cabeça. Pensar até que tinham levado a

---

PESCA ARTIFICIAL. — Há pouco tempo realizou-se em **Nova York** um concurso de pesca artificial, em que os participantes tiveram tôdas as emoções do esporte em alto mar, embora atuando num local fechado e em terra firme. Pescaram peixes mecânicos e tinham uma lancha automóvel de brinquedo. O concurso foi organizado pelo Clube de Pescadores, de Freesport, Long Island, ponto de partida de uma flotilha de verdadeiros pescadores de atum, que costumam levar amadores em seus barcos para iniciá-los na difícil arte da pesca marítima. Na prova realizada os experientes na matéria ensinaram aos amadores como utilizar os caniços especiais para a pesca de peixes mecânicos que nadavam em ondas imitados do natural.

★

GRANDES DIVISAS (Resposta da página 132)

1 — Himalaia. 2 — Cáucaso. 3 — O Grande Atlas. 4 — Cadeira de St. Elias (Yukon). 5 — As montanhas do Ural.

ciência a tão alto nível e que tinham chegado a realizar sensacionais descobrimentos! Eram donos da terra e do ar. Até a varíola pudera ser vencida! Chegaram a vencer a enfermidade, a fome, o calor e o frio; a distância, o silêncio e o deserto! Sòmente faltava vencer o mêdo e o ódio! E êstes tinham causado a perdição geral!

"Vale a pena morrer para continuar a ser Inglês, ou para impedir que os outros se tornem russos ou sejam democratas?

"Eram todos deuses, do ponto de vista de uma formiga ou de um cão; o poder humano se estendia de tal forma que chegara a parecer de essência divina. Era uma grande verdade: os homens tinham domesticado o raio, reduzindo os elementos à escravidão; haviam descoberto o firmamento e inventado a música. Parecia que nada existia além da sua própria fôrça — a não ser o entendimento mútuo, a cordialidade, único bem que não haviam conquistado.

"Mas tinham sido cruéis e, finalmente, a crueldade os levará à ruína! Desde tempos imemoriais tinham sido grosseiros, daninhos e arrogantes; com o tempo chegaram a ser furiosos, distribuindo golpes às cegas.

"Os homens se converteram em inimigos por muitas razões ou mesmo sem qualquer razão... Por ter o nariz comprido, ou pela côr dos cabelos; por ter mais dinheiro ou por ter menos... Pretextos fúteis ou nulos! Sòmente esqueceram uma coisa: que os odiados também eram homens.

"E, se tivessem, todos, consciência de tudo isso, talvez se conseguisse encontrar uma saída; tomados pela surprêsa, estupefactos e amedrontados até com as conseqüências dos seus atos, bem poderiam ter procurado corrigir-se. Mas desgraçadamente não estavam prevenidos, por mais que os jornais discutissem os seus erros, incessantemente. Há dois milhões de anos os diplodócus enterraram outros animais no seio das camadas carboníferas, entre rugidos e berros tremendíssimos, para deixar-se enterrar, êles pró-



ORIGEM DO EDREDON — A palavra **edredon** procede das palavras norueguesas **eder** e **din**. A segunda, que corresponde ao **down** inglês, significa a penugem da ave, e **eder** ou **eider** é nome de um palmípede da região ártica, cujas penas são utilizadas para pazer os melhores **edredons**. O **eder** vive em estado selvagem nas regiões glaciais do norte, e particularmente na Lapônia e Spitsberg. Seu alimento se compõe de peixes, que suas asas incansáveis lhe permitem pescar a grandes distâncias da costa, já em alto mar. Depois de passar o dia todo sôbre as águas à procura do alimento, retira-se à noite para alguma ilhota de gêlo, lugar de descanso suficientemente temperado para êle, **que está acolchoado com edredon**. O eder constrói o seu ninho nas fendas das rochas escarpadas da costa; é feito com musgo, algas sêcas e, no seu interior, com **edredon** que o pássaro arranca do próprio ventre. Sôbre esta cama pequena e morna estão colocados cinco ou seis ovos de um verde escuro. Depois que a cria sai, os caçadores de **edredons** (os islandeses, principalmente) buscam os ninhos abandonados e recolhem a preciosa plumagem, não sem perigo, porque os ninhos estão colocados em paragens quase inaccessíveis. E' necessário ficar atados com cordas, sôbre o abismo, ao longo das rochas, cortadas a prumo, para encontrar os lugares freqüentados por estas aves.

★

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

CONHEÇA O SIGNIFICADO DO SEU NOME

AMBRÓSIO — deriva do vocábulo grego «ambrosios»; significa **imortal.**

ANDRÉ — procede também do grego «aner-andrós», que quer dizer: **homem,** no sentido mais viril e galhardo da palavra.

ANGELO — do grego «aggelos» que significa **mensageiro** (os anjos são, por conseguinte, mensageiros do Senhor).

BENJAMIN — De origem oriental. Composto de duas palavras: «ben», **filho** e amin», **mão direita.** Por conseguinte, significa «filho da mão direita» ou seja, predileto.

BERNARDO — Origem germânica. De «berin», **urso** e «hard», **valente.** Temos, assim: :valente como um urso».

BLAS — do latim «blasius», vocábulo que assinala pessoa que tem pronúncia defeituosa. Na sua origem foi, sem dúvida, aplicado a alguém que não possuía facilidade de palavra.

CALIXTO — Do adjetivo superlativo grego «sallistos», que significa **belíssimo.**

CATARINA — Do adjetivo grego «catarós» cujo significado é **puro.**

CLÉLIA — A raiz dêste nome é ainda discutida. Alguns sustentam que deriva de «eléos» que em grego equivale a **glória** (mulher gloriosa). Outros dizem que provém do adjetivo latino «cuilius», que significa **filho de cliente.**

prios, mais tarde. Mas não arrastaram, em sua ruína, mais que alguns animais e insetos de nenhuma valia; os homens, ao contrário, estavam dispostos a aniquilar o sistema solar!"

— Aquêle jovem tenente de artilharia — disse "mister Whittle", agora despertando do seu sonho e falando em voz alta — era corso e seu nome era Napoleão Bonaparte.

Foi nesse justo instante, quando o seu olhar que até então tinha errado ao acaso, cruzou com o olhar direto e penetrante de Penelope Andrews. De início, Whittle permaneceu impassível, depois, repentinamente, seu coração deu um salto e estremeceu, como sob o golpe de uma descarga elétrica.

Por um instante ficou como petrificado. Voltou depois a cabeça, batendo as pálpebras; então pigarreou, clareando a voz e conseguiu outra vez respirar; mas não pôde, contudo, afastar de sua imaginação aquêle olhar direto e que parecia realmente dirigido a êle. Não sabia o que fazer; se tornar a olhar ou não para Miss Andrews; tinha vontade,sim, de fazê-lo, mas não ousava, achando isso impossível, por delicadeza e consciência da sua posição; compreendia que o melhor era fazer como se nada houvesse notado.

Em algum lugar do edifício soou uma sineta, anunciando o final da aula. Mr. Whittle imediatamente fechou o livro que estivera aberto sôbre a mesa.

— O fim do mundo está próximo. Tratem de tomar as últimas disposições...

Alegremente, em meio de um estrépito de cadeiras e de pés, tôda a aula se levantou; os alunos foram saindo, sem se dar o cuidado de perguntar a mister Whittle que desejara significar com a sua observação.

— A história do mundo — disse miss Woyezinsky a seu colega favorito, ao sair da sala — é a história da Igreja Católica.

Seu camarada, um rapazola chamado O'Leary, cujo pai era empregado num "moinho" de farinha, replicou simplesmente:

— A história do mundo será escrita pela Rússia.

Penelope Andrews descia apressadamente a grande escada de pedra do salão de conferências, sem falar com qualquer colega. Uns instantes depois, passeava em companhia de Marvin Greene pela aléia que corria ao longo do ginásio, entre tufos floridos. Marvin apresentava-se magnífico como sempre, com camisa de grandes quadros verdes, vermelhos e prêtos; trazia a gola aberta e a fralda flutuando ao vento, fora da calça. Os cabelos castanhos, untados com óleo e água de colônia, brilhavam ao sol, e seu semblante revelava uma quietude satisfeita. Iam de mãos dadas, os braços balançando.

Pela maneira como seu companheiro lhe segurara a mão, percebia ela uma espécie de frieza, que a fazia estremecer.

— Que tem você, Marvin? — perguntou.

— Nada.

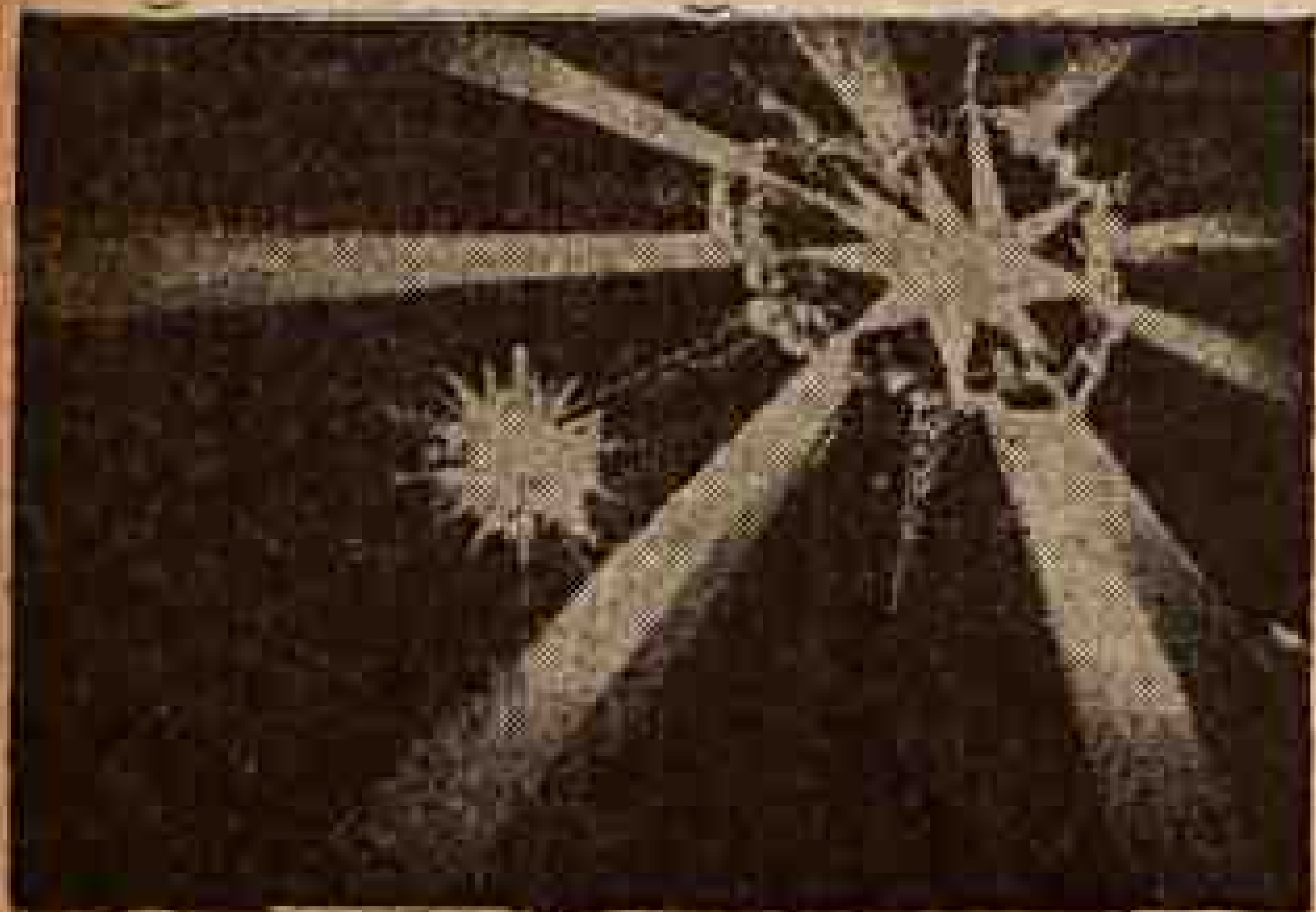
A verdade era que tudo ia muito bem, embora ao mesmo tempo tudo parecesse andar de través; era que, simplesmente, começava a cansar-se dela. E não porque ela tivesse culpa, nem porque êle mesmo o

DE ONDE VEM O MUNDO? PARA ONDE VAI?

EXPLICAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

NO CÉU CEM MIL TERRAS

Eis as duas mais formidáveis perguntas feitas pelo homem à Ciência. Desde o último século, astrônomos, físicos, matemáticos pacientemente reuniram observações, teorias e estudos. Sabemos hoje que a nossa Terra não passa de um pequenino grão



de pó, submisso ao sol, outro grão de pó numa nebulosa de estrêlas que, por sua vez, é simples poeira entre outros muitíssimos bilhões de nebulosas.

Conhecemos a resposta à pergunta QUE? (de que é composto o universo).

Dois jovens astrônomos inglêses, Fred Hoyle e Raymond Arthur Lyttleton, da Universidade de Cambridge, com a ajuda de uma teoria que revoluciona a cosmologia e apaixona as sociedades sábias do mundo inteiro, tentam hoje dizer COMO êsse universo nasceu. E' êsse o objetivo do seu livro «A Natureza do Universo», que obteve grande sucesso de livraria na Inglaterra e nos Estados Unidos da América do Norte. A imprensa científica do mundo inteiro publicou notícias a respeito. O rádio inglês igualmente comentou elogiosamente a obra. Nos

Há três bilhões de anos, uma irmã gêmea do Sol explode. Êsse fenômeno é chamado "supernova".

percebesse de forma consciente; porém na verdade êle desejava algo novo, sob uma forma talvez menos bela, mas de qualquer modo apaixonante. A primavera é a estação da renova, da caça e do perigo; o único perigo que poderia ameaçá-lo, se continuasse a cortejar Penelope era o de vir a acabar casando com ela.

Penélope desenlaçou suavemente os seus dedos. Que ar idiota tinham aquêles tulos com suas florezinhas amarelas! A própria semana lhe pareceu repentinamente uma sucessão descolorida e interminável de coisas absurdas, ridículas e lúgubres...

— De que estêve falando hoje o velho Whittle? — perguntou Marvin.

— Não sei — respondeu ela.

O velho Whittle! O professor corara imperceptivelmente quando ela o havia fitado. Devia ter uns trinta e cinco anos, quarenta no máximo; mas... era possível que se emocionasse assim nessa idade? Enfim... Era possível pensar em **flirt?** Moveu a cabeça de um lado para outro, indignada e mesmo um tanto escandalizada.

— Falou vagamente do fim do mundo — disse afinal — Mas não compreendi muito bem o que êle quis dizer.

— Ora! Estêve tentando ser espetacular... — disse Green — Todos os professôres gostam de despertar interêsse.

— Isso é verdade — declarou Penélope — e a metade do tempo não se compreende nada, absolutamente, do que dizem.

Permaneceu durante alguns momentos silenciosa, em comunhão espiritual com Marvin, que era o seu ideal. Depois perguntou timidamente:

— Vai levar-me ao cinema, esta noite?

Êle desviou a cabeça, ligeiramente aborrecido:

— Sôbre isto, justamente, queria falar-lhe... Esta noite tenho um encontro com alguns colegas...

Penélope inclinou a cabeça; esperara um pouco aquela resposta. Sentia-se muito infeliz; e sem saber de todo por que, começou a vituperar com o pensamento a Mister Whittle. Não havia nenhuma necessidade de que a olhasse daquele modo.

Os homens eram todos "assim mesmo".

Ao mesmo tempo pensou com certa alegria em que talvez Mr. Whittle também fôsse infeliz. Sentia-se repentinamente impaciente por que chegasse a segunda-feira e a próxima aula de História. "Desta vez — pensou — vou olhar bem para êle; é tão engraçado ver como fica corado e desvia o olhar..." E alegrava-se de possuir êsse poder... até com homens da idade de Mister Whittle.

Porém, apesar de tudo, se fôsse verdade que Marvin não a amava mais, teria o coração despedaçado.

CAPÍTULO III

Amanda se achava em plena limpeza. Rodeada pelos baldes com água, uma escôva, os trapos de limpar a poeira e as vassouras, tendo a cabeça coberta com um grande lenço e um velho avental prêso à cintura, esfregava, lustrava e sacudia o pó de tôdas as peças da pequenina residência, inclusive o pe-

CONHEÇA O SIGNIFICADO DO SEU NOME

CRISÓSTOMO — provém das das duas palavras gregas «crusós», **ouro,** e «stoma», **bôca.** Quer dizer: **bôca de ouro,** ou **que fala bem.**

MANUEL — da frase bíblica «inmanu El» que quer dizer **o Senhor está conosco.**

HENRIQUE — Nome de origem germânica; antigamente, neste idioma, «heinrich» significava **chefe da casa.**

EUFEMIO — Nome que, como Crisóstomo, corresponderia a um bom advogado. Deriva de dois vocábulos gregos: «ou», **bem,** e «emi», **falar.**

FELIPE — De «filos», **amigo** e «ippos», **cavalo: bom cavaleiro, afeiçoado aos cavalos,** etc..

GABRIEL — Do assírio «gabri-El» que significa **homem de Deus.**

GENOVEVA — deriva das palavras célticas «gen», **faces** e «gwef» **branco; a das faces brancas.**

LUIS — ainda que estranho, êste nome deriva de Clodoveu (do antigo franco «clod» e «wick» que quer dizer **guerreiro ilustre**). **Clodoveu, na sua forma latina, produziu Clodovecus e sua abreviatura «Clóvis» o** que formou **«Luis».**

MARGARIDA — do latim «margarita», que significa **pérola.**

PANTALEÃO — de «panta», **tôdas as coisas** e «leôs» o que quer dizer **leão em tôdas as coisas.**

DO MISTÉRIO DO UNIVERSO

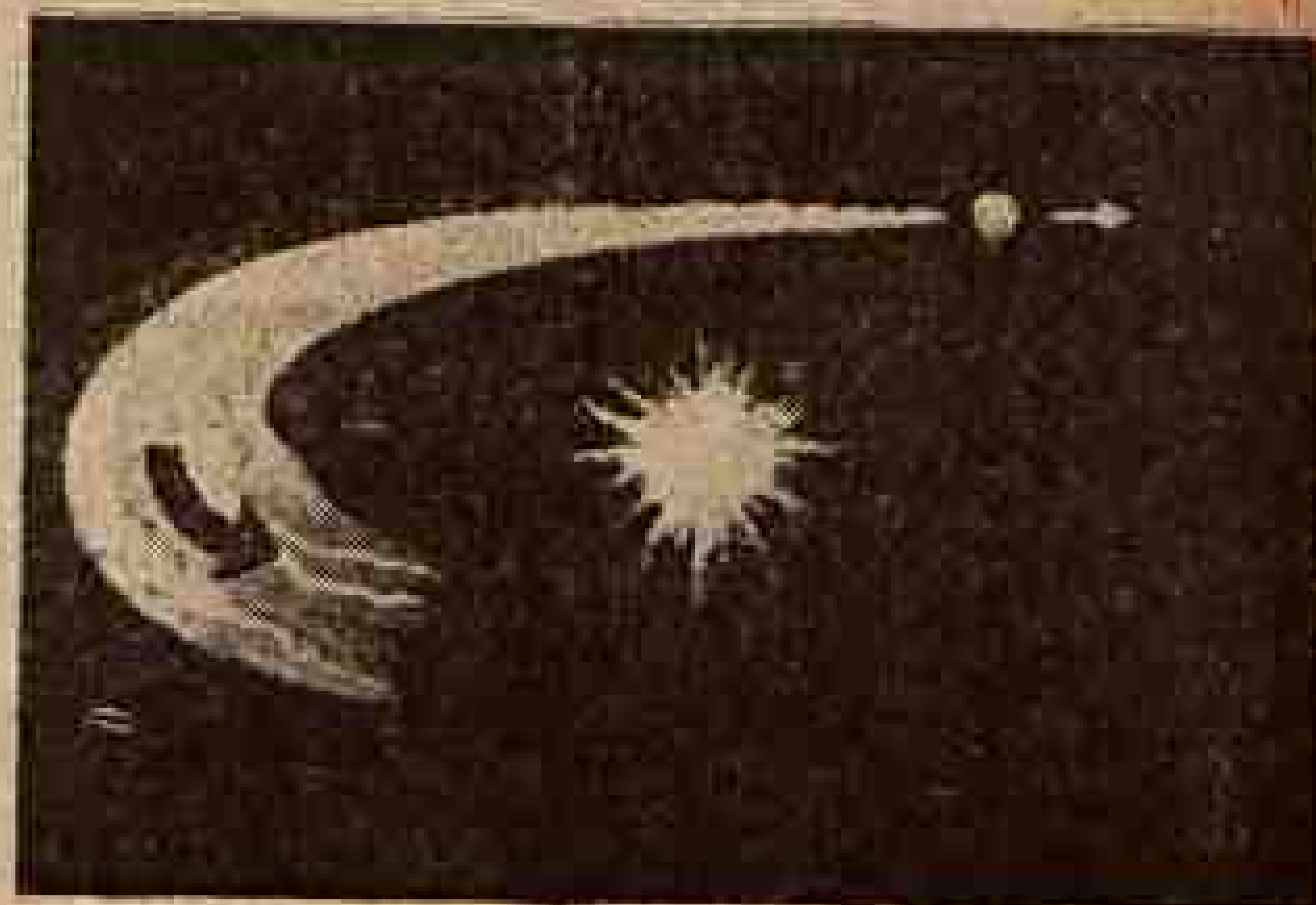
HABITADAS COMO A NOSSA

Estados Unidos da América do Norte o «Times» consagrou-lhe várias páginas.

QUAL A «MATÉRIA PRIMA» DO MUNDO?

«No começo de tudo» o hidrogênio era o corpo mais elementar — pois que o seu átomo comporta um único **eletron,** girando em redor do núcleo. O imenso espaço do universo primordial estava cheio de uma nuvem infinitamente rarefeita (cêrca de 1 átomo de hidrogênio por 16cm3). O hidrogênio é um gás instável. Seus átomos se atraíram uns aos outros e formaram gradualmente enormes nuvens, de densidade mais elevada e que percorreram o espaço durante milhões de anos. Pouco a pouco, essas nuvens se aglutinaram em imensas massas gasosas, girando lentamente sôbre si mesmas e assumindo pouco a pouco o aspecto de discos com um diâmetro de 60.000 anos-luz (o ano-luz) como se sabe, é a distância que percorre a luz em um ano à velocidade de 300.000 km. por segundo).

Tôdas essas nebulosas, que darão nascimento às «galaxias», enormes amontoados de estrêlas (o Sol



A estrêla, explodindo, desprende uma nuvem de gás que, atraída pelo Sol, começa a gravitar em seu redor.

CONHEÇA O SIGNIFICADO DO SEU NOME

MARTIM — do latim «Mars» nome do **deus da guerra.**

SEBASTIÃO — do grego «sebastos» que quer dizer **venerável.**

TERESA — do grego «terae», **vontade de casar;** quer dizer: **casadoura.**

VENANCIO — do latim «venaris» que significa **sair de casa.**

VICENTE — do latim «vincens», **vencedor, vitorioso.**



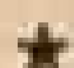
NATUREZA

A Natureza se parece com uma dessas grandes sinfonias que cada um entende a seu modo. — **Alfredo de Musset.**

A Natureza quer que as verdades sejam contagiosas, e que as idéias procurem buscar seu nivel como a água. — **Lamartine.**

Tôdas as fôrças humanas reunidas não têm poder para mudar, nem mesmo nos menores detalhes, as leis da natureza. Nem árvores crescem nem as idéias se desenvolvem com tiros de canhão. — **Esquirós.**

Dizem os filântropos que a natureza nos fêz a todos iguais! Heresia! Ao contrário, ela nos fêz diferentes! — **Campoamor.**



Os seus móveis velhos, poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza óleo de peroba.

quenino aposento que Whittle gostava de considerar como seu escritório. Aquela saleta, onde se alinhavam os seus livros e se espalhavam muitos papéis; em que estavam expostos seu diploma pelo Estado de Iowa, seus cachimbos e um jarrão de prata ofertado por seus alunos da Escola Cropper, no momento em que deixara aquela instituição para assumir suas funções em Caraway, criava nêle a sensação, senão de segurança, pelo menos de continuidade. Amanda encerava o soalho cada oito dias, assim como o resto da casa, pois era mulher consciencioso. Trabalhava duramente, não só por necessidade, mas também para lançar um repto a seus pais, que não haviam aprovado jamais aquêle casamento e nestes quatorze anos continuavam esperando que acabasse mal.

Mas não; o seu casamento não acabara mal; ao contrário, quanto mais se acelerava a fuga dos anos, mais se perpetuava pela fôrça do costume. Mais por isso do que pela alegria que pudesse causar ou por qualquer outro sentimento. Amanda recordava perfeitamente o júbilo dos primeiros anos, como recordava os estios de sua mocidade, embalsamados de aromas, cheios de serenidade e terrìvelmente distantes. Continuava havendo estios, porém era forçoso reconhecer que haviam mudado completamente, assim como os seus cabelos, que eram agora mais escuros. **Nada desaparecera jamais** — pensava ela — **As coisas apenas parecem desaparecer.** O dia e a noite podiam servir de exemplo; para vê-los renascer é bastante esperar a manhã de outro dia ou a noite do dia imediato. Era como uma roda que girasse, girasse, girasse, sem fim.

Por isso, parecia-lhe muito inverossímil que o mundo deixasse de existir, embora Roberto o afirmasse. As opiniões de seu marido lhe eram quase indiferentes. Por ventura se ocupava êle com a casa? Não. Então? Como de costume, teria que fazer a limpeza e depois cozinhar, não era assim? Em seus lábios apareceu um sorriso fatigado ante a idéia do que Roberto diria caso não encontrasse o jantar pronto, ao voltar para casa; sem dúvida não se resignaria a ficar com fome e deixar-se desintegrar com o estômago vazio.

Não obstante, via-se obrigada a reconhecer que o mundo havia mudado muito, desde a época em que era menina. Ajoelhada num pequeno charco de água com sabão, tentou compreender o que ocorrera.

Antes de tudo, julgou que o mundo de suas recordações parecia ter sido um mundo de benevolência e de liberdade. Porém, depois de alguns momentos de reflexão, acabou perguntando a si mesma se talvez fôsse ela, então, muito criança para compreender o que se passava em seu redor. Devia ter sido isso mesmo — pensou — As crianças não notavam o que ocorria; mesmo em tempo de guerra, não pensam nela e cuidam só do que lhes interessa. Por isso a vida se torna tão difícil para os pais. Estava convencido de que Lucinda havia de dizer lá com os seus botões que nunca poderia ter vivido em época melhor; o que, examinando bem, não estava muito longe da verdade.

---

faz parte de uma dessas galaxias, a **Via Lactea**), eram, nesse estado, sombrias como na narrativa bíblica dos primeiros dias da criação. Em seu seio condensações locais se produziram, dando nascimento a outras tantas estrêlas.

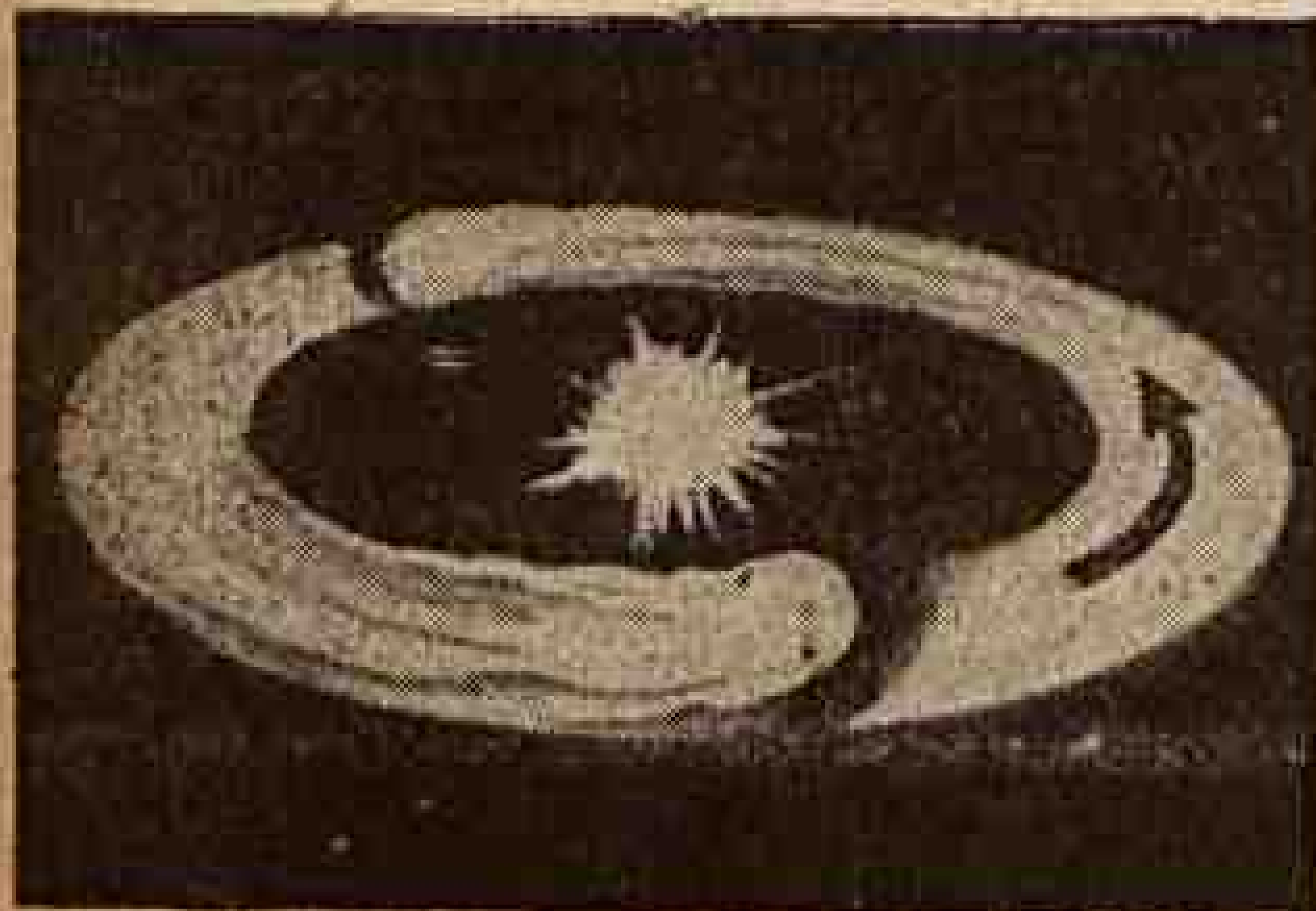
POR QUE AS ESTRÊLAS BRILHAM?

Uma estrêla nasce quando no seio de uma grande nebulosa de hidrogênio uma nuvem se contrai a ponto de se reduzir ao milionésimo de seu diâmetro primitivo. Essa contração engendra um enorme calor que provoca a reação atômica. O hidrogênio se converte em helium, desprendendo intensa radiação de luz, de calor e de outras radiações. (E' essa reação que forma a base da famosa bomba «H»).

A estrêla nasceu. E' um sol como o nosso. Desde que a energia produzida em seu seio equilibra as radiações que emite em sua superfície, a estrêla se torna estável. Se fôsse abandonada a si mesma, queimaria lentamente seu hidrogênio durante bilhões de anos, como uma lâmpada queima a sua provisão de azeite.

POR QUE CERTAS ESTRÊLAS EXPLODEM?

Algumas vêzes, no ocular do telescópio, o astrônomo assiste a uma imensa tragédia estelar: uma estrêla anônima entra a brilhar de maneira incomum. Seu brilho aumenta de milhares de vêzes. E repentinamente a estrêla desaparece, consumida num gigantesco incêndio. Tôdas as estrêlas podem viver êsse drama. E' suficiente um pouco de acaso infeliz. Boa parte do gás que formou as galaxias ficou em estado de gás interestelar ou no estado de nuvens. Quando se observa a **Via Lactea**



A nuvem forma em redor do Sol um disco turbilhonante, que se condensa em enormes bolas de gás

Amanda tinha diante de si a perspectiva de uma longa e dura jornada de trabalho; a bem dizer nunca havia bastante tempo para acabar de fazer **tudo.** Uma vez terminada a limpeza, teria que ir ao mercado e fazer fila para comprar três costeletas, um pão de fôrma, quatro tomates embrulhados em celofane, uma dúzia de ovos e uma caixa de fósforos. Não havia nada mais no mercado; nem manteiga, nem margarina, nem **moyonaise,** nem azeite de oliva, nem açúcar, nem farinha; nada, também de peixe, de sabão em escamas, de salada, ou de legumes frescos. Voltaria depois para casa a fim de preparar o almôço; à tarde levaria Lucinda ao centro, para comprar-lhe um vestido e em seguida teria que se ocupar imediatamente com os preparativos para o jantar; depois deveria fazer as contas do dia, passar alguma roupa, remendar meias, pregar botões e escrever aos seus pais uma carta afetuosa e otimista, dando notícia de todos.

Durante aquêle tempo, Mr. Whittle lia em seu "escritório" os jornais da noite com as últimas notícias da Europa e da América do Sul; Lucinda ouvia o rádio, onde os temas mais elevados dos maiores compositores eram apresentados como triviais cançõezinhas de amor.

Aos domingos, Amanda comparecia à igreja, não porque, exatamente, acreditasse em Deus — do qual, por outra parte, negava a existência — mas pelo sentido do bem, para ter sossêgo e porque aquilo também servia de diversão. Já não tentava arrastar com ela o marido ou Lucinda; Whittle a havia acompanhado durante algum tempo, nos primeiros anos de seu casamento, acreditando ser obrigado a isso por sua condição de professor do colégio; depois deixara de ir, porque — dizia — era impossível acreditar ao mesmo tempo na História e na Divina Providência; quanto a Lucinda, Amanda compreendia perfeitamente que a idéia de Deus ultrapassava de muito a imaginação de sua filha. Experimentou, uma vez, referir-se à história de Jesus, mas acabou convencida de que conseguia apenas baralhar as suas idéias; Lucinda não conseguia compreender como Jesus pudera ser a um tempo o filho de Deus, pobre e satisfeito. Seu marido havia observado, nessa ocasião, que, até mesmo aos judeus de sua época, o fato havia intrigado.

Pesava, além do mais, sôbre Amanda, o fato de não desejar inspirar à filha o mêdo do seu Criador, pois pensava que isso seria um mau início de educação. Por outro lado, Lucinda não entendia muito bem porque tinha que amar a Deus pelo simples fato de a ter criado; e assim teria de esperar também que amasse a seu e a sua mãe a pretexto de que a sustentavam e a mandavam para a escola. Na realidade, Lucinda não amava a nada e a ninguém; mas sentia-se **atraída** por Van Johnson e por Peter Lawford.

Havia esperado também causar impressão sôbre Ralph Wonder, que morava na esquina da sua rua, mas isso era um plano mais direto e mais pessoal.

Aquêle domingo, à noite, estava ela sentada no chão, a um canto,

VOCABULÁRIO MÉDICO

MIOCARDITE — Inflamação do miocárdio ou seja do músculo cardíaco. E' muito raro encontrá-la na forma aguda, sendo os casos em geral um fenômeno associado à valvulite aguda. Também sobrevêm abcessos cardíacos, tumores purulentos no miocárdio, vertendo-se o pus no pericárdio ou no interior do coração, tornando-se perigo muito sério. A miocardite crônica se desenvolve principalmente no tecido conjuntivo do miocárdio, onde produz manchas esbranquiçadas. Quase sempre provém da miocardite aguda.

★

AS PALAVRAS E O SEU SIGNIFICADO

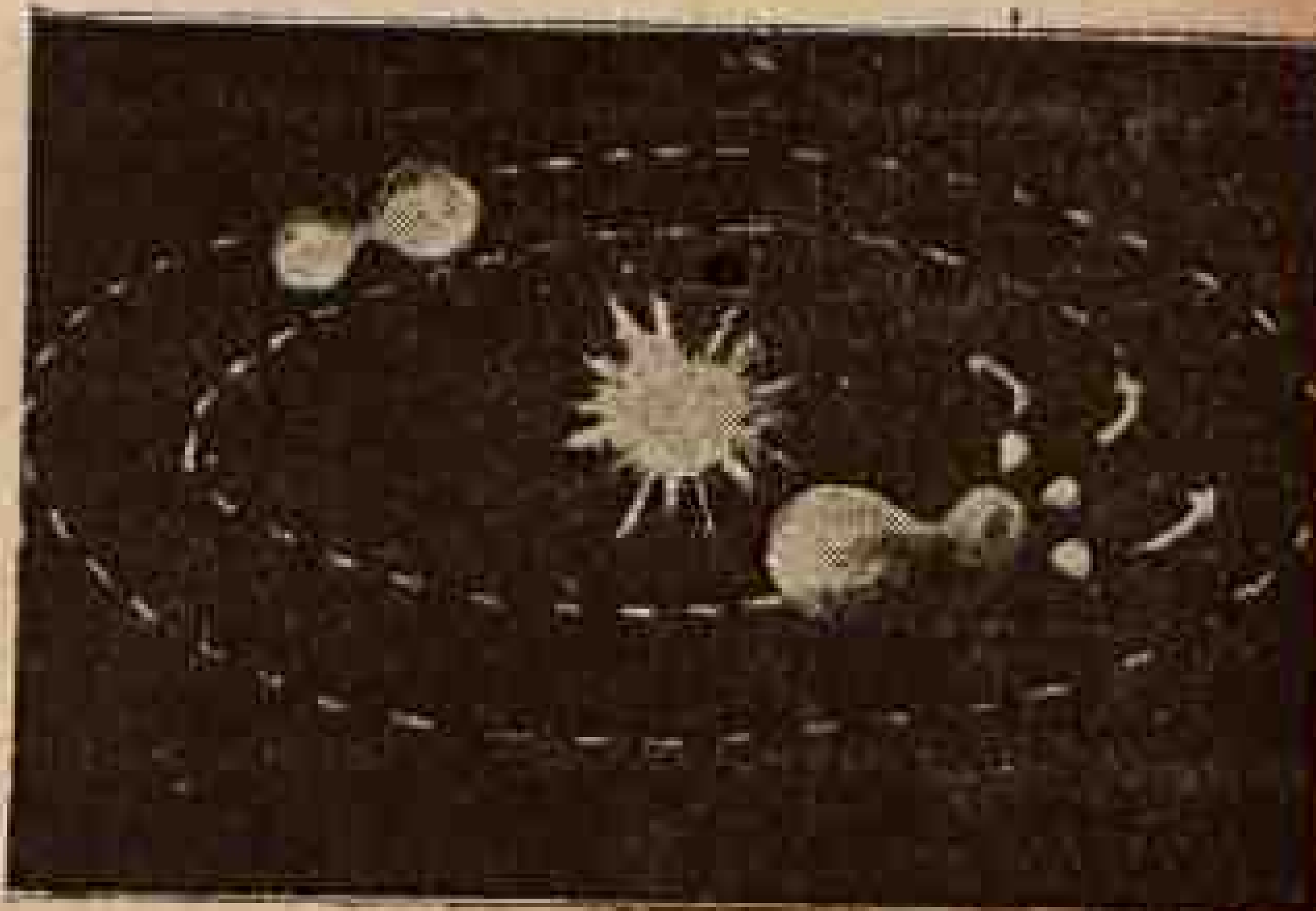
POLIARQUIA — govêrno de muitos.
POLICITAÇÃO — promessa que não foi aceita.
POLICROISMO — propriedade de certos minerais que apresentam côr distinta, segundo são vistos, por refração ou reflexão.
POLIFARMACIA — prescrição de grande número de medicamentos ou o abuso dos mesmos.
POLIFONIA — conjunto de sons simultâneos em que cada um expressa sua idéia musical, porém formando com os demais um todo harmonioso.
POLIGRAFIA — arte de escrever por diferentes modos secretos ou extraordinários, de sorte que o escrito não seja legível senão para quem possa decifrá-lo.
POLISARCIA — obesidade.

★

Querendo ver os seus móveis sempre novos conserve-os com óleo de peroba.

em noite limpa, podemos ver, a ôlho nu, essas nuvens que se apresentam como rombos negros, abertos na massa leitosa. Ao telescópio é possível ver longos filamentos sombrios de massas escuras, cujo diâmetro atinge algumas vêzes 100 anos-luz. Essas nuvens estão compostas principalmente de hidrogênio, misturado, às vêzes, de partículas de elementos mais pesados. As estrêlas e as nuvens de gás se movem em turbilhão, nas galaxias, e êsse gigantesco «ballet» força algumas vêzes uma estrêla a atravessar uma nuvem de gás. Sofrendo a atração da estrêla, as partículas de nuvem de gás caem em suas superafícies em interminável chuva. Inchando, crivada dêsses combustíveis, a estrêla começa a roncar como uma panela cheia até o bordo. Por menor quantidade de matéria interestelar que receba a estrêla, tem início a tragédia. Sua massa, bruscamente aumentada, obriga a estrêla a queimar seu hidrogênio em cadência anormal. Seu brilho aumenta e ela entra a emitir uma luz azulada, mil vêzes mais poderosa que a do nosso Sol. Essas estrêlas são chamadas «super-gigantes». Estão condenadas à morte prematura. Queimando muito depressa, consomem seu hidrogênio em 500 milhões de anos, quando uma estrêla «razoável», como o Sol, pode queimar em «fogo lento» durante 50 bilhões de anos.

Quando a «super-gigante» transforma todo o seu hidrogênio em helium, começa a se contrair. Nessas condições esquenta terrivelmente. Ao mesmo temos, diminuindo de volume, gira mais depressa sôbre si mesma. Acaba por chegar a velocidade vertiginosa e, sob a influência da fôrça centrífuga, fragmentos de sua superfície se destacam e se per-



Essas bolas, sob o efeito da fôrça centrífuga e da gravitação, se fragmentam em destroços mais densos.

em companhia de Elena Blaney, na sala de jantar dos Whittle. As duas amigas liam as histórias ilustradas e discutiam para saber, entre Mr. Stettinius ou Dick Tracy, qual dos dois era mais adorável.

Tendo terminado de comer e de tirar a mesa, os Whittle receberam a visita de Elena e seus pais. Os homens foram discutir no salão. Sentados a um e outro lado do fogão de inverno, Mr. Blaney e Mr. Whittle falavam de política, relativamente ao plano local e nacional.

Mr. Blaney considerava que os negócios do país eram sólidos, porém estavam mal dirigidos. Instaladas, lado a lado, no divã, as duas senhoras costuravam, conversando sôbre o preço da carne e a escassez dos tecidos **nylon;** do sabão e dos adornos para cortinas. Amigos desde muito tempo, nem um nem outro temiam perder sua mútua consideração por discutir aquelas coisas. Amanda, porém, não deixava de pensar que Alfredo Blaney era vice-presidente de um banco e podia permitir-se o luxo de pagar as coisas a preços altos; em tais condições, Ruth Blaney não tinha o direito de queixar-se...

— O que mais me aborrece — dizia Mr. Blaney, recostando-se em sua poltrona e contemplando com ar sonhador o charuto que sustentava entre dois dedos — é que nos vemos obrigados a dar exagerado valor a serviços que nada têm de excepcional. Durante a guerra nada podíamos fazer contra isso; era necessário fazer o trabalho fôsse por que preço fôsse. Porém agora devemos meditar um pouco mais sôbre êsse problema. Que parece devemos pagar? Ninguém aceita uma redução; ao contrário, todos querem um aumento...

...— "Pois claro — pensava Mr. Whittle — **Ninguém desejou jamais diminuir suas exigências, excetuando-se os primeiros cristãos e os eremitas da Tebaida... e êstes mesmos porque pretendiam pedir muito mais no outro mundo."**

— O govêrno — prosseguiu Mr. Blaney — está metido num atoleiro. Quatorze anos com os democratas no poder. Quatorze anos durante os quais se foi cedendo às exigências dos operários... E agora é preciso pagar. O importante seria saber o que ocorrerá com o dinheiro. A inflação...

— O dinheiro — interrompeu Mr. Whittle — irá perdendo valor incessantemente, porque cada vez vai caindo em mãos de mais gente. A fortuna de Creso, que constituía em sua época a maior parte da riqueza mundial, era, segundo o critério moderno, relativamente pequena. Há um século, qualquer um era milionário com um milhão de dólares, porém aos criados se pagava oito dólares por mês. Hoje quase se necessita de um milhão para viver...

— Eu não iria tão longe — saltou Mr. Blaney.

Mr. Whittle, que ganhava no colégio um ordenado de três mil e duzentos dólares por ano, continuou:

— Chegamos ao descobrimento do que significa **não ser milionário.** Esta noção é, já, por si mesma, bastante desanimadora. Agora vamos provar que é impossível dispensar o trabalho dos demais.

— Todos temos que realizar o nosso trabalho — disse Mr. Blaney — Isso me parece que é embrulhar um pouco as coisas.

— As coisas já estão embrulhadas — respondeu calmamente Mr. Whittle. — Você pensa — e isso é uma suposição — que as pessoas podem ser melhor recompensadas em seus salários, quanto mais raros sejam os seus serviços. Mas justamente, até no mais baixo nível podemos passar perfeitamente sem êsses serviços raros; ao contrário, não podemos, em nenhum nível, passar sem os serviços das pessoas humildes.

— Tal como vão as coisas — disse a Sra. Blaney — seremos obrigados a aceitar, dentro de pouco tempo, o nível mais baixo...

— De qualquer maneira — objetou Mr. Whittle — as coisas não devem ir tão longe...

Amanda passeou o olhar pelo seu agradável salãozinho, que tanto lhe custara limpar. Da sala de jantar chegavam o rumor das conversas e os risos das duas meninas, que, com a maior inconsciência, confrontavam suas experiências e suas opiniões. A Sra. Blaney costurava com pontos miúdos e rápidos: Mr. Blaney chupava o charuto com evidente satisfação e, sôbre a chaminé, o relógio continuava tranquilamente o seu tic-tac.

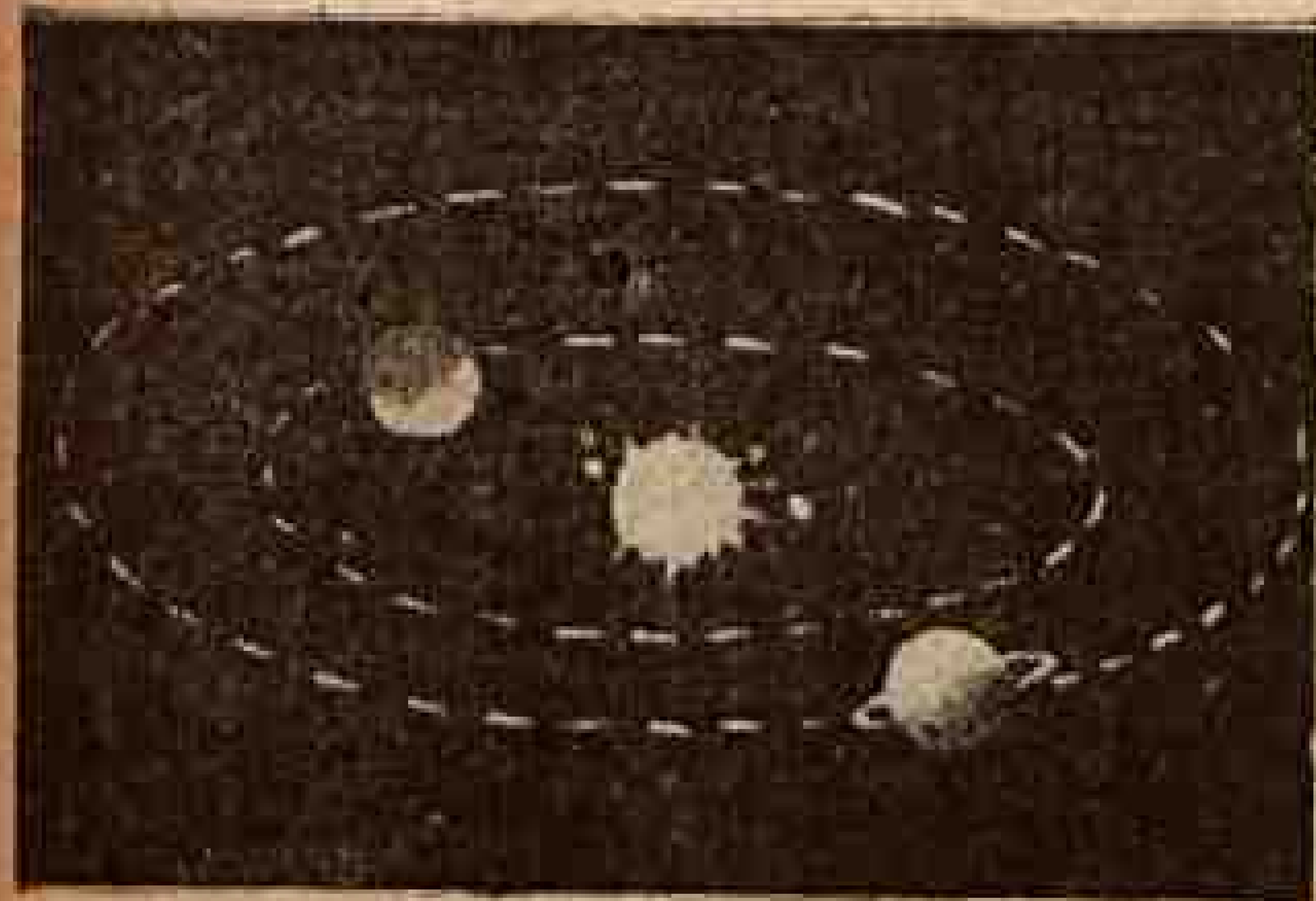
— Roberto está convencido de que se aproxima o fim do mundo — disse Amanda, sorrindo.

Com suma delicadeza, a Sra. Blaney cortou com os dentes a ponta da linha da sua costura, fazendo a seguir um nó.

---

dem no espaço. Pelos formidáveis rombos assim produzidos, jatos de fogo são lançados no espaço. Êsses chamejamentos estelares são chamados **nova** pelos astrônomos.

A estrêla continua diminuindo de volume, tornando-se mais quente e girando então loucamente. E agora verdadeira bomba atômica em potência.



Nos seus últimos dias é quase tão pequena como a Terra, porém cada centímetro de sua substância pesa centenas de milhões de toneladas. Gira sôbre si mesma à velocidade de 100 milhões de quilômetros horários.

A estrêla vai morrer numa fantástica explosão. Uma reação nuclear é desencadeada em seu seio, produzindo elementos pesados (ferro, uranium). Depois, em poucos minutos, sua substância é brutalmente projetada no espaço, em gigantescos jatos de nuvens que viajarão no universo a milhões de quilômetros por hora. O grande brilho se extingue. Ali onde havia a «super-gigante», flutua um frágil brilho: seu núcleo queimado e que se dissipa lentamente. Os astrônomos chamam essa explosão estelar de «super-nova».

O SOL TAMBEM PODE EXPLODIR

O Sol, atualmente, não corre êsse risco. Viaja com muita rapidez através de uma nuvem muito rarefeita. E' provável, entretanto, que em época anterior, tenha êle atravessado uma nuvem densa. A

Êsses destroços da estrêla defunta, formaram a Terra e os outros planêtas que gravitam em redor do Sol.

— Deveras? — interrogou.

Depois, voltando-se para o marido, perguntou:

— Ouviste falar disso, Alfredo?

— Não — respondeu Mr. Blaney — Mas é claro que teremos **o fim do mundo**, se o Congresso não cessar de ditar leis para derrubar todos os negócios, como vem fazendo nestes últimos quatorze anos!

A luz da lâmpada acabava de recortar, de perfil, o rosto de Amanda, criando uma sombra sob os seus olhos e destacando a firmeza dos seus traços, a vivacidade e a delicadeza dos dedos que guiavam o **ir-e-vir** da agulha no tecido. — **"E' uma mulher muito bonita** — pensou Mr. Blaney — **Mas trabalha demais!"**

Não era a primeira vez que notava o encanto de Amanda. Conhecia-a de longa data, desde que chegara a Caraway, com o marido. Amanda tinha levado a filha, então, para a escola de Riberton, na mesma classe que Elena. Isso há uns cinco ou seis anos. Cinco pelo menos!

"Trabalhamos todos excessivamente" — disse para si mesmo, complacente. Depois, sem razão aparente, começou a pensar que envelhecia e não realizara em sua vida nada de apaixonante. Fizera os estudos primários e secundários e a seguir entrara para o banco; tivera êxito, mas não pudera tirar de sua profissão nem entusiasmo nem motivo de secretos pensamentos para enriquecer a sua solidão. No curso dos quinze anos do seu casamento com Ruth, jamais beijara outra mulher e, naturalmente, Ruth não beijara a mais ninguém além dêle mesmo. Não era o que se pudesse dizer: **uma mulher bonita:** falando com inteira franqueza, até se poderia dizer que estava um pouco "passada". Perguntava agora a si mesmo se, por sua vez, também estava "passado", mas, não obstante, não tinha essa impressão.

Mr. Blaney sentia curiosidade por saber se Amanda continuava enamorada de seu marido. Aquilo deveria ser-lhe indiferente e, no entanto, inexplicàvelmente, sentiu-se triste. Talvez preferisse que os Whittle já não se amassem...

Pensou, por um instante: **Supondo que, verdadeiramente, chegue amanhã ou na semana próxima o fim do mundo... que farei, metido em meu escritório?**

Começou a transpirar e teve que passar o lenço pela fronte. Que ocorria com êle? Não queria morrer sem ter ao menos uma aventura...

Fora, na noite de maio, as falenas voavam enlanquecidas, diante das janelas, e os besouros teimavam em querer varar os cristais. A Sra. Blaney prosseguia plàcidamente seu trabalho e, na sala de jantar, Lucinda dizia a Elena:

— Não sabes? Hilda Cornwaller ainda usa cabelos compridos e em cachos... Não acha uma idiotice?

— Claro que sim! — exclamou Helena — E' ridículo!

CAPÍTULO IV

Na segunda-feira seguinte, Mr. Whittle foi chamado ao escritório do diretor. Encontrou o Dr. Thirkel sentado diante da mesa sôbre **a qual** repousava um porta-pena, em forma de jogador de **football**, e um quadro em que se lia a seguinte divisa: **"A recompensa do estudo é a sabedoria".** Mr. Whittle se sentou, porém sem cruzar as pernas, tão nervoso estava.

— A que devo a honra... — perguntou com voz sumida.

O Dr. Thirkel procurou imediatamente que seu subordinado se sentisse à vontade.

— Então, Whittle? — disse em tom cordial — Como andam as coisas?

— Muito bem, segundo penso — respondeu Mr. Whittle, assaltado pela incerteza.

Muitas vêzes tinha pensado que como professor de História, e como homem já de certa idade, nada devia temer, podendo permanecer tranquilo e senhor da situação, quando o Dr. Thirkel se dirigia a êle. Porém o fato era que batia as pálpebras sempre que se via diante da Autoridade, fôsse qual fôsse a forma em que surgisse à sua frente. Os pensamentos mais sinistros assaltavam a sua imaginação; repentinamente, Whittle se sentiu incapaz desonesto, sem dinheiro e sem emprêgo; e então sentiu profunda piedade por sua família.

---

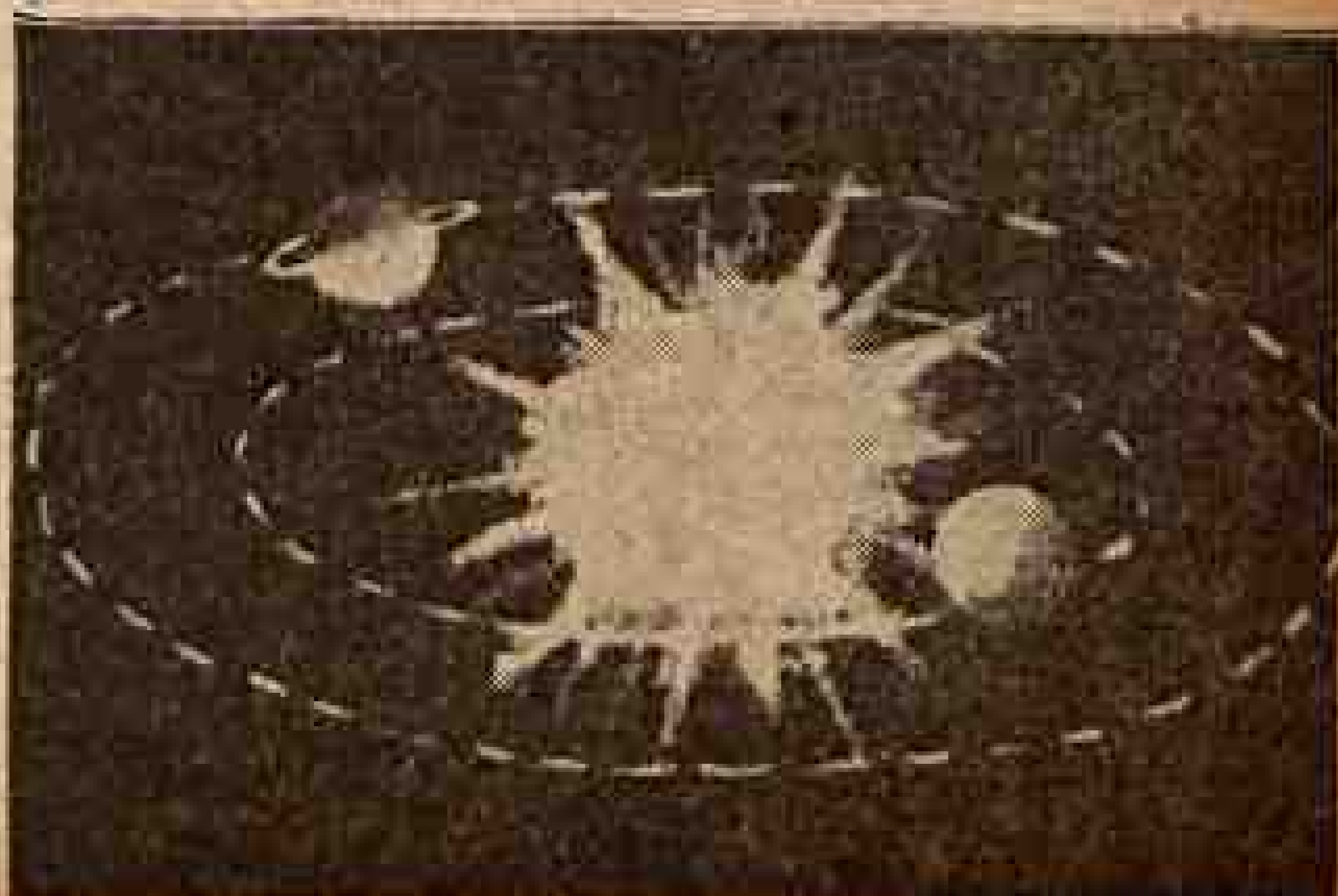
abundância de cometas que giram em seu redor seria um vestígio dêsse encontro. Os cometas, agregados subtilíssimos de gás e de poeiras, são fragmentos dessa nuvem densa e que, atraídos pelo Sol, foram desviados pela atração dos planetas. Tendo errado o alvo-Sol, êsses fragmentos estão condenados pelas leis da mecânica celeste a evoluir eternamente em seu redor, seguindo órbitas elípticas longas.

Essa antiga aventura do Sol não teve outra consequência inquietante, pôsto que nesse astro continua sendo uma estrêla média, razoável e rotineira, com tôdas as qualidades burguesas essenciais à manutenção da vida sôbre a Terra.

Mas, em 10 bilhões de anos, mais ou menos, o Sol ganhará calor. A vida sôbre os planetas calcinados será extinta. Ao fim de 50 bilhões de anos, o Sol crescerá monstruosamente. As chamas o envolverão por completo e consumirão a Terra. Depois o Sol desaparecerá lentamente, passando de branco para o amarelo, depois para o vermelho e, finalmente para o negro, estrêla morta, gravitando eternamente no espaço.

COMO NASCERAM OS PLANETAS

Contràriamente à maior parte das teorias aceitas, os planetas não seriam oriundos do Sol. Hoyle e Lyttleton notaram que os planetas não compostos, em sua maioria, de elementos pesados, enquanto o Sol é constituído principalmente de hidrogênio e de helium. Por outro lado, os planetas giram ràpida-



Dentro de cinquenta bilhões de anos, o Sol, aumentará de volume, inchando desmesuradamente e devorará os planêtas próximos, a Terra inclusive!

mente a uma grande distância do Sol, que, por sua vez, gira lentamente. Êsse fato permite pensar que elas não tenham estado jamais associadas a êle. Os dois astrônomos inglêses afirmam: «**Os planêtas nasceram da explosão de uma super-nova».** Na galaxia da Via Lactea, de que faz parte o nosso sistema solar e que compreende 10 bilhões de outras estrêlas, uma super-nova explode cada duzentos ou trezentos anos. Ora, a metade das estrêlas, aproximadamente, estão associadas, de duas em duas, em redor de um centro comum, assim quando num dêsses sistemas, uma das estrêlas explode em **super-nova**, sua companheira, se não sofre a mesma sorte, recolhe, por atração, uma parte dos gases quentes que a explosão projeta no espaço. Capturados pela estrêla, êsses gases formam em seu redor um disco gasoso, que se ressolda pouco a pouco em núcleos. Êsses núcleos são os futuros planêtas, satélites e asteróides de um sistema solar semelhante ao nosso.

Êsses planêtas são constituidos de elementos pesados e não de hidrogênio e helium como a estrela em redor da qual gravitam. Devemos recordar que a explosão ocorre justamente no momento em que a substância da estrêla se condensa em elementos pesados.

Assim, a Terra e os outros planetas do sistema solar teriam nascido da explosão de uma estrêla, companheira do Sol, e que teria sofrido a provação fatal do hidrogênio, ao passar através de uma nuvem muito densa e muito extensa — provação que foi poupada à segunda estrêla — nosso Sol — ou quando menos, atenuada suficientemente para impedir que tivesse êle um fim prematuro.

EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS?

Segundo os cálculos dos dois citados astrônomos, o número de **super-novas** fazendo parte de um sistema binário e que explodiram na Via Lactea, desde a sua formação, há uns quatro bilhões de anos, atingiria a cifra de dez milhões!

Cada uma dessas explosões pôde dar nascimento a famílias de planêtas semelhantes à do nosso sistema solar. A potência dos nossos telescópios é insuficiente para revelar a sua existência. Hoyle e Lyttleton calcularam, depois de longos estudos, em 100.000, pelo menos, só na Via Lactea, o número de sistemas solares que contêm pelo menos um planêta em condições físicas e químicas favoráveis ao desenvolvimento da vida. O mesmo cálculo seria válido para os milhões de outras galaxias semelhantes à Via Lactea e que estão espalhadas pelo Universo.

Os dois astrônomos não vão além. Recusam teimar sondando o terreno da biologia. E' possível que os biologistas aceitem enveredar pela parte assim aberta e concluam pela presença de sêres vivos nos outros mundos. A vida pode nêles ter evoluído da mesma maneira, segundo as mesmas leis que nos regem. Talvez, nessas distâncias inimagináveis, que não podem ser traduzidas senão com referência à velocidade luz, vivam homens e mulheres quase iguais a nós. A acreditar no que dizem os dois sábios de Cambridge, nada de ora em diante, autoriza negar a sua existência em nome da ciência pela menos.

QUE É O QUE FAZ O MUNDO CORRER?

Nos anos 20, a astronomia fêz uma descoberta de capital importância e que traçou um grande ponto de interrogação na cosmologia. Verificou-se que as galaxias, essas nebulosas de bilhões de estrêlas, fogem pelo espaço a velocidades tanto maiores quanto mais distantes se encontram

A ausência de tôda razão válida não servia para aliviar a situação, mas, ao contrário, para complicá-la. O Dr. Thirkel inclinou o busto sôbre a mesa e, juntando as mãos, declarou:

— Não hesito em dizer ao senhor quão satisfeito estou com o seu trabalho, caro amigo.

Instantâneamente Mr. Whittle recobrou alento; empalideceu e sorrindo, cruzou as pernas com precaução.



— Muito obrigado, Sr. Diretor. — murmurou.

— Whittle — disse o diretor com ar sério — Caraway necessita de estudantes novos. Chegou o momento de realizarmos uma expansão; a vida dêste colégio vai conhecer dias decisivos. Alcançamos o nosso Rubicon. Preciso de duzentos estudantes mais, de primeiro ano, no próximo reinício de curso!

Mr. Whittle não conseguia compreender muito bem a relação que poderia ter tudo aquilo com êle próprio.

— Muito bem... — disse com ar prudente; e aguardou que seu interlocutor continuasse.

Entretanto, dizia para si mesmo: **"O que alcançamos foi o Jordão, não o Rubicon."**

— O que está faltando são novas idéias que inspirem aos estudantes mais entusiasmo por seu trabalho... — voltou a falar o Dr. Thirkel.

Voltou-se em sua cadeira de molas, ao mesmo tempo lançando a Mr. Whittle uma olhadela como para alentá-lo amistosamente.

— Que diria o senhor — começou — de uma série de cursos sôbre a história das relações entre a Europa e a América, desde 1918?

— Eu teria que reunir alguns documentos — disse Mr. Whittle em tom vacilante — Verdadeiramente, não sei se...

— Tem todo o verão para preparar as aulas... — disse o Dr. Thirkel — Mas eu desejava anunciar êsse curso desde já em nosso boletim.

— O fim do mundo está próximo — disse com resignação Mr. Whittle, que teria preferido desfrutar tranquilamente do verão.

— Era isso, justamente, o que eu queria dizer! — respondeu o Dr. Thirkel com entusiasmo — A evolução dos valores não cessa! Até poderíamos dar aos cursos um título nesse gênero. Que diz?

Batia contra a mesa com a mão espalmada.

— "Temos que estar em dia com os fatos — prosseguiu — Por que não escolhermos como título: **"O enigma Russo"**, por exemplo?

— E por que... russo? — perguntou Mr. Whittle.

O Dr. Thirkel confessou que não compreendia os russos.

— Os Russos são egocêntricos. São incapazes de compreender aos demais e também de fazer-se compreendidos. Eis a principal razão que torna difícil qualquer entendimento com os Russos...

— Hmm... Compreendo. — disse o Dr. Thirkell que não se interessava realmente por aquela questão e que estava pensando nos temas que poderia acrescentar ao seu programa para o novo curso.

— Os Inglêses, por sua vez — prosseguia Mr. Whittle — não encontram dificuldade em fazer-se compreender, porém nem sempre dizem a verdade. Sòmente os alemães, honrados em essência — devemos reconhecer — dizem o que pensam... Mas o que pensam é tão espantoso que ninguém acredita no que dizem, nem simpatiza com êles.

— Suas atrocidades foram exageradas — afirmou o Dr. Thirkel — Na Alemanha já ninguem se deixa surpreender...

— O mundo morre de fome. —

disse Mr. Whittle — Foi destruída uma geração inteira!

— Temos que estar preparados para grandes mudanças — reconheceu o Dr. Thirkel — e Caraway deve abrir o caminho. Poderia até acrescentar que a construção do novo refeitório, assegurada por uma subscrição dos pais dos alunos, depende do número de novos que se inscrevam no mês de setembro. **Ad astra per aspera;** não falhe, Whittle!



E uma vez dito isso, despediu o professor de História com um sinal de cabeça. Êste, ao transpor a porta, declarou:

— No mês de setembro nada restará de nós...

O Dr. Thirkel não prestou qualquer atenção àquele comentário; por outro lado, caso o tivesse ouvido, teria classificado de incompreensível.

★

Naquela mesma tarde, depois de fazer a sua refeição, Mr. Whittle foi dar uma voltinha pelas ruas, a fim de tomar ar e comprar uns comprimidos contra dor de cabeça. Porém ao entrar na drogaria e ver diante de si as vitrinas cheias de sabonetes, de bonbons, de lâmpadas elétricas, de tecidos, de livros, de revistas, de bonecas, de baterias para cozinha (*) decidiu fazer um presente a si mesmo. **"Para que continuar sendo homem econômico? —** pensou **— Devemos, ao contrário, procurar aproveitar até o último minuto e divertirmos até mais não poder".** E depois de muitas hesitações, fixou sua eleição em um cinzeiro de bronze forjado e um pequenino "necessaire" de toucador, para homem; um livro de figuras para Lucinda e uma grande caixa de sabonete de boa marca para Amanda; depois, lentamente, empreendeu **o caminho** de volta. Rápido crepúsculo anunciava a proximidade de uma noite primaveril, muito fresca e agradável; o ar era úmido e calmo, impregnado do suave olor da grama e da terra recém-removida, juntamente com os vapores do asfalto e a fumaça das chaminés. Sob as árvores que ladeavam as ruas, já com os tenros brotos apontando, brilhavam retângulos de luz cobreada, projetadas pelas janelas das casas, empinadas, firmes e dignas, por trás de seus jardins e semi-ocultas pelos arbustos em flor. As lâmpadas rodeadas por um halo resplandecen**te,** delineavam minúsculos motivos luminosos por entre as fôlhas. Mr. Whittle ouvia os grilos cantar em seu redor. Ao passar por um portão, ouviu uma mulher gritar a alguém que se chamava Cirilo, que **já era hora de voltar para casa;** um cão ladrava ao longe; numa casa próxima alguém cantava: **"Oh! Que formosa noite! Que formosa noite!"**

Mr. Whittle não era muito inclinado à poesia, porém de repente o mundo lhe pareceu maravilhosamente formoso. Pôs-se a imaginar os campos cheios de tranquilidade sombria e olorosa, silenciosos sob as estrêlas; pensou nos cálidos vales, sulcados por arroios preguiçosos. Viu as colinas solitárias onde a atmosfera era fria e vasia; viu os bosques sem limites; as torrentes povoadas de trutas; os lagos imensos como oceanos. Uma noite americana... lenta e vertiginosa... Imaginou tôdas as pequenas vozes humanas, que ressoam, sôbre a terra, as canções e os murmúrios elevando-se no vasto silêncio, como o canto dos grilos, como o coaxar das rãs. Pensou na doçura cálida, mor-

(*) As drogarias nos Estados Unidos e na Inglaterra, vendem tudo isso.

---

de nós. A uma distância de aproximadamente dois bilhões de anos luz, as galaxias em fuga atingem a velocidade da luz. Por isso jamais poderemos ver qualquer delas. (O mais poderoso telescópio do mundo, o do Monte Palomar, nos Estados Unidos só pode ver até um milhão de anos-luz). Todo o universo toma, assim, o aspecto de um enorme balão que se dilata, um balão cheio de galaxias, que fogem para a sua periferia.

Certos astrônomos propõem para êsse fenômenos a explicação seguinte: o universo estêve, originàriamente, contraído num pequeno espaço. Uma explosão sobreveio, projetando a substância do universo em tôdas as direções, longe do centro primitivo.

Essa teoria encontra uma objeção grave: o cálculo demonstra que as galaxias teriam então empreendido a sua fuga em época tão aproximada que seríamos forçados a dar ao universo idade muito menor (mais jovem pelo menos do que o revelado pelo exame da evolução do Sol ou da Terra).

Outros astrônomos pensam que o universo se contrai e se dilata alternadamente, como um pulmão que expira e aspira.

A explicação de Hoyle e Lyttleton é tão nova que o mundo sábio ainda não se animou a aceitá-la. Os dois astrônomos partiram do princípio de que o universo, tal como é concebido segundo as teorias de Einstein, tem um «volume» proporcional à quantidade de matéria que contém. Se a êle juntarmos matéria, o espaço se estira levando consigo as galaxias.

A expansão do universo, que se manifesta pela «fuga» das galaxias, corresponderia portanto, segundo os dois sábios, à adição de uma quantidade de matéria nova que talvez possa ser comparada a um átomo de hidrogênio por decímetro cúbico de espaço, em cada bilhão de anos.

Hoyle está convencido, por outra parte, que as **galaxias** se formam continuamente no universo. Calculou a quantidade de hidrogênio necessária à formação permanente dêsses novos mundos, e obteve êsse mesmo resultado.

Essas duas experiências deram aos dois sábios de Cambridge a convicção de que ocorre a **«criação contínua do hidrogênio no espaço».**

Hoyle e Lyttleton calculam que **não é mais assim tão difícil admitir a teoria da criação contínua** do universo, como a da **criação instantânea,** há alguns bilhões de anos.

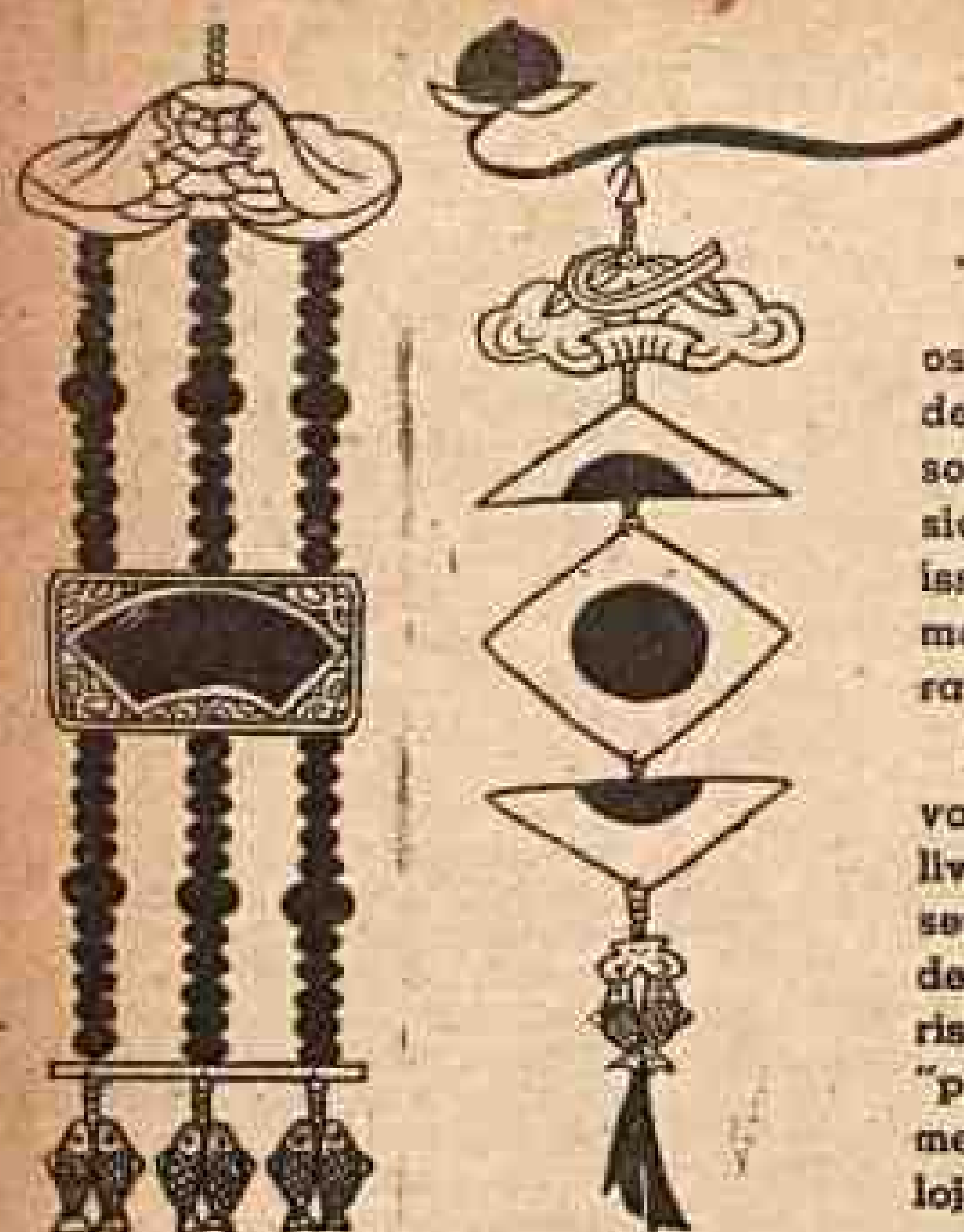
De onde vem o misterioso hidrogênio? Talvez não se possa saber jamais. Talvez seja um campo em que sòmente a teologia pode fazer avançar o nosso conhecimento das realidades supremas.

Para onde vão as galaxias que vencem a velocidade da luz? Teòricamente... «desaparecem». Mas que significa isso exatamente? Sabemos simplesmente que sua massa é igual à do hidrogênio recém-criado.

O MUNDO PODE ACABAR?

Êste extraordinário universo, nascido das especulações audaciosas dos dois jovens sábios é um mundo em estado de renovação permanente. Sem cessar, as galaxias gigantes rodopiam por sôbre seus limites, num vasio inimaginável. Incessantemente, **a partir de fontes frescas de átomos de hidrogênio,** nascem novas galaxias, novas estrêlas. Nessa imensa colmeia fosforescente são acesas as fogueiras das **super-novas.** Planêtas virgens vão nascendo no meio dos cataclismos. A vida corre à sua conquista. Sêres vivos, conscientes, sofrem, riem...

— Êste — conclui Hoyle no seu estudo — **é um universo extremamente alegre!**



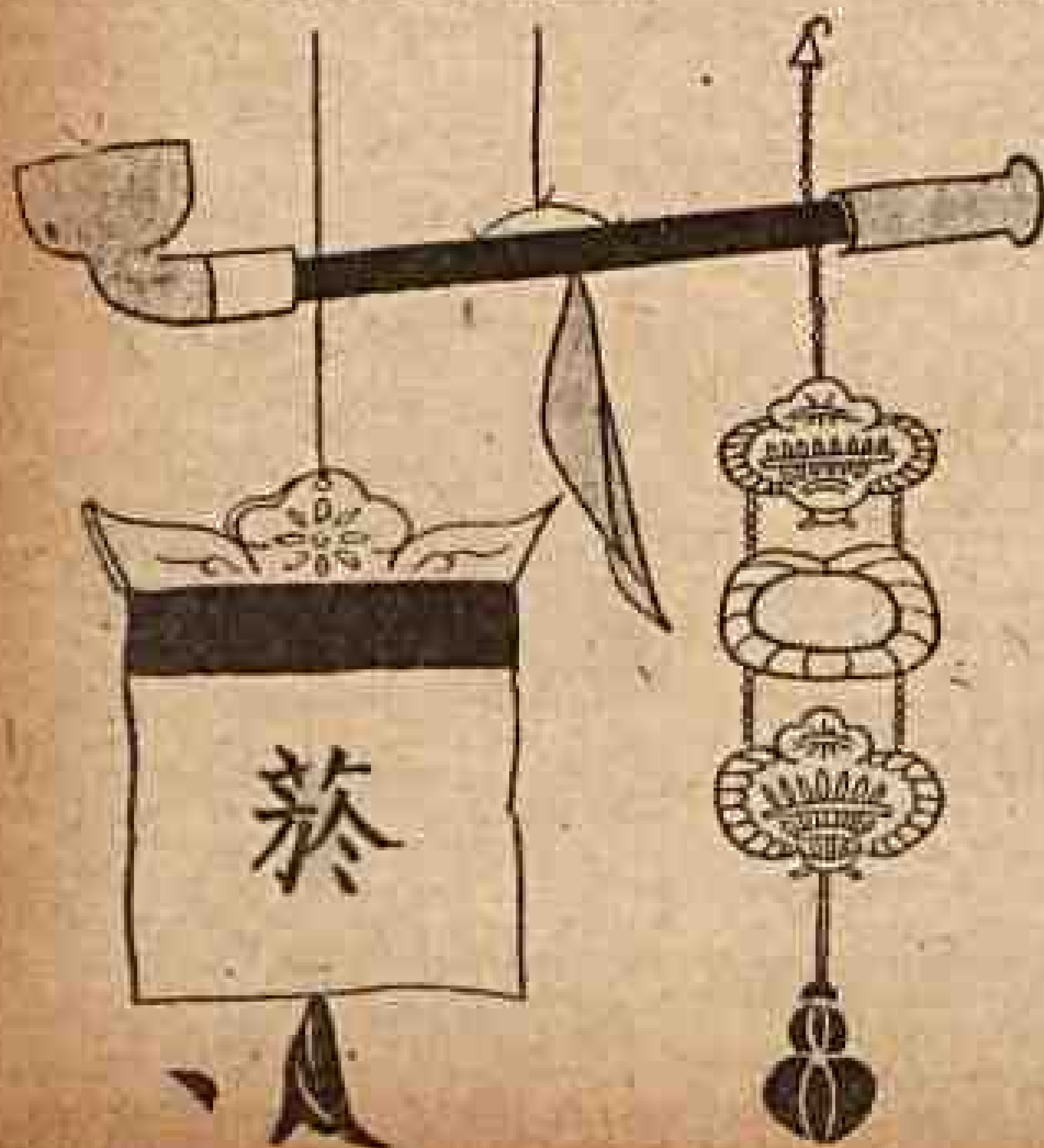
FARMACIAS E DROGARIAS — Pílulas são reproduzidas no cliché da esquerda, por fileiras de pequenas bolas negras e as pastilhas, à direita, pelos quadrados e triângulos (êstes representando meia pastilha).

★

TABULETAS COMERCIAIS NA CHINA E NO MANDCHUKUO

★

TABACARIAS E VAREJOS DE CIGARROS — As duas tabuletas indicam as casas que vendem fumo em fôlha, para cachimbo, cigarros em maços e fumo em pó, para aspirar.



CADA terra tem a sua característica, nascida da índole do povo e traduzida, por isso mesmo, nas coisas mais populares. E, entre todos os aspectos que podem prender a atenção, numa cidade sobressaem os que dão fisionomia às suas ruas. E' isso que Paulo Barreto chamou de "a alma encantadora das ruas".

Paris, com os seus "boulevards", os seus cafés ao ar livre, os seus "amelots", os seus vendedores de livros e de estampas os, as suas floristas; Londres com os seus "policimen", os seus "homens-sandwiches", as suas lojas de antiguidades, os seus "chopp-duplos"; o Rio com os seus "observadores", postados à beira das calçadas, vendo passar o belo sexo, e a China, como o Mandchukuo (Mandchúria), com as "tabuletas" de suas casas comerciais. Sugerem elas, mais por simbolismo que por palavras, o gênero de comércio e também o seu nível: casas de primeira, segunda e terceira ordem.

Sôbre estas últimas, que constituem novidade para os nossos olhos ocidentais, damos aqui vários exemplos, alguns bem claros para o observador, enquantos outros merecendo uma explicação para que sejam entendidos, todos, entretanto, curiosos.

tal e humilde da vida, que resplandece por tôda parte.

E tudo aquilo estava prestes a desaparecer? A perda o deixava desolado. Pensou que jamais se veria nada semelhante àquêle mundo, por sua beleza e sua tristeza, sem mistério e sua doçura.

Ao voltar a esquina, para meter-se por sua rua, percebeu à luz de um farol, três meninas que passeavam, enlaçadas pela cintura. Em meio do resplendor que filtrava através das fôlhas, julgou reconhecer Lucinda e suas amigas Mariana e Elena. Pareceu-lhe que, embora dissimulassem, montavam guarda diante da casa de Ralph Wender. Mr. Whittle permaneceu imóvel durante alguns segundos, observando o que faziam. **"Que comédia!"** — pensou.

As meninas iam e vinham lentamente, sem jamais olhar para a casa que tanto lhes interessava.

— Eu hoje vi "Uma Noite no Paraíso" — dizia Mariana — Achei um colosso! E' uma delícia ver êsse Turhan Bey... Chego a ficar arrepiada!

— Pois, para mim, Roberto Walker é formidável!

— E eu sei quem é que faz Lucinda ficar assim **arrepiada** — cochichou Mariana — E' R. W.

— Oh! que tolice! — exclamou Lucinda — Você tem cada uma!

— Pois sim... Mas o que você diz não impede que seja verdade!— — insistiu Mariana — Você não concorda comigo, Elena?

— Ora!... — exclamou Lucinda corando. Mas logo acrescentou, cheia de júbilo e de emoção:

— Não sei a quem você se referem!

Mr. Whittle prosseguiu seu caminho, com um sorriso nos lábios. As mulheres — pensou — se desejam ser cortejadas, têm que despertar a atenção. Ao mesmo tempo, não podem reconhecer que nenhum homem dá importância a nada disso, se não se impressionar **com ela mesma;** porém acreditam que, não sendo assim, correm perigo. tal Atalanta, que sN se apresentava armada com tôdas as suas armas, pronta para qualquer eventualidade e que só foi vencida por sua própria curiosidade. De fato, só a curiosidade pode explicar, de maneira plausível, que Atalanta se deixasse levar a apanhar as mãs de ouro, pois que era, por outro lado, sensata e, além do mais, nada tinha que fazer com aquêles frutos.

"E o que vem a ser verdadeiramente singular — continuou pensando — é que o rapazola Wender (que no fundo não passa de um ingênuo) —

vai ser infalìvelmente apanhado por essas artimanhas que acabarão excitando a sua curiosidade. Êle já sabe, desde agora, que Lucinda o acha sedutor, pois o instinto não se engana em tais matérias. Como é homem, sempre há de ter algumas dúvidas e buscará a confirmação de sua boa fortuna. Tenho, além disso, a convicção de que a estas horas, já êle está enciumado por causa de Turhan Bey e de Robert Walker. Êstes senhores são, sem dúvida, irresistíveis, mas não o seriam mais do que êle próprio — pensará — se lhe derem uma oportunidade. Curioso é que suas pretensões, pelo menos em parte, são justificadas: o valor de uma obra de arte aumenta na razão direta dos comentários que suscita. Que absurdo somos! Como se a opinião de Wender sôbre minha filha tivesse qualquer importância ao lado da catástrofe que ameaça o gênero humano. Mr. Whittle sorriu irônicamente. Instantes mais tarde, quando já se achava perto de sua casa, percebeu, dirigindo-se em sentido contrário ao que êle próprio seguia, um par de jovens, cujo ar lhe parecia familiar. Meio oculto pela sombra profunda de uma árvore, o par lhe pareceu belo e misterioso e por isso se sentiu inclinado para êles, por uma onda de afeto e benevolência. Depois, ao aproximar-se mais, passando sob a luz de um lampadário, Mr. Whittle reconheceu Penélope Andrews e Marvin Greene. Tôda a **beleza** fugiu dos seus olhos.

Ouviu quando Penélope emitia uma risadinha inocente e alegre:

— Oh! Marvin! Que idéia tem você!

Ao que o rapazola respondeu:

— Ora... E não é assim mesmo?

Penélope se sentia menos feliz do que aparentava; porém Mr. Whittle não podia sabê-lo. O que pôde entender era que os dois jovens estavam enamorados um do outro, e ficou estupefacto, pois não conseguia imaginar como podia alguém se enamorar de Marvin Greene.

Escolhendo um rapazola de dezoito anos e que deixava a fralda da camisa flutuar ao vento, parecia a Mr. Whittle que Penélope se rebaixava.

Penélope também começava a perguntar a si mesma, se não se rebaixava; mas por outra razão bem diferente. Acreditava estar apaixonada por Marvin. Estava convencida de que sem êle morreria e que o verão lhe seria insuportàvelmente triste se não pudesse ver, todos os dias, o seu encantador colega; no entanto, não tinha outro remédio senão reconhecer que que nas últimas semanas êle a tratava com certa frieza. Ela se esforçava para não deixar que seu próprio moral decaísse, mas sentia, entretanto, que o fato pesava demasiadamente em seu coração.

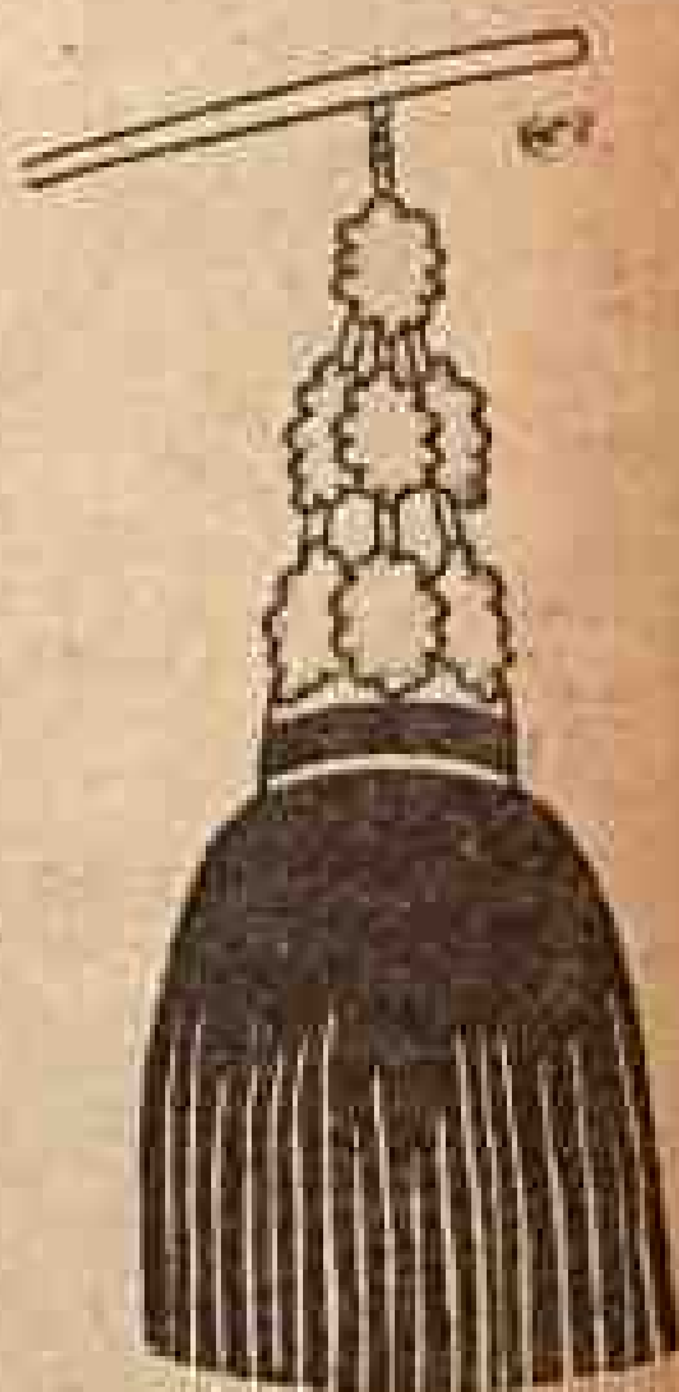
— Que idéia você tem!

Não lhe ocorria dizer outra coisa. Notava-se em sua voz um ligeiro tremor de desencanto, que Mr. Whittle imaginou que fôsse emoção.

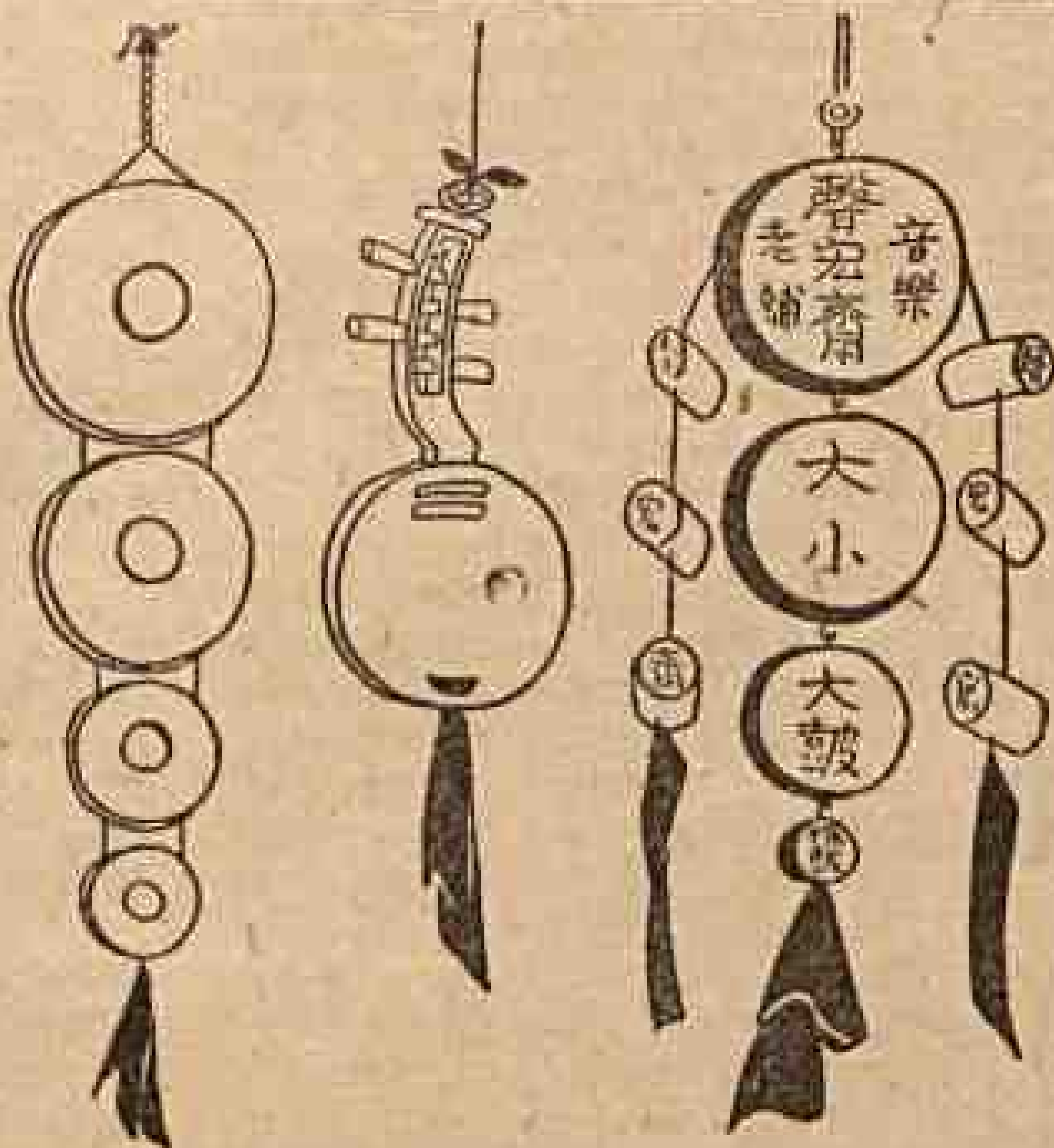
"Não sei como pode sorrir assim para êle! — pensou indignado — Conheço bem êsse seu olhar. Recordo-me a minha mocidade e também os dias em que eu estava apaixonado. E tenho a certeza de que êste garnizé não a merece! Como pode ela ser assim tão estúpida? Esperava coisa melhor dessa pequena.

Naquele momento, Mr. Whittle compreendeu que não era mais homem moço e que, por isso, não compreendia que Penélope estivesse enamorada de Marvin Greene! "O que mais me aborrece — pensou — é que Marvin não é, aos meus olhos, mais que um menino, um colegial, um recém-nascido! A verdade é que, quando imaginamos aos demais enamorados, não pensamos senão em nós mesmos; e por isso custa acreditar que um rapazola, bastante criança para ser meu filho, possa experimentar uma emoção tão íntima.

— "Sim, já estou velho. Não há outra explicação!" — E imediatamente pareceu-lhe



RESTAURANTES — De acôrdo com o grau de importância social, êstes estabelecimentos têm tabuletas diferentes, o que facilita ao cliente escolher conforme a sua bôlsa.



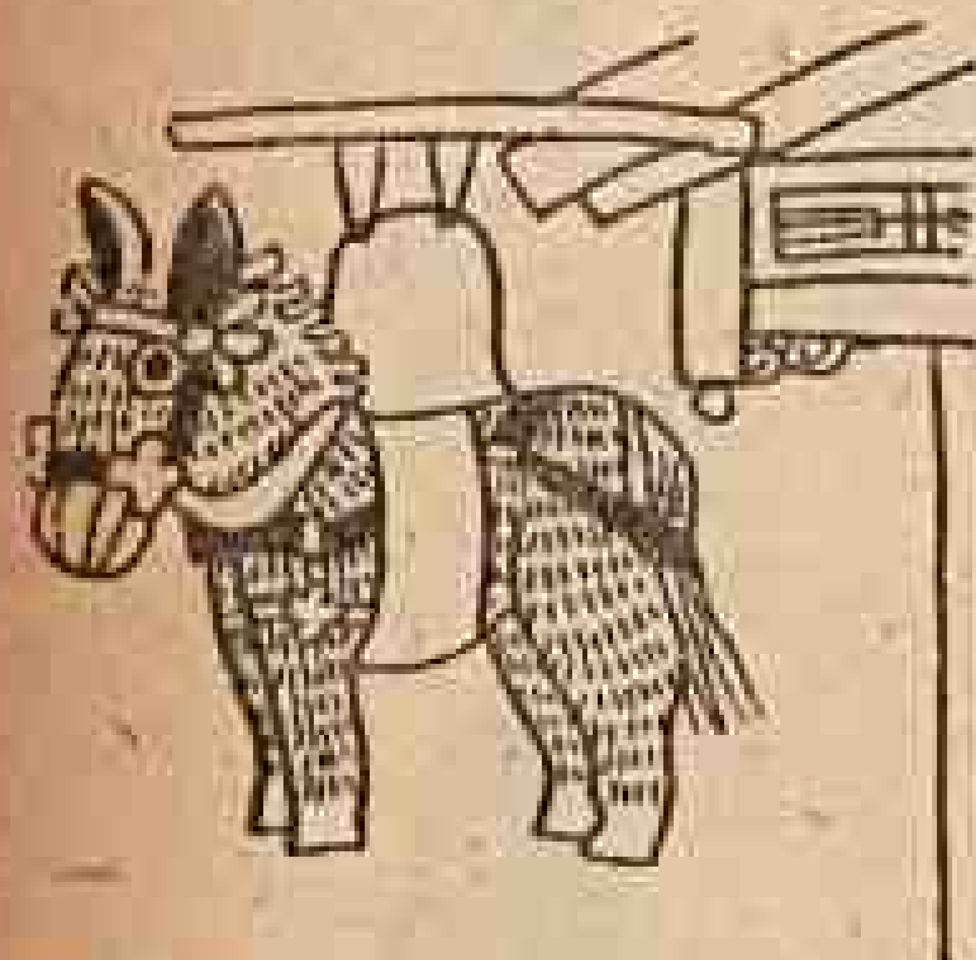
INSTRUMENTOS MUSICAIS — O Chinês é povo amante da música e por isso são numerosas as lojas que vendem instrumentos musicais, que ostentam em suas fachadas ornamentos indicativos variados, segundo mostra o nosso clichê em que vemos três tipos de tabuletas.



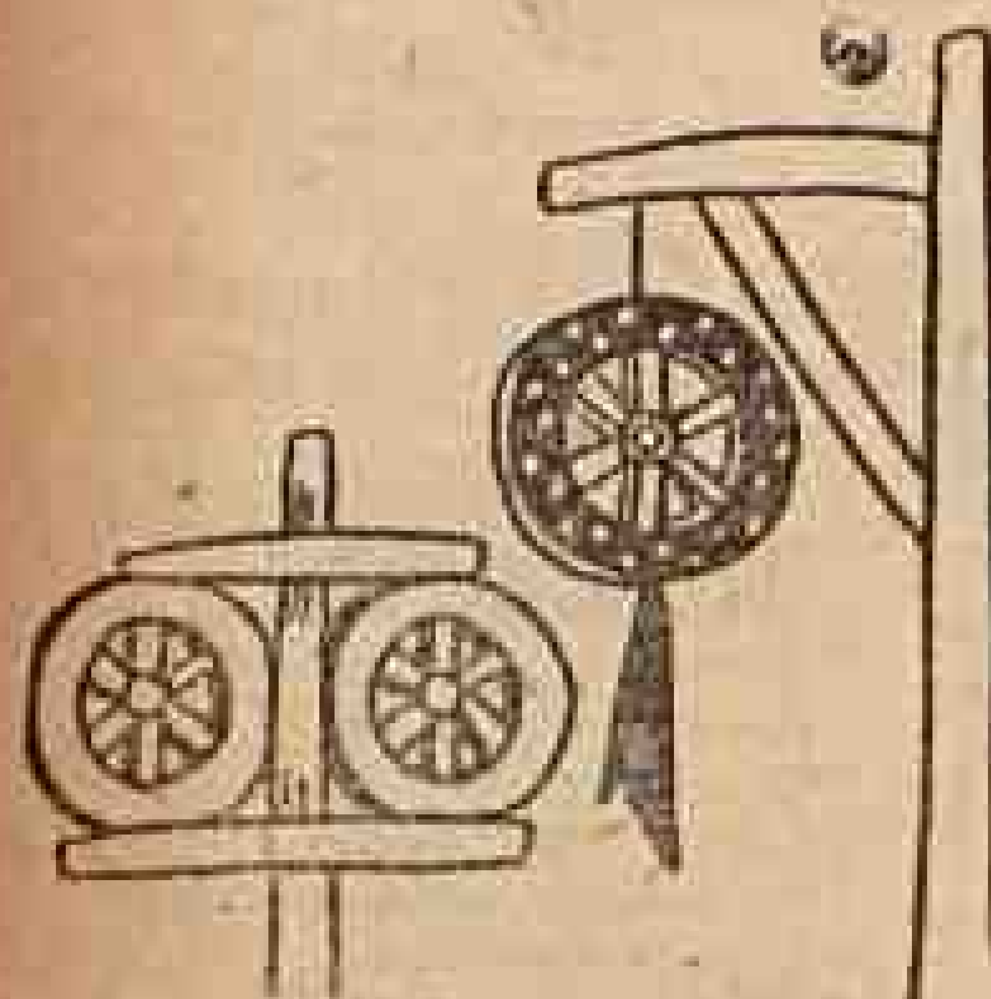
CASAS DE FOGOS — Os Chinêses celebram com fogos de artifício não apenas as datas magnas da pátria e da família, como também os casamentos... e os enterramentos e funerais. Por isso são numerosas as lojas especializadas na venda de fogos para salão e ar livre. Tôdas, conforme mostra a gravura acima.



OBJETOS DE ARTE — Um imenso pagode dourado é sinal de que a loja possui objetos de rara beleza e custo elevado. Se fôr de prata o pagode é sinal de que os preços são próprios para bôlsas mais modestas.



FUNERAIS — As casas que se encarregam de funerais de luxo ostentam como tabuleta um cavalo ricamente ajaezado e com arreios pintados de negro.



FUNERAIS — Outras lojas mais modestas e próprias para a classe mais pobre ostentam apenas duas rodas de carroção ou uma só, preta e com crepe.

que o ar noturno já não cheirava tão bem e que os grilos haviam deixado de cantar. "Êsses cantos eram os de minha mocidade — pensou — e o ar da noite, embalsamado de madressilvas, de grama recém-cortada e de lilás, pertence mesmo ao passado, a uma época já caduca. Antes, o aroma das madressilvas bastava para encher meu coração de embriaguês impaciente... Agora, ao contrário, apenas logra despertar em minha memória algumas recordações; mas o meu coração permanece impassível...

Eis o que significa envelhecer: ficar insensível numa noite de estio, sob um lindo luar, no ambiente perfumado de madressilvas; assombrar-se ante o espetáculo de um jovem par que passeia de mãos entrelaçadas; permanecer indiferente ao contemplar a beleza da terra; ignorar o desejo... Mr. Whittle se sentiu triste e ao mesmo tempo irritado e perturbado: Quarenta anos era uma idade tão avançada assim?

Entrou em casa muito deprimido e em silêncio, entregou a Amanda a caixa de sabonetes que havia escolhido especialmente para ela.

CAPÍTULO V

A segunda vez que Mr. Whittle encontrou o olhar de Penélope Andrews, teve todo o cuidado de fazer como se nada houvesse ocorrido e apresentar à sua jovem aluna um rosto tranquilo. Apesar disso, sentia a incessante impressão de que entre êles existia qualquer coisa que fugia ao normal.

Seus olhares se encontraram ao começar a aula. Foi coisa ligeira. Penélope logo olhou para a janela, com ar sonhador e a seguir se dedicou a decorar algumas linhas do seu caderno.

Quando, terminada a aula, viu a adolescente se aproximar da sua mesa, ficou surpreendido. Prometeu a si mesmo permanecer sereno e agir como professor e homem de negócios.

— Em que lhe posso servir, miss Andrews? — perguntou.

Penélope não sabia, exatamente, o que desejava. Na verdade não sabia por que vinha falar com o professor. A princípio havia pensado que seria engraçado lançar algumas olhadelas para Mr. Whittle; sentira-se ligeiramente irritada ao ser paga com indiferença. Em todo o caso sentia que aquilo não estava terminado... Seria possível que Mr. Whittle fôsse diferente do que havia imaginado? Repentinamente, com o seu orgulho juvenil ferido, desejando fazer-se notar e sentindo-se — com grande surprêsa sua — menos segura de si mesma do que poderia esperar, tomara a decisão de falar-lhe depois da aula.

— Em que lhe posso ser útil miss Andrews?

O mal era que nada tinha que dizer. Fêz-lhe uma pergunta qualquer sôbre Robespierre e acolheu a sua resposta com olhos exageradamente abertos.

Mr. Whittle se esforçava para concentrar sua atenção sôbre os fatos da Revolução Francesa. **Aquela pequena tinha olhos expressivos** — pensava — "A analogia entre Robespierre e George Washington não é correta... Não; absolutamente, não é correta!"

Deteve-se um instante, para observar sua interlocutora, e depois concluiu em tom rude:

"De qualquer maneira não tem qualquer importância. Tudo isso pertence à história muito antiga.

Penélope abriu a bôca como se precisasse de todo o ar da sala para não morrer sufocada. Mas logo a fechou; grande assombro se refletiu em seus olhos, que imediatamente se velaram com um sorriso.

— Oh, professor Whittle! O senhor tem cada idéia!

— "Bem — pensou êle — também eu tenho **idéias!**" E dirigiu à aluna um sorriso sombrio.

— A senhorita não se interessa realmente pela Revolução Francesa, não é assim? — perguntou por sua vez.

— Eu... — respondeu ela, vacilando — tudo isso me parece... muito histórico...

— Tenho a impressão — disse Whittle pausadamente — de que prefere, por exemplo, passear à noite em companhia de Marvin Greene...

Ela corou. O rubor acusatório se estendeu por seu rosto de forma assustadora.

— Êsse é um assunto que só a mim pode interessar, não lhe parece, senhor? — perguntou.

— Queira desculpar — disse Mr. Whittle com ar lamentável — Quis simplesmente gracejar.

— O senhor é... " horroroso — exclamou ela; depois, fazendo meia volta, correu para fora da sala.

Mr. Whittle quase saltou da cadeira, erguendo-se a meio; porém logo voltou a sentar-se, desconsolado, e com ar contrariado. "Sant-

Deus! — pensou — Sentia-se envergonhado e ao mesmo tempo em posição ridícula.

Enquanto preparava a aula do dia seguinte ainda meditou sôbre o caso, mas depois serenou e até chegou a sorrir, iniciando a meia-voz, uma canção que ouvira um vizinho cantar, na véspera, à noite. Sentia-se tranquilo, indiferente, talvez um pouquinho emocionado, mas com o coração aliviado.

À tarde, ao voltar para casa, deteve-se em caminho para fazer uma visita a Miss Eugênia Warren, sua velha amiga e professôra de desenho da escola. Encontrou-a corrigindo os trabalhos dos alunos. Designando com um gesto fatigado, os que, já corridos, tinha arrumado ao longo de uma estante, apoiados contra a parede, miss Warren exclamou:

— Acabo acreditando ser normal entre os meninos não enxergar um palmo além do nariz!

Depois acrescentou, em tom trágico:

E dizer que, por êles, abandonei o direito de morrer de fome!

Mr. Whittle perguntou a Miss Warren se, segundo a sua abalizada opinião, as pessoas adultas sabiam ver melhor que as crianças.

— Certamente! — respondeu a professôra de desenho — Se assim não fôsse só me restaria o recurso de pedir esmola...

— Ora muito bem! — exclamou Mr. Whittle — Neste caso permita-me que lhe pergunte: que vê... a respeito do futuro?

— **Ismos** — respondeu imediatamente miss Warren — Vejo o futuro povoado de **ismos.** Vejo os povos levantando-se uns contra os outros, porque acreditam nas espirais ou nas volutas, porque só pintam com a espátula ou porque preferem a côr verde... Quer chá?

E assim discursando, dirigiu-se para um **étagère,** dêle retirando uma caçarola que esquentava sôbre um pequenino inferno de álcool e da qual escapava um jôrro de vapor.

— Encantado! — disse Whittle. Só agora notava que havia passado um dia aborrecido e cansativo. — Pois creio que **não temos por muito tempo mais** — acrescentou — Espera-nos a morte a prazo curto!

— Acredita, hein? — respondeu miss Warren sem entusiasmo — O que mais me assombra é que não tenha ocorrido há mais tempo.

— Não tínhamos os meios. Porém agora descobrimos a maneira como...

— Oh! Tudo isso me é indiferente — disse tranquilamente miss Warren — desde que seja em nossa honra!

Mastigava ao mesmo tempo uma bolacha muito sêca e que, de quando em quando, molhava no chá; então continuou, entre dois sorvos:

"Creio achar-me sôbre a pista da verdadeira significação da forma, considerada em seu sentido abstrato.

E se julgou obrigada a expor ao seu amigo a sua teoria.

"A forma — continuou — existe ao mesmo tempo no universo e em nosso espírito. E' bastante que estabeleçamos a relação. O átomo existe sob uma forma definida; e a forma que lhe damos é a verdadeira. Todo objeto que vemos existe sob a forma que lhe damos, nem mais nem menos; e isto independentemente do fato de que o vejamos. Se não o víssemos ocorreria o mesmo, porém não poderíamos estabelecer sua relação. Não sei se me explico bem...

Mr. Whittle, em lugar de responder logo, perguntou:

— Como se chama essa teoria, Eugênia?

— Mutualismo — disse miss Warren — Tudo o mais não passa de tagarelice vazia...

"Ninguém liga importância ao fim do mundo" — pensou Mr. Whittle enquanto se encaminhava para casa.

Na metade do caminho deu uma volta para entrar no **Country Club** e apanhar Mr. Blaney, que geralmente ali se acha àquela hora, em atenção aos seus múltiplos negócios. O banqueiro estava no bar, com vários amigos e colegas. Mr. Whittle se juntou ao grupo.

— Iremos quando você quiser, Alfredo — disse êle.

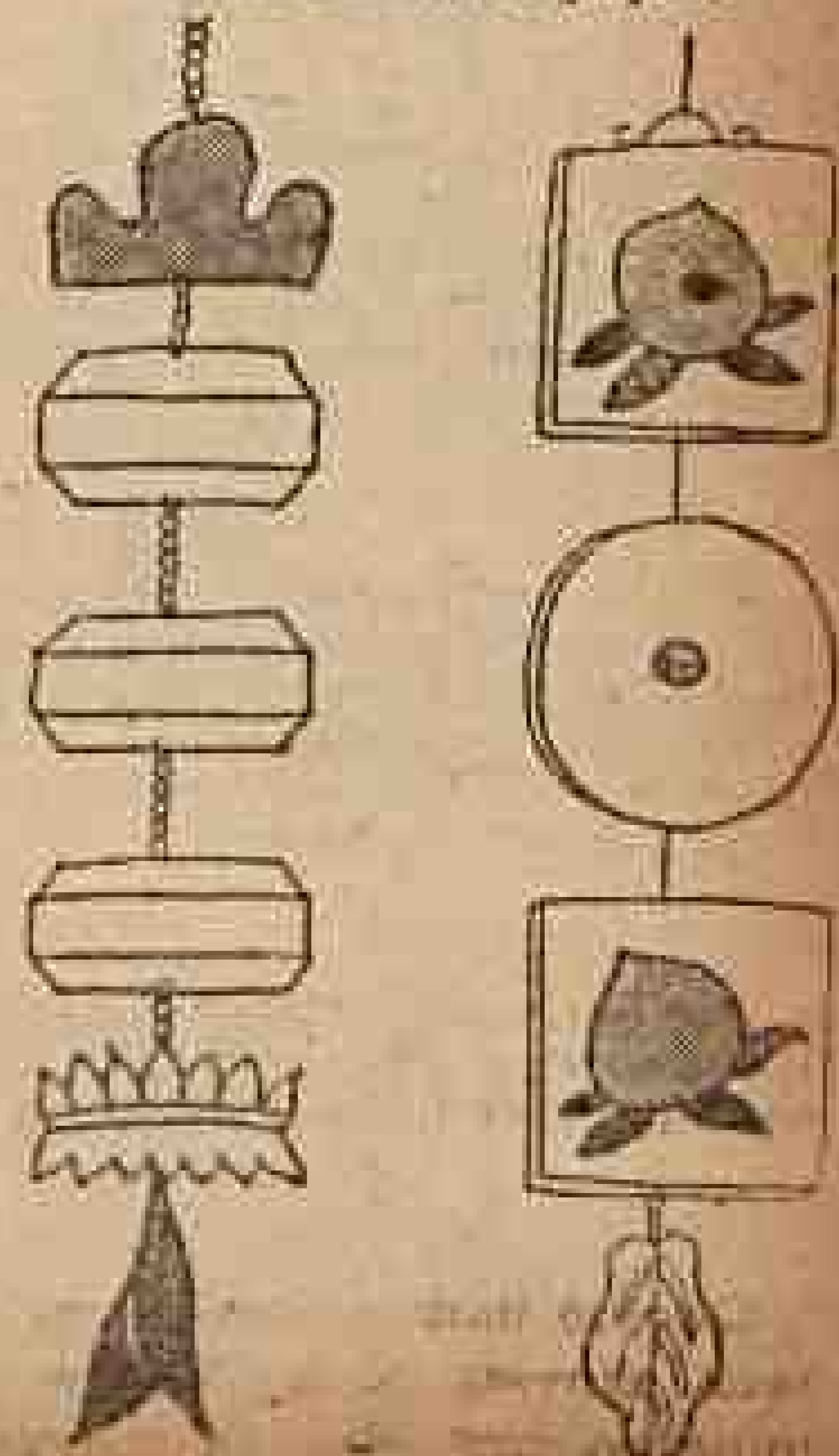
Mr. Blaney não era amante da bebida; mas desde a sua visita aos Whittle, a semana anterior, não se sentia realmente **"no devido lugar... Tinha qualquer coisa!".** E ao levar em seu automóvel, naquele entardecer Mr. Whittle para casa, sentia-se re-



LOJAS DE BONBONS FINOS — Se a casa é mais rica e tem bonbons importados, a tabuleta é mais enfeitada, com letreiros indicando que os produtos são importados do ocidente.



CASAS DE CAMBIO — As tabuletas chinesas, acima, representam os caracteres reveladores de uma casa de câmbio. O sinal da direita é formado por moedas empilhadas, com um orifício quadrado no centro. O da esquerda indica dinheiro-papel.



PEQUENOS VAREJOS DE BALAS apresentam desenhos de discos e quadrados com ornamentos coloridos dispostos de diferentes maneiras, de frente ou de lado, e com a fôlha representando o principal ingrediente das mesmas balas: menta, hortelã, frutas, etc..

A CARA DE JANO

Quando se quer falar de uma pessoa falsa, que hoje elogia alguém e amanhã se retrata, que faz uma promessa que depois não cumpre e que, em tudo, pro-



cede com dubiedade, é costume dizer que **«tem cara de Jano»**.

Deveria ser dito com mais propriedade, que **tem duas caras como Jano**, tornando-se, assim, mais clara a ironia da frase.

O curioso é que Jano, o mais antigo dos reis do Lácio, não foi **exatamente falso**; ao contrário. Por ter acolhido favoràvelmente Saturno, que tinha sido expulso do Olimpo, êste deus lhe deu maravilhosa sagacidade, que lhe permitia conhecer o passado e o futuro, isto é: o que estava em frente e atrás dos seus olhos. Daí a Mitologia apresentá-lo como alguém que **tinha duas caras**: uma, onde todos nós temos e outra na parte posterior da cabeça.

★

A LENDA DOS PELES VERMELHAS

Conta uma revista dos Estados Unidos que os Peles Vermelhas explicam do seguinte modo a criação do homem pelos seus deuses: «O grande Manitu fabricou um homem de barro colocando-o no fôrno; retirou-o, porém, antes do tempo e o resultado foi que ficou mal cozido. Este é o homem branco. Em seguida fabricou outro que também levou ao forno; deixou-o, porém, demasiado tempo e o homem ficou completamente torrado. Êste é o homem negro. Então o grande Manitu compreendeu que devia tomar mais cuidado. Tomou novo pedaço de barro e tornou a esculpir novo homem, que meteu no forno, retirando-o em tempo oportuno. Resultou, então, um ser humano de «lindo» tom avermelhado, belo, magnífico, surpreendente. Êste é o Pele Vermelha, superior a todos os homens!

★

A fôrça empregada pelo coração no trabalho de um só dia equivale à que seria necessária para elevar setenta quilos à altura de um metro e, em um ano, 25.500.000 quilogramos!

★

No tempo de Péricles era muito raro o pavão real; por um exemplar pagavam uma fortuna.

★

Quanto mais velhos forem os seus móveis mais bonitos se tornarão com óleo de peroba.

juvenescido: bebera um pouco mais do que de hábito e parecia-lhe que estava obrigado a dar a Mr. Whittle alguns bons conselhos, fazendo-o partícipe de um descobrimento pessoal que lhe abrisse os olhos.

— Tenho que lhe dizer uma coisa — declarou por fim — Uma coisa que você não sabe! Você não sabe até que ponto tem uma espôsa admirável!



Enrugou a fronte, dando um golpe no volante com a palma da mão.

Mr. Whittle sentia um grande prazer ao verificar que Mr. Blaney admirava a sua espôsa, naturalmente como dona de casa... Mas não soube como responder.

—E' verdade — reconheceu — Você tem razão. E' uma criatura admirável!

Depois de breve pausa, murmurou afetuosamente:

"Amanda"...

Mas não conseguia entender a razão que levara Mr. Blaney a fazer aquela alusão a sua espôsa, naquele justo momento.

Ao próprio Mr. Blaney teria custado não pouco trabalho explicar. Tinha a mente perturbada por uma multidão de pensamentos graves, dos quais nenhum era bastante claro para ser formulado. Sentia-se à beira de uma explicação importante, mas a natureza exata do que desejava explicar, era o que desconhecia.

— Já tenho quinze anos de casado! — disse finalmente — casado com uma mulher perfeita! A espinha dorsal da nação... Aonde iríamos parar se não existissem pessoas como ela?

Inclinou-se sôbre o volante, voltando a cabeça para olhar de frente Mr. Whittle, ao mesmo tempo que pousava sôbre um dos joelhos do amigo a mão espalmada, num gesto interrogativo:

— Eh? — perguntou.

— Olha bem para onde vai, Alfredo! — disse Mr. Whittle.

Mr. Blaney corrigiu a posição do veículo com dignidade, centrando o seu olhar sôbre a rua que se estirava à sua frente.

"Será que a amo tanto? — perguntava Mr. Whittle a si mesmo — E entrou a refletir sôbre a sua existência, simples e prosaica, composta de raras surprêsas e de raros prazeres, que podia saborear de antemão; pensou nas numerosas afrontas e indignidades que tivera de suportar; passaram por sua imaginação todos os cursos de história, que teria que preparar de ano em ano; todos os jantares que teria que comer; tudo o que teria que andar; pensou nos longos invernos atravessados por por ventos glaciais, e que o enfrentariam, tanto de dia quanto de noite, ocupado em consertar o esquentador; nos curtos calores do estio, com seus mosquitos e suas tormentas... Imutáveis jornadas, anos imutáveis — e nêle e em redor dêle, o lento declinar da vida...

"Sim — pensou com surprêsa — tenho ciúmes de cada instante que minha ausência me priva dela".

A imagem de Penélope Andrews se impôs repentinamente ao seu espírito; vestida com um **sweater** ajustado vinha ao seu encontro com um andar faceiro e os lábios sorridentes. Mr. Whit-

LUGARES QUE ESTÃO EM EVIDÊNCIA (Resposta da pág. 136)

1 Coréia, palco da guerar atual.

2 Formosa, ilha reduto do Nacionalismo chinês.

3 Indo-China, onde os franceses suportam ataque dos Comunistas.

4 Ilha de Wake, onde se encontraram, para conferenciar, o general Mac Arthur e o Presidente Truman.

5 Okinava, ilha que é uma das bases avançadas da defesa dos Estados Unidos no Pacífico.

OH! AS MULHERES!



Tinha começado dizendo — «Não te preocupes, mamãe. Afinal eu casarei com Maricota e não com a família dela!»

le se sentiu perturbado e lançou um olhar de soslaio a Mr. Blaney. Porém êste se achava entregue inteiramente aos seus pensamentos e não pareceu notar a perturbação do seu vizinho.

— Minha mãe me educou no respeito às mulheres — disse Mr. Blaney — Não consentia que meu pai fumasse em casa, e usava sempre a garganta bem coberta com gola de rendas e barbatanas.

Inclinando a cabeça para trás e marcando o compasso com a mão começou a cantar com voz enrouquecida:

"Ouço a voz dos anjos chamando Joe, o velho negro..."

— Alfredo! — gritou Whittle.

Um automóvel que vinha em sentido contrário acabava de fazer violenta **virada** para evitar o automóvel de Blaney.

— Não se preocupe, amigo! — disse Blaney, tentando sorrir, embora tivesse empalidecido — Vou levá-lo direitinho para casa.

— Estêve a pique de bater naquele automóvel — disse Whittle.

— Não penso que teria chegado a tanto — respondeu Mr. Blaney.

Permaneceu um instante silencioso. Depois prosseguiu, como se a lembrança lhe viesse repentinamente:

— Desejaria que minha mãe ainda vivesse... A espinha dorsal do país!

E embora nenhuma outra palavra fôsse pronunciada, Mr. Whittle compreendeu seu amigo, cujos brumosos pensamentos se explicavam por si mesmos, sem a ajuda das palavras. "Sabemos hoje onde nos encontramos — parecia querer dizer — graças aos seus ensinamentos. Nossas mães eram velhas, experientes, sensatas; eram justas, virtuosas e implacáveis; despedaçavam o nosso coração, mas infalivelmente nos protegiam contra a nossa própria loucura, salvando-nos das conseqüências de nossa humana fraqueza. Hoje não podemos mais contar com uma pessoa que nos guie e somos obrigados a saber tudo por nós mesmos... Porém a roda deu muitas voltas e Deus não mais se encontra ao nosso lado, como em outros tempos. Os homens fumam dentro de casa e as crianças não têm nenhum respeito... minha mãe teria mudado tudo isto! Teria garantido a casa com a sua armadura de barbatanas, acontecesse o que acontecesse no exterior...



E, quem sabe? Talvez, nesse caso, o fim do mundo se atrasasse. Se tivéssemos sido mais virtuosos e mais severos com nós mesmos — menos dispostos a transigir com o mal, pelo amor à paz e à nossa comodidade; menos dispostos a afastar os olhos das iniqüidades, a pretexto de **não nos metermos com os assuntos alheios**...

— Os tempos mudaram! — cantou Mr. Blaney, enquanto dirigia uma saudação amistosa ao guarda do tráfego, que se encontrava na esquina da rua. — Agora é muito tarde — acrescentou.

Mas não era o mundo, nem sequer sua mãe, o que ocupava a imaginação de Mr. Blaney. Era Amanda Whittle... e no que teria sido a sua vida, se tivesse casado com ela. É claro que não se tratava de mudar de existência, nem muito menos de trocar

ESQUIZOFRENIA CONTROLADA



Klaus Fuchs

A revelação de que o sábio germânico, Dr. Klaus Fuchs, era um espião dos russos para as questões atômicas, provocou em todo o mundo uma extraordinária sensação.

Como justificativa de sua ação inconfessável, o Dr. Fuchs declarou às autoridades que sofria de «esquizofrenia controlada».

SABE O LEITOR... o que é esquizofrenia?

A psiquiatria a define como **«uma debilidade psíquica, cujas manifestações são de ordem desarmônicas** ou seja: que os fenômenos psíquicos escapam às leis que os regem naturalmente. Daí a incoerência, a indiferença e a atividade paradóxica.



Doutor Jekyll

Em suas declarações o Dr. Klaus Fuchs confessou ser um homem que tem a faculdade de **desdobrar a sua personalidade**, isto é: de ser **dois-em-um**, como o personagem central da famosa novela de Stevenson: «O Médico e o Monstro» (Dr. Jekyll e Mr. Hyde).



Mister Hyde

DATAS DE DESCOBERTAS E INVENÇÕES

A anestesia pelo éter, em 1846.
A anestesia por clorofórmio, em 1846.
Os raios X, em 1895.
O rádio, em 1899.
A grade do arado de ferro fundido, para o feno, em 1800.
A segadora, em 1833.
O gás de iluminação, em 1780.
A pena de aço, em 1803.
A prensa a vapor, em 1811.
O revólver, em 1829.
Os fósforos, em 1829.
A electrotipia, em 1837.
A fotografia, em 1839.
A máquina de costura, em 1846.
O navio de guerra «monitor», em 1862.
O canhão Glatling, em 1861.
A máquina de escrever, em 1868.
O freio de ar, em 1872.
A luz elétrica, em 1876.
O fonógrafo, em 1877.
O sismógrafo, em 1880.
A linotipo, em 1885.
A turbina a vapor, em 1888.
O cinematógrafo, em 1895.
A monotipo, em 1896.

★

ANTIGAMENTE, na Bretanha francesa, as casadas e as viúvas usavam um distintivo em seus mantos, de acôrdo com o seu estado civil.

★

BALBINA é nome de origem latina e significa: balbuciante.



FÁTIMA

De Lisboa ao vale da Cova da Iria o viajante percorre cento e setenta quilômetros de caminho pitoresco e sinuoso. Meiga e despretensiosa paisagem. Deixa o Tejo à direita do caminho e segue para a montanha, subindo sempre.

O colorido das casas de Portugal é absurdo à descrição, embora agradável à vista: rosa, amarelo, azul e também fachadas inteiramente de azulejos. Tudo isto põe côr e alegria na paisagem. As flores, que abundam de forma extraordinária, brotam nos lugares mais inesperados e galgam os mudos dos jardins. Antes de chegar ao santuário o turista passa por diversas povoados: Caldas da Rainha, Alcobaça, Batalha e por um soberbo lugar chamado Miradouro do Fetal de Reguengo; é como um balcão sôbre vale cultivado e montanhas ao fundo. Oliveiras, vinhedos e arrozais acompanham o viajante no caminho. A medida que se aproxima de Fátima verá peregrinos nos mais diversos meios de transporte: bicicletas, asnos, automóveis, etc., além de famílias inteiras de camponios caminhando. Várias gerações delas; as mulheres com os pitorescos lenços e os homens com êsses estranhos gorros portuguêses.

Ao chegar, o espetáculo é imponente: há ali, segundo um cálculo aproximado, quatrocentas mil pessoas. A organização é deficiente. O viajante tem que deixar o veículo que o transportou a uma distância de quase dois quilômetros e caminhar sob chuva torrencial. Parece que a Virgem desejou experimentar os seus devotos; porém aquela gente, em sua robusta fé, não sente a água que desce incessante; sente apenas amor, e por isso vemos muitos, andando de joelhos, entre o barro encharcado, até à capelinha, que se levanta no próprio lugar das aparições.

Impossível aproximar-se dela; milhares de pessoas estão em seu redor e fazem benzer objetos: Outras, de joelhos, rezam o rosário, indiferentes a quanto lhes rodeia, cada vez se enterram mais profundamente no barro; a água já lhes chega ao ventre, porém continuam rezando, continuam pedindo com fé. Por que não haverá milagre também para elas?

Bispos e sacerdotes, monjes, aldeões, enfermeiras, estudantes, com suas capas típicas; tôda a humanidade está ali representada; todos trouxeram seus probema, sua miséria, sua fé. Porém nenhum tem a alma limpa daqueles três pequeninos pastôres. Estranho contraste de divino e de humano; maravilhosa lição de humildade, que a Humanidade não aprenderá jamais. Os homens odiando-se, matando-se, e ali, num recôncavo da montanha, a Virgem surgindo aos seus filhos mais humildes e menores, mais pobres e mais inocentes: *Lúcia, Francisca e Jacinta!*

A igreja, ainda não terminada, está cheia de fiéis. Árdua tarefa a de confessar-se em língua estrangeira e mais difícil ainda aproximar-se para comungar. A gente do povoado quer fazer tudo ao mesmo tempo. Na igreja é rezada missa em cada altar e por todos os cantos estão os sacerdotes ouvindo a confissão dos penitentes. Em meio dessa multidão ouvem-se tôdas as línguas; mas a que predomina é a espanhola *sin huesos* (sem ossos) como Cervantes chamava ao idioma de seu país.

A hora da *missa dos enfermos*, a igreja é desocupada; os doentes são transportados todos em macas, cadeiras ou nos braços dos acompanhantes.

Neste cenário de corpos enfermos e de almas laceradas, nada é estranho; neste grito contido de cada um, neste clamor silencioso das almas, tudo é dito por meio de orações. O diálogo com Deus é coisa possível neste pedaço de terra em que a Virgem pousou os seus pés. Há momentos em que o Homem está mais perto de Deus; é como se o Todo-poderoso se inclinasse ao seu ouvido e com o seu hálito divino infundisse fôrças, distribuísse esperanças, murmurasse o perdão, e sentimos que o amor de Deus nos acompanha.

Já em caminho, de volta, o viajante vai repetindo, como para que fiquem para sempre gravadas em sua mente aquelas palavras da Virgem à pequenina Lúcia: "*E' preciso que todos se emendem e que a nosso Senhor peçam perdão dos seus pecados*".

Mons. E. RAMOS MOJIA

A MAIORIA dos rubis são fabricados, atualmente, por um método eletrolítico, sendo tão perfeitos que sòmente bons joalheiros os podem distinguir dos verdadeiros.

★

NOVENTA por cento do mêdo tem por causa a ignorância.

Helena por Lucinda ou modificar tudo mais... Também não desejaria, nem por um instantezinho, converter-se naquele pobretão do Whittle. Estava apenas curioso por entrar em casa — em sua própria casa, entendamo-nos — e ali ver Amanda! Amanda e seus cabelos castanhos acinzentados, as suas maneiras gentis e suaves... Saber que ela se achava em sua própria casa e que era a sua espôsa. Como seria a sua vida?

Mr. Whittle não partilhava os pensamentos de Mr. Blaney — o que não deixava de ser uma sorte. Opinou gravemente, movendo a cabeça:

— Sim, Alfredo; você tem razão. Agora é muito tarde.

CAPÍTULO VI

A família se reune geralmente à hora das refeições e, o resto do tempo, em muito raras ocasiões. Quando uma família se instala em redor da mesa, todos os seus membros se aproximam e encontram, durante alguns momentos, um centro de interêsse comum: **que há para comer?** Por alguns instantes cessam de ester isolados uns dos outros pelo sabor da sopa, da carne e dos legumes. Dessa união, o espírito permanece afastado, solitário, intransigente.

Os Whittle se instalaram à mesa em meio do silêncio habitual.

Ao cabo de quatorze anos de casado, Mr. Whittle não se julgava mais na obrigação de contar a sua espôsa tudo o que ocorria durante o dia, o que não significava, de nenhuma maneira, que se afastasse ou se desinteressasse dela. Gostava de ouvir Amanda falar dos acontecimentos caseiros ocorridos durante a sua ausência. Gostava de inteirar-se de que o bombeiro comparecera, segundo havia prometido e que a torneira da pia já não pingava irritantemente. Deixava ouvir um grunhido compassivo ante a notícia de que a lavandaria queimara alguns lençóis. Porém quanto aos seus próprios fatos não lhe pareciam dignos de ser comentados.

Lucinda, por sua vez, guardava silêncio, sem saber sequer onde estava. Seu espírito sonhador revivia os últimos momentos passados em passear pela rua, em companhia de suas amigas Marisa e Helena. E sorria

eu suspirava de quando em quando, sem razão aparente. Amanda, perplexa, fitava o marido, com um leve enrugar da fronte. Um mutismo assim era insólito, mesmo em seu marido. Os pensamentos dêste, a julgar pela expressão ausente e absorta, impressa em seu semblante, pareciam mais distantes que nunca. Talvez tivesse trabalhado demasiado talvez a primavera e a mudança de tempo fôssem a causa dêsse estado de ânimo.

— Você está bem, querido? — perguntou.

— Hum? — exclamou êle, saindo do seu torpor — Sim, muito bem. Por que?

Com rápido olhar observou tôda a mesa.

Encontrando o olhar docemente inquisidor do pai, Lucinda se mexeu na cadeira e baixou o olhar para o prato em que comia. "**Pronto! Sempre havia de acontecer isso! Não** podia estar tranquila nem um minuto. Esforçava-se por afastar o pai dos seus sonhos. "Vestida com uma formosa saia plissada e uma blusa bonita, fazia-se escoltar por Walder até à confeitaria, onde saboreava um gostoso sorvete de creme sob os olhares enciumados de Mariana e de Helena, espiando do lado de fora. "**Desculpem-me** — dizia com voz aveludada — **mas Rafael e eu desejávamos estar a sós...**"



— Lucinda! — disse sua mãe, nesse instante — Trate de comer.

— Ora! — exclamou Lucinda irritada.

Amanda envolvia seu marido em um olhar de terna solicitude. Os exames de fim de ano sempre significavam excesso de trabalho para os professôres.

— Alguma novidade? — perguntou.

Mr. Whittle moveu a cabeça negativamente.

— Não... Passei pelo clube para aproveitar a **carona** de Alfredo — e logo acrescentou: — coitado dirige espantosamente mal! Também estive alguns instantes em casa de Eugênia Warren...

Seu rosto tomou imediatamente uma expressão fechada e impenetrável e seus olhos se encheram de indiferença.

Recordando o seu dia, chegara até Penélope...

"Foi só — concluiu.

Não sabia bem por que desejava guardar segrêdo em tôrno da pessoa de Penélope. O que na verdade queria era evitar ter que adotar qualquer resolução a respeito. Nada poderia acontecer, enquanto tudo fôsse conservado em segrêdo, sòmente com o seu pensamento. Nada de aborrecido aconteceria para Amanda e para êle mesmo, se tudo continuasse assim, só em pensamento. As palavras tinham isso de mau: agitavam tudo; uma vez formulada uma coisa, começava a existir, mesmo que, na realidade, nada tivesse ocorrido. E, no entanto, quisesse ou não, **existia um problema.**

Nada, absolutamente nada, ocorrera; mas, no entanto, se êle dissesse: "**Falei com uma mocinha que se chama Penélope Andrews**", isso equivaleria a introduzí-la em seu lar; e nunca mais poderia expulsá-la totalmente. Atira-se uma pedra num charco; as ondas que se formam sôbre a sua superfície logo se apagam; mas a pedra ali permanece, no fundo, mudando o curso das águas inferiores.

Amanda notou o gesto de retraimento, a expressão contraída e hermética e, de repente, por espaço de um segundo, seu coração deixou de bater em seu peito. "**Oculta-me alguma coisa**" — pensou. E, tomada de ligeiro pânico, fixou o olhar na toalha, para ocultar a perturbação dos seus olhos.

A atitude do marido podia responder a diversas razões; um desgôsto na escola, alguma desinteligência com o Dr. Thirkel... Talvez até lhe tivesse pedido a demissão...

Uma catástrofe semelhante era coisa que não podia aceitar; como faria para contar aos seus pais? Já lhe parecia ouví-los dizendo: "**Não era possível esperar outra coisa... Não nos causas nenhuma surprêsa, mas podes contar com a nossa ajuda, caso venhas a necessitar.**

"Jamais! — pensou com veemência — Nunca! Jamais!" E começou a traçar planos para dispensar a lavadeira e determinando em geral tudo o que ocorreria até que Roberto encontrasse outro em

---

FALSOS SINÔNIMOS

OUSADIA — ATREVIMENTO — A ousadia supõe um ímpeto cego e desesperado. O atrevimento requer valor e resolução.

O homem atrevido conhece a dificuldade e o risco; mas sabe que seus meios permitirão vencer todos os obstáculos.

O ousado, ao contrário, acredita possuir fôrças superiores ao perigo e avança sem hesitar.

A inteligência, o valor e boa estratégia, as fôrças bem armadas, dão valor a um general. Se se desvanecem estas condições e empreende uma ação arriscada, em inferioridade de circunstâncias, será uma ousadia.

O atrevimento costuma conduzir ao triunfo, pois que se baseia em fatores reais bem calculados. A ousadia, perde quase sempre, como fruto de pura presunção.



A amônia é excelente para tirar as manchas do linho.

DE QUE NACIONALIDADE ERA O COMPOSITOR DA ÓPERA "CARMEN"? ESPANHOL? FRANCÊS OU ITALIANOS? (Resp. à pág. 158)



PROPRIEDADES NUMÉRICAS

Por J. CORDILHA

Da unidade ao limite de 1 bilhão (mil milhões), só se encontram os cubos perfeitos simétricos: 243, 1331, 1030301 e 1367631.

★

O número 987654321, múltiplo de 3 e de 17, pode ser representado, de diversas formas, pela diferença de dois quadrados perfeitos.

★

Os quadrados de 1582684, ... 2417616, 5917616 e de outros, terminam por 123456.

★

Os cubos de 76942, 576942, ... 525942 e de outros, terminam por 888888.

★

Raramente encontramos um quadrado perfeito que represente a diferença de cubos perfeitos consecutivos. Um dêles é 169 (quadro de 13), que é a diferença entre os cubos de 7 e de 8.

★

Há uma infinidade de quadrados perfeitos, cubos perfeitos, triangulares, etc., que encerram algarismos ou grupos de algarismos iguais seguidos.

★

Os números 370, 468, 520, 637 e 793 são, ao mesmo tempo, somas de dois quadrados é de dois cubos perfeitos.

★

Da unidade até o limite de 1 bilhão (mil milhões), há, têrmo médio, 37 ou 38 números primos para cada grupo de 1000 números da série natural dos inteiros.

★

O quadrado de 12543 é constituído da permutação de todos os algarismos significativos.

★

OS NOMES DO ANO



O Arcebispo de Canterbury, que teve festiva recepção no Congresso da Paz realizado em Washington, quando atacou violentamente os Estados Unidos.

prêgo, o que não faltaria, disso estava certa, pois era muito bom professor, todos o afirmavam...

— O diretor me encarregou de preparar novos cursos para o ano próximo — disse Mr. Whittle — Terei que reunir apontamentos desde agora...

Amanda acreditou um instante que ia desmaiar por aquêle alívio que chegara assim tão de repente.

— Que horror! — murmurou.

Bem. Pròvàvelmente não devia fazer perguntas; seu marido, pelo visto, não queria abordar o tema.

Sentia-se humilde e envergonhada. "Pobre Roberto — pensava — Trabalhava tanto! E que tinha, afinal? Uma pequena casa mobilada com modéstia e uma mulher gastadora. Na verdade, não precisa de lavadeira nem de engomadeira; outras mulheres lavam e passam em casa, elas mesmas, até lençóis e toalhas. Talvez fôsse bastante mandar lavar fora, os lençóis. Deveria também vender o automóvel. Roberto, pessoalmente, pouco usava o automóvel, com exceção no inverno. Mas no inverno, só, não compensava... E, por outro lado, no verão, é até mais agradável passear a pé, ir até ao lago... Teria também de convidar algumas pessoas para jantar. Eugênia Warren, por exemplo, de quem Roberto *tanto* gosta, embora eu *mesma* não goste. Mas, afinal, conheço-a muito ligeiramente... E também o Dr. Thirkel... se aceitar o convite; **mas talvez pense que queremos "chaleirar"** — concluiu.

— De qualquer maneira — declarou repentinamente em voz alta — posso deixar de fazer lanche... Sempre seria uma economia.

— Hein? E por que tem que deixar de fazer lanche? — perguntou Mr. Whittle, levantando a cabeça.

— Ora... Acho que estamos gastando muito dinheiro. Devemos fazer economia. E, além do mais, estou engordando.

— Tolice! — disse Mr. Whittle — Não vale a pena fazer isso que, na verdade, não significa grande coisa. Além do mais — acrescentou — gosto de você assim como está... E Alfredo também gosta.

Amanda levantou, por sua vez, a cabeça. Estava estupefacta. Alfredo? Alfredo Blaney? Alfredo tinha realmente dito isso? Aquilo era a última coisa que teria podido imaginar neste mundo.

— Pois sim!... Você inventou essa história para que eu desista de fazer regime.

— E' a verdade. Alfredo acha você uma criatura excepcional — declarou Mr. Whittle — Foi o que me disse ainda há pouco.

— Ora! — exclamou Amanda. Excepcional. Na verdade, não havia por que regosijar-se. Um anão era excepcional. Também o era um bezerro com duas cabeças...

— E que é o que tenho de excepcional? — perguntou.

Baixando os olhos examinou a própria cintura que, livre de qualquer cinta ou prisão aparecia redonda, firme, esbelta.

— Preciso emagrecer pelo menos três quilos. — afirmou.

— Sei que da última vez que você *cismou* de emagrecer acabou indo para a cama, com ameaço de pneumonia... — recordou Mr. Whittle.

— Pneumonia! Que exagêro... Tive bronquite como todo o mundo teve, naquela ocasião. Foi uma epidemia.

Mr. Whittle respirou com fôrça. Era inútil discutir com Amanda. Tentou ver sua espôsa através dos olhos de Mr. Blaney. Porém êste só via Amanda uma ou duas vêzes por mês, enquanto Whittle

A PLANTA MENTIROSA

De acôrdo com um botânico norte-americano, o girasol é uma flor magnífica, mas embusteira e que tem enganado seis países.

Acredita-se, realmente, nesses seis países, que o girasol está sempre voltado para o astro-rei, e por isso a planta é assim chamada na Espanha; na Itália é chamada **girasole**; na França, **tournesol**; na Hungria, **Naptforgo**; e na Inglaterra e América do Norte **sunflower**. Um ou outro nome significam a «planta que olha o sol ou que segue a marcha do sol», ou ainda «flor do sol», conforme a designação inglêsa.

Entretanto, segundo o botânico citado, o girasol não gira na sua haste para seguir a marcha do sol. Há, porém, no reino vegetal, uma planta que bem pode ser chamada a namorada do sol, porque contempla constantemente o astro, embora a maioria dos observadores não tenha isso observado até hoje.

★

Os móveis representam a vida do seu lar, e óleo de peroba a vida dos seus móveis.

via a espôsa todos os dias. Ela e êle tinham vivido juntos multíssimos anos, sobrecarregados de excessivas experiências comuns, residindo sob o mesmo teto, o mesmo dormitório... Existia entre êles demasiada intimidade — até mesmo demasiada afeição. "Pela novidade — pensou — é que as pessoas nos comovem ou nos ferem; quando se é jovem o mundo inteiro está por explorar. Para Mr. Blaney, Amanda é coisa tão inexplorada como a África.

"Suponhamos que chegasse a me abandonar — pensou — que morresse ou empreendesse uma viagem, ou simplesmente se cansasse de mim..."

Sentiu-se imediatamente invadido, até ao sofrimento, por uma imensa ansiedade, e se inteirou de que não poderia viver sem sua mulher, e, ante a idéia de ficar só e abandonado, deixou escapar um grunhido surdo e angustiado.

E censurou a si próprio por haver consentido que a ação do hábito houvesse prejudicado o conjunto de sua existência. Chegara a ser — por própria culpa — tão indiferente para sua mulher como um sapato velho. Desde que Alfredo havia dito... Alfredo, um estranho...

Amanda estava ali, junto a êle, olhando-o com um meigo sorriso que torcia os seus lábios carminados; sentia-se de novo invadida de imensa piedade pelo marido. **"A bem dizer não sou uma boa espôsa** — pensava — **Não sou nem ao menos muito sedutora nemm ulto interessante. Tenho que admitir... Se ainda pudesse fazer alguma coisa..."**

— Quer sair, esta noite? — perguntou timidamente.

Não tinha qualquer projeto em vista, mas sentia desejos de estar com êle, de fazer alguma coisa, fôsse o que fôsse, embora essa **alguma coisa** fôsse ir apenas ao cinema.

— Estão levando uma fita estupenda no Fox-Riverton — declarou Lucinda — E' a história de uma pessoa que pensa ter matado outra, mas que não tem tôda a certeza. E há uma chuva de tiros de metralhadora. E' estupendo!

Seus pais trocaram um olhar de dúvida.

— Que apresentam no Orpheum, querida — perguntou Mr. Whittle.

— Oh! Algum abacaxi! — disse Lucinda — Já sabe como é... Alguma história de amor, coisa tola...

Considerava "amoroso" o espetáculo das pessoas adultas, que trocavam beijos, coisas que sempre a aborrecia. O sentimento que experimentava relativamente a Ralph Wonder era tão aéreo como uma mariposa e assim, sim, estava bem! Na tela, preferia os filmes de **cow-boys** e dos pessoas que se atiravam pelas janelas.

Os Whittle foram ao Orpheum; sentaram lado a lado, bem juntinhos na escuridão e ouviram a música; olharam, a três metros sôbre as suas cabeças, a protagonista e o galã trocando insultos, apaixonadíssimos, cada vez mais, um pelo outro; casando-se, enfim; separando-se lògicamente; e tudo voltando ao anterior com a reconciliação. O filme era totalmente inverossímil, mas custara vários milhões de dólares. — **"Amo-te** — dizia o protagonista sôbre um fundo musical. — **Amo-te porque vejo em teus olhos tôda a alma dos prados..."** Era um completo animal, sempre pronto a usar os punhos; mas era bonito, todo o mundo o amava e a poesia estava em suas palavras.

PROPRIEDADES NUMÉRICAS

Por J. CORDILHA

Dados 3 quadrados perfeitos consecutivos, o maior dêles é igual ao dôbro do central, menos o menor, mais 2.

★

O número simétrico 135797531 representa o produto de 5503 por 24677.

★

Dentre os números formados da permutação dos 9 algarismos significativos encontram-se: — 493275316, 648925137 e 946285137, que são divisíveis por 7, e 462879351, 685729143 e 793546281 que são divisíveis por 11.

★

De 1 a 1000, encontram-se os números simétricos 181, 313 e 545 que representam a soma de dois quadrados perfeitos, consecutivos.

★

Entre números primos consecutivos as diferenças mais comuns são: 2, 4, 6, 8, 10 e 12 principalmente as 3 primeiras.

★

Dados dois inteiros consecutivos, e, se ao quadrado do menor somarmos o quádruplo do maior o resultado é quadrado perfeito.

★

Os quadrados de 30642361, de 80642361, (além de outros), terminam por 87654321.

★

O número constituído de 31 zeros intercalados entre dois algarismos 1, é divisível por 19841

★



O novo vestuário para salvar aviadores entre labaredas. No exterior: 1.700 graus. No interior, apenas 35.

O MAIS ANTIGO ARTISTA

Foi Tahuti, que viveu há mais de três mil anos, tendo sido governador de uma cidade no Egito, sacerdote da deusa Hekt e grande artífice em trabalhos de metal, sobretudo ouro, prata e cobre, assim como pedras preciosas e madeiras raras.

Para o templo de Der-el-Bahari esculpiu uma grande porta de cobre rematada com painéis de electro, além de outras portas, de cedro, com incrustações de bronze.

No museu de Gisch, no Cairo, está uma de suas obras primas: um santuário, de ébano, maravilhosamente talhado com figuras hieroglíficas.

GORDOS E MAGROS — E' sabido como em tudo abundam as exceções; porém, em regra geral, as pessoas magras vivem mais tempo do que as que são demasiado gordas. Para alguém se convencer disso basta observar que rara é a pessoa que chega aos 80 ou 90 anos, se padece de obesidade. Nas pessoas gordas o sangue não pode circular por todos os órgãos com a devida facilidade e abundância; também os pulmões não podem receber o ar suficiente para purificá-los.

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.

MOLIÈRE EM ANEDOTAS

Molière escreveu a sua primeira obra aos 31 anos de idade. Foi esta obra, por assim dizer, a precursora de seus futuros grandes triunfos nas letras, triunfos que o consagraram. A razão dêste comêço tão tardio



Molière

na arte da literatura é devido quase exclusivamente ao fato da sua educação, nos primeiros anos de sua vida, não ter sido muito esmerada. Entretanto, os defeitos dessa preparação deficiente foram amplamente vencidos pela sua aplicação diligente.

Carlos IX já havia criado o consulado. Os pais de Molière, modestos empregados da côrte, sonhavam para seu filho as honras de tal instituição. Seu avô, em troca, era ardoroso partidário do teatro e constantemente levava/Molière ao «hotel» de Bourgogne onde trabalhavam então os melhores comediantes da época.

Inteirado dêste fato, o pai de Molière censurou o bom homem por levar o neto a êssa classe de espetáculos, os quais, na sua maneira de ver, poderiam influir em suas aspirações.

— Não vê que também lhe agrada muito o teatro, e dessa forma é bem provável que eu veja frustrados os planos que tenho reservado para seu futuro? Ou, por acaso, quer fazer dêle um comediante?

— Deus queira que assim seja! — respondeu o avô de Molière.

★

O autor das «Preciosas ridículas» foi interrogado certo dia, pelo rei Luís XIV, que, como é sabido, dispensava ao famoso escritor, proteção ilimitada:

— Como se arranja você para descrever os ridículos e as travessuras da humanidade com tal zombaria e espiritualidade?

Molière respondeu de uma forma que ficou célebre:

— Senhor... eu tenho sofrido!...

★

Certo dia o camareiro de Molière calçou uma de suas meias pelo avesso. E' excusado dizer que o pobre homem era a estupidez personificada. Sem dizer uma palavra, Molière tirou a meia, segurando-a pela parte superior, de modo que depois de retirada ficou pelo lado direito. Porém, como o bom camareiro não observara êste detalhe, tomou a meia, tornou a virá-la e colocou-a de novo no pé do seu patrão.

Os Whittle permaneciam de mãos dadas, enquanto ninguém os via. Magnetizados pela música e favorecidos pela escuridão, em presença de alegrias e de sofrimentos que não eram obrigados a partilhar, mas que lhes recordavam um pouco a própria vida, sentiram-se invadidos, por breves instantes, das esperanças confusas e os doces sonhos de uma recuperada juventude. Na sombra que o cercava, Mr. Whittle contemplava o perfil de sua mulher; pareceu-lhe tão secreta e desejável como uma desconhecida; descobriu grande exaltação à idéia de que lhe pertencia e apertou-lhe afetuosamente a mão.

"E' preciso vir com ela mais vêzes..." — pensou.

O rosto do ator, o rosto da heroína, surgiram muito aumentados até atingir proporções gigantescas e aproximaram-se para trocar um último beijo, com que o filme terminou. Os Whittle, acompanhados de Lucinda, chegaram mais depressa do que esperavam ao salão de entrada, deslumbrados pela luz.

Bem... — disse Mr. Whittle, clareando a voz.

— Como abacaxi não podiam ter feito melhor! — comentou Lucinda.

Naquele momento Mr. Whittle descobriu na outra extremidade do vestíbulo do cinema a figurinha de Penélope Andrews, cercada por um grupo de amigas. Esperou não ter necessidade de falar-lhe, porém Penélope se voltou de repente e o viu. Logo corou como uma amapoula e balbuciou:

— Oh! O senhor...

— Boa noite — murmurou Mr. Whittle.

E passou, guardando distância.

Sempre acompanhados por Lucinda, os Whittle percorreram a rua em silêncio. Depois Amanda perguntou, em tom desinteressado:

— Quem era?

— Quem? — perguntou Mr. Whittle, por sua vez.

— Essa mocinha a quem você cumprimentou.

Mr. Whittle explicou que era apenas uma das suas alunas...

— Sim, compreendo — disse Amanda.

Permaneceu por uns instantes em silêncio. Depois insistiu:

— Por que corou tanto ao ver você?

Mr. Whittle se sentiu desfalecer.

— Não tenho a menor idéia — declarou, começando logo a assobiar em surdina.

— E' engraçado — comentou Amanda — E ela é muito bonita.

Voltou-se para ver se Lucinda os acompanhava de perto.

— Como disse que ela se chamava?

— Parece que é Miss Andrews — respondeu Mr. Whittle com acentuada indiferença.

— Então você a conhecia? — interrogou Amanda.

— Pois não disse? Pertence à minha classe.

— E' curioso que não tenha nunca falado nela — comentou Amanda.

E depois de outro silêncio que Whittle não quebrou, acrescentou:

—Por que terá corado daquela maneira?

Amanda fizera seus comentários em tom desinteressado e frio, mas Whittle não se deixou enganar. **"Estragou a noite por completo"** — pensou — Mas ao mesmo tempo não sabia que atitude tomar.

— Vamos a algum lugar tomar um refresco — perguntou em tom animado.

— Não... obrigada; não tenho sêde. — respondeu Amanda.

Um gemido se elevou atrás dela.

— Oh, mamãe! — protestou Lucinda.

Depois de uma sessão igual à que tivera, de tal efusão sentimental... Verdadeiramente — pensou — nunca se sabe até que ponto os pais podem ser implicantes.

— Podem ir vocês dois, se quiserem — disse Amanda — Eu sigo para casa.

Aquela solução era ainda mais conveniente para Lucinda, porém Mr. Whittle a julgou de modo diverso.

— Iremos todos para casa, o que, por outro lado, parece ser o mais sensato. Também estou fatigado...

Fizeram em silêncio o caminho que os separava do automóvel. Uma tranquila noite continuava espalhada sôbre Rivertown; no mais alto do céu brilhavam as estrêlas minúsculas e brumosas. Ior

zando teto sôbre as ruas vazias, chegando à margem oposta, começou a soprar um vento frio, que trazia o cheiro úmido do rio. Amanda pensava na mocinha do cinema; poderia ter dezoito anos, no máximo vinte; estava em companhia de outras moças da mesma idade... Talvez alguma tivesse zombado dela...

Lançou ao marido um olhar furtivo. Sim; ali estava êle, muito moço ainda e com ar fatigado... sem que tivesse nada de um Brummell. Era Brummell o que queria dizer? Afinal, isso não tinha importância. Qualquer um **dêsses**... Romeu, talvez! Decididamente o pobre Roberto não passaria nunca dos vinte anos.

E essa miss Andrews o olhara bem de frente. Mas talvez tudo isso não tivesse importância e não passasse mesmo de uma tola preocupação sua. Acabavam de ter momentos tão agradáveis no cinema!

Amanda chegou a lamentar não ter aceitado o refresco que lhe fôra oferecido. Mas não reconheceria o seu êrro por nada nêste mundo.

— E' tarde — disse a Lucinda — Amanhã tens colégio. O filme era muito bom — disse, voltando-se para o marido — Obrigado por me ter levado...

Talvez estivesse errada. Mas não podia fazer mais que isso.

CAPÍTULO VII

No correr dos dias seguintes, não sobreveio em casa dos Whittle nenhum acontecimento digno de interêsse. Chegou o momento em que Amanda Whittle leu a sua conferência anual no Clube São Vicente, sob a égide da "Sociedade de Literatura e História", de Rivertown, que se unira ao "Patronato das Damas da Igreja de Clark Street. Cêrca de oitenta pessoas assistiram à conferência: entre elas estavam Miss Eugênia Warren e Mrs. Teodora Andrews, mãe de Penélope.

A sala de conferências ocupava dois salões da igreja de Clark Street Mr. Whittle, em pé sôbre um estrado baixo, esboçava para o seu auditório o esplendor e a decadência das nações desde a origem do mundo. "Porém o tempo — declarou — era em si mesmo uma nação inatingível; uma espécie de arco-íris, que só se percebia numa direção determinada, e desaparecia quando dêle tentávamos nos aproximar..."

"Durante milhões de anos — acrescentou — existiram sôbre a terra as espécies reptilianas, que nenhum ôlho humano estava destinado a contemplar. O pterodáctilo, o diplodócus, freqüentaram as planícies antediluvianas e bateram o ar carregado de vapores, silenciosos como a serpente, ou lançando gritos e rugidos que a imaginação não pode conceber. O homem é um recém-chegado; a aurora da humanidade remonta apenas a pouco mais de quinhentos mil anos.

"Há dez mil anos, êste continente se achava habitado por uma raça de homens da qual verdadeiramente, se sabe pouca coisa. Caçavam o búfalo, o camelo, o mamute lanudo e o mastodonte, aos quais matavam com a juda de finas flechas, cuja ponta estava armada de silex. Êsses homens conheciam o uso do fogo e deviam utilizar alguma espécie de linguagem, resguardando-se do frio com peles de animais. Em outros têrmos, diremos que eram capazes do pensamento abstrato. Não foi possível encontrar vestígios de suas ossadas, mas em compensação foram descobertas as suas armas de silex e os vestígios dos seus campos, enterrados sob os restos de grandes geleiras. Parece também comprovado que em quatrocentos e noventa mil anos, o homem se instruiu. Porém, naturalmente, bem pouco.

"A lenda nos descreve a presença de cidades de barro e pedra, construídas cinco mil anos mais tarde, nas margens do Mediterrâneo. Essas cidades desapareceram, tragadas pelas erupções vulcânicas ou pelas ondas do Dilúvio. Depois vem a história pròpriamente dita, que conhecemos pelos primeiros hieroglifos e que foi uma sucessão ininterrupta de guerras. Assim, partindo do homem das cavernas, chegamos, ao cabo de milhares de anos, às querelas das nações e ao auge dos impérios:

"Existem duas maneiras de medir o tempo: por sua duração real ou por sua duração teórica, seja pelo número de dias ou de anos que cobre ou pelos acontecimentos que o cumularam. A exis-

Já encolerizado, o escritor gritou:

— Não vês, pedaço de asno, que está pelo avesso?

O criado, sem chegar a compreender nem explicar como tinham ficado pelo avesso (se a tinha virado) voltou a fazer a operação, colocando-a novamente com o lado direito para dentro.

Molière não pôde conter-se; levantou-se e deu um tremendo murro na cara do imbecil criado.

O pobre homem, estonteado, sem saber ainda a causa de tão estranho procedimento, fugiu com tôda a rapidez que lhe permitiam as pernas; depois, aproximando-se de uma pia com água benta, ali colocou a meia convencido de que êsse era o único meio de corrigir a «endiabrada» meia e obrigá-la a calçar pelo lado direito.

★

Em uma ocasião o rei Luís XIV pediu a Molière sua opinião sôbre os médicos.

— Que diz você dos médicos?

— O médico — respondeu Molière — é um ser que disparata à cabeceira do enfêrmo.

— Você acha, hein?

— Sim. A medicina é que mata... ou então a natureza salva o infeliz!

★

Como dissemos antes, Luís XIV prodigalizava a Molière uma atenção única e uma proteção em todos os sentidos. Como fàcilmente se imagina, isto provocou a inveja de outros comediantes da época, que decidiram arruinar a reputação do colega, atentando descaradamente contra a sua honra e tratando de fazer chegar até o monarca estas condenáveis mentiras.

A tal excesso chegou o seu cinismo e tal efeito produziu nêles a inveja, que até chegaram a qualificar de matrimônio incestuoso o próximo enlace de Molière com Armanda Béjard. Assim pretenderam que o rei acreditasse por meio de um **memorial** que lhe foi apresentado sem escrúpulo de nenhuma espécie.

Porém falharam no seu intento, já que tais insinuações não surtiram o efeito esperado. E tanto assim que o rei não sòmente se conformou como não deu crédito a semelhante **memorial**, e até defendeu Molière e quis ser padrinho do seu primeiro filho ao qual concedeu uma pensão de mil libras.

★

OH! AS MULHERES!



— Ao menos não terás que quebrar a cabeça pensando em como desaparece o dinheiro, conforme fazem outros maridos...

ÚLTIMAS PALAVRAS



— E olhe que me parece sentir ainda na nuca o seu hálito quente!

★

O QUE DEVE E O QUE NÃO DEVE SER UMA MULHER

Pediram a um filósofo sueco, conhecido pela pouca simpatia que dedicava ao belo sexo, uma definição sôbre a mulher. Aqui temos as curiosas semelhanças a que recorreu, para dizer quais deviam ser, segundo êle, as qualidades de uma dona de casa:

«Há três coisas a que deve uma boa dona de casa se assemelhar em «uma ponto, **mas não no outro**: «Deve ser como o caracol que está constantemente metido em sua casa, mas «não deve», como êle, trazer sôbre o corpo tudo o que possui. Deve parecer com o éco, que não fala se não é interrogado, mas «não deve fazer como êle que quer sempre ter a última palavra». Finalmente, «deve» ser, como o relógio da igreja, de uma exatidão e regularidade perfeitas, mas «não deve», como êsse relógio fazer tanto farulho a ponto de ser ouvido por tôda a cidade.

★

PROBABILIDADE MATRIMONIAL

Entre mulheres jovens que não passam dos vinte anos, não é difícil predizer o casamento. Sua possibilidade matrimonial é diária. Porém com o passar dos anos, torna-se mais difícil chegar ao altar, **sem que, porém, isso seja impossível.**

Foram feitas estatísticas para elucidar claramente o asunto, chegando-se a comprovar que uma mulher de 40 anos, que tenha permanecido solteira, sòmente tem a metade das probabilidades matrimoniais que tinha na idade de 30 anos. Mas, em compensação, uma viúva que tenha 40 anos tem exatamente igual probabilidade que as solteiras de 30.

★

DE QUE NACIONALIDADE era o compositor da ópera «Carmen»? — (Resposta da pág. 153)

Bizet, francês.

tência de um elefante dura mais de cem anos, a de certos insetos menos de um dia. O espaço de tempo considerado constitui, nos dois casos, um todo e uma experiência completa; é, pois, nos dois casos igual e idêntico.

"No curso dêstes últimos séculos a história parece ter acelerado seus capítulos. Permitam-me apresentar um exemplo: a civilização do Egito não difere sensìvelmente da de Roma. Necessitou Roma de dois mil anos para levantar-se e Tebas para afundar-se; porém menos de duzentos foram bastantes para construir Chicago no mesmo lugar em que, não há muito, pastavam os búfalos selvagens. Tomemos outro exemplo. Há quinhentos anos, os homens tinham que recorrer ao sílex para acender o fogo; suas armas eram ainda a flecha e o arco, o machado e o facão. Os analgésicos e a borracha pertenciam ainda ao domínio dos sonhos; a terra era geralmente considerada uma área plana. E nos últimos cinquenta anos o homem aprendera a voar — e como!

"Quantas coisas extraordinárias nasceram no espaço da nossa existência! A eletricidade, por si só, revolucionou o mundo: conquistou as trevas e o espaço. O homem pode deslocar-se com a velocidade do som. Uma só gota de medicamento chega para destruir as bactérias mais temíveis; o vidro se transforma em vestimenta, novos frutos são criados, em menos de um minuto o homem se comunica, por palavras, com as regiões mais afastadas do mundo, encontrando nisso uma só dificuldade: a de não compreender a linguagem de seu interlocutor! E tendo, afinal, logrado desintegrar o átomo, descobriu não apenas a maneira de aniquilar a si mesmo como também a de destruir o planêta inteiro com êle próprio.

"Estamos assim autorizados a acreditar que o tempo só pode ser medido por sua duração teórica ou que os últimos cem anos de nossa existência se multiplicaram, tendo em conta que o número de acontecimentos transcorridos nêles sobrepassam os de todos os anos que precederam a êste período?

"Estou "Estou convencido de que não; creio que devemos medir o tempo pelo volume do que nêle se acumula; creio, também, que atingimos o fim dos tempos humanos. Tendo aprendido a nos distrair entre nós mesmos, não deixaremos, certamente, de continuar a fazê-lo. Brigaremos para saber quem reinará sôbre o planêta. E será a nossa destruição! Destruiremos os nossos inimigos e a nós mesmos. Vamos desaparecer no meio de uma vasta explosão, juntamente com a nossa ciência e tôdas as nossas civilizações passadas, em suma: com tôda a história da humanidade! No universo inteiro não restará uma só pessoa para saber o que era o homem, o aspecto que tinha ou como vivia.

"Tal, na minha opinião, é o nosso destino; não vejo nenhum meio de escapar a êle e não penso que volvamos a encontrar-nos reunidos jamais. Obrigado."

Tendo terminado aquêle extraordinário discurso, as senhoras ficaram petrificadas em suas poltronas. Por fim levantaram-se trocando entre si algumas objeções indignadas.

—Por mim, tenho uma concepção completamente diversa dos propósitos construtivos — disse o presidente do "Clube S. Vicente".

E o tesoureiro do "Auxílio das Senhoras", declarou:

— Não tenho a menor idéia do tema de que tratou.

— Pretender que os homens já viviam há quinhentos mil anos é uma loucura! — comentou uma senhora — Deus criou Adão e Eva no Paraíso Terrestre; depois vieram Sodoma e Gomorra. Eu prefiro acreditar na Bíblia e não no que acabo de ouvir.

— Além do mais — opinou outra senhora — considero vergonhoso dizer que vamos destruir a nós mesmos. Eu, por exemplo, nunca pensei em fazer tal coisa. O que o mundo está pedindo é um guia moral, e otimismo, é coragem! Lamento as idéias do Professor Whitle e tenho até pena da espôsa dêle.

Nesse instante Eugênia Warren se aproximou de Mr. Whittle e apertou sua mão, em silêncio.

— O que disse — foi logo declarando — me interessa muito e admiro a coragem demonstrada. Pois é preciso coragem para falar assim. Acho que devemos encontrar a correlação entre o que verdadeiramente é e o que vemos. Venha um dia dêstes tomar chá comigo e então poderá ler alguns dos meus estudos pertencentes ao domínio da abstração formal.

Mr. Whitle arrumava seus papéis, dispondo-se a abandonar a sala. Sentia-se fatigado e vazio, mas felicitava-se por haver dito o que devia ser dito! "E' impossível — pensava — obrigar quem quer que seja a pensar no fim do mundo **quando não há tormenta.** Ou bem se crê ou Deus ou não; mas, seja como fôr, só há uma coisa em que todos os homens estão obrigados a acreditar, seja lá onde fôr que se encontrem: trabalhar pelo bem comum... embora não se deva contar muito com isso".

No instante em que transpunha a porta foi detido por uma senhora, que lhe disse amàvelmente:

— Gostei muito, professor Whittle. Fiquei mesmo muito satisfeita com o seu discurso, senhor...

— Obrigado — disse êle, e logo vacilou enrugando a fronte como alguém que indaga a si mesmo se conhece a sua interlocutora.

Porém como se entendesse, a senhora acrescentou, com um sorriso:

— Minha filha é uma das suas alunas... Sou a Sra. Andrews, mãe de Penélope.

— Sim, sim... — disse maquinlmente Mr. Whittle.

Ficou surpreendido e examinou cuidadosamente a Sra. Andrews, como para fixar bem sua pessoa num só olhar. Sim; era parecida... Mas a mãe não era tão bonita como a filha. Era uma senhora de meia idade. E esquecendo-se de que acabava de discorrer sôbre a inanidade da noção do tempo, disse para si mesmo que alguns anos a mais ou a menos não eram assim desprezíveis...

— **Sim,** sua filha está no quarto ano... Vai muito bem, aliás...

A senhora Andrews corou de prazer, enquanto dizia, com um gracioso meneio de cabeça:

— Oh, sim! — e logo acrescentou: Achei muito interessante a sua conferência.

Êle tornou a agradecer e depois, inclinou-se cortesmente, fêz meia volta e deixou a sala. Mas, enquanto caminhava, de regresso, parou bruscamente, com a fronte contraída: Que dissera a Sra. Andrews? **"Minha filha fala sempre no senhor..."** Aquelas palavras tinham sido evidentemente forjadas por simples amabilidade; pois claro! Mas por que as dis-

HISTÓRIA VERÍDICA

EXTRAÇÃO SEM DOR

EM 1901, Joel Smith e sua espôsa, Sarah, deixaram as terras em que haviam vivido, em New England, onde a sorte os perseguira de tal maneira que, além do tempo e do trabalho, haviam perdido também as suas minguadas economias. Acabrunhados com o sucedido, mas cheios de esperança ainda, iniciaram viagem para o distante Oeste, onde Joel conseguira uma terra do govêrno, situada nas proximidades de uma área pertencente aos índios, já então pacificados.

Com a sua maneira de pensar tipicamente «yankee», Sarah considerou seus vizinhos de pele côr de cobre **«uma súcia de vagabundos nada asseados»,** recusando manter qualquer relação, mesmo as mais afastadas, com êles. Joel, entretanto, mostrou-se disposto a negociar com os índios, sempre que isso fôsse necessário, tratando de viver em paz com os verdadeiros donos da terra.

Uma noite Joel teve que ir até o rancho mais próximo e pertencente a brancos. Insistiu junto da mulher, a fim de que o acompanhasse, porém Sarah declarou estar muito cansada para enfrentar uma tal caminhada. Ficou à porta, vendo o marido se afastar e até que desaparecesse no seio da floresta. Então, fechando a porta, voltou para o interior da sua cabana.



Estava ela, assim só, sentada na sala acanhada, quando o desconfôrto provocado pelos seus dentes artificiais, começou a lhe parecer intolerável. Finalmente, não mais podendo suportar levantou-se, abandonou a sua costura e tratou de retirar a dentadura superior. Tratava, a seguir, de retirar a dentadura inferior, quando ouviu ligeiro ruído. Levantou a cabeça... e viu um índio, do lado de fora, diante da janela, com o rosto quase colado à vidraça.

O mêdo que sentiu foi mais forte que a vergonha de ser assim surpreendida com a dentadura na mão. Segurando os dentes, uma placa em cada mão, aproximou-se da janela, preparando-se para fechar as cortinas. Entretanto, antes de que pudesse chegar perto da vidraça, o índio, aparentando terror, fugiu desabaladamente.

Na noite seguinte, Sarah voltou a ocupar seu lugar na mesma cadeira, enquanto, já de volta à casa, Joel se instalava numa grande poltrona, junto da mesa.

Minutos após voltou Sarah a ouvir um ruído idêntico ao que ouvira no dia anterior.

— «Não olhe agora, Joel — disse ela, falando sem levantar a cabeça — Penso que o índio lá está outra vez, encostado à vidraça. Com o canto do ôlho posso ver o rosto dêle entre o babado das cortinas. Levante-se e vá até à cozinha, como se fôsse beber água, e então trate de sair com o rifle para apanhar o miserável.

Joel fêz conforme a mulher sugeria e, aproximando-se cauteloso da janela da cabana, pôde surpreender não um, porém cinco índios, todos com a cara colada à vidraça!

— Não se movam! — ordenou êle **— Você aí, Bill... Sei que entende o inglês... Quero que me explique por que andam assim rondando a minha cabana?**

O índio a quem chamavam Bill ficou impassível e mudo. Seu rosto entretanto parecia impressionado com o cano da arma voltado para o seu peito.

O sugestivo e alarmante estalido do «cão» da arma, que Joel engatilhava, teve o dom de soltar-lhe a língua.

Apontando para outro índio, mais moço que êle, Bill explicou:

— Êle trouxe todos nós... Aqui estêve ontem à noite.

E então, apontando para o interior da cabana, concluiu:

«Viemos ver se era verdade o que êle dizia... Mulher branca arranca dentes e não chora!»

★

PARA EVITAR que os quadros pintados a aquarela percam a côr, devido à luz excessiva, será bastante cobrir o vidro do quadro, pela parte externa, com sulfato de quinina, que é transparente.

A INFLUÊNCIA DA LUA NA SAÚDE HUMANA

É crença muito generalizada a de que a Lua exerce influência sôbre a saúde das pessoas adultas, particularmente das mulheres, assim como sôbre o sexo das crianças. Essa crença faz parte do fundo religioso comum a quase todos os povos primitivos, e se encontra enraizada no povo de todos so naturais países. O próprio falar o indica: chama-se «lunáticos» a todo aquêle cujo estado mental não é muito sólido. Era costume assim chamar também aos epilépticos. Um indivíduo, nos seus momentos de mau humor **está de lua.** Em certas regiões européias, situadas na orla marítima, os habitantes acreditam que morrem mais doentes nas horas do refluxo que nas do fluxo. Entretanto convém anotar que esta última crença não tem qualquer fundamento. De fato, em Brest e em Saint Maló — foi organizada uma estatística do número de mortos e das horas das falecimentos ficando comprovado que êsse número é menor, justamente nas horas em que o povo crê que sejam as mais perigosas. Entretanto, alguns fatos, observados a êsse respeito, são surpreendentes. Remontando à origem da medicina vemos que Hipócrates concedia importância considerável ao estado do céu nas gêneses das enfermidades. Reconhecia três causas principais: a perturbação dos temperamentos, os traumatismos e a influência dos astros. Galeno afirmou que as fases da lua regulam certos fenômenos fisiológicos da mulher, assim como os acidentes periódicos dos epilépticos. Assegurou que em certas pessoas as crises surgem nas fases da lua nova ou da lua cheia.

A Idade Média viu florescer a terapêutica astrológica em todo seu desenvolvimento. Um dos médicos mais célebres do século XVI, o francês Antonino Mizauld, que conquistou verdadeira celebridade pelos seus conhecimentos em astrologia, publicou um livro intitulado «Segredos da Lua», no qual afirmou que a Lua, **por ser a espôsa do Sol, deve influir de maneira muito ativa sôbre todos os sêres;** e ao mesmo tempo demonstra — à sua maneira — que **essa influência se exerce não só na atmosfera, como também na vegetação, na vida animal e nos destinos humanos** e conclui clamando nestes têrmos a seus contemporâneos incrédulos: **«Vocês são infelizes na Terra porque não acreditam na Lua».** Em outro capítulo adverte aos que cortam os seus cabelos nas fases de minguante, pois **ficarão calvos** porque **os cabelos cortados nessa época crescem tardiamente ou talvez nunca.** «Como segunda-feira é o **dia da lua,** é o mais apropriado **para cortar as unhas,** é a melhor **garantia contra as dores de cabeças».**

Num livro aparecido em 1632, o «Lunário presente e perpétuo de Jerônimo Cortez», podemos ler frases, como as seguintes: **«Para os coléricos, a sangria será de grande proveito quando a Lua se encontrar nos signos úmidos, como Câncer, Peixes e Escorpião; para os fleumáticos, a Lua em signos quentes como Aries e Sagitário; convém sangrar os melancólicos quando a Lua se encontrar nos signos ventosos como a Balança».**

Ramazzini conta que **muitos enfermos morreram no mesmo instante em que se produziu o eclipse da Lua, no dia 21 de janeiro de 1693.** Bartholini, na sua «Anatomia» refere-se a **um epiléptico que tinha o rosto coberto de manchas cujo calor e tamanho variavam sensivelmente segundo o movimento da Lua.** Guilherme Baillou, nas suas «Efemérides», que poderiam ser, mesmo hoje, consultadas



seria a Sra. Andrews? Para ser gentil apenas? Não... Talvez não tivessem sido inventadas. Talvez fôssem a realidade... E então Penélope falava a seu respeito, em casa? Por que fazia isso?

Mr. Whittle estava perturbado: êle e Penélope pertenciam a mundos tão distintos como o mundo da tartaruga e o dos patos... A comparação o aborreceu um pouco. Que era êle? A tartaruga ou o pato? A bem dizer, nem uma coisa nem outra. Valia mais limitar-se a reconhecer que a sua aluna tinha na cabeça apenas as mesmas preocupações das suas companheiras.

Sim; não devia pensar em tais coisas. Talvez Penélope se interessasse apenas pela história. Porque, em caso contrário, era de pasmar!

Perguntava o que poderia ter dito a seu respeito, em casa. Ora! Coisas simples, relativas ao ensino... Que diabo! Era preciso ser sensato... Não chegar a ser tão idiota assim.

CAPÍTULO VIII

Infelizmente os acontecimentos se precipitaram.

Na manhã seguinte Amanda esbarrou no mercado com a espôsa do pastor da Igreja de Clark Street, a Sra. Burkit. Esta lhe dispensou fria recepção; no entanto, entre as latas de melões em calda e de aspargo em conserva, dos frascos de azeitonas e dos pacotes de café, de manteiga, de talharim e de aveia, enquanto as duas manobravam com as suas bôlsas de provisões, entraram a discutir com aparente cortesia sôbre as dificuldades crescentes do lar, sôbre a primavera que se atrasava, a chegada do verão e o preço elevado das coisas.

— E' pior é que para mim é cada vez mais difícil vestir Lucinda — disse Amanda — Cresce tão depressa!

Inclinou-se para poder ver melhor um artigo de mesa.

— Oh! E' impossível dar uma boa apresentação a essas meninas! — exclamou a Sra. Burkit — Nada se pode fazer!

E acompanhou aquela afirmação com um grunhido destinado a destacar de forma terminante a sua maneira de ver essas coisas.

"As crianças crescem hoje de um modo que é um verdadeiro escândalo. Nunca têm menos de um metro e setenta! Aonde vai o mundo? E' o que gostava de saber.

E essas palavras, que acabava de pronunciar, trouxeram algo a sua memória.

"E, para ser franca — disse enquanto examinava um pacote de marmelada — o seu marido disse, ontem coisas bem estranhas. Tôdas as senhoras ficaram surpreendidas!

Amanda ficou **em guarda,** dirigindo um olhar interrogativo à Sra. Burkit. "Coisas estranhas? Sim... Talvez... Roberto não lhe mostrara o texto da sua conferência, mas afinal não podia haver nada de insólito. Naquele instante sentiu um leve estremecimento de inquietação.

— Bem... — murmurou, esperando o pior.

— Sim! Tôdas essas histórias do fim do mundo! — disse severamente a Sra. Burkit — Com franqueza, Sra. Whittle

Santo Deus! — pensou Amanda.

— "O professor Whittle não falou em têrmos religiosos — continuou a Sra. Burkit — Não! Ao contrário!

— Roberto — disse lealmente Amanda — se preocupa muito com o futuro da humanidade.

— Devia ir com mais freqüência à igreja! — disse a Sra. Burkit — Assim veria Deus — e sua inquietação encontraria muito alívio!

— E' que — disse Amanda hesitante — meu marido pensa que nós mesmos...

E cortou a própria frase. Colocada entre Deus e Mr. Whittle, Amanda se sentia ligeiramente perturbada.

— Meu marido ficou muito surpreendido! — declarou a Sra. Burkit ao mesmo tempo que se dirigia para o balcão de limonada — Ficou mesmo muito sentido com as palavras do professor.. Qualificou-as de... cínicas, para não dizer coisa pior; estou poupando à senhora ouvir exatamente o que êle disse de seu marido. A senhora, naturalmente, é bastante religiosa para não acreditar que o homem veio ao mundo sem a ajuda de Deus, como um simples melão.

— Estou plenamente convencida — disse tristemente Amanda — que Roberto não quis de maneira nenhuma dizer que o homem veio ao mundo sem a ajuda de Deus, Sra. Burkit!

A espôsa do pastor respirou fortemente, antes de dizer: Pois devia ter ouvido o que êle disse!

Enterrou os dedos finos e compridos num melão, depois aproximou-o do nariz com ar desconfiado.

— Hum... — exclamou — Afinal, não se trata disso. Não é pelo passado, mas sim pelo presente que o meu marido se inquieta. Êle é o pastor do seu rebanho. Tem a seu cargo duzentas e sessenta e duas almas cristãs, sem contar as crianças que ainda não foram batizadas. E tem sôbre os ombros essa tremenda responsabilidade.

Amanda se sentiu acabrunhada e um pouco assustada. Lia nas entonações sêcas que a Sra. Burkit dava à própria voz, a condenação de uma comunidade virtuosa. Sentia-se convertida em uma menina intimidade e surpreendida em flagrante delito de desobediência!

— Tenho a certeza de que Roberto não quis pronunciar nenhuma palavra sacrílega! — murmurou fracamente.

— Quis dizer o que disse! — declarou em tom ainda mais sêco a Sra. Burkit — Disse que o mundo seria destruído pelo homem e não Deus. Não há nisso — que eu saiba — duas interpretações possíveis.

Rígida, austera, o coração inchado pelo triunfo, dirigiu-se para a "caixa".

— Não, Sra. Whittle! — acrescentou — Passará muito tempo antes de que se volva a chamar o seu marido a fim de falar na igreja de Clark Street.

★

Amanda regressou a sua casa com os nervos abalados e em todo o resto do dia procurou afogar as suas inquietações no trabalho. Lustrou o soalho do térreo e do primeiro andar, limpou a fundo a geladeira, lavou e estendeu a colcha da cama de Lucinda; realizou o trabalho de três donas de casa. Mas, com tudo isso não conseguiu acalmar nem a sua exasperação nem o mau humor rebelde. Trabalhara durante oito anos intermináveis para criar uma posição em Rivertown, uma posição para ela e sua família: oito anos de cortesias e de boas obras; oito anos durante os quais limpara a casa, dirigira aos seus vizinhos palavras gentis, engomara os vestidos de Lucinda, contribuíra com as suas economias para a "caixa municipal" e o "fundo das **girls-scouts**". E vinha Roberto e deitava tudo abaixo, achando sôbre o estrado da conferência como a sã da fábula...

— **Que se arrange!** — pensou.

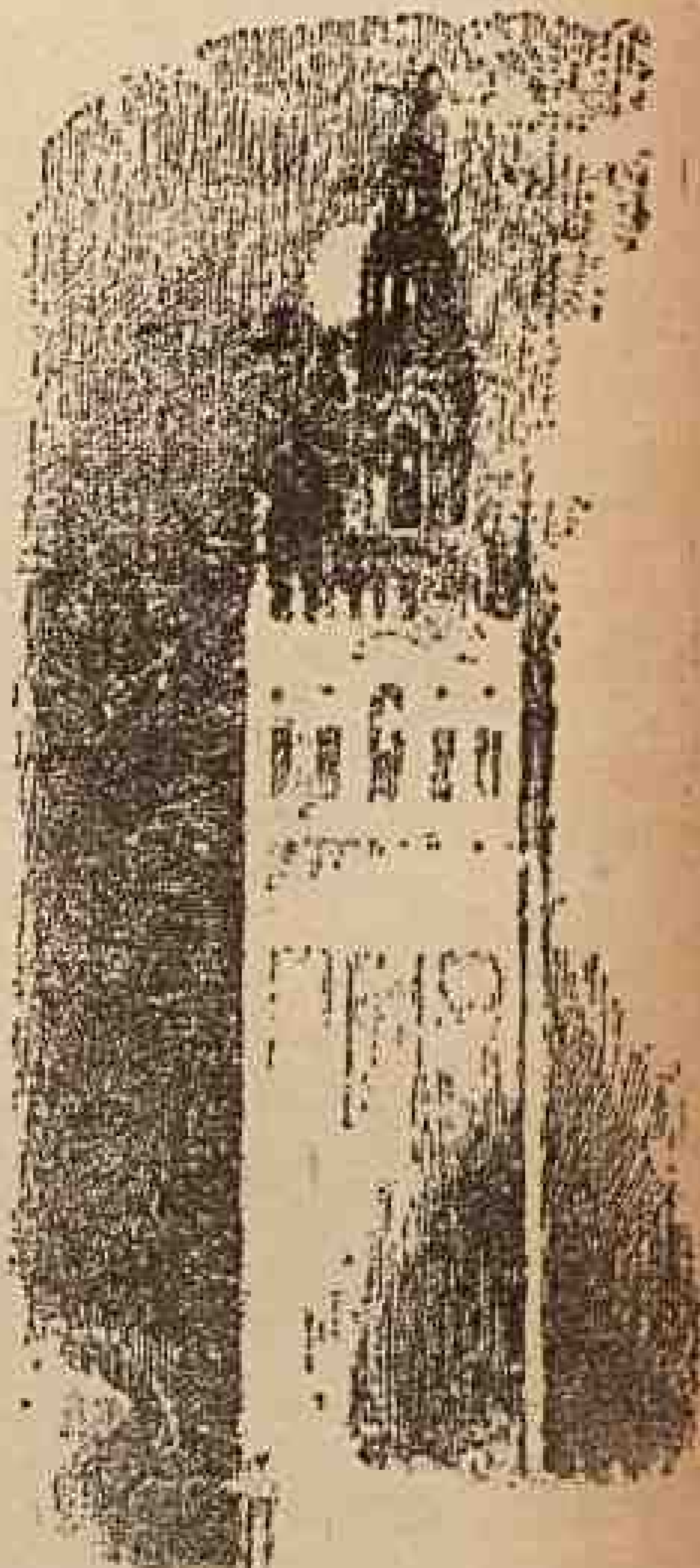
Sua família estava em perigo, bem o sabia. Conhecia perfeitamente a espécie de comunidade em que viviam... A bem dizer, só respeitavam aos que pensassem da mesma forma que êles; os que tivessem as mesmas crenças e falassem a mesma linguagem. Mas logo que se agia de uma maneira que não compreendessem, ou se dissesse alguma coisa que não fôsse do seu gôsto, lá vinha a repulsa geral, o voltar das costas quando cruzavam com o culpado, na rua; e se tinham que lhe dirigir a palavra, o faziam com ar

com proveito, escreve esta observação: «**A cura das enfermidades crônicas depende do curso do Sol, e a das enfermidades agudas das revoluções da Lua**».

Várias observações médicas parecem demonstrar que a Lua também tem influência sôbre as úlceras. Baglivi fala de «**um jovem sábio de Roma, enfêrmo de uma fistula abdominal que fluía abundantemente durante o crescimento da Lua** e quase nada **durante o minguante**», o que para êle constituía «**um indício infalível dos períodos e fases dêsse planêta**».

Segundo outras observações, os indivíduos atacados de cólicas nefríticas e de crises de asma estão sob a influência da Lua. As enxaquecas, as congestões cerebrais, as apoplexias, assim como certas hemorragias, sofrem também a influência lunar.

A Lua tem ação indiscutível sôbre os acessos febris, segundo o doutor Emilio



Legrain, de Bougie, que assegura que «**oito vêzes em dez, as febres intermitentes aparecem nos dias que precedem ou seguem à Lua Nova**». **E' muito raro que uma febre se manifeste na Lua cheia. As febres biliares apresentam também exacerbações e recaídas na Lua nova**».

As varizes recebem também sua influência desfavorável na Lua nova. Nessa fase, às vêzes, produz-se ruptura das veias varicosas ou manifestam-se dores mais violentas no nível do membro atacado. Os médicos antigos estavam convencidos de que não era indicado dar um remédio qualquer em **qualquer tempo!** Por exemplo, para obter a expulsão de um verme solitário, administravam ao paciente o remédio durante o quarto minguante «porque o parasita é então menos voraz e opõe, por conseguinte, menor resistência».

Devemos abandonar por completo esse legado do passado no que diz respeito à influência da lua sôbre o organismo humano? Pode ser indiferente cortar os cabelos ou as unhas em uma ou outra fase da lua. Porém parece fora de dúvida que a ação planetária não é indiferente, **do ponto de vista patológico.** Tem razão um médico francês, o Dr. Heitor Grasset, quando pede que **cada médico estabeleça, junto das observações ordinárias, «uma tabela das perturbações meteóricas (ventos, chuvas, geadas, tempestades) e a das variações barométricas e termicas e siga as variações magnéticas e elétricas com respeito ao ano astronômico, sem esquecer as variações químicas na composição da atmosfera».**

«Revendo — disse o mencionado Dr. Grasset — meu exercício médico de 1896 a 1898, pude fazer as seguintes observações: Fui chamado muito mais vêzes, durante a noite, no tempo da lua nova. São muito freqüentes nessa época as crises de asma, as cólicas intestinais ou hepáticas; os velhos cardíacos, nessa época, são atacados de sufocação; os tísicos e os enfermos de bronquites sofrem exacerbações. As hemoptises e as metrorragias coincidem com êsses períodos. Muitas vêzes verifiquei os casos de varicela e de escarlatina em relação com a lua nova. As exacerbações das enfermidades agudas, (pneumonias, pleurisias, congestões pleuro-pulmonares) sofrem essas influências. Por último, o maior número de mortes por enfermidade crônica se manifesta, em coincidência, com essa fase do planeta. Não considero sòmente o momento do fenômeno, mas também um ou dois dias antes ou depois. Há algo mais que uma simples coincidência. A mortalidade é aumentada quando o período lunar se aproxima ou está em relação com os equinócios.»

O doutor Grasset termina dizendo: «A ação planetária deve ser considerada do ponto de vista médico; faz-se sentir provàvelmente por modificações atmosféricas que ainda não descobrimos **por não haver prestado às mesmas muita atenção**: influência talvez dos meteoros e devida à oscilação magnéticas ou cósmicas desconhecidas.»

Se os fenômenos de atmosfera têm ação comprovada sôbre o nosso temperamento, nosso caráter e nossa existência inteira, há para o fisiólogo, como para o terapeuta e o higienista, um vasto campo a explorar; sôbre essa base podemos erigir uma ciência nova cujas perspectivas ninguém pode prever, tão vastas prometem ser!

★

CURIOSO ESCONDERIJO

O penteado não foi sòmente expressão de vaidade feminina em todos os tempos. Era costume, antigamente, aliar-se o arranjo do cabelo a alguma coisa prática.

Por muitos anos a abundante cabeleira da mulher foi seu esconderijo predileto; escondia nela diminutos e afiados punhais e frascos de poderosos venenos. Isso ocorria comumente na época do Renascimento. Durante o reinado da imperatriz Maria Teresa, da Austria, as damas de sua côrte guardavam frascos de sais e outros apetrechos de toucador em seus complicadíssimos penteados. Não faltava quem convertesse a própria cabeça em cofre secreto para ocultar perfumadas cartas comprometedoras.

Hoje, os penteados, por maiores que sejam, não se prestam para semelhantes empregos.

aborrecido e enojado. Um homem não tinha o direito de dizer o que pensava quando era casado e tinha a seu cargo mulher e filha! O menos que podia fazer era guardar as suas idéias para si mesmo.

Às cinco horas, Mr. Whittle voltou do colégio com o espírito à deriva. O dia fôra muito caluroso e sentia-se mais fatigado; pensava que existiam no muito muitas pessoas que eram feitas de matéria dura e inatacável, como o vidro ou a pedra. Encontrou sua mulher de joelhos, com o rosto chêio de poeira, dedicada a esfregar com obstinação os pés dos móveis.

— Mas — disse com timidez — é verdadeiramente necessário que você se encarregue disso?

— Alguém tem que fazer isto! — respondeu ela sècamente.

O rosto de Mr. Whittle se distendeu e pareceu que se encolhia ligeiramente. Compreendeu que Amanda estava de gênio alterado e que na atmosfera do lar flutuava uma tempestade. Dirigiu-se, pois, para o seu escritório, com lentidão, tratando de fechar a porta atrás de si. Transcorridos alguns minutos, a porta foi aberta como que com um golde de vento e no umbral surgiu Amanda, com os olhos inflamados.

— Acha bonito bater-me com a porta no nariz? — perguntou.

Mr. Whittle engoliu em sêco, como se faz em um ascensor que desce com velocidade exagerada.

— Não foi essa a minha intenção. Perdoe-me.

E acrescentou a meia-voz:

"Tive um dia terrível.

— Ahn! Teve, hein? — exclamou Amanda em tom sarcástico — Sentadinho em sua cadeira, no alto do estrado... Oh, sim! Eu queria que uma vez, uma só, você fizesse a metade do que tenho que fazer, todos os dias! A cozinha, a limpeza, a roupa para lavar...

— Lucinda não pode ajudar?

— Lucinda tem que ir ao colégio — replicou Amanda em tom irritado — ou já esqueceu que a sua filha tem que estudar? Como quer que tenha tempo para ajudar em casa, se é justo que também se distraia um pouco?

— Está bem — disse Mr. Whittle — Se quer que eu faça alguma coisa...

— "Já está tudo feito — respondeu ela friamente — E permaneceu de pé, incubando o seu ressentimento.

"O que me dá raiva — acrescentou — é que, no fim, você pensa que é o único a trabalhar na família!

— Nada disso — disse Mr. Whittle em tom fatigado — Sei perfeitamente que você trabalha muito.

— Claro! Para que tenhamos uma casa limpa e confortável.

— Tem razão — disse Mr. Whittle, que, não obstante, começava a sentir-se desorientado e desolado — Também eu trabalho para isso — acrescentou em voz baixa — Para que acha você que me esforço?

E com um gesto vago mostrou a sua mesa, sôbre a qual havia pilhas de livros e papelada.

— Lucinda estuda o dia inteiro, no colégio — disse Amanda — e você ainda quer que ela trabalhe em casa, que não tenha tempo para respirar um pouco...

O que quero dizer... — começou Mr. Whittle.

Amanda deixou ouvir um grunhido, que não diferia muito dos que soltara a Sra. Burkit.

— E além do mais, não podia você ser mais razoável?

Mr. Whittle lançou um olhar pouco paciente para o teto e seus punhos se crisparam; depois, voltaram a se afrouxar lentamente.

— Vamos ver — disse com voz tranquila — Por que não diz de uma vez, o que tanto a irritou?

— Deus me livre!... — exclamou Amanda em tom de desprêzo — Por que acha que estou irritada? Não há de ser por você ter entrado com uma fúria e vir para cá, batendo com a porta...

— Não bati porta nenhum — replicou Mr. Whittle.

— E quero que você saiba — exclamou ela — E' desagradável trabalhar o dia todo, como uma escrava, para criar um lar para você mesmo... e ver como me trata... **(Cont. nap ág. 241)**



UMA PEÇA RARA — Quadro de E. Grutzner. — (Museu de Munich)


MAIZENA

IMPEDIR A QUEDA DOS CABELOS, E' PERFEITAMENTE POSSÍVEL

OS calvos que são alvo freqüente de gracejos, possuem felizmente, na falta de uma abundante cabeleira, um número imponente de motivos de consôlo. Podem, por exemplo, dizer que o mal que os aflige já atacava os homens da Antiguidade: 5.000 anos antes de Cristo, os Fenícios atacados de calvície usavam perucas assim como os Medas, os Persas e os Romanos, que chegavam a colocar cabeleira postiça mesmo em suas estátuas de pedra pintada.

Podem êles se gabar ainda de contar entre os seus gloriosos predecessores reis como Felipe, o Bom e Luís XIII (foi para imitar êste soberano que os cortesãos adotaram a peruca).

Podem afirmar, com os sociólogos, que "quanto mais culto é um povo, mais calvas existem em seu seio", lembrar que os eunucos jamais são atingidos pela calvície, dizer a êsse propósito, que, nos vasos antigos, os sátiros sempre são calvos, evocar o caso do pobre Sansão, que Dalila dominou a golpes de tesoura, assinalar que, entre os carrascos de corações de nosso tempo, os mais ativos não são cabeludos, etc..

Podem, finalmente, pensar, com os duzentos peritos norte-americanos que recentemente discutiram o grave problema em Nova York, que não há, absolutamente nada a fazer para prevenir a calvície.

Mas... Alto lá! Desta vez estarão errados... Sim, porque se não é possível evitar a calvície de origem hereditária e se não se consegue fazer renascer os fios desaparecidos, é possível ao menos, evitar que os cabelos caiam.

Antes de indicar como morre um fio de cabelo e como conservá-lo em boa saúde, é preciso, primeiro recordar o que é e como vive.

O cabelo é um elemento anexo à pele. A haste (ou parte visível) é constituída por células mortas. A raiz, implantada no folículo começa abaixo da glândula sebácea e é constituída por células vivas. A proliferação dessas células prova um crescimento de baixo para cima e que se traduz por um alongamento aparente.

Sua velocidade de crescimento é de 0cm.0021 em uma hora, de 0cm.0504 em um dia e de 1cm.5120 em um mês. Como as unhas, as penas e os chifres, está constituído por uma proteína, a keratina. Sua composição química



OS BELOS CABELOS DE MISS EUROPA — *Ela não precisa de tonsulipa...*

UMA OPERAÇÃO QUE VOLTA À MODA

UM biógrafo do Marechal Richelieu narra que êste, embora octogenário, não havia renunciado à **arte de agradar.** Assim, cada manhã, o seu barbeiro se dedicava a realizar nêle uma operação que permaneceu muito tempo misteriosa e que consistia em... **esticar-lhe a pele, amarrando-a sob a peruca encacheada!**

★

Esta técnica singular pôde, afinal, ser revelada. Mais ainda, vem sendo imitada por alguns cirurgiões. Trata-se de um método que dá aparente rejuvenescimento ao operado e apresenta, ainda, uma grande vantagem: a de ser ao mesmo tempo rápida, não sangrenta e de poder ser renovada indefinidamente. O princípio dêsse método consiste em esticar a pele do rosto, de maneira a lhe dar um aspecto mais moço, fazendo desaparecer as rugas.



O Marechal de Richelieu

A OPERAÇÃO DO MARECHAL

Para começar, o cirurgião estuda o sentido das trações a operar a fim de eliminar as rugas que se estendem das asas do nariz às comissuras dos lábios, assim como as das faces e da fronte. Em seguida, procede à anestesia local (a crônica não revela como procedia o

é em média a seguinte: carbono, 49,5%; hidrogênio, 6,5%; oxigênio, 23%; azoto, 17%; enxofre, 4% (é o cabelo o que contém maior quantidade de enxofre de todo o nosso organismo, pois que só encontramos 3,4% nas unhas e 0,25 a 0,50% na pele).

Os cabelos do alto do crânio e da nuca vivem de cinco a seis anos, os da fronte e das têmporas de dois a quatro anos. Ao fim dêsse tempo o cabelo descola da papila e cai. Por isso não devemos ficar assustados quando colhemos alguns sôbre o travesseiro ou notamos que são arrancados pelo pente: uma perda de dez a trinta cabelos por dia é normal para uma cabeleira sadia. São, aliás, substituídos por novos fios, de uma espessura e comprimento iguais aos antigos.

Mas, segundo afirma o Dr. Edwin Sidi, especialista do Hospital Saint-Louis, em "O Cabelo", livro de recente edição, é anormal perder mais de trinta a quarenta cabelos por dia... quando não são substituídos por outros ou se os novos são mais fracos e de uma existência relativamente curta.

— Quase sempre — diz êle — os médicos incriminam erradamente um mau estado geral. Entretanto, os indivíduos que morrem de inanição, os tuberculosos avançados possuem comumente bela cabeleira e? inversamente vemos calvos precoces gozarem de boa saúde. Em nove casos sôbre dez, a queda dos cabelos é provocada por uma causa local: a seborréia. Uma vez sôbre dez, apenas, a causa tem sua origem num estado geral: moléstia infecciosa (tifo, escarlatina, sífilis), intoxicação arsenical ou mercurial principalmente, ou operação (choque). ... ...

★

Vamos tratar ùnicamente da calvície mais completa, a que os sábios batizaram com o nome impressionante de "Alopécia Seborréica" (expliquemos que alopécia, palavra tirada do grego, quer dizer queda dos cabelos e que seborréia, do latim sebum: sebo e do grego rhein: côr, define o excesso de secereção das glândulas sebáceas e sudoríparas da pele). Pensou-se, primeiro que era provocada pelo uso do chapéu, o trabalho cerebral nos escritórios ou o esgotamento nervoso. Mas, depois, milhares de exemplos provaram que muitas pessoas eram calvas sem usar chapéu e que mesmo os trabalhadores braçais, que não usavam muito o cérebro, o eram igualmente.

De fato, a seborréia começa com a puberdade. Aristoto já havia observado que "nem a criança, nem a mulher, nem o eunuco são calvos — o que demonstra de maneira incontestável... a influência sexual.

Outro ponto sôbre o qual todos os dermatólogos se mostram de acôrdo: a hereditariedade!

..— "E' entre os 17 e 19 anos — declara o Dr. Edwin Sidi — que aparecem os primeiros sinais de "alopécia seborréica". Os cabelos começam a cair em quantidade sempre maior. Isso ocorre em geral com os indivíduos muito pilosos no corpo e precoces do ponto de vista sexual. A primeira queda importante ocorre geralmente no verão. Observa-se primeiro a famosa "tonsura", depois



Sedutor na tela, Jackie Coogan é calvo como um queijo. Mas calvos alcançam muitos êxitos...

barbeiro do Marechal Richelieu) por infiltração da região temporal, acrescentando 5 centímetros cúbicos de "thrombina" (produto anticoagulante do sangue), a fim de evitar as equimoses. A massagem da região infiltrada provoca ligeiro descolamento dos tecidos.

Raspando-se os cabelos o mais próximo possível dos seus limites, estica-se a seguir a pele, formando uma dobra que é pinçada, na base, com uma "pinça-de-garras". Executa-se, p r e f e r e n t e m e n t e, uma certa quantidade de dobras, de direções diferentes, em vez de uma só e demasiadamente extensa.

Em seguida, com a ajuda de uma agulha de cirurgia e fios de nylon, fixa-se a dobra por meio de dois ou três pontos, em sua base. A injeção de alguns centímetros de álcool a 80° em certos pontos do músculo frontal, cuidadosamente localizados, completa a operação, apagando as rugas da fronte. A operação do Marechal — como a intitulou o operador de Lyon (França), que acaba de a repor em moda — dá, de fato, resultados espetaculares. Em poucos instantes (a operação dura apenas um quarto de hora, incluindo todos os movimentos do operador), sem anestesia geral e sem efusão de sangue, o rosto

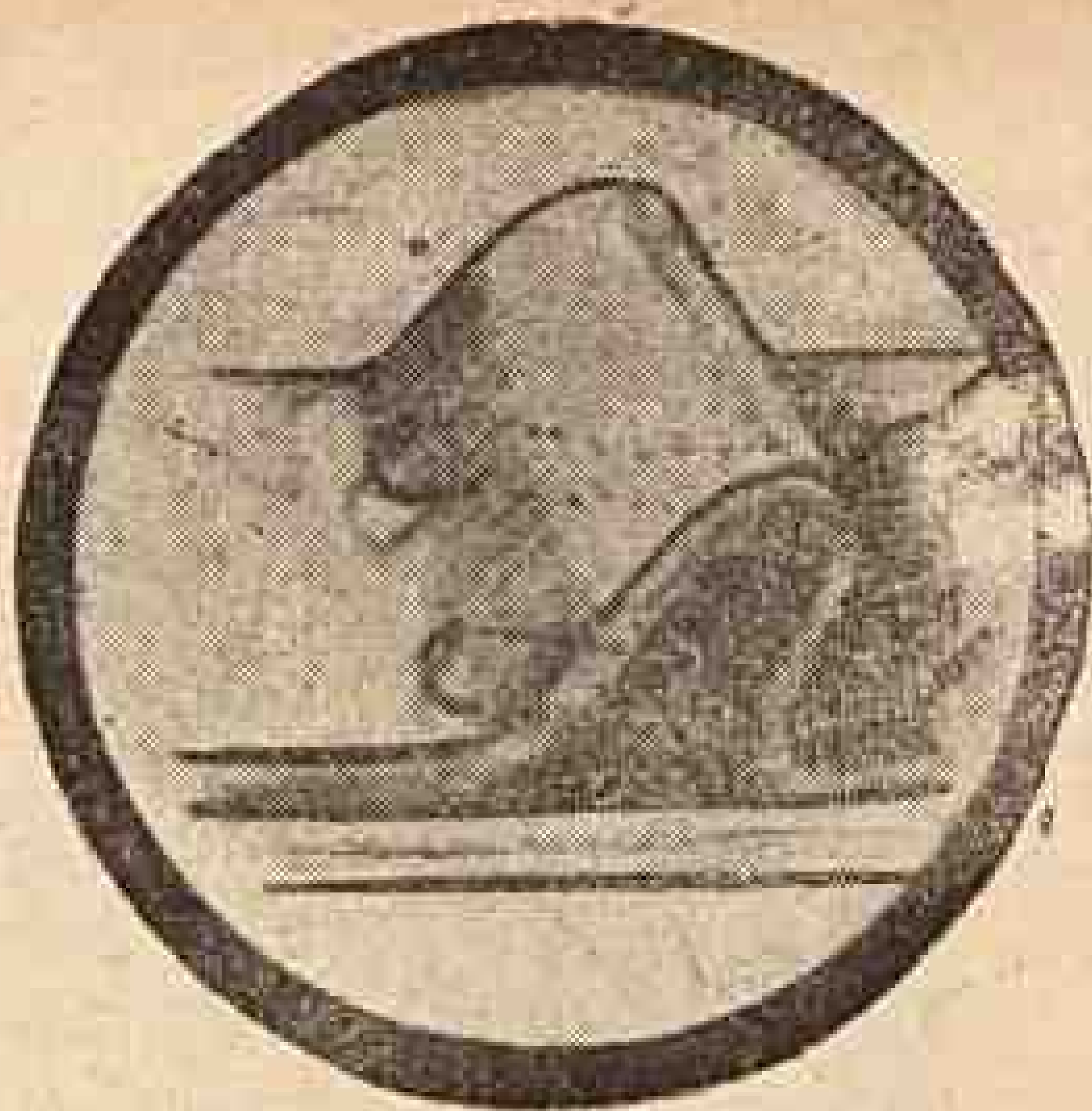


assume aspecto rejuvenescido. Infelizmente, êsses resultados duram apenas um mês. Mas há o recurso de recomeçar, à vontade, sem qualquer inconveniente...

A operação do Marechal pode

apresentar grande interêsse em certos casos particulares. Tal, por exemplo, o das mulheres que assim queiram parecer mais jovens... Certas pessoas, na Europa pelo menos, já apelaram para êsse recurso... por uma noite!

— "Além disso e principalmente — disse o cirurgião francês — aquelas que embora desejando receiam a operação sangrenta, acabam animados à vista do próprio rejuvenescimento; então, não hesitam mais em reclamar a intervenção cirúrgica e definitiva, que fixará, de fato, êsse resultado.



Eis outro progresso da ciência, pôsto — desta vez — a serviço da Beleza!

AS MULHERES SEGUNDO A OPINIÃO DOS HOMENS

As mulheres têm tanto amor próprio que, ainda quando não nos amem, sentem despeito se não as amamos. — **D'Argens.**

★

O que mais **agrada** às mulheres é ver enamorado **delas** o homem do qual estejam enamoradas outras mulheres. — **Rochebrune.**

★

As penas que as mulheres lamentam menos são as que elas próprias nos fazem padecer. — **Chabanon.**

★

As mulheres são as flores da vida, como as crianças são os seus frutos. — **Saint-Pierre.**

★

Uma **medida** excelente do progresso da civilização é dada pelo maior poder das mulheres dignas. — **Emerson.**

★

Não há maior injúria para uma mulher que chamá-la de feia ou velha. — **Ariosto.**

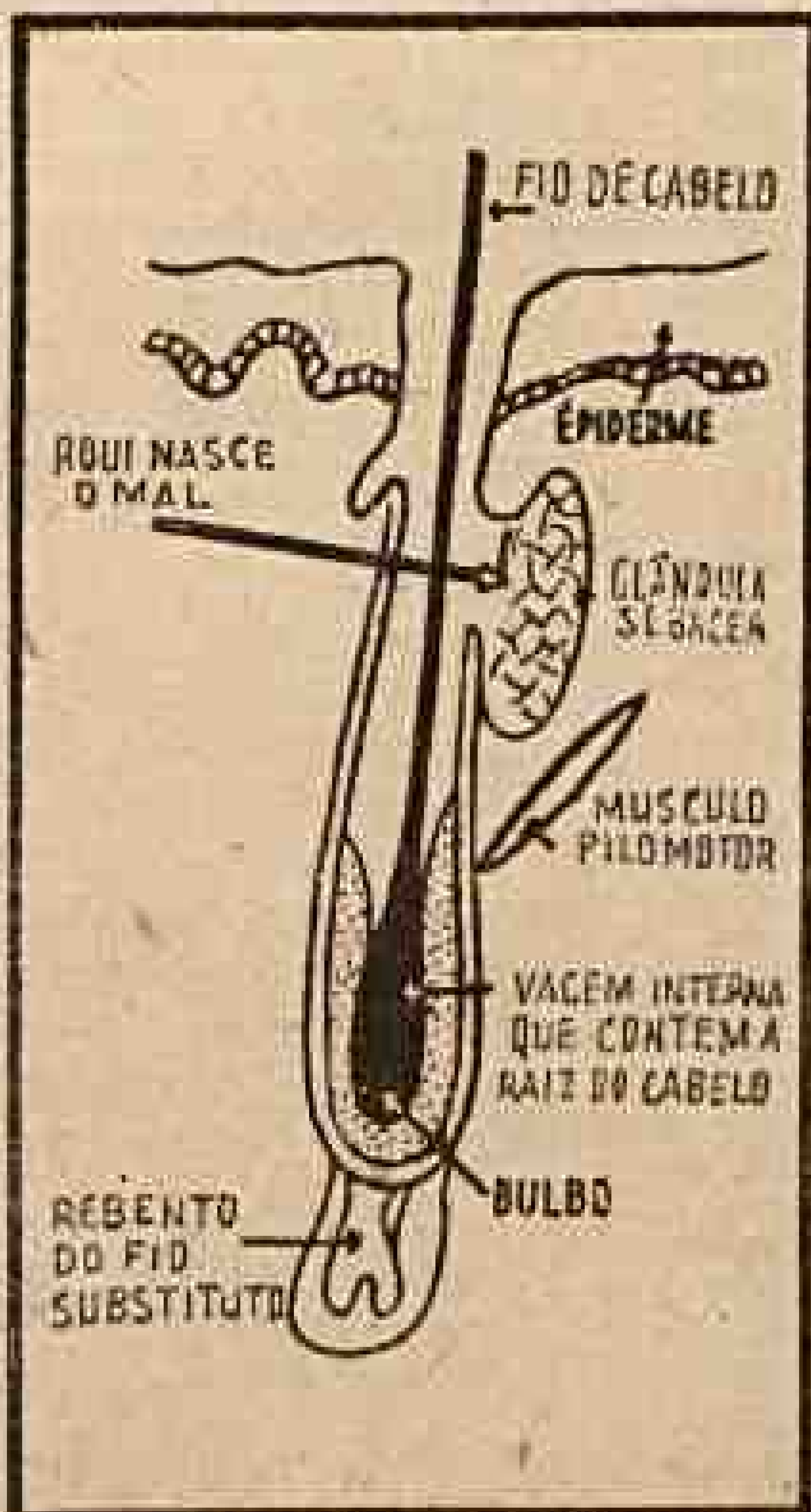
---

os ângulos temporais se desnudam, deixando assim um ilhote mediano, o "topete", que certos calvos utilizam com arte a fim de esconder, sob caprichosos arabescos, o brilho da calva.

O diagnóstico da seborréia é fácil, se os cabelos não foram bastante ensaboados. O aspecto oleoso, revelado sôbre papel poroso, os cabelos que se soltam mais fàcilmente no nível das regiões seborréicas e mais resistentes no nível das orelhas e do occipital, permitem não confundir com as quedas de cabelos de origem tóxica cu infecciosa e tratar a tempo.

O tratamento por meio de hormônios, recente, vem despertando algumas esperanças. Um médico francês, Dr. E. Juster, tendo notado a bela cabeleira de certas mulheres hiperfoliculinêmicas (cujos ovários secretam muita fuliculina), decidiu reproduzir artificialmente êsse processo fisiológico. Tratou a alopécia masculina pela administração de diversos hormônios femininos. Verificou sôbre o crânio dos seus pacientes o aparecimento de pêlos fraquinhos, logo seguidos de cabelos realmente fortes... Mas essa nova cabeleira era seguida de surpreendente desenvolvimento... dos seios!

Quanto à terapêutica local, "a única ativa é o tratamento pelo enxofre" — segundo o Dr. Edwin Sidi (o mesmo que Sabouraud já havia preconizado no fim do século XIX). E por que, neste caso, não se recorre ao enxofre regularmente? Porque êsse tratamento exige paciência e principalmente coragem. Em primeiro lugar tem cheiro forte e desagradável. Em segundo lugar, sendo muito inflamável, exige o máximo cuidado. Entretanto, aqui estão algumas fórmulas que deram resultados interessantes: enxofre, 10g.; sulfuro de carbono, 40g.; tetracloruro de carbono, 100g.. Ou: enxofre, 0,5g.; cânfora, 1,5g.; óleo de amêndoas doces, 100g.. Ou, ainda: em forma de pó: talco, 60g.; óxido de zinco, 20g.; enxofre precipitado, 20g.. A execução dêsse tratamento, sim, é fastidiosa. E' preciso primeiro limpar bem os cabelos com "shampooing", aplicar a loção com uma boneca de algodão, afastando bem os cabelos em raias sucessivas (vinte raias, vinte minutos!). A noite, envolver a cabeça em panos secos. Pela manhã, novo "shampooing"... Quem será tão persistente? E é preciso acentuar que isso detém a queda dos cabelos mas não fará nascer novos, principalmente se a pele do crânio já tiver adquirido o espelhado característico dos calvos irremediáveis.



O COMEÇO DA CALVICIE

Um só remédio: o enxofre

OS BENS

Os bens de que gozamos — segundo Aristóteles — são de três classes: bens externos, bens do corpo e bens da alma.

A pessoa feliz deve reuni-los todos. Nada fará feliz a quem não tenha valor e cordura, sentimento de justiça e inteligência; ao que tremer com o vôo de uma mosca; ao que não contiver os próprios desejos; ao que comer ou beber em demasia; ao que fôr capaz de trair os seus melhores amigos por algum dinheiro e, no tocante à inteligência, ao que fôr tão confiado como uma criança e tão insensato como um louco.

★

O PÊSO médio normal de uma mulher de 30 anos que tenha 1,70 de altura é 67 kg.

O 250.º ANIVERSÁRIO DO JORNALISMO

Comemora-se, êste ano, em todo o mundo civilizado, um 250.º aniversário que não poderia, razoàvelmente, passar despercebido: o do Jornalismo, que começou com as fôlhas diárias, a primeira das quais na Europa, foi publicada em 1702, e, especialmente em França, no ano de 1777.

A história do jornalismo exigiria vários e grossos volumes; a das suas curiosidades, se nos limitarmos às mais interessantes, reclamaria apenas algumas linhas.

Em 1832, há 120 anos, apareceu em Paris um jornal curioso, «Le Mouchoir Politique», que um editor astuto, no intuito de evitar o imposto sôbre o papel, como decidira o govêrno de Luís Felipe, tivera a idéia de imprimir... em pano! Era vendido a 30 cêntimos. «Le Mouchoir Politique» foi, dentre as fôlhas originais, a que teve mais longa vida: quase dois anos.

«La Naiade», de Aurélien Scholl, publicada em 1850, teve menos êxito. A idéia que havia presidido a sua criação era, entretanto, divertida. A «Naiade», impressa em borracha, destinava-se a ser lida... no banho!

Um editor de Madrid publicava, mais ou menos na mesma época, um jornal... fosforescente, «Luminaria», que se podia ler na escuridão! Mas essa idéia «luminosa» com a qual pretendia «iluminar o cérebro dah umanidade», não teve êxito.

Há oitenta anos, era impresso em Paris «Le Bien-être», que prometia aos seus assinantes uma pensão vitalícia e exéquias gratuitas! A sua existência foi efêmera. Menos de dois meses durou êste jornal altruista.

E' permitido crer que essas publicações de aspecto lúgubre, não aprazíam extremamente ao público, pois foi curta a vida de tôdas elas.

Entre os jornais de formato excepcional o maior que se conhece é, sem dúvida, a «Gaceta», do México, que mede dois metros sôbre três e contem artigos sôbre educação, em grandes caracteres, **«a fim de incutir no povo o gôsto da leitura.** Ao lado dêsse gigante, citaríamos um pigmeu, «Our Newspaper», órgão do Clube Esportivo de Cornerford (Inglaterra), que tem 12 centímetros sôbre 10. E' menor do que um cartão postal e publica-se uma vez por mês. Em França, há o «Petit Bleu», do Departamento de Lot et Garonne, jornal cotidiano, de quatro páginas, com 34 centímetros sôbre 22. E' vendido a 10 cêntimos e tem uma tiragem de 7.500 exemplares. Menor é ainda «L'Appel», fôlha religiosa, publicada no mesmo departamento: mede 14 centímetros de largura e 22 de altura. Era mensal e a sua assinatura custava 75 cêntimos por ano. Hoje custa vinte vêzes mais.

Em 1900, um editor tentou criar um jornal que custasse **meio sôldo.** Intitulava-se «La Journée»; e como não existisse a moeda de dois cêntimos e meio, o leitor pagava um sôldo, mas achava na fôlha um recibo, dois dos quais lhe davam direito a um exemplar. Em 1912, foi iniciada a publicação de «Le Reflet», que tinha em vista dar, semanalmente, e em poucas páginas, o resumo dos fatos mais dignos de atenção da atualidade. Essa iniciativa, embora interessante, não teve êxito.

Graças à T.S.F., publicam-se a bordo jornais que informam os passageiros a respeito dos principais acontecimentos do mundo. O primeiro que se fundou (1903) foi o «Cunard Bulletin», da Companhia Cunard. Era redigido, composto e impresso inteiramente a bordo. Hoje, os jornais dessa natureza contêm sòmente uma página reservada às notícias recebidas pelo rádio; as outras encerram artigos de crítica, novelas, etc., redigidas e impressas antecipadamente em terra. Pelo menos, esta [illegible] adotada



O BILHETE

ESMAGADOS diante das vitrines inundadas de luzes, crianças e adultos se empurravam, pisavam e atropelavam. Era uma noite de fim de ano, uma dessas noites cintilantes de guirlandas, de estrêlas, de árvores enfeitadas com luzes e pratarias faiscantes.

Nas grandes avenidas, apesar de sua elevada estatura, Jean Vial só com grande esfôrço conseguia abrir passagem entre a multidão; repentinamente uma voz alegre o chamou:

— Jean!

E, com o chapéu de feltro amassado em todos os sentidos, o rosto radiante e marcado por alguns flocos de neve, Marc Nivet avançou para êle.

— Estou contente, meu caro; contentíssimo! E imagina por quê! Parto amanhã para o Tchad, na África do Norte, por conta da Companhia. Estão necessitando de homens moços, ativos, competentes para trabalharem em obras já autorizadas naquela região e, é claro, designaram-me entre os primeiros! Esta noite farei as minhas despedidas de minha mãe e de minha irmã. E você, como vai de vida?

— Mal. Acabo de perder meu emprêgo, estou sem dinheiro, meu senhorio achou ruim e jogou-me à rua e, naturalmente, Lucie não gostou.

Marc Nivet sorriu com simpatia para o boêmio impenitente, célebre no seu pequeno grupo de amigos por sua calma, suas distrações, sua impecuniosidade crônica e sua linda e paciente noiva, Lucie.

— Escuta, melhor... Não temos muito tempo para perder. Vem comigo à nossa casa. Poderá ficar lá, no meu próprio quarto, até que eu volte.

Minutos depois, Vial mais tranqüilo, abria as torneiras do banheiro, consertava o rádio, provava o whisky do confortável apartamento de Marc Nivet.

— Olá! Você deve ter



progredido muito. Até cofre tem em casa!

— Sim, meu caro. E é um

DE LOTERIA

Novela de EDITH HARE

bom cofre. Se quiser depositar nêle, agora mesmo, papéis, planos secretos, memórias...

— Olha que não está muito longe de dizer a verdade... — disse Vial, sorrindo e com um cômico ar de importância.

Então tirou do bôlso um bilhete de loteria e exibiu-o ao amigo.

— Quem sabe se não vou guardar nesse cofre uma fortuna?

Anotou o número num caderno de algibeira e guardou o bilhete no cofre. Horas depois os dois amigos se abraçavam e Marc Nivet corria para apanhar o avião.

Depois da sua partida, Vial continuou sem encontrar emprêgo. Era de se julgar que o mundo inteiro não necessitava de engenheiros.

Para que serviam, então, a inteligência, os longos estudos e os diplomas? — perguntava certa noite Lucie enquanto esperava Vial no restaurante onde o seu grupo se reunia habitualmente. Fora, o vento, a chuva, uma tempestade raivosa caía sôbre Paris. Lucie pensava em seu noivo que ia chegar, com certeza um pouquinho mais desmoralizado que véspera e também um pouco mais cansado, para se aquecer na falsa intimidade daquela sala cheia de risos, de fumaça de cigarros, de presenças ruidosas. Nesse instante a porta se abriu e Vial entrou apressado, juntamente com um golpe de vento gelado. Seu rosto era como o de um louco... Arquejava e parecia presa de singular excitação. Não podendo articular uma palavra, abriu sôbre a mesa, diante de Lucie, um jornal e uma agenda. Intrigada, Lucie se curvou para o jornal: na primeira página eram anunciados os resultados de uma extração da loteria nacional. Ràpidamente ela verificou os números e de repente exclamou:

— Cinco milhões, Jean! Cinco milhões!

Nas mesas vizinhas, os camaradas haviam saltado das cadeiras, e rindo, gritando, vieram cercar Vial. Mas o feliz premiado estava agora taciturno e apoiava a fronte entre as mãos.

— Nivet levou a chave do cofre! Sim... O cofre onde guardei o bilhete premiado!

UMA CURIOSA NARRATIVA SÔBRE OS BANHOS

Em todos os tempos, a faceirice feminina procurou poetizar o mais possível, o banho. As famosas princesas asiáticas, as atenienses, as corintianas e as matronas romanas, freqüentemente tomavam banhos aromatizados; Aspásia, Laís e Frinéia, os famosos exemplares da beleza grega, banhavam-se diàriamente em água perfumada com essências.

A tradição tem conservado o encantador costume das mulheres de Argos, conhecido com o nome de «Banho de Diana», e que era tomado desde os primeiros dias primaveris, até acabar o verão. As jovens passavam em redor do corpo um cinturão de rosas e de hortelã, no pescoço colocavam um colar de jasmins, além de pulseiras de veludo e ligas de outras ervas perfumadas. Asim ataviadas entravam juntas no rio, segurando-se pela cintura ou pelas mãos.

Cleopatra, fazia colocar no seu banho punhados de rosas chá; Popea, para manter a sua sedução banhava-se diàriamente com leite; para tanto criava 500 jumentas que só comiam ervas aromáticas; 500 escravos se ocupavam exclusivamente com o cuidado dos animais, a ordenha dos mesmos e o preparo dos banhos da princesa; ao sair dos mesmos, seu corpo era esfregado e enxuto com pedra pome e perfumado pelas mãos de oito escravas; em seguida Popea se deitava num luxuoso leito, onde durante uma hora ficava envolta em lençóis prèviamente expostos aos vapores de áloes e benjoim.

A bela Gabriela d'Esterée fazia ferver em água de rio certa quantidade de louro, menta, rosas e anis, tornando-se assim um banho agradável ao olfato e salutar para o corpo.

Ninon de Lenclos, conservou seus encantos até a uma idade avançada, graças a banhos e cosméticos, cujas receitas misteriosas conseguiu arrancar da antiguidade, guardando-as cuidadosamente para si sòmente; uma, entretanto, foi revelada e era composta de sal grosso, carbonato sódico, mel e leite.

Também foram célebres os banhos de leite-de-íris, de Mme. Tallieu. Terminado o império, a adorável atriz Rosa Cheri pôs em voga os banhos de champagne; segundo ela, o mofo branco do vinho, era extraordinàriamente favorável à beleza e, segundo a estação, colocava sôbre aquela espuma campânulas azuis, cravos ou rosas.

O banho de morangos da famosa Paiva, célebre rainha da beleza, compunha-se dessas frutas amassadas ou de framboesas, que davam excepcional frescor à pele. Além disso essa bela atriz ao sair do banho esfregava-se com uma esponja molhada em água comum, enrolando-se depois em lençóis perfumados em benjoim.

Com o tempo, as mulheres foram substituindo os banhos perfumados por outros, havendo as que se banhavam com leite, vinho e até com sangue de boi...

Uma admirada bailarina russa, banhava-se o ano inteiro com morangos, os quais no inverno representavam uma fortuna considerável.

Mme. Réjane, bela atriz francesa, cobria sua banheira com violetas frescas; a célebre Bellinzioni, com fôlhas de rosas; a Tartoiada, bailarina espanhola, com chá perfumado com essências de rosas.

Finalmente citaremos os banhos essencialmente adorantes, mas de difícil confecção, incluindo a horrorosa receita que se conserva desde o século XVIII, dos banhos de sangue e intestinos de boi.

★

A Beleza, sem a Graça, atrai os corações, porém não os prende! — **Ninon de Lenclos.**

A consternação foi geral! Lucie chorava. Nesse instante, um senhor que freqüentava assiduamente o bar, aproximou-se do grupo.

— Perdoem-me — disse êle — por vir sem ser convidado, mas ouvi tudo que diziam. Creio que nada está perdido, pois os que ganham na loteria têm seis meses para reclamar o prêmio. Ora, eu acabo de montar uma grande serraria na floresta dos Vosges e necessito justamente de um engenheiro... e de quinhentos mil francos. Poderíamos conversar melhor, amanhã, em meu escritório...?

— Mas... Sim, sim! Pois claro! E muito obrigada!

O senhor idoso se retirou. Vial abraçou Lucie.

— Por favor... Não me faça perguntas. Hei de conseguir o dinheiro amanhã mesmo; darei interêsse no negócio ao meu tio, aquêle velho rabujento, a quem seduzirei com a perspectiva dos lucros da sociedade.

Lucie estava estupefacto. Não reconhecia mais o seu indiferente e tímido Jean.

★

Os dias se sucederam. Vial não dava notícias. Também era homem que gostava de escrever pouco. Mas enviava à sua noiva telegramas entusiasmado. O negócio corria excelentemente!

Entretanto, o retôrno de Marc Nivet se aproximava e Lucie ficava a imaginar se o noivo pensava nesse fato, ocupado que andava no fundo da floresta imensa. Uma bela manhã de junho, quando lia em seu quarto, ouviu um automóvel parar diante do seu portão. Foi à janela e trêmula, viu Jean em carne e osso, descer de um belo automóvel. Dois minutos depois estavam nos braços um do outro.

— Então voltou mais cedo? Por que?

— Sim... Não tardei a perceber que fôra enganado por um patife, que pretendia negociar só

ARGUMENTOS DE ÓPERAS

TANNHAUSER

TANNHAUSER é uma das mais maravilhosas óperas escritas pelo grande compositor alemão, Wagner. Apesar de, antes de tudo, ser músico, Wagner escolheu para suas óperas, argumentos tão interessantes como muitos que se encontram em obras sem música.

★

No reino de Turíngia os trovadores eram altamente estimados e cavalheiros e guerreiros disputavam entre si a coroa de laurel com que eram recompensados nos torneios que se efetuavam freqüentemente.

Um cavalheiro, Henrique Tannhauser tinha entre todos grande renome no país pela sua voz maravilhosa. Várias vêzes, diante dêle, a princesa Elizabeth havia colocado a coroa do triunfo naqueles torneios musicais, e a formosa donzela — que era sobrinha do landgrave ou príncipe — amava o trovador tanto como êle a ela.

Entretanto, êle não era feliz. Já tinha pensado muito e temia aspirar a mão de uma donzela de tão alto nascimento ou que não fôsse permitido a ela casar-se com êle, se por acaso lhe declarasse seu amor. De qualquer modo, sentia-se cada vez mais descontente, e infeliz e a miúdo ouviam-no dizer que «as alegrias dêste mundo não mais lhe interessavam».

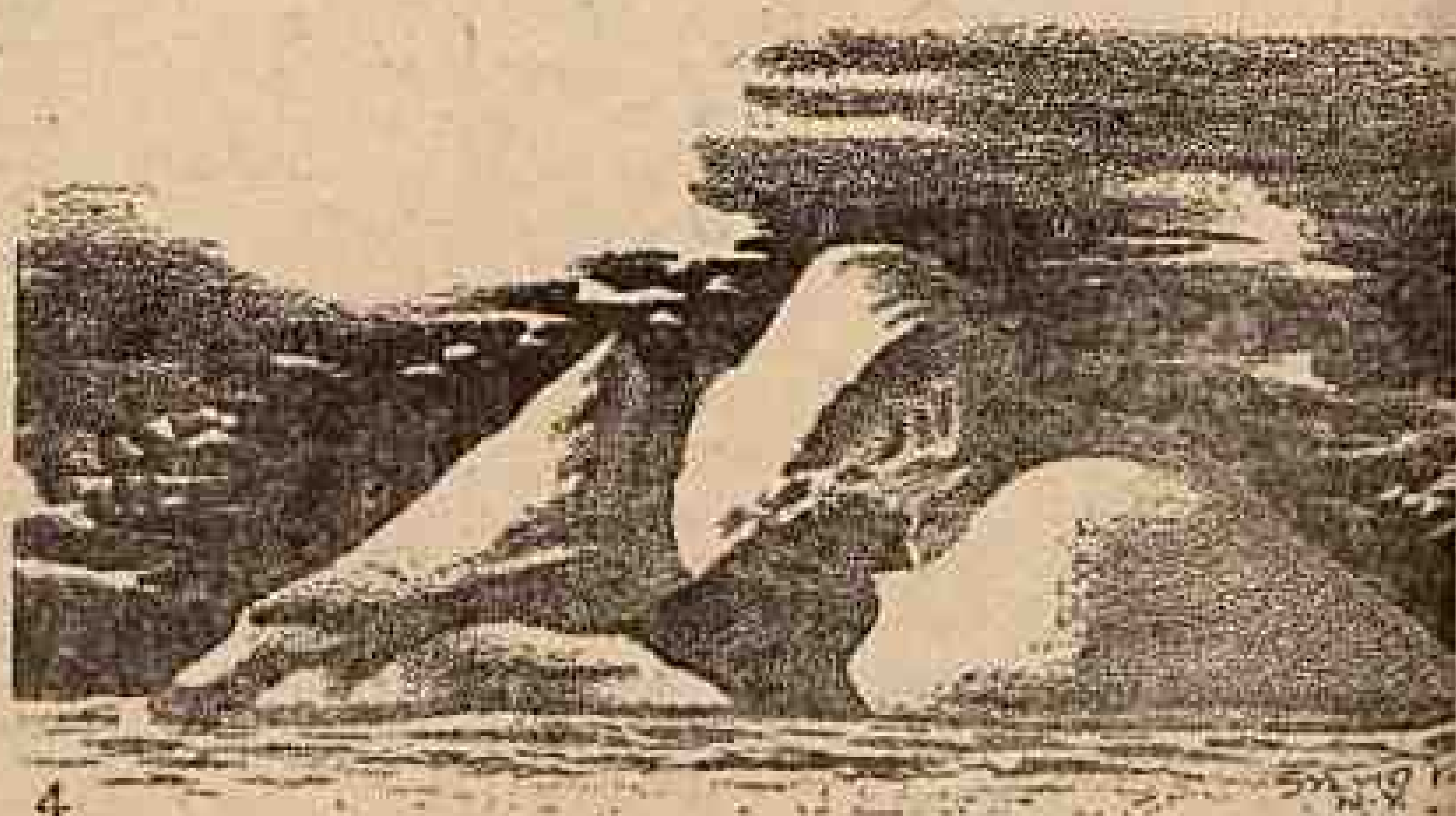
Havia na Turíngia uma misteriosa montanha conhecida pelo nome de Horselberg ou **Montanha de Vênus**, onde a deusa do amor vivia com uma côrte de formosas donzelas. Foi para ali que se dirigiu Tannhauser, em busca de novos atrativos; e desde então o mundo não tornou a vê-lo. Ninguém sabia para onde tinha ido, nem por que tinha desaparecido; porém, entre aquêles que se lastimavam e mais sentiam a sua ausência, nenhum coração havia mais desolado do que o da princesa Elizabeth.

Durante um ano inteiro viveu Henrique Tannhauser na côrte de Vênus. Depois, a lembrança do outro mundo despertou a sua consciência, lastimando como perdera assim seu tempo e sua vida. Pediu então a Vênus que lhe permitisse voltar ao mundo que



A princesa se colocou diante de Tannhauser para impedir que fôsse castigado...

havia abandonado. Furiosa, a deusa censurou-o por sua ingratidão; mas Tannhauser prometeu que nunca esqueceria de cantar em seu louvor, quando voltasse para o mundo; então ela, embora de má vontade, permitiu



4

Quanto tempo demoram alguns «icebergs» (montanha de gêlo sôbre o mar) para derreter? — (Resposta na página 174)

que êle partisse assegurando-lhe, porém, que breve se cansaria de sua liberdade e desejaria voltar para ela.

Instantâneamente, a côrte de Vênus desaparece aos olhos de Tannhauser, que, ao despertar, encontra-se num formoso vale entre o castelo do landgrave e a Horselberg. Caindo sôbre os joelhos, Tannhauser rende graças a Deus por ter recuperado a liberdade e faz votos de então por diante levar uma vida de penitências.

Enquanto assim se mantinha ajoelhado e rezando, surge um bando de peregrinos, cantando. Vão a caminho de Roma e cantando confessam as suas culpas, implorando auxílio e guia. Seu hino é repetido por Tannhauser.

Pouco tempo depois aparecem o landgrave da Turíngia e seus trovadores que regressam de uma caçada monte. Ao ver o cavalheiro ajoelhado acercam-se, perguntando quem poderia ser. Com assombro reconhecem Tannhauser, e perguntam onde estivera, pedindo que regresse com êles ao castelo do landgrave. Conta-lhe Tannhauser que andara errante por longínquas terras em busca de paz. Acrescenta que não pode unir-se a êles, apesar de agradar-lhe a proposta e desejar fazê-lo; porém resolveu ir em peregrinação a Roma. Ao ouvir as palavras de Tannhauser, Wolfram, seu mais querido amigo, diz-lhe que a princesa Elizabeth lamenta sua ausência e suspira por sua música. O nome de Elizabeth cai como um feitiço no coração de Tannhauser, que deduz, pelo que lhe conta Wolfram que a formosa donzela o ama. Fraqueja então na sua resolução de fazer penitência e declara que voltará à côrte. No castelo são organizados grandes festejos. Anuncia-se um grande torneio sendo oferecido ao vencedor um prêmio maravilhoso! A princesa Elizabeth, sabendo que nenhum cavalheiro poderá vencer o seu cavalheiro trovador, declara que se casará com o vencedor do torneio.

★

Chega o grande dia e na famosa **Sala de Canto,** se reunem o landgrave e sua côrte e êste anuncia o tema do torneio: há de ser um canto de louvor ao Amor e à Natureza.

O jovem Wolfram, o amigo de Tannhauser, ama em segrêdo a Elizabeth. Embora sem esperanças de ganhá-la, conforma-se admirando-a de longe. E' o primeiro competidor e dedica-lhe seu canto. Os demais trovadores o imitam; mas quando chega a vez de Tannhauser, assombra os assistentes com uma selvagem explosão na qual ridiculariza suas idéias de amor, considerando-as tímidas e ignóbeis. Por fim, arrastado completamente por seus sentimentos, afasta-se da princesa Elizabeth e dirige-se à invisível «Deusa do Amor». Indignados os outros trovadores, sacam as suas espadas, e teriam certamente assassinado Tannhauser, se a princesa Elizabeth não se tivesse interposto entre êles e o seu amado, embora sabendo-o indigno.

Horrorizado pelo procedimento de Tannhauser o landgrave pronuncia contra êle uma sentença de destêrro; porém, tendo a formosa princesa intercedido por êle, concede ao culpado uma oportunidade de resgatar suas culpas. Peregrinos vão deixar a cidade a caminho de Roma onde visitarão as santas relíquias e receberão a bênção do papa. O landgrave incita Tannhauser a que se una a êles, peça perdão e não volte enquanto não o tenha obtido.



O cantor viveu um ano na côrte de Vênus.

Elizabeth une seus rogos ao do landgrave e Tannhauser se confessa humildemente arrependido.

Passam as semanas e os meses e, por fim, chega o momento em que são aguardados os peregrinos, que passarão pela Turíngia, de regresso da Cidade Santa.

Ao raiar a aurora, Elizabeth se levanta e vai até à gruta da Virgem, no vale. Enquanto reza, o fiel Wolfram vigia, amando-a ainda, apesar de saber que o seu amor é sem esperanças.

A distância ouve-se um canto e pouco depois os peregrinos aparecem.

Tannhauser, porém, não está entre êles! **(Cont. na pág. 174)**

com o meu dinheiro. Tratei de o expulsar do negócio, quase à fôrça. Depois tive que trabalhar dobrado. Felizmente o negócio prosperou, acima de minhas esperanças... Agora venho para repousar um pouco...

— Oh Jean, que bom!

— Agora podemos casar... Quanto a Nivet sei que deve chegar amanhã...

★

Na manhã seguinte, Lucie e Jean receberam no aeroporto um Nivet queimado pelo sol, mas visìvelmente feliz. Durante alguns minutos as descrições da viagem alternaram com o caso do bilhete de loteria. Dinheiro e negócios... Finalmente Nivet compreendeu que o bilhete número 22.192.556, premiado com um milhão estava fechado em seu cofre. Os três correram para casa. Num religioso silêncio o cofre foi aberto. Nivet se curvou, apanhou o bilhete e o manteve alguns segundos entre os dedos.

— Você está enganado — disse êle finalmente — Não é o 22.192.550!

Vial empalideceu e protestou:

— Não é possível! Deixa ver...!

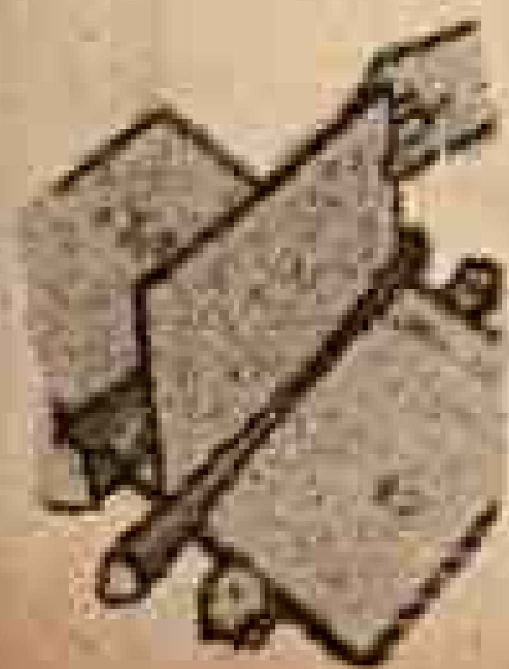
— Aqui está... Pode ver que o número é 22.192.356.

Vial abriu a bôca, estupefacto, mas logo desatou a rir.

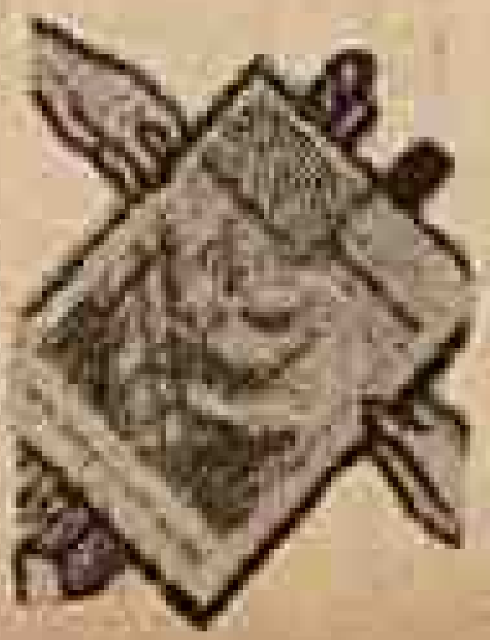
— Essa é formidável! — exclamou — E eu que pensava ser milionário... Não sou... e sou, ao mesmo tempo!

— Que importa? — concluiu Lucie — Estamos todos felizes. E êsse êrro foi o que deu a você confiança e autoridade... Duas coisas que faltavam. Vamos guardar preciosamente o bilhete. Mais tarde daremos a **receita** aos outros: **Como enriquecer com um bilhete... branco!**

EIS UM BOM CONSELHO



Na próxima vez em que o leitor viajar deverá colocar as gravatas entre as páginas de uma revista. E' claro, deve escolher as páginas centrais, colocando as gravatas bem esticadas e passando de uma página para outra, segundo mostra a gravura da esquerda. A seguir deve fechar a revista com cuidado para que se conserve em boa posição.



MOEDA ORIGINAL

O TRÁFICO DE PÉROLAS NAS ILHAS

NAS margens banhadas pelos mares do sul, no arquipélago povoado por tribos da raça negra, muitas das quais praticando o canibalismo, não existe, como é natural, a mais leve noção de arquitetura. Ali se disseminam as vivendas como as árvores no bosque: isto é: adaptando-se às ondulações e quebradas do terreno, e o corpo principal de cada casa consiste em uma plataforma retangular, que se eleva sôbre pés direitos e rodeada de tábuas grosseiras, tudo coberto por um telhado formado por galhos e largas fôlhas de palmeiras anãs. Quanto ao solo é também forrado com fôlhas de palmeiras, e o recinto se divide em compartimentos mediante esteiras de palha. Junto à divisão correspondente à cozinha há um recipiente, geralmente de barro, para colher a água da chuva, que é utilizada para todos os misteres pelos habitantes dessas ilhas. Na época da sêca têm que ir apanhar o precioso líquido em algum riacho, geralmente distante da povoação, e cujas águas não possuem tôdas as condições de potabilidade. Lá não são conhecidas as janelas envidraçadas. O que não falta em nenhuma dessas vivendas é uma espécie de reposteiro, colocado junto da entrada e provido de ornamentos os mais variados e vistosos, tais como garrafas vazias de aguardente, latas de mantimentos abandonadas pelos brancos visitantes, espelhos quebrados, tocos de vela, caixinhas de fumo, pulseiras de moedas e outras miudesas. De todos êles pendem também colares de contas, pulseiras e outros objetos de adôrno pessoal, todos primitivos e do agrado dos indígenas. Tudo é assim colocado à porta, vaidosamente, para atestar a "riqueza" dos moradores.



Um negociante de pérolas propondo a troca de um exemplar por um pano de sêda.

O tráfico principal, nessas ilhas, é o das pérolas. Sôbre o reposteiro de cada uma dessas residências há, algumas vêzes, uma grande fortuna, representada por muitas péro-

NO RESTAURANTE



1



2



3



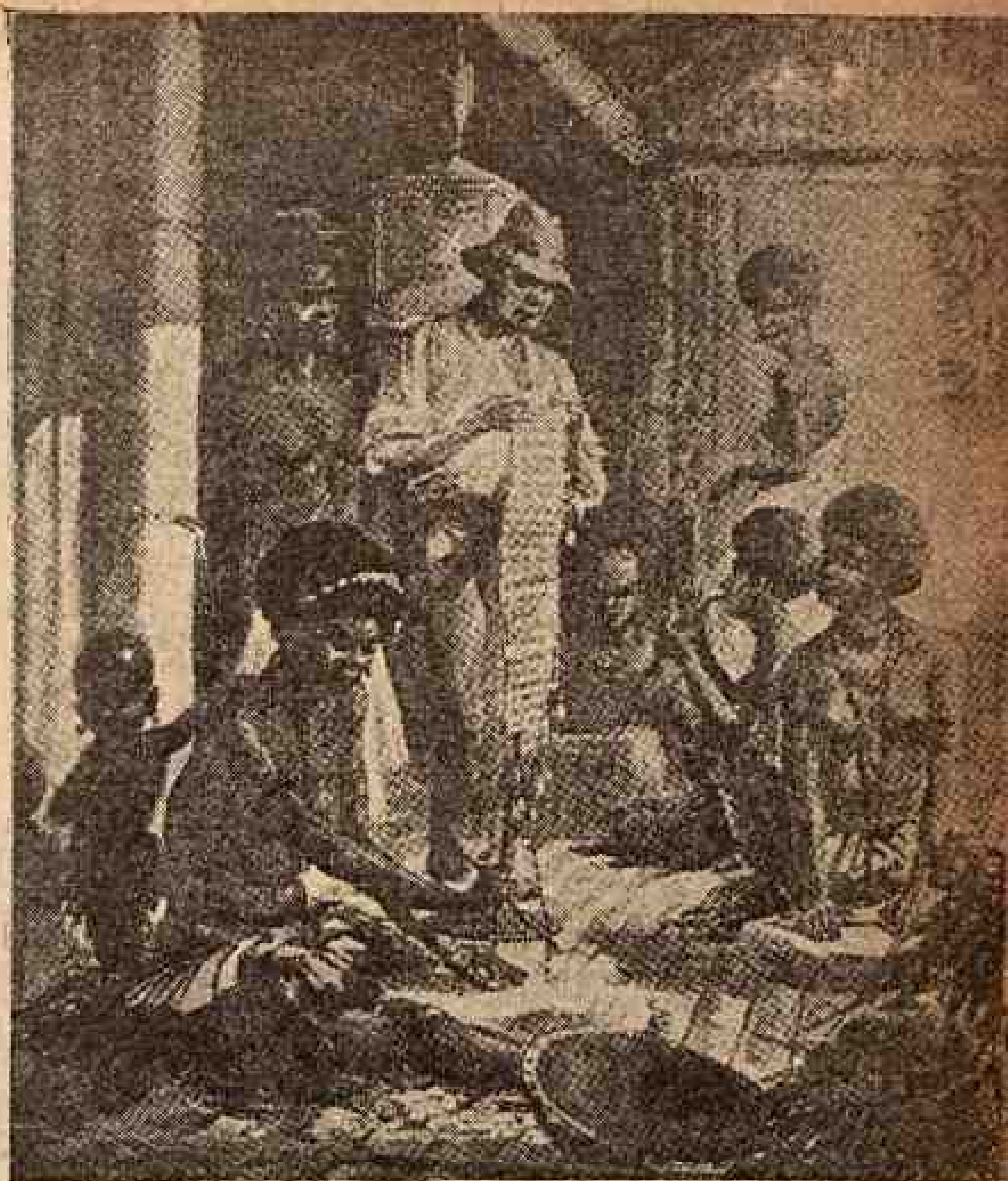
4

DO PACÍFICO

las, de várias côres e tamanhos, que, selecionadas por peritos, formarão algum dia, valiosos colares que adornarão o colo de alguma beldade civilizada e, se roubadas, algum dia, darão motivo para farto noticiário telegráfico em todo o mundo.

Essas pérolas passam de mão em mão, entre os indígenas, até chegar às mãos peritas de um comprador europeu, que as contempla com aparente indiferença e começa a desprezar e a falar mal daquela que mais despertou a sua cobiça, mas sem perdê-la de vista, para fingir que só por acaso a recolhe entre o lote pelo qual oferece quantia insignificante. Ao mesmo tempo compra outras bugigangas e outras pérolas de menos valor, para distrair a atenção do indígena. Depois guarda tudo no interior de uma garrafa de regular tamanho, retirando-se a seguir, levando, muitas vêzes, uma regular fortuna superior a cinco ou seis mil libras.

Fizemos referência, acima, às pulseiras de moedas: estas oferecem particular interêsse, porque não se trata de moedas correntes na Europa, mas de outras, fabricadas pelos indígenas, que, para sua cunhagem, utilizam as conchas trituradas de um "bivalvo" que se cria naquelas águas. A operação de triturar essas conchas requer grande perícia e é sempre confiada a algum velho prático nesse mister, que só exerce êsse ofício enquanto conserva as necessárias faculdades físicas. Para triturar as conchas usa uma pedra e deixa de igual tamanho todos os pedaços calcáreos. Uma vez arredondados, são colocados numa peça cilíndrica, de madeira e, prêso ali cada disco, é êle esfregado com areia por uma e outra faces, até ficar com polimento perfeito. Esta última operação é realizada pelas mulheres... sob a estreita vigilância dos homens (não vá alguma roubar alguma das moedas!) Uma vez que cada operária termina o trabalho de polimento de determinado número de moedas, celebra o fato com risos, canções e outras provas de regosijo, enquanto o vigia coloca a série de moedas recém-


Cunhagem de moedas fabricadas com conchas especiais







ARGUMENTOS DE ÓPERAS

(Cont. da pág. 171)

Terrivelmente decepcionada, a princesa Elizabeth decide entrar para um convento, dedicando-se à oração. Porém seu desejo não pôde cumprir-se. Seu coração está ferido e poucas horas depois ela expira nos braços de suas aias.

Ainda sonhando com ela e com seu amor, Wolfram reconhece naquele homem andrajoso o seu amigo Tannhauser. Censura-o por ter desobedecido as ordens do landgrave, porém Tannhauser lhe explica que, ao contrário, visitou as sagradas relíquias e implorou o perdão do papa; voltou porém sem êsse consôlo.

Ao chegar à sagrada urna tinha relatado a sua história e pedido perdão; mas o Santo Padre lhe dissera que a sua culpa era muito grande para merecer o perdão.

«Quem viveu na côrte pecadora de Vênus, não pode ser perdoado» — dissera — Teu pecado não merece misericórdia! Tão provável é do crucifixo que tenho em mãos brotar fôlhas verdes, como alcançares de Deus Pai o perdão para tal iniquidade!

Tannhauser voltou, amando sempre Elizabeth, mas sem esperanças... Não se uniu aos felizes peregrinos, mas seguiu-os à distância. E agora, miserável e desesperado, chama a Deusa do Amor Profano, já que o amor puro não pode existir para êle!

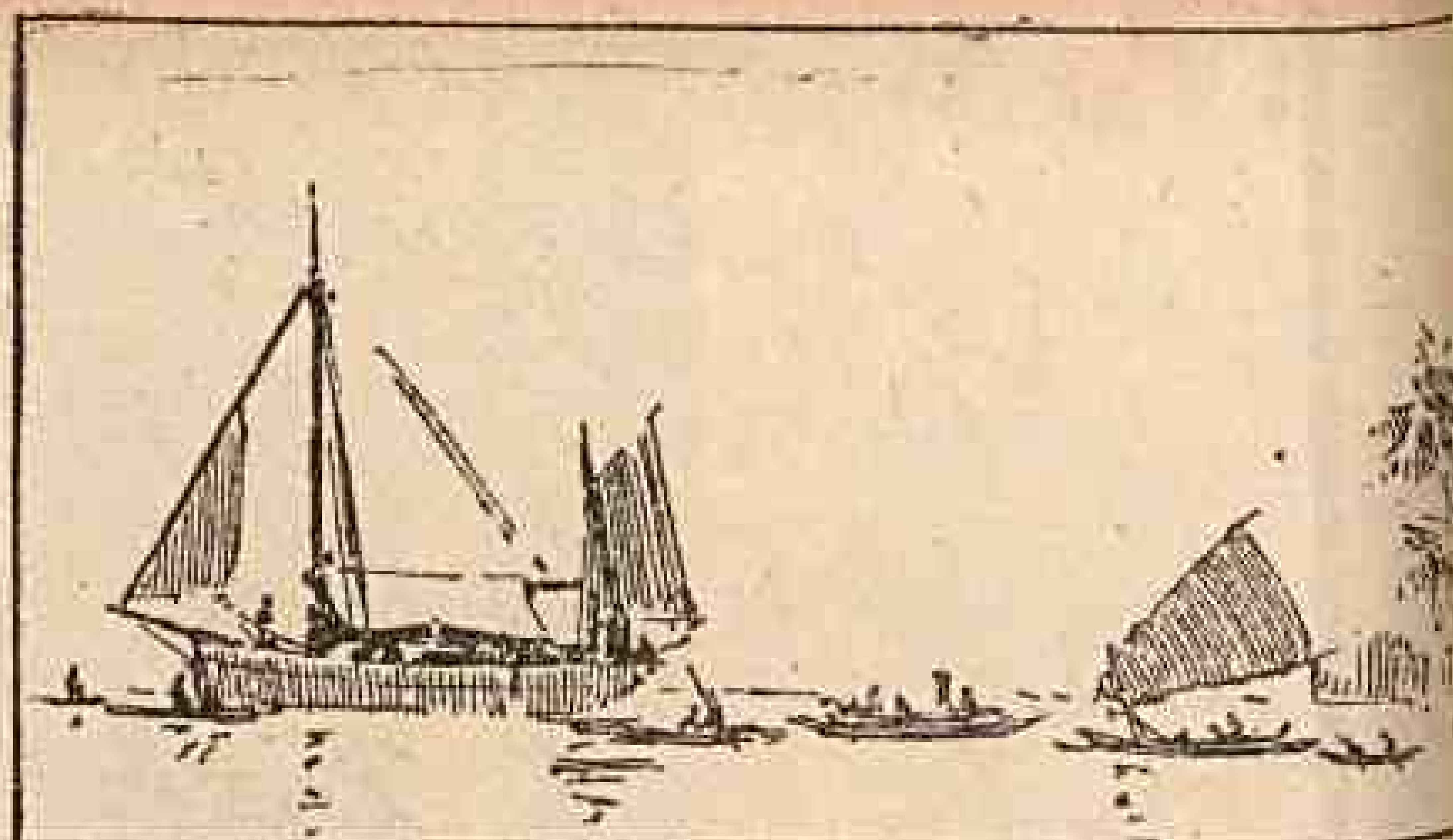
Ouve-se então música embriagadora; uma nuvem espessa envolve a Horselberg e a formosa Vênus aparece dèbilmente. Chama, suplicante, o cavalheiro.

Porém, no mesmo instante, chega uma solene procissão. Mulheres chorosas e cavalheiros enlutados vão acompanhando o ataúde de Elizabeth. Tannhauser pára, transido de dor. Sua amada morreu! Ao mesmo tempo aparece outro grupo; são novos peregrinos vindos do lado da montanha. Vênus se desvanece na névoa.

Wolfram se une aos santos peregrinos e Tannhauser, certo de que Elizabeth é um anjo dos céus, cai junto ao seu ataúde.

De Roma trazem a notícia do grande milagre: no crucifixo do papa brotaram fôlhas verdes!

★



fabricadas num saco de pele de tubarão e que chega a conter numerosas pilhas das originais moedas, que na tenda do "fabricante" vão mais tarde adquirir os outros "negociantes" da aldeia, mediante a troca por gêneros alimentícios ou utilidades que por sua vez "fabricam".

O dinheiro pròpriamente dito só é admitido aos negociantes de pérolas, e a concorrência entre êles abriu os olhos dos indígenas sôbre o valor das mesmas. Hoje já sabem distinguir entre uma pérola boa e outra de inferior qualidade. Antes não era assim. Para aquêles selvagens, uma pérola era simplesmente um corpo duro que lhes causava dores de dente, quando comiam ostras, e que lançavam fora com a mesma naturalidade com que lançamos fora os caroços de uma laranja, não concedendo à pérola maior valor que o que concedemos ao caroço da laranja.

Os compradores de pérolas são, geralmente, aventureiros de tempestuoso passado, que logo dissipam o produto de seus lucros e volvem a tentar de novo a fortuna comprando, ou melhor, roubando as pérolas dos indígenas. Mas, também existem os metódicos, circunspectos, que dedicam a maior atenção ao negócio e ao fim de uma boa temporada deixam a ilha definitivamente, para ir desfrutar em seu país de origem do bem-estar que lhes proporciona uma boa administração do dinheiro, ganho mediante o tráfico de pérolas.

A maioria dêsses negociantes, quando chega ao arquipélago desconhece tudo a respeito das pérolas e suas particularidades, adquirindo a necessária experiência na constante prática do negócio. Antes, compra tôdas as pérolas que lhe são oferecidas pelos indígenas, sem distinguir as qualidades das mesmas, negociando em inferioridade de condições, como é natural, com relação aos que conhecem a fundo êsse comércio.

Fora da temporada de compras (de novembro a março) os compradores entretêm boas relações entre si; mas depois surgem as intrigas, as traições, os ataques e contra-ataques nas sombras e muitas vêzes o crime, o assassinato. Cada qual olha o concorrente com receio e trata de desprestigiá-lo perante os vendedores. Vigiam-se mutuamente, anotam o número e a qualidade das pérolas compradas pelos demais e usam indígenas, que pagam com largueza, para averiguar qual dos vendedores dispõem das melhores pérolas, pelas quais se apressam a oferecer quantias consideráveis, a fim de dificultar a seus rivais a compra de tais exemplares.

Além do mais, a fim de captar a confiança dos vendedores fazem circular pelas aldeias fantásticas notícias de heranças, compra de uma frota e outras mentiras, não poucas das quais são recebidas com incrédulos sorrisos pelos indígenas, já habituados às manhas dêsses brancos pouco escrupulosos, um dos quais, não há muito, chegou a se intitular soberano de um país remoto, entre competidores e indígenas.

Êstes, porém, não conceberam que um monarca de continente análogo a outro branco qualquer, no físico e no trajar e, por outro lado — e isto com mais lógica — atribuíam a um rei europeu a suficiente fortuna para não se aventurar a cuidar do comércio de pérolas...

★

Assim é êsse comércio, na sua fonte original, no caso as águas dessas paragens infestadas pelos tubarões. Mas não são os peixes o mal pior; mas, os brancos, na

UM "VISON" ANTES DE CONVERTER-SE EM CASACOS DE SENHORAS



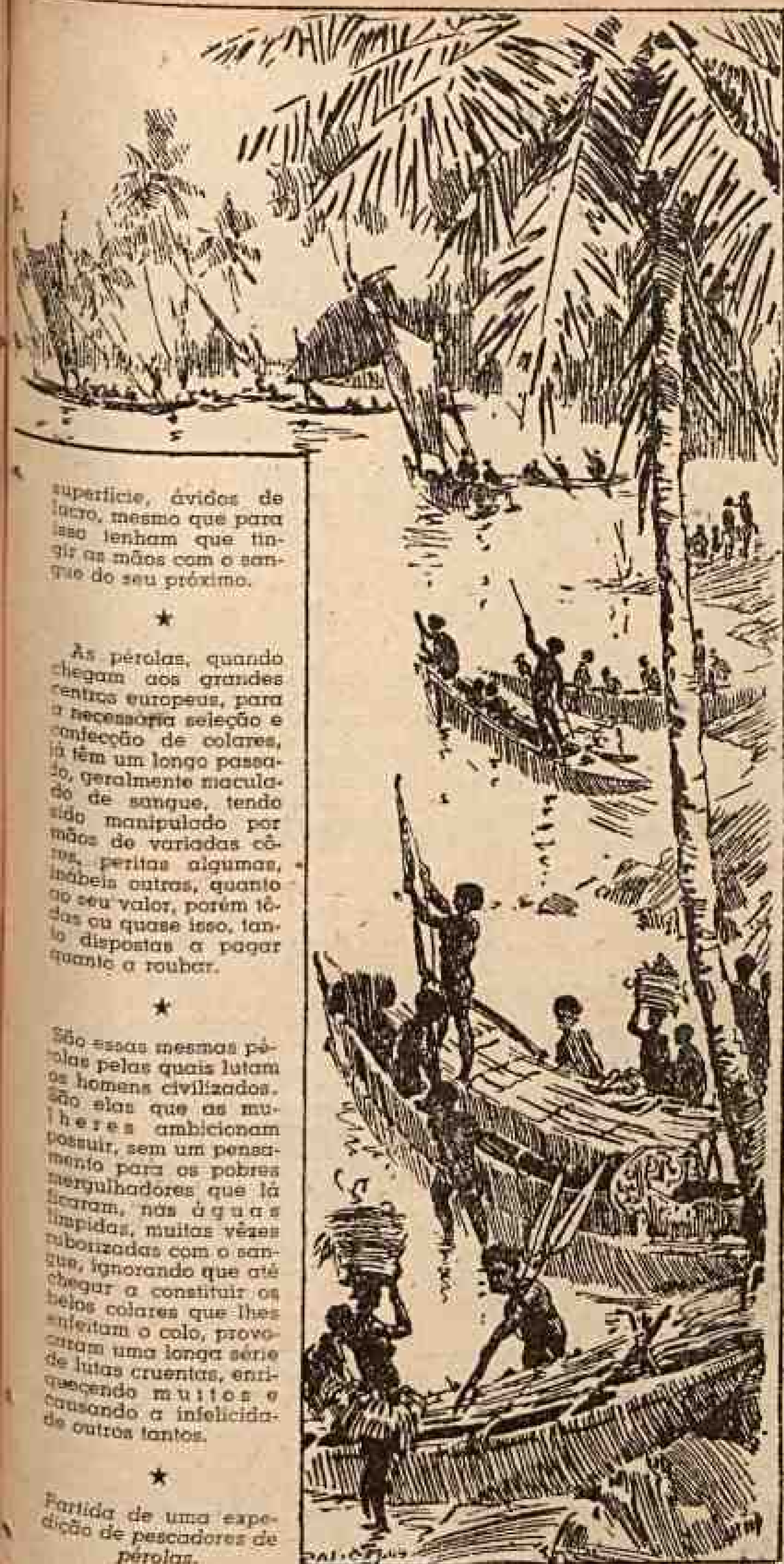
Provàvelmente as mulheres que usam abrigos de «vison» ou que sonham com um, jamais viram tão valioso animalzinho..., antes de converter-se em agasalho. Esta curiosa fotografia mostra, vivo ainda, com o focinho chato e os olhinhos redondos e assustados, um exemplar dos cento e sessenta mil que são criados nas granjas de uma das maiores peleterias da Suécia.

O NÚMERO de pulsações é igual ao de batidas do coração. Por isso o pulso é a «bússola» do médico. A pessoa adulta, em estado normal, costuma ter 70 pulsações por minuto.

★

(Resposta da página 170)

Um iceberg demora 200 anos para derreter-se.



superfície, ávidos de lucro, mesmo que para isso tenham que tingir as mãos com o sangue do seu próximo.

★

As pérolas, quando chegam aos grandes centros europeus, para a necessária seleção e confecção de colares, já têm um longo passado, geralmente maculado de sangue, tendo sido manipulado por mãos de variadas côres, peritas algumas, inábeis outras, quanto ao seu valor, porém tôdas ou quase isso, tanto dispostas a pagar quanto a roubar.

★

São essas mesmas pérolas pelas quais lutam os homens civilizados. São elas que as mulheres ambicionam possuir, sem um pensamento para os pobres mergulhadores que lá ficaram, nas águas límpidas, muitas vêzes ruborizadas com o sangue, ignorando que até chegar a constituir os belos colares que lhes enfeitam o colo, provocaram uma longa série de lutas cruentas, enriquecendo muitos e causando a infelicidade de outros tantos.

★

Partida de uma expedição de pescadores de pérolas.

da Câmara Municipal, até ser eleito, em 1878, deputado provincial.

No desempenho dêste mandato deu os primeiros passos para a navegação do S. Francisco e seus



João da Mata Machado

afluentes, medida que tenazmente defendeu até vencer. Obteve da Assembléia Provincial a construção da E. F. Filadélfia a Caravelas e a criação do município de Teófilo Otôni. Em 1882 a eleição direta trouxe-o à Câmara onde foi eleito primeiro secretário, ocupando o lugar até ser, aos 33 anos de idade, Ministro dos Estrangeiros do Gabinete Dantas.

Deixando o Ministério, Mata Machado voltou à sua terra natal, Diamantina, onde teve brilhante recepção.

De novo na Câmara, trabalhou perseverantemente para levar ao Rio São Francisco os primeiros vapores que facilitassem o progresso daquela região. Promulgada a Lei Áurea na qual tomou parte, filiou-se à campanha pela federação das Províncias.

Na eleição presidida pelo Ministério Ouro Prêto, foi reeleito deputado, não tomando posse pelo advento da República.

Seu real prestígio, decorrente não das posições mas da estima popular, mandou-o à Constituinte, à sua revelia e em conseqüência das mais vivas demonstrações do eleitorado. Primeiro Secretário do Congresso Constituinte, os Anais guardam memória de sua ação infatigável e moderadora naqueles meses de incerteza e insegurança. Votada a Constituição e passando o Congresso a funcionar separadamente, foi Mata Machado eleito presidente da Câmara. Em 1894 foi excluído da chapa oficial, e reeleito pelo povo sem ter sido candidato. Desempenhando tal mandato, veio a morte colhê-lo, em Belo Horizonte, no dia 6 de fevereiro de 1901.

O CENTENARIO DE JOAO DA MATA MACHADO

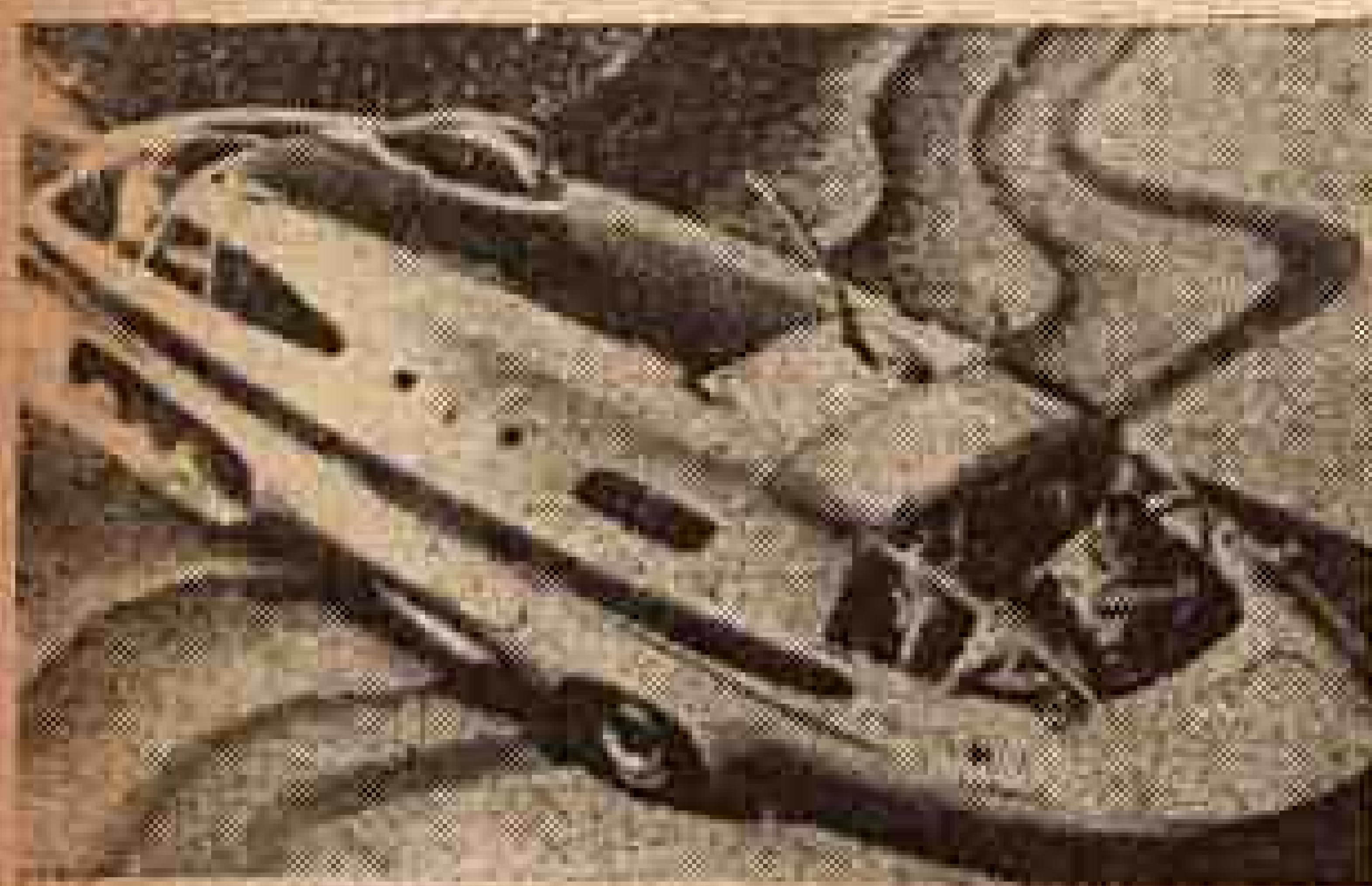
Em 14 de novembro de 1950 foi comemorado o centenário do nascimento do Conselheiro João da Mata Machado, que no Segundo Reinado e nos primeiros anos da República teve destacada atuação política no país.

Na sua geração acadêmica teve a seu lado Lopes Trovão, Ramiro Barcelos e outros. Dotado de espírito universitário, Mata Machado participou com brilho e entusiasmo da Liga Escolástica, que visava a união de todos os acadêmicos, sendo eleito seu presidente, tendo então, como concorrente Joaquim Murtinho, já então lente da Escola de Engenharia e estudante do 3.º ano médico.

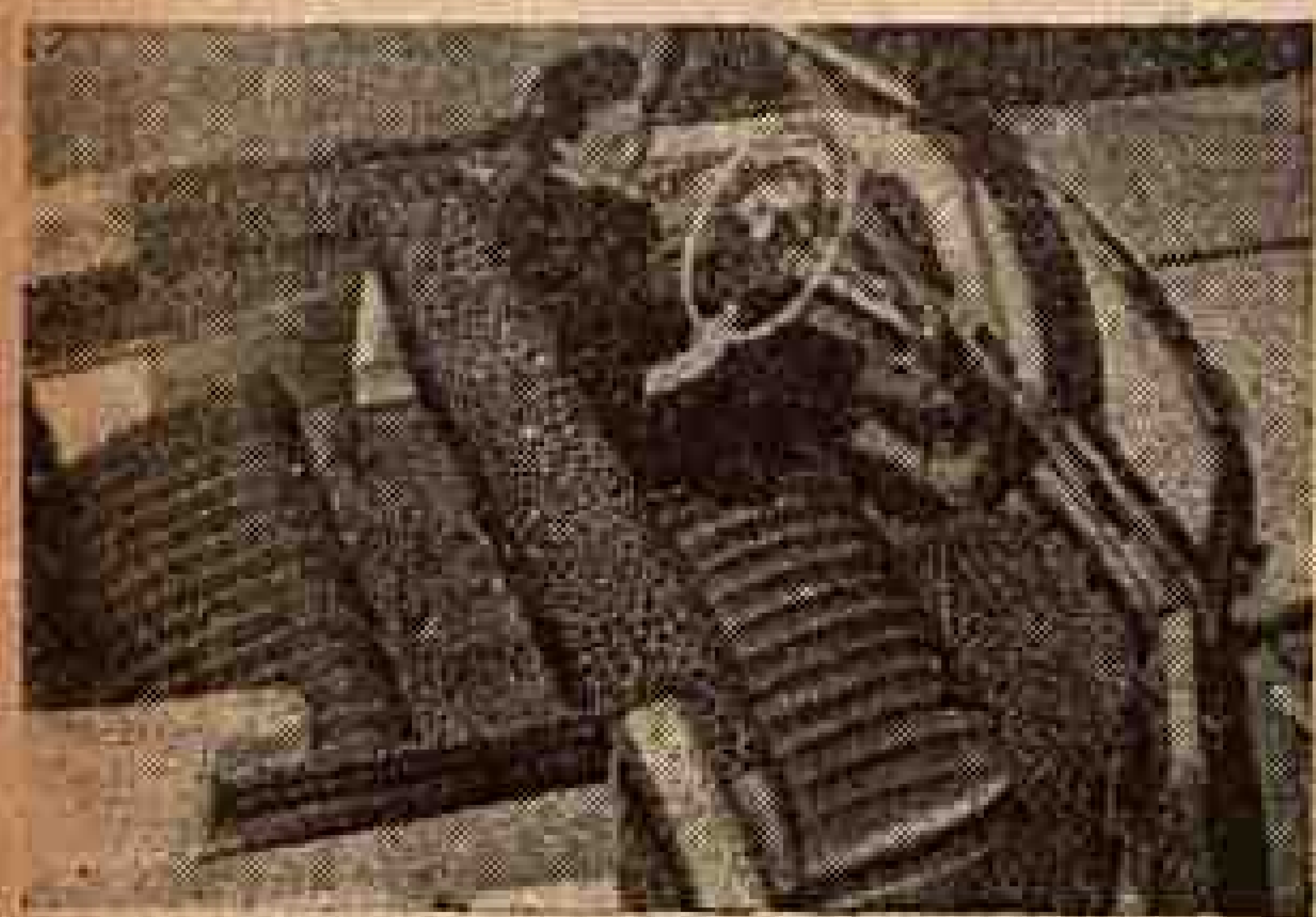
Concluiu o curso de Medicina e fixou-se em Diamantina, iniciando sua clínica. Foi provedor do Hospital Santa Isabel, presidente



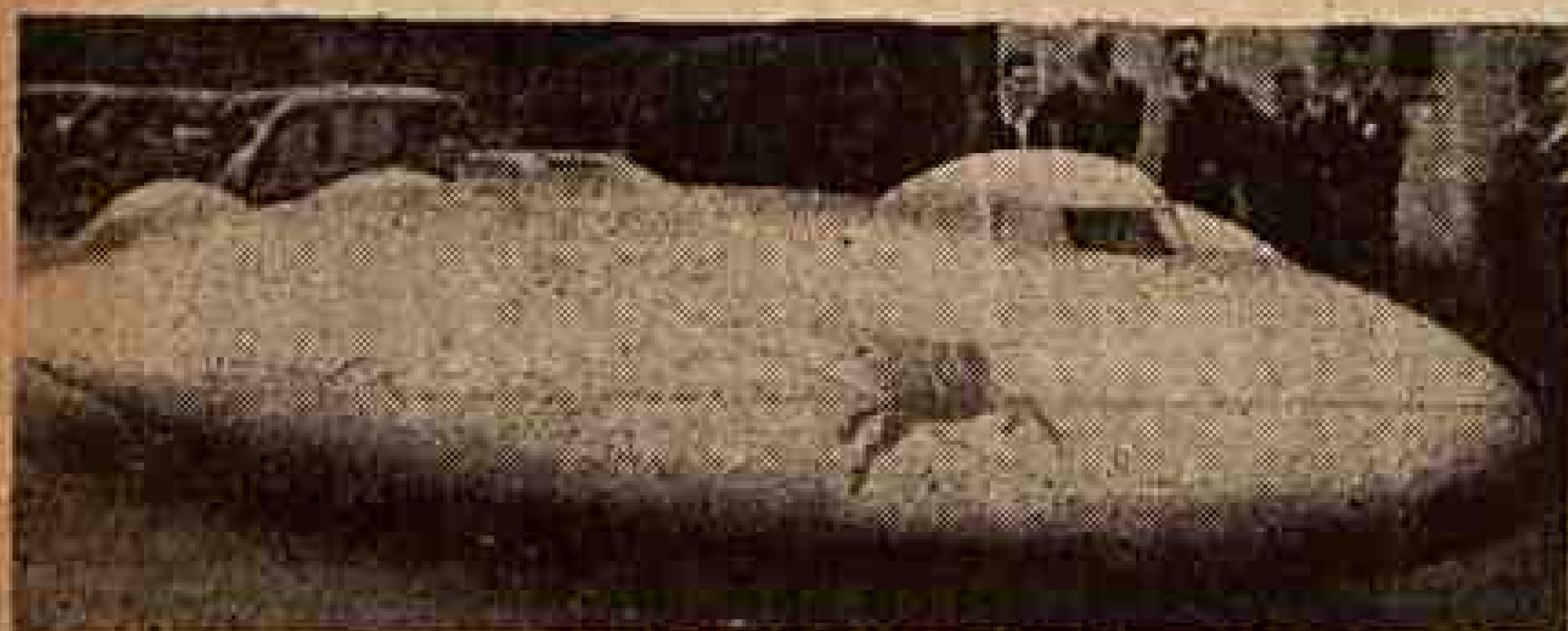
A General Motors estuda êsse modêlo (O Sabre). Tem as dimensões de um "buick"... mas com trezentos cavalos e duzentos e quarenta horários!



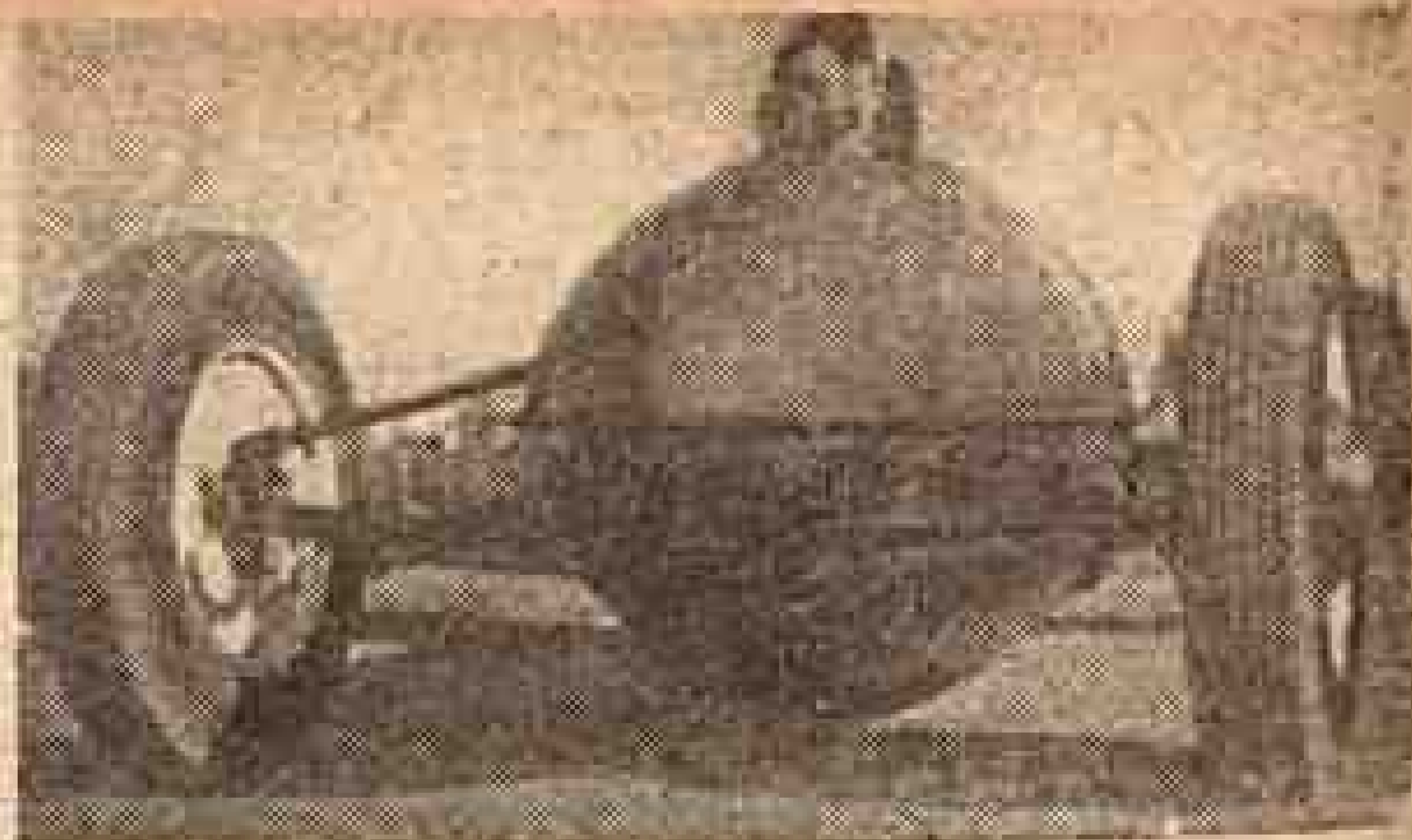
O engenheiro Radebaugh prediz para 1952 um veículo anfíbio.



Mais que nunca, nos automóveis modernos, a capota, as portas, todos os acessórios são animados por sistemas de botões.



A aerodinâmica, nascida dêsses veículos de grande fôrça, permitirá melhorar os recordes atuais.



O motor a reação, aliado ao pequeno volume e à grande fôrça, produzirá veículos de esporte verdadeiramente extraordinários.

TODOS OS AUTOMÓVEIS DE 1951 ESTÃO FORA DE MODA

OS VEÍCULOS DE 1952, 53, 54, 55 SERÃO DIRIGIDOS COM UM SÓ DEDO...

TODOS anseiam por conseguir um automóvel do tipo 1951. Alguns chegam a recear não conseguir um veículo nem sequer em 1952, mesmo pagando os «lucros» desejados pelos revendedores... Mas, para êsses aqui vai um aviso: qualquer que seja o automóvel que possa conseguir hoje, êle estará inteiramente fora de moda, em três anos, e muito mais do que estariam os automóveis antigos ao fim do dôbro dêsse tempo ou mesmo em quinze anos!

★

Porque o automóvel a jato está prestes a chegar! — O motor dêsse novo tipo de automóvel será tão pequeno e de fácil manejo, que deixará maior espaço para os ocupantes e poderá ser manejado com um simples botão ou uma só alavanca!

O veículo, logo após iniciar a marcha será considerado «quente», não necessitando que se aguarde que o motor «ganhe fôrça». Será como um bonde ou trem elétricos. Uma simples alavanca entre as pontas dos dedos, um freio sob o pé... e pronto! Nada de mudanças ou de debreagens!

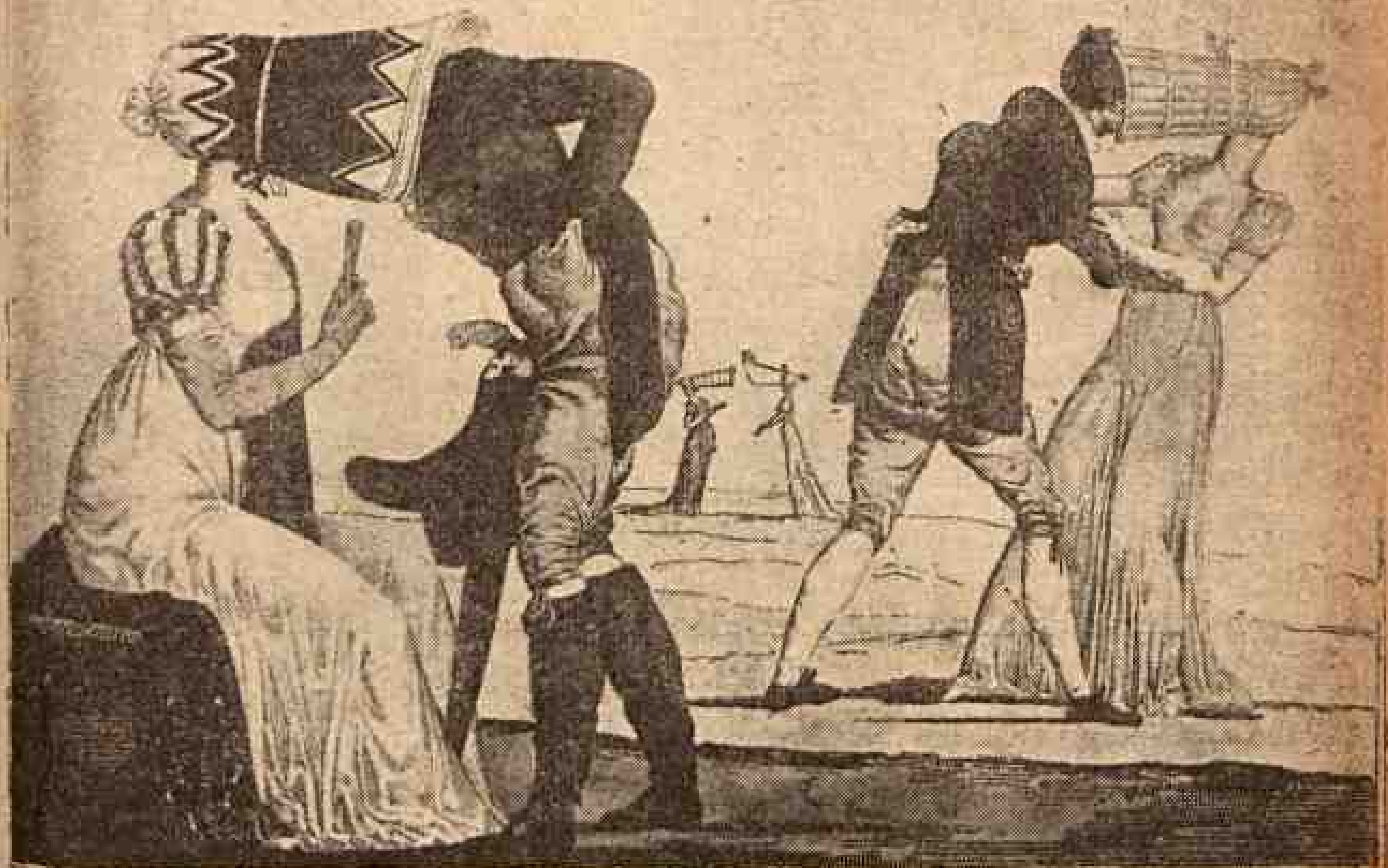
Os veículos serão ainda mais baixos e tudo funcionará com o simples calcar de um botão. A própria direção será coisa fácil. O complicado será o suspender e descer uma capota, o abrir uma porta, pois tudo terá o seu botão próprio... que o passageiro calcará no devido tempo...

★

A grande vantagem do motor a reação, será não gastar gasolina, que, até hoje, de vez em quando, ameaça faltar. Outra vantagem será a dos novatos, que receiam dirigir, por achar coisa difícil. De ora em diante haverá apenas um volante, uma alavanca e um pedal... O automóvel atômico, que teria um pêso proibitivo, mesmo que o átomo pudesse desenvolver as fracas fôrças utilizáveis no automóvel, permanece ainda como um sonho.

Tudo está em que o motor a reação atinja na América o mesmo desenvolvimento alcançado na Inglaterra, pois essas turbinas, girando a 36.000 voltas, em temperatura de 1.000 graus, exigem metais maravilhosos, que os inglêses possuem, mas os outros ainda não têm.

E' pois, apenas, uma questão de química e de metalurgia. Prepare-se o leitor, portanto, para considerar, dentro de pouco tempo... os atuais automóveis como mais ridículos que o «phaeton» da vovó...



Na "Restauração" as capelinas se encompridaram facilitando, segundo as caricaturas, os "tête-a-tête" aproximados. (Plancha do "Supremo Bem Ton" especializada na estampa satírica da elegância da época).

CARICOSTURA

UM SÉCULO E MEIO DE CARICATURAS DE MODAS

A caricatura da moda feminina parece ser de origem inglêsa (como a elegância masculina). Há nessa nação insular uma amarga energia — e talvez uma misoginia sombria que não podem capitular.

Foi necessário, realmente, não sabemos que morno azedume, para pensar em ampliar, até ao enorme os inocentes atributos da toilette feminina; e jamais teríamos pensado nisso sem o exemplo dos Inglêses.

★

Essas curiosas gravuras ridicularizando as perucas monumentais das elegantes Francesas de 1770 e 1775, são pròvàvelmente inglêsas. Reproduzidas em França, circulavam até à Alemanha, para zombar cruelmente dos costumes franceses. Mas a verdade é que, zombando das elegantes Francesas, as Inglêsas e as Alemãs as invejavam... e mesmo tentavam imitar o que vestiam e usavam. Jamais a influência francesa foi tão geral na Europa como no século XVIII, em que Frederico construía um pequeno Versailles em Sans Souci, e onde Catarina II se correspondia com Diderot.

1815 — eis a época das célebres "planches" de Carle Vernet,



Aperta mais um pouquinho — ordena a gorda Inglêsa, vítima do terrível lápis de Rowlandson, em 1790. Há realmente ferocidade na sátira implacável dêsse verdadeiro fundador da caricatura.

"Os Aliados em Paris", mostram os vestuários pitorescos e espalhafatosos de côres e bordados dos oficiais de todos os exércitos da Europa, de envolto com os robes brancos, guarnecidos de flores das elegantes da Restauração. Houve então, para as mulheres, um luxo extraordinário de agasalhos e principalmente de chapéus, que se alongavam diante do rosto, formando uma espécie de corredor de palha de Itália ou em pelúcia de sêda, que encontramos ampliados desmesuradamente nas caricaturas da época.

★

Os Garvarni, os Devéria teriam sido incapazes da severidade de seus colegas britânicos; e o humor, aqui, não chega para explicar tudo. Os artistas parisienses vêem realmente a cegueira dessas criaturinhas que não recuam ante a ameaça de enfear, a pretexto de obedecer às exigências da moda. Mas vêem também, além do vestuário, a graça inapagável daquela que o apresenta. E ficam tão encantados que não se lembram de ser irreverentes.

A partir de 1850, mudança radical: a primazia na caricatura de modas para a França; o porte-

A PRIMEIRA DO "BARBEIRO DE SEVILHA" NARRADA PELO PRÓPRIO ROSSINI

ROSSINI, que até aos derradeiros anos da sua existência conservou o espírito cáustico e vivaz que o caracterizava, aproveitou-se algumas vêzes da circunstância pouco vulgar de ter nascido a 29 de fevereiro, para tirar um certo partido humorístico do caso. Quando, já velho, alguém lhe perguntava a idade, o grande compositor tomava ares ingênuos e dizia:

— Ora! Sou ainda muito moço. Imagine que só quatorze vêzes tem passado o meu aniversário!

Julgamos curioso reproduzir, aqui, uma interessante página em que o próprio Rossini descreve o que se passou na noite de 26 de dezembro de 1816, quando no teatro Argentina, de Roma, se cantou pela primeira vez o «Barbeiro de Sevilha».

Ninguém ignora que essa «première» foi um dos maiores **fiascos** de que há memória, mas o que talvez muita gente não saiba é a infinidade de circunstâncias que concorreram para aquêle desastre memorável.

E nada mais sugestivo para a descrição daquela noite terrível do que o segundo artigo escrito quarenta e seis anos mais tarde pelo próprio Rossini, depois de haver conquistado um lugar supremo entre as maiores celebridades do século XIX.

Ouçamos, pois, a interessante narrativa:

«Ah! que gritaria houve naquela noite! Parecia que o teatro Argentina desabava com os assobios e os berros do público romano.

Lembro-me ainda como se fôsse ontem!... E' sabido que nos teatros italianos, o compositor da ópera deve dirigir a orquestra nas três primeiras representações. Ao subir o pano, já eu estava no meu pôsto.

Mas não antecipemos os acontecimentos, porque, de certo, não dariam começo sem que eu entrasse na sala.

Devo confessar que tinha a convicção de não haver feito uma partitura muito má e contava com um triunfo. Sabia também que uma parte do público, os velhos **dilettanti**, não via bem a audácia de um jovem que ousasse pôr de novo em música um libreto tratado por Paisiello; e Deus sabe com que sacrifício o fiz, cheio de admiração pelo velho mestre, e pouco confiado no meu próprio engenho.

Mas o diretor tinha imposto êsse libreto; e o mais que pude conseguir foi que, em relação à partitura de Paisiello, se transformasse um terceto num dueto, um quarteto numa ária, etc.. A **calúnia** era o único trecho impossível de evitar.

Demais, mau grado as minhas reiteradas instâncias, o autor do libreto, sem se importar com Beaumarchais, inventara uma troca contiuada de bilhetes entre Figaro e Rosina. Depois de várias discussões, o poeta cedeu um pouco, mas restavam ainda três ou quatro bilhetes trocados entre o barítono e a dama, episódio que devia talvez dar que falar ao público da **première**.

Tôdas estas circunstâncias presagiavam, pois, um momento decisivo na minha carreira, e por isso tive o maior cuidado em preparar-me para comparecer ante a terrível assembléia.

Tinha mandado fazer uma casaca côr de avelã com botões de ouro, que me devia estar à maravilha, segundo a opinião do meu alfaiate. Desgraçadamente o público do Argentina não foi da mesma opinião, e a minha presença na orquestra despertou a hilaridade unânime dos meus juízes. As graçolas choviam de todos os lados a propósito da minha



O penteado é francês, embora a cena seja londrina. Os caricaturistas inglêses zombavam das loucuras francesas. Mas, com espírito, os franceses de 1770 reproduziam em seus jornais as sátiras dos vizinhos.

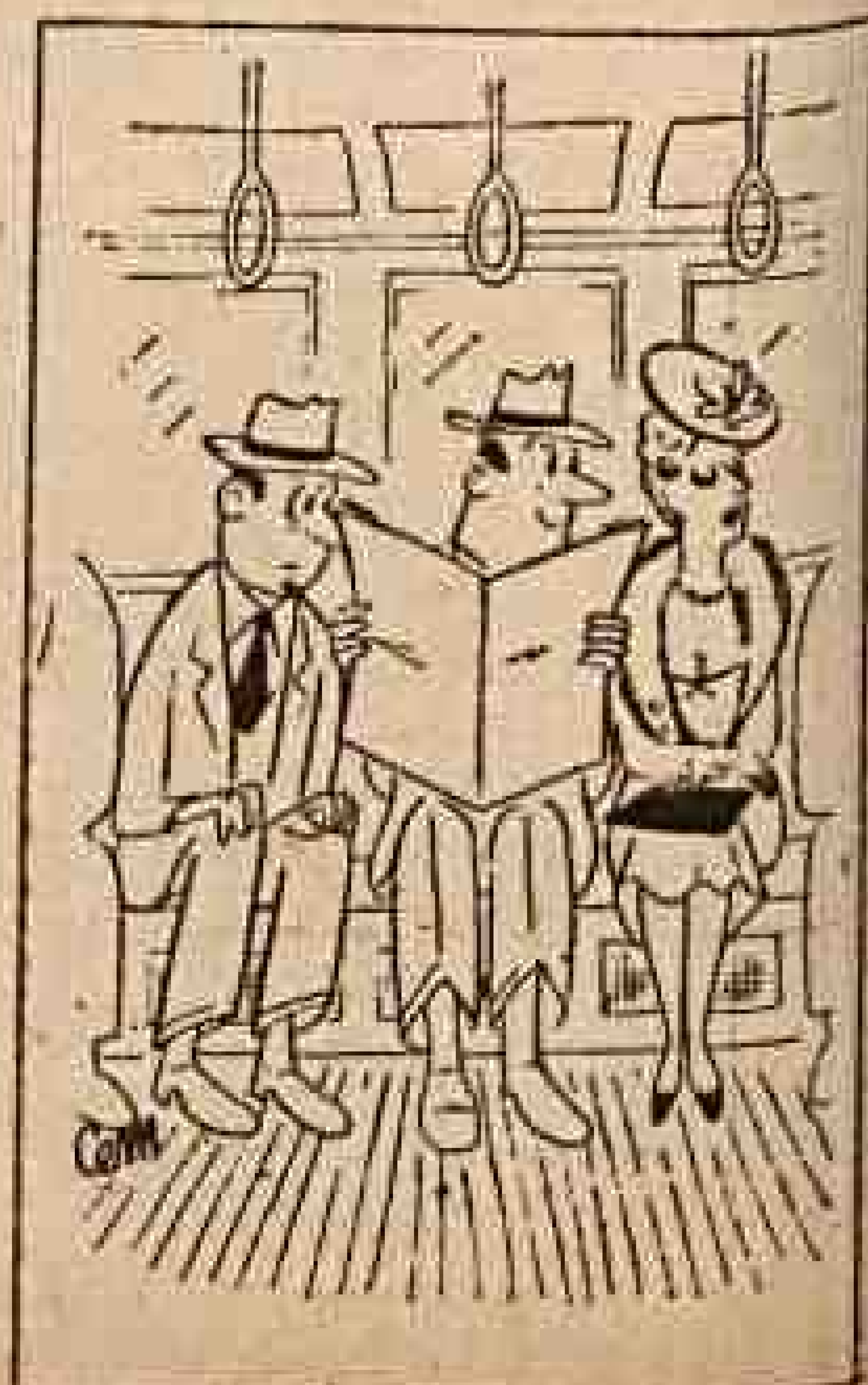
fusain agressivo passa para a mão dos artistas parisienses.

E' preciso criticar (e mesmo agredir, como faziam os Inglêses) a amável inconseqüência feminina... amar as mulheres. E Honoré Daumier, por maior que tenha sido — salvo as mulheres do povo, as trágicas desdentadas e as mulherzinhas disformes dos banhos públicos — não parece ter sido lá muito impressionado pelo eterno feminino. Não há, talvez, em tôda a sua obra, uma só mulher desenhada com verdadeiro amor, excetuando-se a Repúbli-

OS CAMPEÕES DO ANO



EIS «MISS ERA ATÔMICA» — Eleita nos Estados Unidos. Um dos juízes aplica-lhe um medidor de radiações.



ca. Seu contemporâneo, Gavarini, longe de atingir o seu gênio, vence-o neste empenho.

★

Entre 1900 e a guerra de 1914, surge Sem. Homenzinho de aparência simiesca, filho de modesto vendeiro da província, chega a Paris armado de seu porte-fusain, para ali encetar espantosa carreira. Preferiu estudar a sociedade aristocrática parisiense, próxima do declínio; ela subsiste, hoje, sòmente nos seus crayons.

★

De 1900 a 1914, durante 15 anos, Sem compareceu às corridas em



1900 — Sem, o famoso caricaturista de Monte Carlo e dos hipódromos, assim via as elegantes nas Corridas. Hoje é impossível dar um nome a essas figuras outrora célebres em tôda a Europa.

roupa e naturalmente o possuidor de uma casaca que tanto desagradava ao público devia ser por êle considerado um estúpido e um ignorante.

E foi com essa impressão deveras excitada, que começou a sinfonia.

Ao levantar o pano, qualquer movimento que eu fizesse desafiava logo as risadinhas provocadas pela maldita côr da roupa.

Os cantores não compreendendo o motivo de tal acolhimento, perderam a cabeça e nesta bela disposição de espírito se deu comêço ao primeiro ato.



Tôdas as desgraças, tôdas as fatalidades deviam cair sôbre mim nessa noite e estou certo de que ninguém ainda passou por tamanha desdita. Gaccia desempenhava a parte de Almaviva. Na sua qualidade de espanhol, sabendo tocar bandolim como qualquer amante no tempo de Isabel, êle mesmo se acompanhava neste instrumento.

Mas ai! querendo dominar o tumulto e fazendo brilhar demasiado o seu **ritornello**, deu um **acorde** com tôda a fôrça e quebrou de um golpe tôdas as cordas do instrumento. Redobraram então as gargalhadas. Eu não tinha ali sequer um piano para lhe acudir; em vão fiz sinal ao **violoncelo** para que improvisasse um arpejo em **pizicato**... o **violencelo** olhava para mim estùpidamente, sem nada compreender.

Furioso com a injustiça do público comecei eu próprio a aplaudir os cantores no meio da algazarra infernal.

— Olhem o casaca de avelã a fazer pouco de nós! — diziam agora os espectadores, desesperados com a minha audácia. O vozerio tornava-se medonho, assustador. Ainda assim contava com a aparição de **Don Basílio** para fazer entrar na ordem o meu público; o ator devia andar bem e a parte tinha uma certa originalidade.

Mas, oh! desventura! Recordo-me ainda daquela famosa entrada.

Basílio não olha para diante de si quando sai dos bastidores, tropeça numa prancha, e (catrapuz!) vem esborrachar o nariz em cena, com uma queda formidável. A maioria do público nada percebe desta entrada de **Don Basílio**, imagina que é do **libreto**, e invectiva o mau gôsto da facecia; outros, que compreenderam o acidente, riem desabaladamente do desgraçado cantor.

A ária da calúnia foi cantada entre borbotões de sangue que saíam pelo nariz e que o artista ia enxugando com o lenço. Basílio havia ficado com a cara como um bôlo.

Mas não tinham ainda terminado as minhas atribulações; e quando, deixando de rir e de interromper o espetáculo, o público parecia disposto a ouvir alguma coisa e a não mais pensar na côr ou no feitio da minha casaca, um deplorável incidente surge de novo. No princípio do segundo ato, um gato sai dos bastidores, avança, impávido, até à ribalta e põe-se a observar a sala com curiosidade.

Então tôda a platéia chama pelo gato, todos **miam** como o gato e o animalejo está cada vez mais intrigado. **Don Basílio** atira-lhe um pontapé que o faz ir parar ao outro extremo do teatro. O gato, assanhando-se, vem numa correria pela cena, passa por entre as pernas de tôda a gente, fazendo, uma ginástica desesperada.

Rosina foge para um lado, Berta para o outro; e quando a desaparição do gato parecia consentir que eu dispusesse as minhas tropas, uma nova corrida furibunda do animal vem despertar o tumulto e a gritaria na sala. Perseguido dos bastidores, o gato entrava novamente em cena e o pano caía no final da ópera ao som da um **charivari** ensurdecedor. E' necessário ter sido autor e estar exposto três longas horas

OS NOMES DO ANO



SUCESSORES — Gustavo VI, recentemente coroado rei da Suécia, após a morte de seu pai, tem ao colo seu neto, Carlos Gustavo, no castelo real de Estocolmo.

Armenonville, em Monte-Carlo, em Deauville, seguindo passo a passo seus modelos favoritos, suas constantes vítimas. As celebridades do prado de corridas, da Hípica, do Jockey, do tapête verde e do pavilhão onde se janta, lá estão nesses álbuns em que vemos reviver uma época desaparecida, já é hoje difícil dar nomes a todos êsses rostos outrora conhecidos da Europa inteira. Amanhã serão para os nossos descendentes figuras tão incompreensíveis, tão heteróclitas como os pterodáctilos e os diplódocos do mundo jurássico, na era secundária do globo....

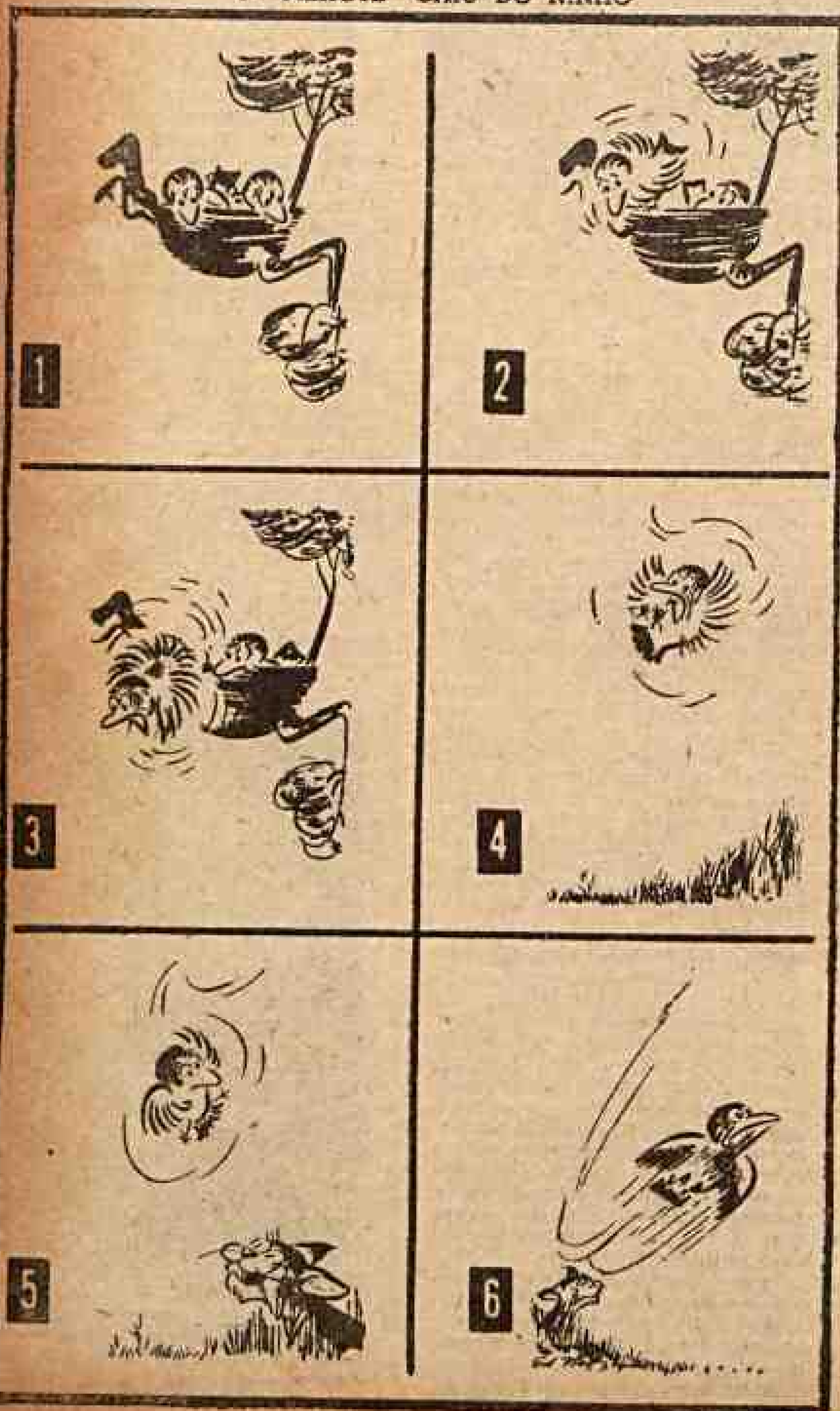
Depois, pouco antes da guerra de 1914, apareceu o álbum "Robes e Femmes", do pintor italiano Enrico Sachetti, que, ridicularizando os "atoica", as cauda em serpentina, as saias duplas, da moda e as elegantes que freqüentavam o Lírico, a Maison Moderne, o Derby, o tapête verde do antigo Jocyek,



1856 — *Eis a vasta crinolina do Segundo Império exageradamente aumentada e emposizada. Litografia de Honoré Daumier da série "Crinolinas".*

a rua do Ouvidor, a Pascoal e a Colombo, a Renaissence e as duas Alvear. Seth, J. Carlos, e Kalisto perpetuaram essas figuras deliciosas que não perdiam um tiquinho de formosura e de graça, mesmo quando levavam ao exagêro os imperativos da Moda.

O "FILHOTE" CAIU DO NINHO



a esta tortura, para compreender tais sofrimentos!

Saí meio louco daquela sala, apertando a cabeça entre as mãos, aturdido com tamanha algazarra.

Corri espavorido pelas ruas tortuosas de Roma, e, já chegado a uma das pequenas vielas silenciosas que conduzem da praça Colonna ao palácio Borghese, defronte do qual eu morava, parecia-me ainda ouvir distintamente os assobios e a vozearia do teatro Argentina.

O dia seguinte foi empregado em esforços generosos da parte de alguns dos meus amigos. Procurou-se acalmar a hostilidade do público e tomaram-se tôdas as medidas para obter uma audição imparcial.

À hora do espetáculo, não obstante o aviso do diretor, eu não apareci no teatro. Deixei-me estar na cama, com a cabeça entre os cobertores, bem ao abrigo de assobios e de graçolas e resolvido a não sair dali.

O diretor mandou que me chamassem a tôda pressa; respondi que se podia representar a ópera sem mim e que não iria.

No fim da noite comecei a ouvir um pequeno rumor cada vez mais distinto, e que veio sobressaltar-me o sono de que tanto necessitava. Um grande clarão projetava os seus raios nas paredes do

(Cont. a pág. 183).



JUDY HOLLIDAY — "A Melhor Atriz do Ano", segundo a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, pelo seu papel em "Nascida Ontem"

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

SOCIEDADE ANÔNIMA
ALFANDEGA, 50
RIO

Apresenta a seus amigos e clientes sinceros votos de Feliz Natal e próspero Ano Novo.

Dezembro, 1951.

1951 1952

Cafsa RIO

(Continuação da página 180)

meu quarto, e, o meu nome, repetido em altos gritos, vem recordar ao meu espírito, um tanto abatido, os dolorosos acontecimentos da véspera.

— Desgraçados! — exclamei, resolvido a afrontá-los. — Que mais querem de mim?

Sentindo passos tumultuosos pela escada, gritei para o dono da casa que corresse os ferrolhos e chamasse por socorro. As vozes bem conhecidas de alguns amigos arrancaram-me, não sem custo, a êste pesadelo.

Gritavam! **Viva Rossini!** agitando os archotes. Passando então do terror para a mais viva alegria, apressava-me a abrir a porta quando o meu olhar se fixou por acaso na casaca côr de avelã, que estava pendurada no cabide do meu quarto.

A sua vista tôdas as lembranças dolorosas da véspera vieram tumultuosas ao meu espírito e ocultei de novo a cabeça entre a roupa da cama. Foi necessária grande insistência da parte dos meus amigos para me decidir a segui-los ao teatro Argentina, onde me esperava uma grande ovação que foi o melhor lenitivo para o meu amor próprio tão abalado».

Já decorreram 135 anos sôbre os acontecimentos tão vivamente descritos pelo maestro e ainda o seu **Barbeiro de Sevilha** é uma das partituras mais graciosas e cheias de **verve** que atravessam os repertórios líricos.



A espiga de milho tem um número par ou impar de grãos? — *(Resposta na página 189).*

★

Não devemos julgar os homens como julgamos um quadro ou uma figura qualquer, isto é, à primeira vista. Existe alguma coisa íntima e também um coração, que devemos conhecer profundamente: ou o véu da modéstia cobre o mérito ou a máscara da hipocrisia oculta a maldade. — *La Bruyère.*

UMA VELHA PORCELANA CHINESA

Por WILL DURANT — *Filósofo e Escritor*

«Quando o Príncipe é Príncipe e o Ministro é Ministro mesmo; Quando o pai é pai e o filho, filho mesmo, o povo também governa».

KONG-Fu-Tze-Kong, o Mestre, como o chamavam os seus discípulos, nasceu em Chufu, no então Principado de Lu (incluído hoje na província de Chentong), no ano 551, antes de Cristo. A lenda chinesa fala de **aparições que anunciaram à sua jovem mãe o advento do filho ilegítimo, e de fadas que espargiam perfumes à hora do seu nascimento** e que suas costas **recordavam o corpo de um dragão** e, ainda, que **tinha lábios de boi** e a sua bôca era **imensa e profunda.**



Confúcio não era belo. Aqui temos um retrato seu extraído de velha e sedutora gravura

Sua progênie era a mais antiga da China, pois (segundo afirmam orientais genealogias) descendia em linha reta do grande Imperador Huan Ti, e seria tronco de uma longa sucessão de Kongs, que não foi interrompida até hoje. Há um século, seus descendentes varões somavam 11.000, e a cidade em que nasceu está habitada quase exclusivamente por descentes seus.

Quando Kong veio ao mundo, seu pai contava já 70 anos. Morreu êste quando o menino tinha apenas três anos. Confúcio (que é a versão portuguêsa do seu nome) trabalhava nas horas que os seus estudos lhe deixavam livres, para ajudar a alimentação e o confôrto de sua mãe; talvez tenha sido daí que adquiriu gravidade de homem idoso, e que caracterizaria cada um dos seus atos. Apesar disso, pôde arranjar tempo para adestrar-se no manejo do arco e progredir na arte musical. A esta última dedicou-se de tal modo que uma vez, como resultado da emoção profunda que lhe causou ouvir uma composição delicadíssima, repudiou a carne, fazendo-se vegetariano por três meses. Quanto à incompatibilidade que Nietzsche pretende ter encontrado entre a filosofia e o matrimônio, o sábio oriental não se deixou prender imediatamente a ela, pois casou aos 19 anos... mas divorciou aos 23 e não tornou a escolher espôsa!

Aos 22 iniciou sua carreira de professor e sua escola era em seu próprio lar. Cobrava a seus discípulos quantias insignificantes, de acôrdo com os recursos dos mesmos, em geral gente pobre. A princípio o número de alunos era exíguo, porém logo correu a notícia de que por trás daquela beiçorra de boi e daquela bôca profunda como o mar havia um coração bondoso e um cérebro rico em saber. Ao final da sua carreira, o mestre havia espalhado seus ensinamentos por uns 3.000 moços, que de sua escola saíram para ocupar importantes posições no mundo. Os estudantes preguiçosos se afastavam dêle, ou êle os afastava com despiedosa severidade, pois não suportava ensinar a vadios.

«Difícil é a vida — comentava — de quem há de passar os dias apenas enchendo o ventre de comida, sem aplicar a mente a alguma coisa... Na juventude há de lhe faltar a humildade que convém ao moço; na madureza, não realizará coisa digna de transmitir a seus descendentes; e, se chegar à velhice, será uma calamidade!»

Figura singularíssima deve ter si-

FOTO CRIME — POR AUSTIN RIPLEY — DE UM FILME



Ken Cody chega à casa de suas primas, Sue e Adele Jordan, depois de haver roubado, de um banco, 45 mil dólares em dinheiro. Diz a elas, porém, que viajara pelo Brasil, a negócios e que de lá retornava para repousar em Nova York. Acrescenta que não tivera tempo de levar dinheiro para o banco, por ter chegado muito tarde, em avião. Pede-lhes a seguir que desçam, a fim de preparar qualquer coisa para comer, pois tem fome.



Elas assim fazem e enquanto esperam que o primo desça,, para jantar, Adele liga o rádio e ouve a descrição de um temível salteador que roubara 45 mil dólares, a um banco. — «Pelas indicações parece tratar-se de Cody!» — diz Adele repentinamente; e a seguir propõe a Sue um plano. Cody não poderá escapar à polícia... porém elas poderão ficar com o dinheiro.. Sue reluta um pouco mas afinal concorda em ajudá-la no crime.

---

do a de Confúcio, quando passava por seus aposentos, ou pelas estradas, ensinando a seus discípulos história e poesia, bons modos e filosofia. Os retratos que dêle nos legaram os pintores chineses o mostram em seus derradeiros anos. A cabeça, calva quase completa, resplandece com a luz da experiência, o seu rosto, de aterradora seriedade, não permite suspeitar que tivesse seus momentos de alegria e ternura, nem a profundeza da sua sensibilidade estética, que o tornava humano, não obstante a insuportável perfeição que lograra em tudo.



Amo[illegible] extrema: Wu Mang de-me sem proteger o corpo contra os mosquitos, para que êstes não perturbem o sono de seus velhos pais.

A lenda concede à sua figura «49 notáveis peculiaridades». Uma ocasião em que, acidentalmente, ficou separado de seus discípulos, numa de suas peregrinações, êstes puderam conhecer depressa o seu paradeiro, ao serem informados por um viajante **«que havia encontrado um homem monstruoso e com a desolada aparência de um cão perdido».**

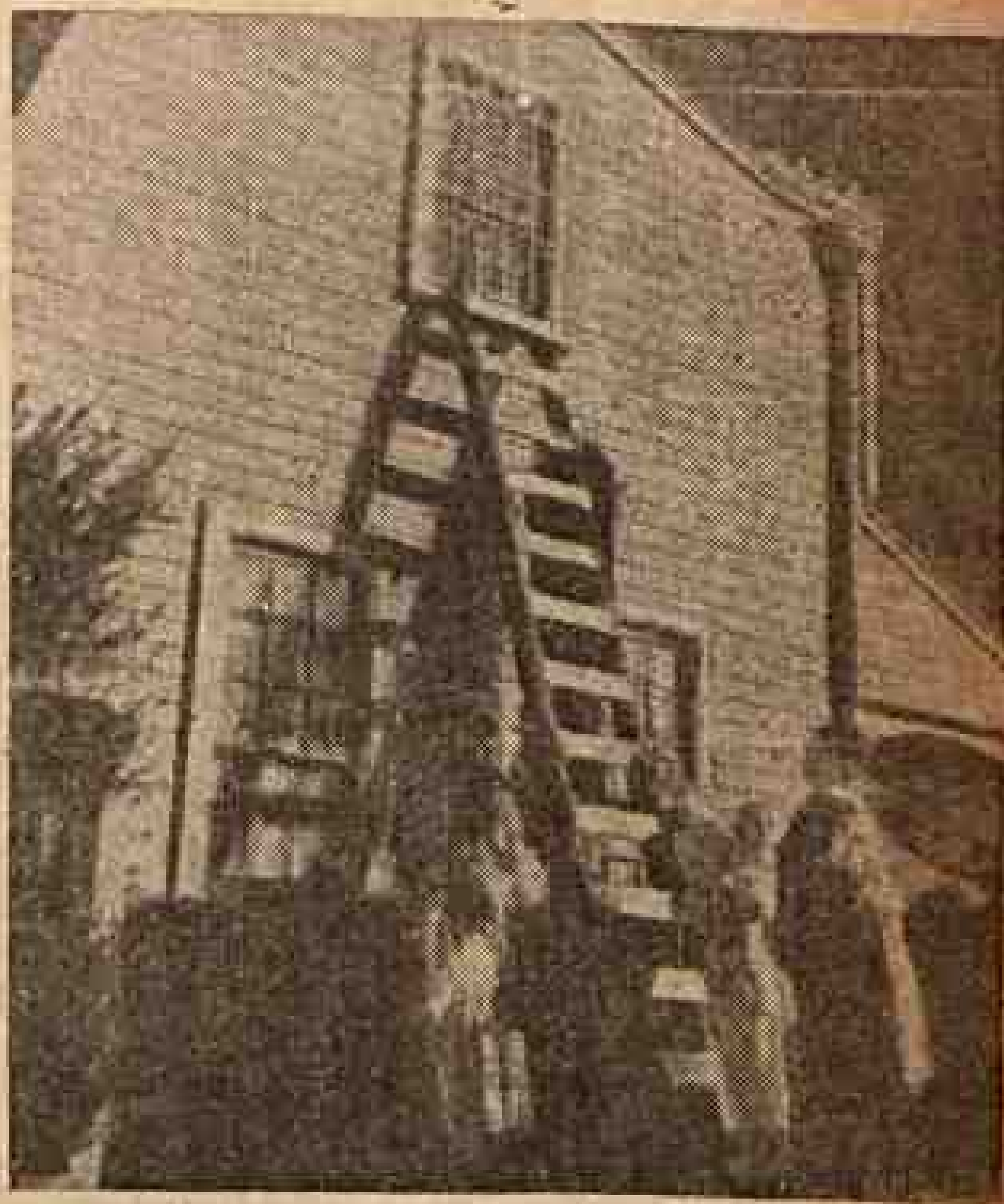
A seus discípulos, ensinava, antes de tudo, que o caráter é a base da civilização. O caos de sua época lhe parecia um caos moral, talvez originado pelo enfraquecimento da antiga fé e pela difusão de um ceticismo intelectual em relação com o bem e o mal. E não poderia ser remediado senão mediante uma busca diligente e séria de conhecimentos mais completos e uma regeneração moral baseada em uma vida de família, santamente governada. Seu plano de redenção está redigido em forma sentenciosa e profunda, nos parágrafos quarto e quinto da Grande Ciência:

«Os antigos, que desejavam desenvolver a mais alta virtude no império inteiro, pretendiam antes de tudo bem governar os seus reinos; os que desejavam governar bem os seus reinos procuravam antes de tudo pôr em boa ordem as suas famílias; os que desejavam pôr em boa ordem as suas famílias, procuravam antes de tudo corrigir a si próprios, procuravam antes de tudo salvar a alma; os que desejavam salvar a alma, procuravam antes de tudo ter intenções puras e sinceras; os que isto desejavam cuidavam, acima de tudo, de aperfeiçoar o mais possível o conhecimento da moral, que consiste em penetrar e aprofundar os princípios das ações.

Conhecidos os princípios das ações, lograram aperfeiçoar seu conhecimento da moral; aperfeiçoado êsse conhecimento, as suas intenções se purificaram e se fizeram sinceras; sendo sinceras e puras as suas intenções, por sua vez a alma, se fêz perfeita; tendo assim a alma, trataram de corrigir a si próprios; assim corri-

INTERPRETADO POR CESAR ROMERO INTITULADO **"MURDER IN DISGUISE"**





Tarde da noite, Adele chama o inspetor Hannibal Cobb à sua residência. Ali as duas irmãs, aos gritos e em prantos dizem ao detective que Cody fôra assassinado. Cobb examina o corpo e encontra, de fato, duas cápsulas deflagradas sôbre o tapête do quarto. «Êle devia estar dormindo — informa Sue — Lá pelas duas horas da madrugada um homem chegou à porta e perguntou por Cody. Disse-lhe que Cody dormia e êle se retirou. Assim pensei eu...

— «Meia hora depois — continuou Adele — ouvimos dois tiros. Corremos ao quarto de Cody e o encontramos morto!» Cobb examina a escada que ficara encostada à janela de Cody. — «Foi assim que o ladrão subiu!» — disse Sue. E Cobb perguntou: «Vocês não tocaram em nada?» Adele respondeu: «Apenas fechamos a janelas. Então o detective anunciou: «Vocês estão presas por assasinato!» Que provas tinha êle? (Vejam a página seguinte).

gidos, puseram em ordem a família; posta em boa ordem a família, seus Estados foram bem governados; bem governado a êstes, houve tranqüilidade e felicidade no império inteiro.»

Tal é a chave e a substância da filosofia de Confúcio; é possivel alguém esquecer tôdas as demais palavras do Mestre e de seus discípulos e, não obstante, conservar com estas a «essência do assunto», e uma guia completa da vida!

De fato, Confúcio disse: o mundo está em guerra porque os Estados que o integram estão mal governados; estão mal governados porque não há uma legislação capaz de substituir a ordem social natural que nos é oferecida pela família; a família está em desordem e fracassa em estabelecer esta ordem social natural porque os homens esquecem que não podem pôr em boa ordem suas famílias se não se corrigem a si próprios; e fracassam em corrigir-se a si mesmos porque não inteiriçam suas almas — isto é: não limpam o coração de desordenados desejos; suas almas não se inteiriçam porque suas intenções não são puras nem sinceras; fazem escassa justiça à realidade e ocultam, em lugar de revelar, suas próprias idiosincrasias; suas intenções não são puras nem sinceras porque permitem que seus desejos deformem os fatos e fixem suas conclusões, em lugar de procurar aperfeiçoar, quanto mais possam, o conhecimento da moral, mediante uma investigação imparcial dos princípios das ações. Que os homens procurem obter conhecimentos imparciais e suas intenções se farão puras e sinceras; que suas intenções sejam puras e sinceras e seu coração estará limpo de desordens e desejos; que limpem assim o coração e depressa corrigirão a si mesmos; depois de assim corrigir a si próprios lograrão, como conseqüência imediata, por boa ordem em suas famílias — não com prédicas de virtude, nem com apaixonados castigos, **mas pela fôrça silenciosa do exemplo;** que a família se governa com sabedoria, sinceridade e exemplo e terá essa espontânea ordem social que tornará possível, uma vez mais, um bom govêrno; que o Estado mantenha a justiça e a tranqüilidade internas e todo o mundo desfrutará de paz e de felicidade.

Conselho à base de perfeição é êste, que esquece as humanas in-



...E ... finge estar ... em seu primeiro ... cio para evitar que seus pais percebam que

FRANZ LISZT aos 20 anos (1832)

Arquivo da Biblioteca do Teatro Nacional da Ópera.



COMO é do conhecimento de todos os que se interessam pela vida dos grandes gênios da música, Franz Liszt, com dezessete anos de idade já dava concertos. Em Viena foi aclamado. O velho Beethoven o abraçou e beijou publicamente, favor que não concedera jamais a qualquer outro artista. Recebeu igualmente a consagração de Paris e de Londres. Aos doze anos, compunha uma ópera, que foi levada à cena no teatro da "Academia Real de Música", em Paris.

Porque sua mãe, viúva, vivia com grande dificuldade, Liszt ajudava no que podia, dando lições. Era rapazola alto e magro, elegante — pelo menos por seus modos e sua estatura. Já então as mulheres se mostravam interessadas pelo jovem músico. E aqui está a sua primeira aventura de amor.

— Sr. Liszt — disse a condessa de Saint Cricq, cujo marido era ministro do Comércio e das Manufaturas — Tenho as melhores informações do senhor, por minhas amigas e demais relações... Eis por que resolvi chamá-lo... Os estudos musicais de minha filha Carolina devem ser dirigidos por um homem de gôsto e competência. Consentiria o senhor em ser o seu professor?

Franz Liszt se inclinou profundamente:

— Pode contar, Senhora Condessa, com a minha dedicação..."

A condessa continuou, com voz lamurienta:

— Minha saúde não é boa. Sou obrigada a passar quase todo o dia nesta *chaise-longue*. Não poderei, assim, assistir às lições que minha filha receberá do senhor, na sala de estudos... Eu havia imaginado recorrer a um professor que fôsse mais... mais...

Ela desejava dizer: mais idoso, com mais aspecto doutoral... E seu olhar, ansioso, procurava sondar o do rapazola que se encontrava de pé, à sua frente.

— Posso assegurar à Senhora Condessa — disse Franz Liszt — que meu zêlo justificará a confiança que em mim deposita.

Nesse instante, a porta foi aberta. Uma jovem criaturinha, de tez transparente como o alabastro, os olhos modestos velados por pesadas pálpebras, e procurando o chão, avançou deslizando com passo miúdo sôbre o soalho encerado no qual se invertia o reflexo de sua graciosa silhueta.

— Essa é a sua aluna, Sr. Liszt — disse a condessa.

Carolina de Saint-Cricq segurando com as pontas dos dedos os lados de seu vestido-balão fêz uma reverência, enquanto Liszt a examinava com simpatia, desde o rosto ainda infantil, até o pé miúdo, calçado de cetim prêto.

★

A residência de Sua Excelência o Sr. Ministro do Comércio e das Manufaturas fôra construída em centro de grande jardim. Altas janelas se abriam para vastos campos gramados e pequenos bosques onde os pássaros cantavam, e onde acácias de cachos floridos perfumavam deliciosamente o ambiente. No salão de estudos havia um piano de cauda, onde as teclas eram de imaculada alvura ou de um negro brilhante.

Desde que se apresentara o jovem professor, Mlle. Carolina se mostrava mais zelosa com o próprio aspecto. E parecia também mais ativa, alegre como andorinha em pleno verão. Suas faces coravam por qualquer coisa, sob o penteado à la girafe, formado por um alto pente de

---

FOTO CRIME — (Solução da página anterior)



O Inspetor Cobb decidiu prender Adele e Sue por assassinato, quando viu a escada pela qual ambas afirmaram que o misterioso assassino tinha subido para matar o ladrão Cody. Estava encostada contra a janela gradeada. Viu então o detective, que os tiros tinham sido disparados *no interior* do quarto e não fora, pois as cápsulas deflagradas estavam junto do corpo do assassinado. E as duas tinham afirmado que com exceção da janela, que haviam fechado, não haviam tocado em nada. Isso estragava o plano das duas, pois Ken fôra assassinado no próprio leito, dormindo. Isso foi, aliás, confessado pelas assassinas que foram condenadas a prisão perpétua.

clinações. Porém êle nos oferece também um alvo e uma escala para que tratemos de alcançá-lo.

Entre os discípulos de Kong, o Mestre, podemos citar os filhos de Mang He, um dos ministros do príncipe de Lu. Graças a êles, Confúcio foi apresentado na côrte dos reis de Chou, no Lo-yang; porém preferiu manter-se a certa distância dos cortesãos e visitar o moribundo sábio Lao-tze. Quando regressou a Lu encontrou em tal desordem a sua própria pátria, devido a lutas civis, que preferiu instalar-se no vizinho Estado de Ts'i, em companhia de alguns discípulos. Ao cruzar as montanhas desertas e abruptas do caminho ficaram surpreendidos ao encontrar uma mulher muito idosa e que gemia sôbre um túmulo. Confúcio pediu a Tze-lu que fôsse investigar a causa de tanta dor.

— «Meu sogro — informou a mulher — foi morto aqui por um tigre, e assim também morreu o meu marido. Agora meu filho acaba de sofrer a mesma sorte».

E como Confúcio lhe indagasse por que persistia

Mademoiselle Caroline não terminou a lição de piano...

«Tinha ela dezesseis anos. FRANZ LISZT dezessete. E foi o primeiro amor de ambos!»

Narrativa histórica de

Paul Reboux

lartaruga, plantado no gordo nó dos cabelos, e êstes apertados numa fila interminável. Sentava-se diante do teclado, tendo Franz Liszt ao seu lado. Algumas vêzes seus rostos se aproximavam, diante do caderno de música.

— Muito levemente, Mademoiselle. Um pouco mais de suavidade, de... atmosfera! Sonhe com alguma paisagem. Execute êsse andante como se estivesse caminhando, sem pressa à beira de um lago... Imagine que um cisne passa, vagaroso...

Mlle. Caroline de Saint-Cricq subia às nuvens, quando o professor sugeria essas sensibilidades. Voltava para êle um rosto puro e ruborizado, olhando sorrateiramente, com os belos olhos da côr das violetas, para êsse professor de corpo esbelto, rosto de rapazola, belo como um deus-criança sob a loura cabeleira que lhe tombava até aos ombros.

— Não está cansada? — perguntava êle, às vêzes.

Ela imediatamente respondia:

— Oh! Sim, senhor... um pouco.

— Pois descansemos...

A brisa suave e perfumada do grande jardim, entrava pela janela aberta.

Liszt a interrogava:

— Tem freqüentado os teatros nos últimos meses?

— Oh, não, senhor! — dizia ela — Meu confessor autoriza apenas o teatro italiano, porque os cantores não são excomungados e porque não se compreende o que dizem...

— Então fica em casa? E gosta de ler?

— Sim... As obras do Sr. Bernardin de Saint Pierre, que elevam a alma... E o Gênio do Cristianismo... Ou as poesias de Mme. Deshoulières... são lindas...

— Entre nós, sinceramente, nunca leu... outros livros?

Um dia ela confessou:

— Há nesta sala um armário... Ali! Veja! Por trás do reposteiro. Nêle estão muitos livros. Nem sempre está fechado à chave. Êsses livros, não devo ler... Mas, um dia, notando o armário aberto, senti um grande mêdo e me afastei, quase correndo...

— Mas depois voltou?

— Sim... Apanhei um volume de La Fontaine... Não eram as Fábulas. Depois de muito hesitar, apanhei-o e fui sentar-me à mesa onde fingi que trabalhava... Quando alguém se aproximava, eu escondia o livro na gaveta, sob meus cadernos de gramática... Ah, senhor! Êsse livro me animou a conhecer o mundo, o Levante, a Lombardia, Nápoles, a Catalunha. Deve ser linda, Veneza! É delicioso vogar ao luar, nas gôndolas pintadas de prêto! Ah! Viajar pela Arábia, sôbre camelos, no meio de uma caravana... Respirar o perfume do Oriente. Eu devia ter vivido no tempo dos barões e das castelãs! Então as damas assistiam aos torneios. Tudo devia ser belo!

Porém essas aspirações ingênuas lhe pareceram culpáveis. Escondeu depressa o rosto entre as mãos finas. Liszt porém tratou de a tranqüilizar.

— Foi o dedo de Deus, visível em tudo isso, que a conduziu nessas vias de beleza e de poesia...

— Talvez... Mas casar, ter filhos e educá-los, segundo as leis cristãs, tal devia ser o meu ideal único. sei que não devo sonhar... — Tanta modéstia inspirava a Franz Liszt um ardor que com esfôrço podia conter. Gostaria de poder conversar mais com ela. Mas receava feri-la, sem o querer.

Assim corriam as lições de música.

Nos dias em que Franz Liszt devia lecionar piano a Mlle. Caroline de Saint-Cricq, cuidava mais tempo de sua toilette. Passava ao pescoço uma cadeia de ouro, que recordava as das ordens de cavalaria. Vestia sua sobrecasaca côr de cinza, barbeava-se meticulosamente, para que o queixo, liso como o de uma mulher, se pousasse sôbre a orla branca que protegia a gravata de cetim prêto. Fazia questão de que a calça estivesse bem esticada, desde a botina envernizada até ao colete amarelo dourado cujos bolsos deixavam pender, de cada lado, uma fita moirè, ornada com um camafeu.

Assim preparado chegava à residência de sua aluna em carruagem de aluguel, a fim de não apanhar poeira. Em caminho sonhava com coisas românticas e sentia-se morno e fatigado. Mas logo que penetrava na luxuosa residência, recuperava seu ardor.

Para caracterizar os trechos que sua aluna executava ou que êle próprio tocava, para exemplificar, costumava Liszt empregar epítetos chamejantes. Essas fantasias, essas variações, eram tôdas "fosforescentes, piramidais, transcendentais, babilonescas, fulminantes, shakespearianas, faraônicas..." Aliás, nesses tempos, ninguém se privava de exclamar "Vergonha e caos! Fogo do Inferno! *Terra e Céu! Por Satan! Por Lúcifer! Pelos chifres do Diabo! Pela caldeira de Belzebuth!* Tôdas essas exclamações causavam a maior admiração entre as mocinhas.

Têrmos enormes, evocações titanescas, tudo isso Mlle. de Saint-Cricq ouvia com estremecimentos. Franz Liszt era homem de gôsto. Seguia a moda nesses exageros de linguagem. Empregava-os com ímpetos de desespêro ou de entusiasmo um pouco simulados.

Da mesma forma que, quarenta anos antes, o costume era o de se mostrar filósofo, indulgente, humani-

---

em viver naquela perigosa paragem, a mulher respondeu em tom resignado: **«Aqui não há governos opressores».**

— Filhos meus — comentou Confúcio, dirigindo-se aos seus discípulos — Não deveis esquecer isto que acabais de ouvir. Os governos opressores são mais temíveis que os tigres ferozes.

O príncipe de Ts'i o recebeu e mostrou a maior complacência por sua explicação do bom govêrno:

— Só se desfruta de bom govêrno quando o príncipe é príncipe, e o ministro é ministro; quando o pai é pai e o filho, filho.

O príncipe pediu a Confúcio que aceitasse para o seu sustento, o produto dos impostos da cidade de Lin-k'ew, o que o Mestre recusou, explicando que nada havia feito que justificasse aquêle pagamento. Aquêle queria retê-lo para conselheiro, porém o primeiro ministro o dissuadiu:

— Êsses letrados — explicava Gan Ying — não são práticos e nem sequer é possível acompanhá-los. São arrogantes e estão de tal forma orgulhosos de suas próprias opiniões que não lhes satisfaz uma posição inferior. Êste Sr. Kong é peculiaríssimo.

Foi só. Confúcio regressou a Lu para continuar por 15 anos mais os seus ensinamentos. O primeiro pôsto público que ocupou lhe foi conferido pela altura do ano 500 antes de Cristo; foi nomeado magistrado chefe da cidade de Chong-tu. Contam as tradições que então se desenvolveu uma verdadeira epidemia de honradez no povoado. Elevado à subdireção de obras públicas de Lu, o sábio realizou um estudo das terras do Estado e introduziu melhoras importantes na agricultura. E elevado mais tarde para Ministro da Justiça, sòmente a sua nomeação bastou — afirmam as crônicas — para acabar com o crime.

— **«A fraude e a dissolução se ocultaram, envergonhadas. A lealdade e a boa-fé foram as características dos homens, e a castidade e a docilidade, as das mulheres. Em grandes multidões chegavam os forasteiros. Confúcio se converteu no ídolo do povo».**

E' muita beleza para ser verdade. De qualquer

maneira, e foi em excesso para que durasse. Os criminosos se conjuraram e lhe armaram ciladas; os Estados vizinhos sentiram inveja do progresso de Lu e temeram seu crescente poder. Um astuto ministro de Ts'i sugeriu um estratagema para afastar o príncipe de Lu do filósofo: fêz que seu senhor lhe enviasse como presente um grupo de adoráveis cantoras e 120 cavalos mais belos ainda. Aquilo cativou ao príncipe de Lu, que não deu ouvidos à desaprovação do sábio. Êste lhe recordava em vão que **a base da arte de governar era um bom exemplo.**

Muito a contragosto Confúcio renunciou a seu pôsto e iniciou com um punhado de discípulos fiéis, novas peregrinações que duraram treze anos.

Contava Confúcio 68 anos quando subiu ao trono de Lu o príncipe Gae, que o convidou a repatriar-se. E uma vez que o príncipe Shi pediu a um de seus discípulos notícias sôbre o Mestre, e êste não as deu, ao saber do fato Confúcio lhe disse: **«Por que não lhe informaste simplesmente que sou um homem que em sua ansiedade de saber esquece de alimentar-se; a quem o júbilo de suas obras faz esquecer suas penas; que nem sequer nota que envelhece?»**

Morreu aos 72 anos. Uma manhã ouviram-no entoar esta fúnebre canção:

O monte gigantesco terá que ruir.
O raio de luz potente extinguirá.
E os sábios, como erva frágil, murcharão.

Ao ver aproximar do seu leito seu discípulo Tze-kong, disse:

— «Não aparece nenhum monarca inteligente; não há nenhum império que me faça o seu mentor. Chegou a minha hora de morrer».

E caminhou para o seu humilde leito, onde expirou sete dias depois. Seus discípulos lhe deram sepultura com pompa digna do seu amor pelo Mestre, e construíram cabanas junto do seu túmulo.







CARTAS ASTROLÓGICO-

CARTAS DA

O futuro, o misterioso futuro, teve sempre um grande fascínio: poder prevê-lo. Isso foi, em tôdas as épocas, uma das maiores obsessões humanas.

A adivinhação do futuro foi, desde tempos imemoriais, um assunto de Estado: os oráculos, por uma parte, a observação do vôo dos pássaros, os sonhos e prodígios, por outro lado, constituíam as grandes linhas da «arte oficial de adivinhar o futuro»! Mas tratava-se de tarefa cuja grandeza não estava ao alcance de tôdas as bôlsas ou inteligências; e assim foi que o povo começou a procurar outros meios, mais caseiros ou familiares: a observação da luz de uma lâmpada, por exemplo, e especialmente os dados, as cartas, etc..

Depois do banquete, que foi sempre bom pretexto de reunir convidados, tomava-se uma vasilha cheia de água na qual boiavam taças vazias e, pelo som que emitia cada uma, ao naufragar sob o jôrro de vinho que sôbre ela lançava cada convidado, eram obtidos os presságios.

Embora hoje decaída (ou pelo menos transformada) a grande ciência da adivinhação, oficialmente pelo menos, o mundo não claudicou ainda em sua paixão pelo pequeno oráculo familiar e portátil.

Com a evolução dos jogos desenvolveu-se também a «arte de ler o futuro»: o bom sacerdote báquico que sussurrava entre as murchas grinaldas do triclínio foi substituído pelo baralho de «feiticeiro».

Mas não nasceu tão depressa o novo e cômodo sistema de vaticínios: provàvelmente muito depois da introdução das cartas, que, talvez de origem sarracena, tiveram seu ponto inicial em fins de 1300. Os «taroquis» eram os preferidos (cartas grandes, especiais) pela maior variedade de figuras.

As cartas são, sem dúvida, uma invenção, ou melhor: uma «contaminação» italiana: tiveram origem na fusão das cartas numerais (modificação, por sua vez, segundo alguns, do jôgo de «xadrez») com um jôgo educativo que estava em voga na Itália no ano de 1300: o «Naibi». Consistia êste em uma série de pequenas cartas (cinqüenta mais ou menos) com figuras alegóricas ou mitológicas: as Musas, as Virtudes, etc., etc., que se davam às crianças com fins didáticos. As cartas tiveram grande acolhida, e a origem de um dos primeiros baralhos conhecidos se atribui nada menos que a Mantegna (1471-1506).

Os primeiros indícios seguros de cartomancia são muito posteriores. Naquela época, todavia, era grande a fé na astrologia; fé prolongada — podemos dizer — até nossos dias, sendo natural que tivessem e tenham mais respeito pelos astros que pela combinação manual de algumas cartas. As duas artes adivinhatórias podiam, entretanto, avançar ao mesmo tempo e foram feitas possìvelmente algumas tentativas, para dar à cartomancia mais colorido e autoridade astrológica, daí se originando um jôgo de cartas, inglês, com figuras de constelações.

Fôssem quais fôssem os inícios, o certo é que a cartomancia estava em

OH! AS MULHERES!



— Pelo amor de Deus, Julião! Pára o automóvel e troca a roda. Mamãe pode apanhar outro trem, amanhã...

tário e de derramar, por um nada, torrente de lágrimas, a jeunesse dorée de 1830 passava de uma evocação do *Inferno* a uma visão do *Paraíso*, a propósito de bem pouca coisa.

Para não fatigar sua aluna, êle multiplicava, durante as lições, as pausas, os repousos, quando lia para ela, contos em que belas princesas, em bosques encantados, ansiavam por amor. E ela também ansiava por amor. Uma menina de 16 anos não poderia passar algumas horas, cada semana, na companhia de um rapaz de dezessete sem sentir vontade de sonhar. A condessa de Saint-Cricq, da sua *chaise-longue*, onde a retinha um mal, dia a dia maior, não desaprovava êsses inocentes duos de amor. Quando o mordomo, à hora do jantar, vinha anunciar: "Mademoiselle Caroline não terminou a lição de piano", ela respondia: "Não a interrompa. Jantarei sòzinha. Ela jantará depois...".

★

Um dia, Franz Liszt deu de presente a sua aluna um anel com uma divisa romântica... Ficaram alguns instantes, sem se olhar, sem pronunciar uma palavra. Depois, sem saber como, êle a enlaçou pela cintura esbelta. Ela tentou fugir. Êle a reteve.

— Sei que me amas, — disse







CARTOMANTICAS INGLÊSAS

BOA SORTE

pleno desenvolvimento no século XVII, especialmente na França.

E é curioso comprovar como, naquele país, sem dúvida o mais avançado em idéias, pôde subsistir até hoje a cartomancia.

Sob Luís XIV êsses charlatães deviam ser já numerosíssimos, e coube ao famoso «de la Reiyne» — lugar-tenente de polícia e descobridor da terrível trama do «processo dos venenos» — colocá-los nos seus lugares.

Em 1667, Robinet, o «cronista oficial», elogiou «de la Reiyne» na forma poética:

> Monsieur de la Reiyne, actif
> Jusqu'au dégré superlatif
> A fait copieuse capture
> De disseurs de bonne aventure

Porém o século de ouro para os que exerciam a cartomancia foi, sem dúvida, o XVIII, com o «florescimento» de tôdas as superstições e mágicas; foi o século de Cagliostro e Casanova!

A própria Revolução, elevando as mais baixas camadas sociais, respeitou seus costumes, seus preconceitos e, com êles, as cartas de adivinhação.

O mais famoso cartomante francês do ano de 1700 foi um jovem cabeleireiro chamado Alliette, que, com a cabeça cheia de confusas noções mágicas, teve a idéia de abrir, em Paris, um verdadeiro «consultório», que ficou concorridíssimo.

Para parecer mais importante inverteu o seu nome: Etteilla, que parecia ter um significado cabalístico, e recorreu também aos anúncios em gazetas para dar maior publicidade não sòmente para as suas consultas, como também para um livro de sua autoria e as cartas de sua fabricação; sua «magia» não era muito difícil, e tinha sólidos princípios comerciais.

O diário «L'Avant-Coureur» publicava em 1770 êstes anúncios: «A única obra que nos foi legada pelos antigos egípcios é vendida por 3 francos e 13 cêntimos, pelo senhor Etteilla, professor de álgebra. Rua de L'Oseille ou Marais...» e seguiam-se os preços: «Pelo Grande Horóscopo: 100 francos; o médio, 50 e o pequeno 24; explicação de um sonho, 6 francos».

As cartas que êle utilizava eram, naturalmente, os «taroquis», porém mais ou menos modificados com o acréscimo de figuras que tornavam mais claras as alegorias; apresentavam corações (copas), losangos (ouro), espadas e trevos (paus) como os conhecidos baralhos franceses. O nome de Alliette se aliou durante muito tempo no jôgo popularizado pelo astucioso cabeleireiro.

Famosíssimo foi também, na época napoleônica, a senhorita Lenormant, a verdadeira «mãe da cartomancia moderna» e a quem pretendem atribuir o renascimento de muitas pitonisas que «floresceram» atualmente na capital francesa. Mlle. Lenormant, que deixou suas «memórias» e uma dezena de livros sôbre o assunto, havia adquirido tão grande fama, que, mais de uma vez, a imperatriz Josefina, muito supersticiosa, procurou-a em seu «consultório».

PESO NORMAL DAS CRIANÇAS

Ao nascer (1) ..	3.200 grs.
1.º	4.100 »
2.º	4.850 »
3.º	5.540 »
4.º	6.200 »
5.º	6.830 »
6.º	7.570 »
7.º	7.830 »
8.º	8.120 »
9.º	8.390 »
10.º	8.630 »
11.º	8.840 »
12.º	9.050 »
13.º	9.230 »
14.º	9.380 »
15.º	9.530 »
16.º	9.680 »
17.º	9.800 »
18.º	9.920 »
19.º	10.016 »
20.º	10.100 »
21.º	10.190 »
22.º	10.280 »
23.º	10.370 »
24.º	10.430 »

(1) As crianças pesam mais algumas gramas ao nascer. E' conveniente pesá-las periòdicamente, para controlar o seu crescimento normal.

★

(Resposta da pág. 183)

A espiga de milho tem um número ímpar de grãos.

onde passaram três anos venerando a sua memória.

Porém não fracassou! Wu Ti, o grande imperador (140 a 87 antes de Cristo), mandou gravar em pedra duradoura tôdas as suas obras clássicas, e desde então até 1911 estas foram os textos de tôdas as escolas chinesas.

E hoje, como quando êle nasceu, que melhor remédio podemos recomendar a qualquer povo enfermo de desordens, filhas de uma educação puramente intelectual, de uma moral decadente e de um conseqüente enfraquecimento do caráter individual, senão um amável estudo das teorias de Confúcio?

★

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

êle — Sei e vejo e sinto no fundo do meu coração. Mas sei também, pobre criança, que és obrigada a obedecer à lei brutal. Darás, mais tarde, ao marido ao qual te destinam, os teus dias e as tuas noites, a tua vontade constrangida e a tua palavra gelada! Só não lhe poderás dar a tua alma. Esta me pertence! Nela reinarei, mau grado os homens, mau grado Deus, mau grado tu mesma! Não te verei mais, mas és minha para a eternidade. Adeus!

Nesse momento, soando as doze pancadas da meia-noite, o Sr. de Saint Cricq entrou. Voltava do Ministério, onde trabalhara até tarde. Ver luz no seu interior o surpreendera.

— Então, Sr. Liszt? — disse polidamente S. Excia. — A arte musical o fêz perder a noção da hora?

O jovem professor balbuciou:

— Peço-lhe desculpa... De fato, ignorava que fôsse tão tarde.

Sentia-se sem jeito diante do ministro, que, glacial, media a duração da "aula" vendo a vela queimar próximo do castiçal.

—Senhor professor — disse êle — O senhor instruiu minha filha com uma competência que muito agradeço. Mas talvez seja preferível interromper essas lições... Mesmo porque acabo de resolver, há poucas horas que ela desposará o conde de Artigaux... Os preparativos do enxoval não lhe

(Cont. na pág. 192)

OH! AS MULHERES!



— Você sempre tem que ter a penúltima palavra, hein?



A VIDA ESCANDALOSA DE GRANDES FIGURAS DO PASSADO

CALÍGULA

CAIO Júlio César Germânico **Calígula**, era filho de Germânico e Agripina e nasceu a 31 de agôsto do ano 12 de nossa era. Desde que completou dois anos de idade, passou a viver no acampamento de seu pai e brincava com os soldados, que o adoravam e que lhe deram o cognome de Calígula, que é o diminutivo de **caliga**, nome do calçado usado pelos legionários.

Quando tinha apenas 6 anos, acompanhou seu pai na campanha da Síria e, com a morte de Germânico, regressou a Roma, vivendo primeiro em casa de sua mãe e, quando esta foi desterrada, em casa de sua bisavó, Lívia, mãe do imperador Tibério.

O imperador, por questão puramente política, teve que adotá-lo, embora a princípio não o visse com simpatia; entretanto, o menino soube adulá-lo e conquistá-lo de tal forma que acabou nomeando-o seu herdeiro, não sem que, prevendo os perversos instintos do menino, dissesse:

— **Terás todos os vícios de Sila e nenhuma de suas virtudes.**

Depois, voltando-se para os seus íntimos, acrescentou:

— "**Esta é uma serpente que estou criando para o gênero humano.**

Vendo-o, um dia, brigar com seu primo Tibério Nero, disse:

— "Tu o matarás porém outro te assassinará! E tôdas essas predições se cumpriram.

CALÍGULA IMPERADOR — Tibério foi assassinado no ano 37, tendo Calígula formado entre os assassinos; a seguir, tendo acompanhado o cadáver de Tibério, foi proclamado Imperador. A longa convivência com o cruel Tibério anunciava dias amargos para Roma; porém, ao contrário, os primeiros anos do seu govêrno foram felicíssimos. Perdoou o castigo que pesava sôbre todos os desterrados, que foram autorizados a voltar à cidade; distribuiu grandes quantias em dinheiro entre o povo, assim como mantimentos e roupas; recolheu piedosamente as cinzas de sua mãe Agripina e de seus irmãos, transportando-as para o mausoléu de Augusto; permitiu a leitura dos livros proibidos por Tibério e, como lhe fôssem denunciar uma conspiração, nada fêz contra os conspiradores, limitando-se a exclamar:

— **Nada fiz para que me aborreçam e tentem contra a minha vida.**

Oito meses depois adoeceu sèriamente, em razão de excessos de todo gênero; quando se restabeleceu deu início a tôda sorte de extravagâncias, como se a enfermidade tivesse alterado o seu ânimo, lançando-o num delírio de sangue e brutalidade.

Em poucos meses delapidou os 270 milhões de sestércios legados por Tibério, entregando-se a tôdas as loucuras e a vaidades sem conta.

A mania principal de Calígula era sobressair em tudo, de tal sorte que desprezou e proibiu a divulgação da obra de Tito Lívio, Virgílio e Homero, pela inveja que lhe causavam.

Desterrou muitas pessoas só porque pertenciam à antiga nobreza romana; ordenou que os Torquatos não usassem o colar de ouro, famoso distintivo dessa ilustre família; proibiu que os descendentes de Pompeu continuassem a usar o sobrenome de Magno; se via algum dos Cincinatos com



a longa cabeleira frizada e composta, da qual derivava seu nome, mandava que os pelassem primeiro e matassem depois, por estrangulamento.

Vendo, uma vez, um soldado Gaulês, que não continha o riso diante de suas excentricidades, interrogou-o, dizendo.

— **Que pensas de mim?**

— **Penso que és um grande louco!** — respondeu o soldado, sem hesitar.

Contra a expectativa geral, Calígula nenhum castigo ditou contra o gaulês, declarando que o perdoava **em homenagem à sua franqueza.**

CRUELDADES — Seus excessos e suas crueldades foram tais que eminentes historiadores, como Niebuhr, afirmaram que **era atacado de acessos de loucura e desdobramento da personalidade**, enquanto Cesar Cantu, sustentou que **era epiléptico.**

Nem sequer os seus mais íntimos amigos escaparam ao seu furor. Quando faltavam vítimas para as feras, mandava atirar à arena uma dezena de espectadores. Visitava os cárceres e designava, a capricho, fôssem ou não culpados, aquêles que seriam lançados às feras; e, para que não o aborrecessem com gritos e lamentações, mandava que lhes arrancassem a língua.

Estando certa vez enfêrmo, dois homens, bajuladores por certo, fizeram declarações públicas, anunciando que ofereciam aos deuses a própria vida pela saúde do imperador. Êste, depois de aceitar, mandou que pusessem um dos ofertantes à disposição dos gladiadores; quanto ao outro, mandou que o precipitassem do alto de uma rocha, coroado como as vítimas. Quando a idade dos reumatismos inutilizava os gladiadores, mandava que fôssem lançados às feras, para não ter que sustentá-los.

Lutando uma vez, no circo, por vaidade — como sempre fazia — o seu contrincante, para lisonjear o imperador, declarou-se vencido, deixando-se cair



aos seus pés; Calígula o degolou! Em outra ocasião quis oficiar no templo; e quando o sacerdote lhe trouxe uma vítima que devia ser sacrificada feriu cruelmente o sacerdote.

Por sua ordem os pais eram obrigados a presenciar o suplício dos filhos; e porque um dêles se negasse a comparecer ao local do suplício, enviou sua própria liteira para buscá-lo e na mesma noite mandou degolar o desgraçado.

(Continuação da página 159) deixando tempo para estudo do piano. Quanto ao senhor, agradeço-lhe por seus cuidados. Meu intendente levará ao senhor, amanhã mesmo, a importância da minha dívida.

Êsse pequenino discurso, pronunciado friamente, foi suficiente para apagar todo o fogo do entusiasmo de Liszt. Como água na fervura...

Despediu-se do conde com civilidade e saudou profundamente Mlle. de Saint-Cricq.

★

Dezesseis anos depois, durante o outono de 1844, Liszt, retornando ao sul da França, para oferecer um concerto em Pau, viu aproximar-se, num intervalo, uma senhora um tanto... espêssa, de olhos da côr das violetas.

— Sr. Liszt — disse ela — Não me reconhece? Madame d'Artigaux...

— D'Artigaux?... Ah! Meu Deus! A senhora...

Repentinamente lembrou-se êle dêsse Sr. d'Artigaux que deveria desposar Carolina de Saint-Cricq... Seu primeiro amor!

A sineta anunciava o fim do intervalo. Liszt voltou ao palco. Mme. d'Artigaux estava na segunda fila. Êle a avistou e tocou para ela, com tôda a alma.

Depois do concerto informou-se do local onde ela residia. No dia seguinte foi visitá-la. Era casa grande, cercada por um parque... O portão se abriu diante da caleche de aluguer. Liszt foi anunciado. Ela não tardou a aparecer e juntos saíram para o pomar perfumado.

— Senhor Liszt!

Tinha um sorriso muito meigo e um pouco triste. Êle observou aquêles cachos, aquêles olhos violetas, o sorriso de criança, que persistia num rosto um tanto pesado.

— Sr. Liszt... Há dezesseis anos... Recorda-se?

Trocaram recordações. Êle confessou a imensidade da sua dor, naquela época.

— E eu, Sr. Liszt? Estive para entrar para o convento!

Uma fraternidade terna substituía nêles essa paixão de meninos, essa necessidade juvenil de amar. Liszt se tornara um personagem de glória européia. Carolina, espôsa de um homem modesto, que vivia retirado na província, vivia a existência de uma dama honesta.

O frescor da noite começava a cair. O sol já morrera no horizonte. Os Pirineus se desenhavam contra o céu, em grandes blocos azulados. Era preciso partir.

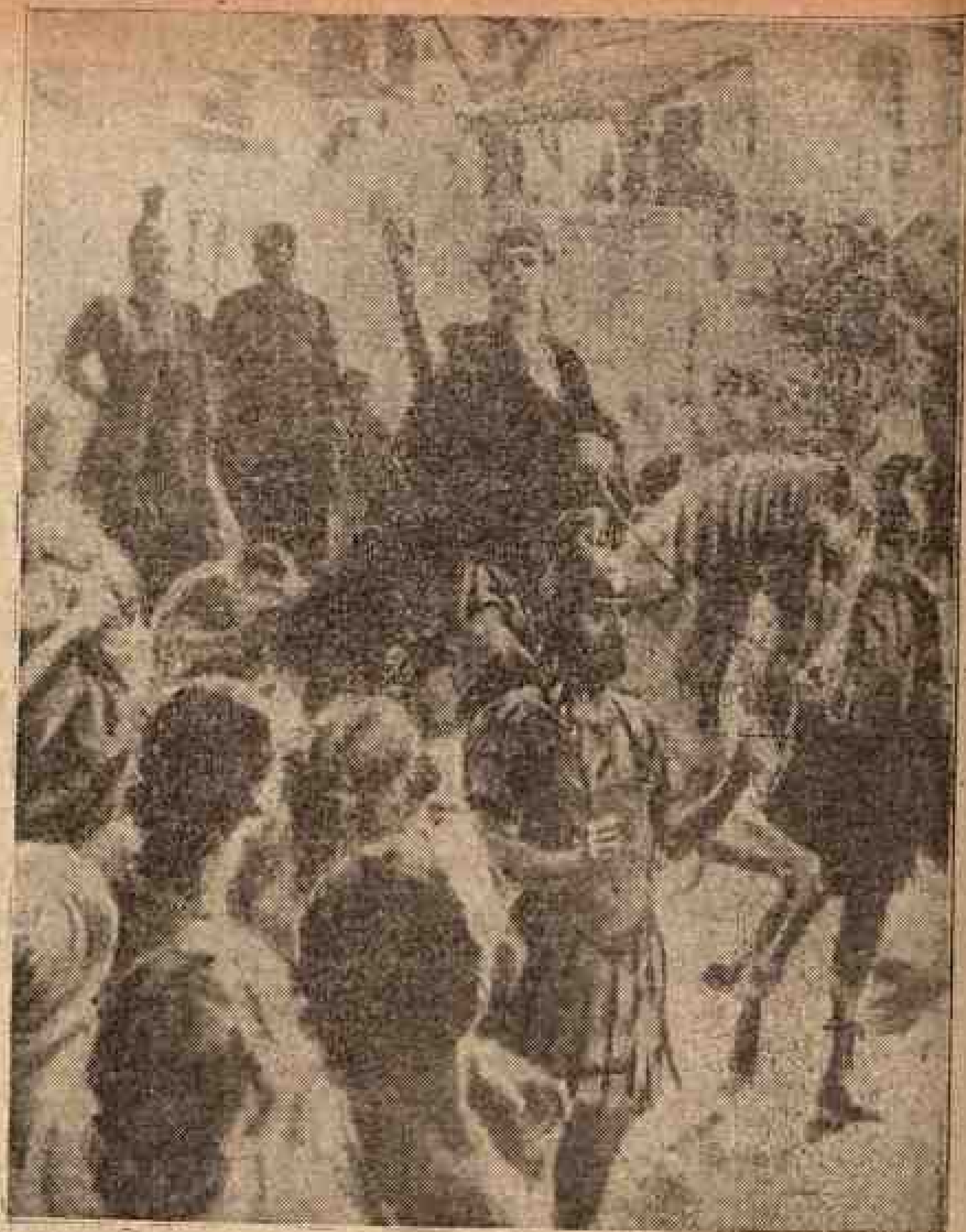
— Deus lhe conceda uma vida de luz e de virtude, meu amigo... Que o proteja e permita que conserve de mim a melhor recordação...

Êle se inclinou, beijou a mão um pouco trêmula que lhe fôra oferecida.

A caleche o levou de volta à cidade em pleno crepúsculo...

★

A verdade não faz tanto bem ao mundo quanto mal causam as suas aparências. — **La Rochefoucauld.**



Das cidades e aldeias mais remotas

Durante suas refeições costumava dar tormento a algum condenado, e quando não o havia era êle substituído pela primeira pessoa com quem cismasse, entre os presentes.

Queria que as mortes fôssem dadas de forma tal que os infelizes que iam morrer compreendessem o fato e sofressem de antemão.

OUTRAS EXCENTRICIDADES — O luxo não era uma arte em Roma, estando os romanos muito longe ainda dos Gregos nesse sentido. Era mais uma voluptuosidade; assim, Calígula mandou que preparassem

A PESCA COM LUZ

Nas noites de calmaria, ao largo das costas do Mediterrâneo, os pescadores usam lanternas para atrair os peixes.

Fora do foco de luz, esperam que os peixes se aproximem do barco, e então iniciam a pescaria.

Adotando o mesmo processo dos naturalistas franceses, Mas Fage e Legendre, imaginaram uma engenhosa lanterna que os ajudasse em suas investigações zoológicas, projetando um foco luminoso na água.

Assim são atraídos milhões de pequeninos peixes e animais marinhos que povoam as águas, em determinadas regiões, e que com a luz podem ser observados muito melhor.

A lâmpada consiste num tufo de seis cristais, o qual é colocado num flutuador circular, de 28 polegadas de diâmetro. Sôbre a lanterna há um gerador de gás acetileno do qual o gás passa para a boquilha, situada na parte inferior da lanterna.

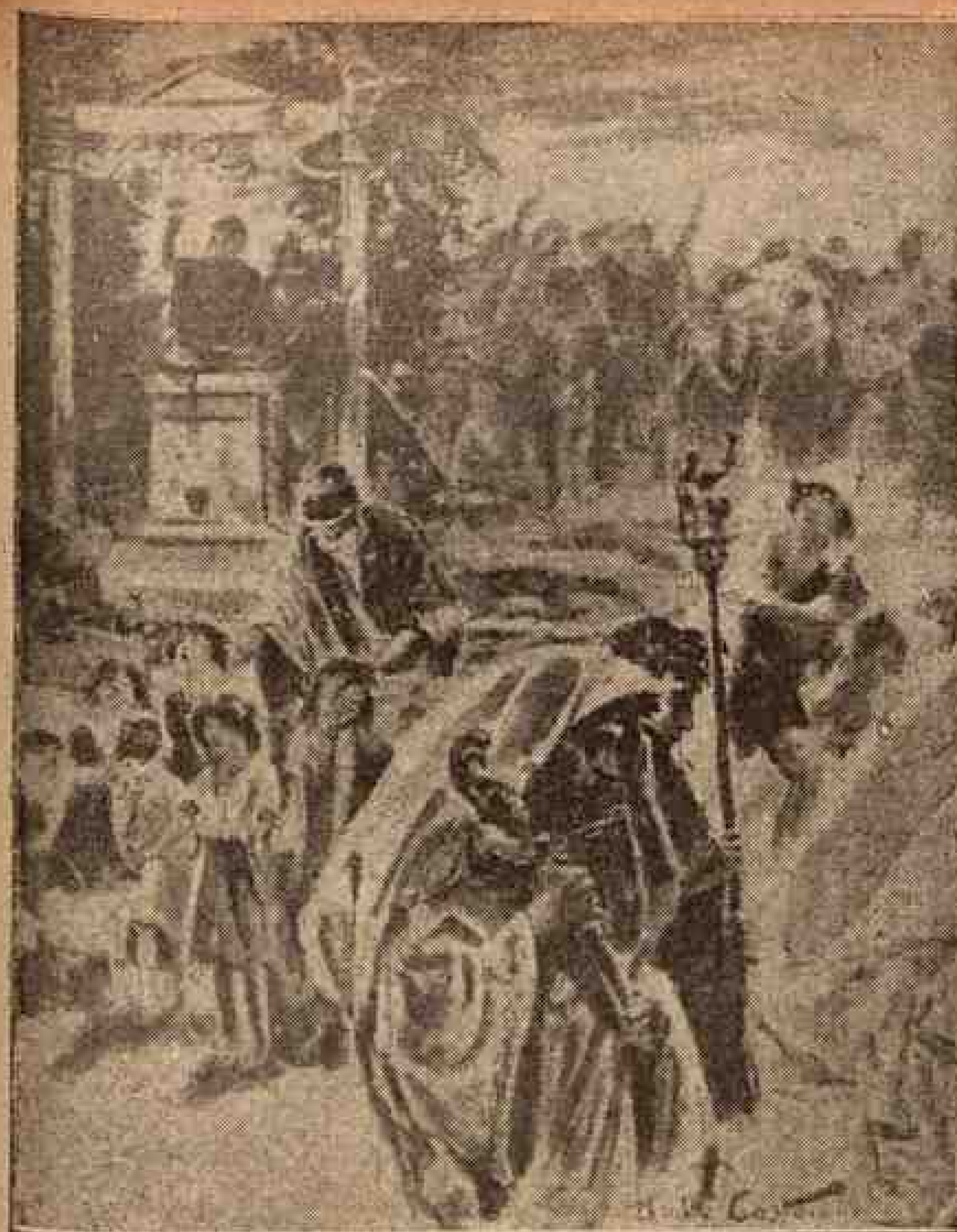
Os barcos, que sustentam a rede, rodeiam o espaço no qual a lanterna flutua, sendo apanhados os peixes grandes e pequenos, atraídos pela luz.

Também é costume passear a lanterna flutuante ao longo da costa, a fim de atrair os peixes para a orla das praias.

O flutuador pode ser de cortiça, embora sejam também empregados muito flutuadores de metal, pneumáticos. O aparelho, como se verifica, serve para fins industriais e para trabalhos científicos.

★

O mundo recompensa mais a miúde as aparências do que o próprio mérito. — **M. Alonso Criado.**



as multidões vinham aclamar o imperador

tudo a fim de que "chovesse" sôbre o povo, no anfiteatro... perfume de nardo misturado com pó de ouro e ambar.

Em outra ocasião jogou dinheiro e víveres ao povo, porém cuidou de que o mesmo fôsse misturado com pontas de espinhos e alfinetes.

Outra vez, estando muito cheio o circo, arrojou touros bravios sôbre a multidão e mesmo contra os senadores.

Certa vez, em um dos seus jantares onde imperavam tôdas as liberdades, acariciava a cabeça de uma dama e repentinamente disse à infeliz — "Acho-a ainda mais formosa quando penso que a um sinal

A HISTÓRIA DA LUVA

Conta uma antiga lenda que Vênus acompanhou Adônis nas suas caçadas, desafiando todos os perigos.

Um dia, correndo desenfreadamente por caminhos impraticáveis, a deusa feriu a mão, e as gotas de sangue que saíram da ferida, transformaram-se em rosas belas e perfumadas.

Venus soltou um grito de dor e ao ouvi-lo correram em seu auxílio as Graças, as quais não se satisfizeram sòmente com o curar a ferida, mas também costuraram ataduras ao redor das mãos da deusa, para as proteger e evitar novos ferimentos.

Assim, conta a lenda, começou o uso da luva, cuja história é muito antiga e complicada. Todos os povos de tôdas as raças conheceram a luva, que foi usada pelos egípcios; êstes a ofereciam como homenagem aos faraós.

A Idade Média conheceu luvas de tôdas as espécies: luvas litúrgicas, de malha de sêda com fio de ouro, para os bispos; de couro negro, para os sacerdotes; luvas para pagens, escudeiros, guerreiros, soldados, operários, etc..

As mulheres também, naturalmente, usavam luvas.

Ao terminar a Idade Média as luvas para as mulheres nobres passaram a ser muito luxuosas e tinham monogramas e legendas.

Em Londres, em 1800, um cavalheiro que desejasse observar as regras da perfeita elegância, devia mudar de luvas cinco vêzes ao dia!

Pela manhã para manejar a «briska» (carruagem): luvas de pele de rena.

Para a caça à raposa: luvas de camurça.

Para a cidade: luvas de castor.

Para o passeio: luvas de pele de cabrito, bordadas.

Para o teatro: luvas de fio de cânhamo, brandas, bordadas com sêda.

As luvas também foram verdadeiras jóias artísticas, como as luvas dos duques de Veneza, pintadas por Ticiano, e que ainda hoje podem ser admiradas no Museu da mesma cidade.

Mas que dizer da utilidade das luvas? Bem a conhecemos, especialmente no inverno.

★

O «simum» da Arábia e o «kamsin» do Sahara são brisas suaves comparadas com o vento que algumas vêzes se levanta no deserto de Kansas, nos Estados Unidos, tão quente e sêco que na sua passagem destrói tôda a vegetação.

FRASES CÉLEBRES

A CAMISA DO HOMEM FELIZ

— Quando alguém se empenha na busca de alguma coisa inexistente, é costume dizer que essa pessoa **anda à procura «da camisa do homem feliz»**. Esta frase também é usada quando se quer fazer um elogio à extrema pobreza ou à vida simples que elimina preocupações. Origina-se de um antigo apólogo árabe, segundo o qual um rei, que se encontrava muito enfêrmo, foi informado pelos sábios do seu reino, de que sòmente ficaria bom se usasse a camisa de um homem feliz. Sairam em busca de tal homem milhares de emissários a todos os pontos do país. Um dêles, certo dia, encontrou um pobre homem que manifestava o seu contentamento com a própria sorte, cantando alegremente. Não ambicionava outra vida, considerando-se absolutamente feliz.



«Este é o homem» — pensou o emissário. Contou-lhe então o que sucedia com o rei e pediu-lhe a camisa para levar ao soberano. Mas grande foi o assombro do cortezão quando o pobre homem abriu o velho paletó e exibiu o peito nu. O homem feliz... **não tinha camisa!**

poderia fazê-la saltar dêsse pescoço (Darny — "Calígula et Claude).

Tão esbanjador como ambicioso, tinha mil meios de obter fundos quando os mesmos minguavam. Impôs numerosas contribuições com enormes multas para os que se recusassem a pagá-las no devido tempo e, para que incorressem em mora, redigia as lei em segrêdo, fazendo com que fôssem escritas em caracteres tão pequenos que era materialmente impossível a sua leitura.

Quando nasceu a sua filha, exigiu no mês de Janeiro que lhe fôssem entregues os presentes que era costume enviar a palácio ao fim do ano. Realizou um leilão de objetos de sua propriedade, fazendo êle mesmo as vendas, elogiando a origem ou procedência de cada um e dando-lhe lancez, atribuindo-os aos cidadãos mais ricos de Roma.

Instalou um bordel em seu palácio e obrigava as matronas romanas a comparecer ao mesmo. A seguir enviava os escravos em busca dos cidadãos mais endinheirados, a fim de que fôssem aproveitar "aquêles favores". Mas cobrava por tudo isso quantias verdadeiramente fabulosas.

Em outra ocasião, tendo perdido no jôgo, pediu que fornecessem um cadastro da Gália e condenou à morte os mais ricos proprietários dessa província, aos quais, antes, obrigou que lhe nomeassem herdeiro, dizendo aos que o tinham vencido no jôgo:

— "Vocês ganharam o meu dinheiro pouco a



"INCITATUS", O CAVALO QUE FOI SENADOR ROMANO — *Exagerado em tôdas as suas paixões, Calígula mandou construir cavalariças de mármore para o seu famoso cavalo, ferraduras de marfim, cabrestos e colares de pérolas, mantos de púrpura, etc.. Pôs ao seu serviço um mordomo, um secretário e grande número de pagens e escravos que cuidavam carinhosamente do animal. Dava banquetes em sua honra, chegando mesmo, certa vez, a convidar outros imperadores para um desses banquetes, em que o cavalo tomava parte, e era servido de finíssimo vinho em taça de ouro.*

A PRIMAVERA DESPERTA



O URSO MARRON DESCE DA MONTANHA NO OUTONO — Fica, então, vigiando os arredores das grutas... Se pela região aparecem homens ou animais de grande porte êle desiste dessa "casa" para dormir. Em caso contrário, tranquilizado, fica ali mesmo e inicia o seu sono hibernal.

COM as primeiras promessas de primavera, êsses pequenos animais que, desde o início do inverno desaparecem dos campos, começam a surgir de novo na primavera... muitas vêzes com grande desespêro dos agricultores.

Já imaginou o leitor alguma vez o que é feito dêsses hibernantes — e não hivernantes, como alguns teimam em escrever — durante a estação fria?

Segundo o Larousse — êsse precioso auxiliar de todos os tempos — os animais sujeitos ao sono hibernal são os roedores como as marmotas, os arganaz e os leirões, insetívoros como os ouriços, cheirópteros como os morcegos, carnívoros como os texugos e os ursos. O sono hibernal dos roedores e insetívoros, contínuo, dura todo o inverno, enquanto que o dos demais é interrompido segundo alterações de temperatura. As marmotas se encerram em suas galerias, os demais se escondem em buracos, ocos de árvores, etc.. Encolhidos, quase profundo, acompanhado de baixa de temperatura, um retardamento da circulação e da respiração. ..A função nutritiva fica reduzida à desassimilação das gorduras acumuladas durante o outono..."

..A hibernação é, portanto, a única defesa que certos animais possuem contra o frio.

★

Dessa forma, a marmota, vertebrado de sangue quente, deve resolver, dormindo, difíceis problemas, muito mais complicados que os dos insetos, por exemplo.

A marmota passa o inverno num estado de perfeito torpor, acompanhado de sensível queda da temperatura. E' um verdadeiro hibernante, da mes-

OS ANIMAIS ADORMECIDOS



CERTOS PEQUENOS ROEDORES DESPERTAM DO SONO LETÁRGICO CADA TRÊS SEMANAS — Durante êsse sono perdem muito pêso.

ma forma que o cachorro do mato ou o arganaz, a toupeira ou o ouriço, que, como ela, ficam engurgitados e inativos durante a estação fria.

Que é o que determina o retardamento das funções na marmota?

A temperatura!

Logo que o termômetro cai abaixo de 15 graus centígrados, a marmota, que, na primavera, embora tenha companheiro próprio, dorme cada qual em seu subterrâneo, trata de se refugiar, encolhida, juntamente com uma dúzia de suas congêneres, no fundo de um abrigo cuidadosamente guarnecido de feno.

Um sono invencível a invade pouco a pouco, até que entra num estado letárgico, que só é interrompido de tempos a tempos, cada três semanas, quando urina e expele seus excrementos...

Se o frio, muito forte, ameaça matá-la, reanima-se, como, mexe-se e trata assim de recuperar calor...

Durante êsse período de sono, a marmota tem uma respiração imperceptível e uma circulação muito lenta. Seus movimentos respiratórios passam de 16 a 2 por minuto, enquanto que as batidas do coração caem de 80 a 15. Quanto à temperatura, desce de 37° a 10°.

A marmota passa a viver, então, das suas reservas. Emagrece muito, chegando a perder um quarto do seu pêso em 160 dias.

Mas nem todos os hibernantes emagrecem tanto. O morcego leva, durante o inverno, um gênero de vida semelhante ao da marmota. Sua temperatura baixa, tornando-se extremamente vagarosa e fraca a sua respiração e também a circulação.

Mas, a fim de que a pele não corra o risco de secar — e isso apesar da substância lubrificante que segregam as glândulas situadas entre as narinas e os olhos — o animal se refugia nas grutas onde a temperatura e a umidade se mantenham constantes.

Quanto aos ouriços, quando a temperatura exterior baixa, tratam de procurar refúgio entre as fôlhas mortas, que se cravam em seus espinhos. Então sòmente se avista uma bola, envolta em espessa camada de fôlhas, que protege êsse pequeno animal contra o frio... e os curiosos.

Êsse sono letárgico não impede que o ouriço reaja a tôdas as excitações exteriores. Assim, se o tocarmos, êle se encolherá mais ainda. O ritmo de sua respiração que é de 20 por minuto, quando a temperatura chega a 8°, e cai a 7 quando o frio baixa a 5°. O número de glóbulos brancos diminui. E quando o ouriço desperta, após três ou quatro meses de sono, perdeu um quarto do seu pêso.

★

Ao lado dêsses pequeninos animais dos campos, que a maior parte dos metropolitanos não conhece ou apenas "por ouvir contar", existe um mamífero que, também êle, adormece quando chega o frio: é o urso marron. Êsse animal, desconhecido em nossas latitudes, leva no inverno uma vida curiosa.

---

pouco; eu, entretanto, num instante, posso ganhar vários milhões!"

No ano 40, no próprio dia de seu natalício, entrou em Roma, fazendo-se tributar tôdas as honras. Mandou que edificassem um templo e inaugurassem um culto especial assim como um novo sacerdócio, no qual lhe fôssem sacrificados pavões e fazendo-se adorar como um deus. À noite — apenas dormia três horas — levantava-se para dirigir galanteios à Lua, convidando-a a que fôsse dormir em sua companhia. Num só jantar consumia dois milhões. Num ano esbanjou 527 milhões de sextércios.



CALÍGULA
Busto antigo (Museu do Capitólio, Roma)

SUA MORTE — A grande massa do povo o odiava cada vez mais, porém ninguém ousava alterar a paz, fracassando lamentàvelmente duas conspirações com o intuito de matar o tirano. Dois tribunos da corte pretoriana, Casio Quereas e Cornélio Sabino decidiram que era necessário acabar com êle e postaram-se na galeria subterrânea pela qual o imperador passava para ir ao Foro, matando-o então a punhaladas e fazendo o mesmo com a sua espôsa, Cesonia e ainda com a filha de ambos, de dois anos, Júlia Drusila, em 24 de janeiro do ano 41 assim liquidando tão grande tirano, considerado por quase todos os autores como um louco.



Julieta

AS GRANDES ENAMORADAS

JULIETA

COMPLETOU apenas quatorze anos... E' a "mulher-botão", a "rosa entreaberta". Capuleto, seu pai, cavalheiro de Verona, é inimigo mortal de Monteschi, outro grande senhor, e nas praças públicas da cidade lutam entre si os partidários e criados de ambas as famílias poderosas. Quando o conde de Paris, enamorado de Julieta, pede ao pai esperanças, Capuleto contesta que sua filha, muito jovem, é a única alegria de sua casa. "Não está na idade das preocupações que o novo estado acarreta; das responsabilidades, trabalhos e cuidados maternais". No entanto, autoriza o conde a conquistar o seu amor.

Se ela aceitar...

Justamente naquela noite oferece em seu palácio uma grande festa. Oh! Realmente coisa digna de ser vista e descrita:

Música, luzes, pedrarias, sêdas e perfumes... e, com supremo esplendor, os olhos das damas — peregrina constelação verde, negra, azul — arrogantes ou virginais silhuetas, finas ou pomposas beldades deleite dos olhos, carícia dos ouvidos, entre as quais haverá unde escolher contentando ao mais exigente. Julieta estava entre elas, mas sem correr grande risco — pensa o pai — porque há damas mais lindas, mais doces e mais graciosas...

A mãe de Julieta, naquela noite, comunica à sua filha que o conde de Paris, padrão dos cavalheiros de Verona, pediu sua mão; e ante o tácito consentimento materno responde a donzela dizendo que poderá a obediência forçar seus olhares na direção de quem lhe foi mandado, mas não o coração e o desejo.

Durante o baile, em plena festa, a formosura de Julieta resplandece, tudo obscurecendo completamente; ela é a única beleza, a luz única, a graça inédita, a fragrância sem igual. Os olhos de certo mascarado se fixam nela, prisioneiros irremediáveis da sua graça. Este mascarado veio ao baile à procura de seu amor, e sòmente o disfarce pôde franquear-lhe as portas que de outro modo se teriam fechado, pois [illegible] Moteschi, filho da odiada família.

[illegible] por sua vez, a atração do mancebo, e quando sabe quem é, conhece a primeira angústia [illegible]. Começa a amar a quem deve odiar.

A seguir as horas lhe trazem a doçura de ver seu amado que escala o muro do jardim e chega à escada do seu salão. Momentos inefáveis em que [illegible] também doce linguagem: emoção suprema, tesouro do mundo!

Não são passadas muitas auroras, quando a ditosa enamorada, com ágil pé e coração cheio de ilusões, se encaminha à gruta de Frei Lourenço, onde em matrimônio secreto há de unir-se a Romeu.

[illegible] a felicidade infinita perturbada por [illegible] os dois jovens esposos. Romeu que matou em desafio a Teobaldo, é desterrado pelo príncipe e deve partir. Nas janelas de Julieta assoma a palidez da alvorada. Piam as andorinhas precursoras do dia... Romeu se dispõe à separação. Julieta, ditosa retém o amado dizendo: — Não, meu amado: não é a andorinha. E' o rouxinol que canta. ... ... (Cont. na pág. 198)

Mas é, realmente, um falso hibernante. No início do outono, o urso marron se mostra inquieto, perde o apetite e desce das altas montanhas, a fim de procurar um refúgio. Quando encontra um buraco ou caverna, para se assegurar de que não será surpreendido nesse esconderijo, trata de vigiar os arredores durante mais de um mês. Quando fica tranquilizado e depois de comer plantas purgativas e limpar os intestinos, adormece com um sono muito leve, entrecortado de vigílias. Está sempre "em guarda".

A partir dêsse momento, jejua, mas não volta a adormecer antes de obstruir seu "rectum" com uma bucha de ervas, que só expelirá na primavera. Se, por acaso, perturbado em seu sono, é obrigado a lutar e na luta perde essa bucha, tôda a sua hibernação fica comprometida. Então, condenado à vigília, é forçado a procurar alimento. E' sòmente nesse período que em geral erbívoro, o urso se alimenta de carne, quando não encontra outra coisa para comer.

Fato curioso: é durante êsse jejum total, em dezembro ou janeiro, que a ursa dá à luz seus filhotes (um ou dois ursinhos). Embora sem comer nem beber, ela própria, a ursa, tem bastante leite, alimentando fartamente as suas crias.

De todos êsses fatos conclui-se que a hibernação permite a certos animais, por um lado, lutar contra o frio e, por outro, paliar a falta de alimento. Os hibernantes são todos animais de temperatura constante, que, no inverno, apresentam grandes modificações no gênero e no ritmo de sua vida: o ergurgitamento, a cessação da alimentação, o funcionamento retardado da respiração e da circulação, a baixa da temperatura central, etc..

Enquanto que na maioria dos mamíferos, um centro nervoso comanda a constância da temperatura central, permitindo-lhes lutar contra o calor e o frio, êsse centro, se funciona no verão (para a marmota, por exemplo), cessa de reagir durante o inverno.

Por que essa diferença de regime em favor de alguns animais dotados destas particularidades? São fantasias da Natureza...



PARA NÃO SECAR COMPLETAMENTE DURANTE O SONO HIBERNAL o morcego procura, para dormir, as cavernas úmidas!



VIVIAM MELHOR NOSSOS AVÓS?

Por LORD TWEEDSMUIR

(Antigo Governador Geral do Canadá)

EM uma carta que escreveu nos últimos anos de sua vida, Gladstone declarava: **«O mundo atual não é aquêle em que nasci e cresci: é um mundo com o qual é muito difícil eu estar de acôrdo».** Tristes palavras! Nem homens, nem instituições podem viver do passado, se querem perdurar. A perda de contato com a sua época significa que viveram mais do que o necessário. Qualquer entidade que aspire a conservar a sua existência não pode, nem por um instante, afastar-se do ritmo imposto pelo presente. A mente dos homens, de um modo natural, é dividida em dois tipos: as que gostam do novo, porque é novo, e que, como a dos antigos atenienses, sempre andam em busca do novo; e as que se agarram ao antigo, porque é antigo. Temos aí, em simples análise, dois vícios. O cérebro sensato e equilibrado, naturalmente, não aceitará o velho só pelo simples fato de ser velho, nem o novo só por ser novo, mas observará e aplaudirá — e adotará — o valor essencial que uma ou outra coisa possua. Porém são escassos os homens sensatos: no fundo todos somos sentimentais. Devemos não esquecer que todo vício oferece perigo. O que ama o novo está exposto a ser arrastado pelos diferentes sopros doutrinais e perder as próprias raízes. O outro corre o risco de ficar eternamente **dentro do sulco,** perdendo todo o poder de desenvolvimento.

O caso Gladstone corresponde ao segundo tipo. Pelo que me diz respeito, prefiro o mundo chapado à antiga, dos meus anos de mocidade. Inclino-me a concordar com um amigo meu que vivia dizendo que o cavalo é a base da civilização e que a velocidade do cavalo é a velocidade máxima, própria do homem civilizado; tudo quanto a exceda é próprio da barbaria.

Às vêzes, nos momentos de exasperação, tenho a sensação que o pior inimigo da civilização foi o inventor do motor de combustão interna, pai de automóveis, submarinos e aeroplanos, progressos que vieram deslocar nossa vida ao alterar o seu ritmo. Não admiro os que sentem júbilo quase infantil ante qualquer progresso de nosso mecanismo material. Há ocasiões em que sinto temor de que nem a felicidade, nem a comodidade humanas se hajam beneficiado grande coisa com o nosso progresso científico; e, nesses momentos, chego a imaginar que meu avô, que só contava para viajar, com o seu cavalo modeirão, e que só parecia interessado pelos assuntos de sua paróquia, vivia uma vida melhor do que a nossa.

Creio que somos muitos os que de vez em quando caímos nestas reflexões, filhas dos sentimentos, mais que da razão, e as quais precisamos dominar para não ir parar na triste, na lamentável queixa de Gladstone. A ninguém poderá servir o dar murros em ponta de prego. É preciso adotar um ponto de vista adequado para obter uma perspectiva correta. Volvamos, pois, o olhar ao passado, para averiguar que benefícios obtivemos no último quarto de século, que compensem as nossas **perdas.**

Observemos os anos anteriores à Guerra: o primeiro que notamos, do nosso atual ponto de vista é que se desfrutava nêles de prosperidade e comodidade incríveis. Mas, se fizermos trabalhar a nossa memória recordaremos que havia inquietude. Por trás da arrogância e da satisfação que o mundo inteiro exibia, notava-se a inquietação provocada pela sensação do desastre iminente. As velhas crenças, em grande parte, iam resvalando para o fracasso; mas não dávamos conta disso e, em conseqüência, não nos preocupava o encontrar novas bases. Mas a Guerra, pródiga em dor, em destruição e morte, logrou uma coisa: que descobríssemos a nós mesmos! Revelou-nos quão tênue era a capa que separava a nossa complexa civilização da anarquia primitiva. Se alguém me pedisse mencionar um benefício concreto da Guerra — e refiro-me agora ao povo britânico — eu diria que nos deu um sentido de humildade. Nosso orgulho desapareceu como bolha de sabão.

O período correspondente à geração anterior à nossa abunda em perdas, mas também em lucros — perdas trágicas, mas também ganhos evidentes. Podemos mencionar alguns. A tempestade varre muito do que nos é caro, mas deixa limpo o ambiente e livra a perspectiva de estorvos, que a limitavam, que a escureciam...

De nossos lucros eu selecionaria, primeiro, os de ordem intelectual. Pesam sôbre nós, agora menos dogmas. Em compensação, possuímos princípios mais sólidos. Entendo por dogma a dedução baseada em fatos e que só subsiste sob determinadas condições, mas que é falsa quando variam as condições citadas. Por princípio entendo uma verdade eterna e universal.

Tomemos por exemplo a democracia. No século passado andávamos inclinados a defini-la de um modo demasiadamente absoluto e a considerar certa forma de govêrno popular como eficaz para todos os tempos e tôdas as circunstâncias. Hoje compreendemos a possibilidade dessa forma de govêrno requerer modificação. Creio que chegamos a compreender a necessidade de uma constante revisão de nosso acervo de idéias políticas, para irmos deixando o fóssil, o antiquado, pois só assim se logra observar as verdades perduráveis em sua perspectiva real.

Após os nossos lucros intelectuais, vêm os de ordem social. Os últimos cinco lustros foram testemunhas da queda de numerosas divisões de classes sociais, carentes de razão de ser, e presenciaram a decaída de muitos europeís. O saber se di



(Cont. da 196) Mas é a andorinha sim, e é o dia, é a separação! A partir dêste momento, já tudo é tristeza e dor, sombra e desesperança no coração de Julieta. Sabe que perseguem o seu amado, para vingar a morte de Teobaldo, e sua mãe lhe anuncia seu imediato matrimônio com o conde de Paris! Como se aproximar do altar, se já o céu ouviu o seu juramento de espôsa? Em transe tão angustioso, corre a aconselhar-se com Frei Lourenço. Desta vez porém penetra na gruta com o coração partido e sangrando...

Frei Lourenço lhe propõe um meio salvador. Fingirá que aceita o matrimônio e tomará uma beberagem que, a adormecerá num doce sono, e dará ao seu corpo tôdas as aparências da morte.

★

Quando, adornada com suas galas de desposada, em féretro descoberto, conforme o uso italiano, foi ela colocada no antigo panteon dos Capuletos, o próprio religioso, por carta, informa a Romeu do combinado, esperando que ambos velariam Julieta até o seu retôrno à vida e fugiriam em seguida, protegidos pela noite para Mântua.

Quão formosa estava Julieta na sua morte simulada!

Nas grades do panteon, o conde de Paris ajoelhado, espalha flores, querendo assim honrar a memória da que foi sua noiva! Infelizmente Romeu não recebeu a carta que lhe enviara Frei Lourenço, não sabe, também, que a sua Julieta repousa no túmulo dos Capuletos. Decidido a morrer junto dela, adquire um veneno.

Mas deseja, antes, contemplar pela última vez a adorada morta; ao franquear a entrada do panteon encontra-se com o conde de Paris, que o desafia, acreditando ser êle o causador da morte de sua noiva.

Lutam e o conde cai morto. Suas últimas palavras são para suplicar um túmulo junto de Julieta. Romeu promete satisfazer em homenagem ao seu amor.

— Terás um sepulcro resplandecente — diz êle — pois onde Julieta repousar só poderá haver uma luz!

Depois, contemplando a beleza de sua enamorada, cujo frescor parece desafiar a própria morte, traga o veneno. Julieta pouco depois desperta e um horrível espetáculo se oferece aos seus olhos. De volta à vida, o que acreditava ser a salvação e a ventura, amor triunfante do ódio, horizonte cheio de promessas, delícia sem fim, é, ao contrário, a espantosa visão de dois corpos inertes!

Julieta não pôde sobreviver a tanta desventura; sobretudo não pôde viver sem o seu amado; por isso, arrancando da mão crispada de Romeu o veneno libertador, bebe-o com um gesto desesperado.

Êsse veneno é para ela a aurora da vida nova e imortal do além, o amanhecer do eterno amor!

Julieta não hesita em seguir seu amado por caminhos de sombras para a luz eterna. Um mesmo ódio quis separá-los; um mesmo amor mais forte que o ódio, os uniu; o mesmo veneno voltou a uni-los definitivamente, na eternidade!

Tal foi a meiga e infeliz criatura que o gênio inigualável de Shakespeare, o grande forjador de almas, trouxe para a vida em seu drama "Romeu e Julieta". Drama traduzido em todos os idiomas e que talvez só consinta em ceder lugar de primazia à Bíblia, em matéria de edições, porque é um dos mais fortes episódios de amor da literatura de todos os tempos e a mais duradora.


Shakespeare.

A assinatura de Shakespeare

---

fundiu mais e as classes sociais já não são herméticas, como antes se impunham: há uma compreensão mútua mais completa. Desta compreensão cremos que resultou uma simpatia mais viva.

Quão diferente é hoje, por exemplo, a atitude que a gente acomodada observa ante o problema da escassez de trabalho, se a compararmos com o que fôra assumido pouco antes da Guerra! Reconhecemos um grau maior de responsabilidade pessoal na desgraça alheia. Apreciamos a nação como algo orgânico, em que os interêsses de tôdas as classes sociais se acham estreitamente entreligados. E compreendemos que, se uma parte dêsse todo sofre as demais também hão de sofrer.

Com menor alcance, também temos lucros de ordem política: no Estado já não se considera coisa distante e impessoal, mas sim uma organização de povo inteiro, em forma tal que podem agir melhor as fôrças da coletividade, em momento dado, em benefício daquela de suas partes que venha a exigi-lo. Não perdemos a liberdade individual, que serve de tradicional base à vida nacional; porém compreendemos, afinal, que a liberdade depende da disciplina. E vamos vendo, cada vez mais claramente, que o significado real da sociedade civilizada é o livre esfôrço individual para finalidades que a um tempo são alvo da coletividade inteira. Porém sôbre todos os lucros obtidos se acham os de caráter moral: nossos sofrimentos nos en-


O BI-MILÊNIO DE PARIS — Êsse bôlo de velas (duas mil!) foi preparado pela Municipalidade de Paris. Os jornalistas estrangeiros, convidados para o schampagne comemorativos se encarregaram de soprar as velas... e de comê-lo.

de bastar-se a si mesma e que nossa prosperidade, com o tempo, depende do êxito do nosso vizinho, não do seu fracasso. Jorge V, após uma grave enfermidade que sofreu pouco tempo antes do seu desaparecimento, assim falou: «Não posso falar da generosa simpatia que me demonstraram numerosos amigos desconhecidos de muitos países, sem formular uma comovida e nova esperança: quero acreditar que não passará muito tempo sem que a regra sejam experiências como a minha, em que um motivo de ansiedade nacional provoque uma corrente de simpatia e de amizade humanas!.

Talvez não esteja próximo ainda o dia em que esta esperança se torne realidade, mas já andamos procurando a senda que a isso conduz. Convém recordar que habitamos um mundo em que a vida têm que sujeitar-se a certas regras. Criticar é uma necessidade, porém convém que não haja excessos e que não vá muito longe a crítica dissolvente.

A civilização, afinal, não é mais que uma espécie de conspiração. Necessitamos de recorrer a certas convenções e embora estas devam ser objeto de cuidadoso estudo, é preciso que tenhamos regras e convenções de alguma natureza, se não quisermos cair no caos primitivo. Não é possível derrubar sempre, sem criar algo que substitua o derrubado. Na República ideal de Platão, era o filósofo chamado a mandar — não o sofista.

Cruzamos através de uma

(Cont. na pág. 226)



BACILOS do tétano, visto através do microscópio eletrônico. Tem a forma muito característica do grupo de bacilos.



COCOS — E' redondo, cresce em cadeia, aos pares, em cachos. Estão aumentados 7.000 vêzes. Causam as infecções estreptocócicas.



SPIROCHETA — E' longo e ativo. O que se vê na gravura acima é o Treponema Pallidum, o germe que causa a sífilis.

OS GERMES

A CIÊNCIA MÉDICA AJUDA O CORPO EM SUA LUTA CONTRA SEIS GRANDES GRUPOS DE GERMES.

GERME é uma pequenina palavra com uma enorme definição. São os grandes destruidores do corpo humano. Seis tipos de germes estão aqui classificados. Os males e enfermidades que causam e os métodos de contrôle dos mesmos são igualmente expostos nestas páginas.

Normalmente, o corpo tem um bem organizado sistema de defesa contra êsses invasores. Uma vez no corpo, muitas bactérias são fàcilmente tragadas e destruídas pelos corpúsculos brancos do sangue. Outros, porém, produzem venenos ou toxinas, que atacam os diferentes tecidos do corpo e causam os sintomas da moléstia. São os germes.

Quando os germes fabricam toxinas no corpo, certos tecidos produzem substâncias chamadas anticorpos, que combatem os germes por vários processos. Em alguns casos, os anticorpos destroem os germes totalmente e em outros apenas neutralizam suas toxinas. Os corpúsculos brancos do sangue e os anticorpos travam incessante batalha contra os germes. Quando os germes vencem essa batalha, o paciente morre. Mas, na maioria dos casos, o corpo vence o invasor.

Boa parte da moderna medicina cuida de ajudar o corpo a vencer os germes. Os agentes geralmente usados são indicados no rodapé das páginas seguintes. Muitos dêles são biológicos, nos quais os próprios germes são empregados na produção de agentes que causam a destruição do mal. As vacinas são germes injetados no corpo para estimular a produção de anticorpos específicos. O serum amebacterial pode ser preparado com a infecção propositada de cavalos com germes, usando-se depois os anticorpos dêsse animal para combater os germes humanos. As antitoxinas, usualmente preparadas também com a ajuda do cavalo não atacam os germes diretamente, mas neutralizam suas toxinas. O toxóide é preparado quimicamente com toxinas fracas, de modo que podem ser empre-

RICKETZIA, descoberto pelo patologista H. T. Ricketz, é transmitido por pulgas e carrapatos. O que se vê abaixo causa o tifo.



VIRUS — O da bexiga pertence à classe dos menores germes. São visíveis sòmente através do microscópio eletrônico.



PROTOZOARIOS — Ao contrário dos outros germes, é transmitido pelos animais e pelas plantas. O que se vê, é o da malária.



BACILLUS

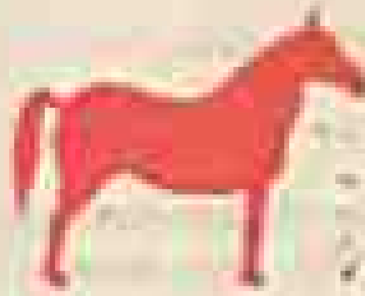


		TUBERCULOse	DIFTERIA	TETANO	BOTULISMO	GANGRENA GASOSA	DESINTERIA	ANTRAZ
LOCAL DA INFECÇÃO								
CONTRôLE QUÍMICO	PREVENÇÃO							
	TRATAMENTO							
CONTRôLE BIOLÓGICO	PREVENÇÃO							
	TRATAMENTO							
MEIOS DE CONTRôLE		O melhor contrôle é a vacina BCG, ainda experimental. A streptomicina é bem promissora.	Toxóide (vacina) e antitoxinas são eficientes mas só no contrôle de alguns casos.	Toxóides (vacinas) é 100 por cento eficiente, quando repetidas periòdicamente	Antitoxinas são eficientes administradas sem perda de tempo. Penicilina, sulfas e antitoxinas.	Penicilina, sulfas, antitoxinas são úteis no tratamento. O toxóide é útil na prevenção.	As sulfas são usadas como preventivo e tratamento, reposto o soro antibactérico.	As sulfas e o soro antibactérico são eficientes, se forem empregados no início do mal.

CHAVE



VACINA



SORO ANTIBACTÉRICO

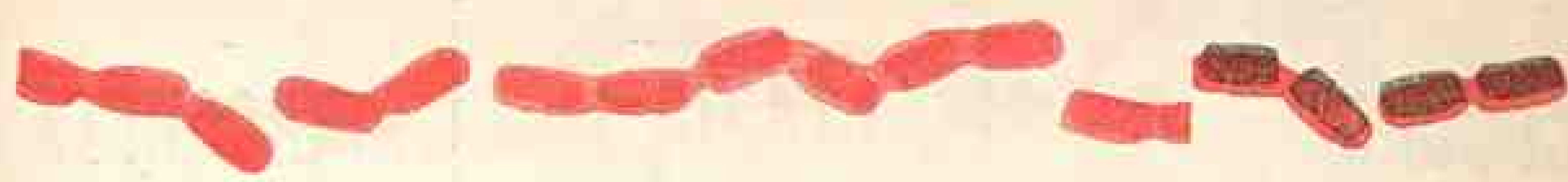
Esquema por JERRY MUSCOTT

gados, sem perigo, para ajudar o corpo a construir suas próprias defesas (antitoxinas).

Outros recursos são igualmente empregados. O Serum Humano, preparado, é feito com o sangue dos que adquiriram maior resistência contra certas enfermidades. Quando os mais importantes elementos dêste serum são separados, são chamados "globulinas preparadas" (imune).

Drogas como a sulfa e a penicilina, tornaram-se poderosos auxiliares biológicos no combate aos germes. Tais drogas nem matam os germes, nem neutralizam as suas toxinas. Simplesmente evitam que se multipliquem, de maneira que o corpo pode lutar contra êles com maior segurança e vencê-los mais depressa. Assim, a ciência tem progredido nesse sentido e de tal forma que alguns males provocados pelos germes, como a difteria e o tétano foram pràticamente eliminados. Outros, principalmente os causados pelos virus, resistem ainda a êsses tratamentos; mas o atual avanço da ciência médica permite esperar que os germes venham a perder muito breve seu pôsto de maior inimigo do corpo humano.

PARA QUE OS ESPINAFRES conservem todo o sabor é necessário cozinhá-los em pouca água e passá-los, depois, em água fria.



FEBRE TIFÓIDE E PARATIFÓIDE	CHOLERA	BUBÔNICA	COQUELUCHE	TULAREMIA	LEPRA	BRUCELOSE
A vacina é eficiente na prevenção. A streptomicina é preferível no tratamento	A vacina é considerada por alguns médicos muito eficiente na prevenção do mal.	A vacina é eficiente na prevenção da moléstia. As sulfas preferidas no tratamento.	O soro imunizante é eficiente na prevenção e tratamento. Vacina ajuda na prevenção.	A enfermidade em geral é transmitida por coelho. Não há prevenção ou tratamento.	O óleo de chalmoogra dá algum resultado O Promin e promissor (sulfadiasonas)	As sulfas ajudam apenas no tratamento, embora não sejam de grande eficiência

SORO ANTITÓXICO **SULFAS** **SORO HUMANO PREPARADO**

O REI ATHLESTANE

Quando os Normandos se apossaram da Inglaterra, no tempo de Guilherme o Conquistador, é sabido que os Anglo-Saxões custaram muito a aceitar essa conquista. A batalha de Hasting acabara com os anseios de independência do povo inglês, tanto mais quanto na referida batalha havia morrido o grande Haroldo, último rei da raça saxônica. Entretanto, a velha nobreza do reino não podia aceitar a imposição dos conquistadores e tratou de procurar um monarca que substituisse o que acabava de sucumbir de modo tão heróico naquela batalha. Tôdas as esperanças se voltaram então, para Athlestane, descendente mais imediato dos reis saxões, e que aceitou a investidura com que o distinguiam os seus vassalos vencidos. O castelo do Saxão era o núcleo de uma conspiração perpétua. Reinava então, no trono da Inglaterra, João sem Terra, porém em nome do seu irmão, Ricardo Coração de Leão, que estava na Palestina; temeroso de uma tentativa de independência, João enviou um forte destacamento de lanceiros para ver o que podia esperar ou temer de Athlestane. Para enganar o rei João, os nobres saxões inventaram um meio de acabar com as suspeitas dos Normandos; para tanto deram um narcótico ao seu monarca e assim fizeram os Normandos acreditar que Athlestane estava morto, pois dêste modo poderia trabalhar com mais segurança pela independência.

De fato, uma certa manhã correu a notícia de que o rei Athlestane havia morrido. O próprio João sem Terra velou o «cadáver», que foi depositado na grandiosa capela do castelo; mas o Normando não era tolo e, tendo desconfiado, mandou fazer ao seu inimigo grandiosas **e demoradas** exéquias.

E aconteceu o que era natural... Ante o assombro de todos os presentes e no meio das cerimônias

COCCUS

SPIROCHETA

	INFECÇÃO STREPTOCÓCICA	INFECÇÃO STAFILOCÓCICA	PNEUMONIA	MENINGITE	GONORRÉIA	SÍFILIS	
LOCAL DA INFECÇÃO							
CONTRÔLE QUÍMICO — PREVENÇÃO							
CONTRÔLE QUÍMICO — TRATAMENTO							
CONTRÔLE BIOLÓGICO — PREVENÇÃO							
CONTRÔLE BIOLÓGICO — TRATAMENTO							

MEIOS DE CONTRÔLE

As enfermidades de coccus, que incluem muitas das afecções comuns aos homens., são tôdas tratadas com penicilina e sulfas. Essa infecção pode atacar qualquer parte do corpo ou envenenar todo o sistema (indicado pelas figuras acima). Três delas, — inferções streptocócicas, (por exemplo: escarlatina e febre puerperal) meningite e gonorréia, podem ser evitadas por contrôle químico. Na pneumonia e meningite um contrôle químico é eficiente. A penicilina substitui com vantagem as sulfas

As enfermidades provocadas por spirochetas, com exceção da ictericia infecciosa (à direita) podem ser tratadas com compostos arsenicais. O mais conhecido é o neo-

GLÓBULOS HUMANOS PREPARADOS

ANTIMALARICOS

TOXÓIDES

fúnebres, o rei Athlestane, voltando a si, levantou-se do ataúde, causando espanto geral.

Descoberta a farsa, travou-se terrível combate dentro da própria capela, entre Normandos e Saxões, até que êstes sucumbiram. Athlestane, vencido irremediàvelmente, acabou reconhecendo o domínio dos vencedores.

★

CENTENARIOS DO ANO

O CENTENARIO DE STEVENSON

Em 13 de novembro de 1950 comemorou-se o centenário do nascimento de Robert Louis Stevenson. Quem foi êle? — alguns leitores responderão logo que se trata do autor daquela história maravilhosa que é «A Ilha do Tesouro». Os adolescentes naturalmente farão referência a «Raptados». E nós, os que temos noções de literatura universal, somos forçados a lembrar o impressionante «Dr. Jeckyil and Mr. Hyde», de que tanto se aproveitou o cinema, para algumas obras-primas.

Stevenson nasceu em Edimburgo, filho de um engenheiro, construtor de faróis famosos. Menino fraco, herdou da mãe a fraqueza dos pulmões, de que viria morrer aos 44 anos, numa ilha da Polinésia. Foi um péssimo aluno. Não gostava da disciplina escolar. Gostava era de ouvir a mãe ler-lhe páginas da Bíblia ou da história da Inglaterra. Aos 13 anos perdia-se pelos arredores a admirar as paisagens e a procurar descrevê-las literalmente com o máximo de frescor e originalidade. Um ano depois conhecia tôda a Escócia, sempre de olhos abertos para os espetáculos da natureza.

Aos 26 anos fêz uma estação de cura na Côte d'Azur e travou conhecimento com uma americana excêntrica, Mme. Osborne, que se tornou sua amante. Stevenson foi com ela para os Estados Unidos, rompendo com os pais e passando a fazer da literatura meio de vida. Mas isso não durou muito. A americana largou-o e Stevenson casou-se com outra, o que lhe valeu a reconciliação com os pais, que passaram a dar-lhe uma pensão de 250 libras. Antes porém, andou êle pela Califórnia, em contato com mineradores, e conheceu a dura vida do trabalhador.

RICKETTSIA

FEBRE INTERMITENTE	ANGINA DE VINCENT	ICTERÍCIA INFECCIOSA	FEBRE DAS MONTANHAS	TIFO EPIDÊMICO	TIFO RURAL	TIFO MURINO
Salvarsan ou neoarsphenamina. Na sífilis a penicilina os substitui com vantagem e cura mais depressa. O bismuto e o mercúrio ajudam no tratamento complementar.		Os arsênicos são desnecessários. A penicilina e o soro antibactérico são eficientes.	As duas enfermidades têm o mesmo contrôle. As vacinas são eficientes na prevenção. Os soros são auxiliares no tratamento. Ácido para-amino-benzóico (vitamina, bom no tratamento)		A prevenção é apenas para controlar os germes infectados que transmitem o mal.	Ácido para-amino-benóico é eficiente no tratamento. A vacinação ainda é experimental.

ARSÊNICOS — PENICILINA — CONTRÔLES EXPERIMENTAIS

Em 1880 Stevenson voltou à Inglaterra, com a espôsa, para logo em seguida partir em busca de ares para os pulmões avariados. Quando regressou, pôs-se a escrever «A Ilha do Tesouro». Ia escrevendo de dia e lendo para a família de noite. E foi numa dessas ocasiões que um crítico o ouviu. Entusiasmado com a obra, carregou os originais para publicá-los em folhetim num jornal. E foi um sucesso imenso.

No fim da vida, êle nem podia escrever. Ditava. Ditou o romance que deixou inacabado e que dizem seria sua obra-prima: «Weir of Hermiston».

★

CENTENARIO DO DR. PEDRO LEOPOLDO DA SILVEIRA

Na data de 2 de dezembro de 1850, nascia, no Engenho Cumbe, município de S. Cristóvão, na Província de Sergipe, Pedro Leopoldo da Silveira, filho do Tenente-Coronel Manuel Fernandes da Silveira e de D. Felismina da Silveira Sobral, neto paterno do Brigadeiro Manuel Fernandes da Silveira, primeiro Presidente da antiga Província de Sergipe, em 1823. Faleceu em 9 de agôsto de 1894. Muito moço, descendente de família pobre, assentou praça em 23 de julho de 1866. Achando-se adido à Companhia de Alunos. Concluindo os cursos de infantaria e cavalaria pelo Regulamento de 28 de abril de 1863, foi nomeado Alferes-aluno do Exército, em 11 de janeiro de 1873. Promovido a 1.º tenente e classificado no 4.º Batalhão de Artilharia à pé, foi desligado e mandado apresentar-se à repartição Ajudante General em 15 de dezembro de 1875. Chefiou as construções de Estradas, em Sobral, no Ceará, em Alagoinhas, na Bahia, Great-Western, em Recife e Central do Brasil, como engenheiro-chefe. Faleceu na cidade mineira de Sabará, onde foi sepultado. O Govêrno mineiro deu seu nome à cidade e, o Govêrno da República, fundou a Fazenda Modêlo que tem o mesmo nome — Pedro Leopoldo.

VIRUS

	GRIPE	VARIOLA	RAIVA	ENCEFALITE (6 tipos conhecidos)	CACHUMBA	SARAMPO	TRACOMA
LOCAL DA INFECÇÃO							
CONTRÔLE QUÍMICO — PREVENÇÃO							
CONTRÔLE QUÍMICO — TRATAMENTO							
CONTRÔLE BIOLÓGICO — PREVENÇÃO							
CONTRÔLE BIOLÓGICO — TRATAMENTO							
MEIOS DE CONTRÔLE	Desenvolvida há pouco tempo, a vacina é eficiente usada como preventivo da enfermidade.	A vacina primeiramente usada por Jenner (1789) provoca imunidade total por 5 a 7 anos	A vacina é eficiente como preventivo quando administrada logo após a infecção	A vacina é eficiente como preventivo para um só dos seis tipos conhecidos da moléstia.	A vacinação é promissora na prevenção; a globulina preparada auxilia o tratamento.	A globulina preparada é eficiente como preventivo e no tratamento, usada no início.	As sulfas são auxiliares no tratamento, muito embora não sejam de todo satisfatórias

MATEMATICAS RETROSPECTIVAS

QUANTOS AVÓS TIVEMOS?

Os leitores já pensaram, alguma vez, no número de homens e mulheres que foram necessários para que fôsse possível a nossa visita ao mundo?

Certamente não. Com o objetivo de fazer a conta com mais facilidade, não remontaremos ao princípio do mundo, mas tomaremos como ponto de partida a Era Cristã.

Façamos um rápido cálculo mental, mas sejamos um pouco mais generosos que certo professor, ilustre, sim, mas que estimando em seis as gerações de cada centúria, obteve um total de 114 a 120 gerações.

O método de cálculo deve ser sensato. O leitor há de ter, certamente, pai e mãe. Êstes fazem dois seres humanos, cada um dos quais por sua vez também tiveram pai e mãe, o que resulta em quatro seres mais, os quais, por sua vez, também tiveram pai e mãe, o que resulta em oito seres mais. Cada um dêstes seres teve pai e mãe que perfazem 16 seres. E continuando assim, até ao ano 1, e obtendo 56 gerações, teremos que 139.235.317.489.534 e 976 nascimentos tiveram que ocorrer até chegarmos a êste mundo!

Isto, naturalmente, não é senão uma fração do total! Aquêles que disponham de papel (e tempo) podem seguir fazendo o cálculo até ao ano 6.000 antes de Cristo, e obter o total de gerações que o precederam e o número de indivíduos que o antecederam, em linha direta.

★

UMA AVENTURA AMOROSA DE NAPOLEÃO

Conta Lourenço de Bradi, em um vespertino parisiense, uma «história de amor» daquele que mereceu um dia o título de imperador da Europa.

Em 1790, o jovem Napoleão Bonaparte era tenente de artilharia e comandava um destacamento de voluntários de Liamone, de guarnição em Bonifácio (Córsega) e embora as suas idéias guerreiras começassem a despontar, nem por isso deixava de ser insensível ao encanto das bonifacinas, entre as quais preferia uma certa senhorita de Nerzio, também cortejada pelo tenente de carabineiros Hugo Peretti Della Rocca. Em casos como êste, o que devia ocorrer não é difícil de prever.

O artilheiro detestava o **gendarme** e êste o pagava em idêntica moeda. O segundo era poeta, e em tal qualidade dirigia à bela «signorina» ternas palavras e líricas declarações. Bonaparte, fiel à sua tática militar, **assediava a praça sem rodeios.**

CONJUNTIVITE	FEBRE AMARELA	LINFOGRANULOMA VENÉREO	PSITACOSES	CATAPORA	RESFRIADO	POLIOMIELITE
Como no tracoma, as sulfas são auxiliares no tratamento embora não muito eficientes.	A vacina preventiva, largamente usada durante a última grande guerra, é eficiente	Como no tracoma, e inclusive conjuntivites, as sulfas são auxiliares no tratamento.	A penicilina é auxiliar no tratamento da enfermidade trazida por papagaios e por pombos.	Ainda não foram encontrados agentes auxiliares eficientes para o tratamento ou prevenção.	Muitas drogas, inclusive penicilina, são usadas; entretanto, nenhuma é considerada eficiente	A utilidade do soro humano preparado tem provocado controvérsias nestes últimos anos.

Uma noite, enquanto o tenente Bonaparte espreitava a saída da senhorita de Nerzio, dissimulando-se embaixo de uma escada, apareceu o carabineiro D lla Rocca; houve cena teatral: olhares furiosos, palavras altissonantes, injúrias... E em seguida desembainhando suas respectivas espadas, os jovens decidiram bater-se ali mesmo em baixo das janelas da amada.

Napoleão foi ferido num braço. O sangue que correu não foi muito, mas parece que o suficiente para esfriar o entusiasmo amoroso do futuro imperador.

O destino de Napoleão é conhecido de todos, enquanto que o de seu rival ninguém jamais o saberia sem o concurso do senhor de Bradi, que revelou que o mesmo morreu centenário, depois de se aposentar, em Ajaccio, como coronel.

★

A PALAVRA «MÃE»



E' curioso observar como a palavra «Mãe» conserva em todos os idiomas das nações civilizadas a letra «m» na inicial e uma grande semelhança em todos êles.

Nos idiomas que se falam na península Ibérica temos dois em que não começam pela letra «m», embora se veja nêles a mesma raiz. Em **vasquense**, mãe se diz «ama», mas compreende-se que é a mesma palavra, pois conserva a sílaba «ma». Em galego dizem «nai», mas também se usa muito a palavra «mai», que é, sem dúvida, a primitiva e verdadeira palavra.

Espanhol e italiano: **madre**; português: **mãe**; islandês: **madhir**; escocês e irlandês: **mathair**; dinamarquês: **moder**; inglês: **mother**; gaulês: **mam**; holandês: **moeder**; francês: **mere**; latim: **mater**; provençal: **maire**; alemão: **mutt r**; búlgaro: **mati**; grego: **merer**; polaco: **matka**; lituano: **mote**; sueca: **moden**; russo: **mate**; persa: **mader**; sânscrito: **mata**.

★

TÊRMOS MÉDICOS



OSTEOMALACIA — Enfraquecimento dos ossos; diferente do que caracteriza o raquitismo. Deve-se a um transtôrno do metabolismo cálcico que enfraquece os ossos de todo desenvolvidos. Ataca as pessoas de 30 a 35 anos, em particular as mulheres, e é bastante doloroso. Os enfermos estão muito propensos a experimentar fraturas ósseas, e seus movimentos são muito lentos. Esta enfermidade pode durar anos e sua cura é problemática.

PROTOZOARIO

		DENGUE	PNEUMONIA ATIPICA	HEPATITE INFECCIOSA	MALARIA	DESINTERIA AMEBIANA	TRIPANOSOMIASE (Doença de Chagas)
LOCAL D AINFECÇÃO							
CONTRÔLE QUÍMICO	PREVENÇAO						
	TRATAMENTO						
BIOLÓGICO CONTRÔLE	PREVENÇAO						
	TRATAMENTO						
MEIOS DE CONTRÔLE		O único contrôle consiste em evitar contato com o mosquito transmissor da moléstia.	Nenhum agente auxiliar eficiente, existe para prevenção ou tratamento da moléstia.	A globulina preparada é um agente eficiente na prevenção e promissor no tratamento.	Antimaláricos (quinina e atebrina) eficientes apesar de não curarem completamente.	Os arsênicos e outros agentes químicos, são bastante eficientes mas apenas no tratamento.	Os arsênicos são usados no tratamento, e os resultados têm sido razoàvelmente efetivos

VOCABULARIO MÉDICO

FEBRE AMARELA — Enfermidade infecciosa, epidêmica, provocada pela picada de um mosquito, apesar da ciência ignorar qual é o micro-organismo que a produz. Êste mosquito vive principalmente nas costas tropicais do Pacífico. Passados cinco dias da picada aparecem os primeiros sintomas da enfermidade. Há casos ligeiros e outros cujo desenlace é fatal. Produz invariàvelmente uma grande fraqueza que deixa os enfermos prostrados durante muito tempo.



ATRAVÉS DO MUNDO

Os arquipélagos de Palaos, Carolinas e Marshall, situados no Oceano Pacífico, estendem-se entre os 130º e 178º graus de longitude Este e os 2º e 16º de latitude Norte (aproximadamente). Superfície: 2.149 quilômetros quadrados, com 115 mil habitantes. Capital: Korror, em uma das ilhas Palaos. Antigas possessões alemãs, que antes foram da Espanha, foram cedidas ao Japão, por convênio secreto com as potências ocidentais, em 1917. O Conselho Supremo da Liga das Nações ratificou esta concessão em qualidade de mandato em 17 de outubro de 1920.

AS MANCHAS de transpiração, nos vestidos podem ser retiradas, geralmente, com muita facilidade, bastando molhar bem os vestidos com uma solução forte de água e sal, antes de começar a lavá-los na forma usual. Convém usar para essa operação água morna.



AS TRÊS COISAS

São três as coisas que devemos cultivar: a virtude, a bondade e a sabedoria.

Três as que devemos ensinar: a verdade, a indústria e a paciência.

Três, as que devemos amar: o valor, o cavalheirismo e o desinterêsse.

Três, as que devemos governar: o caráter, a língua e as ações.

Três, as que devemos apreciar: a cordialidade, a bondade e o bom-humor.

Três, as que devemos defender: a honra, a pátria e a família.

Três, âs que devemos condenar: a crueldade, a arrogância e a ingratidão.

Três, as devemos imitar: o trabalho, a constância e a religião.

ENFERMIDADES PRODUZIDAS PELOS GERMES



VACINA ANTI-COQUELUCHE é testada para se avaliar o seu poder no dorso rapado de um coelho. Se o coelho reage com um grande tumor, é sinal de que a vacina é boa.



TOXÓIDE DO TÉTANO é testado, tomando-se o sangue de um porquinho da India já inoculado. A concentração de anti-corpos no sangue então determinada.



SERUM PREPARADO (imune) é feito injetando-se vacina anti-coqueluche num doador de sangue. Mais tarde, é retirado sangue do doador, colhendo-se assim o sôro usado no tratamento.

OS GERMES BIOLÓGICOS

SÃO CULTIVADOS PARA MANTER O SEU PRÓPRIO CONTRÔLE

As sulfas e penicilinas são eficientes no tratamento de muitos males, porém os agentes biológicos são mais comumente usados na prevenção. Na manufatura dos germes biológicos vivos são usados tubos de teste, grandes frascos de cultura, coelhos, pombos, cobaias, cavalos e obos. Em alguns casos os germes mortos são injetados diretamente no corpo, como vacinas. Em outros, os germes vivos são usados para estimular, nos animais, a produção de anti-corpos, empregados no tratamento.

A POPULAÇÃO FRANCESA — Nos anos que precederam a guerra o número de mortes foi superior ao de nascimentos. Depois de 1945 deu-se o inverso. Êste repovoamento é devido, por um lado, à diminuição de mortalidade, e provocado, sobretudo, pelo aumento de nascimentos. O excedente de nascimentos sôbre mortes foi de 333.000 em 1947, 362.000 em 1948 e 297.000 em 1949. O aumento de natalidade pôde ser atribuido, primeiramente, ao aumento de casamentos, fenômeno natural depois de uma guerra. Mas continua, apesar da diminuição do número de casamentos. Em 1951, no primeiro semestre, os nascimentos foram quase tão numerosos como durante o primeiro semestre de 1950, e o excedente sôbre as mortes foi de 165.000.

★

OS CATÓLICOS NOS ESTADOS UNIDOS — O «Anuário Católico» (The Official Catholic Directory), que é publicado em Nova York, deu a conhecer o número de católicos nos Estados Unidos no ano de 1950: 27.293.101, incluindo os 14.650 católicos do Alaska e os 14.000 do Vigariato das Ilhas Hawaii.

★

A cortiça, embebida em naftalina, é excelente para tapar os buracos feitos pelos ratos.

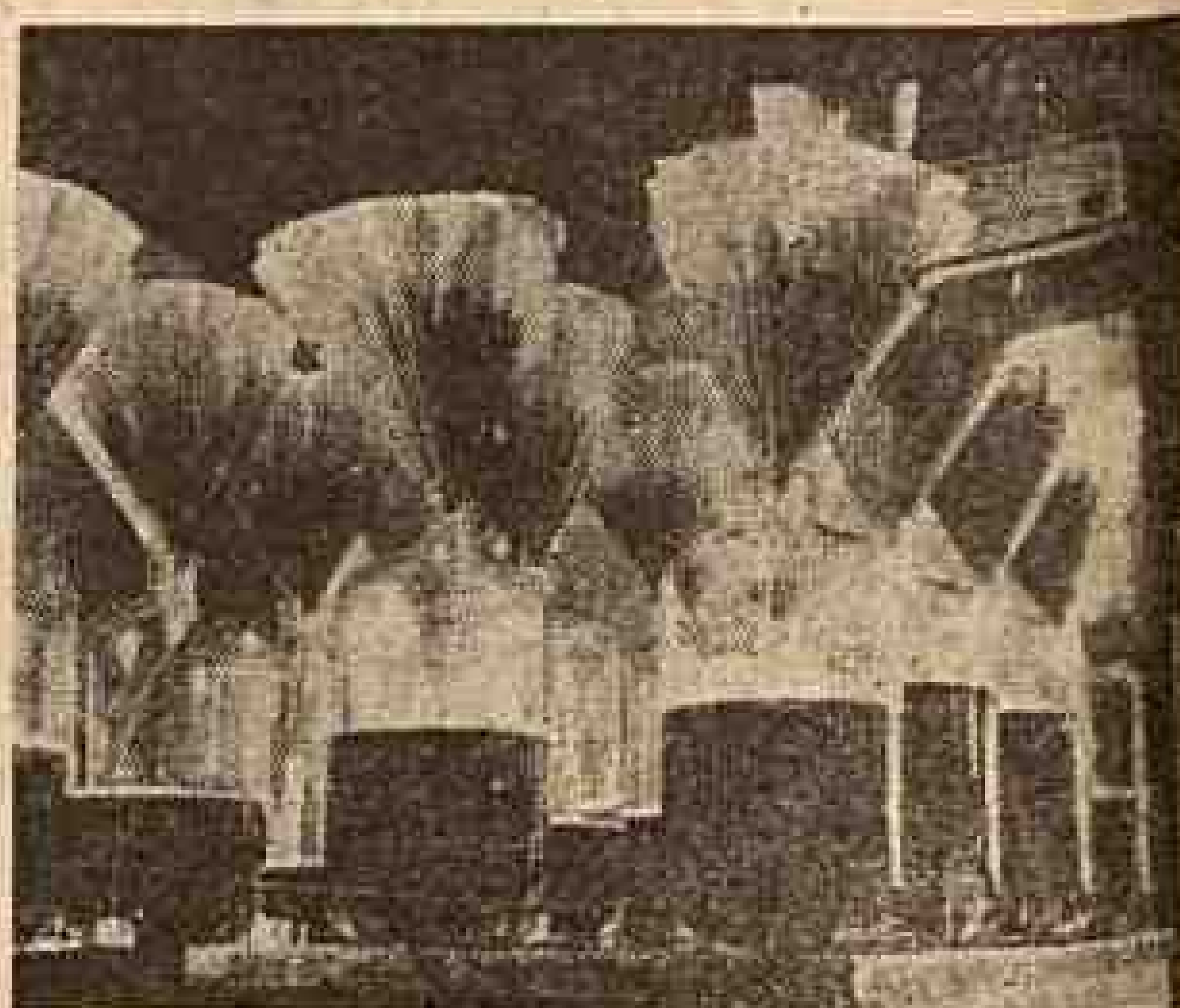


— Garçon! O café está frio!

ENFERMIDADES PRODUZIDAS PELOS GERMES



CULTURA DO BACILO DE GANGRENA GASOSA — E' êle fortalecido deixando-se que se desenvolva num pombo. Fases da manufatura da anti-toxina da gangrena gasosa mostramos em outros clichés.



O BACILO DA GANGRENA, multiplicado em frascos depois de concentradas as culturas, são retirados do músculo dopeito dos pombos. Os cones, colocados no gargalo das garrafas servem de filtros.



UM CAVALO, NO LABORATÓRIO, é inoculado com virulento fluxo de bacilos. Sem ficar enfêrmo, o cavalo adquire resistência contra o bacilo gasoso, lutando contra êle.



E' RETIRADO SANGUE DOS CAVALOS, depois que os mesmos adquirem forte imunidade. O serum dêsse sangue contém anti-corpos que são eficientes no tratamento da gangrena.

O BOM HUMOR

Estar de bom ou de mau humor não é questão de vontade. Os estados de ânimo — o nervosismo e a tristeza — surgem simplesmente **do estado funcional** de nossas glândulas internas.

Quando é deficiente o funcionamento das glândulas suprarrenais, por exemplo, diminui progressivamente a fôrça muscular. O indivíduo fatigado teme realizar qualquer esfôrço. E' incapaz de reações físicas e morais, sendo dominado pela melancolia.

Quando faltam hormônios hipofisiários sobrevêm a apatia, a perda de memória, a falta de concentração, de atenção, de atividade, e a indiferença para tudo.

Felizmente, a medicina tem, hoje, meios para remediar tais deficiências e restabelecer o equilíbrio das glândulas. Da saúde depende, pois, o bom ou mau humor que manifestamos.

★

HÁ QUEM AFIRME que as pérolas empalidecem e perdem parte do seu brilho quando usadas por pessoas enfermas. As pérolas são por isso, boas indicadoras do estado de saúde do indivíduo.

★

UMA MULHER de 25 anos, que tenha 1,65m. de altura deve pesar, aproximadamente, 62 quilos.

UTILIDADES

Para impedir que a madeira rache quando é necessário cravar na mesma um grosso prego, convém untá-lo, antes, com graxa.

★

Se se juntar uma colherada de parafina na água com que se lava linóleo, êste há de durar mais tempo e conservará melhor as côres.

★

Para separar estampilhas engomadas ou etiquetas que se tenham colado, coloca-se sôbre elas uma fôlha do papel fino, em seguida passa-se a ferro até que o calor derrota a goma e se descolem.

MINA DE CARNE E OSSOS



Algumas tribos dos chamados **peles-vermelhas** usam utensílios fabricados com chifres de veados selvagens. Tendo o naturalista Lewis R. Freemann, observado na pequena aldeia de Neskateen, que os habitantes usavam exclusivamente utensílios fabricados com chifre de veado, perguntou sôbre o motivo, sendo informado de que os chifres ali chegavam em abundância, procedentes de uma tribo que vivia a umas cem milhas do Yukon, e que os estraiam **de uma mina,** da mesma forma que os mineiros de Klondyke tiravam o ouro de suas minas. Um mês depois Freeman chegava à estranha **mina de chifres.** Em tempos remotos — segundo informaram os nativos do lugar, aquelas regiões alimentavam a milhões e milhões de veados. Um belo dia, um enorme rebanho dêsses animais foi sepultado por uma avalanche de neve, que, pouco depois, se convertia em excelente frigorífico de formas que, ainda hoje, os indígenas a consideram prato saborosíssimo, a carne que retiram da extraordinária «geladeira»!

★

DISSE O GRANDE mestre Finkelstein que uma característica da criança normal é o acentuado interêsse que demonstra por tudo o que se passa a sua volta desde as primeiras semanas, considerando que a perda dessas condições pode ser o sintoma precoce de alguma enfermidade.

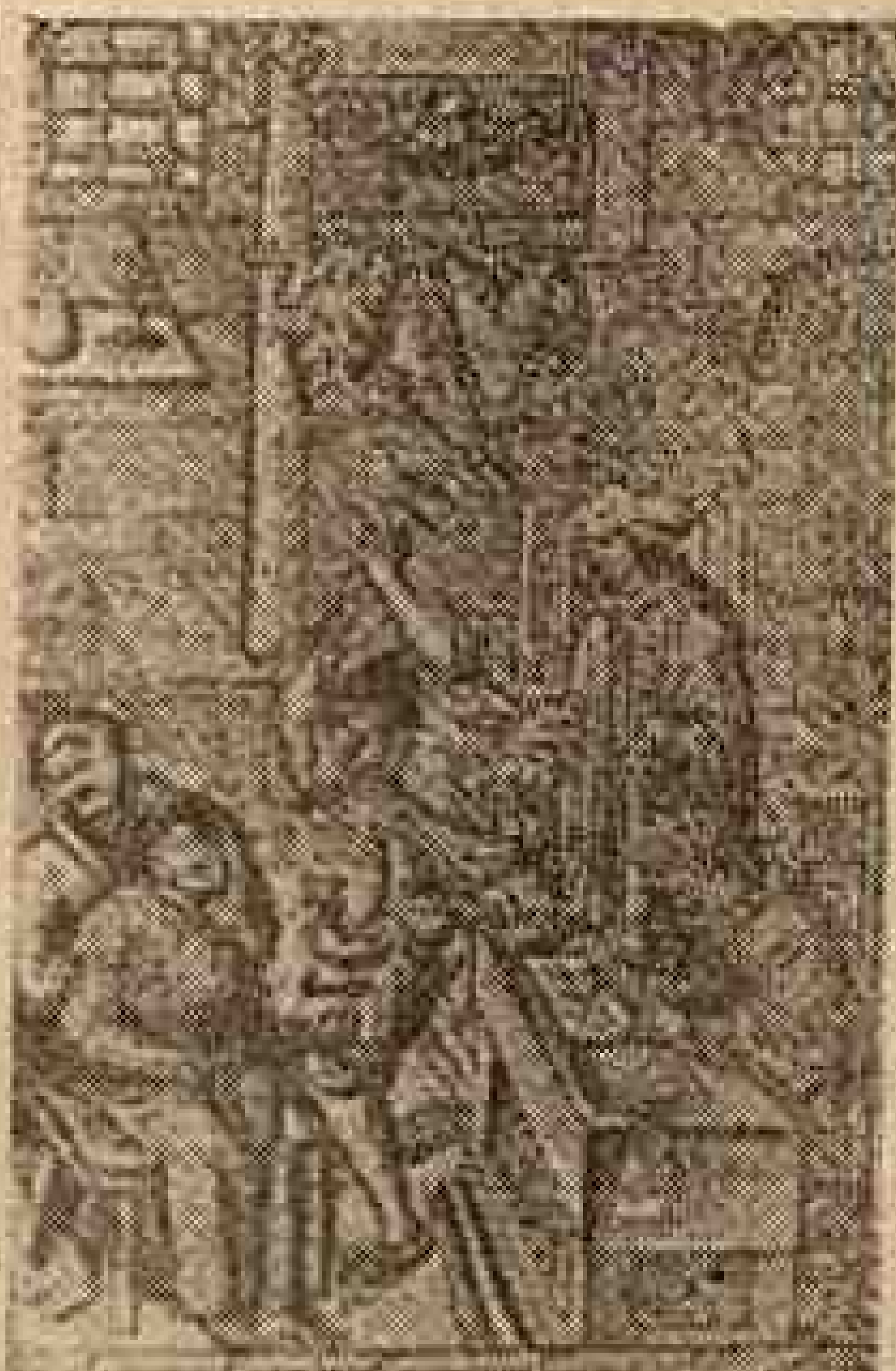
HISTÓRIA DAS EXECUÇÕES — O TORMENTO E O CADAFALSO EM DIFERENTES ÉPOCAS E PAÍSES

LENDO a história, qualquer um se horroriza ao tomar conhecimento dos detalhes rebuscados com que o homem castigava as faltas e crimes de seus semelhantes, a variedade dêsses tormentos e as terríveis provas a que eram submetidos.

A pena de morte era o que menos importava. Em alguns países os envenenadores, por exemplo, eram castigados da seguinte maneira: depois de submetidos a uma variadíssima série de torturas, em que se destacavam a "roda", a "tornozeleira", o "cavalete", além de unhas arrancadas e mãos decepadas, eram jogados, já semi-mortos, em uma caldeira com água fervente. Em tempos de Henrique VIII da Inglaterra, dois indivíduos, tio e sobrinho, foram condenados à morte. Depois de enforcado o primeiro, um carniceiro o abriu de cima abaixo, arrancando-lhe a seguir, tôdas as vísceras! Tão grande horror êsse espetáculo causou ao segundo que imediatamente se confessou culpado. Então foi agarrado pelo carrasco e, vivo ainda, teve as entranhas arrancadas! A seguir tudo foi queimado.



Morte dos falsos filhos de Herodes



Depois de mil torturas, o verdugo acaba com o martirizado réu aplicando-lhe forte martelaço na cabeça

O esquartejamento dos cadáveres colocando-se cabeça, pernas e braços em diferentes partes, **para "exemplo" e escarmento dos traidores,** eram espetáculos comuns em Londres.

Outros castigos da Idade Média eram o "potro", a "prova d'água", o "fogo", os "borzeguins" e (um dos castigos mais temidos) as "jaulas", nas quais o prisioneiro não podia estar de pé nem deitado.

A fogueira foi um suplício que teve a sua origem nos tempos mais remotos. Às vêzes os condenados eram queimados em grupos, metidos em "jaulas", que colocavam sôbre a pira

---

ONDULAÇÃO «MARCEL» — Marcel pôs em prática seu invento no ano de 1872. Êste famoso cabeleireiro francês começou a ganhar a vida com o ofício de britador, mas como sua profissão era por demais rude, entrou para um dos melhores «salões de beleza» de Paris, onde aprendeu rapidamente o ofício, obrigado pelas circunstâncias, pois tinha que sustentar a avó, a mãe, a espôsa e três filhos. Algum tempo depois, Marcel montou um pequeno «salão» e um dia, admirando a ondulação natural do cabelo de sua mãe, ocorreu-lhe que invertendo as presilhas de «frizar» podia fazer uma ondulação permanente nos cabelos das mulheres. A primeira ondulação que fêz durou cinco semanas. Em pouco tempo tornou-se moda a ondulação, e como Marcel guardava o segrêdo, não tardou a enriquecer.

Ao cabo de dez anos, Marcel, milionário, retirou-se para uma esplêndida casa de campo que tinha adquirido, passando a viver de suas rendas.

★

O grande homem tem, forçosamente, que suportar grandes desgraças. — **Shakespeare.**

★

Os grandes homens não o são em realidade se ao mesmo tempo não são homens bons. — **Smiles.**



Examinando a geleira de Criffon, com aparelhos de radar de profundidade de som, verificou-se que tem 240 metros de espessura em média

APROXIMA-SE NOVA IDADE

HOJE AS CAMADAS DE GÊLO RETROCEDEM. O GRANDE MISTÉRIO E' SABER QUANDO ELAS COMEÇARÃO A AVANÇAR...

NÃO há muito, segundo a medida do tempo dos geólogos, o continente norte-americano estava coberto por uma camada de gêlo com vários milhares de pés de espessura. Os vestígios d e s s a s geleiras simplesmente monstruosas são encontrados em tôda parte. Na Nova Inglaterra são as rochas, em nada semelhantes às pedras locais, e que foram para ali transportadas pelo avanço dos gelos. Em Nova York, Ohio, Indiana, Iowa, são grandes colinas de areia (como dunas colossais) e que são os destroços de rochas imensas, empurradas para o sul e ali abandonadas pelas geleiras desfeitas.

Os Grandes Lagos foram realmente escavados por incalculáveis montanhas de gêlo, que avançaram, abrindo as terras como se fôssem arados, descendo desde o extremo norte do Canadá: até os Finger Lakes, no Estado de Nova York, foram, um dia, grandiosas geleiras!

Outras partes do mundo con-

colossal. O tormento era horrível e, algumas vêzes, para prolongar o martírio, queimava-se lenha úmida. Uma das mais famosas vítimas dêsse tormento tão requintado em sua crueldade foi o grande espanhol Miguel Servet, condenado por seu rival, o invejoso Calvino.

No século X, a brutalidade empregada nesses casos não teve limites. O roubo era castigado — se era mulher a criminosa — arrojando-se a culpada por um precipício, depois de martirizar prolongadamente a infeliz. O mesmo delito também costumava ser castigado com a fogueira. Quando um escravo furtava alguma coisa do seu senhor, cinquenta companheiros de cativeiro formavam roda em seu redor e o matavam a pedradas. Os que não acertavam no alvo sofriam imediata pena de açoites. A fogueira, principalmente para mulheres, foi empregada durante vários séculos; e, para sofrer êsse castigo, era suficiente que a infeliz fôsse acusada de "bruxa" ou "feiticeira".



Condução das vítimas à guilhotina, na época da Revolução Francesa



A fôrça na Turquia

O prazer de **ver sofrer** foi muito grande e mesmo irresistível para muitos humanos. Calígula, por exemplo, tinha entre os seus soldados, um que era verdadeiro artista no manejo do machado ou da espada e, assim, quando o imperador romano se sentia aborrecido, chamava êsse carrasco e ordenava-lhe que decapitasse em sua presença, para divertir-se, uma dezena de desgraçados.

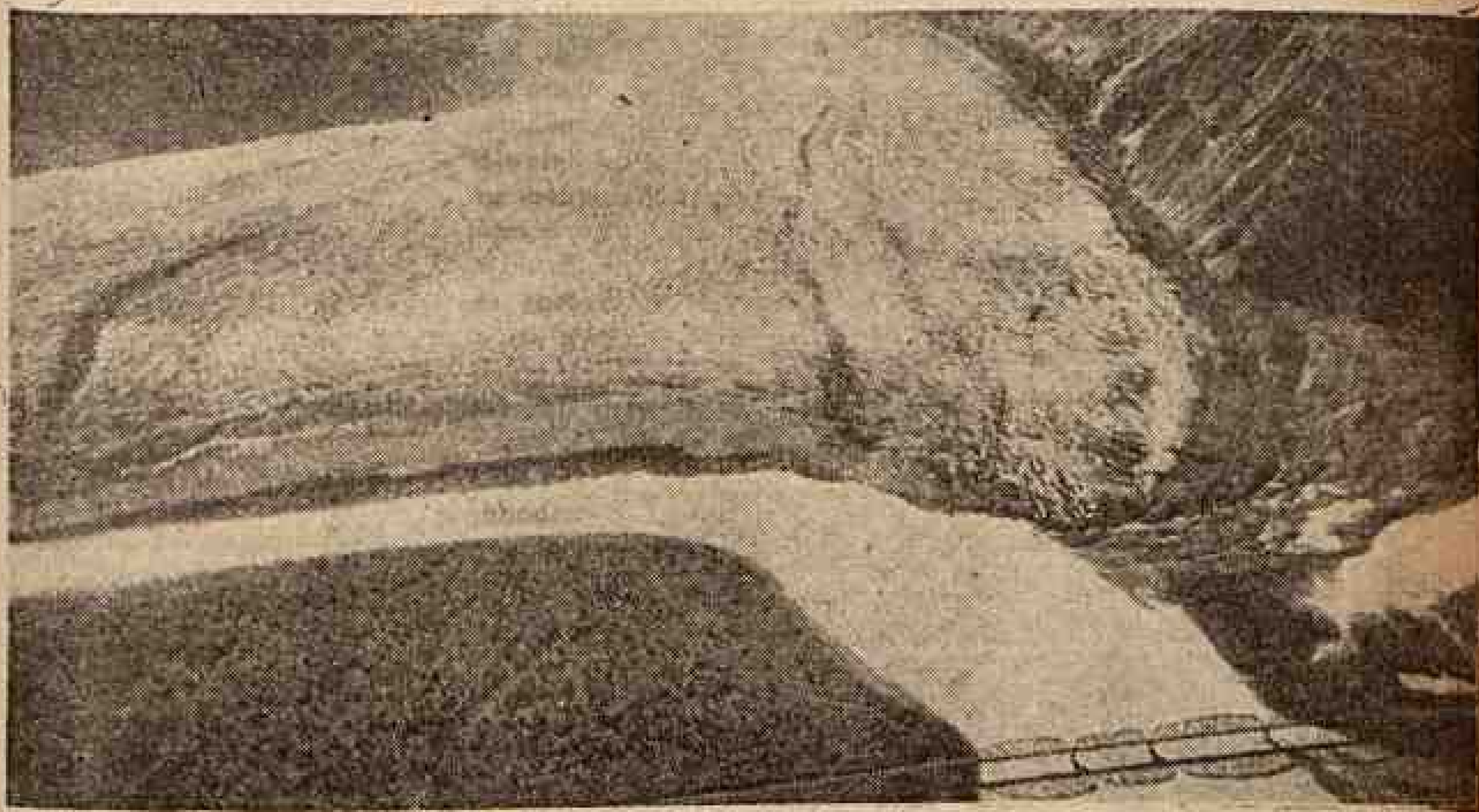
GLACIAL?

tam histórias semelhantes... como findou, realmente, a Era Glacial, há menos de 20.000 anos? Que processo ciclópico, que fenômeno liquidificou essas geleiras? Ninguém sabe. Nem há sôbre a terra quem possa saber porque o mundo conheceu essas anteriores eras glaciais ou porque entre elas tivemos êsses períodos de maior calor. Êsses fatos continuam sendo um dos maiores mistérios da ciência.

Talvez estejamos vivendo agora, um dêsses intervalos entre duas idades de gêlo. Os peritos afirmam que os gelos polares continuam retrocedendo e elevando o nível dos oceanos de aproximadamente 2½ polegadas cada cem anos. Porém, em poucas centúrias mais, a situação pode mudar e a marcha se fazer em sentido inverso, com os oceanos baixando e os gelos crescendo sôbre êles, invadindo as terras hoje férteis e habitadas, que serão de novo transformadas em intermináveis geleiras. Mais de cem anos de investigações pacientes resultaram em mais de uma teoria a respeito da causa dessas eras glaciais. Nenhuma, porém, definitiva ou comprovada.



As rochas que dominam as geleiras e têm capa de gêlo resistem à ação solar.



Dominando a ponte da estrada de ferro sôbre o Rio do Cobre, no Alaska, essa geleira avança incessantemente, há vinte anos. A maior parte das geleiras que cobrem dez por cento da superfície da Terra, está espalhada sôbre a Groenlândia e a Antártida

A decapitação era um processo favorito entre os gregos e romanos, e até se chegou a considerar como uma das mortes mais honrosas perder a cabeça com uma machadada ou golpe de sabre.

Cícero foi um dos que perderam a vida no cepo, e a mesma sorte tiveram, já na Idade Média, a rainha da Escócia, Maria Stuart e Ana Bolena, uma das espôsas de Henrique VIII, da Inglaterra; também nesse país, mais tarde, outro rei, Carlos I, foi decapitado por ordem de Cromwell. Durante o reinado do monstro coroado, que acima citamos, Henrique VIII, da Inglaterra, foram executadas 72.000 pessoas; sua filha, Isabel, tão cruel como o pai, seguiu seus mesmos passos. Não houve, em nenhuma nação, senão, talvez, a do "Terror", na França, época tão terrível como a dêsses dois cruéis monarcas. Somente o assassinato de sua encantadora prima, a Stuart, deixou um borrão em

CURIOSIDADES DAS JÓIAS

PROPRIEDADES ATRIBUÍDAS ÀS MAIS IMPORTANTES



Nas testas dos potentados indianos os elefantes são enfeitados com jóias.

EM todos os tempos, jóias esplêndidas têm realçado a formosura das mulheres, que, às vêzes, têm vendido até a alma para obtê-las. Destas pedras, a esmeralda é considerada o símbolo da clarividência e da sabedoria; acredita-se em geral que comunica essas qualidades a quem a possuir. Muitas investigações foram feitas para provar a verdade a respeito dessas antigas lendas, referentes às pedras preciosas, obtendo-se curiosos resultados. E' corrente, por exemplo, que o rubi cura eczemas e dá coragem, agilidade e vigor. A côr ideal, para o rubi, é a conhecida por «sangue de papoula». A forma de **cabochon** é a mais antiga e a mais conhecida.

★

Um dos maiores que se conhecem pertence à coroa da Grã-Bretanha. Sua história se perde na antiguidade. E' conhecido o rubi do Príncipe Negro, que o obteve do velho e cego rei de Boêmia, ao ser êste morto em uma batalha, quando aquêle príncipe tinha quinze anos. Desde então passou a formar parte das jóias da coroa. Ocupa o centro da frente, entre os olhos, na velha coroa da Inglaterra. Usou-a Henrique V, em Agincourt, e conta-se que a ela deveu a salvação da sua vida nessa batalha. Eis como se conta o fato: Desafiado, no correr da batalha, para sustentar um combate corpo-a-corpo com o Duque de Orléans, conforme era habitual nesses tempos de cavalheirismo, foi derrubado por um golpe que, a não ser a pedra, teria partido a sua cabaça. O rubi guarda o sinal do golpe.

★

As safiras também possuem virtudes curativas. Um célebre médico afirma que é possível curar certas enfermidades com as pedras precio-



No Oriente as jóias são estimadíssimas

sas. Aconselha, por exemplo, «água de safiras» (que não é outra coisa senão água distilada em que tenha permanecido durante sete dias, uma grande safira) para a cura de hemorragias internas.

Na coroa da Inglatêrra há também uma safira histórica. Eduardo, o **Confessor**, usou a pedra encastoada num anel. Jaime II a roubou e levou para a França; entretanto, o Cardeal de York, irmão do jovem **Pretendente**, (para quem Jaime deixara a pedra) devolveu a jóia à casa reinante. Encontra-se agora incrus-

---

APROXIMA-SE NOVA IDADE...

(Continuação da página anterior)

Uma das mais populares teorias aponta como causa principal certas variações na fôrça da energia solar. Em 30 anos de mensura, o constante solar variou de apenas 3% (apesar de tudo, bastante grande para causar mudanças de temperatura em alta-escala). Mas 30 anos vem a ser um "mero instante" nesse período de milhares de anos que marcam os intervalos dos grandes gelos, e ninguém sabe até que ponto podem ocorrer mudanças na energia solar.

Outra teoria atribui essas repetidas invasões das geleiras, a mudanças geológicas, que provocam alternação entre grandes oceanos (o que resulta em excessiva evaporação e conseqüente aumento das neves, tombando mais espessa e mais tempo) e os oceanos menores (que evaporam menos e, nessas condições, provocam menor quantidade de neve.

Outras sugestões apontam uma mudança na órbita da terra, o que reduz a média da temperatura e ainda "uma mudança na posição dos polos e conseqüente mudança das áreas geladas".

Porém tais idéias "não sustentam as águas nem derretem os gelos..." A Civilização, muito pròvàvelmente, tem ainda uns mil anos para decifrar êsse problema, porém cedo ou tarde terá que saber a verdade sôbre as eras glaciais e decidir o que fazer, para enfrentar a próxima e subsistir!...

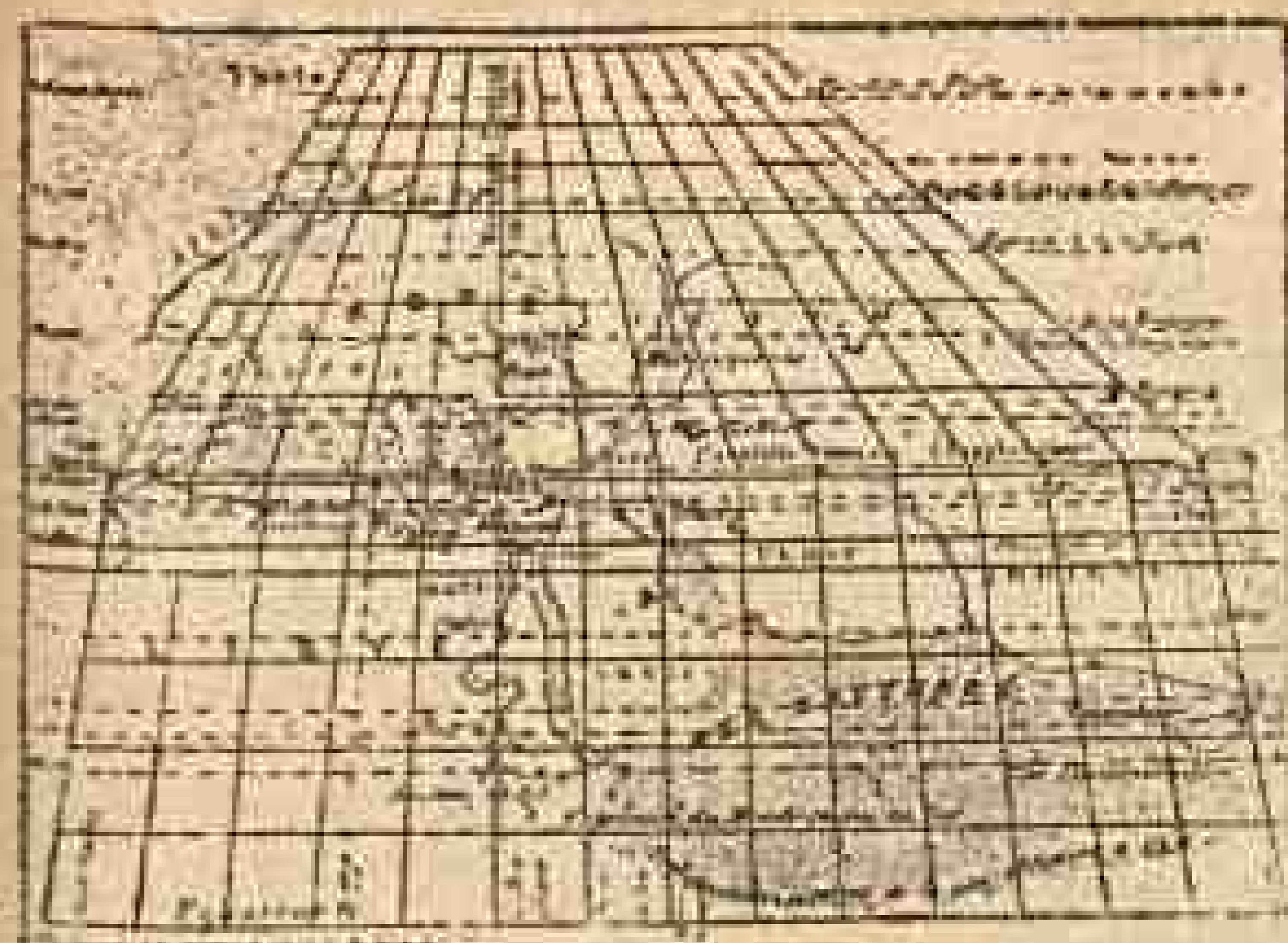
sua história, o qual nada pôde apagar. A guilhotina é o instrumento ou aparelho que ainda hoje se emprega na França para a pena capital. Foi introduzida naquele país pelo Dr. Guillotin, meses antes da Revolução, acreditando-se que seja de origem persa. Máquina parecida, chamada "A Donzela", é conservada num museu da Escócia. Segundo se diz, com ela foi decapitado, em 1581, o Regente de Morton.

A última pessoa a perder a vida com êsse aparelho foi o Conde de Argyll, que ao apoiar a cabeça no cepo, disse que **jamais havia beijado uma donzela tão doce.**

Na Espanha, na Itália e na Alemanha foi também conhecida a decapitação. No Brasil, no tempo dos Vice-Reis principalmente, era conhecida a corda da fôrca e machado da decapitação. Até o esquartejamento era conhecido, sendo um dos mais hediondos o que foi praticado contra Tiradentes.

A guilhotina foi adotada na França pela necessidade de mecanizar êsse ato, acelerando as execuções, a fim de atender às infindáveis sentenças de morte do "Tribunal Revolucionário". Eram tantas as cabeças a cortar que só mesmo com a "máquina de matar". Sanson explica isto de outra maneira:

O NOSSO MUDO...



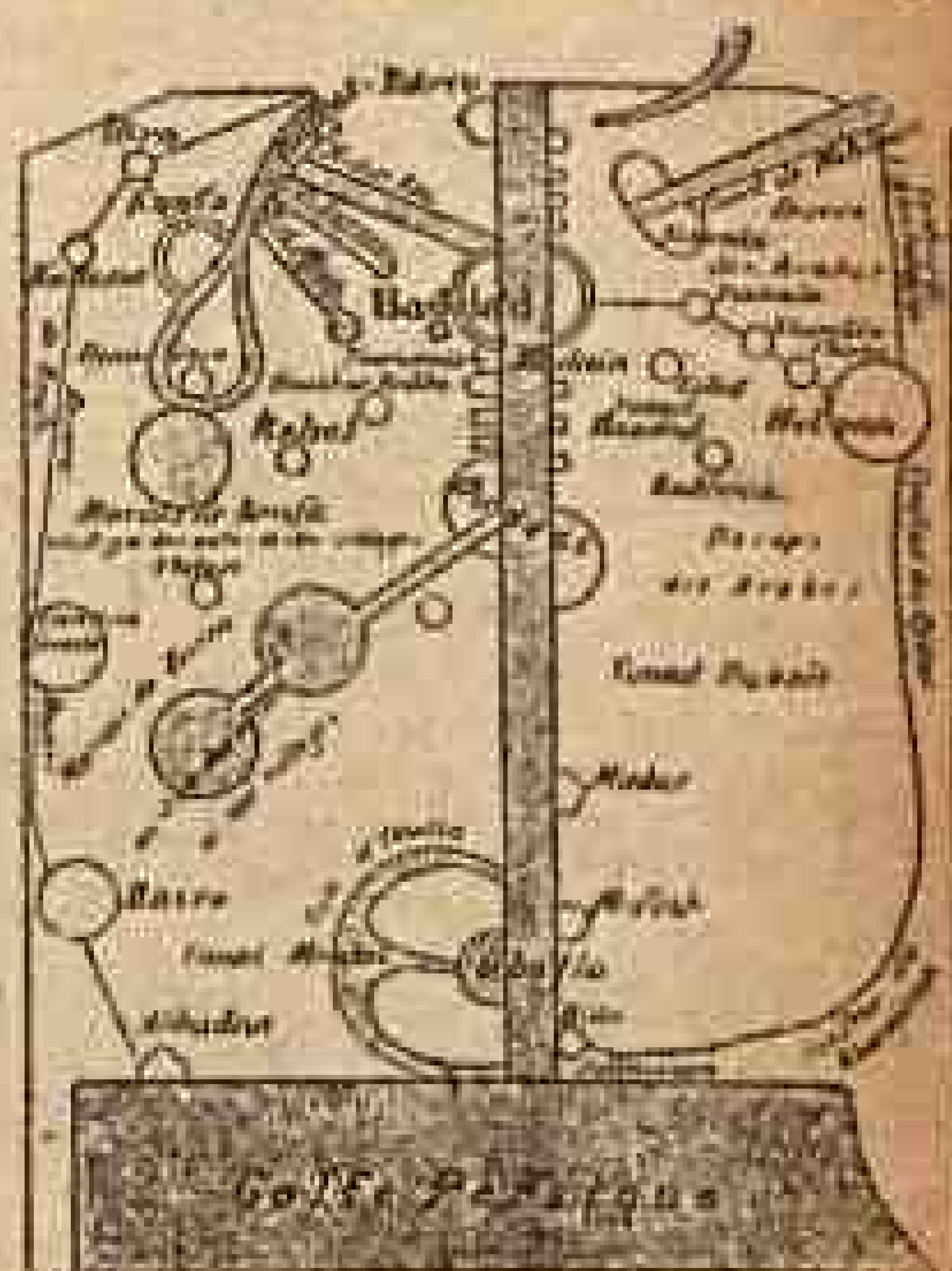
Mapa de Ptolomeu

OS MAPAS, SUAS ORIGENS E AUTORES

OS mapas sempre foram encontrados em qualquer lugar do mundo e em qualquer época. Sôbre papel, pedra ou pano, os povos de civilização mais atrasada desenharam mapas de seus territórios.

Os sistemas de construção dos mapas variam segundo os conhecimentos dos construtores e dos elementos de que dispunham. Nenhuma parte da terra poderá ser desenvolvida de modo exato sôbre um plano e, portanto, há sempre alguma deformação quando se deseja representá-la. Daí resulta a necessidade de criar regras, às quais se submeta essa deformação. Cada modo convencional de representar assim a terra — ou suas partes — constitui um sistema de projeção.

O sistema de projeção mais natural e mais conhecido, é o octogo-



Mapa de Irak Alistakhri

nal, no qual cada ponto de superfície da esfera está representado pelo pye da perpendicular traçada desde êste ponto sôbre o plano.

disse êle que "o carrasco custava muito caro e, além do mais, cortar a cabeça do condenado a fio de espada, era contrário aos princípios da revolução, pois que essa arma **cheirava a nobreza".**

A guilhotina foi experimentada, primeiro, com cadáveres, no hospital de Bicêtra. Foi batizada com o nome de **"La Petite Louison"**, mas depois tomou o nome do seu "introdutor", o Dr. Guillotin.

Surgiu pouco depois a questão de saber **se a morte era instantânea**, quando, ao ser decapitada Carlota Corday, o carrasco apanhou a cabeça da desgraçada e a esbofeteou. Dizem que, então, **"o rosto da decapitada se cobriu de rubor".**

O Dr. Guillotin morreu na própria máquina que êle mesmo patrocinara e fizera adotar.

Nos Estados Unidos têm sido experimentados e adotados nos últimos anos, os gases venenosos para tirar a vida aos criminosos; mas não têm obtido com êles a absoluta garantia do não sofrimento dos condenados; por isso, na maioria dos Estados que formam a União Norte-Americana, domina a **cadeira elétrica**, que também apresenta os seus defeitos, pois em muitos casos os réus têm sofrido queimaduras e dolorosas torções, antes de morrer eletrocutados.

Na Inglaterra é usada a fôrca. E' ela a pena capital para todos os réus de morte; os nobres, entretanto, têm o triste privilégio de ser enforcados com uma corda de sêda em lugar de outra, de cânhamo, que serve para enforcar os réus vulgares.

Na Rússia também se praticava a execução pela frôca, porém ùltimamente as descargas de fuzil substituiram a lenta e pesada execução pela fôrca. Agora, em cinco minutos, os balaços dos soviéticos mandam para o outro mundo centenas de indivíduos.

Na China e no Sião são empregados outros processos para tirar dêste mundo os que são

trada na coroa, e forma o centro da cruz.

Não é possível mencionar pedras preciosas sem falar do **Koh-i-noor.** Procedente da Índia, do tesouro de um rajá, foi presenteado à Rainha Vitória, da Inglaterra. Tem sido sempre uma jóia feminina. Concede boa sorte às mulheres e má aos homens. Além disso, qualquer indiano dirá: «**Quem possui o Koh-i-noor, possui a Índia»** (Seria interessante comprovar a verdade desta afirmação.

E' curioso e estranho comprovar como a «jóia de Canning» tem cumprido a sua profecia. Representa um tritão: uma pérola forma o torso de um homem; a cauda e a cabeça são formadas com pedras preciosas. Tem um

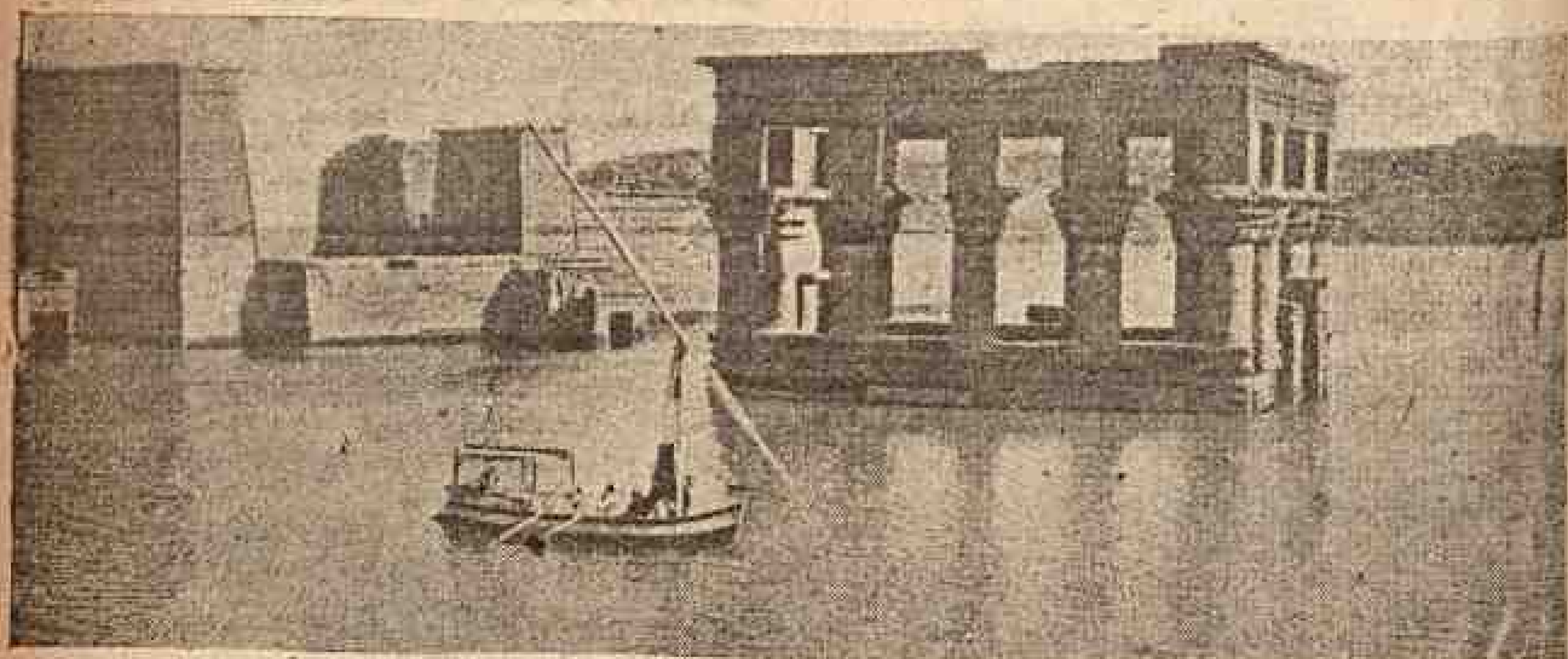


As jóias realçam a formosura feminina

braço levantado segurando uma espada encastoada de pedras preciosas. Não é jóia artística; é apenas interessante. Foi arrancada do colo de uma princêsa hindu e chegou a ser propriedade de Lord Canning. Sempre tinha pertencido à filha de um rei, e, na Índia acreditava-se como certo que voltaria novamente ao poder de uma princesa. Lord Canning deixou a jóia para seu neto, o excêntrico Lord Clauricarde, que a deixou por sua vez para Lord Lascelles, espôso da Princêsa Maria, irmã de George VI.

Em alguns países consideram a opala mensageira de má sorte; na Alemanha, entretanto, ocorre o contrário. Ali é considerada uma pedra afortunada. Othon, o Sábio, deu

UM MISTÉRIO DO CULTO EGIPCIO SEPULTADO SOB O NILO — O ORÁCULO DA ILHA



Os templos de Filé invadidos pelo Nilo. Ao centro, atrás do mastro da embarcação, o templo de Isis.

uma dessas pedras a cada um de seus filhos.

As opalas são mais sensíveis que qualquer outra pedra. Dilatam-se e contraem-se sob certas condições e freqüentemente, por essa causa, caem de seus engastes. Um joalheiro competente sempre prende as opalas com garras. Há opalas **nebulosas**, para as ruivas, e opalas **de fogo** para as morenas, e é alucinante a história das maravilhosas opalas negras, que pertenceram a uma famosa bailarina. Foi ela envenenada e estrangulada por um ladrão e assim que a vida abandonou o seu corpo, apagou-se o fogo de suas formosas opalas.

★

Hoje são falsificadas quase tôdas as pedras preciosas, tendo os falsificadores chegado a um tal grau de perfeição que se torna sumamente difícil distinguir as verdadeiras das falsas. Ebolmen obteve, há alguns anos, resultados verdadeiramente surpreendentes. Misturando 30 partes de magnésia, 25 de alumínio, 35 de ácido bórico e 1 de clorato de

TANTO do ponto de vista pitoresco como sob o aspecto histórico, Filé, a antiga Paalek ou «ilha de Leks, foi considerada sempre como um dos mais interessantes recantos do Egito. Seus monumentos, cheios de beleza, representam o último esfôrço da arte egípcia, sendo os mais antigos pouco anteriores a Alexandre. O maior dêles era o grande templo de Isis, a deusa-mãe, cujo culto tão espalhado estava pelo mundo então conhecido. Todos os Ptolomeus e os Césares, até Deocleciano, contribuiram para o seu embelezamento durante seis séculos e em suas muralhas foram encontrados os selos de Tibério, de Calígula e de Cláudio. O belo templo conhecido com os nomes de «Quiosque de Trajanos e «Leito de Faraós tem relevos que representam aquêle imperador fazendo uma oferenda de vinho a Isis e Horus e rendendo homenagem a Isis e Aziris.

Muito tempo depois do cristianismo entrar no Egito, o culto de Isis continuou a ser praticado em Filé e de tôdas as partes acudiam peregrinos para prosternar-se diante do altar dos deuses.

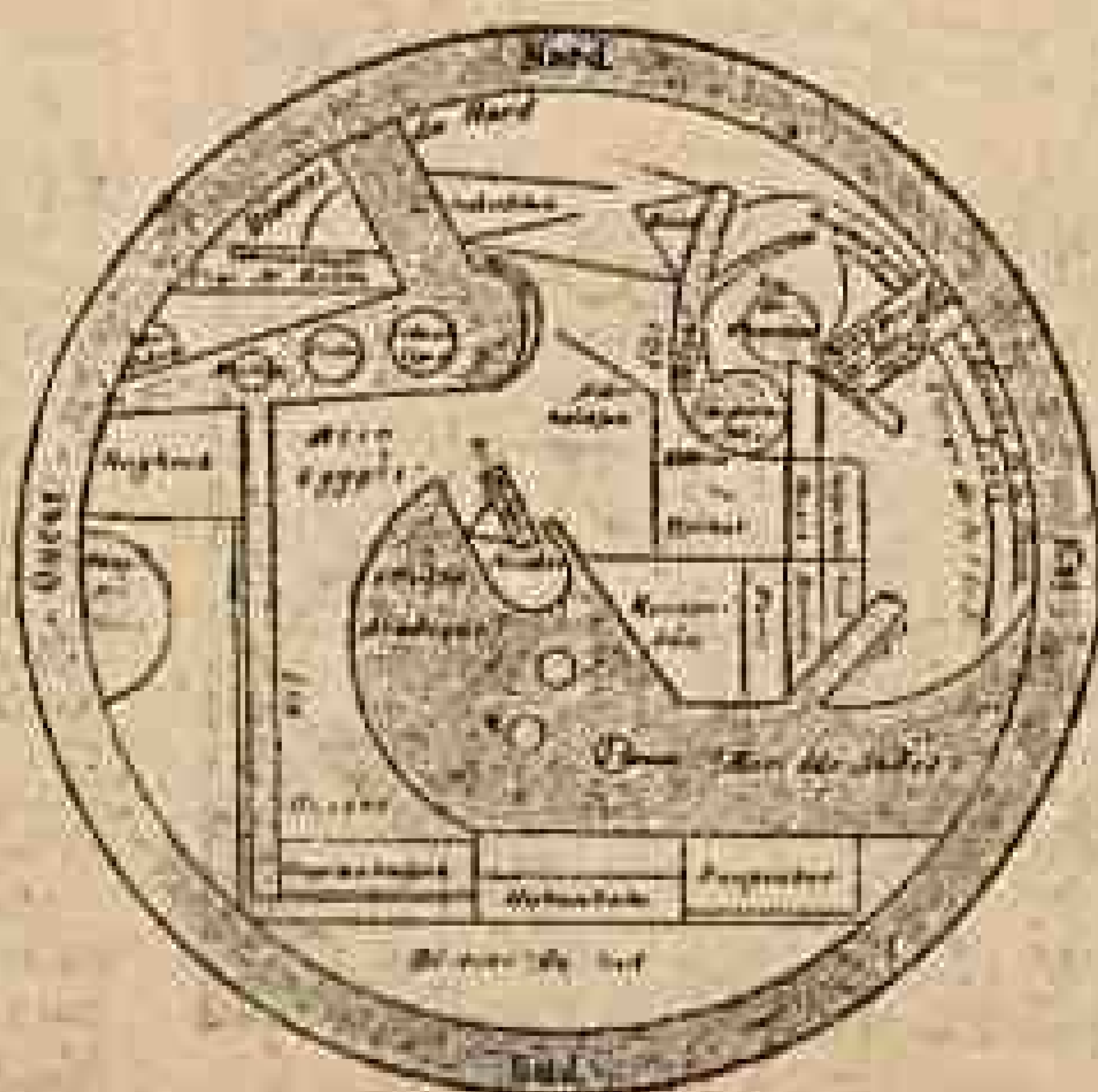
Hoje, a ilha de Filé está sepultada pelo Nilo, e tôda a parte baixa de seus templos ficou sob a água como conseqüência da construção do grande aqueduto de Assuan. Provàvelmente perderam-se assim muitos segredos que aquêles san-



Plano esquemático do templo de Isis, mostrando o orifício de entrada para os corredores secretos.

Atribui-se sua invenção à Apolônio de Perge, que vivia no ano 210 antes de Cristo. Hiparco inventou outro sistema, hoje chamado estereográfico.

Entre os mapas clássicos mais notáveis encontramos aquêle que acompanhava a Geografia de Eratóstenes. Êste sábio é conhecido principalmente por uma "medida" da terra, baseada em um arco que ia de Alexandria a Siena e que êle colocava sôbre um mesmo meridiano, o que dava



Mapa geral de Alistakhri

considerados "indesejáveis". Houve tempo, no Sião, em que os elefantes se encarregavam de amassar a cabeça dos condenados à morte.

Do "garrote", usado na Espanha, temos que reconhecer que a maioria das pessoas que estudaram o processo, afirma que **é um tipo de morte provocada pela asfixia**, pois imaginam que o colar, ao apertar o pescoço, provoca o estrangulamento. Mas não há tal. O colar aperta o pescoço **para prender a cabeça junto do tôrno, a fim de que êste desloque as vértebras cervicais**, por meio de um estilete ou cunho. Assim, o condenado morre **com a nuca partida** e não **por sufocação**.

DE FILÉ

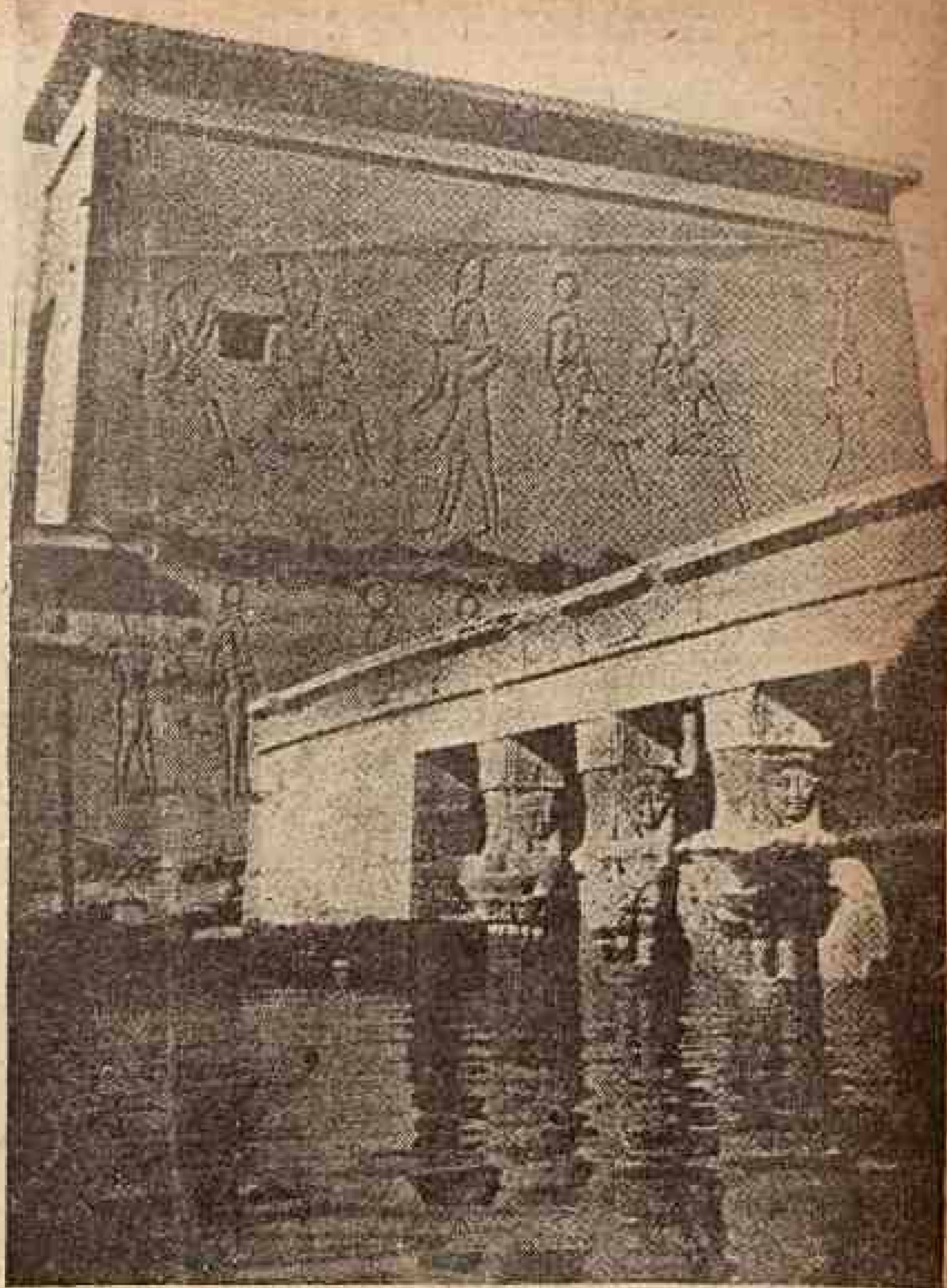
tuários encerrariam, como tantos outros da antiguidade.

A propósito, um antigo oficial do Exército inglês, publicou há tempos, um relatório sôbre interessantíssimo achado que fêz, alguns anos antes da construção do referido dique, quando servia, com sua companhia, em Xel'lal, diante da ilha.

Segundo conta o referido oficial, Capitão Tweddell, ao passar sob um dos pilões ou arcos triunfais de Filé, descobriu um dos escalões que conduziam ao alto e então pôde observar que dois dêles pareciam deslocados, como se fôssem móveis.

Auxiliado por um de seus colaboradores pôde, de fato, remover a lage, deixando a descoberto uma passagem bastante espaçosa, por onde penetrou, chegando então a uma pequena câmara, sem janelas, porém ventilada e fragilmente iluminada, através de estreitas fendas abertas entre as enormes pedras das muralhas. Não se tratava, como logo verificou, de uma residência, mas sim de uma espécie de cova para guardar tesouros ou coisas parecida. Intrigado, o Capitão Tweddell resolveu examinar tudo com muito cuidado, esperando encontrar novas câmaras secretas.

Suas esperanças não foram de todo anuladas, pois que, passados alguns dias, ao explorar o grande templo de Isis, viu na muralha de levante, ao nível do solo e não distante da muralha norte, um orifício que parecia simplesmente o buraco de alguma pedra deslocada. Por êle atirou alguns níqueis e ouviu que tombavam próximo e sôbre pedra. Usando depois uma corda pôde verificar que ali havia uma câmara com metro e meio de profundidade. Munido de uma vela acesa meteu-se nela e pôde ver que, na realidade, tratava-se de uma galeria ou corredor, aberto dentro de espessa muralha com aproximadamente 12 metros de comprimento, terminando numa câmara de uns cinco ou seis metros de diâmetro, na qual havia três sarcófagos, abertos violentamente e vazios!



Interior do grande páteo do templo de Isis, tal como se encontra hoje

Julgando terminada a sua investigação, o oficial decidiu voltar ao ponto de partida, porém nesse instante o seu braço esquerdo bateu contra o bordo de uma espécie de plataforma. Pousou a vela sôbre a mesma e então notou que essa plataforma, situada ao nível do orifício por onde havia descido, era o chão de outro corredor, aberto também dentro da espessa muralha e justamente sôbre o que antes percorrera. Ao explorar essa segunda passagem, viu que a mesma terminava em muralha vertical: porém junto a esta, no teto, havia uma pedra deslocada, como uma escotilha, dando suficiente pas-

---

potássio, colocava a substância resultante em uma fôrma, por espaço de oito dias, obtendo assim rubis perfeitos, de 5 milímetros de lado. As esmeraldas são obtidas misturando-se óxido de chumbo, sílica, potassa, alumínio, óxido de cobre e cromo. A mistura é submetida a um calor muito elevado, deixando-se depois esfriar lentamente.

Para as safiras, substitui-se o óxido de cobre pelo de cobalto. As ametistas são obtidas com a mesma mistura que a empregada para as esmeraldas, mudando o óxido de cobre pelo peróxido de manganês e o cromo pela substância chamada **púrpura de Casius.**

Estas imitações e outras com que a ciência tem enriquecido seu vasto campo de experimentações dão excelentes resultados e pode-se dizer que dia virá em que as pedras preciosas perderão todo o valor.



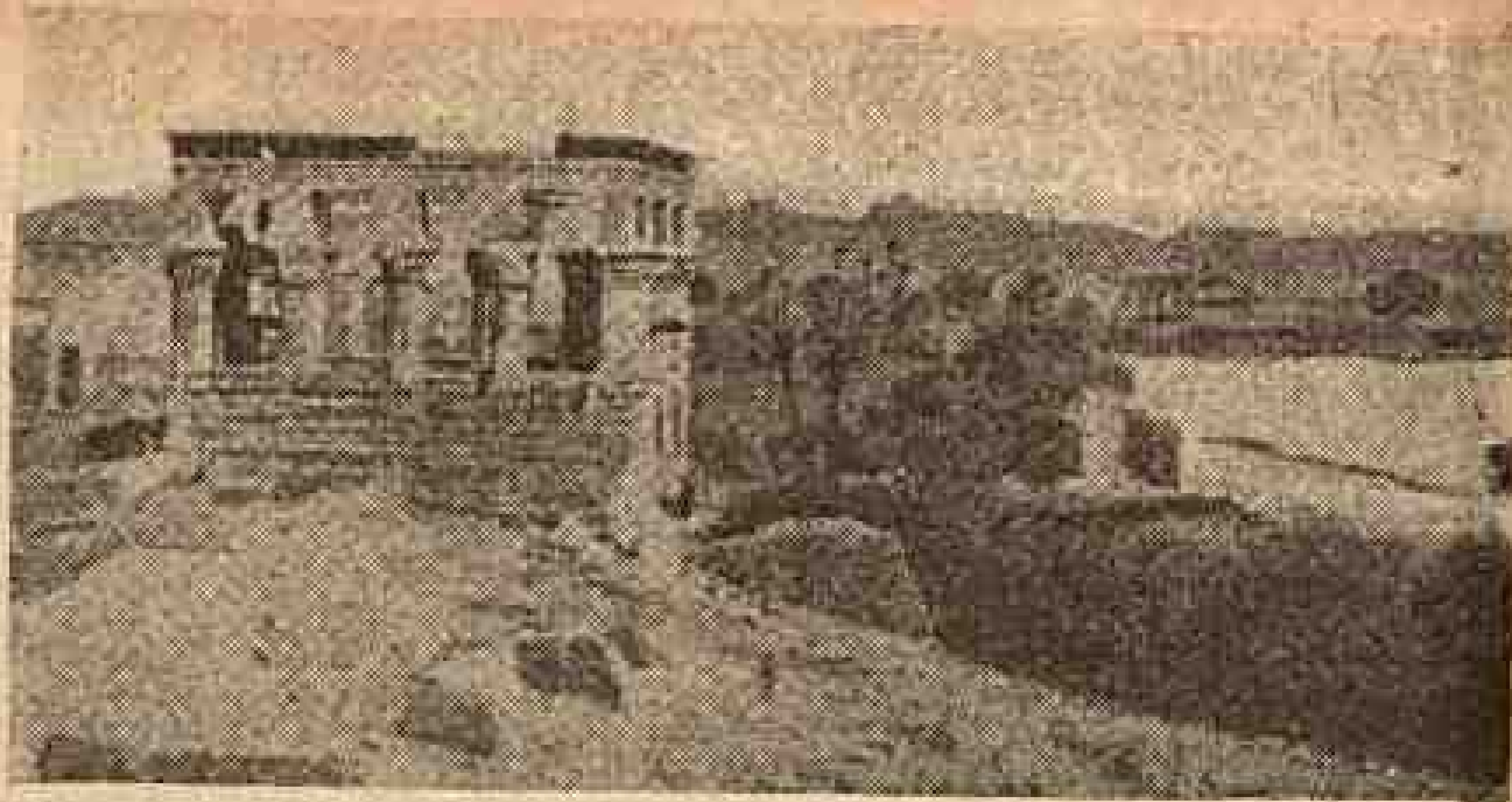
Mapa mundi de Marino Saundo.

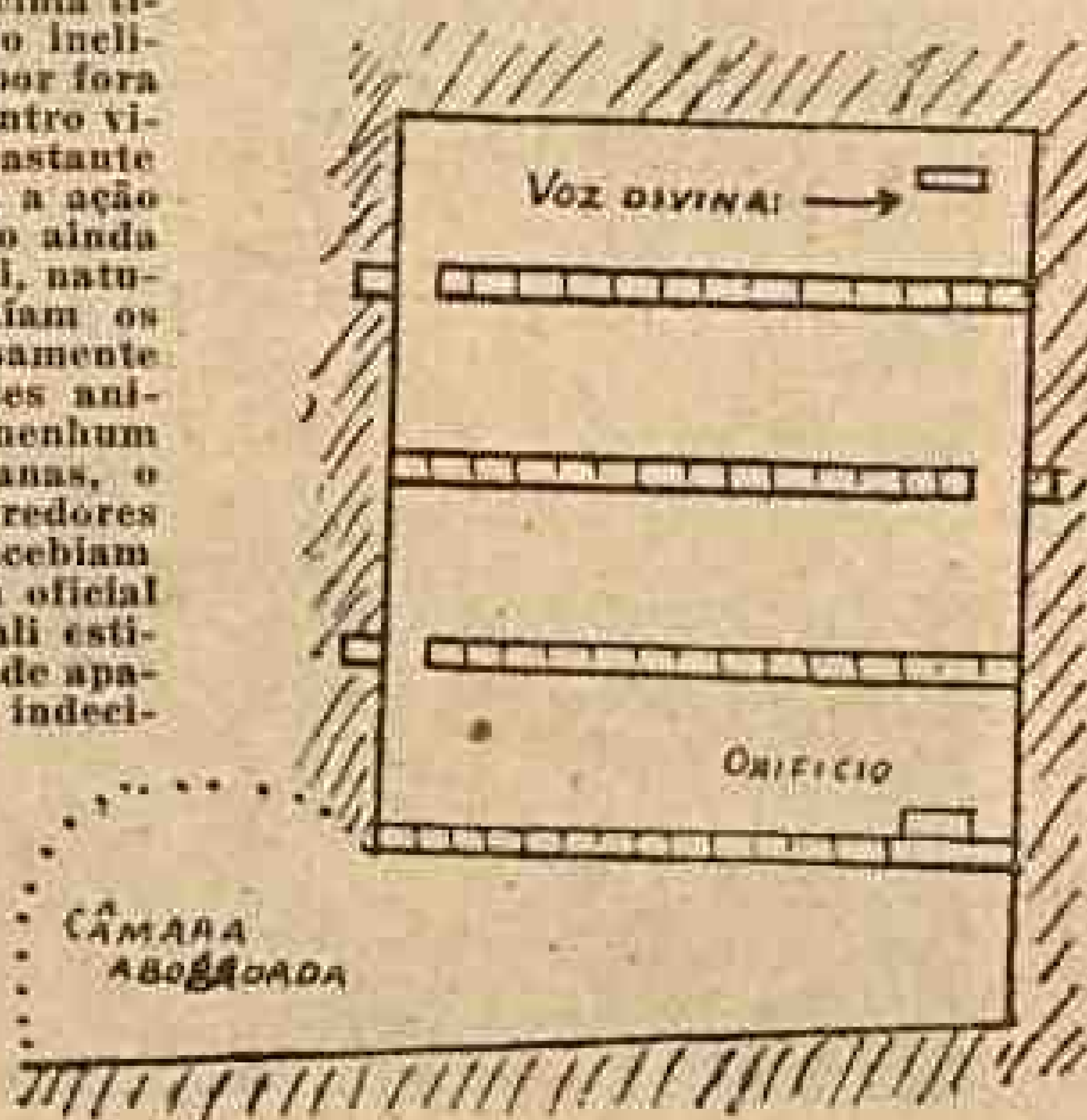
um êrro de um grau de longitude! Seus trabalhos melhoraram os processos mas seu mérito está principalmente em ter estabelecido o princípio da determinação astronômica das longitudes. Idealizou o plano para assinalar as posições dos povos em longitude à superfície da terra de idêntico modo aos dos astros no espaço, isto é: pelos seus meridianos.

Apesar dos trabalhos de Ptolomeu e de Plínio, as idéias fundamentais

sagem para um homem. O Capitão Tweddell passou pela abertura e viu-se num corredor exatamente igual e também com um orifício junto do teto, com a diferença de que êste se achava no extremo oposto. Dessa maneira pôde descobrir quatro corredores superpostos.

Ao chegar ao último sentiu que alguma coisa roçava por suas faces e apagava as velas; a seguir coisas macias subiram por seu pescoço e sua cabeça. Eram morcegos. Fechando os olhos tratou de afastar os nojentos animais e quando o conseguiu voltou a abrir os olhos. Então notou que o corredor não estava inteiramente escuro. Tênues raios de luz penetravam por entre as pedras, porém era fácil ver que as frestas por onde entravam tinham sido feitas propositadamente, pois em cada face inferior da pedra de cima tinha sido talhada em plano inclinado, de modo que o que por fora parecia uma fresta, por dentro vinha a seruma abertura bastante larga. Num ou dois casos, a ação atmosférica havia alargado ainda mais as aberturas e por ali, naturalmente, entravam e saíam os morcegos. O chão espessamente coberto por detritos dêsses animais não apresentavam nenhum vestígio de pisadas humanas, o que provava que tais corredores secretos há muito não recebiam visitantes. Entretanto, um oficial do exército de Napoleão ali estivera, em 1799, pois na parede aparecia escrito o seu nome, indecifrável, logo seguido da data acima indicada e do complemento «Subtenente de Cavalaria». Porém o mais curioso nesse corredor secreto era que no seu extremo norte se abria na parede uma frincha maior que as demais e que, em vez de dar para o exterior, se abria para o interior do templo, acima e à direita do altar onde eram praticados os rituais de Isis. Evidentemente, tôda a série de corredores superpostos tinha a finalidade única de permitir ao sacerdote chegar até àquela abertura feita justamente à altura dos lábios de um homem. Essa abertura devia servir, realmente, ao «oráculo sagrado» ou «voz da deusa». Pela mesma um sacerdote respondia às perguntas do sumo sacerdote, do rei ou de quem quer que fôsse consultar o «oráculo». Assim os fiéis ouviam a voz misteriosa, sem conhecer a sua procedência, pois que ignoravam a existência das passagens secretas, como ignoraram quantos visitaram a Ilha de Filé e ainda ignoraria o mundo, sem a revelação do Capitão Tweddell. O Nilo, invadindo a Ilha sagrada, impede hoje a visita às galerias.


A Ilha de Filé, antes da construção do dique de Assuan. Compare-se com as fotografias da página anterior.



Seção vertical dos corredores superpostos

---

de Geografia, formuladas por Hiparco, permaneceram estéreis durante algum tempo, e os erros primitivos continuaram, pois embora os árabes tivessem corrigido os principais, suas obras permaneceram ignoradas durante algum tempo.

Entre os geógrafos gregos sobressaem Mario de Tiro e Ptolomeu: do primeiro só se conhecem os cálculos que o segundo reproduziu na sua Geografia. Os erros nestas obras são numerosos; deformam consideràvelmente o Mediterrâneo que é alongado em mais de 1.000 quilômetros; as longitudes, por sua vez, são estabelecidas com um êrro médio de um têrço e as latitudes também não são exatas. Nenhum de seus mapas chegou até nós. A razão está em que Ptolomeu era o guia universal dos marinheiros e cada um dêsses corrigia no seu exemplar os erros que observava, tornando impossível o seu uso ulterior. A Geografia da época, entre os romanos chegou até ao nosso conhecimento transmitida pelo elegante e erudito Plínio. Em seu terceiro livro fêz a descrição do "Império". Júlio César ordenou, por um "senatus consulto", que "todo o mundo romano fôsse medido por homens de reconhecida competência". Assim, um grande número de sábios estava dedicado a êste trabalho, que durou cêrca de vinte e cinco anos. Supõe-se que o trabalho foi dirigido por Agripa, genro de Augusto.

Os nomes dos principais chefes de trabalho chegaram até nós. Foram: Senodoxus, para o Oriente; Thedatus, para o Norte; Polyclitus, para o Centro, e Didimus, para o Ocidente. Agripa, entusiasmado com a gigantesca obra que lhe fôra encomendada, queria levantar um monumento comemorativo em cujo pórtico se escrevesse: "DESDOBRADO O MAPA DO MUNDO AOS OLHOS DO UNIVERSO"; porém morreu antes da obra estar terminada e êsse mapa não pôde chegar até aos nossos dias.

O que dêle nos foi deixado, são traçados de itinerários entre as principais cidades.


Mapa de Hiparco.

O CRISTIANISMO E A ESCRAVIDÃO

Depois do Cristianismo, a escravidão continuou no mundo, com a mesma intensidade dos tempos antigos. Os romanos chamavam «família» aos escravos que



os serviam. Sabiam tratá-los humanamente e muitos foram os que alcançaram a liberdade. Mas os horrores dos escravos negros, que na América do Norte chegaram até nossos tempos, eram ignorados pelos antigos. No século XIII, os camponeses da França eram divididos em três classes: escravos pròpriamente ditos, escravos «mano-mortas» e uma terceira categoria parecida com a dos nossos peões. Em 1220, o bispo de Soisson presenteou com um escravo um sargento da guarda real, em troca da filha de uma escrava do mesmo sargento. A partir de então, quando morria o chefe de uma família, os servidores, homens e mulheres, eram divididos entre todos os parentes do morto.

★

UMA LIÇÃO ENGENHOSA

Abundaram, antigamente, os charlatães que pretendiam possuir o segrêdo para converter em ouro qualquer metal, mediante uma pedra mágica que chamavam de «pedra filosofal».

Um dêsses exploradores da credulidade alheia escreveu um livro no qual pretendia explicar com clareza a fórmula para fabricar ouro à vontade. Em seguida dedicou o livro ao Papa Leão X, esperando uma boa recompensa. Mas o inteligente pontífice, em vez do prêmio em dinheiro, como esperava o charlatão, mandou uma bôlsa, dentro da qual ia um bilhete dizendo que se o autor possuía o segrêdo da fabricação do ouro, não lhe ocorrera um presente mais útil do que um recipiente adequado onde pudesse guardá-lo.

NAPOLEAO E JOSEFINA



Napoleão em Arcole

DE COMO O CORSO VENCEU A MARTINICANA

NINGUÉM em sua casa é herói e muito menos o foi o grande Napoleão, aos olhos da sua primeira espôsa, Josefina de Beaharnais.

Numa noite do ano de 1795 a bela crioula foi apresentada em Paris a um jovem oficial do exército, que se chamava Napoleão Bonaparte e que começava a criar um certo nome, porque tinha abafado uns motins na capital, feito para o qual havia sido encarregado pelo Diretório. Com o auxílio dos quarenta canhões, que lhe haviam confiado, tinha êle se desempenhado cabalmente da sua missão e principiava assim a bafejá-lo a fortuna das armas; era um homem com futuro, dizia já a opinião pública.

Madame de Beauharnais, com algum espírito e maldade, ria, com os seus amigos, a respeito daquele **drôle de Bonaparte** que não sabia vestir-se e nem graça tinha, além do que, para um rapaz de vinte e seis anos, sabia tão pouco do mundo...

Madame de Beauharnais tinha trinta e três e muita experiência da vida e olhava para Napoleão como quem olha para um fenômeno, sem ainda ter fixado bem no seu espírito se o fenômeno era para admirar ou não, mas como Napoleão começava a ter bastantes relações e alguma influência, podia muito bem ser que lhe arranjasse, de vez em quando, ingressos para o teatro e poderia acompanhá-la às **soirées** que freqüentava.

Uma tal amizade podia ser muito útil. Entretanto, as relações entre os dois começaram repentina e inesperadamente a tornar-se sérias, quando êle, uma noite, depois de lhe haver freqüentado a casa durante alguns meses, perguntou à encantadora Josefina se não o quereria aceitar por marido. A proposta surpreendeu-a e lisonjeou-a. O primeiro marido foi um desastre e havia desaparecido sendo ela ainda muito moça; depois, nunca mais pensara em tornar a casar. A idade ia avançando; continuava a ser elegante e esbelta; sabia pintar-se melhor do que qualquer outra mulher, na França; só os dentes é que iam gradualmente tomando um tom amarelado, e por isso se habituara a rir com a bôca fechada.

Tinha dúvidas, que aumentavam constantemente e consoante o trem de vida elegante que levava; além disso, era necessário pensar no futuro dos dois filhos, que, casualmente, tinham uma verdadeira admiração por Bonaparte e êste por êles. Preferia casar com algum daqueles rapazes elegantes e divertidos com quem costumava dançar. Todos a admiravam mas nenhum apresentava a

ADOLFO BENARÚS

A VIDA ENTRE OS ESQUIMAUS

O explorador norueguês Ledem, que realizou uma série de explorações pelas terras do Ártico e que, a partir de 1909, viveu continuamente entre os esquimaus



revelou alguns dos costumes dessas regiões, afastadas do mundo civilizado. Ledem se interessou de um modo especial pela vida social dos esquimaus. Para algumas tribos do Ártico, que jamais viram um branco, o mundo termina onde acabam os gelos e começam os bosques. O explorador fala da bondade e das fraquezas dos esquimaus. Têm êles, por exemplo, um conceito sumamente romântico do duelo. Se dois homens discutiram, são logo colocados um em frente ao outro, e rodeados pela tribo. Então os adversários começam a cantar, tratando de ridicularizar o inimigo. Tomando por base o **contraponto,** os mais velhos da tribo julgam quem é o culpado e êste é castigado com trabalho em benefício do contendor.

candidatura a futuro espôso; os casamentos estavam fora de moda.

Todos lhe faziam a côrte... como faziam a outras mulheres elegantes, durante anos, enquanto a



Napoleão, 1.º Cônsul

beldade conservasse a beleza; mas, quanto a casamento... o caso era diferente!

Apresentava-se uma ocasião única, um amparo para a vida, que não era para rejeitar.

No dia 9 de março de 1796 Josefina e Napoleão contraíram os sagrados laços do matrimônio, perante o oficial do registro civil, não tendo havido cerimônia religiosa; dois dias após o casamento, o marido partiu para a sua primeira campanha da Itália, investido no alto comando das fôrças, cargo que lhe havia sido confiado a seu pedido.

Entre os dois esposos trocaram-se cartas concebidas nos mais lindos têrmos, que só uma paixão profunda pode inspirar.

Para Josefina aquelas cartas escritas em uma linguagem ardente, eram uma surprêsa; a intensidade de sentimentos que revelavam, causavam-lhe embaraços e receava não poder responder no mesmo tom. A correspondência entre estas duas personagens históricas goza hoje de fama mundial. Dizia Napoleão:

"Nunca na minha vida senti ligeira paixão. Só posso — e sei — sentir profundamente. A paixão que sinto por ti não tem limites... esmaga-me! E como uma embriaguês que me tira as fôrças... Adeus esposa, meu tormento, minha felicidade, única esperança e alma da minha vida, a quem amo e temo".

Uma tal veemência de expressões e tão intensa paixão não eram de bom tom na sociedade de aristocratas cínicos pela obrigação, em que se viam, de se curvarem perante a Revolução.

O CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MARTINHO GARCEZ

Em 30 de novembro de 1850, nascia no Engenho da Comendoraba, em Sergipe, um dos mais notáveis juristas do Brasil, Martinho César da Silveira Garcez, filho do desembargador Manuel de Freitas Garcez, proprietário daquele engenho.

Depois de fazer o seu curso de humanidades no Colégio Santo Antônio, Martinho Garcez ingressou na famosa Faculdade de Direito do Recife onde começou logo a notabilizar-se como orador oficial da Faculdade.

Em 1872, Martinho Garcez preparava-se para defender tese e concorrer a uma das cátedras da Faculdade, quando foi eleito deputado provincial por Sergipe e logo a seguir nomeado promotor público da comarca de Laranjeiras, onde permaneceu até o ano de 1878.

A capital do país, entretanto, seduzia-o e Martinho Garcez veio



Martinho Garcez

para o Rio e aqui adquiriu o jornal «O Dia», escrevendo colunas em prol da República. Já em pleno regime republicano reapareceu na «Cidade do Rio» e no «Correio da Tarde».

Vinte anos depois da proclamação da República, o governador de Sergipe incompatibilizado com o legislativo do Estado, fecha-o. Líderes políticos vêm ao Rio e apelam para Martinho Garcez que impetra «habeas-corpus» ao Supremo Tribunal contra o ato do governador sergipano. O Supremo concede a medida por unanimidade. Martinho Garcez embarca para Sergipe para fazer cumprir o «habeas-corpus». A Assembléia Estadual, por aclamação, indica Martinho Garcez para governador, no próximo pleito, sendo eleito

Assumindo o Govêrno do Estado a sua principal atuação foi a pacificação de Sergipe, que conseguiu na assembléia política de 4 de maio de 1899. Ao cabo de três anos de Govêrno, com a saúde abalada, renunciou. No ano

Às vêzes Josefina mandava a sua criada de quarto ler as cartas do seu apaixonado, que chegavam com regularidade pela "posta" da Itália e cheia de vaidade mostrava-as às amigas; no seu íntimo, porém, maçava-a esta paixão tão ardente e infantil.

Enquanto Napoleão, longe e solitário entre batalhas, ardia com a paixão de um primeiro amor, Josefina, em Paris, não perdia uma festa e em divertimentos gastava à larga o dinheiro do marido; por tôda a parte tinha amigos, dos quais um gozava de intimidades que, certamente, não seriam do agrado de Napoleão. Êste censurava-a porque não lhe escrevia mais a miúde e, quando o fazia, era em cartas demasiadamente curtas; um dia convidara-a a visitá-lo na sua nova capital de Milão, que as tropas francesas acabavam de tomar.

Josefina riu da idéia do marido; abandonar Paris... a sua querida Parisa e viajar aos trambulhões, por essa Itália! Que idéia! Nem pensar nisso!... Desculpa-se com muitas explicações..., estava doente... esperava um bebê, fruto do amor de ambos.



Tudo lhe servia de pretexto, certa do império que exercia sôbre êle, mas Napoleão, por fim, serviu-se do Diretório para obrigar a espôsa a vir para a sua companhia; o Diretório, porém, interessava-se mais pela continuação da luta e ainda se passou algum tempo antes de Josefina partir ao encontro do marido.

Só então se persuadiu de que era a espôsa de um grande homem, a quem a glória bafejava; Napoleão conseguia sair sempre vitorioso de todos os seus empreendimentos.

A espôsa, naturalmente, compartilhava da fama e popularidade do marido; o exército acarinhava-a e tributava-lhe o maior respeito. Era novidade atravessar, por entre vivas e aclamações, as ruas das diferentes cidades da Itália, cujo povo imaginava que Napoleão lhe tinha trazido a liberdade.

Todavia, bandeiras desfraldadas, rumor do rodar de canhões, apoteoses frenéticas, tudo concluiu por aborrecer à mulher elegante. Não via a necessidade de causar a morte a tantos milhares de homens, e os planos do marido a respeito de novas conquistas e novas carnificinas eram-lhe desagradáveis. O seu espírito ultra-feminino não compreendia os intuitos superiores de tanta desgraça

---

UM TESOURO CELESTE — Volta-se a falar do maior tesouro do mundo, que ainda continua em mistério. Uma associação de capitalistas e técnicos se reuniu recentemente, no Estado de Arizona, com o propósito de chegar a algum resultado prático.



Trata-se da **cabeça** de um cometa, que encontrou nosso planeta há muitos anos (algo assim como cinco ou seis milhões de anos!) Os índios **Navajos**, do Arizona, falam a respeito de uma curiosa lenda. Três divindades, cansadas da vida celeste, e com o propósito de encontrar descanso na Terra, fugiram do Céu, convertidos em «nuvens de chamas azuis» que, com velocidades fantásticas, desceram até à Terra e mergulharam nas suas entranhas. Ao contato das chamas azuis, as rochas se transformaram por completo, convertendo-se em uma substância milagrosa que os nativos costumam usar em seus serviços religiosos.

---

seguinte Sergipe enviou-o ao Senado onde se notabilizou pela sua vastíssima cultura jurídica e dons oratórios.

Em agôsto de 1925 falecia nesta capital. Dentre as suas obras destacam-se «Nulidades dos Atos Jurídicos», «Teoria Geral do Direito», «Direito da Família», «Direito das Coisas», «Direito das Sucessões», «Direito das Obrigações», «Teoria e Prática dos Agravos», «Consolidação das Leis Civis», comentários à obra de Teixeira de Freitas, etc..



DEFINIÇÕES HUMORÍSTICAS

O «**Me Disse**» é um imbecil a quem atribuímos as idéias pelas quais não queremos assumir a responsabilidade — **Sacha Guitry.**

e ansiava por encontrar de novo a sua Paris... Aquêle amor violento do cabo de guerra e a maneira como o manifestava incomodavam-na.

Êle não a divertia e ela não podia sentir paixão por quem não a divertisse; Napoleão, como muitos homens de gênio, era às vêzes desastrado e ridículo e aos olhos da espôsa êsses defeitos tomavam um maior vulto.

Admirava-o, mas não podia concordar com os processos napoleônicos de dominar tudo e todos. Dominasse todos, menos a ela porque tudo quanto ela quisesse êle o fazia apesar de ver bem que ela o não amava. No entanto não lhe queria mal por ter casado com êle sem lhe ter amor.

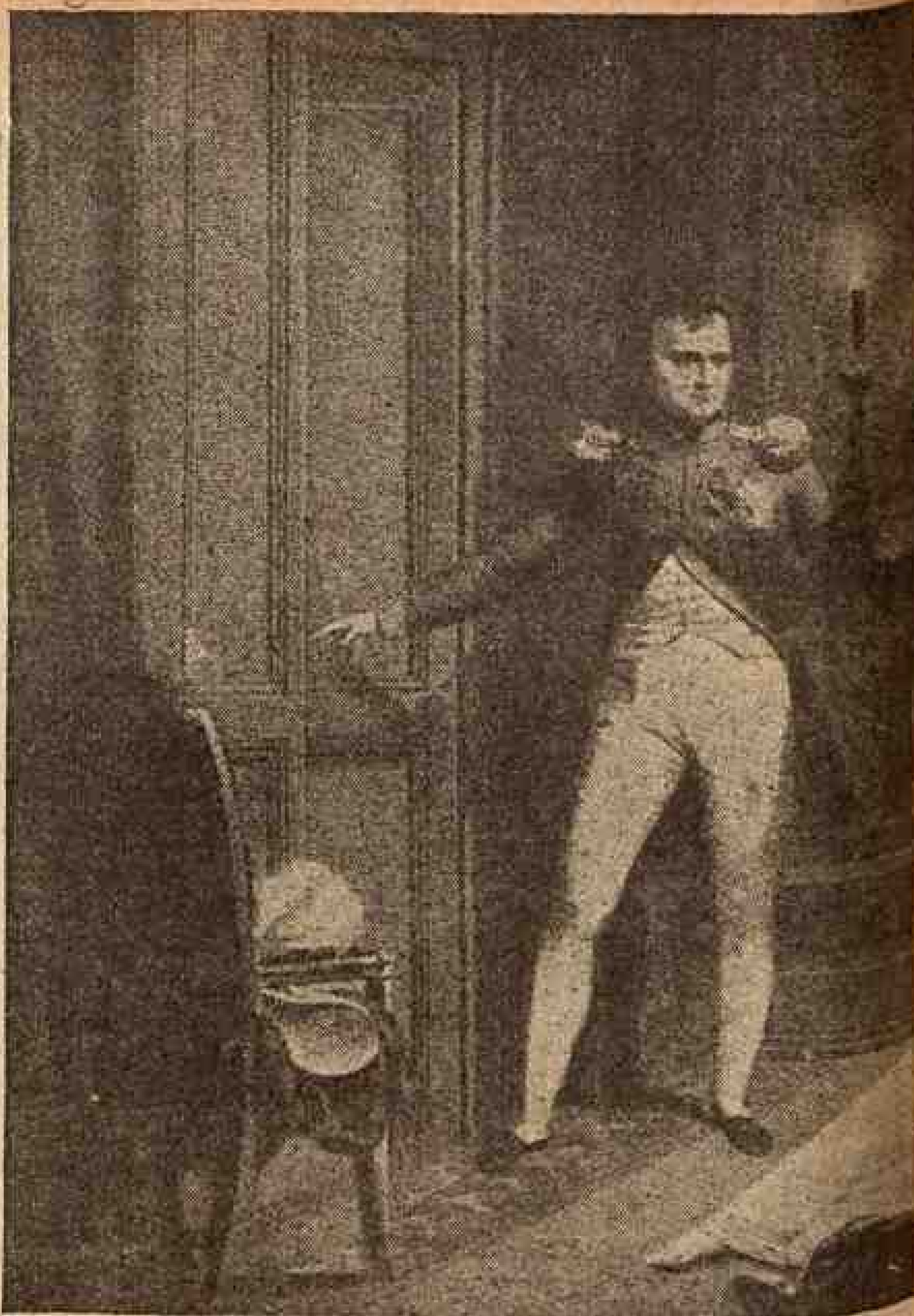
— "Eu é que tenho culpa de me não amar, porque me faltam os atrativos necessários para lhe agradar".

De uma vez escrevia-lhe:

"A natureza dotou-me de um gênio enérgico e decidido; tu nasceste de rendas e gazes finas".

As campanhas da Itália atingiam o seu fim glorioso e o vencedor coberto de glória regressava a Paris para colher os louros do triunfo.

Regressava porém sem a espôsa, porque Josefina acabara, finalmente, por se encontrar bem na Itália e não tinha pressa de regressar. A cidade de Paris tinha preparado um grande baile de recepção ao general vencedor, que se adiou várias vêzes, até à chegada de Josefina, que durante tôda a noite do baile mostrou um grande mau humor. Todos os convidados deram por isso; aborrecia-a que tôdas as homenagens fôssem ao marido e não a ela, habituada a ver todos os homens a seus pés.



Divórcio de Napoleão e Josefina — Gravura

A indiferença pelo amor do marido tinha, por fim, apagado as chamas dêsse amor e, por mais bela que ela se sentisse, aquêle resultado não a devia surpreender.

Napoleão, antes de partir para a campanha do Egito já se sentia muito desiludido. A família Bonaparte havia detestado Josefina, desde o começo e informava Napoleão, no Egito, a respeito das traições da mulher em Malmaison, a nova propriedade que ela havia adquirido recentemente.

Ao regressar a Paris, depois da batalha de Aboukir, Napoleão não a quis receber. Seguiu-se depois uma cena famosa, muito conhecida, que teve por palco, em Paris, a habitação dos dois. O corso, amuado, fechou-se à chave no seu aposento e Josefina lavada em lágrimas, encostada à porta, soluçou pela noite afora; suplicou que a recebesse porque tôdas as acusações eram falsas. Os dois filhos juntavam as suas lágrimas às da

---

OS MELHORES AMIGOS — Tenho amigos — disse o grande Petrarca — cuja sociedade me é extremamente agradável. São de tôdas as idades e de todos os países. Têm-se distinguido por vêzes no campo de batalha e no silêncio do gabinete. É fácil chegar a êles, porque sempre estão ao meu serviço e os admito ao meu lado ou então os despeço quando me agrada.

Jamais são importunos e respondem a tôdas as minhas perguntas imediatamente. Alguns me referem feitos de tempos idos, outros revelam os segredos da natureza. Êstes me ensinam a viver, aquêles a morrer. Uns, com sua jovialidade, desterram meus cuidados, alegram meu espírito; outros me dão a fôrça d'alma e me ensinam a importante lição de só contar comigo mesmo. Em troca de todos êstes serviços sòmente me exigem que lhes dê um lugar conveniente numa dependência de minha modesta morada, onde possam descansar em paz, porque a êsses amigos lhes seduz mais a paz de um tranqüilo retiro na estante que os ruídos do mundo.

★

Enquanto fores rico e feliz, contarás com muitos amigos; quando os tempos mudarem e estiverem nublados encontrar-te-ás só. — **Ovídio.**



de Bosselman, de um quadro de Chasselat

mão e juravam, também, que as acusações não eram verdadeiras.

Napoleão, por fim, abriu a porta e caíram nos braços um do outro. Tinha passado a crise; realizara-se a reconciliação, mas tanto êle como ela compreenderam que estava morto aquêle amor que êle lhe dedicara. Teria, então, pôsto aos seus pés o mundo inteiro; ela não havia correspondido e agora já era demasiado tarde.

Da luta entre os dois, Napoleão saía vitorioso e ela agora não o queria abandonar; não que lhe tivesse amor, mas porque necessitava de assentar na vida e pensar no futuro.

Habituada a viver a seu modo, o marido agora proibia-lhe certas relações e, desde aquela noite terrível de choros e preces, vivia aterrorizada com a ameaça de uma separação.

Napoleão, já imperador, fê-la coroar imperatriz de França em Notre Dame, mas esta própria honra não compensava o constrangimento em que ela vivia. Enclausurada em Malmaison, os louros colhidos por Napoleão em Marengo, Iena, Austerlitz, quase que a deixavam indiferente. O mundo lançava-se aos pés do invencível imperador francês com admiração ou receio e a fama do marido não a sensibilizava — para ela, era sempre o antigo rapazola que não sabia vestir-se. Receava-o quando tinha de confessar que havia contraído novas dívidas, mas adorá-lo não era possível! As suas distrações favoritas eram o jôgo, a quiromancia e colecionar objetos bonitos. Convencia-se a cada momento de que estava gravemente doente e o doutor curava-a com pílulas de miolo de pão. Não lia como Napoleão, que devorava bibliotecas entre duas batalhas.

O mundo dela era outro, menos elevado, e acima do marido estavam os dois filhos, já casados.

Para que a não julgasse completamente desinteressada, suplicava-lhe que consentisse numa visita a Varsóvia, onde êle descansava após uma batalha. O fantasma da separação perseguia-a e já iam longe aquêles tempos — 15 anos — em que a única ambição dêle era conquistar o coração de Josefina. Era o tempo em que Napoleão lhe suplicava para que viesse para a sua companhia; agora, pelo contrário, empenhava-se em conservá-la distante, porque começava a despontar no horizonte a linda imagem de Maria Walewska, que constituiu a verdadeira aventura de amor de Napoleão.

Aos 41 anos de idade, preocupava-o a questão da sucessão ao seu trono de imperador; um herdeiro era uma questão vital; e resolveu separar-se.

Ela atingira os cinqüenta anos; a sua figura de uma elegância encantadora tinha desaparecido; os seus dentes haviam enegrecido e já não exercia nenhuma influência sôbre êle. Essa influência proviera sempre dos seus dotes físicos, e Josefina, nascida na Martinica, e que chegara a ser imperatriz dos franceses, viu-se pùblicamente separada do marido ilustre, de quem ela ria ao comêço e acabara por temer e a quem nunca havia compreendido.

A separação era um golpe profundo no seu orgulho, ainda que realmente a situação de imperatriz nunca tivesse exaltado êsse orgulho.

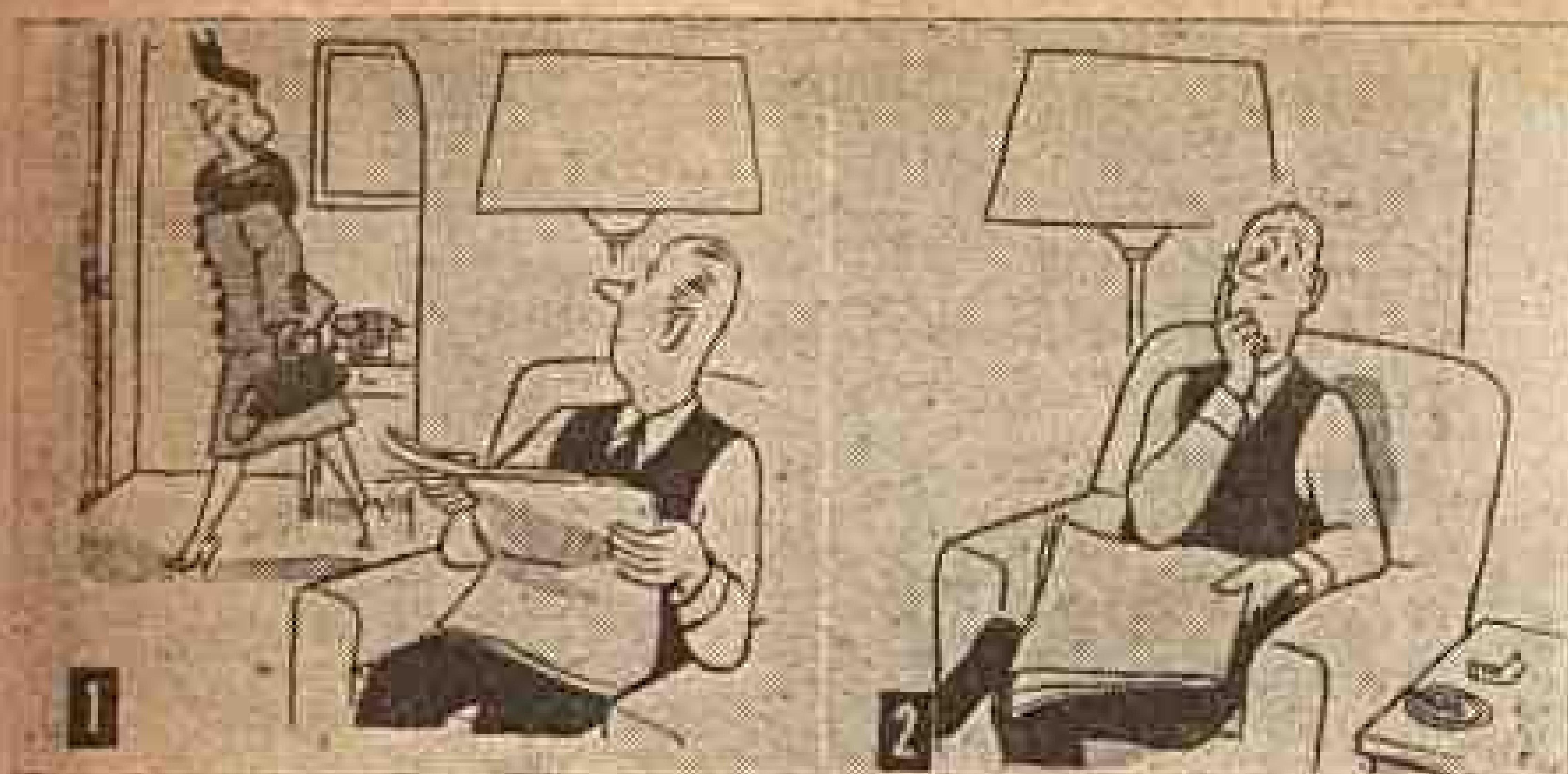
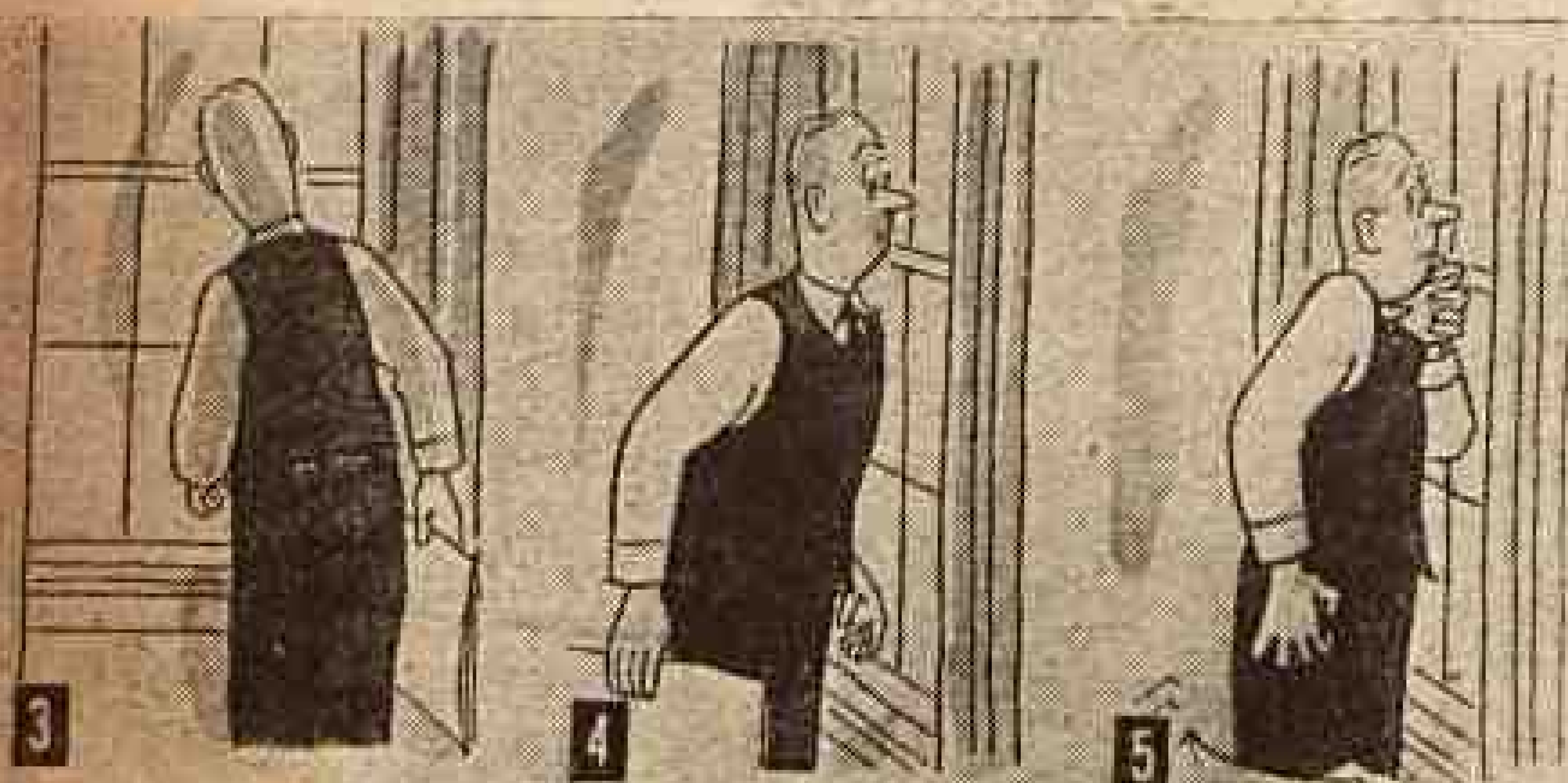
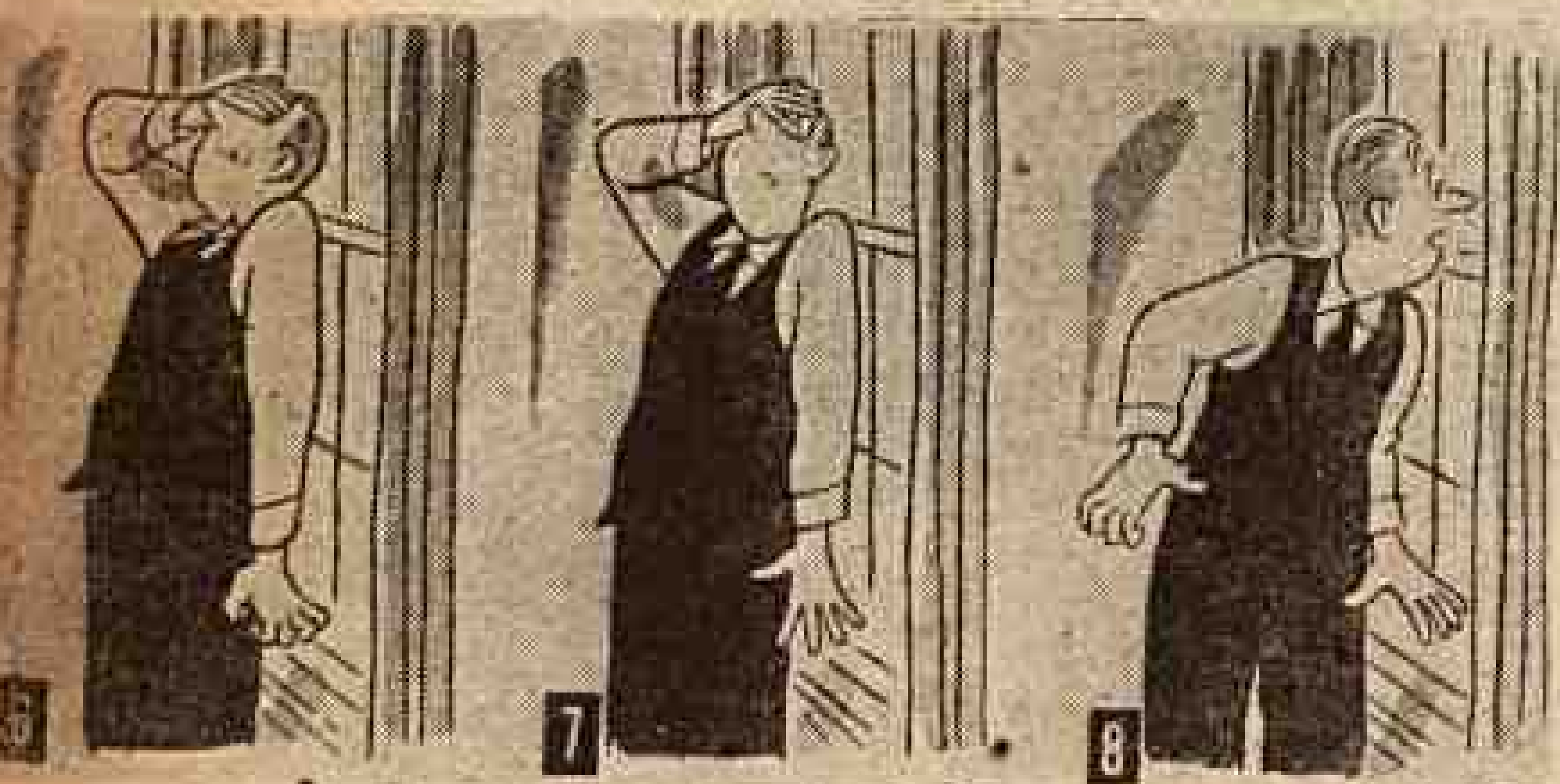
Ao sentir-se livre do déspota e do despotismo da situação a "imperatriz de um valor limitado e de dívidas sem limite" regressava à liberdade.

Milhões de homens haviam olhado para Napoleão como se êle fôra um deus e como o maior cabo de guerra de todos os tempos; Josefina nunca o pôde encarar em qualquer dêstes dois aspectos.

★

AS TAPEÇARIAS que se tenham sujado com o contato das mãos, podem ficar limpam, sem manchas de gordura, esfregando-se as mesmas com uma côdea de pão prêto e escovando-se em seguida.

MADAME VAI PASSEAR...



Certos amigos são como os pássaros: aparecem quando se lhes dá de comer, e desaparecem quando se esgotam as migalhas. — Carmen Silvia.

O PRINCIPE...

(Cont. da pág. 73)

das! Mas não quero contrariar um amigo... Acredito ter compreendido, afinal, que você anda com vontade de viajar... Sim, é isso! Pois viajaremos. Conheces ao menos o caminho?

★

Falador conhecia o caminho. Levou seu senhor à fonte, sem hesitar um só momento. E o trajeto pareceu curto, porque Falador conduzira a conversação para as virtudes físicas e morais da Princesa Alice. E de tal forma elogiara a Princesa que todos os da comitiva só se referiam a ela como sendo a **Maravilhosa Princesa**. Só Futuroso tinha coragem de dizer, de tempos a tempos:

— E' uma tola!

Isso não o impedia de se mostrar sonhador, embora negando as virtudes da Princesa Alice, como as da fonte para onde se dirigia, e não se mostrava zangado com a escolha do assunto. Também não deixou de ficar emocionadíssimo, ao se aproximar da fonte...

Chegaram, enfim! Todos, no correr da viagem, haviam confirmado as notícias de que a fonte restituía a mocidade aos velhos, dava beleza aos feios e perfeição física aos aleijados. O Príncipe reconheceu perfeitamente o caminho que havia percorrido pouco tempo antes, como reconheceu a fonte, brotando em fino jato, do rochedo, e logo se espalhando em riacho...

Bebeu da água, enquanto que seu coração batia com violência. Imediatamente Futuroso se sentiu crescer uns três pés... e reto como um pinheiro! Curvou-se, ansioso, para o espelho de um alagado natural e se julgou perfeitamente belo de rosto.

— Já está feito! — disse simplesmente Falador.

— Mas... — perguntou-lhe o Príncipe junto da orelha — Como é que tôda esta gente que me cerca não solta a menor exclamação?

— Ora, — respondeu Falador — pela mesma razão que antes, nada diziam...

(Cont. da pág. 225)



O PÔRTO DE MORLAIX (Finisterra) — Aquarela de Leon Roger

Pronto...

para a Sra. servir aos convidados

Seagers COCKTAIL

Delicioso aperitivo, dosado com maestria - SEAGERS COCKTAIL reúne o melhor gin e fino vermouth. Tipos. M r 'ne sêco e doce. Deve ser amenizado com gêlo ou água gelada, à vontade. Ideal para festas e reuniões íntimas.

SEAGERS DO BRASIL S.A.
Rua Humberto Primo, 961



Ag. Ferreira

AS MAIS BELAS DA EUROPA EM 1951 — «MISS AUSTRIA» ELEITA «MISS EUROPA»



Miss Portugal; 18 anos, 1,67 de altura e 58 quilos. De singular beleza, foi classificada em quarto lugar, à frente de Miss Noruega, Miss França e Miss Alemanha.



As representantes da Itália, Áustria e Suécia, classificadas, respectivamente, em terceiro, primeiro e segundo lugares. Acrescente-se que Miss Suécia, que lembra muito Ingrid Bergman, foi vencedora com vestido de «soirée» e Miss Áustria em roupa de banho.

O PRINCIPE FUTUROSO E O CÃO FALADOR

(Continuação da página n. 222)

Enquanto o Príncipe, repentinamente belo e bem feito, coçava a nuca, refletindo, eis que, de trás do rochedo, surge um cãozinho, igual a Falador, e que precedia de poucos passos uma dama sob todos os aspectos bela e fascinante. Era a Princesa Alice.

Falador, pai e Falador, filho, trocaram algumas palavras em segrêdo. Tinham sido êles, os alcoviteiros, os preparadores dêsse encontro.

O Príncipe saudou cortêsmente a Princesa. E logo que esta viu Futuroso tão belo, tão admiràvelmente bem feito e elegante, disse-lhe ternas palavras de boas vindas, que êle julgou de uma delicadeza e habilidade sem igual.

A Princesa achava o Príncipe o homem mais belo que vira.

— Então? — perguntou Falador — Como acha a Princesa?

— E' a mulher mais inteligente do mundo! Vou pedi-la em casamento agora mesmo!

Então Falador, confidencialmente, disse ao seu filho:

— "Os homens, meu filho, são animais curiosíssimos; sai-lhes do cérebro estranha rêde de apanhar borboletas, e êles sòmente se consideram felizes quando se deixam prender, nessas malhas traiçoeiras!"

★

E' claro, o casamento de Futuroso e Alice foi grande e não esqueceram êles de convidar a fada e tôda a família Falador.

RENÉ BOYLESVE

CENTENARIO DE NASCIMENTO DO DR. ROMUALDO TEIXEIRA



Dr. Lino Romualdo Teixeira

A 7 de fevereiro de 1851 nascia em Salvador, na então Província da Bahia, Lino Romualdo Teixeira, que seria um dos representes do Distrito Federal na primeira Câmara Municipal da Capital da República. Muito moço, concluiu o seu curso na Faculdade de Medicina da Bahia, e já em 1875 se achava casado com Dona Francisca Muniz Freire Teixeira, de quem houve dois filhos, o Dr. Edgar Teixeira, ex-diretor dos Correios e Telégrafos, e o Dr. Luís Romualdo Teixeira, precocemente falecido. Logo depois de formado, Lino Teixeira estêve em Paris, cujos hospitais freqüentou com grande assiduidade.



O ANO EXLIBRÍSTICO

BRASIL

O movimento exlibrístico brasileiro teve, nos últimos 12 meses, como era de se esperar, apreciável desenvolvimento cultural e artístico. Com a fundação, nesta capital, da Confederação Interamericana de Ex Libris, em 9 de julho, que contou com a presença da Sra. Maria Madalena Otamendi de Olaciregue, representando os colecionadores argentinos, com a adesão do Sr. Alan Weaver Hazelton, dos Estados Unidos, tôda a diretoria do Clube Internacional de Ex Libris, e grande número de colecionadores,



iniciou o em nossa terra nova fase de divulgação e projeção para essas pequeninas obras de arte que marcam a posse dos livros. Êsse novo empreendimento tem como ponto principal propagar o exlibrismo por todo o continente americano. Coube-nos, por aclamação, a presidência da novel entidade, que levará a todos os cantos das Américas o gôsto pelo ex libris.



★



Duas exposições, no Rio de Janeiro, no mesmo período, lograram grande êxito. Uma delas fêz parte integrante da Primeira Exposição Geral do Exército, organizada pelo Ministério da Guerra, que apresentou, sòmente, ex libris de militares. A outra foi patrocinada pela Prefeitura do Distrito Federal, incluída na Exposição do Rio de Janeiro, través de tôdas as suas manifestações artísticas e franqueada ao público no Salão Assírio, do Teatro Municipal, sob os auspícios do General Angelo Mendes de Morais, na ocasião, Prefeito da Cidade.

★

Damos, abaixo, uma relação de ex libris aparecidos durante o ano, no Rio de Janeiro: **Maria Vitória, San Martin, Major Couto Ramos, Roquette Pinto, Primeira Exposição Alentejana, Maria Luísa Maciel Pinheiro, Cimbelino de Freitas, José Luís Mindelo, Manuel de Oliveira Pastana, Francisco Leite de Araújo, Altair de Araújo Pastana, Galileu de Matos Pastana, Biblioteca Infantil «Carlos Alberto», Paulo Braga de Menezes, Ernâni Negrão, Aurora Kollentz Ribeiro, Salgado Filho, Cel. Frederico Josetti, Cel. Ibsen Lopes de Castro, Ten. Cel. Gerardo Majela Bijos, Saldanha Marinho, Albino Nogueira de Faria, Alberto Ladeira, Ilka Ladeira Pizarro, Milton Osório Sena, Padre José Nunes Dias, Rosa Bela da Cunha Antunes, Artigas, Maria José Orestes, Aurora Dias Fernandes, Maria Luísa, Ten. Pascal Bandeira Moreira, Olmiro Paranhos, Carmelita Samarão Bastos, Maciel Pinheiro, Altair Leão, Confederação Interame-**



VIVIAM MELHOR ...

(Cont. da pág. 198)

época de ceticismo e desilusão, porém acho que tal estado de ânimo tende a desaparecer. Vai perdendo interêsse uma nova desintegração realmente habilidosa. O mundo resume suas esperanças nos cérebros amantes da crítica construtiva. Nem a lei, nem o govêrno, têm, já agora, a sanção quase religiosa de que desfrutaram antanho. Sua origem divina passou de moda. Não são coisas que não admitem discussões; têm que justificar sua existência como qualquer outra das criações do homem. Obras humanas são, porém, mais que nunca, reconhecemos a urgente importância delas.

Na Igreja da Escócia há uma oração destinada à abertura do Parlamento, concebida nestes ou parecidos têrmos: **«Abençoe, Senhor, esta assembléia e revogue as suas resoluções, para bem do povo!»** Observe-se que não se pede que as guie nem que as oriente, mas que as revogue, pois bem podem ser a representação de nossa atitude na vida e prova de que a vida não é possível sem a lei e o govêrno. Não pretendemos exagerar o valor da autoridade, pôsto que sabemos ser ela a nossa própria obra; mas, da mesma forma, não nos atrevemos a desprezá-la, porque compreendemos que constitui uma suprema necessidade prática.

★

VOCABULÁRIO MÉDICO

GASTRECTASIA — Dilatação do estômago, também chamada gastrectasis. Enquanto não produz moléstias nem se ressente o funcionamento gástrico, não é considerada patológica. Os sintomas patológicos quando a dilatação adquire dimensões exageradas, ou seja, quando a musculatura do estômago já não está capacitada para atender devidamente as proporções da digestão. Nessas condições, a gastrectasia, como enfermidade, não depende, tanto do tamanho do estômago quanto da capacidade de sua musculatura para evacuar o conteúdo gástrico.

★

Os móveis representam a vida do seu lar, e óleo de peroba a vida dos seus móveis.

TESTE PARA DETECTIVES

(Respostas da página número 74)

1 — Não; e a possibilidade de existir mais de uma pessoa com marcas digitais iguais é de uma contra 1.606937.974.174.171.729.761.809.707.564.167.969.221.675.069.604.401.795.301.376.

2 — O "Sistema Henry", aperfeiçoado por Sir E. R. Henry, de Scotland Yard.

3 — No fichário da Chefatura de Polícia, em Washington, onde se encontram mais de 13 milhões de cartões contendo diferentes impressões digitais.

4 — Mais de 60 por cento.

5 — Não. As marcas digitais de uma pessoa se formam antes dela nascer e permanecem inalteráveis até a morte ou que o corpo entre em decomposição.

6 — Há, no mínimo, 300 pontos permitindo uma identificação perfeita, em cada simples impressão.

7 — Não. Os riscos dos dedos de cada indivíduo, que procure destruí-los ou alterá-los por recursos físicos, retornarão às suas condições e desenhos primitivos em tempo extraordinàriamente curto.

8 — Sim; oitenta e oito países estão sempre trocando marcas digitais entre si, com a finalidade de combater os crimes.

9 — Sim; cada pistola, revólver, fuzil, etc., deixa na bala que dispara marcas próprias. O mesmo ocorre com os cartuchos ou cápsulas.

10 — Oitenta milhões de cruzeiros.

11 — Sim; os exames de laboratórios podem dizer se o sangue contém monóxido de carbono.

12 — Em Washington, com o serviço mantido pelo "F. B. I.", que presta auxílio à polícia de tôda a nação, serviço-secreto e, ainda, atende a todos os pedidos vindos dos congêneres do exterior.

13 — Um inquérito realizado em 75 cidades com mais de 25.000 habitantes, revelou que 49,6% das pessoas acusadas de assassinato são realmente culpadas.

14 — Aproximadamente 81% de todos os assaltos são praticados à noite.

A SÁTIRA DO MÉDICO NO TEATRO ANTIGO

— "Doutor... Tenho dor no estômago, na cabeça e câibras nas pernas. Que coisa é?

— "Meu amigo, são duzentos cruzeiros!"

A anedota é muito antiga e de origem francesa. E' atribuída a um dos médicos, apresentados como **modêlo** por Molière, na sua peça "Amour médicin".

Na velha farsa teatral — que encontramos ainda no **Médecin malgré lui**, do mesmo Molière — é ela apresentada como se o médico entendesse ou fingisse entender que a pergunta se referia **ao preço da consulta;** o pseudo médico, quer se chame Arlequim, Sganarello ou Crispim, enquanto demonstra total desinterêsse pela saúde do enfêrmo, estende a mão e depois de contar as moedas, pergunta: **"São verdadeiras?"**

Numa comédia espanhola do ano 1600, **O Doutor Borrego,** há também outra alusão à cupidez do médico: — **"Sangria, purgante e... passe o dinheiro".**



Os doutores "Tantomelhor" e "Tantopior"
(Do I. B. Oudry)

A sátira do médico é de origem muito antiga. E' encontrada no Pluto, de Aristófane e em duas óperas de Luciano, em uma **"Disputa fra Esculapio ed Ercole su la Preminenza"** e em um drama intitulado **La Tragopodagra,** em que é destacada a fôrça da "gôta", contra a qual nenhum remédio pode ser eficiente: um médico gaba as bondades **de um unguento,** afirmando ser miraculoso e a "gôta" chama em seu socorro a **Dor,** continuando o gotoso a se lamentar como sempre. Na Idade Média, o médico era confundido, para pior, com o físico, o astrólogo e o mágico. Em um "Mistério" francês do século XIII, no **Jeu d'Adam** ou **de la Feuillée,** de Adam de la Halle, um

ricana de Ex Libris, João de Sousa Pinto, Major Luís Gonzaga de Melo, Antônio de Lima e Castro, Leontina Costa, Bertino Marques dos Santos, Hélio de Sousa Almeida, Luís Roberto Tostes, Olavo Oliveira, Ordem Soberana de Vera Cruz, Neomen Vilhena, Alvaro Cardoso, Kleber Cardoso, Oto Floriano d'Almeida, Moacir Ferreira d'Almeida, Dulce Celeste e General Canrobert Pereira da Costa.

★

PORTUGAL

O Clube Internacional de Ex Libris, convidado a se fazer representar na Primeira



Exposição Alentejana de Ex Libris, enviou a Portugal algumas centenas de exemplares dessas pequeninas marcas de posse, para figurarem nesse grandioso certame artístico e cultural, cuja inauguração, deu-se em 20 de maio de 1951.

A representação da C.I.E.L. foi credenciada ao Dr. Arlindo Freixo, nosso brilhante confrade, residente em Beja.

O ato inaugural foi presi-

---

15 — Não. Aproximadamente 45% apenas dos assaltos são efetuados contra residências.

16 — Em 1949, 95 de cada 100 automóveis roubados foram recuperados. Não temos informações mais recentes.

17 — Segundo as estatísticas fornecidas pelos fichários policiais, a idade mais favorável à delinqüência é a de 19 anos.

18 — 7,5%.

19 — Sim. Comparando-se a média de 1.000 prêsos homens e a de 1.000 mulheres prêsas, 15 mulheres e 11 homens eram acusados de crime de morte; 65 mulheres e 56 homens, acusados de assalto violento; 34 mulheres e 6 homens eram acusados de comerciar com drogas entorpecentes.

20 — Aproximadamente 19% de tôdas as pessoas prêsas e acusadas, em 1949, tinham menos de 21 anos de idade; 12,2% de todos os homicídios, 29,1% dos assaltos, 4,5% dos atos de violência, 32,8% dos furtos, 52,5% dos roubos de automóveis, foram praticados por pessoas com menos de 21 anos de idade.

21 — A média é de 1,6.

22 — "Carne Sêca" — João da Cósta Rezende.

23 — A espionagem pode ser definida sumàriamente nisto: procurar obter uma informação relativa à defesa nacional, com evidente intenção de usá-la contra o Brasil ou com vantagem para qualquer nação estrangeira.

24 — São Paulo.

25 — Procura dar à vítima a impressão de que vai obter muito em troca de nada.

25 — O favor mais freqüentemente solicitado era o de ser decapitado em vez de enforcado. Isto porque, ao contrário de hoje, o enforcamento era coisa longa e dolorosíssima.

27 — 87,4%.

28 — Decresceu de aproximadamente 75%.

29 — Telefone da "Rádio Patrulha", no Distrito Federal.

30 — Pelo Chineses, há muitas centúrias. Usavam as impressões digitais (dos polegares) como meio de identificação para contratos e documentos civis.



dido pelo Dr. Carvo Mendes, vice-reitor do Liceu daquela cidade, em quem o Ministro da Educação Nacional delegou a sua representação. Estavam presentes autoridades civis e militares.

Numa sessão solene que se realizou, usaram da palavra os Srs. Fragoso de Lima, pre-



Homenagem do «Clube Internacional de Ex Libris»

sidente da Comissão Organizadora, que proferiu expressiva saudação; Cardoso da Marta, que advogou a criação duma sociedade de exlibristas portuguêses.

A Exposição Alentejana de Ex Libris encerou mais de 30 mil exemplares, enviados por 350 colecionadores de Portugal, Brasil, Espanha, França, Itália, Romênia, Austria, Bélgica, Inglaterra, Suécia e Chile. Estêve franqueada ao público de 20 a 27 de maio de 1951.



A revista mensal «Serões», que se edita em Lisboa, sob a direção do Professor João de Almeida Lucas, continuou publicando, em todos os seus números, ótima seção dedicada ao Ex Libris, onde o seu diretor teve ocasião de demonstrar grandes conheci-



"O médico a contra gôsto"
(da aquarela de L. Leloir)

físico adoece do "mal-avareza". Em geral os médicos que surgem em cena têm êsse mesmo defeito e, o que mais é (na época, que acreditava em amuletos) o enfêrmo geralmente curava **só com a ajuda de relíquias que produziam grandes milagres.** Por exemplo, no citado **Jeu d'Adam,** um frade agita uma sineta e mostra uma relíquia de Santo Acário, para ficar curado o enfêrmo tem apenas que tocá-la... e dar uma pequena esmola, pois as consultas eram "gratuitas"!

No **Mistero de San Pantaleone,** apresentada no século XV, já há um aceno à **invidia medicorum pessima**: um cidadão, Eustore, decide que o seu filho, Pantaleone, seja médico, levando-o então à residência do "Mestre" Morin, um pagão, que lhe dará lições por sete anos consecutivos, em troca de dinheiro gordo. Pantaleone trava conhecimento com o padre Ermolao, que o converte ao cristianismo: **"senza medicine, nè erbe"** (sem medicina nem ervas) e apenas com o sinal da cruz, cura êle todos os enfermos; porém "Mastre" Morin, vendo que Pantaleone cura um gotoso, enciumado com o êxito do aprendiz, vai denunciá-lo ao Imperador como cristão e o faz decapitar.

Não apenas no Teatro se burlava dos médicos. Quem não se recorda do Médico "Tanto Pior" e do Médico "Tanto Melhor", da fábula de La Fontaine, intitulada "O Médico"?

Porém o meio preferido para zombar dos médicos e da medicina era o teatro. O cômico Mondor improvisava as suas mais irresistíveis "piadas"



Teatro e botica, do "Orvietano" de onde o Cego, o Bandido e Polichinelo recitam uma farsa (estampa de 1650)

contra **"I Farmaciste e i Medici"** e Guillot-Gorju, depois de haver estudado medicina em Montpellier, iniciou uma famosa **tournée** pelo mundo, com a sua companhia teatral ambulante, que bem podia ser classificada como **"inimiga número um dos médicos e dos boticários".** Guillot Gorju tentou demonstrar, na sua "Apologia", que, mudando de profissão, nada perdera, pois uma bem valia a outra. E acrescentava **"Sendo um charlatão, o médico tinha, afinal, que ser um bom comediante".** Depois de oito anos de palco e de sucesso, voltou a exercer a medicina em Melun.

Molière, quando moço, teve ensejo de ver Guillot-Gorju representar no **Hotel de Bourgogne** e encontrou em suas farças o tipo do "médico ridículo", pois acima de tudo, o médico do seu tempo, além de ignorante e charlatão, era a vaidade personificada.



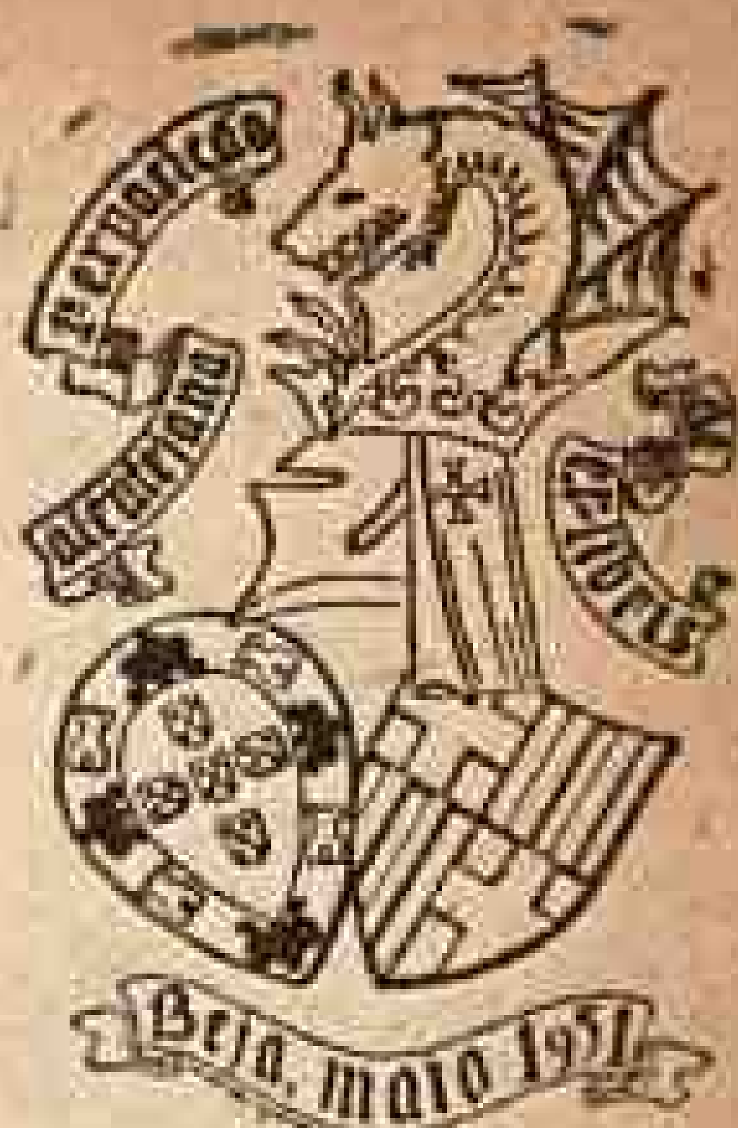
"Elomir hipocondríaco" ou "Os médicos vingados" do "O Padeiro de Chalussay" (frontispício da comédia — edição de 1670)

De resto, disparatar com o médico, nos palcos franceses, estava em grande voga e estaríamos tentados a descrever alguns dêsses argumentos, se não nos tolhesse o sentido da decência. Facécias realmente grosseiras são encontradas em várias peças teatrais, entre elas "Alegre Farça de um Enamorado", do século XV, e no "Arlichino médico volante", do cenário italiano, numa das suas constantes imitações do teatro de Molière.

A série é longa, desde Rabelais a Les Tromperies, de Larievey, onde o médico não é, porém, muito maltratado, merecendo mesmo, alguma benevolência. Na "Clarisse" ou "O Amor Constante", um médico, **"grande asno**



"O doente imaginário" (da "Crônica Médica", almanaque da época)



Homenaje de Don Agustín Arroja Niñoz, Delegado de la 1.ª Exposicion Alentejana de «Ex-Libris» en España, y de la Señora Doña Maria Figuerola.

mentos sôbre o assunto, que vem empolgando os meios culturais e artísticos de todo o mundo.

★

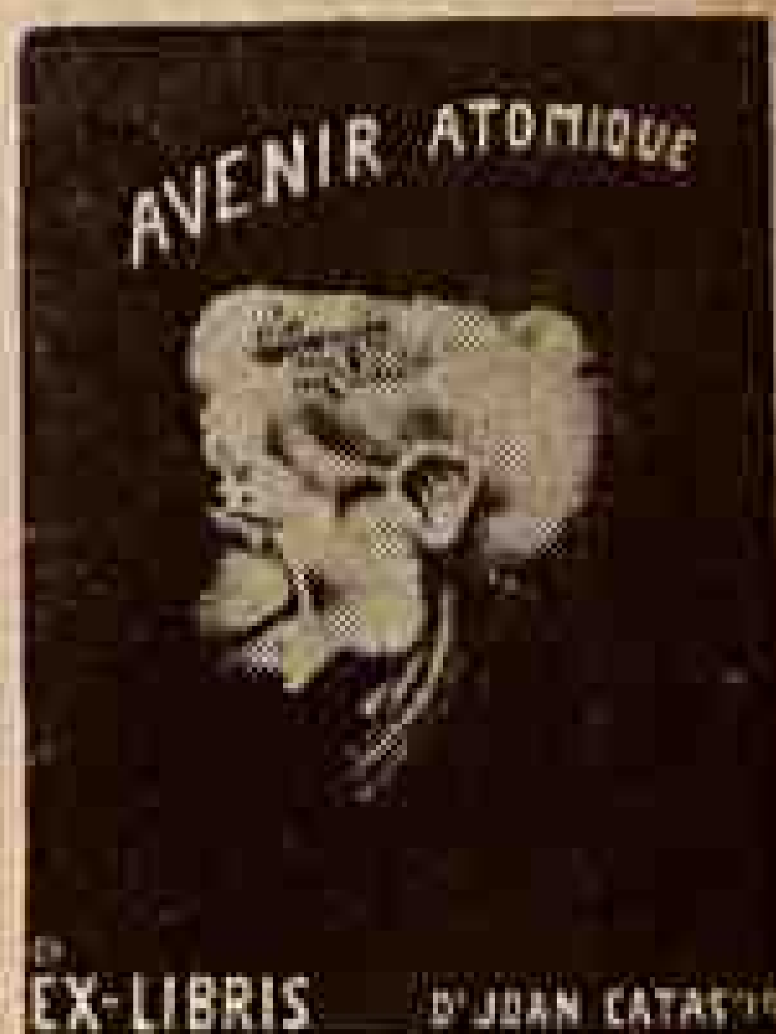
ESPANHA

Também na terra de Cervantes, o exlibrismo atingiu, no último ano, notável desenvolvimento. Na Exposição de 1.001 Ex Libris, organizada pelos colecionadores: Luciano Barcala, Moro Lorenzo, Gonzalez Iglesias, Rufino Aguirre Ibañez, Miguel Ferrez Blanco, Fernando Villalobos Mier e José Nunez Larraz, o Brasil estêve representado com alguns exemplares nossos.

O certame foi patrocinado por D. Joaquim Perez Villanueva, Governador civil de Salamanca. Foi levada a efeito em abril de 1951.

★

Organizada pelos Grêmios Sindicais de Editôres e Livreiros de Barcelona, com a



colaboração do Instituto Nacional do Livro Espanhol; da Biblioteca Central da Câmara Provincial e dos Museus

de Arte da Prefeitura de Barcelona, foi realizada uma exposição de Ex Libris, à qual compareceram 133 expositores, representando diversas províncias espanholas.

Para recordar mais esta realização, foram convi-



O 1.º de uma série de grandes figuras catalãs, desenhadas pelo artista Juan Estiarte

dados diversos artistas espanhóis a apresentarem projetos do ex libris comemorativo, submetendo-se ao júri que ficou assim constituído: D. Luis de Caralt, representante da Prefeitura de Barcelona e do Instituto Nacional do Livro; D. Felipe Mateu Llopis, diretor da Biblioteca Central; D. Juan Ainand de Lesarte, diretor dos Museus de Arte; D. Antonio Olle Pinell, pre-



sidente do Fomento de Artes Decorativas, representando os Artistas, e D. Agustin Duran Sampere, diretor do Arquivo Histórico Municipal. A primeira classificação coube ao trabalho executado em xilografia pelo artista Don E. C. Ricart. Foram tira-

e doutor em latim" atreve-se a cortejar uma cliente, que o manda surrar por seus criados, até ficar caído e banhado no próprio sangue.

— **"Médico é v. cê!"** — diz o Scanarello, do "Médico a Contra Gôsto", como se o título fôsse uma injúria.

E para deixarmos um pouco o teatro francês e a sua tenaz perseguição aos médicos, mencionaremos uma outra sátira do médico, escrita em poesia "quebrada" e da autoria de um jesuíta italiano, do princípio do século XVII, Bernardino Stefon'o, intitulada: **"Moccaronis Forza"**; trata-se de um doente imaginário, curado por um médico ridículo, Parpadellus, que cita Galeno a três-por-dois, como mais tarde Sganarello citaria Hipócrates; em tôdas, é claro, nunca faltava o dinheiro cobrado **de imediato.**

Por sua vez muitas obras de Cervantes estão plenas de sátiras contra os médicos. No **Cristobal de Lugo** um médico também aborrece uma cliente que esta não o quer mais receber. Em outra comédia espanhola, esta de Lope de Vega, **A Enferma Delicada.** Belisa, a heroina, sabendo que lhe querem dar um médico por marido, exclama indignada: **"Eu, casar-me com um médico? Eu, dormir com uma peste? Nunca!"**



O "Amor Médico"
(da aquarela de L. Leloir)

Não apenas na comédia francesa, mas também na italiána, o médico era eternamente a figura grotesca na peça, aquela que garantia a hilaridade dos espectadores, constituindo mesmo um sinônimo de pedanteria... e de ignorância.

Para isso era recomendado aos atores: aparentar um ar pedante, citar curas miraculosas, recitar frases em grego e latim, usar peruca ridícula, vestes apalhaçadas, tudo o que, reunido, formava o que se chamava **um médico!** A peruca era uma das suas características além da barbicha pretensiosa e que, segundo Molière — **"fazia a metade do Médico"!**

Entretanto, o médico, na vida real, vestia-se com austeridade e sempre de prêto. Em pleno reinado de Luís XIV, os médicos abandonaram o característico chapéu de ponta e adotaram roupas burguesas. Os mais pobres andavam a pé longas distâncias, enquanto os demais preferiam o lombo de pacharrenta mula.

Qual a causa dessa animosidade de Molière contra os médicos e a medicina do seu tempo? A principal se baseava na sua própria enfermidade que tanto amargou a sua existência e que o levou, em meio a dores indescritíveis, aos cinqüenta e um anos, para o túmulo. Molière, apesar do seu aspecto robusto foi sempre de saúde delicada. Além do mais, as fadigas cênicas e os abusos amorosos acabaram de arruinar a sua existência: **"Deveis evitar o teatro e as atrizes"**, aconselha o autor da "Elomire Hipocondríaco" ou "Les Médecins vengés", comédia satírica contra êle e na qual Elomire é anagrama de Molière.

Doente incurável, não sabia como perdoar aos médicos a sua inabilidade em curá-lo. E vingava-se com as sátiras, como aquela do "Amor Médico", em que testemunhava a pouca confiança que dedicava aos médicos, dizendo — **"Que deseja você obter com quatro médicos à sua cabeceira? Não é bastante um só para acabar com a saúde de qualquer um? Conheci um homem que provava, com bom argumento, que não se deve mais dizer: "uma tal pessoa morreu de uma febre ou de uma fluxão do peito", mas: "morreu de quatro médicos e três farmacêuticos."** E' bem verdade que

figura do médico que mata o doente é facécia eterna, ainda em grande favor na cena contemporânea. No "Doutor Borrego", já citado, o criado Lorenzo, responde ao médico: **"Assim que, graças ao senhor o preço das sepulturas aumenta".** E num outro "intermezzo" de 1600, da autoria de um Benavente (não confundir com o autor da "Alma Alegre"): **"Que é preciso fazer para que um médico não mate um doente?" — "Não dar-lhe o remédio receitado".**

Acontece ainda que, no "Amour Medecin", Molière, quando faz dizer o Dr. Bahis: **"vale mais morrer segundo a regra do que curar contra a regra",** não procurou uma frase **de efeito,** para provocar o riso, mas apenas transcreveu quanto um dos mais célebres médicos do seu tempo narra em carta endereçada a um dos seus doentes que se curava sem observar as prescrições médicas, o que provocou entre o médico e doente um litígio ruidoso e sem fim.



"O doente por imaginação" (da ópera de Molière)

No "Doente Imaginário", Diafoirus pai louva o filho de se revoltar contra a opinião dos mestres e não querer mais compreender nem ouvir as **razões** e **a experiência** dos mais famosos cirurgiões do século sôbre a circulação do sangue. Essa tirada parece ser a paráfrase do que disse Riolan: **"Prefiro errar com Galeno do que ser "circulador" com Harvey".**

Era o tempo da grande descoberta de William Harvey sôbre a circulação do sangue. A Faculdade de Medicina de Paris, tradicionalista em extremo, recusou aceitar essa idéia, como qualquer outra nova, que surgisse. Um galenista exaltado chegou a dizer: **"Que será da nossa pobre medicina? Que faremos do fígado?** E afirma-se que obteve esta resposta: **"Só nos resta sepultá-lo!"**

A mania de apoiar-se nos antigos autôres era característica da época; a autoridade de Hipócrates e Galeno era indiscutível. O traço característico dos médicos de Molière era a pedanteria: a linguagem complicada e confusa de Sganarello, o linguajar enfático e empolado de Tommas Diafoirus era cópia exatíssima da realidade. Tôda dissertação que Molière põe na bôca dos seus personagens estava conforme ao espírito e à linguagem usada na Faculdade. E' assim, além de uma contínua sátira do método escolástico, um protesto a favor da experiência dos que estudavam e pesquisavam sem cessar, esquecendo um pouco os antigos.



"Arlequim hidrópico" (da Nouvelle Iconographie de la Salpetrière)

E diga-se que muitos médicos de hoje não variaram muito do que é apresentado no "Doente Imaginário", que tinha **"só três remédios para tôdas as enfermidades e que eram** (no latim macarrônico de Molière): **clysterium donare, postea seignare, ensuita purgare.** Aliás, era isso quase uma mania em Molière. E talvez fôsse essa a razão por que, numa recente tradução do **Tratado Clister,** de Regnier de Graaf, publicado em 1668, foi a seringa chamada de "Instrumento de Molière". E não há quem possa ter esquecido a procissão de farmacêuticos, armados de seringa e irrigador, instrumentos profissionais que aparecem na farça genial que é **O Sr. Pourceaugnac.**

A **purga** gozava de grande estima especialmente na Faculdade de Montpellier; a de Paris tinha a especialidade

dos 250 exemplares em quatro espécies de papel.

★

FRANÇA

A Associação Francesa de Colecionadores e Amigos do Ex Libris e das Gravuras, com sede no pa-



lácio ducal de Nancy, continuou a publicação do seu ótimo «Boletim», profusamente ilustrado e repleto de artigos assinados pelos mais destacados cultores do exlibrismo, em França.

★

Pino Della Selva, Charles Favet e Jacques Simon continuam sendo os artistas mais em moda para a execução dos «Brazões de Espírito».

★

Ernest Huber não interrompeu a série de seus trabalhos baseados em motivos quixotescos, que constituem a sua preferência sobejamente constatada em seus desenhos já editados.

★

ITÁLIA

Novas e brilhantes manifestações exlibrísticas foram realizadas na pátria de Dante.

O colecionador, advogado Carlo d'Alessio, organizou uma Exposição de Ex Libris italianos e estrangeiros na Feira do Levanti de Bari, que permaneceu aberta de 9 a 26 de setembro de 1950. Da mesma foi publicado um lindo catálogo, com apresenta-

ção de d'Alessio, encerrando trabalhos de 50 artistas italianos e 43 estrangeiros. Giu-



lio Cisari desenhou o ex libris comemorativo.

O ex librismo italiano muito deve ao Dr. d'Alessio, que com seu concreto trabalho fêz eficaz propaganda pela difusão do ex libris no Meridiano.

★

Em outubro, em Milão, no salão de honra da Livraria de Cultura Cantoni, foi levada a efeito uma reunião exlibrística com a apresentação de libris raros, de Lipinsty, Willy Geiger, Helfenbein, Baldinelli, Cisari, Fugesteu, Sepp Franck, Wim Lwiers Kulhanket, etc.. Tomaram parte Alberto Martini; Diser-



tori; Bolaffio; Mansueto Femini; Giulio Cisari; Vicurti; Botta; Carlos Cyrillo, do Rio de Janeiro; Pino Della Selva, de Paris; Bottai, de Veneza; Galli, de Como; Rainando; Falchetto; Gabriel Mendel e muitos outros.

★

No salão principal da Prefeitura de Veneza foi realizada, em dezembro de 1951, interessante «Mostra Internacional de Ex Libris», preparada, em sua maioria com ex libris da coleção do Dr.

da sangria. E' conhecido mesmo o dito zombeteiro relativamente às duas Faculdades rivais: **"Montpellier purga, Paris sangra".** E até se dizia que **"a de Paris era a Faculdade dos três "S": sangria, sena** (remédio) **e seringa.**

O abuso dos mesmos remédios era uma característica da medicina francesa de 1.600; em um só ano, foram administrados a Luís XIII, pelo seu médico assistente, 215 remédios: 212 clisteres e 47 sangrias! E Luís XIV, em 59 anos, teve que tragar mais de 2.000 purgantes (recorde-se, porém, que o soberano era um grande comilão).

A lanceta, de fato, naquele tempo, agia ante a mais leve indisposição. Em 1633. Cousinot, primeiro médico do rei, foi sangrado 64 vêzes em oito meses, por ordem do próprio pai e do seu sócio, **para curar um reumatismo articular,** antes de começar... um regime de purgantes!

— "Os idiotas que não entendem da nossa arte — escreveu Gui Patin **— imaginam que não sabemos fazer outra coisa senão purgar; mas estão enganados".** E por sua conta sangra a espôsa 12 vêzes para curá-la de uma bronquite; 20 vêzes, em poucos dias, a um filho de 7 anos, por uma simples febre; vai de lanceta contra um velho de oitenta anos, 11 vêzes em 6 dias! A um outro velho, 30 vêzes em 17 dias; sangra também um menino de 11 meses e um outro, de apenas 3 dias! Outro médico, Guy de la Brosse, recusa deixar-se sangrar e morre. Vejam agora o belo epitáfio que lhe fêz Gui Patin: **"O diabo o sangrará no outro mundo, como o merece um idiota e um ateu da sua espécie!"**

Por sua vez, o famoso Riolan afirmava **"não haver nenhum inconveniente em extrair, num só dia, do corpo humano, 20 partes de sangue das vinte e quatro que deve conter".**

Mas, apesar da lanceta, que reinava como soberana, nova cura tentava entrar na medicina daquele tempo: o antimônio, descoberto por um frade alquimista do século XV, Basilio Valentin e logo combatido de modo feroz pela tradicionalista Faculdade de Paris. Foi uma nova "guerra de Cem anos", pois se estendeu de 1566 a 1666 antes de que o antimônio tivesse a sua consagração oficial. Gui Patin, no qual se personificava a cegueira acadêmica e o espírito sectário da Faculdade, chamou o **vinho emético** (preparado com a maceração do vinho com antimônio-**crocus metallorum** no vinho branco) de **"vinho erético",** pelo verdadeiro **scisma** que provocou na medicina. O que mais ajudou a consagração do antimônio foi a cura do próprio rei. De fato Luís XIV adoeceu durante a Campanha da Flandres, sendo transportado para Calais. Consultados os médicos, viram, todos êles, no mal, evidentes sinais de tifo e, naturalmente, foram todos unânimes em receitar uma... sangria! O rei, porém, recusa a "receita". Mazarino envia então, a Calais, o seu próprio médico, Guénault, o qual faz o rei tomar o **vinho emético;** e o rei fica bom! De um dia para outro Guénaut se torna célebre e o antimônio passa a ser o remédio da moda.

Menos afortunado foi Guénaut com o próprio Mazarino, pelo que começou a circular a seu respeito êste epigrama: **que salvando a vida de Luís XIV e matando Mazarino salvará duas vêzes... a França.**

A "conferência" que realizaram à cabeceira de Mazarino moribundo, nada menos de quatro médicos da côrte, o próprio Guénaut, Des Fougerais, Brayer e Valot, um afirmando que o Cardeal sofria do fígado, outro do **mesentério,** o terceiro dos rins e o último dos pulmões, parece ter servido de modêlo a Molière para a famosa cena de consulta do **Amour Médecin.** Os quatro médicos da comédia de Molière, que se ocupam de tudo, menos do doente — e quando o fazem, finalmente, não chegam a um acôrdo — são copiados dos quatro médicos de Luís XIV.

Mas não só na França ou na Itália se perseguia o médico. Também na Inglaterra era considerado ignorante, pedante, falando latim errado, charlatão, venal, etc., etc....

Depois da morte de Henriette, rainha da Inglaterra, o filho de Henrique IV, da França, circulava êste epigrama sôbre o médico Valot: **"A filha do grande Henrique teve destino igual ao do seu pai e do seu marido. Todos os três morreram em mãos de assassinos: Ravaillec, Cromwell, Médico. Henrique IV, de um golpe de baioneta; Carlos I, da Inglaterra, sob o cutelo do carrasco, no cepo... E agora morre Henriette, vitimada pela ignorância de Valot!"**

Tendo também morrido às mãos inábeis de Valot, o intendente das Finanças, cujo nome era Gargan, Valot passou a ser chamado **Gargantua** (Gargan-tua, isto é: **o que matou Gargan...**)

Em geral, os médicos das côrtes, por amor à posição, acabavam sempre por perder um pouco da dignidade, pois tinham que suportar os maus tratos e os sarcasmos desaforados de seus enfermos reais e dos seus

"O Senhor de Pourceaugnac" (água forte de T. de Marc)

familiares e cortezãos; e o que era pior: tendo que suportar tudo calado. O **Diafórides** da comédia de Molière, digno representante do pensamento da Faculdade, preferia que o filho não fôsse médico da Côrte e sim da plebe **"que nada entendendo da arte, não gemia nem protestava e a ela não tinham os médicos que dar satisfações pelos erros que pudessem cometer".** Ao contrário, **"com os poderosos: a coisa mudava de figura: eram impertinentes e quando adoeciam exigiam ser curados sem demora!"**

Intrigado com essa "perseguição" que Molière movia contra os médicos, Luís XIV perguntou-lhe um dia:

— Molière. Você tem médico?

— Apenas conversamos, majestade... Êle me receita remédios, eu não os tomo... e fico curado!

O médico de Molière, Armando Mauvillain, era afilhado e protegido do Cardeal de Richelieu; tendo mau gênio, vivia brigando com os colegas e acabou sendo expulso da Faculdade, por agressão a Blondell, que era então o decano da douta instituição. E Mauvillain se vingava, revelando a Molière os defeitos e fraquezas da sua "arte", para que fôssem relatados nas comédias e lançassem o ridículo contra a Faculdade.

Para que Molière assim zombasse tão abertamente da Faculdade e dos médicos da Côrte, era preciso que se sentisse bem apoiado pelo rei. E o rei era, nesse particular, igual ao mais humilde dos mortais: zombava da ignorância dos médicos, ria muito com quanto de mau e de zombeteiro se dissesse dêles... mas chamava-os, sem perda de um segundo, tão logo se sentia indisposto.

O interessante é que os médicos, embora pouco comparecendo aos teatros, sabiam de tudo "por ouvir dizer"... Não se defendiam, como também a Faculdade não se defendia, não desejando **"descer para o campo da farsa e da burla grosseiras".**

A tal ponto que os médicos deixaram de ir ao teatro de uma vez por tôdas e quando, ingênuamente, a espôsa sugeria ir ver esta ou aquela peça, o médico respondia:

— Mas, quer você, realmente, que eu vá ouvir os mais pesados insultos?

VOCABULÁRIO MÉDICO

GASTRITE AGUDA — As causas desta doença costuma consistir numa dieta inadequada, na ingestão de alimentos estragados ou de uma quantidade de alimentos duros e insuficientemente mastigados, sobretudo se forem ricos em condimentos. Também o álcool concentrado em grandes quantidades, a pimenta, a mostarda e alguns medicamentos podem, às vêzes, determinar um catarro gástrico agudo.

★

PARA VOCÊ QUE E' SABIDO

Salvo uma só, tôdas as demais traduções abaixo estão erradas. Pode apontar a que está correta?

a) Simpático — Concêrto sinfônico.
b) Was gibb — Tenho sêde.
c) Issued monthly — Nasceu para amar.
d) Et pluribus unum — Está chovendo muito.
e) Burro — Manteiga.

(Resposta à página ?)

Mirone Santagiuliana, de Vicenza e do Dr. Franco Brunello, de Valdagno, constituindo grande êxito cultural.

Essa louvável iniciativa, foi, a seguir, transferida para Treviso, estando a cargo do «Amici de Treviso» na Sala da Livraria Editôra Canova, em 21 de janeiro de 1951, contando com a presença de altas autoridades e inúmeros artistas.

★

Na 12.ª Mostra de Arte, promovida pelo Sindicato Antônomo Lombardo, na Galeria del Sagrato de Milano, de 12 a 21 de janeiro de 1951, figurou uma mostra de ex libris, da autoria de Mansueto Femini, Giulio Cisari e Svanini.

★

ARGENTINA

Na República Argentina, sob a orientação da Sra. Maria Magdalena Otamendi de Olaciregui, realizaram-se duas exposições. A primeira, em Bahia Blanca, e a segunda, em Buenos Aires. Em ambas foram apresentadas peças de titulares brasileiros cedidos pela Sra.

Maria Magdalena Otamendi de Olaciregui, a laboriosa iniciadora do movimento exlibrístico portenho.

ALBERTO LIMA

★

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

SÍNTESE DA SUA HISTÓRIA

DEVE o Rio de Janeiro a construção do seu grande Teatro Municipal à inteligência luminosa de Artur de Azevedo. Literato de sensibilidade marcante, destacou-se entre nós como um dos melhores comediógrafos da época, produzindo peças incomparáveis, dosadas cada vez mais de um espírito de renovador extraordinário. De alma bem formada, sempre confiou Artur de Azevedo no ressurgimento do Teatro Nacional. Indiferente à ingratidão e à incompreensão dos que governavam, lutava êle através da imprensa escrevendo diàriamente nos jornais. E foi assim, depois de longos anos, que Artur de Azevedo viu consagrado em lei o seu grande ideal, pois um grupo de intendentes municipais (hoje vereadores) resolveu, em 1894, transformar em lei o sonho dourado de Artur de Azevedo. Isso valeu-lhe o soerguimento do seu entusiasmo; mas a falta de execução daquela lei que a outro qualquer levaria à desilusão, a êle, Artur de Azevedo, fêz redobrar o seu espírito vigilante em tôrno da construção do nosso teatro como o maior incentivo à cultura do nosso povo. E não foi em vão, pois, Rodrigues Alves incluiu no seu programa de govêrno a construção do Teatro Municipal da capital da República, entregando sua execução ao espírito dinâmico e patriota de Francisco Pereira Passos, o reformador, isto em 1903. O projeto e a construção do edifício que constituía o sonho dourado de Artur de Azevedo, ultrapassaram de muito a expectativa do grande poeta, escritor e teatrólogo brasileiro. A propósito transcrevemos aqui o trecho extraído do histórico original do Teatro Municipal, onde se pode estabelecer o confronto entre o sonhado e o realizado: **«Apenas a pequena fantasia de Artur de Azevedo se fazia no projeto Oliveira Passos a materialização dêsse notável sonho e, da larva de um pedido tenaz, surgia na nova cidade um templo de arte em que a Tragédia e a Música desabrocharam entre esplendores».**



Com a mudança do govêrno, Pereira Passos foi substituído por Sousa Aguiar, que tudo fêz no sentido de que as obras de construção do nosso grande Teatro Municipal não tivessem interrupção, tanto que, a 14 de julho de 1909 inaugurou-se o Teatro Municipal, já então com Serzedelo Correia à frente do govêrno da cidade. **«E na noite de inauguração a voz do grande poeta Olavo Bilac entregava à cidade o trabalho glorioso, documentação eloqüente da nossa civilização».**

A segunda e grande etapa foi posteriormente vencida pelo Prefeito Bento Ribeiro, um dos maiores intelectuais que passaram pelo nosso Exército, cuja atuação na Prefeitura marcou também um período de memoráveis realizações. Foi Bento Ribeiro que **deu ao Teatro organização definitiva e que, com entusiasmo, iniciou a proteção à arte dramática, abrindo o Teatro aos artistas e aos autôres brasileiros».**

Decorridos quarenta e dois anos da inauguração do Teatro Municipal, necessárias se tornavam, com urgência, várias reformas que imediatamente foram autorizadas pelo Prefeito Mendes de Morais, sob cujo govêrno teve também início a Temporada de Arte Nacional, de acôrdo com a Lei Municipal n.º 299, de 10 de dezembro de 1948, e que pela terceira vez está sendo levada a efeito nesta capital. Assim é que, por determinação do Prefeito Ângelo Mendes de Morais, foram feitas perto de 130 modificações para melhor aparelhagem e ornamentação do Teatro Municipal, inclusive reforma das conversadeiras e reconstituição de móveis e utensílios da época atingidos pelos longos anos de uso, pinturas em rosa sêco, marfim e ouro; renovação das superfícies douradas e dos «patinées»; colocação de veludos em tom de ouro velho; colocação de passadeiras de lã grenat na sala e em tôdas as entradas do teatro; renovação do chão de cortiça; pinturas e consertos dos camarins do palco; limpeza dos cristais, desmontagens dos lustres para contrôle de segurança e limpeza. Essa reforma foi a terceira e a maior até hoje feita no Teatro Municipal desde a sua inauguração, tendo conseguido valorizar o ambiente por meio de obras que garantirão o patrimônio; valorizar o corpo técnico, amparando-o com os vencimentos compatíveis com os encargos específicos; valorizar o corpo artístico (côro, baile e orquestra) equiparando-o aos melhores do mundo em vantagens e rendimento artístico e cultural.

A título de curiosidade damos, ainda, sôbre o Teatro Municipal, os seguintes dados sôbre a sua construção e especificações:

Paredes: até à altura do primeiro andar, são de granito e daí para cima de tijolo.

Vigamento: Do soalho e da cobertura é de aço.

Material empregado: 6779 metros correntes de estacas de madeira de lei — 6.262.500 quilogramas de cimento — 16.235 metros cúbicos de areia — 4.794.000 tijolos — 8.669 metros cúbicos de granito — 3.419 metros cúbicos de pedra britada — 2.463.000 litros de cal e pedra — 1.669.000 quilogramas de aço — 1.545.000 quilogramas de mármore.

Prazo que durou a construção: 54 meses.

Custo da obra: Teatro, usina geradora de energia elétrica, decoração, mobiliário e aquisição dos terrenos: Cr$ 10.856.000,00.

Usina de eletricidade: A central de energia elétrica dispõe de três dínamos de fabricação Siemens-Schuckertwerke, de corrente contínua de 230 volts com capacidade de 93 kilowatts cada um e acionados, diretamente conjugados, por três motores a petróleo, sistema Diesel, da fôrça de cento e cinqüenta cavalos cada um.

DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS (1952)

Semana Universal de Oração — 6 a 13 de janeiro.
Dia Mundial de Oração (comemorado pelas senhoras) — 29 de fevereiro.
Domingo da Ressurreição — 13 de abril.
Dia das Mães, ou Dia do Lar — 11 de maio.
Domingo de Pentecostes — 1 de junho.
Domingo de Confraternização da Mocidade Evangélica — 17 de agôsto.
Dia da Escola Dominical — 21 de setembro.
Domingo de Comunhão Universal — 5 de outubro.
Domingo Universal de Temperança — 26 de outubro.
Dia da Reforma — 31 de outubro.
Dia de Ação de Graças — 27 de novembro.
Domingo da Bíblia — 14 de dezembro.
Domingo do Natal de Jesus — 21 de dezembro.
Dia da Decisão — (o domingo mais conveniente, sugerindo-se o domingo de Pentecostes).

A HISTÓRIA DE SARAH HYSLOP — A MULHER QUE MAIS VÊZES DISSE "SIM"

Epílogo de um amor burlado.
O segundo «sim» e seu desenlace.
Que lindos são os vestidos de noiva!
A vingança é prazer divino.
Final tragicômico de uma longa vida.

ERA loura e esbelta e seus grandes olhos azuis provinham de um céu cândido em que a ternura se alimentava de esperança e de promessas". Por isso, o "sim", quase pueril, que surgiu dos seus lábios quando um homem lhe disse que a amava, foi a mais pura expressão de amor que se pode imaginar. Isto ocorreu em 1878, em pleno "sarampão" post-romântico. Sarah Hyslop acabava de completar dezoito anos, e, como sua beleza e sua posição social e econômica eram brilhantes, não houve quem não pensasse, ao saber do seu noivado e próximo casamento, num par feliz e num lar abençoado por numerosa prole.

— Quero que o meu vestido de noiva seja o mais lindo do mundo! — disse Sarah Hyslop. E, como o que mais havia em sua casa era o dinheiro, lá seguiram os pedidos para Paris, a fim de que o seu enxoval **não tivesse igual!** As sêdas mais delicadas, as rendas mais preciosas, as costureiras mais hábeis criaram, na verdade, aquêle prodígio destinado a cingir o trêmulo corpo de uma mulher em vias de receber a bênção de Deus diante do altar da união indissolúvel. Uma visão celestial recordou Sarah Hyslop no dia em que o vestiu. Assim chegou ao templo resplandecente de luzes. Porém, sem que jamais fôsse possível averiguar a causa de tão extraordinária atitude, o noivo não se apresentou para a cerimônia. A confusão foi geral. A decepção indescritível. Ninguém pôde saber do paradeiro daquele homem absurdo. E quando Sarah Hyslop se despojou do seu vestido de noiva, essa noite, em sua casa, notou com surprêsa que juntamente com êle aliviava o coração. Nem uma lágrima sulcou suas faces. Porém o luminoso céu de seus olhos deixou de ser repentinamente cândido, e uma decisão inflexível nêles surgiu, assinalando uma radical mudança. Só três meses foram necessários para que Sarah Hyslop voltasse a dizer o "sim" definitivo:

— Quer casar comigo? — perguntou-lhe um jovem militar, que com ela se encontrara num **party**; ela assentiu e tão logo chegou a casa telegrafou mais uma vez para Paris: que lhe enviassem o mais esplêndido vestido de noiva que pudessem conseguir em vinte e quatro horas!

Sarah Hyslop vestiu-se no dia assinalado para o casamento, contemplando-se demoradamente no espêlho; depois percorreu duas outras vêzes o salão, trauteando a "marcha nupcial" e, finalmente, despiu-se, metendo-se na cama. Quando a vieram buscar, respondeu:

— Tenho enxaqueca.

E essa foi a explicação que dela obteve o militar quando, desolado, voltou do templo. A partir dêste ponto da nossa história, ou antes: da história de Sarah Hyslop, o processo de sua vida é uma vertigem de noivados e de **toilettes** de noiva. Seu terceiro pretendente — um embaixador estrangeiro — também ficou **plantado**, esperando-a junto do altar. E igual sorte tiveram um pastor protestante, um engenheiro civil, um conde legítimo e dois ou três novos ricos. Quando Sarah Hyslop chegou à dúzia de noivos desolados, seu **hobby** preferido era a contem-

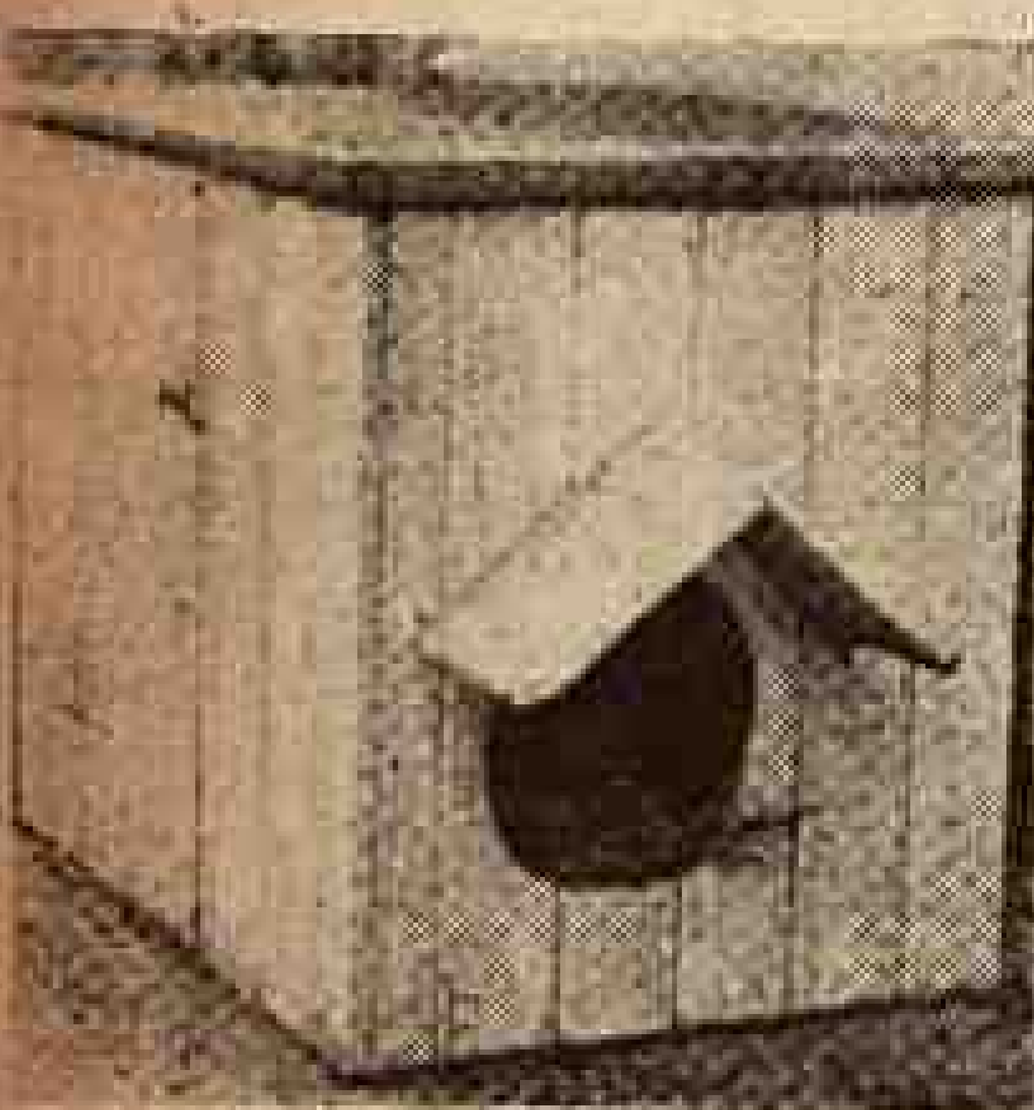


PARA O "MELHOR AMIGO"

Damos abaixo algumas sugestões para a construção de abrigos para os cães de guarda, esperando que possam ser aproveitados pelos leitores que tenham um animal e queiram dar ao mesmo a proteção e confôrto que merece.



Aproveitando uma barrica. Simples, sólida e espaçosa.



O modêlo acima tem porta lateral, excelente detalhe para favorecer uma boa limpeza.



Outra com abertura (no teto) para a limpeza. No inverno, uma lâmpada de trinta watts garante temperatura confortável.

plação dos seus vestidos de noiva. A evolução dos gostos femininos e da indústria dos tecidos era coisa fàcilmente perceptível nessa notável coleção de sêdas, véus e rendas, entre os quais aqui e ali, surgia alguma flor desbotada e murcha. Sarah havia preparado um salão especial para os seus vestidos e nêle passava, às vêzes, horas e horas, sem que ninguém pudesse atinar por que assim fazia — pois não há coisa mais difícil do que imaginar que alguém se possa entreter com as suas próprias esperanças mortas. De 1878 a 1910, vão trinta e dois anos justos e cabais. Tal foi o lapso preciso para que Sarah Hyslop chegasse à meia centena de noivos burlados, ou seja: ao número cinqüenta e um de seus noivados, pois o primeiro não contava em suas curiosas matemáticas. Cinqüenta anos tinha Sarah e em seus armários ou em seus manequins, se alinham cinqüenta e um vestidos de noiva. O primeiro, isolado, num armário especial e sem qualquer marca. Os demais, com etiquetas cobertas de nomes, datas e referências. Porque aquêles não eram vestidos, mas meras pessoas humanas. E, talvez, nem sequer fôssem sêres para ela, mas simplesmente... homens, homens insignificantes, esperando-a, da mesma forma que ela ficara esperando, uma vez, nos albores da sua vida.



Herdeira de uma grande fortuna, Sarah Hyslop acabou fixando residência num castelo do Mediterrâneo francês. E ali viveu longos anos, rodeada de criadagem feminina, à qual pagava muito bem, com uma única condição: a de jamais contrair enlace matrimonial. Seus êxitos amorosos a levaram a mandar confeccionar três novos vestidos de casamento: um em 1918, outro em 1925 e outro em 1939; isto é: ao completar cinqüenta e oito, sessenta e cinco e setenta e nove anos. O de 1918, foi um médico militar, que havia sido ferido na guerra e que fôra recuperar as fôrças junto do mar... e de Sarah. O segundo, certo cavalheiro muito inteligente e que quis ser o herdeiro da riquíssima senhora; o terceiro... quase póde constituir uma história à parte nesta história espantosa, mas verídica.

E' concebível, de fato, que um homem faça propostas amorosas a uma senhora de setenta e nove anos? A coisa é um tanto forte, porém, se êsse homem tem setenta e cinco e sentiu tôda a sua vida profunda aversão pelo sexo contrário, já tudo muda de figura. Pois tal foi o caso do último noivado da Sra. Hyslop. Este, depois de examinar a sua coleção de vestidos e de se convencer de que todos êles eram lindos, tomou escrupulosamente as próprias medidas da cintura, das cadeiras, do busto e dos ombros... e mandou confeccionar mais uma **toilette** nupcial. No dia em que devia apresentá-la diante do altar realizou a mesma marcha do costume, porém seu desespêro não teve limites, quando as criadas, que enviara a fim de que presenciassem o dissabor do noivo, contaram que êste também não se apresentara na igreja! Sarah Hylop sentiu inesperadamente uma pequena comoção entre os olhos. Êstes ficaram bruscamente cândidos... e Sarah caiu, vitimada por uma síncope, entre as dobras do cetim e das rendas do seu vestido de noiva....

Assim terminou seus dias a mulher que para vingar-se do amor mais vêzes disse "sim" em sua pasagem pelo mundo.

OS PRINCIPAIS sintomas de má alimentação ou alimentação insuficiente às crianças de peito são: estacionamento ou redução do pêso; emagrece, a pele do ventre se enruga fàcilmente e a criança se torna chorona e aborrecida.

O ESSENCIAL: SER HONRADO!

TRATA-SE de uma florista, que tem seu comércio nos arredores da Ópera, em Paris. Seus vasos, sempre apresentando as mais belas rosas, os cravos mais perfumados, as camélias mais deslumbrantes, tinham feito de sua casa uma das mais acreditadas.

Tem o aspecto de mulher feliz e alegre, e sua fisionomia, em que brilham dois olhos azuis muito meigos, revela uma real alegria de viver. Tendo ido, ontem, encomendar um ramo, para uma senhora amiga, em cuja casa havíamos jantado, na



véspera, fomos encontrar a florista — coisa estranha — prêsa de visível agitação e em grande conciliábudo, junto da **caixa, com** suas vendedoras.

— Então, Sra. Rivet? — perguntamos — Que aconteceu? Há alguma coisa que não vai bem?

— Que não vai bem? Que é que não vai bem comigo?

Pareceu hesitar um pouco, antes de responder. Ignorava, de fato, a grande simpatia que despertara em nós dois. Finalmente — e por sorte nossa — pareceu decidida a fazer-nos a sua confidência.

Algumas horas antes, um senhor, que não podia ser considerado como fazendo parte da lista dos seus clientes habituais, um estrangeiro, James Waterman, domiciliado no Hotel Ritz, segundo informou depois, abrira a porta tôda de vidro da sua loja.

— «Tem rósas brancas?»

Foram-lhe mostradas rosas brancas. Escolheu seis, sete, oito, dez dúzias!

Entregou os seis dólares e meio, preço da sua compra, à Sra. Rivet; rabiscou algumas linhas sôbre um cartão de visitas, introduziu êste num envelope, no qual escreveu um enderêço, um enderêço de mulher, naturalmente, e, ao sair, recomendou:

— Rogo-lhe que envie estas rosas a êsse enderêço.

Por costume, na loja da Sra. Rivet reinava a ordem mais escrupulosa. Alguma cliente desejava enviar um cartão acompanhando as flores? Muito bem: o cartão era pôsto de lado, cuidadosamente, de maneira a ser encontrado no instante desejado. Como

AJUDE AO SEU MÉDICO...

UM médico, o Dr. D...., grande amigo nosso, nos dizia, recentemente: "E' preciso dizer aos leitores do "Almanaque" como se comportar com o médico! Em muitos detalhes sua tarefa estaria muito simplificada e, em conseqüência, melhores seriam os resultados, isto é: "a cura do doente!"

Pedimos então ao facultativo, que escrevesse, êle próprio, êses conselhos, que transmitiríamos aos nossos leitores. E aqui está o que nos confiou:

1 — Não esperem oito horas da noite para chamar o médico — Antes de tudo, a família do enfêrmo não deveria, jamais, perder de vista uma verdade que não pode ter exceção: o médico está sempre apressado. Para êle, no correr de suas visitas quotidianas, o problema principal é êste: ver todos os doentes que necessitam dos seus cuidados e dar a cada um dêles o tempo necessário. Problema delicado — pensarão alguns — pois que não tem êle o poder de limitar — nem mesmo de prever — o número de enfermos, e um dia terá sempre vinte e quatro horas... mesmo para um médico!

Para permitir, pois, ao médico, organizar o seu horário da melhor maneira possível, não devem chamá-lo à última hora, ou no último **minuto,** salvo em caso de extrema urgência. Por exemplo, uma criança não está bem, desde a véspera e, ao meio-dia, a família verifica que tem 38°. Por que esperar as sete horas da noite para telefonar ao médico? A febre sobe, geralmente, na segunda parte do dia; com 38° ao meio-dia, é provável que a criança tenha 38,5° ou mesmo mais, às cinco horas da tarde. Todos os dias, das sete e meia às oito horas, a campainha do telefone do médico soa ininterruptamente. Todos o querem ao mesmo tempo! Reflitam um instante: telefonando ao meio-dia a mãe ou o pai do pequeno enfêrmo teria permitido ao médico inscrever o chamado na lista das suas visitas da tarde e da noite. Se aguardar até sete ou oito horas, ao contrário, o médico só encontrará o pedido ao regressar. E os médicos — todo o mundo sabe — não voltam cedo para casa. Quantas vêzes jantam às onze horas ou meia-noite! Nessas condições, os clientes impõem ao médico uma pesada fadiga suplementar, que, com um pouco de providência, teriam evitado... sem contar que êle só poderá aparecer em casa dos que o chamam tarde... igualmente **muito tarde!**



2 — Não exagerem os sintomas para apressar a vinda do médico! — Eis, agora, um conselho particularmente destinado às mães, sempre prontas a se assustar: não percam a calma; e, principalmente, não exagerem — ao chamar o médico — os sintomas apresentados pelo enfêrmo.

Certas mães costumam ir mais longe, exagerando os sintomas, com a esperança de inquietar o médico. Uma de minhas clientes confessava, há dias, a uma de suas amigas (que tudo me contou, é claro!) — **«A menina estava acamada e com 38°,2, mas telefonei ao médico, dizendo que ela estava com 39°, para que êle fôsse mais depressa!»** Não

compreendia, essa respeitável criatura, que estava agindo de maneira desonesta com o médico... e com os outros doentes!

Quer se trate de mentira ou simplesmente de um exagêro, devido ao mêdo, essa maneira de agir é inteiramente condenável. Antes de tudo, muitas pessoas não pensam num fato importante: não são os únicos enfermos do médico para quem apelam. Entre os outros, pode haver casos realmente urgentes e que, em razão dêsse chamado enganador, não terão o médico em tempo e sofrerão com isso.

Em seguida, o médico acaba por saber que são os doentes que exageram sintomas com o fim de criar uma falsa urgência... e passa a tratá-los como mentirosos. E' preciso não esquecer aquela velha história do pastor que se divertia gritando **«Cocorro! Aí vêm os lobos!»** Um dia os lobos vieram mesmo... e ninguém foi em socorro do brincalhão!

Aqui está, como complemento, uma história que ocorreu comigo.... e quase terminou de maneira dramática; mas tenho a consciência tranqüila de não me caber qualquer culpa! Voltava eu, certa noite, fatigado (era um período de epidemia de gripe) e encontrei anotado um chamado urgente de um doente. **«Oh!** — pensei — **Conheço-os bem... Estão sempre chamando com urgência para coisas ligeiras... E já passa de meia-noite! Irei pela manhã. Será muito tempo, ainda».**

Infelizmente, desta vez, a enfêrma era uma criança de treze anos, com crise aguda de apendicite. E só Deus sabe o que me custou salvá-la!

3 — Não se esqueçam... de dizer o nome corretamente — Eis um terceiro conselho, que talvez pareça desnecessário, à primeira vista, mas que, no entanto, é essencial: indiquem sempre minuciosa e corretamente o nome de quem fêz o chamado, o endereço, o andar, etc.



Fora algumas exceções, não é o próprio médico quem recebe o chamado, mas a sua espôsa, a sua auxiliar, um criado... No último caso, imaginem que se trate de pessoa ignorante, escrevendo mal e mal sabendo atender ao telefone. Se não simplificarem o seu serviço, a mensagem correrá o risco de ser transmitida de maneira errada. Primeiro o nome! Não se esqueçam de pronunciá-lo com clareza! Não façam como uma de minhas clientes, que telefonou assim: **«Alô! E' da casa do Dr. D...? Por favor, é preciso que o médico venha ver imediatamente a minha netinha, que está doente. Veja lá... Não vá esquecer o recado. Obrigada!»** E, mau grado os esforços da haviam feito ontem? Mistério! Quando, meia hora depois da saída do estrangeiro, de Mr. James Watterman, a Sra. Rivet se lembrou de entregar ao estafeta as dez dúzias de rosas, dispostas num ramo estraordinário, para que o levasse à destinatária, foi em vão que procurou por tôdas as prateleiras e escaninhos, o envelope sobrescrito pelo remetente.

Procurou por todos os vãos e lugares: sôbre o mostrador, sôbre a caixa, sob o balcão, na própria vitrina, sob o tapête. Não foi encontrado o envelope.

— «Isto parece obra do demônio! — exclamou a Sra. Rivet — Mas, afinal, não é mal sem remédio. Corra ao Ritz, pergunte pelo Sr. James Watterman e rogue a êsse senhor o obséquio de escrever novo cartão, com o endereço da criatura a quem envia as flores.

Quando o estafeta chegou ao hotel, procurou a portaria, perguntando pelo estrangeiro.

— «Mr. James Watterman?» — repetiu o porteiro, metade triste, metade sorridente — «Chegas tarde rapazinho; muito tarde! Êle morreu!»

— «Agora, vejam os senhores a situação! — suplicou a Sra. Rivet — Que posso fazer? O endereço da senhora a quem devo enviar as flores, perdido; o cliente, morto... Que fazer? Porque, ficando com as flores... o dinheiro não me pertence... ou as flores não são minhas... Em meus vinte e sete anos de comércio jamais fiquei com o dinheiro de outra pessoa; tenho o direito de me orgulhar disso! Fico, realmente, orgulhosa quando repito isso para mim mesma! E agora? E agora, meu Deus, que posso fazer?» Ficou novamente pensativa. De súbito a excelente Sra. Rivet lançou um grito de alegria.

— «Sou realmente uma tola, meninas; completamente idiota! Sim, sim... Não há outra expressão... E pensar que nenhuma de nós se lembrou! E estava claro como o dia...»

Voltou-se para a primeira vendedora:

— «Vamos, ràpidamente, Júlia! — ordenou — Desfaça êsse ramo, agora mesmo. Tôdas essas flores voltarão para os vasos na vitrina. E, depois, para o pobre Sr. James Waterman — que do céu não me julgará severamente — estou certa — quero que preparem uma soberba coroa, que enviaremos para o hotel; e uma bela fita violeta, com a inscrição, em letras douradas: **«A Casa Rivet, com sentimento e eterno pesar».**

MAX e ALEX FISCHER

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES

Elevado ao trono, Eristeu, instigado pela rancorosa Juno, abusou do poder que da mesma deusa obtivera sôbre Hércules, condenando-o a trabalhos tais, que se tornaram proverbiais. A opinião geral é a de que os doze trabalhos efetuados por Hércules, — e que lhe valêram a fama que teve — foram os seguintes:

1 — Matou o invulnerável leão de Numea, sufocando-o entre os seus braços poderosos; e, desde então, levou sempre a pele do animal sôbre os ombros, fazendo da sua juba um gorro para uso próprio.

2 — Matou a hidra de Lerna, que, como todos sabem, tinha sete cabeças, que se reproduziam; porém Hércules não teve meias medidas e foi logo cortando as sete cabeças ao mesmo tempo.

3 — Apanhou, vivo, e o levou a Eristeu, um formidável javali que tinha sua moradia no monte Erimanto.

4 — Matou — depois de correr um ano persequindo-a — uma gazela que tinha pés de aço e chifre de ouro.

5 — Expulsou de Arcádia uns pássaros terríveis que tudo despedaçavam com as garras e os bicos.

6 — Venceu as valentes amazonas na margem do rio Termodonte.

7 — Venceu e matou dois terríveis tiranos, Busiris e Diômedes, que assassinavam a quantos passavam pelos seus Estados.

8 — Venceu e matou Gerion, rei de Espanha, que tinha três corpos, o que significa que haviam vários Gerions. O que Hércules matou era chefe das tribos que povoavam a Galícia. Diz a tradição que a tôrre do farol de Corunha, chamada Hércules, foi erguida no local do referido combate.

9 — Limpou os campos de Angias — rei de Lide — que continham três mil bois, e que, por isso, estavam para morrer de sêde; Hércules desviou o curso do rio Alfeu, fazendo-o correr pelos campos.

10 — Domou o touro bravo que Netuno, para castigo da Grécia, havia criado.

11 — Adormecendo o feroz dragão que guardava as maçãs de ouro do jardim de Hespérides, pôde roubar os frutos preciosos, produzidos por algumas árvores que Juno havia dado de presente a Júpiter, quando se casaram; Júpiter pensou em plantá-las no

pessoa que atendeu o chamado, a cliente esqueceu de dizer o seu nome e desligou sem que fôsse possível chamar-lhe a atenção. E acreditem que não são raros êsses casos...

4 — Indiquem minuciosamente o endereço — Há os que dizem o nome... mas esquecem de indicar o endereço. Isso acontece mais vêzes do que se imagina. Últimamente ocorreu comigo a seguinte aventura. Informaram-me, ao chegar à residência, que um Sr. Gonçalves havia chamado. «Gonçalves?» — refleti — **«Qual dêles? Seria o dono da casa de balas? O farmacêutico? O coronel reformado?»** Ao acaso fui à casa do primeiro, que sofria de diabete e podia ter alguma crise. Na verdade... era o coronel reformado, que fôra atacado de pneumonia...



Especificando, de cada vez, o endereço, seriam evitados os casos como êsse. E se residir em apartamento, o cliente deve providenciar, à noite, para que a porta da rua esteja aberta ou êle próprio vá esperar o médico, para evitar contratempos.

Uma história cômica ocorreu com um colega, que, tendo errado de andar, ao atender a um chamado, entrou na residência de uma linda senhorita que, justamente, estava atacada de bronquite; tratou-a, curou-a e... finalmente casou com ela. Foi só no dia do casamento que veio a saber pelas censuras amargas de um dos locatários do imóvel, que o infeliz, atacado de cólica nefrítica, o esperara em vão uma certa noite...

Infelizmente, na realidade, a história é raramente cômica. Provoca perda de tempo, canseiras inúteis, nervosismo para o médico e para o enfêrmo quando não fatos ainda mais graves.

5 — Não se esqueçam de tomar a temperatura do enfêrmo — Quando chamarem um médico, esforcem-se por simplificar o seu trabalho. Antes de tudo, deitem o enfêrmo, tomem a sua temperatura. Há pessoas que quando o médico indaga qual a temperatura do enfêrmo, respondem: **«Não pensei em verificar isso, doutor».**

E a temperatura do dia (das 8 da manhã às 8 da noite) é uma informação que pode muito ajudar o médico.

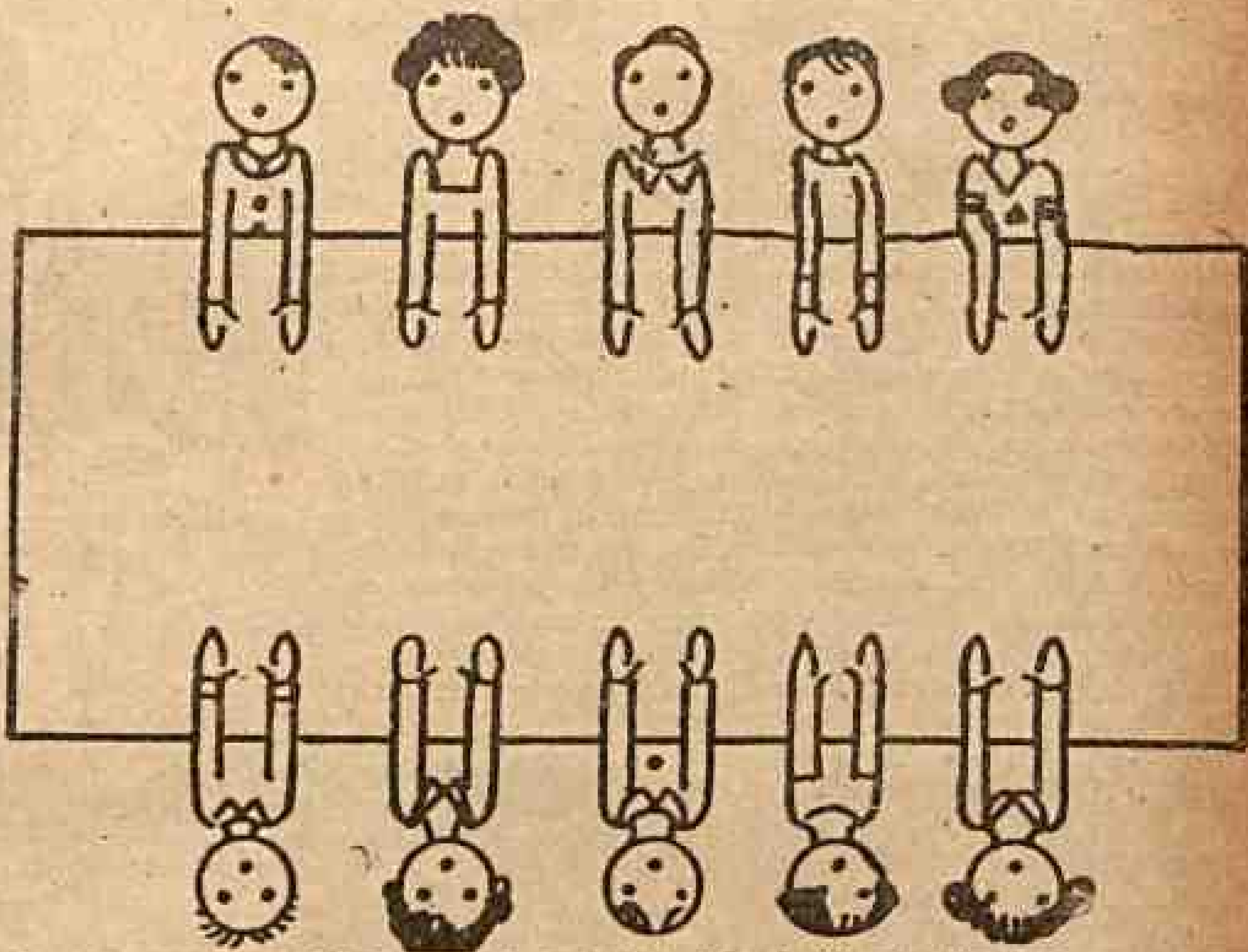
6 — Não façam do médico um espantalho — Um último conselho, enfim, para os pais e mães de família: **não transformem o médico em «bicho papão»!**

Ouve-se, freqüentemente, observações como esta: **«Se não deixas pingar as gôtas no nariz, chamarei o médico... E então vai ver!»** Dias depois surge a gripe. Chamam efetivamente o médico... e ainda se espantam ao ver a pobre criança soltar gritos de mêdo! E êsse terror não é apenas ridículo e desagradável: pode impedir um exame sério e falsear um diagnóstico. De fato, como olhar a garganta de uma criança que se debate, grita, morde até, conforme tenho visto muitas?

— «Notem — acrescenta o Dr. D..., sorrindo — que em muitos casos, o conselho **«Não tenha receio do médico», poderia ser aplicado às pessoas** adultas...»

Para distrair

JÔGO AMERICANO



É UM JÔGO muito divertido para os dias de chuva, quando as crianças não podem ir brincar ao ar livre. Dividem-se em duas equipes os jogadores, sentados, uma equipe diante da outra, em cada lado da mesa. Cada equipe tem o seu capitão, que é quem dá ordens e dirige o jôgo. Os dois capitães decidem, a cara-e-coroa, qual dos grupos começará o jôgo. O vencedor fica com uma moeda de 20 centavos, para circular sob a palma da mão — e de uma para outra, sôbre a mesa. Então o capitão da equipe contrária, grita: — «Levantem as mãos». Todos os jogadores do lado que tem a moeda, levantam as mãos com os punhos fechados. Então o mesmo capitão volta a gritar: «Baixem as mãos». E todos colocam as mãos com as palmas, abertas, apoiadas contra a mesa.

Trata-se de ouvir, com atenção, na equipe contrária, para distinguir o som da moeda sôbre a mesa, ao cair a mão de quem a sustenta e averiguar com quem está ela. O capitão que deu as ordens, confabula, em segrêdo, com seus companheiros, para saber a opinião de cada um. Com a suspeita ou certeza dêles atreve-se a dizer em que mão está a moeda. Pede então que as mãos se levantem, uma após outra, deixando para última aquela em que acredita estar a moeda. Mesmo que acerte no indicar quem a tem não será bastante, pois terá que dizer em que mão dêsse jogador está a moeda. Se acerta, a moeda passa para o seu próprio campo e seu team marca cinco pontos; mas se a moeda aparece em qualquer das mãos antes de chegar à última, os vinte centavos continuam com a equipe contrária, que marca cinco pontos a seu favor e continua jogando.

O jôgo prossegue, passando a moeda de uma equipe para outra, segundo quem ganha e até que uma das equipes alcance o número de pontos combinado de antemão.

jardim das Hespérides, sob a guarda do feroz dragão, filho de Echdna e de Tifo.

12 — Desceu aos infernos e de lá trouxe o cão Cérbero; em viagem encontrou o seu amigo Teseu, a quem também trouxe para a Grécia.

Sua arma habitual era uma enorme clava de lenho de oliveira e que êle, quando subiu ao Olimpo, enterrou e logo se tornou uma formosa oliveira. Dizem que quando Hércules desceu ao inferno foi coroado com álamo branco, cujas fôlhas se tingiram de negro, devido à fumaça que lá havia; por isso essas fôlhas de um lado são brancas e do outro pretas.

O SOL, NOSSO GRANDE AMIGO

O MELHOR BACTERICIDA ★ OS RAIOS SOLARES E OS GLÓBULOS VERMELHOS ★ "ONDE ENTRA O SOL NÃO ENTRA O MÉDICO" ★ E' NECESSÁRIO SER CAUTELOSO ...

SEM sol não há vida possível no planêta que habitamos. As plantas, os animais, enfim tudo o que é por êle aquecido reconhece o astro como fonte vital. O lagarto que passa horas a fio com a sua grossa, dura e rugosa pele sob os raios solares, sabe muito bem o que faz. E' necessário muito tempo para que os raios do sol atravessem sua couraça e penetrem até aos órgãos.



Não devemos esquecer que o Sol também é o causador das perigosas insolações.

De todos os sêres vivos, o mais beneficiado pelo sol é o homem. Constitui, sem dúvida, o filho mimado do astro-rei. Porém convém entender que o sol, como bom pai que é, torna-se severo, se, procurando suas carícias, provocamos sua ira. Convém, pois, não expor-se o corpo em demasia à sua influência, já que o abuso pode, em vez da saúde, acarretar a enfermidade e a destruição de células importantíssimas.

NOSSO GRANDE DEFENSOR

Um velho provérbio diz que "onde entra o sol não entra o médico". E é verdade. Nada melhor que quartos escuros e fechados para o desenvolvimento de uma série de infecções e doenças. E isso porque o sol é fonte da vida e, ao mesmo tempo, exterminador de micróbios e bactérias. Daí nossa certeza em dizer que o sol é amigo do homem.

Comprovou-se, por exemplo, que as águas contaminadas de certas lagoas ou rios, podem ser bebidas, ao cair da tarde, depois de um dia de sol forte. Também os sábios chegaram à conclusão de que micróbios ultra-virulentos, contidos em líquidos de cultura, submetidos aos raios do sol, não tardam a morrer depois de ir perdendo, paulatinamente, seus movimentos. Em troca, aumentam sua virulência e multiplicam-se extraordinàriamente os que são conservados em lugares sombrios.

O SOL NO ORGANISMO

Vejamos agora os benefícios que o sol traz para o organismo humano. A ação dos raios solares se traduz no calor que eleva a temperatura do sangue, ativando a circulação e facilitando a sua chegada aos mais longínquos núcleos celulares, nutrindo-os e vivificando-os. Tem também a faculdade de ativar a respiração, intensificando e avivando, assim, o processo de purificação do sangue, nos pulmões.

Os raios vermelhos contidos na luz solar têm a virtude de tonificar e excitar o sistema nervoso, facilitando os fenômenos da vaso-dilatação dos capilares e, por conseguinte, formando a melhor defesa do organismo e da circulação de retôrno.



Os raios solares chegam a pele através da sombra da folhagem.

A hemoglobina, substância que, como já sabemos, transporta o oxigênio aos tecidos, é produzida sob a ação dos raios alaranjado, amarelo e verde, dos quais depende, também, o aumento dos glóbulos vermelhos.

O AMIGO PERIGOSO

Não é preciso acrescentar mais para se chegar à conclusão de que não há para o homem melhor amigo do que o sol. Convém recordar, entretanto, que essa amizade — como outras muitas — pode ser perigosa devido à excessiva constância. Os raios diretos do sol sôbre a pele, quando não se está habituado, podem produzir queimaduras. A insolação é outra de suas graves conseqüências. A exposição ao sol deve ser gradual e paulatina. Em se tratando de banhos de sol, êstes devem começar por cinco minutos de exposição, no primeiro dia, aumentando cinco minutos por dia até chegar aos cinqüenta. Por outro lado, não é necessário receber o sol **diretamente.** No verão, mesmo em baixo das árvores, chegam os mesmos até a nossa pele, com todos os seus saudáveis efeitos.



O microscópio comprova que o Sol mata os micróbios dos líquidos de cultura.

★

PARA VOCÊ QUE E' SABIDO

A resposta certa da página 7... é a da letra e: **Burro** — em italiano significa, realmente, **manteiga.**

★

Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão com óleo de peroba.

ESTRÊLA DA MANHÃ

(Continuação da página 162)

— De que maneira?

— Você sabe, de sobra, o que desejo dizer. Que foi um fracasso, não há dúvida! Você mesmo há de reconhecer...

Mr. Whittle olhou pela janela do seu escritório. Entre a sua casa e a do vizinho havia um relvado, agora protegido por uma sombra amiga. Um moscardo veio bater contra a tela metálica; da rua vinham os gritos confusos das crianças. Uma brisa fresca vinha mexer com os papéis espalhados sôbre a mesa; da garagem chegava o cheiro da gasolina misturado com o da grama. E Mr. Whittle se sentia muito cansado e um pouco irritado.

— Fracasso? Eu? Um... fracassado? Pois não tinha notado isso — exclamou em tom frio.

— Por que você age como uma criança? — perguntou sua mulher.

— Por acaso você tem o convencimento de que age como uma pessoa sensata?

— Claro que tenho! — afirmou Amanda.

E acrescentou, depois, já com os olhos transbordantes de lágrimas:

— E, além do mais, se não gosta das minhas maneiras, pode dizer logo... Procurarei outro lugar para viver...

— Ah! Sim? — perguntou Mr. Whittle. — Onde?

Ela, realmente, não havia pensado em outra coisa senão em *deixar a casa*, mas a pergunta do marido a fêz mudar o fuzil de ombro:

— Sem dúvida que Lucinda e eu havemos de encontrar um lugar onde viver — disse — já que aqui você não nos quer!

— Um instante! — pediu Mr. Whittle. — Nunca disse isso...

— Mas foi isso o que quis dizer! — afirmou ela, as lágrimas já saltando dos olhos. — Você quer é ser livre. Foi mesmo o que confessou. Detesta a vida de família!

— Não seja ridícula — exclamou Mr. Whittle com rispidez. — Nunca disse tal coisa!

— Nem precisa... Isso salta aos olhos. Você me odeia. Por que não confessa logo de uma vez? Para que mentir?

— Ô... que estupidez! — gritou Mr. Whittle.

— Quer falar mais baixo? — replicou Amanda. — Ou faz mesmo questão de que os vizinhos saibam quem você é? Não... Não adianta continuar: positivamente, não nos entendemos! E você bem sabe; o que impede você de agir é apenas a cobardia. Mas não deve ficar preocupado. Eu me arranjarei. Conseguirei trabalho em algum lugar e ainda você ficará livre de Lucinda, pois não apenas eu, também ela se tornou insuportável para você. Assim, poderá ser ridículo a sós e à vontade. Já todo o mundo ri de você. Dizem que é... absurdo. Mais tarde, dirão coisa mais pesada. Na verdade, é uma pena que não tenha você o necessário bom-senso para notar o espetáculo que vive dando, o triste espetáculo...

Deixando escapar um gemido agoniado, fêz meia-volta e saiu da sala, batendo a porta. Alguns minutos depois, Mr. Whittle se levantou de sua poltrona. Completamente atônito, apanhando o chapéu, deixou a casa.

No andar de cima, Amand achorava com a cabeça enterrada no travesseiro. Já não se lembrava do que havia dito, mas estava convencida de que tinha tôda a razão. Tudo havia terminado entre êles... pelo menos até que Roberto apresentasse as suas escusas.

CAPITULO IX

As sombras obliquas das últimas horas da tarde tinham cedido lugar às azuladas e vaporosas, do ocaso; estas, por sua vez, tinham ganhado mais e mais sombra até chegar à escuridão noturna. Mr. Whittle arrastava os passos ao longo de River Road. Abaixo dos seus pés, onde havia trevas, sentia correr o rio. As luzes da cidade brilhavam adiante. A atmosfera que o cercava era úmida e estava carregada de bolores de húmus, madeira apodrecida e frutos verdes. No mais fundo das dobras do terreno fazia frio; a lua, em quarto-minguante, no alto da abóbada celeste, caminhava para o ocidente, brilhando como moeda nova. Porém, agora, as árvores a ocultavam aos olhos de Mr. Whittle.

Acabava de dar um longo passeio através dos campos e suas pernas estavam cansadas. Porém apesar disso, o seu espírito não lograra recuperar a tranquilidade. Não era a primeira briga com Amanda, porém, desta vez, por alguma razão que não chegava a decifrar qual fôsse, parecia-lhe decisiva, embora insensata. Amanda lhe dissera verdades pesadas, afirmando que tal era a opinião geral a seu respeito. Isso não poderia

CALENDÁRIO ISRAELITA

1951 TISHRI תשרי תשי״ב

Outubro Rosh Hashana	1	S	א	א׳ דראש השנה	מאנטאג
" "	2	T	ב	ב׳ דראש השנה	דינסטאג
Zam Guedale	3	Q	ג	צום גדליה	מיטוואך
	4	Q	ד		דאנערשטאג
	5	S	ה		פרייטאג
הפ׳ שובה ישראל	6	S	ו	וילך שבת שובה	שבת
	7	D	ז		זונטאג
	8	S	ח	שלש עשרה מדות	מאנטאג
	9	T	ט	ערב יום כפור	דינסטאג
Jom Kipur	10	Q	י	יום כפור	מיטוואך
	11	Q	יא		דאנערשטאג
	12	S	יב		פרייטאג
הפ׳ וידבר דוד	13	S	יג	האזינו	שבת
	14	D	יד	ערב סוכות	זונטאג
Succoth 1	15	S	טו	א׳ דסוכות	מאנטאג
" 2	16	T	טז	ב׳ דסוכות	דינסטאג
Chol Hamod	17	Q	יז	חול המועד א׳	מיטוואך
" "	18	Q	יח	ב׳ "	דאנערשטאג
" "	19	S	יט	ג׳ "	פרייטאג
" "	20	S	כ	ד׳ "	שבת
Hoshana Raba	21	D	כא	הושענא רבה	זונטאג
Shmini Azereth	22	S	כב	שמיני עצרת	מאנטאג
Szimchath Tora	23	T	כג	שמחת תורה	דינסטאג
	24	Q	כד		מיטוואך
	25	Q	כה		דאנערשטאג
	26	S	כו		פרייטאג
הפ׳ כה אמר	27	S	כז	בראשית מבה״ח	שבת
	28	D	כח		זונטאג
	29	S	כט		מאנטאג
	30	T	ל	א׳ דראש חודש	דינסטאג

דער מולד איז מאנטאג פארטאג 19 מינוט 10 חלקים אינד 1

esquecer jamais. Não acreditava, entretanto, que fôsse essa, realmente, uma opinião *geral*. Também não acreditava que sua espôsa tivesse o direito de usar aquelas expressões...

Considerava-o absurdo e fracassado!

— "Mas agora quero saber — dizia êle feroz, à escuridão. — Quem recebe o benefício de todo o meu trabalho? Queria ver o que faria sem mim!"

Sentia-se ferido, ultrajado e muito abatido, ao considerar essa ruína de catorze anos de vida em comum. Evidentemente, Amanda havia pôsto a nu os seus verdadeiros sentimentos. Pois bem... Prosseguiria seu caminho sem ela; diria a todos a verdade, tal como a via, da mesma maneira como havia feito, àquela manhã, na "Sociedade de Literatura e História". Que o abandonasse, já que o considerava um fracassado!

Na realidade, Mr. Whittle não estava muito convencido de que Amanda o deixasse, pois sabia ser ela muito prêsa ao lar. Não obstante, compreendia que algo desaparecera para sempre de sua existência, e não podia deixar de sentir-se só, com a vida frustrada e ávido de consôlo e de afeição.

Ao chegar ao acesso da cidade, estava mergulhado em penoso estado de espírito.

Entre as faceiras residências de Haversack Street e de Elmwood Avenue, descobriu um muro baixo, construído com pedra. Sôbre êle sentou-se um instante para descansar.

Mais além, nos arredores da cidade, *"Chez Eddie"*, resplandecia de luzes de "neon". Ouvia-se o que tocavam em seu salão. Os "garçons" se afanavam em redor das mesas. Diante da porta paravam os automóveis vindos de Rivertown e até mesmo de Yuleville e Des Plaines. Não obstante, e embora fôssem só dez horas, um grupo de quatro pessoas, tôdas moças, já surgia na calçada, em caminho de regresso.

Penelope Andrews passara uma das piores noites de sua vida. Combinara e arrumara tudo para sair com Marvin Greene, a passear no seu automòvelzinho e, como é natural, esparava passar com êle todo o resto da noite. Porém Marvin fôra buscar seu companheiro, Henry Klum e a namorada dêste, Gloria Bast; e foi preciso — Deus sabe por que — Gloria sentar no banco anterior, ao lado de Marvin, ficando ela, Penelope, relegada ao banco do fundo, ao lado de Henry Klum. No "Chez Eddie", onde tinham ido dançar, foi a mesma coisa. Marvin dançara com Gloria, abandonando Penelope a Henry. E tornara-se evidente que Marvin e Gloria se entendiam como os dedos de uma só mão e que o resto do mundo podia naufragar sem que êles se importassem com isso.

Por isso, Penelope pedira um pronto retôrno, o quç fôra aplaudido por Henry Klum, que se aborrecia ao lado de Penelope, de Penelope muda, fria, alheia... Diga-se, ainda, que Henry Klum também não gostava do rumo que a noite ia tomando.

Penelope, sentada agora no banco do fundo, fixava olhares febris no trapo de pano prêto que a separava de Marvin e de Gloria. Henry Klum, depois de haver tentado, como em represália, apertar-lhe a mão, refugiara-se a um canto e parecia dormir. Penelope ruminava sombrios pensamentos. O vento lhe alvoroçava os cabelos, o ar frio lhe gelava o rosto e uma surda angústia lhe oprimia o coração.

Tudo terminara entre ela e Marvin. E parecia-lhe cruel que o rompimento se consumasse numa formosa noite de verão e não durante uma tempestade ou no tempo das nevascas, quando tudo se mostra endurecido pelo gêlo. Mas teria a beleza, por acaso, outra finalidade senão a de agravar o sofrimento do mundo? No cinema, por exemplo, havia sempre música quando alguém morria. E, ao pensar que deveria despertar, na manhã seguinte, com o coração vazio de amor, compreendeu que a vida já não lhe seria suportável.

O automòvelzinho ganhou Rivertown, deixando o "escape" livre, como um bombardeio ensurdecedor, enquanto Marvin e Gloria, ocultos atrás da capota, cantavam tranqùilamente, *a duo*, no banco da frente do veículo: *"Sou apenas um escravo do amor..."*. Felizmente, Penelope não os ouvia.

O veículo parou diante da casa de Penelope, em Elmwood Avenue; Penelope desceu do incômodo banquinho da "barata". Julgou inútil convidar os demais a entrar em sua casa.

— Boa noite — disse amargamente. — Agradecida pelo passeio.

E acrescentou com fingida desenvoltura:

— "Até qualquer dia..."

Henry Klum fêz um gesto vago, com a mão, Marvin Greene sorriu, amàvelmente e Gloria Bast lhe lançou um olhar intrigado, como se não estivesse muito segura de quem era Penelope... Depois, o automòvelzinho arrancou como um foguete a jacto, deixando-a só, prestes a se derreter em lágrimas...

Voltou-se lentamente para a casa. Bem... Tudo havia terminado!

CALENDÁRIO ISRAELITA

1951 CHESVAN חשון תשי"ב

	31	Q	א	ב׳ ראש חודש	מיטוואך
NOVEMBRO	1	Q	ב		דאנערשטיק
	2	S	ג		פרייטאג
הפ׳ רני עקרה	3	S	ד	נח	שבת
	4	D	ה		זונטאג
	5	S	ו	ערשטער תענית בה״ב	מאנטאג
	6	T	ז		דינסטאג
	7	Q	ח		מיטוואך
	8	Q	ט	צווייטער תענית בה״ב	דאנערשטיק
	9	S	י		פרייטאג
הפ׳ למה תאמר	10	S	יא	לך-לך	שבת
	11	D	יב		זונטאג
	12	S	יג	לעצטער תענית בה״ב	מאנטאג
	13	T	יד		דינסטאג
	14	Q	טו		מיטוואך
	15	Q	טז		דאנערשטיק
	16	S	יז		פרייטאג
הפ׳ ואשה אחת	17	S	יח	וירא	שבת
	18	D	יט		זונטאג
	19	S	כ		מאנטאג
	20	T	כא		דינסטאג
	21	Q	כב		מיטוואך
	22	Q	כג		דאנערשטיק
	23	S	כד		פרייטאג
הפ׳ והמלך דוד	24	S	כה	חיי-שרה מבה״ח	שבת
	25	D	כו		זונטאג
	26	S	כז		מאנטאג
	27	T	כח		דינסטאג
	28	Q	כט		מיטוואך
	29	Q	ל	א׳ ראש חודש	דאנערשטיק

דער מולד איז דינסטאג ביינאכט 3 מינוט 11 חלקים אויף 3

Naquele justo instante ouviu na escuridão uma tossezinha sêca. Penelope estremeceu e voltou a cabeça; na sombra, distante apenas poucos passos dela, descobriu... Mr. Whittle, sentado sôbre o pequeno muro.

Prêsa de repentino temor, deu um passo na direção dêle, para certificar-se de que não estava enganada.

— Que faz o senhor aqui? — perguntou em tom rude.

Não queria, realmente, parecer indelicada, mas pensava que tinha sido espreitada e até acreditou que Mr. Whittle iniciava um gesto de excusa.

— Perdão... Não sabia que esta casa fôsse a sua — disse êle. — Estive passeando e sentei-me aqui, apenas para descansar.

— Oh... E' que...?

Deu outro passo na direção dêle, receiando ter causado má impressão.

— "Desculpe. E' que eu poderia ter tomado o senhor por algum ladrão — murmurou, esboçando, ao mesmo tempo, um sorriso que queria aparentar cordialidade.

De repente, sentiu-se perturbada e sem saber o que fazer.

— Creio que é melhor o senhor entrar em minha casa.

Mr. Whittle lançou um olhar em redor. A ruazinha estava tranquila e serena, a calçada mergulhada em sombra e as casas banhadas pelo luar, como num sonho. Via-se repentinamente aliviado da sua fadiga e da sua tristeza; mas não queria que Penelope entrasse em sua casa e o deixasse sòzinho.

— Não é tão tarde ainda... — disse.

— "Curioso — pensou ela. — A verdade é que não tenho nenhuma vontade de entrar". Não obstante, a idéia de que poderia ter desejo de sentar-se ao luar, com Mr. Whittle, não lhe roçara sequer de leve a imaginação. Mas sentia-se inquieta e, por outro lado, não tinha o que fazer em casa... Nada... senão pensar em Marvin Greene. Pousou a mão sôbre a pedra, para sentir que umidade tinha. Na verdade, não havia necessidade de sentar-se. Podia, simplesmente, apoiar-se alguns minutos... Tinha que confessar que a noite estava lindíssima, povoada de sonhos, de claridades indecisas e de sombras estriadas.

Com um movimento gracioso, Penelope se aproximou do muro, sentando-se no lado de Mr. Whittle.

— Realmente, não há necessidade de entrar tão cedo.

Disse e esperou que seu companheiro fizesse alguma observação interessante ou expusesse alguma idéia luminosa. Mr. Whittle não disse uma palavra. Permaneceu silencioso, sorrindo um pouco tristemente para si mesmo. Ela não voltou francamente a cabeça para êle, porém, vendo que continuava calado, lançou-lhe um olhar de soslaio, sob as longas e compridas pestanas. Sob a lua, a fisionomia de seu companheiro lhe pareceu séria, grave. Não viu o seu rosto envelhecido, mas apenas afinado pela experiência e o sofrimento. "Apresentava o ar de um desconhecido e podia perfeitamente passar por tal — pensou Penelope — se não estivesse ela repetindo, sem cessar, que era *o seu professor, Mr. Whittle!* Em que estaria pensando?

— Deve estar contente por haver terminado o período escolar — disse ela para entabolar conversação.

— Contente? — repetiu êle. Parecia surpreendido com a idéia. — E você? — perguntou por sua vez.

E respondeu pela interrogada:

— "E' claro que está! Para você o dia de amanhã tem tanta sedução quanto o de hoje..."

Penelope inclinou a cabeça sôbre o próprio peito e refletiu: "Que poderia haver de encantador para ela... *amanhã?*"

— Desejaria que amanhã tivesse passado... há muito tempo... — disse ela.

Mr. Whittle voltou a cabeça, surpreendido. Naquela semi-escuridão, Penelope não lhe parecia nem moça nem velha. Tinha o ar triste e cheio de mansidão. Não parecia ter idade, como a noite.

— Por que gostaria que o amanhã já tivesse passado há muito tempo?

— Ah... Não sei. Mas é o que sinto.

Quão estranho lhe parecia estar sentada assim, ao seu lado, na sombra... Estranho porque pareciam estar ali como... dois amigos.

— "Não sei" — repetiu vagarosamente.

Penelope sentia sob si a aspereza da pedra. Ao fim de um momento sua amargura se dissipara. A dor não se fôra; estava ali; mas parecia haver mudado de natureza.

Mr. Whittle julgou vê-la tremer, como sob os efeitos do ar frio.

Sentia contra si, por muito ligeira que fôsse, a pressão do braço de Miss Andrews, cujo corpo irradiava calor e um vago aroma.

— Não é, então, feliz? — murmurou êle.

— Quem o é? — respondeu ela.

Ninguém é feliz — pensou Mr. Whittle; e, ao

CALENDÁRIO ISRAELITA

1951 KISLEV כסלו תשי״ב

	30	S	א	ראש חודש	פרייטאג
הפ' משא דבר ה' DEZEMBRO	1	S	ב	תולדות	שבת
	2	D	ג		זונטאג
	3	S	ד		מאנטאג
	4	T	ה		דינסטאג
	5	Q	ו		מיטוואך
	6	Q	ז		דאנערשט׳
	7	S	ח		פרייטאג
הפ' ויברח יעקב	8	S	ט	ויצא	שבת
	9	D	י		זונטאג
	10	S	יא		מאנטאג
	11	T	יב		דינסטאג
	12	Q	יג		מיטוואך
	13	Q	יד		דאנערשט׳
	14	S	טו		פרייטאג
הפ' חזון עובדיה	15	S	טז	וישלח	שבת
	16	D	יז		זונטאג
	17	S	יח		מאנטאג
	18	T	יט		דינסטאג
	19	Q	כ		מיטוואך
	20	Q	כא		דאנערשט׳
	21	S	כב		פרייטאג
הפ' כה אמר ה'	22	S	כג	וישב מבה״ח	שבת
	23	D	כד	פון אווענט חנוכה ליכט	זונטאג
	24	S	כה	חנוכה א'	מאנטאג
	25	T	כו	חנוכה ב'	דינסטאג
	26	Q	כז	חנוכה ג'	מיטוואך
	27	Q	כח	חנוכה ד'	דאנערשט׳
	28	S	כט	חנוכה ה'	פרייטאג
הפ' רני ושמחי	29	S	ל'	מקץ ר״ח חנוכה ו'	שבת

[illegible]

mesmo tempo, sentiu-se como que aliviado, ao pensar que Penelope era infeliz. Assaltado repentinamente por uma imensa ternura por Penelope, estendeu o braço para lhe tocar.

— Não está sentindo calor? — perguntou.

— Sim, estou. E o senhor? — perguntou ela, fixando sôbre êle o olhar assombrado de seus grandes olhos.

Durante alguns segundos se contemplaram sem nada dizer. Quase contra seu desejo, ela se inclinou levemente para êle e uma mecha dos seus cabelos foi acariciar o rosto de Mr. Whittle, que sentia a garganta sêca.

— E' tarde — disse êle.

— Ah! — murmurou ela.

Sentia-se tonta. Já experimentara outras vêzes aquela mesma impressão... A noite se inclinava sôbre ela...

Mr. Whittle olhou, em redor, as casas adormecidas.

— Tenho que ir — disse êle.

— Por quê? — murmurou ela, sem quase mover a cabeça.

— Quer que eu fique?

— Acho que sim — disse ela.

Sua mãozinha, suave e cálida, curvada como uma fôlha, estava próxima da de Mr. Whittle. Sem que soubessem por que os seus dedos se tocaram e logo se entrelaçaram. Penelope deixou cair a cabeça sôbre o ombro de Mr. Whittle.

Nesse momento, Mr. Whittle pensou: "Quem sabe o que nos reserva o dia de amanhã?"

— Que disse? — perguntou ela como se o tivesse ouvido, ao mesmo tempo que lhe oferecia os lábios.

— "Que devo fazer?" — pensou Mr. Whittle reprimindo um gemido.

Um momento depois um automóvel passou, inundando a calçada com o resplendor dos seus faróis. Porém Mr. Whittle não lhe prestou a menor atenção. Penelope tampouco soube que o veículo havia passado.

Foi um segundo. Menos talvez. Ignoravam o que havia ocorrido. Sabiam apenas que em alguma parte, no meio da noite, no silêncio e no ar fresco e doce, o coração se sentira aliviado do imenso pesar que o oprimia. Penelope sabia que tinha sido beijada. Só isso chegava para a fazer esquecer os desastres daquela jornada e talvez esquecer o dia seguinte...

CALENDÁRIO ISRAELITA

1952	TEVETH טבת				תשי"ב
	30	D	א	ב׳ ראש חודש חנוכה ז׳	זונטאג
	31	S	ב	חנוכה ח׳	מאנטאג
JANEIRO	1	T	ג		דינסטאג
	2	Q	ד		מיטוואך
	3	Q	ה		דאנערשטאג
	4	S	ו		פרייטאג
הפ׳ ויהי דבר ה׳	5	S	ז	ויגש	שבת
	6	D	ח		זונטאג
	7	S	ט		מאנטאג
	8	T	י	עשרה בטבת	דינסטאג
	9	Q	י״א		מיטוואך
	10	Q	י״ב		דאנערשטאג
	11	S	י״ג		פרייטאג
הפ׳ ויקרבו ימי דוד	12	S	י״ד	ויחי	שבת
	13	D	ט״ו		זונטאג
	14	S	ט״ז		מאנטאג
	15	T	י״ז		דינסטאג
	16	Q	י״ח		מיטוואך
	17	Q	י״ט		דאנערשטאג
	18	S	כ׳		פרייטאג
הפ׳ הבאים ישרש	19	S	כ״א	שמות	שבת
	20	D	כ״ב		זונטאג
	21	S	כ״ג		מאנטאג
	22	T	כ״ד		דינסטאג
	23	Q	כ״ה		מיטוואך
	24	Q	כ״ו		דאנערשטאג
	25	S	כ״ז		פרייטאג
הפ׳ כה אמר ה׳	26	S	כ״ח	וארא מבה״ח	שבת
	27	D	כ״ט	ערב ראש חודש	זונטאג

דער מולד איז פרייטאג בייטאג 11 מינוט 13 חלקים 8

CAPITULO X

Quando Mr. Whittle saiu de casa, deixou Amanda chorando copiosamente. Não era exatamente Mr. Whittle a causa do pesar de Amanda, mas sim sua própria sorte. Chorava de fadiga e cólera. Chorava por não haver sabido dizer tudo, dizer o que devia dizer. Ao fim de alguns momentos cessaram as lágrimas e ficou apenas o soluço; desceu, a fim de preparar a ceia para sua família. Porém Mr. Whittle se fôra.

Lucinda tardou muito tempo em notar aquela ausência. Só a notou na hora da refeição.

— Onde está papai? — perguntou, lançando por tôda a mesa um olhar surpreendido. — Não vai voltar?

— Não sei — disse Amanda com tôda a franqueza.

Ao olhar penetrante de Lucinda nada escapou. Untou com manteiga uma torrada, mordeu-a, mastigou com êxtase e engoliu.

— Gosto muito mais de estar assim, *as duas*, a sós! — disse. — Só nós duas!

— E' mesmo, querida? — perguntou Amanda com um sorriso de vítima resignada.

— Sim, só nós... *mulheres!* — afirmou Lucinda.

A seguir, lançou a sua mãe um olhar meditativo; a noite se anunciava plena de possibilidades; o caso estava em saber aproveitar.

— Mamãe... — começou a dizer.

— Que quer você, Lucinda?

— Papai era tão velho como Marvin Greene quando casou?

— Mais velho! — respondeu Amanda. — Muito mais velho, é claro!

— Mariana sabe dançar rumba — disse Lucinda. — Foi Marvin quem lhe ensinou. Posso ir à casa dela, depois de comer? — concluiu, inclinando-se na cadeira, em atitude de súplica.

— Não; hoje não. Hoje quero que fique comigo.

— Bom; então vamos ao cinema!

— Não, querida. Tenho muito que fazer.

Lucinda fêz uma careta de desespêro:

— Que estopada! Nunca há um jeito de me divertir!

Depois acrescentou:

— Não vejo para que serve casar, se é preciso estar trabalhando o dia todo!

— Você vai ver, quando fôr velha — respondeu Amanda.

— Eu nunca serei velha! — protestou Lucinda. — Morrerei com vinte e cinco anos! Além do mais — concluiu — que adiantaria? Papai anda dizendo que vamos explodir...

— "Até Lucinda!" — pensou Amanda. — "Até minha filha acreditou nessas parlapatices."

Mas havia muitas maneiras de "explodir". Pela

décima vez lamentou haver *arriado a bandeira* em sua discussão com Roberto.



Depois de ajudar sua mãe, lavando a louça, e de haver lido as suas historietas, de telefonar para Helena, fazer seus deveres e gastar cinco fôlhas de papel procurando desenhar o retrato de Ralph Wender (cujo rosto teimava em sair parecido com uma chaleira!), Lucinda foi deitar-se. Amanda tomou, então, seu trabalho e instalou-se no escritório de Mr. Whittle, esforçando-se por não pensar no ocorrido. "Não era hábito de Roberto sair de casa assim... e muito menos permanecer tanto tempo fora. Devia estar deveras encolerizado para não voltar sequer para comer. Ela tinha tôda a razão, sem sombra de dúvida! Não havia necessidade de se expor ao ridículo diante de tanta gente, principalmente tendo uma espôsa e uma filha em quem pensar, uma filha que frequentava a escola e fazia parte das *girls-scouts*. Era realmente desanimador lutar para ter uma posição dentro de uma comunidade e ver tôda essa sua obra se *evaporar*... Não era bem êsse o têrmo que devia adotar... Mas servia para... para o que desejava significar."

"Apesar de tudo — pensava ainda Amanda — não devia ter falado com êle tão duramente. E, com sinceridade, teve que reconhecer que Roberto havia feito *todo o possível*... E, examinando bem, havia gente mais pobre do que êles. Afinal, se não tinham tanto dinheiro quanto os Blaney, que havia de horrível nisso? Outras estavam em iguais condições e nem por isso deixavam de pertencer ao "Clube São Vicente" e à agrupação das "Filhas da Revolução Americana". Lucinda era muito criança para compreender os problemas matrimoniais, e seria trabalho perdido o esfôrço de explicar-lhe essas coisas. Existiam, de início, muitas coisas impossíveis de explicar a uma criaturinha de doze anos; materialmente impossível. Quanto ao resto, evidentemente, era uma questão de trabalho; de um trabalho duro, digamos, mas valia a pena! Durante tôda a sua vida, Amanda não desejara outra coisa: ter sua própria casa e fôrças suficientes para cuidar do seu interior; e desejava que lhe tributassem, de quando em quando, um pouco de admiração, para sustentar-lhe a flama. Fôsse seu marido — o que era natural — ou outra qualquer pessoa...

"Seus pais jamais haviam demonstrado uma grande admiração por Roberto, mas estavam errados. Roberto era trabalhador e de uma inteligência notável. Merecia algo melhor que ela. E, além do mais, os lares como o dêle eram os que constituíam a base da nação; Amanda não aprendera a dançar a rumba, mas sabia fazer muito bem os biscoitos e engomar uma camisa, coisas que sua mãe jamais fizera. Sua mãe... e metade das sócias da "Sociedade de Literatura e História". Lucinda também não o faria, caso continuasse com *os planos* que tinha em mente!"

"A juventude não dura muito tempo — pensava — e quando acaba não há remédio! Não podia suportar as pessoas que desejavam a todo custo que a vida fôsse apenas uma sucessão de diversões, de noites perdidas no cinema... ou de passeios em automóvel pelo campo. Hoje, ocorriam muitos acidentes por essas estradas."

De repente, prêsa de grande inquietação, sentiu que a agulha tremia entre os seus dedos, que logo se tornaram endurecidos. Levantou a cabeça. "E se tivesse acontecido a Roberto alguma desgraça, quando andava errando pelas ruas escuras?"

Até aquêle dia, Roberto jamais se ausentara por tanto tempo. De outras vêzes, caminhara apenas o tempo de comer duas ou três maçãs, regressando, a seguir, embora negando-se a falar fôsse com quem fôsse.

Imediatamente o viu estirado junto ao meio-fio, esmagado, coberto de sangue e prestes a expirar... E a culpa era dela, Amanda; ela expulsara de casa o marido!

Então, louca de mêdo, correu ao telefone para chamar a delegacia do seu distrito. Mas mudou de opinião e decidiu chamar, antes, os Blaney.

— Posso ir até aí, um momentinho? — perguntou. — E' claro... se não estão muito ocupados!

"Estaria apenas uns minutinhos — pensava — e voltaria correndo. Talvez, então, já Roberto estivesse em casa."

Os Blaney se mostraram encantados de vê-la. Ofereceram-lhe limonada e se assombraram de que preferisse *whisky*.

— Estou muito só, esta noite... — declarou à guisa de desculpa. — Roberto está trabalhando...

Olhou em redor, com um sorriso humilde nos lábios graciosos, como dizendo: *"Que felicidade ter por marido um banqueiro e não um homem de gênio!"*

A espôsa do banqueiro expressou sua simpatia com uma amistosa reprimenda:

— Não devia deixar Roberto trabalhar dema-

CALENDARIO ISRAELITA

1952 SHEVAT שבט תשי״ב

	28	S	א	ראש חודש	[illegible]
	29	T	ב		[illegible]
	30	Q	ג		[illegible]
	31	Q	ד		[illegible]
FEVEREIRO	1	S	ה		[illegible]
[illegible]	2	S	ו	בא	שבת
	3	D	ז		[illegible]
	4	S	ח		[illegible]
	5	T	ט		[illegible]
	6	Q	י		[illegible]
	7	Q	יא		[illegible]
	8	S	יב		[illegible]
[illegible]	9	S	יג	בשלח שבת שירה	שבת
	10	D	יד		[illegible]
	11	S	טו	חמשה עשר	[illegible]
	12	T	טז		[illegible]
	13	Q	יז		[illegible]
	14	Q	יח		[illegible]
	15	S	יט		[illegible]
[illegible]	16	S	כ	יתרו	שבת
	17	D	כא		[illegible]
	18	S	כב		[illegible]
	19	T	כג		[illegible]
	20	Q	כד		[illegible]
	21	Q	כה		[illegible]
	22	S	כו		[illegible]
[illegible]	23	S	כז	משפטים פרשת שקלים	שבת
	24	D	כח		[illegible]
	25	S	כט		[illegible]
	26	T	ל	[illegible] ראש חודש	[illegible]

[illegible]

siado! — disse ela. — Principalmente com êstes primeiros calores...

— Pois claro... — afirmou Mr. Blaney, enquanto contraía as comissuras dos lábios, como tinha o costume de fazer no seu salão diretorial, no banco, quando estudava um interessante maço de apólices. "De maneira que está só?" — pensou.

Embora procurasse conter-se, sentiu-se invadido pelo bom-humor.

— Trabalhando sempre... — prosseguiu — sem procurar divertir-se um pouco... Oh! Isso é mau!

E olhou, a seguir, para sua mulher, que tricotava sem parar.

— Estou sempre dizendo a Alfredo que não trabalhe em demasia — declarou a Sra. Blaney. — Não é verdade, Alfredo?

— Realmente... — respondeu Mr. Blaney com evidente prazer, pois gostava de passar por um escravo do trabalho e fazer acreditar que, sem êle, tudo iria de pernas para o ar. — Mas que se há de fazer? Sempre há umas contazinhas a pagar — comentou, lançando um olhar de inteligência e jovialidade para Amanda.

— Não é o dinheiro, o que inquieta a Roberto — respondeu Amanda. — São os exames.

— Ora... Não tardarão a estar terminados — disse Mr. Blaney.

Amanda bebeu um bom sorvo. *"Como poderão terminar?* — pensou. — *Nada termina, jamais! Tudo volta a recomeçar, como sempre. Cada qual sabe o que diz! Cada um de nós está só, completamente só..."*

— Por mim, tenho a impressão de que nunca tenho bastante tempo — falou em voz alta, embora como se conversasse consigo mesma.

— Quando se quer, sempre há tempo — afirmou

CALENDÁRIO ISRAELITA

1952 ADAR אדר תשי״ב

	27	Q	א	ב׳ דראש חודש	מיטוואך
	28	Q	ב		דאנערשטיק
	29	S	ג		פרייטאג
[illegible] MARÇO	1	S	ד	תרומה	שבת
	2	D	ה		זונטאג
	3	S	ו		מאנטאג
	4	T	ז		דינסטאג
	5	Q	ח		מיטוואך
	6	Q	ט		דאנערשטיק
	7	S	י		פרייטאג
[illegible]	8	S	יא	תצוה פ׳ זכור	שבת
	9	D	יב		זונטאג
	10	S	יג		מאנטאג
	11	T	יד	פורים	דינסטאג
	12	Q	טו	שושן פורים	מיטוואך
	13	Q	טז		דאנערשטיק
	14	S	יז		פרייטאג
[illegible]	15	S	יח	תשא פ׳ פרה	שבת
	16	D	יט		זונטאג
	17	S	כ		מאנטאג
	18	T	כא		דינסטאג
	19	Q	כב		מיטוואך
	20	Q	כג		דאנערשטיק
	21	S	כד		פרייטאג
[illegible]	22	S	כה	ויקהל-פקודי [illegible] פ׳ החודש	שבת
	23	D	כו		זונטאג
	24	S	כז		מאנטאג
	25	T	כח		דינסטאג
	26	Q	כט	ערב ראש חודש	מיטוואך

[illegible]

a Sra. Blaney. — Enfim..., cada qual com a sua maneira, como sempre digo, não é verdade, Alfredo?

— Realmente... — concordou logo Mr. Blaney. — Cada qual com a sua maneira.

— Tudo faz falta no mundo — disse Amanda.

— As pessoas nunca estão de acôrdo sôbre isto ou aquilo — afirmou Mr. Blaney.

A Sra. Blaney pousou seu trabalho sôbre os joelhos e lançou uma observação completamente inesperada.

— Sei muito pouco — disse em tom suave. — Mas quando se viveu com alguém durante tanto tempo, como Alfredo e eu temos vivido, juntos, acaba-se por não diferir nada nos diferentes pontos-de-vista.

A Sra. Blaney, com uma expressão repousada, refletida em todos os seus traços, olhava fixamente o tapête.

"E, uma vez feitas as contas muito bem, — acrescentou — some-se de cima para baixo ou de baixo para cima, o resultado sempre será o mesmo.

Tornou a empunhar suas agulhas.

"Opino — concluiu — que esta é uma das coisas mais difíceis de meter-se em cabeças."

Amanda levantou os olhos, contemplando em seu redor o confôrto da residência. Havia tranquilidade e bem-estar na casa dos Bentley. Era indiscutível que aquela gente se entendia muito bem entre si; nada podia suscitar uma querela. Havia na casa de Ruth Blaney algo essencialmente bom...

Amanda se sentiu mais alegre. Apesar de fazer um grande esfôrço de memória não lograva saber por que haviam brigado, Roberto e ela. Tudo se perdia em brumas. Tinham mesmo brigado? Assaltada pelo desejo ardente de voltar para sua casa e ver de novo Roberto, esvaziou seu copo, exclamando:

— Não quero abarrecê-los mais tempo.

Mr. Blaney havia envolvido Amanda em um interêsse terno e radiante embora cuidando muito bem de que nada fôsse notado.

Estêve tentando imaginar como seria Amanda como dona de casa. Até aí limitou seus esforços, em primeiro lugar por motivos de delicadeza e também porque não queria insistir...

— Vou acompanhá-la até a sua casa — disse êle. — Andar um pouco me fará bem.

★

Fora o ar estava mais fresco e Amanda sentiu que tinha menos pressa. Experimentava verdadeiro prazer, caminhando ao longo das ruas, rodeada pelos mil e um desenhos que a lua traçava no solo, depois de atravessar a folhagem. Gostava de ter ao seu lado o Sr. Blaney, que se esforçava por ser gentil. Por uma ou duas vêzes êle lhe tomou o braço, para a ajudar a franquear algum incidente da calçada, ajuda supérflua, porém que ela aceitava com prazer, porque realçava a sua delicadeza de mulher.

— Ruth é a amabilidade em pessoa — comentou. — E como é bonita!

Mr. Blaney afirmou:

— Ruth é mulher muito séria. A espinha dorsal do país.

E ao mesmo tempo pensava em outra coisa.

— Sempre foram muito felizes, não é verdade? — perguntou Amanda, sem poder esconder um leve tom de inveja. — Quantos belos anos.

— Isso é verdade — disse Mr. Blaney.

E logo acrescentou, falando depressa:

— Ruth é criatura de primeira ordem.

— Foi o que eu quis dizer — replicou Amanda, que, no íntimo, não estava muito segura do que realmente quisera dizer.

Para continuar o diálogo, necessitava de desenvolver um pouco mais de energia. Sentia as pernas pesadas; talvez tivesse bebido muito depressa o seu *whisky*. Porém sentia-se muito bem e quase feliz.

— Foi muito amável vindo visitar-nos esta noite — disse Mr. Blaney. — Devia fazer isso com frequência.

— Oh — disse Amanda. — Foi coisa repentina...

Logo acrescentou, surpreendida por um repentino descobrimento:

— "Estava tão só!"

Mr. Blaney respirou com fôrça antes de dizer:

— Nunca deveria estar só — afirmou. — Eu jamais a deixaria só, se me pertencesse.

Aquela observação, sem saber porque, pareceu-lhe divertida. Deixou ouvir um risinho nervoso:

Ela disse, desolada:

— Deve conhecer muito bem Roberto...

— Sim; conheço — disse êle e acrescentou com ar solene: Êle sabe apreciar o que tem?

— Sim... — disse Amanda. — Mas, afinal, que possui êle?

— Tem você — disse ternamente Mr. Blaney.

— Oh, sim... Isto é... Nem eu mesma sei.

Notou repentinamente que diminuira a marcha e que Mr. Blaney, que a tomara por um braço, se esquecia de largá-la. Detalhe sem importância; não sentia nenhuma pressa. Se Roberto tinha voltado, que a esperasse. Ela já o esperara bastante. E, afinal, qual dos dois havia saído batendo a porta?

— E' que... — começou a dizer, com voz trêmula.

— Que tem?

— Nada... E' que as coisas, por momentos, parecem complicar-se.

— Isso é verdade — replicou Mr. Blaney, cuja mão tremia um pouco.

— Roberto e eu nos amamos muito — disse Amanda. — Não gostaria de fazer qualquer coisa que... não fôsse correto, que lhe causasse mágoa...

E levantou a cabeça para encará-lo, com olhar amistoso e desconsertado.

— "Compreende?" — perguntou.

— Sim, sim... Certamente — disse Mr. Blaney com voz rouca.

Ela notou que o rosto de seu companheiro tinha uma expressão anormal, alterado por secreta e violenta emoção. Viu de novo, com o pensamento, o confortável e tranquilo lar dos Blaney, aureolado de decôro. Viu a espôsa serena e respeitável, com uma vida de triunfo atrás dela. *"Uma vez feitas as contas muito bem* — pensou — *soma-se de cima para baixo ou de baixo para cima, o resultado será sempre o mesmo"*. Aquilo seria verdade? Amanda curvou a cabeça e, repentinamente, sem razão aparente, começou a chorar

— Não, não... Não faça isso — pediu Mr. Blaney, no cúmulo da estupefação. — Que está sentindo?

— Não sei — murmurou ela.

Meio espantado com a própria audácia e com gesto inseguro, Mr. Blaney rodeou com um braço sua companheira e acariciou-lhe um ombro.

— Que tem? — tornou a perguntar com voz rouca e sentindo a garganta dolorida.

Amanda baixou a cabeça.

— Nada — respondeu.

Não teria sabido explicar, encontrar as palavras convenientes. Tinha tanto que dizer... a impressão de não ser já uma jovem, de sentir o passado irremediàvelmente concluído... o futuro que se tornara ameaçador, percebendo-se nêle uma perspectiva sêca e malévola. Brigara com Roberto. Ninguém a queria mais. Como explicar a sua vergonha?

No fundo do seu coração, sabia que aquilo não era verdade. Os belos anos, para ela como para outra qualquer, tinham chegado e depois, também, fugido...

— Ampare-me um pouco, por favor... — murmurou.

Estavam de pé, diante da casa, sob a luz de um candelabro. Ela ficou, um instante, trêmula e chorosa junto dêle. Mr. Blaney não sabia o que dizer; sentia-se desorientado, perdido numa inquietude embriagadora.

— Querida Amanda — disse. — Querida Amanda...

Amanda levantou para êle uns olhos cheios de lágrimas e um sorriso grato.

— Perdoe-me — disse ela. — Foi uma vertigem.

Depois, estendendo os braços, segurou entre as mãos o rosto de Mr. Blaney e o aproximou do seu:

CALENDARIO ISRAELITA

1952	NISSAN ניסן				תשי״ב
	27	Q	א	ראש חודש	[illegible]
	28	S	ב		[illegible]
הפ׳ [illegible]	29	S	ג	ויקרא	שבת
	30	D	ד		[illegible]
	31	S	ה		[illegible]
ABRIL	1	T	ו		[illegible]
	2	Q	ז		[illegible]
	3	Q	ח		[illegible]
	4	S	ט		[illegible]
הפ׳ [illegible]	5	S	י	צו שבת הגדול	שבת
	6	D	יא		[illegible]
	7	S	יב		[illegible]
	8	T	יג	[illegible]	[illegible]
	9	Q	יד	ערב פסח	[illegible]
Pessach 1	10	Q	טו	א׳ פסח	[illegible]
» 2	11	S	טז	ב׳ פסח	[illegible]
Chol Hamod	12	S	יז	חול המועד א׳	שבת
» »	13	D	יח	ב׳ »	[illegible]
» »	14	S	יט	ג׳ »	[illegible]
» »	15	T	כ	ד׳ »	[illegible]
Pessach 7	16	Q	כא	שביעי של פסח	[illegible]
» 8	17	Q	כב	אחרון של פסח	[illegible]
	18	S	כג	אסרו חג	[illegible]
הפ׳ [illegible] פרק א׳	19	S	כד	שמיני מבה״ח	שבת
	20	D	כה		[illegible]
	21	S	כו		[illegible]
	22	T	כז		[illegible]
	23	Q	כח		[illegible]
	24	Q	כט		[illegible]
	25	S	ל	א׳ ראש חודש	[illegible]

[illegible] 43 [illegible] 30 [illegible] 5

— "Foi muito bondoso — disse ela; e num gesto natural, sem precipitação, beijou-o no rosto.

Naquele exato momento, Mr. Whittle, que regressava lentamente para casa, como um sonâmbulo, a imaginação ora espantosamente vazia, ora extraordinàriamente repleta de pensamentos contraditórios, um pouco de júbilo e muito — agora — de remorsos, voltava a esquina da rua e os viu.

CAPITULO XI

O choque foi terrível. Mr. Whittle não viu Amanda entrar correndo em casa; não esperou tão pouco que Mr. Blaney, depoi sde um momento de desvario respeitoso, tornasse a encetar, com passo vivo mas tranquilo, o caminho de casa. Em lugar disso, deu meia volta e tomou de novo, completamente estonteado, a direção de River Road.

Não conseguia compreender o que havia ocorrido. Alguns minutos antes era um homem como os demais, ora feliz, ora inquieto; logo cheio de dúvidas e disposto a tôda sorte de justificações, porém pronto, mesmo assim, a tomar sôbre si suas responsabilidades, senhor da situação e eis que, num instante, perdera tudo, seu lar, sua liberdade de espírito, pois sua espôsa amava o vice-presidente de um banco!

Mr. Whittle não teria acreditado, jamais, que tal angústia fôsse possível. Por outro lado, sua sensibilidade parecia haver embotado, o que o impedia de avaliar os seus próprios sentimentos. Primeiro, teve a impressão de uma imensa solidão. Como ia poder continuar vivendo? O futuro se fechava diante dêle como uma muralha. Começou a rememorar tudo o que, dia após dia, Amanda fizera por êle; os trabalhos e as amabilidades mínimas, incessantes, complicadas e difíceis. Compreendia que Amanda e êle não tinham outro remédio senão separar-se. E não recordava qualquer falta própria, porque não se sentia culpado; a culpada era Amanda! *"Sou um fracassado* — pensava. — *Enquanto me submergia no passado, outro roubava minha mulher; enquanto sonhava com os grandes impérios do mundo eu perdia o meu...*

Não podia compreender por que sua mulher havia escolhido Alfredo Blaney, que era mais velho do que êle e não tinha nenhum atrativo físico. Depois se lembrou de que Mr. Blaney era homem rico e isso, se o feriu, também o reconfortou. *"Não tenho nada que censurar a mim mesmo, mas sim ao sistema econômico"* — pensou.

Agora, que perdera sua mulher, esta lhe parecia infinitamente mais sedutora e desejável que nunca. Recordava as inúmeras amabilidades de Amanda, suas pequenas manias que as vêzes o haviam irritado, mas que — pelo menos assim o acreditava agora — sempre o encantaram. Era tão boa dona de casa! Não rejeitava trabalho. E tudo aquilo ia ser, agora, para outro; outro desfrutaria de todos os benefícios. Já não seria dêle. Pertenceria ao mundo, pertenceria a si mesma.

Imaginava-a livre e feliz, o rosto iluminado por um gracioso sorriso. Desejava poder gritar-lhe: — *"Tenho mêdo, sinto-me muito desgraçado. Não me deixes assim"*. Mas agora era muito tarde!

Baixou a cabeça. "Eis-me aqui verdadeiramente só" — pensou. — Verdade era que ali estava Penelope mas não podia pensar nela, porque era uma criança. E, por outro lado, nunca tivera a intenção de deixar Amanda ou de tornar-se culpado de qualquer grave infidelidade perante ela. Além do mais, ninguém o vira. E êle, ao contrário, tinha visto Amanda e Alfredo Blaney!

— "Preferiria estar morto — exclamou. — Para não pensar no que aconteceu."

Depois, como o estalido de um trovão, assaltou-o a idéia de que não tardaria a estar morto, assim como Amanda e Mr. Blaney. E ficou assombrado por não sentir, por isso, maior consôlo. Estava bem certo, de fato, de desejar a morte para si mesmo e para o mundo; ser aniquilado, deixar de existir, não ser mais que um vapor flutuante entre as estrêlas, sem vestígios de identidade, sem futuro nem nome, sem dor nem vergonha.

— "Que tudo isto termine no espaço de um minuto, rápido e abençoado — disse. — E que a humanidade se veja libertada do seu destino que não passa de sofrimento e destruição.

Não obstante, não podia reprimir um sentimento de desespêro!

A lua naufragava além da franja prateada da massa de nuvens, e o vento havia refrescado. A terra se envolvia no silêncio; parou o vento, as estrêlas escureceram e brilhou um relâmpago muito distante. Mr. Whittle se sentou no úmido paredão que bordejava o rio. Dali pôde sentir um olor de madeiras e de fungos apodrecidos, de musgo e de água.

Quantos mundos em seu redor, perdidos no meio do vácuo, como num desafio aos olhares e aos sonhos; no entanto, sôbre aquela terra existia

CALENDÁRIO ISRAELITA

1952 IYAR אייר תשי״ב

				ב׳ דראש חודש	
חז׳ כה אמר ר׳	26	S	א	תזריע-מצורע	שבת
פרק ב׳	27	D	ב		זונטאג
	28	S	ג		מאנטאג
	29	T	ד		דינסטאג
	30	Q	ה		מיטוואך
MAIO	1	Q	ו		דאנערש׳
	2	S	ז		פרייטאג
חז׳ הלא כבוד כסא	3	S	ח	אחרי-קדושים	שבת
פרק ג׳	4	D	ט		זונטאג
	5	S	י		מאנטאג
	6	T	יא		דינסטאג
	7	Q	יב		מיטוואך
	8	Q	יג		דאנערש׳
	9	S	יד	פסח שני	פרייטאג
חז׳ והכהנים והלוים	10	S	טו	אמור	שבת
פרק ד׳	11	D	טז		זונטאג
	12	S	יז		מאנטאג
	13	T	יח	ל״ג בעומר	דינסטאג
	14	Q	יט		מיטוואך
	15	Q	כ		דאנערש׳
	16	S	כא		פרייטאג
חז׳ ה׳ חי ומשורר	17	S	כב	בהר-בחקתי	שבת
פרק ה׳	18	D	כג		זונטאג
	19	S	כד		מאנטאג
	20	T	כה		דינסטאג
	21	Q	כו		מיטוואך
	22	Q	כז		דאנערש׳
	23	S	כח		פרייטאג
חז׳ ויאמר לו יהונתן	24	S	כט	במדבר מבה״ח	שבת
פרק ו׳					

דער מולד איז דאנערשטאג ביינאכט 27 מינוט 17 חלקים ערש 9

um animal chamado homem; um ser que possuía uma espinha dorsal, mas sem cauda; que tinha dois braços, duas mãos, providas cada uma de cinco dedos, um dos quais, o polegar, era de um valor inapreciável. O homem, segundo diziam, fôra feito à imagem de Deus. Por isso, não é nada surpreendente que adoremos um ser que tenha dois polegares e nenhuma cauda. Mas, suponhamos que, sob qualquer planêta, num pequeno mundo perdido no seio dos inumeráveis mundos da Via Láctea, existem sêres com cabeça de barata e corpo de sereia. Que ocorreria então?

— "Então?" — disse, levantando os olhos para o céu. — "Que tens que responder a isto?"

Imediatamente, uma imagem de Deus tomou forma no ar, sob a cabeça de Mr. Whittle, do lado em que se aproximava a tormenta. A imagem tinha ligeira semelhança com o Dr. Thirkel. Deus, a gravidade impressa sôbre o rosto, do alto da massa de nuvens deixou cair um olhar sôbre Whittle.

— Eu simboliso múltiplas formas — disse. — Às vêzes sou fogo, ar, curso d'água, sol, carne, vinho, silêncio e sombra em pleno meio-dia. Podes, então, imaginar que Eu me contentaria parecendo-me com Blaney ou contigo?

— Sem dúvida que não — disse humildemente Mr. Whittle. — Porém, na verdade, constituímos um bom exemplo, embora nem todos os habitantes dêste planêta se pareçam.

E acrescentou, lealmente:

"Amanda, por exemplo, é muito bonita.

— Porém, não aos olhos de um peixe — disse Deus. — A beleza só existe nos olhos de quem a vê. Eu também...

— No entanto, — respondeu Mr. Whittle obstinadamente — existe muita beleza na humanidade e, se vais destruir-nos, eu desejaria que em alguma parte do universo deixasses uma recordação nossa.

— Vives muito preocupado com o futuro. Quem te disse que pretendo destruir a terra e os homens?

— O quarto anjo já verteu sua copa sôbre o sol... *"E a êle será dado queimar os homens com o fogo"*.

— Ah! — disse Deus com satisfação. — Vejo que lêste João. E que colheste de tal leitura? A maior parte do que escreveu êsse apóstolo é de interêsse local.

— Creio que deve considerar a época em que escreveu...

— Os tempos atuais são muito piores — disse Deus.

Permaneceu em silêncio alguns instantes, depois ajuntou, com melancolia:

— Às vêzes, tenho a impressão de que foi um êrro de Minha parte o haver criado o homem ou, pelo menos, o haver criado o homem assim... tão inconsequente! "O resto dos homens, que não sucumbiram por tantas calamidades, não se arrependeram das obras de suas mãos, nem de suas matanças, nem de seus malefícios, nem de suas impurezas, nem de suas rapinas.

— Eu jamais roubei...

— Sim. Também não mataste — respondeu Deus, em tom severo. — Porém, eu mencionei três culpas.

Recomeçara o vento; uma refega repentina animou com um suspiro os gravetos e os juncos da margem do rio. Viu-se muito próximo o resplendor de um relâmpago e retumbou o trovão, repercutindo por entre as colinas próximas.

— Muito bem — disse Mr. Whittle, inclinando a fronte resignada. — Mas, se pretendes destruir-nos, fazei-o depressa, eu Te suplico.

— Há tão só uns instantes, pedias que deixasse alguma recordação tua sôbre a terra. E agora tens pressa em ser aniquilado. Seria preciso saber o que desejas.

— "A verdade — prosseguiu Deus, com ar pensativo — é que Eu não tenho o menor desejo de destruição. Preocupa-me muito mais que a ti o futuro da humanidade. Desejaria salvar o maior número de coisas possível. Amo esta Terra, seus campos verdes, seus prados bonitos, suas grandes árvores e suas flores adoráveis. Os pássaros também são a minha alegria, apesar de suas furiosas querelas. Porém é no homem, só nêle, que posso desfrutar dêsses espetáculos e dêsses ruídos, podendo êles, de um certo modo, ter um lugar no banquete. Por seus olhos é que contemplo a Minha obra e por seus narizes posso embriagar-Me com o aroma do estio. O homem é o Meu protagonista sôbre a terra, o testemunho moral da Minha existência; sem êle, Eu não veria mais do que vê uma aranha. Não ouviria mais que a linguagem crepitante do gafanhoto e do caranguejo ou o eterno murmúrio das fôlhas. Seria necessário que uma aranha tivesse escrito uma sinfonia e que uma ratazana tivesse construído uma catedral!

Fêz nova pausa e prosseguiu:

— "Eu tinha a esperança de que o homem não chegaria a descobrir jamais o segrêdo da sua própria destruição, e por isso foi que proibi a Adão que comesse o fruto da Árvore da Ciência. Sabia que o conhecimento não lhe serviria para nada... Porém, êle não me ouviu...

CALENDÁRIO ISRAELITA

1952	SIVAN סיון				תשי"ב
	25	D	א	ראש חודש	[illegible]
	26	S	ב		[illegible]
	27	T	ג		[illegible]
	28	Q	ד		[illegible]
	29	Q	ה	ערב שבועות	[illegible]
הפ' ויהי בשלשים	30	S	ו	א' דשבועות	[illegible]
הפ' וה' בהיכל	31	S	ז	ב' דשבועות	שבת
פרק א'	1	D	ח		[illegible]
JUNHO	2	S	ט		[illegible]
	3	T	י		[illegible]
	4	Q	יא		[illegible]
	5	Q	יב		[illegible]
	6	S	יג		[illegible]
הפ' ויהי איש אחד	7	S	יד	נשא	שבת
פרק ב'	8	D	טו		[illegible]
	9	S	טז		[illegible]
	10	T	יז		[illegible]
	11	Q	יח		[illegible]
	12	Q	יט		[illegible]
	13	S	כ		[illegible]
הפ' רני ושמחי	14	S	כא	בהעלותך	שבת
פרק ג'	15	D	כב		[illegible]
	16	S	כג		[illegible]
	17	T	כד		[illegible]
	18	Q	כה		[illegible]
	19	Q	כו		[illegible]
	20	S	כז		[illegible]
הפ' וישלח יהושע	21	S	כח	שלח מברכים	שבת
פרק ד'	22	D	כט		[illegible]
	23	S	ל	א' דראש חודש	[illegible]

[illegible] שבת [illegible] 11 [illegible] 18 חלקים [illegible] 7

E tendo falado, Deus lançou um profundo suspiro.

— Sim... Deve ser assim — disse Mr. Whittle. — Seja! Mas o que me aborrece é a espera. Por que não terminar de uma vez?

— Não venhas, assim, encostar a faca na minha garganta! — disse Deus. — Estou procurando um meio para resolver o problema.

— Não há qualquer solução! — disse Whittle; e com gesto teatral concluiu: — Amanda me abandonou!

Vindo do outro lado do rio, um repentino golpe de vento assaltou Mr. Whittle, um relâmpago deslumbrante iluminou o céu e, acompanhada por um trovão ensurdecedor, estalou a tormenta sôbre o passeante noturno. Mr. Whittle ofereceu o rosto à chuva, expondo sua alma nua ao relâmpago que derramava seu terrível resplendor, de cima para baixo, pelo imenso vale.

— Não é culpa minha — exclamou — se nasci para amar a beleza, para envelhecer e morrer. Ninguém poderia censurar-me pelos impulsos do meu coração, nem pelos apetites do meu espírito, a sêde de alegrias ou o desejo de felicidade. Tão pouco se me deve pedir conta dos sofrimentos que me vi forçado a infligir aos demais ou que eu mesmo padeci, pois que tudo isso poderia ter ocorrido de modo diferente e com menos desordem. Sou inocente; e a minha destruição não está justificada, nem guarda nenhuma relação com os meus atos!

Um último estrépito veio alvoroçar o ar ensurdecido, e Deus falou. Como sempre, êle disse a última palavra:

— *Lero-lero...*

CAPÍTULO XII

O fim do mundo não ocorreu àquela noite; a tempestade foi levar seu estrondo mais para o leste, por cima de Juleville e de Prairie Falls. No outro dia, pela manhã, o sol se levantou sôbre Rivertown, resplandecendo sôbre as ruas molhadas, sôbre os brotos verdes e sôbre as fôlhas, náufragas do aguaceiro noturno.

No quarto de Penelope, as cortinas ondulavam suavemente, ao capricho de uma fresca brisa matinal e o dedo de ouro de um raio de luz foi roçar o rosto da adormecida, rosado e morno, sôbre o travesseiro. Penelope respirou com mais fôrça, depois sorriu. Abriu, então, os olhos e permaneceu um momento imóvel, contemplando o teto.

Não sabia muito bem onde se achava e perguntou, a si mesma, se se sentia feliz ou se estava triste. Da mesma maneira como o que recupera o conhecimento, depois de um acidente ou de uma intervenção cirúrgica, explorou os seus sentimentos com precaução. Procedia por golpes de sonda prudentes e atentos, para ver qual seria a sua reação. Mas não logrou descobrir nada em si mesma, a não ser uma sensação de saúde, uma sonolência matinal e vontade de devorar o seu primeiro almôço.

Levantou-se com um pequeno bocejo, dirigindo-se à janela para que o sol beijasse o seu rosto ainda empurpurado pelo sono. Aspirou o ar lavado pela chuva e o cálido aroma estival da grama úmida e da terra saturada de água; neste momento, então, sentiu que percorria o seu corpo o primeiro estremecimento ante a idéia de tornar a ver Mr. Whittle.

Surgindo, de repente, das brandas brumas do sono, os acontecimentos da noite anterior vieram-lhe à memória. Que coisa absurda! Nada poderia ocorrer de mais inesperado e inverossímil. Não obstante os fatos estavam ali, inconfestáveis. E quem fôra seu par? Mr. Whittle, Mr. Whittle, que...

Com um sorriso de assombro nos lábios frescos, Penelope se viu entrando na sala de aula e avistando Mr. Whittle, Mr. Whittle de todos os dias... De todos os dias exatamente, não; nunca mais tornaria a ser como antes, depois do que acontecera, pois agora, quando trocassem um olhar, existiria um segrêdo entre êles...

Tinha apenas dezoito anos e já fôra beijada no rosto por um homem. Recordava muito bem o ar grave e sombrio de Mr. Whittle, um ar que nunca têm os colegiais, mas só os condutores de homens. Ela, por sua vez, quando êle a beijara, sentira-se tão perturbada ou talvez mais do que diante de Marvin Greene.

Ao pensar em Marvin Greene, Penelope fêz um gesto desdenhoso, para lutar contra a angústia que sentira em alguma parte abaixo do coração.

Inclinada sôbre o toucador, entregou-se a uma longa e séria contemplação da sua imagem refletida no espelho. Segundos depois, sorria misteriosamente, mordendo o lábio inferior. "*Penelope Andrews!*" — murmurou com estupefação. Acreditava que, de fato, lhe fôra confiado um bonito papel na cena do mundo. Que extravagante era a vida e, também, que feliz se podia ser nela! Era bastante despertar numa formosa manhã de maio.

Durante a sua primeira refeição, persistiu em sua atitude de "estrêla de cinema", e absorveu seus dois copos de aveia com ar distraído. Sen-

CALENDÁRIO ISRAELITA

1952 TAMUZ תמוז תשי״ב

	24	T	א	ב׳ ראש חודש	דינסטאג
	25	Q	ב		מיטוואך
	26	Q	ג		דאנערשטאג
	27	S	ד		פרייטאג
[illegible] פרק ה׳	28	S	ה	קרח	שבת
	29	D	ו		זונטאג
	30	S	ז		מאנטאג
JULHO 1	1	T	ח		דינסטאג
	2	Q	ט		מיטוואך
	3	Q	י		דאנערשטאג
	4	S	יא		פרייטאג
[illegible] פרק ו׳	5	S	יב	חקת-בלק	שבת
	6	D	יג		זונטאג
	7	S	יד		מאנטאג
	8	T	טו		דינסטאג
	9	Q	טז		מיטוואך
	10	Q	יז	שבעה עשר בתמוז	דאנערשטאג
	11	S	יח		פרייטאג
[illegible] פרק א׳	12	S	יט	פינחס	שבת
	13	D	כ		זונטאג
	14	S	כא		מאנטאג
	15	T	כב		דינסטאג
	16	Q	כג		מיטוואך
	17	Q	כד		דאנערשטאג
	18	S	כה		פרייטאג
[illegible] פרק ב׳	19	S	כו	מטות-מסעי מברכים	שבת
	20	D	כז		זונטאג
	21	S	כח		מאנטאג
	22	T	כט	ערב ר״ח	דינסטאג

[illegible]

ria-se iniciada, mas não sabia o que fazer: se ficar ou não até o fim da aula para falar com Mr. Whittle.

— Eu te agradeceria, não pusesses tanta manteiga na torrada que depois não vais comer — disse a Sra. Andrews, com ar desolado. — Só temos meio quilo e é impossível conseguir mais.

Distante, como num sonho, Penelope ouvia sua mãe discutir sôbre provisões e comentar a tormenta da noite anterior; não tomou parte na conversa. Para quê? O mundo estava cheio de beleza, o verão estava próximo e uma espécie de encantamento resplandecia por tôda parte.

Desejava que sempre fôsse assim... até no Outono, quando as fôlhas amarelecem e a atmosfera se torna brumosa...

Penelope chegou ao colégio na clara manhã ensolarada, imaginando que nunca vira as fôlhas assim tão verdes; jamais notara, antes, a profusão de rosas que cobriam os muros do pátio de esportes. Perguntava a si mesmo onde poderia estar Mr. Whittle e o que estaria fazendo. Estaria pensando nela? Porque ela, ao pensar nêle, acreditava que era agradável. "Sem dúvida, estou gostando dêle" — pensou.

Não sabia que gostava simplesmente... de Penelope Andrewis e que, durante tôda a sua vida, não amaria mais a quem quer que fôsse senão a ela própria.

Com o coração palpitante e o passo tranquilo, caminhou para o edifício das "Artes e das Ciências".

— "Penelope — disse uma voz.

Ela não esperava que êle surgisse detrás de uma árvore, a barba por fazer, atarantado, a roupa molhada, os olhos injetados de sangue.

— "Penelope — repetiu, com voz rouca.

Ela se deteve, petrificada, e ficou olhando fixamente, com a bôca aberta. Aquêle era o homem com o qual havia sonhado?

Perturbada e com um sorriso de espanto murmurou:

— Bom-dia...

— Tenho que falar com você — disse Mr. Whittle.

Parecia estar resfriado; tinha o nariz vermelho, como se tivesse passado a noite a assoá-lo.

— "Preciso... — disse novamente.

Porém, agora que Penelope estava ali, de pé, diante dêle, já não sabia, exatamente, que era o que desejava dizer-lhe. Havia esperado para vê-la... para pedir-lhe perdão... para ser consolado. Era aquilo o que desejara? Vê-la, antes de partir? Realmente, estava convencido de que deixaria Rivertown e o Colégio de Caraway. Imaginava, talvez, que, de maneira carinhosa, ela lhe pediria que não se fôsse, que ficasse para o seu amor? Não sabia! Não procurava resolver êsse problema. Sabia apenas que deseja tornar a ver Penelope.

Ela continuava ali, sob os raios do sol e o resplendor de sua jovem beleza; tudo, porém, estava mudado.

Também para Penelope tudo estava mudado; para dizer a verdade, estava profundamente transtornada. Continuava ali, sem um gesto, procurando mostrar-se cortês e olhando, de quando em quando, com ar inquieto, por cima de um ombro, para ver se vinha alguém. Não podia compreender que aquêle homem, com bastante idade para ser seu pai, o ar estranho, as roupas sujas e molhadas, fôsse Mr. Whittle. Pudera ela, realmente, repousar alguns instantes entre os braços daquele homem? Não podia acreditar. Não era verdade. Em que estivera pensando? Como pudera ela...? Oh! Como pudera?

Rubra de vergonha murmurou, sentindo-se infelicíssima:

— Não falemos disso, por favor.

Durante um longo instante, Mr. Whittle contemplou Penelope, com ar suplicante, sem falar; depois, lançou um olhar desesperado em seu redor. Compreendia, tão claramente como se ela o tivesse dito, que o achava ridículo e repulsivo. A realidade lhe aparecia a tal ponto esmagadora e decepcionante que se sentia completamente atordoado.

— Eu pensava... — disse lentamente. — Eu pensei...

— "Deus meu! — exclamou Penelope para si mesma — fazei com que eu possa fugir dêsse homem. Se alguém o ouvisse..."

— O senhor não tem o direito — disse ela. — Não tem nenhum direito!

Do fundo do seu coração ela desejava agora que o dia anterior ainda não tivesse transcorrido, que nada tivesse ocorrido; teria querido não ter conhecido jamais Mr. Whittle. Desejava apenas poder sair dali, fugindo para ir esconder-se, esquecer e sentir-se de novo limpa e livre.

Desejaria voltar para junto da sua mãe, encontrar-se de novo em seu quarto com suas cortinas suíças de estrelinhas, passear com as amigas da sua idade; desejava tornar a ver Marvin Greene. Lágrimas de cólera e de comiseração assomaram aos seus olhos.

— Retire-se — murmurou. — Afaste-se daqui, suplico-lhe!

CALENDÁRIO ISRAELITA

1952 AV אב תשי"ב

	23	Q	א	ראש חודש	מיטוואך
	24	Q	ב		דאנערשטיק
	25	S	ג		פרייטאג
הפ' חזון ישעיהו	26	S	ד	דברים שבת חזון	שבת
פרק ג'	27	D	ה		זונטאג
	28	S	ו		מאנטאג
	29	T	ז		דינסטאג
	30	Q	ח		מיטוואך
	31	Q	ט	תשעה באב	דאנערשטיק
AGOSTO	1	S	י		פרייטאג
הפ' נחמו נחמו	2	S	יא	ואתחנן שבת נחמו	שבת
פרק ד'	3	D	יב		זונטאג
	4	S	יג		מאנטאג
	5	T	יד		דינסטאג
	6	Q	טו		מיטוואך
	7	Q	טז		דאנערשטיק
	8	S	יז		פרייטאג
הפ' ותאמר ציון	9	S	יח	עקב	שבת
פרק ה'	10	D	יט		זונטאג
	11	S	כ		מאנטאג
	12	T	כא		דינסטאג
	13	Q	כב		מיטוואך
	14	Q	כג		דאנערשטיק
	15	S	כד		פרייטאג
הפ' עניה סוערה	16	S	כה	ראה מברכים	שבת
פרק ו'	17	D	כו		זונטאג
	18	S	כז		מאנטאג
	19	T	כח		דינסטאג
	20	Q	כט		מיטוואך
	21	Q	ל	א' ראש חודש	דאנערשטיק

דער מולד איז דינסטאג פרי 40 מינוט 2 חלקים נאך 6

Depois, fazendo meia volta, empreendeu a fuga, sem ao menos saber onde a levaria a senda que pisava.

CAPITULO XIII

Naquela manhã houve pelo menos outra pessoa que despertou em Rivertown com a alma cheia de angústia; essa pessoa era Amanda. Permanecera de pé, contemplando a tempestade, até depois da meia-noite. Assaltada, sem cessar, por uma grande inquietação, esperou, contra tôdas as aparências, que seu marido não se achasse sob a chuva, censurando-se com violência por tudo o que acontecera; por fim, acabara adormecendo quase contra o seu desejo, mas sem deixar de ter o ouvido atento à porta.

Quando Amanda despertou, já o sol ia bem alto. Durante uns minutos de deliciosa sonolência esqueceu os temores e angústias; depois, ao voltar-se, viu ao lado da sua a cama de seu marido, que não fôra desfeita e na qual ninguém dormira. Imediatamente, o seu coração se abateu, como pássaro fulminado pelo raio, em pleno vôo.

— "Tenho que ocultar minha inquietação a Lucinda" — pensou. — E com gestos tranquilos, porém o rosto coberto por tremenda palidez, foi preparar a refeição matinal, como se nada tivesse ocorrido.

Lucinda não fêz perguntas; aceitava, apenas surpreendida, o fato evidente de que seu pai não voltara para casa na noite anterior. Poderia ler melhor a história de Dick Tracy, sem ter que se ajoelhar no tapête a fim de ver a última página do jornal de seu pai; tal foi o primeiro pensamento de Lucinda. Quanto ao resto, não se importava muito. As pessoas adultas levavam uma vida desprovida por completo de sentido.

CALENDÁRIO ISRAELITA

1952 ELUL אלול תשי״ב

	22	S	א	ב׳ ראש חודש	פרייטאג
הפ׳ אנכי אנכי הוא	23	S	ב	שופטים	שבת
פרק א׳	24	D	ג		זונטאג
	25	S	ד		מאנטאג
	26	T	ה		דינסטאג
	27	Q	ו		מיטוואך
	28	Q	ז		דאנערשטאג
	29	S	ח		פרייטאג
הפ׳ רני עקרה	30	S	ט	כי תצא	שבת
פרק ב׳	31	D	י		זונטאג
SETEMBRO	1	S	י״א		מאנטאג
	2	T	י״ב		דינסטאג
	3	Q	י״ג		מיטוואך
	4	Q	י״ד		דאנערשטאג
	5	S	ט״ו		פרייטאג
הפ׳ קומי אורי	6	S	ט״ז	כי תבוא	שבת
פרק ג׳ ד׳	7	D	י״ז		זונטאג
	8	S	י״ח		מאנטאג
	9	T	י״ט		דינסטאג
	10	Q	כ		מיטוואך
	11	Q	כ״א		דאנערשטאג
	12	S	כ״ב		פרייטאג
הפ׳ שוש אשיש	13	S	כ״ג	נצבים-וילך	שבת
פרק ה׳ ו׳	14	D	כ״ד		זונטאג
	15	S	כ״ה		מאנטאג
	16	T	כ״ו		דינסטאג
	17	Q	כ״ז		מיטוואך
	18	Q	כ״ח		דאנערשטאג
	19	S	כ״ט	ערב ראש השנה תשי״ג [illegible]	פרייטאג

תשרי מולד אין פרייטאג ביינאכט 24 מינוט 3 חלקים אויף 9

— Vai ver que atropelaram papai — disse ela. E saiu para o colégio, sem se deter por muito tempo a pensar naquilo.

Entregue a si mesma, Amanda iniciou seus trabalhos distraìdamente. Tinha o pensamento longe, ficava olhando os objetos durante minutos inteiros, sem os ver sequer. E durante todo êsse tempo tinha as mãos frias e a imaginação tão impressionável como a de um camondongo, com o ouvido atento ao mais leve ruido que viesse de fora. Eram, porém, apenas os rumores de todos os dias, os gritos de chamada às crianças, os latidos dos cães e, de quando em quando, a passagem de algum automóvel ou algum caminhão. A rua parecia amolecer e sossegar sob os primeiros raios de sol; a casa estava povoada apenas pelo silêncio e pelas pancadas do coração de Amanda. Que fazer?

Experimentou pensar e raciocinar. Onde seu marido havia passado a noite? Existiam, é claro, vários hotéis. Poderia ter ocorrido algum acidente. Então, não deveria consultar a polícia? Tolice... Se tivesse ocorrido alguma coisa, já a polícia teria prevenido... De qualquer modo, ela só telefonaria em última instância. E, com êste pensamento, Amanda sentiu que sua coragem fugia. Mas o que não podia fazer era ficar sentada, esperando...

Uma vez mais, desesperada, chamou o número dos Blaney.

— Alfredo — disse ela. — Roberto até agora não voltou para casa!

Mr. Blaney sentiu grande surprêsa, pois que esquecera completamente a existência de Mr. Whittle.

— Onde está êle?

— Não sei — respondeu Amanda. — Creio que me abandonou.

Disse e esperou que Mr. Blaney a tranquilizasse.

Mr. Blaney pousou o receptor com ar pensativo. Sentia-se emocionadíssimo e aborrecido: muito mais do que teria jamais imaginado. "Começam as perturbações — pensou. — Sim; sérias perturbações. Eu, por minha parte, *retiro a minha ficha dêste jôgo*". Porém Mr. Blaney não conseguia, apesar disso, despojar-se de uma vaga impressão de culpabilidade e se sentia um pouco perturbado; afinal, era inegável que êle fizera, na noite anterior, certas declarações das quais não guardava uma recordação exata, mas que podiam ter sido mal interpretadas... Deixara-se levar... enfim, quase se deixara levar até aquêle ponto que não recordava muito bem em que pronunciou palavras que, dada a marcha que haviam tomado os acontecimentos, eram de tal natureza que podiam muito bem inspirar-lhe certo alarma. Amanda era bonita, era sedutora: isto era inegável, porém não devia esperar dêle que velasse por sua sorte; afinal, êle não era mais que um amigo; tinha sua mulher e seu lar. Portanto, *adeuzinho*...

Não, não; positivamente, mais valia esquecer aquêle passeiozinho sob o luar. Fôra uma grande tolice aquêle passeio; e se alguém os tivesse visto? De fato, sentir-se-ia desolado, caso tivesse acontecido algum acidente com Mr. Whittle... mas por que Amanda se voltava para êle? A não ser que tivesse ela pensado... imaginado... suposto, por um só instante, que êle tivera a intenção de... ?

Que pensamento mais irritante! Com o rosto grave e a fronte resolutamente enrugada, dirigiu-se ao Banco a tôda pressa, dando a sua secretária a ordem de que, se, por casualidade, se apresentasse a Sra. Whittle, lhe dissesse, simplesmente, que havia saído.

Porém, a pobre Amanda não pensava nada de mal e não tinha a menor intenção de procurar Mr. Blaney. Em lugar disso, dirigiu-se a Eugênia, sabendo que o marido a conhecia muito bem e que ia, algumas vêzes, à sua casa, para tomar chá, ao sair do colégio. Talvez Eugênia estivesse a par de alguma coisa; era uma tábua de salvação bem delgada, porém Amanda preferia agarrar-se a ela que permanecer em casa, sem fazer nada... ou chamar a polícia. Estava louca de mêdo!

Quando Eugênia se inteirou de que Mr. Whittle não aparecera em casa, levantou as sobrancelhas e assumiu atitude cheia de gravidade.

— Então era verdade? — disse.

"Devo dizer-lhe que ontem, à noite, ao voltar em automóvel para minha casa, pareceu-me distinguir seu marido; porém não consegui estabelecer uma relação entre o que vi e o que julguei ver... Do contrário iríamos mais longe do que desejamos.

— Sim? — perguntou Amanda, com impaciência. — E onde estava êle?

— Na avenida Elmwood — disse Miss. Warren, após ligeira hesitação.

— Ah! — exclamou Amanda desolada. — A avenida Elmwood era muito extensa. — Estaria passeando? — acrescentou, acreditando proferir uma evidência.

— Não... Estava sentado — respondeu Eugênia em tom tranquilo.

Amanda teve a impressão de que a professôra de desenho não dizia o que pensava.

— Poderia dizer-me onde o viu?

— Não sei o número da casa — disse a professôra. — Mas poderia levá-la até lá, se acha que vale a pena...

Sentia piedade por Amanda; teria preferido nada dizer. Mas talvez fôsse aquilo o melhor.

— Creio que não há outra coisa a fazer — disse Amanda. — Se isso não a incomoda muito...

Miss Warren a levou até à casa do pequeno muro de pedra e esperou, enquanto Amanda descia do automóvel e atirava olhares inquietos em redor. Porém tudo parecia normal.

— Está certa de que não se enganou de local? — perguntou Amanda.

— Estou — disse Miss Warren. — Estava sentado ali; a luz dos faróis deu de cheio...

Parecia coisa absurda bater à porta para perguntar se alguém tinha visto um homem sentado sôbre o muro, na noite anterior. Mas que outra coisa tinha a fazer? E, se, por acaso, alguém tinha visto Mr. Whittle ou falado com êle? Não seria ridículo? Amanda hesitou mas, apesar de tudo, após alguns segundos, calcou a campainha.

Quando a porta se abriu, Amanda estava de costas para ela; tinha os olhos cravados no pequeno muro de pedra. Voltou-se, rápida, ficando um instante completamente paralisada.

Penelope Andrews, com o rosto melancólico estava de pé, à sua frente. Havia chorado. Tinha os olhos vermelhos e as faces pálidas. De imediato não reconheceu Amanda.

— Mamãe não está em casa — disse em tom triste.

Repentinamente, recordou ter visto Amanda, uma noite, no cinema, em companhia de Mr. Whittle. Certamente era a sua espôsa!

— Oh! — exclamou, com a respiração cortada. Seus olhos se encheram de lágrimas e, levando uma das mãos à bôca, prêsa de pânico, rodou nos calcanhares e desapareceu no interior da casa.

Amanda a seguiu lentamente.

—"*Era isto* — pensou — *era isto o que Eugênia me queria ocultar. A coisa deve durar já algum tempo... E eu sem saber de nada!*"

Penelope se refugiara na biblioteca; de um vão da janela enfrentou a visitante, como um camondongo entrincheirado junto da parede, estendendo os dois braços para a frente, para proteger-se.

— Que quer de mim? — exclamou. — Não fiz nada de mau!

Amanda permaneceu de pé, fitando-a. Naquela menina bonita estúpida, reduzida à impotência, o rosto molhado de lágrimas e semi-morta de mêdo, julgou ler tôda a história de Mr. Whittle e a razão da sua estranha conduta.

Não havia necessidade de procurar mais longe.

Penelope se deixara cair sôbre uma cadeira cobrindo o rosto com as mãos.

— Não foi culpa minha — murmurava —, e a verdade é que não houve nada, nada absolutamente!

— Estou convencida disso. Estou absolutamente convencida de que não houve nada — disse Amanda.

— Preferia estar morta! — disse Penelope, em tom desesperado .

FESTAS RELIGIOSAS DO CALENDÁRIO ISRAELITA

Festas Religiosas	5710-תש"י 1950	5711-תשי"א 1951	5712-תשי"ב 1952	5713-תשי"ג 1953
Rosh Hashanah	Set. 12-13	Outubro 1-2	Setemb. 20-21	Set. 10-11
Zom Gedaliah	Set. 14	Outubro 3	Setemb. 22	Set. 12
Yom Kippur	Set. 21	Outubro 10	Setemb. 29	Set. 19
Succoth	Set. 26-27	Out. 15-16	Out. 4-5	Set. 24-25
Hoshana Rabah	Out. 2	Outubro 21	Out. 10	Set. 30
Shemini Atzereth	Out. 3	Outubro 22	Out. 11	Out. 1
Simchath Torah	Out. 4	Outubro 23	Out. 12	Out. 2
Chanukáh	Dez. 4-11	Dezemb. 24-31	Dez. 13-20	Dez. 2-9
		1952		
Assoro be Teveth	Dezemb. 19	Janeiro 8	Dez. 29	Dez. 16
	1951		1953	1954
Taainith Esther	Março 21	Março 10	Fevereiro 28	Março 18
Purim	Março 22	Março 11	Março 1	Março 19
Pesach	Abril 21-28	Abril 10-17	Mar. 31-Abr. 7	Abril 18-25
Pentecosta	Junho 10-11	Maio 30-31	Maio 20-21	Junho 7-8
Jejum de Tamus	Julho 21	Julho 10	Junho 30	Julho 18
Jejum de Av	Agosto 11	Julho 31	Julho 21	Agosto 8

— Receio muito que isso nada resolveria — disse Amanda.

Sentia-se sacudida por violento tremor e, por um instante, teve que apoiar-se à parede.

— Onde está êle? — perguntou. — E' só o que desejo saber.

— Não sei — gemeu Penelope. — Não sei onde está, nem quero tornar a vê-lo.

E estalou em soluços.

Amanda permaneceu de pé, contemplando-a, com o coração transbordante de cólera e de desprêzo, e muito inquieta pelas consequências que tudo aquilo poderia trazer para o marido. — *"Vocês, moços,* — pensou — *pensam que são valentes, astutos e fortes. Pensam que são capazes de conduzir a embarcação e de não ter que pagar, jamais, nada. E por quê? Pensem um pouco no que aconteceu com o diplococus. Oh! Meu Deus... Parece-me ouvir Roberto falar!"*

Não podia contar com nenhuma ajuda de Penelope. Compreendia isso perfeitamente. Por isso deu meia-volta e se dirigiu para a porta; porém, antes de sair, lançou a Penelope, sempre em lágrimas, um olhar grave e indignado:

— Seja como fôr — disse — não irá vituperar meu marido, nem lançar-lhe tôda a culpa. E' muito mais tolo do que eu pensava, mas não tem o costume de forçar alguém a agir como lhe convém. Há de chegar o dia em que compreenderá tudo o que fêz. Assim o espero, pelo menos. Enquanto isso, no seu lugar, eu nada diria do que se passou. A ninguém, entendeu?

CAPITULO XIV

Amanda voltou ao automóvel com o rosto convertido em mármore.

— Sem dúvida, enganamo-nos de local — disse muito calma. — Não viram ninguém aqui, esta noite.

— Sim; enganei-me, com certeza... Estava tão escuro — disse Miss Warren. Mas teve imensa piedade de Amanda.

As duas mulheres acabavam de assegurar-se mùtuamente, desta maneira, que sabiam tudo o que era preciso saber. Miss Warren levou Amanda para casa e ali a deixou. Esta caminhou com passo ligeiro, os lábios contraídos por um sorriso. Porém, uma vez fechada a porta, subiu a escada como se se visse perseguida pelo demônio. Chegada ao seu quarto, atirou-se sôbre o leito. Ali, com os olhos secos, sentiu a tempestade explodir dentro dela. A despeito de tudo o que dissera a Penelope Andrews, era a cólera que a dominava. Que Mr. Whittle *brincasse com os cometas* — segundo a expressão de desprêzo que empregava — ou que estivesse lá onde fôsse, tudo lhe parecia de menor importância do que a certeza de ter sido enganada. Enganada, só? Muito pior do que isso: pusera-a em ridículo! Não tivera, sequer, a decência de escolher uma mulher de sua idade, como Eugênia Warren ou a Sra. Blaney.. Procurara abrir os olhos de uma criatura com pouco mais idade que Lucinda, quase menina, sem mais idéias na cabeça que uma boneca — e que podia ser sua filha!

Sua filha... Que seria dela agora? Que seria da pobrezinha? Que seria... das duas? Poderia levar Lucinda para à casa dos avós — pensava — enquanto cuidaria do divórcio. Porém Lucinda não estaria contente, nem ela própria poderia jamais encontrar a paz. Mas a vida era assim mesmo. Sempre se acabava daquele modo, quando não se sabia conter os impulsos. Só lhe restava preparar as malas e sair antes de que êle voltasse.

— Quer volte, quer não, a mim pouco importa — disse orgulhosamente. — Não desejo mais vê-lo.

Sentindo que aquelas palavras tinham soado muito como as de Penelope Andrews, sentiu redobrar seu furor ante aquela nova prova da má conduta do marido.

Dispunha-se a romper a pontapés a colcha de rendas, quando de repente, ficou imobilizada, levantando a cabeça para ouvir. Havia alguém no banheiro; ouvia a água correndo. Lucinda teria voltado do colégio? Não; era muito cedo. Muito intrigada, levantou-se sôbre os cotovelos.

— Quem está aí? — perguntou.

Não obteve resposta: a pessoa, fôsse quem fôsse, parecia fazer gargarejos. Amanda abriu desmesuradamente os olhos, empalideceu, apertou os punhos e exclamou:

— Quem está aí? E' você, Roberto?

Por tôda resposta recebeu um espirro formidável e, um instante depois, Mr. Whittle aparecia à entrada do quarto, com um copo na mão direita e uma capsula na esquerda.

— Apanhei um resfriado — disse êle.

Amanda desejara não ver mais seu marido. Porém imaginara Roberto com o ar duro, provocativo, ou então contrito e envergonhado; de qualquer forma, como um inimigo a quem abater com uma palavra ou com um silêncio. Vendo-o, ao contrário, pálido e febril, os cabelos em desordem, a roupa amarrotada e suja, os olhos e o nariz vermelhos, úmidos, saltou da cama e, atravessando o espaço que os separava, como um vendaval, pousou a mão sôbre a fronte do culpado.

— Você está doente — exclamou. — Tem febre! Muita febre!

Tirando-lhe o copo da mão, empurrou-o vivamente para a cama.

— Tira a roupa — disse — enquanto vou esquentar água.

Mr. Whittle, como embotado, deixou-se meter na cama e administrar uma aspirina acompanhada por uma limonada quase fervendo. Sentia-se muito fatigado e dolorido para fazer objeções; já não recordava mais o que ocorrera, esquecendo-se de que vira Amanda beijar Mr. Bla-

O CARRINHO DO BEBÉ
(GRANDEZA E DECADÊNCIA)



Primeiro filho



Êrro de cálculo

ney. Quanto mais horas iam passando mais febril se achava, até que, por fim, ao cair da tarde, Amanda mandou chamar o médico, que prescreveu comprimidos de sulfamidas e para Amanda tanto repouso quanto fôsse possível.

— Dêem-me notícias — pediu, antes de sair. — Voltarei amanhã cedo.

Na manhã seguinte já não podia haver dúvida: Mr. Whittle tinha uma pneumonia. Respirava com certa dificuldade e se assustaram. Estava estirado sôbre a cama, olhando para o teto e sua respiração era lenta e penosa. Estranha impressão, aquela, de ver as coisas mais simples, as mais correntes, como o ar, tornarem-se hostis e ter que lutar sem trégua para conservar a vida... lutar com tôdas as fôrças... Não lhe ocorreu a idéia de deixar de fazer aquêles esforços para conservar a vida, de deixar-se vencer; mas que fatigante e medonho era tudo aquilo! Mr. Whittle formara uma idéia muito diferente da missão que tinha neste mundo — qualquer outro poderia fazer aquêle trabalho em seu lugar. Aquêles pulmões, que lhe doíam tanto, que se contraíam e dilatavam com tanto esfôrço e com tão má vontade, aquêle coração que batia pesadamente... não os identificava como seus, *não eram de Mr. Whittle!* Mr. Whittle era outra coisa muito diferente: um fragmento daquele sonho de Deus, que era o Universo, *os olhos através dos quais Deus contemplava o mundo...*

Amanda estava sentada à cabeceira de sua cama; observava o enfêrmo, ouvia sua respiração lenta e ruidosa, cuja significação tentava eludir. A verdade era que em sua vida jamais sentira tão grande mêdo. Também a ela custava reconhecer Mr. Whittle. A criatura que penava, que lutava ali, sôbre aquela cama, era para ela um desconhecido, algum desgraçado estranho, cuja vida estava apenas por um fio, um fio que só ela, Amanda, podia preservar. Instantes depois, compreendia muito bem que era, de fato, Mr. Whittle quem ali estava, prêsa do sofrimento e do mêdo e que, de quando em quando, voltava para ela olhares suplicantes. *"Oh, meu Deus!* — pensava. — *Fazei com que êle não morra! Dizei-me o que devo fazer!*

Com uma espécie de náusea, trazia à memória tôdas as ocasiões em que havia brigado com o marido. Em geral, ela sempre tivera razão, mas, de que servia isso, agora? Dia após dia, *pelo único prazer de ter razão*, havia estragado a sua felicidade... E agora sabia que a única maneira de ter razão era amar sem raciocinar.

"Quando era moça — pensava com tristeza — minha vida não era governada pelo espírito, mas pelo coração. Devolva-me meu marido, Senhor. Posso perdoá-lo, perdoá-lo de tudo, menos de que venha a morrer."

Mr. Whittle estava muito longe; o espírito cheio de brumas, assolado pela febre e aniquilado pelas drogas, imaginava estar de novo em Rider Road, enquanto a escuridão o envolvia e soprava o vento. Em meio do negror, ouviu de repente a voz de Deus, embora não o visse.

— Muito bem — disse Deus, em tom tranqüilo. — Que foi que Eu te disse?

Mr. Whittle inclinou a cabeça com resignação.

— Chegou, verdadeiramente, o tempo em que devo morrer? — perguntou humildemente.

— A que tempo te referes? — replicou Deus. — Preferes medir por seu conteúdo ou por sua duração? Só nestes três últimos dias, viveste uma existência. Tens que te consolar com isso.

Mr. Whittle começou a gritar, dirigindo-se ao Invisível.

— Não! Não me contento com isso; não me peças que me resigne!

— Êsse é o teu maior defeito — disse Deus deixando escapar dos lábios sorridentes e bondosos um prolongado suspiro, que encheu a escuridão. — Nunca estás contente. Apesar de todos os teus estudos e todos os teus diplomas — acrescentou com doçura — nunca procuraste compreender fôsse o que fôsse. Nunca chegaste a distinguir o que te pertencia e o que não era tua propriedade. Êste universo é Meu, não porque alguém o deu a mim, mas porque é obra das Minhas mãos e por tudo o que nêle coloquei. Se alguma coisa te pertence, em propriedade, é pela mesma razão.

— Eu tinha um lar! — disse Mr. Whittle. — E uma família.

— E não estavas contente.

— Porque deseja algo mais belo — disse Mr. Whittle a modo de escusa — algo como o paraíso.

O CARRINHO DO BEBÊ
(GRANDEZA E DECADÊNCIA)



O Deslocado (Porque o Carlinhos cismou de tão cedo?)

O último «rebento»



Fim de vida.

— A beleza só existe nos olhos de quem a vê. Eu mesmo! O paraíso também.

Deus ficou silencioso, por uns instantes, e Mr. Whittle acreditou que o ouvia respirar, porém era a sua própria respiração, rouca e penosa, o que ouvia.

— Bem — disse em tom sonolento. — E' muito tarde...

— Achas muito cortês — perguntou Deus — dar-me, assim, com a porta na cara?

— Não fiz isso... — disse Mr. Whittle. — Perdoa-me.

E acrescentou simplesmente, muito sincero e queixoso:

— "Tive um dia muito duro!"

— Bem sei — disse Deus, e acrescentou: Não penses que não tenho coração. Não sou indiferente. Isto não significa, absolutamente, que Eu não saiba amar; porém Meu amor é diferente do teu até nisto; deve estender-se até o infinito e durar eternamente. De outra maneira Eu não teria razão de ser!

Uma estrêla errante raiou, riscando o céu de alto a baixo e deixando atrás de si uma esteira prateada.

— Sou eu? — perguntou Mr. Whittle.

— Fizeste um voto? — perguntou Deus com voz meiga.

— Esqueci... Passou tão depressa!

— Ainda não é tarde! — ponderou Deus.

— Bem... Então — disse Mr. Whittle, com tôda a fôrça do seu coração — desejo ver uma vez mais Amanda, antes de morrer.

A luz prateada foi tornándo-se cada vez mais brilhante, até encher todo o espaço e todo o tempo. Mr. Whittle fechou os olhos para fugir à luz que lhe causava dano; depois entreabriu de novo as pálpebras com precaução. Parecia estar em seu próprio quarto e em sua casa de Rivertown; alguém estava inclinado sôbre seu leito e sorria. Era Amanda; e atrás dela alguém mais... o médico; sim, agora recordava. Sentia-se rejuvenescido, embora fraco; e podia respirar de novo!

— A crise passou — disse o médico com ar satisfeito.

Mr. Whittle estendeu a mão trêmula para sua mulher:

— Êle disse que ainda não era muito tarde — murmurou.

Amanda tomou-lhe a mão entre as suas e a levou aos lábios. Depois, pousando a cabeça junto da dêle, sôbre o travesseiro, chorou amargamente pela primeira vez.

— Não podias, ao menos, calçar as galochas — disse, soluçando — para andar sob a chuva?

E essa foi a sua grande, a sua única censura.

FIM

★

AO GALO QUE CANTA APERTA-SE A GARGANTA

Aplica-se êste provérbio às pessoas que falam em demasia ou que são incapazes de guardar um segrêdo, e que costumam criar situações embaraçosas em conseqüência dêsse defeito.

Querendo ver os seus móveis sempre novos conserve-os com óleo de peroba.

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 — 1951

SEDE — RIO DE JANEIRO

TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPÓSITOS


DEPÓSITOS SEM LIMITES ..... Depósito inicial mínimo, Cr$ 1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.	2% a.a.
DEPÓSITOS POPULARES (Limite de Cr$ 10.000,00) .... Depósitos mínimos, Cr$ 50,00. Retiradas mínimas, Cr$ 20,00. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Cr$ 50,00; b) excedentes ao limite; c) das contas encerradas antes de decorridos 60 dias da data da abertura.	4½% a.a.
DEPÓSITOS LIMITADOS — Limite de Cr$ 50.000,00	4% a.a.
— Limite de Cr$ 100.000,00 Depósitos mínimos, Cr$ 200,00. Retiradas mínimas, Cr$ 50,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 200,00. Demais condições idênticas às de Depósitos Populares.	3% a.a.
DEPÓSITO A PRAZO FIXO Por 12 meses	5% a.a.
Com retirada mensal da renda, por meio de cheques: Por 12 meses .... Depósito mínimo: Cr$ 1.000,00.	4½% a.a.
DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO Para retiradas mediante aviso prévio: De 30 dias	3½% a.a.
De 60 dias	4% a.a.
De 90 dias .... Depósito inicial mínimo — Cr$ 1.000,00.	4½% a.a.
LETRAS A PRÊMIO Por 12 meses (sêlo proporcional)	5% a.a.

★

O BANCO DO BRASIL S. A. FAZ TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS — DESCONTOS, EMPRÉSTIMOS EM CONTA CORRENTE GARANTIDA, COBRANÇAS, TRANSFERÊNCIAS DE FUNDOS, ETC.

NA CAPITAL FEDERAL, além da AGÊNCIA CENTRAL, à RUA 1º DE MARÇO nº 66, estão em pleno funcionamento as seguintes AGÊNCIAS METROPOLITANAS, que fazem, também, tôdas as operações acima enumeradas:

BOTAFOGO — Rua Voluntários da Pátria, nº 449.
CAMPO GRANDE — Rua Campo Grande, número 162.
COPACABANA — Av. Nossa Senhora de Copacabana, nº 1.292 - loja.
GLÓRIA — Rua do Catete, nº 238-A.
MADUREIRA — Rua Carvalho de Souza, número 299.
MÉIER — Av. Amaro Cavalcanti, nº 95.
BANDEIRA — Rua Mariz e Barros, nº 44.
RAMOS — Rua Leopoldina Rêgo, nº 78.
SÃO CRISTÓVÃO — Rua Figueira de Melo, número 360.
SAÚDE — Rua do Livramento, nº 63.
TIJUCA — Rua General Roca, nº 661 — Praça Saenz Peña, nº 86.
TIRADENTES — Av. Gomes Freire, nº 196.



COMPANHEIROS DE CAÇADAS — Por N. Drummond

CONFEITARIA
COLOMBO



A COLOMBO caracterisa a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs, e «cocktaills» acolhem diàriamente o escól da sociedade carioca para os sutís prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS — FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS ALIMENTÍCIAS MARCA "COLOMBO" — ESPECIALIDADE EM DOCES, GELÉIAS, ETC. ETC..



MATRIZ:
Rua Gonçalves Dias, 32/36
Anexo à Rua 7 de Setembro, 94/96

FILIAL:
Avenida N.S. Copacabana, 890

FÁBRICA:
Rua Livramento, 174/184
Fone: 43-6925 — Rio

FRANÇA & CIA. LTD.

OS MORTOS DO ANO

(Continuação)

15 — Em Beverly Hills, Califórnia, William Randolph



William Randolph Hearst

Hearst, magnata da imprensa, proprietário de 23 diários e revistas.

15 — Em Barra Mansa, o industrial e sportsman, Vitor de Morais. Era filho do Visconde de Morais.

16 — Em Paris, o general e escritor francês, Paul Azan.

25 — No Estado do Maine, EE. UU., o Sr. Carl Alden Sylvester, que durante muitos anos viveu no Brasil, dirigindo a



Sr. Carl Anden Sylvester

Light e emprêsas associadas.

Em Sydney, Austrália, Brian Penton, diretor do «Sydeny Daily Telegraph» e aplaudido novelista, tendo sido um dos mais destacados defensores da Liberdade de Imprensa.

SETEMBRO

3 — Na cidade de Braga, onde se achava [illegible] pessoas de sua família, faleceu o Comendador Armando [illegible] Castro, diretor-presidente da Granado, Laboratórios, Farmácia e Drogarias Ltda.

Altamente relacionado na sociedade brasileira, o extinto ti-

CIDADE CENTENÁRIA DE 1951

CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO

(ESTADO DE MINAS GERAIS)

"...E quatro milhas adiante, cheguei à Conceição, grande aldeia muito bela. Levaram-me à casa do vigário, que gentilmente me deu um quarto para dormir e que, por ver que eu não passava bem, convidou-me a repousar um dia, oferta que aceitei com prazer. Recebi muitas visitas dos sertanejos; a notícia da chegada de um inglês tinha despertado a sua curiosidade. Alguns tinham oitenta anos de idade, e como habitassem êsse lugar há mais de cinquenta, estavam em condições de dar informes curiosos sôbre o país, assim como sôbre o progresso e decadência das minas. Fiquei satisfeito com os pormenores que êles me forneceram e ainda mais com a atenção do bom vigário, em corrigir os enganos dêles, para que eu não fôsse induzido a êrro, casual ou propositadamente.

Não sei como, mas espalhando-se o boato de que eu era médico, procurou-me um grande número de enfermos, sobretudo velhos, mulheres e crianças, para fazerem consultas. À noite, as moças vieram cantar lindas modinhas, acompanhadas ao violão."

John Mawe («Travels in the Interior of Brazil») Filadélfia, 1816



Vista parcial de Conceição do Mato Dentro.

Como dezenas de outras cidades brasileiras, Conceição do Mato Dentro foi, a princípio, um pouso de bandeirantes.

A 8 de dezembro de 1702 Gabriel Ponce de Lion, proprietário de vastas sesmarias, e ali residente, saiu com outros aventureiros à procura de minas. Encontraram ricas lavras auríferas e como o espírito religioso dominasse paradoxalmente aquêles homens rudes, deram ao lugar o nome de Conceição do Mato Dentro, em homenagem à santa do dia, Nossa Senhora da Conceição, a qual ficou sendo até hoje padroeira da freguesia. A imagem que se encontra na atual matriz foi adquirida por Ponce de Lion em Itu, no ano de 1703. Diz o historiador Geraldo Dutra de Morais que poucas cidades possuem o acervo documental-religioso de que dispõe Conceição.

Desde o govêrno do Conde de Barbacena os habitantes do lugar vinham suplicando aos poderes competentes a especial mercê do arraial ser elevado à categoria de vila. Mas nada conseguiam.

Por isso, quando a 1.° de abril de 1840, chegou aquela notícia em forma de boato, ninguém acreditou. Mesmo porque, a data não ajudava a que se desse crédito a coisa nenhuma.

Mas era verdade. Emissários oficiais chegavam dentro em pouco à Conceição exibindo cópia da lei n. 171, de 23 de março de 1840, decretada pela Assembléia Legislativa e sancionada pelo presidente Bernardo Jacinto da Veiga, na qual se declarava terem subido à categoria de vila diversas povoações mineiras, inclusive Conceição.

Durante uma semana inteira o povo comemorou "a alforria sonhada secularmente por várias gerações conceicionenses", como dizia o Coronel Joaquim Bento

Ferreira Carneiro. Mas logo depois começou-se a pensar na condição expressa no artigo 3.º da lei redentora: "...nenhuma vila criada poderá ser instalada sem que os habitantes dos novos municípios tenham construído à sua custa cadeias seguras e casas para as sessões das Câmaras Mu-



Edifício do Tribunal do Júri e Cadeia Pública, e onde funcionou por muitos anos também a Câmara Municipal. Foi construído por fôrça da lei que criou o município e aí se realizaram as solenidades de instalação, a 11 de março de 1842.

nicipais e Conselho de Jurados, conforme os planos que foram determinados pelo govêrno."

O papel de uma subscrição popular voou célere, de mão em mão, e um ano depois estava construído majestoso edifício destinado a servir simultâneamente de Câmara, Tribunal do Júri e cadeia. O município de Conceição do Mato Dentro foi instalado a 11 de março de 1842, data natalícia da princesa imperial Dona Januária. Estavam presentes o Comendador José Ferreira Carneiro e o Capitão João da Silva Andrade, presidente e secretário da Câmara da cidade do Sêrro, de cujo município se desmembrara. Nove anos depois, a Assembléia Legislativa decretou e o Presidente da Província de Minas Gerais, Dr. José Ricardo de Sá Rêgo, sancionou a lei n.º 553, de 10 de outubro de 1851, elevando a vila de Conceição à categoria de cidade. E' êste o centenário que ora comemoramos.

A cidade de Conceição do Mato Dentro está situada na encosta do Morro da Boa Vista, da Serra da Mina, ou Ferrugem. E' também banhada pelo córrego Cuiabá, popularmente chamado "do Vintém". Sob o ponto de vista da beleza panorâmica, dizem que bem poucas cidades a superam. Construída quase inteiramente em estilo colonial, ainda guarda em suas ruas desalinhadas a poesia dos velhos tempos. Além das Igrejas Matriz, do Rosário e de Santana, possui também, em matéria de arte religiosa, o célebre Santuário do Bom Jesus de Matozinhos. O calçamento público é feito com pedras irregulares, o chamado "pé-de-moleque" do sertão mineiro. Há serviço de abastecimento de água, porém não há rêde de esgotos.

Merece menção especial o chafariz da Praça Dom Joaquim, construído em 1825, para substituir o pelourinho, que funcionava no meio da praça. Foi construído



Casa colonial, com guarnições artísticas, de madeira, antiga residência dos guarda-mores.

em pedra-sabão, pelo mestre José Caetano, e é uma mescla de detalhes indígenas e africanos, peça de grande valor e única nesse estilo, existente em Minas Gerais.

A cidade está situada a 112 quilômetros da capital do Estado, em linha reta, e 184 quilômetros, pela estrada de rodagem, distância que se vence em quatro

nha também uma posição de relêvo nos meios portuguêses. Era diretor do Gabinete Português de Leitura e da Federação das Associações Portuguêsas, membro do Conselho Deliberativo do Liceu Literário Português,



Comendador Armando Vieira de Castro

da Casa de Portugal, da Casa do Minho, do Centro Trasmontano, da Câmara Portuguêsa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, da Irmandade de N. S. da Penha de França. Tendo nascido em Freitas, Fafe, a 2 de agôsto de 1886, e descendente de uma das mais tradicionais e ilustres famílias portuguêsas, chegou ao Brasil em 14 de janeiro de 1907, onde iniciou a luta pela vida como simples auxiliar da Casa Granado, na qual, galgando todos os postos, havia de subir mais tarde à sua presidência.

9 — Em Hechigen, Wurtemburgo, Alemanha, o ex-Kronprinz da Alemanha, filho do imperador Guilherme II, que foi o último imperador germânico,



O ex-Príncipe Herdeiro da Alemanha

horas e meia de corrida. O recenseamento de 1951 encontrou, em todo o município, 38.793 habitantes, para uma área de 3.381 quilômetros quadrados. O orçamento é de mais de duzentos mil cruzeiros anuais, afora as taxas de impostos federais asseguradas pela Constituição aos municípios do interior.

Para uma população assim tão densa existem apenas meia dúzia de médicos, sendo três na cidade. A moléstia que mais aflige a população é a verminose.

A instrução pública está regularmente difundida na sede municipal através do Grupo Escolar "Daniel de Carvalho", da Escola Normal anexa ao Asilo São Joaquim, do Ginásio São Francisco e de grande número de escolas primárias. Quanto à zona rural... chega-nos de lá êsse brado patético: "Município de densa população, há sempre uma infinidade de crianças, em idade escolar, privadas da alfabetização, conquanto inteligentes e esforçadas, porque é deficientíssimo o número de escolas. Nem o dôbro das atualmente em funcionamento comportaria a matrícula das crianças que ora reclamam luz para o seu espírito."

A agricultura é uma das principais atividades econômicas do município, porém os lavradores lutam sòzinhos contra a saúva, o maior entrave ao seu trabalho, embora outras pragas não sejam ali desconhecidas.

Terminamos fazendo dois registros simpáticos: desde 1901 funciona regularmente, em Conceição, a Biblioteca Municipal, cujo acervo vai aumentando de ano para ano. E funciona também o pequeno "Hospital Nossa Senhora da Conceição", mantido pela Prefeitura, em parte, pois é ajudado pelas contribuições da população mais abastada.


Atual Paço Municipal.

Destina-se aos pobres, os quais, nos seus trinta leitos, recebem socorros de médicos generosos que ali trabalham gratuitamente.

A cidade recebeu a designação "do Mato Dentro" para diferençar-se de outra Conceição, a "do Rio Acima". A toponímia de Minas Gerais é a mais pitoresca do mundo!

O "MAGRO" VOLTOU A SER MAGRO!



Laurel e Hardy estiveram recentemente em Paris, onde filmaram «Atoll K», com Suzy Delair. Laurel, entretanto, adoeceu gravemente, recolhendo-se a um hospital. Agora está novamente bom e, pela fotografia, tomada à porta do hospital, os seus «fans» podem verificar que Laurel voltou a ser o magrinho dos bons tempos, pois que, ùltimamente, estava até bem gordinho...

"A BELA E O GUARDA REAL"

O clássico postal representando a moça bonita e o agente de tráfego londrino foi substituído por êste outro que nos mostra a Bela e o guarda real, de sentinela à porta do Palácio de Buckingham. A linda pequena soube assumir com feminina habilidade a forma que faz ressaltar a sua graça e a graça do seu vestido, que estampa figuras com motivos militares, diante da aprumada gravidade do soldado de Sua Majestade britânica. A disciplina do batalhão da Guarda Real é uma das coisas mais incomovíveis que existem no império, resistindo, mesmo, às transformações operadas pelo trabalhismo de Mr. Attlee! Daí a impassibilidade do sentinela, enquanto a linda pequena tenta atrair a sua atenção. Nem um olhar, nem um sorriso! Continua imóvel! Imperturbável!



Não há alegria no lar sem a mulher; não há nêle poesia sem a criança. — **M. de Remusat.**

★

Feliz aquêle a quem Deus fêz nascer de uma família boa e santa. — **Lamartine.**

★

O pedante — afirma Jules Renard — é um homem que tem a digestão intelectual difícil.

O ANO AERONÁUTICO

(Outubro de 1950 a agôsto de 1951)

Resumo dos principais fatos que marcaram o incessante desenvolvimento da aviação em geral.

OUTUBRO — 1950

Abrimos o nosso Ano Aeronáutico com uma notícia local. A inauguração, a 3, da linha Pôrto — Alegre — Erechim — Foz do Iguaçu — Guaíra — Monte Alegre — São Paulo — Rio de Janeiro e vice-versa, da Varig. ★ A 6 temos a assinalar a morte de Emile Dubonnet, um dos pioneiros da aviação francesa, em Monthieux, Sologne, aos 67 anos de idade. Fêz numerosas ascenções, em balão esférico, disputando a Taça Gordon-Bennet em 1908, 1909 e 1911. Recordista, em 1912, em distância, em balão (França-Rússia), foi também o recordista da distância em linha reta, em avião, em 1910, efetuando vôo de 109 quilômetros. ★ A 7, de Roma, informam que um avião comercial da LATI voou, sem escalas, de Nova York à capital italiana, em 15 horas e 11 minutos. ★ De Nova York, a 8, revelam que paralisaram os trabalhos da fabricação de motores Wright, por greve dos operários. O dia 12 assinala a saída do primeiro avião brasileiro, quadrimotor da Panair do Brasil, para Beirute. ★ A 15, uma estatística revela que há, atualmente, uma decolagem de quatro em quatro segundos, em todo o mundo. ★ A 16, de Nova York noticiam que um Stratocruiser, depois de perder dois motores, dos quatro que possuía, terminou com êxito a travessia do Atlântico Norte, da Inglaterra aos Estados Unidos. ★ De Roma, a 16, informam ter morrido Silvano Tajani, em acidente com seu avião. Era o melhor paraquedista da Itália. ★ De São Paulo, a 25, noticiam melhorias na pista do aeroporto de Taubaté.



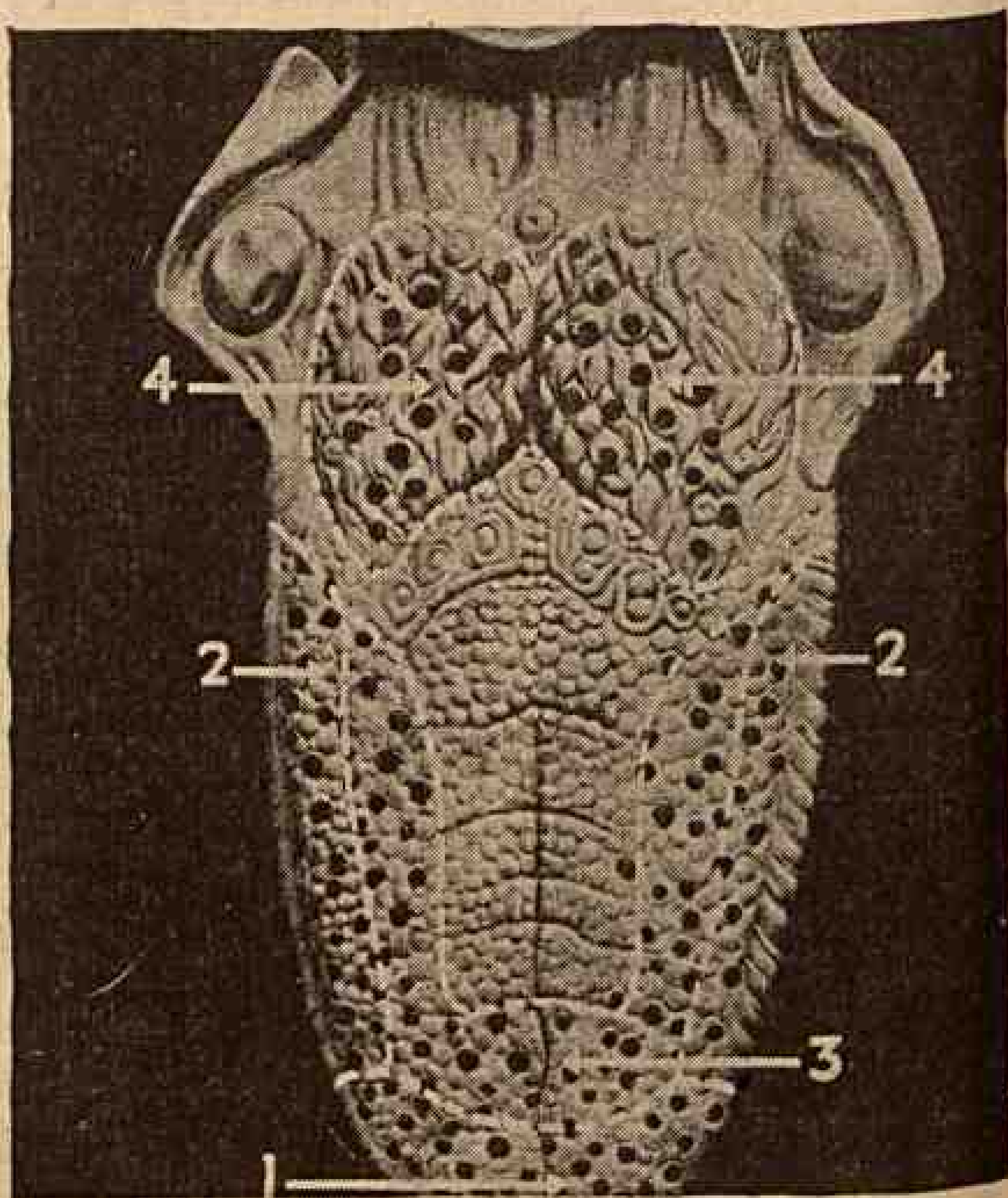
O famoso «Lockhead F. 90», a jato, considerado o «mais útil» avião do momento e um dos mais velozes do mundo. Tem um só pilôto.

NOVEMBRO — 1950

Inauguramos o mês com uma notícia do maior interêsse local. Na festa da Semana da Asa, promovida pelo Aero Clube de Santos, S. Paulo, jovem paraquedista da Escola de Paraquedistas Civis do Estado, Fernando José Medeiros, supera o recorde sul-americano de saltos em páraquedas, de menor altura, lançando-se de 99 metros (300 pés), no dia 2. ★ A 4, de Washington, anunciam ter sido aprovado projeto para a construção de porta-aviões de 60 mil toneladas, de onde poderão decolar bombardeiros munidos de bombas atômicas. ★ A Panair do Brasil, a 8, revela que transportou num só mês (julho) dêste ano mais passageiros (27.354) que em todo o ano de 1941. ★ A 26, de Nova York informam que os técnicos militares ultimam os planos para construção, até 1960, de aviões com velocidade de 2.700 quilômetros horários! — De Fortaleza informam, a 29, a inauguração da Aeronorte, Emprêsa de Transportes Aéreos Norte-Brasil Ltda. — Na mesma data, de Londres, revelam estar sendo produzido, em série, o Crislea Skyjeep, **para várias útilidades,** podendo voar com qualquer tempo. Tem velocidade de cruzeiro de 110 quilômetros até quinhentas milhas.

DEZEMBRO — 1950

E' inaugurado, a 1, com novo recorde entre Nova York e Londres, com 7 horas e 48 minutos, em avião Mustang. ★ A 5, outro recorde, êste em planador, com pilôto polonês, que atingiu a altura de 9.850 metros. O recorde anterior era de Sven Person, com 8.050. ★ No dia 6, em Florianópolis, um oficial da FAB, capitão Nelson Carpes, quando realizava exercícios de bombardeio com sacos de cal, um dêles rebentou e mesmo com os olhos cheios de cal, e com a visão obstruída, conseguiu levar o aparelho até à base. ★ A 8, Londres informa que os modernos caças a jato, da



PARA VOCÊ QUE E' SABIDO...

A língua humana (acima em modêlo plástico) pode distinguir centenas de diferentes espécies de sabores. — Verdadeiro? — Falso?

(Resposta na página seguinte)

RAF terão turbo-arranjues, que ligam os motores a jato por meio de cargas explosivas. ★ A 14, Washington informa que o «Aj-1», o mais novo e mais pesado bombardeiro da Marinha, operando em porta-aviões, completou com exito suas experiências. Pesa mais de 17 toneladas, velocidade máxima de 350 milhas horárias e tripulação de 3 homens em nacele pressurizada. ★ A 17, Londres anuncia a construção do McDonnell, Gargoyle, KSD-1 — novo tipo de bomba-foguete, rádio-comandada. ★ A 24, Washington informa que a Fôrça Aérea norte-americana terá 917 mil homens. ★ Em 29 é anunciada a inauguração em Tubarão, Santa Catarina, de novo aeroporto.

JANEIRO — 1951

Êste ano é inaugurado com a notícia de que em Dayton, Ohio, gigantescas prensas farão, de ora em diante, asas inteiras para aviões e, de Londres, revelam que o menor jato do mundo... é um avião sem pilôto. Sua fuselagem tem 22 pés, suas asas menos de 20 pés. ★ Na Argentina, a 6, revelam que a aviadora argentina Elvira Cruz morreu ao tentar bater o recorde mundial dos saltos em pàraquedas. No 36.º salto o pàraquedas não abriu. ★ A 17, de Fort Worth, revelam que uma B-36 efetuou um vôo de 51 horas e 20 minutos sem ser reabastecida. ★ A 20, é comemorado o 10.º aniversário do Ministério da Aeronáutica do Brasil. — De Pittsburgo, a 30, noticiam o emprêgo com êxito completo de novo «pilôto automático», destinado especialmente aos caças a reação ultra-rápida. — De Lisboa anunciam que um Constellations da Panair do Brasil estabeleceu novo recorde entre Paris e Lisboa, ligando as duas capitais em 2 horas e 50 minutos. — Ainda nesta data assume a pasta da aviação em substituição ao ministro tenente-brigadeiro Armando Trompowsky, em caráter interino, o major-brigadeiro Ajalmar Mascarenhas.

FEVEREIRO

A 4, a autorização para o funcionamento da «Companhia Marilense», em São Paulo, para «Taxis-Aéreos». ★ No dia 8, informam de Buenos Aires a construção de novo avião a jato, na Argentina, o «Pulqui II», com motor Rolls Royce, monoplano, com asa flechada, estrutura metálica, cabine pressurada, pesando 5 toneladas e com velocidade máxima de 1.000 quilômetros horários. ★ A 11 é nomeado diretor-geral da Aeronáutica civil, o brigadeiro Henrique Raimundo Dyott Fontenele. ★ A 13, novos recordes são homologados: o do percurso Londres-Kartum, com um Avro Lincolns II, com motores Rolls-Royce Merlin 65-a, de 1.760 HP; outro recorde, para um planador Weihe Se-104, sueco, cobrindo percurso total de 390 quilômetros; um terceiro recorde para um avião da Pan-American, no trajeto N. York-Trinidad, com sete horas e 27 minutos. Finalmente outro recorde de planador, em San Diego, com um aparelho Shweitzer, todo de metal, que se elevou a 12.801 metros. ★ A 15, chega ao Rio de Janeiro o professor Antonio Ambrosini, a convite da Sociedade Brasileira de Direito Aeronáutico, para conferências técnicas. ★ A 16, é instalado rádio-farol e melhorada a pista de pouso nas cidades de Cruzeiro do Sul e Tarauacá respectivamente. ★ A 21, a França anuncia primeiras experiências com novo tipo de aviões a jato, franceses, SE-2410, com dois jatos Nene, construidos pela Hispano-Suiza. ★ A 22, nova façanha do Camberra, que cruzou o Atlântico Norte, da Base de Ardergrone, Irlanda do Norte a Gander, na Terranova, num vôo de 2.000 milhas, em 4 horas e 37 minutos. ★ Na mesma data os técnicos inglêses chegam à conclusão de que viajar... de costas é mais seguro para os casos de acidentes. ★ Ainda a 22, de Oak Ridge, revelam estar terminada a primeira fase de estudos para a construção de aviões movidos pela energia atômica. ★ Ainda na mesma data, termina a construção do novo aeroporto de Caxambu, em Minas Gerais. ★ A 24, o govêrno de Minas revela seu propósito de construir, imediatamente, mais 200 aeroportos.

MARÇO

Festivamente, a 1, são recebidos oficiais e cadetes equatorianos na Escola de Aeronáutica dos



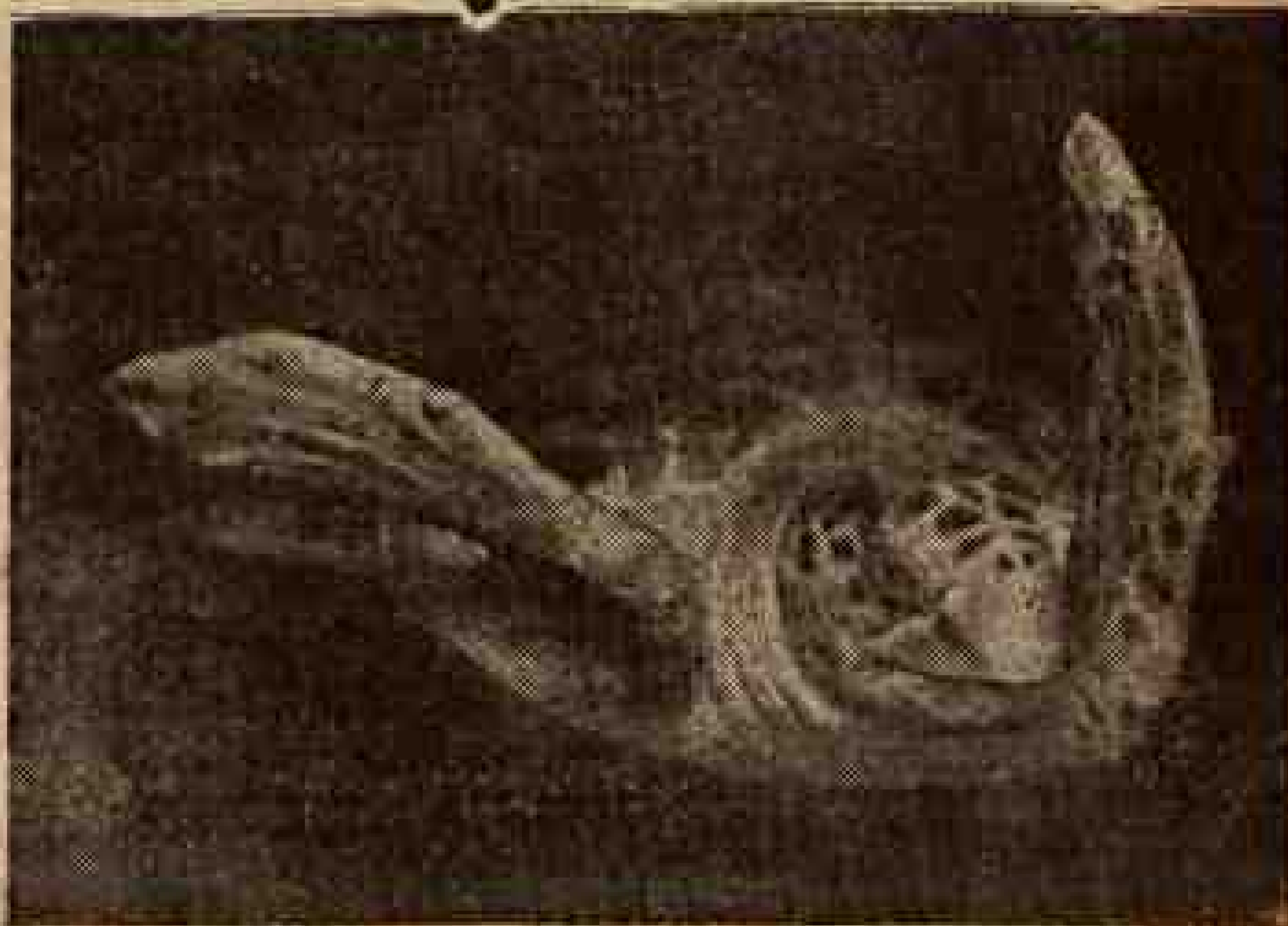
DE HAVILLAND «Vampire» — Também êste caça a jato data dos dias finais da guerra e tem sofrido melhoramentos sucessivos, inclusive adaptação para combate noturno. Foi vendido a numerosos países europeus.

PARA VOCÊ QUE É SABIDO...

(Resposta da página anterior)

Sòmente quatro diferentes grupos de sabores podem ser distinguidos pelos minúsculos botões que se espalham pela parte superior da língua, a saber: na área n.º 1 — açucarados; na área n.º 2 — ácidos, azedos; na área n.º 3 — salgados; finalmente, na área n.º 4 — amargos. Portanto, a afirmativa é falsa.





GUARDA DO TRAFEGO... SUBMARINO — Num dos gigantescos aquários do Instituto Oceanográfico de Monaco foi surpreendida pelo fotógrafo esta tartaruga, que parece assinalar, à esquerda: «Tráfego paralisado! Vai passar uma ambulância!» A direita, dirige o tráfego: «Pare! Siga!»

Afonsos. ★ Washington revela, a 5, que o último tipo de super-fortalezas voadoras, B-50, está munido de sistema que permite o reabastecimento em pleno ar, em velocidades e alturas maiores. ★ A 6, a Panair do Brasil inaugura a sua nova linha Rio — Lima, numa extensão de 2.500 milhas marítimas. ★ A 11, anunciam de São Salvador que a aviadora brasileira Anésia Pinheiro Machado levantou vôo num monomotor, para Manágua. ★ Na mesma data, Londres anuncia o mais moderno avião comercial a turbo-hélice, o Bristol 175-Britânia, impulsionado por turbinas Proteus, para transportar 90 passageiros. ★ A 21, ainda de Londres, é anunciado o primeiro ônibus-aéreo: um helicóptero de dois motores Bristol 173. Poderá permanecer parado no ar e voar a 275 quilômetros horários. Poderá, também, aterrissar num campo de futebol. Transportará 12 passageiros em distâncias curtas e médias.

ABRIL

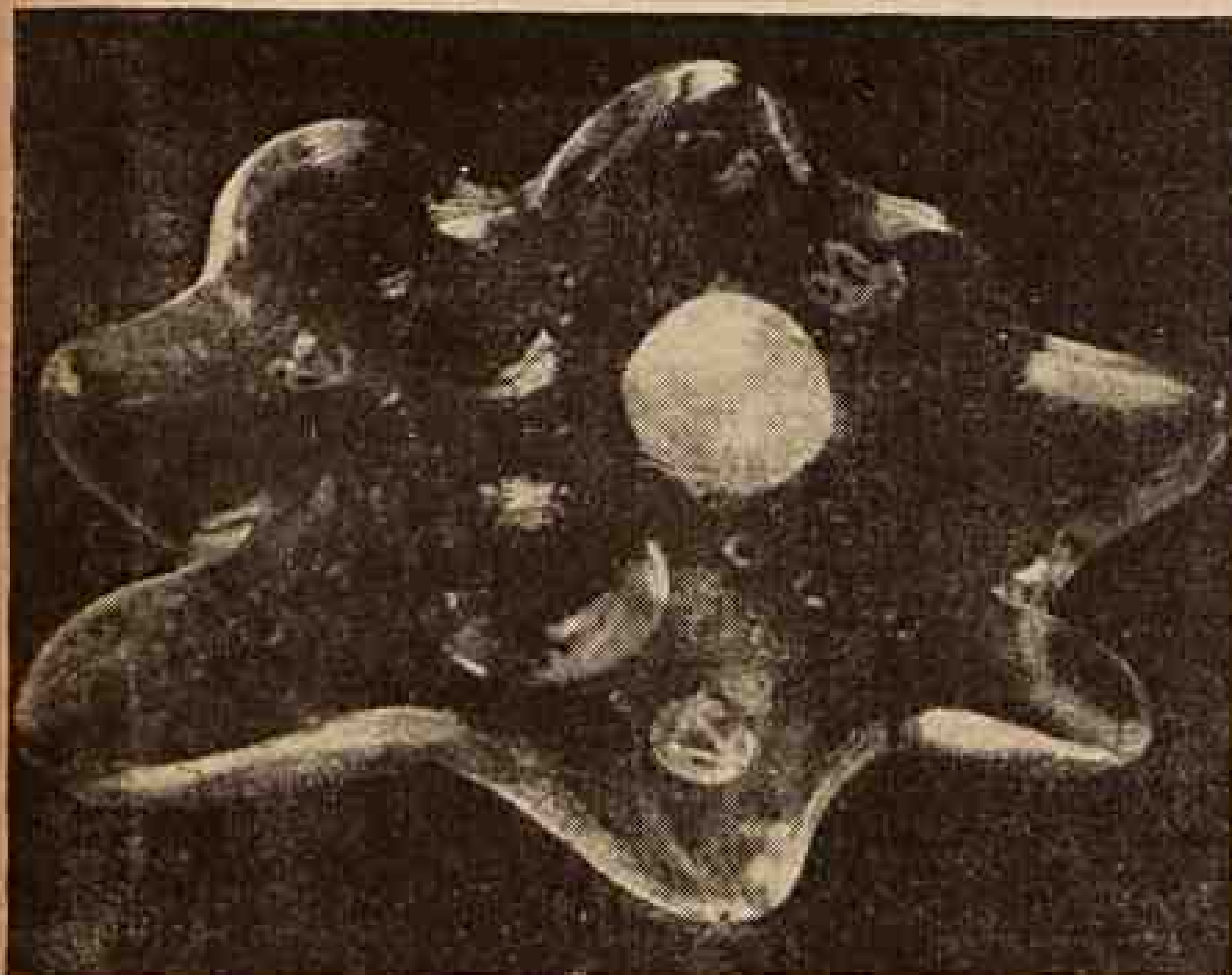
Este mês é inaugurado auspiciosamente, a 4, com o início do admirável vôo da aviadora patrícia Ada Rogato, em redor das três Américas, no avião «Brasil», um Cessna de 90 cv, em que fará um vôo de 33.000 quilômetros. ★ na mesma data, de Washington augura-se o emprêgo, em massa, de helicópteros com grande raio de ação na campanha contra submarinos. ★ Ainda a 4, de Paris anunciam novo avião que é o protótipo de asas em flecha, Marcel Dassault 452-Mystere, com reator «nene», que atingiu a velocidade de 1.080 quilômetros horários, sendo uma versão do **Ouragan.** ★ A 5, o «Presidente», da Pan-American World Airways bate novo recorde Nova York-Rio com 16 horas e 56 minutos, sendo o tempo habitual de 19 horas e 40 minutos. ★ A 7, a Inglaterra se mostra entusiasmada com o seu novo jato de pesquisas de alta velocidade, Fairey F.D.-1, com asa em forma da letra grega «Delta». Monoplano pequeno, monoplace, trem de pouso triciclo, retrátil, com turbina Rolls-Royce Derwen. ★ A 20 Londres anuncia o prosseguimento dos planos para construção de novos helicópteros de grande tamanho para transporte de passageiros, com motor de êmbolo Bristol 173, para 12 passageiros. ★ A 24, de Washington, informam que a aviadora venezuelana Ana Luiza Branger, pilotando um Super Piper Cub, atingiu 8.230 metros de altura, batendo o recorde da categoria, detido desde 13 de junho de 1949 pelo francês René Leduc, com 7.788. ★ Na mesma data, revelando extraordinária capacidade, aviadores brasileiros, pilotando o avião 2.043, do Correio Aéreo Brasileiro (Militar) da FAB, aterrissam nos Andes, perto da Lagoa Suche, sem o mínimo prejuízo do aparelho ou ferimentos, leves que fôssem, em seus tripulantes. ★ De Tóquio, a 27, revelam que a 5.ª Fôrça Aérea dos Estados Unidos realizou em oito dias, 4.403 missões, a despeito do mau tempo.



O poderoso «arranco» do «Republic-F84-F», da Fôrça Aérea norte-americana. Sendo um dos mais velozes e com grande raio de ação. Lança foguetes de cinco polegadas.

MAIO

De Santiago, Chile, a 1, noticiam a presença da aviadora Ada Rogato, que partirá, amanhã, para Antofogasta, Arica, La Paz, Lima, Guaiaquil, Quito, Cali, Bogotá, Panamá, Estados Unidos e Canadá. ★ Washington revela, a 4, que elevará os efetivos femininos da sua Fôrça Aérea de 7.000 para 48.000 mulheres. ★ A 9 chega ao Rio o comandante da Patrulha de Aviação Civil dos Estados Unidos, major-general Lucas V. Beau. ★ A 11, o Aero Clube do Brasil dá «brevets» a mais de 10 pilotos civis. ★ A 13, a Sra. Jaqueline Auriol, nora do Presidente da França, bate o recorde feminino de velocidade em avião na distância de 100 quilômetros, em circuito fechado, com a média horária de 818 quilômetros 181 metros. O recorde anterior pertencia à norte-americana Jacqueline Cochran, com 755 quilômetros 668 metros, horários. ★ A 16, Max Conrad, norte-americano voa, sem escalas, de Los Angeles a Nova York, em avião de 135 cv., monomotor, estabelecendo novo recorde com 25 horas, 4 minutos e 31 segundos. ★ De



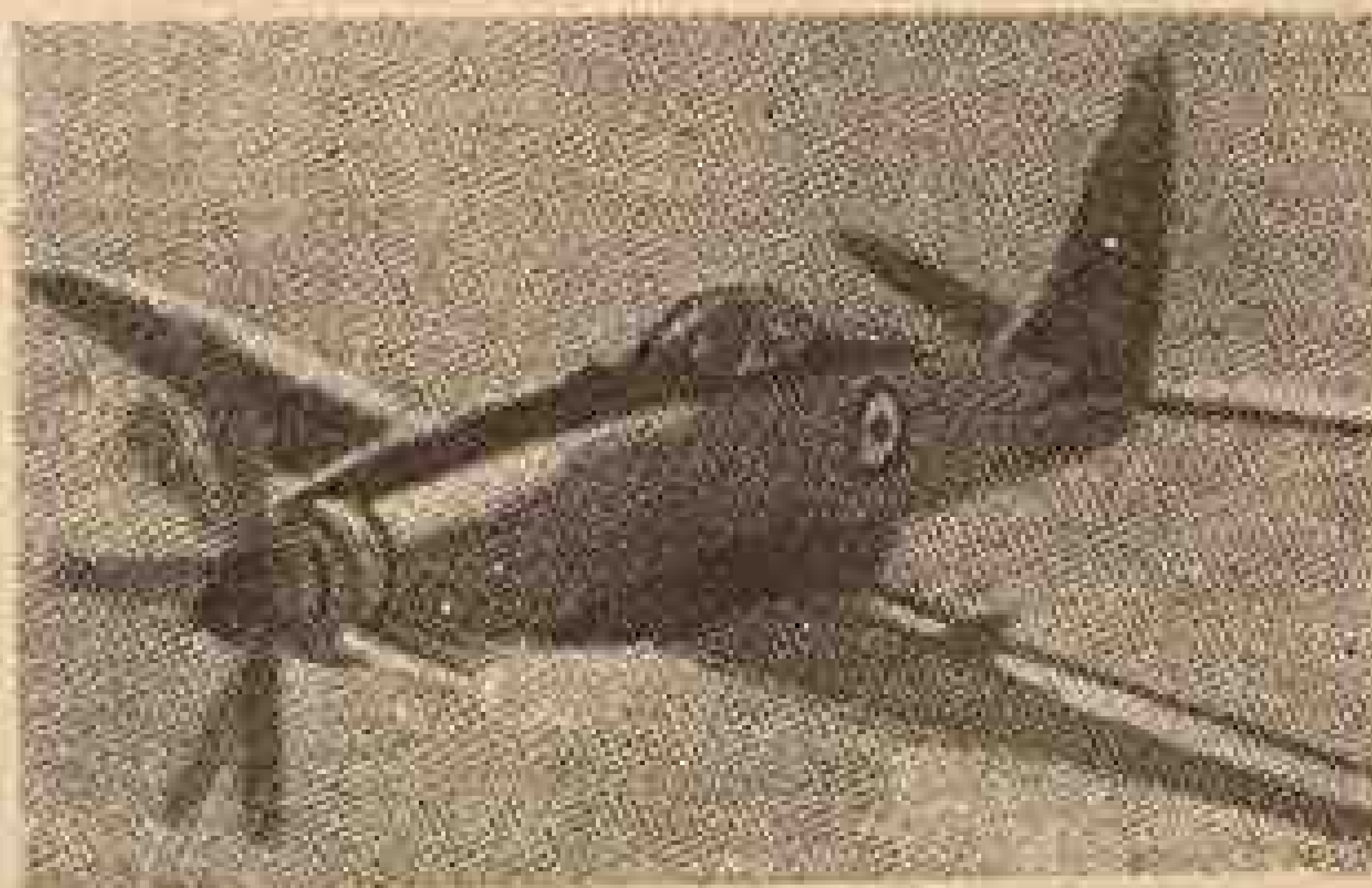
VOCÊ É SABIDO MESMO?

A DESINTERIA AMEBIANA — (O modêlo acima apresenta uma ameba muitas vêzes aumentada) é um mal só encontrado nos trópicos! Esta afirmação é verdadeira ou falsa? — (Resposta na página seguinte).

Washington, a 20, noticiam novo recorde de vôo sem escalas, para aparelho a jato, por um avião bombardeiro P-47, que cobriu, em 5 horas e 50 minutos, os 4.100 quilômetros que separam a base de Jichkam, no Honolulu a Muroc, Califórnia. ★ De Nova York, a 29, noticiam o falecimento de Lincoln Ellsworth, famoso explorador e aviador, que explorou os Andes, o Amazonas, o Polo, tendo descoberto para os Estados Unidos, em 1935, 500.000 quilômetros quadrados, nesta região. ★ A aviadora Ada Rogato chega a Bogotá.

JUNHO

O mês é iniciado com a notícia, de Quito, da chegada, ali, da aviadora patrícia Ada Rogato, que vôa em redor das 3 Américas. Já voou 9.000 kms., e espera voar mais 24 mil. ★ De Nova York, o capitão Charles Blair que acaba de realizar vôo solitário entre Oslo, Fairbanks (Alasca), Nova York e sôbre o Polo, afirma que êsse é um caminho muito fácil. ★ A 2, assume o comando da Escola de Aeronáutica dos Afonsos, o coronel aviador Clóvis M. Travassos. ★ E' assinado acôrdo aéreo entre o Brasil e a Bolívia. ★ A 6, é nomeado Diretor do Comando de Transporte Aéreo o coronel aviador Nelson Freire Lavenère Wanderley. ★ A 16, anunciam da Guatemala a chegada, ali da aviadora brasileira Ada Rogato. ★ A 26, a mesma aviadora chega a San Diego, no Estado da Califórnia.



WESTLAND «Wyvern TF-2» — Caça de porta-aviões propulsado por um turbo-hélice Siddeley «Phython» de 4.170 HP. Argumento: bombas foguetes e um torpedo.

JULHO

O dia 1 assinala informação de Goiânia, de aprovação de projeto para remodelação do aeroporto da cidade. ★ Na mesma data informam de Oakland, a chegada de Ada Rogato, viajando de Los Angeles e que seguirá imediatamente para Washington. ★ Em Fort Collins, Estado do Colorado, tomba um avião da United Lines, perecendo 50 pessoas. ★ A 2, anunciam de Los Angeles que um avião «Douglas Skyrocket», supersônico, voou mais alto e mais rápidamente que qualquer outro em todo o mundo. O recorde oficial é de 1.080 quilômetros, estabelecido por um North-American F-86, em 13 de setembro de 1948. ★ De Londres informam, a 3, que ali foram realizadas experiências com dispositivo eletrônico que permite vôos mais suaves pela eliminação dos efeitos das rajadas de ar e remuos. ★ Na mesma data confirma-se notícia de haver a «Real» comprado a «Transcontinental». ★ A 5, comemora-se em Belo Horizonte, o 15.º aniversário da base aérea de Pampulha. ★ Na mesma data Londres anuncia estudos avançados para a construção de helicópteros a jato para 100 passageiros com velocidade superior a 250 quilômetros horários. ★ A 10, revela-se que diplomatas estrangeiros observam, pelo menos, cinco novos modernos tipos de aviões russos. ★ A 10, chega a Buenos Aires moderno DC-A, da Aerovias Brasil, inaugurando linha aérea entre Rio de Janeiro e Buenos Aires. Na mesma data é festivamente comemorado o 32.º aniversário da Escola de Aeronáutica dos Afonsos. ★ A 19, noticia-se que um brasileiro, o Sr. José Joaquim Moniz de Aragão foi escolhido, na 44.ª Conferência Geral da «Federation Aeronautique Internationale», instala em Bruxelas, para fazer parte da Diretoria, como vice-presidente. ★ A 26, Londres informa que o Brabazon realizou a sua primeira viagem oficial. E' o maior avião do mundo. Levantou vôo para Nova York com 26 passageiros, inclusive 24 parlamentares. O gigantesco avião transporta um total de 100 passageiros. ★ De Rabat, na mesma data, o aviador francês Rebillon bate o recorde de distância em linha reta, sem escala, em avião de menos de 500 kgs., de carga, voando de Paris a Rabat, num percurso de 1.800 quilômetros. O recorde anterior era do belga Van Coppen, com 948 quilômetros. ★ A 26, a F. A. I. anuncia a homologação de novos recordes: velocidade a grande altitude — Jaqueline Cochran, dos Estados Unidos, em monoplano North American; altitude para aviões de pêso inferior a 500 quilos — Ana Luiza Banger, Estados Unidos, em monoplano Piper Super-Cub, com 8.276 metros; velocidade sôbre percurso triangular de 100 quilômetros, em planador — Capitão René Fonteilles (França), Biblapo Lamblin, velocidade de 65.981 metros horários. Recorde feminino de velocidade sôbre 100 quilômetros em aviões a motor — jato — Jaqueline Auriol (França), em aparelho Vampire de Havilland, motor Goblin, com 818.181 metros horários.

★ De Londres, a 27, anunciam o primeiro vôo do Delta-707, cujas características são mantidas em segrêdo. ★ Do Alasca informam, na mesma data, ter ali chegado a aviadora brasileira Ada Rogato.

VOCÊ E SABIDO MESMO? — Segundo estatísticas oficiais, 5% da população dos Estados Unidos sofre de desinteria amebiana. O tratamento pela clorina, que destrói grande quantidade de germes da água, não destrói a ameba; é necessário, portanto, filtrar sempre a água que bebemos. A afirmação é falsa.



QUATRO COELHOS... E APENAS DUAS ORELHAS — Em Saint-Sylvain-Bas-le-Roc, na França, uma coelha deu à luz seis coelhos fenômenos. A mãe morreu, assim como dois coelhinhos, poucas horas depois do nascimento. Dois dos sobreviventes não têm orelhas. Os dois outros têm apenas uma orelha cada um; um, à direita e o outro à esquerda. Há tempos, na mesma localidade, o mesmo criador foi surpreendido com o nascimento de um pato com quatro patas e quatro asas.

AGÔSTO

A 4, chega a notícia de que Ada Rogato deixou Vancouver, no Canadá, rumo a San Francisco e Los Angeles e, de Washington revela-se que os Russos possuem novo avião de caça L-17, que «dizem» ser o melhor do mundo. ★ A 5, de Washington revela-se que a nova superfortaleza voadora B-52 custará 21.354.211 dólares, cada uma. Só o visor custará 250.000 dólares. Poderá voar acima de 16.000 metros. ★ A 7, de White Sands, Estado do Novo México, dizem, que 217 quilômetros foi a altura atingida por um novo foguete Viking, de construção americana. Sua velocidade foi de 5.600 milhas horárias. A 11, de Nova York noticiam a construção de instrumentos destinados a bombardeios de precisão. Seu nome (ou indicador) é An-1. Leva em

O ANO ARTÍSTICO

Aqui estamos para apresentar o resumo de mais um Ano Artístico, de outubro de 1950 a agôsto de 1951, além do resultado geral do Salão Nacional, de setembro a outubro de 1951. Êsse é um trabalho que fazemos com prazer, por verificarmos o constante e seguro progresso das artes no Brasil e, mais particularmente da pintura e da cerâmica, para as quais notamos uma tendência mais acentuada entre os artistas patrícios e também um gôsto mais desenvolvido, mais espontâneo, aliado a uma técnica que se aperfeiçoa velozmente.

Eis que passaremos a examinar o que foi o mês de

OUTUBRO — 1950

Temos a assinalar, a 9, a inauguração da exposição de Ivone Visconti Cavalleiro (pintura), no Museu Nacional de Belas Artes. ★ Na mesma data realiza-se no Salão Nobre da E. N. de Belas Artes a posse do Prof. Armando Sócrates Schnoor no cargo de professor catedrático de Escultura. ★ Ainda a 9, viaja para o Velho Mundo, o pintor brasileiro Garibaldi Cruz, já consagrado no desenho, na ilustração, no retrato, em viagem de intercâmbio artístico-cultural, sob o patrocínio do Ministério da Educação. ★ Patrocinada pelo Art-Club do Rio de Janeiro e pelo Ministério da Educação, inaugura-se a exposição de trabalhos de Paulo Osório Flores. ★ A 17, Brasil e Estados Unidos assinam um acôrdo cultural. ★ A 30 encerra-se, no hall da Câmara Municipal do Distrito Federal, a exposição de quadros dos pintores Eustórgio Wanderley, J. Carvalho, Newton Costa e Júlio Gomes. ★ Na mesma data o pintor Jurandir Pais Leme inaugura a sua exposição de obras no Museu Nacional de Belas Artes.

NOVEMBRO — 1950

A 2, informam de Salvador, Bahia, que ali foi inaugurado o II Salão Baiano de Belas Artes, conquistando o 1.º lugar, medalha de ouro e 5.000 cruzeiros, na Divisão Moderna, Augusto Rodrigues. Na Seção de Gravuras, primeiro lugar medalha de ouro e 5 mil cruzeiros, ao gravador e desenhista Osvaldo Goeldi. Na Divisão Geral ou Clássica, medalha de ouro para Sílvio Pinto da Silva. ★ Sob o patrocínio do Ministro da União Sul-Africana, Embaixador da Bélgica e Ministro da Educação, instala-se a 17, no Salão de Exposições daquele ministério, a Primeira Exposição de Pinturas e Esculturas da União Sul-Africana, Congo Belga e Rodésia, com 140 trabalhos sendo 51 óleos, 43 aquarelas e 44 esculturas. ★ Inaugura-se na mesma data, na ABI, a exposição de pintura do artista irlandês Asequir Bkampossou. ★ A 18, tem início a exposição de cerâmica de uma das maiores artistas no gênero, em nossa terra, a pintora Hilda Goltz. ★ A 18, o pintor Edmond Roustan inaugura mais uma de suas maravilhosas exposições, agora sòmente com bailarinas e flores. A exposição se realiza na Galeria Rian, em Copacabana. ★ No Salão Assírio, a 20, entre muitas homenagens prestadas à memória de J. Carlos, inaugura-se uma exposição de numerosos trabalhos



«O PÃO DE CADA DIA»
Quadro inacabado, de autoria do falecido pintor Manuel Madruga, exposto no Salão de 1951.

---

conta a influência da temperatura, velocidade do avião e vento. Três sinais avisam o pilôto da proximidade do alvo. O avião é **guiado** para que o objetivo não falhe. ★ Na mesma data, de Washington revelam que um bombardeiro B-47 estratojato voou 4.506 quilômetros, a mais de 800 quilômetros horários. ★ Comemorou-se a 17 o 32.º aniversário do 1.º Correio da Esquadra. ★ A 21, de Blede, informam que o francês Pierre Lard venceu o primeiro campeonato mundial de paraquedismo, realizado na Iugoslávia. ★ Voando à velocidade do som, a 21, o Coronel K. K. Compton, da Fôrça Aérea norte-americana vence o Troféu Bendix. ★ A 25, o Ministro Nero Moura é promovido a Brigadeiro. ★ De Londres informam, a 27, que explodiu, na experiência, o mais moderno jato britânico, Handley Page 81, matando seu pilôto Douglas Broomfield. Era conhecido êsse avião como o «Triângulo Voador», estando dotado de motor a jato Rolls-Royce. ★ Na mesma data foi iniciada a construção do campo de pouso de Jauaretê, no Estado do Amazonas.



Avião a jato «Republic F-84-E» da marinha, com trem de aterrissagem triciclo, armado com torpedo e bombas-foguetes. E' o mais usado na Coreia.

dêsse admirável artista patrício. ★ Na mesma data e no mesmo local, a pintora Inah Coelho expõe aquarelas de flores brasileiras, gênero em que é brilhante.

DEZEMBRO — 1950

Assinalamos, a 11, por iniciativa da Juventude Feminina Católica, a inauguração, no Secretariado Nacional de Ação Católica, a 10.ª Exposição do Livro de Natal. ★ A 12, inaugura-se o IV Salão de Belas Artes, da A. A. Banco do Brasil. ★ Na mesma data continua expondo no Ministério da Educação o pintor Milton Dacosta, prêmio de viagem à Europa. ★ A 20, inaugura-se o IV Salão de Cerâmica Brasileira, no Museu Nacional de Belas Artes, que apresenta, entre suas peças, magnífica coleção de silex, decorados com tintas vitrificáveis. ★ A 24, o casal de pintores e ceramistas Udo-Yvatici Knoff inaugura mais uma exposição nesta capital (óleos e porcelanas).



«GUANABARA»
Oleo de Manuel Faria — 2.º Salão Municipal de Belas Artes

JANEIRO — 1951

Inaugura-se êste ano com uma grande exposição sob o alto patrocínio da Prefeitura do Distrito Federal, na gestão do Prefeito Ângelo Mendes de Morais: "O Rio de Janeiro através da Pintura, Escultura, Gravura, Cartografia, Cerâmica, Filatelia, Fotografia, Medalhística, Livro e Ex Libris", no Salão Assírio do Teatro Municipal, com mais de 250 peças de extraordinário valor.

FEVEREIRO — 1951

A 18, inaugura-se o III Salão de Belas Artes da Sociedade dos Artistas Nacionais, sob o patrocínio do Departamento de Educação de Adultos da do Prefeitura do Distrito Federal, no salão Assírio do Teatro Municipal. ★ A 25, surge mais um trabalho do nosso companheiro Alberto Lima sôbre Ex-Libris. Trata-se de interessante "plaquette" sob o título de "O Exército no Ex-Libris", com breve e erudita notícia sôbre o ex-libris, suas origens, sua evolução e sua história no Brasil.

MARÇO — 1951

A 4, José Silveira d'Ávila e Plínio Lopes logram classificar-se em primeiro lugar no concurso realizado pela E. N. de Belas Artes, ganhando um prêmio de viagem ao estrangeiro, por 5 anos. ★ A 13, na Sala da Mulher Brasileira, no Museu Nacional de Belas Artes, inaugura-se a exposição da pintora Maria Luísa Teixeira e Silva, com 39 quadros, em que predominam retratos e flores.

ABRIL — 1951

A 2, devemos assinalar a exposição de pintura de Francisco de Paula, em homenagem aos caricaturistas Raul Pederneiras e Kalisto Cordeiro, no Assírio. ★ Na mesma data e no mesmo local foi iniciada a Exposição do Câncer, em benefício dos Cancerosos, com a cooperação de todos os artistas, inclusive os grandes pintores patrícios Osvaldo Teixeira e Armando Pacheco. ★ A 5, Vitório Gheno, nome largamente conhecido do público brasileiro expõe na A. B. I. algumas de suas mais expressivas criações. ★ A 17, a Sra. Guilleaumand de la Moinay, que também é laureada artista, inaugura, no Hotel Novo Mundo, uma exposição de cinqüenta telas de Jean Duffy, Camoin, Marie Laurencin, Guirand de Sce



«CANAL DE VENEZA» — Óleo de Sinhô d'Amora

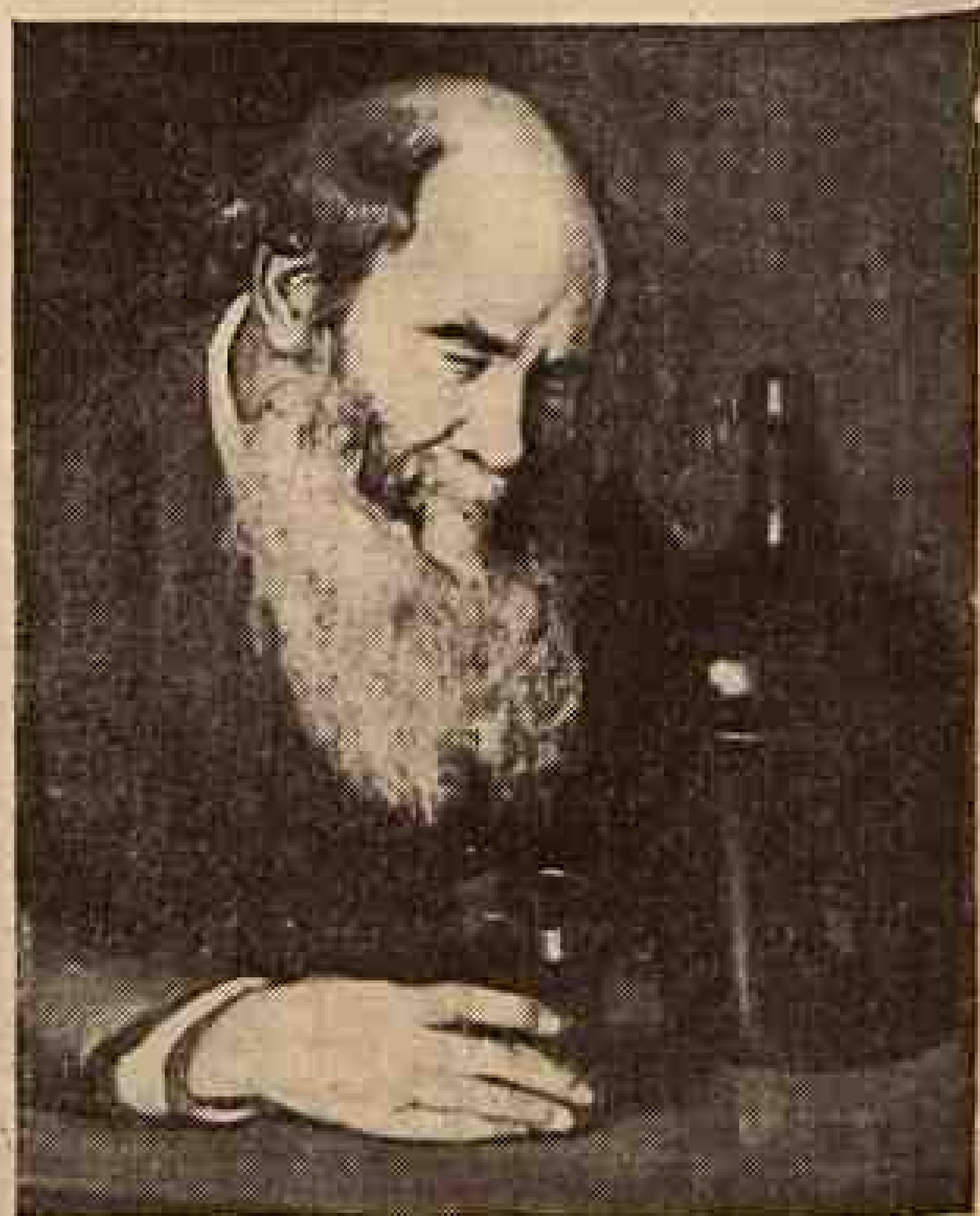


«O ANTIQUARIO» — óleo de Arlindo Castellani De Carli

vola, La Garce, François Barrette, Picart Ledoux e dela própria, além de litografias e reproduções autenticadas de Manet, Picasso, Renoir, Wlaminck, Gauguin, Mariette Lydis, Quizet, Toulouse, Marie Laurencin e outros artistas franceses, inclusive uma tela do Século XVII "Anunciação".

MAIO — 1951

A 2, no Assirio, sob o patrocínio do Departamento de Educação de Adultos da P.D.F., assinalamos a exposição de pintura de Pastana, Manuel de Oliveira. Na mesma data, no Saguão do Museu Nacional de Belas Artes a Exposição Paraguaçu (aquarelas da Bahia), com cêrca de 60 quadros. ★ A 7, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglêsa, uma exposição de Manymed Prints (reproduções de desenhos em aquarelas, cryon e guache, por Moore, Turner, Gainsborough e outros artistas britânicos. ★ A 5, Angelo Cannone, pintor impressionista napolitano, apresentou na antiga Galeria Europa, em Copacabana, um resumo de suas atividades no período de 1920 até hoje, contendo, portanto, motivos paisagísticos do Brasil e da Itália. ★ A 14, no Clube Militar, inaugura-se o V Salão Militar de Belas Artes, que se dividiu em pintura e desenho (Divisão Moderna e Divisão Geral), escultura e arte decorativa. Foram distribuídos, entre outros, os seguintes principais prêmios: Viagem a Ouro Prêto: (Igreja (Minas Gerais — pintura), ao cap. Watson Veiga de Almeida. Viagem a Ouro Prêto: Os Paris (pintura), tte. Alcides Cruz. Para o Salão Feminino de Belas Artes, foram premiadas: Sra. Elisa Barros (Divisão Geral), com medalhas de prata (Paisagem — pintura); Sra. Iracema Montezuma (Divisão Moderna), com medalha de prata (Cruzeiro — Olinda, Pernambuco). ★ A 17, no Museu Nacional de Belas Artes, inaugura-se a exposição de pintura



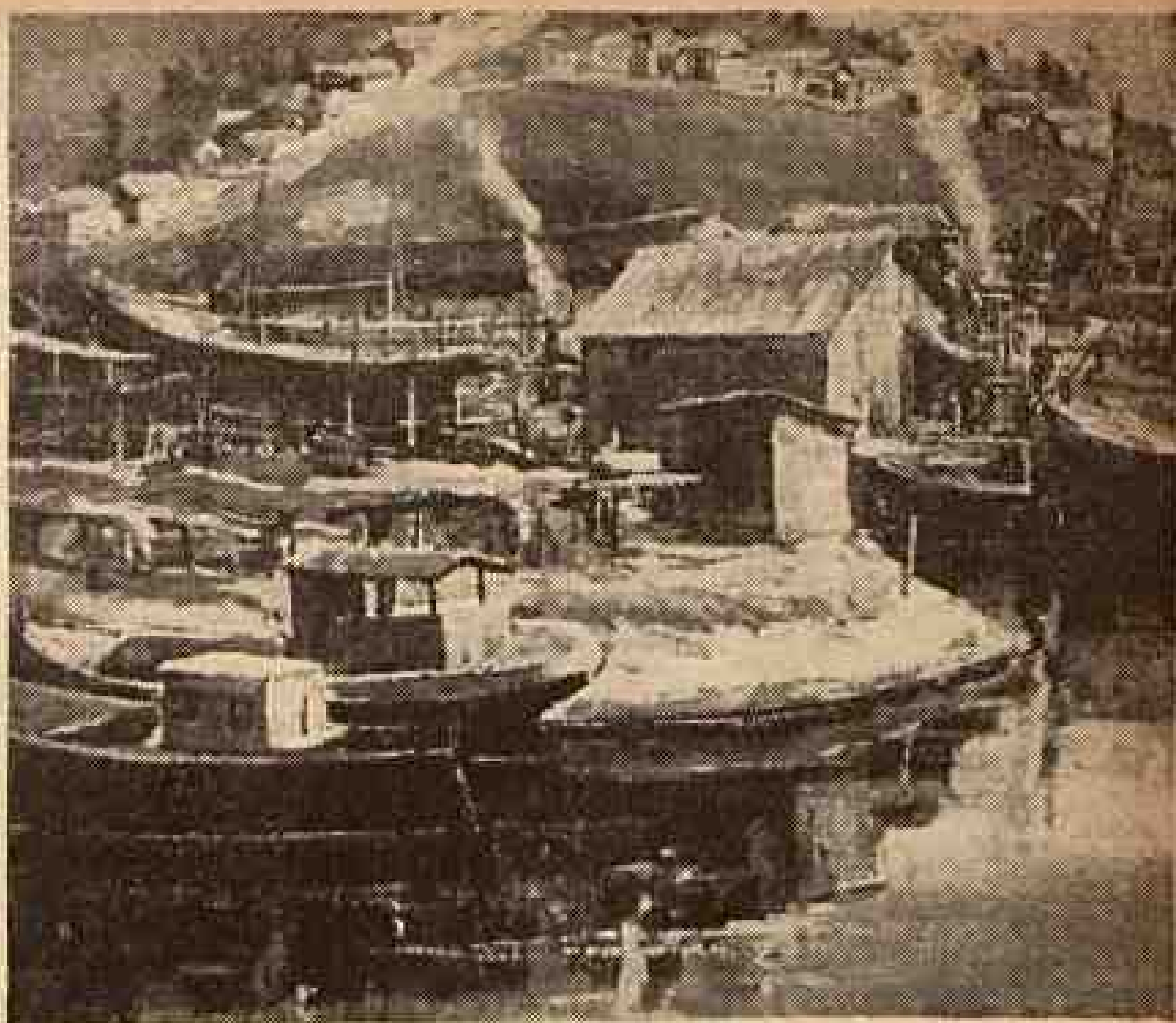
«O BEBADO» — óleo de Lully de Carvalho. (3.º Salão da S. A. N.)

e desenho de Dorota Szenfield, recém-chegada de Paris, onde participou de certames artísticos em Varsóvia, Nova York, Moscou, Buthara e Paris. ★ Na mesma data é inaugurada uma exposição de quadros do pintor Gerson Tavares, no Diretório Acadêmico da E. N. de Belas Artes. ★ Ainda a 17 de maio, inaugura, Sinhá D'Amora, a sua 6.ª Exposição de Pintura, com motivos europeus e brasileiros, no Assirio, sob o patrocínio do Depar-



Aquarela de Manuel Paraguaçú

tamento de Educação de Adultos da P.D.F.. ★ Na Sala da Mulher Brasileira, do Museu Nacional de Belas artes, o pintor José Maria de Almeida, inaugura a 22 a exposição de nova coleção de paisagens e marinhas do Brasil e de Portugal.



«ESTALEIRO» — São Lourenço — Niterói. Óleo de José Maria de Almeida.

JUNHO — 1951

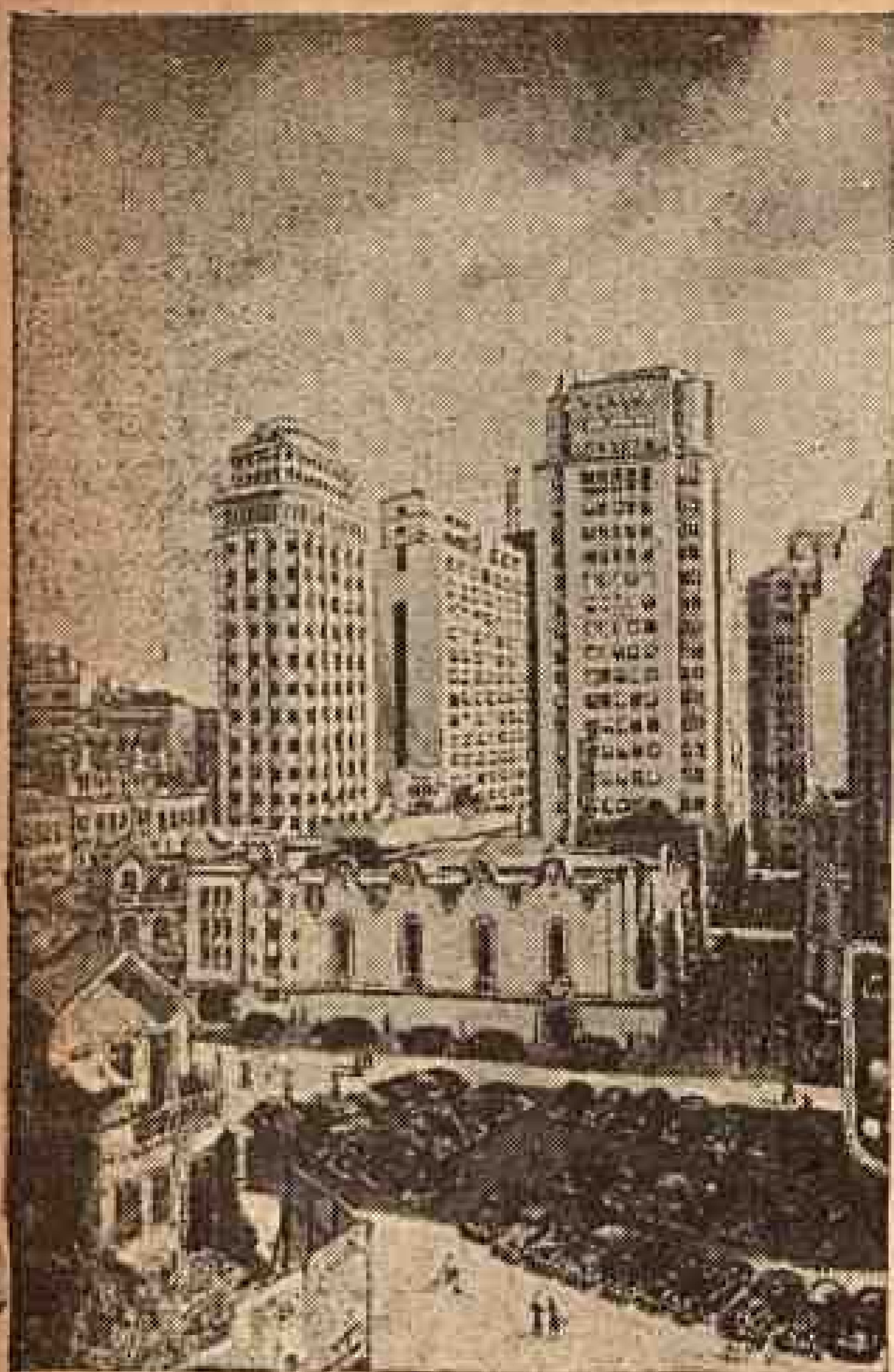
Sob o patrocínio do Departamento de Difusão Cultural da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, a 5, é inaugurada a Exposição Anual de Artes Plásticas da Associação dos Artistas Brasileiros, em homenagem ao fundador Navarro da Costa. ★ A 7, o pintor Heitor de Pinho inaugura a sua exposição de Pintura, no Museu Nacional de Belas Artes. ★ A 11, expõe, no hall do Liceu de Artes e Ofícios, o pintor mineiro Claudionor Cunha, uma coleção de 32 óleos. ★ A Biblioteca Nacional, na mesma data realiza exposição de encadernações antigas e preciosas. ★ A 15, Flávio Shiro Tanaka apresenta 23 trabalhos, predominando a natureza morta, no salão do Diretório Acadêmico da E. N. de Belas Artes. ★ A 20, o aquarelista francês Marcel Stegis, decorador dos Comediens de l'Orangerie, inaugura na sede da Alliance Française, uma exposição de 90 telas. ★ A 25, no Museu Nacional de Belas Artes, exposição dos pintores bolivianos Mario Eloy Vargas e Juan Ortega Leyton. ★ A 26, inaugura-se a Segunda Exposição Mundial de Arte Fotográfica, à qual concorrem 89 nações e que fôi realizada sob o patrocínio da Sociedade Fluminense de Fotografia, no Assírio. ★ A 27, o Instituto Brasil-Estados Unidos organiza, em sua sede, uma exposição de arte moderna. Na mesma data, no auditório do Ministério da Educação é feita a entrega de 13.304 dispositivos coloridos sôbre o Brasil, ao Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, ofertados pela autora, a fotógrafa norte-americana Florence Arquin.



«ROSAS» — Óleo de Lilli Sedlak

JULHO — 1951

A 3, é inaugurada, no Liceu, a exposição de pintura de Newton Costa. ★ No Clube Central, de Icaraí, expõem pinturas a óleo e porcelanas, os artistas Udo e Ivotici Knoff. ★ A 10, é inaugurada na Biblioteca Nacional, uma exposição de gravuras e livros de história ou de crônicas da cidade. ★ Na ex-Galeria Europa, em Copacabana, o pintor francês, Boris Smirnoff expõe retratos de famosos personagens internacionais. ★ A 13, inaugura-se em Teresópolis, o I Salão de Belas Artes da Academia Cultural e Artística local. ★ A 25, na ABI, exposição do pintor cearense Antônio Bandeira, recém-chegado de Paris, onde passou cinco anos. ★ A 20, no saguão do Museu Nacional de Belas Artes, um grupo de artistas nacionais expõe, em benefício do pintor professor Salvador Caruso, enfêrmo há longos meses. ★ A 29, inaugura-se na ABI, exposição de "mesas floridas" pelas alunas do curso de flores da Escola de Arte e Decoração. ★ No Assírio, expõe-se um quadro do pintor Manuel Madruga, há pouco falecido. ★ Ainda neste mês, é inaugurado o III Salão Municipal de Belas Artes, organizado pela Sociedade Brasileira de Belas Artes e sob o patrocínio do Departamento de Educação de Adultos, da Prefeitura do Distrito Federal, para Pintura, Escultura, Desenho e Artes da Prensa, Arte Decorativa, Cerâmica. ★ Ainda



«TRECHO DA NOSSA CIDADE» — óleo de Orval

em julho, devemos assinalar a XVII Exposição de Pintura de Angelo Bigi, no Liceu de Artes e Ofícios e a Exposição de Guttmann Bicho, no Museu de Belas Artes.

AGÔSTO — 1951

A 1, o júri do III Salão Municipal de Belas Artes, concede, entre outros prêmios, o Grande Prêmio Municipalidade do Rio de Janeiro a Ado Malagoli com o quadro "Tarde"; Prêmio Prefeito do Distrito Federal, a Jacyra Carvalho, com a obra "Figura". ★ Em Vence (França), é inaugurada a Capela Matisse. ★ A 9, realiza-se a exposição retrospectiva da obra do pintor Rafael Frederico. ★ A 10, em comemoração do 135.º aniversário da fundação do ensino artístico no Brasil realiza-se a Exposição Anual dos Alunos da Escola Nacional de Belas Artes. ★ A 15, com a festa da padroeira, é encerrada a exposição da Comeia, no Outeiro da Glória. ★ Inaugura-se a 17, a exposição de pintura e escultura do professor J. J. Canova, no Assírio. ★ Na Suíça, falece Arthur Schnabel, pianista e compositor austríaco. ★ Na mesma data encerra-se o XI Salão Fluminense de Belas Artes. ★ A 18, inaugura-se, na Galeria Rembrandt, uma exposição de quadros famosos da pintura mundial, num total de 71 telas. ★ O Sr. Prefeito do Distrito Federal, a 20, resolve criar o Salão Rural de Belas Artes, que abrirá suas portas em Campo Grande. ★ A 31 inaugura-se no Tijuca Tênis Clube, a exposição de Francisco de Paula.

PRINCIPAIS PREMIAÇÕES CONFERIDAS NO SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES DE 1951

DIVISÃO GERAL

Medalha de Honra — Helios Seelinger. **Prêmio de Viagem ao Estrangeiro** — Aurélio d'Alincourt. **Prêmio de viagem pelo Brasil** — Francisco Gomes Marinho. **Medalha de ouro** — Salvador Caruso (pintura), Edgar Duvivier (escultura), Luís Fernandes de Almeida Júnior (desenho), Maria da Conceição Bastos (arte decorativa). **Medalha de Prata** — Aldo Cardorelli, Demétrio Ismailovitch, Lully de Carvalho, Maria Luísa Gomide Staffa, Maria Louise de Matos, Arlindo Castellane, Hostílio Dantas, Ivno Mendes de Morais Duvivier, Joaci Resende Viveiros, Ludwig Hes-Shainer, Geraldo Fereira de Castro, Hilda Borges Craty, Julian Gonzalez, Isabel Pous, Cibele Ribeiro Pinheiro, Alexis Bize, Maria Denise Paiva Cavalcânti e Yetté (Henriete Vaysière). Foram ainda conferidas 24 medalhas de bronze e 40 menções honrosas.



OS CAMPEÕES DO ANO

O par inglês formado por Archie Stevens e Doris Skelsey, vencedor de um concurso de dança pelo ritmo e graça dos seus movimentos.



CANETA ESTILOGRÁFICA E PISTOLA DE ALARMA

Entre as fantasias mais ou menos utilizáveis industrialmente, que se tem apresentado, em Paris, figura a caneta estilográfica, que é, ao mesmo tempo, arma defensiva. Com a simples pressão de um minúsculo botão, a caneta dispara os seus cartuchos de pólvora sêca, com um ruído suficiente para pôr em fuga qualquer agressor.. Os cartuchos são deflagrados mediante o golpe de um finíssimo percursor. Esta inofensiva «máquina infernal» é muito útil para os notívagos. ... .

O ANO CATÓLICO

OUTUBRO DE 1950 A AGÔSTO DE 1951

OUTUBRO — 1950 — Escolhemos para inaugurar o mês, a data do dia 2, que assinala a festa dos Santos Anjos da Guarda, de relevante significação numa hora em que o mundo tanto necessita de auxílio. ★ Nesta data, ainda, assinalamos a primeira beatificação da segunda parte das grandes cerimônias do Ano Santo, Maria de Mattias, fundadora das Irmãs Adoradoras do Precioso Sangue, nascida em 1805, em Vallecorsa, região de Roma, é elevada às honras do altar. ★ A 6, festeja-se o 60.º aniversário de profissão religiosa do venerável sacerdote carmelita, Frei Leopoldo Wijsbek, que há 19 anos ininterruptamente, exerce seu ministério sacerdotal no Convento do Carmo da Lapa, nesta capital. ★ A 12, o Papa, Pio XII recebe em audiência privada, em sua residência de verão, o padre Vencesiau Di Spoleto, prefeito apostólico do Alto Solimões, Amazonas. ★ De Nápoles, informam, a 12, a chegada de peregrinos brasileiros, chefiados por D. João José Pais, de Caratinga. ★ Na mesma data informam, da Cidade do Vaticano, a prisão de 300 frades católicos na Tchecoslováquia. Foram conduzidos para local desconhecido. ★ A 15, é beatificada Anne Marie Javouhy, fundadora das Irmãs de São José de Cluny e apóstola da emancipação dos negros. ★ A 17, são recebidos pelo Papa Pio XII, monsenhores Santos e Santana, bispos de Assis e Juiz de Fora, assim como o Sr. Samuel de Sousa Leão Gracie, embaixador do Brasil em Portugal. ★ A 19, é instalado, em Niterói, o Congresso Diocesano de N. S. Auxiliadora e da Paz Social, sendo entronizada imagem no estádio Caio Martins, por D. João Bosco. ★ Na mesma data, S. Santidade Pio XII compõe, em honra à Virgem de Assunção, uma oração especial, que êle próprio recitará no dia da proclamação do Dogma. ★ Na noite do mesmo dia recebe o Bispo Auxiliar de Diamantina os prelados de Juruá e Foz do Iguaçu. ★ Ainda a 19, chega a Buenos Aires o cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, cardeal arcebispo de São Paulo, a fim de participar do Congresso Eucarístico em Rosário. ★ Ainda no mesmo dia é beatificado o missionário francês, padre Julien Maunoir. ★ A 22, o cardeal Jaime de Barros Câmara é recebido pelo Papa. ★ O Congresso Internacional de Estudos sôbre Maria é inaugurado na sala da Universidade de Latrão. ★ A 26, chega ao Rio de Janeiro, Frei Kiliano Lynch, superior geral da Venerável Ordem de N. S. do Carmo. ★ Em Lourdes, é curado, milagrosamente, o deputado italiano Osvaldo Girolami. ★ Em Rosário, Argentina, na mesma data, D. Jaime Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, celebra o sacrifício da missa, em que comungaram 60.000 crianças. ★ A 25, falece o arcebispo do Maranhão, D. Alberto Acióli Sobral.

NOVEMBRO — 1950 — Em Uruguaiana, Rio Grande do Sul, a 5, cêrca de dez mil pessoas comparecem às solenidades comemorativas das bodas de ouro da fundação da Ordem dos Maristas da zona sul brasileira. ★ A 10 regressa ao Brasil, por via aérea, procedente de Roma, D. João Batista, C. M., bispo de Caratinga, Minas Gerais. ★ A 13, é beatificada a fundadora da Congregação de Nossa Senhora de Montreal, Marguerite Bourgeois, nascida em Tryes, em 1620 e morta em 1700, em Montreal. ★ Na mesma data S. Santidade, Pio XII, recebe em audiência o bispo de Sorocaba, no Estado de São Paulo.

DEZEMBRO — 1950 — 5 Fato inédito na vida religiosa de Belo Horizonte, ao percorrer a cidade, centro e bairros, longo cortejo de automóveis. Tratava-se de uma procissão de N. S. das Graças, promovida pelo vigário de Vila Concórdia, acompanhada por centenas de veículos. O préstito foi encerrado na Praça do México, onde o arcebispo, D. Antônio Cabral, oficiou a bênção do SS. Sacramento. ★ O pergaminho anunciando o Dogma da Assunção é composto de 23 fôlhas de 36x50 centímetros, tiradas das peles de 6 carneiros. A Chancelaria Apostólica levou cinco meses para preparar o texto em latim, da proclamação do Dogma. Foram elas, a seguir, encadernadas em couro azul. A capa tem as armas do Papa: uma pomba com um ramo de oliveira no bico. O depoimento com a assinatura de Pio XII e diversos prelados eminentes, foi depositado nos arquivos do Vaticano. ★ S. S. o Papa recebe o Sr. Ralph Bunch, Prêmio Nobel da Paz. ★ 10 — O Papa Pio XII declara a 3.000 representantes de ordens religiosas de mais de trinta países, que deve ser combatida a doutrina filosófica do Existencialismo. ★ Revela-se que visitaram o Vaticano, êste ano, entre 3 a 4 milhões de peregrinos. Cêrca de 15 mil foram a pé até à Basílica, 9 mil outros, de distantes pontos da Itália, Holanda, França e Alemanha Ocidental. Os demais usaram um total de 300 mil carros e centenas de trens especiais. ★ 12 — A emissora do Vaticano divulga que Monsenhor Beeran, arcebispo de Praga, prêso há vários meses na capital da Tchecoslováquia, acaba de ser conduzido, sob escolta para local desconhecido, possìvelmente um campo de concentração. ★ Nesta capital, a 12, falece a reverenda Madre Helena Wauters, superiora das religiosas de N. S. do Cenáculo, que geria como Provincial. ★ Na mesma data revela-se da



ARCEBISPO JOSEF BERAN, banido de sua arquidiocese de Praga, pelo govêrno comunista da Tchecoslováquia e pôsto sob custódia em lugar incerto. Como Primaz dêsse país, é o líder de oito milhões de católicos romanos e também uma forte trincheira da Igreja contra o desejo do Estado, de controlar os negócios da religião católica. Nascido em Pilsen, na Boêmia, depois de estudar em Roma, tornou-se professor de Teologia na Universidade de Charles. Resistiu às autoridades alemãs que o enviaram em 1942 para Dachau, o tristemente famoso campo de concentração de prisioneiros, onde teve que varrer as ruas, e submeter-se a outras humilhações. Foi feito arcebispo em 1946.

Cidade do Vaticano que por concessão do Papa, os bispos poderão fazer celebrar os sacrifícios da missa da Meia-Noite, em tôdas as Igrejas, à meia-noite de 31 de dezembro "em expiação dos pecados do mundo e para obter favores celestes soberanamente necessários nesta hora". ★ Em Belo Horizonte, sob a presidência do bispo D. Antônio dos Santos Cabral, encerram-se as atividades da Ação Católica no presente ano. ★ 25 — Comemora-se em todo o mundo, entre festejos e esperanças o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

JANEIRO — 1951 — De Roma informam, a 28, que o padre Ildefonso Rea, abade de Monte Cassino, seguiu para Brescia, a fim de estudar uma relíquia venerada na catedral daquela cidade e que se considera como sendo um dos braços de São Bento. Depois de descobertos os restos mortais dêsse santo e dos da sua irmã, Santa Escolástica, durante os trabalhos de reconstrução da famosa abadia, destruída no correr das operações militares de 1944, tenciona-se, de fato, recompor os corpos dos dois santos. ★ O Vaticano anuncia, na mesma data, que os bispos católicos romanos em todo o mundo, receberam ordem de prestigiar o movimento dos Rotary-Clubs em suas dioceses.

FEVEREIRO — A 2, no Vaticano, realiza-se a cerimônia da entrega, ao Papa, dos círios bentos, segundo a tradição, na sala do Consistório, por ocasião da festa da Purificação da Santíssima Virgem. Na mesma data ordena-se sacerdote, em Colônia, um filho do chefe do govêrno ocidental alemão, Chanceler Adenauer. ★ A 9, na Sala do Trono, o Santo Padre assiste ao primeiro sermão da Quaresma, pronunciado pelo padre Clemente de Santa Maria, diante de um auditório composto de cardiais, altos prelados e superiores e procuradores das Ordens Religiosas. ★ A 12, divulga-se que existe 1.067 sacerdotes católicos no Estado de Minas Gerais, distribuídos em três arquidioceses, sendo a maior a de Mariana, que conta com 446 municípios, seguindo-se a de Belo Horizonte, com 120. O número de Paróquias é de 799. ★ Torna-se cada vez mais difícil a posição da igreja católica na Lituânia segundo informa a Agência Tass, na mesma data. ★ A 14, revela-se de Nova York, que o 35.º sacerdote negro dos Estados Unidos, Rev. Padre José A. Francis, da Congregação do Verbo Divino, foi ali ordenado. ★ Roma informa, na mesma data, que existe atualmente, no mundo, 300.000 padres católicos, isto é: 1 para cada 7.700 pessoas. No Brasil, a proporção é de 1 para 8.000 e, na América do Sul, é de 1, para 12.000. ★ A 18, informa o Vaticano que pela primeira vez, depois do fechamento da Porta Santa, o Papa desceu à Basílica, para venerar o bemaventurado Alberto Crescitelli, mártir missionário, beatificado pela manhã. ★ A 19 é modificada pelo Santo Padre a oração especial que S. Santidade compôs para o Ano Santo, a fim de que possam os fiéis recitá-la mesmo depois de encerrado o Jubileu. ★ Tôda a Bahia Católica celebra a 26 o 4.º centenário da sua diocese, a primeira criada no Brasil, por iniciativa de D. João II, rei de Portugal, que anteriormente instituíra o Govêrno Geral do Brasil e mandara fundar a cidade do Salvador. ★ A 27, chega a Fortaleza, D. Eliseu Mendes, novo bispo auxiliar daquela Arquidiocese.

MARÇO — Inauguramos êste mês assinalando o aniversário natalício de Pio XII, efeméride festejada em todo o mundo católico. Entretanto, os únicos sinais exteriores significativos do dia são as bandeiras papais, Branco e Amarelo, hasteadas no Palácio do Vaticano. Seu 75.º aniversário coincidiu com o 12.º aniversário de sua elevação ao Trono de São Pedro, embora tenha sido coroado 10 dias mais tarde, quando serão observadas as comemorações oficiais no Vaticano. ★ A 10, o Papa Pio XII concede bênção apostólica ao Governador Lucas Nogueira Garcez e ao povo de São Paulo. ★ A 11, o Sumo Pontífice nomeia o cardeal Tisserant para o cargo de Prefeito da Congregação do Cerimonial. ★ A 14, é nomeado um núncio apostólico para a Alemanha Ocidental, Ludwig Josef Muench, arcebispo titular de Fardo.

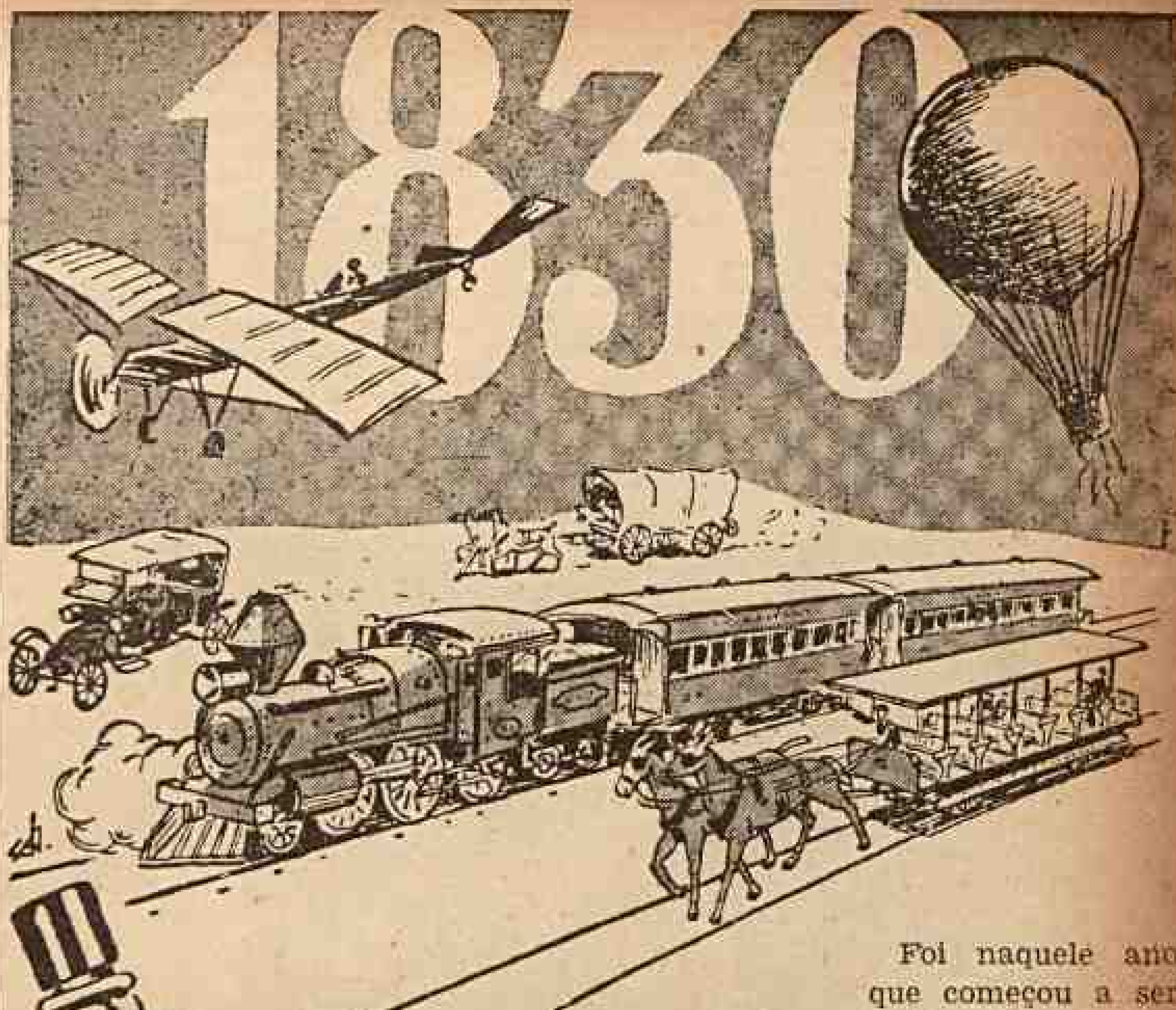
ABRIL — A Cidade do Vaticano, a 19, anuncia que o Papa Pio XII escolheu o lugar onde deseja ser sepultado. S. Santidade fêz a escolha quando abriu uma cripta no subterrâneo da Basílica de São Pedro e consagrou um novo altar sôbre a tumba de São Pedro, descoberta pelos arqueólogos depois de 10 anos de procura, 15 metros abaixo da Basílica. ★ A 21, embarca no "Comte. Biacomano", com destino a Roma, onde vai representar os arcebispados do Rio de Janeiro e de São Paulo, nas cerimônias da beatificação do Papa Pio X, E. Emcia. o Cardeal D. Jaime Câmara. ★ A 15, é beatificado o padre Francesco Fasani, humilde sacerdote italiano do século XVIII. O cerimonial foi cumprido por cinco cardeais, 50 arcebispos e bispos, etc. O Beato Francesco Fasani pertencia a um ramo da ordem fundada por São Francisco de



VOCÊ É SABIDO MESMO- Então responda: o leite pasteurizado é leite fervido! Esta afirmativa é verdadeira ou falsa? (Resposta na página n. 274)

Assis. A seguir, o Papa Pio XII desceu à Basílica para venerar o novo santo.

MAIO — 1 — Milhares de peregrinos assistem à solene beatificação dos 25 mártires católicos mortos em Tonkin, há cêrca de um século. Entre os beatificados figura o bispo espanhol José Diaz Sanjurjin. ★ 4 — Jubileu de ouro sacerdotal de Frei Basílio, coadjutor do Convento de Santo Antônio. ★ No santuário de Nossa Senhora de Pompéia ocorreu mais um milagre. ★ Também em Lourdes, uma mulher, de um grupo de peregrinos britânicos, é beneficiada por um milagre. ★ Em João Pessoa grandes festejos assinalam as bodas de prata sacerdotais de D. Anselmo Petrúla, bispo de Campanha Grande. ★ A 6 é encerrada com solene procissão a XXIV Semana Eucarística comemorativa do Jubileu de Prata da Adoração Perpétua, nesta capital. ★ A 8, o Papa Pio XII desce à Basílica de S. Pedro, para orar ante a relíquia da freira Plácida Viel, que foi pela manhã beatificada na mesma basílica.





Foi naquele ano que começou a ser fabricado o Sabão Russo, isto é, há 122 anos. Poucos poderão avaliar o que se fêz em tão largo período na vida da coletividade. SE O "SABÃO RUSSO" FALASSE, poderia contar tanta coisa... Como surgiram os trens de ferro, os bondes de burros e os bondes elétricos; a chegada dos primeiros navios a vapor, a iluminação a gás, o telefone, balões esféricos, automóveis, dirigíveis, aeroplanos. Use os produtos do grande Laboratório do Sabão Russo.

Liquido, sólido e em bastões para barba

Maior economia nos vidros grandes — 3 tamanhos — Um jardim de flores concentradas na ÁGUA DE COLÔNIA E SABONETE "107".

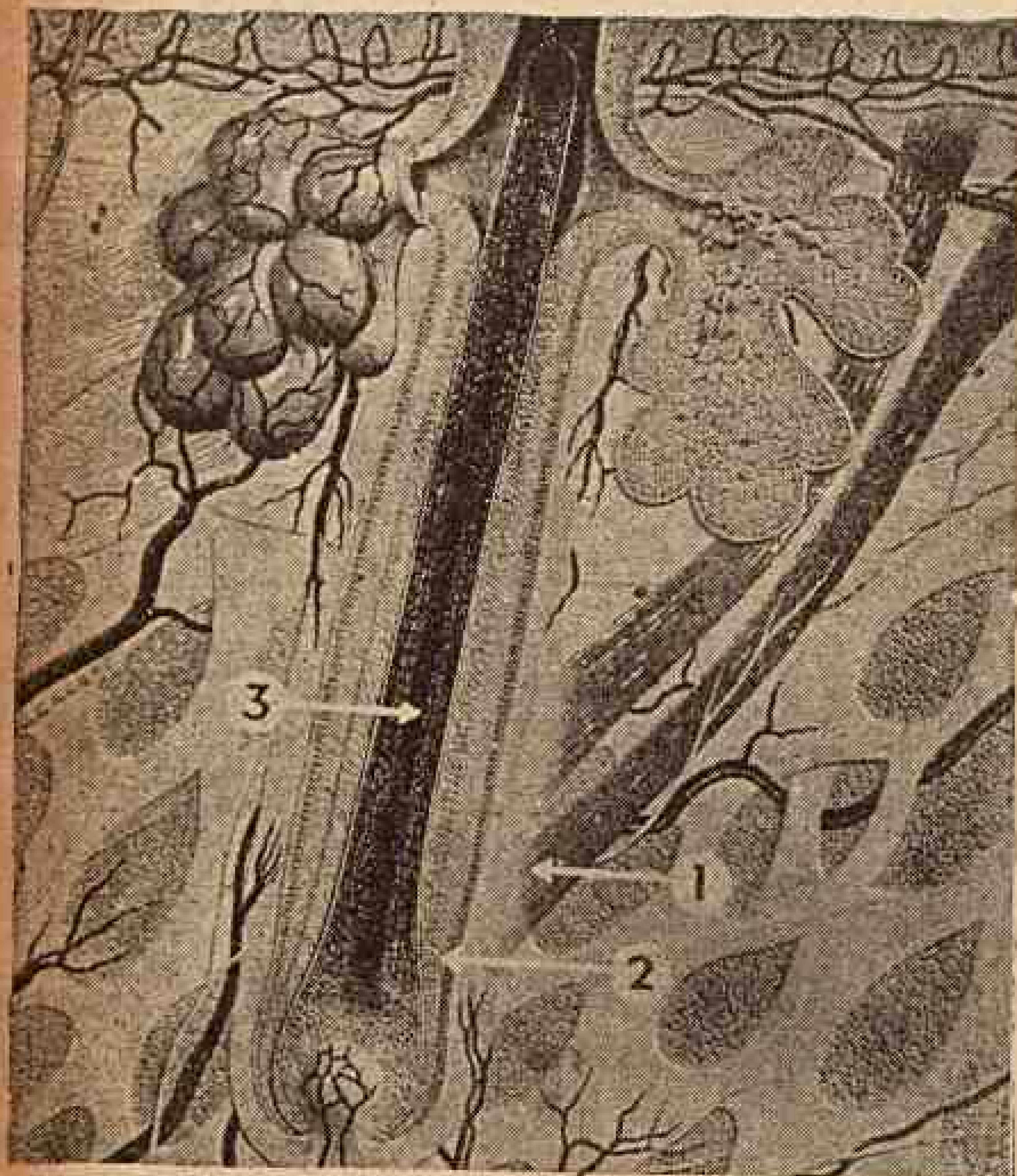
JUNHO — 3 — Pio X, o Papa da Pobreza, da Bondade e da Paz, é beatificado, menos de 40 anos depois de sua morte. Entre os cardiais se encontravam os arcebispos de Milão, Bolonha e Nápoles, além dos arcebispos do Rio de Janeiro, Lion, Santiago, Colônia, Toledo e o patriarca de Lisboa. ★ 4 — O Papa realiza consistório semi-público para a canonização das bemaventuradas Emile de Viala e Maria Dominica Mazza-Rello e dos bemaventurados Antonio Gianelli, Francisco Saverio Bianchi e Ignazio de Laconi. Foram fixadas as datas de 24 de junho e 21 de outubro para as canonizações. ★ A 12, são expostos no altar da Confissão, na

★

Se os seus móveis são novos, aplique óleo de peroba para conservá-los; se são velhos, aplique óleo de peroba para renová-los.

Basílica de São Pedro, os despojos de Pio X, entre dois pequenos altares, até conclusão dos preparativos para a inhumação definitiva nas Grotas Vaticanenses, sob o altar de Cristo Redentor. ★ A 17, a população de Mariana celebra o cinqüentenário da ordenação de D. Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana. ★ A 22, o Papa recebe o bispo de Jacarèzinho, S. Paulo. ★ Chega ao Rio D. Fernando Gomes, bispo de Aracaju. ★ A 28, chega a esta capital, de regresso de Roma, onde foi assistir à beatificação do Papa Pio X, D. Jaime de Barros Câmara, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro.

JULHO — 3 — Revela-se da Cidade do Vaticano que Monsenhor Gaeno Migani, bispo de Kian, no Kiangsi, foi expulso da China pelas autoridades comunistas e conduzido, sob escolta, à fronteira de Hong-Kong. Dois outros missionários italianos também foram expulsos. ★ Da mesma fonte noticia-se, a 9, que foi com reserva que os meios do Vaticano acolheram as informações de Belgrado segundo as quais o govêrno da Iugoslávia teria proposto à Santa Sé a libertação de Monsenhor Stepinac, arcebispo de Zagreb, com a condição do mesmo abandonar imediatamente o país. ★ Ainda da Santa Sé, revela-se que o Papa Pio XII anunciou que uma missa dedicada à paz do mundo será oficiada diàriamente na Basílica de São Pedro. ★ No dia 11, o embaixador do Brasil junto à Santa Sé e o escritor Magalhães de Azeredo, membro da Academia Brasileira de Letras, que foi por longos anos decano do corpo diplomático na Cidade Etêrna, são recebidos pelo Papa, que faz entrega ao último, de uma medalha de ouro destinada à Academia e a cada um, pessoalmente, uma medalha de prata, comemorativa do primeiro ano do seu pontificado. ★ Na mesma data o Papa cria a Universidade Católica de Pôrto Alegre, no Rio Grande do Sul, decretando que ela deve usar o título de Universidade Católica Pontifícia. ★ A 12, S. Santidade deixa o Vaticano, seguindo para sua residência de verão em Castel



PARA VOCÊ QUE E' SABIDO... — **Quando nos excitamos, os fios de cabelo** (o modêlo acima mostra o corte secional de um fio de cabelo, em folículo) **«ficam erectos».** — Verdadeiro? — Falso?
Se o leitor não é sabido, veja a resposta na página número 276)

★

VOCÊ E' SABIDO MESMO? (Resposta da página 272) — A pasteurização consiste em aquecer o leite, usualmente antes do mesmo ser engarrafado, durante 30 minutos, a 90 graus centígrados, aproximadamente (sem ferver). Isso mata todos os germes perigosos à nossa saúde, sem prejudicar o valor nutriente do leite. A afirmativa, portanto, é falsa. O leite que se dá à criança é fervido para tornar o coalho mais digestivo.

PARA OS MALES DO
FÍGADO
ESTÔMAGO e INTESTINOS



HEPACHOLAN XAVIER
O REMÉDIO QUE NÃO FALHA!

Gandolfo. ★ Em Curitiba, a 17, é lançada a pedra fundamental da nova igreja em louvor de Nossa Senhora, em solenidade presidida por D. Manuel Silveira Delboux, arcebispo metropolitano. ★ Em Recife, na mesma data, é encerrado o Congresso Nacional do Escapulário e a V Semana de Ação Católica. ★ Ainda a 17, de Hong-Kong, revela-se que as autoridades comunistas declararam ser ilegal a organização católica Legião de Maria, prendendo vários dos seus membros. ★ A 25, a Cidade do Vaticano confirma a morte do cardeal Adão Estêvão Sapietha, arcebispo de Cracóvia, na Polônia. Com a sua morte fica reduzido a 49 membros, num total de 70, o Sacro Colégio.

AGÔSTO — A 1 do mês, temos que assinalar a morte do arcebispo Carlos Margotti, de Gorizia, perto de Trieste. Fôra prêso em maio de 1945, pelas fôrças do Marechal Tito, e sentenciado à morte. Os Aliados conseguiram a sua libertação. No ano seguinte foi vaiado e apedrejado por manifestantes eslovenos. ★ A 21 de junho excomungou 4 jornais triestinos comunistas. ★ Em Berlim, na mesma data, é entronizado novo bispo católico romano, Wilhelm Weskamm, ex-sufragânio de Magdeburgo. ★ Por avião da Panir do Brasil passa pelo Rio, em trânsito para Moçambique, D. Sebastião Soares de Resende, bispo da Beira. ★ Em Salvador, Bahia, são realizadas, a 16, grandes festas em comemoração à Assunção de Nossa Senhora. ★ Na mesma data o Papa recebe em audiência geral numerosos grupos de fiéis de várias nacionalidades, notadamente brasileira.

★ De Rio Casca informam, a 16, ter sido ali inaugurada a Casa dos Milagres. ★ A 17 é inaugurada a 318ª peregrinação nacional a Lourdes, França. A 22, D. Martinho Michler, abade do Mosteiro de S. Bento, nesta capital, comemora o 25.º aniversário de sua ordenação sacerdotal. ★ A 22, várias dezenas de milhares de fiéis desfilam pelas Grutas Vaticanenses, diante da urna contendo os restos mortais de Pio X, por motivo do 37.º aniversário de sua morte.

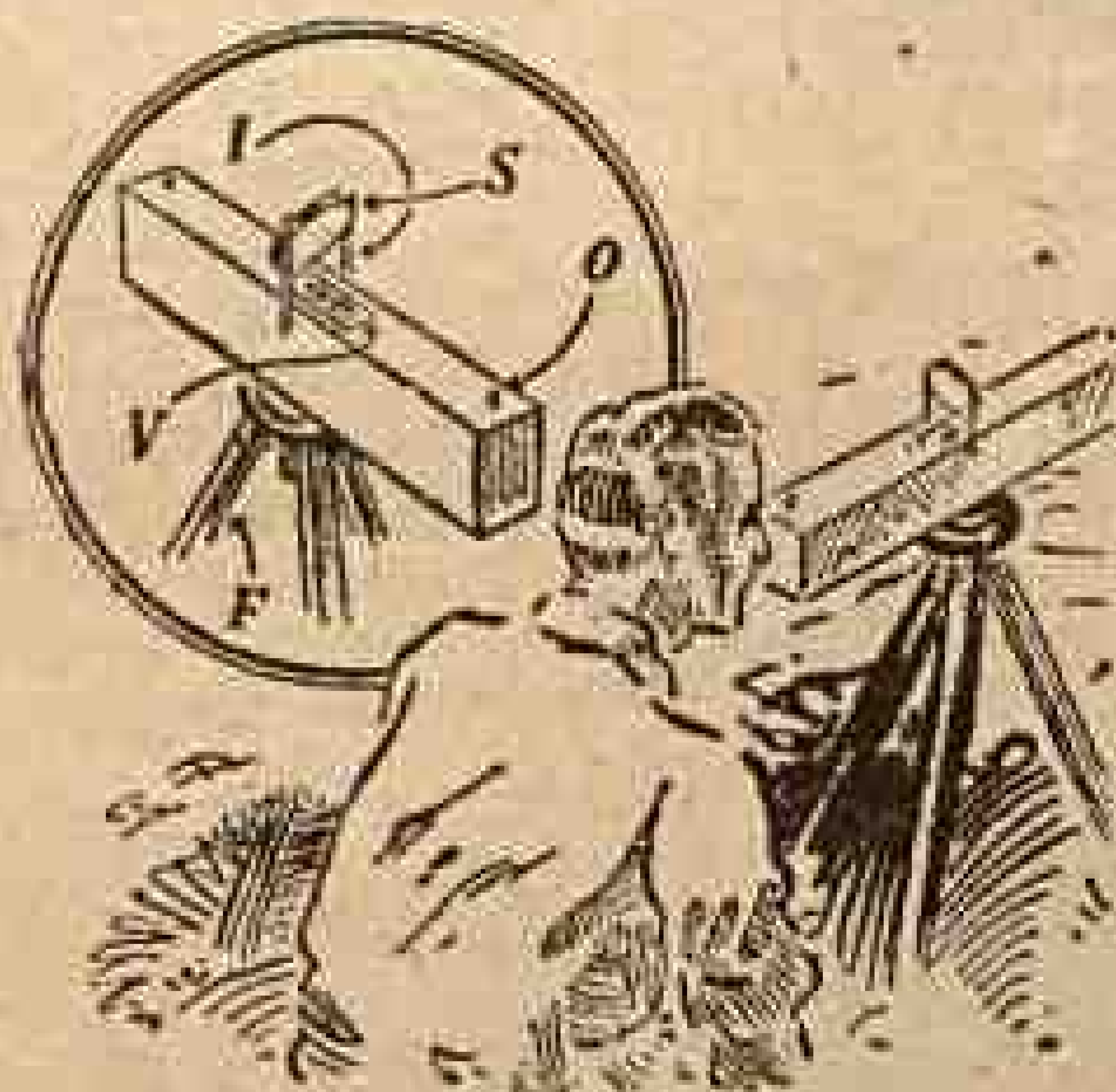
A FELICIDADE

RUI BARBOSA

Quem pôde, neste mundo, definir a felicidade? Desde que a atenção do homem se concentrou da natureza visível para a natureza interior, a ciência, a poesia, a religião, debruçadas sôbre o coração humano, revolvem o impenetrável problema, esgotando-se em vão a sagacidade, a inspiração, a eloqüência. Tôdas as influências que compõem a alma contraditória do homem, que o obscurecem ou explicam, que o regeneram ou degradam; os sentimentos que fortalecem ou deprimem, os que criam ou destroem, os que repelem ou encantam, vão passando sucessivamente pelo fundo misterioso do vaso, onde a humanidade bebe, desde o princípio da Criação, a ambrosia e o fel.

E a eterna interrogação continua a preocupar eternamente as cabeças que meditam, as imaginações que cismam: onde está a felicidade? No amor ou na indiferença? Na obediência ou no poder? No orgulho ou na humildade? Na investigação ou na má fé? Na celebridade ou no esquecimento? Na nudez ou na prosperidade? Na ambição ou no sacrifício? Risível pretensão fôra a minha, se me propusesse a entrar com uma fórmula nova na multidão inumerável dos excavadores dêste enigma. Não passa de uma impressão pessoal a que vos traduzo, dizendo-vos em uma palavra a minha maneira de interpretar o grande segrêdo. Ao meu ver, a felicidade está na doçura do bem distribuído sem idéia de remuneração. Ou por outra, sob uma fórmula mais precisa, a nossa felicidade consiste no s e n t i m e n t o da felicidade alheia, generosamente criada por um ato nosso.

★



Para tirar o «nível» de um terreno... nada melhor do que adaptar um «nível» comum, de carpinteiro, a um bloco de madeira, segundo indica o cliché e adaptar o mesmo bloco a um tripé. Então, por meio de um espelho retro-visor, que permite consultar o «nível», tira-se a linha plana do terreno a ser estudado.

novos, aplique óleo de peroba para conservá-los; se são velhos, aplique óleo de peroba para renová-los.

HOMŒOPATHIA
prefira
1858

1952
COELHO BARBOSA

O mais antigo Laboratório Homeopático
COELHO BARBOSA & CIA. — Rio de Janeiro
Atendem a encomendas pelo Reembôlso Postal para todos os Estados do Brasil
Peçam grátis o novo «GUIA HOMEOPATICO, edição de 1952
Rua Joaquim Palhares 643 — Caixa Postal 602 — End. Teleg. «Allium»

ALIMENTOS EXTRAVAGANTES

Se um hoteleiro tivesse o capricho de oferecer aos seus clientes amostras dos pratos extraordinários de certos povos do Universo, poderia organizar um "menu" que começaria com sopa de ninhos de andorinha, que é o grande regalo para os paladares chineses. A seguir serviria um "ragout", feito com certas lagartas, larvas enormes de coleópteros, que são encontradas no âmago das palmeiras e que são verdadeira guloseira para os negros das Antilhas.

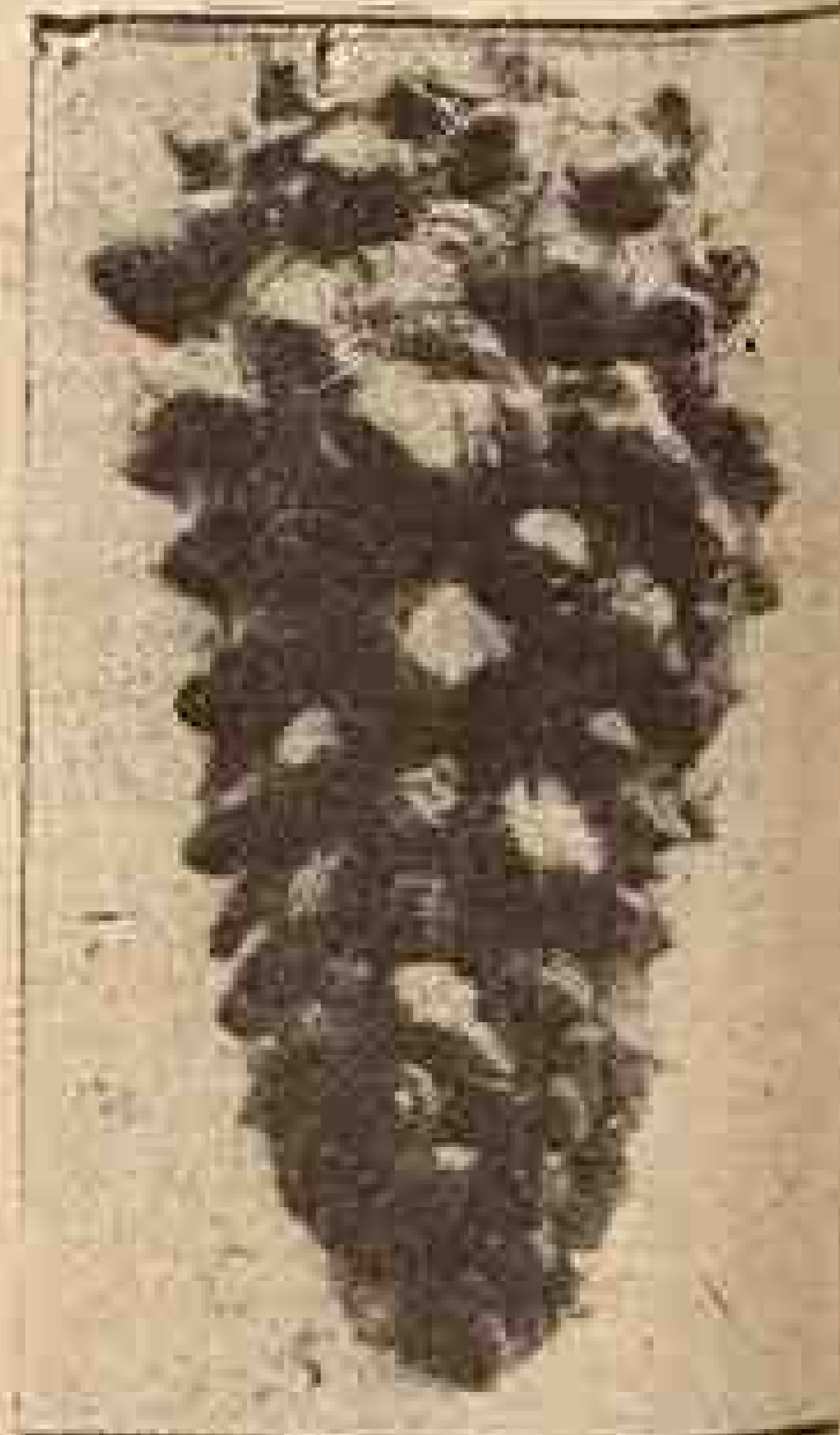


Ninhos de andorinhas

Seguir-se-ia a êste prato, uma "fritada" de gafanhotos africanos, estimadíssimos pelos árabes, ou de minhocas da Colômbia, que os índios extraem de covas bem fundas, feitas nas margens dos rios.

Complemento para êsse festim seriam uma salada de caramujos do mar, colhidos nas costas africanas e umas pastas, feitas com certas terras argilosas, que os anamitas consideram como o melhor comestível do mundo.

E' muito provável que os convidados para tal banquete não fizessem boa cara para nenhum dêsses pratos. E, no entanto, parte da humanidade se alimenta com substâncias tão pouco apetitosas para nós, como as já acima mencionadas, sem contar, entre elas, os "ersatz" usuais na Alemanha durante a guerra.



Caramujos marinhos

Por exemplo: os negros africanos são loucos por formigas brancas, que abundam no centro do imenso continente. Os negros da Austrália preferem muito mais a lagarta palmista, tão do agrado dos indígenas das Antilhas, do Anan ou do Tonquin. Esta larva do **Curculio palmarum** é encontrada na haste terminal de diversas palmeiras. Os Anamitas, quando colhem essas larvas tratam de cevá-las durante vários dias, com carne de melões e suco de bananas. Mas falemos de alimentos menos repugnantes. Para não tornar esta dieta interminável citaremos os caramujos marinhos, **equinodermo**, que têm muitos apaixonados nas costas africanas e parece ter o sabor agradável muito semelhante ao do camarão; o queijo; os ratos assados na própria pele e os sapos defumados, que os índios **batekes** comem depois de os pendurar, vivos, pela cauda sôbre a fogueira.

Falemos sucintamente dos ninhos de andorinhas que abundam em infinitas variedades nas ilhas de Sonda e dos quais tanto se tem escrito. Êstes ninhos co-

★

PARA VOCE QUE E' SABIDO... (Resposta da página 274) — Cada fio de cabelo está enterrado na pele em ângulo. O músculo eretor (1) cuja ação é involuntária está ligado à parede do folículo (2), no lado contra o qual o cabelo pende. Quando ficamos excitados, êsse músculo se contrai empurrando o cabelo (3) para a posição vertical. Portanto, a afirmativa é verdadeira.

Há quasi
UM SÉCULO
Milhares de homens em todo o Brasil preferem êste calçado
SOUTO
AGORA
elegantes modêlos em sola fina para verão
Calçado SOUTO
Confôrto máximo
Garantia absoluta

mestíveis, tão apreciados pelos chineses, devem seu sabor especial a diversas algas marinhas, do grupo das florídeas, que as andorinhas aglutinam com a própria saliva, para construir os ninhos.

Para terminar, citemos pastéis e outras "delicadezas". Em Tóquio está em voga, atualmente, uma marmelada feita com abelhas selvagens, cozinhadas a fogo lento, em recipiente especial. Êste doce, segundo anunciam, vai ser exportado para o Ocidente!



Gafanhoto africano

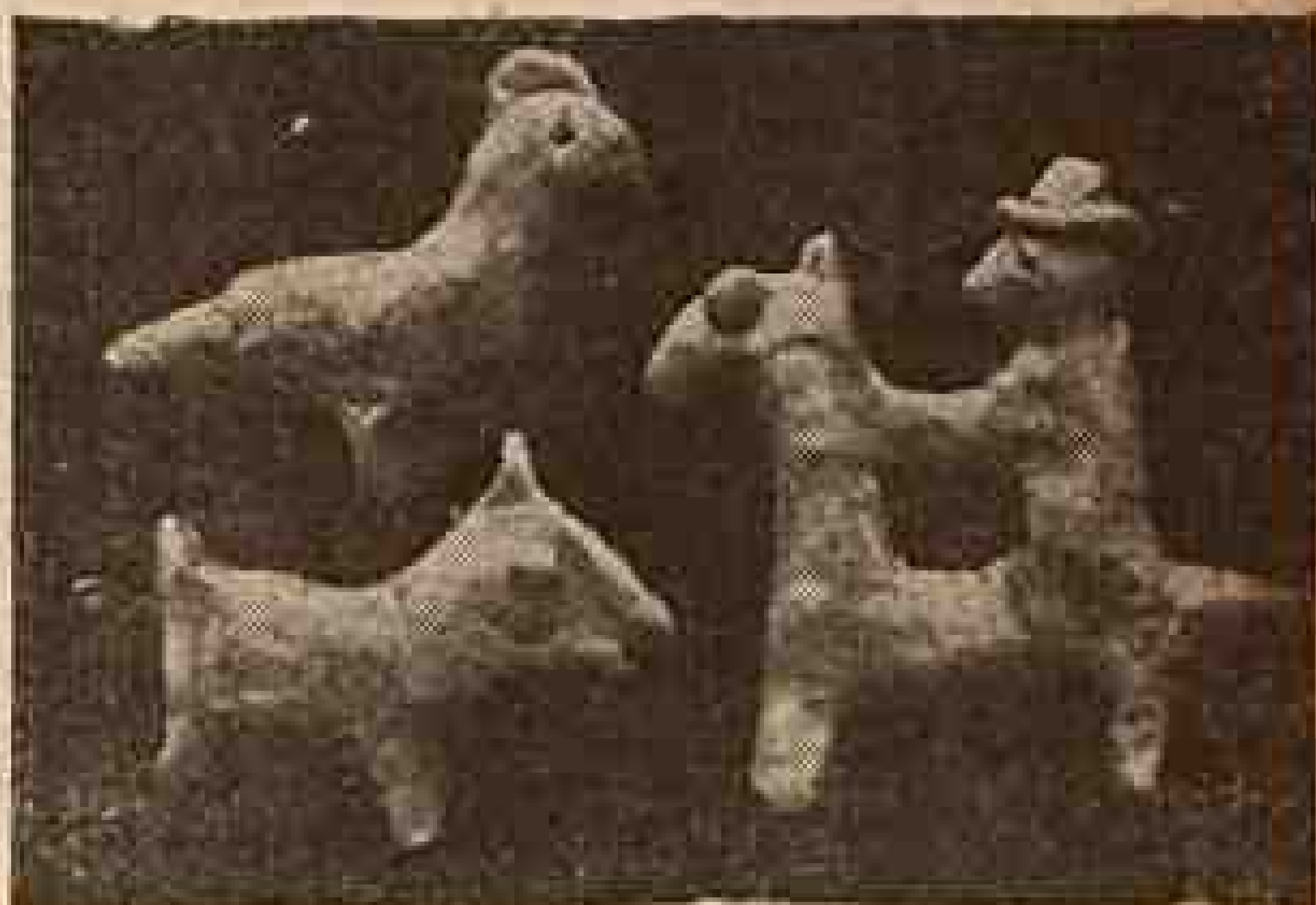
Em breve o veremos figurar à mesa de algum "snob", ao lado de alguns pastéis de terra, que virão do Extremo Oriente.

A raça amarela figura em primeira linha entre as geófagas, consumindo enormes quantidades de argila gredosa, da mesma classe da que empregamos para a fabricação de moringues, próprios para refrescar a água.

Em Java e Sumatra também é preparada essa argila comestível, fazendo-se com ela uma pasta, amassando-a com água e, a seguir, tostando-a em fôrmas com figurinhas de animais.



Andorinhas das ribeiras da China



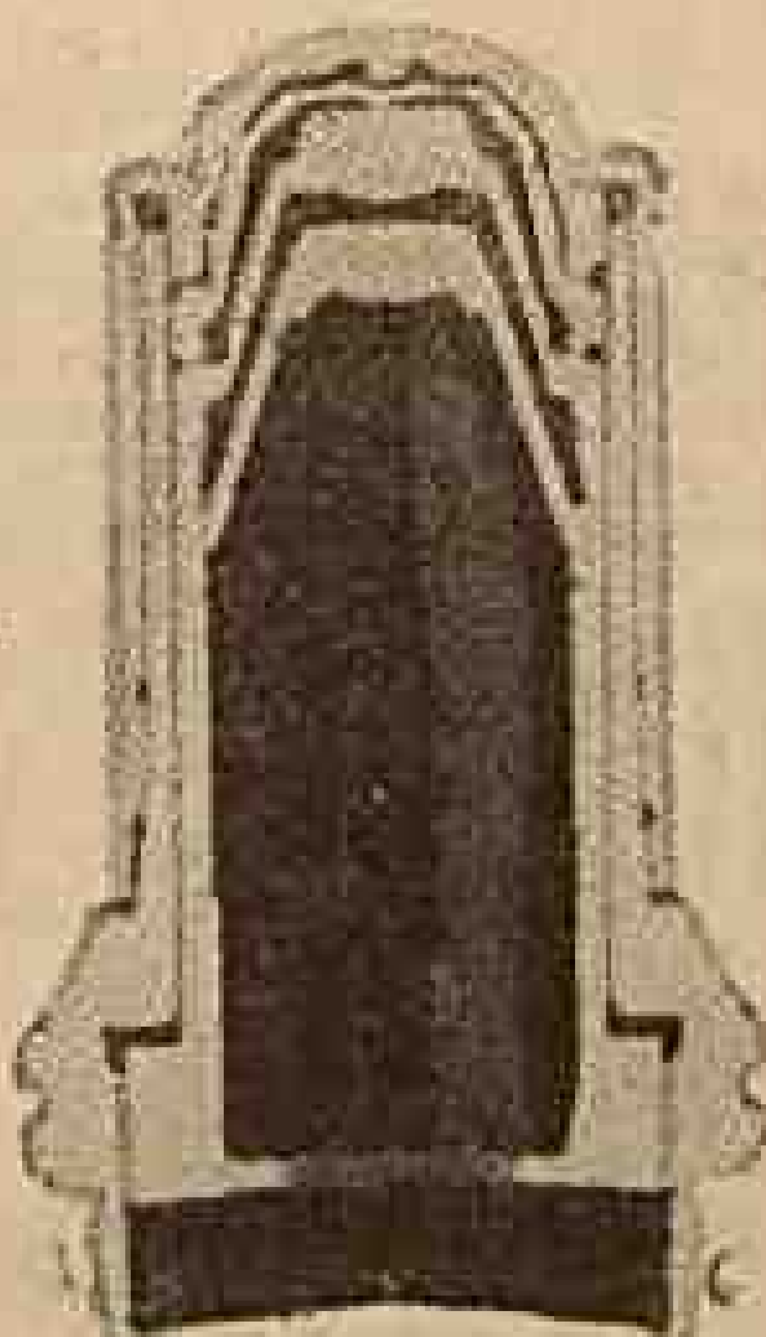
Pastéis de terra comestível (Java, Japão e Tonquin)

OS MISTÉRIOS INTERIORES DO MICROSCÓPIO

Por L. V. FOSTER

Uma ocular para uso num microscópio consiste em duas ou mais lentes montadas dentro de um tubo que se adapta na parte superior do tubo do microscópio e serve para aumentar a imagem real formada pela objetiva do microscópio.

O caráter da imagem formada pelas objetivas do microscópio difere e depende, de certa maneira, do seu comprimento focal, abertura numérica e construção. A finalidade do microscópio é dar a melhor imagem possível de um pormenor de qualquer objeto, e reproduzir fielmente êste pormenor, quanto à forma e côr, na imagem. Com êste fim, o desenrolar de objetivas de microscópio concentra a atenção na redução ao mínimo da aberração esférica e da zona, assim como também da



aberração cromática e coma. O resultado da obtenção destas correções para qualquer objetiva causa a formação de uma imagem em seu eixo ótico essencialmente isenta de flu e de côres. Isto é, se existisse como objeto no eixo ótico da objetiva um ponto branco de tamanho certo, a imagem seria um ponto branco aumentado, essencialmente isento de flu e de côres. Se o objeto — o ponto branco — fôsse deslocado do eixo da objetiva para fora, observar-se-ia que a melhor imagem se formaria mais perto da objetiva do que antes, quando o ponto estava no eixo. Em outras palavras, a imagem formada por uma objetiva de microscópio tem superfície curva. Esta qualidade se denomina a curvatura de campo e ela depende do comprimento



O Remédio de Confiança da Mulher
REGULADOR XAVIER
Duas fórmulas diferentes para dois males diferentes
Nº 1 - EXCESSO ★ Nº 2 - FALTA OU ESCASSEZ

Diferença cromática do aumento das objetivas acromáticas e apocromáticas.

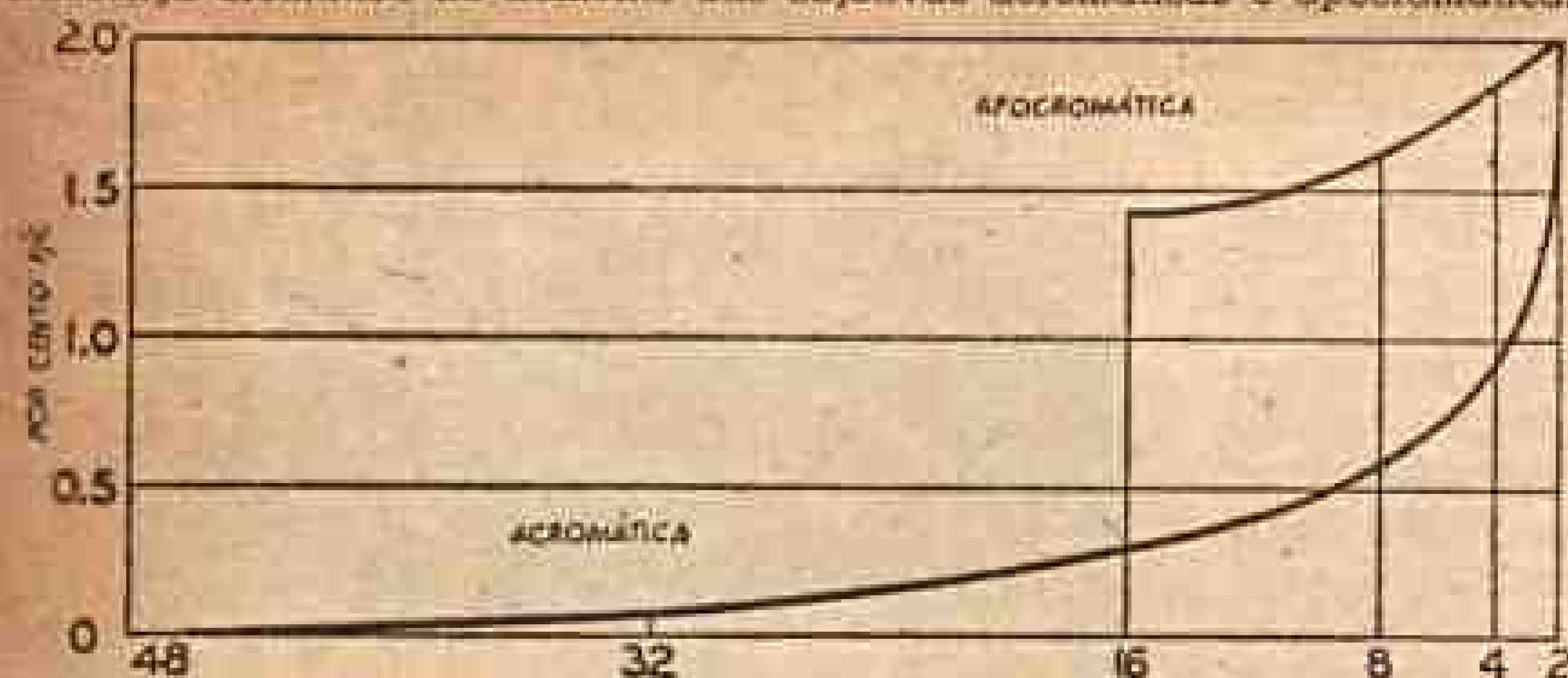


Figura 2 — As abcissas representam o comprimento focal em milímetros das objetivas de microscópio. As ordenadas representam a percentagem do maior aumento para a luz azul em relação à luz vermelha das objetivas de microscópio.

focal da objetiva, de sua abertura numérica e correção esférica. Poder-se-iam desenhar objetivas de microscópio para produzir campos planos, porém, ùnicamente à custa da fôrça da resolução e da definição. As objetivas de grande comprimento focal, tais como as de 48mm e de 32mm, possuem campos relativamente planos, devido à sua construção simples e sua pequena abertura numérica. A objetiva de 16mm tem alguma curvatura de campo que se torna especialmente evidente, quando o objeto é delgado. As demais objetivas de alta potência possuem ainda maior curvatura de campo, por causa do seu complexo sistema ótico, formado por várias lentes de mui curto foco, e da sua alta abertura numérica.

O acromatismo da objetiva de um microscópio significa que para distâncias definidas entre objetos e imagens, a distância da imagem é igual para duas linhas do espectro. O resultado é que os comprimentos focais das duas linhas do espectro da objetiva do microscópio são diferentes. As distâncias da imagem para estas linhas do espectro são iguais; seus comprimentos focais, porém, são diferentes, e, para as duas linhas do espectro, formam-se duas imagens de diferentes tamanhos. Para compreender isto, devemos referir-nos à Figura 1, e mostrar como se determina o aumento . O aumento poder-se-á definir como a distância da imagem, dividida pelo comprimento focal e, sendo o comprimento focal diferente para as linhas do espectro, o aumento diverge e, daqui, resultam as duas imagens de tamanhos diversos para as duas linhas do espectro. Esta circunstância é chamada a diferença cromática do aumento. O objetivo dêste artigo é tornar mais compreensível êste estado e indicar como se lhe pode diminuir os efeitos com uma escolha apropriada e emprêgo dos vários tipos de oculares.

A Figura 2 dá duas ilustrações gráficas da diferença cromática do aumento existente nas objetivas disponíveis de microscópio. Estas diferenças mostram-se na proporção da percentagem do aumento da imagem azul à imagem vermelha. A curva inferior é para as objetivas cromáticas, e a

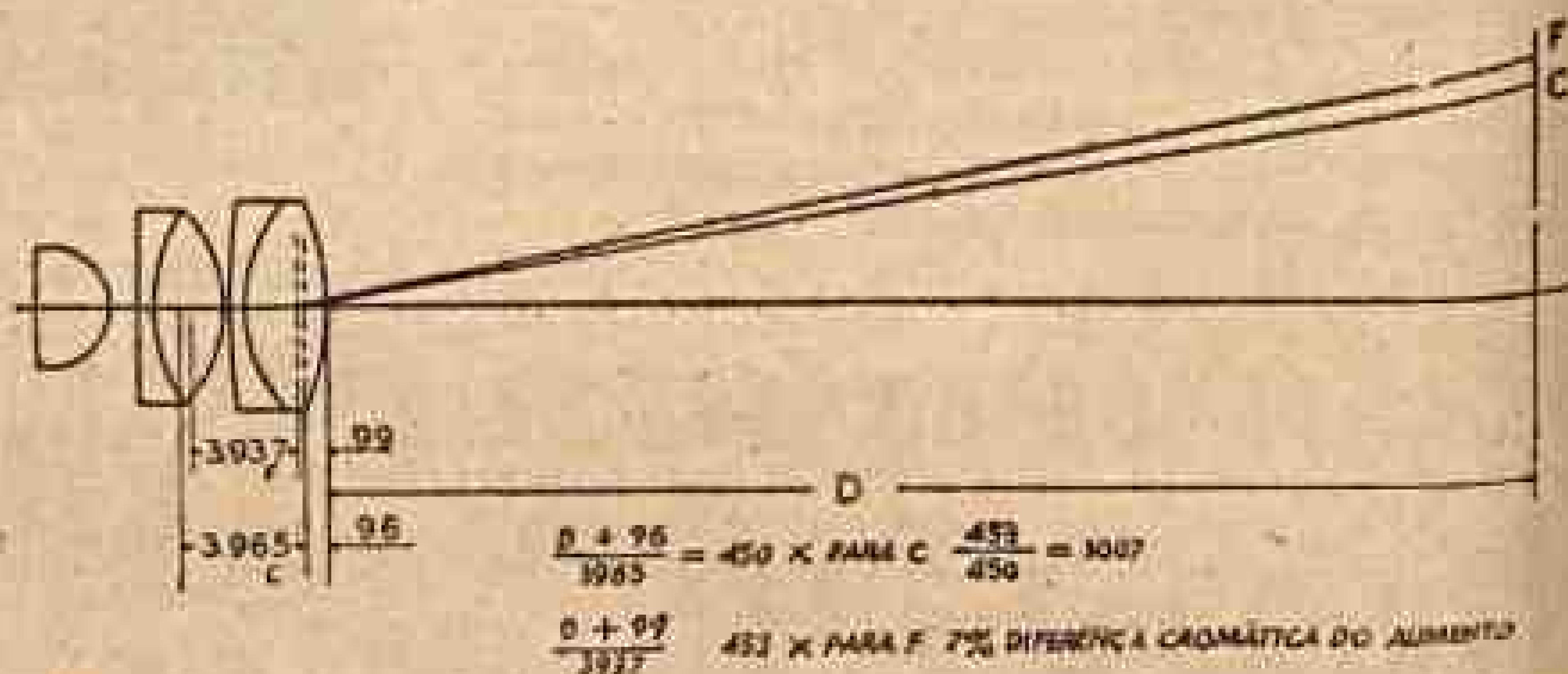


Figura 1 — Objetiva acromática de 4mm para microscópio, mostrando a posição dos pontos focais para F (luz azul) e C (luz vermelha) e os valores para o comprimento focal equivalente para estas côres. A imagem azul é mais aumentada que a imagem vermelha, e chamamos diferência cromática de aumento justamente a esta diferença de grau de aumento entre as duas imagens.

FÁBRICA DE CHOCOLATES PATRONE S.A.



ENDERÊÇO TELEGRÁFICO: "BONBONS"

Escritório Central e Depósito	FÁBRICA
RUA DA LAPA, 10-12	RUA CEL. VEIGA, 1349
FONE: 22-0349	FONE: 3987
RIO DE JANEIRO	PETRÓPOLIS — Estado do Rio

curva superior para as objetivas apocromáticas. As oculares de Huygens, conforme são feitas para o microscópio, não são estritamente acromáticas; elas têm, porém, o comprimento focal um pouco maior para a luz azul que para a luz vermelha, com o fim de compensar em parte a correção insuficiente das objetivas acromáticas. Em média, a potência compensadora das oculares de Huygens é de 0,25%. Como se pode ver na Figura 2, esta compensação dos oculares de Huygens neutraliza exatamente a correção insuficiente da objetiva acromática de 16mm. Desta maneira, a imagem, vista por estas oculares usadas com uma objetiva acromática de 16mm, deveria estar bem isenta de côr primária. Permanecerão côres secundárias do espectro. Quando se utilizam estas oculares com objetivas de comprimento focal maior de 16mm, há côres compensadas com algum excesso na margem do campo.

A média de compensação da ocular Hyperplane é de 0,8%. Examinando-se a Figura 2, ver-se-á que estas oculares compensam satisfatòriamente a diferença cromática do aumento das objetivas acromáticas sêcas de alta potência. Estas oculares são hipercromáticas e, quando se usam como objetivas apocromáticas de baixa potência, e com objetivas acromáticas de alta potência, elas compensam algo da diferença cromática do aumento que lhes é inerente. Tais oculares não devem ser empregadas com objetivas acromáticas de baixa potência, porque introduziriam côr na margem do campo, e causariam má definição, devido à correção excessiva da curvatura do campo.

As oculares compensadoras dão mais um passo à frente na compensação da diferença cromática do aumento. A média da potência compensadora destas oculares é de 1,5%. Na Figura 2 notar-se-á que a diferença cromática do aumento das objetivas apocromáticas varia de 1,4% a 2,0%. Se as oculares compensadoras são usadas com objetivas apocromáticas, a côr restante na mar-

(Continua na página seguinte)

LOCUÇÕES FAMOSAS

O TONEL DAS DANAIDES

Conseguir algo que, ao mesmo tempo que se consegue se vai perdendo, é como «encher o tonel das Danaides». Tal, por exemplo, o caso do comerciante que gasta diàriamente as suas férias.

As Danaides, segundo a Mitologia Grega, eram as 50 filhas de Danao. Quando êste fugiu da Líbia para escapar à ira de seu irmão, Egito, suas 50 filhas o seguiram, à Grécia, onde fertilizaram a Argolida, fazendo brotar fontes de água no terreno sêco! Tempos depois, os filhos de Egito chegaram a Argos, onde reinava Danao, e pediram as Danaides em casamento. O rei concedeu o que pediam, contra a vontade de suas filhas; estas, na noite do casamento, assassinaram seus esposos.

Em vasos pintados e monumentos antigos, da Grécia, as Danaides são representadas, no Inferno, castigadas por tal crime, enchendo com água tonéis que estão furados na sua parte inferior, e que se esvaziam à medida que elas os vão enchendo.

Natal
Festa das Famílias.
Festa da Cristandade

Artigos finos
para cavalheiros
de bom gôsto

•

Grande e variado
sortimento para as
festas de Natal
e Ano Novo

A
TORRE EIFFEL
Ouvidor
97 99

O CINQUENTENÁRIO DA DIRIGIBILIDADE NO AR

No dia 18 de outubro último comemorou-se o 50.° aniversário do extraordinário feito de Alberto Santos Dumont, que nessa data, em 1901, no seu dirigível "VI" contornou a Tôrre Eiffel, provando dirigibilidade dos "mais leves que o ar" (como, um pouco mais tarde, faria o primeiro vôo com os "mais pesados que o ar"). O Museu do Ar, de Paris, realizou magnífica exposição junto à base daquele conhecido monumento da capital francesa, solenidade a que compareceram representantes de tôdas as nações. No Brasil foram vários os festejos realçando a glória dêsse extraordinário pioneiro.

O que foi essa extraordinária façanha de Alberto Santos Dumont, está minuciosamente descrito nas páginas do "Monde Illustré", que lhe dedicou muitas páginas em sucessivos números.

Quando o nosso grande e imortal patrício deu o sinal de "largar", o Sr. Besançon, que fôra a pessoa encarregada de controlar o tempo da prova para a conquista do prêmio "Deutsch de la Meurthe", assinalou a hora exata: 2.44. Estava iniciada a prova sensacional. O "Santos Dumont VI", feio, escuro, fragilíssimo, dotado de um motor de explosão de 4 cilindros e 16HP, voando a favor do vento, dirige-se para a famosa tôrre.



Santos Dumont

...No trajeto, a multidão ovaciona, gesticula, corre apontando para o céu, onde a coragem e o gênio de um homem moço (tinha então Santos Dumont, 28 anos) escrevia a primeira página daquilo que a Humanidade, a seguir formaria a já extraordinária História da Navegação Aérea. ...

Apenas oito minutos depois de haver largado, o "Santos Dumont VI" se aproxima da Tôrre Eiffel e pouco depois inicia o seu giro, seguro, embora já então enfrentando vento forte. Em baixo, no coração de Paris, a multidão delira de entusiasmo indescritível. Foi vencida a prova de dirigibilidade: o balão contornou a tôrre. Agora, restava saber... se o faria no tempo imposto: 30 minutos. O aparelho vôa, porém, regularmente e o Sr. Besançon anotou o tempo de 29 minutos e quinze segundos. Fôra assim vencido, segundo as exigências, o percurso de quatro mil e quinhentos metros, sendo, portanto, conquistado o o prêmio em dinheiro, no valor de cem mil francos (muito dinheiro em tal época).

Era a prova incontestável de que o homem já dominava o espaço. E o nosso patrício, Alberto Santos Dumont, foi o primeiro homem a voar contando não mais com os azares do tempo, mas com a fôrça do engenho, a coragem própria do homem e a confiança na própria habilidade.

(Continuação da página anterior)

gem do campo é muito pequena. Ao demais, notar-se-á que as objetivas acromáticas de imersão a óleo e as objetivas de fluorite, também de imersão a óleo, têm essencialmente o mesmo grau de diferença cromática de aumento que as objetivas apocromáticas de imersão a óleo. Por isso, elas, igualmente, ficarão bem compensadas com as oculares compensadoras.

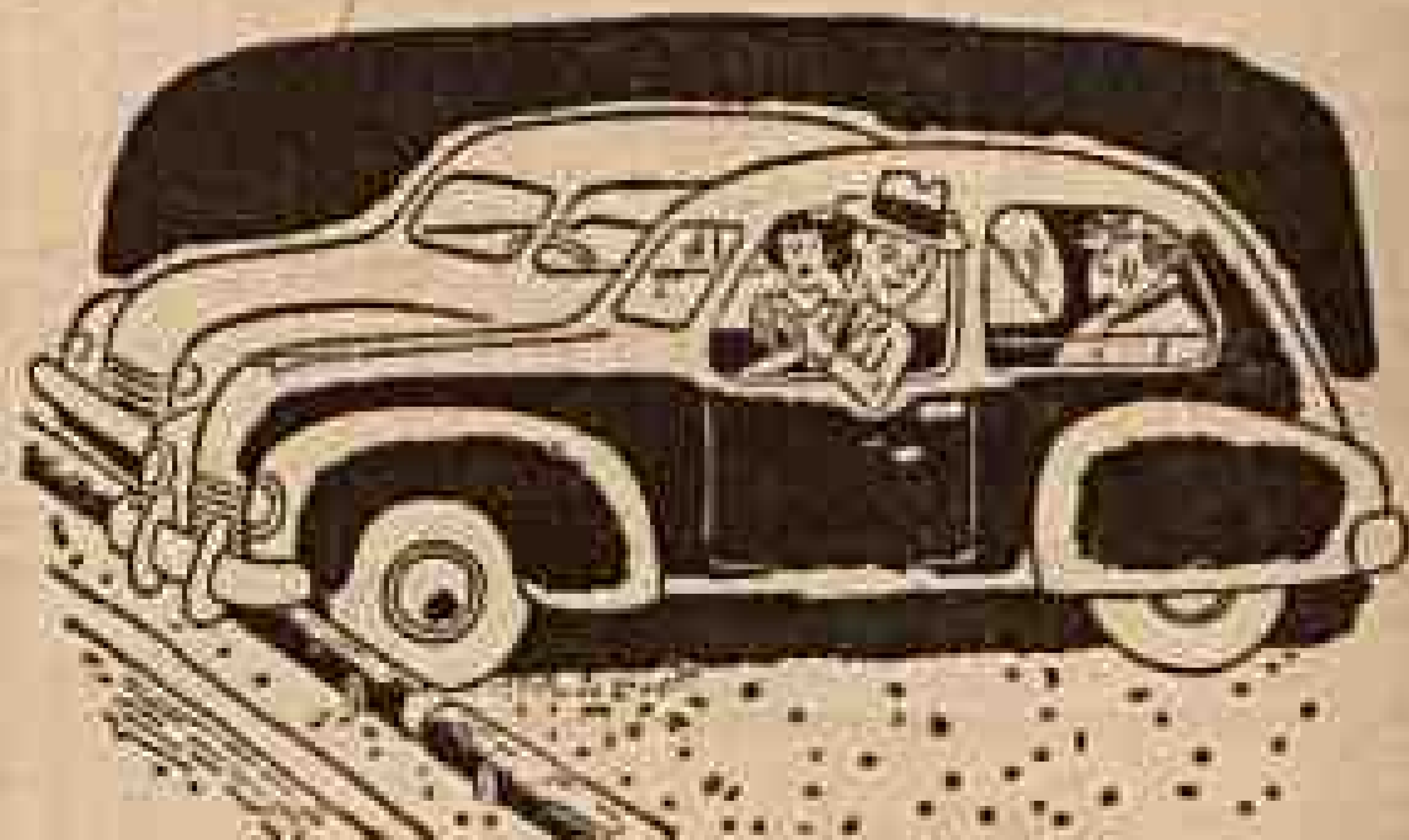
A classe de côr que permanece na margem do campo, quando se usam oculares compensadoras, é secundária, não primária.

Finalmente, compilamos uma tabela que indica a melhor ocular para cada objetiva, como também a diferença cromática restante de aumento para cada combinação. Dever-se-ia observar que não existe combinação em que êste resíduo seja superior a 0,5%.

Objetivas	Oculares	
Acromática de 48mm	Huygens	+0,25 %
Acromática de 40mm	Huygens	+0,25 %
Acromática de 32mm	Huygens	+0,25 %
Acromática de 16mm	Huygens	Nenhuma
Acromática de 8mm	Hyperplane	+0,15 %
Acromática de 4mm	Hyperplane	—0,15 %
Acromática de 1,9mm*	Compensador	—0,3 %
Fluorita de 4mm	Hyperplane	—0,1 %
Fluorita de 1,8mm*	Compensador	—0,2 %
Apocromática de 16mm	Compensador	+0,1 %
Apocromática de 8mm	Compensador	—0,1 %
Apocromática de 4mm	Compensador	Nenhuma
Apocromática de 2mm	Compensador	—0,5 %

* Objetiva de imersão a óleo.

PARA VOCÊ QUE É SABIDO



Isto aconteceu com um cavalheiro que encostou o seu automóvel, de frente, à barreira de tronco de árvore, que marcava o ponto de estacionamento para veículos, em redor de um grande estádio. Aconteceu, porém, que, ao pretender retirar o veículo, o ressalto do pára-choque havia passado além da trava de madeira o que impossibilitava que o automóvel se movesse. Você sabe como o problema foi resolvido? Em caso contrário, consulte a página número 282).

★

Sonhar é o teatro dos pobres, o único no qual se entra sem passar pela bilheteria e com a certeza de receber uma surprêsa, apesar de ser o sonho tão velho como o próprio mundo. — **G. Fanciulli.**

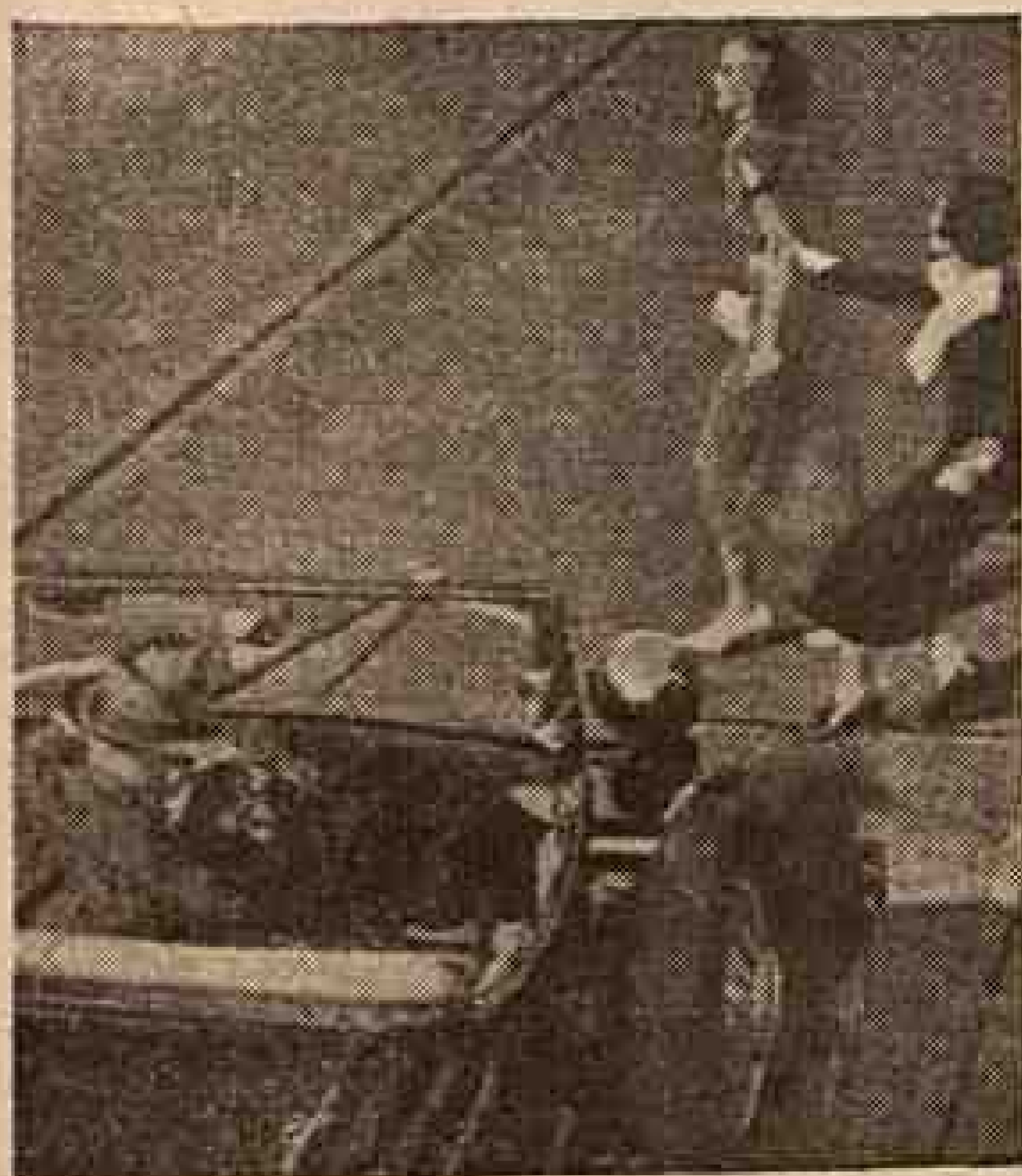
Tudo limpo, tudo brilhante. Assim seapresentam os seus móveis com óleo de peroba.

O ANO CIENTÍFICO

OUTUBRO — 1950

4 — A existência de uma grande cratera circular no coração da península de Ungava, no leste do Canadá, foi observada há anos por um pilôto da RAF, só hoje foi examinada por uma expedição científica. Tem a forma de cone e se eleva a 550 pés acima da planície. E' de origem vulcânica e considera-se ser a maior do mundo. — Um grupo de cientistas da Sociedade de Astronautas Franceses já está pronta para seguir para a Lua, declarando que "espera apenas o motor para o aparelho que idealizaram".

8 — O chefe do Serviço Dactiloscópico de Scotland Yard afirma que os médicos poderão obter prenúncios de doenças iminentes pelo exame das impressões digitais dos seus clientes.



PARA VOCÊ, QUE É SABIDO... — As mulheres são menos cuidadosas do que os homens para atravessar uma rua. Verdadeiro? Falso? (Resposta na página seguinte).

NOVEMBRO

7 — A Universidade de Chicago fotografou uma colisão de duas partículas atômicas, (que gerou .... 30.000.000.000.000 de electron-volts de energia). A 30.000 metros da superfície da terra, em chapas fotográficas colocadas em balões; foi o mais poderoso impacto de raios cósmicos já observado.

22 — máquina de calcular, electrônica e destinada a resolver a velocidades fantásticas os mais difíceis problemas, indo desde a balística à construção de máquinas rádio-guiadas ou aviões; foi criada nos Estados Unidos. Possui 4.000 lâmpadas electrônicas e vários quilômetros de fios.

24 — Um jovem de 14 anos descobriu numa escavação em Moorestown, Nova Jersey, fósseis de um urso gigante, que teria vivido nessa parte dos Estados Unidos, cem mil anos atrás. Seu nome científico é Megalonix Jeffersonii, em honra de Jefferson, que descobriu seus vestígios na Virgínia Ocidental.

29 — Os físicos da Universidade de Colúmbia usando um novo "ôlho-electrônico" puderam observar o *helium liquido* e por isso anunciam para breve novos progressos em todos os ramos da ciência, amparados por êsse ôlho maravilhoso. O helium líquido é o líquido mais frio que se conhece. Quando se esfria abaixo do zero absoluto (460 graus abaixo do zero normal da escala Farenheit) o helium realiza "coisas estranhas".

DEZEMBRO

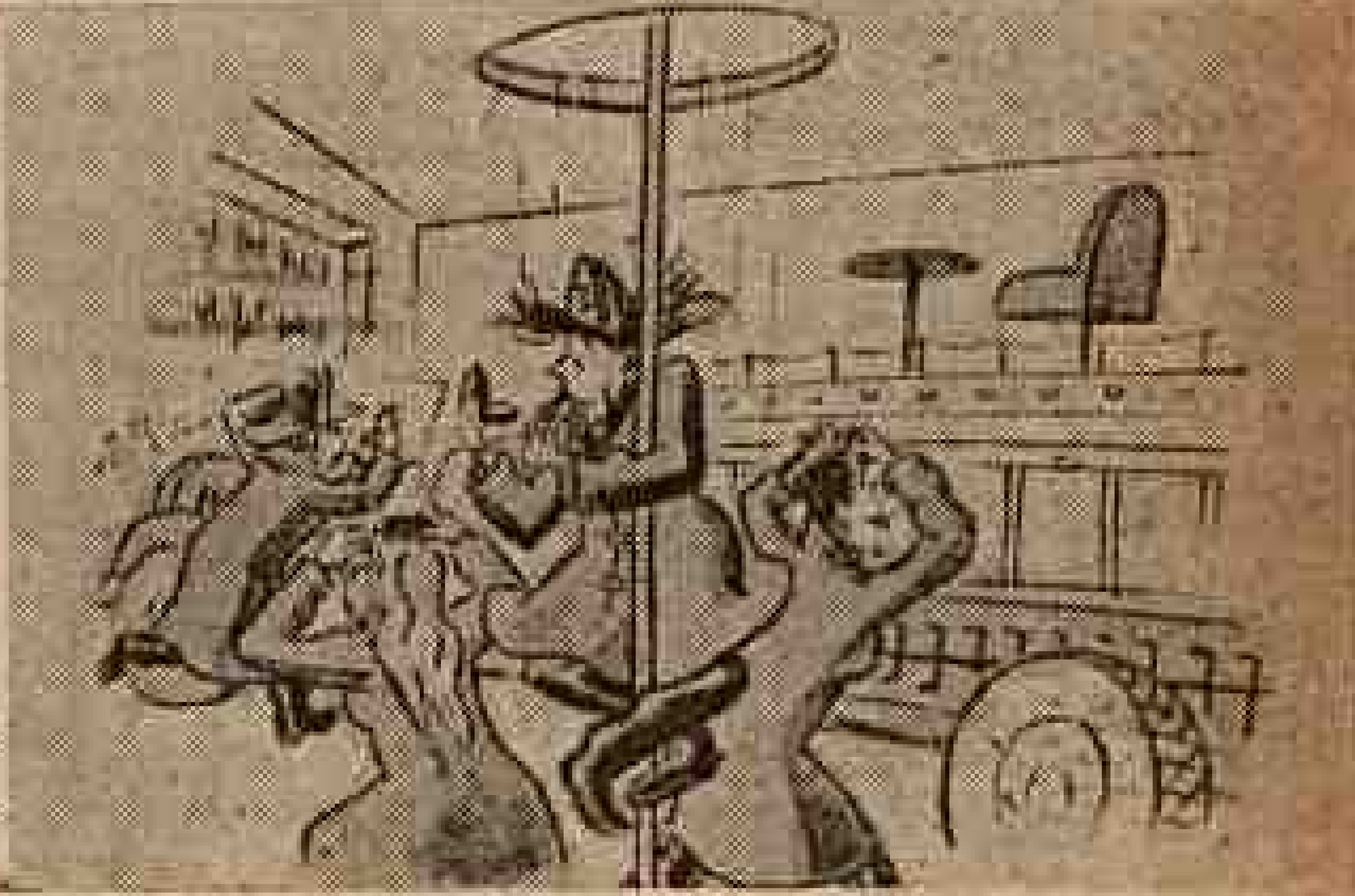
3 — De Londres informam que as autoridades mobilizam grande equipe médica especialmente a fim de investigar as causas da bronquite e do resfriado e saber *por que se tornaram doenças tão más.*

24 — De San Francisco, Califórnia, informam que dentro de 3 anos os Estados Unidos terão submersíveis atômicos capazes de viajar com a velocidade de 25 a 30 nós e ráio de ação ilimitado. — De Worcerter, Nova Inglaterra, um químico afirma ter encontrado meios de neutralizar os efeitos da poeira rádio-ativa, resultante das explosões atômicas, graças a um produto conhecido no comércio sob o nome de "Versene", que não destrói a rádio atividade, mas transforma a poeira

SE AS MULHERES EXERCESSEM CERTAS PROFISSÕES...



Céus! Onde terei deixado a carta do 33?



Chamado urgente!

radio-ativa num produto muito solúvel na água e fácil de retirar mediante... um bom banho.

25 — De Jerusalem, o Departamento de Antiguidades do Govêrno da Jordania anuncia o descobrimento de milenar cisterna, à retaguarda da "Gruta de Belém", em que nasceu N. S. Jesus Cristo. Foram ainda encontrados fragmentos de cerâmica, datando do primeiro rei judeu até à época de Heropes Antipas. A cisterna parece ser o famoso "Poço de David", de que tanto falam as crônicas judaicas.

JANEIRO — 1951

13 — De Paris informam que cientistas e desenhistas de modas francesas criaram novo adôrno feminino: *olhos da mesma côr dos vestidos*. De hoje em diante, olhos escuros se converterão, querendo a proprietária, em verdeјade, da noite para o dia e, no dia imediato, se trocar de vestido, também poderá trocar a côr dos olhos para negros, marrons, azues, amarelos, etc. O processo consiste apenas... na variação das lentes de contato, coloridas na tonalidade necessária. Um jôgo completo de lentes custa... 20 mil cruzeiros.

16 — Médicos norte-americanos aperfeiçoaram nova técnica para transfusão rápida de sangue das artérias, excelente quando o paciente está em estado crítico, de choque ou hemorragia, a que não atendem as transfusões por via venosa. Com o novo processo 500 gramas de sangue podem ser administrados em 4 minutos.

21 — Geólogos indianos anunciam que os recentes movimentos geológicos forçaram o crescimento do pico mais alto do mundo, o Everest. O aumento foi de 60 metros.

24 — Os Drs. Callaghan e Bigelow, do Colégio Americano de Cirurgiões, criaram novo aparelho que, por meio de choques elétricos permite restabelecer as batidas do coração, quando êste cessa de funcionar. O minúsculo eléctrodo pelo qual são transmitidos choques elétricos, pode ser introduzido em uma veia, para atingir o coração. — De Toquio, revelam ter sido alí construida uma máquina fotográfica minúscula, do tamanho da extremidade do dedo mínimo, que permitirá fotografar o interior do estômago.

FEVEREIRO

3 — Uma equipe de médicos da Marinha norte-americana, após 5 anos de trabalhos, no Egito, revela que o tifo exantemático e a disenteria amebiana aguda podem ser fácil e completamente curados com a Terramicina.

4 — No "Departamento de Sangue" de Belém, Pará, foi realizada a primeira *operação Berger*, com desarticulação do membro superior esquerdo, omoplata e clavícula, pelos Drs. Armando Moreira e Jean Bitar, com completo êxito. — De Valladolid, Espanha, informa-se que 3 médicos, os Drs. Arrate, Paniagua e Banuelos, após várias experiências em ratos, curaram oito cancerosos. Acresentam apenas que o mèdicamento utilizado é de origem vegetal e contém culturas de cogumelos.

13 — De Camberra, Austrália, anunciam a extraordinária transformação da zona árida setentrional, quando começou um vale a se encher de água, transformando-se em lago, que cobre 6.000 milhas quadradas. O lago é artificial e a água foi a êle levada de mais de 1.000 milhas de distância, do rio Cooper. O local, antes deserto é, agora verdadeiro paraiso.

16 — Quando operava uma menina de apendicite, um cirurgião de Indianópolis verificou que o coração da paciente parara de bater. Outrora teriam suspendido a operação e transportado o corpo para o necrotério. Hoje, porém, os métodos são outros. O médico praticou uma incisão de 5 centímetros no peito da menina morta e pediu ao ajudante que fizesse massagens diretamente no coração descoberto. Ao fim de poucos instante as pulsações foram de novo ouvidas, fracas mas regulares. Os médicos prosseguiram então a operação. Um eliminando as partes infectadas, outro vigiando todo sintoma de enfraquecimento do organismo, até ao final feliz. A paciente já está vivendo, regularmente, a *segunda existência que lhe foi dada na mesa de operações*.

19 — Como para não ficar atrás do colega norte-americano um cirurgião inglês conseguiu colocar uma língua nova num menino, Irlandês, de 11 anos, Cecil Morrison, cujo maxilar fôra esmagado por um trator. A criança teve parcialmente restaurado o uso da palavra.

27 — Cientista britânico acaba de apresentar um ins-

PARA VOCÊ QUE É SABIDO (Resposta da pág. n. 280) — O dono do automóvel desceu do mesmo e com a ajuda de uma pá, que pôde conseguir, juntou bastante terra junto e por trás das duas rodas dianteiras, formando assim uma rampa que elevou o veiculo, ao arrancar em marcha-à-ré, libertando, dessa forma, o pàra-choque.

★

PARA VOCÊ QUE É SABIDO (Resposta da página anterior) — Recente estatística demonstrou que os homens são três vêzes mais culpados do que as mulheres, quanto aos desastres de automóveis e atropelamentos. Falso.

AS MULHERES SE ESCONDEM... — Para o «Bal de têtes» : aí estão sugestões parisienses, que se intitulam: Gazela, feita com melusine sombreada, sendo os chifres de borracha dourada; Pantera, também de melusine tigrada, sendo os bigodes de nylon; Cobra, de veludo cinza, coberto de tule e pailleté prêto (é colocada como a máscara de esgrima); Gato Persa, de plumas de marabu cinza azulada.






trumento metade microscópico e metade televisão que amplia os tecidos ativos de pelo menos 25 mil vêzes. Êsse instrumento poderá contar objetos minúsculos, tais como as células sanguínias, assim como contar e classificar tôdas as células do cérebro humano.

MARÇO

1 — Dr. Alejandro Areliano, da Faculdade de Medicina da Universidade de San Marcos, Lima, Peru, opina que o gênio pode depender da espécie da radiação mental. Mecanismos registradores, do tipo radar, estão presentes no cérebro. Diz ainda que o brilho e a originalidade, o pensamento criador e abstrativo poderão associar-se ou ser mais faceis, favorecidos por certos mecanismos registradores diferentes.

2 — Um telegrama de Washington anuncia que o astrônomo do Observatório da Marinha americana, William Markovitz, observou planeta desconhecido, deslocando-se com considerável velocidade em tôrno do sol e que o mesmo poderia colidir com a terra. Outros astrônomos, porém discordam desse vaticínio, embora, de fato, o bolido tenha sido observado.

12 — Dois dentistas de Washington introduzem nova técnica, que reduz à metade do tempo o trabalho de brocar uma cárie dental, com a vantagem de o paciente não sentir dor. Dizem os inovadores, Drs. James Blyth e Ralph Lloyd que a técnica nova requer o emprêgo de diamantes como brocas, além de uma mistura atomizada — e controlada pelo paciente — de ar e água, para impedir o aquecimento do diamante, o que reduz a dor.

19 — Depois do "Banco dos Olhos", acaba de ser inaugurado em Nova York o "Banco Dentário", onde será possível obter dentes humanos perfeitos para substituir os enfermos. Entretanto exige-se que os dentes a substituir os enfermos sejam novos, isto é: extraídos da boca de crianças de doze aos catorze anos.

ABRIL

3 — De Washington informam que foi realizada experiência secreta, que confirma a tese argentina de que pode ser criado calor de intensidade semelhante à do sol sôbre a terra, isto é: de vários milhões de graus. Foi conseguida, porém em pequena quantidade, duvidando-se que a massa quente das estrêlas possa ser reproduzida na terra.

4 — Falece em Coral Gables, Florida, o Dr. Tremper McDonald, autoridade em enfermidades tropicais.



PARA VOCÊ QUE É SABIDO — O Mississipi, que vemos acima, num dos seus trechos mais caudalosos, é o rio mais longo dos Estados Unidos da América do Norte. Verdadeiro? Falso?
(Resposta na página seguinte)



OS CHAMADOS «ESTREITOS POLITICOS»















Algumas das estreitas passagens marítimas, entre terras diferentes causam grande e constante preocupação ao mundo. Pode o leitor enumerá-las?

(Respostas na página número 286)

18. — Um cientista britânico pensa ter resolvido o mistério do que há no centro da terra. Para êle o centro tem o mesmo material da superfície. É, porém, dez vêzes mais densa do que a água e duas vêzes mais densa do que o do resto da terra, porém quìmicamente idêntica à da crosta. A matéria se transforma em metal, nessa profundidade, devido à enorme pressão. — Três cientistas da Universidade John Hopkins anunciam haver descoberto novo metodo de dignose do câncer do útero, num estágio em que o mal ainda é curável. — Revela-se que o Krebiozen está sendo usado com êxito no tratamento do câncer. — O "Instituto de Investigações" da Universidade de Temple realizou experiências com um maçarico cuja chama tem temperatura igual à da superfície do sol, podendo fundir ou carbonizar tôda matéria conhecida pelo homem. Desenvolve uma temperatura entre 4.981 e 5.260 graus centigrados, a mais elevada jamais conseguida.

27. — A "Função de Pesquisas de Artes Gráficas, de Cambridge, Estado do Massachussetts, acaba de criar máquina de escrever electrônica, podendo reduzir consideràvelmente as despesas de impressão dos jornais.

MAIO

2 — Apresentado o primeiro filme em relêvo, na Inglaterra. Não apenas as imagens, mas também os sons perderam o seu aspecto "plano". Uma girafa parecia alongar o pescoço até ao meio do público, enquanto os pássaros pareciam passear pela sala sôbre os espectadores. Só o odor característico do jardim zoológico havia, felizmente, escapado à câmara. Para os sons, as mais recentes descobertas magnéticas foram utilizadas.

5 — Encontrado um método que "abre a porta" para a descoberta de algum produto químico, aplicável sem perigo às vítimas de paralisia infantil, segundo anunciaram os Drs. Gordon Borwn e W. W. Ackerman da Universidade de Michigan. Descobriram "certo produto que pode deter e desenvolvimento e a multiplicação do virus da poliomielite, na cultura em laboratório dos tecidos humanos". Essa é a primeira vez que se encontra um produto capaz de produzir tal resultado, sem prejudicar os tecidos. Trata-se da "etionina", composição química já conhecida há cinco anos.

9 — Um homem e uma mulher que haviam perdido a visão do ôlho esquerdo, voltaram a enxergar depois da transplantação da córnea de uma anciã falecida três horas antes.

19 — Os Estados Unidos estão preparados para eliminar os efeitos da bomba atômica, confirmando a velha expressão de que, por mais violentas que sejam as novas armas, sempre haverá um *antidoto* que as combata. O novo preparado fluído, chamado "PVP — Macrose", para "choques" e "queimaduras". Está sendo desde já fabricado em grande quantidade.

16 — Expedição arqueológica da Universidade da Pensylvania, dirigida pelo Dr. Carleton S. Coon, descobriu no Irã, o crâneo de uma menina de 12 anos, que viveu há dez mil anos representando um estágio de transição entre o homem de Neanderthal e o ser humano atual.

17 — Um estudante da Universidade de Ohio desco-

PARA VOCÊ QUE É SABIDO (Resposta da pág. anterior) — O Mississipi tem cêrca de 2.250 milhas de comprimento, desde as suas fontes, no Estado do Minesota, até o Golfo do México. O rio Missouri, que deságua no Mississippi, nas proximidades de St. Louis, tem cêrca de 2.900 milhas de comprimento. Falso.

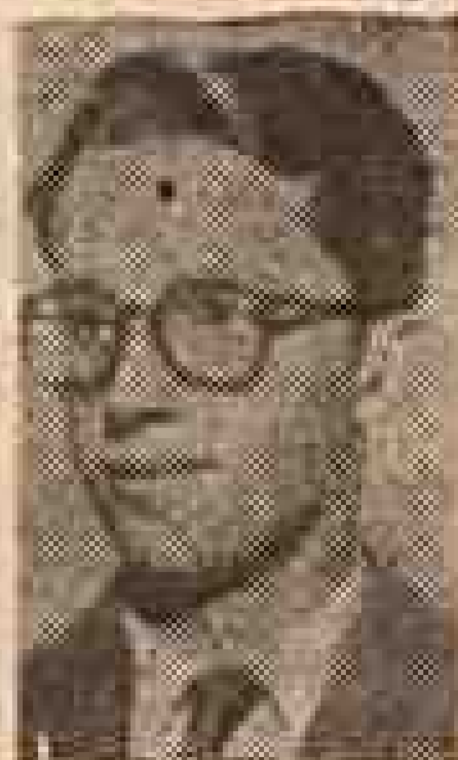
briu, por acaso, uma mancha solar, observando o astro por meio de um telescópio do Observatório MacMillin. Tal mancha, cuja presença é habitual nesta época do ano, tem 160.000 quilômetros de comprimento e 38.000 quilômetros de largura.

JOVENS MONARCAS

Balduino, príncipe real da Bélgica, foi elevado ao trono do seu país, recentemente, aos dezenove anos de idade. Abaixo, damos mais alguns monarcas (nem todos representados em sua mocidade) mas que também foram elevados ao trono antes dos vinte anos de idade. O leitor pode dizer que nomes têm?

(Respostas na página seguinte)

Balduino ⟶





1 — 337 A. C.



2 — 51 A. C.



3 — 1180 D



4 — 1508



5 — 1516



6 — 1837

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÊ, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana, 104-5º - Rio

Racé

Racé

O perfeito destruidor do pêlo

Queira enviar-me o folheto grátiso referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

ALM. 52

22 — De Chicago, revelam que o rim artificial que há mais de um ano os cirurgiões haviam transplantado para uma doente, depois de retirado de outra mulher morta jamais funcionou, segundo acaba de ser constatado pelos mesmos médicos que o haviam colocado. Com êste insucesso prolonga-se a derrota da cirurgia, nesse sentido;



7 — 1936



9161 — 8

qual o de conseguir transplantar com êxito um órgão inteiro, de um corpo para outro, seja entre humanos ou irracionais.

25 — Uma operação realizada em Singapura (India), num menino chinês de apenas 14 meses, revelou curiosa anomalia congenital. Foi encontrada no interior do abdome do operado, dentro de uma bôlsa de líquido, o corpo de um seu irmão gêmeo, não desenvolvido, pesando 400 gramas.

JUNHO

12 — De Washington vem um grito de alerta. Segundo parece os seres humanos correm perigo de esterilização, comendo aves engordadas com hormônios femininos, segundo o professor Robert Enders, da Faculdade de Swarthmore. Tais injeções, que se aplicam freqüentemente, têm por fim fazer com que os frangos se desenvolvam com características femininas, pois assim têm maior valor no mercado por serem de carne mais tenra. Isso, porém, pode provocar a esterilidade em homens e impedir o crescimento das crianças e produzir quistos nos seios e ovários das mulheres. Tais danos são causados por minúsculos resíduos de hormônios, caso tais frangos sejam comidos com freqüência.

17 — Vestígio de um dinossáurio que parece ter vivido há 150 ou 160 milhões de anos, foram descobertos na cidade de Hoganais, Suécia do sul, sendo essa a primeira vez que se descobre nesse país um animal prehistórico. Na Alemanha, há menos de um ano foi feita idêntica descoberta.

JULHO

2 — De Roma informam que os meios ligados ao "Centro Internacional de Microbiologia Qüímica" estão entusiasmados com o novo antibiótico descoberto pelos professôres suecos David e Thorell, extraído de micro organismos denominados "protaptine" produzido por bactérias adaptadas". Sua aplicação aos enfermos, porém, aguardará mais algum tempo. — Na mesma data é eleita a diretoria provisória do "Conselho Federal de Medicina, de acôrdo com o decreto-lei 7.955, sendo presidente o Dr. Abelardo Marinho". Ainda nessa data é fundado o "Instituto de História da Medicina, no E. do Rio.

6 — O engenheiro holandês, C. A. Muller entra em contacto com a Via Lactea, por intermédio do rádio, em Kotwijk, próximo de Arnham. Captando e medindo as ondas celestes provocou uma verdadeira revolução na ciência astronômica, pois não será mais necessário fazer observações astrais por meio de telescópios ultrapotentes, sendo bastante utilizar aparelhos que permitam" ouvir" o movimento dos astros e registrar o seu som, mesmo em pleno dia. A experiência de recepção foi conseguida em onda de 20 centímetros.

13 — A "Faculdade de Medicina" da Georgia (Estados Unidos) revela que a aplicação de anti-bióticos permitirá "acabar com as enfermidades venéreas no mundo". Com terramicina foram tratados vários casos de blenorragia, linfogranulona e granulosa inguinal, obtendo-se 92,2 por cento de curas.

16 — Instala-se o "Sétimo Congresso Brasileiro de Oftalmologia. — A convite da Faculdade Nacional de Medicina, o professor Paul Santy da Universidade de Lyon inicia suas conferências no anfiteatro do Centro de Estudos da Sta. Casa da Misericórdia sôbre temas ligados à cirurgia do torax.

AGOSTO

29 — Novo medicamento contra a malária — a "Primaquina" — tornando possível a cura completa da moléstia antes mesmo de que os primeiros efeitos da mesma se tenha manifestado, começa a ser experimentada, segundo anunciam os técnicos oficiais de Washington. Procura-se saber se a nova droga também é eficiente contra a "malária coreana", tipo de malária particularmente resistente.

21 — Apesar de certas afirmativas otimistas, a batalha contra a sífilis não está vencida, embora, segundo o jornal da "Associação Médica Norte Americana", a penicilina venha sendo a droga preferida contra êsse mal. Entretanto, ainda uns dez anos decorrerão, antes de ser possível fazer, um julgamento seguro.

JOVENS MONARCAS

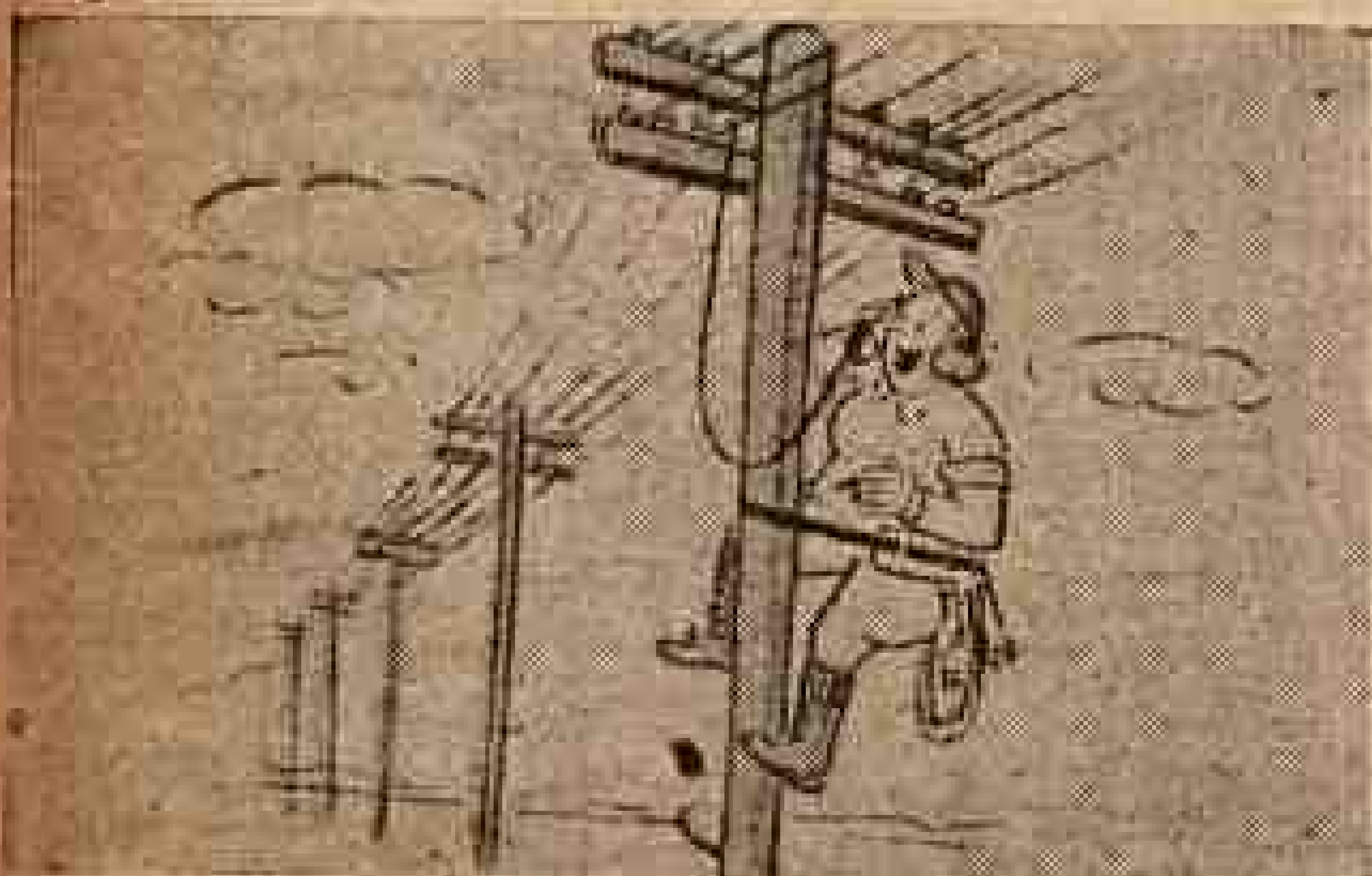
(Respostas da página anterior)

1 — 337, antes de Cristo — Alexandre, da Macedônia, 19 anos.
2 — 51, antes de Cristo — Cleopatra, do Egito, 18 anos.
3 — 1180 — Felipe II, da França, 15 anos.
4 — 1508, Henrique VIII, da Inglaterra, 18 anos.
5 — 1516, Carlos I, da Espanha, 16 anos.
6 — 1837, Vitória, da Grã-Bretanha, 18 anos.
7 — 1936, Farouk, do Egito, 16 anos.
8 — 1946, Phumiphon Adundet, da Tailândia, 18 anos (sucedeu ao seu irmão; coroado como rei Rama IX, em 5 de maio de 1950).

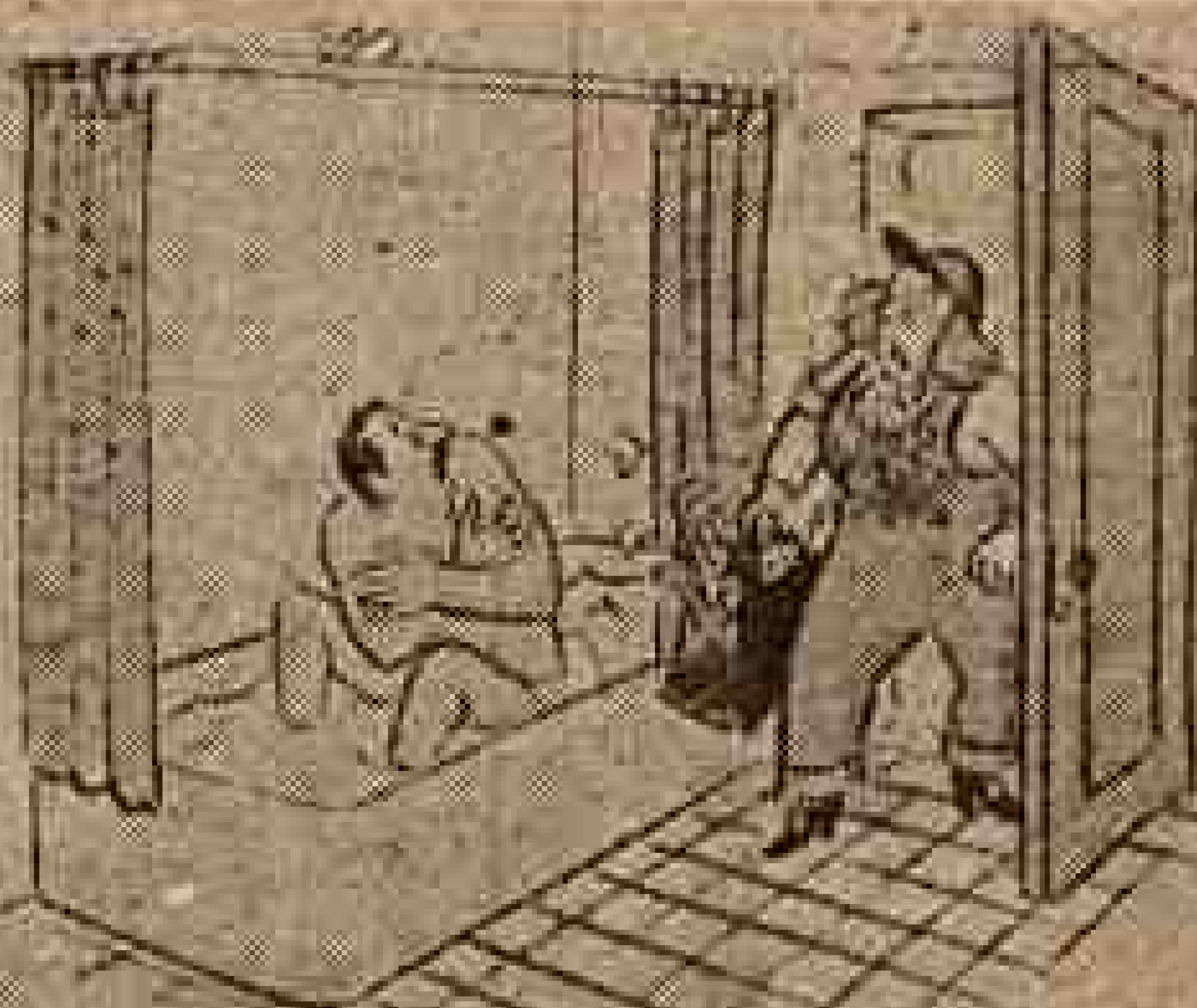
★

OS CHAMADOS «ESTREITOS POLITICOS» — Resposta da página número 284 — 1: Coréia; 2: de Dover; 3: de Gibraltar; 4: de Málaca; 5: de Babel Mandeb; 6: de Formosa; 7: estreitos (a) dos Dardanelos, (b) do Bósforo.

SE AS MULHERES EXERCESSEM CERTAS PROFISSÕES



Pois é: agora podemos conversar bastante tempo...



Variações de um velho tema.

roupa de cama
tecidos
roupa de mesa
artigos de banho
tapeçaria
confecções para crianças
roupa branca

Casa Lemcke
FUNDADA EM 1909
MANTEM A PRIMAZIA EM
qualidade-variedade
PREÇOS AGRADAVEIS

SÃO PAULO
R. 24 de Maio, 224 — Tel. 36-7724

SANTOS
R. João Pessoa, 45-47 — Tels. 2-2951 e 2-2146/47
Pça. Independência, 4 (Gonzaga) — Tel. 4-2287
Atendemos os pedidos também pelo Reembôlso Postal

SE AS MULHERES EXERCESSEM CERTAS PROFISSÕES



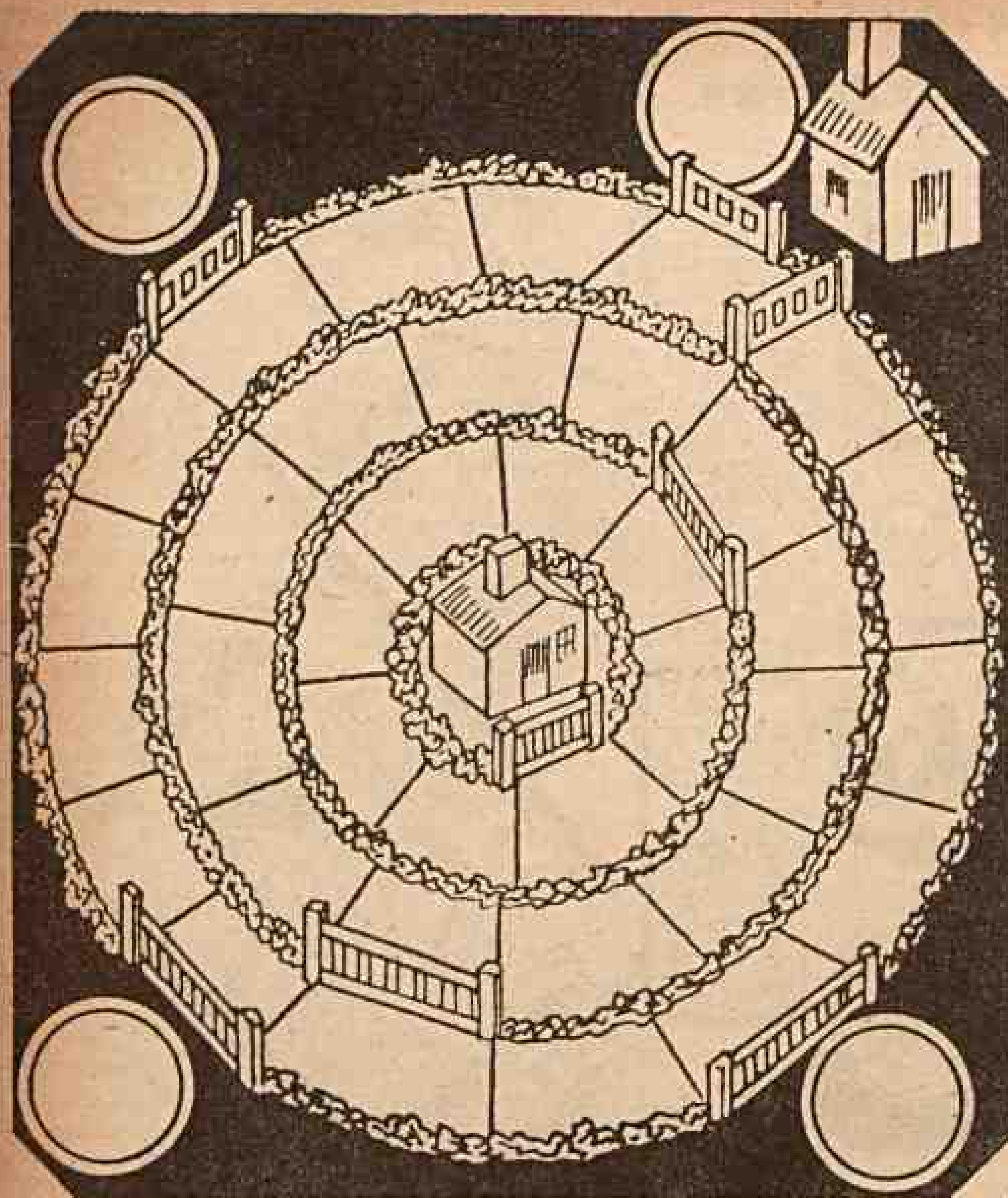
Pavimentos e ebanhass desapareciam juntos.



Variação de um velho tema(II).

Para distrair

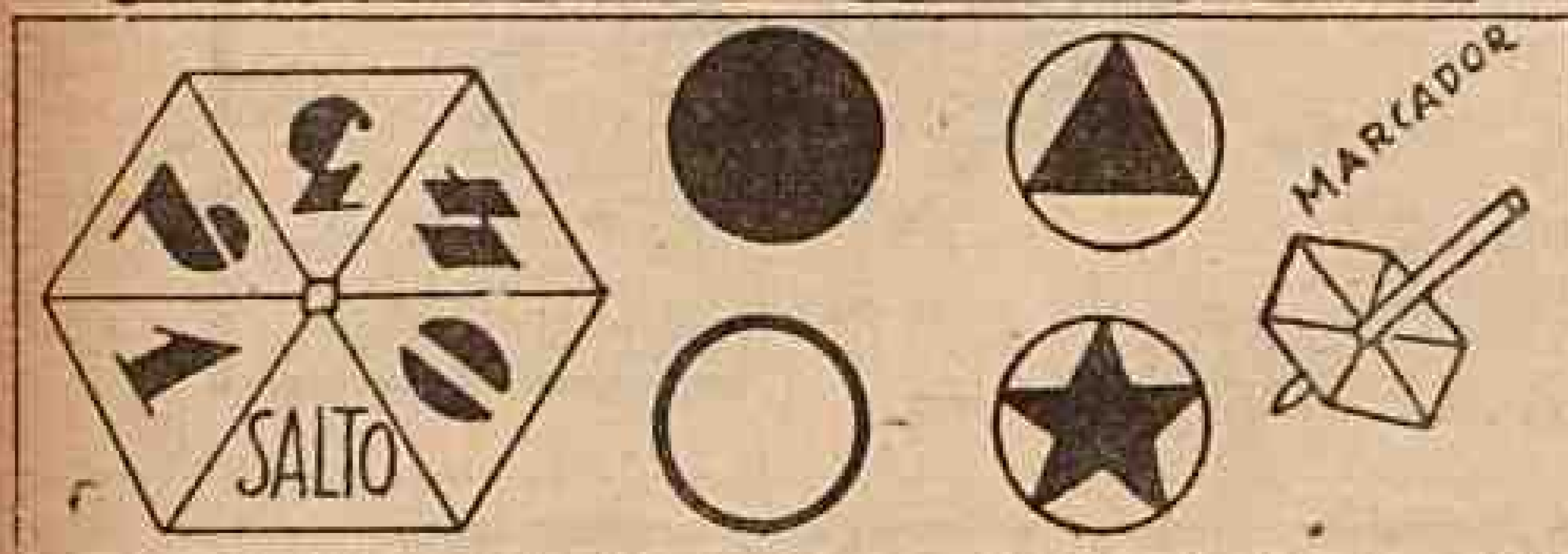
O SALTO DA VALA



Para jogar o **Salto da Vala** tratem de pregar o desenho acima em uma cartolina e depois de estar bem sêco (não devem ser apressados!) recortem o tabuleiro, as fichas e o marcador.

Tomam parte duas, três ou quatro pessoas. As fichas são colocadas nos quatro círculos dos cantos e cada jogador faz girar o marcador, no qual foi introduzido um palito, avançando a ficha tantas quadras quantas i n d i c a r o marcador. Quando um jogador consegue colocar sua ficha diante de uma barreira, ou quando o marcador assinala **salto**, seja qual fôr, salta sôbre a mesma, passando, então, para o círculo interior mais imediato.

Ganha o jôgo quem primeiro colocar a ficha no ponto central, onde está situada a casa.



FESTA PAN-AMERICANA

O «Dia das Américas» ou «Dia Pan-Americano», festeja-se a 14 de abril; foi proclamado pelos governos das 21 Repúblicas Americanas para comemorar a soberania que assumiram como nações e como símbolo de união numa comunidade continental.

CONVERSÃO DO SISTEMA MÉTRICO

Para se converter:	Multiplica-se por
Polegadas em centímetros	2,540
Centímetros em polegadas	0,3937
Pés em metros	0,3048
Metros em pés	3,281
Jardas em metros	0,9144
Metros em jardas	1,094
Milhas em quilômetros	1,609
Quilômetros em milhas	0,6214
Polegadas quad. em cent. quad.	6,452
Cent. quadrados em pol. quadradas	0,1550
Pés quad. em metros quadrados	0,0929
Metros quadrados em pés quadrados	10,76
Jardas quadradas em metros quad.	0,8361
Metros quad. em jardas quadradas	1,196
Milhas quad. em quilômetros quadrados	2,590
Quilômetros quad. em milhas quadradas	0,3861
Acres em hectares	4,4047
Hectares em acres	2,471
Polegadas cúbicas em cent. cúbicos	16,39
Cent. cúbicos em polegadas cúbicas	0,06103
Metros cúbicos em pés cúbicos	35,32
Pés cúbicos em metros cúbicos	0,02832
Jardas cúbicas em metros cúbicos	0,7645
Metros cúbicos em jardas cúbicas	1,308
Polegadas cúbicas em litros	0,01630
Litros em polegadas cúbicas	61,03
Galão em litros	4,536
Litros em galões	0,2206
Grão em gramas	0,0648
Gramas em grãos	15,43
Onças em gramas	28,35
Gramas em onças	0,03527
Libras em gramas	453,6
Gramas em libras	0,002205
Libras em quilogramas	0,4536
Quilogramas em libras	2,205

1 milímetro: 1/25 polegada. 1 centímetro: 13/32 polegada. 1 metro: 39 1/3 polegada. 1 quilômetro: 1093 1/2 jardas.

UMA HEROINA ESQUECIDA

A ESPÔSA DE THOMAS CARLYLE

Por FRANCISCO MADRID



Jane Weis, espôsa de Carlyle

A "História da Revolução Francesa", "Sartor Resartus", "Frederico, o Grande", "O Culto dos Heróis" e outras obras de Thomas Carlyle deixaram à posteridade uma idéia grandiosa do seu gênio. E como costuma acontecer, cada vez que se rebusca a vida de uma personagem que tenha despertado admiração, a obra é muito superior ao homem.

Ao conhecer a vida do escritor inglês percebe-se seu escasso valor moral, seu sentimento deveras inhumano e seu implacável egoismo. Carlyle menosprezou a vida da criatura que mais o amara e destruiu pacientemente uma piedosa existência feminina para viver e pensar só para si.

Falta a biografia novelada de Jane Weis de Carlyle, a qual nos poderia dar uma idéia bastante exata do que é capaz uma mulher que ama e admira o homem com quem compartilha o tempo e o espaço. Jane Weis era filha de um famoso médico escocês e membro de uma família pitoresca e cheia de personagens singulares. — "Na nossa família — diziam os pais aos filhos — há muitos ingênuos, mas nenhum imbecil". Jane era chamada de "Gooda" e era uma das belezas mais extraordinárias da região. Era valente e culta. Estudava latim e álgebra e jogava muito bem "pelota". Sabia história e medicina e brigava com os rapazes. — "Como gostaria de ser menino!" — exclamava constantemente.

Êste ânimo varonil transparecia quando dizia que odiava os folguedos femininos. Uma tarde, fêz um **auto-de-fé** com sua boneca. Porém êste sentimento combativo se apagou no dia em que, pela primeira vez, viu Thomas Carlyle. Jane se enamorou do escritor, então quase desconhecido, e lhe fêz uma declaração de amor. Adivinhou, naquele filho de camponeses, um futuro gênio e ficou seduzida pela sua palavra e pela sua dor. Carlyle possuía, além da inteligência, um poder de atração quase irresistível. Dizia que estava muito doente e que era um "incompreendido". Em geral, as mulheres se impressionam com um tipo assim. Pelo menos assim era durante a época romântica. Jane se considerou obrigada a ser o **anjo da guarda** daquele homem extraordinário e infeliz.

Carlyle era forte e corpulento, porém acreditava sinceramente ser um enfêrmo. A menor indisposição o perturbava de tal maneira que lhe anulava qualquer trabalho intelectual. Ao ter notícia da agonia de sua mãe, torturou-lhe menos a idéia da sua perda que a necessidade de fazer a mala e viajar até ao povoado onde ela expirava. Dez anos mais tarde continuaria comentando os aborrecimentos que teve ao preparar a viagem.

Era um hipocondríaco intenso, e achava que qualquer inovação, por menor que fôsse, destruía sua obra. O fato de mudar de lugar uma pena, um livro ou uma almofada; o menor ruído; a pergunta menos discreta, pareciam-lhe intromissões em sua comodidade, que sempre defendia tenazmente. Quis casar-se com Jane, porém sempre que se aproximava a bôda, adiava-a e, finalmente, quando já não pôde ser mais

QUANDO SE SENTIR NAUSEADA...



Recorra ao ENO, há mais de 70 anos consagrado como a melhor defesa contra as intoxicações do sistema intestinal. ENO restitúe o bem estar, elim'nando a prisão de ventre. ENO é laxante suave e seguro, alcalinizante e estomacal.

"SAL DE FRUCTA"

ENO



A Vida de Hoje Precisa do ENO

adiada a cerimônia, qualificou êste ato como o "dia do incidente". Jane aceitou e transigiu com tôdas as extravagâncias de seu marido pela admiração que êste lhe despertava. Admiração que serviu de couraça para defender-se da oposição familiar a essa união.

Triste foi a experiência... Pouco depois, Carlyle considerou que não poderia realizar sua obra literária caso não fugisse dos centros urbanos e se escondesse numa aldeia silenciosa. Jane, que em sua juventude foi uma "mulher brilhante e alegre", um **"suave perfil de reunião mundana"**, ia transformar-se numa sombra doméstica. Morria depressa a luz de sua juventude. Carlyle trabalhava no sobrado da casa. Sòmente descia para a sala ou para as outras dependências da casa nas horas de comer. Não costumava sequer dar à espôsa a saudação matinal. Nem permitia tampouco que partisse dela essa iniciativa gentil. Só deveriam falar, em casa, ao ser feita uma pergunta... e tinham que obedecer no mesmo momento. Bem conhecida é a sua famosa frase:

— Quero que, pedindo eu, sopa de vagens, logo seja ela servida!

O autor de "O culto dos heróis" trabalhava incessantemente. Nos anos em que estêve meditando a maneira de como começar a "História da Revolução Francesa" passava duas ou três semanas sem dirigir a palavra à sua espôsa. Não é segrêdo para ninguém que a arte de escrever, para Carlyle, não era um prazer e sim uma dor. A história de "Frederico, o Grande" custou-lhe 12 anos de esforços e dores. Diante das laudas sentia angústias e quebrantos morais e materiais. O menor ruído ou a mais leve contrariedade elevava-se no seu espírito à altura de uma tragédia helênica. Disse André Gide que "sòmente a obra que se escreve com prazer e satisfação é a que procura pro-

ÊSTE BICHO EXISTE, SIM!

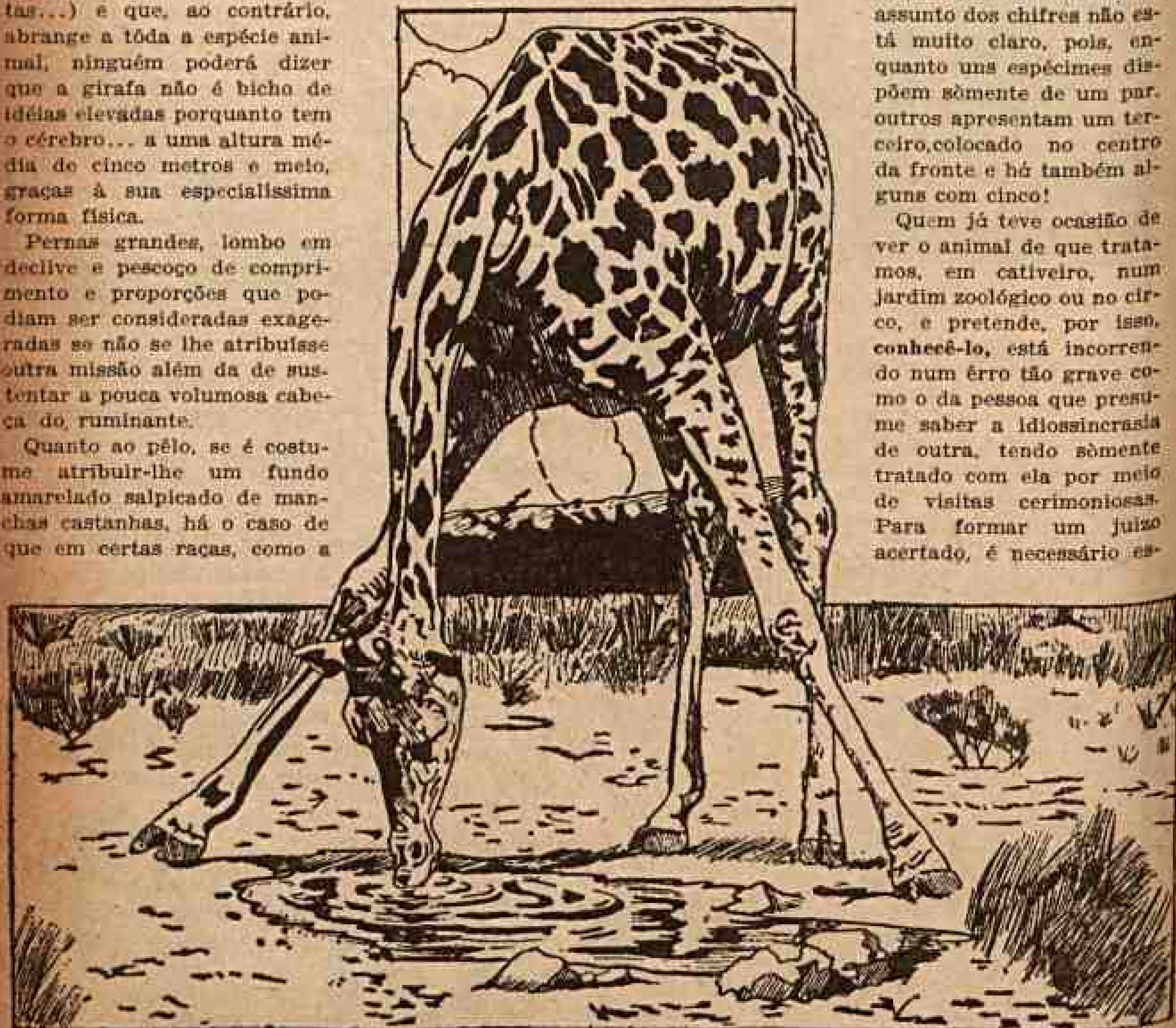
Se a faculdade de ter idéias reside no cérebro e não é privativa do homem — ou do gênero humano — (Schopenhauer, o mais encarniçado inimigo das mulheres, reconheceu explicitamente, que elas também as tinham, embora curtas...) e que, ao contrário, abrange a tôda a espécie animal, ninguém poderá dizer que a girafa não é bicho de idéias elevadas porquanto tem o cérebro... a uma altura média de cinco metros e meio, graças à sua especialíssima forma física.

Pernas grandes, lombo em declive e pescoço de comprimento e proporções que podiam ser consideradas exageradas se não se lhe atribuísse outra missão além da de sustentar a pouca volumosa cabeça do ruminante.

Quanto ao pêlo, se é costume atribuir-lhe um fundo amarelado salpicado de manchas castanhas, há o caso de que em certas raças, como a da Somália, parece ter, ao contrário, um tom escuro, geralmente sulcado por linhas pálidas.

Atribui-se à girafa a particularidade de possuir sòmente dois dedos em cada pé e chifres revestidos de pele. Entretanto, o assunto dos chifres não está muito claro, pois, enquanto uns espécimes dispõem sòmente de um par, outros apresentam um terceiro,colocado no centro da fronte e há também alguns com cinco!

Quem já teve ocasião de ver o animal de que tratamos, em cativeiro, num jardim zoológico ou no circo, e pretende, por isso, **conhecê-lo**, está incorrendo num êrro tão grave como o da pessoa que presume saber a idiossincrasia de outra, tendo sòmente tratado com ela por meio de visitas cerimoniosas. Para formar um juízo acertado, é necessário es-



porcionar alegria aos leitores". Neste caso, Thomas Carlyle é uma exceção. Sofria, ao escrever uma lauda, mordia os próprios pulsos, enfurecido, sentia-se atacado de todos os males físicos e morais e mil angústias o atazanavam. Nestes instantes, Carlyle tinha um gênio feroz e agressivo. A simples presença da espôsa o ofendia como se o seu trabalho, a sua paciência, e a sua dor pudessem destruir a obra que estava realizando.

— Não posso viver no meio do povo! Temos que viver mais afastados do mundo.

E o casal se enterrou numa pequena casa de campo, que se erguia nas cercanias de Craigenputtock.

Aquela que com vinte anos foi "a estrêla da família e dos salões", "a silhueta cobiçada por todos os jovens de Haddington", "a senhorita aristocrática e de finos modos" converteu-se numa pobre mulher do campo. Seus labores manuais enfeiaram seus dedos maravilhosos; seu perfil adquiriu a redondez de matrona vulgar e seu rosto se apergaminhou em poucos anos...

Jane afugentava as galinhas, os gatos e os cães das redondezas para que não perturbassem o marido; submetia-se aos trabalhos da cozinha, porque nenhuma empregada queria viver naquela casa isolada e quase enterrada em pântanos e charcos insalubres...

— Silêncio! Quero silêncio! — vociferava Carlyle.

E a sua mulher procurava rodeá-lo de silêncio. Se não a cumprimentava, ela não se atrevia a fazê-lo. Se não a olhava, não reclamava que levantasse os olhos. Se se sentia indisposta, Carlyle logo temia que êsse mal-estar significava **sintoma de maternidade;** então irritava-se e gritava:

— Filhos, não! Perturbariam minha paz; Meu socêgo! Meu trabalho! De nenhuma maneira!

Ante o terrível gesto de seu marido, Jane se humilhava e aceitava qualquer sofrimento, a fim de não perturbar a paz que lhe exigia com tanta veemência.

Os anos passavam. A paz era mantida pela paciência ilimitada da benemérita mulher, que procurava não preocupar o gênio com a solução dos problemas domésticos. Jane aprendeu todos os afazeres das camponesas. Uma noite, Carlyle levantou-se da mesa, apanhou violentamente o pão, exclamando:

QUE PENÍNSULA É ESTA?









Certas penínsulas, nas várias partes do mundo passaram a ser **pontos nevrálgicos** nos dias que correm. Pode o leitor indicar quais são as que abaixo apresentamos e dizer por que estão em evidência? (Respostas na página seguinte).

tudar a pessoa **quando nenhum impecilho pode falsear seu modo de ser,** ou seja quando esteja em plena liberdade. Entretanto, em benefício dos leitores, aconselhamos a conveniência de conformar-se com as nossas explicações no que concerne à girafa, pois, para contemplá-la em seu meio ambiente natural, necessitariam de ir à África, internando-se pelas regiões da **estepe** ou campo aberto, compreendidas entre a parte sul do deserto do Saara, o deserto de Kalahari e o Zambeze, o que, além de caro, seria incômodo pela absoluta carência de hotéis e casas de pensão, negócio virgem ainda, em semelhantes lugares. A girafa é um animal muito sociável — como o demonstra o fato de não viver só, encontrando-se sòmente em rebanhos de quinze ou vinte animais, e mesmo, em determinados casos, de mais de cinqüenta — e excessivamente sóbrio, pois, segundo afirma o zoólogo Bryden, podem passar seis a sete meses sem beber.

A girafa tem uma distinção especial que a impede de ser vulgar; inclusive quando anda, corre ou galopa, o faz elegantemente, meneando a garupa com graciosa faceirice e ondulando o pescoço.

Não sendo bastante a sua constituição externa para a diferenciar do resto dos quadrúpedes, a girafa não procede como a maioria dêstes, movendo as patas em sentido diagonal, e sim adiantando ao mesmo tempo as duas patas do mesmo lado... Em resumo, tem características próprias e imita quem quer que seja, qualidade que falta a muita gente.

Também não se rebaixa a pastar capim; alimenta-se de preferência, de folhagem de árvores pouco elevadas, embora isso não se deva tanto à sua altura como ao desejo de conservar a elegância da linha, já que o balanceio e o pêso do pescoço a obrigam, querendo abaixar-se, a adotar uma posição pouco graciosa, abrindo com excesso o compasso das pernas dianteiras. De qualquer modo, admitindo-se em princípio, que a função cria o órgão, talvez o comprimento do pescoço tenha por origem os esforços do animal a fim de evitar a humilhante necessidade de procurar o alimento no solo, pois que não é possível supor que tal comprimento se deva ao produto da curiosidade de olhar por cima dos cercados alheios.

PARA VOCÊ QUE É SABIDO...



E' mais fácil para um homem, dirigindo um automóvel, ouvir o que lhe diz uma pessoa sentada no banco do fundo do veículo do que a esta para ouvir a sua resposta. Verdadeiro? Falso?
(Vide resposta na página número 294)

— Êste pão me faz mal!...

— Não existe melhor em Dumfries...

— Pois me faz mal e não o quero... Causa-me azia!

Jane comprou o "Cottage Economy", de Gobbet, e aprendeu a fabricar o pão.

"Nada sabia — disse em uma famosa carta — da fermentação nem da temperatura dos fornos; era necessário que pusesse a massa para cozinhar à hora em que devia deitar-me, fatigada de tôdas as fainas do dia. Era a única pessoa que permanecia de pé na casa e no meio daquele deserto. O relógio batia uma hora, duas e três... Ali estava eu, de pé, firme, rodeada pelo imenso silêncio, o corpo quebrado pela fadiga e o coração oprimido por um sentimento de abandono e degradação. Eu, que tinha sido mimada por todos os da minha casa, para os quais o meu bem-estar era a principal preocupação e que sòmente me pediam, em troca, que cultivasse o espírito, vejo-me obrigada a passar a noite cuidando da massa do pão, a madrugada vigiando o galinheiro, o dia atendendo aos trabalhos da casa..."

Alguns meses depois de escrever esta carta, a espôsa de Carlyle visitou os lugares de sua juventude. Ninguém a reconheceu! Como envelhecera!

Que fazia, enquanto isso, Thomas Carlyle? Escrever! Escrever e pensar! Jane se casara, cheia de admiração pelo grande homem, pensando ser, ao seu lado, a musa espiritual eterna! Porém passou a ser uma empregada maltratada e oprimida. À custa de trabalhos constantes conseguiu que seu marido tivesse tôda a tranqüilidade necessária para escrever. Assim pôde realizar sua obra. Sem a devoção dessa mulher, Carlyle não existiria para as letras, pois não teria escrito uma só linha. Sua hipocondria e seu mau caráter teriam enchido de obstáculos todos os dias de sua existência.

Em 1855, Carlyle já era uma grande figura. A maior parte dos seus livros já estavam publicados, proporcionando-lhe fortuna e glória. O casal abandonou a casa longínqua e mudou-se para Londres. Jane deixou Craggenputtock, sem saudade. A capital lhe parecia a liberdade. Não sabia que o gênio do marido se tornaria cada vez pior, à medida que se passassem os anos.

Jane adoeceu. Era natural. Tantas dores e sofrimentos calados acabaram numa grande enfermidade. Diante daquele corpo que por êle tinha envelhecido e sofrido, Carlyle não sentiu piedade alguma. Existe outra carta da sacrificada mulher na qual ela diz:

"Procura ser paciente e indulgente com a tua **Gooda**, que ela está disposta a fazer qualquer coisa, até subir à lua, se êste fôr o teu desejo..."

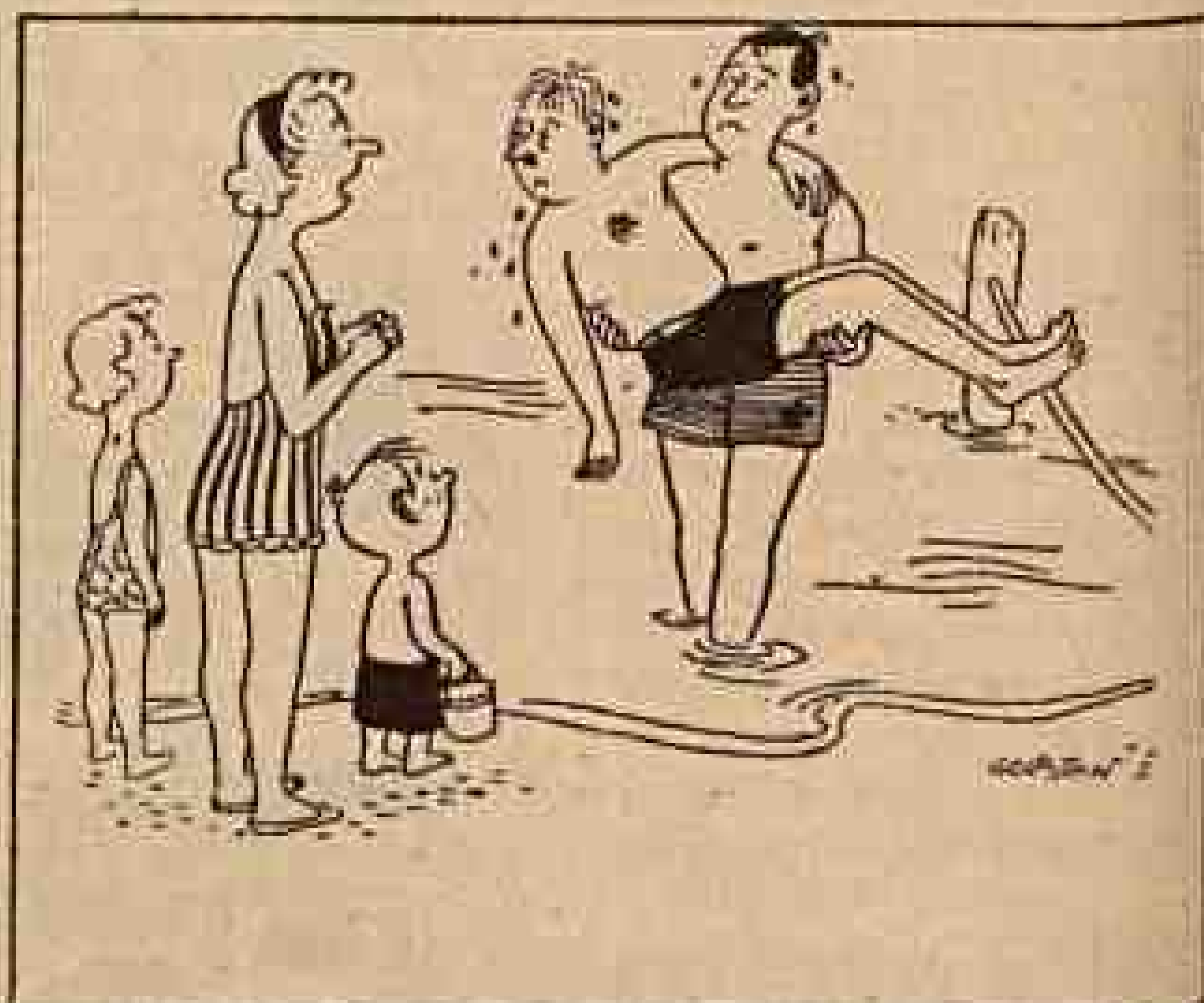
..O escritor achava que essas cartas eram vãs **literaturas**, e seguia sua vida absurda de trabalho e de desdém por tudo aquilo que não fôssem os seus livros. **A dor de escrever** o enlouquecia. Sentia-se humilhado ante o Destino e diminuído ante a impossibilidade de escrever mais e melhor. O resto pouco lhe importava. Suas notas autobiográficas sôbre êste amargo período de sua vida assinalam nêle um enfêrmo mental.

Jane piorou. Jane agonizava. Por uns instantes Carlyle se humanizou. Suas madeixas e barbas brancas se acercaram do leito de sua mulher. Seus olhos escuros e firmes procuraram penetrar no mistério daquela mártir.



QUE PENINSULAS SÃO ESTAS?
(Resposta da página anterior)

1 — Península Malaia, cenário atual de guerrilhas entre Inglêses e rebeldes malaios.
2 — Coréia.
3 — Península de Seward, no Alasca, considerada «indefensável» em caso de ataque russo, segundo relatório de uma comissão técnica do Senado Norte-americano.
4 — Península de Vogelkop, na Nova Guiné Holandesa, e agora reclamada pela Indonésia.



— Você nos deixou desesperados! Levou a chave do automóvel no bôlso do calção!

ÊSTE BICHO EXISTE, SIM!

(Continuação da página anterior)

Apesar de tudo, podemos desculpar à girafa qualquer fraqueza, em troca de suas qualidades máximas: é inofensiva como uma poesia romântica, embora em momentos de perigo defenda-se prosaicamente... a patadas! E, — maravilha inaudita em um ser de nome feminino — jamais deixa perceber o metal da sua voz... supondo que a possua... E depois de tudo o que acabamos de ler, o ingênuo da anedota da girafa pode ter a certeza de que **êste bicho, existe, sim!**

"Não conheci nada — acabou por confessar o autor de "Sartor Resartur" — que tenha suportado a dor com maior coragem e com maior sidêncio, porém agora a vejo, pela primeira vez, vencida, abandonando-se e observo nos seus formosos olhos expressões que superam tôdas as tragédias. Sòmente a ouvi murmurar: **"Se me quebrassem os ossos seria um prazer comparado com o que sofro..."**

Poucos dias depois, morria. Então, rodeado de solidão, o escritor inglês compreende o que tinha sido para êle a espôsa. E modifica a conduta passada. Dedica-se a enaltecer a memória de sua espôsa. A recordação é mais nobre do que o amor humano. Exalta a figura de **Gooda** e a pranteia. Qualquer recordação de Jane é conservada e amada como uma relíquia. O gênio continua sendo o mesmo para tudo e para todos, menos para a evolução da vida heróica desaparecida.

Mas com razão disse alguém, que muito o conhecia: **"Se Jane tivesse ressuscitado, Carlyle, recuperando o seu caráter azêdo, ao vê-la entrar pela porta, em vez de abraçá-la e pedir-lhe perdão, exclamaria de novo:**

— "Já te disse para não me aborrecer quando trabalho! E que, se peço sopa de vagens, logo seja ela servida!..."

— Aquêle animal extraordinário — a frase é de Taine — não pensava lògicamente porque a sua incurável hipocondria anulava o seu coração.

QUE VEM A SER «KITAWALA»?

«Então os fiéis se tornarão brancos e os brancos serão pretos; serão nossos escravos e seus bens nos pertencerão...»

Encantadoras perspectivas, como se verifica.

Foi a seita do «Kitawala», do Congo Belga, que entrou a espalhar esta **fórmula.**

Mas, que vem a ser o «Kitawala»? Uma interpretação particularíssima do movimento religioso fundado na América do Norte, em 1870, sob o nome de «Watch Tower», por um tal Russel, que se dizia pronto para «estrangular» todos os que não participassem de suas convicções pessoais!

Sôbre os negros da Nigéria, da Rodésia, do Congo, enfim, a doutrina adquiriu um prestígio temível. As duas Grandes Guerras lhes proporcionaram ocasiões inesperadas para progredir. Junto dos feiticeiros, o «Kitawala» soube agir de tal maneira que logo se tornaram os Grandes Sacerdotes dessa religião racista.

★

FALSOS SINÔNIMOS

DECADÊNCIA — DECLINAÇÃO

Decadêndia é o estado de uma coisa ou pessoa que vá diminuindo física e moralmente; é um **princípio de ruína.**

Decaem as fortunas, as letras, os impérios, isto é, tudo aquilo sujeito a mudança.

Declinação parece indicar mais do que decadência, pois fixa a idéia de **descida**, declive, queda. Declinar, é **minguar, acabar** ou **chegar ao fim.** O sol vai declinando.. até ocultar-se. Declina a idade, a enfermidade. Declinam as coisas **que sòmente têm limitada duração** e se dirigem ao seu aniquilamento total.

A decadência faz que as coisas percam a sua elevação, a sua magnitude, a sua consistência. A declinação, por sua vez, faz que as suas fôrças, o seu brilho, se debilitem.

A decadência pode seguir a ruína, porém não é forçoso êste resultado. Enquanto que a declinação conduz **fatalmente** à destruição.

★

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

VERSOS DO IMPERADOR

A título de curiosidade publicamos abaixo um poemeto de D. Pedro II, o venerando último imperador do Brasil, feito a bordo do cruzador "Alagoas, no qual Sua Majestade foi exilado para a Europa.

D. Pedro II escreveu êste poemeto no momento



D. Pedro II, D. Maria Cristina e D. Pedro Augusto, a bordo, em viagem para a Europa.

em que o navio ia deixar o pôrto e amarrou-o, com um laço de fita, ao pescoço de uma pomba branca, que voou para terra.

O sonêto, sôbre o mesmo tema, foi escrito meses depois, em França.

17-11-1889

Não maldigo os rigores
Da iníqua sorte,
Por mais fortes que sejão
Seus duros golpes.
Tirando-me o throno
E a magestade,
Quando a dois passos, apenas,
Estou da morte.

PEDRO DE ALCANTARA

Quem conserva mais a linha reta, quando caminha: o canhoto ou o destro?

(Resposta na página seguinte).



INSTANTES CÉLEBRES DA BÍBLIA



«— Eu sou José, vosso irmão, quem vendestes para o Egito»

O ENCONTRO DE JOSÉ COM SEUS IRMÃOS

Ao encontrar-se José com seus irmãos, fêz sair do recinto em que se achava a todo o varão; e ninguém ficou com êle, quando José se deu a conhecer a seus irmão. E levantou a sua voz com chôro, de maneira que os egípcios o ouviram, e a casa de Faraó o ouviu. E disse José a seus irmãos: "Peço-vos, chegai-vos a mim." E chegaram-se. Então disse êle: "Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito. Agora pois não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face.

"Porque já houve dois anos de fome no meio da terra, e ainda restam cinco anos em que não haverá lavoura nem sega.

"Apressai-vos, e subi a meu pai, e dizei-lhe: Assim tem dito teu filho José: Deus me tem pôsto por senhor em tôda a terra do Egito; desce a mim e não te demores. E habitará na terra de Goshen tu e teus filhos, e estarás perto de mim.

JOSE' E' NOMEADO VICE-REI DO EGITO

E disse Faraó a seus servos: "Acharíamos um varão como êste, em quem haja o espírito de Deus?" Depois disse Faraó á José: "Pois que Deus te fêz saber tudo isto, ninguém há tão entendido e sábio como tu. Tu estarás sôbre a minha casa, e por tua bôca se governará todo o meu povo; sòmente no trono eu serei maior do que tu".

Disse mais Faró a José: "Vês, aqui te tenho pôsto sôbre tôda a terra do Egito.

E tirou Faraó o anel da sua mão, e o pôs na mão de José, e o fêz vestir de vestidos de linho fino, e pôs um colar de ouro no seu pescoço.

E o fêz subir no segundo carro que tinha, e clamavam diante dêle: "Ajoelhai". Assim o pôs sôbre tôda a terra do Egito.

E disse Faraó a José: "Eu sou Faraó; porém sem ti ninguém levantará a sua mão ou o seu pé em tôda a terra do Egito. E saiu José por tôda a terra do Egito.

E a terra produziu nos sete anos de fartura a mancheias, e ajuntou e guardou os mantimentos nas cidades.



E o faraó o fêz subir ao segundo carro que tinha, e assim o pôs sôbre tôda a terra do Egito.

NOVIDADES FEMININAS







A caixa de pó de arroz, no estilo telefônico.

Outra, no estilo «bússola» rumo?)

E, finalmente, a caixa de pó de aroz no estilo relógio (Será que não mais chegarão atrasadas aos encontros?)

São novidades parisienses.

★

PARA VOCE QUE É SABIDO (Resp. da pág. 292) — A «Acustical Society of America», após meticuloso inquérito, chegou à conclusão de que é necessário dez vêzes mais de fôrça no falar para que o som seja transferido de forma inteligível, quando se fala do banco do volante para o banco do fundo do veículo do que em sentido inverso. Portanto é verdadeira a afirmativa.

★

RESPOSTA da página anterior — O destro, que sempre enviesa ligeiramente para a esquerda, por ter o lado direito mais pesado.

QUEBRA-CABEÇAS

ENIGMAS

1 — Quem mata cão mata gato
Quem mata rã mata gia.
Quem é *vadio* de fato
Não trabalha nenhum dia.
Onde?

Luferra (Palmares)

2 — A solução dêste enleio
Pode, com a frente no meio,
Ser vista com brevidade.
Mas tira a ponta da frente
E do final. De repente,
Batendo logo na testa,
Confirmarás a verdade
Ao ver do todo o que resta.
Coloca outra vez as pontas,
Acerta de novo as contas
Com tôda a facilidade.
Se tudo não se esclarece,
Reza, meu caro, uma prece,
Invocando *a divindade*.

Laércio (H.C.) — Rio

3 — Entre um calhau esquisito
Por conveniência escondi.
E' que sou triste *preceito*
Que anda sofrendo por ti.

Mascobei (Oliveira dos Brejinhos — Bahia)

Ao Mardel:
4 — "Nada" vejo nos extremos,
Porém no meio veremos
Quem vai para a "eternidade".
Bem triste é quem, neste mundo,
Sem luz e num mal profundo
Vive na *obscuridade*.

Euclides Vilar (Campina Grande)

5 — Do talo, chá não se faz,
De polpa faz-se papel
Do couro sai o calçado.
Onde está o *esparavel*?

Fuzinho (Bangu — Rio)

6 — Ando sempre com três notas,
Quer dêste ou d'outro lado...
Sou segunda, tércia e prima
E vivo só *resgatado*.

RACHA (Rio)

7 — Ali junto do cão
Dorme o velho José,
Depois de ter almoçado
Presunto com acarajé.

Gato Prêto (Alagoinha)

★

CHARADAS NOVISSIMAS

8 — Uma-duas — A *repetição* que *procuro* é muito perigosa, por isso estou com *precaução*.

Carlinhos (M. Agudo — E. do Rio)

9 — Uma-uma-duas — *Em sua meninice serena* a criança não se *inquieta*.

Dr. Zinho (Taubaté)

10 — Duas-duas — *Disfarcei* um sorriso ao notar que o *colchão do leito* estava sem *colcha*.

Gil Virio (Andradina)

11 — Duas-uma — Aquela *mulher velha e muito feia* para ter a *aparência* de moça, mandou *ondular* os cabelos.

Carciole (Angico de Mairi)

12 — Duas-duas — *Abusa* da sua mocidade e *enforca-se* no vicio que o conduz à *vadiagem*.

Mário Noval (Bissau — Guiné)

13 — Duas-duas — Informação *errada* do espião dizia que o inimigo estava atrás do *muro que servia de tranqueria nas antigas fortificações*, quando, na verdade, estava na *parte interior da muralha*.

Alô Tropina — H.C. (Rio)

14 — Três-uma — *Desordem provoca desordem*.

Centauro (S. Paulo)

15 — Duas-uma — Por que houve *desarranjo, embaraço*? Isso é preocupação de *bôbo*!

Dr. Zepanta (Coruripe)

RIO ELEGANTE

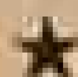
Alfaiataria

Souza & Chapeta Ltda.

Eximio contra-mestre

H. W. CHAPETA

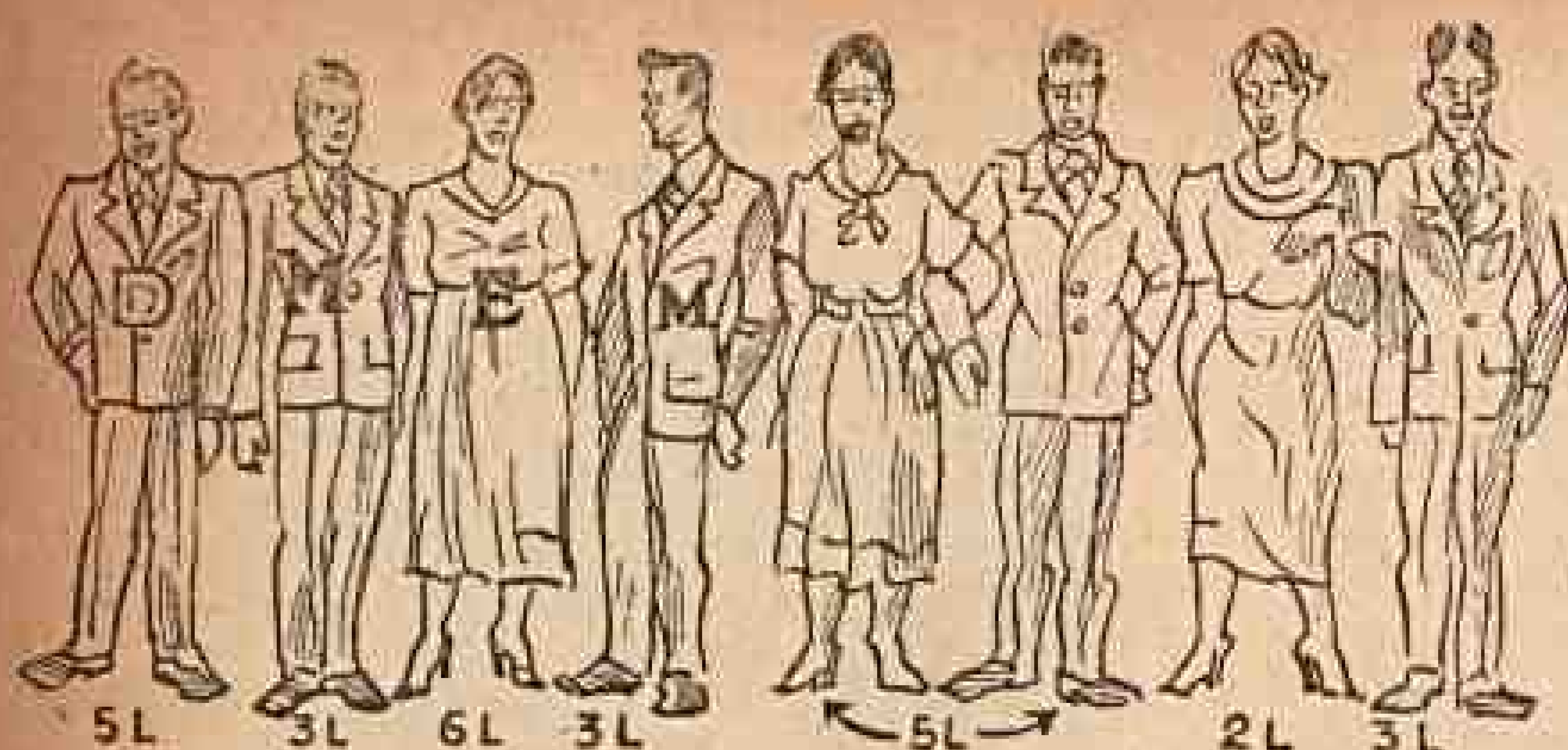
Corte Londrino



AVENIDA RIO BRANCO, 111
2.º andar — Sala 202
TELEFONE 52-3234

ENIGMA FIGURADO — 119

Ao major Agá, lembrando a sua visita ao Rio:



Dr. Lavrud

16 — Duas-uma — No *oiteiro* a *Sinhá* viu um *fantasma*.

Dr. Jofran

17 — Uma-uma — A *opinião* pública não *é coisa sem valor*, pois representa uma *multidão* de preceitos cristãos.

Fusinho (Bangu — Rio)

18 — Duas-uma — No meio do *bosque* encontrei uma *pessoa de má índole* que me atirou um *pedaço grande* de pedra.

Gato Prêto (Alagoinhas — Bahia)

19 — Duas-duas — Aquêle que acredita na *proteção divina*, mesmo nos mais dramáticos golpes da *sorte*, não fica *aflito*.

J. A. Pimentel (Ipaci, Goiás)

20 — Duas-duas — Nunca estou com *falta de dinheiro* e isso *é magnífico*, muito *magnífico*...

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

21 — Duas-três — Êle tem *cara de ciumento*, mas no fundo, não passa de um sujeito *chistoso*.

Silva — C.E.C. (Rio)

22 — Uma-três — *Simples* e pobre como Job, o *homem desprezado pelos seus*, morreu de um *abcesso no pericrânio*.

Malba Tantan — C.E.S. (Santos)

23 — Duas-três — *Excelente é o pai* que desenvolve nos filhos o respeito ao *antepassado*.

Matsuk — T.E. (Rio)

24 — Duas-duas — *Dentro de* determinadas *normas* é permitido fazer *comentários*.

Major Agá (Itajubá)

25 — Uma-duas — Um orador cheio de entusiasmo disse: *Neste momento* acho-me tão *fraco* que não posso usar a *fardeta* da academia.

Mosquito (Rio)

26 — Duas-uma — A *monja ensina* por uma *insignificância* fazer qualquer bordado.

Segon (Rio)

27 — Uma-duas — *Escarnece* do homem *piedoso* porque não quis vender o *cascalho*.

Paulistinha (Rio)

28 — Duas-uma — *Dedica* o teu tempo em conheceres a *razão de ser de tôdas as coisas*, mas não entre em *discussão* com quem quer que seja.

Sertanejo II (Lavras, Minas)

29 — Três-uma — *Julga* com justiça e *sentimento*, assim faz *o que reflexiona*.

Seamva (Santos)

30 — Duas-três — E' êsse o *propício* canal para se obter a *salvaguarda*.

Tony (Perdizes)

31— Duas-três — Tinha em *mira* o *médico* apresentar um trabalho *transcendente*.

Tutankâmon (Rio)

32 — Duas-duas — Na *assembléia* constituinte um *homem* honesto vê *gasto* o seu latim.

Atenas — H.C. (Rio)

CASA BRUNO

Fundada em 1917

PAPELARIA

Papeis em geral — Canetas-tinreiro — Objetos de escritórios — Albuns p/fotografias — Arquivos de Aço, etc...

TIPOGRAFIA

Artes gráficas em geral — Encadernação — Douração e pautação.

DISCOS E RÁDIOS

Grande variado sortimento de discos e rádios

Secções de Filmes e Revelações, Máquinas Fotográficas, Isqueiros e Accessórios, Jogos, etc...



MARCA REGISTRADA

LARGO DA LAPA, 34-B
TELEFONE 22-487

33 — Três-duas — *Aprimora* a obra, por ser *difícil* e para salientar os seus *ornatos*.

Paulistinha (Rio)

34 — Duas-três — *Atormentei* o *prisioneiro de guerra* porque êle fazia o papel de *mordicante*.

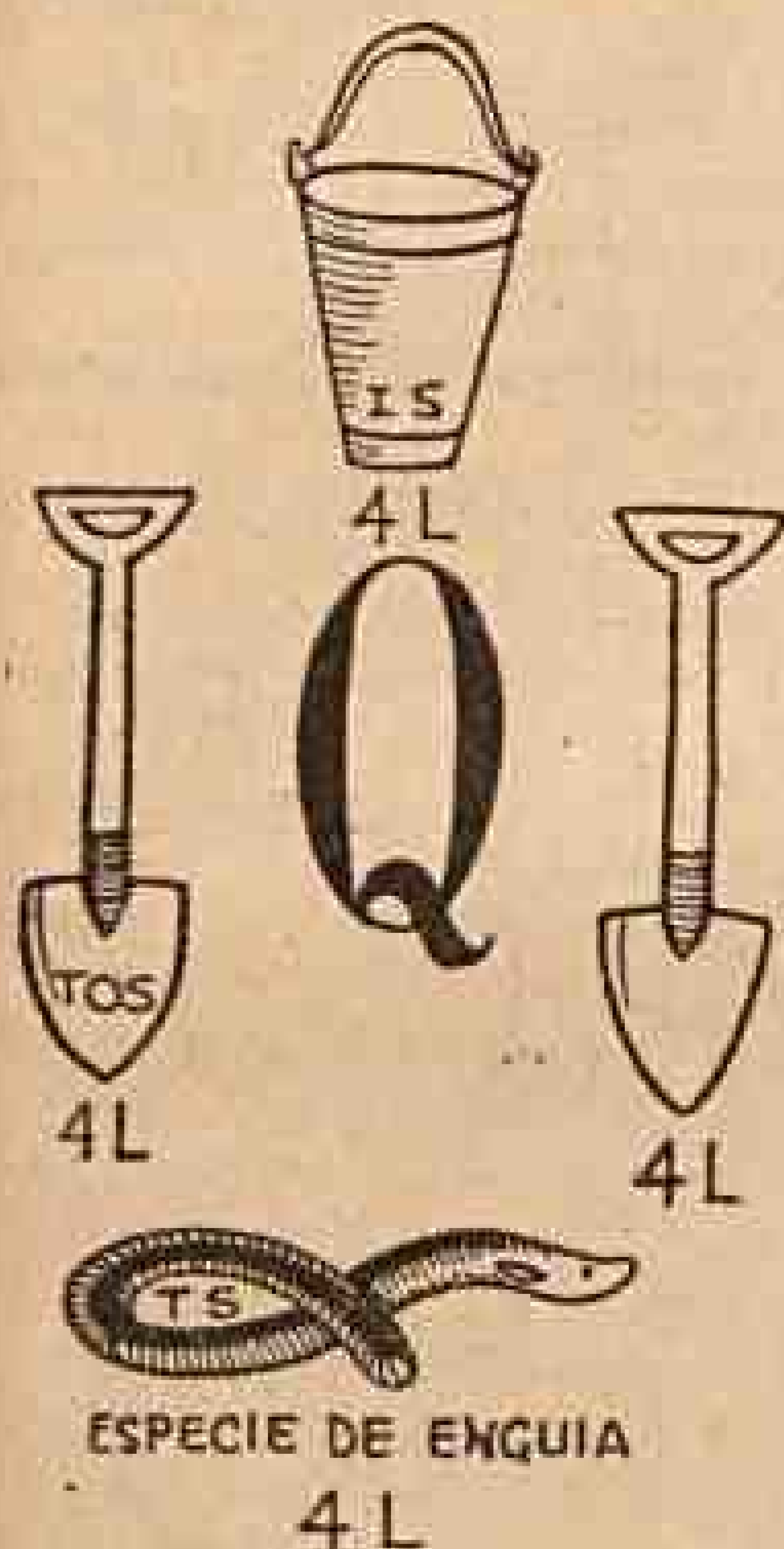
Seyon (Rio)

35 — Duas-duas — O pirata *logra* o otário em plena *claridade* sem a menor *dissimulação*.

Eva Dio (Rio)

ENIGMA FIGURADO - 122

Ao Osmeira, velho companheiro.



Dr. Jofran

36 — Uma-uma-duas — Foi uma *ação repentina* a adoração do *relicário, portanto* o *enciclopedista* não teve tempo para agir.

Guilherme Tell (Rio)

37 — Uma-duas — Na *mão* da mulher *da Sardenha* vi um recibo do aluguel da *água furtada*.

Iza Abel (Rio)

38 — Uma-uma — A sua dor de *barriga* foi motivada pelo *susto* quando viu o *fantasma*. *Dabliú* (Rio)

39 — Duas-uma — O *cálculo* que fiz foi *além* da *sova* que recebeste.

Dabliú (Rio)



40 — Duas-duas — *Logo* que cheguei à *banheira*, desinfetei-a com o *medicamento que se obtém do centeio espigado*.

Eva Dio (Rio)

★

LOGOGRIFOS

41 — Como é *cruel* viver afas-
[tado — 1-3-4
Da Pátria, como *certo*
[espúrio — 2-5
Ou como triste *gato pin-*
[*gado*. — 2-3-2-6-4
Das ondas ouvindo o
[*murmúrio* — 5-4-3-8-2-9

Só o *velhaco* à Pátria
[renega — 3-4-7-8
Pois nada mais belo
[existe
Aquele que ao lar se
[entrega
E, *adicto à gleba*, tudo
[resiste!

Cejotacê (Camaquã, R.G.S.)

42 — A vida é quase uma
[*afronta* — 7-8-10-12-4
Que se sofre em brin-
[cadeira,
Como quem tem a alma
[tonta
De incurável *bebedeira* -
[— 11-12-2-3-4

Quem ama a paz, ama
[*o campo*, — 3-1-11-6-2
Ama o luar prateado,
O brilho de um piri-
[lampo,
O silêncio amplo, *pe-*
[*sado*. — 5-9-11-10-8

Mas a ventura, incons-
[tante,
Para o comum dos mor-
[tais
E' como um lindo dia-
[mante
Que tem faces desiguais.

Lutércio (H.C.) — Rio

★

CHARADAS CASAIS

Com um abraço ao velho amigo El Príncipe:

43 — Quatro — E' muito *difícil* encontrar o livro; sua edição está *esgotada*.

Bisilva (Manaus)

Ao eminente Zytho:

44 — Três — Meu Deus! — quero viver *resguardado* sob a vossa *proteção!*

Agalves (Bento Simões, Bahia)

45 — Quatro — O *dono* da casa tem *direito* adquirido.

Aufergo (Recife)

Ao Fusinho:
46 — Duas —*Vence* na vida que teu *lucro* será compensador.

Adolfo Tuchman (Rio)

47 — Quatro — Quem é *agitado* pelas paixões, leva vida *tempestuosa*.

Centauro (S. Paulo)

48 — Três — Indivíduo *isento de obrigação* não carece de *desculpa*.

Cejotacê

49 — Três — O mestre *aprecia* o aluno que sempre tira *conta certa*.

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

50 — Três — Certo; quem *debica* come *pouca coisa*.

Dr. Zepanta (Coruripe)

51 — Quatro — *Confundo* para que haja *confusão*.

Trinca Fantasma (Salvador)

Ao Jayreis:
52 — És muito *namoradeira*,
Sempre alegre, prazenteira,
Levas vida bem folgada.
Jovial, sem compromisso,
O teu olhar tem feitiço,
Minha eterna namorada. — 3

Euclides Vilar (Campina Grande)

53 — Quatro — A *mão do gral* é muito *rústica*.

Ed Vep (Maceió)

54 — Duas — Se êle *provoca* o violeiro é porque não teme o *desafio*.

Farani (Salvador)

55 — Três — Só *perde a memória* quem fica no *esquecimento*.

Fiote (Corumbá)

56 — Duas — O coronel *combate a favor* do seu *regimento*.

Janota (Santos)

57 — Três — O *noticiário dos jornais* foi lido com tôda a atenção pelo homem *perseverante*.

Jotoledo (Rio)

58 — Quatro — À sua terra, em *brando* preito,
Dizia um bom paroara:
Vaso de barro perfeito,
Tem de ser marajoara.

Jayreis (Bahia)

59 — Três — Que tal o *sorvete de orvalho?*

Joleno (Curitiba)

60 — Quatro — O *aristocrata* também gosta de *aguardente de cana*.

Mambira de Jiquitaia (Salvador)

61 — Duas — *Bravata* mais *bravata* somam bravatas...

Luferra (Palmares)

Ao confrade Xofrango:
62 — Quatro — O charadismo é um *passatempo agradável* que *diverte* educando e instruindo.

Mr. X (Belém, Pará)

63 — Quatro — *Resido* próximo ao *armazém de madeiras*.

Nomisio Nuno (Feira de Sant'Ana)

64 — Três — Acreditar na *maledicência* das mulheres é *perigoso*.

O Sineiro — G.C.N.-C.E.C. (S. Paulo)

65 — Três — Em *local para exercícios ginásticos* eu não *converso*.

Paraná (Rio)

Banco Hipotecário Lar Brasileiro S. A.

RUA DO OUVIDOR, 90

Conta Corrente Popular

Limite: Cr$ 100.000,00 — Juros 5% A.A.

Títulos de Renda

(Debêntures)

Juros de 8% A.A. — PAGOS TRIMESTRALMENTE
Horário ininterrupto para o público, de: 3,30 às 16,30 horas.

66 — Cinco — Um *palavreado pretensioso* e *enfadonho* foi o discurso de um cara ao receber o seu *grau de bacharel*.

Naná (Rio)

67 — Quatro — Na prisão eu *corrijo* o infeliz *charlatão*.

Marlene (Rio)

68 — Três — Após a *confissão*, o caso do Santana foi resolvido, depois de bem *revolvido*.

Waltinho (Rio)

69 — Três — *Demora-se em tomar uma decisão*, o indivíduo *somítico*.

Nostradamus — C.E.S.-C.E.C.-G.C.N. (Santos)

70 — Três — Para evitar *altercação* não *falo* alto com ninguém.

O Sineiro — G.C.N.-C.E.C. (Santos)

71 — Quatro — Ser *astuto* é uma *maneira hábil de agir*.

Ro-San (Rio)

72 — Duas — Viu tanta *riqueza* que teve uma *vertigem*.

Rafinha (Pôrto Alegre)

73 — Cinco — A *arte de tirar ou explicar os horóscopos* prediz o dia *que celebro o nascimento de alguém*.

Sotnas (Rio Grande)

74 — Duas — Pára com essa *matraca*, senão eu ainda te dou uma *sova!*

Sertanejo II (Lavras, Minas)

75 — Três — O ser *desprezado* não tem motivo para *peleia*.

Seamva (Santos)

76 — Três — O frade estava *escondido*, mas quando o prior acendeu a *lâmpada do dormitório do convento*, foi logo descoberto.

Sertaneja (Rio)

77 — Três — Um casal perfeito! Êle era um autêntico *pateta*, ela uma *mulher simplória*.

Tutankámon — T.G. (Rio)

78 — Três — Quem *treme* sem ter frio é *medroso*.

Satierf (Palmares)

79 — Três — Numa *esquadria* não há ângulo *agudo*.

Alô Tropina — H.C. (Rio)

Ao estimado colega Luferra:

80 — Duas — Depois da *romaria* não há mais ar *festivo*...

Alguém — F I. (Lisboa)

81 — Duas — Ela usava como *véu* o *lenço de abafar*.

Gorgonhe — C.E.C. (Rio)

NOVA TABELA DE JUROS

DA

Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro

De acôrdo com a recomendação do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, o Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro aprovou a seguinte tabela de juros para as diversas modalidades de depósitos voluntários, em vigor desde 1 de julho último:

DEPÓSITOS POPULARES

Até o limite de 100.000 cruzeiros — juros capitalizados semestralmente ...... 4½% ao ano

DEPÓSITOS LIMITADOS

— Por meio de cheques até 200.000 cruzeiros .... 4½% ao ano

— Até o limite de 500.000 cruzeiros, movimentados por meio de cheques ou cadernetas .... 4 % ao ano

Ambos capitalizados semestralmente.

DEPÓSITOS SEM LIMITE

A vista sem limite — juros capitalizados semestralmente .... 3 % ao ano

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

Entrada inicia a partir de 10.000 cruzeiros, sem limite — juros de:

— Prazo de 6 meses ...... 5 % ao ano

— Prazo de 12 meses ...... 5½% ao ano

— Prazo de 24 meses ...... 6 % ao ano

DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO

Sem limite — juros capitalizados semestralmente:

— Aviso de 60 dias .... 3½% ao ano

— Aviso de 90 dias .... 4 % ao ano

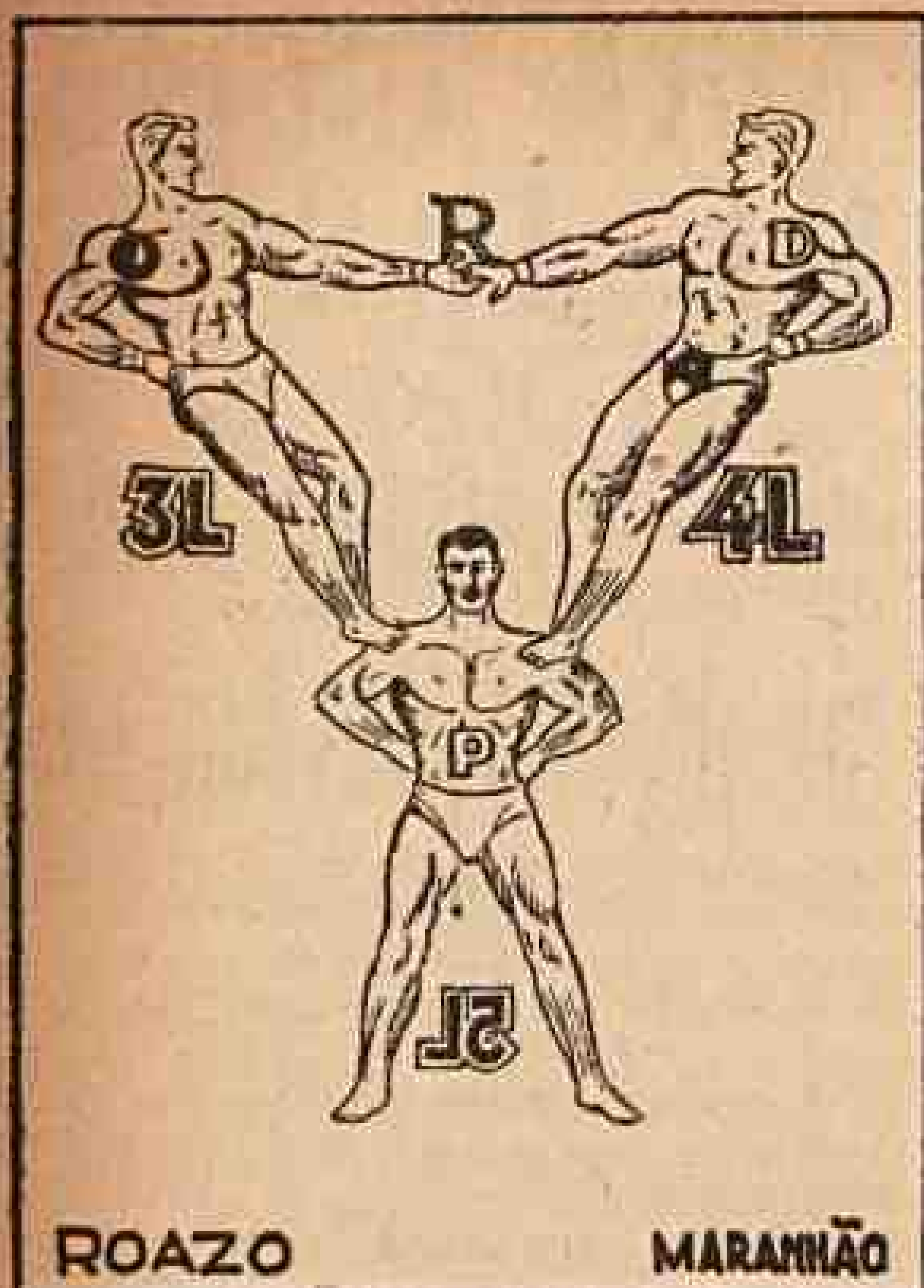
— Aviso de 120 dias .... 4¼% ao ano

DEPÓSITOS ESCOLARES

Até o limite de 50.000 cruzeiros — juros capitalizados semestralmente ..... 4½% ao ano

As contas da modalidade «SEM LIMITE» deverão ser emitidas e movimentadas por meio de cheques, nas Agências Rio Branco e Candelária.

ENIGMA FIGURADO — 120



Roazo

★

CHARADAS ANTIGAS

82 — Com seus olhos de veludo,
Tira *partido* de tudo, — 1
A moça do apartamento.
Não tolera *disciplina*, — 4
E no bairro que domina,
E' o mais sublime *ornamento*.
Gil Virio (Andradina)

83 — Quem *veste* roupa barata — 3
mostra sinal de pobreza...
Até *vive* em camarata — 2
como reles democrata,
sem *competência* que reza...
Mário Noval (Bissau — Guiné)

84 — Isto é coisa *costumeira*, — 3
Quem do abismo põe-se à beira
Um perigo há de encontrar.
Sòzinho, sem ter um gôzo, — 1
O homem *defeituoso*
Muito tem que trabalhar.
Apolonia Vilar (Campina Grande)

85 — Quem *instiga* a maldade — 2
Esquece o bem pelo *mal* — 1
Por isto a crueldade
E' *o demônio* fatal.
Persen (Salvador)

Ao velho amigo Fabriciano:
86 — Adeus, *palavra* pequena — 2
que é *um* mundo de amargura, — 1
Feliz de quem nunca o disse,
porque dizê-lo é tortura.
Mascobei (Bahia)

CASA GARIBALDI

FUNDADA EM 1860

J. P. dos Santos
& Cia., Ltda.

Vidros, espelhos, metais niquelados, cristais para vitrines.

VIDROS PLANOS EM GERAL

Marca Registrada

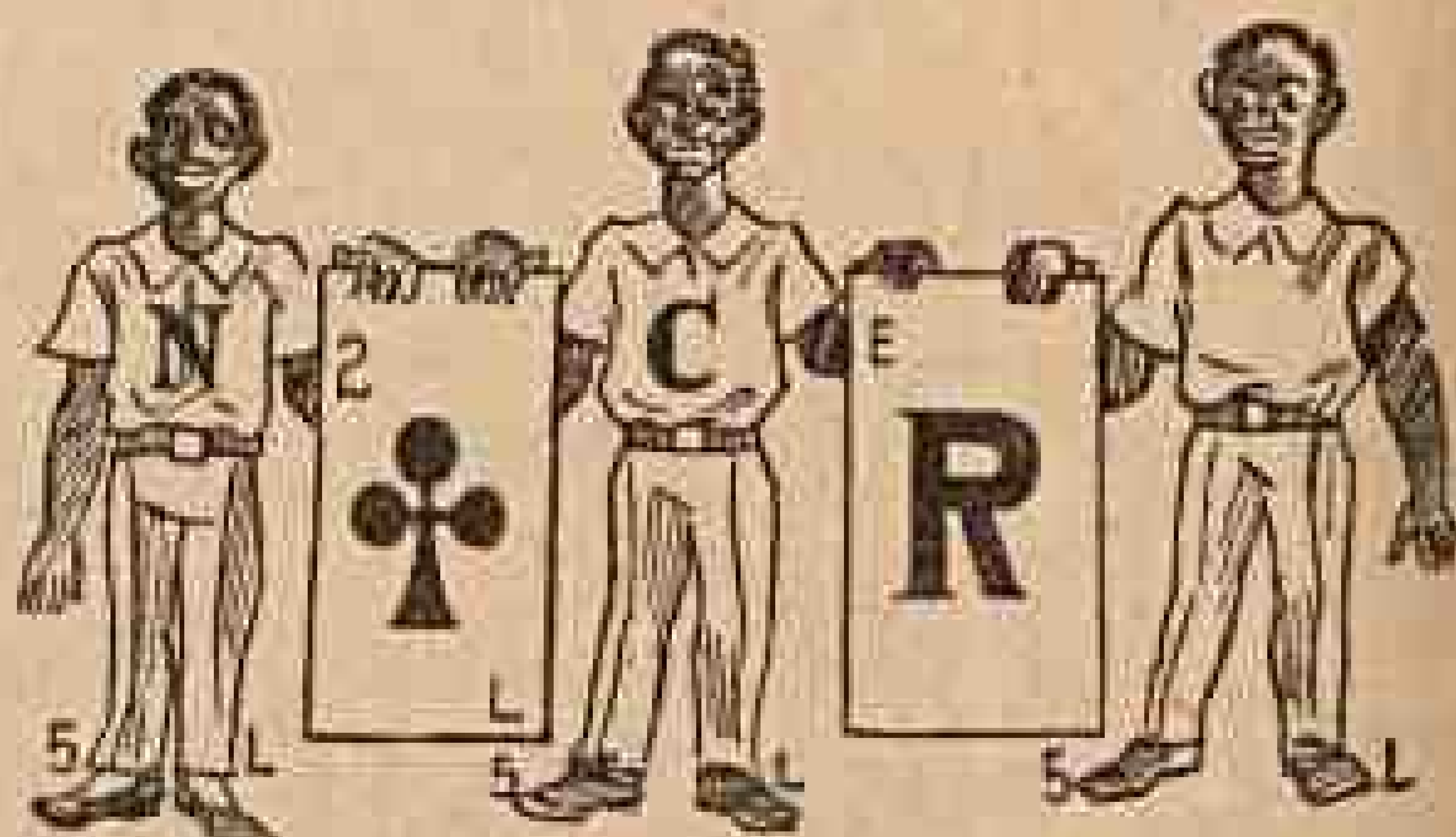
Rua Almirante Baltazar, 265
(S. Cristovão)

Tels.: 48-7232 / 28-5024

CAIXA POSTAL, 3747 —
End. Telegráfico: «GARIBALDI»

ENIGMA FIGURADO — 121

Aos confrades curitibanos, gradecendo as homenagens de março:



Dr. Lavrad

★

CHARADAS SINCOPADAS

87 — Três (duas) — A *aguardente extraída de arroz fermentado* que tomei tinha um *mau cheiro*.
Carlinhos (M. Agudo — E. do Rio)

Ao prezado colega Nomisio Nuno com um abraço
88 — Três (duas) — Como é *terrível* o sujeito *falso!*
Agalves (Bento Simões — Bahia)

89 — Três (duas) — Ela estava *exuberante* com o *namôro*.
A. Salomão (Juiz de Fora)

90 — Três (duas) — Em *consequência* do reumatismo êle não sai mais da *poltrona*.
Aló Tropina — H.C. (Rio)

91 — Três (duas) — *Indivíduo acanhado* não é bem *reputado* entre os amigos.

Adolfo Tuchman (Rio)

92 — Três (duas) — Quando o indivíduo *foge* duma responsabilidade não *avalia* quão grande prejuízo trouxe ao seu conceito.

Conde de la Fere (Salvador)

93 — Três (duas) — *Ciência oculta* só sábio *astuto* interpreta.

Dr. Jofran

94 — Três (duas) — De *arranjo* e câmbio-negro, se prevalece o *tubarão*.

El Principe (Uberaba)

95 — Três (duas) — O *nastro* estava junto à *colher* de pedreiro.

Fiote (Corumbá)

96 — Três (duas) — Êste *padre*, apesar de muita penitência, não *corrige* tuas faltas.

Janota (Santos)

97 — Três (duas) — *Indivíduo caloteiro* deve ser metido na *prisão*.

Joaquim Adonelas Pimentel (Itapaci — Goiás)

98 — Três (duas) — O caipira sempre se *preocupa* com os seus *cacaréus*.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

99 — Três (duas) — E' um homem *grosseiro*, mas muito *devoto*.

Laranjeirense (Sergipe)

100 — Três (duas) — Até o preço da *hortaliça* depende do *govêrno*.

Lutércio — H C (Rio)

101 — Três (duas) — *Feito em pedaços* voou pelos ares a fortaleza, símbolo do *poder* do tirano.

Malba Tantan — C.E.C. (Santos)

102 — Três (duas) — Uma pessoa *provocante* pode causar a *destruição* de um lar.

Matsuk — F.E. (Rio)

103 — Três (duas) — Um bom cantor não faz tantos *trejeitos* para cantar uma *ária* tão simples.

Major Agá (Itajubá)

104 — Três (duas) — A tua *maledicência* fica *de parte*, mostrando a tua falta de princípio.

Nomísio Nuno (Feira de Sant'Ana)

105 — Três (duas) — Há muita gente que tem *excesso* de gordura no *pescoço*.

Nomísio Nuno (Feira de Sant'Ana)

106 — Três (duas) — *Gasta pelo uso*, a pintura do carro fica *de pouco brilho*.

O Sineiro — G.C.N.-C.E.C. (S. Paulo)

107 — Três (duas) — Com indivíduos *excessivamente desconfiados* não faço *pacto*.

Paraná (Rio)

Casa Marques

Armarinho e Confecções

Especialista em meias, rendas, bordados, fitas e artigos para presentes.

Marques, Irmãos & Cia. Ltda.

Rua Arquias Cordeiro, 283

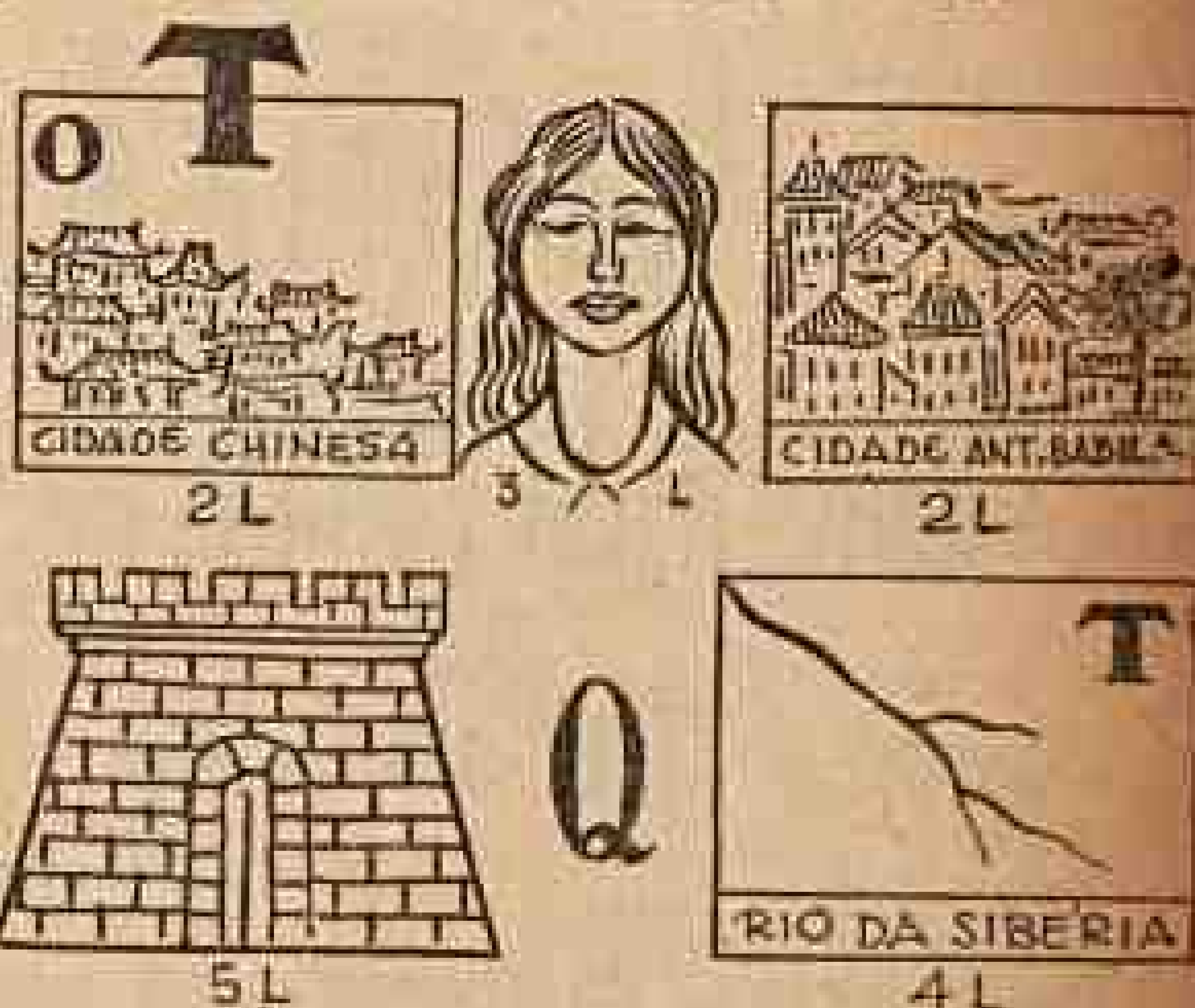
Telefone 29-2681

Meier

Teleg.: MARQUINHO

Rio de Janeiro

ENIGMA PITORESCO — 123



Mambira da Jiquitaia (Alagoinhas, Bahia)

108 — Três (duas) — *A oração que na missa precede a epístola*, *designa* se a missa é festiva.

Guilherme Tell (Rio)

109 — Três (duas) — Quando ouve a *música desafinada*, o maestro *resmunga* qualquer coisa aos seus músicos.

Nostradamus — C.E.S.-C.E.C.-G.C.N. (Santos)

110 — Três (duas) — O uso da *diamba* é um *defeito difícil de perder*.

O Sineiro — G.C.N.-C.E.C. (Santos)

111 — Três (duas) — Aquilo é um *monte* sobranceiro, seu *idiota*.

Paraná (Rio)

———

112 — Três (duas) — E' *importante* notar que aquela *tina* é tôda de madeira.

Ro-San

———

113 — Três (duas) — E' *mentira*, o dia de hoje não é de *festa nacional*.

Rafinha (Pôrto Alegre)

———

114 — Três (duas) — Ter *desembaraço* é igual a ter *aptidão*.

Santorum (Rio)

———

115 — Três (duas) — Esta *mulher velha* cabe muito bem dentro da *tina*.

Sertaneja (Rio)

———

116 — Três (duas) — A *amizade* traz a *experiencia*.

Tony (Perdizes)

———

117 — Três (duas) — Quem *discute* com mulher, nunca *leva vantagem*.

Salierf (Palmares)

———

118 — Três (duas) — A quem *espalhar* notícias tendenciosas, deve o govêrno *impor* severo castigo.

Júpiter (S. Luís — Maranhão)

Confeitaria
e Panificação Moderna

Serviços para Banquetes

Manoel Maia & Cia. Ltda.

RUA 24 DE MAIO, 1359

TELEFONE 29-2216

RIO DE JANEIRO

TINTAS...

CORRÊA LEITE & CIA.

Com a tinta «MIMOSA» tudo se pinta, desde o menor objeto ao mais luxuoso automóvel. Peçam a «MIMOSA» adequada ao fim que se destina.

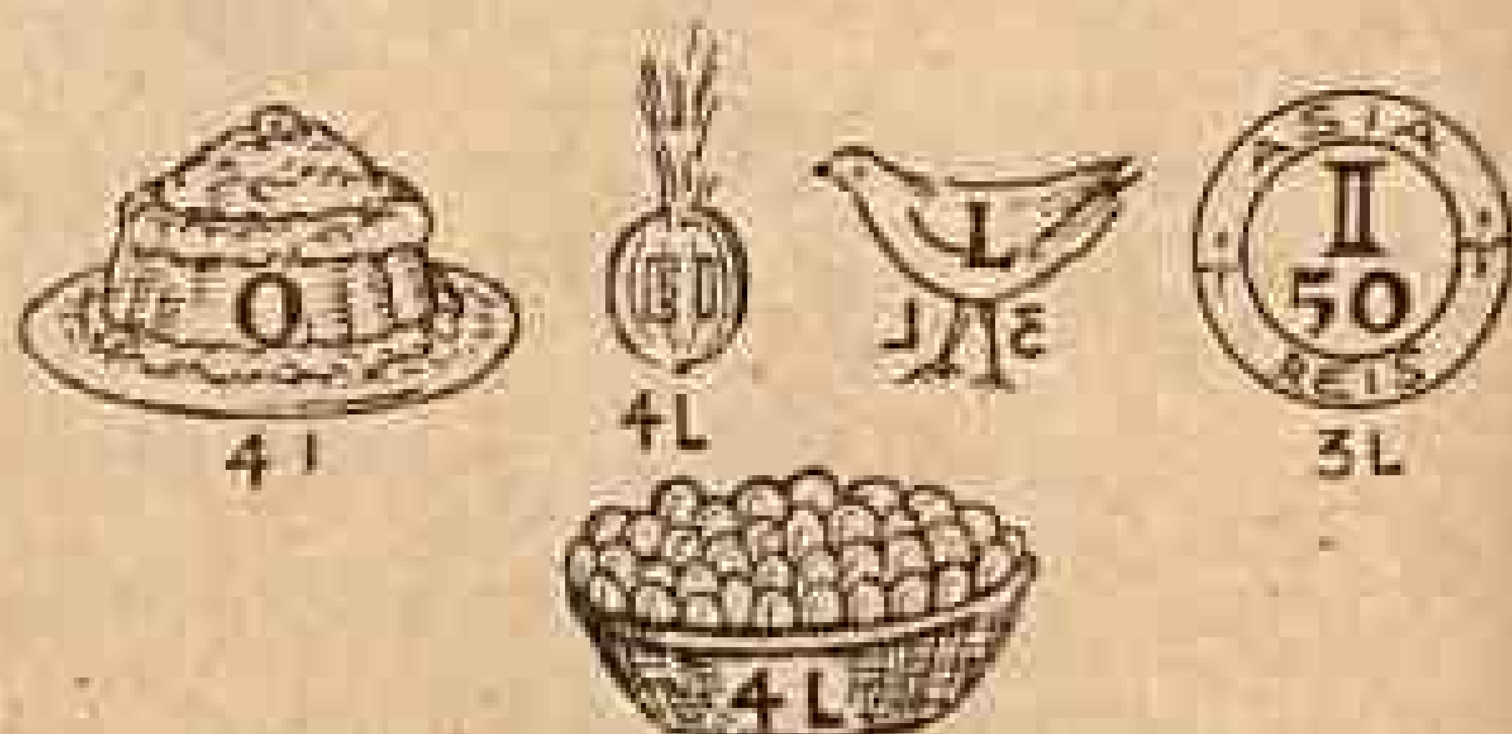
«KEM-TONE» para pintura de paredes, lavável, tudo que se pinta com estas duas marcas fica deslumbrante.

Senhores proprietários, artistas, pintores, amadores ou amadoras das belas artes, venham ver os nossos preços e qualidades.

Matriz: Rua Buenos Aires, 290. Filiais: Rua Buenos Aires, 116 e Rua Maria Freitas, 16, Madureira. Entrega-se grátis nesta Capital.

ENIGMA FIGURADO — 129

Aos confrades de Pôrto Alegre, agradecendo as homenagens de abril:

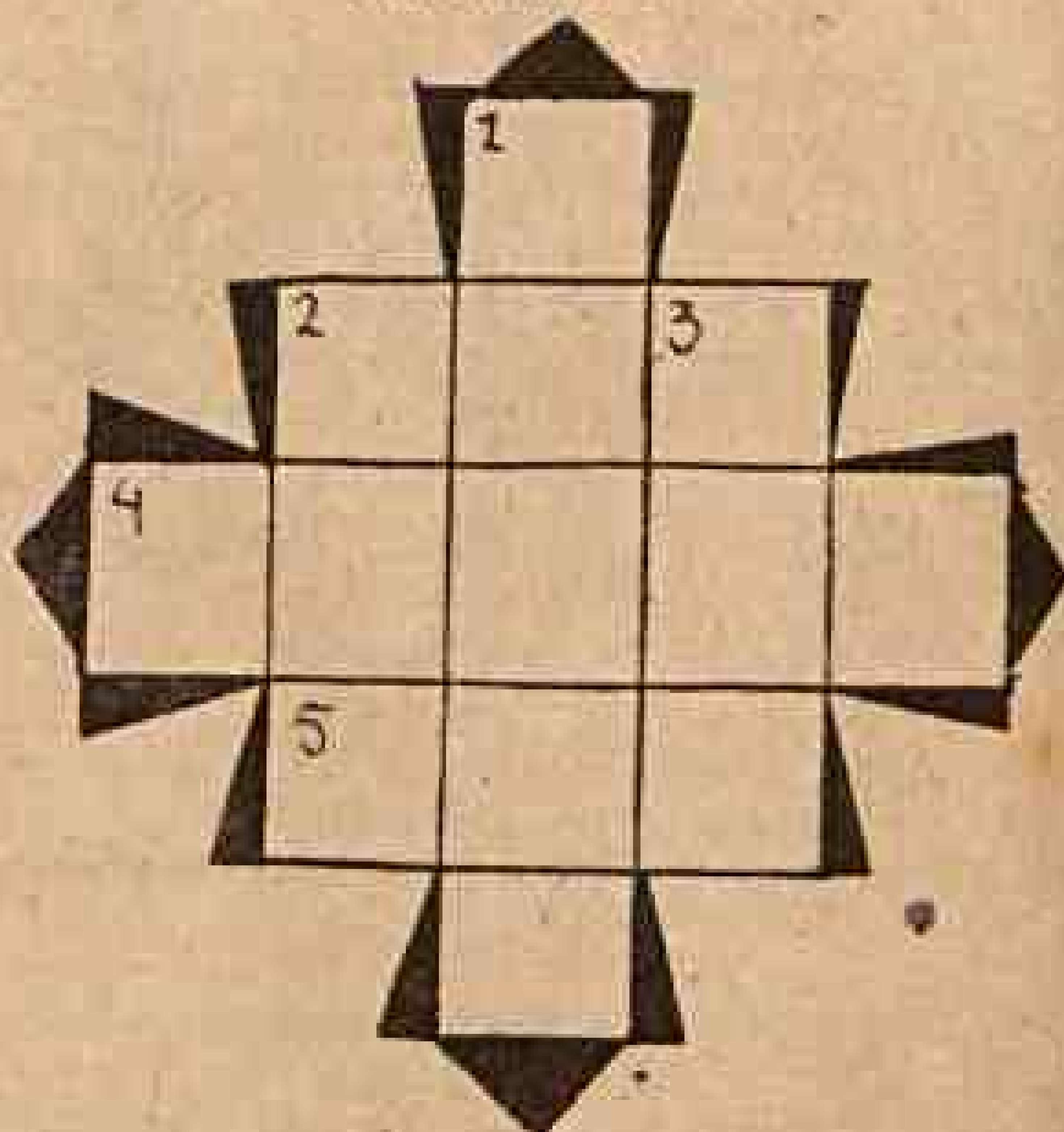


Dr. Lavrad

———

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1

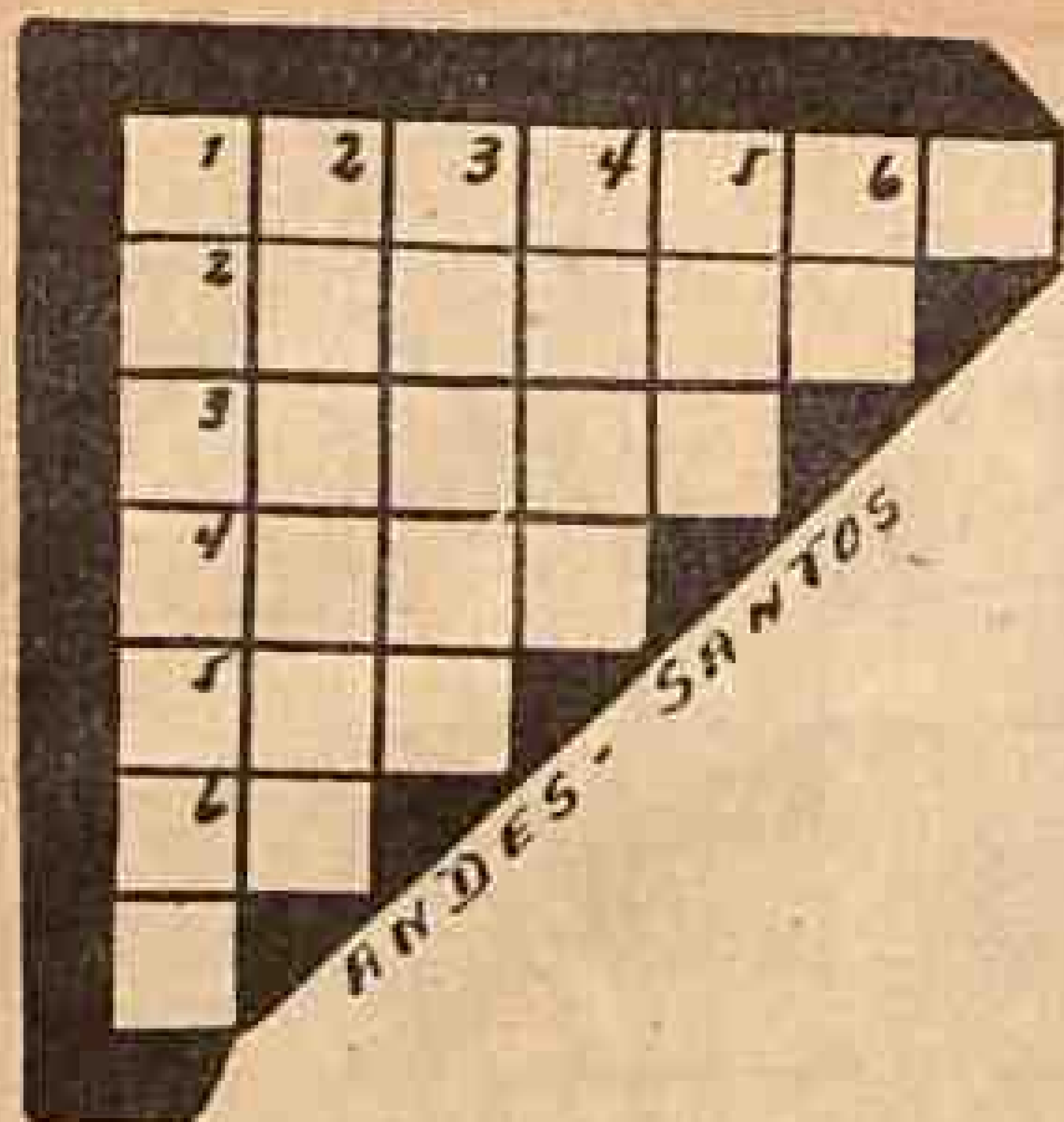


Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

Horizontais: 1 — Duzentos; 2 — O mesmo que por; 4 — Culto prestado aos santos e aos anjos; 5 — Gênero de formigas a que pertence a saúva.

Verticais: — 1 — Quarta letra do alfabeto grego; 2 — Embriaguês; 3 — Esteiro ou braço de rio, próprio para navegação; 4 — Quarta letra dominical.

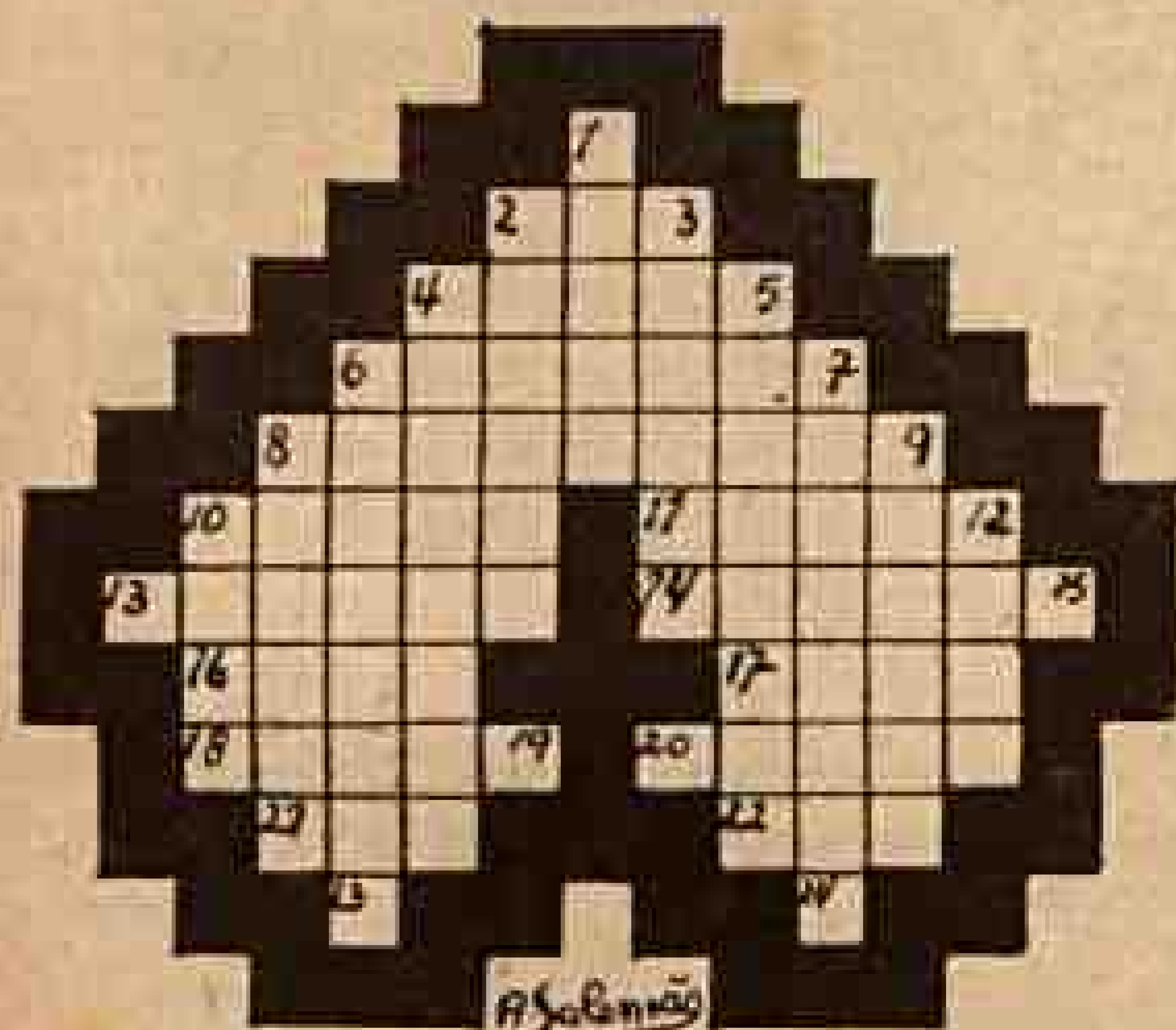
PROBLEMA Nº 2



Andes (Santos)

Horizontais e verticais: — 1 — Vão por cima do altar-mor, onde se arma o trono, para a exposição do Santíssimo; 2 — Suco de uva ou de azeitona; 3 — O arilo da noz-moscada; 4 — Filho de Fauno; 5 — Flexão do verbo rir; 6 — Suf. adj. equivalente a al; relativo a.

PROBLEMA Nº 3

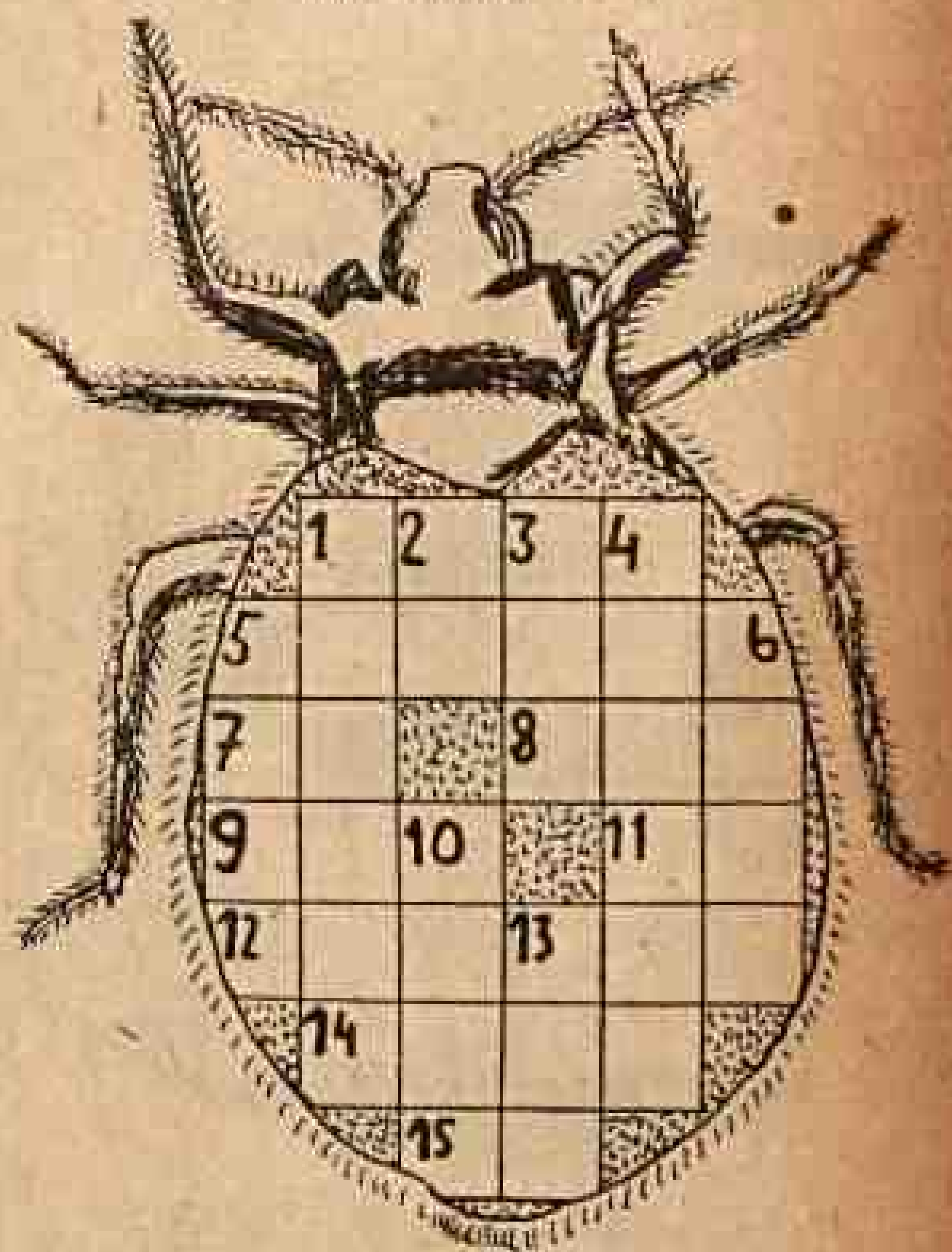


A. Salomão (Juiz de Fora)

Horizontais: — 1 Valia 70; 2 — Tambore[te] com estôfo para assento; 4 — Lúgubre; 6 — Tesouro público (pl); 8 — Animam; 10 — Diabo; 11 — Grão-vizir de Mahomet II; 13 — Dentes arredondados no bordo das fôlhas; 14 — Terrados; 16 — Sanie; 17 — Têrmo injurioso siría[co] empregado na bíblia; 18 — Feitiçaria; 20 — Macaco; 21 — Espalha-se; 22 — Sobrepeliz; 23 — Símbolo do enxôfre; 24 — Artigo feminino.

Verticais: — 1 — Fustigue; 2 — Enganas; [3] — Serviço a bordo (pl); 4 — Morangueiro; 5 [—] Filho de Luís, o Bonachão; 6 — Mordomos; 7 — Nome vulgar do charque; 8 — Gênero de plantas da família das palmáceas (pl); 9 — Negócio ou trato oculto; 10 Macaco cinocéfalo; 12 — O primeiro entre os cônegos; 13 — Cem; 20 — Valia 7 ou 70.

PROBLEMA Nº 4



Velo-Vila (Rio)

Horizontais: — 1 — Cabeleira, juba; 5 — Sacudidela que o pescador dá à vara de pescar ao sentir que o peixe mordeu a isca (nordeste); 7

ILUMINAÇÃO EM GERAL

LUSTRES ★ PLAFONS ★ APLIQUES ★ LÂMPADAS DE MESA E ESCRITÓRIO

CASA EMOINGT

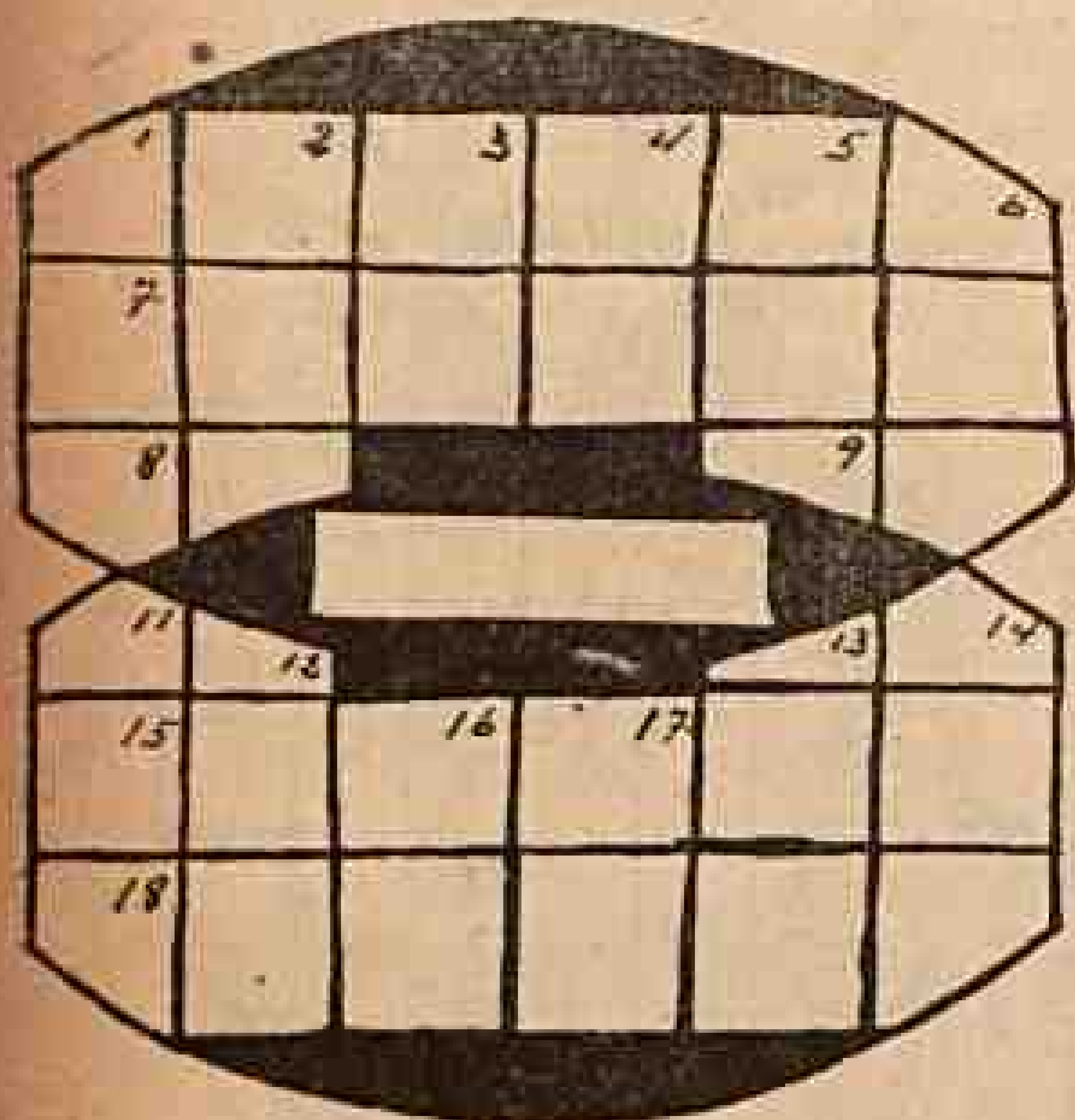
APARELHOS ELÉTRICOS PARA USO DOMÈSTICOS

RUA 7 DE STEMBRO, 75 (entre Avenida e Quitanda)

.. Rio da Rússia; 8 — Rio da Noruega Central; 9 — Tira de pano que rodeia certas peças do vestuário; 11 — Nota musical; 12 — O leite mais grosso extraído da vaca, depois de se tirar o primeiro, que é mais espêsso; 14 — Planta da família das leguminosas-papilionáceas; 15 — Artigo (pl).

Verticais: 1 — Índio do rio da Pomba; 2 — Língua falada na idade média no Loire e na Catalunha; 3 — Rio da China Meridional; 4 — Função da química orgânica (pl); 5 — Variedade de café superior, originária da Arábia; 6 — Milho torrado que se reduz a pó, podendo adicionar-lhe mel de abelha (pl); 10 — Grupo de esporagios dos criptógamos vasculares; 13 — Homem muito pobre, paciente.

PROBLEMA Nº 5

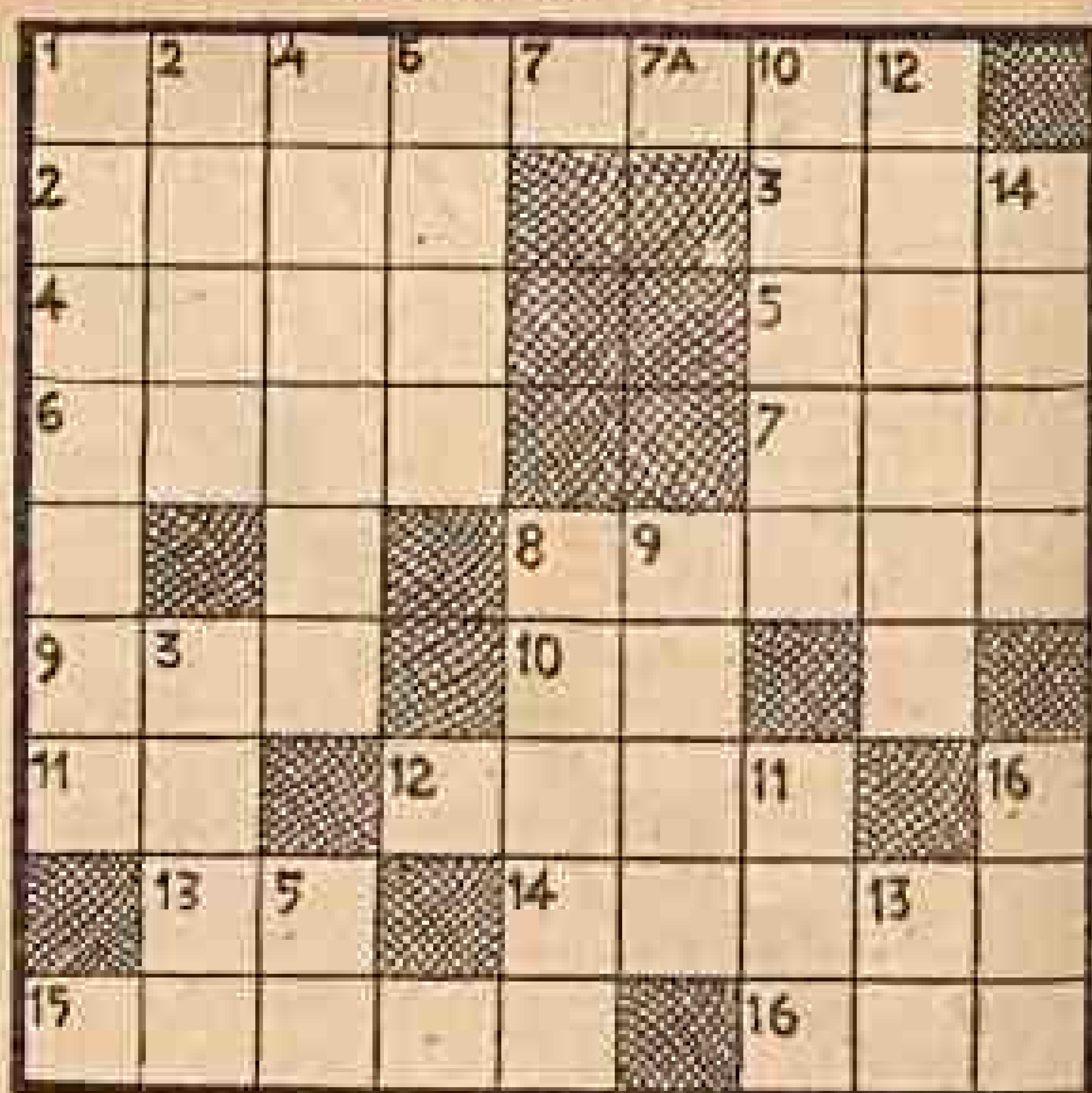


A. *Jatobá* (Delmiro, Al.)

Horizontais: — 1 — Hipódromos; 7 — Juventude; 8 — Zomba; 9 — Ditongo nasal; 11 — 5º mês dos Hebreus; 13 — Outra coisa; 15 — Peça constituída por parafuso ou prego de duas cabeças que liga chapas de aço; 18 — Desejei.

Verticais: — 1 — Junta; 2 — Cai; 3 — Vento; 4 — Lastima; 5 — Mas; 6 — Sincero; 11 — Constelação austral; 12 — Virtude; 13 — Também; 14 — Regra; 16 — Tratamento dado às velhas amas de crianças; 17 — Decorrer.

PROBLEMA Nº 6



Ipê (Natal)

Horizontais: 1 — Perversidade; 2 — Fêmea do cavalo; 3 — Braço de rio; 4 — Posição; 5 — Sapo do Amazonas; 6 — Rótula do joelho; 7 — Produzir; 8 — Escarnece de; 9 — Buraco na meia; 10 — Cocaína; 11 — Antes de Cristo; 12 — Encalço; 13 — De outro modo; 14 — Caminhos entre montanhas; 15 — Espécie de tecido pardacento; 16 — Lâmina de ouro, imitando a fôlha de palma.

Verticais: — 1 — Grupo de indivíduos dados a pândegas ou desordens; 2 — Doente; 3 — Sânie; 4 — Ocasião; 5 — Int. desig. de dor; 6 — Vagalume; 7 — Um; 7-A — Cem; 8 — Sem pés; 9 — Rebento; 10 — Assanhado; 11 — Para donde vem o vento; 12 — Resfriado; 13 — Símbolo do alumínio; 14 — Hálito; 15 — Grande barbatana de certos peixes.



NOTAS

Os dicionários adotados neste Almanaque são os mesmos da seção "Quebra-Cabeças de EU SEI TUDO".

A colaboração para o *Almanaque* de 1953 e as soluções do presente devem chegar à nossa redação até 30 de junho. Fora dêste prazo não serão computadas.

Correspondência para o diretor desta seção

Dr. LAVRUD

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

Fundado em 1875
O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO — CAPITAL E RESERVAS Cr$ 104.432.272,80
Séde — Rua do Ouvidor, 93-95 — Tel. 43-8966 — Agências: Distrito Federal e São Paulo.

SUMÁRIO DAS MATÉRIAS

INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO

Tábua lunar (fases) 35
O Ano Horoscópico 35
Calendário Cristão 35
Elementos do cômputo eclesiástico, para 1952 35
Lições Bíblicas para as Escolas Dominicais .. 35

Como fazer um calendário (Cálculos do tempo, calendário cristão, cômputo eclesiástico, ciclo lunar, regras do áureo número e da epacta, ciclo solar, regra para a dominical, os dias, regra para os anos bissextos, festas fixas) 36

Entrada do sol nos signos do Zodíaco, em 1952 38
Eclipses do ano de 1952 39
Começo das estações 47
Festas Nacionais Brasileiras 47
Correspondência dos diferentes calendários .. 49
Hora legal 53
Festas religiosas móveis 55
Festas religiosas fixas 57
Datas comemoradas pelas Igrejas Evangélicas 234
Calendário Israelita 243
Festas religiosas do Calendário Israelita 253

O Ano Ex-librístico 255
O Ano Aeronáutico 262
O Ano Artístico 266
O Ano Católico 271
O Ano Científico 281

Festa Pan-Americana 288

Os Mortos do Ano 38

ARTIGOS ESPECIAIS

Próspero Ano Novo 14
Heráldica — Ciência e arte dos Heraldos. Origem dos brasões de armas (Côres) — (Texto e desenhos de Alberto Lima) 15
Como são escolhidos, em Roma, os nomes do Santoral para a Igreja de São Pedro (Benedito XIX, o legislador canônico — O primeiro processo que criou qualificação de «venerável» — O segundo processo, o da beatificação — A canonização) 27
O telefone completa 75 anos 33
O homem que tudo previu (Júlio Verne) 48
Benvenuto Cellini 58
Capitão James Cook — Iniciador da Cartografia Marítima 61
Nascimento, vida e glória de Isabel, a Católica 62
História da iluminação pública no Rio de Janeiro 75
A Guilhotina é mais antiga do que geralmente se acredita 78
Navegação astronômica por meio do sextante de aviação 80
História da máquina de escrever (Ignez Mariz) 83
Cervantes e o «D. Quixote» 95
Como os dentes se formam 6 meses antes da criança nascer 106
A pátria de Abraão-Ur 116
As tradições da Páscoa — Do ôvo dos Chaldeus ao de chocolate 121
Quando lemos, os olhos se movem aos saltos 123
Bushido, a alma do Japão 124
Um estudo astrológico sôbre o Mikado 125
No Céu, cem mil terras habitadas como a nossa 138
A influência da Lua na saúde humana 160
Impedir a queda dos cabelos é perfeitamente possível 165
A «Operação do Marechal» volta à moda 165
Caricostura 177
Cartas da Boa Sorte 188
Viviam melhor nossos avós? 197
Os Germes — A ciência médica ajuda o corpo em sua luta contra seis grandes grupos de germes (Côres) 199
O tormento do cadafalso em diferentes épocas e países 209
Aproxima-se nova Idade Glacial? 210
Os mapas, suas origens e autores 212
O Oráculo de Filé 214
Napoleão e Josefina 217
Sátira do Médico no Teatro Antigo 227
O Teatro Municipal do Rio de Janeiro (Síntese de sua história) 234
O Sol, nosso grande amigo 240
A Felicidade (Rui Barbosa) 275
Alimentos extravagantes 276
Os mistérios interiores do microscópio 277
Uma heroina esquecida — A Espôsa de Thomas Carlyle 289
Êste bicho existe, sim! 292
Versos do Imperador 293
Instantes célebres da Bíblia 294

CENTENARIOS

O centenário da Agência Reuter 27
O centenário de Pinheiro Machado 28
Os dois mil anos de Paris 31
Centenário de Orville Adalbert Derby ;....... 34
O Cinquentenário do falecimento de Verdi .. 35
Centenário de Araújo Pinho 37
Centenário de Silvio Romero 41
Centenário da Junta de Corretores 57
Centenário do Conselheiro Nuno de Andrade 59
Centenário do «Mês de Maria», no Brasil 61
O 5.º Centenário de Isabel, a Católica 62
Centenário de Manuel Quirino 77
Centenário de Ernesto Lassance Cunha 91
Centenário do Cons. Carlos de Carvalho 92
O 250.º aniversário do jornalismo 168
Centenário de João da Mata Machado 175
Centenário de Stevenson 202
Centenário de Pedro Leopoldo da Silveira ... 203
Centenário de Martinho Garcez 218
O centenário de Romualdo Teixeira 225
Cidade Centenária Brasileira — Conceição do Mato Dentro 259
O Cinqüentenário da dirigibilidade no ar 280

INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA O LAR

Para o seu jardim .... 36 e 108
A manteiga 42
Escapamento de gás 45
Manchas de óleo 45
As flores 46
A carne magra 47
Os ovos 53
A maçã, os vidros, os caramelos 55
As frutas, a maionese 77
O chocolate, o saleiro, os pentes, o couro velho 105
O porta-chaves 110
As manchas das unhas. Para conservar impermeáveis 114
Um cabide útil 117
Para unir móveis 118
Para polir talheres 119
Contra o cansaço 119
Um bom conselho 171
Para o «melhor amigo» 236
Ajude ao seu médico 237
Jôgo americano 239

FRASES CÉLEBRES E PROVÉRBIOS ILUSTRADOS

Nunca falta um rôto para um esfarrapado 133
A cara de Jano 150
A camisa do homem mais feliz 193

PARECEM SINONIMOS

Decôro — Dignidade 114
Fadiga — Cansaço 135
Ousadia — Atrevimento 153
Decadência — Declinação 294

AS PALAVRAS E O SEU SIGNIFICADO

Melhor e Pior 75
Tule, Tumeficação, Tolhido 81
Ne quid nimis, Nictápole, Nimiamente, Nimio 127
Poliarquia, Policitação, Policroismo, Polifarmácia, Polifonia, Poligrafia, Polisarcia 141
Mãe 205

CONTOS, LENDAS, NARRATIVAS HISTÓRICAS E NOVELAS INFANTIS

Benvenuto Cellini 58
O Príncipe Futuroso e o Cão Falador 69
Os fantasmas de Woodaway Manor 78
As formigas 98
Última corrida de touros 108
Extração sem dor 159
O bilhete de Loteria 168
Tannhauser 170
Moeda original — O tráfico de pérolas nas ilhas do Pacífico 172
A Primeira do «Barbeiro de Sevilha» 178
Uma velha porcelana chinesa 183
Mademoiselle Caroline não terminou a lição de piano 186
Julieta 196
A história de Sarah Hyslop 235
O essencial é ser honrado 237

UM ROMANCE COMPLETO — «A Estrêla da Manhã», de Robert Nathan 131

PERCORRENDO O MUNDO

Egito 29
Nova Zelândia 39
África Oriental Portuguêsa 106
Andorra 123
Terranova 133
Baleares 134

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR — «A Pesca do Herói», de Percival Wilde 113

PENSAMENTOS

Audácia 40
A preocupação 75
A Vaidade 102
Amor e casamento 132
Os Bens 167
As mulheres segundo opinam os homens 167

SIGNIFICADO DOS NOMES PRÓPRIOS

Ambrósio, André, Angelo, Benjamin, Bernardo, Bias, Calixto, Catarina, Clélia 138
Crisóstomo, Manuel, Henrique, Eufêmio, Felipe, Genoveva, Luís, Margarida, Pantaleão .. 139
Martin, Sebastião, Teresa, Venâncio, Vicente 140

PARA VOCÊ QUE É SABIDO 41, 45, 47, 49, 122, 136, 153, 170, 183, 174, 262, 264, 272 e... 274

PROPRIEDADES NUMÉRICAS 57, 154 e 155

TÊRMOS MÉDICOS

Hematemese 29
Diabete bronzeada 56
Turalemia 100
Albinismo 117
Insônia, Insolação 120
Febre do Feno 134
Miocardite 141
Osteomalacia 205
Febre amarela 206
Gastrectasia 226
Gastrite aguda .... [illegible]

CURIOSIDADES

Exatidão de mais é sinal de êrro 37
A segunda dentição 41
A embriaguez dos perfumes 44
O sistema de Copérnico 46
Cabelos e cabeleiras 59
A arte de presentear 68
A mulher nunca é velha 75
Testamentos curiosos 92
Mamãe e o seu bebê 104
Quem salvou Dempsey da derrota? 104
Carga da brigada de... vacas ligeiras 105
Nova régua para alfaiates 118
Cantigas 118, 119 e 125
Para calçar os pés dos móveis 125
Para limpar venezianas 125
Origem do edredon 127
Tabuletas comerciais na China e Mandchukuo 146
A lenda dos Peles Vermelhas 150
A planta mentirosa 154
O mais antigo artista 155
Gordos e magros 155
Novo vestuário para aviadores 155
Molière em anedotas 156
O que deve e o que não deve ser uma mulher 158
Probabilidade matrimonial 158
Curioso esconderijo 162
Todos os autos de 1951 estão fora de moda 176
A pesca com luz 192
Uma aventura amorosa de Napoleão 204
As três coisas 206
A população francesa 207
Os católicos nos Estados Unidos 207
O bom humor 208
Mina de carne e ossos 209
Ondulação Marcel 209
O cristianismo e a escravidão 216
Uma lição engenhosa 217
A vida entre os Esquimaus 218
Um tesouro celeste 219
As mais belas do ano 225
O «magro» voltou a ser magro 261
A Bela e o Guarda Real 261
Guarda do tráfego... submarino 263
Quatro coelhos e apenas duas orelhas 265
Caneta estilográfica e pistola de alarma 270
Para tirar nível de um terreno 275
O Tonel das Danaides 279
As mulheres se escondem 282
Os Estreitos Políticos 285
Jovens monarcas 285
Conversão do Sistema Métrico .... [illegible]
O Salto da Vala .... [illegible]
Que península é esta? .... [illegible]
Que vem a ser «Kitawala»? 293
Novidades Femininas 294

FOTO CRIME 184

NÃO ACREDITE MUITO NO QUE DIZEM OS SEUS OLHOS 58, 68, 82 e .... [illegible]

O QUE É BOM SABER

Atributos de alguns santos 77
Os banhos de mar 92
O ritmo do Sol é o nosso ritmo 96
Truques de um bom mecânico 102
Esquizofrenia controlada 151
Datas de descobertas e invenções 153
Curiosa narrativa sôbre os banhos 157
Pêso normal da criança 189
A história da luva 193
A Primavera desperta os animais adormecidos 194
O rei Athlestane 201
Curiosidades das jóias 212
Os doze trabalhos de Hércules 238